Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
1317785964

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE

THEATRO DA ERUDIÇAM, & Filoſofia Chriſtã.

Em que ſe repreſentão os dous eſtados do Mundo

CAHIDO EM EVA,

LEVANTADO EM

AVE.

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE.

THEATRO DA ERUDIÇAM,

& Filoſofia Chriſtã.

Em que ſe repreſentaõ os dous eſtados do Mundo:

CAHIDO EM EVA;

E LEVANTADO EM

AVE.

D. Franco de S. Joſeph

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE.

TEATRO DA ERUDIÇAM,

E

CABIDO EM TAL EVA,

QUE

AVE,

O. Fran. C. R. Ex.

EVA, E AVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE.

THEATRO DA ERUDIÇAM,

& Filoſofia Chriſtã.

Em que ſe repreſentaõ os dous eſtados do Mundo:

CAHIDO EM EVA.

E LEVANTADO EM

AVE.

PRIMEYRA, E SEGUNDA PARTE,

OFFERECIDA

AO EMINENTISSIMO SENHOR

NUNO DA CUNHA DE ATTAIDE,

Presbytero Cardeal da Santa Igreja de Roma, Biſpo Inquiſidor Géral, Capelaõ mòr de S. Mageſtade, do ſeu Conſelho de Eſtado, & do ſeu Deſpacho, &c.

ESCREVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

Accreſcentado neſta quinta impreſſaõ com o Dominio ſobre a Fortuna.



26.I.971

FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA
Biblioteca Central

25128 ↓

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

M.D.CCXXXIV. 1734

Com todas as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.

Sala CF
Est. H
Tab. 9
Nº 20

A' cuſta de Miguel de Almeyda de Vaſconcellos, Livreyro das Tres Ordens Militares.

A. conf. de Miguel de Arriaga de Avellanedo, Livro 6 fls.
Tres Orfãos Militares
Com todas as licenças necessarias: e Privilegio Real.
M.D.CC.LXXXIX.
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRÃM.

LISBOA OCCIDENTAL



Acclamada nella divina impressão com o Dominio Lopes a Fortuna.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO

ESCRIPTA

Conforme o Estado, & do seu Descobrimento, &c.

dividida em Cinco Cabeços mayores de S. Magestade, do seu

Freguez Cardeal da Santa Igreja de Roma, Bispo In-

VANDO DA CUNHA DE ATAYDE

AO EMINENTISSIMO SENHOR

OFFERECIDA

PRIMEYRA, E SEGUNDA PARTE

A V E

ELEVANTADO EM

CAHIDO EM TERRA

Em dia [illegible]

& Fidalgo Christo

MARIA TRIUNFANTE

OU

ELA, E AVE

EMINENTISSIMO SENHOR.

PARA eſte livro ſahir a luz da quinta ediçaõ, & fazer no applauſo commum mayor theatro á gloria de ſeu Autor, naõ devo buſcarlhe outro patrocinio, mais que o grãde nome de V. Eminencia, cuja poderoſa protecçaõ, dignando-ſe de o admittir ao ſeu amparo, o authorizará em todo o Mundo com hũ novo augmento de eſplendor na fama, & a mim me honrará com o titulo dos que tem o caracter de criados de V. Eminencia, a quem inclinandome com hum profundiſſimo reſpeyto, beyjo a ſagrada Purpura.

De Voſſa Eminencia

Humiliſſimo, & obedientiſſimo ſervidor

Miguel de Almeyda de Vaſconcellos.

DE VOSSA EMINENCIA





A' MAGESTADE AUGUSTISSIMA, E GLORIOSISSIMA

DE

MARIA VIRGEM

Mãy de Deos, Rainha dos Ceos.

SENHORA.

ESTA' perto o tempo de minha reſoluçaõ, & de hir dar conta do talento que ſe me entregou. 1 Mal a pudera eu preparar nos mares, em que atègora naveguey. Por favor de voſſa Mageſtade ſoberana me lançáraõ as tempeſtades no porto da Quietaçaõ; & nelle pude dar hum balanço á minha vida. Acho-me devedor do meſmo talento, que eſcondi na terra, aonde nada lucrou; perſuado-me o ſer patria, ſem advertir que naõ era verdadeyra. Quem tanto ſervio, & eſcreveo pelo Mundo, naõ devera deſcuydarſe do Ceo. Os rayos que do Pay das luzes bayxaõ ás trevas do noſſo juizo; com reflexo de agradecimento devem tornar a quem os repartio: rebelde à ſua eſféra ſeria o fogo, ſe peregrinando ſó em terreſtre materia, naõ enviaſſe algumas faiſcas a reconhecella: naõ he fiel o eſpelho, que em reverberaçoens naõ reſtitue ao Sol o lume que lhe deu: condenaõ-ſe á corrupçaõ as aguas, que ſe eſtancaõ nas lagoas, ſem correrem ao mar donde naſcèraõ.

1 *Matthæi 25.*

A' voſſa liberalidade recorro para me deſempenhar; ſabeis, *Senhora*, que ſó o temor deſta conta moveo minha penna, naõ vangloria, ou curioſidade, como outras vezes; enſinado pelo Doutor da Igreja S. Jeronymo, 2 nem affecto louvores, nem receyo cenſuras dos homẽs; ſó procuro contentar a Deos, aceytando ſua bondade, por voſſa interceſſaõ poderoſa, o deſcargo que me he poſſivel. Como poderia eu affectar honra mundana, aonde ſey que minhas faltas ſe haõ de fazer publicas? Re-

2 *D. Hieron. in præfat. ad lib. Eſther.* Nec affectamus laudes hominum, nec vituperationes expaveſcimus. Deo enim placere curantes, &c.

Reconheço as razoens que me puderaõ divertir do aſſumpto de louvarvos, em que os mayores eſpiritos duvidáraõ entrar. Deleyta, mas atemoriza emprendello, dizia ſeu devoto Bernardo, 3 porque he mais alto que o Ceo: mais profundo que o abyſmo, conſiderava Santo Agoſtinho; 4 os Evangeliſtas ſagrados (diz outro Doutor Santo 5) naõ particularizáraõ voſſos louvores, por ſerem mais para meditados, que para eſcritos; naõ os eſcreveo o Eſpirito Santo com letras, deyxando que os figuraſſemos no animo; antes ſaõ ſuperiores a todo o entendimento. Accreſce em mim a indignidade de peccador, que Saõ Jeronymo, & Santo Anſelmo com humildade conſideravaõ em ſi, 6 & a verdade me obriga a confeſſar, & ameaça-me Salamaõ, que o que eſquadrinhar tanta Mageſtade, ſe achará opprimido de ſua gloria. 7

Mas ſe buſco em vòs o reſpeyto, encontro com o amor, & Saõ Bernardo me anima dizendo: Naõ ſerás opprimido deſſa gloria, ſe a buſcares para Deos, & naõ para ti. 8 Saõ Jeronymo 9 admoeſta que todos de qualquer eſtado, & condiçaõ, ainda peccadores, devem louvarvos; & que o louvor humilde leva comſigo o perdaõ. He logo iſto divida, & naõ ouſadia: pois notou Saõ Pedro Chryſologo, que naõ he atrevido em fallar, quem o faz por obrigaçaõ: 10 do ocioſo ſilencio ſe ha de dar conta, como das ociolas palavras, advertio Santo Ambroſio; 11 o que parecèra reſpeyto, fora deſconfiar de voſſa grandeza; porque ſe ſois Mar de perfeyçoens, tambem ſois Eſtrella que guia; ſe o Sol abraza, tambem allumia: & ſempre ſeria gloria cegar a tanta luz: ha riſcos taõ honrados, que perderſe nelles acredita, como outros taõ indignos, que ainda pizados, manchão a planta; 12 em voſſo nome diſſe o Eccleſiaſtico que não ſe pòde peccar, mas ſó merecer; no intento de vos ſervir; 13 & Salamão, que ſó cuydar niſto he juizo conſummado, & quem trabalhar, & vigiar niſto hirá muyto ſeguro. 14

Hiſtoria Divina deſpreza Rhetorica humana: a Theopompo caſtigou Deos com perturbaçaõ do entendimento, pena do coração, & triſteza do animo, por ſe atrever a exornar com palavras a Ley dada a Moyſés, & ſó pedindo perdão ao *Senhor*, recobrou ſaude. 15 A rouca muſica de hum bichinho nocturno he ouvida do mayor Principe entre a melodia das mais ſonoras aves; quanto mais que neſte officio de Anjos, elles me ajudáraõ, pois, confeſſando que naõ baſtão, deſejão que o Ceo, & a terra ſe convertaõ em linguas, que vos poſſaõ louvar; & vòs naõ eſtranhareis

3. *D. Bernard. ſer. 4. de Aſſumpt. poſt med.* Non eſt equidem quod me magis delectet, non eſt quod terrea magis, quàm de Virginis gloria ſermonem habere.

4 *D. Aug. ſerm. 2. in Aſſumpt.*

5 *S. Thom. de Villa nova ſerm. 2. de Nativ. Virg.* Magis cogitari poterat, quã deſcribi. Non eam Spiritus Sanctus literis deſcripſit, ſed tibi eam animo depingendã reliquit -- imò re ipſa intellectũ omnem ſuperat.

6. *D. Hier. ſer. de Aſſumpt. D. Anſel. l. de excel. Virg. c. 1.*

7 *Proverb. 25. 17.* Scrutator. Maieſtatis opprimetur à gloria.

8 *D. Bernard. ſer. 62. ad med. ſup Cãt.* Non opprimeris a gloria, ſed admitteris, niſi non Dei, ſed tuam quæſieris gloriam.

9. *D. Hieron. in ſerm. de Aſſumpt.*

10 *D. Petr. Chryſol. ſerm 70. in princ.* Præſumptio dicentis non eſt, ubi authoritas eſt jubẽtis. *& ſerm. 107 in princ.* Præſtãtius eſt enim imperitum prodere eloquium, quàm officioſũ negare ſermonem.

11 *D. Ambr. l. 1 off. c. 3.* Si pro otioſo verbo reddemus rationem, videamus ne reddamus & pro otioſo ſilentio.

12 *Notou Fr. Hortenſio Felix Paravicinio, t. 2. oraç. da S. Trindade Veyolo.*

13. *Eccleſ. 24. 30.* Qui operantur in me, non peccabunt. Qui elucidant me, vitam æternam habebunt.

14 *Sap. 6. 16.* Cogitate ergo de

eris as faltas, pois naõ vos lembrais menos de haver ſido humana que de reynar como Divina; a benignidade aſſegura quanto na dignidade ſe arriſcou.

Chego cõfiado com taõ pequena oblaçaõ ao Throno de Mageſtade taõ alta; porque voſſo Filho Deos avaliou em muyto o pouco do pobre; 16 quizera ter mais para vos offerecer tudo; mas elle ſabe o porque me naõ entregou mais talẽtos. Do profundo abyſſo do meu nada vos peço *Mãy* clemẽtiſſima dos peccadores, que para tirar do coraçaõ o tributo de amor q̃ vos he devido, abrais com chave de luz as portas de minha alma, & q̃ nas azas de voſſo favor voe o pezo de minha ignorancia; & pois no *Ave* ſoberano mudaſtes o nome de *Eva*, & o eſtado em que ella nos deyxou; mudaymeus affectos a parecer filho da nova graça, que nos alcançaſtes, para que, como vos eſcrevo *Vencedora* do peccado, vos veja *Triumfante* no Ceo.

Illa ſenſus eſt conſummatus; & qui vigilaverit propter illam; citò ſecutus erit.

15 *Vide Joſeph. de antiq. l. 12. c. 2. in fin.*

16 *Marc. 12. 44*



PER-

PREFAÇAM AO LEYTOR

com o argumenro da obra.

1 LEAMOS neſta vida o que nos fique para a outra, (aconſelha o grande Doutor Saõ Jeronymo) & desfrutemos as arvores que tem as raizes no Ceo. 1 Se iſto ſe naõ achar neſte Livro, Deos ſe contenta com q̃ ſe buſque, (diz o meſmo Santo) 2 & naõ ha livro taõ mão, notava Plinio o mayor) 3 que naõ tenha alguma couſa util para quem ſe ſabe aproveytar, nos Leytores q̃ de nada ſe aproveytaõ, conſiderava Polybio 4 defeyto do bom eſtomaq̃ o para digeſtaõ do que lem.

1 *D. Hieron. Ep. ad Paulin de devin biſt. 1. ad fin.* Eorũ fructus capere, quorum radices in Cælo fixæ ſunt. Diſcamus in terris quorum ſcientia nobis perſeveret in Cælo.

2 *Idem in eadem Ep.* Non quid invenias, ſed quid quæras conſideramus.

3 *Plin. apud Eraſm. in Apophth.*

4 *Polyb. biſt. l. 3.*

5 *D. Thom. p. 1 q. 1. art 1. in concl. & ad 2.*

3 Para tirar o faſtio de noſſa natureza ao mero eſpiritual, moderey eſte com humanidades, que liſongeando o goſto, & cõduzaõ aonde lhe convem dos louros do Parnaſo enxerto os cedros do Libano; trago todas as letras humanas ao ſerviço Divino para que foraõ creadas; 5 tirando-as da injuſta ſugeyçaõ em que ſerviaõ a vaidades, as obrigo a contemplarem o Creador, & Creador, a deteſtarem o peccado, & darem aos homens conhecimento de ſi meſmo. As curioſidades com que entretenho, encaminho a documentos Chriſtãos; faço dos medicamentos iguarias com melhor traça que os Medicos, que disfarçando os remedios, lhes diminuem a virtude, & ſempre deyxaõ mão ſabor; os meus disfarces ajudaõ a ſaude, & cuydo que excitaõ o appetite de ler mais, miſturando o util com o doce.

3 O Senado de Roma, preparando hũa grandioſa entrada ao Emperador Conſtantino Magno, fabricou hum arco triunfal de pedras bem lavradas, que haviaõ ſervido em memorias que a Republica levantàra a outros excellentes Emperadores. Foy a cauſa mais illuſtre ver aquelle arco ennobrecido com as imagens, & acçõeſ famoſas de varões inſignes, & Conſtantino ſe obrigou muyto de que a eſcultura de ſeu tempo confeſſaſſe que naõ podia obrar dignamente a ſeus meritos: & de que o Senado trouxeſſe ſeus predeceſſores a honrallo por aquella maneyra. Aſſim eu, deſconfiado de mim, ajuntey materia dos melhores meſtres (& os nomeyo nas margens, por naõ parecer furto) para obrar hum edificio veneravel que agrade, & aproveyte: & poſſo eſperar, que ſe me agradeça a vontade.

4 Mas porque naõ hè licito aos pays negar os filhos, poſto que defectuoſos: confeſſo, que a arquitectura he minha, & que me parece que nella ſirvo, como as abelhas fabricando do alheyo, ſervem mais que as aranhas tecendo do proprio. Naõ he pequeno ſerviço ajuntar o diſperſo, abreviar o largo, apartar o ſelecto, & fazer que facilmẽte ſe ache no capitulo de cada materia, o principal que a ella pertence, & que em outros livros ſe naõ poderia deſcobrir ſenaõ acaſo, pelo trazerem por incidente a outro propoſito.

5 No eſtylo, nem fuy curioſo, nem deſcuydado. Pareceme que pudèra ſubillo a que naõ cedeſſe aos que mais ſe prezaõ de cultos na cõpoſiçaõ dos periodos, no oſtentoſo das palavras, no metaforico das frazes, & na alteza da locuçaõ; porq̃ pela liberalidade, & graça de Deos, naõ nos falta o de quem elles ſe jactaõ: & pòde ſer que ſem jactancia, temos o que falta a alguns. Mas lembreyme de q̃ diſſe Santo Agoſtinho 6 (deſejando aproveytar a todos) q̃ antes queria ſer cenſurado dos Grãmaticos, q̃ mal entendido dos ruſticos: & rececy tambem q̃ o muyto artificio deſtruiſſe os ſentimẽtos pios da materia que trato; como S. Cyrillo Jeroſolymitano 7 advertio, que o muyto ornato mudàra a fórma do Sepulchro de *Chriſto* Senhor noſſo. De outra parte conſi-

6 *D. Aug.*

7 *S. Cyril. Hieroſol. apud P. Zachar. de Lyſieux in Præfat. ad Philoſoph. Chriſt.*

derey, que o menos grandiloco deſgoſtaria a devoçaõ que profeſſa a Corte; a galantaria no dizer naõ dà mayor credito, mas dá mayor graça: naõ communica ſaude, mas cauſa melhor cor; 8 he taõ enfaſtiado o noſſo eſpirito, que naõ goſta dos bons manjares ſem apparencias que movaõ appetite, por iſto David (diſſe S. Gregorio Niceno 9) poz em muſica os ſeus Pſalmos para que por mais agradaveis, excitaſſem mais ao amor Divino. Nos diverſos motivos deſtas razoens procurey eſtylo, que nem ſe glorie de galante, nem ſe envergonhe de apparecer na praça: deſejo acertar em hum meyo que naõ degenere da ſimplicidade que profeſſava S. Paulo, & ſeja admittido dos curioſos que elle profetizava; 10 eſtylo naturalmente compoſto ſem affectaçaõ: ſó ponho cuydado em eſcuſar palavras ſuperfluas: buſco as poucas que ſignifiquem mais, & ſempre tive por criminoſas as que abundaõ a expreſſaõ do conceyto. Se em algumas partes deyxey correr a penna, ſe devia de juſtiça, ou à devoçaõ, ou à ſolemnidade; ha occaſioens em que convèm ſer prodigo; & tal vez he neceſſario levantar mais a voz para eſpertar os ſentidos.

8 *Mal'onado ad c.1. Joan. in princ.*
9 *Greg. Nicen. in Pſalm. 148.*

6 Eſta primeyra parte, em que ſervos da culpa eſperamos a Ley da Graça no Monte Calvario, reparti em capitulos cincoenta; numero myſterioſo dos dias que ao povo Hebreo ſahindo do cativeyro, ſe dilatou a Ley que Deos lhe deo no Monte Sinai: & dos outros cincoenta dias, que depois da Reſurreyçaõ de *Chriſto* Senhor noſſo, ſe dilatou a vinda do Eſpirito Santo a illuſtrar os Prègadores de noſſa Redempçaõ. 11 A ſegunda Parte conſtarà de ſetenta & dous capitulos, & parte de outro;) que ſerà a Peroraçaõ no fim) numero correſpondente aos annos que a *Senhora* viveo na terra para nos levantar.

10 *D. Paul. 1 ad Corinth. 2. 4.*

11 *Vide p. 2. c. 59. n. 3.*
12 *Hier. Ep. ad Nepotian. ad fin.*
13 *D. Chryſoſt. hom. 1 ad pop. Antioch. in 5. tom.* Non enim in corū quæ coguntur natura, ſed in conſentium affectu judicia fiunt.
14 *D. Hieron. ad Domnion. & Rogation. in Præfat. ad lib. Eſdræ in fine.* Magis veſtra charitate provocabor ad ſtudium, quàm illorum detractione, & odio deterrebor.
15 *Antimach. apud Tul. l. de claror. orat.* Plato enim mihi inſtar eſt omnium.
Eraſm. l. 2. c. 21.

7 Conheço, que ſem que valhaõ eſtas, & outras juſtificaçoens, me diz o grande Doutor S. Jeronymo, 12 que ninguem por bem que eſcreva, ſe livra de cenſuras: porque, como adverte o grande Chryſoſtomo, 13 as couſas naõ ſe julgaõ pelo que ſaõ, mas pelo affecto de quem as ajuiza; da meſma flor tira a veſpa o amargoſo, & a abelha o ſuave: naõ pende iſto da flor, conſiſte no pico. E aſſim os de bom animo approvaraõ; dos que coſtumaõ reprovar ſem obrar, naõ eſpero approvaçaõ. Porèm ſeguindo ao meſmo S. Jeronymo, 14 mais me incita aquella benevolencia, do que me atemoriza eſta cenſura; & tanto deſejo deſcontentar a huns, como agradar a outros; hum ſó Plataõ avalio por muytos Leytores, como dizia Antimaco; 15 & ſempre de meu trabalho tiro o fruto de ficar obrigado a viver como eſcravo; & ſatisfaço à razaõ que me obrigou a eſcrever, como na Dedicatoria repreſentey à Mageſtade, a que devia fallar com verdade ſincera.

ADVERTENCIA.

PORQUE nos havemos de aproveytar algumas vezes das Revelaçoens da illuſtriſſima Santa Brigida viuva, advertimos, que ainda que antigamente ſe duvidou ſe haviaõ procedido de dictame do Eſpirito Santo, ou ſómente de ſentimento de pia, & levantada meditaçaõ; já hoje eſtaõ approvadas, & recebidas pela Igreja, por verdadeyras, & Divinas, precedendo (alèm dos exames que em ſua vida ſe fizeraõ por muytos Doutos, & Prelados) novas diligencias, & averiguaçoens em differentes tempos depois de ſua morte, por Cardeaes, & outros Varoens grandes, de ordem dos Summos Pontifices Gregorio XI. & Urbano VI. & pelo Concilio Baſilenſe. Conforme a iſto as veneraõ Bullas Apoſtolicas, & todos os hom ens eſpir ituaes, & ſabios, como ſe vè da Bulla de Bonifacio IX. em ſua Canonizaçaõ, & da Confirmaçaõ de Martinho V. referidas no principio do Livro das meſmas Revelaçoens, illuſtradas por Gonçalvo Duranto, impreſſas em Colonia no anno 1628. *Cardinal. Turrecremata ibidem, in Ep. ſup. dict. revelat. Ludovic. Bloſius in Monili ſpirit. cap.* 1. 2. 3. 14 *& in addit ad eumdem tract. in princ. Fr. Hugo Cavello, in Roſario, appena ad Scholia in Scotum l.* 3. *Sentent. Antonius Corduba l.* 10. *q.* 44. *in* 4 *probat. ſextæ concluſ. Petr. Caniſ. l.* 1. *de B. Virg c.* 7. *Michael Medina l.* 2. *de rect. in Deum fide, Nicol. Sander. l.* 6. *viſib. Monarch. n.* 1046. *Alphonſ. Mendoça in quodlibet. q.* 5. *Martin. Delrius, Magic. diſquiſit. tom.* 2. *l.* 4. *c.* 1 *q* 3. *ſect.* 4. *Vilhegas in Flos Sanct. in S. Brigitæ in fin. Benedict. Ferdinand. in* 2. *Geneſ. ſect.* 17 *n.* 2. *Fr. Leandro de Granada, no tract. Luz de Maravilhas que Deos ha obrado nas almas dos Profetas, diſcurſo* 1. § 8. *n.* 6. *Anton. Guilhelm. tract. de le grandezze de la Santiſſ. Trinità, diſcurſ.* 43. *verſ. Sentiamo Fr. Joſeph de Jeſus Maria, in vita B. Virginis* 1. *c.* 4. *& outros Eſcritores que fora muyto largo referir.*

EVA,

EVA, E AVE

Da mihi, Domine, ſedium tuarum aſſiſtricem ſapientiam; ut mecum ſit, & mecum laboret, ut ſciam quid acceptum ſit apud te, Ex Sapient.9.v.4. & 10.

INTRODUCÇAM.

Eva, & Ave, *Anagramma Hieroglifico do* Mundo, cahido, & levantado, *juſtifica o titulo deſte livro.*

1 NOtou profundamente o grande Origenes, 1 que eſcrevendo os Evangeliſtas ſagrados a genealogia de *Chriſto* Senhor noſſo: S. Mattheos, quando o Senhor vinha ao Mundo, a derivou deſcendo atè S. Joſeph; 2 & Saõ Lucas, jà depois do Bautiſmo, a continuou ſubindo até Adam, que chamou *Filho de Deos.* 3 Era deſcendencia, quando bayxava a tomar a natureza humana, cahida no peccado: & era aſcendencia, quando depois da graça levátava eſſa natureza atè a aparentar com o *Altiſſimo.* O que deſcendo moſtra a natureza cahida, quando ſe lè ſubindo a moſtra jà levantada.

2 Quaſi pelo meſmo ellylo ſaõ myſterioſas para noſſo intento as deſcripçoens que nos Cantares ſe fazem o *Eſpoſo Divino*, & a *Eſpoſa ſanta*; entendendo-ſe do *Verbo* encarnado, & da *Mãy* Virgem. A *Virgem* quando diz que o *Verbo* deſceo ao ſeu Horto, 4 (que he ella meſma) 5 o deſcreve deſcendo da cabeça atè as plantas; 6 ſignificando (explica hum Douto) 7 a declinaçaõ que elle fez; porém o *Verbo Eterno* a deſcreve ſubindo das plantas aos cabellos; 8 (raizes que temos para o Ceo) indicando a elevaçaõ, que nella fizera da natureza, atè a doptar Filha de Deos, como Saõ Lucas chama a Adam: 9 & o meſmo *Chriſto*, & Saõ Joaõ a todos os juſtos. 10 Por iſto a nomèa *Filha do Principe*, que por Antonomaſia he o do Ceo; gabalhe os paſſos porque ſubia; & conſidera a excellencia delles no calçado, porque naõ hiaõ as plantas nùas ſó com o natural, mas levantadas da terra calçadas da graça; aſſemelha ſua eſtatura à alta palma, ſymbolo do triunfo, 11 porque naõ ſe encurva, antes ſe levanta com o pezo, 12 como a Eſpoſa ſubia com o da natureza humana; no que tudo a liſongea amante, de q̃ o vir encarnar em ſeu ventre naõ ſe reputa declinaçaõ, pois ella eſtava taõ exaltada, tendo ſubido jà muyto de antes arrimada a elle, 13 (remida por ſua Payxaõ previſta.) 14 Aſſim deſcendo da cabeça às plantas, moſtra a *Eſpoſa* a natureza cahida: ſubindo das plantas à cabeça, a moſtra o *Eſpoſo* reſtaurada.

3 Quando cahia em *Eva*, ſe reſtaurava na *Virgem*, debayxo da meſma arvore, diz o *Eſpoſo* que a levantou; 15 onde a ſerpente enganou, & venceo a *Eva*, lhe diſſe o *Senhor* que a pizaria, & triumpharia a *Virgem*; 16 da raiz da culpa que inficionou toda a arvore da genealogia humana, ſahio a vara que deu

1 *Origenes homil.28 in Luc. & poſtea alii DD.*

2 *Matth 1.*

3 *Luc.3.*

4 *Cantic.6.1.* Dilectus meus deſcendit in hortum ſuum.

5 *Cantic.4 12.* Hortus concluſus ſoror mea ſponſa.
P. Barteta ſerm. de Nativ. ad med. tom:
2. Hortus fuit uterus Virginis.

6 *Cantic.5.*

7 *Diego Murtè de Penafiel in Proſop. de Chriſto idade 4.c.2.§.1.*

8 *Cantic.7.*

9 *Luc.d.c.3.38.*

10 *Matth.5.16. & 48. ac ſæp. Jan.1.12.*

11 *Plutarch.in quæſt.conviv.*

12 *Alciat. emblem.36.*
Nititur in ſondus palma, & cõſurgit in altum:
Quò magis & premitur, hoc magè tollit onus.
Ariſtotel.problem.8.
Plin l.16.c.43.

13 *Cantic.8.5.* Innixa ſuper dilectum ſuum.

14 *Oratio Eccleſ.in feſt. Conception. Virg.*

15 *Cant.ſupr.* Sub arbore mala ſuſcita vi te.

16 *Geneſ.3.*

deu a flor 17 cordeal contra aquelle veneno; & aſſim junto da arvore da Cruz, em que ſe remia *Eva* cahida, eſtava a *Virgem* levantada, 18 como triunfante. 19

4 E porque os nomes devem concordar com o ſignificado, 20 as letras que deſcendo do principio para o fim (que he da cabeça para as plantas) deſcrevem o nome de *Eva*, que Adam lhe poz, quando nos fez cahir; 21 eſtas meſmas ſubindo do fim para o principio, (que he das plantas para a cabeça) deſcrevem o *Ave* com que o Anjo ſaudou a *Virgem*, quando nos levantava. 22 Interpretou Adam aquelle nome, *Mãy dos viventes*, 23 quando jà matàra os filhos antes de os gerar; parece que melhor o interpretàra, *Matadora dos viventes*, ou *Mãy dos que morreriaõ*, pois os geraria mortos; 24 mas com myſterio acertou em nome que diſſeſſe *Mãy* da natureza, deſcendo: & *Mãy* da graça, ſubindo; pois quando o *Ave* ſóbe, da ultima letra toma em ſi o *Eva*, que vem cahindo da primeyra, & aſſim fica *Mãy dos viventes* por graça, a que era *Mãy dos mortos* por natureza; 25 cumprio-ſe o que Deos diſſe à ſerpente, que lhe pizaria a cabeça, a meſma mulher, a que enganàra; 26 tanto as identificou o myſterio do nome; bem lhe chamou S. Epiphanio, *Nome Enigmatico*; 27 & pelo meſmo modo dizem os Doutores, que o Anjo uſou do *Ave* na ſaudaçaõ. 28

5 Com a troca do nome contrapoſto nas letras, concordou a contrapoſiçaõ das acçoens; pelas contrarias das com que *Eva* nos arruinou, nos levantou o *Ave* de *Maria*, ſegunda Mãy universal, como veremos no diſcurſo deſta obra. Notaõ os Doutores, 29 que Maria fora em tudo huma *Eva* ao revez. A Santa Igreja o conſidera quando lhe pede que mude o nome de *Eva*, tomando o *Ave* da boca de Gabriel; 30 *Chriſto* em o ver profanado na boca de Judas, 31 deu principio à Payxaõ com que nos remio, & no fim della chamando à Virgem *Mulher*, 32 por alluſaõ a *Eva*, a deyxou por noſſa *Mãy*, repreſentando-nos em *Joam*, que ſignificava *Graça*, moſtrandonos com *Graça* por filhos da *Virgem*, 33 como eramos filhos de dores por filhos de *Eva*; 34 & principiandoſe naquelle *Ave*, eſta troca de Mãys. Com grande myſterio, como advertio Origenes, 35 foy nova, & unica a ſaudaçaõ do Anjo, *Ave cheа de graça*, que ſó para *Maria* ſe reſervou, & que em toda a Eſcritura naõ pode achar ſemelhante.

Eſte breve diſcurſo juſtifica o titulo do livro; 36 elle expenderà a materia nos ſucceſſos do Mundo em ſua ruína, & reparaçaõ, & nas heroicas acçoens com que a *Senhora* contribuhio.

O IM-

17 *Iſaiæ* 11.1.
18 *Joan.*19.25.
19 *Ponderat.P.Salazar de Concept.c.*12.*n.*16.
20 Nomina cum rebus conſentiant.
Plat.d. Sap.
Textus in §. eſt aliud. Inſt. de donat.
*D.Thom.*1.*p.q.*37.*art.*2.
21 *Geneſ.*3.20.

22 *Luc.*1.18. Ave gratia plena.
23 *Geneſ ſupr.*

24 *Ita Guerric Abb. ſerm.* 1. *in Aſſumpt.Virg.poſt princ.*
25 *D.Petr Chryſ.ſerm.*140 Eva facta eſt nunc mater viventium per gratiam, quæ mater antea extitit morientium per naturam.
26 *Geneſ.d.c.* 15. Ipſa conteret caput tuum.
27 *D.Epiphan. contra hæreſ.*78. Beata mater Dei Maria per *Evam* ſignificatur; quæ per ænigma accepit ut mater viventium vocaretur.
28 *Benedict. Perer.ius in Geneſ l.* 6 *n.*168 Ut multi dixerint, *Ave* dictum eſſe ab *Eva* per inverſionem literarum, ob idque Gabrielem Archangelum Deiparam Virginem ſalutado, dixiſſe ei, *Ave* quaſi ea mũdo latura eſſet bona planè contraria iis malis, quæ invexerat *Eva*.
29 *Carthag.de arcan.Deip. p.*1 *l.* 2.*hom.* 4. *poſt prine. & ad fin. verſ. ſed quæ.*
Vide in 2.*p.c.*25.*n.*3.
30 Sumens illud *Ave* Gabrielis ore funda nos impace, mutans *Eva* nomen.
31 *Matth.*26.49. Ave Rabbi.
32 *Joan.*19.26. Mulier, ecce filius tuus.
33 *In hunc ſenſum D. Antonin. apud Carthagen. ſup.l* 15. *hom.* 17. *v. ſecundum.*
34 *Geneſ.*3 16. In dolore paries filios.
35 *Origin in Luc.hom.*6. Angelus novo ſermone Mariam ſalutavit, quam in omni ſcriptura invenire non potuit; id enim quod ait, Ave gratia plena, ſoli Mariæ hæc ſalutatio ſervatur.
*Et vide infra p.*2. *c.*24.*n.*2.
36 *D.Auguſt.ſup.Pſalm.* 33. Si quis libri titulum rectè novit, facilè totius libri notitiam aſſequetur.

O IMPRESSOR

Aos Leytores, que esperarem Indice.

COmeçandose a formar Indice Alfabetico do que este Livro contèm, se achou que por huma parte era escusado, & por outra seria demasiadamente largo, & prolixo. Escusado, nas cousas principaes; porque todas as particularidades, que pòdem tocar, & desejarse nas materias, que os capitulos tratão, se acharáõ juntas nelles; & assim os seus titulos bastaõ por Indice. Demasiado, largo, & prolixo nas noticias, & curiosidades, que se trazem por incidente; porque, como o intento do Author, para suavizar mais a leytura, foy ostentar o melhor das erudiçoens em theatro dellas, como professa o titulo do Livro; em breve compendio epitomou tantas, que cada regra tem seu notavel: & assim o Indice de todas faria grande volume: & a eleyçaõ de algumas aggravaria as outras de igual estimaçaõ. Quem ler, poderá deyxar notado o que quizer, & conhecerá que a abundancia difficulta o Indice.

Inopem me copia fecit.

LICENCAS

DO SANTO OFFICIO.

PO'de-se tornar a imprimir o livro, de que se trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 5. de Mayo de 1733.

Fr. R. Alencastre. Cunha. Teyxeyra. Sylva. Cubedo. Soares.

DO ORDINARIO.

PO'de-se tornar a imprimir o livro, de que se trata, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença para que corra. Lisboa Occidental 9. de Mayo de 1733.

Gouvea.

DO PAÇO.

QUe se possa tornar a imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará á Meza para se conferir, & taxar que sem isso não correrá. Lisboa Occidental 19. de Mayo de 1733.

Rego.

VIsto estar conforme com o original pòde correr. Lisboa Occidental 4. de Junho de 1734.

F. R. Alencastre. Teyxeyra. Sylva. Soares.

VIsto estar conforme com o original póde correr. Lisboa Occidental 5. de Junho de 1734.

Gouvea.

TAxaõ este Livro em 1500. reis. Lisboa Occidental 5. de Junho de 1734.

Pereyra. Teyxeyra.

IN.

INDICE

Dos Capitulos deſte Livro.

CAPITULOS DA PRIMEYRA PARTE.

Introducçaõ.

CAP. I. Ab æterno determinou Deos crear o homem: previo ſua ruina: decretou o remedio: & deſtinou para elle a *Virgem Mãy.* P.1.

Cap. II. Como creado o mundo creou Deos ao Homem, & o illuſtrou de graça, & nella a ſua deſcendencia. p.3.

Cap. III. Como Deos poz a *Adam* no Paraiſo terreſtre: qual era: & ſe perſiſte ainda. p.6.

Cap. IV. Como Deos poz ley a *Adam*: elle começou a exercitar Imperio; o *Senhor* lhe deo mulher: & que felicidade gozava. p.8.

Cap. V. Que tempo eſtiveraõ noſſos primeyros Pays no Paraiſo terreſtre. Como *Eva*, enganada pelo demonio na ſerpente, comeo o fruto vedado, & perſuadio a *Adam* a comer delle. p.12.

Cap. VI. Como pelo peccado do primeyro Pay cahio o genero humano na mayor miſeria. p.16.

Cap. VII. Como Deos ſentenciou a noſſos primeyros Pays, & a ſua deſcendencia: ficou publicada guerra entre a *Virgem* Santiſſima, & o demonio. *Adam* poz o nome a *Eva*. p.18.

Cap. VIII. Como nas penas em que Deos condenou a noſſos primeyros Pays, conciliou a Miſericordia com a Juſtiça; moſtra-ſe que as impoſtas a *Eva* nas dores do parto, & ſugeyçaõ ao marido, foraõ graves, mas juntamente uteis. p.21.

Cap. IX. Proſegue-ſe a conſideraçaõ do precedente nas penas em que Deos condenou a *Adam*; moſtra como o trabalho he util, ſendo com medida: & qual deve ſer. p.24.

Cap. X. Da terribilidade, certeza, & ligeyreza da *Morte*: por quantos caminhos chega naõ imaginados: & como ainda aſſim foy miſericordioſa, & util a condenaçaõ a ella. p.26.

Cap. XI. Como Deos moſtrou aos homens a neceſſidade das leys, & a fórma do Juizo: trata-ſe da excellencia da Juſtiça: quaes foraõ os primeyros Legisladores, a dignidade da Juriſprudencia: irmandade que tem com as armas, pela qual ſe unem ſem precedencia. p.29.

Cap. XII. Como *Adam*, & *Eva* foraõ lançados do Paraiſo terreal; eſquecimento que nos ficou do Ceo: lembranças que Deos nos faz delle: & como as deſprezamos. p.36.

Cap. XIII. Como Deos veſtio a *Adam*, & *Eva* antes de os lançar do Paraiſo; como creſceo o exceſſo no veſtir por cegueyra do peccado: & que moderaçaõ deve haver. p.43.

Cap. XIV. Como ſe acabou a Monarquia de *Adam*, & porque cauſa; que pela meſma ſe acabaõ todas as do mundo; deſcreve-ſe a grandeza, & ruina das mayores que houve. p.48.

Cap. XV. *Adam*,& *Eva* penitentes: revelaçaõ que tiveraõ do naſcimento da *Mãy de Deos* para remedio de ſeu peccado. p.56.

Cap. XVI. Como em *Adam*,& *Eva* começou a natureza humana a experimentar as miſerias em que havia cahido pelo peccado: trata-ſe particularmente da intemperança dos climas,& da rebelliaõ dos animaes. p.59.

Cap. XVII. Como a natureza humana moſtrou no primeyro fruto que de ſi deo, eſtar depravada, & arruinada em malicia: trata-ſe do fratricidio do perverſo Caim no innocente Abel. p.65.

Cap. XVIII. Como começou a diviſaõ dos dominios, & ſe inventàraõ os marcos dos campos, os pezos, & medidas; ſe introduziraõ alguns contratos, & o dinheyro; tudo por conveniencias da vida, & de tudo a malicia humana uſou mal. p68.

Cap. XIX. Fundaçaõ da primeyra Cidade: utilidade dellas: como a natureza depravada perverte as acçoens generoſas: condena-ſe a vangloria. Trata-ſe brevemente de algumas Cidades famoſas. p.72.

Cap. XX. Como Lamech começou a offender as leys do matrimonio: trata-ſe dos trabalhos a que os caſados pela ruina do mundo eſtaõ ſugeytos. p.77.

Cap. XXI. Proſeguindo o intento propoſto no precedente, moſtra como os homens convertèraõ contra ſi as tendas do campo, o ferro, & metaes, que ſe lhes moſtraram para utilidade. Trata-ſe da invençaõ das armas, & artilharia: apontaõ-ſe as batalhas mais ſanguinolentas que houve; & a razaõ que pòde juſtificar a guerra. p:81.

Cap. XXII. Principio, & progreſſo da Eſcultura, & Pintura: excellẽcia deſtas artes: artifices, & obras inſignes que houve nellas: & como os homens as praticàraõ mal, ſendo-lhes enſinadas para ſeu bem. p.86.

Cap. XXIII. Principio da Muſica, ſeu progreſſo, noticias que a ella pertencem:& como os homens uſáraõ mal deſte bem. Trata-ſe como *Chriſto Senhor noſſo*, & *Sua Mãy Santiſſima* honràraõ eſta arte. p.90.

Cap. XXIV. Invençaõ da Cithara, & Orgaõ: & derivaçaõ do nome *Jubileo*. Neſte, & em outros inſtrumentos muſicos ſe tocaõ algumas curioſidades, & ſe proſegue o aſſumpto de que a malicia humana de todos os inventos uſou mal. Brevemente ſe aponta o divino inſtrumento que fez a *Santiſſima Mãy*. p.96.

Cap. XXV. Principio, progreſſo, & dignidade da Poeſia; como a *Virgem Santiſſima* a honrou; & ſendo dada por Deos para utilidade, os homens uſáraõ mal della. p.99.

Cap XXVI. Proſegue o aſſumpto do capitulo precedente. p.104.

Cap. XXVII. Origem da Rhetorica, & Oratoria para utilidade publica, & males que a malicia dos homens cauſa com ella. Trata-ſe dos Advogados. p.111.

Cap. XXVIII. Principio,& augmento da ſciencia Aſtronomica, & Aſtrologica em beneficio do mundo, & como ſe uſa mal della. p.114.

Cap. XXIX. Como ſe inventáraõ as letras: ſuas differenças: modos de eſcrever, ſua utilidade: & como a malicia dos homens uſa mal dellas. p. 120.

Cap. XXX. Como ſe introduzíraõ os livros: quaes foraõ os primeyros,

ros, & as primeiras livrarias. Como ſe inventou a Impreſſaõ: utilidades de tudo, como a malicia as perverte. Moſtra-ſe nos livros hiſtoricos. p.125.

Cap. XXXI. Como teve principio invocar a Deos em culto Divino, & a malicia ſe atreveo a offender a eſte ſagrado. Trata-ſe do ſanto,& myſterioſo nome *Ihehovah*. p.129.

Cap. XXXII. Foy a mayor ruina dos homẽs ficarem com o entendimento cego pelo peccado, & diſto lhes reſultaõ as mayores calamidades. p.132.

Cap. XXXIII. Como os homens erraõ nos meyos porque procuraõ honra, & por iſſo a perdem; poem-ſe primeyros exemplos na imitaçaõ, & no deſejo de moſtrar valor. Trata-ſe dos deſafios. p.134.

Cap. XXXIV. Para o intento do capitulo precedente ſe poem outro exemplo nos que procuraõ altos poſtos: & ſe condena a ambiçaõ, & tyrannia. 137

Cap. XXXV. Para o meſmo intento ſe moſtra como os que pretendem honra pela ſciencia, errãdo ordinariamẽte os meyos, ſe deſacreditaõ. p.142.

Cap. XXXVI. No deſordenado amor da vida ſe moſtra cego o entendimento, pelas miſerias della. p.146.

Cap. XXXVII. Os homens ſe enganaõ em quererem ſuaviſar a vida com paſſatempos: poem-ſe primeyro exemplo no jogo. p.151.

Cap. XXXVIII. Segundo exemplo, que a caça naõ he alivio, antes trabalho, & prejudicial à vida. p.153.

Cap. XXXIX. Como os homens que procuraõ regalar a vida com comer, a deſtroem. Trata-ſe dos exceſſos, & dano da Gula, & da utilidade da temperança. p.156.

Cap. XL. Como ſe enganaõ os homens nas commodidades que imaginaõ os officios da Republica. Trata-ſe dos males da privança com os Principes. p.163.

Cap. XLI. Que nem com reynar ſe aliviaõ, antes creſcem os trabalhos da vida. p.180.

Cap. XLII. Que os amigos naõ ſaõ alivio para os trabalhos da vida, antes os acreſcentaõ. p.183.

Cap. XLIII. Conclue-ſe gèralmente quam falſos ſaõ todos os goſtos, & paſſatempos da vida,& quam deſordenado o amor que a ella temos. p.186.

Cap. XLIV. Que o entendimento naõ conhece as riquezas: & os homens as fazem prejudiciaes, podendo ſer uteis. p.190

Cap. XLV. Como foy tambem ruina do peccado naõ ſerem os homens habeis para varias ſciencias,& artes: dividirem-ſe em differentes opiniões. Declara-ſe o que he Entendimento, Imaginaçaõ, Memoria, & como obraõ as potencias. p.197.

Cap. XLVI. Morte de *Adam*,& *Eva*; annos que vivèraõ: como os annos, & os mezes ſe computavaõ entre varias naçoens; &porque no primeiro ſeculo eraõ as vidas mais largas. p.205.

Cap. XLVII. Em continuaçaõ da materia do capitulo precedente, ſe trata do progreſſo, & dignidade da Medicina. p.208.

Cap. XLVIII. Filhos que *Adam*, & *Eva* tiveraõ: apontaõ-ſe os homens que tiveraõ muytos. Gigantes que houve. Se nos ſeculos paſſados eraõ os homens mayores que nos proximos. Se eraõ de mayores forças. T'oca-ſe o que diſſemos dos Pigmeos. p.214.

Cap. XLIX. Como os homens ſe depravàraõ em peccados pelos caſamentos

tos

os que fizeraõ. Trata-ſe com exemplos dos males, & bens que vieraõ ao mundo por mulheres. p 222.

Cap. L. Como Deos caſtigou,& arruinou o mundo com aguas, reſervando ſó a Noè, & com elle ſua familia: apontaõ-ſe os myſterios que ha no numero ſepteno. p.226.

Epilogo deſta primeyra parte. p.230.

CAPITULOS DA SEGUNDA PARTE.

CAP. I. Para levantar o mundo conſervou Deos o genero humano em Noè, & ſeus filhos. p.235.

Cap. II. Como Noè, & os que com elle eſtavaõ, ſahiraõ da arca: como offereceràraõ holocauſto a Deos: o Senhor lhe prometteo naõ alagar mais o mundo, de que lhe deo penhor no arco Celeſte. Como o abençoou. Elle aperfeiçoou a lavoura de paõ, & inventou o vinho; & ſe entende que ſe lhe revelou o Redemptor naſcido da *Virgem*. Trata-ſe das Veſtaes. p.237.

Cap. III. Dos nomes da mulher, filhos, & noras de Noè. Quanto em breve multiplicàraõ. Como ſe dividiraõ a povoar o mundo. Como paſſáraõ os animaes a varias partes. Fabrica da torre de Babel. Refere-ſe a fabula da batalha dos Gigantes com os Deoſes, para exemplo da Miſericordia de Deos com o genero humano. p.239.

Cap. IV. Quam ſuavemente impedio Deos a fabrica da torre de Babel com a confuſaõ das linguas. Como ſó a Hebrea ficou a meſma, & he a mais antiga. Se ha lingua natural. Mudanças que houve, & algumas curioſidades na materia. p.239.

Cap. V. Primeyra Monarquia que houve no mundo; como começou por tyrannia; & bem adquirida he conveniente, & melhor q̃ o governo de muytos. Que cada naçaõ deve ter ſeu Rey particular, & natural. E qual foy o principio da Idolatria com que os homens de novo ſe arruinavaõ. p.247.

Cap. VI. Como a Idolatria ſe introduzio no mundo, adorando-ſe homens, & couſas inſenſiveis. Deſatinos que nella havia. Algumas figuras dos Deoſes, indecencias que delles ſe referiraõ. Seus ſacrificios. & Sacerdotes. E a ſumptuoſidade de ſeus templos. p.350.

Cap. VII. Morte de Noê. Como entre a Idolatria conſervou Deos ſempre ſeu conhecimento entre os mais eſcolhidos: & ſuas noticias entre a gentilidade, por naõ deſamparar o genero humano q̃ havia de reſtaurar. p.255.

Cap. VIII. Como Deos por Profetas, & vaticinios, tambem entre os Gentios, annunciou ao mundo ſua vinda: a excellencia da *Mãy* de que havia de naſcer o remedio do peccado. p.259.

Cap. IX. Das Sibyllas, & o que vaticinàraõ de *Chriſto* Senhor noſſo, & ſua *Mãy* Santiſſima. p.262.

Cap. X. Como Deos preparou os animos da gentilidade para ſua doutrina com a dos Filoſofos: refere-ſe a dos Stoicos em particular. p.269.

Cap. XI. Como os Filoſofos obravaõ conforme ao que enſinavaõ. As penitencias que alguns faziaõ: & outros annuncios que os Gentios tiveraõ da Ley ſanta. p.274.

Cap XII. Genealogia de *Chriſto* Senhor noſſo, & de ſua *Mãy* Santiſſima. Tocaõ-ſe as excellencias de Santa Anna. p.276.

Cap. XIII. Trata-ſe da Nobreza: que couſa ſeja: & como reſplandeceo na Santiſſima *Virgem Mãy*. p.284.

Cap.

da segunda parte.

Cap. XIV. Como a *Virgem* Santissima foy concebida. p.288.
Cap. XV. Historicamente se trata da materia da immaculada Conceyçaõ da *Virgem* Senhora nossa. p.290.
Cap. XVI. Alegre Nascimento da *Senhora*. p.304.
Cap. XVII. Como foy posto à *Senhora* o nome soberano de Maria. p.307.
Cap. XVIII. Educaçaõ da *Senhora* em sua primeyra infancia. p.309.
Cap. XIX. Como a *Senhora* foy presentada no Templo. p.310.
Cap. XX. Exercicios da *Senhora* no Recolhimento do Templo; & de como fez voto explicito de virgindade perpetua. p.311.
Cap. XXI. Da formosura corporal da *Virgem*. p.313.
Cap. XXII. Santa morte de Joaquim, & Anna pays da *Virgem*. Desposorios mysteriosos da *Senhora* com S. Joseph; cujas excellencias se tocaõ brevemente. p.316.
Cap. XXIII. Como a *Virgem* foy entregue a seu santo Esposo: ambos renovárão o voto virginal; forão viver em Nazareth; vida santissima que alli faziaõ. Trata-se da Casa Lauretana. p.319.
Cap. XXIV. Da Annunciaçaõ, que o Anjo S. Gabriel fez à *Virgem Maria*: & da Encarnaçaõ do *Verbo Eterno*. p.321.
Cap. XXV. Excellencias, & mysterios do *Ave*, com que o Anjo saudou a Santissima *Virgem*. p.323.
Cap. XXVI. Como a *Virgem* foy visitar a Santa Isabel. Tocaõ-se algumas excellencias do grande Bautista. p.325.
Cap. XXVII. Como Saõ Joseph soube que a *Virgem* havia concebido. Tocaõ-se algumas excellencias deste Santo; & como se celebráraõ entre ambos as bodas. p.327.
Cap. XXVIII. Como a *Virgem* com seu Esposo forão a Bethlem para se alistarem, conforme o Edicto do Emperador Augusto Cesar. Mostra-se o que continha aquelle Edicto. E trata-se que cousa he *Era*, & como por ella se contáraõ os annos. Dá-se noticia da occasiaõ, porque os Romanos entrárão em Judèa. 329.
Cap. XXIX. Nascimento de *Christo* Senhor nosso. p.333.
Cap. XXX. Do mais que succedeu na lapa de Bethlem depois do Nascimento de *Christo*, & os maravilhosos sinaes que houve no Mundo no mesmo tempo. p.337.
Cap. XXXI. De como o *Menino* Deos foy circuncidado, & com elle começou a padecer por nòs sua *Mãy* Santissima. p.340.
Cap. XXXII. Do nome Divino JESUS, porque foy chamado o *Menino* em sua Circuncisaõ. Declara-se tambem o de Messias, & o santissimo nome de CHRISTO. p.341.
Cap. XXXIII. Da adoraçaõ dos tres Reys Magos ao *Menino* Deos Declarão-se muytas particularidades nesta materia. p.344.
Cap. XXXIV. Da Purificaçaõ da *Virgem Mãy*. Presentaçaõ do Menino *Jesus* no Templo. Do que a *Senhora* alli padeceu: & a causa porque esta festa se celebra com velas acesas, chamandose *Candelaria*. p.350.
Cap. XXXV. Como Herodes determinou matar os Innocentes; & como a *Virgem*, & S. Joseph fugiraõ para Egypto com o Menino Jesus. p.354.
Cap. XXXVI. Martyrio dos Innocentes, & o sentimento que a *Virgem Mãy* nelle teve. p.358.
Cap. XXXVII. Como a *Virgem*, & S. Joseph morárão em Egypto, & alli criárão o Menino *Jesus*. 359.

Cap.

Cap.XXXVIII. Caſtigo, & morte de Herodes; & como a *Virgem* com o Menino *Jeſus*, & S. Joſeph tornáraõ para ſua Patria. p.361.

Cap. XXXIX. O que padeceu a *Virgem Mãy* na afflicçaõ do *Menino* perdido, & como o achou no Templo, moſtrando aos Doutores da Ley o tempo, & vinda do Meſſias. p.364.

Cap. XL. Da vida de *Chriſto* Senhor noſſo de idade de doze annos até os vinte & nove com ſua *Mãy* Santiſſima. Deſcreve-ſe a eſtatura, & feyçoens de ſeu Corpo ſagrado. p.367.

Cap. XLI. Tranſito feliciſſimo do glorioſo S. Joſeph, Eſpoſo da *Virgem* Santiſſima. p.368.

Cap.XLII. Como *Chriſto* Senhor noſſo ſe auſentou a primeyra vez de ſua *Mãy* para ir a ſer bautizado por S. Joaõ. p.372.

Cap. XLIII. Como *Chriſto* Senhor noſſo foy para o deſerto: o que nelle padeceu, de que participou ſua *Mãy* Santiſſima. p.373.

Cap.XLIV. Como *Chriſto* Senhor noſſo ſahio do deſerto; & a *Virgem* S.N. nas bodas de Caná o apreſſou a manifeſtarſe para remir o Mundo. p.375.

Cap. XLV. Como a *Virgem Mãy* acompanhou a *Chriſto* no tempo em que prègou: foy a primeyra bautizada pelo *Senhor*; dor que teve na morte do Bautiſta: & na entrada triunfal em Jeruſalèm. p.376.

Cap. XLVI. Como os Judeos determináraõ matar a *Chriſto*. O *Senhor* ſe preparou para ſua Payxaõ, ceando o Cordeyro Paſcoal com ſeus Diſcipulos; lavandolhes os pès; inſtituindo o Sacramento da Eucariſtia; ordenando os Sacerdotes; deſpedindo-ſe delles, & em particular da *Virgem Mãy*; & ſahindo a orar no Horto. p.379.

Cap. XLVII. Narraçaõ ſummaria da Payxaõ de *Chriſto* Senhor noſſo, & do que a *Virgem* Senhora noſſa padeceu nella. p.381.

Cap. XLVIII. Como a *Virgem Mãy* cooperou para remir, & levantar o Mundo da quèda do peccado. p.386.

Cap.XLIX. Harmonia da Cruz ſagrada, & da *Virgem* Santiſſima na Payxaõ de *Chriſto*, & noſſa redempçaõ. Trata-ſe das fórmas que houve de Cruzes; qual era a em que o *Senhor* padeceu; o modo, & circunſtancias cõ que os antigos crucificavaõ; accommodandoſe tudo ao que ſe uſou com o meſmo *Senhor*; & as excellencias do final da Cruz. p.389.

Cap. L. Qualidades vís, & mortes deſeitradas de Annás, Caiphás, Judas, Herodes, & Pilatos, culpados principaes na morte de *Chriſto*. p.394.

Cap. LI. Como *Chriſto* Senhor noſſo depois de tirar do Seyo de Abraham, & do Purgatorio muytas Almas, reſuſcitou, & appareceu logo à *Virgem ſua Mãy*, que lhe deu as graças pela redempçaõ do Mundo, que em ſua Reſurreyçaõ ſe concluhio. p.397.

Cap. LII. Como *Chriſto* Senhor noſſo nos remio da morte eſpiritual, & nos aliviou a corporal, que era a mayor penas em que haviamos cahido, & a devemos temer muyto menos. p.400.

Cap. LIII. Como a redempçaõ, & doutrina de *Chriſto* nos alargou tambem a vida temporal, & felicitou as miſerias della, remediando a ruina, que o peccado tinha cauſado; & em que maneyra nos eſcuſou chorar pelos que morrem. p.410.

Cap. LIV. Como *Chriſto* Senhor noſſo enſinou o verdadeyro caminho de alcançar honra, contra os errados que moſtrou o peccado. Trata-ſe da humildade, & do perdaõ. p.407.

Cap. LV.

Indice da ſegunda parte.

Cap. LV. Como a doutrina, & Ley de *Chriſto* nos enſina; & ajuda a eſtimar a vida, & aliviar as miſerias della. p.413.

Cap. LVI. Como *Chriſto* Senhor noſſo nos enſinou a nos aproveytarmos das riquezas. p.416.

Cap. LVII. Como o *Senhor* ſubio ao Ceo, & deyxou a *Mãy* Santiſſima na terra para altiſſimos fins. p.418.

Cap. LVIII. Como a *Virgem* Senhora noſſa authorizou, & felicitou a poſſe que Saõ Pedro tomou do Summo Pontificado. Trata ſe dos annos que viveraõ os Papas: mudança que fazem nos nomes: modo de ſua eleyçaõ: ſcimas que tem havido na Igreja: de ſua juriſdiçaõ no temporal; & como em varias occaſioens ſaõ venerados pelos Principes. p.420.

Cap. LIX. Como deſceo o Eſpirito Santo, & foy a *Virgem* Santiſſima ſingularmente illuſtrada. p.427.

Cap. LX. Maravilhas que obráraõ Saõ Pedro, & os mais Apoſtolos, & Diſcipulos, logo que o Eſpirito Santo deſceo a illuſtrallos. Toca-ſe a converſaõ do Centuriaõ Heſpanhol, que confeſſou a *Chriſto* na Cruz por Filho de Deos: & a do Soldado Longuinhos que deu a lançada, com ſeu martyrio. Trata-ſe da converſaõ da mulher de Pilatos, & o que ſe diz do meſmo Pilatos. p.429.

Cap. LXI. Como a *Virgem* Senhora noſſa aſſiſtio no primeyro Concilio que a Igreja celebrou; & ſe dà noticia dos que tem havido geraes: & principaes particularidades delles, & das Cidades, em q̃ foraõ celebrados. p.432.

Cap. LXII. Como a *Virgem* Santiſſima guiava aos Apoſtolos: noticiava os Evangeliſtas: ajudava os Prègadores: animava os Martyres: (& ſe dà noticia das mayores perſeguiçoens, que padeceo a Igreja :) allumiava os Confeſſores, & enſinava os Doutores. p.444.

Cap. LXIII. Como a *Senhora* foy eſpelho das Virgens, & inſtituhio o primeyro Convento dellas, & como foy conſolaçaõ das viuvas. Trata-ſe da Magdalena Santa; Santas, Martha, Marcella; Veronica, & Lazaro; & ſe refere o martyrio da Samaritana, & de ſeus filhos, & irmãs. p.450.

Cap. LXIV. Do que mais obrava a *Virgem Maria* atè ſeu glorioſo tranſito. Como de partes remotas hiaõ peſſoas graves a vella pela fama de ſuas excellencias maravilhoſas. De algũas cartas ſuas, de que ſe tem noticia p.453.

Cap. LXV. Como a *Virgem* Senhora noſſa, antes de deyxar o Mundo nos deyxou eſtabelecida a Igreja Catholica em toda a perfeyçaõ; & a particular obrigaçaõ que niſto lhe tem o Reyno de Portugal. p.457.

Cap. LXVI. Da fermoſura temporal, & viſivel da Igreja Catholica: honra que ſeus filhos lograõ nella; & com quanta facilidade. p.463.

Cap. LXVII. Tranſito glorioſo da *Virgem Maria*. p.469.

Cap. LXVIII. Como o ſantiſſimo corpo da *Senhora* foy depoſitado em ſepulchro ſagrado. p.474.

Cap. LXIX. Admiravel reſurreyçaõ da *Virgem*. p.477.

Cap. LXX. Moſtra-ſe qual era hum triunfo em Roma, para no modo poſſivel, figurarmos por elle o com que a *Virgem Maria* victorioſa entrou no Ceo. p.479.

Cap. LXXI. Magnifico, & glorioſo Triunfo com que *MARIA Santiſſima* entrou na Cidade Celeſtial. p.482.

Cap. LXXII. Coroaçaõ da *RAINHA* dos Ceos. p.488.

Peroraçaõ. p.493.



ELOGIO.

Alviçaras, Engenhos doutos,
Que renaſce a Fenix da erudiçaõ
A' immortalidade dos ſeculos:
Renaſce,
Naõ de cinzas frias, & caducas, como a fabuloſa da Arabia;
Que ſó vive idades definidas por hyperboles:
Mas reſuſcita
Do Prelo vividor, como reproducçaõ ſucceſſiva,
Que dura perpetuidades de applauzos.

***

Renaſ-

Rénaſce pois, na terceyra Ediçaõ,
Aquella AVE, que do precipicio de EVA,
Se remontou nos alentos da penna mais entendida,
Para o apice da eternidade.
O meſmo diſcurſo que lhe ideou o ſer nas primeyras mantilhas,
Agora lhe impluma novamente as azas,
Para eſtender o voo à luz dos publicos parabens,
Remoçada na repetiçaõ das eſtampas.
Taõ activo foy o engenho, que lhe edificou o berço,
Que ainda lhe infunde calor ſoberano,
Que a izente da ſepultura.
Salve,
AVE de remontado voo,
Que diſcorrendo o Mundo por dous eſtados;
Já no grande theatro do Orbe,
Occupas a circunferencia de dous Mundos.
As azas, que bates altiva,
Se naõ tas empreſtou o Tempo, que tudo eſtraga,
Teceu-as a Fama do Author, que te immortaliza.
De qualquer modo,
Já reconheço no que duras; & diſcorres,
Que o Tempo, & a Fama
Te compuzerão as azas.
Por iſſo meſmo es ſingular
Entre a Republica dos Voadores;
Porque vives
Além da Fama, & alèm do Tempo.
Os demais Livros, para terem duraçaõ,
Se multiplicão em muytos corpos,
Reduzidos a certo numero;
Mas o Tempo, que lhes vay tragando, & eſtragando o algariſmo,
Com ſua voracidade os conſome,
Ou para que a memoria de que forão, ſe deſvaneça
Ou para que a protecçaõ, que os amparava, ſe debilite:
E ainda que algum por ſingular
Preſuma de maravilha,
Nunca chega a occupar a immortalidade das eſtampas,
Reproduzido de ſi meſmo nas Ediçoens;
Porque
Para as immunidades de Fenix,
Lhe falta a prerogativa
De ſer AVE.
Tu, porèm,
Com o ſingular titulo de AVE,
Te grangeas a reproducçaõ da Fenix:
Por iſſo meſmo es
Raro,
Repetido nas Ediçoens;
Singular,

Multi-

Multiplicado nos Volumes;
E Unico
Entre os demais, ſendo tantos.
Aſſim reſuſcitas,
Sem que nunca chegaſſes a fenecer;
Aſſim duras,
Sem que alguma hora recees caducar;
E aſſim te elevas,
Sem que a tua exaltaçaõ
Seja termo para deſcair.
A fingida Ave da Arabia,
Para reformar a ſua duraçaõ;
Retiraſe
Ao ermo cume do mais elevado monte
Do Oriente:
Aonde nem ſóbe nuvem, nem reſpíra vento,
Nem tempeſtade brame, nem fera habita:
E aos primeyros aſſomos do dia,
Quando a Aurora vay affugentando as Eſtrellas do Polo,
Quando o Sol eſmalta de ouro o ultramarino dos Ceos,
Quando as outras Aves com doces muſicas
Começaõ a dar o bom dia à madrugada;
Repetidas vezes entaõ
Se banha no cryſtallino manancial de huma fonte,
Que na planicie do cume ferve;
E delle
Como brindando à futura poſteridade;
Repetidas vezes goſta.
Dalli, quaſi purificada,
Encaminha o dourado voo
Para a arvore mais eminente:
Donde
Conſtituida atalaya dos boſques;
Regiſtra com olhos de rubim
A viçoſa eſmeralda da relva,
A matizada confuſaõ das boninas;
A pompoſa folhagem das plantas,
A creſcida deſigualdade dos troncos:
E dos que na fragrancia das cortiças,
Na ſuavidade das gomas,
No perfume dos madeyros,
Se exceptuaõ por ſingularmente aromaticos;
Eſcolhe, & colhe a cheyroſa materia,
De que prepara
Fogueyra, & ninho,
Ataude, & berço,
Tumulo, & Thalamo:
E ſendo de ſi meſma ſacrificio, & ſacerdote;
Alternando muſicas, entoando endechas, entretecendo hymnos;

Saúda o Sol, offerecendolhe culto;
E recomenda na protecçaõ de ſeus rayos
A fatalidade de ſuas cinzas.
Então bate denodadamente as azas ſobre a pyra;
Ou como acenando à morte,
Para que em amphiteatro de fogo, entre com ella na luta;
Ou como enſayando os voos,
Para paſſar de huma a outra poſteridade.
Em quanto a Fenix ſe occupa neſtas ultimas agonias,
O luzido Planeta,
(Quaſi agradecendolhe o glorioſo ſimbolo
De ſeu Oriente, & Occaſo)
Intenſa ſeus ardores
Sobre os aromaticos lenhos, & odoriferas gomas,
Ajudando a acender a pyra,
Que toda arde em fragrante lavaredas:
Onde
Aquelle Ilion das Aves,
Aquella Antigualha dos ſeculos,
Aquelle Amianto de plumas,
Mais acriſolado nos incendios, que reſolvido nas cinzas,
Reſuſcita
Milagre da natureza,
Renaſce
Poſthumo da duraçaõ,
E ſe reproduz
Parto, & Máy de ſi propria.
Aſſim acontece
Naquella Ave fabuloſa, organizada de hyperboles:
Aſſim tambem ſuccede
Neſta Fenix de erudiçoens, produzida de realidades:
Pois preſentindo,
Que já caducava em duas Ediçoens,
Para ſe reformar na terceyra,
Deſprezando o ermo do monte,
Se acolheu à amenidade de hum Valle,
Onde
Nem dece ſombra, que eſcureça,
Nem reſpira fopro, que deſtrûa,
Nem ſoa tempeſtade, que atemorize,
Nem habita fera, que devore.
Porque
A ſombra das erratas,
O halito das cenſuras,
O ruido das invejas,
A braveza das emulaçoens,
Naõ occupaõ lugar em hum Valle,
Que tem por ſeu Antemural
De huma parte o Olympo,

Para a pureza da ortografia, & correcçaõ dos erros;
E da outra o Parnaſo,
Para credito da Officina, & patrocinio da Impreſſaõ.
A eſte valle de alegrias
Deſde o de lagrimas em que principiou, ſe acolhe eſta generoſa AVE.
Duas vezes peregrina,
No eſtylo, & na idèa;
E aos primeyros aſſomos
Em que o Sol da luz publica entra na Caſa de Ariete
Dourando o vellocino das letras,
Se banha ella,
Não, no cryſtallino manancial das fontes,
Mas no liquido azeviche das eſtampas,
Que o meſmo Valle copioſo lhe miniſtra:
E dalli bebendo eſpiritos ufanos,
Remonta, já purificada, os voos, para a arvore mais amada do Ceo;
Donde
Dilatando os olhos da circunſpecçaõ pela vaſta circunferencia do Mundo;
Contempla, & buſca,
Não os cepos envelhecidos, nem as linhagens vulgares,
Mas o Tronco florecente, & auguſto dos Monarcas Portuguezes,
E nelle,
Dos aromas ſuaviſſimos, que exhalaõ as virtudes heroicas, & moraes
De tantos Principes, & Reys,
Que já florecèraõ ramos felices deſta arvore ſoberana;
Compoem
Illuſtre pyra, em que ſe ſacrifique,
Luzido thalamo, em que renaſça,
Sendo de ſi meſma
Sacerdote, & Victima, altar, & culto; Dedicaçaõ, & Templo:
Recomendando
Na protecçaõ do Sol Monarca do Orbe Portuguez,
Que glorioſo reyna,
A reparaçaõ de ſua vida, no Prelo em que ſe remoça
Das caducas reliquias de outras Ediçoens.
Agora ſim,
Que accelera o movimento das azas, com vigor mais activo,
Sobre os caracteres da eſtampa;
Como deſafiando corpo a corpo os talantes do tempo,
A entrar com ella em batalha, no literario Circo:
Agora he, que deſata a garganta em harmonias,
Não funebres, mas alegres:
Agora he, que enſaya o generoſo altivo voo,
Para paſſar do tumulo à eternidade:
Porque agora
O Regio Luminar lhe patrocina o berço,
Em que a embalem os ſeculos futuros com mãos de diamante.
Para bem te ſeja ó rara Feniz dos livros, teu grande naſcimento:
Tu es ſem duvida a rara AVE na terra,

Por-

Porque naõ tens ſegùnda nem ſemelhante.
Para teres parallelo no Mundo Literario,
Foy preciſo
Renaſceres tres vezes de ti propria.
Acertadamente, pois, ſe te deu o titulo de AVE, pelo bem que te ajuſta,
Que o penſamento de que foſte parto,
Por ſingular, & unico,
Foy ſem controverſia,
Ou conceyto da Fenix, ou Fenix dos conceytos:
Pois para te produzir rara, com as prerogativas, que gozas,
Se exercitou primeyro em outras eruditas idéas,
E anticipou a geraçaõ de outros partos felices,
Não para que ficaſſes inferior na primogenitura,
Mas para ſeres por ultima, & eſtremada,
O non plus ultra de ſuas Obras,
As delicias de ſeu engenho,
O extremo de ſeus eſtudos.
Nas flores de Heſpanha
(Sazonados frutos da ſua adoleſcencia)
Te prevenio perfumes,
Mais aromaticos, que os incenſos da Pancaya;
Mais ſuaves que os amomos da Syria.
No Dominio ſobre a Fortuna.
(Venturoſo aſſumpto de Togada penna)
Te erigio throno ſobre as deſgraças, que ordinariamẽte ſobrevem aos livros;
Porque a Fortuna, que tudo volta,
Quiz, que do ſeu movimento herdaſſem os volumes a Etymologia,
Mais corridos dos Ariſtarcos, que eſtudados por algum Mecenas,
Na Harmonia Politica, & Poema Ulyſſippo
(Tacito com voz de Apollo)
Te affinou ſuave contraponto,
Que, renaſcendo das eſtampas, entoaſſes
Nas Aulas dos Principes, & Muſéos dos Sabios.
Na Luſitania Libertada,
(Viriato Juriſconſulto)
Te eſtabeleceu nas regalias de izenta, & as immunidades de livre
De toda a juriſdicçaõ dos tempos;
Symbolizandote
Na Monarquia Portugueza, reſtaurada
Da injuſta violenta intruſaõ Hiſpanica,
Para o juſto glorioſo dominio de Principes naturaes.
Na Genealogia dos Reys Portuguezes,
(Sol por Ecliptica ſoberana)
Diſcorrendo huma, & outra linha de tantas coroadas cabeças,
Te illuminou o modello da arvore mais auguſta,
A cujo Real abrigo encaminhes agora os voos,
Para te coroares de palmas, & de troſeos.
E quem ignora, que para eſte fim, te teceu primeyro dos talares de Mercurio
As azas,

Nos

Nos discretos Mercurios, que pela Europa voáraõ
Com a eloquencia de sua penna, publicando nossas vitorias?
Nestes, & outros afamados Escritos,
Com que
O grande Antonio de Sousa de Macedo
Acreditou, & defendeu a Patria,
Ennobreceu, & admirou o Mundo,
Authorizou, & exerceu os postos,
Enriqueceu, & sublimou as letras,
Excedendo os limites da capacidade, & limitando os possiveis da cõpetencia,
Te grangeou,
O' Livro, ò Fenix, ò AVE,
Todos os attributos, com que a Poesia hyperbolicamente encarece
De rara, singular, & unica (livros,
Aquella Quimera das Aves, aquella mẽtira dos tempos, aquella erudição dos
Pois tu com superior excellencia,
Não só resurges repetidas vezes do Prelo para a immortalidade;
Mas tambem fazes reviver comtigo
A Fama, o Estudo, & o Nome
Daquelle mesmo entendimento, de quem es successora, & filha.
Pois das cinzas de sua honrosa sepultura,
Que illustrada
De discretos distico, emblemas, & inscripçoens,
(Linguas dos marmores, & bronzes mudos)
Veneravelmente existe
Na Heliopolis Portugueza,
E Serafico Templo da EVA sem sombra de culpa,
Da AVE Filha, & Mãy da Graça,
Lhe resuscitas tres vezes a memoria, nos tres appelidos
Antonio de Sousa de Macedo:
Pois no proprio nome de Antonio,
O deyxas memoravel como Flor,
Mas Flor perpetua dos Jardins das Musas,
E Flor Gigante sobre a eminencia dos Sabios:
No gentilico dos Sousas,
Refrescas a lembrança de Deleytoso, & aprazivel,
(Assim se interpreta no Grego o vocabulo Sousa,
Amenidade, & frescura:)
Inferindo
Que taõ ameno foy no engenho, quanto era no appellido,
E que bastou seu appellido para perpetuar as flores
De seu engenho.
A estas prerogativas se ajunta o Macedo,
Como timbre da perpetuidade,
Que não he mais, que huma duraçaõ successiva,
Ou huma propagaçaõ continuada:
Pois se o neto materno de Deucaliaõ se chamou Macedo,
Quem pòde duvidar, que o nosso Macedo
Herdando com o appellido as proezas de Deucaliaõ,

A pezar de Lethèos diluvios,
Propagou a pedra ſepulcral do monumento em que deſcança,
Numa viva eſtatua da memoria poſthuma
Que o celebra?
Sem controverſia pois, ſe deve affirmar, q̃ o nome glorioſo deſte grãde Varão,
Repete comtigo no berço das eſtampas
Triplicado naſcimento.
O' AVE;
E que tu reconheces tambem triplicada divida da immortalidade,
A ſeu ſoberano Nome.
Elle renaſce em ti, como flor de ſeus Eſcritos,
Para ſe coroar de perpetuidades:
Como delicias da erudiçaõ,
Para ſer appetecido dos diſcretos;
E como Deucaliaõ ſegundo,
Propagando da pedra de ſeu ſepulchro
Vivos ſimulacros da Fama.
E tu tomando de cada appellido ſeu huma letra,
A primeyra de Antonio, de Souſa a terceyra, & de Macedo a quarta,
Fórmas o nome AVE, com que te illuſtras,
Grangeas os titulos com que te acclamão
Antiga, unica, eterna;
E ſymbolizas em ſeu numero ternario a Ediçaõ preſente,
Que terceyra vez à luz do applauſo te publica,
Debayxo dos Auguſtos Auſpicios do Regio Sol Luſitano,
A cujas Aras glorioſamente
Te dedicas, offereces, & conſagras.
Vive.

SONETO.

Vive, & a pezar do tempo, que devora
Com dente gaſtador os bronzes duros,
Teu ninho excelſo conſtitue agora
Entre eſplendores de diamantes puros:
Vive, que là nos ſeculos futuros,
Te eſpera a eternidade vividora;
Para que occupes nos celeſtes muros,
O claro aſſento, onde outra Fenix mora.
Então ſendo outra vez viſta das gentes,
Banhada em nova luz de nova chamma,
Novo eſpanto ſerás a todo o Mundo:
Que admirando tua vida entre os viventes,
Se o credito negar à voz da fama,
Ha de dallo a teu nome ſem ſegundo.

Do Beneficiado
Franciſco Leytão Ferreyra.

EVA, E AVE, OU MARIA TRIUNFANTE.

THEATRO DA ERUDIÇAM, & da Filoſofia Chriſtã.

PARTE PRIMEYRA.

EVA:

O MUNDO CAHIDO.

CAPITULO I.

Ab æterno determinou Deos crear o Homem: previo ſua ruina: decretou o remedio: & deſtinou para ella a **Virgem Maria.**

NO principio ſem principio, que nenhum eſpaço de ſeculos pòde medir: no tempo ſem tempo, que judiciosamente ſe cre, & a conſideraçaõ naõ alcança, determinou o ſummo Ser, Bem infinito, Author Omnipotente de todas as couſas, crear a maquina do Univerſo, & nella o Homem, para ſua bondade ſe lhe communicar. 1 E vendo com alta preſciencia, que a culpa do primeyro Pay havia de incapacitar o genero humano da gloria para que o deſtinava; contendèraõ duas irmãs gemeas filhas da Divindade, *Juſtiça, & Miſericordia*, diante do Throno *Altiſſimo*, ſobre deſtruir, ou perdoar. 2

1 *Magiſter Sentent. lib. 2. diſt. 23.*

2 *Pſalm* 84. *v.* 11. Miſericordia & veritas obviaverunt ſibi. *D. Bernard. Serm. 1. in Annunt. ad med vide P. Franc. de Mendoça in Viridar. l. 9. dial. de Chriſti Paſſione elegantiſſimè.*

3 *Psalm. supracit.* Justitia, & Pax osculatæ sunt.

2 Para satisfaçaõ de ambas 3 decretou o Consistorio da *Trindade* Santissima, que huma de suas Pessoas misericordiosamente se humanasse, porque a humanidade passivel merecesse: & pela Divindade unida satisfizesse à *Justiça* a offensa infinita pelo objecto offendido, o que hum puro homem naõ podia igualar.

3 Por outro modo pudèra Deos livrar o homem; mas antepoz a conveniencia ao poder; convinha que hum homem vencesse ao demonio, pois hum homem se lhe sugeytára; se o Redemptor naõ fora homem, parecèra a Redempçaõ violencia; quiz Deos, que a Justiça da humildade libertasse a quem o poder pudèra libertar: & foy necessario homem Deos para libertar do peccado. 4.

4 *Magister l.3. dist.19. §.2. & dist.20. in princ.*

4 Competia a Caridade Divina com a malicia humana: pois como o primeyro pay arruinou sua descendencia antes de a gèrar, 5. Deos prevenio o remedio antes da culpa se commetter.

5 Aventajou-nos aos Anjos, creaturas mais nobres, de que pudèra esperar melhor correspondencia; pois fez por nòs o que naõ fez por elles quando peccáraõ; quiz remir o homem aceytando satisfaçaõ, & quiz elle mesmo satisfazer por nôs. Naõ se unindo à natureza Angelica, sendo mais alta, honrou a humana; & nella naõ tomou corpo de varaõ, por naõ evitar as penas de menino; nem quiz ser formado como Adam, pela maõ Divina, por dar à mesma natureza a gloria da Maternidade, & porque para amparo dos homens, houvesse *Mãy de Deos.* Naõ reparou em se unir ao que estava inficionado pela culpa, nem na infinita distancia dos extremos, nem no difficil de haver uniaõ sem confusaõ, nem no immudavel da Deidade: sua disposiçaõ piedosa todas as difficuldades venceo. 6

5 *Notat D. Bernard. hom.2. super Missus est, post princ.* Priùs peremptores, quàm parentes

6 *Explicat eleganter P. Anton. Guillielm. Sacerdos Orator. lib. delle grandezze de la Sanct. Trinità, disc. 53.*

7 *D. Bern. Serm.2. in Annunt. statim post princ.*

8 *Apud Magist. lib.3. dist. 1.*

6 A segunda Pessoa daquella Deidade trina, & huma, se sugeytou a este encargo, por mysterio altissimo, que nosso juizo, (diz S. Bernardo) 7 naõ pòde penetrar, posto que discorra 8 em algumas conveniẽcias para encarnar o *Filho*, & naõ o *Pay*, ou *Espirito Santo.*

7 Destinou a Mente Altissima huma Creatura na realidade humana, para isto se conseguir; mas nas perfeyçoens quasi Divina, qual convinha à *Mãy*, que tivesse commum com *Deos Padre* hum mesmo Filho: que gèrasse em tempo, a quem Deos *Padre* gèrára na eternidade: de cujo ventre fosse fruto quem era ab æterno Senhor universal: que tivesse subdito pelo nascimento o Superior da terra, & do Ceo: que fosse *Mãy* de seu Creador, dignidade infinita, 9 Filha, Mãy, & Esposa de Deos.

9 *D. Thom. p.1. q.25 art.6. ad 4.*

8 Quando, depois de immensos seculos, preparou os Ceos, creou os abyssos, firmou a esféra, desatou as fontes, sinalou termos ao mar, deo ley às aguas, & ligou os fundamentos da terra: poz o Summo Fabricador junto a si huma cadeyra da mayor preeminencia depois de seu Throno sacrosanto; & sobre

ella huma Coroa da Mageſtade mayor depois da Divina. No eſpelho de ſeu Creador conhecèraõ os còros celeſtes eſtar preparada aquella honra para huma Creatura, que naſceria a mais amada delle, & logo (depois do mayor amor, & gozo que punhaõ em Deos) a amavaõ mais que a ſi meſmos, & na ſua creaçaõ ſe gozavaõ mais que na propria, porque viaõ que nella ſe honrava, & deleytava o *Senhor* ſobre tudo; aſſim o revelou hum Anjo por mandado de Deos á ſua mimoſa Santa Brigida, como ſe lè nas ſuas revelaçoens. 10

9 Por modo taõ ſoberano, muyto antes de ſe crear a terra: primeyro que foſſe o abyſſo: ainda as fontes naõ manavaõ, nem os rios corriaõ: os montes naõ conſtavaõ de ſua grandeza; nem os Orbes ſe libravaõ em ſeus pòlos; & jà a *Virgem Mãy* eſtava em Deos perfeyta. 11 Só quem numerar as areas do mar as gottas da chuva, os dias dos ſeculos; quem medir as alturas dos Ceos, a largura da terra, o profundo do abyſſo, poderà inveſtigar na Sabedoria, de Deos a dignidade, honras, & privilegios com que o Principio ſem principio dotou, enriqueceo, & exaltou eſta Creatura excellentiſſima; foy logo (como lhe chamaõ os Doutores ſagrados) *Myſterio do Ceo, & da terra*: 12 *molde, & fórma de Deos*: 13 *parte principal do aſtrolabio com que a perſpectiva do noſſo juizo pòde medir a grandeza do Sol Divino, que tal a creou*; 14 *he milagre de ſua graça, & Omnipotencia.* 15 Finalmente por eſte ſoberano modo foy ab æterno deſtinada Vencedora triunfante da ſerpente infernal: 16 Coadjutora da Redempçaõ do genero humano; 17 & Porta 18 ao remedio do mal, que lhe entraria pela primeyra *Mãy*.

10 *Revelat. S. Birgit. in Serm. Ang. c. 4*

11 *Prov. 8. 13.*

12 *Epiphan. de laud. Virg.*
13 *D. Hieron. Serm. de Aſſumpt. D. Dion. Areopag. Ep. ad Paulum, de qua in 2. p. 94. n. 4.*
14 *P. Anton. Guilbiel. ſup. diſc. 54. verſ. ſopraviene.*
15 *Carthogena de arcan. Dei par. tom. 1. l. 15. hom. 8. Fr. Joſeph de Jeſu Maria, vida de N. S. lib. 1. c. 1.*
16 *Gen. 3. 15.*
17 *Vide in 2. t. c. 48.*
18 Felix Cæli porta.

CAPITULO II.

Creado o mundo, creou Deos o Homem, & o illuſtrou de graça, & nella a ſua deſcendencia.

1 EM cinco dias 1 creou Deos a maquina, que chamaõ *Mundo*, pela belleza que eſta palavra ſignifica, 2 harmonia, & artificioſa conſonancia da Mente fecunda, & Omnipotencia infinita daquella fonte de todo o ſer, na admiravel concordia de taõ varias partes. Myſterioſamente ſe deteve no que pudera obrar em hum inſtante; & com razaõ o grande Moyſés hiſtoriou tanta acçaõ em poucas regras: 3 pois os Ceos com letras de Eſtrellas, os ares com muſicas de aves, a terra com pinceis de flores, as aguas com cryſtalinos eſpelhos, & todas as mais creaturas em juſto, & glorioſo certamen eſcrevem, celebraõ, pintaõ, retrataõ, & oſtentaõ a excellencia de ſeu Creador. Cauſa ſuprema de que ſaõ effeytos as cauſas; Poder infinito que de nada tirou tudo; Motor immovel de todos os movimentos; Bondade ſumma que ſe communica a todas as

1 Prima dies lucem, Cœlum altera, tertia terram;
Sydera quarta; ſequens picem habet, & volucrem.
Sexta animal quodvis, hominemque expulvere terræ.
Protulit: at requiem ſeptima lux tenuit.

2 *Polyanthea, verbo, mundi. Pineda Monarch. Eccleſ. p. 1. l. 1. c. 1. §. 1. in princ.*
3 *Gen. 1. 1.*

ſubſtancias; Divindade aſſiſtente em toda, & qualquer parte do Univerſo por eſſencia, preſença, & poder: immenſa, & ſabia incomprehenſivelmente.

2 Ao ſexto dia, que, ſegundo a melhor opiniaõ, 4 correſponde a vinte & cinco de Março, diſſe Deos: *Façamos o homem*: 5 naõ que fallaſſe com ſom de voz; mas refere-ſe eſta voz à natureza do *Verbo* Eterno; 6 muytos Doutores 7 a attribuem ao Eterno *Pay*, que fallou ao *Filho*, & ao eſpirito Santo, iguaes na natureza, & poder: & notaõ, que logo que ſe tratou da creaçaõ do homem, reſplandeceo a fé, & dogma da Santiſſima *Trindade.*

3 Para outras creaçoens, poſto que da luz, baſtou dizer *Faça-ſe*, & ficáraõ feytas; 8 o *Façamos*, & fazer depois, moſtra obra mais luzente que a meſma luz: as outras, diſſe Tertulliano, 9 ſe o naõ fizerão com voz imperioſa; o homem com mão familiar. Depois de tudo o creou, para que a tudo mandaſſe, & achaſſe tudo preparado. 10 No empenho do Creador ſe vè a dignidade da creatura; feytura taõ excellente, que no dia do Juizo, ainda que os Anjos haõ de ajuntar a materia dos mortos, 11 dizem graviſſimos Doutores, que ſó Deos reformará della os corpos para a reſurreyçaõ. 12 Triſmegiſto lhe chamou *Deos mortal.* 13

4 Diſſe que o faria *à ſua imagem, & ſemelhança*; 14 no interior, 15 que he o verdadeyro homem; 16 & na Juſtiça original; 17 ſe bem Eugubino, & outros Eſcritores dizem que para formar o homem tomou Deos imagem, & ſemelhança humana. 18 A' ſua ſemelhança o creou aquella grandeza taõ confiada, que naõ ſe dedignou de ter ſemelhante, para que em ſi meſmo contemplaſſe o Creador, para cauſar amor reciproco; para que foſſe conhecido por couſa ſua, trazendo o ſello de ſua Imagem; para deyxar ſua effigie naquella fabrica excellente, como os Principes coſtumaõ nas Cidades, & obras magnificas de que ſaõ fundadores; para que ficaſſe mais capaz das couſas mais altas; & para que tudo o reſpeytaſſe por ſemelhante ao ſupremo *Senhor.* 19

5 E aſſim accreſcentou Deos, *& que eſſe homem preſidiſſe a tudo*: 20 conſequencia neceſſaria, como parece que moſtra a conjunçaõ, *&*, de que uſou; pois hum ſemelhante a Deos naõ póde deyxar de preſidir; nem pudera preſidir ſem eſſa ſemelhança; a quem o Author de tudo havia de entregar tudo; havia de exceder a tudo o da terra; o Vice-Rey havia de parecer Rey: devia de repreſentar hum Vice-Deos, quem havia de imperar ao mundo; dignidade taõ grande, (notou S. Joaõ Chryſoſtomo) q̃ ainda depois de peccar ſe naõ arruinou de todo. 21

6 No Campo que depois ſe chamou *Damaſceno*, 22 (ou porque *damaſech* ſignifica *miſtura de ſangue*, & alli matou Caim ao Santo Abel; 23 ou de *Damaſco Elier* ſervo de Abraham) diſtante ſeſſenta legoas donde a Cidade Damaſco ſe vè hoje,

24 lhe

4 *Pedro Mexia na Silva de var. lig. lib 3. c 27. Diogo Matute de Genaſiet na Proj. ap. de Chriſto, idade 1. c. 13. P. Fr. Joſepo de Jeſu Maria na vida, & excel. de N. Senhora, l. 3. c. 17. n. 4.*

5 *Geneſ. 1. 26.* Faciamus hominem.

6 *Magiſter Sent. l. 2. diſt. 13 §. 16.*

7 *Perer. in Geneſ. lib. 4. in Praef. n. 3. Bened. Fern Gen c. 1 ſect. 9. n. 2. in fin.* Ubi creati cœpit homo, fides, & dogma veritatis emicuit.

8 *Gen. d. c. 1. 3.* Dixit Deus: Fiat lux, & facta eſt lux.

9 *Tertul. l. 2 adverſum Marcion.*

10 *D. Chryſoſt. homil. 8. in Gen. Mag. lib. 2. diſt. 15. § 5. Joan. Frãc. Loredano nel Adamo.*

11 *Matt. 24. 31.*

12 *Soto in 4 diſt. 43. q. 5. §. dez. dico ut. B. Pineda d. l. 1 c. 5. §. 1. Abulenſ. & alii apud Æginium de Beat tom. 3. q. 5. art. 4. §. 2. n. 4.*

13. *Triſmeg. in Pimand. & ad Aſclep.*

14 *Gen. c 1 26.* Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram. *Eccleſiaſt. 17. 1.*

15. *Magiſter l. 2 diſt. 16 §. 4.*

16 *D. Thom. p. 1. q. 93. maximè in art. 6.*

17. *Gloſſa interlin.*

18 *Eugubin ſup. Pſalm* Domine probaſti me. *& alii apud P. Fonſeca, de amore Dei c. 10. prop. fin.*

19 *Bened. Perer. d l. 4. Gen. n. 57. in digreſſ. moral poſt queſt. 8. & vide infra in 2 p. c 45. n. 4.*

20 *Gen. d. c. 1. 26.* Et præſit &c.

21 *D. Chryſoſt Serm. Quemodo primus homo, in princ. tom. 1.*

22 *Bened Fernand. in 2 Gen. ſect 6. n 1.*

23 *Genebrard. in Chronographiâ.*

24 lhe formou em idade perfeyta 25 o corpo de lodo: 26 para que a origem lhe abateſſe a ſoberba, conſiderando-ſe de terra, 27 poſto que foy eſcolhida; 28 mas com o roſto para o Ceo, contra a fórma dos outros animaes, 29 olhando para as alturas, que ſó lhe convèm. 30

7 Naõ teve logo vida ſó com a formaçaõ, como os outros animaes tiveraõ, 31 porque a teria mais excellente; 32 diz o Texto, que Deos lha inſpirou no roſto, 33 parte ornada com ſentidos, que devem contemplar as couſas altas. 34 Muyto amaria aquella alma, quem a tirava das proprias entranhas. 35

8 Chamoulhe Adam, 36 que em Hebreo ſignifica *feyto de terra vermelha*, 37 da qual o formàra; 38 nome patronimico a todos os homens 39 pois ſaõ da terra. Naõ eſperou Deos, que elle ſe puzeſſe nome, como poz a todos os animaes; 40 ou pelo honrar, pondolho elle meſmo, como Senhor ſeu; 41 ou porque o homem, ainda que a todo o mais conheça, nunca ſe conhece para ſe definir. 42

9 Ou no inſtante em que lhe criou a alma, ou depois (no que ha diſputa curioſa) 43 o illuſtrou o *Senhor* de bens naturaes, & ſobrenaturaes; particularmente da Juſtiça original, a qual dizem os Theologos 44 que era huma rectidaõ na natureza humana, porque o homem tinha perfeyto dominio ſobre as forças ſuperiores, & inferiores. De maneyra, que em aquelle eſtado, a parte ſuperior da alma eſtava ſugeyta a Deos; a ella todas as forças do corpo, com tal ſubordinaçaõ, que a ſugeyçaõ primeyra era cauſa da ſegunda, & a ſegunda o era da terceyra; reduzida aſſim toda a natureza à unidade, & ordenada a ſeu Creador.

10 Durando aquella rectidaõ, naõ podia haver peccado, nem venial, explicando eſta aſſerçaõ com o Padre Bento Fernandes, doutiſſimo Portuguez; 45 porque tudo eſtava com ordem, ſervindo os membros à cabeça, & a cabeça a Deos. Caminhava o homem direyta, & ſuavemente a ſeu ultimo fim; & no tempo conſtituido por Deos a cada hum, paſſaria da felicidade começada à viſta clara do mayor bem, ſem pena de morte, (explicando tambem com o eruditiſſimo Portuguez Bento Pereyra) 46 ſendo o terreſtre corpo trocado em eſpiritual, como na gèral reſurreyçaõ o, ſeraõ os dos juſtos; & reveſtido de incorrupçaõ, & immortalidade; 47 teriaõ alèm diſto os homens todas as felicidades temporaes. 48

11 No primeyro Progenitor foy dada eſta rectidaõ, & juſtiça original a toda a natureza humana, (porque modo, & em que termos, deyxamos aos Theologos, 49 porque a noſſo intento baſta eſta noticia) com pacto de que os pays a tranſmittiſſem aos filhos como herança, ou morgado, ſe Adam guardaſſe a obediencia que devia a Deos; & ſe a naõ guardaſſe, que a perdeſſem. Aſſim como o fundador de hum morga-

24. *Pined.c.5 §.3.*
25 *Magiſter l.32 diſt.17 §.3.*
26 *Gen.2.7.*
27 *D.Chryſoſt.in Gen.hom.13.*
28 *Phil.l.de mund. opif. circa fin.*
29 *Ovid. Metam.l in princ.*
Pronaque cum ſpectent animalia cætera terram,
Os homini ſublime dedit, cælúque videre.
Juſſit, & erectos ad ſydera tollere vultus.
30 *D.Thom.p.1 q.91.in concluſ. Lactant.Firmian.de opific.Dei l.8 Senec.Ep.66.*
31 *Gen.1.20.* Producant aquæ reptile animæ viventis: *& infra ſæpe.*
32 *Ita D.Chryſoſt.d.hom.13.*
33 *Gen.2 7* Inſpiravit in faciem ejus ſpiraculum vitæ.
34 *Notat Mag l 2.diſt.17. § 2.*
35 P. *Fernand.in Gen. d. c.2. ſect.3.n.5 in princ.*
Quaſi ipſius Dei viſcera, amoreſque anima eſſe videtur.
36 *Gen.5.n 2.*
37 *Polyanthea, verbo, hominis, verſ. alii homenem.*
38 *Diego Matute, Preſap. de Chriſto idade 1.c.2.§.3. Joaõ Franciſco Loredano nel' Adamo.*
39 *Polyanthea ſup.*
40 *Gen.2.19.*
41 *Loredano nel' Adamo.*
42 *Philon l.1.allegor.* Mens quæ ineſt noſtrum unicuique, cætera poteſt comprehẽdere, ſe ipſum noſſe non poteſt.
43 *Referunt Pireda, Monarch. Eccleſ.l 1.c.6.§.2.*
Bened Pereyr.in Gen.l.5 n. 48 in 1. q.n.1.51.ubi cum D.Auguſtino reſolvit, quod in primo inſtanti.
44 *Ex D.Thom.2.Sent.diſt.21. q.2. art.3.latè explicant Pereyr. in Gen.l.3.aiſp de tert. excel. ſtat. innoc.ex n.86.& Fernand. in Gen 3. ſect.17 n.2.*
Fr. Joſeph de Jeſu Maria, hiſt. de N. S.l 1 cap.9.n.3.& cap 39.n.4.
45 *Fernand.ſup.n.3.cæterum.*
46 *Pereyr.d l.5.diſp.de4.Excel. ſtat innoc.ex n.139.*
47 *D Aug.de Civit.Dei, lib.13. cap.20.Boſius in Manual.hom.12. ad med.*
Per.in Gen d.l 5 n. 59.in 2.q. Vide D.Thom.p.1.q 97. art.4.
48 *Pereyr.in Gen l.5.in Præfac.*
49 *Pereyr.d.l.5.in diſp.de2.Excel.ſtat.innoc.maxime q.3. & 4.*

do no primeyro em o que encabeça, pòde obrigar os seus descendentes naõ nascidos, as condições da instituiçaõ; porque todos estaõ presentes no primeyro como membros em sua cabeça. 50

50 *Ex mente D. Thom. 1. q. 81. art. 1 Explicat P. Fr. Joseph de Jesu Maria, vida de N. Senhora l. 1. cap. 9. n. 3.*

CAPITULO III.

Como Deos poz a Adam no Paraiso terrestre, qual era, & se persiste ainda.

1 CReado, & illustrado da graça Adam, o poz Deos na mesma festa feyra à hora de terça, 1 levado, ou guiado por hum Anjo, 2 em hum lugar, que jà antes do homem tinha creado; 3 ao qual, para vida de suas plantas, conservaçaõ de sua amenidade, espelho de sua belleza, & vital humor de seus frutos, 4 regavaõ quatro famosos rios, nascidos de huma fonte, chamada *Phison*, & *Geon*, (hoje *Ganges*, & *Nilo*, 5 se bem alguns 6 dizem, que hoje se naõ sabem) *Tigris*, & *Euphrates*; povoado de todas as arvores fermosas à vista, & de pomos suavissimos ao gosto; 7 esmaltados os verdes prados com as flores mais bellas, & cheyrosas, aonde em Primavera perpetua se gozava a temperança dos melhores ares: os frutos naõ dependiaõ da variedade dos tempos: sempre claro, izento de trevas; promptuario, lhe chamou o grande Damasceno, 9 de toda a alegria, & delicias. Todas as que os Poetas representáraõ jardins de Alcione, Adonis, & Hesperides, se lhe naõ pòdem comparar: por isso se chamou *Paraiso* de *Pardes*, palavra Hebrea, outros dizem Grega, ou Persa, 10 que se interpreta *horto*, ou *jardim regalado*. 11 Naõ tinha Deos creado a Adam naquelle lugar, porque o naõ tivesse por natural, antes o devesse à graça. 12

2 Graves Authores escrevèraõ, que naõ era corporeo com real assistencia, mas intellectualmente representado a Adam com allegoria espiritual; outros, que era corporeo; porèm que estava nos Ceos, junto do Orbe da Lua; outros, que na suprema regiaõ do ar; outros, que todo o Mundo era Paraiso; outros, que estava fóra deste Mundo que se habitava, em outro separado alèm do Oceano; & alguns declaraõ, que estava na America à parte do Perù; outros, que debayxo da linha Equinoccial. 13 A gentilidade antiga, que ou por tradiçaõ, ou por noticia que tinha dos primeyros livros da Escritura sagrada, 14 arremedou em suas fabulas a verdade, (pòde ser que por astucia do Demonio, para a desacreditar) 15 fingio com semelhante belleza, & facilidade os campos Elysios, 16 tendo a mesma duvida sobre o lugar em que estavaõ. Huns diziaõ que no Ceo das Estrellas fixas; outros, que perto do globo da Lua; outros, que no meyo dos infernos, outros, que nas

Ilhas

1 *Moysès Barsepha de Paradiso. Pined. in Monarch. Eccles. t. 1. cap. 11 §. 1. Matute na Prosap. de Christ. idade 1. cap. 1. §. 3.*

2 *Bened. Pereyr. in Gen. l. 4. n. 112.*

3 *Gen. 2. 8.* Plantaverat autè Dominus Deus Paradisum voluptatis à principio.
Magister sentent. l. 2. dist. 17 §. 4. Pereyr. 2. Gen. 3 n. 2.

4 *R. P. Fr. Joseph Xim. Samaniego no argument. antes da vida de Escoto.*

5 *Joan. de antiq. l. 1. c. 2. Bened. Fern. 2. Genes. sect. 5 n. 3.*

6 *Per. sup. ex n. 99. Lored. ne t' Adame.*

7 *Gen. 2. 8. cum seqq.*

8 *D. Basil. in Orat. de Paradiso.*

9 *D. Damascen. l. 2. de Fide orthodox. cap. 11.*

10 *Pereyr. supr. n. 1.*

11 *D. Isid. Etymol. l. 14. c. 13. Pined. d. l. 1. c. 6 §. 4. Polyanthea. verbo Paradisus.*

12 *Magist. l. 2 dist. 17. §. 5.* Ut non naturæ, sed gratiæ hoc assignaretur.

13 *Referem estas opiniões Pereyr. ex n. 12. Joan. Michael. syntag. hist. l. 1. sect. 1. n. 5. & 6.*

14 *Aug. l. 2. Reg. c. 4 D. Ambros. l. de Sacrament. & v. de Prophet. c. 28.*

15 *Notavit D. Justin. Martyr 2. apolog. pro Christo*

16 *Descreve a Virg. Æneid. l. 6. & Anton. Muret. l. 5 cap. 2.*

Ilhas Fortunatas; 17 alguns que em Heſpanha. 18 E naõ faltou quem diſſe que em Portugal, como em outra obra largamente eſcrevemos. 19 O certo he, confórme o Texto, que o Paraiſo era corporeo terreſtre, 20 neſte noſſo Orbe à parte Oriental, aonde tem naſcimento aquelles rios; 21 & parece que em Meſopotomia. 22 Naſceo eſta incerteza, de que ſahido Adam delle, ficou guardando ſua entrada hum Querubim com eſpada de fogo, 23 por medo do qual dizem, que ninguem ſe atreveo a tentalla, poſto que o caminho ſe conhecia antes do Diluvio. 24

3 Depois do Diluvio ſe duvída ſe perſiſte. A opiniaõ commua (poſto que naõ carece de contraditores) 25 diz que ſim, 26 & parece que ajuda hum lugar do Apocalypſe 27 tomado literalmente, em que ſe falla deſte como perſiſtente. Entende eſta opiniaõ, que da gèral ruina, que as aguas fizeraõ, aſſim como foy exceptuado Henoch, 28 foy miraculoſamente 29 exceptuado aquelle Paraiſo em que elle vive. 30 Tambem dizem muytos Authores com S. Jeronymo, que neſte eſtá Elias: & o engenhoſo Doutor Catharino eſcreveo hum livro, procurando moſtrar que eſtá com elles Saõ Joaõ Evangeliſta; 31 mas iſto de S. Joaõ tem grandes contraditores. Eſcrevèraõ alguns, que ſe ſabia por onde ſe hia a elle; 32 mas que por impedimentos ſe lhe naõ podia chegar; o mais provavel he, que ninguem o tentaria, pois os Gentios o naõ crem; & os Hebreos, & Chriſtãos ſabem que os impediria o Querubim. Referirſe que hum Macario Romano com outros tres Monges, depois de largo caminho, chegáraõ à ſua entrada, donde foraõ lançados por força ſe tem por aprocrifo.

4 Naõ obſta dizerſe, que ſe perſiſtiſſe, ſe acharia no naſcimento que hoje ſe ſabe daquelles rios, pois delle naſciaõ. Porque ſe reſponde, que he provavel, que depois do Diluvio ficàraõ rios com differente naſcimento; 33 & com poucas leguas que eſtes ſe mudaſſem, ficariaõ em outra parte, porque o Paraiſo naõ occupava muyta terra. 34 Se dentro de Heſpanha eſtiveraõ muytos ſeculos encubertas entre mõtes as Villas das Batuecas, povodas de gente, que fugio dos Mouros quando entràraõ em Heſpanha; naõ he muyto que ſe naõ ache o que ſe occulta por myſterio.

5 Quanto mais, que o naſcimento do *Nilo* ſempre foy eſcondido, poſto que Reys, & Emperadores o buſcàraõ; 35 donde fabulou Ovidio, 36 que fugindo do fogo, eſcondèra a cabeça, & nunca ſe achára. Por authoridade de Plinio 37 ſe diſſe que naſcia na Mauritanía inferior da lagoa *Nilide*, em hum monte perto do Oceano, & que occultando-ſe jornada de alguns dias, ſahia em outro lago mayor na Mauritania Ceſarienſe, & tornava a embeberſe em huns areaes, & por deſertos, jornada de vinte dias, chegava aos Ethiopes, aonde ſahia de novo em huma fonte, ou rio chamado *Nigris*, & que finalmente

17 *Refere eſtas opinioens Pedro Sanch. Viana nes Cõment. a Ovid. Metam. l. 11. n. 4. Torcato Taſſo na Jeruſalem cantic 15 eſt. 36.*

18 *Refere Fr. Franc. de Bivar no comment. a Flavio Dexio a cap. 66. n. 6.*

19 *Nas Excellencias de Portugal, cap. 1. Excellenc. 6. n. 1.*

20 *Magiſt. Sent. d. §. 4.*

21 *Gen. 2.*

22 *Pereyr. ſup. n. 122. Loredago ſup.*

23 *Gen. 3. in fin.*

24 *D. Chryſoſt. citatus a Pereyr. ſup. c. 37. Maiute d. idade 1. c. 7 §. 6.*

25 *Pereyr. ſup. n. 40. in q 5. & l. 7 ex n. 167. in q. 7.*

26 *Apud Bened. Ferrand. 2. Gen. ſect. 4 n. 1 ad fin.*

27 *Apocal. d. 7.* Vincenti dabo edere de ligno vitæ, quod eſt in Paradiſo Dei mei.

28 *Diremos na 2. p cap. 12. n. 7.*

29 *Scot 2. Sent. diſt. 17. q. 2.*

30 *Eccleſiaſt. 44. 16.*

31 *Tudo refere Pineda na Monarchia Eccleſ. p. 1. c. 1. lib. 23. §. 3.*

32 *Refere Abul. ad cap. 13. Gen. q. 93.*

33 *Genebrard. in Chronographia Pined. l. 2. cap. 5. §. 12. Fernand. ſup. ſect. 5. n. 3. Maiut. Proſap. de Chriſt. idade 1. c. 7. §. 6. Loredan. nel. Adamo. Com a doutrina de Ariſtoteles l. 1. Meteor.*

34 *Pereyr. in Gen. d 3. n. 33.*

35 *Jul. de Caſtillo hiſt. dos Godos lib. 1. diſcurſ. 1.*

36 *Ovid. Metam. l. 3.*

37 *Plin. 5. cap. 9.*

mente

mente entrava no mar por ſete boccas: pelo que os Poetas lhe chamavaõ ſete dobrado. 38 Os deſcubridores modernos affirmaõ, que naſce de grandes lagoas junto dos montes da Lua, naõ longe do Cabo de Boa Eſperança, & em nada diſto ha certeza: ſó he certo ſer rio myſterioſo, porque em certa parte ſe deſpenha com ruido, que obrigou aos moradores daquelle termo ao deſpovoarem, porque os enſurdecia. 39 Suas aguas creſcem no Eſtio, quando todas minguaõ: & porque muytas terras ſe ſuſtentaõ de ſeu regadio ſem chuvas, he neceſſario tal medida na creſcente, que nem falte às altas, nem tarde muyto em deſaugar; a conviente he de doze, ou treze, atè dezoyto covados de alto. 40

6 Os Gentios da India tambem tem o *Ganges* por myſterioſo, por cuydarem que aſſim ſe purificaõ de ſeus peccados, ſe lavaõ nas ſuas aguas, tendo-as por ſantas; 41 parece que ainda eſta opiniaõ lhes reſulta daquelle Paraiſo, como ao *Nilo* aquellas myſterioſas qualidades. Do ſobredito ſe faz provavel, que o Paraiſo terreſtre exiſte, poſto que ſe naõ poſſa affirmar.

38 *Ovid. Met. l. 1.*
Sic ubi deſcruit madidos ſeptemfluus agros.
& l. 5.
Qui ſe genitũ ſeptemplice Nilo: *& iterum*: Septem diſcretus in oſtia Nilus.
& l. 5.
Perque papyriferi ſeptemflua flumina Nili.
idem l. 3. eleg.
Ille fluens dives ſeptenna per oſtia Nilus.
Virg. Æneid l. 6.
Et ſeptem gemini turbant trepida oſtia Nili.
Claudian.
Oſtia nigrantis Nili ſeptenna vaporat.
Fauſtus.
Quaque ferax ſeptem Nilus abundat aquis.
O Principe de Eſquilache, no canto de Antonio a Cleopatra.
A donde el agua indomita Africana
Por ſiete bocas del Nilo ſorbe.
O Conde de Villa mediana na fabula de Phaetonte:
Del Nilo yà la ſeptima garganta.
39 *Matute d. c. 7 §. 6.*
Joaõ Pablo Martyr, Riſo na vida de Mecenas, fol. mihi 55 v.
40 *Herodot lib. 3. Plin. d. c. 9. Pined. d. p. 1. l. 2. cap. 8 §. 1. Jul. de Caſtilho ſupra.*
41 *Bened. Fern. d. ſect. 5. n. 3.*

CAPITULO IV.

Como Deos poz ley a Adam; elle começou a exercitar imperio: o Senhor *lhe deo mulher, & que felicidades gozava.*

1 DIz o Texto ſagrado, que poz Deos a Adam no *Paraiſo*, para q̃ trabalhaſſe nelle, & o guardaſſe; 1 (entende-ſe das féras (& ordenoulhe iſto por delicia, como alli era tudo; porque no eſtado da graça o trabalhar naõ daria moleſtia, 2 & elle goſtaria mais dos frutos cultivados pela ſua maõ.

2 Permittiolhe comer de todas as arvores que alli havia; accreſcentando: *Mas naõ comas da arvore da ſciencia do bem, & do mal, porque no dia que comeres, morreràs.* 3 Pela fraſe do dia entendeo o momento: & naõ ſó da morte eſpiritual, que ſeria preſentanea; mas tambem da corporal, cuja neceſſidade ſe incorreria logo, & começaria logo a executarſe, pois vamos morrendo cada dia, & cada momento. 4

3 Chamou àquella arvore *da ſciencia do bem, & do mal*, porque (entre outras explicaçoens) 5 ainda que pela ſciencia infuſa o conhecia eſpeculativamente; com tudo ſe obediente naõ comeſſe, experimentaria o bem de todas as venturas; & ſe deſobedeceſſe comendo, ſentiria o mal de todas as deſgraças. 6 A experiencia aperfeyçoa a ſciencia: 7 o bem melhor ſe conhece perdido; o mal he mais ſenſivel quando ſe padece.

4 Duvida-ſe que arvore era. 8 As circunſtancias que o Texto declara, de que ſeus pomos fermoſos aos olhos, deleytaveis

1 *Geneſ. 2. 15.*
2 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 14.*
3 *Gen. 2. 16. & 17.*
4 *Vide infra c. 10. n. 3.*
5 *De quibus Bened. Pereyr. Gen ex n. 88 q. 3. Bened. Fernãd ibi ſect. 4. n. 7. & 12.*
6 *D. Chryſoſtom in Gen hom 16. D. Auguſt. l. 8. de Gen. ad lit. cap. 15. Magiſt. Sent. l. 2 diſt. 17 §. 5.*
7 *Ariſt. l. 1. Metaphyſic. c. 1. & l. 6. Ethic. c. 4. & ſæpe*
8 *Pereyr. d. l. 3. n. 83. q. 2.*

veis à viſta, moviaõ o appetite de os comer; 9 competem à dourada purpura das maçãs, ou peſſegos: & naõ quadra aos figos, como cuydáraõ alguns Authores; 10 nem às uvas, como outros imag nàraõ. 11 O nome de pomos porque os antigos tratáraõ eſte ſucceſſo, em ſeu principal ſignificado diz *Maçã*: 12 a tradiçaõ pelas pinturas o confirma. E deſtas fingíraõ os Poetas as maçãs de ouro, que no jardim das Heſperides guardava o dragaõ, que naõ dormia; tinha muytas cabeças, & uſava de varias vozes, 13 arremedando à verdadeira hiſtoria da ſerpente, que fallou a *Eva* debayxo da arvore do melhor jardim; finalmente hum Texto dos Cantares o declara, chamando a eſta arvore, *Malus*, 14 que ſignifica *Maceyra*.

5 Neſta reſerva (diz o grande Chryſoſtomo) 15 ſe houve Deos como hum poderoſo Principe, que dá liberalmente hum amplo feudo com huma penſaõ tenue, ſó em final de reconhecimento. Nota hum moderno, 16 que queria o *Senhor*, que Adam mandaſſe com o freyo de ſer mandado, para que a altivez de Principe ſe moderaſſe, vendo-ſe ſugeita à ley; poſto que ſoubeſſe que havia de quebrantalla, quiz moſtrar, que era neceſſario havella; 17 poz taõ grande pena, para que ao menes por temor della, ſe obſervaſſe a prohibiçaõ, & com a guarda ſe moſtraſſe Adam obediente, merecceſſe a vida eterna, & a confirmaçaõ do morgado da juſtiça original para ſi, & para ſeus deſcendentes. 18 O merecimento eſtava na difficuldade da ley, que limitava niſto a liberdade, & reprimia hum appetite; 19 mas difficuldade facil de vencer. Que facilmente ſe paga a liberalidade Divina! Concedeo-ſe ao primeyro homem poder peccar, para que ficaſſe mais glorioſo ſenaõ peccaſſe. 20 Mandou o *Senhor* para provar o obſequio; legislou para examinar a vontade; poz preceyto para conhecer o arbitrio; & ficou pendendo noſſa ſaude, naõ no fruto da arvore, mas na eleyçaõ do primeyro Pay; ſe eſcolheria os amcaços de Deos para ſalvar, ou as perſuaçoens do demonio para deſtruir; ſe anteporia a liſonja de quem o matava, á ſuavidade quem o queria eternizar. 21 Para premio da vitoria (diz Tertulliano) 22 ſe Adam venceſſe a batalha, eſtava no *Paraiſo* a outra arvore da vida, 23 que teria eterna; 24 mas nem aquella viſta refreou o appetite.

6 Intimou Deos o preceito ſó a Adam como a cabeça, 25 & aſſim o notificou elle a *Eva* depois de formada. 26

7 Poſta ley a Adam, proſegue o Texto, 27 que exercitou o officio de Rey: ſem ley de Deos ninguem póde governar. Mas deſpido, ſem caſa, & ſem apparato governou; porque a dignidade Real naõ conſiſte em purpura, em paſſo, nem em pompa, mas ſó no cuydado de governar bem. Diſſe Iſaías, 28 que o Principado de *Chriſto* eſtava ſobre ſeus hombros, (que he o trabalho) & que ſeu nome era *Conſelheyro*, (que he o governo.) 8 Ainda naõ tinha Deos dado mulher a Adam que o em-

9 *Gen.3.6.*

10 *Nicephor.hiſt.Eccl.l.12.17. Theodor.in Gen q.28.*

11 *Refer. gloſſa.verbo,videri, in l. qui fundum 205 ff. de verb.ſignific.*

12 *Anton.Nebr.in dictionar.*

13 *Ovid. Metam.l.9.*

14 *Cant.8.5.Sub arbore malo.*

15 *D.Chryſoſt.in Gen hom.14.*

16 *Loredano nel Adamo.*

17 *P.Suar.de leg.l.9.c.1.n.5. ad med.*

18 *Ita Fr.Joſeph de Jeſu Maria na vida de N.S.l.1.c.9.n.10. in fin.*

19 *Perer in Gen. lib.4.n. 149.*

20 *D.Bernard de liber arbitr. ad med.*
Datum eſt homini poſſe peccare ob prærogativam liberi arbitrii, datum autem, non ut proinde peccaret, ſed ut glorioſior appareret, ſi non peccaret cum peccare poſſet.
Magiſter l.2.diſt.23.in princ.

21 *D.Chryſoſt.Serm. de inter. dict. arbor. in 1.tom.*

22 *Tertullian.in Apocalipſ.2.*
Lignum vitæ tamquam certaminis præmium.
D. Amb. tract. de arb. interd.

23 *Gen.2.9.*

24 *Vide infra c.12.n.2.*

25 *Magiſter l.2.diſt.11 §.ult.*

26 *D.Auguſt.8.Gen.ad lit.c.17. Pineda, Monarch.Eccleſ.l.3.c.8.§.1 & c.9.§.1.*
P.Suar.de Leg.l.9.c.1.n.5.in fin.

27 *Gen.2.19.*

28 *Iſai.9.6.*

em-

embraçaſſe: para que conheceſſe ſeus vaſſallos, vieraõ dous de cada eſpecie de animaes, por provimento que Deos lhes deo; ou por miniſterio de Anjos, 29 a renderlhe obediencia; 30 (ſó os que naſcem de geraçaõ, naõ os que ſe geraõ de corrupçaõ por ſua vileza; 31 & porque ainda os naõ havia) naõ vieraõ os peyxes, porque naõ podendo ver fóra do ſeu elemento, naõ era bem que a viſta de ſeu Rey lhe cuſtaſſe a vida. E aſſim como hiaõ paſſando, elle por mandado de Deos lhes hia pondo os nomes, muyto confórmes à natureza de cada hum; 32 moſtrando neſta impoſiçaõ imperio, & ſciencia; & elles o reconheciaõ por humas eſpecies como congenitas na parte eſtimativa, & imaginativa, mediante as quaes entendiaõ a lingua quanto era neceſſario para obedecerem promptamente. 33 A lingua foy a Hebrea como diremos em outra parte, 34 infundida por Deos a Adam com as ſciencias. 35

8 Diſſe Deos: *Naõ he bem que o homem eſteja ſó*; 36 & quiz darlhe companheyra que o ajudaſſe participaſſe de tanto bem, & lhe dèſſe filhos para continuaçaõ, 37 & para ſervirem ao meſmo *Senhor*. Diz hum grave Doutor que elle a pedio, 38 notando que em todas as eſpecies de animaes havia macho, & femea, & que Deos alludio à utilidade que a *Virgem Maria* traria ao mundo.

9 Naõ a formou Deos da terra, como ao primeyro homem; mas para moſtrar que ambos eraõ da meſma natureza, & que o genero humano tinha huma ſó maſſa principiativa, & huma ſó fonte, 39 infundio em Adam hum ſomno profundo, (genero de extaſi, em que lhe foraõ revelados myſterios Divinos, 40 entre elles o da Encarnaçaõ) porque naõ ſentiſſe dor, & por iſſo lhe ficaſſe mal affecto; & lhe tirou huma coſta, de que edificou a mulher ſemelhante a elle, multiplicando a materia, como nos poucos páes, & peyxes com que fartou tantos mil homens. 41 Diz o Texto: *edificou*, naõ diz *formou*, (nota Saõ Chryſoſtomo 42) porque da parte de Adam já formado a edificou em perfeyçaõ. Com iſto multiplicou entre ambos as cauſas de ſe amarem pela ſemelhança; & porque havendo ſido hum ſó no corpo, era bem que foſſe hum ſó no animo; 43 & aſſim a coſta, ſegundo alguns Authores, 44 naõ foy da parte direyta, que he a mais forte, mas da eſquerda, que he a mais delicada, & donde naſceo o affecto amoroſo. Da coſta a edificou, que he o meyo do corpo, pela ſociedade em que deviaõ viver; naõ da parte ſuperior, ou inferior, porque naõ devia ſer Senhora, nem eſcrava, naõ do peyto, porque a naõ antepuzeſſe; naõ das eſpadoas, porque elle naõ foſſe diante; mas do lado, como quem paſſea igual. 45 Semelhante a elle, diſſe Deos que a fazia pelo meſmo termo; *façamos*, 46 de que uſára na creaçaõ do homem, moſtrando na ſubſtancia igual excellencia. 47

10 Foy edificada a mulher dentro do Paraiſo; 48 & com tudo

29 *Par. in Gen. l. 5. n. 9. Fernand. in 2. Gen. ſect. 10. n. 1.*
30 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 9. & 14.*
31 *Abulenſ. in 3. Geneſ. q. 318.*
32 *Gen. d. l. 2. 19.*
33 *Moyſes Barcepha l. de Paradiſ. Diogo Matut na proſap. de Chriſto, idade 2. c. 5 §. 8. in princ.*
34 *P. 2. c. 4 n. 2 1. cum ſeqq.*
35 *Pined. d. l. 1. c. 12. §. 3 & 6. Perer. d. l. 5. n. 14. & l. 16 àn. 11. Fern. diſect. 10. n. 3. & ſect. 15 n. 1.*
36 *Gen. 2. 18.*
37 *D. Thom. 1 p. q. 93. art. 1.*
38 *Fernand. d. ſect. 10. n. 2. &c. 1. ſect. 8. n. 6. ad med.*
39 *D. Ambr. l. de Paradiſo c. 10 refertur in c. nec illud, 33. q. 5. Magiſt Sent. l. 2. diſt. 18. §. 1.*
40 *D. Auguſt. l. 9. de Gen. ad lit. c. 19. D. Hieronymo & alii apud Bern. ſup. ſect. 11 n. 1. D. Bernard. Serm. in Vigil. Nativit. paulò poſt princ. Vide infra c. 15. n. 35.*
41 *Magiſt. diſt 18. §. 4. Pineda d. l. c. 8. §. 2. ad fin.*
42 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 15.*
43 *Theodor. in Gen. q. 30. Pineda ſup. a.*
44 *Apud Pined. d. c. 8. §. 3. Perer. in Gen. l. 4. n. 192.*
45 *Magiſt. ad diſt. 18. §. 2. Pined. d. §. 2. Fr. Heytor Pinto nos Dialeg. tom. 2. Dial 4 c. 7. Fernand. in Gen. 2. ſect. 12. n. 5. Teraq. de leg. con nubiet. 8 n. 12.*
46 *Gen. 2. 18. Faciamus ei adjutorium ſimile ſibi.*
47 *D. Chryſoſt hom. 14 in Gen.*
48 *D. Thom. 1. p. q. 102. art. 4.*

tudo, quanto ao governo, inferior ao marido creado fóra delle, (como Pay da natureza) porque do officio vem a superioridade, naõ do melhor naſcimento. 46 Naſcer no Paraiſo ſe devia à figura da *Mãy* da graça,

11 Das mãos do ſoberano Artifice ſahio aquella feytura a mais bella, delicada, gracioſa, & aprazivel donzella, que houve no mundo; ſó a excedeo a *Virgem Maria*, em quem o meſmo Artifice apurou as mayores perfeyçoens. Mandou o *Senhor* àquelles caſados, que multiplicaſſem, & povoaſſem a terra; 50 & com tudo ſe conſervàraõ virgens em quanto eſtiveraõ naquelle *Paraiſo*; 51 o contexto da hiſtoria Sagrada 52 o moſtra, & ſe aſſim naõ fora, ella concebèra logo, ſegundo o bem que a natureza eſtava diſpoſta, & o filho gèrado antes do peccado, fora izento delle, 53 o que naõ houve. Convinha que naõ concebeſſe antes da tentaçaõ, para que nella mereceſſe, ou deſmereceſſe a deſcendencia o morgado paccionado.

12 Aſſim ſe achava Adam na mayor bonança; taõ gentil na peſſoa, como formado pela maõ de Deos; na florente diſpoſiçaõ de trinta annos; 54 dotado de todas as ſciencias; Rey pacifico do Univerſo: poſta ſua Corte no mais deleitoſo lugar: cõ eſpoſa muyto à ſua vontade, como elle meſmo diſſe: 55 enriquecida ſua alma de ſoberanos dons; porque com a juſtiça original, dizem os Theologos, 56 que tinha conhecimento da fé independente dos ſentidos, ſó por Divina inſpiraçaõ interior; conhecia ſeu Creador, naõ por conhecimento eſcuro, mas por contemplaçaõ clariſſima; tirava eſte conhecimento por influencia da luz Divina, & naõ por ſemelhança da fantaſia: podia attender à contemplaçaõ na parte ſuperior, & juntamente exercitar as obras da vida activa. David diſſe 57 que era pouco menos que Anjo, coroado de gloria, & de honra, & o puzera Deos ſobre as obras de ſuas mãos; Saõ Gregorio, 58 que aſſim como Deos o plantàra em hum Paraiſo terreſtre cheyo de deleytes, tambem creára em ſua alma hum paraiſo, onde gozaſſe outros mais nobres, & mais proprios a racional, & S. Bernardo, 59 que aquelles eſpoſos *habitavaõ no Paraiſo, converſavaõ no lugar de delicias, naõ ſentiaõ moleſtias, nem neceſſidades, entre cheyroſos pomos, cercados de flores, coroados de gloria, & de honra, conſtituidos ſobre as obras da maõ do Creador, excellentes pela inſignia da ſemelhança Divina, tinhaõ a ſorte, & ſociedade com a multidaõ dos Anjos, & com toda a Milicia Celeſtial.*

49 *D. Ambroſ cap. 4. referẽtur in cap. aliud 9. diſt. 40.*

50 *Geneſ. 1. 28.*
51 *D. Chryſoſt hom. 16. in Gen.*
52 *Gen. 4. in princip.*

53 *Probat Matut. ſup. idade 1. cap. 1. §. 4. 5. & 6.*
Idem eſſe de jure civili, latè Molina de primog. l. 4. c. 11. n. 15.
Concil. Tolet. 13. cap. 1 Non imputantur filiis peccata parentum, quæ poſt eorum nativitatem à parentibus committuntur.

54 *Hiſt. Scolaſt. cap. 25.*
Pineda d. l. 1. c. 12. §. 1. in princip.
55 *Geneſ. 2. 23.*

56 *Cum multis Pineda d. lib. 1. c. 5. §. 2.*
Fr. Joſeph de Jeſu Maria hiſt. de N. Senhora lib. 1. c. 25. n. 5. c. 28. n. 2. & lib. 2. c. 22. n. 2. & l. 4. c. 16. n. 4.

57 *Pſalm 8. v. 6.*

58 *D. Greg. Moral. l. 18. c. 14. in fin.*

59 *D. Bern. Serm. 35. in Cant. ad med.*

CAP.

CAPITULO V.

Que tempo estiverão nossos primeiros Pays no Paraiso terrestre: como Eva *enganada pelo demonio na serpente, comeo do fruto vedado, & persuadio a Adam a comer delle.*

1 INfanda, & lastimosa dor nos manda renovar a ordem da historia que seguimos: como o peccado privou de tantas riquezas a nossos Pays: como destruhio o Reyno mais opulento; parece que vimos aquella ruina miseravel, segundo a grande parte que fomos nella. Quem deterà as lagrimas em tal narraçaõ? como de outra bem menos lamentavel, disse o mayor Poeta: 1 se o papel mostràra os gemidos, delles se vira cheyo em lugar de letras, mais pela culpa, que pela pena; em caso que o castigo nos faltàra, como dissimulariamos a ignorancia, que ainda hoje padecemos? A sciencia Divina, a que he presente tudo, passado, a està vendo, posto que naõ com ira como peccado actual; mas com benevolencia de jà remido; & sendo certo, como dizem os Theologos, 2 que Deos nada vè fóra de si, mas dentro de si, sendo-se espelho, he mais fea aquella vista (como o negro junto do branco) na companhia da Divindade infinitamente bella; & quanto mais devemos a Deos por nos estar amando á vista de o havermos offendido, tanto mais devemos envergonharnos de que elle esteja sempre vendo, que somos inimigos seus. Grande confusaõ para todo o peccador! Job naõ sabia o que nella havia de fazer; 3 David (com saber que estava perdoado) 4 pedia a Deos, que tirasse os olhos de seus peccados, & que os apagasse de modo, que naõ pudessem ser vistos; 5 mas vendo que pedia hum impossivel, recorria a que choraria sempre, & procuraria lavar com lagrimas aquelle theatro de sua offensa. 6 Porèm ainda que a memoria paSme, a vista desfaleça, & a maõ trema ao escrever: alente-se o espirito na certeza do remedio, & na descripçaõ da necessidade reconheceremos a Deos o mayor beneficio; pois à medida de nossas dores nos deo a consolaçaõ: 7 Lembremonos do que padecemos, por naõ tornar a padecer o de que nos lembrarmos; naõ serà necessario nova experiencia, quando nos emendar a lembrança.

2 Duvida-se, que tempo lográraõ nossos primeyros Pays aquella felicidade. Huns Doutores cuydáraõ que seis, ou sete horas; houve quem disse; que só tres: outros hum dia; muytos que semanas, & mezes: naõ faltou quem disseSse, que sete annos: & quem lha alargasse a trinta & tres. 8 A melhor opiniaõ parece a dos que dizem que estiveraõ no *Paraiso* alguns dias

1 *Virg. Æneid. l. 2. in princip.*

2 *D. August. lib. 8. q. 46. D. Thom. 1. p. q. 14. art. 5.*

3 *Job* 7.20 Peccavi; quid faeciam tibi o custos hominum?

4 2. *Reg.* 12.13. Dominus transtulit peccatum tuum.

5 *Psalm.* 50. v. 11. Avrere faciem tuam à peccatis meis, & omnes iniquitates meas dele.

6 *Psalm.* 6. v. 7. Lavabo per singulas noctes lectum meum: lacrymis meis stratum meum rigabo.

7 *Psalm.* 39. v. 19. Secundùm multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.

8 *Refere estas opinioens Diogo Matute na Profaç de Christo, idade 2. cap. 1. §. 2.*

dias; 9 & dos que lhes ſinalaõ oyto. 10 Porque tempo conſideravel comèraõ dos frutos permittidos, como *Eva* diſſe à ſerpente; 11 naõ peccáraõ no ſexto dia em q̃ foraõ creados, pois diz o Texto, que vio Deos tudo o que tinha feyto, & que era muyto bom; 12 nem no ſeguinte, que foy Sabbado, pois tambem diz o Texto, que o *Senhor* o abençoou, & ſantificou. 13 Aquella primeyra ſemana foy das obras de Deos; na ſegunda, que era para as obras do homem, he provavel que elle peccaria. E ſer na ſeſta feyra tem congruencia com haver *Chriſto* Senhor noſſo padecido em outro tal dia, pois, como em ſeu lugar veremos, 14 atè nas horas correſpondeo a redempçaõ com o peccado. Dizer o Pſalmiſta (ſegundo huma letra) 15 que o homem eſtando naquella honra, naõ durou nella toda a noyte, he encarecimento do breve tempo que lhe durou; accreſcenta, que o demonio na ſerpente fallou na lingua que Deos tinha infundido a *Adam*, & *Eva*, como logo diremos; naõ podia ſabella, ſenaõ ouvindo aquelles calados converſar. E naõ ſe lhes offerecia, ſenaõ em alguns dias, uſar das palavras que o demonio aprendeo para ſe declarar com *Eva*.

3 Havendo oyto dias, que lográvaõ aquella felicidade, foy *Eva* à parte onde eſtava a arvore vedada, eſtando entre todas as mais no meyo do *Paraiſo*: 16 da parte mais occulta ſe offerece a mà occaſiaõ, ou lá vay a mulher buſcalla: & hum demonio chamado *Satael*, (que val tanto como *Satanás*, ou *contrario a Deos*) 18 invejoſo do bem do genero humano, 19 ſe lhe fez alli encontradiço, metido em huma ſerpente, geneto de vibora, tomando o animal mais aſtuto 20 por inſtrumento adequado para enganar. Deos lhe permittio figura taõ fea, porque *Eva* naõ tiveſſe deſculpa vendo ſua vileza. 21

4 Naõ temeo *Eva*, porque no eſtado da graça Adam, & ella dominavaõ tudo ſem temor. O demonio a quiz tentar conhecendo-a mais ſimplez, & mais ſugeyta à ambiçaõ, que o marido, 22 & poderoſa para o perſuadir. Para fallar moveo aquelle orgaõ ſempiterno a ſom de palavras, em modo que ſe exprimiſſe 23 na lingua Hebrea, que Deos tinha tambem infundido a noſſa primeyra Máy como a Adam. 24

5 Della ſe naõ eſpantar de que huma ſerpente fallaſſe, imaginàraõ alguns, que ella cuydaria que os animaes fallavaõ; mas naõ era taõ ignorante. 25 Outros tomàraõ occaſiaõ para duvidarem, ſe na realidade fallavaõ. 26 Philo Hebreo 27 refere, que os Gregos fingiaõ que ſim, & todos huma lingua; atè que deſejando livrarſe da velhice, & viver mais, pediraõ aos Deoſes remedio para remoçarem, como eſtava concedido à cobra, que deſpindo a pelle entre duas pedras, renova os annos; & que eſtando em conſelho ſobre eſta pretenſaõ, lhes confundiraõ os Deoſes a lingua, & ficàraõ com as diverſas vozes que notamos em ſuas eſpecies; com eſtas vozes ſe enten-

9 *D. Baſil. homil. de Paradiſo. D. Damaſcen. ac Fide ortod. l. 2. c. 10.*

D. Greg. & alii apud Maiute ſupra §. 3.

10 *Maiute d. §. 3. Pereyr. in Gen. l. 6. n. 189. Fernand. in 3. Gen. ſect. 41 n. 6.*

11 *Gen. 3 2.* De fructu lignorum; quæ ſunt in Paradiſo, veſcimur.

12 *Gen. 1. in fine.*

13 *Gen. 2. 3.*

14 *Nu 2. p. cap. 48. n. 8.*

15 *Pſalm. 48. v. ult.* Homo cùm in honore eſſet, non permanſit.

16 *Geneſ. 2. 9.*

17 *D. Chryſoſt. hom. de Adamo, & Eva in 1. tom.*

18 *Pineda in M. narch. Eccleſ. l. 1. c. 9. §. 2. in fine.*

19 *D. Chryſoſt. in Gen. hom. 16. D. Ambroſ. lib. de Parad. cap. 12. Magiſt. l. 2 diſt. 21. in princ.*

20 *Gen. 3. 1.* Callidior cunctis animantibus.

21 *Cum Lyra, Fernand d. c. 3. ſect. 1. n. 6.*

22 *D. Chryſoſt ſupra. Magiſter ſupra*

23 *D. Aug. l. 11. Gen. ad lit. c. 27.*

24 *Supra cap. 4. n. 7. in fine.*

25 *Pined. d. l. 2. cap. 9. §. 3.*

26 *Referunt Pereyr. d. l. 6 n. 5. Fernand in 3. Gen. ſect. 1 n. 1. Vide Joſeph de Antiq. l. 1 cap. 2. Mexia na Sylva l. 1 c. 36.*

27 *Philo lib de confuſ. linguar.*

dem entre si; 28 se bem creados principalmente os passaros) entre os de outra especie, tomaõ muyto das vozes que ouvem. Conforme àquella ficçaõ o engenhoso Esopo nas suas fabulas introduzio galantemente os Brutos fallando com discursos, que envergonhaõ os homens. He verdade que fallou a jumenta de Balaam; 29 & lemos que quando Annibal devastava Italia, fallaraõ boys; 30 hum disse: *Guarda-te Roma*, outro antes do Imperio de Augusto, disse ao lavrador, que o naõ cançasse; porque cedo faltariaõ homens; & naõ trigo, alludindo à mortandade das guerras civís. Plinio 31 conta que fallou hum caõ; em Egypto fallou hum cordeyro, governando Bocchoro; & hum cervo del-Rey Ptolomeo Philadelfo entendia a lingua Grega; 32 mas todos foraõ milagres, & portentos, que naõ fazem consequencia. Hum papagayo do Cardeal Ascanio, que repetia o Credo: 33 os mais papagayos, & outros passaros, que imitaõ as palavras que ouvem, naõ fallaõ, porque naõ exprimem conceyto seu. 34

28 *Hieron Fabric. de Aquapendente loquel. or. cap. 12.*

29 *Num cap. 22. 28.*

30 *Liv. dec. 1. l. 3 & d. 3. l. 7. & 8*

31 *Plin. l. 8. c. 41.*

32 *Text. in Offic. in p. 2. tit. Mirac. natur.*

33 *Mexia suprà.*

34 *Arist. Polit. l. 1. cap. 2.*

6 Naõ se admirou nossa Mãy de que a serpente fallasse, porque se empregou toda na curiosidade de conversar; depois que a serpente lhe disse, que seria como Deosa, cegouse com lhe fallar à vontade, & em nada mais reparou; 35 se o appetite a naõ cegàra, conhecèra que fallava o demonio, pois hum bruto naõ podia fallar.

35 *D. Chrysost. in Gen. hom. 16. ante med.* Sed ut audivit ab illo, &c. *Pereyr. d. l. 6. n 86.*

7 Naõ se atreveo o demonio a tentalla direytamente com persualaõ; mas perguntando com astucia, quiz ver como devia proseguir. 36 Perguntoulhe a serpente: *Porque vos mandou Deos que naõ comesseis de todas as arvores do Paraiso?* Respondeo: *Do fruto das arvores que estão no Paraiso comemos; mas do fruto da arvore que està no meyo do Paraiso, nos mandou Deos que não comessemos, nem tocassemos, porque poderia ser que morressemos.* 37 Foy a primeyra que quiz conversar, & logo fallou despropositos, como succede a muytas; pois devendo dar a causa da prohibiçaõ, que era o que lhe perguntava, disse a pena que lhe estava ameaçada, cousa diversa da pergunta. Ignorando a causa, pudera sem nota dizer: *Não sey*; pois os juizos de Deos saõ inexcrutaveis; mas quiz antes responder disparata da, que confessar que naõ sabia. E na reposta disse dous erros, se lhe naõ chamarmos mentiras; hum, que *Deos lhe mandára, que naõ comessem, nem tocassem o fruto*, sendo que só lhes mandou, que naõ comessem; outro, que *se comessem, poderia ser que morreriaõ*; sendo que absolutamente disse, que morreriaõ comendo: primeyro faltou à verdade a mulher, que o demonio. *Oh se as mulheres foraõ mudas*, (exclama Saõ Joaõ Chrysostomo) 38 *quam seguras, & uteis seriaõ!*

36 *Magister Sent. d. dist. 21. §. 2.*

37 *Gen. 3. 2.*

38 *Chrysost. in Gen. 16.*

8 Disselhe outra vez a serpente: *Em nenhuma maneyra morereis; mas Deos sabe, que tanto que comerdes deste fruto; se vos abrirão os olhos, & sereis como Deoses, sabendo o bem, & o mal:* disto pudèra *Eva* entender a malicia da serpente; porque se

sabia

ſabia a cauſa da prohibiçaõ, para que a perguntava? Mas he a ambiçaõ propria das mulheres; 39 claro eſtà; pois ſe define por appetite; 40 tudo o da ſerpente lhe agradou, tanto que lhe diſſe que ſeria como Deoſa; tinha-ſe apartado do marido, pôde ſer que divertido em contemplar as obras do Creador: 41 & ovelha 42 deſgarrada do Paſtor, facilmente he tomada do lobo.

39 *Caret Paſch in Axiom. polit.*

40 *D. Thom. 2.2 q. 131. art 2.* Ambitio importat appetitum inordinatum honoris.

41 *Fernand. in 3. Geneſ. ſect. 4. n. 3.*

42 *Mulier ovis mariti. 2. Reg. 12 3.*

9 Vio a mulher, diz o Texto *que era boa a arvore para ſe comer della; fermoſa aos olhos, & deleytavel à viſta* Tanto que fallou a ſerpente, vio o que naõ tinha viſto; taes effeytos naſcem das màs converſaçoens. 43 Morrem as mulheres por ver; & *Eva* morreo porque vio, que aos olhos ſegue o coraçaõ: por eſtas janellas entra a morte na caſa. 44

43 *D. Paul. ad Corinth 15.33.* Corrumpunt mores bonos colloquia mala.

44 *Jerem. 9.21.* Aſcendit mors per feneſtras noſtras: ingreſſa eſt domos noſtras.

10 Vindo o marido, ou hindo buſcalla, comeo ella do fruto, (ou tinha jà comido) & deo ao marido movida de amor: ou por lhe communicar o bem que a ſerpente lhe inculcàra, ou porque conhecendo jà ſeu peccado, & temendo a pena do deſterro, o queria levar por companheyro, por naõ ſe apartar delle. 45 Naõ continùa a hiſtoria, que perſuadira com razões; ſó na ſentença diſſe depois Deos que elle *ouvira a voz de ſua mulher, & comera*: 46 taõ poderoſa foy, (& ſaõ todas) que ſó com huma voz o fez crer, menos a Deos, que a huma ſerpente; venceo a quem o demonio ſe naõ atreveo acometer. Comeo Adam do fruto vedado á hora da Sexta (47 que he o meyo dia) da ſexta feyra primeyra de Abril. Por naõ deſconſolar a mulher, quiz acompanhalla em perderſe: 48 triſte couſa peccar por amor de outrem, ou por ſeguir exemplo!

45 *D. Ambroſ. L. de Parad. c. 6.*

46 *Geneſ 3.17.* Quia audiſti vocem uxoris tuæ, & comediſti.

47 *Pineda na Monarch. Eccleſiaſt. l. n, 11. §. 1. com Moyſés Barcephat. de Paradiſo.*

48 *D. Ambroſ. Serm. 15. in Pſal. 118. Alex. de Alis p. 2 q. 82. mem. 4.*

11 Eſta foy a ajuda do marido, para que Deos tinha creado a mulher. 49 Quem naõ temerà hum ſexo, que querendo ajudar, mata? de quem pòde o homem fiarſe? Oh infelicidade! que o favor ſe faça inimigo, & as utilidades prejudiciaes! Ajuntouſe a ambiçaõ quaſi natural dos grandes Principes, 50 qual Adam ſe achava: tem o mayor inimigo na vaidade: cuydaõ que tudo ſe lhes deve; com azas de cera querem ſubir ao Sol: precipitaõ-ſe cuydando que ſe levantaõ; & muytas vezes pelo que ſe lhes figura, perdem o que tem, como allegorizou Eſopo; aſſim ſuccedeo áquelle primeyro.

49 *Geneſ. 2. 18.* Faciamus adjutorium.

50 *Franc Guicciardin. hiſt l. 15.* Omnium magnorum Principum proprium vitium eſt ambitio, atque ipſorum naturæ inſita cupiditas.

51 *Æſop in Fab. canist*

12 Mas quem imaginàra, que a ſabedoria de que eſtava dotado havia de perſuadirſe a que poderia ficar como Deos? As mulheres fazem apoſtatar os ſabios; 52 a ambiçaõ cauſa todos os erros; 53 atè o juizo de Anjos cegou, 54 & tudo ſe unio contra o de Adam. Quem farà confiança no que ſabe, ſe Adam, & Salomaõ ſobrenaturalmente ſabios cahiraõ; & depois o grande Origenes, tendo jà eſtes exemplos? Naõ ha juizo que naõ poſſa padecer freneſi: os mais claros ſaõ como os aſtros, que tem ſeus eclypſes, & occidentes; & os mayores, como os grandes navios, que ſe lhes falta o lème, naufragaõ com mais preſſa, que os pequenos.

52 *Eccleſiaſt. 19. 2.* Mulieres apoſtatare faciunt ſapientes.

53 *Bernard. Ep. 116.*

54 *Iſai. 14. 1.*

CAPITULO VI.

Como pelo peccado do primeyro Pay cahio o genero humano na mayor miseria.

1 COmendo Adam do fruto vedado, inobediente a Deos quebrou seu preceyto, & miseravelmente peccou. Sendo todo o peccado a cousa mais abominavel em si, & nos effeytos, neste houve duas particularidades gravissimas. Huma na pouca difficuldade de guardar aquelle preceyto: 1 foy grande inequidade peccar; porque era grande a felicidade em naõ peccar: como em Abraham foy muyto louvavel obedecer em cousa taõ difficil; 2 em Adam foy muyto vituperavel desobedecer em cousa taõ facil. Outra, em ser aquelle peccado emulaçaõ de Deos, querendo Adam serlhe igual; 3 o que em consequencia era destruir a Deos; pois se com Deos pudèra haver outro Deos, nenhum delles seria Deos. 4

2 Pela desobediencia perdeo o morgado instituido em sua pessoa, conforme a condiçaõ, & pacto da instituiçaõ; 5 ficáraõ elle, & *Eva* privados da rectidaõ da justiça original: desconcertouse a harmonia da natureza subordinada fielmente a seu Creador: o corpo se rebellou contra a alma: as forças inferiores contra a razaõ, & a razaõ contra Deos. 6 Entrou a morte companheyra da culpa, & comminada na ley: 7 os Senhores de todas as delicias se fizeraõ escravos de todas as penas: os que eraõ temidos, ficàraõ tímidos de todos os animaes: perdeo o dominio na terra, quem naõ obedeceo ao Ceo: mais estimou o demonio a perda de nossos Pays, que o logro do proprio desejo, & fez estimaçaõ particular de os haver arruinado pela ambiçaõ, porque elle cahira; por ser condiçaõ dos màos quererem ter muytos companheyros no mesmo vicio: 8 finalmente estando o homem na mayor honra, diz o Psalmista, 9 naõ entendeo, & se fez semelhante aos animaes brutos. Dizer Deos, quando o desterrou do *Paraiso*, que se fizera semelhante ao mesmo Deos, 10 foy por ironia, para escarmentarmos, porque se perdèra, por onde procurára melhorarse: 11 ou dar o *Senhor* parabens a seu proprio amor, de que jà chegàra a occasiaõ, porque havia de encarnar, & fazer o homem seu semelhante. 12

3 *Oh triste, & lacrymosa mudança*, (exclama Saõ Bernardo) 13 *que o homem morador do Paraiso, senhor da terra, Cidadão do Ceo, domestico de Deos, irmão dos Espiritos bemaventurados, coherdeyro das virtudes celestes, se ache repentinamente cahido por sua fraqueza; atado por sua ferocidade, & necessitado do alimento dos brutos pela semelhãça que tem delles!* Nada havia no mũdo taõ feliz como o homem; jà he inexplicavel quãto he infeliz.

Com

1 *D. Aug. de Civ. Dei l. 14. c. 15*

2 *Genes. 22.*

3 *Gen. 3. 5.* Eritis sicut Dij.

4 *Ex his que D. Thom. 1. p. q. 18. art. 3.*

5 *Supra cap. 2. n. 21. & cap. 5. n. 5.*

6 *Explica o P. Fr. Joseph de Jesu Maria na vida de N. Senhora, l. 1. cap. 9 n. 4.*
Melius D. Thom. 1. 2. q. 82. art. 2. & ita ibi q. 85. art. 3.
Concil. Trid. sess. 5. de peccat. orig.

7 *Supra d. c. 4 n. 2.*

8 *D. Aug. l. 10 Confess. cap. 16.*

9 *Psalm. 48. v. ult.* Homo cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis insipientibus, & similis factus est illis.

10 *Gen. 3. 22.*

11 *D. Chrysost. in Gen. homil. 18 & in Matth. hom. 15.*

12 *Tertul. l. 2. contra Marc. c. 23.*

13 *D. Bernard. Serm. 35. in Cant. post med.*

Compadeceyvos de mim, ò creaturas (pudèra dizer Adam.) E os Ceos raſgarem-ſe os veſtidos de luzes: a terra cobrirſe de cinzas com mayor ſentimento, que os amigos de Job, 14 pois ſe eſte jazia em hum lugar immundo, Adam jazia na vileza do peccado: ſe eſte tinha chagado o corpo, Adam tinha ulcerada a alma: & o demonio, que ſó deſtruhio a fazenda a Job, em Adam tyrannizava toda a terra. Em effeyto alguns Hiſtoriadores diſſeraõ, que por aquelle peccado perdèraõ parte de ſua luz os Luminares celeſtes. 15

4 Das grandes dignidades naõ ſe daõ pequenas quêdas. Adam como feyto pedaços (diz Santo Agoſtinho) 16 encheo todo o Mundo de ſuas ruinas; nem huma ruina taõ grande podia caber em menor lugar, como diſſe hum engenhoſo Poeta 17 da de Pompeo Magno taõ incomparavelmente menor. Sò a *Virgem Mãy* eſtava em taõ eminente monte, que ficou livre. 18 Perdido no corpo, & na alma, transferio Adam a propria miſeria a todos os outros deſcendentes, 19 conforme o pacto feyto por Deos, 20 aſſim como ſenaõ peccàra, lhes houvera de transferir o morgado da felicidade. 21 A vontade delles eſteve na de ſeu primeyro Pay, como em ſua cabeça: todos nelle peccàraõ, 22 porque todos eſtavaõ nelle: 23 as operaçoens dos membros de hum corpo tem ſua moçaõ da parte ſuperior. Corta-ſe a maõ pelo delicto, 24 que a vontade commetteo, movendo-a a executallo. Derivada daquella fonte corre gèralmente por ſeminal geraçaõ herança taõ infauſta; naõ como natureza, mas como vicio della, como doença q̃ paſſou aos filhos. 25 E parece que tambem herdamos a inclinaçaõ de crermos a liſonja da bocca de huma ſerpente, & naõ a verdade da boca de Deos: attendendo ao noſſo goſto, & naõ à fê de quem falla.

5 Deſte modo cahio o Mundo da mayor alteza no mais profundo abiſmo: a mulher dada para ajudar a hum, foy principio da ruina de todos; & o primeyro Pay fez miſeraveis os deſcendentes, que ainda naõ gerára.

6 Conhecèraõ logo ſua miſeria, vendo-ſe na fealdade de nùs, & cubriraõ-ſe de folhas de figueyra. Alguns Authores, arrimados à letra do Texto, 26 cuydaõ que as alinhavàraõ com juncos, ou couſa ſemelhante, feytos primeyro alfayates; outros, que ſe rodeàraõ de ramos delgados, em que as folhas pendiaõ; 27 & que eraõ de figueyras Indicas, que tem as folhas muyto grandes. 28 Que vil troca pelo veſtido da graça, que haviaõ perdido! Folhas que naõ aquentaõ; que as ſeca o Sol, & leva qualquer vento.

14 *Job* 19.21. & 2.12.

15 *Refert Pineda na Monarch. l.1 c.11 §.2.*

16 *D. Auguſt. in Pſalm.* 95. Adam in uno loco fuit, & quodammodo commiuutus replevit orbem terrarum.

17 *Martial. l.5. Epigr.71.*
Pompeios juvenes Aſia, atque Europa, ſed ipſum
Terra tegit Libyes: ſi tamen ulla tegit.
Quid mirum toto ſi ſpargitur orbe? Jacere.
Uno non poterat tanta ruina loco.

18 *Diremos p.2 c.15.*

19 *Concil. Trid. ſeſſ.5. de peccat. original Magiſt. Sentent. l.2. diſt.* 40. & 31. *ubi agit quomodo.*

20 *Supra cap.2.n.11.*

21 *Bened. Pereyr. in Gen. l.5. n.* 67. *in 3 q.*

22 *D. Paul. ad Rom.5.12.* In quo omnes peccaverunt.

23 *D. Auguſt ſup. Joan & in gl. 1. ad Timoth. cap.1.* Genus ergo humanum totum peritrat, in quo totum erat.
Soto in 3. Sent. diſp.18 q.1 n.1.

24 *Authent. Sed novo jure C. de ſerv. fug. Authent. Nulli judic. §. fin. collat 8. cum aliis.*

25 *Explicat D. Aug de nupt. & concupiſc. ad Taler. cap.34.*

26 *Gen.3.7* Conſuerunt folia ficus.

27 *Bened. Fernand. in 3 Geneſ. ſect.19.n.3.*

28 *Pineda d.l 1 cap.7.§.2.*

CAPITULO VII.

Como Deos ſentenciou a noſſos primeyros Pays, & a ſua deſcendencia; ficou publicada guerra entre a Virgem Santiſſima, & o demonio; Adam poz nome a Eva.

1 PEla culpa ſe incorreo a pena: o meſmo peccado condenou; 1 mas Deos quiz ſentenciar como Juiz, para emendar como Pay: 2 elle meſmo conheceo do caſo: nem de hũ Anjo ſe fiou ſeu amor: Applica-ſe eſte acto ao *Verbo Eterno*, por ter officio de julgar. 3 Por animar os Reos veyo em figura de homem, 4 enſayando-ſe jà para o ſer. Peccou o homem para ſe aſſemelhar a Deos: Deos ſe enſaya a homem para o remir. A vingança pedia preſſa de rayo, & o *Senhor* deſceo depois do meyo dia, 5 porque paſſada a payxaõ com que ſe peccàra, ficaſſe mais facil o arrependimento, 6 que com hũ *pequey*, alcançàra perdaõ. 7 Naõ tardou atè a veſpera, por naõ dilatar a cura para outro dia. 8

2 Paſſeava no *Paraiſo*, ſocegado, como quem tomava a viraçaõ, 9 refreſcando a ira a que o peccado o provocára: quando a voz (naõ articulada, mas de hum rumor mageſtoſo 10) que ſoou a vinda do mayor Monarca, fez que os peccadores ſe eſcondeſſem: acertavaõ em fugirem; mas erravaõ em naõ fugirem de ſi para o meſmo *Senhor*. 11 Salvouſe Saõ Pedro, porque o naõ perdeo de viſta: 12 perdeo-ſe Judas, porque fugio para outrem. 13 Mas ſe elles porque huma vez peccàraõ, ſe naõ atreviaõ a apparecer, como apparecemos os que tantas vezes peccamos? Dizem, que a ſerpente ſubida em huma arvore os moſtrava com ſibilos, como zombando; 14 & he provavel, porque o demonio coſtuma entregar os que o ſervem.

3 Chamou o *Senhor* a Adam, como a cabeça: 15 *Adam onde eſtàs?* Naõ perguntou tanto pelo lugar, como pelo eſtado. 16 Reſpondeo-lhe fóra da pergunta: *Ouvi voſſa voz no Paraiſo: temi, porque eſtava nù, & eſcondime* Temeo por nù, naõ por peccador, devendo temer a culpa, & naõ a pena; 17 & tinha por pena eſtar nù quem havia ſido fermoſura, & honra da graça. 18 *Quem te diſſe que eſtavas nù*, (perguntou o Senhor) *ſenaõ o haveres comido da arvore vedada?* E elle ſegunda vez errado reſpondeo: *A mulher que me dèſte por companheyra, me deo da arvore, & comi*: naõ ſó imputou a Deos a mà companheyra, mas tambem allegou por ſerviço haverlhe obedecido amante; 19 como ſe a ella por ſua encomendada, devèra mais que ao preceyto de quem lha encomendou; porèm o amor

parou

1 *Bened. Fernand in Gen. 3 ſect. 17. n. 4 ex D. Aug. in Pſalm. 5.*
2 *D. Chryſoſtom. in Gen. hom. 17.*
3 *Theophil. l. 1. ad Autol. apud Pineda in Monarch. p. 5. l. 1. cap. 10. §. 2.*
4 *Bernand. ſupr. ſect. 20. n. 1.*
5 *Geneſ. 3. 8.*
6 *D. Ambroſ. de Parad. cap. 14.*
7 *D. Aug. Serm 19. de Sanct.*
8 *Fernand. ſupr ſect. 21. n 4.*
9 *Geneſ ſuprà. D. Chryſoſt. ſupr.*
10 *Pereyr. in Gen. l. 6. n. 125. Fernand. ſect. 20. n. 1. & 3.*
11 *D. Hyſrem Syr Serm. de vita relig.* Vis fugere ab ipſo? fuge ad ipſum.
12 *Luc. 22. 61.*
13 *Matth. 27. 3.*
14 *Refert Fernand. ſupr. ſect. 19. n. 4.*
15 *De modo porque o chamou Pereyr. ex n. 134.*
16 *Pereyr. ſup. n. 134.*
17 *Fern. in Gen. 3. ſect. 25. n. 1.* Peccator non dolet culpam, ſed pœnam: damna corporis non animæ.
18 *D. Bernard. Serm. 1. in Annuntiat.* Sentiebat Adamus pœnâ eſſe quod fuerat pulchritudo, & honor.
19 *Suprà cap. 5. n. 10.*

parou na culpa, naõ paſſou a querer pagar por ella; 20 tal he o amor humano; que differente do Divino!

4 Perguntou o *Senhor* a Eva, *porque fizeſte iſto?* Terribel pergunta a hum culpado ſem deſculpa! Reſpondeu. *Enganoume a ſerpente.* Depois de haver peccado por ſaber mais, naõ ſe envergonhou de confeſſar que a enganàra hum bruto; a exemplo do marido imputou a Deos aquella creatura. Pois ſe ſe naõ puderaõ fazer ſemelhantes a Deos na Divindade, quizeraõ fazer a Deos ſeu ſemelhante na culpa: 21 a ſerpente pode tentalla; mas naõ fazella conſentir, pudèra ella deſprezar a ſerpente, como deſprezou a Deos: pudèra querer o que naõ quiz, & naõ querer o que eſcolheo. 22

5 Naõ perguntou Deos à ſerpente por incorrigivel, & porque lhe naõ havia de perdoar; 23 nem quiz que tornaſſe a fallar: que ver ſahir do natural, he couſa inſofrivel: nem que tambem culpaſſe a outrem, como coſtumaõ conſelheyros ſerpentes, ſem ſe livrarem, pois ſe conhece donde ſahio o mal.

6 Que timidos, & confuſos eſperariaõ os Reos a ſentença! Deos condenou a todos pela ordem com que peccàraõ; à ſerpente, a *Eva*, & em ultimo lugar a Adam: a juſtiça do Mundo muytas vezes, ou naõ caſtiga, ou tarda mais ao que primeyro delinquio. Diſſe o *Senhor* à ſerpente que *poria inimizades entre ella, & a mulher.* 24 Aqui ficou publicada guerra entre o demonio que eſtava na ſerpente, & entre a *Virgem Santiſſima*: 25 chamoulhe mulher, porque ſeria noſſa Mãy na guerra, como depois o declarou na Cruz, 26 repreſentando-nos em *Joaõ*, que ſignificava graça. 27 Guerra taõ entranhavel, que entre qualquer mulher, & qualquer cobra produz naturalmente os effeytos que eſcrevem os Naturaes. 28 Mas juntamente annunciou o *Senhor* a vitoria da *Senhora*, dizendo que *ella pizaria a cabeça a eſſa ſerpente.* 29 E aqui, diz (depois de outros) hum curioſo Eſcritor, 30 começou a Theologia; porque Adam cheyo de ſciencia infuſa, entendeo que o *Verbo Divino* havia de encarnar no ventre daquella mulher Virgem, que por ſeu parto remediaria o peccado; vitoria taõ inſigne, que ficou natural, ſe qualquer mulher píza com o pè nû a cabeça de huma cobra, morrer a cobra logo em todas ſuas partes, ſem lhe ficar movimento algum; ſendo que cortada em pedaços, ſe movem todos muyto tempo. Poſto que eſta eſpecie de animaes naõ teve culpa em ſe meter nella o demonio, Deos tambem caſtiga os inſtrumentos do mal. 31 Sobmeter a cabeça a taes plantas, fora a mayor honra para quem a merecèra; porèm honras naõ merecidas ſaõ opprobrios, ſaõ ruina, dizia Saõ Gregorio: 32 ſaõ vinho a febricitante, diſſe Plutarco; 33 & aſſim foy caſtigo ao demonio, o que fora premio ao mais benemerito.

7 A *Eva* condenou o *Senhor* a parir com dores. No eſtado da innocencia, eſtando o fruto maduro, as entranhas da mãy, como

20 *Notavit D. Bernar. Serm. 13. in feſt. omn. Sanct. poſt. med.*

21 *D. Greg. l. 22. Moral. c. 13.* Quia Deo eſſe ſimiles in divinitate nequiverunt ad erroris ſui cumulum, Deum ſibi facere ſimilem in culpâ conati ſunt.

22 *D. Chryſoſt Serm. Quomodo primus homo poſt med. in tom. 1.* Utrumque in suâ habuit poteſtate, & Deo patere, quod voluit; & diabolo non conſentire, quod voluit.

23 *D. Greg. ſuprà.*

24 *Gen. 3. 16.* Inimicitias ponam inter te, & mulierem.

25 *Pineda d. l. 1. c. 10. §. 2. Pereyr. d. l. 6. n. 54. Fernand. ſupr. ſect. 3. n. 7. Matute Proſap de Chriſto, idade 5. c. 4 § 12. in princ.*

26 *Joan. 19. 26.* Mulier, ecce filius tuus.

27 *Conducit in hunc ſenſum D. Antonin. apud Carthagen. de arcan. Deip. c. 15. hom. 17. v. ſecundùm.*

28 *Refert Rupert. de Trinit. l. 2. cap. 10.*

29 *Gen. 3. 15.* Ipſa conteret caput tuum.

30 *Joaõ Huarte de Saõ Joaõ no exame de ergenios proem. 2. no fim.*

31 *Exod. 21. Levit. 20. Deut. 7. Joſué 7. Reg. 1. c. 15.*

32 *D. Greg. 7. Moral. 1.* Honor malis exhibetus, in eorum commutatur ruinam.

33 *Plutarch. in Moral.*

como eſpontaneamente ſe alargariaõ de modo, que ſem dor pariſſe; 34 & porque naturalmente naõ podia deyxar de ter dor, ſeria iſto milagre, que o naõ parecia pelo coſtume. 35 Tambem a condenou a eſtar ſugeyta ao marido. Antes do peccado naõ deyxaria de lho eſtar; 36 mas voluntariamente, porque o marido ſó a mandaria no que foſſe arrezoado, & ella o teria por agradavel; hoje lhe he moleſta a ſugeyçaõ, ou porque o marido quer o injuſto, ou porque ella com natureza depravada, nem no juſto quer obedecer; 37 entaõ ſeria obediencia de amor, hoje he encargo de condiçaõ. 38.

8 Condenou a Adam a comer de ſeu trabalho. He verdade que no eſtado da graça tambem trabalharia; mas ſem moleſtia, como jà diſſemos. 39 Mais o condenou a morrer, & a tornarſe em terra; ſe naõ peccàra, naõ morreria, como tambem fica dito. 40 Para a condenaçaõ deo o *Senhor* a Adam por primeyra cauſa, *haver ouvido a voz de ſua mulher*. 41 Ouvir ſuas razoens por conſelho, he prudencia, (mayormente no que naõ pede ſegredo, porque algumas os daõ ſaudaveis) 42 & ainda obrigaçaõ, pois Deos as fez companheyras; 43 mas Adam a ouvio como a Senhora, ſegundo expende Saõ Paulo, 44 & do Texto parece que obedeceo ſó *à voz* imperioſa de hum *comey*, ſem outra razaõ.

9 Foraõ as penas proprias ao delicto; a arrogancia da ſerpente ſeja pizada; *Eva*, pois deſtruhio os filhos, que os payra com dores; & pois mandou ao marido, que lhe obedeça: Adam, pois peccou em comer, que coma de trabalhos; & pois que quiz ſer mais que homem, que ſe torne em terra.

10 Eſtendeo-ſe a ſentença a todos os deſcendentes, (excepta a *Virgem Maria*, 45 pelo pacto que jà referimos) 46 como a linhagem traydora naſcida em deſgraça de Deos. 47

11 Atè entaõ naõ tinha *Eva* nome proprio individual; porque, *Virago*, que Adam lhe chamou tanto que a vio, era appellativo, que ſignifica, *dotada de varonil animo*, ou *vida do varaõ*, por haver ſahido da ſua coſta. 48 (*Vorago*, que ſignifica *tempeſtade*, lhe pudèra tambem chamar.) Ambos ſe chamáraõ *Adam*; 49 porque a huma mulher em graça baſta o nome de ſeu marido. Louva-ſe a mulher de Philo (outros dizem de Phocion) que perguntandolhe outras matronas, porque ſe naõ ornava como ellas com joyas; reſpondeo, que a virtude de ſeu marido lhe baſtava por ornato. 50 Logo que peccáraõ, chamou Adam a ſua eſpoſa, *Eva* que ſignifica, *Mãy dos viventes*. 51 Cuydaõ alguns Eſcritores, 42 que por antifraſi, ou ironia; pois ſeria mãy dos que jà tinha mortos; mas acertou por myſterio, como fica dito na introducçaõ deſta obra; 53 & aſſim com elegancia diſſe Santo Epifanio 54 que eſta impoſiçaõ de nome, foy enigma, alludindo a *Ave* da Virgem *Maria* Mãy da graça.

34 *D. Aug. de Civ. Dei l. 2. c. 16.*
35 *Pereyr. d. l. 6. n. 157.*
36 *Secundùm D. Thom. 1. p. q. 62. artic. 1. ad 2.*
37 *Pereyr. ſup. n. 159. & l. 4. n. 73.*
38 *D. Aug. l. 11. de Gen. ad lit. cap. 27.*
39 *Suprà c. 4. n. 1.*
40 *Supra c. 2. n. 10. & c. 4. n. 5. in fine.*
41 *Geneſ. 3. 17. Quia audiſti vocem uxoris tuæ.*
42 *Latè Tiraquel. in lege cõnub. 11 â princip.*
43 *Gen 2. 24.*
44 *D. Paul. 1. ad Tim. 2. n. 12. & 13.*
45 *Veremos na 2. p. c. 15.*
46 *Supra cap. 2. n. 11.*
47 *Nota Vilbegas no Flos Sanct. feſta da Conceyçaõ no princip.*
48 *Gen. 2. 23.* Vocabitur Virago, quoniam de viro ſumpta eſt. *Fernand in Gen. ſect. 15 n. 1.*
49 *Geneſ. 5. 2.* Vocavit nomen eorum Adam.
50 *Stobeus Serm. 71.*
51 *Geneſ. 3. 20.* Vocavit Adam nomen uxoris ſuæ Heva, eo quòd mater eſſet cunctorum viventium.
52 *Referunt Pereyr. d. l. 6 n. 169. Fern. in 3. Gen ſect. 19. n. 3. ad fin. P. Zach. de Lyſicux, Philoſoph Chriſt. p. 1. c. 17 v. jemeris.*
53 *Na Introducçaõ n. 4.*
54 *D. Epiphan. contra hæreſ. 78.* S. Mater Dei Maria per *Hevam* ſignificatur, quæ per ænigma accepit ut mater viventium vocaretur.

CAPITULO VIII.

Como nas penas em que Deos condenou a noſſos primeyros Pays, conciliou a Miſericordia com a Juſtiça: moſtra-ſe que as impoſtas a Eva *nas dores do parto, & ſugeyçaõ ao marido, foraõ graves, mas juntamente uteis.*

1 FOy o *Verbo* Eterno o Juiz: 1 he certo que favorecia os Reos por quem determinava morrer. Na ſentença concilhou a Juſtiça com a Piedade: foraõ graves aquellas penas, como devidas ao peccado; mas ſeguiraõ-ſelhes utilidades, como a caſtigo de Pay.

1 *Supra cap.7.n.1.*

2 Com as dores do parto compàra o Texto ſagrado as mayores, quando quer exprimir ſua vehemencia. 2 E neſta pena podemos conſiderar tudo o que os filhos cuſtaõ antes, & depois de naſcidos; pois tudo he effeyto do peccado: *São tres oneroſos antes do parto: doloroſos no parto: laborioſos depois do parto.* Oneroſos com faſtio, achaques, & impedimento: 4 doloroſos com perigo da vida: laborioſos na importuna criaçaõ; porque as mãys os alimentaõ da ſua ſubſtancia, os trazem nos braços, os veſtem, os acalentaõ, os coſtumaõ a andar, os guardaõ dos perigos, enſinaõ a fallar, & lhes miniſtraõ o comer, moſtraõ a religiaõ, daõ as primeyras regras da vida, & vigiaõ por ſua cauſa muytas noytes.

2 *Pſalm 47.v.7. Eccleſ. 48.21. Iſai.13.8 & cap.21.3. & cap.26.17 18. & alibi paſſim.*

3 *Ita Juriſtæ.*

4 *Deſcreve Plin.l.7.cap.6 &7.*

3 A's mãys, que daõ os filhos a criar, chamàraõ muytos Sabios *meyas mãys*; porque as amas tem outra meya maternidade, & pòde ſer que mais carinhoſa. Matava o tyranno Phocas todos os filhos do Emperador de Conſtantinopla Mauricio: & a ama que criava hum, lho eſcondeo, & em lugar delle entregava hum ſeu proprio filho, amardo o menos; porèm Mauricio lho naõ conſentio. 5 Hum pobre Romano da Familia dos Graccos, vindo da guerra com grande nome, & muyto rico, ſahindo a recebello a mãy, & a ama que o havia criado, deu à mãy hum anel de prata, & à ama hum collar de ouro; & queyxandoſe a mãy da deſigualdade, reſpondeo: *Tu me trouxeſte no ventre ſó nove mezes; eſta me ſuſtentou a ſeus peytos dous annos: de ti tenho o corpo por meyo pouco honeſto; deſta os coſtumes com vontade candida: tu me lançaſte de ti; eſta me recebeo engeytado, & me chegou ao eſtado preſente.* 6 Muyto eſcrevem os Authores do que niſto deſmerecem as mãys: 7 procede nas que diz Saõ Chryſoſtomo 8 que tem pejo de ſe fazerem amas, havendo-ſe feyto mãys, & que nellas a ſoberba rompe os brazoens da piedade; ou nas que os mandaõ criar fóra de caſa. As que naõ criaõ por compreyçaõ delicada, ou porque os maridos lho naõ conſentem, que he ordinario nas de qualidade, contra ſua vontade

5 *Nicephor.Callixt.hiſt Eccl.18 tit.40 in fine.*

6 *Theatrum vitæ hum.tit de mulier.*

7 *Apud Gaſpar dos Reys Franco in Camp.Eyſ.q.42.ex n 21.*

8 *D.Ceryſoſt.hom 10 ad med.in Pſalm.50.* Erubeſcit fieri nutrix, quæ facta eſt mater: & pietatis inſignia abſcindia ſuperbia.

tade trocaõ aquella moleſtia em outra mayor de ſoffrer as amas em que merecem mais; ſem ſe livrarem totalmẽte do outro trabalho, pois lhes he neceſſario vigiar os deſcuydos q̃ eſſa samas tem. Creſce finalmente a pena em naõ ter ſeguro o que tanto cuſtou; pois lho leva a morte com qualquer accidente. 9

9 *D. Ambroſ. lib. de Virg.* Periculis emitur, nec pro arbitrio poſſidetur.

4 Mas o rigor deſta pena devido à Juſtiça compenſou a Miſericordia com utilidade. Logo que naſce o filho, (como diſſe *Chriſto* Senhor noſſo 10) o goſto natural de ver augmentar o genero humano com fruto de ſuas entranhas, faz eſquecer a mãy das dores do parto, ſó ſe lembra dellas para eſtimar o que taõ caro comprou; naquella memoria o ama com mais goſto, & lhe ſaõ as dores proveytoſas. Aliſa Ingleza da Villa de Midelburg, eſtando pejada, & vendo-ſe morrer, pedia que a abriſſem, & lhe tiraſſem o filho, porque não morreſſe com ella; a tanto a obrigava o goſto de ſer mãy. Por milagre de Santo Thomàs de Cantuaria teve ſaude. 11

10 *Joan.* 16. 21.

11 *Brito na Chron. de Ciſter l.* 6 *cap.* 18.

5 Com os trabalhos da criaçaõ vay creſcendo a razaõ de amar. Se vè o filho com honras, & ſciencia de tudo, acha alegre ſatisfaçaõ; 12 atè pelo que lho naõ merece, tem por felicidade o haver padecido. Prognoſticando ſe a Agrippina, que ſeu filho Nero ſeria Emperador, porèm que a mataria; aceytou o partido; quem antepoz o filho à morte futura, melhor o anteporia ás dores paſſadas. Em outra parte 13 ſe verà mais deſte amor.

12 *Prov.* 23 25. Exultet quæ genuit te.

13 *Abayxo cap.* 20. *n.* 9.

6 He outra utilidade daquellas dores, o reconhecimento dos filhos bem entendidos. Alexandre Magno, eſcrevendo-lhe Antipatro algumas couſas, que carregavaõ a Olympia mãy do meſmo Alexandre, diſſe aos que ſouberaõ da carta: *Ignora Antipatro, que huma lagrima de mãy apaga muytas calumnias.* 14 Epaminondas dizia, que de todas ſuas vitorias, lhe havia ſido mais goſtoſa a que alcançára dos Lacedemonios na batalha Leutrica, porque ſuccedèra ſendo vivos ſeu pay, & ſua mãy. 15 A Coriolano, que hia para deſtruir Roma, foraõ fallar ſua mulher, & filhos, & ſua mãy, & ſahindo elle do exercito a abraçar a mãy, lhe diſſe ella, que primeyro queria ſaber ſe era filho, ou inimigo, & ſe eſtava mãy, ou cativa; & elle abraçando-a, reſpondeo: *Venceſtes, ò mãy; eu te concedo a patria, que me não merecia.* 16 Cleobys, & Biton irmãos, havendo de hir ſua mãy Argias ao Templo, em que era Sacerdotiſa, & naõ podendo pela dignidade hir ſenaõ em coche, para o qual no lugar em que eſtavaõ, naõ achavaõ cavallos; elles meſmos arrimando-ſe ao jugo, a levàraõ ao Templo, porque lhe naõ faltaſſe aquelle goſto, & aquella honra: 17 outros exemplos fariaõ comprovaçaõ muyto larga.

14 *Plutarch. in Alexand.*

15 *Plutarch. in Apophthegm.*

16 *Liv. Dec.* 1. *l.* 2. *Valer. Max l.* 5, *cap.* 4.

17 *Valer. Max. ſupra. Text. in Officin. p.* 2. *tit. Amor in parentes.*

7 Tambem o Direyto Civil ajuda a eſta utilidade. Pelas antigas Leys das doze taboas naõ deferiaõ os Romanos às mãys a herança dos filhos, ſuppondo que naõ havia entre elles parenteſco de agnaçaõ, à qual ſómente ſe deferiaõ as heranças.

Parece

Parece que entendiaõ com Ariſtoteles, 18 que ſó paſſivamente concorriaõ as máys para a geraçaõ. Mas depois os Senatus Conſultos, Tertyliano, & Orphiciano, 19 a equidade Pretoria, & ultimamente Conſtituiçoens do Emperador Juſtiniano, lhas foraõ deferindo com algumas declaraçoens, atè ficarem reciprocas; abraçando a melhor Filoſofia 20 de que ellas concorrem igualmente, & attendendo a quanto merecem por aquellas dores, & trabalhos: a que aſſim meſmo attendèraõ outras leys, para lhes concederem nos dotes grandes privilegios, 21 viraõ, que como bem diſſe hum Medico grave, 22 ſe as mulheres faltaſſem, naõ ſó naõ naſceriaõ homens, mas nem naſcidos poderiaõ viver. Finalmente as manda a Ley Divina 23 honrar com igual reverencia que aos pays, & por tudo ſe utilizou o juſto rigor daquella pena.

8 A obediencia aos maridos foy a condenaçaõ mais penoſa ao altivo das mulheres, & Deos a duplicou para melhor a eſtabelecer; depois de dizer: *Eſtarás no poder do marido*, accreſcentou: *E elle te dominará*; 24 para moſtrar, que ha de ſer ſenhor. 25 Hum Texto Canonico diz, que Deos lhes deo os cabellos largos em final deſta ſugeyçaõ, que por iſſo poz pena de excommunhaõ às que os cortaſſem ſem licença dos maridos. 26 Peyor cativeyro (diz Santo Ambroſio 27) que o de qualquer outro eſcravo: pois o ſenhor dà pelos outros dinheyro; com eſte ſe dà dinheyro, & dote ao ſenhor: o ſenhor dos outros compra o ſerviço; eſta eſcrava compra o hir ſervir. Por Leys de Romulo era prohibido ás mulheres com pena de morte, como o adulterio, beberem vinho ſem permiſſaõ dos maridos: Egnacio Metello matou a ſua com açoutes, porque a achou bebendo, & foy abſoluto pelo meſmo Romulo; 28 o Emperador Domiciano reformou aquella ley a perdimento do dote. 29 Para ſe ſentir ſe o bebiaõ, permittio Cataõ, 30 que os parentes as ſaudaſſem com oſculo; donde ſe introduzio, que pedir a huma mulher eſte favor era convidalla a vodas, ao que o Eſpoſo Santo alludio nos Cantares. 31 Mas jà antes de Romulo, Fauno Rey de Italia havia morto ſua mulher Fatua pela meſma cauſa; & arrependido a fez adorar por Deoſa offerecendolhe vinho nos ſacrificios. 32 Blondo, que viveo na era de 1450. refere no ſeu livro de Roma Triunfante, que vira huma eſcritura de caſamẽto de huns Romanos feyta havia trezentos annos, que vinha a ſer pelos annos de 1100. de Chriſto, em que o eſpoſo dava licença à eſpoſa para beber vinho por eſpaço de oyto dias quando pariſſe. O Concilio Illiberitano de Heſpanha, celebrado no tempo do grande Conſtantino aonde hoje eſtà a Cidade de Granada, prohibio às mulheres eſcreverem, nem receberem cartas ſem licença dos maridos. 33 Outras fugeyçoens particulares impuzeraõ varias naçoens ás mulheres, & pela repugnancia de ſua condiçaõ aconſelhou Porcio Cataõ a os Romanos com eſtas palavras: *Ponde freyo à natureza deſte*

18 *Ariſtot. 2 de gener. anim. cap. 4.*

19 *Refert totum Juſtinian. in tit Inſtit de Senat. Conſult. Tertyl. & Orphician.*

20 *Laiè Gaſpar dos Reys Franco in Comp. Elyſ. q. 42 maximè a n. 10. v. ſed adhuc.*

21 *L. Aſſiduis C. qui pet. in pign.*

22 *Dan. Senerius in pract. medic in Ep. dedicat ad Reg. in Suec.* Si fœminæ non eſſent, nos viri non eſſemus: & cùm cœpiſſemus eſſe, actum eſſet de nobis ſine cura, & ſolicitudine materna.

23 *Exod. 20. 17 & Deut. 5. 16.*

24 *Gen. 3. 16.* Sub viri poteſtate eris, & ipſe dominabitur tibi.

25 *Notat Rupert. l. 3 de oper. Trinit. c. 21.*

26 *C. Quacumque 30. diſt.*

27 *D. Ambroſ. in exhort. ad Virgin.*

28 *Valer. Maxim. l 6. cap. 13. de ſever. Blond. in Rom. Triumph. Alex. ab Alex 3. cap. 11. in princ.*

29 *Plin. citatus a Matute in Proſap. Chriſt. idade 5. cap. 3. §. 14.*

30 *Alex. ab Alex. ſupr. Pedr. Sanch de Viana, Comment. a Ovid. Metam. l. 6. n. 25 Matute ſupra.*

31 *Cant. 13* Oſculetur me oſculo oris ſui. *Notat Matute ſupra.*

32 *Lactant. de falſ. relig. l 1 cap. 22. Viana ad Ovid. Metam. l. 2. cap. 16.*

33 *Marian. hiſt. de Heſp. l. 4. cap. 16.*

34 *Apud Liv dec.4.lib.4.* Datè frænum impotenti naturæ, & indomito animali; nec sperate ipsas modum licentiæ actutas, nisi vos faciatis.

35 *D.Chrysost in Genes hom.17.* Melius est ut tu sub illo sis, & illum dominum habeas, quàm impavidè & liberè vivens, per præcipitia feratis.

36 *Notat Cicer.in paradox.*

37 *Dion.in Tiber.*

38 *Multa ad hoc, P. Henric. Engelgrave in Cœlo Empyreo part. 2.festo Conver.S.Paul § 3.*

39 *D.Paul.ad Rom 7.2 & 1.ad Corinth.11.3.& ad Ephes.5.22.& 2.ad Timoth.2.12.cum seqq. D.Pet.Ep.1 cap.3.11.*

deste animal indomito; não espereis que ellas ponhão termos em tomarem licenças, se vòs lho não puzeraes. 34

9 Mas esta sugeyçaõ (diz Saõ Joaõ Chrysostomo) 35 lhes he utilissima; porque se os maridos naõ as governassem, ellas se precipitariaõ miseravelmente. Fora-lhes ignominia obedecerem-lhes os maridos, 36 pois ficariaõ ellas mulheres de escravos; o melhor meyo para os dominarem he serem-lhes obedientes. Perguntada Livia mulher de Augusto, como alcançàra tanta authoridade com elle, respondeo, que fazendo-lhe sempre a vontade: 37 a quem naõ obrigarà huma mulher obediente? 38 Por estas utilidades (alèm da observancia do que Deos mandou) deyxáraõ os Apostolos sagrados 39 repetidamente encomendada esta sugeyçaõ, attendendo à conveniencia das mesmas mulheres.

CAPITULO IX.

Prosegue a consideraçaõ do precedente nas penas em que Deos condenou a Adam; mostra como o trabalho he util, sendo cõ medida, & qual esta deve ser.

1 A Pena de trabalhar imposta a Adam, nos ficou taõ hereditaria, que todos nascemos para trabalho, como as aves para voar, disse Job: 1 naõ só para o trabalho do corpo, mas tambem para o espirito, que he mais penoso: quem naõ trabalha corporal, ou espiritualmente, naõ terà que comer, ou totalmente perecerà como affirma Salomaõ. 2 Naõ ha que admirar disto; porque se Adam havia de trabalhar no Paraiso de delicias, 3 como naõ trabalharemos no lugar de afflieçoens? senaõ trabalharamos neste, fora lançarnos Deos em melhor Paraiso; mas he triste, que o que se chama vida, sejaso trabalho, como dizia Euripides. 4

2 Com tudo tambem nesta pena foy Deos misericordioso; (notaõ os Escritores) porque nos he util, & chamaõ ao ocio quasi morte, & sepultura da natureza. 5 Ensinaõ os Medicos 6 que sem trabalho corporal naõ podemos ter saude; & segundo Aristoteles, 7 os que mais trabalhaõ; mais vivem. Sem o espiritual se embota o juizo, & se perde a memoria, como o fogo se apaga sem materia; o ar se corrompe sem movimento; as aguas se danaõ sem corrente; os campos se fazem mato sem cultura; perde-se no ocio quanto se fabricou para o util da vida; os navios, se naõ navegaõ, as casas, se naõ se habitaõ; os soldados, se naõ servem; os cavallos, senaõ se montaõ; atè as fontes se entupem, senaõ correm; & as estradas se desfazem, se naõ se cursaõ; o que come de seu trabalho, he bemaventurado, & lhe hirà bem, disse David: 8 he bemaventurado, porque

nem

1 *Job 5.7.*

2 *Prov 6.9.cum seqq. & cap.10 4.& cap.10.4.& cap.18.19.*

3 *Gen.2.15.* Posuit eum in Paradiso voluptatis, ut operaretur.

4 *Euripid.* Vitæ quid nomen habet, te ipsa labor est.

5 *Bened.Pereyr.in Gen.l.6.n.166 Bened Fern.1.Gen.sect 9.n.3. & in cap.3.sect.18.n.4.*

6 *Hippocrat.6.Epid.sect 8. Galen.l 2.Salubr.text 1.& in initio libri de aliment.Paul.Eginet.l.1.c.35.*

7 *Aristot.de long.vit.*

8 *Psalm.127.v.1.* Labores manuum tuarum quia manducabis, beatus es, & bene tibi erit.

nem come do alheyo, nem pede, nem lhe falta, & lhe hirà bem na ſaude, na honra, na fazenda, & na alma, fugindo à ocioſidade, cauſa de muyta malicia, como o eſcreve o Eccleſiaſtico. 9

3 Milita iſto em todas as idades: Diogenes a quem lhe aconſelhou que deſcançaſſe, pois era velho, reſpondeo, que os que corriaõ em certamen, naõ afroxavaõ o curſo, ainda que eſtiveſſem perto do fim da carreyra. 10 Em todas as qualidades: o grande Affonſo Rey de Napoles, a quem lhe notou occuparſe em manufacturas curioſas, perguntou, ſe aos Reys foraõ dadas as mãos para naõ uſarem dellas. 11 Em todo o eſtado: S. Paulo trabalhava, & exhortava a iſſo ſeus diſcipulos; 12 a huns dizia que para ſoccorrerem a pobres, a outros que para naõ comerem o paõ ocioſo: 13 & S. Joaõ Chryſoſtomo notou, que atè no Terreal Paraiſo mandou Deos a Adam que trabalhaſſe, para evitar a ocioſidade. 14

4 He verdade, que no trabalhar ha de haver medida; porque a natureza naõ pòde fazer trabalho continuo. 15 Se os campos naõ deſcançarem, ſua fertilidade cançarà: atè o ferro ſe gaſta com o uſo: Porcio Latro foy reprovado, porque começando a eſtudar, naõ ceſſava dias, & noytes inteyras. 16 Apelles louvando ao grande pintor Protogenes, o igualou a ſi, & diſſe, que duvidava ſe era ainda mayor meſtre; mas que tinha tacha de naõ ſaber ceſſar de pintar, & com tudo Apelles naõ paſſava dia ſem lançar linha. Ao deſcanço chamou Plutarco 17 *Conduto do trabalho*, ſaborea o que ſem elle ſe naõ pudèra levar.

5 Atè niſto nos doutrinou, & acudio a Divina piedade, dividindo (nota Saõ Chryſoſtomo 18) o dia da noyte: hum para o trabalho, outra para o deſcanço, como diſſe David. 19 Ao dia ſetimo de cada ſemana mandou que deſcançaſſemos; 20 ſantificallo para ſi foy utilidade noſſa: & tambem mandou, que cada ſete annos deſcançaſſe a terra de ſer cultivada, 21 para frutificar mais; 22 o que nos he exemplo.

6 De Socrates ſe eſcreve, que ninguem trabalhava tanto como elle, ſendo neceſſario; nem deſcançava mais que elle quando podia, ſem faltar. O grande Orador Aſinio Polio reſervava para deſcançar duas horas do dia, nas quaes nem cartas de amigos lia, porque naõ lhe occaſionaſſem alguma pena. 23 O ſegundo Scipiaõ Africano, & Lelio, ſahiaõ dos negocios de Roma atè o mar, & nas prayas andavaõ buſcando ſeyxinhos, & conchas como meninos; 24 finalmente para interpor alivio ao trabalho, inſtituiraõ os Republicos antigos celebridades, & jogos publicos.

7 Ainda no jejum, oraçaõ, contemplaçaõ, & todo o ſerviço de Deos, enſinaõ o meſmo os melhores Meſtres. 25 S. Joaõ Chryſoſtomo diz que os dias, que a Igreja ſepára na Quareſma para naõ jejuarmos, ſaõ como eſtalagens para deſcançar, & tornarmos ao jejum com mais forças: 26 Saõ Joaõ Evan-

9 *Eccleſiaſt.* 33.19.

10 *Diog. apud Laert. l. 6. in ejus vita.*

11 *Parermitan. l. 1. de geſt. Alphonſ.*

12 *Act.* 20.34.

13 *D Paul. ad Theſſalon* 3.8. & 12.

14 *D. Chryſoſt. in Gen. hom.* 14.

15 *Valer. Maxim. l. 8. c. de otio laudato.*

16 *Celius l. 9. cap.* 35.

17 *Plutarch. de educ. lib.*

18 *D. Chryſoſt. in Gen. hom.* 11. *in princip.*

19 *Pſalm.* 10. *v* 14. Exibit homo ad opus ſuum, & ad operationem ſuam uſque ad veſperum.

20 *Exod.* 20.20.

21 *Levit.* 15.11

22 *Theodor. in Levit. q* 35.

23 *Refert hoc, & alia Franc. de Fuenſalida, tract. do Reſouſo da alma cap* 4.

24 *Cicer. l.* 1. *de Orat.*

25 *Ludovico Bloſio na Inſtit. eſpiritual cap.* 12. *ad fin. & em outros lugares de ſuas obras.*

26 *D. Chryſoſt hom.* 12. *in princ.*

Evangeliſta a hum que lhe notou jogar com ſeus diſcipulos; perguntou ſe conviria eſtar ſempre intenſo hum arco das ſettas que trazia na maõ. E reſpondeo elle, que naõ, por que afroxaria, lhe diſſe o Santo, que o meſmo ſuccederia ao corpo, & ao eſpirito, ſenaõ deſcançaſſe. 27

8 A medida deve ſer no corporal, quanto as forças commodamente pòdem: no eſpiritual, quanto o animo de boa vontade recebe, 28 como no eſtamogo ſó ſe deve lançar quanto poſſa bem digerir; 29 enfadando-ſe a natureza notavelmente, ſe deve tomar recreaçaõ licita, 30 que como ſomno vivo, reſtaure as forças. 31

9 Neſta materia dizia o muyto Religioſo Varaõ Fr. Luis de Granada: *Trabalhamos, trabalhamos; para quando trabalhamos?* Chega a morte, & nòs a trabalhar pelo Mundo: *Que tira o homem de todo eſte ſeu trabalho?* pergunta o Sabio. Nada, ſenaõ o meſmo trabalho, & acabarſe tudo. 32 Se Deos trabalhou por nòs, porque naõ trabalhamos por elle? 33 Mas eſte diſcurſo fique para outro lugar.

27 *Refere Stephan. Coſta tract. de Ludo § 1. ex n. 4. habetur in tom. tract. DD. jur. civ.*

28 *Socrates apud Xenophont. l. 1. de dict. & fact. Socrat.*

Bloſio na regra da vida eſpiritual c. 23. ad med.

29 *Joan. Nevis. in Sylva nupt. l. 5. n. 54 ad fin.*

30 *Gloſſa, verbo peragant, in §. Tertii, in Præm. Digeſtor.*

31 *Cicer. 1. Offic.*

32 *Eccleſiaſtic. 1. 3.* Quid habet amplius homo de univerſo labore ſuo, quo laborat ſub ſole?

33 *D. Ambr. Serm. 10. in Pſalm. 118.*

CAPITULO X.

Da terribilidade, certeza, & ligeyreza da morte; por quantos caminhos chega naõ imaginados; & como ainda aſſim foy miſericordioſa, & util a condenaçaõ a ella.

1 A Pena da morte nos foy a mais terribel, porque tudo acaba, 1 & he ſeparaçaõ da alma, & do corpo, que he a mais cuſtoſa. 2 A razaõ diſſeraõ alguns hereges que era, por eſtar nelle mandada por Deos, que de lugares bemaventurados deſterra por caſtigo as almas para as prizoens dos corpos humanos: couſa ridicula. 3 Outros com igual abſurdo fabulàraõ que as almas, vagando ſem morada, eſpreytaõ as mulheres que parem, & como a rebatinhas, entraõ nos corpos, que pòdem occupar; 4 & que depois lhes tomaõ affeyçaõ, porque elles naõ ſaõ taõ indignos como os imaginamos; pois ſe tem viſto que diſſolvido hum corpo humano, (como a arte pòde fazer) naõ ficaõ mais que ſete, ou oyto onças de pura terra, & tudo o mais ſe desfaz em fogo, ar, & agua, que chamaõ ſulphur, & Mercurio; & que ſymboliza tanto com o ouro, que nada o diſſolve taõ facilmente como o ſal, & oleo que ſe tira de hum cadaver. A verdadeyra razaõ daquella dor (alèm do que Ariſtoteles 5 com generalidade aponta, de ſe amarem muyto corpo, & alma, & aſſim ſentirem muyto ſepararem-ſe) he; 6 porque a alma, poſto que de tanta excellencía, depende abſolutamente para ſua perfeyçaõ do corpo que habita; por iſſo

1 *Ariſt. 3 Ethic. c 6.* Omnium rerum nihil morte terribilius, nihil acerbius, cum omnium rerum ſit extremum.

2 *Ludovic. Vives de anim. l. 2.*

3 *Epiphan. hæreſ. 64.*

4 *D. Greg Nyſſen. de anim. & reſurrect.* Eadem abſurditas eſt etiã in altera opinione, ſi quis putet, animas rapiendi tempus obſervare, ut in corpora naſcentia ſe inſinuent.

5 *Ariſt. Mor. l 9. c. 9.*

6 *Pad. e Zachar. de Lyſicux, Capuxinho Francez na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 4.*

isso dizia hum Filosofo, que retirada da materia, não ficava mais que meya pessoa, & por sua essencia espiritual tão alta, tinha a desgraça de necessitar do corpo terreitre que a humilha: Depende, porque sem corpo não pòde obrar, merecer, & fazer-se glorioſa; nelle tem Monarquia em que governa como Rainha, dà leys, castigos, & premios, & com a magestade de sua presença conserva os membros, que saõ os seus vassallos: imitando ao Principe soberano, que sustenta o ser de tudo o que creou, & como os Reys da China (quando florentes, antes da invasaõ dos Tartaros nos annos passados) posto que sempre fechados no Paço, estimavaõ tanto aquella superioridade cativa, que a naõ trocariaõ com a liberdade dos subditos; nem Principe algum trocàra seus cuydados pelo socego de menor fortuna, assim a Alma sofre gostosa as miserias do corpo em que reyna, & difficilmente se persuade a deyxallo. O governar he appeticivel, & o ter occasiaõ de se fazer glorioso.

2 Sendo taõ penosa a morte, he a cousa mais certa, pois ninguem a pòde evitar. 7 Viveo Mathusalem novecentos & sessenta & nove annos: Gordono, Author grave, diz que alcançou a Adam, duzentos quarenta & tres annos, & que morreo só hum anno antes do Diluvio: 9 Rabbi Sela o faz morto muyto poucos dias antes; 10 foy o que viveo mais, & em fim morreo. Mais desengana a morte de hum velho, que a de hum moço: porque esta succederia por accidente, aquella he de ley; pòde haver remedio para alargar a vida, nenhum para escusar a morte. Xerxes chorava, que todos os homens de seu innumeravel exercito haviaõ de ser mortos dentro de cem annos: nenhum de tantos melhores havia de ter, ou traça, ou fortuna de escapar. Antigamente quando coroavaõ Emperador de Constantinopla, entre as festas lhe apresentavaõ algumas pedras, perguntandolhe de qual queriaõ que lhe lavrassem a sepultura; que nem os mayores Monarcas pòdem resistir.

3 Sobre ser a mais certa, he a morte a cousa mais apressada em chegar. As allegorias dos antigos, nos Centauros meyos homens, & meyos cavallos, significavaõ, que com ligeyreza de cavallos corriaõ os homens para a morte. 11 Mas pouco differaõ, como tambem Job, em comparar a vida a correyo de posta, náo veloz, & aguia que corre à pressa. 12 Melhor o mostráraõ David, chamandolhe *fumo*, & *sombra*; 13 Salomaõ *final de nuvem*, ou *nevoa que o Sol desfaz*; 14 & o Apostolo Saõ-Tiago, *vapor que apparece, & desaparece logo.* 15 No instante que começamos a viver, começamos a morrer, como vela accesa, que vay morrendo no que dura: 16 quanto cresce o corpo, tanto se diminue a vida: quanto nos parece que vivemos, tanto nos chegamos à morte; 17 este he o tempo que o Sabio chamou, *tempo de morrer*, 18 explica o grande Agostinho. 19

4 Sobre ser apressada, chega por mais caminhos dos que se pòdem imaginar. O Emperador Heliogabalo atinou em

7 *D. Paul. ad Hebr. 9. 27.* Statutum est hominibus semel mori.
8 *Gen. 5. 27.*
9 *Gordono in Chronolog.*
10 *Rabbi Sela apud Genebrard. in Chronolog. l. 1. etat. 1.*
11 *Explicat Fr. Heytor Pint. p. 2. dial. 4. cap. 11. ex Peleſato lib. de fabu. variat.*
12 *Job 9. 24. & 25.*
13 *Psalm 101. v. 4. & 12.*
14 *Sapient. 2. 3.*
15 *Jacob Epist. cap. 4. 15.*
16 *Psalm. 57. v. 8.* Sicut cera quæ fluit, auferentur.
Dissemos no Poema Ulyssip. cant. 1. Octav. 46.
A vida vay morrendo no que dura.
17 *Senec. Epist. 24.* Quotidie morimur, quotidie enim demitur aliqua pars vitæ, & tunc quoque cum crescimus, vita decrescit: & *Epist. 78.*
D. Hier ep. 3 ad Heliodor. Quotidie morimur, quotidie immutamur, & æternos nos esse credimus.
D. Aug in Soliloq. c. 2. Vita quantò magis crescit, tanto magis decrescit: quantò magis procedit, tantò ad mortem accedit.
18 *Ecclesiast. 2. 3.* Tempus moriendi.
19 *D. Augusti de Civ. Dei l. 13. c. 10.*
Veja se na 2. part. cap. 53. n. 8.

que ſua morte ſeria violenta, porque ſabia que a merecia; mas naõ atinando o modo, fez para muytos preparaçõeſ extraordinarias, dizendo que como elle o era na vida, tambem o havia de ſer na morte. Tinha cordas de ſeda, & algodaõ, para ſe enforcar em algum aperto; tinha venenos em cayxas de eſmeraldas, jacintos, & cornerinas; edificou huma torre alta, cercada de pavimento de prata, & ouro engaſtadas nelle riquiſſimas pedras, para ſe precipitar ſobre aquella riqueza; & tinha outros inſtrumentos precioſiſſimos, para uſar delles ſegundo a occaſiaõ; mas fóra de tudo o que podia imaginar, o matàraõ dentro de hum lugar o mais immundo, para onde fugio. 20

20 *Mexia na Sylv. de var. lig. l. 2. c. 29. ad fin. ex aliis, quos refert.*

5 Alèm dos caminhos violentos a ferro, & por deſaſtres, ſaõ innumeraveis as doenças que combatem a vida. Sô contra os olhos contou Galeno 21 cento & quinze; perde-ſe por cauſas leviſſimas. O graõ de hum bago de uvas afogou o Poeta Anacreonte: hum cabello ſorvido em leyte, a Fabio Senador: huma eſpinha muyto pequena, a Tarquinio Priſco Rey de Roma; 22 outros morrèraõ do cheyro de murraõ de velas apagadas. 23 Quantos morrèraõ de repente ſem ſe ſaber a occaſiaõ?

21 *Galen. introd. cap. 15.*

22 *Franco in Camp. Elyſ. q. 40. num. 2. & Fulgoſ. & aliis.*

23 *Foreſt. l. 9. obſerv. 4.*

6 Atè no goſto ſe morre. Morrèraõ Chilo Lacedemonio, abraçando hum filho coroado nos jogos Olympicos; 24 Sophocles, & hum dos Dionyſios de Sicilia, ouvindo nova de vitorias alcançadas; 25 Philipides Comico, vencendo hum certamen Poetico; Diagoras Rhodio recebendo parabens de ſeus filhos athletas haverem vencido; o Conſul Juvencio Talna lendo as cartas das honras que lhe decretava o Senado por haver ſubjugado Corſega; 26 duas Romanas vendo vivos dous filhos que tinhaõ por mortos na batalha de Traſimeno, ou de Canas; 27 outra chamada Policrate tendo huma nova alegre, que naõ eſperava; 28 Philemon Poeta, rindo de ver que hum jumento comia hum prato de figos, que eſtava ſobre hum eſcritorio; 29 Philiſleon Nicio, Poeta Comico do tempo de Socrates, tambem morreo de riſo. No deſcobrimento do Cabo de Boa Eſperança, que fez o Portuguez Bartholomeu Dias, encontrando a huma caravela de ſua companhia, que havia nove mezes ſe havia apartado, hum homem della morreo de goſto. 30 Outros ſemelhantes caſos eſcrevem muytos Authores; 31 ſendo feliciſſimo o da mãy dos ſete Martyres Macabeos, 32 que alguns dizem 33 que morreo de goſto, vendo-os mortos pela honra de Deos. Em Sardenha ha huma herva de folhas largas, que comida cauſa riſo, que ſó com a vida acaba; o Vice-Rey Marquez de Favara no anno de 1590. a experimentou em hum Turco condenado á morte, o qual rindoſe ſete horas eſpirou; 34 que ha que eſperar da vida, ſe ſuas alegrias mataõ? ou como eſperamos viver peccando tantas vezes, ſe Adam foy condenado taõ terribelmente à morte, peccando ſó huma? 35

24 *Cicer. Tuſcal. l. 1. Aul. Gel. noct. Attic. 2. cap. 15.*

25 *Plin. l. 7. c. 17.*

26 *Valer. Max. l. 9. cap. 12. de morte non vulgar.*

27 *Liv. Dec. 3. l. 2.*

28 *Plutarch. de clar. mulier.*

29 *Valer. Maxim. ad cap. 1.*

30 *Barros Dec. 1. l. 3. cap. 4.*

31 *Texto in Offic. p. 1. tit. gaudio, & riſu mortui. Hieron. de Hueta nos Problem. philoſoph. Problem. do riſo. Jul. de Caſtilho, hiſt. dos Godos l. 1. diſc. 10. Diogo de Funes, hiſt de aves, y animales l. 2. cap. 16*

32 *Machab. 2. c. 7.*

33 *Britto Monarch. Luſit. p. 1. l. 2. tit. 12. cum Marian. Vict. hiſt. Machab.*

34 *Britto ſuprà l. 1 tit 8.*

35 *D. Hieron. Ep. 14. ad Mauritii filiam de Virg. laud.* Adam ſemel peccavit, & mortuus eſt: & tu te vivere poſſe exiſtimas, illud ſæpe cõmittens, quod alium cùm ſemel perpetraſſet occidit.

Com

7 Com tudo conſideraõ os ſagrados Doutores, 36 que ainda eſta condiçaõ foy miſericordioſa; pois podendo matar logo, deo tempo a Adam, & a *Eva*, para ſe arrependerem; & foy util a todos; pois perdida a juſtiça original, naõ havendo caſtigo, a impunidade nòs libertaria, & quãto mais viveſſemos, mais peccariamos. Foy tambem util a incerteza do tempo da morte, para nos fazer bons, andando ſempre acautelados; foy util para nos livrar de trabalhos continuos; & Deos ſuavizou ſua terribilidade, como em outra parte largamente diremos. 37

36 *Chryſoſt. hom 10. in Gen & hom 26 ſtatim poſt princ. D. Aug de Gen ad lit. l 6. cap. 25. Ben. Fernand. in 3. Gen. ſect. 38. n. 7.*

37 *Part. 2. cap. 52.*

CAPITULO XI.

Como Deos moſtrou aos homens a neceſſidade das leys, & a fórma do Juizo; trata-ſe da excellencia da Juſtiça: quaes foraõ os primeyros Legisladores; a dignidade da Juriſprudencia; irmandade que tem com as armas, pela qual ſe unem ſem precedencia.

1 A Juſtiça he coeterna, & inſeparavel de Deos; 1 atè os Gentios o entendiaõ, pois tiveraõ por Deos a Oſyris antes de morrer, ſó porque era juſto por excellencia; 2 & Marco Tullio diſſe, que as leys juſtas derivavaõ de Deos a razaõ; 3 Imagem de Deos lhes chamou Santo Agoſtinho. 4

1 *Dext 32 4. & alibi paſſim.*

2 Eſta natureza Divina da Juſtiça ſe moſtra nos effeytos. Por ella, dizia Socrates, 5 ſe ſuſtenta eſta maquina univerſal, & deyxa de tornar ao caos primeyro, guardando os Ceos, os Aſtros, os Elementos a Ley que Deos lhes poz: a ſaude dos corpos conſiſte na igualdade dos humores, que os Medicos chamaõ de Juſtiça: 6 todas as virtudes ſe comprehendem na Juſtiça: 7 he mãy, fonte, & concordia dellas; 8 todas neceſſariamente a acompanhaõ, diſſe Ariſtoteles, 9 pelo que enſinou que naõ he parte da virtude, mas toda a virtude; & que a injuſtiça que ſe lhe oppoem, naõ he parte do vicio, mas todo o vicio. 10 Ella conſerva os povos, diſſe Demoſthenes: 11 eſtabelece a liberdade, diſſe Tullio; 12 he meſtra da vida, extirpadora dos males, origem da paz; nenhum bem ſem ella faz conſonancia, notou Patricio. 13

2 *Diodor. l. 4. cap. 1.*
3 *Marc. Tul. Philip. 11.* Lex nihil aliud eſt niſi recta, & à numine deorum ratio.
4 *D. Aug de Civ. Dei l. 9.*
5 *Socrates apud Platon Epilog.*
6 *Hippocrat. de natur. hemin. Galen. l. 1 de temperament. cap. 6. Avicena l. 1. Sent. 1. doctr. 3 cap. 1. & 2. Petr. Aponenſ. Conciliator differ. 31.*
7 *Ariſtot. Ethic l. 5 c. 3.*
8 *Pelus Pythagor. l. de juſtit. Lactant. l. 3 de divin inſt. c. 5. D. Ambroſ in examer.* Ubi eſt juſtitia, ibi omnium virtutum eſt concordia.
9 *Ariſt. l 3. de Repub. c 18.*
10 *Idem d. l. Ethic. cap 3.*
11 *Demoſthen. contra Ariſtog.*
12 *Cicero orat. pro Cluent.*
13 *Patritius de Repub. l. 5. tit. 2. fol. mihi 121.*

3 Eſte Divino attributo, com que tudo havia creado, quiz Deos por ſua bondade participar ao Mundo para ſua conſervaçaõ, & logo com Adam o praticou, dando aos homens primeyro exemplo para o imitarem, fazendo tambem niſto miſericordioſamente util aquelle ſucceſſo de noſſos primeyros Pays. Já que os conſtituhia Principes, havia de enſinarlhes os actos da Juſtiça, ſobre a qual ſe firma o Throno

Real, 14 & he taõ proprio attributo dos bons Principes, que David fallando do Reyno de Chriſto, entre as primeyras qualidades lhes diz que cinjaõ a ſua eſpada, 15 pela qual ſe ſignifica a juſtiça.

14 *Proverb.* 16.12. & c.25 5.

15 *Pſalm.* 44.v.4.

4 Havendo jà na conſtituiçaõ do Mundo dado leys aos abyſſos, & às aguas, como Salomaõ diſſe, 16 & havendo exercitado juſtiça no delicto de Lucifer, & dos complices, 17 pôz a Adam a ley que jà tratàmos, 18 a qual diz Tertulliano 19 que foy máy, & fonte de todas as leys da terra. Enſinou logo naquelle principio, o que em razaõ natural advertio Marco Tullio, 20 de que ſem leys, nem huma pequena caſa, nem ainda huma companhia de malfeytores ſe póde ſuſtentar. Ellas lhe daõ alma. Eliano 21 atè aos bandos de animaes brutos attribue acçoens legitimas para ſe conſervarem: pondo exemplo nos Leoens, & Delfins, que repartem a caça, aventajando os que mais ſe ſinalàraõ em a tomar.

16 *Proverb.* 8.29.

17 *Iſai.* 14.12. *Apocalypſ* 12 7.

18 *Suprà cap* 4.n.2. *cum ſeqq.*

19 *Tertul. contra Judæos in princ.*

5 Alli começou o beneficio das leys com que ſe illuſtrou o mundo, & foy a primeyra ſciencia, que nelle houve: 21 o meſmo Senhor dictou depois a Moyſés, 23 a que havia de guardar o ſeu povo, ſem commetter iſto nem a hum Anjo, porque lhas deveſſemos immediatamente. Dos Legisladores humanos, o primeyro de que temos noticia, foy Tubal neto de Noè, que vindo povoar a Heſpanha pelos annos cento & cincoenta depois do Diluvio, as deo eſcritas em verſos, 24 os Eſcritores Portuguezes 25 querem que as eſcreveſſe em Setuval, ſua primeyra povoaçaõ. Depois delle ſe duvida ſi Eàco avò de Achilles, ou a antiga Ceres promulgou primeyro leys. Mercurio Trimegiſto, & Oſyris, ſaõ celebrados por Legisladores primeyros entre os Egypcios: Zoroaſtes, entre os Perſas: Rodamante, & Minos, entre os Cretenſes: Charondas entre os Carthaginenſes: Zamolizes, entre os Scithas: Phoronéo, entre os Gregos: Lycurgo, particularmente entre os Lacedemonios: Dragon, entre os Athenienſes, dando leys taõ ſeveras, que a menor pena era de morte; donde diſſe Demades, que as eſcrevèra com ſangue humano; & pagou aquella crueldade, quando no Senado de Egina, com pretexto de o applaudirem, lhe lançàraõ tantas capas, que morreo abafado debayxo dellas. 26 Mais celebre ſe fez Solon, reformando aquellas leys com menos rigor. 27 Aos Romanos (omittindo o que Tacito 28 refere com particularidades eſcuſadas) deo Romulo ſeu primeyro Rey as primeyras leys, que chamou *Curiatas*, porque os Tribunaes para decidir as demandas: ſe chamavaõ *Comitia Curiata* 29 ſegundas leys, que S. Iſidoro 30 chama primeyras, deo o ſegundo Rey Numa Pompilio. Por ſerem todas diminutas, lançados fóra os Reys, ſe elegèraõ dez Varoens, que foraõ pedir as ſuas aos Lacedemonios, & Athenienſes; & na ſegunda parte, 31 a outro propoſito referiremos o modo por que huma gloſſa de Direyto Civil conta, que ſe alcançàraõ. Trouxeraõ-ſe eſcritas

20 *Tullius* 3. *de leg.* & 1. *offic.* & *orat. pro Cluent.*

21 *Ælian. de animal l.* 2. *cap.* 8. & *l.* 5. *c.* 39.

22 *Joaõ Huarte de Saõ Joaõ no Exame de engen. proœm.* 2. *prope fin.*

23 *Exod.* 10.

24 *Beroſ. l.* 3 *de Flor. Chaldaic. Strab. l.* 3.
Pinèd, Monarch. Eccleſ p. 1. *l.* 1. *cap.* 13. §. 4. & *cap.* 23. §. 4.
Greg. Lop. Madera, nas Excellenc. de Hſpanha cap. - §. 2.
Fr. Hieron. de Caſtro, nas addiç. a Jut de Caſtilho, hiſt. dos Godos, l. 1. *diſc.* 2.

25 *Fr. Heytor Pinto in Ezech. cap.* 27.
Brito na Monarch. Luſit l. 1. *cap.* 3.
Faria no Epit. das hiſt. Port. p. 4 *c.* 6. *n.* 1.
Vaſco Mouſinho de Quebedo no pœma.
Affonſo Aſſic. Cant. 3.
Diſſemos nas Excell. de Port. cap. 5. *Excel.* 1.

26 *Suid. in Dracon.*
Alex. ab Alex Gen. dier l. 3 *c.* 5. *poſt med.*

27 *Deſtes, & de outros Legisladores D. Iſid.* 1 5. *Etym. refertur in c. Moyſés diſt.* 7.
Text. in Officin. p. 2 *tit. Legisladores.*

28 *Tacit. Annal. l.* 3. *ante med.*

29 *L.* 2. *in princ. & ibi gloſſ. marg. ff. de orig. jur.*

30 *S. Iſidor. ſuprà.*

31 *Part.* 2. *cap.* 7. *n.* 14.

critas em dez taboas; a que em Roma ſe accreſcentàraõ duas de mais leys que ſe fizeraõ, & ficàraõ ſendo as *Leys das doze Taboas* taõ celebradas. Depois ſe foraõ emendando, & multiplican, do com Senatus Conſultos, edictos dos Pretores; & Ediles, reſpoſtas de Jurisconſultos, & conſtituiçõcs dos Emperadores; & por varios modos, que relataõ o Juriſconſulto Pomponio,&o Emperador Juſtiniano, 32 o qual ultimamente reſumio todas ao Direyto Civil, que hoje temos.

6 A todos os Legisladores ſe conhecèraõ os povos muyto obrigados, como a Authores de ſeu mayor bem; Cicero diſſe, que mais deveo Athenas a Solon, pelas leys que lhe deo, que a Themiſtocles pela memoravel vitoria de Salamina; porque eſta aproveytàra huma vez, & aquellas para ſempre. 33 E por ſer dom de Deos, perſuadiaõ os Legisladores Gentios a ſeus povos, que os Deoſes lhes enſinavaõ as leys, que elles eſtabeleciaõ; Oſyres diſſe aos Egypcios, que as aprendèra de Mercurio: Charondas attribuhio as ſuas a Saturno: Zoroaſtes Perſa a Oromato: Solon Athenienſe a Minerva: Zamolizes Scitha a Veſta: Minos Cretenſe a Jupiter: Lycurgo Lacedemonio a Apollo: Numa Rey de Roma à Deoſa Egeria, atè o falſo Arabio Mafoma ſe atreveo a blasfemar, que fallava com o Anjo S.Gabriel. Os outros Reſpublicos mais modeſtos, que naõ fingiaõ taes Oraculos, tinhaõ grande attençaõ a que os Authores das leys foſſem bem reputados, porque ellas tiveſſem mais credito, & houve Republica, que naõ promulgou huma ley boa inventada por hum homem ſuſpeyto nos coſtumes, ſem lhe dar por Author outro de conhecida rectidaõ; que tambem as doutrinas, como partes da alma, herdaõ nobreza de ſeus pays. *Chriſto* Senhor noſſo perguntava, que opiniaõ ſe tinha delle. 34 os Chriſtiãos reſpondemos com o Apoſtolo Saõ Pedro, que he *Chriſto Filho de Deos vivo*; & taõ mal guardamos a Ley, que nos deo, que em algum modo mais nos condenamos, que os que o naõ conhecem; mais gravemente peccamos, que Adam, & *Eva*, conſidera S. Joaõ Chryſoſtomo, 53 por doutrina de S. Paulo.

7 Quebrada a ley formou Deos contra os Reos aquelle juizo jà referido; 36 no qual enſinou a fórma ſubſtancial delle: fez officio de Author a juſtiça, como conſiderou Saõ Bernardo, 37 & aſſim houve as tres peſſoas de que o Juizo deve conſtar: Author, Reo, & Juiz: 38 & houve prova, que o Direyto reputa por quarta peſſoa, 39 a qual foy a confiſſaõ dos Reos, que he a melhor. 40

8 Houve citaçaõ, ſem a qual ſe naõ pòde proceder, 41 por aquellas palavras: 42 *Adam aonde eſtàs?* E a Eva: *Porque fizeſte iſto?* & ainda que a naõ houvera taõ formal, baſtára apparecerem elles em juizo, para o defeyto da citaçaõ ficar ſupprido. 43

9 Finalmente, poſto que Deos ſabia muyto bem como o caſo paſſára; com tudo deſceo a devaçar, & ouvir a cada hum, para

32 *In L 2. ff de orig. jur & in tit. Inſt. de jur. nat. § conſt. autem cum ſeqq.*
Aymar. Rivalius in hiſt jur Civilis habetur in com. 1. tract. DD.

33 *Cicer. 1. offic.* Illud enim ſemel profuit, hoc ſemper proderit Civitati.

34 *Matth. 16. 13.*

35 *D Chryſoſt. in Gen. hom. 18. in princ. & 19 in fin. ex D. Paul. 2. ad Rom. 1.*

36 *Sup. cap. 7. Not. Joan. Hupert. ſuprà.*

37 *D. Bernard. Serm. 1. in Annunt.*

38 *Cap. Nullus cum gloſſ 2. ibi 4. q. 4.*
Cap ſorus 10. v. jurgium, de verb. ſignific. gloſſ. verb judicium. in eodem c. in princ c. 2 extrav. commun.

39 *Gloſ. citata, & diximus in Luſ. liber l. 2 c. 1. n 4.*

40 *Totus tit de Confeſſ.*
Latè Muſc. de prob conc. 344. & 348.

41 *L de unoquoque ff. de re jud. cap. 1 de cauſ peſſeſſ. & prop*

42 *Gen. 3. 9. & 13.*

43 *Bart. & Bald. in L. 1 ff. de in jus voc.*
Vantius de nullit ex defectu citation. n. 17. communis apud Luſe. lit. C conclus. 272. n. 82.

para enſinar aos Juizes, que naõ devem julgar pelo que extraordinariamente ſabem, mas ſó pela prova judicial; 44 o que tambem nos enſinou quando conheceo da cauſa de Caim. 45.

20 Diſto ſe moſtra a dignidade grande da Juriſprudencia, pois alèm de ſua antiguidade, muyto importante para as precedencias; 46 alèm da materia em que ſe exercita, que he o governo da Republica, & a deciſaõ das controverſias, ſugeyto da mayor nobreza do Mundo; foy Deos o primeyro Juiz, & ſerá o ultimo, oſtentando niſto a mayor mageſtade, como por vezes diſſe no Evangelho, 47 & eſte officio prometteo aos que deyxáraõ tudo pelo ſeguir. 48 Para o exercitarem conſtituhio os Reys; como tambem diſſe, 49 & he a parte, notou Plutarco, 50 porque a dignidade Real ſe faz mais illuſtre. Só por ella ſe diſtingue dos Vaſſallos. Porque hum particular pòde ter conſelheyros para ſua conſciencia: ſe he rico, tem miniſtros para ſua fazenda: ſe he grande, aconſelha-ſe no que toca a ſeu eſtado, & honra: hum rebellado tem exercitos, & faz conſelho de guerra; ſó ter ſupremo Tribunal he julgar, he ſoberana regalia. 51 Niſto fundey hum papel para a precedencia, que nas exequias do Sereniſſimo Principe Dom Theodoſio, nunca aſſás chorado, pertendeo o Supremo Senado da Caſa da Supplicaçaõ a todos os outros Tribunaes; poſto que eu mè achava jà no da Fazenda, que ſe tem por mayor, me obrigou mais a verdade; & o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. lhe deo lugar extraordinario, encoſtado às grades defronte do Altar mayor da Capella Real, onde as exequias ſe celebràraõ, atè a cauſa ſe decidir: mandando-o declarar aſſim no principio do meſmo acto por hum Rey de Armas em voz alta. O meſmo ſe fez depois nas exequias do meſmo Senhor Rey, & da Senhora Rainha Dona Luiza, cujas almas eſperamos em Deos que eſtaõ no Ceo.

11 Os Principes naõ coſtumaõ julgar immediatamente por ſi, poſto que o intentou ElRey de Caſtella D. Sancho, 52 que chamàraõ o *Deſejado*: julgaõ por miniſtros, que de neceſſidade eſcolhèraõ para repartirem o trabalho, como fez Moyſés aconſelhado por Jetro, 53 & mandado por Deos; 54 nem o mayor entendimento, como diſſe Tacito, pudèra comprehender tanto; 55 obraõ a exemplo do Summo Rey, por ſegundas cauſas. Porèm como eſta funcçaõ radicalmente he inſeparavel da dignidade Real, ſempre as ſentenças paſſaõ em ſeu nome, 56 & de decidirem as cauſas ſe prezaõ os Emperadores em todos os Textos do Codigo, porque os Principes, & os Juizes fazem hum corpo. 57

12 Conforme a iſto, ſempre os miniſtros Juriſperitos foraõ tidos na mayor eſtimaçaõ. Na Eſcritura ſagrada 85 ſe equivocaõ, & ajuntaõ com os grandes Principes. Os Emperadores Romanos quando os nomeavaõ, lhes chamavaõ *Amigos*. 59 O Emperador Sigiſmundo os antepunha às peſſoas de

mayor

44 *De hoc egregiè Menebac. illuſt l* 1. *c* 14.

45 *Gen.*14

46 *L. Semper ff. de jur. immunit. de cenſib.*
Gloſ in C Statuimus, verbo primum locum, de maior. & obedient.
*Lotè Tiraquel de nobilit. cap.*19.
*Vald. de dignit. Reg cap.*5.

47 *Matth. cap.*19.28. *& c.*24. 30. *& cap.*25 31.

48 *Matth* 19.21. Sedebitis, & vos judicantes.

49 3 *Reg.*10.9. Conſtitui te Regem, ut faceres judicium, & juſtitiam.

50 *Plutarch. in Demetr.* Nihil tam egregium, atque proprium Regis eſſe quàm juſtitiæ opus.

51 *Cabedo p.*2. *dec.*85. *n.*1. *cum Barth in L. Hoc Tiberius, & in L* 2. *ff. de her. inſt DD in cap.*1. *Que ſint Regalia.*
Caſſaneus in Cathla. glor. mundi p 7. *conſid.*9. *Ord. Luſit. l.*2. *tit.*45. *§.*4.

52 *Jul. de Caſtilho Hiſtor. dos Godos* 4. *d. fo* 4.

53 *Exod.* 18.18.

54 *Deuteron.*16.18.

55 *Tacit. annal l* 1. Nec unius mentem eſſe tantæ molis capacem: *& lib.*3. Principem ſua ſcientia non poſſe cuncta complecti.

56 *Notat Benid Ægidius in L. Ex hoc jure cap.*3. *n.*9. *ff. de juſt. & jur.*

57 *Roland. à Valle conſ.* 1. *n.*2. *in* 3. *vol.*

58 *Joſué* 24.1. *Eccleſiaſtic. cap.* 10. *à n* 1. *& n.*27. *Baruch* 6.13. *Dan.* 3.91. *& ap.*6.7. *Act* 7. *n.*27. *&* 35 *ac paſſim.*
*Nota Cerifiers no Tatito Francez as reflexoens ſobit. ſobre a vida de Filippe o Bello ſect.*3.

59 *In L. Deviſ atres* 17. *ff. de jure pat. en. & in L.*4. *de contrab. ſtipul.*

mayor qualidade. 60 O Papa Callisto III. se jactava de que o Estado da Igreja tinha muytos: 61 Cassaneo faz Catalogo das prerogativas que gozaõ em varias partes. 62 Bovadilha, 63 fallando de Castella, refere largamente, como sempre os melhores Principes os tiveraõ em seus mais intimos conselhos; & notorio nos he como naquelle Reynoos Oidores chegaõ ao Conselho de Estado, & às Presidencias, como qualquer Titulo, & Grande.

13 A questaõ de precedencia com as armas, se deve definir conforme ao que disse o Emperador Justiniano: que *à Magestade Imperial importa naõ só estar ornada com armas, senão tambem armada com leys*: 64 tanto unio humas, & outras, que por communicaçaõ lhes trocou os effeytos, dizendo que as armas ornaõ, & as leys armaõ. Em outro Texto accrecentou, que *humas necessitavaõ sempre das outras*, 65 porque (como diz o Prologo das Ordenaçoens de Portugal: 66) *Assim como as leys com as forças das armas se mantèm, assim a arte militar com a ajuda das leys se segura*. De Romulo escreve Dionysio Halicarnasseo, que poz grande cuydado em fazer leys, *porque entendeo que com ellas se faria aquella suaidade pia, temperada, justiça, & forte na guerra*. 67 Isto praticou o mesmo Deos, quando para cumprimento da Justiça, com que desterrou nossos Pays por quebrantadores da ley, usou da espada do Querubim; 68 & dentro do Ceo consideramos o mesmo, quando attribuimos à espada do Arcanjo S. Miguel a cahida a que Lucifer, & os seus foraõ condenados; 69 & assim pela espada significou David 70 a Justiça, & se pinta a Justiça com a espada na maõ.

14 Em uniaõ taõ necessaria, mal se poderà achar precedencia; pois ainda que a mayor antiguidade favoreça a Jurisprudencia, naõ basta sem outras qualidades 71 mayores; & estas em ambas saõ iguaes; porque a materia, & fim he hum mesmo de conservar a Republica: & as partes do homem que obra, saõ igualmente nobres, obrando nas leys a cabeça, nas armas o coraçaõ, assentos da vida, & principaes instrumentos das acçoens, pois do coraçaõ sahem os intentos, 72 & do juizo a disposiçaõ; & assim como he verdade, que tambem nas armas obra o juizo, dispondo o que o coraçaõ intenta com valor; assim he certo, que na Jurisprudencia obra o coraçaõ, dando valor para executar o que entende o juizo; valor muyto necessario aos Juizes, porque todas as virtudes tem contra si sós os vicios, a que mais facilmente se dá repulsa. A' temperança combatem só os glotoens: à castidade os lascivos: & assim discorrendo pelas mais; só a Justiça tem contra si os màos, & tambem os bons a que se deve respeyto; pedem os Religiosos, intercedem os melhores da Republica, & os Grandes de quem se depende, para que se faça hum favor injusto; he necessaria muyta constancia para resistir.

15 Por isto disse o Cardeal Hostiense, 73 que os Juizes que

60 *Bapt. Ignat lib. 3. de Rom. Princ.*
61 *Jovian. Ponian. l. de Princ.*
62 *Cassan. supr p. 10 consid 8. 14. & 41.*
63 *Bovadilha pol. l. 1. cap. 10. & n. 33.*

64 *In Proem. Inst.* Imperatoriam Maiestatem, non solum armis decoratam, sed etiam legibus oportet esse armatam;
65 *In L. 2. C. de Justinian Cod. confirm.* Istorum enim alterum alterius auxilio semper eguit.
66 *Ordin. Lusitana in Prologo.*

67 *Dion. Halicarnas. lib. 2. antiquitat.* Intellexit Romulus rectis legibus; honestorumque studiorum æmulatione piam, temperantem, justam; belloque fortem civitatem fieri.
68 *Gen. 3. in fine.*
69 *Apocalyps. 12. 7.*
70 *Psalm. 44. 4.*

71 *Diximus in append. lib. cap. 5. n. 23.*

72 *Matth. 24. 16.*

73 *Hostiens. in Proem. summa relatus à gloss. margin. in L. 1. ff de just. & jure.*

que obraõ o que devem, fazem taõ boa vida, como quaeſquer Religioſos: do que merecem com Deos os bons Advogados, diz muyto o Padre Engelgrave 74 moderno elegantiſſimo. O Santo Job diz de ſi meſmo, que era Juiz na porta da Cidade, 75 onde eſtava o Tribunal da Juſtiça. 76 Dionyſio Areopagita, Juiz no Senado de Athenas, foy taõ grande Santo, que em ſeu martyrio glorioſo, caminhou myſterioſamente com a cabeça nas mãos moſtrando, que ſe os màos Juizes poem na cabeça as mãos com que tomaõ; (& por iſto os Thebanos faziaõ as eſtatuas dos bons Juizes ſem mãos) 77 elle occupàra as mãos com a cabeça, porque naõ tomaſſem: de poder de outros ſahiriaõ as partes com as mãos na cabeça; mas elle foy tal, que podiaõ todas as cabeças porſe nas ſuas mãos. De Moyſés diz Saõ Bernardo 78 que foy advogado do Povo de Deos, o meſmo fez Daniel por Suſana, 79 convencendo as teſtemunhas 80 muyto conforme a Direyto: S. Philogonio, de Advogado foy chamado para Biſpo, 81 no tempo em que elles ſe eſcolhiaõ Santos: Santo Ambroſio foy onze annos Orador de cauſas na Corte de Milaõ, 82 & por ſantidade eſcolhido para ſeu Arcebiſpo: S. Ivo foy Advogado com duas excellentes qualidades, que notou Surio, 83 que o fazia de graça, & naõ uſava de dilaçoens: S. Eleazaro Conde profeſſou ſer Advogado dos pobres; eſtando hum dia ſentado à meſa lavando as mãos para começar a jantar, chegou hum, pedindolhe foſſe deſpachar hũa ſua petiçaõ; levantouſe, & foy ao Paço deſpachalla; depois veyo jantar. 84 Deyxo por brevidade os illuſtres Boecio, Symmaco, Theophilo, Sulpicio, Severo, Germano Antiſſidorenſe, Moro, & outros de ſantidade rara; remetendo-ſe ao que eſcreveo o Padre Joaõ Bautiſta Fragoſo, Doutor clariſſimo, & ultimamente o muy curioſo Henrique Engelgrave. 85 He a Juriſprudencia milicia, como expende hum Texto dos Emperadores, 86 que como diziamos, 87 requer valor para obrar como o tiveraõ eſtes Santos.

16 Se conduz a preferencia à qualidade dos altos ſugeytos, que profeſſáraõ as armas; todos os Principes procuraõ moſtrar que por officio profeſſaõ as leys, jactando-ſe de que todas eſtaõ em ſeu peyto, 88 chamando-ſe ley animada. 89 Ao Emperador Carlos Magno elegèraõ aos Romanos por defenſor com titulo de *Advogado* contra os Reys dos Longobardos; 90 & eſcuſa outros exemplos dizer o Evangeliſta Saõ Joaõ, que *Jeſu Chriſto* he noſſo Advogado diante de ſeu Eterno *Pay*; 91 & chamar a Santa Igreja à *Virgem* Maria *noſſa Advogada*. 92

17 Conforme a eſta uniaõ da Juriſprudencia com as armas, praticavaõ os Romanos entre ellas indubitavel igualdade; em hum meſmo Senado definiaõ as cauſas, & tratavaõ a guerra, ſendo os Miniſtros juntamente Juriſperitos, & Soldados, que dos auditores de Roma ſahiaõ a governar os exercitos das Provincias; nem podia ter lugar ſuperior na milicia,

74 *Henric. Engelgrave in Cælo Empy.. tom 1. feſt. S. Ivonis § 2. cum D Thom. 2. 2. q. 71. art. 1. & aliis DD.*

75 *Job 19. 7.*

76 *Diremos na 2. p. cap. 14. n. n. 4.*

77 *Fr. Heytor Pinto tom. 2. dial. 4. c. 16.*

78 *D. Bern. Ep. 78. ſtatim poſt rincip.* delis advocatus, &c.

79 *Engelgravé d. §. 2. in princ. v. habent.*

80 *Dan. 13. 51. cum ſeqq.*

81 *D. Chryſ. orat. de B Philogonio, in tom. 3.*

82 *Caſſiodor. var. lect. cap. 20.*

83 *Surius die 19. Maii.*

84 *Binet. in vit. S. Eleazar.*

85 *Fragoſo de Regim. Reip. Chriſt. p. 1. l. 5. diſp. 13 n 135.*

86 *L. Advocati 14. C. de Advoc. diverſ. judicior.*

87 *Supra n. 14.*

88 *Text. in L. Omnium 19. C. Teſtament.* Toto jure, quod in noſtris eſt ſcriniis conſtitutum.

89 *Auth. de cõſul. §. ult. collat. 4.*

90 *Engoliſmenſis in hiſtor. Caroli Magn.*

91 *Joan. Ep. 1. c. 2. n. 1.* Advocatum habemus apud Patrem Jeſum Chriſtum.

92 Eia ergo Advocata noſtra.

milicia quem naõ foſſe Letrado; parecendolhe (diz Pomponio Leto)93 que melhor ſe faria a guerra por ſabios: o Emperador Carlos V. para ſocegar o levantamento do Perù, mandou os Licenciados Pedro Gaſca, & Vacca de Caſtro, que o ſocegàraõ vencendo muytas batalhas. Bovadilha refere neſte penſamento outros exemplos. 94

18 Depois que por incuria dos tempos faltou a felicidade de haver homens ſcientes em ambas as diſciplinas, ſe controverte a preferencia entre letras, & armas. 95 O grande Affonſo Rey de Aragaõ, ſendo nella perguntado a qual era mais devedor, reſpondeo 96 *que pelos livros conhecèra as armas.* El-Rey de Caſtella Dom Filippe o *Prudente*, por aquellas razoens as igualou, ordenando que nos Tribunaes concorrendo Conſelheyros de toga, & eſpada, ſe preceedeſſem ſó pela antiguidade, como ſe vè no Regimento mal praticado do Conſelho da fazenda de Portugal.

19 He verdade que ha togados, que o douto Graciano 97 chama *moedas cerceadas*, porque naõ tem letras: *& Doutores de neceſſidade*, porque naõ tem ley: a hum deſtes chamado Publio Concio, ſendo perguntado em huma cauſa como teſtemunha, & reſpondendo, *que nada ſabia* diſſe galantemente Marco Tullio Cicero: *Cuydais que vos perguntaõ de Direyto?* 98 A outros chama o curioſo Neviſano 99 *Doutores de placebo Domino*; quadra aos que por ſubirem a lugares procuraõ vilmente contentar aos mayores, muytas vezes contra ſuas conſciencias, & ſempre contra ſeu decòro: huns, & outros deſacreditaõ a dignidade para os pouco entendidos, como hum Frade eſcandaloſo a ſua Religiaõ.

20 Mas nem o Frade o he ſó pelo habito ſem profiſſaõ regular: 100 nem o Letrado o he ſó na toga, ou no gràõ ſem ſciencia: 101 Doutor ſem letras, notou Neviſano, 102 que he fonte ſem agua, & que naõ he *Doutor*, mas *dor*: miniſtro ſem gravidade diſſe Salviano, 103 que he *ornamento no lodo.* Com os entendidos nem o màõ Frade prejudica à ſantidade da Religiaõ, nem o ignorante, ou vil Miniſtro à excellencia da dignidade, a huma, & a outra ſe conſerva o reſpeyto. O màõ Religioſo peccou: o ignorante peçea tambem, metendo-ſe no que naõ ſabe; 104 & como ſe expulſa o Religioſo incorregivel, tambem alguns Doutores ſe priváraõ jà dos gràos recebidos indignamente; 105 & muytos vemos que deveriaõ ſer privados dos Magiſtrados, ſe os Principes entendeſſem, que a ſua authoridade pende da que derem às leys, como diſſe hum Texto; 106 & q̃ em ſeus Miniſtros ſaõ os Principes avaliados, como notou Caſſiodoro, 107 culpando-ſe no que elles peccaõ; 108 & he penſaõ dos Reys, deverem reſponder a Deos tambem pelos peccados alheyos, como conſiderava David. 109

93 *Pomp Let. de Magiſt. Rom.* Bellum enim ſapientis optimè geri putabant.

94 *Bovadilha d. cap. 10. n. 35.*

95 *Trata a queſtaõ depois de outros Franc. Nunes de Velaſco, nos Dialogos da contenda entre a milicia, & a ſciencia.*
Joaõ Pinto Ribeyro no Trat. da preferencia das letras às armas.

96 *Franc. Tamara in dictis Alphonſ. Reg.*

97 *Stephan. Gracian. diſcept. forens. 1. 186. n. 41.*

98 *Refert Joaõ Neviſan. in Sylva nupt. 1. 5 n. 39. & 40.*

99 *Neviſan. ſup.*

100 *Cap. Porrectum 13 & cap. Ex parte 22. de Regular.*

101 *Bovadilha polit. l. 1. cap. 6 n. 38.*

102 *Neviſan. dicto loco.*

103 *Salvian de ver. judic. Dei l. 4 in princip.*
De his diximus in tract. Perfect. Doctor. qualit. 13. n. 5.

104 *Neviſan ſup. n. 54.*

105 *Refert Stephan Coſta in tract. de Ludo, in præfat. n. 2. viae Gratian. ſup. n. 31.*

106 *L. Digna vox 4 C. de leg.* De authoritate juris noſtra pendet: authoritas: *& ibi gloſſa.*

107 *Caſſiodor. l. 5. Ep. 13.* Quidquid de vobis fama loquitur, noſtris inſtitutionibus applicatur.

108 *Fiolcul. hiſt. p. 1. c. 2. ad fin.* In Principe culpa eſt ſtorum flagitium

109 *Pſalm. 18. v. 14.* Et ab alienis parce ſervo tuo.

CAPITULO XII.

Como Adam, & Eva *foraõ lançados do Paraiſo Terreal; eſquecimento que nos ficou do Ceo; lembranças que Deos faz delle, & como as deſprezamos.*

1 DAda ſentença, diz o Texto ſagrado, 1 que lançou Deos a Adam, & *Eva* do Paraiſo Terreal; ſinalaõ Authores graves 2 que à hora de Noa, que pela noſſa conta ſaõ tres da tarde; o Padre Bento Fernandes Eſcriturario doutiſſimo diz, que os lançou por miniſterio de hum Anjo, & que podia ſer o Querubim que ficou por guarda. 3 Hum livro douto, que dos Anjos compoz o Padre Fr. Guilhelme da Payxaõ, Abbade Géral que foy da Ordem de Ciſter neſte Reyno, Reformador da Ordem Terceyra de Saõ Franciſco, & Confeſſor do Cardeal Infante Dom Henrique, depois Rey, o qual anda manuſcrito, 4 diz que pelo Arcanjo Saõ Miguel.

2 Diſſe Deos que lançava a Adam, porque naõ comeſſe da outra arvore, chamada *da vida*, & viveſſe para ſempre; que tinha ella tal virtude, ou pelo menos de alargar muyto o viver; 6 & para a guardar poz hum Querubim com eſpada de fogo, Pudèra haver comido della ſem peccado, pois naõ tinha prohibiçaõ, antes permiſſaõ para todas, excepta a *da ſciencia do bem, & do mal*; 7 mas agora naõ quiz Deos que comeſſe, porque vivendo mais, peccaria mais; pelo que eſte deſterro, diz Saõ Chryſoſtomo, 8 naõ foy indignaçaõ, mas providencia piedoſa do *Senhor*.

3 Sahiraõ a vagar pelo Mundo, que naõ conheciaõ. Se a patria mais aſpera he taõ doce, como Ovidio moſtrou, dizendo, que das delicias de Roma fugia o Scytha para os gelos da ſua: 9 quaes ſahiriaõ aquelles deſterrados de patria toda felicidades? como os que levantaõ ancora, & ſoltaõ velas, engolfando-ſe nos mares, naõ tiraõ os olhos da terra em quanto a alcançaõ; aſſim Adam, & *Eva* os naõ apartariaõ daquella patria em quanto ſe lhes permittiſſe; & depois lhe deyxariaõ os coraçoens. Primeyro as lagrimas, que a diſtancia, os privariaõ de ſua viſta, & com ſuſpiros lhe quereriaõ chegar. *Eva* naſcida no mimo do Paraiſo, como caminharia deſcalça por terra, que Deos amaldiçoára para produzir eſpinhos! 10 E que dor teria ſeu eſpoſo, vendo-a padecer! Hum Filoſofo conſolava a hum innocente deſterrado, com que levava por companheyra a juſtiça, que deyxando os injuſtos, hia padecendo com elle o meſmo deſterro; 11 mas a noſſos Pays a conſideraçaõ contraria augmentava a pena, pois levavaõ por companheyra a conſciencia culpada, que juſtifica o caſtigo. 12

1 *Geneſ.*3.23.

2 *Pineda na Monarch. Eccleſ.p.* 1.*l.*1.*c.*11. §. 1. *com Moyſés Barcepha de Paradiſo.*

3 *Fernando in* 3.*Geneſ.ſect.*42. *n.*1.

4 *P. Frey Guilhelm.da Payxaõ tract.*1.*c.*7.

5 *Supra cap.*4.*n.*3.*in fine.*

6 *D.Thom.*1.*p.q.*97.*art ult. D.Bonaventur.&Gabriel cum Mag. Sent.l.*3 *diſt.*19.*q* 1. *Scot l* 3.*diſt.*19.*q* 1. *Fernand.*2. *Gen.ſect* 4 *n.*7.

7 *Geneſ.*2.15. & 17.

8 *D.Chryſoſt hom.*18.*in Gen & homil* 26 *poſt princip.vide ſuprà cap.* 10.*n.ult.*

9 *Ovid.*1.*de Ponto.*
Neſcio qua natale ſolum dulcedine cunctos
Ducit, & immemores non ſinit eſſe ſui.
Quid meliusRoma?Schythico quid frigore peius?
Huc tamen, ex illa barbarus urbe fugit.

10 *Geneſ.*3.18.

11 *Petrarch. de adverſ fort. Dial.*67 *de exilio.* Habes injuſti exilii ſolatii comitem juſtitiam, quæ injuſtos cives deſtituens, te ſecura tecum exultat.

12 *Pſalm.*50.4. Peccatum meũ contra me eſt ſemper.
Latè Senec. Ep.98 ad fin.l.16.

4 Diz S. Joaõ Chryſoſtomo 13 que os poz Deos deſterrados perto do meſmo Paraiſo, para q̃ à viſta do bem perdido lhes augmentaſſe a pena, & provocaſſe o arrependimento; que os caſtigos Divinos envolvem favores. Outros Authores eſcrevem, 14 que deſcéraõ para a parte de Jeruſalèm; & alguns accreſcentaõ 15 que paráraõ no lugar em que foy depois a meſma Cidade; alivio lhes fora conhecer o myſterio; mas ſem o conhecer, que conſolaçaõ teria quem ſe via perdido, & a ſua deſcendencia no temporal, & no eterno?

13 *D. Chryſoſt d. hom. 18. & Serm. 2 de Lazaro. Alii apud Per. in Gen. l. 6. n. 196.*

14 *Pin. d. d. ſ. 1. l. 1 cap 6. §. 3.*
15 *Matute na Proſop de Chriſto idade 1. c 4. §. 2. cum Catharino Gen.*

5 O peyor foy que com a injuſtiça original deyxáraõ a ſeus deſcendentes hum natural eſquecimento (por naõ dizer averſaõ) do melhor Paraiſo que aquelle figurava. 16 Somos como filhos naſcidos, & criados no carcere, q̃ o naõ eſtranhaõ, antes ſe eſpantaõ de verem que a mãy os chora. 17 Herdámos daquelles pays o deſterro, & naõ as ſaudades; da natureza nos derivou a doença, & naõ o remedio. Nos Hebreos ſahindo da patria para a tranſmigraçaõ de Babylonia, ſó ſe viaõ lagrimas por ſua perda: depois de habituados á ſervidaõ, a reputavaõ como natural; tomáraõ os coſtumes, & lingua da terra em que eſtavaõ; eſta lhes parecia bem, ſem ſe lembrarem da ſua ſenaõ raramente: aſſim nòs deſterrados do Ceo, cativos de miſerias, já pelo coſtume, naõ ſentimos o mal; ao Mundo amamos como patria, ſeus uſos nos agradaõ, fallamos a ſua lingua, & eſta he a vida que ſó queremos.

16 *Fernand. ſuprà ſect. 53. n. 4.*

17 *Ita D. Bernard. Serm. de priorde med. & xxvij. ante med.*

6 Deos como Pay, dizem S. Joaõ Chryſoſtomo, & Santo Agoſtinho, 18 para deſejarmos tornar à noſſa patria, nos eſcreve cartas com novas della, & nos aviſa da melhoria que lá teremos, com todas as razoens que nos devem perſuadir. Eſtas cartas ſaõ as Eſcrituras ſantas, que nos moſtraõ o que deſte Mundo naõ podemos ver por muyto ſuperior; dizem-nos que aquella patria he allumiada de huma luz intelligivel; Sol que naõ tem occidente, nem padece eclipſe, nem ſe lhe oppoem nuvens; cujos rayos eſtaõ ſempre igualmente claros, fazendo hum dia que naõ tem fim. Nella nos deſcrevem 19 huma Cidade edificada em quadro, por mayor fortaleza; cujos muros ſaõ de luzidiſſimo jaſpe, alicerſes de pedras precioſas, com doze pedras, cada huma de ſua perola; por dentro toda de ouro, tranſparente como vidro, para que o interior ſe veja; regada de hum rio como cryſtal corrente, cujas ribeyras povoaõ arvores, que cada mez daõ doze vezes fruto. Dizemnos 20 que alli reyna a verdade ſem combate de mentira: que as leys ſe reduzem à caridade, que faz indiſſoluvel uniaõ de todos os moradores; que eſſes poſſuem riquezas que naõ pòdem ſer roubadas; 21 lograõ ſaude q̃ nem morre, nem adoece; eſtaõ em banquete, 22 que ſempre dura, & nunca enfaſtia; que mata a fome, & deyxa appetite; que farta, ſem offender a temperança; em que o Rey ſerve à meſa, 23 & iguaria he o meſmo Deos; que eſtaõ livres das payxoens do corpo, & poſſuido-

18 *D. Chryſ. in Gen. 1. ante med.* Suam erga illos amicitiam renovare volens, quaſi longè abſentibus literas mittit, conciliaturus ſibi univerſam hominum naturam. *D. Auguſt. in Pſalm. 64* Miſitad nos inde epiſtolas pater noſter, miniſtravit nobis ſcripturas Deus, quibus epiſtolis fieret in nobis redeundi de fidelium.

19 *Apocalyp. 21. 22.*

20 *D. Aug ep. 5. ad Marcell.* Ubi Rex veritas, ubi lex charitas, ubi modus æternitas.

21 *Matth. 6. 20. Luc. 12. 33.*
22 *Matth. 22.*

23 *Luc. 12. 37* Faciet illos diſcumbere, & tranſiens miniſtrabit illis.

res das felicidades do eſpirito; finalmente, que gozaõ gloria indiviſa, & commua, nem viſta, nem ouvida, nem imaginada; taõ grande, 24 que tendo-a huns mayor, nenhum (em certa maneyra) a tem menor; porque a todos ſe enche o deſejo; gloria inexplicavel a palavras, pois he incomprehenſivel ao conceyto; Glorioſa Cidade, que nada tem que moleſte, & tem tudo o que deleyta!

24 *Iſai.64.4.D.Paul.1.ad Corint.2.9.*

7 Santo Agoſtinho, 25 lendo cartas de Saõ Paulino, que nunca tinha viſto, lhe reſpondeo, que era impoſſivel ler ſuas cartas ſem hum extremo deſejo de o ver: *Que agradaveis ſaõ!* (dizia o Santo ao Santo) *que doce eſtylo tem! naõ vos poſſo exprimir noſſa alegria quando as recebemos; em chegando todos as tomamos para as ler: & todos em as lendo ficaõ tranſportados com hum perfume do Ceo. Mas como na vida naõ ha conſolaçaõ perfeyta, eſte goſto nos fica aguado, vendo que a natureza nos poz em lugares taõ diſtantes, que naõ podemos lograr voſſa viſta como o eſpirito de voſſas cartas. O' ſervo de Deos, meu caro irmaõ; naõ vos conhecia minha alma; digolhe, que tolere voſſa auſencia, & naõ me quer obedecer; eu ſeria inſofrivel a todos, ſe pudeſſe ſofrer eſta auſencia.* 26 De pedra he o coraçaõ, que desfeyto em ſaudades naõ diz o meſmo, vendo nas Eſcrituras divinas as excellencias tanto mayores de Deos, que com os olhos corporaes naõ vio, mas cuja bondade naõ póde ignorar pelos effeytos: ellas lhe dizem que ſuas prefeyçoens ſaõ infinitas; que ſua eſſencia faz bemaventurados; & que ſua viſta em certa maneyra transforma como em Deoſes os que chegaõ a ella, pois o goſto intimo daquella divindade penetra, como o Sol a nuvem, todas as potencias.

25 *D.Aug.Ep.31.*

26 Quod ſi æquo animo ferrem, æquo animo ferendus non eſſem.

8 Se por ver a Salomaõ fez a Rainha Sabá jornada taõ larga: 27 ſe dos ultimos fins de Heſpanha foraõ a Roma Heſpanhoes, ſó por verem a Tito Livio: 28 ſe todo o curioſo, & bom juizo, fizera hoje as mayores diligencias por ver (ſendo poſſivel) os varoens que ouve famoſos em qualquer illuſtre qualidade; quem naõ deſejarà, & anhelarà com ſuſpiros ver junto em Deos por modo eminentiſſimo, & ineffavel, mayor ſaber, valor, poder, riqueza, ſantidade, & excellencias, que as de todos os inſignes homens, que jà mais houve, nem póde haver?

27 *3.Reg.10.*
28 *D.Hieron.in prol.Biblior. Et vide in 2 p.cap.64.n.41.*

9 Se a conſideraçaõ da fermoſura move, & obriga atè aos máos, & aos barbaros; 29 & por relaçoens houve muytos amantes; qual ſe póde comparar àquella primeyra, & increada Idèa da belleza? Poſto que o pincel da eloquencia nem delinear poſſa taõ amavel roſto, o fervoroſo deſejo ſe atreve na ſimplicidade a tanta empreza, naõ ſó (como fizeraõ muytos) argumentando *à poſteriori* da belleza das creaturas; mas *à priori*, tirando os delineamentos do original divino: *Toda a fermoſura do corpo*, diz Santo Agoſtinho, *he huma congruencia, ou proporçaõ, & conſonancia das partes, juntas com ſuavidade de cor.* 30 Deos, que nem tem membros, nem cor, nem he capaz de luz cor-

29 *Heliodor.l.1.* Pulchritudinis ſpecies atque conſideratio ea vi pollet, ut prædonum iplorum corda emolliat, moreſque effectos ducat in obſequium.

30 *D.Auguſt.de Civit.Dei l.22. cap.19.*
Omnis corporis pulchritudo eſt partium congruentia cum quadam coloris ſuavitate.

corporea, he ſummamente bello pela congruencia,& conſonancia de ſeus attributos, & perfeyçoens, & pelo eſplendor do acto puro, & puridade da eſſencia, que podemos imaginar membros da Deidade incorporea.

10 Conſideremos a proporçaõ entre a ſua Immenſidade, & ſua Eternidade. Aquella enche todo o eſpaço, eſta todo o tempo: aquella eſtà toda no mais pequeno lugar ſem ſe reſtringir; eſta correſponde a qualquer momento ſem ſe diminuir: aquella occupa toda a quantidade ſem extenſaõ quantitativa; eſta conſiſte em todos os ſeculos ſucceſſivos ſem ſucceſſaõ: hũa naõ tem termo, nem medida; outra naõ tem principio, nem fim; todos os eſpaços ſaõ copias da immenſidade, como de ſeu original: todos os annos reconhecem a eternidade por ſeu prototypo. A meſma correſpondencia ha entre a Miſericordia, & a Juſtiça: a Miſericordia he ſem compayxaõ, ſó por nos fazer bem; a Juſtiça ſem payxaõ, ſó por zelo do recto: 31 a Miſericordia ſem noſſos meritos ſe funda na ſua bondade; a Juſtiça remunerando, ſe apoya na meſma bondade, que nos deu meritos antecedentes, 32 & a cada hum premía, ou caſtiga para eterno. Semelhante he a conſonancia da Omnipotencia, & da Bondade; a Omnipotencia cria de nada, a Bondade occaſiona na creatura fazerſe digna, & amavel, para que a meſma Omnipotencia ſe lhe communique; 33 & aſſim a Omnipotencia nos conſerva, a Bondade nos fomenta: a Omnipotencia obrando, tem por fim a Bondade, & a Bondade tem por meyo a Omnipotencia, pois eſta creou de nada o que lhe offerece, & com obraço da Omnipotencia nos faz a Bondade uteis as creaturas. A meſma harmonia ſe acha entre o Entendimento, & a Vontade Divina; entre a Unidade, & a Trindade; entre a Infinidade, & a Simplicidade; entre a Incomprehenſibilidade, & a Infallibilidade; entre a Immutabilidade, & a Liberdade; & entre tudo o mais que ha em Deos; que deyxamos de expender por largo,& por nos tirarmos do que he Theologico puramente. 34

11 Todas as bellezas ſaõ, naõ ſó limitadas, mas tambem finitas em ſuas partes, de modo que no roſto humano mais bello, huma parte naõ tem a fermoſura do todo; huns fermoſos olhos naõ tem a graça da bocca; nem a bocca tem a vivacidade dos olhos. O nariz perfilado naõ tem o florido das faces; nem eſtas o decóro da fronte; cada parte eſtà reſtricta em ſi meſma. Na fermoſura de Deos, cada parte, ou membro (declaremonos aſſim) tem tambem a fermoſura dos outros: a Omnipotencia naõ ſó he bella, porque pòde tudo, mas porque tem a perfeyçaõ de todos os outros attributos; he a Omnipotencia infinita, boa, eterna, immudavel, miſericordioſa, juſta, incomprehenſivel, & ſabia: a Sabedoria he bella, naõ ſó porque conhece, & comprehende tudo; mas porque he ſabedoria incomprehenſivel, juſta, miſericordioſa, immudavel, eterna, boa, infinita, omnipotente; aſſim he em todos os mais attributos; de

31 *D. Thom. 1. p. q 21.*

32 *D. Aug. de grat. & liber. arbitr. c. 6.*

33 *D. Thom. dict. 1. p. q. 20. art. 2.*

34 *De tudo trata largamente o P. Anton. Guilherme liv. da Santiſſima Trindade diſc. 35.*

modo, que à orelha da Piedade naõ falta a graça dab oca da verdade: as faces da Misericordia, & da Justiça, tem a viveza dos olhos da Sapiencia, & Providencia: taõ bellos saõ os olhos, & qualquer outra parte, como todo o rosto, & como todo Deos.

12 Sobre tudo he a cor suave (que requer Santo Agostinho) desta belleza subsistir em si mesma sem dependencia, & ser por essencia eterna, & immudavel. O' belleza, ò graça, ò venustidade do meu bellissimo Creador! (exclama hum espirito devoto) 35 quem de ti se naõ namora, naõ sey se vive, & se vive, naõ vivé vida humana, mas de bruto animal, antes na visaõ de Ezequiel 36 atè ao boy, o mais pezado animal, porque tinha olhos para ver no carro huma figura da gloria, nascèraõ azas com que voava.

13 Parece impossivel que nestas lembranças naõ sintamos nosso desterro; & que o fogo dos desejos naõ mostre inclinaçaõ em algumas faiscas de voar, & subir a seu centro desatado da materia que o detem; dizendo com o Apostolo: 37 *Quem me livrarà do corpo desta morte?* ou com David, 38 *Como podemos alegrarnos em terra alhea?* repetindo muytas vezes, *Minha alma deseja chegar a Deos, como o Cervo às fontes; deseja chegar a Deos fonte viva: quando chegarey, & apparecerey diante de sua face? minhas lagrimas me saõ mantimento de dia, & de noyte, dizendome cada dia: Aonde està teu Deos? Muyto se prolonga meu desterro; quem me darà pennas para voar, & hir descançar nesses amaveis tabernaculos do Senhor das virtudes?* 39

14 Mas nem cada dia, como David, nem hum dia cada anno como os Possidoniates, fazem os homens esta reflexaõ. Os Possidoniates, havendo perdido com o tempo os costumes, & lingua Grega, & tomado isto de naçoens barbaras, tinhaõ destinado em cada anno hum dia para chorarem aquella perda, & trazerem à memoria a lingua que haviaõ deyxado; crendo que naõ era de entendidos, naõ sentir a privaçaõ daquelle bem, & entregallo ao esquecimento. 40 O grande Padre Santo Agostinho 41 diz que no desterro do Ceo, & cativeyro do peccado, deyxamos a lingua do Ceo, tomamos a do Mundo que nos he estrangeyra, & barbara. Porque irracionalmente deyxamos esquecer a primeyra, nem entendemos aquellas cartas divinas, nem as vozes com que as maravilhas de todas as creaturas nos estaõ sempre instruindo, 42 nem a do mesmo Deos que cada hora nos falla ao coraçaõ taõ sensivelmente, que naõ podemos deyxar pelo menos de ouvir o sonido; fechamos os ouvidos como insensiveis, 43 por mais que o mesmo Deos nos prègue 44 que ouçamos, pois temos orelhas para ouvir. Por isto faz muytas vezes que tambem nos naõ entende quando clamamos, como disse pelo Profeta Zacarias. 45 Se cuydassemos das cousas divinas, tambem elle cuydaria de nós, disse S. Chrysostomo. 46

15 Se

35 *P. Ant. Guilherm. sup. vers. Madeciamo, no fim.*

36 *Ezequiel 1.*

37 *D. Paul. ad Rom.* Quis me liberabit de corpore mortis hujus?

38 *Psalm.* 136. *v.* 5. Quomodo cantabimus in terra aliena?

39 *Psalm* 41. Quemadmodum desiderat cervus, &c.

Psalm. 119. *v.* 5. Heu mihi quia incolatus meus prolongatus est.

Psalm. 54. *v.* 7. Quis dabit mihi pennas sicut columbæ, & volabo, & requiescam?

Psalm. 83. *v.* 1. Quàm dilecta tabernacula tua, Domine virtutum! concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini.

Plura pulcherrimè P. Herman. Hugo in piis desider. l. 3. *voto* 7. *cum seqq.*

40 *P. Lyssieux na Philos. Christ. p.* 1. *c.* 6.

41 *D. Aug in Psalm.* 136 Hujus sæculi lingua barbara est, quam in captivitate didicimus.

42 *Paul.* 1. *ad Corinth.* 14 10. Nihil sine voce est.

43 *Psalm.* 134. *v.* 16. Aures habent, & non audient; neque enim est spiritus in ore ipsorum.

44 *Matth.* 13. 9. & 43. Qui habet aures audiendi, audiat.
Marc. 4 9 & 23.
Luc. 8. 18.

45 *Zachar.* 7. 13. Sic clamabunt, & non exaudiam.

46 *D. Chrysost. in Gen. hom* 14. *in fine.* Si nobis curæ fuerint divina, & ipse quoque Deus pro nobis solicitus erit.

15 Se alguem nos quer lembrar aquella lingua, ou deſtapar os ouvidos, em vez de lhe pagarmos como a meſtre, ou medico, o matamos; bem ſe vè em tantos Martyres, & outros Santos Varoens perſeguidos. Se em fim ouvimos, ou lemos aquellas cartas, & eſcrituras ſantas, he para as contradizermos. Os Gentios lhe chamavaõ fabulas, peſte da verdadeyra religiaõ antiga, & muytos Emperadores Romanos buſcàraõ todos os livros ſagrados, como criminoſos de leſa Mageſtade, para os queymarem, porque mais ſe naõ leſſem. Os Judeos naõ admittem a Concordia clara do velho,& novo Teſtamento,& por naõ quererem entender a Ley da Graça, ignoraõ a que profeſſaõ entender. Os hereges tiraõ, & accreſcentaõ letras: arrancaõ à ſua vontade as eſcrituras repugnantes, 47 pondo-as a tormento com interpretaçoens, & contra o meſmo Deos com implicaçoens; & ſe chamaõ *Catholicos Apoſtolicos*; como os ſedicioſos, que para titulo de ſeu furor, tomaõ hum pretexto eſpecioſo, ou violentaõ hum grande para ſua cabeça. Os Catholicos verdadeyros as equivocaõ para ſeus intentos, fabricando erros da verdade, como diſſe Tertulliano: 48 o avarento ſe eſcuſa com os lugares que encomendaõ providencia: o prodigo ſe val dos que louvaõ a liberalidade: o murmurador diz que tem zelo: o delicioſo,que Deos manda conſervar a vida: o que furta, ſe funda em ley de compenſaçaõ: & outras vezes (como Judas no unguento da Magdalena, 49] diz que ajunta para obras pias: a vingança nos miniſtros poderoſos ſe cobre com a capa da juſtiça; querem que o bem publico ſe dè por obrigado à ſua crueldade, & ſua ira: procuraõ perſuadir, que naõ tem mais intereſſe que o da Republica, & que a malicia com que caſtigaõ, nenhum parenteſco tem com ſeu ſangue: mata Herodes ao Baptiſta, & cobre-ſe com obſervancia do juramento 50 pedem os Judeos a morte de *Chriſto*, & fundaõ a petiçaõ em ley; 51 traça aprendida de Satanás, querer juſtificar precipicios com authoridades ſantas da Eſcritura. 52 Jà Tacito diſſe que para os vicios ſe pertendiaõ nomes honeſtos. 53 Todos torcem para ſua protecçaõ as letras ſagradas: louvaõ ſua belleza, mas naõ abraçaõ ſua virtude. Peyores ſomos os que ſem rebuço as offendemos, quando proteſtamos venerallas; como os que injuriavaõ a *Chriſto* noſſo bem, no meſmo tempo que lhe chamavaõ *Rey*, & moſtravaõ adorallo com os joelhos em terra. 54.

16 Finalmente quaſi todo o Mundo naõ lè, naõ entende, ou naõ eſtima as cartas que Deos nos eſcreveo com novas de noſſa patria; naõ permitta ſua piedade, que ou pelas naõ lermos, como Julio Ceſar a que o aviſava da conjuraçaõ; 55 ou pelas naõ eſtimarmos, como ElRey Joram as de Elias, 56 cayamos em morte mais funeſta. Como Santo Agoſtinho 57 introduzio ao *Senhor* dizendo que o amaſſemos tanto como hum avarento ao dinheyro; ſeja-me licito dizer que deveramos receber

47 *D.Hieron.ep.ad Paul.* In depravare ſententias, & ad voluntarem ſuam ſcripturam trahere repugnantem.

48 *Tertullian. Apolog. cap.47.* Omnia adverſus veritatem de ipſa veritate conſtructa ſunt; operantibus æmulationem iſtam ſpiritibus erroris.

49 *Joan.12.n.5.& 6.*

50 *Matth.14.*

51 *Joan.19.7* Nos lege gem habemus,& ſecundùm legem debet mori.

52 *Matth.4* Mitte te deorſum; ſcriptum eſt enim, &c.

53 *Tacit.annal.l.1.& 14.* Nemina honeſta portenduntur vitijs.

54 *Matth.27.29.Marc.15.18; Joan.19.13.*

55 *Plutarch.& Suet.in ejus vit.*

56 *Paralipom 21.*

57 *D.Aug.de diſcip Chriſt.* Me amare ut pecuniam; plus nolo amati,dicit Dominus;improbis loquor, avaris loquor, pecuniam diligitis; tantum me diligite.

ceber aquellas cartas do modo com que hum galante aceyta huma carta ociosa, com agrado, com respeyto, abre com ancia, lè com attençaõ, cuyda que ha de achar mysterio que naõ alcançou da primeyra vez; torna a ler, & dàlhe explicaçoens, que naõ imaginou quem a escreveo: sonha na reposta; & a portadora, ou portador he muyto vil, a carta he muyto má letra, sem virgula, nem ponto que distinga os periodos; tem palavras do uso sem conhecimento da significaçaõ, & em muytas regras naõ tem substancia. O' Bom Deos! das cartas que nos vem do Ceo foraõ Secretarios, & saõ portadores, Profetas, Apostolos, Evangelistas, & Doutores Santos; quem os manda he Deos, o mais amavel amante: trataõ da materia mais grave pelo estylo mais alto; com elegancia sem superfluidade; & assim merecem tanto mayor agrado, respeyto, & attençaõ; serem recebidas com fé, & lidas com esperança, interpretadas com amor, & cuydarse de dia, & de noyte, como se lhes ha de responder, & como se ha de alcançar a companhia de quem as mandou. Porèm assim como os Poetas artificiosamente dizem, que Páris, nem estimava, nem lia as cartas de Enone sua primeyra amada, porq̃ tinha os novos amores de Helena, assim naõ queremos novas do Paraiso nossa primeyra patria, porque nos impede a terra, que hoje he senhora de nossa affeyçaõ: ninguem pòde servir a dous senhores; 58 & he particular na amisade do Mundo, fazernos inimigos de Deos. 59

17 Terrivel consequencia do desterro de nossos primeyros Pays! fazernos naturaes as miserias delle, & persuadirnos, que estamos na nossa Patria, sem nos querermos lembrar da verdadeyra: foy necèssario que Deos amante, vendo que suas cartas eraõ desestimadas, enviasse seu Filho, porque o respeytassemos. 60 Para nos levantar o desterro, desceo da Patria Celestial, & atè da sua terrestre andou desterrado com sua *Mãy* Santissima; 61 & em Jerusalèm para onde nossos Pays descèraõ, 62 subio à Cruz, para subir nossos desejos à patria donde cahimos. Os que hoje vem, mas naõ vem 63 as cartas do Ceo; os que vem, mas naõ vem o que fez *Christo* porque as vissemos, que enganados se veraõ no Juizo final! *Entaõ veraõ*, disse o *Senhor*. 64 Os desterrados filhos de *Eva* na oraçaõ da *Salve*, que he o mesmo que *Ave*, clamamos à *Mãy* da Graça pelo remedio; com a troca do nome o veremos na segunda Parte, se clamamos de coraçaõ; aos que o tinhaõ no Egypto negou Deos entrarem na terra de Promissaõ, 65 posto que no exterior caminhavaõ para ella.

58 *Matth.6.14.* Nemo potest duobus dominis servire.

59 *Epist. Jacob cap 4.4.* Nescitis quia amicitia hujus mũdi inimicitia est Dei?

60 *Matth.21.Marc.12.Luc.20.*

61 *Matth.2.14.*

62 *Suprà n.4.*

63 *Matth.13.3.* Videntes non vident.

64 *Matth.suprà 26.* Tunc videbunt.

65 *Numer.14.*

CAPITULO XIII.

Como Deos veſtio a Adam, & Eva antes de os lançar do Paraiſo; como creſceo o exceſſo no veſtir, por ceguey-ra do peccado, & que moderaçaõ deve haver.

1 ANtes do peccado a graça veſtia a noſſos Pays de reſplandor; 1 logo que peccàraõ, ſe cobriram, como jà diſſemos, 1 com folhas de figueyra, por pudicicia. Deos quando os quiz lançar do Paraiſo, diz o Texto Sagrado 3 que lhes fez tunicas de pelles, & os veſtio; prevençaõ contra a inclemencia dos tempos. 4 Que ſenhor lança hum criado por culpas graves, prevenindolhe conveniencias? foy miſericordia, 5 que ſó cabe no generoſo peyto de noſſo Deos, que faz Sol, & chove ſobre juſtos, & injuſtos. 6

2 As pelles foraõ de animaes, que para iſto matou, 7 ſem ficar faltando aquella eſpecie, (no que alguns Doutores duvidáraõ) porque de todos tinha creado muytos, como advertio o doutiſſimo Pereyra; 8 & que naõ ha Eſcritura que prove o contrario. Naõ ſe ha de entender, dizem os Expoſitores, que lhes fez os veſtidos por ſuas mãos; mas por Anjos, ou com hum *Faça-ſe*, conforme a ſua Omnipotencia.

3 Sete ſeculos ſe continuáraõ veſtidos de pelles. Falto deſta noticia, diſſe Lucrecio Poeta 9 que os primeyros homens andando nùs, ſe reparavaõ dos tempos entre as arvores. Pelos annos ſetecentos pouco mais, ou menos da creaçaõ do Mundo, Noema ſexta neta de Adam por ſeu filho Caim, inventou o Lanificio, 10 & fazer delle veſtidos. 11 Teve Noema o louvor de moſtrar às mulheres o em que deviaõ occuparſe. Na antiga Roma foy ceremonia dos caſamentos mais graves, levarem diante da noyva, quando hia para ſua nova caſa, huma roca com linho, ou lã, levantada em alto, 12 com bandeyra, em cujo exercicio havia de militar: & todos os antigos pintàraõ huma honeſta matrona com hum jugo ſobre o peſcoço, & neile huma letra que dizia: *ſugeyta*; hum cadeado na boca, com letra que dizia, *callada*; apertada com hum cinto, & letra: *caſta*; na maõ direyta huma tocha aceſa com letra *fiel*; na eſquerda huma roca, com letra: *laborioſa*: 13 & o Eſpirito Santo nos Proverbios 14 a deſcreve fiando. Com o lanificio começáraõ os veſtidos mais polidos; mas entende-ſe que ainda no tempo de Noè naõ havia calçoens, 15 porque ſe elle os tivera, naõ lhe ſuccedéra deſcobrirſe. 16

4 Paſſado o Diluvio ſe deveo a Titea, (que os antigos chamàraõ Veſta) mulher de Noè, 17 enſinar às mulheres deſte novo Mundo como ſe fiava, & tecia. 18 Depois ſe attribuhio a Pallas

1 *D. Baſil. hom. 9.*
2 *Geneſ. cap. 3. v. 7.*
2 *Geneſ. 3 21.*
4 *Ben. Per. in Gen. l. 4. n. 160.*
5 *Ben. Fernand. in 3. Gen. q. 40. n. 1.*
6 *Matth. 5 45.*
7 *Abulenſ. in 3. Gen. Fernand ſupra.*
8 *Percy. in Gen. l. 6. n. 173. & l. 14. n. 14.*
9 *Lucret. l. 5.*
Et frutices inter cõdebant ſqualida membra, Verbera ventorum vitare imbreſque coacti
10 *Floſcul. hiſt p. 1. cap. 1. verſ. ſub hac tempeſta.*
11 *Fern. in 4. Gen. ſect. 19. n. 7.*
12 *Pedro Mexia na Sylv. de var. liç. l. 2. cap. 16.*
13 *Matute na Proſ. ſap. de Chriſt. idade 3. cap. 3 §. 3.*
14 *Proverb 3. 19.*
15 *Pineda Monarch Eccleſ p. 1. l. 1. cap. 18 §. 4. Fernand. in 9 Gen. ſect. 7 n. 1.*
16 *Gen. 9 21*
17 *Beroſ. l. 3. de flor. Chaldaic.*
18 *Matute ſupra idade 2. cap. 1.*

Pallas o tecer, & lavrar com miſtura de fio de ouro, donde Ovidio 19 eſcreveo a fabula de Aracnes, Lydia competindo com Pallas na deſtreza deſta arte; & o luxo foy introduzindo as veſtiduras mais ricas. Dizem 20 que Semiramis, Rainha de Babylonia, pelos annos quatrocentos depois do meſmo diluvio, inventou os calçoens; como era varonil, & pelejava a cavallo, queria acodir à honeſtidade, & tinha engenho para tudo.

19 *Ovid.Metam.in l.6.in princ.*

20 *Pineda d.cap.18.§.4.& c.l. 1.cap.30 §.3.in fin.*

5 No tempo adiante inventàraõ os Lidos em Sardinia o tingir as lans, & logo começou a purpura em Aſſyria; 21 & as cores, & feyçaõ das veſtiduras diſtinguiraõ os eſtados, officios, & dignidades, como os Authores miuda, & prolixamente referem; 22 ſuccedéraõ as ſedas, lavrando-ſe muyto poucas em Europa, vindo as mais de Aſia com difficuldade; atè que pelos annos de *Chriſto* quinhentos & cincoenta pouco mais, ou menos, imperando Juſtiniano I. dous Monges trouxeraõ a India a Grecia o modo de tirar os bichos, & o fizeraõ vulgar em Europa. 23

21 *Plin.l.7.c.56. Matuta d.cap.1.§.2.*

22 *Raviſ.Texter in officin.p.2. tit veſtiment.genera. Alex.ab Alex Genedier.l.1.cap.20. poſt princ. & l.4.c.11.ad fin.& c.17. ante med.& l.5.c.18.*

23 *Floſcul hiſt.p.2.t.c.3.verſ.& duo monach.*

6 Aſſim ſe foraõ demaſiando os veſtidos, chegando a cobrirſe com o ouro, perolas, & pedras preciosas, & tambem o calçado. Atalio Rey da Aſſyria inventou bracelletes, & joyas com pedrarias; 24 della ſe carrevagaõ as mãos, & a cabeça, & em collares ſe lançaõ ao peſcoço como priſoens: para iſto quantos morrem nas minas? quantas mãos ſe eſpedaçaõ para que hum dedo luza? Que tem o mar com os veſtidos? pergunta Plinio: 25 que tem as ondas com a lã, para a ornarem de perolas? Mitridates Rey de Ponto trazia huma eſpada, que valia perto de quinhentos mil cruzados de noſſa moeda de hoje. 26 Ao grande Alexandre enviáraõ certos Povos da India diademas que ſe avaliáraõ em cento & quarenta milhoens de ouro. 27 Nonio Senador Romano tinha huma pedra chamada, *opalo*, que hoje ſe naõ acha; era verde como eſmeralda, & lançava de ſi huma notavel claridade, avaliada em vinte mil ſeſtercios, que conforme a conta de alguns Authores, fazem quinhentos mil cruzados. 28 O Emperador Heliogabalo naõ veſtia ſenaõ purpura cuberta de ouro, perolas, & pedras preciosiſſimas; no calçado as trazia de valor ineſtimavel, & nellaeſculturas de admiravel artificio. Nem de veſtido, nem de calçado, nem de camiſa, nem de outra couſa que hum dia uſaſſe, ſe ſervia ſegunda vez, nem dos aneis, trazendo ſempre muytos. 29

24 *Brito Monarch.Luſit.lib.1. tit.4.*

25 *Plin.hiſt.nat.l.9.c.35.*

26 *Britto ſuprà l.3.tit.4.*

27 *Madeira nas Excellenc.da Monarch de Hiſpanha c.10.§.3.*

28 *Fr.Heytor Pinto p.2.dial.4. cap.7.*

29 *Com Lamprid.Capitol.& outros, Mexia d.l.2.cap.29.*

7 Heliogabalos querem hoje ſer quaſi todos os homens; gaſtaõ mais que elle á proporçaõ da poſſibilidade de cada hum; muytos mais gaſtaõ ſó em veſtidos do que tem de renda; no mais ſe ſuſtentaõ com traças, que naõ ſaõ para envejar. Ninguem aceytàra hoje a mercè que Deos fez aos Iſraelitas 30 nos quarenta annos que andáraõ no deſerto; & aos ſete moços Santos que chamamos *dormentes*, nos 373. annos 31 (ou perto de

30 *Deuteron.29.5.*

31 *Niceph.hiſt.Eccl.14.c.5.*

de 200. segundo outros Authores 33 que estiveraõ em huma cova, naõ se rompendo a huns, nem a outros o vestido, & calçado em todos aquelles tempos. Todos querem costumes novos, pelo menos cada anno. O trabalho tem crescido incomparavelmente, no estudo de inventar, ou na pontualidade de imitar; na diligencia de buscar o que mal se acha; na despesa de o comprar; no risco do official obrar bem; no enfadamento de vestir, & despir tantas miudezas; na molestia com que se aperta o corpo; na duvida de ser approvado, que he o mayor risco depois de tanto custo; porque huns dizem que naõ he proprio à idade; outros que naõ convèm ao estado; alguns que fora melhor pagar dividas: tal ha que murmura de ser fiado: & outros que professaõ vestir bem, sempre achaõ que notar, já no talhe, já na sorte da seda, já na guarniçaõ. Em Inglaterra conheci hum gentilhomem principal, & Catholico, que tinha por capricho trazer cada dia humas luvas novas.

32 *Alphons. Vener. in Enchirid. Jason. Zicsus, citatus à Franco, in Camp. Elys. q. 58 n. 14.*

8 Grande ignorancia, em que pelo peccado cahimos! converter o reparo que Deos deo ao corpo, em cuydado que occupa o juizo, em diligencia que leva o tempo, em despesa com que mal se pòde, em cousa que poucas vezes se acerta, molesta o corpo; & diz o grande Padre Saõ Basilio, 33 que diverte o espirito de Deos; & assim nossos Pays em peccando, sem se lembrarem de pedirem perdaõ, tratáraõ de se vestirem; 34 despiraõ-se da graça, & vestiraõ-nos da vaidade: envergonháraõ-se vendo-se sem vestido, & nòs podemos envergonharnos com tantos superfluos. Deos se fez pobre por nos vestir de graça; 53 contentouse com o encarnado, que a *Virgem* lhe deo; mas nem este, nem outro, que a *Senhora* lhe obrou por suas mãos, lhe deyxàraõ os homens saõ atè a morte; ambos lhe espedaçáraõ: 36 roto, & nû morreo o que veste a todos; sò naõ pareceo homem em morrer mais roto, & mais despido que todos os homens: & vestem-se ricamente os homens, havendo roto, despido, & empobrecido a Deos! Creou Deos sedas, & joyas, mas naõ para excessos; como creou ferro, naõ para homicidios; myrrha, & incenso, naõ para incensar idolos; ovelhas, & outras rezes, naõ para sacrificar a deoses falsos, creou tudo para usos louvaveis. 37

33 *D. Basil. hom. 9.*

34 *Genes. 3. 7.*

35 *D. Paul. 2. ad Cor. 8. 9.*

36 *Psalm. 21. 7 17. Matth. 27 35. Marc. 15. 24. Luc. 23. 34.*

9 Naõ he reprovada, antes louvavel, a medida conforme a idade, & estado. 38 Nos moços algum excesso de galantaria tem desculpa; antes o incurioso, & contra o uso seria em algum modo culpavel, mas sendo o excesso demasiado, dizia Augusto Cesar 39 que era bandeyra da soberba, & ninho da lascivia. Tambem nos Principes teve Seneca por conveniencia vestirem esplendidamente por decòro da Magestade. 40 Aristoteles louvou em Alexandre estudar muyto em se vestir com mais bizarria, & magnificencia que todos os homens. 41 O glorioso Rey de Portugal Dom Manoel cada dia vestia alguma peça nova, sem excesso; 42 mas o Emperador Alexandre Severo

37 *S. Cyprian. in l. act de habit Virginum.*

38 *Speculat. tit. de Advocato §. sequitur, usque ad n. 5.*

39 *Suet. in vit. August c. 73.*

40 *Referunt, & exornant Speculat sup. num. 1. Palat. Rub. in rubric. de donat § 11. n. 10. in fin.*

41 *Arist. in princ. epist. ad Alex. in lib. de Rhetor.* Quemadmodum vestium decore, atque magnificentia cæteris hominibus præstare maximè studes

42 *Damian de Goes na Chron. del Rey D Manoel cap. 84. ad fin. 4. part.*

vero ſe veſtia com pouca differença dos populares, dizendoque ſó nos bons coſtumes, & authoridade os queria exceder: 43 o meſmo uſava, & dizia o grande Rey de Napoles D. Affonſo: 44 & da meſma opiniaõ foy o grande Rey de Portugal Dom Joaõ IV. Nos de menor eſtado ſeguia o meſmo dictame o Thebano Epaminondas, que chamado para hum acto publico, naõ pode hir, porque eſtava a lavar hum veſtido que ſó tinha: era o mais reſpeytado varaõ daquella Republica; 45 mas foy hum homem ſingularmente inſigne, que naõ faz exemplo. Diogenes 46 igualmente notou de ſoberbos huns Rhodios que vio com precioſos veſtidos, & huns Lacedemonios que ſe veſtiaõ muyto mal; em tudo ha de haver decente moderaçaõ; deſta louvava Saõ Gregorio Nazianzeno 47 a ſeu irmaõ Ceſareo, dizendo, que ſendo grande na Corte, & andando no Paço, deſprezava o exceſſo veſtindo como Corteſaõ.

10 He finalmente concluſaõ dos Sabios, que poſto que os ruſticos meçaõ a authoridade pelo ornato; 48 os politicos, nem ao cavallo, nem ao homem avaliaõ pelos arreyos precioſos. 49 Os Filoſofos dizem 50 que a nimia curioſidade em ſe compor naſce de certa eſpecie de imaginativa muyto cõtraria ao entendimento; & tambem o deſcuydo grande, moſtra juizo deſcompoſto; 51 entre os dous extremos ſe deve ſeguir a media via, inclinando ſempre para a modeſtia ſem vileza, & ſem fauſto. Diſſeraõ tambem ſer couſa plebea veſtirſe melhor nos dias de feſta; a hum que o fazia, diſſe Diogenes, 52 que todos os dias eraõ de feſta para o homem de bem.

11 Sò com os homens fallamos; porque às mulheres, nem o eloquentiſſimo Chryſoſtomo com huma oraçaõ taõ elegante como ſua 53 pode perſuadir. Sò por curioſidade referimos que Atalio Rey dos Aſſyrios, pelos annos quinhentos pouco mais, ou menos depois do Diluvio, foy o primeyro que às mulheres concedeo poderem trazer galas, & joyas; 54 parece que atè entaõ ſe lhes naõ permittia: & tanto nos principios do Mundo pertendèraõ ellas eſta liberdade; elle meſmo lhes inventou aguas para o roſto. 55 A fermoſa Cleopatra Rainha do Egypto compoz hum livro dos trajes, enſinando como ſe haviaõ de toucar, & veſtir, de que cores conforme a altura, & feyçoens de cada huma, de modo que lhes eſtiveſſe bem o que puzeſſem; perdeu-ſe eſte livro de bem guardado, & foy a perda que as mulheres mais ſentiraõ. A ley Oppia prohibio às Romanas veſtidos de cores, & trazerem mais de meya onça de ouro; mas durou ſó vinte annos, porque as matronas amotinadas, cercando a caſa de Bruto, a fizeraõ abrogar. 56 O Emperador Hiliogabalo deputou lugar, como Senado, onde ellas conſultaſſem de que veſtido, calçado, & joyas haviaõ de uſar, & que couſas ſe haviaõ de permittir, ou prohibir a cada ſorte de qualidades; 57 ſem duvida ſeria o mais bemquiſto Principe entre as curioſidades. As grandes ſenhoras tem por ſi o con-

43 *Lampr. in Alex. Sever.*

44 *Panormit. de geſt. Alphonſ. Æneid. Sylv. de ejus dict.*

45 *Refert D. Chryſ. adverſ. vitup. vit. monaſt. l. 2 poſt med. tom. 5. Alex. ab Alex. l. 3 cap. 11.*

46 *Diogen. apud Ælian. l. 9. var. hiſt. cap. 34. de ſplendidè veſtitis.*

47 *D. Greg. Nazianz. orat. 1.*

48 Vir bene veſtitus, pro veſtibus eſſe peritus creditur, à mille quanvis idiota ſit ille. Si careas veſte nec ſis veſtitus honeſta, nullius es laudis, quamvis ſcis omne quod audis.

49 *Socrates apud Strob. Serm. 1. de Prud. Senec. l. 1. Epiſt 47.*

50 *Huarte de S. Joaõ no exam. de engen. c. 10. ad fin. verſ. los eſtud.*

51 *D. Aug. relatus in c. ult. 51. diſt.* Incompoſitio corporis inæqualitatem judicat mentis.

52 *Refert Bruſ. in facet. l. 7. cap. 12.*

53 *D. Chryſoſt. hom. 21. ad pop. Antioc. tom. 5.*

54 *Pineda in Monarch. p. 1. l. 2. c. 5. §. 1. no princip.*

55 *Britto na Monarch. Luſit. l. 1. tit. 4.*

56 *Valer. Max. l. 9. cap. 1. n. 4.*

57 *Mexia d. 1. cap. 29.*

conſelho, que Seneca deu à Emperatriz mulher de Nero, de que ſe veſtiſſe ricamente por eſplendor da dignidade; já de antes ſem doutrina o fazia com tanto excesſo Julia filha de Auguſto Ceſar, que ſe lhe advertio que pareceria melhor imitando a modeſtia do pay; a que reſpondeo, que ſe elle ſe eſquecia de que era Ceſar, ella ſe lembrava de que era ſua filha: 58 a impudicicia, que nella reynava, ſempre tem que reſponder. Com melhor texto as favorece David, ornando com veſtido dourado a Rainha de que fallava; 59 mas alêm de que aquelle ouro ſignifica as virtudes, ainda tomado à letra ſe reſtringe à moderaçaõ, dizendo *dourado*, & naõ *ouro*. A huma mulher ornada com demaſiada curioſidade, diſſe o inſigne Varaõ Thomàs Moro: *Deos te fará grande njuſtiça, ſe te naõ der o inferno por eſſe trabalho.* 60

12 Naõ ſou taõ ſevero, & ſey que Judith ſe ornou virtuoſamente com as melhores galas; 61 mas foy para vencer hum Capitaõ fugeyto ao vinho: Eſther para contentar a hum Rey, que eſcolhia bellezas, naõ tratou de ornamentos; 62 porque a natural deſarmada vence melhor aos que eſtaõ em ſeu juizo. O Padre Frey Chriſtovaõ da Fonſeca, no excellente livro do Amor de Deos, 63 refere que em Lisboa certa ſenhora que era fea, amanheceo hum dia fermoſa por milagre de Saõ Vicente; devia ſer para algum ſerviço de Deos, como ſuccedeo a Santa Iſabel Rainha de Hungria, augmentando-ſelhe a fermoſura de que era dotada, & a outras Santas. Diz o meſmo Santo, que aquelle milagre occaſionou ſerem as damas de Portugal devotas deſte Santo; diſto deve naſcer vermos bellezas milagroſas; mas que galante andava a mulher de Filo, de que em outro lugar temos fallado! 64 Deſenganem-ſe todas, que a fermoſura naõ conſiſte no que ſe pòde achar por dinheyro, como diſſe hum illuſtre Corteſaõ. 65

13 Por naõ parecer que approvamos o deſalinho, lembramos que atè nos que trataõ ſó de eſpirito he reprovado; tanto devem evitar o ſordido, como o elegante, dizia Saõ Jeronymo; 66 porque aſſim como eſte parece delicia, aquelle ſabe a jactancia, que he mais perigoſa com capa de virtude. 67 Aos virtuoſos encomenda Salomaõ, 68 que ſejaõ candidos ſeus veſtidos. De Saõ Bernardo ſe lè, que entre a pobreza do ſeu habito andava muyto aceado; 69 de Santa Thereſa de Jeſu, que era honeſtiſſima, & aceada no veſtir; 70 o meſmo aceyo tinha Santa Roſa Dominicana. 71 Exemplos que por todos baſtaõ. Sacrificio de immundos nunca agradou a Deos. 72

58 *Stob. Serm.22.*

59 *Pſalm* 54 v.11. Aſtitit Regina à dextris tuis in veſtitu deaurato.

60 *Refert Fernand.2. Gen.ſect. n.3. in fine.*

61 *Judith cap.*18. *& cap.*12. *&* 13.

62 *Eſther* 2.15. Non quæſivit muliebrem cultum

63 *Fonſeca do amor de Deos, p.* 1. *cap.*47.

64 *Suprà cap.*7. *n.*11.

65 *D. Franciſco de Portugal na arte de galantear p.*13. *no fim.*

66 *D. Hieron. Ep. ad Nep.*

67 *D. Auguſt. de Serm. Dom.*

68 *Eccleſ.*9.8. Sint veſtimenta candida.

69 *Britto na Chron. de Ciſter.*

70 *Herrera na hiſt. d'El Rey Filip. II. part.*1. *l.*17. *cap. ultimo.*

71 *Diſſemos no ep. paneg. de S. Roſa part.*1 § 2. *v. en edad, &* §.3. *v. tuvo.*

72 *In Levitico paſſim.*

CAPITULO XIV.

Como se acabou a Monarquia de Adam, & porque causa? que pela mesma se acabaõ todas as do Mundo; descreve se a grandeza, & ruina das mayores que houve.

1 ASsim acabou a Monarquia de Adam: que pouco duraõ as grandezas da terra! Se a fundada por Deos, poderosa em todo o Mundo, & sem ter competidor, feneceo taõ brevemente; em que se fiaõ as que naõ tem tantas causas de firmeza? A ElRey Poro vencido, perguntou Alexandre, dando-se por offendido da audacia com que se lhe oppuzera: *Que te parece que agora farey de ti?* E Poro lhe respondeo règia, & judiciosamente: *Faze o que te ensina este dia, em que vez como saõ caducas as felicidades.* 1

2 Sem razaõ se attribuem semelhantes ruinas à inconstancia do Mundo, nascendo ellas do arbitrio dos mesmos que governaõ. A melhor qualidade do Mundo he esta inconstancia: que seria dos bons, se fora constante para os màos? os bons tem a constancia em sua maõ propria; assaz constante he o Mundo em ser continuo prègador com exemplos que deveraõ instruir; que culpa tem se lhe naõ damos credito?

3 Era sentença de Xenofonte; 2 que as Respublica stodas cahem por falta dos Governadores, & que bem governadas seriaõ immortaes. Deos disse por Isaías, que se os homens se regessem pelos preceytos Divinos, fariaõ suas felicidades perduraveis: o principal preceyto aos Principes para reynarem perpetuos, he amarem a sabedoria; 3 & esta consiste no temor de Deos, como tudo disse o Espirito Santo. 4 Sem preceyto era obrigaçaõ, pois como sahiraõ de Deos, 5 por quem reynaõ; 6 para continuarem devem tornar à sua origem, como as aguas ao mar; 7 sendo sustitutos de Deos, 8 devem reynar só para elle, por naõ serem rebeldes; 9 recebendo de Deos a jurisdicçaõ, 10 tem delle particular dependencia, conforme a direyto; 11 & exlatando-os Deos, saõ obrigados a humilharselhe mais sob pena de ingratidaõ. 12 Por este caminho sómente se conservaõ os Principes: naõ só porque Deos favorece a quem o venera, & abate a quem o naõ respeyta, como differaõ Aristoteles, & Livio 13 Ethnicos; mas tambem, porque ainda que Deos dissimule, he consequencia natural, por meyos ordinarios aos quebrantadores de sua Ley, ou natural ou escrita, arruinarem-se; com tal providencia a fez aquelle summo Legislador, tambem para a conservaçaõ temporal, como jà mostràmos em obra particular deste instituto. 14

4 O pri-

1 *Q. Curt de reb. Alex. l. 8.* Quod hic dies tibi suadet, quo expertus es quàm caduca felicitas esset.

2 *Xenophont apud Patrit. de Rep. l. 1. c. 3. in fin. Isaiæ 48. 17.*

3 *Sap. 6. 22.* Diligite sapientiam, ut in perpetuum regneris.

4 *Psalm. 110. v. 10.* Initium sapientiæ timor Domini. *Prov. 1. 7. & Ecclesiast. 1.*

5 *Psalm. 81. v. 6.* Egò dixi Dii estis, & filii Excelsi omnes. *Joan. 10. 33.*

6 *Prov. 8. 15* Per me Reges regnant.

7 *Eccles. 1. 7.* Ad locum unde exeunt flumina, revertuntur, ut iterum fluant.

8 *D. Paul. ad Rom. 13. à princ.*

9 *Not. in Ceresier. no Tacito Frãc. reflex. sobre a vida de Filip Augusto sect. 6 Fracheta no Seminar. de govern. cap. 9 d sc. 9.*

10 *D. Paul sup. 1.* Non est enim potestas nisi à Deo *D. Petr. in prior. Ep. cap. 13.*

11 *Notatur. in l. Moral. 5 cum seqq ff. de jurisd. omn jud.*

12 *Cic. 1. offic.* Quantò superiores simus, tantò nos submissius geramus.

13 *Arist. 5 Rhet ad Alex.* Dtos proniores esse ineos, qui maximè illos colunt. *Liv dec. 1. l. 5.* Omnia prosperè veniunt sequentibus Deos, adversa autem sperueutibus.

14 *Dissimos na harmon. polit. na introduçaõ. & na 3. p. §. ult. & per tot.*

4 Ò primeyro homem (diſſe o Pſalmiſta) 15 eſtando na honra da mayor Monarquia naõ teve eſta ſciencia do temor de Deos; naõ guardou ſeu preceyto por iſſo ſe perdeo. Ninguem he offendido ſenaõ por ſi meſmo, diſſe o grande Chryſoſtomo; 16 cada hum he artifice da ſua fortuna, ainda entre os particulares, era ſentença de Menandro; 17 que ella ajuda a todos os ſabios que obraõ bem: Seneca 18 reconheceo que naõ tem juriſdicçaõ ſobre os procedimentos: a virtude he Louro contra o ſeu rayo: hum galante Comico de noſſos tempos diſſe que toda a adverſa ſe vence com diligencias; 19 & outro judicioſo Caſtelhano 20 deyxou dito ha mais annos, que a nenhum homem verdadeyro, & diligente faltará o neceſſario; & os favorece o Eſpirito Santo nos Proverbios, dizendo que o remiſſo ſerà pobre, & o *forte* (entendido pelo *ſolicito*) ſerà rico. 21 Pelo menos ſe adquirir, tal vez he fortuna como em Adam, & *Eva*; o conſervar, ſempre he prudencia. Por iſſo de Focas Tyranno do Imperio Grego, foy ſymbolo: *Naõ ſe conſerva a fortuna taõ facilmente*, 22 *como ſe acha*. Atè reynando Tyrannos procede eſta regra; pois quando os prudentes parecem maltratados, ſe conſervaõ na virtude, que he a prudencia, & conſervaçaõ verdadeyra; a do mundo, a que chama Saõ Paulo, *morte*, *& ignorancia*, 23 facilmente ſe accommodaria com elles; mas eſſa era a perdiçaõ. Cahio a Monarquia de Adam, naõ por fortuna, mas por imprudencia, & peccado ſeu; aſſim cahiraõ, & cahiraõ todas, as mayores que houve nos daõ exemplos.

5 A primeyra fundada em Babylonia por Nembrod, 275 annos depois do Diluvio; 24 paſſado depois aos Aſſyrios, & reſtituida aos Babylonios por Merodacho, por occaſiaõ da grande mortandade que o Anjo de Deos fez huma noyte no exercito do Aſſyrio Sennacherib, 25 parecia ter preſcrita ſubſtencia contra todas as mudanças, & ter dominio ſobre a meſma duraçaõ; pois contando de ſeu fundador, lha daõ os Authores de mil & quatrocentos & hum annos; 26 & começando de ſeu filho, ou neto Nino, que começou a eſtendella, dizem 27 que teve trinta & tres Reys Varoens; alguns eſcrevem que foraõ trinta & ſeis, todos ſucceſſivos de Pay a filho. Paulo Oroſio conta cincoenta, & Joaõ Michrelio ſetenta & cinco, em quaſi mil & quinhentos annos. 28 Foy taõ florente, porque os Reys Aſſyrios davaõ o primeyro lugar aos Caldeos, virtuoſos, engenhoſos; & ſcientes, governando-ſe em tudo por elles, fazendo-ſe taõ reſpeytados, que em todas as terras ſe chamavaõ depois, *Caldeos*, todos os homens honrados por ſabios.

6 Mas veyo a reynar Nabucodonoſor, taõ inſano, que ſe levantou aquella eſtatua, em que mandou que o adoraſſem por Deos; 29 jà entaõ ſe enſayava para bruto, & féra dos montes, que ſete annos habitou como tal; 30 & poſto que

15 *Pſalm.48.v.ultim.* Homo; cùm in honore eſſet non intellexit.

16 *D.Chriſoſt.hom.quod nemo læditur niſi à ſemetipſo, in 5.tom.*

17 *Menand.* Omnibu quidem bene ſapientibus(alias ben facientibus) auxiliatur fortuna. *Juvenal.* Nullum numen abeſt, ſi ſit prudentia, ſed te nos facimus, fortuna, Deum, cæloque locamus.

18 *Senec Ep 36.* In mores fortuna jus non habet *in l.5.*

19 *Tirſo de Molina in 4.comed. D.Gil act 1.* Porque pocas vezes vi, no vencer la diligencia qualquier fortuna infeliz.

20 *Hernando del Pulgar na gloſa das coplas de Doming. Revuigo; copla 16.*

21 *Prov.10 5.* Egeſtate operata eſt manus remiſſa, manus autem fortium divitias parat.

22 Fortunam citius reperias quã retineas.

23 *D.Paul.ad Rom.8.6.& 1. ad Corinth.3.19.*

24 *Floſcul.hiſt.p.1.cap.32.*

25 *Reg.19.*

26 *Floſcul.hiſt.ſupra.*

27 *Mexia na Sylv.l.1.c.8. Pereyr.in Gen.l.15 ex n.89.in 2 tom.*

28 *Oroſ.l.1. Michrel in Syntagm. hiſt.l.1. tit.2. n.12 uſque ad n.16.*

29 *Daniel.3.*

30 *Daniel.4.*

sahindo mais modesto de féra, que de Rey, se converteo a Deos instruido por Daniel; 31 (tanto val hum bom conselheyro) & seu filho Evilmerodaco lhe entregou o Reyno, que governava; viveo só hum anno, em que naõ pode emendar as maldades a que elle dera exemplo. Succedeo-lhe seu filho Evilmerodaco, tao vicioso, que os seus o matàraõ por màо, sendo elles peyores, & a este o filho Balthasar, fraco, & delicioso, em cujo tempo se achava Babylonia metropoli da Monarquia, taõ conhecido seminario de peccados, que os mayores se representaõ debayxo do seu nome nas divinas letras. 32 Em huma noyte foy aquella Cidade entrada, destruida, & occupada, & com ella todo o seu Imperio, por Dario, que tambem chamàraõ Cyro Rey dos Persas; & o Rey Balthasar, que acabava de profanar os vasos do Templo de Jerusalèm, bebendo por elles a seus Idolos, & os mais convidados daquella esplendida, & nomeada cea, do somno passou à morte; em balde avisado da maõ que escreveo seu fim, & de Daniel que lho interpretou. 33.

7 Succedeo a esta Monarquia a dos Persas, possuida justamente do mesmo Dario Cyro pelo bom animo com que favoreceo o Povo de Deos, & mandou reedificar o Templo santo, restituindolhe os vasos sagrados, & dandolhe do seu liberalmente; 34 esta foy a mais pompoza, & opulenta que a primeyra. Seja indicio das suas riquezas aquella grande parreyra com folhas de esmeraldas, & uvas de pedras preciosas, & aquelle travesseyro, em que seus Reys dormiaõ, chamado Thesouro do Universo, de que admirados fallaõ os Authores: cento & oytenta milhoens de ouro em dinheyro tomou Alexandre a ElRey Dario, alèm do muyto que achou em Babylonia. 35 Teve tanta gente de armas, que Xerxes na batalha Salaminia contra os Gregos ajuntou cinco milhoens de homens, como affirmaõ alguns Escritores; 36 outros dizem que tres milhoens & duzentos & tantos mil; 37 mas vencido fugio em huma pequena barca. Cresceo esta Monarquia, porque o sceptro se naõ dava por sangue, nem por fortuna; mas por sciencia, & virtudes, & assim o governàraõ excellentes Principes. 38

8 Mas vieraõ a ser aquellas gentes Asiaticas taõ delicioas, que os Gregos se guardavaõ de sua communicaçaõ, como de veneno; & houve tantos homicidios, & traiçoens na succeszaõ dos Principes, que naõ se pòdem referir sem larga historia: veyo pois a perecer aquelle Imperio, depois de 230. annos, às màos de Alexandre, que de vinte annos passou à Asia, com sós trinta & tres mil Infantes, & quatro mil cavallos; & venceo, & matou a outro Dario Monarca ultimo, que segundo os que dizem menos, tinha quinhentos mil homens; alguns dizem que na ultima batalha teve oytocentos mil Infantes, & sete mil cavallos, tendo Alexandre sete mil cavallos, & quarenta mil Infantes. 39

21 *Flosc. hist. p. 1. cap. 6. v. qui gandem.*

32 *Apocalyps. cap. 14. 8. & cap. 17. 5. & cap. 8. 2. ac passim. Busio no tract. da recreaçam da alma l. 1. cap. 17. no princip.*

33 *Daniel. cap 5.*

34 *Esdr. 1. cap. 16.*

35 Athenæus *l.* 12. *P. Franc. de Mẽdoça in viridar. l. 5. problem.* 17.

36 *Pineda na Monarch. Eccles. l. 3. cap. 3. Britto na Monarch Lusit. l. 2. tit. 3.*

37 *Flosc. hist. 1. cap. 7. vers. an. mundi* 3574.

38 *P. Mendoça in virid. l. 6. de sap. laud orat. 8. n. 10. & orat. 9. n. 126.*

39 *Plutarch in Alex. Q. Curt. l. 2. cum seqq. Arrian. l. 1. Britto Monarch. Lusit. p. 1. l. 2, tit. Paul. post med.*

9 Alexandre fundador da Monarquia dos Gregos alcançou renome de *Magno*, & por ſuas victorias diz a Eſcritura ſanta 40 que fez callar a terra, timida, & paſmada. Floreceo em quanto foy mayor em virtudes; moſtrou-ſe deſejoſo de gloria em emular a Achilles; benigno em tratar a Diogenes; amante da ſciencia em eſtimar a Iliada de Homero, & em reſpeytar, quando entrou Thebas, a caſa, & familia de Pindaro: caſto com a mulher, & filhas de Dario: reverente ao Divino em naõ acommetter Jeruſalèm por reſpeyto do Pontifice Jaddo: liberal em tantas occaſioens, que ſua magnificencia ficou em proverbio.

40 *Mach. cap. 1. 3.*

10 Mas logo que o vento da fortuna o inchou, a naõ querer que o ſaudaſſem ſenaõ proſtrados em terra, 41 a chamarſe filho de Jupiter, a demaſiarſe nos banquetes, a arremeçarſe em homicidios, a luxos de pompas inauditas, 42 naõ ſe diſſimulou a tyrannia com que uſurpàra ſem mais direyto que o da ambiçaõ, & o do poder, que leva tantos ao inferno; hum criado ſe atreveo a darlhe veneno; foy morto de trinta & tres annos; & o Imperio menino Gigante ſe deſpedaçou miſeravelmente; ficou a ſombra delle em Maecdonia atè ElRey Perſeo, cuja crueldade, falſidade, & avareza o fez triunfo de Paulo Emilio Conſul Romano; & o aſſento que havia ſido de Imperio cabeça do mundo, foy reduzido a Provincia da Republica Romana. 43

41 *Sabellic. l. 6. à n. 4.*

42 *Apud Ælian. var. hiſt. l. 9. cap. 3.*

43 *Livius Dec. 4. ferè per tot Plutarch. in Paul. Æmil.*

11 Roma livre dos Reys, começou Republica de Juſtiça; nella ſe eſtimava a honra, ſe provava o valor, os homens viviaõ pela razaõ, as mulheres com ſugeyçaõ, ſó reynava a generoſidade. Tendo Camillo cercados os Faliſcos, ſahio da Cidade hum meſtre de meninos, trazendo-os enganados a entregarlhos para que os pays ſe rendeſſem, & o Senado os reſtituhio à Cidade, & que foſſem açoutando o meſtre: fazendo-lhe guerra ElRey Pyrrho, ſe offereceo Timocrates a matallo com peçonha, & o Senado aviſou ao Rey, que ſe guardaſſe de veneno dos ſeus, porque ſó queria vencello por armas; 44 ſemelhantes virtudes a fomentavaõ de modo, que opprimida por Annibal moſtrou mayor fortaleza: as perdas lhe acriſolavaõ a conſtancia: nunca o Senado foy mais ſabio: nunca o povo mais obediente: os eſcravos tomàraõ as armas como cidadãos; as matronas offerecèraõ as joyas com que ſe ornavaõ: aquella calamidade proſperou ſeu credito. Creſceo a opulencia, que poz na praça de Roma quanto a natureza creàra nas entranhas da terra, & dominou tanto mundo, que diſſe Virgilio 45 que ſó tinha limites no curſo do Sol; & Ovidio, 46 que Jupiter, olhando do Ceo para a terra, naõ tinha mais que ver que os ſenhorios Romanos; & tudo parecia taõ invencivel, que por iſto lhe chamou Daniel Monarquia de *ferro*. 47

44 *Valer. Max. l. 6. c. de juſt. Plutarch. in Pyrr. Aul. Gel. l. 3 cap. 8.*

45 *Virg. Æneid. 7.*
Omnia ſub pedibus, quà Sol utrũque recurrens
Aſpicit Oceanum, vertique, regique videbunt.

46 *Ovid. Faſt. l. 1.*
Jupiter ex alto, cùm totum ſpectet in Orbem,
Nil niſi Romanum, quòd tueatur, habet.

47 *Daniel. cap. 2. 40.*

12 Porèm depois que as riquezas, & gloria, como diz Lucio Floro, 48 diſtrahiraõ os bons coſtumes, & introduziraõ

48 *Flor. l. 3. cap. 2.*

os vicios: depois que ſe perdeo o reſpeyto à virtude, & ſó o appetite foy limite das deſordens, como diſſe Tacito, & expendeo Seneca, 49 governando as mulheres aos maridos, a ellas o deſejo, & a todos o dos Emperadores, & outros grandes; ſuccedeo o que tinha dito Annibal, que Roma ſó podia ſer vencida pelos ſeus meſmos; os ſeus que venciaõ a arruinavaõ; porque vencer por màos he prejudicial: Silla, & Julio Ceſar lhe dèraõ dous mortaes golpes; chegou a eſtado, que priſioneyro o Emperador Valeriano de Sapor Rey dos Perſas, (que o tinha dentro em huma gayola de ferro, donde o tirava para eſtribo quando ſubia a cavallo) ſe levantáraõ em varias partes contra Galieno ſeu filho trinta tyrannos, chamando-ſe Emperadores. Aquella que em Romulo, & Remo naõ havia podido ſoffrer dous ſenhores, como ſoffreria tantos? Huns a outros ſe deſtruiraõ: ambicioſos de todo perdèraõ as partes, veyo a ſer o Imperio roda da fortuna, & o titulo de *Ceſar*, ou *Auguſto*, hum ornato de victima. Enfraquecida por eſtes modos aquella dominadora das gentes, foy por vezes ſaqueada pelos Godos, & outras naçoens Septentrionaes fugitivas da aſpereza de ſuas patrias, deſprezadas nos principios de ſuas invaſoens, que ſe haviaõ dignado de ſervir aos meſmos Romanos por eſtipendio. No ſitio em que entrou Alarico Rey dos Godos, chegáraõ as mãys a comer os filhos que criavaõ; 50 tornando a ſuas entranhas os que havia pouco tinhaõ lançado dellas. Bem pagou Roma a crueldade com que depois de matar em priſaõ, (& alguns referem que privando-o do ſono) a Perſeo Rey de Macedonia, a quem tomàraõ o Reyno, & immenſas riquezas; reduziraõ ſeu filho Alexandre á neceſſidade de ganhar o comer, huns dizem que a eſcrever, outros que ſendo torneyro, ou ferreyro. 51 O meſmo Alarico (que era Chriſtaõ) reſpondeo a hum Monge que ſahio da Cidade a pedirlhe que a naõ deſtruiſſe, que naõ vinha por ſua vontade, mas porque todos os dias lhe apparecia hum homem venerando que lho mandava fazer; donde ſe entendeo ſer caſtigo de peccados. Precedeo cahir o ſceptro de ouro de Romulo que ſe conſervava no Templo de Marte, & em outro tempo havendo-ſe o Templo queymado todo, ſó aquelle ſceptro ficàra intacto; o Emperador Honorio que ſe achava em outra parte, nem a ſoccorreo ſitiada, nem achorou perdida, antes dizendoſe-lhe que Roma ſe perdéra, rio muyto, cuydando q̃ lhe fallavaõ de hũ gallo, ou gallinha que eſtimava, & chamava do meſmo nome, & quando ſe certificou, naõ moſtrou alteraçaõ. 52. Mais a reſpeytou o inimigo; pois ainda que a dèſſe a ſaco tres dias, foy com rara modeſtia; durava a reverencia devida à ſenhora das gentes, & naõ ſe atreviaõ os ſubditos a tratalla mal, poſto que cativa; ſuccedeo no anno de ſua fundaçaõ 1163. & 410. do Naſcimento de *Chriſto*. Cortada a cabeça, foy muyto facil deſpedaçar os membros daquelle ſoberbo corpo. Em Auguſtolo

49 *Tacit. annal. 2. Seneca ep. 97.*

50 *Jul. de Caſtilho hiſt. dos Godos, l. 1. diſc. 9.*

51 *Plutarch. in Paul. Emilio, ad fin. Pineda, Monarch. Eccleſ. p. 1. l. 8. cap. ultim. §. ultim.*

52 *Jul. de Caſtilho d. diſc. 9. Pedro Mexia na Sylv. l. 1. c. 29. 30. & 31. Mariana hiſt. de Heſp. l. 4. cap. ult. & lib. 5. cap. 1.*

guſtulo ſe acabou de todo, nem lhe ficou quem imperaſſe, nem que imperar; porque feyta preza dos ſeus, & dos eſtranhos nem de ſi ficou ſenhora; a que o fora de tantos, officina das artes, mar da doutrina, compendio do Mundo; ſó ficàraõ entre as ruinas daquelle edificio civil, pedaços de pedras bem lavradas, que ſerviraõ de molde a muytos arquitectos de Reſpublicas.

13 O Reyno de Judèa, fundado com milagres, fortalecido com vitorias, allumiado com Profetas, parecia izento de ruina. Com tudo como diſſe Aquior a Holofernes, 53 ſó em quanto ſervio a Deos prevaleceo a todos; ſempre que o deyxou, ſe fez a todos preza; & aſſim como naõ houve no Mundo Reyno, em que tantas vezes mudaſſem os Reys a Religiaõ, aſſim naõ houve outro, em que ſe viſſem tantas mudanças miſeraveis. 54 A cubiça, ſoberba, imprudencia, & mào governo de Roboam lhe deo o primeyro golpe na diviſaõ das Tríbus; 55 chegar a crucificar a *Chriſto*, Deos lhe deo o ultimo; & mortal; devia extinguirſe Reyno, que naõ quiz por ſeu Rey o Filho de Deos: 56 & alagarſe em ſeu ſangue Cidade, que derramou o mais innocente. Quarenta annos depois daquella maldade, tempo em que os Doutores conſideraõ a Ley de Moyſés (jà de antes morta na Payxaõ do *Senhor*) mortifera pela publicaçaõ da Ley da Graça, lhe veyo o caſtigo, que lhe eſtava profetizado. 57 Precedeo revelaçaõ delles aos Chriſtãos, que habitavaõ Jeruſalèm, para ſahirem della, como fizeraõ com Saõ Simeaõ (que depois foy Martyr, filho de Cleohpas) ſeu ſegundo Biſpo depois de Santiago Menor, que o havia ſido primeyro; & havendo quatro annos, que em todo o Reyno ardia horrivel guerra, finalmente nos dias da Paſcoa do Cordeyro, em que haviaõ morto ao Divino, Tito filho do Emperador Veſpaſiano ſitiou a Cidade ſua cabeça, & theatro daquelle mais que ſacrilegio, & encerrou dentro os muytos que tinhaõ vindo à ſolemnidade da ley, 58 pelo que no ſitio, que durou ſó cinco mezes, foy tal a fome; que as mãys comèraõ ſeus pequenos filhos. A Cidade foy entrada por força, naõ toda junta, mas porque mais vezes foſſe vencida, & deſtruida) primeyro a parte inferior, & dahi a dous dias o Templo, que foy queymado contra vontade de Tito; 59 & depois a parte ſuperior; tudo poſto a ferro, & a fogo, ſem ficar pedra ſobre pedra, como *Chriſto* Senhor noſſo havia dito; nem cadaver parecia de taõ grande Cidade. 60 Morrèraõ naquella guerra hum milhaõ & cem mil Hebreos, foraõ cativos noventa & ſete mil, & havendo os Hebreos comprado a *Chriſto* por trinta dinheyros, 61 vendiaõ os Soldados Romanos a mercadores Egypcios trinta Hebreos por hum ſó dinheyro, como conta Joſepho, & nem taõ baratos achavaõ comprador; comprindo-ſe à letra huma profecia do Deuteronomio. 62 Concedendo depois o Emperador Juliano Apoſtata

53 *Judith* 5. 17. *Non fuit qui inſultaret populo iſti, niſi quando receſſit à cultu Domini Dei ſui.*

54 *Refert Mexia ſup. l. 4 cap. 15. com os dous ſeguintes.*

55 3. *Reg.* 12.

56 *Luc.* 19. 14. Nolumus hunc regnare ſuper nos. *Joan.* 19. 21. Noli ſcribere, Rex Judæorum.

57 *Iſai* 64. *Ibren.* 1. *& paſſim in Prophet.*

58 *Nicepb. biſt. Eccl. l. 3. cap. 5.*

59 & 10. *Joſeph de bel. Jud. l. 7. c. 7. 8*

60 *Matth* 24. 2. *Marc.* 13. 2. *Luc.* 19. 44.

61 *Matth.* 26. 14.

62 *Deuter.* 28. *in fin.* Vendetis inimicis tuis in ſervos, & ancillas, & non erit qui emat.

ſta aos Judeos que pudeſſem reedificar o Templo, o que atè entaõ lhes era prohibido, ao abrir dos alicerſes ſahio fogo, que abrazou muyta gente, fez em cinza os inſtrumentos da obra, & no dia ſeguinte apparecèraõ os veſtidos dos Judeos com o ſinal daCruz impreſſo ſem ſe poder apagar; converterèraõ-ſe muitos, & naõ ſe pode proceder na reedificaçaõ. 63

14 He muyto de notar, que os Hebreos mais pios ficàraõ ſempre na bençaõ que Deos lhes lançou, & promeſſas que lhes fez em Abraham, 64 & na grandeza com que no Templo de Jeruſalèm era celebrado o culto Divino; grandeza q̃ verdadeyramente parecia ſobre a poſſibilidade humana. Porque o edificio naõ cabe em deſcripçaõ, pois naõ acaba de o encarecer a Hiſtoria ſagrada: 65 ſete annos que durou a obra, 66 trabalhàraõ nella mais de cento & cincoenta & ſeis mil homens; as portas eraõ taõ grandes, que naõ menos de duzentos as fechavaõ, ou abriaõ. 67 Dos vaſos, & peças que nelles ſerviaõ, alèm do que por mayor diz a Eſcritura ſanta, eſpecifica Joſepho 68 que demais da grande meſa de ouro para os pães da Propoſiçaõ, havia outras muytas pouco menores, ſobre as quaes eſtavaõ vinte mil vaſos, & taças de ouro, & quarenta mil de prata. Demais do candelabro principal mandado na ley, tinha dez mil. Havia oytenta mil cantaros para vinho. Vaſos para flores dez mil de ouro, & vinte mil de prata. Gomís oytenta mil de ouro, & cento & ſeſſenta mil de prata. Pratos grandes ſeſſenta mil de ouro, & cento & vinte mil de prata. Dos vaſos que Moyſés chamou *Him*, tinha vinte mil de ouro, & quarenta mil de prata. Incenſarios ſeſſenta mil de ouro. Mil veſtes Sacerdotaes, guarnecidas de pedras precioſas. Outras chamadas Eſtolas, com dez mil cintas, & duzentas mil trombetas. Para os Cantores duzentas mil alvas, como as que uſaõ os noſſos Sacerdotes. Inſtrumentos muſicos quaſi todos de ouro, quarenta mil; outras translaçoens dizem quatrocentos mil. Mas o grande Bautiſta 69 os deſenganava, de que naõ ſe fiaſſem em ſerem filhos de Abraham; & Jeremias 70 com larga oraçaõ os admoeſtou mandado por Deos, que naõ confiaſſem na protecçaõ do ſumptuoſo Templo, & do culto magnifico que lhe davaõ nelle; porque ſe obraſſem mal, os deſtruiria como a Silo, onde primeyro fora venerado. Advertencia tremenda para os que temos ſemelhante confiança nas promeſſas feytas por Deos a noſſos primeyros Reys Santos; & na magnificencia com que o *Senhor* he ſervido em noſſos Templos. Quanto mais nos prezamos deſtas prerogativas, ſe faraõ noſſas culpas mais graves; nos de eſtado mais honeſto he o delicto mais criminoſo: o furto (diz Salviano 71) he mào em todo o homem, porèm mais punivel em hum Senador: dos mais de caſa ſe ſentem mais os aggravos, creſcem à medida dos merecimentos: & muytas vezes (adverte Santo Iſidoro 72) ſe caſtiga nos que eraõ mayores em virtude, o que ſe perdoa aos

63 *Mexia na Sylva l. 4. c. 41. com os dous ſeguintes. Mariana hiſtor. de Hiſp l. 4 cap. 18. Britto na Monarch. Luſitan. l. 5 tit. ultim.*

64 *Geneſ. 12. & ſeq.*

65 *3. Reg. 3. cum ſeqq. Deſcreveo no poſſivel, Branc. de Monçon no Eſpelho de Principes, l. 1. cap. 16. & 87.*

66 *3. Reg. 6. infine.*

67 *Refere Britto Monarch. Luſit. l. 1 tit 22. & l. 5 tit. 3.*

68 *Joſeph de Antiq. l. 8. cap. 2. Pineda Monarch. Eccleſ. p. 1. l. 3. cap. 22. §. 4.*

69 *Matth. 3 9. Ne velitis dicere: intra vos: Patrem habemus Abraham.*

70 *Jerem. 40.*

71 *Salvian. de gubern. Dei. l 4. Ubi ſublimior eſt prærogativa, ibi maior eſt culpa.*

72 *Iſidor. de Summ. bono l. 2. Creſcit delictit cumulu, juxta ordinem meritorum; & ſæpe quod minoribus ignoſcitur, maioribus imputatur.*

os montes. *Chriſto* Senhor noſſo a ſemelhante jactancia dos Judeos reſpondeo: *Se ſois filhos de Abraham, fazey obras de Abraham.* 73

15 Seja ſegundo exemplo o Imperio Grego. Com a Cadeyra de Sao Pedro paſſou a Roma a Cabeça da Religiaõ Chriſtã; mas o corpo ſe tranſplantou em Grecia, aonde lançou raizes. Na lingua Grega ſe eſcreveo originalmente o Teſtamento Novo, excepto o Evangelho de Saõ Mattheus, que o Evangeliſta eſcreveo primeyro em Judéa na Hebraica. 74 Em Cidades de Grecia ſe celebráraõ os primeyros Concilios gèraes, depois daquelle que Saõ Pedro celebrou em Jeruſalèm. 75 Aos Doutores Gregos deve a Igreja as primeyras illuſtraçoens: o grande Saõ Baſilio natural de Ponto eſcreveo a primeyra Regra para Monges; ſe bem a do inſigne Patriarca S. Bento foy muyto primeyro approvada pela Sè Apoſtolica, com que feliciſſimamente ſe fez Pay illuſtriſſimo das ſagradas Religioens; & em outras muytas couſas foy a Igreja Grega acredora da Latina. Entre outros ſumptuoſos Templos foy admiravel em Conſtantinopla o de Santa Sofia: huma coroa tinha a Santa de pedras precioſas ineſtimaveis no valor. Guardava aquella Cidade innumeraveis reliquias; celebrava o culto Divino com a mayor excellencia.

16 Nada diſto impedio a miſeravel ruina daquelle Imperio; porque mais padeceo de tyrannos na paz, que de inimigos na guerra. Gèralmente ſe perdeo nelle a verdade, verificando-ſe cada dia mais o antigo adagio da *Fé Grega* por ironia. A ſucceſſam do ſceptro chegou a ſe deferir ſó por trayçoens, homicidios, & adulterios, obrando nella mais as mulheres, que os varoens: os Emperadores punhaõ, & depunhaõ tyrannicamente os Biſpos. A Juſtiniano II. cortou os narizes, & orelhas Leoncio, & ſe fez Emperador: Tiberio fez o meſmo a Leoncio, & Juſtiniano reſtituido fez o meſmo a Tiberio; de modo que tres Emperadores ſucceſſivos naõ tiveraõ orelhas, nem narizes; & Juſtiniano cada vez que ſe queria aſſoar, & os naõ achava, mandava matar hum dos que tinhaõ ajudado a Leoncio: 76 como podia ſuſtentarſe Imperio taõ ridiculo? O Emperador Leaõ V. apreſſou a ruina; Hereje contra as Imagens dos Santos, tirou da cabeça de Santa Sofia, & poz na ſua ſacrilega aquella ineſtimavel coroa; mas as pedras precioſas ſe tornàraõ logo em carvoens ardentes, que lha abrazaraõ, & o matáraõ. 77 Poucos dos que lhe ſuccedèraõ foraõ melhores. Alguns ſó por receyos vãos, & com politica ſuſpeytoſa, & perfidia alheya de Chriſtandade, impediraõ, & deſtruiraõ caviloſamente os exercitos Catholicos, que deſtas partes Occidentaes marcháraõ por Grecia para a Paleſtina contra os Sarracenos. Daqui reſultou fazerem-ſe eſtes taõ poderoſos com ſeu Rey Mahometo II. que tomàraõ por ſitio a illuſtre Conſtantinopla, que havia mil cento & noventa annos,

era

73 *Joan.* 8:39. *Si filij Abrahæ eſtis, opera Abrahæ facite.*

74 *D. Hieron. in Euangel. in præfat. ad Damaſum.*

75 *Diremos na 2. p. cap. 61.*

76 *Jul. de Caſtilh. hiſt. dos Godos lib. 2. diſc. 11.*
Britto Monarch. Luſita. l. 6 tit. 4.

77 *Floſcul. hiſt. p. 2 cap. 5 prop. fin.*

era cabeça do Oriente, & clara em triunfos; metendo-a á eſpada em vinte & nove deMayo de mil& quatrocentos & cincoenta & tres; imperando nella Conſtantino II. do meſmo nome do que alli collocàra o Imperio, & ambos filhos de Helena; a fortuna lhe deo por ultimo alivio morrer pelejando valeroſamente; 78 & a toda a Grecia por mayor pena o arrependimento do naõ haver ajudado aquelles exercitos Chriſtãos, porque he ardil das deſgraças, para augmentarem ſeus rigores, lembrarem os remedios, quando jà ſe naõ pòdem lograr. Aſſim por peccados cahio aquelle Seminario Chriſtão; todo he hoje poſſuido pelos ſucceſſores daquelle conquiſtador cruel: ſendo Grecia indocta: as letras barbaras: a fonte das ſciencias ſeca: & ameaçando o ſoberbo tyranno o interior da Chriſtandade.

78 *Pedro Mexia na Sylv. l. 1. c.* 12.

17 Do que temos viſto ſe infere que as Monarquias, & grandezas morrem como os homens. Morreo a fortaleza da Aſſyrica, a opuleneia da Perſica, a felicidade da Grega, a politica da Romana, a confiança de Judèa, & Conſtantinopla; porque nada ſem Deos he duravel; 79 como o peccado matou ao homem, 80 tambem mata as Monarquias: a de Alexandre durou menos, porque foy a mais violenta; a dos Romanos mais, porque menos injuſta. Por iſſo o Emperador Septimio Severo diſſe quando morria: *O Imperio que recebi alterado, deyxo a meus filhos quieto; ſe forem bons, firme; ſe màos, pouco duravel.* Os que a fortuna for ſubindo com a ſua roda, temaõ nos que encontraõ deſcendo: 81 entendaõ, que ſó a pòde fazer parar o cravo, que lhe forjar o temor de Deos. Toda a politica ſó niſto conſiſte; os livros que trataõ de outras regras, ſaõ ocioſos, porque tudo ſe acha jà taõ trilhado, que ninguem, ſe quer; ignora o caminho; mas voluntariamente ſe deſencaminha, deyxando-ſe levar de payxoens, & intereſſes. E tambem muytos documentos, que ſe eſcrevem, ſaõ eſpeculativos, cuja impoſſibilidade na pratica ſó conhece, quem maneja negocios: diſcretamente fingio Bocalino, que Cornelio Tacito, poſto por Apollo em hum governo, ſahira delle com deſcredito. Prégueſe aos Principes o que prègava Chriſto: *Buſcay primeyramente o Reyno de Deos, & ſua Juſtiça, tudo o mais que he neceſſario vos virà em conſequencia*; 82 todos os outros conceytos fantaſiados nas cellas ſaõ impertinentes.

79 *Floſcul. biſt. p 1. cap. 5 prop. fin.* Diſcant Reges interire Regna ut homines, nihilque tutum quod Divina baſi non nitatur.

80 *Supra cap. 6.*

81 *D. Pedro Calderon na Comedia, la gran Zenobia, j rnada* 1.
Sube Aureliano, temiendo
El dia que ha da venir,
Pues has topado al ſubir
Otro que viene cayendo.

82 *Matth. 6* 33. Qnærite primùm Regnum Dei, & juſtitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.

CAPITULO XV.

Adam, & Eva *penitentes: revelaçaõ que tiveraõ do naſcimento da* Mãy de Deos *para remedio de ſeu peccado.*

1 CAhio Adam como todos os homens, porèm arrependeo-ſe, o que naõ fazẽ muytos; a quèda foy cõmua, a pe-

a penitencia eſpecial; a culpa da natureza, a dor da virtude. 1 Naõ he taõ grave cahir nos males, como jazer nelles; 2 muytos Athletas ſe levantàraõ cahidos, & ganhàraõ a coroa; muytos Capitaens vencidos tornàraõ a pelejar, & & recobràraõ a victoria; muytos que naufragàraõ, ſe embarcàraõ outra vez, & ſe enriquecèraõ; alguns negàraõ a *Chriſto*, & em novo certamen triunfáraõ Martyres. Naõ peccar he ſó de Deos: emendar he de ſabio. 3 Deſculpamonos com que herdámos de noſſos primeyros payso peccado: & porque naõ herdamos delles o arrependimento? queremos cahir com elles, & naõ queremos levantarnos com elles? entendamos que naõ nos deraõ exemplo para cahir; mas para nos levantarmos, ſe cahirmos; 4 antes ſerá mayor a pena dos que naõ aprendermos delles; 5 que deſculpa haverà ſe nos lembrarmos de huma ſó liçaõ que nos deraõ para peccar, & nos eſquecermos de muytos annos em que nos enſinàraõ o arrependimento? He verdade que nos geràraõ para a pena, mas tambem nos inſtruiraõ para o perdaõ igualmente benemeritos; pois tanto eſtima Deos hum peccador que ſe levanta, como noventa & nove juſtos que naõ cahiraõ. 6

2 Comendo da arvore vedada, ſouberaõ Adam, & *Eva* do bem, & do mal, & aſſim conhecèraõ o bem que perderaõ, & o mal em que cairaõ. Pelo que logo do *Paraiſo* terreal (confórme a opiniaõ melhor) 7 ſahiraõ taõ arrependidos, que annos inteyros naõ ceſſáraõ de chorar pela offenſa do Creador, mais que pelo ſeu caſtigo, como foy revelado a Santa Brigida. 8 Accreſcenta eſta opiniaõ, & com authoridade de S. Methodio Martyr (ſe bem outros 9 a tem por ſuppoſta) que quinze annos ſe conſervàraõ virgens, divertidos em penitẽcia, & mais continuariaõ, ſe naõ deveraõ obedecer ao preceyto de multiplicar, & encher a terra. 10

3 O erudito, & elegante Author do Floſculo Hiſtorico, ou hiſtoria gèral atè noſſos tempos, diz 11 que chegou *Eva* a ter peſar de ſer fermoſa, & amada; pois ſe o fora menos, naõ deſejàra tanto o marido fazerlhe a vontade quando o perſuadio a comer. Grande encarecimento em mulher, & tam vã, que aſpirou a Deos: ſendo natural a todas ſer idolatras de ſua fermoſura, & procurar em todas as artes ſuprir a natureza. Jà antes do Diluvio tinhaõ eſpelhos, & entre a pena, & confuſaõ com que a mulher, & noras de Noè entràraõ na arca para eſcaparem do diluvio, lhes naõ eſqueceo levallos com ſigo, conforme o que eſcreve o antigo Beroſo. 12 Chegou Berenice a conſentir que hum Leaõ (feria enſinado de pequeno) lhe lambeſſe todos os dias o roſto, (aprendaõ eſta muda) porque a ſua lingua lho polia bem, & tinha virtude de o naõ deyxar enrugar; 13 mais temia os annos, que o poder agaſtarſe aquella aya curioſa, como ſuccedeo a outros leoens, que matàraõ a quem ſe fiou de os ver manſos. Naõ herdàraõ de *Eva* aquelle exemplo ſuas filhas, pois nũca lhe peza de haverẽ ſido queridas, & bellas, mas

1 *D. Ambr. de David l. 1.* In culpam itaque incidiſſe naturæ eſt, delere virtutis.

2 *D. Chryſoſt hom. 40. ad pop. Antioc. in princ. tom. 5.* Non malorum veniſſe profundum eſt grave, ſed poſtquã veneris, ibi jacere. Non in profundum cecidiſſe malorum eſt impij, ſed poſtquam ceciderit, cõtemnere. *Ex epiſt. 6. ad Theodoret. Monarch. eod. tom. 3.* Non eſt grave cadere luctantem, ſed jacere dejectum.

3 *D. Ambroſ. Ep. ad Simplicium.* Nihil peccare ſolius Dei eſt; emendare, ſapientis, & corrigere erratum, & pœnitentiam agere de peccato.

4 *D. Aug. ſupr. Pſal. 50.* Multi cadere volunt cum Davide, & nolunt ſurgere cum Davide; non ergo cadendi exemplum propoſitum eſt, ſeu ſi ceciderit, reſurgendi.

5 *D. Chryſoſt. hom. 18. in Geneſ.* Maior pœna eſt illorum, qui poſt illos peccant, & tantis exemplis emendare ſe nolunt.

6 *Luc. 15. 7.*

7 *Diogo Matute na Proſap. de Chriſto idade 1. cap. 4. §. 6. com a hiſt. Scolaſt. no cap. 25. do Geneſ.*

8 *Revel. de S. Brigid. in Serm. Angel. cap. 7. in princ.*

9 *Pereyr. in Geneſ. l. 7. n. 10. Fernand. in 4. ſect. 2. in fine.*

10 *Geneſ. 1. 18.*

11 *Floſcul. hiſt. part. 1. cap. 1. verſ. ann. mundi 390.*

12 *Diremos na 2. p. cap. 6. n. 4. Beroſ. l. 3. Britto na Monarch. Luſit. p. 1. l. 1. c. 2. ad med.*

F 13 *Plin. l. 8. c. 16. Refert Henric. Engelgrave in Cœlo Empyr. feſt. 5. Martij § 3.*

mas ſómente de haver paſſado aquella felicidade: 14 queyxaõ-ſe do eſpelho, & chamaõ-lhe mentiroſo, 15 porque falla verdade: foylhes liſonja, & jà lhes he perſeguiçaõ, moſtrando-lhes o que queriaõ ignorar. Alguns contaõ que Elena ſe enforcou em huma arvore, vendo perdida a ſua belleza com os annos; outros eſcrevem diverſamente ſua morte. Horacio refere 16 que huma chamada Europa rogava aos Deoſes, que antes ſe viſſe comida de tigres, & leoens, que chegar a verſe fea, ou velha. *Eva* tambem foy mulher quando peccadora, mas deyxou de o ſer quando penitente.

4 Oh penitencia, quam poderoſa es com o todo poderoſo! quam facilmente vences o invencivel! com que preſſa converтes o Juiz tremendo em Pay clementiſſimo! 17 O peccado de noſſos Pays foy o de mayores conſequencias, & Deos lhe apreſſou a abſolviçaõ, como ſe elle atormentàra a ſua Miſericordia. 18

5 Sobre o delicto abundou a graça; pois alèm de perdoar revelou Deos a Adam, que de ſua geraçaõ naſceria o meſmo Deos para Redemptor das almas que elle perdèra; (antes do peccado jà tinha Fé da Encarnaçaõ, para conſummaçam da Gloria; agora a teve para Redempçaõ deſte peccado; para o que tomaria carne humana de huma peſſoa ſemelhante a *Eva* no corpo; mas na virtude, & perfeyçoens excellente ſobre todas as creaturas; da qual ficando ella ſempre Virgem, naſceria decentiſſimamente Deos, & Homem; aſſim o entendem graves Authores. 19 E claramente o diſſe a Santa Brigida hum Anjo; 20 & que aſſim como os eſpiritos Angelicos ſe alegravaõ no Ceo de conhecerem que a *Virgem* eſtava eſcolhida ab æterno para Máy de Deos, como jà referimos; 21 aſſim tinha Adam incrivel goſto em ſaber q̃ naſceria delle eſta Remidora de ſeus males, & Reparadora de Eva.

6 Eſta revelaçaõ ſe lhe fez em ſonho. 22 E diz o Douto Frey Guilherme da Payxaõ no livro que jà referimos, 23 que pelo Arcanjo S. Miguel, & que a elle, & a *Eva* deo juntamente noticia da vida, & morte de *Chriſto*, & declarando-lhes que aquella Virgem havia de chamarſe *Maria*, & que em reverencia ſua naõ permittio *Eva* que ſe uſaſſe deſte nome, & ambos entranhavelmente ſentiaõ o que padecia o Redemptor; & ſe alegravaõ quando conſideravaõ os outros myſterios glorioſos. 24

7 Se na doutrina de Santo Thomàs, 25 naõ teriaõ Adam, & *Eva* eſta ventura, ſe naõ peccàraõ, pois naõ havia Deos de encarnar; pareceme que ouço a Santo Ambroſio 26 quando diſſe que S. Pedro ficou mais fiel depois que chorou haver perdido a Fé, & que por iſſo achàra a mayor graça que a que perdèra. Se he taõ grande a dos que ſe arrependem, qual ſerà a gloria dos que jà reynaõ? Se he tal a conſolaçaõ dos miſeraveis, qual ſerà o gozo dos bemaventurados? Se tanto ſe logra

no

14 *Ovid. Metam. 15. fab. 3.*
Flet quoque in ſpeculo, rugas conſpexit aniles,

15 *Ovid. l. 3. Triſt. eleg. 7.*
Iſta decens facies longis vitiabitur annis.,
Rugaque in antiqua fronte ſenilis erit.
Cùmque aliquis dicet, fuit hæc formoſa, dolebis:
Et ſpeculum mendax eſſe querere tuum.

16 *Horat carm. 3. Ode 27.*

17 *Guerric. Ab. ſerm 2. Quadrageſ princip.* Quàm potens es apud Omnipotentem: quàm citò tremẽdum judicem convertis in piiſſimũ patrem!

18 *Idem Supra.* Sic feſtinabat abſolvere Reum à tormento conſcientiæ ſuæ, quaſi plus cruciaret miſericordiam compaſſio miſeti, quàm ipſum miſetum paſſio ſui.
Loquens de filio prodigo.

19 *Fernand. in 4. Gen. ſect. 4. n. 5. Vide ſupra cap 4. n. 9.*

20 *Revel. de S Brigida in Serm. Angel cap 7.*
Vide D Thom. 2. 2. q. 2 art. 7.
D. Aug in Gen. ad lit. cap. ult.

21 *Suprà cap. 1. n. 8.*

22 *Vilhegas, Flos Sanct. part. 1. Feſta da Annunciaçaõ.*

23 *Suprà cap. 12. n. 1.*

24 *P Fr. Guilhelm. tract. 1. cap. 5. cum ſeqq.*

25 *D Thom. 3 p. q. 1. art. 3.*

26 *D. Amb of. Serm. ad Vincul.* Fidelior factus eſt Petrus poſtquam fidem ſe perdidiſſe deflevit, atque ideo maiorem gratiã reperit, quàm amiſit.

no desterro quanto mais se possuira na patria?

8 Quantas vezes lhe viria ao pensamento chamar feliz a culpa que merecèra tal, & taõ grande Redemptor? quantas vezes abençoariaõ a Máy de q̃ elle havia de nascer? & quantas se teriaõ por bemaventurados em serem seus Progenitores? A sciencia que dava a Adam conhecimento da dignidade de tal filha; o amor de Pay que o recreava nella; a qualidade de cabeça universal, que o obrigava a desejar o bem dos homens; & o empenho da divida que elle contraira, & que em todos os seculos lhe seria imputada, eraõ motivos de amar, & venerar em grào superior à nossa consideraçaõ aquella esclarecida descendente, & suspirar por seu mysterioso nascimento.

CAPITULO XVI.

Como em Adam, & Eva começou a natureza humana a experimètar as miserias em que havia caido pelo peccado; trata-se particularmente da intemperança dos climas, & da rebelliaõ dos animaes.

1 DE quéda taõ grande naõ se convalece de todo. Nossos Pays alcançàraõ perdaõ da culpa; mas a natureza humana ficou sugeyta a miserias: sahidos do *Paraiso* a vagar pelo mundo as começàraõ logo a sentir aquelles primeyros Pays: & de todas deyxàraõ por herdeyros seus descendentes.

2 Fóra da temperança do *Paraiso* sentiraõ logo a variedade dos climas, que alguns Doutores 1 entendem naõ sentiriaõ no estado innocente, & deyxàraõ a seus descendentes a trabalhosa herança dos que se experimentaõ. Huns taõ frios, que saõ inhabitaveis, como os termos do Rio Tanais, & lagoa Meotis; 2 alguns que foraõ habitados, mas os mesmos naturaes os naõ pudèraõ soffrer; como aquelles Septentrionaes de que sahiraõ os Godos; & outras naçoens suas companheyras, com mulheres, & filhos, a buscar em vivenda: 3 em muytos que hoje se habitaõ se azeda logo o vinho levado de outra parte, pela frialdade excessiva; 4 & se diz que os ursos animaes taõ robustos, & armados de taõ lanuda pelle, em quatro mezes de Inverno naõ sahem do abrigado das covas, nem a buscar sustento, alimentando-se da humidade das mãos, com que a natureza os proveo. 5

5 Outros de calor intenso que os antigos escrevèraõ do Monte Chimera de Lycia, 6 & de tudo o que está debayxo da linha equinocial, que disseraõ ser inhabitavel por sua destemperança; 7 & por isso no tempo do Papa Zacarias, Virgilio Bispo Saleburgense foy por sentença obrigado a retractarse publi-

1 *Pineda Monarch. Eccles. p. 1. l. 1. c. 6. § 3.*

2 *Joan. Boem. de morib. Gent. l. 3. cap. 1.*
Fr. Hieron de Castro addiç à Jul de Castilh. hist. dos Godos l. 1. Disc. 1.

3 *Mariana hist. de Hespanha l. 5. c. 1.*

4 *Mariana suprà.*

5 *Aristl. 14. c. 2 de part. Plin. l. 8. c. 36.*
Diogo de Funes & Mendoç. na hist. de aves & animaes. l. 1. c. 5.

6 *Plin. l. 2. c. 106.*
Virg. Æneid. l 6.
Flammaque armata Chymera
Horat. l. 1.
Me nec Chimæræ spiritus igneæ.
Ovid. Metam. l. 10.

publicamente de haver dito em hum Sermaõ, que havia Antipodas; por ſe entender, que naõ ſendo poſſivel paſſar a elles pela Zona torrida, era erroneo dizer que havia gentes, a que naõ podia chegar a Fè de *Chriſto*, 8 & com tudo habitaõ-ſe a Ilha de Saõ Thomè; & outras terras debayxo, & muy chegadas da linha; padecendo ſeus moradores aquella pena pela culpa do primeyro Pay.

8 *Aventin.in annal.Botor. Roſin.de Anti.Rom. erat.2. pro antiq pag.mihi 506. Diſſemos nos excellencias de Portug. cap.14.exteII.8.n.4.*

4 He taõ gèral eſta incommodidade, que nas regioens mais temperadas naõ deyxa de ſe ſentir em alguma maneyra. Em Inglaterra, a mais temperada do Norte, vi congelarem-ſe com frio em poucas horas os ovos crus, ficádo as gemmas ſecas, & encolhidas, como peras, ou peſſegos paſſados ao Sol; por curioſidade os cheguey ao fogo lento, & meti em agua quente ſem fazerem mudança. Em Heſpanha, cujo temperamento celebramos nos exercitos da guerra que neſtes annos paſſados tivemos com Caſtella, chegou por vezes a força do Sol a mudar a cor a huns cavallos, ſegundo ouvi a teſtemunhas fidedignas.

5 Alèm do rigor que ſe ſente nos exceſſos, foy antiga opiniaõ de Medicos graves, 9 que os habitadores de regioens deſtemperadas eſtaõ actualmente enfermos de alguma leſaõ, poſto que por gerados, & naſcidos nella a naõ ſentem. Pelo menos he certo que o bom, ou màо temperamento da patria conduz muyto para os engenhos. 10

9 *Refere Joaõ Huarte de S.Joaõ no exame de ingen. proem.2.*

10 *Ariſtot. in prolog. phyſiognom.& l.7 polit. Galen.lib.quod animi mores. Joan.Nèviſan.in Sylva nupcial l.5. n.47.in princ. Joaõ Huarte ſuprà cap.4. Diſſemos no tract. Perfect. Doctor. qualitat.1.*

11 *Geneſ.cap.26.& 28.*

6 Sentiraõ logo noſſos Pays a inobediencia dos animaes, porque ainda que Adam naõ perdeo o direyto que Deos lhe tinha dado para os dominar, 11 elles ſe rebellàraõ, & hoje nos ſaõ inimigos; exceptos poucos que a induſtria humana domeſticou, & confeſſamos grande obrigaçaõ aos que fizeraõ eſte bem: domar o cavallo, dizem huns Authores, que devemos a Neptuno; outros que Seſuchoſo Rey de Egypto; outros que a Oro filho de Oſyris. 12 De amanſar os touros nos fazem devedores, huns a Dionyſio, que dizem ſer filho de Jupiter, & de Proſerpina outros a Briegea Athenienſe; outros a Triptolemo; outros a Oſyris; outros a Abides Rey que foy de Heſpanha; porque os lavradores que antes havia, rompiaõ a terra com enxadas, ou com inſtrumentos ſemelhantes, à força de ſeus braços. De ſugeytar as cavalgaduras à carga dizem alguns que foy inventor Jabel, quinto neto de Caim. 13.

12 *Refere eſtas opinioens Viana nos commentos à Ouvid.Metam. l.1. n.29.*

13 *Referem eſtes opinioens Mexia Sylva de var. liçaõ l.2. cap. 14. Benedict Fern.in 4. Geneſ. ſect.19. n.4.*

7 A mayor parte dos animaes nos fazem guerra deſcuberta, anhelando muyto a carne, & ſangue humano. Se Adam naõ peccâra, diz S. Gregorio Niſſeno, 14 ſe contentariaõ com os frutos da terra; mas imitando ao homem ſe licenciàraõ no comer. Quando os Godos entràraõ em Heſpanha, fugia a gente para os montes, aonde a comiaõ as féras, & depois pelo coſtume vinhaõ fazer o meſmo nas povoaçoens 15 & por partes de Africa, & Aſia ſe naõ caminha, ſenaõ em companhias armadas para defenſa dos leoens: o Monte Colober do Eſtado

14 *D.Greg.Niſſen in hom.pract. Orat.1.* Pardus, & leo legi naturæ ſubjecti, fructibus alebãtur; ſed cum homo receſſit à mandato, reliqua animantia comedèdi licentiam nacta ſunt.

15 *Britto na Monarch. Luſit.l. 6.cap.1.*

de

de Catalunha se fez inhabitavel por causa das muytas cobras, & serpentes. 16 Marco Regulo Romano, andando contra os Carthaginenses em Africa, foy forçado a hir com seu exercito contra huma serpente, que lhe tinha morto muytos soldados só com o pestifero alento, & defendendo-se ella com danno dos que a commettiaõ, sem os tiros das béstas, que entaõ se usavaõ, a offenderem, foy necessario levar grandes trabucos para lhe atirarem com penedos, & assim a matàraõ; tirouse-lhe o couro muyto duro, & com grandes escamas; tinha cento & vinte pès de comprido; foy mandado a Roma, aonde muyto tempo se mostrou por maravilha. 17 Outra semelhante, & que fazia semelhante mortandade, matou-a valerosamente hum Cavalleyro do Habito de Saõ Joaõ a cavallo com lança, havendo em muytos dias costumado o cavallo a chegarse sem medo a huma figura que della se fez; 19 Hercules Christaõ, que verificou o fingimento da hydra Lernea; 18 de outras, & de outros animaes que em diversas partes só com o alento inficionàraõ os ares, fazendo-os mortiferos, trataõ muytos Escritores. 20 O basiliseo, se vè primeyro o homem, só com a vista mata. 21 A mordedura do aspide passa o veneno ao coraçaõ, & mata com sono suavissimo. 22 Houve notaveis mortes de picaduras de serpentes, que fora largo referir. 23 Atè ao Apostolo S. Paulo se atreveo huma vibora. 24 He tal o veneno deste animal, que differaõ alguns antigos que só se podia reprimir com a vara de Esculapio Deos da Medicina, & por isso lhe pintavaõ nella huma vibora enroscada. 25 A tarantula, especie de aranha na Provincia de Apulia do Reyno de Napoles, mordendo, imprime veneno que naõ mata, mas incita a baylar com quatro qualidades; primeyra, que faltando o bayle mataria; segunda, que naõ se pòde baylar sem som; terceyra, que ha de ser sómente hum som determinado para aquelle caso; quarta, que o mordido leva aquella qualidade comsigo para qualquer parte; mas se a tarantula morre na Apulia, morre tambem o desejo de baylar, ainda que se ache na India. Tudo isto escreve o P. Antonio Guilhelme da Congregaçaõ do Oratorio de Napoles, que pôde testemunhar de vista, no excellẽte livro das grandezas da Santissima *Trindade*. 26 Com tudo Diogenes perguntado, que mordedura era mais venenosa, respondeo: *Que dos animaes bravos, a do maldizente, & dos mansos, a do lisongeyro.*

8 Os mais vís, & desprezados, tal vez se atrevem. Ratos matáraõ, & coméraõ a Hato Arcebispo de Moguncia; 27 & quando mais naõ pòdem, fazem guerra pelos mantimentos, & por outros modos insofriveis. Ratos fizeraõ despovoar lugares de Italia, & huma Ilha das Cicladas chamada *Giaro*, causando fome, por comerem todos os frutos da terra. Em França se despovoou huma Cidade por causa das rans; em Africa outra por gafanhotos; huma Comarca por centopeas; huma Provincia junto de Ethiopia por alacraẽs, & formigas. Os Magarenses

16 *Jul. de Castilho hist. dos Godos l. 2. disc. 1.*

17 *Luc. Flor. in epit. Liv. dec. 2. l. 8.*

18 *Fr Domingos Maria Curion, na bin. d. Religiaõ de S. Joaõ.*

19 *Apud Ovid Met. l. 9.*

20 *Refere os Franco no Campo Elys. q. 99. n. 7. & 8.*

21 *Plin. l. 8 cap 21. ad fin. Funes, & Mendença sup. l. 2. c. ultim Alii apud Delrium, disquisit. Magic. l. 1. cap 3 q 4. vers. de Regul. qui tamen dubitat.*

22 *Textor in officin p. 2. tit. serpent. quorumd. nomina. Hieron de Huerta nas annot. à Plin. l 8. c. 23. Lucan. l. 7*

Aspida somniferam tumida cervice levavit

Castilho hist. dos Godos l 3. disc. 8.

23 *Referem algumas Plin l. 8. c. 21. & Hieron. de Huerta ahi nas annot. a Castilho d. disc. 10. Bened. Fernand. in 3. Genes. sect. 1. n 2. 6 & 7. & muytas Franco no Campo Elysio q. 96.*

24 *Act 28. 3.*

25 *Thom. Dempster. l. 2. antiq. Rom. c. 17. Franco supra n 3.*

26 *P Anton. Guilhelm. de la grandeze de la Santissima Trinit. disc. 18. Molti exempli.*

27 *Mexia na Sylv. l. 1. c. 19. n. fin.*

em Grecia deyxàraõ a patria pelo mal que faziaõ as moſcas: os Faſcliſtas por abeſpas: & huma Cidade de Creta ſe deſpovoon por abelhas. 28 Nas terras do Preſte Joaõ viraõ os Portuguezes, que acompanháraõ o Embayxador Dom Rodrigo de Lima, huma nuvem de gafanhotos, que tomava quaſi oyto leguas, & deſtruhiaõ os campos; foraõ mortos com hum exorciſmo que lhe fez hum Sacerdote; 29 & ſemelhante dano experimentamos algumas vezes ſem baſtarem exorciſmos para tal praga.

28 *Mexia ſup.l.v.c.14. ex variis Auctoribus.*

29 *Joaõ de Barros dec.2.l.3.c.4.*

9 Tornaõ-ſe contra o homem os meſmos animaes que elle eſtima. Na fabula de Acteon, 30 comido de caens que ſuſtentava, ſe pode allegorizar; & por verdade ſe eſcreve, que imperando Auguſto, os muytos coelhos, que havia nas Ilhas de Malhorca, deſtruhiaõ as novidades, ſem os naturaes o poderem remediar, & foy neceſſario pedirem ſoccorro aos Romanos para os deſtruir. 31 Na noſſa Ilha do Porto Santo fizeraõ antigamente o meſmo dano.

50 *Apud Ovid. Metam. l.3.*

31 *Plin.l.8.cap.55.*
Serapan.na Medicina Heſpanhola refran. 20. pag.mihi 167.

10 Atè do profundo das aguas ſóbem animaes a fazernos guerra. De hum peyxe chamado polipo, ſe diz que do anzol paſſa pela ſedela à maõ do peſcador, & della ao coraçaõ, & o mata. 32 Na Africa, & America ſahem dos rios grandes lagartos a tragar a gente. Notorio he o que ſe conta dos Crocodilos; por couſa admiravel refere Plinio, 33 que ſós os Tentyritas, moradores em huma Ilha do Nilo, ſendo muyto pequenos do corpo, tinhaõ tanto dominio ſobre eſte animal, que a cavallo ſobre elles paſſeavaõ pelo rio, poſto que elles repugnaſſem, procurando morder, & os traziaõ a terra, & ſó com a voz os obrigavaõ a vomitar algum corpo que de pouco antes tiveſſem tragado, para ſe lhe dar ſepultura; pelo que os Crocodilos ſe apartavaõ da Ilha, & ſó o olfato daquella gente os afugentàva. Tal he a rebelliaõ dos animaes contra o homem; cauſada pelo peccado.

32 *Lope de Vega Carpio na Dorothea act.3.ſcen 4.*
33 *Plin.l.8 cap.25.*

11 He verdade que huma balea ſervio de navio a Jonas. 34 Leoens reſpeytàraõ a Daniel, 35 & a muytos Martyres do Teſtamento Novo; hum abrio a ſepultura ao veneravel corpo de Santa Maria Egypciaca; 36 outro ſervia nos deſertos de Theſalia a hum Moſteyro de Anacoretas; 37 hum Corvo trazia o ſuſtento a S. Paulo primeyro Ermitaõ; outro guardava o corpo de Saõ Vicente; outros muytos milagres ſe viraõ nas vidas dos Santos. Huma Pomba trouxe a Clodoveo Rey de França as tres flores de lís, que o Reyno tomou por armas, & huma ambula de oleo com que ſeus Reys ſe ungem. 38 Tambem as hiſtorias profanas contaõ que a Semiramis, Rainha de Babylonia, creàraõ certas aves com queijos freſcos, & coalhada, que furtavaõ aos Paſtores: 39 a Abides neto de Gorgoris, Rey dos antiquiſſimos de Heſpanha, creàraõ féras a ſeus peytos: 40 a Romulo, & a Remo creou do meſmo modo huma Loba; a Cyro Rey dos Perſas huma Cadela; a Hieron Siracuſano hum enxa-

34 *Joan.2.*
Matth.12.40.
35 *Dan.cl 6.*
36 *Vilhegas Flos Sanctorum na vida deſta Santa.*
37 *Hieron. de Huerta nas annot. à Plin. l.8 c.16.*
Hieron. Cortes hiſt. de anim. c.1. p.1.
38 *Caviſieres no Tacito Francez, & as hiſt. de França na vida de Clodoveo.*
Jul. de Caſtilho hiſt. dos Godos l.2. diſc.7.
39 *Diodo. Sicul. l.3.*
Lucian. in dial. Syriæ.
Sabellic. Æneid 1 l.1.
Alex. ab Alex l.2.cap.31.
Pier hieroql. l.22.
40 *Mariana hiſt. de Eſpanh l.1. c.13.*
Britto Monarch. Luſit. l.1.cap.21.
Faria Epit. das hiſt. Port. p.1. cap.2. n.3.

me de abelhas: alguns differaõ que a Pelias huma Egoa; a Paris huma Urſa; a Egiſto huma cabra; a Ptolomeo Sorer filho de Arſonio huma Aguia com ſangue de codornizes que matava. 41 Boys advertiraõ a Roma da guerra de Annibal. 42 Huma Cerva ſervia ao Romano Sertorio nos fingimentos com que adquirio opiniaõ em Heſpanha, & morreo vendo-o morto. 43 Huma Aguia criada por hũa donzella lhe trazia depois aves, & animaes que caçava; & vendo-a morta ſe lançou com ella na fogueyra em que ſe queymava. 44 Outra aviſou com pronoſtico da deſtruiçaõ de Heſpanha pelos Mouros. 45 Hũ Leaõ perdoou no Amphiteatro de Roma a Andrado eſcravo, de naçaõ Dacio, porque lhe havia tirado hum eſpinho de hum pè; 46 outro ſervio a Golfredo, ſoldado Francez do exercito, com que Gothofredo conquiſtou a Terra Santa; porque valeroſamente o livrára de huma ſerpente; 47 outros leoens em varias partes ſe amanſáraõ, & ſerviraõ. 48 Havendo hum ſegador libertado huma Aguia de huma ſerpente, que a tinha enroſcada junto de huma fonte, & querendo beber della, a Aguia lhe derribou da maõ o vaſo porque naõ bebeſſe da agua que a ſerpente envenenára, de que morréraõ companheyros que jà tinhaõ bebido. 49 De Delfins ſe eſcrevem muytos ſucceſſos a eſte propoſito; 50 & por graça refere Author grave, 51 que em Alemanha alta vira que hum rato allumiava com huma vela a huns homens que eſtavaõ ceando.

41 *Ælian.var.hiſt.l* 12.c.42. *Liv.dec.* 1.*l.*1. *Alex.ab Alex.l.*2.c.31. *Suid hiſt l.*1. *Cortes ſupra p.* 2.c.1. *ubi plura refert.*

42 *Vide ſuprà cap.*5.*n.*5.

43 *Britio ſuprà l.*3.c 27.

44 *Plin l.*10.c.5.

45 *Caſtilh.ſupra t.*2.*diſc.*11.

46 *Gel. noct.Attic.l* 5.*cap.*14. *Senec.de Benef.l.*2.*cap.*19. *Apian Pobilii hiſtor ter.* *Ægypt.l.*5.*donae diz que elle o vio.* *Ælian.de anim.l.*7.*cap* 43.

47 *Mexia na Sylv.l.*2.*cap.*2. *Hieron.Cortes d cap.*3.

48 *Ælian. ſup.l.*5.*&* 17. *Mexia d.l.*2.c 3.

49 *Fr.Hyſtor Pinto p.*2.*dial.*2. c.12.*ex Pierio hieroglyph.* *Hieron.de Hueſta vas annot.a Plin. l.*10 c.3.*ex Crate Pergameno.*

50 *Apud Fr. Hyſtor Pinto d.c.* p.12.*ex Ælian. & aliis.* *Caſtilh ſup.t.*4.*diſc.*18.

51 *Albert.l* 8. c.1. *referido por Diogo de Funes ſup.t.*2.c.26.

12 Mas eſtes, & outros ſerviços (ſe todos ſaõ verdadeyros) que os homens em algumas occaſioens recebéraõ de féras, & de animaes naõ domeſticos, ou foraõ milagroſos fóra do natural, ou taõ particulares, que naõ fazem conſequencia; & alguns em que obrou a induſtria dos que os amanſáraõ, ſe tiveráõ por ſuſpeitoſos na Magica; & aſſim os Carthaginenſes deſterráraõ a Hannon, porque domeſticára hum leaõ, entendendo que tambem teria ardil para ſe levantar com a Republica; 52 & do Emperador Tiberio, que tinha huma ſerpente docil, & que lhe vinha comer à maõ, 53 houve a meſma ſuſpeyta. Nem tal manſidaõ he ſegura, como notou Santo Ambroſio. 54 Hum homem andou por toda Europa ganhando dinheyro com ſe moſtrar metendo a cabeça na boca de hum grande Leaõ, atè que huma vez lhe ficou entre os dentes. O certo he que o peccado nos rebellou os animaes, como logo experimentáraõ Adam, & *Eva.*

52 *Plin.l.*8. *c.*16. *ad fin.* *Mexia d.l.*2.*c.*3.

53 *Sueton in Tiber.*

54 *D. Ambroſ.in Pſalm.*104.

13 He impoſſivel referir as miſerias a que nos ſugeytáraõ aquelles Pays, & fora ſuperfluo repreſentar por eſcrito o que nòs padecemos. Plinio 55 diſſe que por ellas julgáraõ muytos que fora melhor ao homẽ naõ naſcer, ou em naſcendo morrer. Com eſta clauſula acabou tambem Job 56 a ſua deſcripçaõ. Pudera-lhe dar cumprimento Gorgias Epirota, que morrendo ſua mãy pejada delle, naſceo quando a levavaõ para a ſepultura, & o ſeu choro advertio os que a levavaõ, & fez que paraſſem com o eſquife; 57 ſe naſcia chorando, para que naſcia, quando ſe pudèra

55 *Plin.in prœm.l.*7.

56 *Job* 10 16. Fuiſſem quaſi non eſſem, de utero tranſlatus ad tumulum.

57 *Textor in officin p.*2.*tit.miracul. naturæ.*

dèra ſepultar? Tambem Celio Agrippa naſceo com os pès para diante, 58 como quem vinha voluntariamente por ſeus pès; & aſſim naſcem outros, porque vem ſem juizo. Cõ elle pareceo que naſcia hum menino em Sagunto pouco antes da deſtruiçaõ daquella Cidade, que naſcido de todo, ſe tornou a meter logo nas entranhas da mãy, ſem que lho pudeſſem impedir, 59 como arrepẽdido de naſcer em patria aonde haveria calamidades taõ grandes. Todo o Mundo he Sagunto de calamidades; todos deveramos fazer o meſmo, ſe naſceramos com juizo. Mas porq̃ o naõ fizeſſemos, prevenio a natureza que naſceſſemos ſem elle como notou hum grave Eſcritor. 60 Foy couſa nova, diſſe Jeremias, 61 que a *Virgem Mãy* trouxe em ſuas entranhas hum Menino varaõ no juizo, & naſcer elle entendendo para o que naſcía, foy grandiſſima fineza de amor.

14 Mas o peccado ainda merecia mayores males. Queyxamonos das inclemencias do Ceo, & o Sol veſte o dia de luzes para q̃ o logremos: a Lua, & as Eſtrellas nos eſmaltaõ a noyte em que deſcançamos: a Primavera nos alegra com flores: o Veraõ nos regala com pomos: o Outono nos enriquece com frutos: o Inverno diſpoem outro tanto para o anno ſeguinte; tudo ſe alterna em ſerviço noſſo; nòs ſómente faltamos ao de Deos. Que fora ſe os Ceos, & os tempos naõ diſſeſſem: *Nòs obedecemos a noſſo Creador, que mandou que te ſerviſſemos: ſervimos a quem o deſpreza: eſperou, & naõ te emendaſte; já nos manda que mais te naõ ſirvamos, porque naõ haja quem o deſpreze mais?* Queyxamonos de que os animaes naõ ſaõ rebeldes, & eſtamos rebellados contra quem lhe mandou que nos obedeceſſem; porque naõ damos a Deos a obediencia quedelles queremos? Pòdem-nos bem dizer: *Como pedes obſequio, ſe o negas a quem he mais devido? Deſobedeces ao Creadar, & queres obſequio da creatura? Queres dominar, & naõ reconheces teu Senhor? Se queres imperar, naõ deſprezes as leys do Imperio; pois te jactas de racional, dános exemplo: atègora moſtrámos nòs mais razaõ.* Por ſemelhãte modo nos pòde reconvir toda a natureza, de q̃ para nòs produzem as terras, reverdecem os prados, brotaõ as arvores, correm os rios, manaõ as fontes, & para noſſo uſo gèraõ tantos animaes: que ella eſtá conſtante neſtes effeytos, & nòs pertinazes em noſſa ingratidaõ: ò agradeçamos a Deos o que padecemos, ſe pudermos, tragamos à memoria ſeus beneficios, & logo conſideremos noſſos merecimentos, ſe entrarmos neſtas contas, atè de viver em trabalhos nos acharemos indignos. 62

58 *Texto eodem loco.*

59 *Plin. l. 7. c. 3. in fin.* *Fr. Franciſco Diogo, nos nnn. de Valença l. 2. c. 23.*

60 *P. Zachar. de Lyſieus na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 21.*

61 *Jerem. 31. 22.* Crearit Dominus novum ſuper terram; fœmina circumdabit virum.

62 *D. Chryſoſt. Serm. Quomodo primus homo, in 1 tom. column. mihi 53. in fin.* Numera beneficia, ſi potes, & tunc cõſidera quid mereris, nec dignum te judicabis, eò quòd fueris, ſi intelligas quid meretis.

CAPITULO XVII.

Como a natureza humana moſtrou no primeyro fruto que de ſi deu, eſtar depravada, & arruinada em malicia; trata-ſe do fratricidio do perverſo Caim no innocente Abel.

1 PReſervada ſó a *Mãy de Deos*, 1 cahio a natureza humana em original injuſtiça pelo peccado de Adam. 2 Moſtrouſe logo no primeyro fruto, pelo qual ſe conhece a arvore. 3 Caim, que ſe interpreta *acquiſitio*, primogenito de Adam, & *Eva*, 4 ou do peccado, (oh parto infeliz!) foy o primeyro avarento, 5 o primeyro invejoſo, o primeyro herege, o primeyro matador, o primeyro deſeſperado; tudo ſe vio na morte de ſeu irmaõ Abel; 6 & multiplicado o Mundo, chegou a fazerſe ſalteador de caminhos; foy incorrigivel, & tao odioſo em tudo, que entre os Hebreos era a ſegunda feyra dia infauſto, por ſer tradiçaõ que naſcéra nelle. 7

2 Abel ſegundo, mas verdadeyro filho de Adam, & *Eva* penitentes, amavel por peſſoa, & muyto mais por coſtumes, era paſtor; grande honra para elles, que o primeyro haja ſido Santo, & o Santo dos Santos ſe preze de Bom Paſtor; 8 officio o mais nobre, que por iſſo (diz Santo Ambroſio 9) o Texto Sagrado o nomea primeyro que o de Caim, ſendo irmaõ mais velho. Enſinados ambos pela razaõ natural, que obriga a reverenciar a Deos por acto exterior: 10 & doutrinados por Adam, 11 offerecèraõ ſacrificio; Abel dos primogenitos, & melhores do ſeu gado; & eſtando Adam na terra onde foy depois Jeruſalèm, como acima diſſemos, 12 ha Eſcritor, 13 que tem por veroſimel, que fez a offerta no lugar em que o *Redemptor* ſe offereceo depois por todos os homens. Caim, que era lavrador, offereceo dos frutos que a terra lhe dava; ambos offerecéraõ, & Caim primeyro, porque os màos tambem offerecem por cumprimento ſem eſcolherem; os bons eſcolhem para Deos o melhor, 14 & o *Senhor* aceyta os coraçoens, 15 como entendéraõ ainda os Gentios: 16 grande felicidade do Mundo, dizia Sócrates, 17 porque ſe os Deoſes deferiſſem às dadivas, os máos alcançariaõ quanto pediſſem, pois ordinariamente ſaõ os que pòdem dar mais.

3 Moſtrou Deos por ſinal exterior, que ſe entende foy deſcer fogo do Ceo ſobre o ſacrificio de Abel, 18 que ſó accytava eſte, & naõ o de Caim: 19 Abel ficou banhado em gozo; Caim aſſombrado de triſteza: 20 Abel canonizado por virtuoſo, era certo que havia de ſer envejado; 21 & Caim ſendo irmaõ mais velho, ſe fez menor ſendo invejoſo. 22 Levou

1 *Veremos na 2.p.cap 15.*
2 *Suprà cap 6.*
3 *Matth.7 17.*
4 *Geneſ.41.*
Joſeph. antiq.l.1.c.3.
Pereyr.in Geneſ.l.7 n.8.
5 *D Chryſoſt. Serm.18 in Ep. Paul.ad Epheſ cap.5 in 4.hom.*
6 *Geneſ cap.4.*

7 *Joſeph de antiq. l.1.c.1.*
Matute na Proſap. de Chriſto idade 1.c.4.§ 3.

8 *Joan.10.14.* Ego ſum paſtor bonus.
9 *D.Ambr.l.de Abel, & Caim cap.3.*

10 *D.Thom.2.2.q.85 art.1.*
11 *Pereyr.in Geneſ.l.7.n 13.*
Fernand.in Gen.4 n.1.
12 *Sup.a cap.12.n.4.*
13 *Cathar.in Gen. refer.ido per Matute na Proſap. de Chriſto idade 1. cap.4 §.1.*

14 *D.Chryſ.hom 28.in Geneſ.*
15 *Pſalm.50.v.18.*
16 *Ovid. ep.19.*
Non bove mactato cæleſtia numina gaudent;
Sed quæ præſtanda eſt, & ſine teſte fides.

17 *Socr.ad Eraſm l.3. apophthemat.*
18 *Pereyr.d l.7 n.18.*
19 *Gen.4.5.*
20 *Fernand.in 4 Gen. ſect.5.n 2.*
21 *Vide inf.a cap.40.n.19.*
22 *Senec.in Proverb* Si non inviderit, maior eris, nam qui invidet, minor eſt.
Guevic. Ab Serm. 5 de Purifi.at poſt prine. Niſi inferior eſſet, de bono alterius non doleret.

a Abel ao campo em converſaçaõ enganoſa, obſtinado contra Deos que o amoeſtou no caminho; 23 ſegundo Genebrardo, & outros Eſcritores, 24 lhe diſſe que nem havia Deos, nem Juiz, nem outra vida, nem premio para os juſtos, nem pena para os impios. Reſpondeo-lhe Abel contradizendo tudo iſto, & Caim o matou. Huns dizem que comendo-o a bocados: outros, & he o mais certo, que dando-lhe com huma pedra; 25 poſto que o vulgo diga com a queyxada de hum jumento; & eſcondeo ſeu corpo debayxo da terra. Miſeravel Caim! como naõ morreſte vendo a primeyra morte? depois de vermos tantas nos cauſa compayxaõ a de qualquer eſtranho, naõ violenta, & ſó ouvida, & tu viſte palpitar, & eſpirar teu proprio irmaõ com quem agora fallavas, ſendo tu o fratricida, & ficas vivo com animo para o enterrar? Deſte modo foy Caim o primeyro herege, & Abel o primeyro Martyr; 26 dizem alguns Authores, que foy morto em ſeſta feyra, 27 para que foſſe figura de *Chriſto* Senhor noſſo.

4 Aſſiſte Deos com os juſtos nas tribulaçoens; 28 acodio logo, & perguntou a Caim aonde eſtava ſeu irmão. Naõ ſó negou ſaber delle, mas reſpondeo perguntando, (coſtume ruſtico dos màos) *Sou eu guarda de meu irmaõ*? Bem o pudèra ſer, pois era mais velho, & ſe naõ era guarda, naõ fora homicida. O Senhor lhe diſſe *que a voz do ſangue de ſeu irmaõ clamava da terra*; a letra Caldaica lè, *que a voz das geraçoens que haviaõ de naſcer de ſeu irmaõ clamava da terra*: nos peccados clamaõ tambem as conſequencias; 29 & os tyrannos que mataõ aos juſtos, naõ pódem matar a ſua voz, antes clama, ſoa, & ſe ouve mais fóra da eſtreyteza do corpo; 30 & o dizer que o ſangue clamava, conduz para o que ſe diz, que as feridas de hum morto já frio tornaõ a lançar ſangue na preſença do matador; & ſe vio muytas vezes: os Juriſtas trataõ, ſe por eſte indicio ſe pòde chegar a tormento: 31 os Medicos, & Filoſofos, 32 ſe procede de cauſa natural; o que tambem tocàraõ Theologos; 33 & tudo largamente diſputa Gaſpar dos Reys Franco no eruditiſſimo livro, *Campo Elyſio de queſtoens agradaveis*, 34 aonde reſolve que naõ ſe acha razaõ baſtante, ſenaõ querer a Juſtiça Divina em alguns caſos fazer aquella demonſtraçaõ. O certo he que em preſença, & em auſencia ſempre o ſangue do homicidio, illegitimo, & voluntario, clama vingança, 35 & Deos prometteo ouvillo. 36 Trinta cauſas conta a Polyanthea Chriſtã, & curioſamente, 37 porque ſe deve amar a vida do proximo, & evitar o homicidio; fora largo referillas. A David com ſer Santo, declarou Deos que naõ queria templo de ſua maõ, porque fora matador; 38 & ainda entre os Gentios era prohibido entrar com armas, & com qualquer ferro nos templos; 39 por iſſo edificando-ſe o de Salamaõ, naõ ſe ouvia golpe de ferro; 40 & adverte Santo Agoſtinho, 41 que ſe enganaõ os que cuydaõ que ſó he homicida o que mata

por

21 *D. Ambroſ. l. 2. de Abel c. 8. D. Auguſt. de Civ. Dei l. 15. cap. 7.*

24 *Genebrard. in not. Chronograph.*

25 *Targus, & alii apud Matute ſupra c. 3. §. 7. Author Paraphraſ. Hieroſolym. apud Pereyr. d. l. 7. n. 34.*

26 *D. Aug. Ep. 58. & l. de mir. ſacr. Scriptur. c. 3. Matute d. loc.*

27 *Pined. in Monarch. Eccl. l. 1. cap. 11.*

28 *Pſalm. 90. v. 15.* Cum ipſo ſum in tribulatione.

29 *Pineda ſup. l. 1. cap. 12. §. 3. Pereyr. d. l. 7. n. 41.*

30 *D. Petr. Chryſol. Serm. 174. ad fin. de decollat. S. Joan. Bapt.* Vox occidi non poteſt, ſed magis clamat anguſtiis corporis abſoluta. Sic vox Abel in ſuo effuſa ſanguine magis ſonat, magis penetrat, magis pertendit ad Cælum.

31 *Paraiſ. de Puteo de Syndic. verb. tortura, in 3. verſ. mandavit Rex, in fin. Boet. deciſ. 166. Ant. Gom. var. tom. 3 cap. 16. de tort. n. 15. Menoch. de præſumpt. l. 2. q. 89. n. 128 & bi allegant plures.*

32 *Cortæus diſquiſit. Philoſoph. l. 4. Conciliator, in problem. Ariſt. ſect. 6. problem. 7. Nic. Florent. ſerm. 1 pract. 1. cap. 6.*

33 *Delrius in Oct. Senec. verſ. 127. Cuſ. Nieremberg. philoſoph. curioſ. l. 2. p. 1. c. 12. & p. 2. l. 1 à c. 46 & d. l. 2. c. 105 & 107.*

34 *Franco in Camp. Elyſ. q. 33. à n. 12.*

35 *Apocalyp. 6. 10.*

36 *Gen. 9. 5 & Matth. 26. 52.*

37 *Polyant. verb. Homicidi.*

38 *Paralipom. 28. 5.*

39 *Lex 12. tab. apud Cic. 2. de leg.* Et ferrum arceto a delubris, duelli inſtrumenta, non ſani.

40 *3. Reg. 6. 7.*

41 *D. Aug. relatus in cap. Periculoſé, de pœnit. diſt. 1.*

por ſua mão, ſendo-o tambem aquelle por cujo conſelho, exhortaçaõ, & engano ſe ſegue a morte; aſſim matáraõ Dalila a Samſaõ: David a Urías: Jeſabel, & os mais Juizes a Naboth: Herodias, & Herodes ao Baptiſta: Judas, & os Fariſeos, Caifas, & Pilatos a *Chriſto.*

5 Diſſe Caim, vendo-ſe convencido, que ſeu peccado naõ merecia perdaõ; & diſſe iſto deſeſperado: 42 diz hum moderno grave, 43 que crucificou a Miſericordia de Deos. Grande miſeria he haver peccado contra Deos taõ benigno, que fallava com os homens; & mayor miſeria deſeſperar de Deos que o vinha buſcar com perdaõ, ſe ſe arrependeſſe. 44 Ser ferido he perigo: naõ ſe curar he morte: no corpo ha muytas feridas incuraveis, & com tudo naõ ceſſamos de lhes applicar remedios; na alma todas tem remedio; porque nos deſcuydamos de lhos applicar? Deos emenda a ſentença a quem emenda a culpa; julga pelo eſtado preſente, naõ pela vida paſſada; naõ ſe lembra dos peccados de quem ſe arrepende. 45 Mas quem naõ pede abſolviçaõ, condena-ſe. 46 Mais ſentio o *Senhor* a deſeſperaçaõ, que o fratricidio; dilatou a pena deſte, & aquella punio logo com a parleſia perpetua, torcendo-lhe a boca com que fallava deſeſperado. 47 Porèm notaõ Doutores graves 48 que andar tremendo paralytico, foy o final que Deos lhe poz para que ninguem lhe fizeſſe mal; 49 tal he a Divina bondade, que os ſeus caſtigos ſaõ uteis; ſempre ſe moſtra Pay: atè na condenaçaõ eterna he Pay commum, porque ſe naõ houvera aquella pena; poucos alcançariaõ gloria, pois o medo obriga mais que o amor. 50

6 Achado Abel morto, que dor ſeria a dos Pays vendo o triſte eſpectaculo da morte que naõ conheciaõ, em filho, & elle cauſa de tanto mal! Referem muytos Eſcritores que teve Saõ Methodio revelaçaõ de que Adam chorára cem annos eſta morte, & por naõ ver outra, fizera voto de caſtidade, & o guardára atè que Deos lhe mandou por hum Anjo que multiplicaſſe, & entaõ gerára a Seth. 51 Outros dizem, 52 que apocrifamente ſe attribue tal revelaçaõ a Saõ Methodio; certo he que Santa Brigida a teve, mas naõ ſe declaraõ nella os annos. 53

7 Envelhecido Caim em peccados, que huns ſobre outros cumulou, chegou a vagar pelos montes como ſalvagem, & Lamech, ſeu quarto neto, andando à caça, lhe atirou com huma frecha entre huns matos, cuydando que era féra, & o matou por erro; morrendo como féra, o que matou o irmaõ, & às mãos de ſeu proprio deſcendente. Aſſim o eſcrevem Authores graves, 54 & o inſinùa o Texto Sagrado, 55 poſto que alguns digaõ que lhe cahio a caſa na cabeça; & outros 56 que eſperando Deos a emenda, que elle naõ teve, viveo atè o Diluvio, o que naõ ſe acorda bem com a computaçaõ dos tempos.

8 Notou

42 *D. Bernard. ſerm. 11. ſupra Cantic. ſtatim poſt. princip. Perer. in Gen. l. 7. n. 49.*

43 *Fern. in Gen. ſect. 13 n. 3. in fin.*

44 *D. Chryſoſt. hom. 19. in Gen.*

45 *Ezech. 18 22.* Omnium iniquitatum eius quas operatus eſt non recordabor: in juſtitia ſua quam operatus eſt; vivet.

46 *Hugo L. de vera ſap.*

47 *Nota Mutute ſup. idade 1. c. 3. § 7.*

48 *D. Athanaſ. L. queſt. in q. 96. & in 4. ſup. Iſai. Pereyr. d. l. 7 n 62.*

49 *Gen. d. c. p. 4. 15.*

50 *D. Chryſoſt. hom. 7. ad pop. Antioch. in tom 5.*

51 *Hiſt. Scholaſt. in Gen cap. 25 Petr. à Natal in alto Sanctor. Petr. Tartaret. l 1. d. 3 q. 1. Pineda ſup. l. 1. cap. 14 § 1.*

52 *Pereyr in Gen. l. 7 n. 11. Fernand in 4. ſect. 21. n 1.*

53 *Revel de S. Brigida, in ſerm. Aug. c. 7. in princ.*

54 *D. Hieret. Ep. 225. ad Damaſ. Cajet. in Gen. Abulenſ. ibi q. 1. Genebrard. Chronograph. l. 1.*

55 *Gen d cap 4. 13.*

56 *Refere eſtas opinioens Mutute ſuprà idade 1. c. 3 § 5.*

8 Notou o Douto Padre Pineda 57 que naõ amaldiçoou Deos a Adam, havendo deſtruido o Mundo, & amaldiçoou a Caim por matar a Abel; 58 porque Adam peccou por amor, naõ querendo deſcontentar a *Eva*, 59 Caim por odio: Adam teve objecto menos deſconcertado, o de Caim foy aborrecivel. Bem moſtrou a natureza humana logo no principio ſua corrupçaõ dando taõ mào fruto. Notavel differença! o homem offendeo a Deos no primeyro fruto que gerou; Deos glorificou o homem no primeyro fruto que delle colheo: & quiz que o primeyro morto foſſe juſto, para que a morte naõ ficaſſe com fundamento taõ firme, como ficaria ſobre peccador; deunos em Abel penhor da reſurreyçaõ: 60 a natureza ſe oppoz a Deos em Caim, & Deos coroou a natureza em Abel; taõ antiga he a competencia dos peccados do Mundo com as mercès de Deos.

57 *Pineda d.l.1. cap.* 12.§.3.
58 *Geneſ.d.c.*4.11.
59 *Suprà c.*5.*n.*10.
60 *Geneſ.d.c.*4.11. *D.Athanaſ q.*94.

CAPITULO XVIII.

Como começou a diviſaõ de dominios, & ſe inventàraõ os marcos dos campos, os peſos, & medidas; ſe introduziraõ alguns contratos, & o dinheyro; tudo por conveniencias da vida; & de tudo a malicia humana uſou mal.

1 DE dizer o Texto ſanto, 1 que Abel offereceo ao Senhor *dos primogenitos de ſeu rebanho*, parece que logo em aquelle principio do Mundo houve *meu*, & *teu*, & que nunca ſe logrou a felicidade, que alguns imaginàraõ, de ſerem as couſas commuas em a idade que chamaõ de *ouro*; foy Caim o q̃ introduzio eſta diſtinçaõ de dominios, & o inventor dos peſos, medidas, marcos das herdades, & outros ſinaes, porq̃ ſe conhece o que era de cada hum; 2 donde ſe vè que nem Felon, nem Sidonio inventaram iſto, como cuydáraõ alguns Eſcritores; 3 porque tudo o que de antes havia, paſſáraõ Noè, & ſeus filhos às gentes depois do Diluvio.

2 Suppoſta a neceſſidade em que o peccado nos poz de trabalhar a terra para comer, de veſtido, 4 & de outros uſuaes, foy naõ ſó conveniente, mas neceſſaria eſta ſeparaçaõ; porque ſe as couſas foſſem commuas, ninguem trabalharia; huns quereriaõ comer ſem trabalho, outros naõ quereriaõ trabalhar para outrem, & aſſim todos pereceriaõ. A neceſſidade, & intereſſe fazem trabalhar, com o que todos ſe ſuſtentaõ.

3 Porèm a natureza humana depravada, & caida no peccado, qual vaſo inficionado, que inficiona quanto nelle ſe lança, depravou todas as conveniencias que ſe lhe hiaõ offerecendo

1 *Geneſ* 4.4. De ptimogenitis gregis ſui.
2 *Joſeph de antiq. l* 2.*c.*13. *Matute na Proſap de Chriſto idade* 1.*c* 4 §.7. *Pined.na Monarch. Eccleſ.p.*1.*l.*1. *c.*12.§.6. *Michael.in ſyntagm. hiſt.l.*1. *ſect.*1. *n.*13.
3 *Textor in officin p.*1 *tit.invẽtor diverſ.ver.*
4 *Suprà c.*9. & 13.

cendo, como os capitulos seguintes mostraraõ no discurso da historia;& esta foy a primeyra. O seu inventor Caim se fez salteador de caminhos: 5 teve, & tem muytos successores, de todas as qualidades, & estados, que com menos pejo salteaõ nos povoados, & nàs Cortes, alguns por officio. Naõ furta só quem toma nos termos que o direyto define o furto; 6 mas tambem os que enganaõ, dilataõ despachos, repartem mal, & prejudicaõ por qualquer modo: 7 vive-se de rapina, disse Ovidio, & naõ ha de quem hum bom se possa fiar: 8 com discreta moralidade fingio Arion, lançado no mar pelo roubarem, caminhar pelas aguas cavalleyro em hum delfim, seguro nas ondas o que perigára na nào: os marinheyros, que o haviaõ de conduzir ao porto, o naufragàraõ; & o peyxe que o havia de tragar, o salvou; mas este naõ conhecia o ouro que aquelles buscavaõ; se o conhecèra, naõ valéra a Arion a sua cithara. He impossivel contar o dano que resulta deste *meu*, & *teu*: a que naõ obriga aos homens a fome de riquezas? 9 por esta, & por mulheres succedem quasi todos os males; naõ succederia, se contente cada qual com o seu, vivesse com justiça.

4 Com a divisaõ dos dominios se introduzio logo necessariamente o contrato de permutaçaõ; porque guardando cada hum o que tinha, naõ acodio a outro que necessitava, sem este lhe pagar, dandolhe outra cousa; & com trocas se remediavaõ todos em parte.

5 Mas este remedio naõ bastava; porque o que necessitava de huma cousa, muytas vezes naõ tinha aquella porque o outro a queria trocar; & assim se achavaõ muytos abundantes das mesmas cousas, & necessitados de outras, sem terem com quem as permutar. Pelo que a mesma necessidade introduzio haver huma cousa precioса entre todos, pela qual todos quizessem dar o que tivessem, esta cousa foy o que chamamos *dinheyro*, que conforme a isto he quasi taõ antigo como o Mundo; & este contrato chamamos compra, & venda: Plinio disse que o inventou Bacco, mas he muyto mais antigo. 10

6 A invençaõ foy utilissima, pois só com ter dinheyro se tem todas as cousas em pequeno volume; por isso disse hum Jurisconsulto, 11 que o nome *dinheyro* significa todas as cousas. Porém a malicia humana o fez degenerar em taõ nocivo, que Salluстio o chamou o *mayor mal dos homens*, 12 porque fez que lhe obedecesse tudo, como diz o Espirito Santo. 13 De comprar o necessario, para que foy instituido, passa a comprar o superfluo, & vender se por elle a virtude, a fama, a honra, dignidades, nobreza, valor, sabedoria, & todo o Divino, & humano, como satyrizou Horacio 14 com verdade: o barbaro rico, dizia Ovidio, 15 he agradavel: Homero se naõ tiver que dar, serà excluido. Todos, diz o Ecclesiastico, 16 applaudem, & levantaõ às nuvens o que falla hum rico ignorante: todos desprezaõ, & abatem a hum sabio pobre: as riquezas, disse Salomaõ

5 *Suprà c.17.n.4.*

6 *In L.2 ff de furt.*

7 *Polyantea, verbo furtum, in princ. vers furtorum.*

8 *Ovid.*
Vivitur ex rapto, non hospes ab hospite tutus.

9 *Virg. Æneid. l.3.*
Quid non mortalia pectora cogis auri sacra fames?

10 *Plin. l.7 c.56. in princip.*

11 *In pecunia 222. ff de verb. signific. & text. in cap. Totum 1 q.3.*

12 *Sallust. in fragment.* Pecunia maxima hominum pernicies.

13 *Eccles. 10.9.* Pecuniæ obediunt omnia.

14 *Horat. l.2. Serm. Satyr.3.*
Omnis enim res,
Virtus, fama, decus, divina, humanaque pulchris
Divitiis parent: quas qui construxerit, ille
Clarus erit, fortis, justus, sapiens, etiam, & Rex.

15 *Ovid. de Art. Amand.*
Dummodo sit dives, barbarus ipse placet.
Si nihil attuleris, ibis Homere foras.

16 *Eccles. 13.28.*
Multa de hoc Fr. Gabriel de Toro no Thesour. de Misericordia c. 93. com os seguintes.

17 *Proverb.*14.24. Corona sapientium divitiæ eorum.

Salomaõ, coroaõ aos Sabios. 17 Perguntouſe a Simonides ſe eraõ mais para deſejar riquezas, ou ſabedoria. Reſpondeo que duvidava, vendo que os Sabios frequentavaõ as portas dos ricos; & os Filoſofos as deſprezavaõ com palavras, & as procuravaõ com obras. E perguntando Dionyſio a Ariſtipo, porque buſcavaõ os Filoſofos aos ricos, & naõ os ricos, aos Filoſofos, reſpondeo: *Porque aquelles ſabem de quem neceſſitaõ, eſtes o ignoram.* 18 Perguntou hum pay a Themiſtocles ſe caſaria ſua filha com hum pobre de grandes partes, ou com hum rico ſem ellas. Reſpondeo que mais queria homem que neceſſitaſſe de dinheyro, que dinheyro que neceſſitaſſe de homem. 19 Eſte reſpondeo conforme à razaõ; aquelle conforme ao que tem introduzido a malicia; & no ſentido deſta diſtinçaõ diſſe Salomaõ humas vezes, que antepunha as riquezas; 20 outras que eſtimava ſobre tudo a ſabedoria. 21

18 *Erasm apophthegm.6 ex Stob. Laert.de vit.Philoſ.l.2.c.8.*

19 *Refere Valer.Max.l.7.*

20 *Prov.ſup. & Eccleſiaſtes 7. 13.*

21 *Sap.10.8.&paſſim in illo Lib.*

7 He verdade que no tempo de Hercules, que antigamente eſtava em Cadiz, tinha a pobreza hum altar; mas era para que avivaſſe os engenhos para adquirir, 22 & aſſim em ordem à riqueza; porèm nem para iſto ella aproveyta; antes ſe he muyta, embota o juizo: 23 dizer-ſe que a vexaçaõ dá entendimento, 24 naõ procede na demaſiada que abate o eſpirito, & aſſim em outro lugar 25 avaliamos o muyto pobre por pouco habil para as letras; deyxando ſeu lugar às exceyçoens da regra. Mais cuydo que tinha altar a pobreza, por coſtumarem os antigos a adorar as couſas nocivas para que os naõ offendeſſem; 26 mas a pobreza em fazer mal he inexoravel; & aſſim ſempre errava a cegueyra gentilica. Tambem no direyto civil tem os pobres alguns privilegios, como ſerem eſcuſos de tutorias; 27 citarem ſeus contendores para a Corte; naõ depoſitarem cauçaõ em certos caſos das noſſas leys; 28 mas de boa vontade trocariaõ todos pelos dos ricos, nem cuydo que das tutorias viria jà mais em pratica, porque antes ſe tiraria aos pobres, que eſcuſaremſe elles. O certo he que a malicia humana depravou as utilidades da diviſaõ dos Dominios, & da invençaõ do dinheyro, fazendo tudo venal aos ricos, & reduzindo os pobres a condiçaõ em tudo miſeravel; ſe pedem, ſe envergonhaõ; ſe naõ pedem, perecem; accuſaõ ao proximo ſe os naõ ſoccorre; & chegaõ a queyxarſe de que Deos naõ repartio bem.

22 *Jul.de Caſtilho hiſt.dos Reys Gedos l 2.diſc.2.*

23 *Ex gloſ.ſup D Paul.ad Theſſ. ſal.4.ſuper illud:* Rogamus autem vos.

24 *Iſai.*28 19. Vexatio dat intellectum.

25 *In tract.Perfect.doctor.qual.*

26 *Diremos na 2.p.c.6 n.5.*

27 §. *Sed & propter paupertatem, Inſt.de excuſat.tut. cum cõcord. Apud nos Ord t.4.tit.* 102. § 1. *ubi Emman. Barb. n.7. & vide Phœb. tom.1.arreſt.*50.

28 *Ordin.l.3 tit.*5.§.5.*& tit.*22. §.2.*& tit.*84.§.10.

8 Segundo as noticias que ha mais antigas, o dinheyro ſe fez primeyro de gado, ou de couro, ou o meſmo gado vivo era dinheyro, tendo cada cabeça ſeu valor determinado conforme a eſpecie, & grandeza; & aſſim conta a Sagrada Eſcritura 29 que Jacob *comprou* parte de hum campo por cem cordeyros; ſe eſtes naõ foſſem dinheyro, naõ diria que *compràra*, [o que ſómente ſe faz com dinheyro) mas que *permutára*. Porèm jà antes de Jacob havia tambem moeda de prata, pela qual o Texto diz 30 que Abraham comprou o campo em que ſepultou

29 *Gen.*33.19. Emitque partem agri.
Joſue 14.32. In parte agri quem emerat Jacob.
*Vide Alex.ab Alex.genial.dier.l.4. cap.*15 *poſt med.*

30 *Gen.*23.16.

pultou ſua mulher Sara. O eruditiſſimo Padre Frey Gabriel Barleta da Ordem dos Prègadores, eſcreve com Gothofredo Viterbienſe no Pantheon, 31 que Nino Rey dos Aſſyrios, pelos annos quaſi dous mil da creaçaõ do Mundo; quaſi 350. depois do Diluvio, fez moedas em que eſculpio a ſua imagem, & eſtas foraõ às mãos de Abraham, q̃ as levou a terra de Canaan, & por ellas fez a compra do campo; por ellas compràraõ os Iſmaelitas o Santo Joſeph, figura de *Chriſto*, a ſeus irmãos; 32 Fares filho de Judas, que era hum delles, as guardou; chegàraõ à maõ da Rainha Auſtral, que as offereceo no Templo de Jeruſalèm; delle as levou para Babylonia Nabucodonoſor, quando o ſaqueou; d'alli paſſáraõ aos Reys Magos de Sabá, quando offerecèraõ no preſepio; & concluem os ditos Authores, que por eſtas vendeo Judas a *Chriſto*; provavel he que a *Virgem*, & S. Joſeph as teriaõ offerecido no templo, donde as tiràriaõ os Principes dos Sacerdotes para aquella compra. Sendo iſto aſſim, ſe enganàraõ os que diſſeraõ 33 que os Egenitas, em tempo muyto mais moderno, foraõ os primeyros que batéraõ moeda: na Africa, pela parte de Angóla, ſaõ dinheyro huns paninhos feytos de certa herva: entre algumas naçoens he certo genero de pequenos buzios: outras o fazem de couſas que cada huma mais eſtima.

9 Plinio 34 eſcreve que nas primeyras moedas de metal ſe eſculpia ainda a figura de gado. Depois, como hoje, ſe eſculpíraõ as effigies, armas, inſignias, inſcripçoens, & letras de quem as mandava bater; de que ha livros curioſos, & nelles achamos noticias de muytas antiguidades.

10 O valor dellas pelo intrinſeco dos metaes, entre todas as naçoens do Mundo he quaſi o meſmo, como de direyto das gentes que naõ ſaõ barbaras; & por eſte ſe aceytaõ ordinariamente em todas as partes, peſadas, & tocadas. O extrinſeco que lhes daõ os Principes, & ſó corre nos Dominios de cada hũ, tem regularmente pouca differença do intrinſeco, por convir aſſim ao commercio; excepto alguns Eſtados, nos quaes as neceſſidades publicas, ou por deſpezas da guerra, ou por outras occaſiçoens, obrigáraõ a augmentarſe; & neſtes augmentos ſe lhes ſegue ſempre mais damno, que utilidade, da mercancia, & no preço dos uſuaes que impoſſibilita os vaſſallos. Em Portugal, alèm das mudanças que neſta noſſa idade vimos, houve muytas nos tempos dos Reys paſſados: o digniſſimo Arcebiſpo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, varaõ illuſtre por ſangue, virtude, & letras, no Catalogo que eſcreveo dos Arcebiſpos da meſma Sé, 35 procurou curioſamẽte averiguar o valor diverſo que as moedas, com varios nomes, tiveraõ em tempos differentes; o de muytas declarou a Ordenaçaõ do Reyno feyta por ElRey Dom Manoel, 36 por ſer materia larga, baſta remetella. Demais de Carrança, Covas Ruvias, & outros 37 que eſcrevéraõ de moedas, o Etymologico trilingue impreſſo em Londres

31 *Barleta tom.1 ſerm. de paſſione Domini in die Paraſceves, antè med. Gothofred. Viterb. in Panthcon.*

32 *Geneſ.* 37. 28. Vendederunt eum Iſmaelitis viginti argenteis. *Alia litera habet*, triginta argenteis.

33 *Textor ſuprà.*

34 *Plin. l.33. cap.5. Alex. ab Alex. ſuprà.*

35 *O Illuſtriſſimo Arcebiſpo D Rod. da Cunha, hiſt. Eccleſ. de Lisboa p.2. cap.20. & 21.*

36 *Ord. antiq l 4. tit. 1.*

37 *Càrrança, no livro do ajuſt. das moedas.*
Covarr. trat. de coll. veter. numiſmatum Martin. Guarratus Laude ſis. Franciſcus Curtius, & Joan. Reymund. in trat. de moretis; & Albertus Brunius de augment. & diminut. monet. habẽtur in tom 11. tract DD. juriſciv.

dres no anno de mil & seis centos & sete, trata exactamente cousas muyto dignas de se saberem, das moedas que usáraõ os Hebreos, Caldeos, Syros, & Gregos.

11 Os Latinos chamaõ ao dinheyro *pecunia*; alguns differaõ q̃ de *peculium*, que abusivamente se toma por qualquer patrimonio, significando propriamente só o do escravo, ou filhofamilias. 38 Outros o derivaõ melhor de *pecus*, 39 que significa o gado, ou porque o primeyro dinheyro era gado: 40 ou porque nas moedas q̃ depois se batèraõ, se esculpia sua figura: 41 ou (& parece o mais certo) porque antigamente em gado consistia toda, ou a principal fazenda dos homens, 42 & *pecunia* comprehende toda, como dissemos; 43 & do mesmo nome *pecus* se veyo a chamar o *peculio*. 44

12 Nesta divisaõ de Dominios, só *Christo* Senhor nosso, havendo seu Pay Eterno posto em suas mãos todas as riquezas, 45 se fez taõ pobre por amor de nòs, 46 que naõ tinha aonde reclinar a cabeça, 47 só chamou *seu* ao que nos dava: 48 às ovelhas para morrer por ellas; ao corpo, sangue, & espirito que entregava para nos salvar 49 ao *Pay* que para isso o mandàra: 50 ao tempo, & hora que havia de padecer, 51 esgotouse de thesouros com-nosco; 52 chegou a entregarse a si mesmo; 53 & com tudo foy o que mais experimentou o trabalho de *meu*, & *teu*, os males do dinheyro, & do comprar, & vender; porque nos comprou pelo alto preço 54 de seu sangue, 55 & em fórma de servo 56 foy vendido; 57 & darse por elle dinheyro, quando elle se dava de graça, 58 lhe foy a mayor pena; parecia que naõ era homem para lograr as conveniencias daquella introducçaõ, mas só para padecer os dannos della.

38 *Calepin & Polyanth. verbo, peculium.*

39 *Idem Calep & Polyanth sup. Alciat in L. Pecunie 4 ff de verb. signific. 1.*

40 *Supra n. 8.*

41 *Plin. d. l. 33 cap. 3. Plutarch. in Poplicolas. Alciat. in l Pecuniæ, verbum 178. in princ. ff de verb. signific.*

42 *Alciat. & Polyanth. supr.*

43 *Supra n. 6.*

44 *Polyanthea suprà.*

45 *Matth. 11. 27. Joan. 13 3.*

46 *D. Paul. 2. ad Corinth. 8. 9.* Propter vos egenus factus est, cùm esset dives.

47 *Matth. 8 20.* Filius autem hominis non habet, ubi caput reclinet.

48 *Joan. 10. 14.*

49 *Matth. 26 26 & 28. Marc. 14. 12. & 24. Luc. 22 19. & 20 & cap. 23. 46. Joan. 6. 51. & seqq.*

50 *Joan. 6. 40.*

51 *Matth. 26 18. Joan 2. 4. & c. 13. 3.*

52 *D. Paul. ad Pilip. 2. 7.* Semetipsum exinanivit.

53 *D. Paul. ad Ephes 5. 2.* Tradidit semetipsum pro nobis.

54 *D. Paul. 1. ad Corinth. 5. 20.* Empti enim estis precio magno.

55 *1. Petr 1. 19.*

56 *D. Paut ad Philip. d. c. 2. 7.*

57 *Matth. 16 15 Marc. 14. 11.*

58 *Joan. 18. 5. & 8.* Ego sum.

CAPITULO XIX.

Fundaçaõ da primeyra Cidade; utilidade dellas; como a natureza depravada perverte as generosas acções; condena-se a vangloria, & trata-se brevemente de algumas Cidades famosas.

1 POr meyo da necessidade, que he excellente mestra, hia a Divina Providencia mostrando aos homens o que mais lhes convinha para commodamente viverem. Mas a natureza humana arruinada em malicia, trocava em males os mayores bens; como jà dissemos no capitulo precedente; seja segundo exemplo que achamos no Sagrado Texto, 2 a fundaçaõ das Cidades.

2 Necessitava a vida de muytos usuaes, que nem hũ só homem

1 *Pherault. apud Frus l. 4 c. 16.* Nullum præstantiorem doctorem esse necessitate. *Heli. d. 7.* Inventrix consiliorum omnium est necessitas.

2 *Genes. 4. 17.* Ædificavit civitatem.

mem pôde grangear, nem produz todos huma só terra, como considerou Virgilio 3 entre as miserias do Mundo, a que pronosticava remedio. Esta necessidade persuadia a se ajuntarem muytos em vizinhança para se assistirem reciprocamente com o que tivesse cada hum, entendendo tambem que de outras partes concorreria por commercio de permutaçaõ o mais que fosse necessario, com que no circuito daquelle ajuntamento haveria abundancia de muytas leguas; & este, segundo Aristoteles, 4 foy hum motivo de fundar povoaçoens. Outro foy o ser o homem por natureza animal sociavel, que appetecia companhia. Platão diz que se faziaõ para os homens se defenderem das féras; 5 & estes fins que a razaõ inculcava, eraõ muyto louvaveis.

3 Porêm o sagrado Texto 6 conta que naseceo a Caim hum filho, a que chamou Henoch: & que edificou huma Cidade, (Berosо diz 7 que sobre o monte Libano) à qual poz o nome do filho, o que segundo Santo Agostinho, 8 se entende annos depois de naseido, pois quando naseceo, naõ havia ainda gente para a povoar. S. Joaõ Chrysostomo 9 diz que edificou, & poz o nome só a fim de perpetuar sua fama, & que foy effeyto do peccado, porque os homens privados por elle da immortalidade que teriaõ com a graça, desejavaõ immortalizarse por outras vias. Elles o declaraõ depois na fundaçaõ de Babel, dizendo: *Fundemos Cidade, em que façamos celebre o nosso nome.* 10 Bem parecidos aos pays que peccàraõ por vangloria: 11 outros Authores escrevem 12 que tambem foy intento de Caim refugiarse alli da pena de seus crimes, & recolher o que roubava; para isso cercou a Cidade com muros, & a fortificou de torres; 13 taõ antiga he a arte da fortificaçaõ. Filo 14 affirma que fundou mais seis, chamadas, *Mauli, Thebe, Jesea, Celet, Jebet*, & outra, em que seu mão natural naõ melhoraria o fim; & nos seculos succeSSivos, diz Lactancio, 15 que com a mesma vangloria, & desejo de fama puzeraõ muytos homens seus nomes a povos, rios, montes, & valles.

4 Pelo peccado cahio a natureza em tanta malicia, que fez vicio do que fora virtude; porque o bem, & o mal nasce do coraçaõ: 16 por isso se introduzio bater o peccador no peyto, como que o castiga; pelo fim a que elle obra se qualifica a acçaõ: a louvavel deve ter prudencia para escolher bom sugeyto, & virtude para procurar bom fim; 17 se este he máo, affea a obra mais lustrosa; 18 nas da industria se louva a destreza, nas da virtude a tençaõ, que lhes dá fórma: o edificio naõ perde a excellencia pela mà vontade do arquitecto; mas o acto de justiça veste-se de malicia pelo ruim intento do Juiz; 19 & assim disse S. Agostinho 20 que as generosas acções dos mais dos Gentios degenerâraõ em vicios, porque tomàraõ por fins, huns o interesse, outros o gosto, & os mais celebrados a vaidade, & ambiçaõ: lastima grande peccar, naõ sómente quando se obra mal, mas ainda quando se faz algum bem. 21 Discretamente chamou

3 *Virg. Eclog. 4.*
Nec nautica pinus
Mutabit merces: omnis feret omnia tellus.

4 *Arist. 1. Polit. per tot. & l. 3. c. 2. ac 3.*

5 *Plat. in Pythagor.*
6 *Genes. supra.*

7 *Beros. de stor. Chald. l. 1.*

8 *D. Aug. de Civ. l. 18. c. 8.*

9 *D. Chrysost. Hom. 20. in Gen.* Hæc omnia rectè quis doceret peccatorum, & ruinæ prima munimenta.

10 *Genes. 11. 4.* Celebremus nomen nostrum.
11 *Gen. 1. 5.* Eritis sicut Dij
12 *Flosc. hist. p. 1 c. 1. Benedict. Fernand in 4. Genes. sect. 18. n. 3.*
13 *Mexia in Sylva de var. lect. l. 1. c. 2.*
14 *Philo in antiquit Biblic.*

15 *Lactant. l. 1. cap. 11.*

16 *Matth. 5. 18. & 29.*

17 *Arist. 6. Ethic. 12 & l. 8. c. 13.*
18 *Tacit hist. l. 4.* Finis turpis laudem egregiam maculat.
19 *Matth. 6. 1.* Attendite, &c.
20 *Aug l. 4 contra Julian cap. 3. & de sect. Philosoph. cap. 7. de Civ. Dei l. 5. c. 13. & 14.*
21 *D. Chrys. serm. 17. in cap. 10. ad Rom. in exhort. moral. ad med. tom. 2.* Vanæ gloriæ morbus te, non solùm cùm peccaveris, sed & cùm rectè quid gesseris, damno afficit.

Saõ Joaõ Climaco 22 à vangloria, diſſipaçaõ dos trabalhos; perdiçoens dos ſuores, ladraõ dos theſouros, ſerva de perfidia, precurſora da ſoberba, naufragio no porto, formiga na cyra.

5 No meſmo precipicio nos deſpenhamos os Chriſtãos. Eſcrevemos, naõ para louvor de Deos, mas affectando o proprio: ſomos rectos nos officios, naõ por amar a juſtiça, mas para applauſo popular: abſtemo-nos dos vicios, naõ pelos aborrecer, mas por reſpeytos temporaes: alguns, ou algumas fazem penitencias, naõ para ſe mortificarem, mas para ſe acreditarem: atè alguns Prègadores Evangelicos procuraõ mais oſtentar engenho, que edificar almas, pois uſaõ de conceytos proprios, devendo ſaber que melhor perſuadiriaõ qualificando-os com allegaçaõ de hum Santo, ou Doutor; porque mais authoridade tem hum mào livro, que huma boa voz; cuydaõ que tem mais louvor as aranhas, que gèraõ de ſi, que as abelhas, que colhem das flores; naõ ſe lembraõ de que S. Jeronymo 23 louvou em Plataõ querer antes aprender couſas alheyas com vergonha, que jactar as proprias com imprudencia; ſaõ palavras do Santo. Innumeraveis boas obras deſtroe a vangloria, diz Saõ Chryſoſtomo; 24 & quem pertende applauſos ſe envilece, pois entendendo que ſe naõ baſta a ſi, buſca a honra nos outros: 25 lança em ſaco roto, accreſcenta Saõ Bernardo, 26 entheſourando nas bocas alheas.

6 Fez tambem a malicia humana degenerar o bem que pudèra reſultar das Cidades, & povoaçoens grandes, em que aquelle provimento, que conſideravamos dos uſuaes, veyo a exceder tanto à neceſſidade, que o ſuperfluo as oſtenta fundadas para delicias, & naõ para ſuſtento; que exceſſos naõ miniſtraõ no comer, & no veſtir? aquella conſolaçaõ que notamos da ſociedade, ſe torna em murmuraçoens, juramentos, & converſaçoens illicitas; ſaõ theatro dos vicios, que ſe chamaõ paſſatempos, & de todos os peccados que miudamente ponderaõ os grandes juizos de S. Joaõ Chryſoſtomo, & Seneca: 27 chegou a dizer Diogenes 28 que a virtude naõ morava nas Cidades: a Alma Santa convidava o Eſpoſo a deyxallas, & os Santos fugiaõ para os deſertos. Terriveis, & abominaveis coſtumes haveria na de Caim; pois diſſe o Eſpirito Santo 29 que os habitadores da Cidade ordinariamente ſaõ taes, como quem a governa.

7 Naõ tiveraõ noticia deſta Cidade, nem da fundaçaõ de Babylonia depois do Diluvio os Gregos, que diſſeraõ que a primeyra do Mundo fora *Cecropia*, que tambem ſe chamou *Acropolis*, fundada por Cecrope contemporaneo de Moyſés; nem os Egypcios que affirmavaõ, que a primeyra fora *Thebas*, chamada primeyro *Dioſpolis*; & outros que fora *Argos*, edificada por Foroneo, que viveo no tempo de Jacob. He de notar que Caim fundador deſta cabeça de todas na antiguidade; & Romulo fundador 30 (ou ampliador, como querem outros 31 de

22 *D. Joan. Climac. grad. 22. de vanaglor. Refert P. Fr. Man. do Sepulcr. na Reſcyg. eſpirit. p. 2 c. 11. n. 30.*

23 *D. Hieron. ep. ad Paulin. de divin. hiſt. lib in princ.* Malens aliena verecundè diſcere, quam ſua imprudenter jactare.

24 *D. Chryſoſt. in Joan Hom 13. ad fin. tom. 4.* Vana gloria innumera bona opera peſſundat.

25. *Idem Chryſ. ſerm. 17. ſuperius citato.* Quomodò enim non es vilior, qui opus habes iſtorum præconio, quique tibi te ipſum ſufficere non putas, niſi gloriam aliunde capias?

26 *D. Bernard ſerm 4 in adventu ſtatim poſt princip.* Inſipiens tu qui merces congregas in ſaccum pertuſum.

27 *D. Chryſoſt. adverſ. vituper. vit monaſt. l. 1. ad fin. tom. 5. Seneca epiſt. 51.*

28 *Diogen. apud Stob. ſerm. 91. Cantic 7. 11.* Veni dilecte mi, egrediamur in agrum.
Pulcrè Pater Hermanus Hugo in Deſider. piis l. 2. voto 7

29 *Eccleſiaſtic. 10. 2.* Qualis rector eſt civitatis, tales, & habitantes in ea.

30 *Liv dec. 1. l. 1. ab urb. cond. M. Varro de re ruſt. l. 3. c 1. Auſon. epigr. 50. Joan. Saresberg. l. 8 c 22. Michael Glica Annal p. 2. 195. de quo vide Joan. Roſin. in Syntagm. antiq. Rom. cum addition. Thom. Dempſter l. 1. -ap. 1. Pomp. Jurisconſ. in l 2. ff de orig. Jur. & ibi gloſſa.*

31 *Pined. Monarch. Eccleſ p. 1. l 4. c 6. Mariana hiſt. de Heſp. l. 1. c. 10. Britto Monarch Luſit. l. 1. cap. 13. Madeira as Excel. de Heſp. c 4. § 4. Fab. Pict de aur ſicul l. 1. Plutarch in Romul. Maur. Serv. comment. Virg. l. 7. n. 59.*

de Roma, cabeça de todas no Imperio, ambos matàraõ a seus Irmãos; & he de admirar escrever Berosio 32 que esta Cidade de Caim permaneceo largo tempo em prosperidade: sendo maxima dos politicos, 33 que pela bondade das leys (que tal fundador lhe naõ daria justas) se regùla a duraçaõ da Republica; ou os succeßores as emendariaõ; ou Deos o permittio por mysterio em aquelle principio do Mundo.

8 Mas em fim, como disse o Apostolo, 34 naõ ha no Mundo Cidade permanente. Da soberba Troya naõ se sabe aonde foy; 35 da altiva Carthago só o nome ficou; da esclarecida Athenas só se presume que esteve aonde se vè huma aldea pobre: da preciosa Tyro, da nobre Corintho, da bellicosa Lacedemonia, & de outras illustres Cidades, só ficáraõ nos Poetas estes epithetos, com que as nomeáraõ; 36 Ninive foy fundada por Assur, 37 que tambem se chamou Nino, & lhe deu nome, 38 quadrangula, para mayor fortaleza; na corrente do Tigres, parte oriental de Mesopotamia, tinha de comprimento cento & cincoenta estadios, (que cada hum faz 625. pès) & de largura noventa, fazendo circuito de 480. que contèm sessenta mil passos, & saõ mais de dez leguas. Os muros tinhaõ cem pès de alto, & largura em que andavaõ tres cochès emparelhados; com mil & quinhentas torres de altura de duzentos pès, 39 resistio aos tèpos mil & trezètos annos, que teve de duraçaõ; 40 porèm finalmente pereceo quando Sardanapalo se matou, & o Imperio Assyrio, de que era cabeça, passou aos Medos, & Babylonios.

9 Babylonia, fundada por Nemrod 41 na torre de Babel; de huma, & outra parte do Eufrates; em figura quadrada por mais forte, tinha ambito de mais de sessenta mil passos; ou quatrocentos & oytenta estadios, que fazem largas dez leguas; cercada com muros de ladrilho, & certo betume mineral mais duravel que pedra; de altura de mais de duzentos pès, & de largo mais de cincoenta; davaõ por sima passeyo a seis carroças emparelhadas; sustentavaõ no mais alto os Pensiles, arcos, & abobadas, sobre que estavaõ hortas, & jardins com muytas fontes, & grandes arvores, & debayxo delles muytas casas com moradores; serviaõ-se aquelles muros por cem grandes postigos com portas de metal; & tinhaõ duzentas & cincoenta torres de sessenta covados de alto; escusando-se mais torres, pelas muytas lagoas que a faziaõ inexpugnavel; eraõ cercados com fosso de agua taõ fundo, & largo como hum bom rio. Tinhaõ muytas, & fermosas pontes; & a que dava passo de huma para a outra parte da Cidade sobre o mais estreyto do Eufrates que a partia, era de seiscentos passos, sobre pilares de pedra em distancia de doze pès, com talhamares fortissimos: as pedras travadas com barras de ferro chumbadas; tinha trinta pès de largo; & parece que naõ tinha arcos de abobada, mas vigas de palma, & acipreste. Em cada porta desta ponte estava huma torre altissima; & ao comprido pelos lados do rio se defendia a Cida-

32 *Berosi. supr. d. l. 1.*

33 *Solon apud Stob. serm. 41. Pittacus apud Laert. l. 1. c. 5.*

34 *D. Paul. ad Hebr. 13. 14.*

35 *Garcilasso, Soneto a Boscan.*
Donde el fuego, y llama licencio-
sa
Solo el nombre dexaron a Cartha-
go.

36 *Virg. Æneid. 3.*
Ceciditque superbum Ilium.
Idem l. 4
Tu nunc Carthaginis altæ
Fundamenta locas.
Propert. l. 4. eleg. 1.
Regna vel prima Remi animos
Carthaginis altæ,
Ovid. Metam. 15.
Patria est clara mihi, dicit, Athenæ;
Stat. 3. Silv.
Qua pretiosa Tyros rubeat.
Ovid. Metam 6.
Orchomenosque ferax, & nobilis
ære Corinthus;
Claud. in.
Rex Pandionæ, sic armipotens Lacedæmon.

37 *Genes. 10 11.*

38 *Pineda Monarch. Eccl. l. 1. c. 27. §. 2.*

39 *Herodot. l. 1.*
Diodor l. 3. cap. 1. & 4.
Arrian. l. 8.

40 *Benedict. Pereyr. in Gen. l. 5. ex n. 94. maximè 105.*

41 *Genes. 11. & vide p. 2. cap. 5. n. 2.*

de das correntes delle, como forte muralha. As bocas das ruas que sahiaõ ao rio, se cerravaõ com portas de bronze. O alcacer, ou Paço tinha huma legua em circuito; & sobre elle estava hum famoso templo. Outro templo havia, em que estava huma grande estatua de Jupiter Bello, toda de ouro, & outras riquezas inestimaveis. Este seria o que Herodoto 42 refere que ainda persistia em seu tempo com portas de metal, & que tinha dous estadios em quadrado, & que no meyo se levantava huma torre de ambito de hum estadio, & outro tanto de alto, & sobre aquella outra, & sobre esta outra, & assim outras atè numero de oyto, & que a todas se subia por escadas, que tinhaõ pela parte de fóra; & no meyo das escadas havia aposentos para descançarem os que subiaõ. Era finalmente Babylonia hum dos sete milagres do Mundo taõ celebrados, em cuja obra; principiada pela Rainha Semiramis, trabalháraõ annos trezentos mil homens. 43 Tal fortaleza parecia bastante para naõ ceder aos seculos: mas tudo o tempo consumio, porque de tudo triunfa, excepta a virtude; 44 só deyxou huma pequena Cidade, que mostrasse a campanha onde teve a vitoria.

42 *Herodot. l. 1*

43 *Hæc omnia ex Herodot. supr. Strab. l 16. Diodor Sicul. l. 3. c 4. Plin l 6. c 26. Paul. Oros. l 2.*

44 *Patrocha nos triumphos, triumpho ult. de la Divinita. Sallust. in Catilin.* Virtus clara æternaque habetur. *Lipsi. politi. l. 1. c. 1. ex Cornific ad Heren.* Omnia præter eam subjecta fortunæ dominanti.

10 E que se ha feyto da antiga Roma, que teve quatroentos & cincoenta mil vizinhos em circuito de cincoenta mil passos, que saõ oyto leguas & meya? O monte Palatino, em que foy sua primeyra fundaçaõ a 20. de Abril; aonde os Reys, os Consules, os Emperadores tiveraõ em sumptuosissimos paços seu assento; aonde Julio Celio Cesar, & Heliogabalo edificáraõ grandiosos Templos, se despoveou, & tornou agreste, feyto pasto de animaes silvestres, o que fora habitaçaõ de Monarcas. O monte Capitolino, em que esteve o Capitolio, chamado *Morada dos Deoses*; os Templos de Jupiter, Juno, Minerva, Marte, & o da Lealdade; as estatuas de Hercules, de Fabio Maximo, de Scipiaõ, & de outros Varoens illustres; aquelle que os Escritores dizem que melhor representava Cabeça do Mundo, se vio reduzido a poucas, & humildes casas, honrado só com hum Convento de S. Francisco, edificado aonde foy o Paço de Octaviano. Das oytenta columnas sobre que o Emperador Caligula fez hum notavel passadiço de marmore deste Monte Capitolino ao Palatino, & das outras treze admiraveis que Domiciano poz entre os mesmos montes, apenas ha memoria. Do alto Colliseo, ou Amphitheatro que Vespasiano fabricou, naõ ha vestigio; nem do theatro de Escaulo, ou Silla, que tinha trezentas & sessenta columnas, & tres mil figuras de metal, no qual cabiaõ oytenta mil homens. O castello chamado *Sepultura de Adriano*, porque nelle a fabricou para si magnificamente aquelle Emperador, veyo a ser triste carcere de criminosos. O circo de Julio Cesar, que tinha tres milhas em comprido, a mayor parte de marmores finissimos, por excellencia lavrados, onde se faziaõ os famosos Jogos Circenses, tambem pereceo; & outro que á imi-

imitaçaõ delle edificou Nero. Dos Templos de Esculapio, & da Concordia, & do celebre da Paz, em que Vespasiano, & Tito puzeraõ os despojos de Jerusalèm; & de muytos outros, ou naõ ha sinaes, ou saõ muyto raros. Do que se admirava nos montes Celio, & Aventino: dos sumptuosos Palacios de Mario, de Pompeyo, de Luculo, & de outros homens grandes; finalmente de todas as grandezas de que estaõ cheyos livros, que só dellas trataõ, 45 ha sómente relaçoens. Sò he hoje a nova Roma insigne, ainda no temporal, pela assistencia nella da Cabeça da Igreja, Constantino Magno a perpetuou quando em S. Sylvestre fez doaçaõ della aos Summos Pontifices; 46 porque só o divino permanece. O mesmo succedeo em Jerusalèm, aonde naõ ficou pedra sobre pedra do forte de seus muros, do magnifico de seu Templo, do grandioso de seus edificios, & de toda sua opulencia; só em povoaçaõ pequena se conserva o illustre de haver sido theatro de nossa Redempçaõ.

11 Pequena gloria fundar Cidades que caducaõ: grande perda dirigir as acçoens a applausos: de pouco se vangloriava Caim: de muyto nos podemos gloriar sem trabalho; 47 em nòs mesmos podemos fazer Cidades de virtudes, ou fazermonos Cidadãos da Celestial, como disse Saõ Chrysostomo; 48 ainda que as Cidades do Mundo, como Samaria, em huma occasiaõ naõ quizeraõ recolher a *Christo* 49 Senhor nosso: *Christo* recolhe a todos na Cidade do Ceo: com nòs mesmos devemos procurar credito: a consciencia propria dà o melhor testemunho; miseravel quem o despreza: 50 sejamos o que desejamos parecer, 51 & mais facil he ser bom, que parecello; pois o ser depende da verdade, o parecer do engano, que he mais custoso; melhor se cuyda da obrigaçaõ, que da opiniaõ; pois aquella está na maõ de cada hum, esta no arbitrio de outrem, & quando se chegue a alcançar, só tem esse premio, & perde o de Deos. 52

45 *André Fulvio no livro das antiguid. de Roma Joan Rosin eodem tract. cum addition. Tomè Dempster.*

46 *Extat donatio apud S. Isidor. inter decreta SS. Patrum. Meminit glossa, pertinere, in l. 1. ff. de offic. Præfect. urb. & glos. conferens in Auth. quomod. oport Episc. in princ. coll. 1.*

47 *Petrarcha de prosp fort. dialog. 3. de Religione.* Sit tibi igitur gaudere permissum; ut quanto lætior, quantoque religiosior, tanto sis melior.

48 *D. Chrysost. in Psalm. 118. ad verba, benitatem fecisti, in 1. tom.*

49 *Luc. 9. 51.*

50 *O te miserum; si consensus hunc testem. Vide Seneca ep. 96. & 97.*

51 *Socrat. apud Erasm. apophtegm. l. 3.* Talis esse studeas, qualis haberi velis. *Et apud Valer. Max. l. 7 cap. 2. de Sapientes fact. aut dict.*

52 *Matth. 6. 1.*

CAPITULO XX.

Como Lamech começou a offender as leys do matrimonio; trata-se dos trabalhos a que os casados, pela ruina do Mundo estaõ sugeytos.

1 CONtando o Texto Sagrado a descendencia de Caim, diz que seu quarto neto Lamech casou com duas mulheres chamadas *Ada*, & *Sella*; 1 foy o primeyro bigamo; & com duas mulheres que viviaõ no mesmo tempo. Quiz a malicia destruir o bem do matrimonio, instituido por Deos para alivio 2 entre sós dous: 3 quiz dividir o amor, causar discordias, debilitar a geraçaõ. Por todo o mal era pro-

1 *Genes. 4. 19.*

2 *Genes 18.*

3 *Genes. d. cap. 2. 24.* Erunt duo in carne una.

proprio hum descendente de Caim; mas he de admirar serem taõ sofridas suas descendentes: naõ tem aquelle crime desculpa em Jacob; 4 & em outros, em que o Senhor particularmente dispensou, & atalhou os danos.

4 *Gen.* 29.

2 Continuou a malicia nos casamentos tantos inconvenientes, que se fez questaõ problematica, se se devia casar, ou naõ casar. 5 A vida religiosa, ou celibata com virtude he preferida: nos outros o matrimonio he mais louvavel. 6 Porèm o peccado lhe poz tantos espinhos, que custa muyto sangue colher esta rosa.

5 *De quo Joan. Nevis. in Sylva nuptiali. Laiè Polyanthea, verbo, matrimonii.*

6 *D. Paul. 1. ad Corinth. 7.*

3 Das outras qualidades ha mais noticia: mas o acerto da pessoa tem riscos grandes: ha mulheres (disse o grande Clemente Alexandrino 7) boas para paynel, naõ para mãys de familias: ha homens só na fórma, & brutos no prestimo: o muyto erudito, & curioso Andrè Tiraquello 8 escreveo a este proposito largamente; basta a nosso intento hum argumento breve: Ou a companhia agrada, ou naõ agrada?

7 *Clem Alex. l. 1. Pædagog. c. 2.* Veluti depictæ ad spectandum, non natæ ad domus custodiam.

8 *Tiraquel. Clem. ad leges connubial. in l. 2. à princip.*

4 Se agrada, tambem o que agrada, muyto continuado vem a enfadar; & se naõ enfada, chorase o perdello, & só o receyo de o perder atormenta; o amor faz commuas as penas, como conceptuavaõ, mas com verdade, em Ariosto Doralice, em Tasso Gildipe, & em Mariano Venus, & muytas no nosso poema *Ulyssipo*, 9 & fica padecendo hum corpo as miserias de dous.

9 *Ariost. no Orlando cant. 30. est 36. Tasso na Jerus. cant. 1. st. 57. Marino no Adonis cant. 1. est 155. Dissenos no Æna Ulyssipo, cant. 3. est. 61.*

5 Se naõ agrada por doença, deformidade, & quanto horrivel se possa excogitar, com tudo se ha de sofrer por obrigaçaõ, como expende hum texto Canonico; 10 se por condiçoens encontradas, he como inferno, segundo Santo Agostinho; 11 se por colerica, he melhor (diz Salamaõ) 12 estar sobre o telhado à inclemencia dos tempos, que recolhido com ella dentro de casa; sendo dous em hum só corpo, 13 segue-se que se maltrataõ, a maõ fere o rosto, & huma parte do corpo offende a outra, despedaçando-se voluntariamente, como succede aos doudos, ou possuidos do demonio. E toda via se deve amar aquella companhia aborrecivel: he peccado desejar outra melhor, ou a morte que a aparte; saõ como os monstros que houve de dous corpos pegados, 14 (cuja causa apontaõ os Medicos 15 cada qual com differente condiçaõ, como particularmente se via nas duas moças nascidas em Verona pegadas pelas costas no anno de 1475. que sempre estavaõ em contendas chegando a ferirse. Hum de dous, de que escreve Gandavo, 16 era virtuoso, & queria orar; o outro vicioso estava com mulheres; (& saõ taes que lhe naõ faltavaõ) todos eraõ forçados a viver juntos, & desejarse as vidas, porque o ultimo que ficava, hia apodrecendo atè morrer; o interesse os obrigava ao que a Ley de Deos obriga aos casados: finalmente nem se pòde deyxar de ter aquella companhia, nem de padecer tendo-a. 17

10 *Can. si uxorem 32. q. 5.*

11 *D. August. in Psalm. 93.* Si mulier marito, Heva est illi: si vir uxori, diabolus est illi; aut ipsa tibi Heva est, aut tu illi serpens.

12 *Prov. 5. 14.* Melius est sedere in angulo domatis quam cum muliere litigiosa, & in domo communi.

13 *Genes. 2. cap. 2. 24. Matth. 19. 5. D. Paul. 1 ad Corinth 6. 16.*

14 *Paræus l. 24. Riolan. filius demonstr. Paris. cap. 6. Hector Boetus hist. sect. l. 2. Georg Bucanen. stud. hist. l. 3. Philip. Camerar. cant. cap. 67.*

15 *Ultra supra relatos, Franco in Campo Elys. q. 45. à n. 48.*

16 *Henric. Gandav. apud Franco supra n. 45.*

6 Perde se a liberdade (que he o mayor bem da vida 18 entre-

17 *Bened. Fernand. in 2. Genes. sect 9. n. 1.* Carere muliere marius nequit, & cum muliere non potest non dolere.

18 *Plutarch. in Agesil. Diogen. apud Laert. l. 6.*

entregandose os casados hum ao outro. 19 De huma Religiaõ se passa para outra, se sahe para Bispado, ou por causa em que o Pontifice dispensa: o casamento só por morte se póde dissolver: 20 entre algumas naçoens foy ceremonia tirar as esposas como por força, de entre os braços das mãys: levallas em hum carro a casa dos esposos, & queymar lá o eyxo do carro, para lhes mostrar que naõ tinhaõ em que tornar, & que perdessem a esperança de sahir dalli.

7 O successo da geraçaõ naõ dá menor trabalho: se naõ ha filhos, ha desconsolaçaõ: he triste cousa (dizia S. Pedro Chrysologo 21) carecer do premio da Virgindade, & do alivio dos filhos: sustentar a carga do matrimonio, & naõ colher o fruto delle: *Dignidade do Matrimonio* lhes chamou este Santo Doutor. A natureza os pede para se perpetuar: Saõ Joaõ Chrysostomo 22 diz que saõ imagem da Resurreyçaõ; quem os deyxa, parece que naõ morre, 23 porque pay, & filho saõ quasi a mesma pessoa; 24 donde nasce entre os Juristas o efficaz direyto da representaçaõ. 25 O excellente Emperador Antonino Pio disse, que morria consolado, porque deyxava filhos; 26 o bom Emperador Tito poz nelles a segurança do Imperio; 27 & Cresso, comparandose Cambises com seu pay Ciro, disse, que naõ devia Cambises vir á comparaçaõ; pois naõ tinha filho que deyxasse à Republica. 28

8 Se ha filhos, nasce com elles grande pensaõ aos pays na duvida de quaes seraõ; 29 se sahem bons, ainda q̃ daõ gosto, 30 causaõ grande cuydado em tratar de seu bem; como de Eneas disse Virgilio 31 a respeyto de Ascanio, & em temer sua falta, como lemos de Jacob 32 por Benjamin: se máos, sobre a tristeza que trazem, 33 saõ confusaõ terrivel 34 no receyo do castigo de Deos, com Absalaõ a David: 35 & no sentimento do descredito, como a Augusto, entre suas felicidades a muyta desenvoltura das duas Julias, filha, neta suas; & o pouco juizo de seu neto Agripa, que elle chamava tres canceres, que lhe rohiaõ as entranhas; 36 grande seria a pena de Adam vendo os màos costumes de Caim. 37

9 Quaesquer que os filhos sejaõ, se amaõ tanto, como mostraõ os exemplos, que por muytos se naõ pòdem repetir; 38 daqui nasce sentirem os pays os màos successos dos filhos, mais que os proprios, como hum Jurisconsulto considerou. 39 A muytos matou o gosto de ver a seus filhos mortos. Gordiano Senior passou a furor de se matar por suas mãos. 40 Jones Rey dos Tenedos, Zeleuco Locrense, Marco Scauro, Manlio Torcato, Aulo Fabio, Junio Brutto, & Cassio Romanos matáraõ os filhos delinquentes, 41 porque os amavaõ; de amor endoudecéraõ, vendo-os criminosos; doudos obráraõ aquella acçaõ, que naõ cabia em quem tivesse juizo. Herodes que mandou matar no carcere a seus filhos Aristobolo, & Alexandre, era Herodes: Irene que tirou os olhos a seu filho Constantino

19 *D. Paul. ad Corinth. 7.4.*
20 *Matth. 10 9.*
D. Paul d. c. 7.11.

21 *D. Petr. Chrysol. serm. 98.*

22 *D. Chrysost. hom 18. in Gen.*

23 *Eccles. inst. 30.4* Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus, similem enim reliquit sibi post se.

24 *Lat. in fin. C de impub. & aliis subst.*

25 *L. 1. §. 1 ff. de suis, & legit. hered. § Cum sit ut, & § ult. inst. de hæredit. quæ ab intest. defer. Authèt. de hæred. ab intest. in princ. collat. 9. Dixi latè in Lusit. libr. 1. cap. 9.*

26 *Capitolin. in Ant. Pium.*

27 *Tacit. hist. l. 4.*

28 *Erasm. 6. apophthegm.*

29 *Eccl. inst. 3 18. & 19.* Habiturus hæredem post me, quem ignoro utrùm sapiens, an stultus futurus sit.

30 *Proverb. 10. 1. & cap. 15. 20.* Filius sapiens lætificat patrem, *&c.*
Eccles. 23. 15. Si sapiens fuerit animus tuus, gaudebit tecum cor meum: *& n. 14.*
Exultat gaudio pater justi, qui sapientem genuit, lætabitur in eo.

31 *Virg. Æneid. 1.*
Omnis in Ascanio chari stat cura parentis.

32 *Genes. 22. & 24.*

33 *Proverb. 1 1.* Filius verò stultus mœstitia est matris suæ.

34 *Eccles. inst. 22 3.* Confusio patris est de filio indisciplinato.

35 *1. Reg. 13. cum seqq.*

36 *Erasm. l. 4. apophth. ex Suet. in August.*

37 *Supra cap. 17 n. 1.*

38 *Vide multos apud Textor. in officin. p. 2. tit. Amor parent. & na defensa da Monarch. Lusit. p. 2. c. 19.*

39 *In l. Isti quidem §. fin ff. quod met. caus. §. sed veteres, Inst. de nox. act.* Pet filii corpus pater magis quàm Filius periclitetur.
D. Chrysost. hom. 29. in Gen. ad fin.
Gravis illis est videre filios supplicio affici, quàm si in ipsos animadvertetetur.

40 *Textor. supra.*

41 *Erasm. in Adag. Tened. bipennis, l. 6 apophthegm.*
Cicer. 2. de leg
Stob. serm. 42.
Valer. Maxim. l. 5. cap. 8.

ſtantino V. Emperador de Conſtantinopla, 42 era mulher ambicioſa, que he mais que Herodes; & o Sol pela naõ ver, eſcondeo deſaſete dias a luz. 43 As outras que nos cercos de Samaria, Jeruſalèm, & Roma comèraõ os filhos, 44 foraõ executoras de caſtigos do Ceo contra os affectos naturaes.

10 Finalmente todas as vodas tem a condiçaõ das dos eſcravos, que naõ géraõ para ſi, mas para ſeus ſenhores. 45 Nenhum ſenhor he taõ cruel como o mundo para os que naſcem; continua-ſe a geraçaõ humana para continuaçaõ de ſeu cativeyro; fora melhor, diz hum Filoſofo Chriſtaõ, 46 naõ deyxar herdeyros de calamidades.

11 Seguem-ſe os encargos de ſuſtentar familia, de que naõ eſcapa o mais rico; porque a vaidade accreſcenta gaſtos a que naõ chegaõ as rendas. Santo Ambroſio 47 nos repreſenta hum neceſſitado vendendo hum filho, (o que permittiaõ as leys antigas, & ainda matallo) 48 no qual conſidera a mais laſtimoſa perplexidaõ, com eſtas palavras: *E bem* (diria elle a ſi meſmo) *venderey eu o mais velho? Naõ, porque eſſe he o primeyro que me chamou pay. Serà o mais pequeno? Eſſe he o meu mais mimoſo; atraveſſame o coraçaõ haver o mayor de entender o mal que lhe faço: & he mayor dor que a ignorancia do menor lho naõ deyxa entẽder. Hum dos outros he o meu retrato: o outro he de mayores eſperanças: miſeravel de mim que farey? Se eu vender hum como ſe fiaráõ de mim os outros? a toda minha caſa ſerey abominavel: com que roſto tornarey para ella carregado com o dinheyro de tal venda? ou que repouſo poderey ter, vendo que falta nella hum de meus filhos por minha vontade?* Cada dia ſe offerecem occaſioens de ſemelhantes laſtimas; em que aperto ſe vè hum homem de honra cercado de neceſſidades, rodeado de filhos jà homens, que nem tem veſtido, nem talento para buſcar fortuna; & de filhas taõ altas como elle, que ſem fallarem pedem eſtado; Sibyllas que pronoſticaõ deſgraças? ſe por ſe aliviar ſahe de caſa, encontra acredores; os que o ſaudaõ, lhe pedem o que deve; tal ha, que recolhendoſe da chuva, acha na logea ao que pede o aluguer da caſa, ou ſe he propria, a acha revolta, porque chove nella como na rua, & entra o vento pelas janellas fechadas, como ſe eſtiveſſem abertas: quantos caſos ſe offerecem como eſtes exemplos, ſem o miſeravel os poder remediar?

12 Havendo tantos inconvenientes em hum caſamento, quem ſe atreve a caſar ſegunda, & terceyra vez? O doutiſſimo Padre Carthagena 49 trata dos males que diſto reſultaõ; pôdem occupar hum largo tratado: & Lamech naõ reparou em ter juntamente duas mulheres; nem outros depois repararaõ, nem hoje reparaõ barbaros; tudo miſeria do peccado em que o Mundo cahio.

42 *Floſcul.biſt.p.2.cap.3. in fin.*

43 *Vide infra cap.28. n 9.*

44 *4. Reg.6 28. Supra cap 14 n.12. & 13.*

45 *Partu n.7.C.de reivẽdicat.§. Servi, iaſt.de jure perſonarum.*

46 *P. Lyſitux na Philoſoph. Chriſt.p.1.c.34. ad fin. verſ. Croiſ-*

47 *D.Ambroſ.l.de Nab. cap.5.*

48 *De bis agitur in L. In ſuis 11. in fine ff de lib & poſt hum. L.2.C.de patre qui fil diſtrax Banduin l un.ad leges Roman. Tiraquel. de retract. lignag.gl.1.§.26.n.14. Cov. 3. var. cap 14 n.4. Menoch. de recuper. remed. 15.n. 301. cum ſeqq. Bobadilla in Polit.l.3.c.3.n.1.DD. in L fin. Cod.ac Pat. poteſt.*

49 *Carthagen.de arcan.Deip.& Joſeph p.1.l.8.tom.16.à verſ.denique.*

CAP.

CAPITULO XXI.

Proſeguindo o intento propoſto nos precedentes, moſtra como os homens convertèraõ contra ſi as tendas do campo, o ferro, & metaes que ſe lhes moſtràraõ para utilidade: trata-ſe da invençaõ das armas, & artelharia: apontaõ-ſe as batalhas mais ſanguinolentas que houve; & a razaõ que pòde juſtificar a guerra.

1 PRoſegue o Sagrado Texto 1 que Jabel quinto neto de Caim foy pay dos que habitàraõ em tendas de campo: naõ diz que as inventou; poderia ſer cabeça dos que coſtumáraõ fazer povoaçoens dellas, jà de antes inventadas; como hoje as fazem nas partes de Armenia, & em diverſas de Africa, os que vagando por campinas eſtereis, buſcaõ lugares aonde achaõ que comer. Aſſim refere o meſmo Texto que elle foy Pay dos paſtores; o que ſe entende em diſpor com induſtria a vida paſtoril; 2 pois no principio do capitulo tinha dito que jà o Santo Abel havia ſido Paſtor.

1 *Geneſ.4.20.*

2 *Ben.Fernand.in 4. Geneſ.ſect.19 n 4.*

2 Inventou aquellas tendas a neceſſidade dos Paſtores, agricultores, ou por outras cauſas habitadores dos campos; & traziaõ aquellas caſas portateis para ſe recolherem; 3 como uſou Jacob voltando com ſua familia de caſa de ſeu ſogro; 4 & outros nas Eſcrituras.

3 *Fernand.ſuprà.*
4 *Geneſ.33.17.*

3 Mas aquella commodidade, que a Divina Providencia inculcou aos homens contra a inclemencia dos tempos, converteo a malicia em danno ſeu, applicando-a principalmente a uſo dos exercitos, com que o genero humano ſe faz guerra a ſi meſmo. Os Godos, & mais naçoens Septentrionaes, que ſahidos de ſuas patrias vieraõ aſſolando o Mundo, ſeculos inteyros viveraõ com mulheres, & filhos em tendas que mudavaõ.

4 O meſmo ſuccedeo nas armas: diz o Texto 5 que outro quinto neto de Caim, chamado Tubalcaim, foy official em todas as obras de metal, & de ferro; entende-ſe obrando-as perfeytamente, porque já de antes para lavrar, & para outros miniſterios ſe uſava de metaes: 6 faltou eſta noticia aos que diſſeraõ que Semiramis Rainha dos Aſſyrios fora a primeyra, que achára eſte uſo, & fizera trabalhar em metaes os cativos das naçoens que vencia; 7 & aos que chamáraõ a Vulcano primeyro ferreyro, & a Glauco Samio o primeyro que ſoldou metaes. 8 Tudo o que eſtava achado antes do Diluvio communicàraõ Noè, & ſeus filhos ao Mundo reformado; & aſſim muytos homens antes deſtes o uſariaõ nos muytos annos paſſados.

5 *Geneſ.d.cap.4.22.*

6 *Fernand.ſupra n.6.*

7 *Suidas in Semiram.*
8 *Ovid Metam.l 2.*
Textor in officin.p.2.tit.fabri.
De aliis ſcribit Plin.l 7 cap. 96. ante med.

5 Eſte artificio de ferro, & metaes foy dos mais neceſſarios

aos

aos homens; fem inſtrumentos pouco ſe pudèra obrar; por iſſo naçoens de Africa, & America daõ por elles ouro, ſe o tem; o ouro ſó moſtra eſplendor, delle ſe chama *aurum*, porque *aura* no Latim ſe toma pelo que luz; 9 o ferro tem utilidade; ſem aquelle viveria o Mundo feliz; por iſſo os moradores de hum lugar chamado Babithaca o aborreciaõ; 10 ſem eſte, mal ſe ſervirá.

9 *Polyanth. verbo, Aur.*

10 *Text. ſup. tit. contempter honor. & divitiar.*

6 Porèm do ferro, & outros metaes fez a vida inſtrumentos para morrer. Dizem que o meſmo Tubalcaim foy perito na arte militar, exercitou a guerra; 11 taõ antigo he eſte mal. Depois do Diluvio o primeyro que por armas conquiſtou, foy Nino Rey dos Aſſyrios, 12 ſó com gente em chuſma; Aralio ſeptimo Rey do meſmo Reyno foy o primeyro que formou exercito com ordem. 13 Aonde naõ havia ferro, pàos, & pedras foraõ armas, (& ainda entre naçoens de Africa, & America o ſaõ) pàos toſtados ao fogo. Os das Ilhas Balcares, Malhorca, & Menorca foraõ inventores das fundas, & deſtriſſimos nellas: outros dizem que os Fenices; mas onde houve ferro, ſe uſou logo delle. Cuyda-ſe que os Egypcios inventáraõ lanças, & eſcudo, & que Preto, & Arquito uſáraõ eſte primeyro em hum deſafio que tiveraõ; os Lacedemonios a eſpada, & capacete; & alguns dizem que tambem a lança; hum Etholo os dardos; os Aſſyrios a béſta; Penteſilea, Rainha das Amazonas, a maſſa, & facha; Scitha, ou Saites que chamavaõ filho de Jupiter, o arco, & ſettas; outros dizem que Apollo; & outros que Perſeo filho de outro Perſeo, & de Andromeda; Midas Niſſeno a cota, & malha. Dos inſtrumentos para bater muralhas foy inventor Moyſés; Archita Tarentino, & Eudono os puzeraõ em perfeyçaõ, & particularmente dos trabucos huns fazem inventores a Dionyſio, outros aos Fenices; & dos Arietes huns aos Carthaginenſes, outros a Epco muyto antes no cerco de Troya, & porque hum delles derribou a muralha, por onde entràraõ os Gregos ſe, fingio delles o cavallo Troyano. 14 Os de Theſſalia inventàraõ pelejar a cavallo, donde ſe originou a fabula dos Centauros; os de Frygia pelejar em carro de dous cavallos; Iriconio em carro de quatro; Sinon no cerco de Troya ordenou as atalayas; Licaon deu fórma às treguàs; Theſeo às ligas, ou confederaçoens: 15 & aſſim cruelmente ſe foraõ vangloriando outros de multiplicarem invençoens para deſtruirem o genero humano.

11 *Joſeph de antiq. l. 1. cap. 13. Mexia na Sylva de var. liçaõ l. 1. cap. 8.*

12 *Juſtin. hiſt. l. 1. Fab. Pictor. in princ. hiſt. Floſcul. hiſt. p. 1 c. 2.*

13 *Beroſ. l. 5. de flor. Chald.*

14 *Virgil. Æneid. 4. in princip. Inſtar montis equum.*

15 *Hæc omnia ex Plin. l. 7. c. 56. Herod. l. 1. Gelio l. 19. cap 32. Mexia ſupra. Fr. Berna din. da Sylva defenſ. da Monarch. Luſit. p. 2. cap. 7.*

7 Mas todos os inſtrumentos dos ſeculos antigos parecéraõ brandos à crueldade humana; & inventou a horrivel artelharia, filha do rayo na luz, no impeto, & no cheyro teterrimo; mata muytos juntos, como ſe matàra hum ſó; epitheto *de turrifraga* lhe deo hum bom Latino, 16 porque nem torres lhe reſiſtem. No anno de *Chriſto* 1380. vio Europa eſta peſte por novidade; dà-ſelhe por Author Bertholdo Alemaõ, (alguns querem que ſe chamaſſe Artilhero) havendo elle meſmo acha-

16 *Richard. Barthelin. apud Textor. in officin. p. 1. tit. Machinæ quædam bellicæ.*

do

do a polvora; & por teſtemunho de Volaterrano ſe diz que no meſmo anno a uſáraõ primeyro os Veneſianos na recuperaçaõ da praça de Foſſatlodia contra os Genovezes, havendo-lhes mandado os Alemaens eſte preſente abominavel. 17 Os Portuguezes a viraõ cõtra ſi muyto pouco depois no anno de 1386. trazida pelos Caſtelhanos na batalha de Aljubarrota, atirando pedras por balas. 18 Eu cuydo que o principio, ou enſayo da polvora foy antiquiſſimo nas que os Latinos chamavaõ *Falaricas*; lanças que com as baliſtas ſe lançavaõ das torres de madeyra (chamadas em Latim phala; levavaõ hum vaſo cheyo de enxofre, reſina, & betume envolto em eſtopas com azeyte, que chamavaõ *incendiario*, & abrazavaõ o que podiaõ alcançar; 19 & tambem a artelharia he muyto mais antiga do que diſſemos; porque na Chronica delRey Dom Affonſo VI. de Caſtella que ganhou Toledo, ſe conta que em huma batalha maritima entre ás Armadas delRey de Tunes, & delRey de Sevilha Mouros, os de Tunes traziaõ certos tiros de ferro, ou bombardas, com que atiravaõ *Troens de fogo*; 20 aſſim chamavaõ entaõ à artelharia. E que os Mouros a foſſem continuando ſe prova da Chronica delRey Dom Affenſo XI. de Caſtella, que refere no anno de 1343. (trinta & ſette antes do dito de 1380.) tendo ElRey cercada Algeſira, os Mouros atiravaõ de dentro com troens de ferro. 21 Donde parece que Bertholdo Artilheyro ſó melhoraria aquelles principios.

8 Com tudo ainda entaõ eſte diabolico inſtrumento ſe fazia ſómente de pranchas de ferro apertadas com arcos do meſmo, como ſe apertaõ as aduelas de pipa. Chamou-ſe *Bombarda*, de *bombus*, que em Latim ſignifica *ſonido*, & de *Ardeo*, que he *Arder*, dizendo-ſe *Sonido ardente*. 22 Depois ſe fundiraõ de ferro, & de bronze na perfeyçaõ em que as vemos, de calibres diverſos, & ſortes varias para muytos effeytos com differentes nomes, ſendolhes gèral o de *Peça* de artelharia, derivando o renome *Artelharia* de *Artilheyro*, que ſe lhe dà por pay, & equivocando o de *Peça* com joyas de ouro, & pedras precioſas, porque a crueldade lhe dá eſtimaçaõ igual. E aſſim na Cidade de Hamburgo vi o armazem daquella Republica taõ curioſamente compoſto dellas, & das armas de fogo manuaes que dellas procedéraõ, & das balas, bombas, granadas, & outros artificios deſte miniſterio, que me pareceo hum gabinete de vidros, & brincos concertados pela mais aceada, & curioſa dama; & ſempre ſe vay accreſcentando com huma peça de bronze, que dá cada Senador novo que entra no governo. Por todo o Mundo em breve tempo ſe multiplicáraõ tanto, que pouco depois do anno de mil & quinhentos, em que os Portuguezes entráraõ na India, acháraõ mais de tres mil peças em Malaca, obradas com a mayor perfeyçaõ. E em Dio tomáraõ, entre outras, huma taõ grande, que por admiraçaõ ſe trouxe a Lisboa, & ſe conſerva na torre de Saõ Giaõ.

17 *Floſcul. hiſt. p. 2. c. 5. ante med. Menaça in vir idar. l. 5. Probl. 23.*

18 *Fernaõ Lopes na Chron. delRey D. Joaõ I. p. 2. c. 42.*

19 *Textor ſupra verſ. Phaſarica.*

20 *D. Pedro Biſpo de Leon na Chron. de D. Affonſo VI.*

21 *Chron. delRey D. Affonſo XI. de Caſtella.*
Pedro Mexia na Sylva, l. 1. c. 8.

22 *Niculaus Beradus apud Textor ſup. in princ. cap.*

9 Para

9 Para que armaõ os homens a morte com novo rayo? para que lhe accrescentaõ azas quando tanto voa? Dizem que antes das armas de fogo, pelejandose com espada, & lança, morria mais gente, mas he perda irrecompensavel matar huma infame bala a quem generosamente (se foy por causa justa) chegou a exporse a instrumento, que o ferreo Marte naõ deyxaria de temer; como disse com elegancia hum Poeta. 23 He o dano mais lamentavel, que o mais fraco vença o mais valeroso: destruindo a natureza pela maõ, que fez mais vil a sua mais excellente feytura, que he o valor.

10 Tantas armas, & tantas maquinas de quantas mortes tem sido instrumentos, por homicidios particulares, & por guerras publicas? Naõ fallando nas dos Israelitas, em que a maõ de Deos feria mais que o ferro. De duzentos mil homens, com que Cyro Rey dos Persas passou contra os Scithas, nem hum escapou que levasse à patria novas do mào successo. Outros duzentos mil Persas do exercito de Dario matou Miletiades Capitaõ Athenienſe no campo Mathone de Attica. 24 Quando o Romano Mario venceo os Teutones, Cimbros, & Tigurinos, morrèraõ delles trezentos & quarenta mil. 25 O Emperador Claudio II. em huma batalha matou trezentos mil Godos. 26 O Principe Claudio junto de Martinopoli matou trezentos mil Sarmatas. 27 Na bátalha de Atila Rey dos Hunos com Etio Romano, & outros confederados em França junto de Orleans no anno de quatrocentos & cincoenta & hum; huns escrevem que morrèraõ cento & oytenta mil homens; 28 outros, que trezentos mil; 29 derramouse tanto sangue, que hum ribeyro que alli corria, sahio da madre, & levava os corpos mortos. 30 Na de Carlos Martelo Rey de França contra Abidaranno Rey dos Visogodos, morrèraõ destes trezentos & cincoenta mil. 31 Na guerra que fez Tito em Judéa, morreo hum milhaõ & cem mil Hebreos. 32 na que fez Cosroas Persa quando destruhio a Palestina, morrèraõ quasi novecentos mil Christãos. 33 Na batalha em que ElRey Dom Rodrigo perdeo Hespanha, morrèraõ setecentos mil homens de ambas as partes. 34 Naõ se pódem nomear as batalhas, em que morrèraõ a quarenta, cincoenta, cento & cincoenta mil homens. Na restauraçaõ de Hespanha hé incomprehensivel o numero dos Mouros que morrèraõ. ElRey Dom Pelayo, logo que se levantou, matou cento & vinte & quatro mil em huma batalha junto ao rio Diva. ElRey Dom Fruela fez nelles espantosas mortandades: os mortos nas batalhas de Clavijo, das Navas, & outras foraõ innumeraveis. Na do Salado foraõ duzentos mil: outros affirmaõ que quatrocentos mil. 35 Na que venceo ElRey Dom Affonso Henriques no campo de Ourique morrèraõ tantos, que seu sangue alagou os campos, fez correr tintos delle os rios Cobres, & Terges. 36 Na conquista de Lisboa pelo mesmo Rey duzen-

tos

23 *Pamphilius Saxo apud Textor. supra ad finem capitis.*
Vis, tonitus, rabies, motus, furor, impetus, ardor.
Sunt mecum; Mars hæc ferreus arma timet.

24 *Textor in officin p 1. tit. bell. in quib. mult cruoris.*

25 *Procul hist. p. 1. c. 9. ad med. vers. anno seq.*

26 *Mexia supra l. 1. c. 29.*

27 *Textor supra.*

28 *Floscul. hist p. 2. c. 2. post med. vers. sed erre.*

29 *Textor supra.*

30 *Marian. hist de Hespan. l. 4. cap. 3.*
Castilho hist. dos Godos l. 2. discurs. 5.

31 *Textor ibidem.*

32 *Textor ibidem.*
Mexia Sylv. l. 4. c. 17
Vide sup a c. 14. n. 13.

33 *Textor sup.*

34 *Textor ibidem.*
Brito Monarch. Lusitana.

35 *Mariana supra. l. 16. c. 7*
Castilho supra l. 4. disc. 8.
Duarte Nunes Chron. de D. Affons. IV.
Vasconcellos in Anacephal. Alphons. IV ex n. 4.
Máris dial. 3 c. 3.
Faria no Epitome das hist. Portug. p 3. c. 8 n. 11.

36 *Brandaõ na Monarchia Lusit. p 3. d. 10 c. 3.*

zentos mil. 37 Junto de Santarem ſobre o Tejo matou Mouros innumeraveis: 38 ſobre Alcacere do Sal, lugar pequeno, morrèraõ trinta mil Mouros; outros dizem ſeſſenta mil; 39 que ſeria em occaſioens mayores?

11 Tanto mal tiráraõ os homens do ferro, & metaes, que à Providencia Divina lhes moſtrou para ſeu bem; a natureza depravada pelo peccado, tudo depravou, como jà diſſemos, nas Cidades, & peyor he que ſe jactaõ de matadores. Ceſar ſe jactava de haver morto hum milhaõ, cento & noventa mil inimigos, alèm dos muytos Romanos que matou nas guerras civis, & quer o demonio pòr a razaõ nas armas. Mafoma ſeu miniſtro mandou com pena de morte, que naõ ſe diſputaſſe ſobre a ſua ley, mas a defendeſſem por armas: 40 & porque parece que os Chriſtãos fazem o meſmo, hum politico Chriſtianiſſimo de noſſo tempo nas peças de artelharia que mandava fundir, punha ironicamente por inſcripçaõ: *Ultima ratio Regum*: naõ porque os Reys antes deſta irracionavel razaõ proponhaõ outras; mas por *Ultima* ſignificou total: E he dito Frances, que as demandas entre os Reys ſe decidem pelo direyto *Canon*; palavra equivoca a *Canhaõ*, & a *Canonico*.

12 Encapellaõ-ſe tanto os males, que ha occaſioens em que he licito uſar das armas. Depois que naõ val a razaõ, a qual ſe deve allegar primeyro; 41 que remedio haverá contra a força, ſenaõ a força? 42 A neceſſidade he a primeyra razaõ; 43 naõ ſofrer violencias he preceyto da razaõ aos doutos, da neceſſidade aos barbaros, do coſtume às gentes, da natureza ás féras: 44 tal guerra! ſe fez de direyto das gentes; 45 & he proverbio que a boa guerra faz a boa paz: 46 em outra obra tratamos largamente eſta materia; 47 aqui tocamos por exemplo das miſerias em que cahimos pelo peccado.

13 Atè contra Deos convertèraõ os homens o ferro, & as armas. O cutello que matou Innocentes, buſcava a *Chriſto*; 48 com eſpada foraõ as turbas a prendello: cravos lhe treſpaſſáraõ pès, & mãos: a lança lhe abrio o lado: 49 & o *Senhor* naõ ſó trouxe ao mundo paz eſpiritual, mas tambem temporal; 50 naõ quiz defenderſe tendo exercitos de Anjos: 51 mandou recolher huma eſpada que vio deſembainhada; 52 as ſuas armas foy a paciencia: 53 & vindo fazer guerra ao mundo em peccado, a eſpada que trouxe foy a razaõ; & aſſim enviou ſeus Diſcipulos ſós de dous em dous, contra todas as gentes, com preceyto de naõ levarem mais que hum bordaõ. 54 Deſte modo naõ reduzio peſcadores, por Filoſofos, nem deſarmados, por armados; mas Filoſofos, por peſcadores, & aos mais fortes, ſem armas; & conquiſtou todo o Mundo. Deſta maneyra ſe peleja Chriſtãmente, reſervando o ferro, & os metaes ſó para os uſuaes uteis à vida, em cujo beneficio os creou Deos.

37 *Brandaõ d l* 10. *c.* 18. *Duarte Nunes na Chron. de Dom Affonſo Henriques.*

38 *Brandaõ ſup. l.* 11. *c.* 35. *&* 36.

39 *Duarte Nunes na Coronic. de Dom Affonſo III. Mariz dial.* 2 *c* 11. *Faria ſup. p.* 3. *c* 4. *n* 5.

40 *Caſtilho ſup. l.* 2. *diſc.* 8.

41 *Cic.* 2. *de Offic.* Duo ſunt genera decertandi; unum per diſceptationem, alterum per vim; cumque illud proprium ſit hominis alterum belluarum, confugiendum eſt ad poſterius, ſi uti non licet ſuperiore.

42 *Juſt. Lypſ. polit. l* 5. *c* 4 Quid eſt quod contra vim ſine vi fieri poſſit?

43 *Q. Curt. de reb. Alex. l.* 7. Neceſſitas ante rationem eſt maximè in bello, quod rarò permittitur tempora eligere.

44 *Cicero pro Milon.* Hæc & ratio doctis, & neceſſitas barbaris, & mos gentibus, & feris natura ipſa præſcripſit, ut omnem ſemper vim, quacumque ope poſſent; à corpore à capacitate, à vita ſua propulſarent. *L. Ut vim ff. de juſt. & jur.*

45 *L. Ex hoc jure ff. de juſt. & jur.*

46 *Tucid. l.* 1. E bello enim pax firmatur.
Cicer. Philip. 7. Si pare frui volumus, bellum gerèdum eſt: ſi bellum omittemus, pace numquam freemur.
Veget. in prolog. de re milit. Qui deſiderat pacem, præparet bellum.

47 *Na harmon. polit. p.* 2. § 7.

48 *Matth.* 2. 16.

49 *Matth* 27. *Marc.* 15. *Luc.* 23. *Joan.* 19.

50 *Veremos na* 2. *part. c.* 30. *n.* 15.

51 *Matth.* 26. 53.

52 *Matth.* 26 52. *Joan.* 18. 11.

53 *D. Paul. ad Rom* 9. 22.

54 *Marc* 6. 7. *Luc.* 10. 1.

CAPITULO XXII.

Principio, & progreſſo da Eſcultura, & Pintura: excellencia deſtas artes: artifices, & obras inſignes que houve nellas; & como os homens as praticáraõ mal, ſendo-lhes enſinadas para ſeu bem.

1 DIzem os Eſcritores 1 que Tubalcaim, de quem fallámos no precedente capitulo, foy tambem inventor da Eſcultura. Os deſcendentes de Caim inventáraõ muytas artes, diz hum douto moderno; 2 porque os filhos do mundo, como nos enſinou *Chriſto* Senhor noſſo, 3 ſaõ mais prudentes que os filhos da luz. Pela affinidade da Eſcultura com a Pintura lhes conſidera Petrarca 4 a meſma antiguidade; & aſſim trataremos de ambas juntamente.

2 Tem eſtas artes a excellencia de imitarem o Author da natureza repreſentãdo as couſas como ſaõ; a Eſcultura mais propriamente, porque ſe vè, & tambem ſe toca, & tem corpo de mayor duraçaõ, & aſſim ha eſculturas de tempos muyto antigos, de que naõ ha pinturas.

3 Tambem tem a excellencia de comprehenderem todas as artes, & alguma ſciencia; pois como diſſe Platãõ, 5 o Eſcultor, & Pintor haõ de fazer çapatos, & quanto fazem todos os Officiaes; devem ter noticias das hiſtorias, fabulas, & varias erudiçoens; ſer geometricos, entender perſpectiva, & ſaber as medidas naturaes dos membros proporcionados à ſymmetria de todo o corpo; por iſſo Elpenor Pintor celebre da Ilha de Iſthmo eſcreveo livros de ſymmetria; ſobre tudo haõ de ſer judicioſos, para naõ obrarem fóra da razaõ, & decòro; antes offerecer à viſta, & à imaginativa huma ficçaõ como verdade. Por iſſo a Pintura he poeſia muda; & a poeſia he pintura q̃ fallá; 6 & Horacio fallou juntamente de ambas. 7

7 Naõ ſe ajuntando eſtas partes com a boa maõ, fica a obra com taõ pouca graça, que por evitar eſte dezar no que lhe tocava, mandou Alexandre Magno pòr edicto com penas, que ſó Apelles o retrataſſe, ſó Lyſipo eſculpiſſe figura em eſtatura grande, & Pyrgoteles em pequenas pedras de anel. 8 Conviera ſemelhante edicto para as Imagens Santas, pelas imperfeyçoens que vemos.

5 Apelles retratava tanto ao vivo, que em Alexandria, enviando-lhe huns ſeus emulos recado falſo de parte de ElRey Ptolomeo (ſucceſſor de Alexandre Magno em aquelle Reyno) porque o convidava para huma cea, & achandoſe enganado no Paço, perguntoulhe ElRey, quem lhe dèra o recado. Elle, que naõ ſabia o nome de quem fora, tomou de hum brazeyro

hum

1 *Refere Pedro Mexia Sylva de var. liç. l. 1. c. 16.*

2 *Ben. Fernan. in 4. Gen. ſect. 19. n. 7.*

3 *Luc. 16. 8.*

4 *Petrarch. de proſp ſort. dial. 41. de ſtatuis.*

5 *Plat. de Rep. 10. Hieron. de Huerta na traduçaõ, & annot. a Plin. l. 7. c. 38.*

6 *Franc. Patrit. de Rep. lib. 1 c. 10. Plutarch de audiend. poemat. Tiraquel. de nobilit. c. 34. n. 5. in princ.*

7 *Horat. in art. poet. pictoribus, atque poetis.*

8 *Petrarcha ſup. Textor in officin. p. 2. tit. Sculptores, & tit. Pictores.*

hum carvaõ ardente, & apagando-lhe o fogo, começou a delinear na parede o falso meniageyro taõ proprio, que ElRey no principio do retrato o conheceo logo. 9 Em Efeio no famoso Templo de Diana, fez por vinte talentos hum retrato de Alexandre, pelo qual se disse que nelle estavaõ dous Alexandres invenciveis: hum filho de Filippe, invencivel por forças; outro filho de Apelles, naõ imitavel por arte. 10

6 Foraõ taõ inimitaveis suas obras, que chegando ao tempo de Octaviano hum quadro, em que pintára Venus sahindo do mar, naõ se achou quem pudesse reformar o que os annos tinhaõ nelle gastado, em modo que arremedasse o mais. 11 Quando morreo, deyxou imperfeyta huma imagem de Venus, & naõ houve quem soubesse acaballa com perfeyçaõ semelhante. 12

7 Protogenes lhe foy quasi igual. Por fama o foy Apelles ver a Rhodas; passando o mar, chegou à officina; naõ estando elle em casa, tomou hum pincel, & fazendo em huma taboa huma linha direyta subtilissima, disse a huma velha que disseste a Protogenes, que o havia buscado quem aquillo fizera: reconhecco Protegenes, que só podia ser Apelles, & com outro pincel, & outra cor fez dentro daquella outra linha mais subtil, & ordenou à velha, que tornando aquelle homem, lha mostrasse. Tornou Apelles sem achar a Protogenes em casa; & mostrando-lhe a velha partida a sua linha, que parecia invisivel, envergonhado, se apurou, & com terceyra linha partio as duas taõ delicadamente, que naõ deyxou lugar a mais. Protogenes se confessou vencido: buscou a Apelles, & o hospedou, & venerou. Guardou-se aquella taboa só com aquellas linhas, como hum milagre do Mundo, atè o tempo de Cesar, em que hum incendio a consumio. 13 Atrevèraõ-se outros a competir com a pintura que Apelles fizera de hum cavallo; elle naõ fiando a sentença de juizo de homens, fez trazer cavallos, & passando-se os quadros por diante delles, só ao seu rinchárao. 14

8 Zeuxis em certamen com Parrasio, pintou uvas taõ naturaes, que passaros as quizeraõ comer: Parrasio pintou hum lenço, que Zeuxis quiz tirar para descobrir a pintura debayxo, entaõ se confessou vencido. 15 Pintou depois Zeuxis hum moço que levava uvas, & porque os passaros quizeraõ comellas, condenou elle mesmo o quadro, porque o moço naõ estava taõ natural, que o temessem os passaros. 16 Parrasio pintou em Rhodas hum satyro junto de huma columna, & sobre ella huma perdiz, que fazia reclamar as que alli traziaõ mansas. 17

9 Em esculturas houve excellencia semelhante. Praxiteles esculpio na Ilha de Guido em marmore huma Venus taõ natural, que se namorou della hum moço. 18 Em Athenas havia outra estatua, de que tambem se namorou outro, & a pedio ao Senado, & porque lha negáraõ, se matou. 19 Leoncio em Çaragoça de Sicilia esculpio hũ moço claudicando de huma per-

9 *Bruſ. l. 1. cap. 25. cum Plin. & aliis.*

10 *Bruſius Plutarch & Textor ſuprà.*

11 *Mexia ſupra l. 2. cap. 18.*

12 *Textor ſuprà.*

13 *Mexia d. cap. 18. ex Plin.*

14 *Mexia ſuprà.*

15 *Bruſius d. l. 5. cap. 23. Plin l. 35. c. 10. Textor ſuprà.*

16 *Textor, & Mexia ſuprà.*

17 *Strab. l. 14. Mexia d. l 2. c. 17.*

18 *Textor in officin. d. tis. Sculptores. Plin. l. 7. c. 38.*

19 *Jul. de Caſtillo hiſtor dos Godos l. 2. diſc. 7. Mexia ſuprà l. 3 c. 14.*

perna chagada, moſtrando que ſe dohia, com tal propriedade, que todos lhe tinhaõ laſtima. As eſculturas de Fidias eraõ taõ excellentes, que ſe diſſe que era ſó para eſculpir Deoſes, & naõ homens. As de Policleto foraõ famoſas. Liſippo fez ſeiscentas & dez, todas admiraveis. 20 Calicrates eſculpio em marfim formigas, & outros animaes taõ pequenos, que naõ podia a viſra diſtinguir os membros. Mirmecides tambem em marfim eſculpio hum carro com quatro cavallos taõ pequenos, que huma moſca o cobria com as azas; & huma náo, que huma abelha a eſcondia debayxo de ſi. 21

20 *Textor ſupra.*

21 *Plin.l.7.c.21. & l.36.c.6.*
Æliun.l.1.biſt. anim.
Varro 6. de ling.Latin.

10 Taes obras bem mereciaõ a eſtimaçaõ que ſe fazia dellas. ElRey Attalo deu por hum quadro da maõ de Ariſtides Pintor Thebano, cem talentos; & Nicias Athenienſe lhe naõ quiz vender hum por ſeſſenta. Ceſar deu oytenta por duas pinturas do meſmo Ariſtides. O Orador Hortenſio deu cento quarenta & quatro por hum quadro dos Argonautas feyto por Ciclias; 22 & o valor mais ordinario de cada talento (poſto que por vezes ſe variou) era de quinhentos & cincoenta cruzados de bom dinheyro. 23 Zeuxis com as ſuas pinturas ſe fez riquiſſimo; depois as dava de graça, dizendo que naõ ſe vendia o que era ſobre todo o preço. 24 No tempo de Plinio, paſſados quinhentos & oyto annos depois de morto Zeuxis, ſe conſervavaõ ainda em Roma huma Helena, & outras pinturas de ſua maõ. 25 ElRey Demetrio tendo cercado Rhodes, & podendo entrar a Cidade, dandolhe fogo por hum lado, o naõ quiz fazer, porque ſoube que em aquella parte eſtava hum quadro da maõ de Protogenes. 26 ElRey Candaulo comprou a pezo de ouro huma pintura, feyta por Bulano, da deſtruiçaõ dos Magnetes. 27

22 *Plin.l.7.c.28.*
Textor, & Mexia ſupra.
23 *Madera nas Excell.de Heſp. c.10.§.3.*
Caſtilho ſupra l.1.diſc.2.
Mexia ſupra l.2.c.17.
24 *Textor d.tit.Pictores.*
Mexia d.cap.17.
25 *Refere Mexia d.c.17.*
26 *Plutarch. in demetr.*
Plin.d.l.7.cap 38.
27 *Plin.l.7.cap.38.*

11 Sahíaõ as obras taõ excellentes, porque os artifices, ſobre ſeu alto eſpirito, naõ tiravaõ ſó da fantaſia, mas retratavaõ do natural que tinhaõ preſente. Zeuxis, de cinco donzellas que eſcolheo fermoſiſſimas, tirou huma imagem, que os Argentinos em Sicilia dedicáraõ á ſua Deoſa Juno. 28 Em tempo mais proximo uſou em Roma hum grande Pintor de ſemelhante diligencia para fazer certa pintura, matando hum homem impia, & cruelmente. Em Hollanda vi eu que no campo, eſcolhendo lugar de boa perſpectiva, retratavaõ Pintores as pauſagens que vemos taõ naturaes. Apelles, alèm diſto, pendurava à porta a obra que acabava, & eſcondido ouvia o juizo dos que paſſavaõ, & tal vez emendava pelo que ouvia; 29 por iſto eſcrevia ao pè do quadro, *Apelles o fazia*; moſtrando no verbo imperfeyto que naõ eſtava acabado; & delle aprendèraõ eſta letra os que fazem qualquer obra. 30 Perguntando-ſe a hũ grande Pintor, quem fora ſeu meſtre, reſpondeo: *Aquelle*, apontando para o povo. 31

28 *Mexia ſupra d.c.17.*
29 *Eraſm l.8.apoplitem.*
30 *Mexia ſupra d.c.18.*
31 *Eraſm. ſupra.*

12 Poem-ſe a pintura entre as artes liberaes. Em Grecia a nenhum eſcravo era licito aprendella, & todos os filhos dos

dos nobres se exercitavaõ nella, como exercicio virtuoso, & de singular engenho. 32 Socrates foy Pintor. O grande Alexandre hia muytas vezes à officina de Apelles. 33 Quando Demetrio entrou Rhodas, acháraõ seus soldados a Protogenes em huma horta pintando com sossego; levado a ElRey, & perguntado em que fundava tanta confiança, respondeo: *Em crer que tinhas guerra com os Rhodios, & naõ com as artes.* ElRey o mandou guardar, & depois o hia ver pintar muytas vezes. 34 Outras honras tiveraõ Pintores nos tempos antigos. Nestes, em que as artes se estimaõ pouco, ouvi em Inglaterra, que Rubens, excellente Pintor Flamengo, deyxára por sua morte milhaõ & meyo de cruzados, repartidos igualmente em tres filhos; & ElRey de Castella Dom Filippe IV. o fez do Conselho de Flandres, honrando a excellencia do seu espirito.

32 *Erasm supr. l.3. Textor supra. Mexia d.c.17. ex Plin.l.56. Huerta nas annot. Plin.l.7. & c.38.*

33 *Textor supra. Mexia d.c.18.*

34 *Mexia supra.*

13 O Flosculo Historico 35 diz que Timantes Grego foy o primeyro que misturou cores, pelos annos quasi 3600. do Mundo, & dous mil depois do Diluvio, quasi no tempo do Decem-Virato de Roma; porèm tenho isto por muyto mais antigo: com titulo de *Defensa de la pintura*, ha hum livro bem curioso do mais que della se podia dizer.

35 *Floscul.Hist.p.1.cap.7. ante med.vers. Circa hæc tempora Pictores.*

14 Dos Escultores, & Pintores insignes fez Catalogo Ravisio Textor na sua officina. Em lingua Italiana ha tomos das vidas dos Pintores famosos. O mais glorioso Escultor foy o que à instancia daquella mulher, que sarou do fluxo de sangue tocando as vestiduras de *Christo*, 36 fez em metal huma excellente Imagem do *Senhor*, que sendo Eusebio Bispo de Cesarèa, se via ainda naquella Cidade; em seus pès nascia huma herva, que sarava enfermidades; o Emperador Juliano apostata a derribou, & poz a sua no mesmo lugar, & de repente desceo fogo do Ceo que a fez em pedaços. 37 Entre os Pintores o foy por sciencia, naõ de profissaõ, 38 o Evangelista Saõ Lucas; & alcançou a coroa sobre todos, fazendo o Divino retrato de *Christo*, & outro mais que Angelico da Santissima *Virgem Mãy*, de que se levàraõ copias por todo o Mundo; & tambem o do Principe dos Apostolos. 39

36 *Matth.9 Luc.8.*

37 *Eusch. l.7 c.14. Nicephor.l.6.c 15.& l.10.c. 30.*

38 *Metaphrast.& Nicephor.*

39 *Nicephor,l.2 c.42.*

15 He para notar que hum Escultor, ou Pintor naõ obra igualmente em tudo o que pertence à mesma arte. Fidias foy o mais excellente nas esculturas pequenas, & muyto mais esculpindo em marfim. Pirgoteles nas que fazia em pedras preciosas. Serapion naõ sabia pintar homens. Dionysio só homens pintava bem. Amulio só era egregio em cousas pequenas; principalmente em pintar meninos; Nicias na pintura de mulheres; 40 & hoje se vè o mesmo: huns tem excellencia só em retratar: outros só em pintar flores: outros em fazer pausagens: assim repartio Deos os genios, & as imaginativas differentes. 41

40 *Textor d. vit. Sculpt. & d. vit. Pictor.*

41 *Vide infra cap.45.n.2.*

16 Nestas artes, alèm da recreaçaõ para a vista, & ornato para as casas, & outros lugares, se offerecia aos homens a lem-

 brança

brança de haver Deos esculpido, & pintado nelles sua propria Imagem, como disse Diogenes, 42 sem noticia (pòde ser) de o haver dito Moysés; 43 donde devèra inferir a obrigaçaõ de a naõ affearem com vicios. Nellas deveraõ considerar com Socrates, 44 que pois os Escultores procuravaõ com todo o estudo que as pedras parecessem homens, deviaõ os homens procurar naõ parecerem pedras. Finalmente mostrando a Providencia Divina estas artes, dispoz a utilidade que dellas resultaria, quando as Imagens Santas nos excitassem a venerar o que nos representaõ.

17 Porèm nossa natureza aproveytando-se sómente daquella recreaçaõ, & ornato, muytas vezes com figuras indecentes perverteo as utilidades mayores. Naõ se lembra o homem que he imagem de seu Creador, ou naõ repára em a deffear; naõ quer deyxar de ser pedra na dureza, & em sempre buscar a terra como a centro, por mais que o encaminhem para o Ceo; em lugar de venerarem as Imagens Santas só pelo figurado, huns totalmente as abominaõ hereges; outros passaõ a adorallas pelo que em si saõ: por huma imagem começou a idolatria, como veremos em seu mais proprio lugar; 45 & refere Salamaõ no livro da Sabedoria, que a excellencia com que famosos artifices obráraõ muytas, convidou mais os homens a adorallas; 46 por isso Moysés as tinha prohibido aos Hebreos, 47 conhecendo-os inclinados à idolatria. De tudo o que a Divina bondade inculcava util ao Mundo infante, tirava a malicia effeytos contrarios, como acima 48 propuzemos, & vay mostrando sua historia.

42 *Diogen. apud Laërt. de vit. Philosoph l. 6. in vita ejus.*
43 *Genes. 1. 27.*
44 *Socrat. apud Erasm. l. 3. apophthegm.*
45 *Part. 2. c. 5. n. 9.*
46 *Sap 14. 10.*
47 *Deuter. 4. 23. & c. 5. 8.*
48 *Supra c. 18. n. 3.*

CAPITULO XXIII.

Principio da Musica, seu progresso, & noticias que a ella pertencem, & como os homens usáraõ mal deste bem. Trata-se, como Christo Senhor nosso, & sua Mãy Santissima honráraõ a esta arte.

1 PRosegue o Texto 1 que Jubal, outro quinto neto de Caim, foy pay dos que cantàraõ à cithara, & orgaõ; & segundo o que fica notado, 2 da frase porque falla suppoem que já de antes havia Musica, & elle a accommodou com arte àquelles instrumentos. Naõ se deve attribuir a Author humano cousa taõ Divina.

2 A patria da Musica, diz Cassaneo, 3 que he o Ceo; & Cassiodoro 4 notou que o significàraõ os antigos; achando nas Estrellas a fórma da Lyra. Os Christãos representamos a gloria celestial em huma harmonia suavissima, em que a descreve Saõ Joaõ no Apocalypse, 5 que o Doutor Angelico 6 entende

1 *Gen 4. 21.*
2 *Supra c. 21. n. 1.*
3 *Cassan. in Catal glor. mund. part. 10 consider. 51. in princ.*
4 *Cassiodor. l. 2. Epist. 40.*
5 *Apoc. c. 5 8. & c. 14. 2 & cap. 15 1. 2.*
6 *D Thom. in 2. Sent. d. 11. 2. q. 2. art. 2.*

tende de verdadeyras vozes. Por isto amar a musica se tem por hum final de predestinaçaõ; 7 porque, como ensinavaõ os Pythagoricos, & Platonicos, 8 a parte superior de nossa alma tem com ella grande parentesco, & a deseja como a centro. 9 Pelo contrario a aborrece naturalmente o demonio; & assim a harpa de David o afugentava de Saul 10 por esta causa, 11 naõ porque alli obrasse outra virtude; 12 porque em outras occasioens se vio o mesmo. 13

3 Esta natureza celeste mostra a Musica por seus effeytos. Deleytando, eleva os sentidos naõ só dos homens, 14 mas tambem dos irracionaes; 15 como lemos dos Elefantes, Cervos, Cysnes, & Delfins. As allegorias dos Poetas diziaõ, que os navegantes mais queriaõ perderse nas Syrtes, & Carybdes, que deyxar de ouvir o canto das Sereas; que a fereza dos Ursos, & dos Leoens se torna domestica ouvindo a Orféo, por cujas vozes os rebanhos famintos trocavaõ os pastos; & que a Cithara de Arion chamára os Delfins do profundo das aguas. Estendèraõ seu poder sobre as cousas insensiveis, descrevendo já a Orféo movendo os bosques: já a Amfion attrahindo as pedras para o muro Thebano.

4 A Musica, segundo Platão, 16 compoem o espirito para seguir as virtudes: instrue o animo para consonancia da vida: regùla as medidas para governo da Republica: segundo Santo Agostinho, 17 favorece as sciencias, renovando as forças do entendimento para o estudo: segundo Patricio alivia as molestias; 18 & como notou Saõ Pedro Chrysologo, 19 atè os jornaleyros se ajudaõ a trabalhar cantando; ella excita o furor bellico para defensa da patria; para isso se inventàraõ a trombeta, & o tambor, vozes musicas da milicia. As Amazonas usavaõ de frautas nos exercitos; 20 os Cretenses, de lyras, ou citharas; & outras naçoens de varios instrumentos: 21 os Lacedemonios, refinando Tirteo o som do pifaro, se esforçáraõ de modo, que recobràraõ huma vitoria, que os Messenios tinhaõ quasi ganhada: a lyra de Timotheo, tocando huma batalha, levantou ao grande Alexandre da mesa; & logo mudando o som, lhe sossegou o animo; 22 ella aplaca os impulsos colericos, como succedia a Achilles ao som da lyra; 23 & se vio em Pythagoras, & em seu discipulo Empedocles, quando aquelle tocando a frauta, tirou os amotinados, que forçavaõ huma casa honesta; este cantando aquietou outro que se queria vingar de seu inimigo; & em Terpander que com a suavidade de seu canto concordou as sediçoens de Lacedemonia; 24 ella ajuda a Oratoria, (a qual por esta razaõ Quintiliano 25 comparou à Cithara) como se vio em Cayo Graccho, ganhando a vontade do Povo Romano com aquella oraçaõ, cujos acentos fazia mais suaves a frauta de hum seu escravo, que tocava a cada periodo. 26 Cassiodoro 27 diz, que as cordas dos instrumentos se chamaõ assim, pelo movimento que fazem

7 *Malute na Prosap. de Christ. idade 4 cap.11. § 8.*
8 *Apud Boet.l.3.ae Music.*
9 *Pedro Sanches de Vianna no Prologo à traduçaõ de Ovid. Metam.*
10 *1. Reg.16. in fin.*
11 *Franco in Camp. Elys. q.28. n.11.*
12 *D. Aug. l 10. Confes. cap 33. Valentia in prol. ad Psam.*
13 *Referunt glos. ordinaria 1. Reg.16. Horos. de ver. & fal. prophet. l.2. c.3.*
14 *Bridald. in orat. ad enarrat. Horatii.*
15 *Petrarch. de prosp. fort. dial. 3.*
16 *Plat. de Rep. dial. 3 4. & 7. & de leg. dial. 1. & 6.*
17 *D. Augustin. apud Stephan. Costa tract. de stud. §.1. ex n 4. habetur inter tract. DD Juristar.*
18 *Patrit de Regno cap. 15. Pluvia Solorz. emblem. 31.*
19 *Chrysol. Serm. 10. in princ.*
20 *Mexia na Sylva l.1. c.10.*
21 *Viana Comment. à Ovid. Metam. l.3. n 7.*
22 *Plutarch. de Music.*
23 *Hom. Iliad. l.9.*
24 *Cassan. supra. verf. nonne. cum segq. Texter in efficin. part. 2. tit. Citharœdi, & Cantores.*
25 *Quintilian. l.2 c 8.*
26 *Cassaeus supra verf. & Cains.*
27 *Cassiodor. suprà.*

fazem nos coraçoens, que se chamaõ *Corda* na lingua Latina; por isto muytas Cidades Gregas recitavaõ suas leys ao som da lyra, como entre nòs se publicaõ as Pregmaticas com charamelas, & trombetas.

5 Tambem aproveyta a Musica à saude corporal. O Ecclesiastico 28 a poem por remedio contra a melancolia; Marsilio Ficino 29 contra a colera; Cassaneu 30 contra a febre, loucura, feridas, & mal de peste; Pedro Mexia 31 contra a ciatica, & gota; Cassiodoro 32 contra muytas outras doenças; & acima dissemos 33 como contra a mordedura da tarantula he o unico remedio; medicina que naõ pòde enfastiar, porque os sentidos de ouvir, & ver naõ se enfadaõ.

6 Serve tambem com excellencia ao espirito, & assim Eliseo, 34 para profetizar, mandou que lhe cantassem: excita a louvar a Deos, o que conhecèraõ os gentios: 35 aplaca a ira Divina, como notou Santo Agostinho; 36 por isso a Gentilidade a usava nos sacrificios, & exequias: & David nos incita a louvar com ella o *Senhor*, como faz a Igreja. Estando ainda no ventre de sua mãy cantou o grande Patriarca S. Bento. 37

7 Ella, conforme a doutrina de Plataõ, & como advertem varios Escritores, 38 he insinuadora da Theologia, norte da Jurisprudencia, semelhança da Astronomia, mãy da Oratoria, fundamento da Arquitectura. Por isso derivou seu nome das Musas, 39 porque as *Musas* se chamaõ assim, de palavras Gregas, que significaõ, *inquirir*, *doutrinar*, & *assemelhar*; quasi dizendo que todas as sciencias tem vinculo entre si; donde veyo pintarem-se as Musas guiando côros, dadas as mãos em uniaõ reciproca; & os Gregos equivocàraõ o nome de *Sabio* cõ o de *Musico*; 40 os antigos com este significavaõ a erudiçaõ das letras humanas: *Musico*, disse o mesmo Plataõ, 41 se chama tudo o que està perfeyto; & hoje (diz Calepino 42) usaremos da mesma frase em bom Latim.

8 Finalmente he a Musica taõ unida a esta maquina universal, que diziaõ os Pytagoricos que por seus compassos fora o Mundo creado Os Sabios antigos affirmáraõ que os Ceos cantavaõ, & escrevèraõ que havia nove Musas, em razaõ dos accentos musicos de oyto Esferas celestes, & de huma harmonia superior que se formava de todas. 43 Lycurgo dizia, que a Musica era natural ao homem; 44 & bem se vè (accrescentou Macrobio, 45) pois na musica dos orbes celestes começa nossa vida, & a das exequias celebra nossa morte.

9 Ensinou Deos a Musica aos homens para os enriquecer destas suas qualidades; erradamente attribuem sua origem naõ só os Poetas, huns a Apollo, outros a Mercurio; mas tambem os Historiadores, huns a Isis entre os Egypcios: outros a Bardo entre os Celtas: muytos a Orfeo, Museo, & Tamyrides entre os Traces: alguns a Oures, ou Pytagoras, notando a diversidade do som dos malhos de hum Ferreyro; & tambem disseraõ

28 *Ecclesiast.40.20.*
29 *Marsi. Ficin.in comment. ad cenviv : lat.c 9*
30 *Cassan.supr verf. Pythagoricis*
31 *Mexia suprà l 3.c.12.*
32 *Cassiodor d epist 40.*
33 *Supra c.16 n 7.ad fin.*
34 *4. Reg.3 15.*
45 *Pitoneus apud Cassan. suprà, verf. Pytagoras.*
36 *D. Aug de doctr. Christ.l.2. cap.40.*
Hieron.Faler de laud.musi.
37 *Psalm 32.42.98.&passim.*
Bonifac Simon l.4 ep.10.
Fr.Leaõ de S Thom. na Benedict. Lusit. tract 1.p.1.cap 3.
38 *Plat.supra,& lib.17. Protagor med. Cassiodor. & Cassaneus supra.*
39 *Plut.l.5.Alcibiad.*
40 *Calepin. verbo Musa.*
41 *Plato suprà.*
42 *Calep.supra.*
43 *Refert Cassan.d part.1. consid 51.in princip.*
44 *Lycurg.apud Patrit.d.c.15.*
45 *Macrob.l.2. de Semon. Scipion.*

raõ que ſe tomáraõ do canto das aves; naõ teve inventor humano, teve naſcimento no Ceo, que a communicou ao Mundo por ſumma piedade.

10 Verdade he que depois a aperfeyçoáraõ varios Authores em diverſas Provincias (como ſuccedeo em todas as couſas que ſe foraõ achando) com ſons, ou tons accommodados ás materias. Marſias Grego achou a concordia das vozes muyto agudas; & a harmonia chamada *Phrygia*, muyto branda. Olympias Miſſio, ou Phrygio, a das vozes ſemelhantes; a harmonia *Meſophrygia*, tambem a *Lydia*, accommodada tanto para triſteza, como para alegria; ſe bem outros a attribuem a Cario, que diſſeraõ ſer filho de Jupiter; ou a Amfion, ou a Mellanopides; ou a Antippo Sapho Rainha de Lesbo: Pithoclides (dizem outros) compoz a *Meſſolydia* conveniente a tragedias. Damon Athenienſe, ou Polymeſto, a *Hypolidia* contraria á *Meſſolydia*; Pytherno Jonio a *Jonica*; Filoxeno a *Laconica*; Simon Magneſio a *Simodia*; Lyſias a *Lyſiodia*; & depois ſe ſeguiraõ tonos diverſos entre os Hebreos; já o Eccleſiaſtico 46 dizia, que os antigos haviaõ buſcado modos muſicos.

46 *Eccleſ.* 44.5. Riquirentes modos muſicos.

11 Tudo iſto era ſem regra certa pelo bom natural do ouvido; & com tudo Laſſus Hermineo, que vivco reynando Dario, eſcreveo da muſica, & foy o primeyro que ſe ſabe que della eſcreveſſe. 47 E Timotheo Mileſio no Imperio de Alexandre compoz ſobre ella dezaſete livros. 48 O Papa Saõ Gregorio Magno no anno de *Chriſto* ſeiſcentos pouco mais, ou menos, fez hum canto-chaõ para as Igrejas, que ſe governava pelas ſeis, ou ſete letras primeyras do A, B, C, 49 & no anno de ſeiſcentos & oytenta & dous, ou oytenta, & tres, o Papa S. Leaõ II. o reformou, mas ainda ſem regra certa; atè que Guido Aretino, Monge da Ordem de Saõ Bento, Abbade de Saõ Laufredo, ou do ermo da Santa Cruz de Avellana, 50 que viveo pelos annos de mil & trinta 51 no Pontificado de Joaõ XIX. inſtituhio arte com o artificio das ſeis vozes poſtas na maõ com muyta clareza; as quaes, por meyo de jejuns, & oraçoens, achou nos principios dos primeyros verſos do Hymno *Ut queant laſſis reſonare fibris, &c.* 52 que tinha compoſto Paulo Diacono, Monge do Monte Caſſino da meſma Ordem de Saõ Bento, em louvor do grande Bautiſta; 53 tendo alto myſterio achar as vozes para louvar a Deos no canto compoſto em louvor do Santo, que chamou *Voz* do Verbo encarnado. 54 Eſte livro de Guido (parece que ſe naõ imprimio) deſcobrio noſſo Rey Dom Joaõ IV. na livraria da Rainha de Suecia, dizem que original, depois de grandiſſimas diligencias que por toda Europa fez por ſeus Embayxadores, & outros Miniſtros, de que ſou teſtemunha, porque fiz muytas; a Rainha lhoenviou de preſente, & Sua Mageſtade o poz na ſua inſigne livraria da Muſica.

47 *Textor in offic. p. 2. tit. Citharœdi, & Poetæ.*

48 *Conrad. Geſner. in onomaſtic. prop. nom. verbo Timotheus.*

49 *Horat. Tigrino, compend. de Muſic. l. 1. c. 14.*

50 *Fr. Leaõ de S. Thomás na Benedict. Luſit. to. 1. p. 5. c. 16 § 2.*

51 *Libelcos na hiſt. Pontif. p. 1. l. 4. c. 1. & 16 l. 5 c. 6.*

52 *Arnold l. 5. c. 77.*

53 *P. Fr. Leaõ ſup.*

54 *Iſai 40. 2 Matth 3. Marc. 1. 3 Luc. 3. 4. Joan. 1. 23.*

12 Eſta ſua vidade, & utilidade da Muſica reconhecéraõ

os homens mais ſabios, por muytas demonſtraçoens. Fizeraõ hieroglyfico da Muſica o Ciſne, ou o Rouxinol, pela melodia do ſeu canto, poſto que alguns a ſignificavaõ em huma cigarra ſobre huma cithara, por contarem os Gregos que tangendo Eunomio em competencia de Ariſteno, & quebrando-ſe hume corda da cithara, huma cigarra que paſſou por cima de Eunomio, lhe ſuprio com ſua voz aquella falta 55

13 Os Juriſtas 56 dizem q̃ aos Muſicos que ſervem, ſe naõ deve ſalario, ſe o naõ eſtipulaõ, por ſer ſerviço de gosto ineſtimavel. Marco Antonio pagou a Anaxenores com os tributos de quatro Cidades: Galba enriqueceo a Cano: Veſpaſiano a Diodoro: os Locrenſes levantàraõ eſtatua publica a Eunomio, 57 & os Thebanos a Cleon.

14 Plataõ 58 encomenda, que aos moços ſe enſine a Muſica; & Ariſtoteles 59 o approvou, accreſcentando que conduz para a virtude; Caſſaneo 60 ſe jactava de que aſſim ſe uſava em França no ſeu tempo: Santo Iſidoro 61 chegou a dizer: *Taõ torpe he naõ ſaber Muſica, como naõ ſaber letras*; & aſſim os Arcadios tinhaõ por deſcredito naõ entender de Muſica; 62 & o famoſo Temiſtocles foy notado de pouco polido, porque em hum ſaráo, dandoſe-lhe hũa Lyra para tocar, diſſe que naõ ſabia; da meſma falta foy notado Cimon illuſtre Athenienſe. 63 Pelo menos quando ſe naõ julgue com tanto rigor dos que totalmente ignoraõ eſta arte, naõ ſe póde negar que ella adorna muyto a qualquer homem grande. 64

15 Achilles, Epaminondas, Alexandre, Sylla, Cataõ Cenſorino, os Emperadores Tito, Adriano, & Alexandre Severo, eraõ muyto peritos em cantar, & tocar inſtrumentos. David foy o muſico excellente, 65 & o primeyro que compoz *Pſalmos*, que ſignifica *Verſo de louvores Divinos, que ſe canta com inſtrumento*; no que ſe diſtingue de *Canticõ*, que he o que ſe canta ſem elle. 66 Pythagoras foy grande cithariſta: Socrates já velho aprendeo Muſica: o glorioſo Rey de Portugal Dom Manoel era muyto inclinado a ella, & buſcava com grandes ſalarios os melhores muſicos: 67 o Senhor Rey Dom Joaõ o IV. naõ cantava, mas ſem controverſia, foy na muſica o mais ſciente de ſeu tempo; as compoſiçoens, que com nome ſuppoſto communicava ao Mundo, por ſuperiores eraõ logo conhecidas por ſuas em toda Europa; com deſpeza conſideravel, & diligencias particulares (em muytas o ſervi) ajuntou huma numeroſa livraria das obras muſicas melhores, & mais exquiſitas, & a tinha diſpoſta com notavel curioſidade, & clareza, para facilmente ſe achar nella qualquer papel; ſendo continuo nos conſelhos, & deſpacho dos negocios, todos os dias depois de jantar tomava huma hora de alivio, (regra dos q̃ ſabem trabalhar) 68 & eſta era exercitar, & enſinar os ſeus Muſicos, que tinhã muyto eſcolhidos, & quaſi ſempre em canto dos Officios Divinos, para que ſeu exercicio em tudo foſſe louvavel. O Author

55 *Pier. Valerian. in Hierogl. l. 28. tit de Lucina; & l. 26. tit. de cicada.*

56 *Gratian. diſcept. forēſ c. 185. n. 30.*
Emman. Barboſ. ad Ordin. Portug. l. 4 tit. 31. §. 5. n. 2.

57 *Textor in offic. tit. Citharœdi.*
Caſſan. d conſid. 51. verſ. Anaxenori, & verſ. Eunom.

58 *Plat lib 17. Protagoras, & dic. l 7. de leg.*
Refert Alex. ab Alex. genial. l 2 c. 25.

59 *Ariſt. de Rep. l. 8 c. 4. & 5.*

60 *Caſſan. ſup. verſ. Et hanc.*

61 *D. Iſidor. l. 3. etymol.*
Tam turpe eſt neſcire Muſicam, quàm neſcire litteras.

62 *Polyb. l. 4.*

63 *Tiraq de nobilit. c. 34. n. 12.*
Caſſaneus ſupra.
Plutarch. in vita Cimon.

64 *Quintilian. l. 1. c. 16. & 17.*
Polyb. ſup.
Athenæus l. 4. c. 10. & 11.

65 *D. Aug. Ep. 131.*

66 *Matute na Proſap. de Chriſt. idad. 4. c. 1. §. 3.*

67 *Damiaõ de Goes na Chron. del Rey D. Manoel p. 4. c. 84.*

68 *Diſſemos no cap. 9. n. 4 com os ſeguintes.*

da Biblioteca Hiſpana 69 diz, que os Portuguezes reynaõ na Muſica, & na Poeſia. Entre os mayores Eccleſiaſticos, os Santos Papas Gregorio, & Leaõ II. foraõ peritos neſta arte: como tambem o grande Origenes: 70 & ſobeja para o mayor credito eſcrever Caſſaneo 71 por teſtemunho de graves Authores, que *Chriſto* Senhor noſſo foy grande Muſico; naõ ſe podia duvidar que o ſoubeſſe ſer, mas os Euangeliſtas ſagrados declaraõ que depois da ultima Cea, antes de ſahir para o monte Olivete, diſſe hum Hymno; & a verſaõ Grega diz que o cantou. 72

16 Muſica excellentiſſima foy a ſoberana *Virgem* na *Magnificat*, que a Igreja por excellencia chama *Cantico*; 73 que parece ſer o cantico novo que David queria 74 que ſe cantaſſe ao *Senhor* em inſtrumento de dez cordas; novo em cantar a Encarnaçaõ do *Verbo* eterno já executada; & em dez verſos, que o devotiſſimo Gerſon 75 entende por dez cordas: Santo Agoſtinho 76 diz que a *Senhora* o cantou; da meſma fraſe uſa o douto Maldonado. 77 Eſcrevem graves Authorès 78 que no recolhimento do Templo tinha aprendido a cantar os Pſalmos; & ſemelhantes graças a Deos coſtumavaõ cantar as Santas mulheres, como fizeraõ Maria irmã de Moyſés, Debora, Judith, Eſther, & Anna figuras da *Virgem*, como notou o eruditiſſimo Carthagena. 79 A eſte canto a convidava o Eſpoſo nos Cantares, quando lhe pedia que foſſe para elle, porque era acabado o Inverno (tempo triſte em que ſe dilatou ſua Encarnaçaõ) & era chegado o florido, & alegre: *Que ſoaſſe ſua voz em ſeus ouvidos, porque ſua voz era doce, & ella fermoſa.* 80

17 Neſte cantico notou hum ouvido de bom goſto 81 todos os tonos da Muſica: o *Sublime* da Divindade: 82 o *Bayxo* & *Demiſſo* da Humildade: 83 o *Alto* da Omnipotencia: 84 o Tenor da Miſericordia: 85 o *Grave* da Juſtiça: 86 o *Agudo* da Alegria: 87 o *Suave* da Conſolaçaõ; 88 o *Aſpero* da Reprovaçaõ: 89 o *Pleno* da Fidelidade: 90 o *Artificioſo* da Revelaçaõ; 91 & a *Conſonancia* dos Inſtrumentos; 92 pelo que chamou filomena, modulando vozes, & tonos varios com melodia taõ doce, que he louvada atè dos hereges. 93

18 Achaõ-ſe nella com elegancia as ſeis vozes da verdadeyra SOl-fa; no HU-milde que profeſſou: 94 no RE-ſignado do ſeu eſpirito: 95 na MI-ſericordia que publicou de Deos: 96 no FA-vor grande a que ſe confeſſou obrigada: 97 no SOl-licito que reconhece a Deos de cumprir as promeſſas: 98 no LA-usperenne com que o magnifica; 99 & que melhor Muſica que ſó o material de ſua voz que fez dançar de alegria ao menino Joaõ no ventre da Máy? 100 Hum excellente Eſcritor 101 diſcurſa que toda ella he huma Muſica ſonora, cantada pela Santiſſima *Trindade*: accommodando com galantaria elegante às vozes de huma ſuave capella os dons com que as tres Peſſoas Divinas harmonicamente a illuſtráraõ.

19 Sen-

69 *Biblioth. Hiſp tom. 1 tit. Poëtæ Jacobi*
Luſitani in poetica, ut in re Muſica regnare feruntur mira animi propenſione, velut enthuſiaſmo rapti.

70 *D. Hieron. in Catal. Scriptur. Eccleſ. Tir. q. ad Alex. ad Alex. l. 2. c. 25. Eraſm. in apoſtrophe gm. Alex. & in vit. Orig. Iuveſc. hiſt. Pontif. l. 4. c. 1. & 17.*

71 *Caſſan. d. conſid. 31. verſ. ſed ut ſemel.*

72 *Matth. 26 30. Marc. 14 26.* Hymno dicto exierunt. *Alia verſio habet*, Hymno cantato. *Carthagen. hom. 3 de Paſſion. Chriſti in Matthæum 1 10. tom 3. pag mihi 284.*

73 *Luc. 1.*

74 *Pſalm. 32. v. 2. & 3.* In pſalterio decem chordarum pſallite illi, & cantate ei canticum novum.

75 *Joan. Gerſon. tract. 1 ſup. Magnificat.*

76 *D. Auguſt. ſerm. 5. qui eſt 10. de ann.*
Audite quomodo tympaniſtria noſtra cantaverit; ait enim: Magnificat anima mea Dominum.

77 *Maldonado in 1. Luc. n. 163.* Cecinit

78 *Refere Villegas Flos Sanctæ feſt. da Apreſent.*

79 *Carthagen. de arcan. Deip. l. 1. l. 6. hom 6 in fin.*

80 *Cant. 2. 14.* Sonet vox tua in auribus meis, vox enim tua dulcis, & facies decora.

81 *P. Maximil. Sandeus in Avinar. Marian. orat. 2. Maria viſitans, ante med.*

82 Exultavit ſpiritus meus in Deo.

83 Reſpexit humilitatem ancillæ ſuæ.

84 Fecit mihi magna qui potens eſt.

85 Miſericordia ejus à progenie in progenies.

86 Diſperſit ſuperbos. Depoſuit potentes.

87 Exultavit ſpiritus meus.

88 Eſurientes implevit bonis.

89 Divites dimiſit inanes.

90 Suſcepit Iſrael puerum ſuum.

91 Sicut locutus eſt ad patres noſtros.

92 Abraham, & ſemini ejus.

93 *Calvinus, ac alii apud Caninium l. 4 c. 5.*

94 *Luc. d. c. 1.* Quia reſpexit humilitatem ancillæ ſuæ.

95 Spiritus meus in Deo ſalutari meo.

96 Et miſericordia ejus à progenie in progenies.

97 Quia fecit mihi magna qui potens est.
98 Sicut locutus est ad patres nostros.
99 Magnificat anima mea Dominum.
100 *Luc.d.c.*1.44. Ut facta est vox salutationis tuæ in auribus meis, exultavit in gaudio infans in utero meo.
101 *P.Ant.Guillel.le grandeza de la Santissima Trinitá disc.* 54. *v. in primo tomo.*
102 *D.Theodoret.in Gen* 9.47.
103 *Diremos no cap.*48.*n.*4.
104 *D.Clem.Alexand. ad Gen.*
105 *Daniel* 3.
106 *D.Cyprian.ep.*2. *D.Ephrem tom.*1.*in Psalm.*
107 *Tacit.ann.l.*14.*ant.med. & l.*16 *paulò post princip.*
108 *Extravag Docta Sanctorum, de vit. & honest.Cleric.*

19 Sendo a Musica taõ suave, taõ util, & em tudo divina, foy tal a quèda dos homens pelo primeyro peccado, & taõ mal usáraõ do que mais lhes convinha, que até este dom celeste huns applicáraõ mal; outros o depraváraõ; & alguns o condenàraõ. S. Theodoreto 102 entende que com musicas namoraraõ os descendentes de Caim aos de Seth, para casarem contra a justa prohibiçaõ que havia. 103 Saõ Clemente Alexandrino 104 conta que com ella levavaõ Amfion, & Arion as gentes aos idolos; & na Escritura Sagrada lemos que com a de instrumentos convocava Nabucodonosor para adorarem a sua estatua. 105 Contra os que a depraváraõ em lascivias escrevèraõ Saõ Cypriano, & Santo Efrem; 106 Nero a exercitava no publico theatro contra o decoro Imperial; 107 & semelhantes excessos prohibio hum texto Canonico 108 aos Ecclesiasticos; & Antisthenes condenou em Ilmenias tanger bem, como cousa que naõ convinha a hum Varaõ grande; Filippe Rey de Macedonia reprehendeo a seu filho Alexandre de ser bom musico; & Aristoteles perguntado sobre isto, respondeo que Jupiter nem cantava, nem tangia. 109 Tudo isto se entende do nimio, que he reprovavel; 110 & neste sentido emendando Filippe Rey de Macedonia a hum Cantor, & ElRey Antigono a outro que tangia, & dançava: lhes respondèraõ ambos, que naõ lhes convinha mostrarem-se taõ demasiadamente scientes naquellas artes. 111 Atreveo-se a malicia, ou ignorancia a querer deslustrar o mais louvavel por varios caminhos.

109 *Brus.l.*4.*cap.*17. *Textor d.tit citharœdi.*
110 *Tiraq de nobil.cap.*34.*n.*11.
111 *Plutarch. in apophthegm. Philip.& in lib.de discrim adulator. & amic.& l.de fortun.Alex. Ælian. var hist.*9.*c.*36.

CAPITULO XXIV.

Invenção da cithara, & orgaõ: derivação do nome Jubilèo; *nestes, & em outros instrumentos musicos se tocaõ algumas curiosidades: & se prosegue o assumpto de que a malicia humana de todos inventos usou mal. Brevemente se aponta o divino instrumento q̃ fez a Santissima* Virgem Mãy.

1 DE dizer o sagrado Texto 1 que *Jubal* foy pay dos que cantàraõ à cithara, & orgaõ se fez tradiçaõ que foy inventor dos instrumentos; & diz Genebrardo, 2 que por elle inventar este prazer, todo o prazer, tomou delle o nome de *Jubileo*.

2 Da mesma causa procedeo 3 chamarse *Jubilèo* entre os Hebreos hum instrumento que se tocava em aquella grande solemnidade, que se trata no Levitico; 4 & delle se chamava a mesma solemnidade *Jubilèo*: & porque este *Jubilèo* libertava

1 *Gen.*4.21.
2 *Genebrard. apud Matute na Prosap.de Christo,idad.*4.*cap* 1.§.7
3 *D.Hieron.ad c.*25. *Levit. Oleaster ibid. Munster in Levit. Eugubin in annot.ad c.ult Numer.*
4 *Levit.cap.*25.

as

as herdades vendidas, & os escravos, na maneyra que o Texto aponta, se chamou tambem *Jubilo* a liberdade, & remissaõ, como refere Josefo. 5 Aquelle instrumento era huma corneta de osso de carneyro, 6 significativo do que em lugar de Isaac sacrificou Abraham; 7 figura do Cordeiro Divino que havia de libertar o Mundo com *Jubileo* plenario. De osso de carneyro eraõ tambem os que se tocavaõ na festa chamada *Das trombetas*, o primeyro de Setembro, instituida em memoria daquelle sacrificio; 8 posto que outros instrumentos semelhantes se faziaõ de ossos de qualquer animal. Depois se veyo a fazer aquella corneta de qualquer osso; 9 & no tempo mais adiante se fez todo o genero de trombetas de pào, & de metal; mas sempre lhes ficou nome da primeyra materia, como se vè ainda nos Poetas Gentios. 10 Assim a frauta se fez primeyro de osso das pernas de grou, pelo que em Latim se chamou *Tibia*; 11 os Thebanos a faziaõ depois de ossos de veados; os Scythas de ossos de aguias, ou buitres; os Egypcios de canas; os Africanos, & Olyres Grego (posto que os Poetas digaõ que Pan) a fizeraõ curva da arvore lothos, ou buxo, 12 & com tudo sempre lhe ficou o primeyro nome.

3 Do nome daquelle antigo *Jubileo* se chamáraõ os que logramos os Christãos com mais felicidade; & Andrè Massio 13 lhes considera tambem respeyto a *Jubileo*, pelo prazer que o *Senhor* disse, 14 que a conversaõ dos peccadores causa no Ceo; grande brazaõ de *Jubal*, eternizar seu nome nestas derivações. O Illustrissimo por muytos titulos Dom Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, no tratado que fez em explicaçaõ dos *Jubileos* 15 sendo Bispo do Porto, tocou mais brevemente esta materia; mas profegue como a Igreja Catholica instituhio em Roma o Jubileo centenario, principiado no tempo dos Apostolos, & como se foy reduzindo a menos annos.

4 Plinio 16 sem noticia das sagradas letras, disse que a cithara fora invençaõ de Orfeo, ou de Lino, ou de Amfion, com quatro cordas; outros 17 disseraõ que Corebo, filho de Ati Rey de Lydia, lhe accrescentára a quinta; Hyagnes Phrygio a sexta; Terpander a septima; Lycaon Samio a oytava; Prosasto Periote a nona; Estraco Colofonio a decima; & Timotheo a undecima. Que o primeyro que a ella cantára, fora Aristonico Grego: que aperfeyçoàra sua musica Olympias Missio: q̃ Amato Cretense cantára a ella amores; & Enopas cousas jocosas: que a Grecia a levára Cadmo filho de Agenor, & particularmente a Athenas a levàra Phyrnis Mitheleno descendente do grande tangedor Terpander; & a Italia Evandro com seus vassallos Arcadios; tudo se póde verificar em serem aquelles os mais destros na cithara depois do Diluvio.

5 Cassiodoro 18 affirma que a cithara he o mais sonoro de todos os instrumentos de cordas; & parece que Virgilio entende o mesmo, quando por ella entendeo toda a Musica. 19

5 *Joseph de antiquit. c. 18.*
6 *Matute d §. 7.*
7 *Genes. 22. 13.*
8 *Matute suprà com o cabalde de Heb. P. Fr. Manoel do Sepulchro na Reseygaõ espirit p. 1. 8. n. 3.*
9 *Psalm. 97. v. 7.* Voce tubæ cornææ.
10 *Virg. Æneid. 7. in prine.* Et rauco strepuerunt cornua cantu, *ne passim.*
11 *Calepin. verb. Tibia.*
12 *Textor in officin. p. 2. tit. Cithara ed. & Cantor*
13 *Andr. Mass. sup. Josue c. 6.*
14 *Luc. 15. 7. & 10.*
15 *Arceb. D. Rodrigo da Cunha trat. da explic dos Jubil. cap. 1. n. 5. & 6.*
16 *Plin. l. 7. c. 56.*
17 *Textor suprà.*
Fr. Bernardino da Sylva na defensa da Monarch. Lusit. p. 2 c. 15 in prine
18 *Cassiod. l. 2. ep 16.*
19 *Virg. Æneid 12.*
Augurium, citharamque dabat; celeresque sagittas.

Assim o concedemos, se no nome de *Cithara* significaõ *Harpa*; como os Latinos fazem algumas vezes; 20 porèm se se restringem ao que especialmente chamamos *Cithara*, sigo antes ao Mellifluo S. Bernardo; que deu a primazia à *Harpa*, trazendo-a no sinete com esta letra: *Quid erit in patria?* 21 como dizendo: *Se cà no desterro do mundo ha consonancia taõ suave, qual a haverà là no Ceo, patria de toda a suavidade?* Na que David tocava, sentia, & fugia o demonio à melodia que naõ podia sofrer, como dissemos assima. 22

20 *Calepin. verb. cithara.*
21 *Brito na Chron. de Cister l. 3. c. 34.*
22 *Supr. c. 21. n. 2. in fin.*

6 Por curiosidade se refere o que disseraõ Alciato, & outros Authores, 23 que se nos instrumentos, entre as cordas de tripas de carneyro, se puzer alguma tripa de lobo, naõ haõ de soar, por mais que as toquem: dura o temor ao carneyro ainda depois da morte.

23 *Alciat. emblem. ult. post mortem formidolosi.*
Sorapan. na medicina Hespanhola, refrán 14.

7 Orgaõ, segundo instrumento, de que se tem por inventor Jubal, conforme o texto, he nome generico a todos os instrumentos musicos; 24 o que especialmente chamamos *Orgaõ*, alcançou este nome por excellencia de todos os que se tocaõ com vento; posto que Plataõ 25 queyra que a frauta seja mais excellente; a Escritura santa em alguns lugares 26 o distingue, & particularmente da Cithara, 27 como o Texto do Genesis que o attribue a Jubal. 28 O Summo Pontifice Vitaliano, que faleceo pelos annos seiscentos & setenta, o introduzio nas Igrejas. 29 Mas ainda depois foraõ taõ raros, que o Emperador Constantino (quinto, ou sexto) enviou de Constantinopla hum orgaõ por cousa exquisita, a Pipino Rey de França.

24 *Quintilian. l. 9. c. 4. In sacris literis 2. Paralip. 23. 13. & c. 24. 27. & Psalm 136. v. 2.*
25 *Plat. dial. 7. de leg. ad med.*
26 *Psalm. 150. v. 4.*
27 *Matth. 15. in fine.*
28 *Genes. 4. 21.*
29 *Ubese. hist. Pontif. p. 1. l. 4. c. 12.*

8 Dos inventores de outros instrumentos trata largamente Alexandre Sardo 30 no livro dos inventores das cousas, em que accrescentou a Polydoro Virgilio, & do modo de dançar. Omittimos isto, & os tangedores insignes que nomea Ravisio Textor, 31 porque ajuntamos de varios Authores, mas naõ trasladamos o que està junto em hum. Jà dissemos 32 que David foy o primeyro que compoz Psalmos para se cantarem com instrumentos. Aos tangedores insignes accrescẽto o Portuguez *Peyxoto*, natural da Pena, lugar da Raya de Entre Douro, & Minho, & Tras os Montes: que em Castella no Paço do Emperador Carlos V. mostrando espantarse de que os seus Musicos temperassem os instrumentos, elles zombando, lhe deraõ huma viola destemperada para que tangesse; & elle, sô tocando as cordas para lhes tomar o ponto, as governou apontando com os dedos de maneyra, que fizeraõ harmonia suavissima; & os circunstantes admirados rompéraõ em dizer, que ou era o diabo, ou o *Peyxoto da Pena*, de quem tinhaõ fama, posto que o naõ conheciaõ de vista.

30 *Alex. Sard. de invent. rer.*
31 *Textor supra.*
32 *Supr. à cap. 23. n. 15.*

9 Mostrou Deos os instrumentos aos homens para as mesmas utilidades que largamente expendemos na Musica 33 de que saõ parte; mas tambem delles usou mal a malicia, chegando

33 *No cap. precedente n. 3. & seguintes.*

do a empregallos contra Deos. Ao ſom delles convocava Nabucodonoſor para ſe idolatrar na ſua eſtatua; 34 & cada dia ſe uſa delles para fins illicitos. No anno de mil & doze hũ Otheiro Layco, & outros quinze homens, & tres mulheres, tomàraõ por capricho baylar muytos dias com varios inſtrumentos no adro de huma Igreja, com tal inquietaçaõ, que impediaõ os Officios Divinos ſem quererem deſiſtir; pelo que hum Sacerdote chamado Ruperto lhes lançou a maldiçaõ, com que bayllàraõ hum anno inteyro, de huma noyte de Natal atè outro tal dia, ſem poderem ceſſar, atè que Santo Hereberto Biſpo de Colonia os abſolveo daquella maldiçaõ; mas as mulheres morrèraõ logo, & os homens pouco depois com tremor, & palpitaçaõ. 35

10 Para honra dos inſtrumentos repetimos o que aſſima 36 tocàmos com o doutiſſimo Gerſon, 37 que o cantico da *Magnificat* que a *Virgem Mãy* Santiſſima compoz, he o inſtrumento de dez cordas que deſejava David. 38 O Veneravel Padre Frey Joſeph de Jeſus Maria 39 o expende, concordando os dez verſos entendidos por cordas, com a harmonia das creaturas racionaes, cõpoſta ſuavemente de nove ordens de Anjos, & da natureza humana; corda que ſe quebrou pelos primeyros Pays, & foy reparada pela Mãy da graça, que deu todos os inſtrumentos para o Mundo ſe levantar da ruina em que eſtava.

34 *Daniel* 3.
35 *Hirſaugien in Chron. relatus à Matute, na Proſap. de Chriſto ida-de* 4. *c.* 1. §. 7. *Balvecenſ. l.* 2 *c* 10. *Vener. Erchirid. tempor. Alii apud Franc. in Camp. Elyſ. q.* 97. *n.* 9.
36 *Sup cap* 23 *n.* 16.
37 *Gerſon. t. 1 ſer.* 1 *ſup. Magnificat.*
38 *Pſalm.* 32 *v.* 2. *&* 3.
39 *Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſtor. de N Senhora lib.* 3 *c.* 25. *n.* 2 *com os ſeguintes.*

CAPITULO XXV.

Principio, progreſſo, & dignidade da Poeſia; como a Virgem Santiſſima a honrou; & ſendo dada por Deos para utilidades, os homens uſáraõ mal della.

1 A Poeſia he irmã gemea da Muſica; (de que tratamos) ou he o meſmo que Muſica, como diſſe hum erudito Author, 1 & aſſim quando os Poetas metrificaõ, ſe diz que cantaõ; 2 ſó em verſos ſoa bem a Muſica; & ſó na Muſica ſe lograõ os verſos; Muſa, & Muſica tem o meſmo nome, pelo que o Eccleſiaſtico 3 falla da Muſica, & de verſos como unidos.

2 Em vaõ trabalhou Plutarco, 4 inquirindo os principios da Poeſia; ſeu principio he Deos; 5 por iſſo Plataõ 6 chamou aos Poetas filhos dos Deoſes: do Ceo lhes vem o eſpirito, & ſe diſſe que tinhaõ em ſi alguma divindade, 6 pòde-ſe dizer que he natural ao homem, porque (ſegundo enſináraõ os Sabios) anda conjuncta á Filoſofia natural com que os homens do principio de ſua idade cuydaõ como haõ de viver; de que expende a razaõ Quintiliano; 7 & aſſim naſce juntamente com os homens, & ſó a natureza faz o Poeta, poſto que o aperfeyçoe a arte: 8 por iſſo ſe coroaõ de louro, que ſignifica a virtude

1 *Ij*

1 *Pedro Sanches de Viana no prolego da traducçaõ de Ovid. Metamorph.*
2 *Statius Thebaid. l.* 1. *in princ.*
Gentis ve canam primordia ditæ?
Virgil. Eclog. 4 *in princ.*
Sicelides Muſæ, paulò maiora canamus
Et l. 1. *Æneid. in princ.*
Arma virumque cano.
Lucan. l. 1. *in princ.*
Juſque datum ſceleri canimus.
Camoens Luſiad. cant. 1. *eſt.* 1.
Cantando eſpalharey por toda a parte.
Tontat. Toſſ Hieruſal. cant. 1. *eſt.* 1.
Canto l'armi pietoſi, èril Capitano.
Ariſtotel. no Orlando cant. 1. *eſt.* 1.
Le corteſie, l'audaci imprese il canto.
Marino no Adonis cant. 1. *eſt* 3.
E tu de'cigni tuoi'm impetra il canto.
Joaõ Baptiſta Mauricio, nel Taborre, cant. 1. *eſt.* 1.
Cantol'aſpetto in cui cãgiato volle.
Carlo Torre n'l Numi guerriere cãt. 1. *eſt* 1
Canterò come un cor tutto ſcõpoſi;
Lope da Vega na Jeruſ. l. 1. *eſt.* 1.
Yo canto el zelo, y las baza ſias.
E na Philomena cant. 1 *eſt.* 1.
Y Philomena a mi llorar cantando;
E na Circè cant. 1. *eſt.* 1.
Yò cantarè tu engaño, y tu hermoſura.
3 *Eccleſ.* 44. 5. In peritia ſua requirentes mudos muſicos, & narrantes carmina ſcripturarum.
4 *Plutarch de Muſic.*
5 *Plato l.* 2. *de Rep.*
6 *Ovid l.* 3. *eleg.* 8.
At ſacri vates, & Divum cura vocamur.
Sunt etiam qui nos numen habere putent. *Et* 6. *faſt.*
Eſt Deus in nobis, agitante calescimus illo.
Impetus hic ſatræ ſemina mentis habet.
Et alibi:
Eſt Deus in nobis, ſunt & commercia Cæli.
Sedibus ætherеis ſpiritus ille venit.
7 *Quintil l.* 1.
8 *Horat. in art. poet.*
Ego nec ſtudium ſine divite vena,
Nec

tude natural; & de hera, que he ſymbolo do trabalho com que ſe ſóbe à perfeyçaõ; 9 os que naõ fazem verſos, goſtaõ de os ouvir, a todos he natural a Poeſia.

3 Celio Rhodiginio 10 tira de Ariſtoteles, & de Quintiliano o modo porque a natureza começou a infundir nos homens a Poeſia, & foy, infundindo-lhes hũ principio que obſervava com pericia no ouvido, huma medida, & eſpaços que corriaõ com ſemelhança, & depois em ordem a aperfeyçoar eſta conſonancia, ſe foraõ introduzindo as ſyllabas, & pès mais largos, ou mais breves, conforme cahiaõ, & ſoavaõ melhor.

4 Naſcida com o Mundo creſceo a Poeſia em todas as idades delle. Ha quem diz, 11 que Adam compoz em verſo o Pſalmo 92 que anda entre os de David, intitulado, *In die ante Sabbatum.*

5 Enós ſeu neto, filho de Seth, he provavel que compoz hymnos em louvor de Deos, como abayxo 12 diremos.

6 Nos annos do Diluvio era Poeta Sambetha nora de Noè, 13 mulher de Japhet 14 ſeu filho; poſto que alguns 15 digaõ que era mulher do meſmo Noè, a qual foy a primeyra Sibylla, & eſcreveo vinte & quatro livros de Oraculos em verſo, 16 de que hoje temos alguns nos livros Sibyllinos; nelles refere que ſe achou na arca com ſeu marido, 17 & conta ſucceſſos nella, & antes do Diluvio, quaſi como ſe contaõ no Geneſis; era a que chamáraõ Sibylla Perſica, 18 ou Caldea, 19 por habitar em Babylonia cabeça de Caldea, como ella diz, 20 ainda que outros cuydàraõ que era a Eritrea

7 Seu filho Tubal vindo povoar Heſpanha pelos annos cento & cincoenta depois do diluvio, continuou a Poeſia neſte mũdo reformado, dando leys em verſo, como diſſemos aſſima. 21

8 O Santo Job, Regulo nos confins de Idumea, & Arabia pelos annos ſetecentos & quarenta depois do diluvio, compoz grande parte do ſeu livro em verſos exametros, com pès dactilo, & eſpondeo, como diz S. Jeronymo. 22

9 No tempo em que os Hebreos ſahiraõ do Egypto, era a Poeſia entre elles ordinaria: diz o ſagrado Texto 23 que cantàraõ com Moyſés em verſo as graças ao *Senhor*; que celebráraõ com verſos o poço de agua que no caminho achàraõ; & faz mençaõ de verſos em outras occaſioens.

10 Nos tempos adiante compoz David os Pſalmos em verſo, como affirmaõ muytos, & graves Authores; 24 elle parece que o declara em alguns; 25 & o moſtraõ figuras, & qualidades poeticas que nelles vemos, de *Repetiçaõ*, 26 *Continuaçaõ*, 27 *Reverſaõ*, 28 & outras. Caſſiodoro diz 29 que levantou a ſuavidade da Poeſia, & que delle aprendèraõ os antigos. Que as obras de ſeu filho Salamaõ, o Deuteronomio, & o Cantico de Iſaías hajaõ ſido eſcritos em verſo, dizem bons Eſcritores; 30 & nas de Salamaõ parece que os ajuda o ſagrado Texto; 31 ſe bem o grande Padre Saõ Jeronymo 32 he de outra opiniaõ

Nec rude quid proſit video ingeniũ alterius ſic.
Altera poſcit opem res, & conjnrat amice.

9 *Fr. Heytor Pinto tom. 2. dial. 4. cap. 13.*

10 *Cel. Rhod gin. antiq. lect. l. 7. cap. 4.*

11 *Matute na Proſap. de Chriſto idad 4 c. 1. § 2. ad fin.*

12 *Infra cap. 31. n. 9.*

13 *Lact ant Firmian. dinſt. viri. l. 1. c. 6. & de ira l. 1. c 22. Thom Boſſius de ſign. Eccleſ. l. 14. c. 2. poſt princ.*

14 *Matute ſup. idade 2. c. 1. §. 1.*

15 *Refert Genebrard. in Chron. ann. mundi 1261. in l. 1. oracul Sibyl.*

16 *Mexia na Sylva ae var. liç. l. 3. c. 4.*

17 *Oracul Sibyll. l. 1.*
O gaudia magna!
Quod ſo tita fui, poſt quam diſcrimina mortis.
Eflugis jactata meo cum conjuge multum.

18 *Varro apud Lacta t. ſupra.*

19 *Genebrard. ſuprà ann. mund. 1887.*

20 *Oracul. Sibyl. l. 3 ad fin. Vide in 2. p. c. 9 n. 2.*

21 *Supra c. 11. n. 5.*

22 *D. Hieron in prolog. coqor. ad lib. Job, & in Ep. ad Paulin. de omn. divin. ſcript. libr.*

23 *Exod 15 1. Numer. 21. 17. Deuter. 31. 30. & paſſim alibi.*

24 *Euſeb de prepar. Euangel. l. 11. cap. 13. Joſeph de antiq. l. 7. c. 10. poſt. med. Sabellic. Æneid. 1. l. 9. Caſſiodor. in prolog. ad Pſalter. c. 15. Matute ſuprà idad. 4. c. 1. §. 11. Marc. Ant. Flamin. in dedicator. paraph. ad Pſalmos.*

25 *Pſalm 39. v. 4* Et immiſit in os meum canticum novum, carmen Deo noſtro.

26 *Pſ. 21. v. 3. 4. & 5. in verbo*, Speravetuut.
Pſal 40. v. ult. Fiat, fiat.

27 *Pſ. 41. v 67. 15. & 16. in verbis.*
Quare triſtis es anima mea?
Spera in Deo.

28 *Pſ. 128. v. 1. & 2. in verbis.*
Sæpe expugnaverunt me à juventute mea.
Et Pſal. 66 v. 3. & 5. in verbis, Confiteantur tibi, &c.

29 *Caſſiod. r ſuprà.*

30 *Joſeph & Origen. relati à Vien. ſup.*

31 *1. Reg. 4. 32.* Et fuerunt carmina ejus quinque millia.

32 *D. Hieron. in præfat. ad trãslat. Iſai.*

niaõ, como tambem nos verſos dos Pſalmos. Aos Hebreos finalmente era como preceyto louvar a Deos em verſo; ſegundo hum texto de Eſdras inſinúa; 33 & aſſim lemos 34 que o fizeraõ David, Salomaõ, & outros, alèm dos que já referimos, na ſahida do Egypto.

33 2. *Eſd.* 12.45.
34 2. *Reg.* 22.1. & *l.* 3. *c.* 4. 3. *Paralip.* 1.1.16.35. & *l.* 2. *c.* 7.6.

11 Entre os Gentios, pelos annos de novecentos & cincoenta depois do Diluvio, mil & quatrocentos & cincoenta & nove antes do Naſcimento de *Chriſto*, (conforme ao computo, que ſigo na hiſtoria) tempo em que o Povo Hebreo começou a governarſe por Juizes, floreceo Orpheo, de naçaõ Thracio, primeyro Poeta que a Gentilidade nomeou famoſo, & como a inventor da Poeſia lhe chamáraõ filho de Apollo, & Calliope, ainda que ſe diz que antes delle fora hum Siagro, que havia cantado a guerra Troyana.

12 De Orpheo foy diſcipulo Muſeo, inventor da fabula de Hero, & Leandro, compoſta com taes conceytos, & affectos amoroſos, tal decòro, & imitaçaõ, que moſtra bem haver naquella antiguidade os primores, & todo o culto, & polido de que ſe prezáraõ os melhores modernos, entre os quaes o contáramos, ſe as hiſtorias naõ certificáraõ o contrario. Lino com grande nome foy quaſi ſeu contemporaneo; & entaõ houve aquelles engenhos, q̃ com ſcientificas allegorias fingíraõ o coro das nove Muſas preſididas de Apollo, propoſta a cada qual a ſua materia, cantando Calliope em heroyco os grandes feytos, & Clio todos os ſucceſſos paſſados, Erato amores em lyrico, Thalia couſas menos honeſtas em comico, Melpomene hiſtorias triſtes em tragico, Terpſicore guiando danças de Nynfas, Euterpe regendo as frautas dos paſtores; Polymnia uſando tons diverſos, & Urania modulando ao Divino.

13 Já havia as diverſas eſpecies de verſos, accommodadas aos aſſumptos. Caſſiodoro diz 35 que os primeyros foraõ o heroico para mover, & o jambico para aplacar. Do heroico ſe tem por inventora Phomonoe, Sibylla Delfica, 36 que viveo antes da deſtruiçaõ de Troya, 37 ſuccedida no anno de mil & duzentos & quatorze depois do Diluvio, & mil cento oytenta & hum antes de *Chriſto*; porèm já com S. Jeronymo diſſemos quanto antes havia Job eſcrito delle. O jambico ſe attribue a Arquiloco; 38 mas nem neſte, nem em outros ha certeza.

35 *Caſſiodor. l.* 2. *Epiſt.* 49.
36 *Conrad. Geſner. in onomaſt. proprior. nomin. Floſcul. biſt. p.* 1. *c.* 4.
37 *Floſcul. biſt. ſupra.*
38 *Horat. in art. Poet.*

14 Quaſi trezentos annos depois de Orpheo Thracio, no ſeculo em que ſobre Iſrael reynava David, & nos ſeguintes, ſahíraõ a luz os Poetas Gregos, & aſſim com enganos buſcou Plutarco 39 em Grecia os inventores da Poeſia, Antimaco, Apollonio, Rhodio, Ariſthenes, Parthenio, Heſiodo, heroicos: Alceo, Anacreonte, & Filoxeno, lyricos; Alexis, Hermippo, Ariſtophono, Dioro, Eutiches, & Menandro, comicos: Alcimenes, Ariſtarcho, Cleophon, Euripides, & Sophocles, tragicos: Architas, & Calimaco, epigrammiſtas: Phocylides, & Theacrito,

crito, elegiacos: Simonides, Tirteo, & Xenophanes, que foraõ varios, & outros entre nòs menos conhecidos. Hypponas teve tal dizer nas ſatyras, que Bubalo, & Antenio Pintores ſe enforcáraõ, porque elle os ſatyrizou em vingança de o haverem pintado em quadros como couſa ridicula, por ſer muyto feyo.

15 De todos foy Principe Homero, naſcido no anno do Mundo tres mil trinta & nove; depois do Diluvio mil trezentos & trinta & dous; antes de *Chriſto* mil & treze, reynando Salomaõ em Judèa; 40 os que o fazem naſcido depois, rompem o verdadeyro fio de muytas hiſtorias. Sete Cidades contendèraõ ſobre qual fora ſua patria; cujos nomes compoem eſte verſo.

40 *Floſcul. hiſt. ſup. cap. 6.*

Smyrna, Rhodos, Colophon, Salami, Chios, Argos, Athenas.

41 A cauſa da primeyra parece melhor. Na *Iliada*, & *Odiſſea* naõ foy ſó fundamento da arte poetica de Ariſtoteles, mas fonte de toda a ſabedoria Grega; o que ſe lhe taxa de trazer os Deoſes em muytos banquetes, imitou o uſo daquelles tempos. Correndo terras para aprender mais, ſe lhe turbou a viſta dos olhos em Ithaca, & a perdeo em Colophon, mas conſervando ſempre a do juizo, viveo cento & quatro annos; 42 outros dizem cento & oyto; 43 & Varaõ taõ grande morreo muyto cedo.

41 *Plutarch. in vita Homer. Aul Gell l 3. cap. 11. Cicer. o. ar. pro Archit. Sanazar. l. 2. Epigram.*

42 *Floſcul. hiſt. d. cap. 5.*
43 *Textor in Officin. p. 2. tit. de Poet.*

16 Dos Gregos paſſou a Poeſia perfeyta aos Latinos, que ſó conheciaõ aquelle ſimples Rhythmo, que diſſemos ſer natural. Numa Pompilio, ſegundo Rey de Roma, mais de trezentos annos depois de Homero, ordenou os ſacrificios, 44 em que ſe cantàraõ verſos, como couſa nova. O primeyro Poeta que em Roma compoz, foy Livio Andronico, (começou por fabulas) no anno de ſua fundaçaõ quinhentos & treze, quinze, ou vinte antes da ſegunda guerra Punica; 45 taõ tarde chegaõ as letras aonde reynaõ as armas. No anno ſeguinte naſceo Ennio, 46 que em verſos mal limados deu ouro de que Virgilio confeſſava que ſe enriquecia. 47 Pouco depois, florecendo Scipiaõ na guerra, floreceo Plauto, natural de Umbria, na compoſiçaõ de Comedias com tanta eloquencia, que ſe dizia, que ſe as Muſas houveſſem de fallar Latim, fallariaõ pela bocca de Plauto.

44 *Liv. Dec. 1. l. 2.*

45 *Textor ſuprà.*

46 *Floſcul. hiſt. p. 1. cap. 8.*
47 *Sabellic. l. 2. cap. 7.*

17 Aqui paſſou Roma quaſi cem annos ſem Poeta de nome atè lograr o comico Terencio, Carthaginez de naçaõ, & dizem que eſcravo, cujo momo parecia ver os coraçoens dos que repreſentava; & outros tantos annos callou a Poeſia, atè que naſceo Virgilio em Mantua no de ſeiscentos & oytenta & tres da fundaçaõ da meſma Cidade, a oyto de Outubro, no do Mundo tres mil & novecentos & oytenta & quatro, depois do Diluvio 2327. antes do de *Chriſto* ſeſſenta & oyto, quando Marco Tullio accuſava a Verres; naſcendo o mayor Poeta, quando fallava o mayor Orador.

18 Logo com os ſeculos dos Emperadores ſuccedèraõ os

dos

dos Poetas, que creſcem na eſperança enganoſa dos Principes: com Octaviano vivco Ovidio Naſo natural de Sulmo, povo dos Pelignos em Italia, a quem o grande engenho foy ruina, como elle mandou pòr em Epitafio na ſua ſepultura; 48 & Horacio, agudo, judicioſo, claro, elegante, & cortezaõ, compoz a Arte Poetica, que temos Latina: ſeguiraõ-ſe Seneca tragico Heſpanhol de Cordova, que poz nos theatros alegre a Filoſofia; ſeu ſobrinho Lucano da meſma patria, que ajudado de ſua mulher Pola, de vinte & ſete annos deyxou verde na Pharſalia o alto de ſeu eſpirito, que as tyrannias de Nero naõ deyxáraõ madurar. Perſeo Hetruſco, que na luz encuberta das ſuas ſatyras, como Sol entre nuvens, involveo os vicios de Nero; & tambem lhe faltou a vida de vinte & nove annos, por fado das couſas grandes que duraõ pouco. Sylio Italico, naſcido em Roma de pays Heſpanhoes, que com o Poema da ſegunda guerra Punica ſe fez conhecido, celebrava cada anno o dia em que Virgilio naſcéra. Eſtacio Napolitano, cujas ſylvas parecem louros do Parnaſo, na ſua Thebaida, & imperfeyta Achilleida ſó admitte leytor ſeu ſemelhante. Marcial Aragonez, que de Roma veyo morrer na patria, havendo eſcrito com ſal, com fel, & com candor, fora louvavel, ſe fóra honeſto; mas do tempo de Domiciano que outra couſa ſe podia eſcrever? Juvenal Italiano de Aquinas, de coſtumes que o fizeraõ deſterrar, imperando o meſmo Domiciano; porque os vicios parecem mal aos meſmos que os ſeguem. Deyxo dous Catullos, Tibulo, & Auſonio, Lucrecio, & outros de que a liçaõ nos he menos familiar. Nomearey Daciano, por Luſitano de Merida, 49 de quem Gregorio Cilio 50 faz mençaõ entre os melhores Poetas, & em ſeu louvor temos epigrammas de Marcial. 51

19 Todos eſtes vivéraõ atè o anno cento do Naſcimento de *Chriſto*; & faltáraõ Poetas celebres mais de duzentos annos, atè Saõ Damaſo Portuguez de Guimaraens, 52 contado por Textor 53 entre os illuſtres Poetas, creado Papa anno de 367 honrou a Poeſia com o lugar, & com a ſantidade. Pouco depois viveo Claudiano de Alexandria, imperando Honorio, & Arcadio, taõ eminente no verſo, quam humilde nos aſſumptos. Logo a declinaçaõ do Imperio ſuſpendeo as Muſas, que vivem ſó entre proſperidades.

20 Grandes foraõ aquelles Poetas Latinos; mas ſeria ingratidaõ negar que aprendèraõ dos Gregos. Ennio ſe criou nas obras de Euchemera que traduzio: Plauto ſeguio o eſtylo de Demophilo, Philomenes, & Epicamo: Terencio parece que trasladou em Latim as Comedias de Apollodoro, & Menandro: Horacio no ſatyrico imitou a Lucilio; & o meſmo fez Perſeo: Ovidio nas Metamorphoſis ſeguio a Parthenio Chio: Eſtacio na Thebaida a Antimaco: Virgilio nas Eclogas foy imitador de Theriro: nas Georgicas, de Heſiodo: na Eneida de Parthenio, Piſandro, Apollonio Rhodio, & principalmente de

48 Hic ego, qui jacco tenero: rum luſor amorum, Ingenio perij Naſo Poeta meo.

49 *Mariana, hiſt. de Hespanha l.4.c.4.*
50 *Cilius de Poetis.*
51 *Martial.l.1.Ep.27. & 80.*
52 *Meralee l.1. cap.40. Marieta l.1.cap.15. Genebrard l.3. Vaſeus tom.1. Panuin.de Rom.Pontif. Illeſc.hiſt.Pōtif.p.1.l.2.c.6. in princip. Britto Monarch Luſitan.l.5.c.27. Vaſconcel.in deſcript.Luſit. Breviar Bracbar.& Ebor. Diſſemos largamente nas Excel. de Portug.cap.9.Excel.10.n.6.*
53 *Textor ſuprà.*

de Homero: Fulvio Urſino compoz hum grande volume dos furtos de Virgilio; furtos de que elle ſe prezava, quando reſpondia a ſeus emulos, apontandolhes os que fizera de Homero: *Que era de grandes forças tirar a maſſa da mão a Hercules*: 54 tiveraõ os Latinos o louvor de colherem mel nas flores: foy Grecia mar a que tornàraõ as aguas de Caſtalio, Libethride, & Hippocrene, donde tinhaõ ſahido.

54 Magnarum eſſe vitium Herculi clavam extorquere de manu. *Refert D. Hieron. in Prolog. ad quæſt. Gen.*

CAPITULO XXVI.

Proſegue o aſſumpto propoſto no Capitulo precedente.

1 ARruinado o Imperio Romano, & dividido entre varios Principes, teve Europa ſoccego, em que as Muſas quaſi reſuſcitàraõ, eſtendéraõ-ſe para as partes do Norte nas linguas Grega, & Latina, atè hoje com grande excellencia. Em Italia, & Heſpanha ſe empregàraõ mais nas linguas vulgares.

2 Em Italia foy o antigo Dante como o Ennio Latino, entre cujas humildades ſe achaõ gráos de ouro, O Dolce o foy na compoſiçaõ. De Petrarca Arcediago de Parma no anno de 1350. falecido no de 1374. chamado *Poeta, & Orador divino*, 1 ſe derivou a melhor doutrina; porque nos mirtos enxertou os louros: fez os amores caſtos: Laura lhe naõ impedio a laurea de Poeta Chriſtaõ. Arioſto foy Ovidio no fecundo, & mais agradavel na traça. Taſſo ſó peccou em naõ peccar; ſe alguma vez diſſimulàra as leys, fora menos ſevero: o Sabio diſſe 2 que naõ ſe deve ſer demaſiadamente juſto. Guarino, delicia das Muſas, com talento digno de Heroes repreſentou amantes: tanto artifice pedia mayor obra. Marino colheo todas as flores do Parnaſo; mas importàra à pureza que elle naõ eſcreveſſe; & aos engenhos que eſcreveſſe outra couſa. Preti he pequeno jaſmim com a ſuavidade de todas as flores. Naõ he poſſivel tratar de todos, nem decente nomear mais, porque naõ pareça eleyçaõ no que he de excellencia igual; ſómente Sanazaro naõ cabe em ſilencio, porque ſoube eſcolher aſſumpto digno de ſeu alto eſpirito.

1 *Zabarela conſil. 79. Cardinal. Tuſcan Concl. practic. lit. P. Conci. 333 n. 1. & 2.*

2 *Eccleſ. 7. 17.* Noli eſſe juſtus multum.

3 Em Heſpanha tinha a antiguidade na lingua vulgar hum rhythmo, quaſi natural, que os Portuguezes chamavaõ *Trovas*, & os Caſtelhanos Coplas; cuydo que *Trovas* ſe derivaria do verbo Francez *Trevever*, ou do Italiano, *Trovare*, que ſignificaõ achar, porque quem as fazia, achava aquelles conſoantes, ou toantes: & Coplas de *Copia*, que em Italiano he ajuntamento, por ſer aquelle rhythmo junta de toantes, & tambem ſe fazíaõ em mão Latim; Britto 3 na Monarquia Luſitana por curioſidade repetio algumas do tempo, em que os Reys de Leaõ conquiſtavaõ Heſpanha aos Mouros; outras por bem

3 *Britto Monarch. Luſit. p. 2. l. 7. cap. 6.*

galantes ſe conſervaõ manuſcritos, do tempo de Dom Affonſo Henriques, primeyro Rey de Portugal.

4 Dom Dinis, Rey ſexto deſte Reyno, ſendo moço, vivendo ainda ſeu pay Dom Affonſo Terceyro, foy o primeyro que em Heſpanha compos verſos, que merecem eſte nome; 4 mandou hum livro delles eſcrito por ſua maõ a ſeu avò Dom Affonſo X. Rey de Caſtella, que chamàraõ o Sabio; o qual eu vi na Livraria do Real Convento do Eſcurial, em folha de papel groſſo, de marca pequena, volume de tres, ou quatro dedos de alto, de letra grande Latina, bem legivel, & o que li era a noſſa *Senhora*, & outras couſas ao Divino. Seu filho Dom Pedro Conde de Barcellos, que eſcreveo o livro das geraçoens, deyxou em teſtamento o ſeu livro das *Cantigas* (aſſim lhe chama) a ElRey de Caſtella Dom Affonſo XI. ſeu ſobrinho, pelos annos mil & trezentos & cincoenta; 5 ElRey Dom Pedro ſeu neto fez tambem verſos; & do Infante Dom Pedro filho delRey Dom Joaõ I. ſe achaõ em louvor da Cidade de Lisboa, 6 jà com mais arte, com pè que chamaõ *Quebrado*, que foraõ muyto uſados. Do tempo delRey de Caſtella Dom Henrique IV. vemos impreſſas coplas de Hernando del Pulgar, no livrinho intitulado, *Vulgo*, *Revulgo*, com muyto bom eſtylo.

6 Começàraõ-ſe a compor verſos heroicos com doze ſyllabas, partindo-ſe, ou fazendo aſſento ordinariamente na ſexta, & tal vez na quinta, ſe era aguda, ou na ſeptima, ſe a palavra em que acabava era eſdruxula; chamavaõ-ſe *De arte mayor*, & tinhaõ a cadencia ſemelhante aos Herocos Gregos, & Latinos, & aos que hoje compoem os Francezes. Nelles eſcreveo Joaõ de Mena Poeta Caſtelhano, celebre no tempo dos Reys Catholicos Dom Fernando, & Dona Iſabel com muyta erudiçaõ, & artificio.

6 De cento & cincoenta annos a eſta parte, ſeguido aos Italianos, mudàraõ os Heſpanhoes aquelles verſos nos de onze ſyllabas, ou de dez, ſendo a ultima longa, & aguda, ſe bem os de dez ſe uſaõ menos, por naõ ficarem taõ cheyos; & aos Portuguezes ſe deve ſerem os primeyros, ou dos primeyros neſta mudança; 7 mas algumas vezes ſe faziaõ ſem conſoantes no fim, & ſe chamavaõ *verſos ſoltos*. Eſcreveo muytos em Caſtella o Boſcam no tempo do Emperador Carlos V. & depois em Portugal o illuſtre Poeta Jeronymo Corte-Real; 8 porèm jà ſe naõ uſaõ; porque a falta de conſoantes he falta de ſal; & aſſim galantemente Dom Luis de Gongora 9 ſe moſtrou enfaſtiado dos de Boſcam. Alguns lhes davaõ graça, pondo em boa academia do meyo do verſo conſoante do com que acabàra o verſo antecedente, como com excellencia fez Garcilaſſo de la Vega nas ſuas Eclogas.

7 No tempo do meſmo Carlos V. Garcilaſſo de la Vega, taõ cortezaõ como illuſtre, chegou a Poeſia Caſtelhana a hum ponto alto; ainda que por naõ haver couſa que ſatisfaça a todos,

4 *Mariſnos dialog dos Reys de Portug. dial. 3. c. 1.*
Faria no Epitom. das hiſt. Portug. p. 3. c. 7. n. 15.

5 *Fr. Franc. Brandaõ na Monarchia Luſit. p. 5. l. 16. c. 3. ad fin.*

6 *Refere-os Brito ſup. l. 1. c. 13.*

7 *Prova Manoel de Faria nò prolog. das divinas, & humanas flores.*

8 *Corte Real no poema do naufragio de Manoel de Souſa.*

9 *Gongora na fabula de Leandro.*
Que yo á pie quiero ver màs
Un toro ſolto en el campo,
Que en Boſcan un verſo ſuelto,
Aunque ſea en un andamio.

10 *Hernando de Huerta (mas naõ o que chamàraõ divino) nos escol. a Garcilasso.*

dos, hum seu Escoliador, 10 se atreveo a notarlhe descuydos com pouca razaõ. Jorge de Montemayor Portuguez, que metrificou naquella lingua, foy tambem dos primeyros que a illustràraõ; o mesmo fizeraõ Figueroa, & outros grandes talentos; entre os quaes Hernando de Herrera foy chamado *Divino*. No mesmo tempo, reynando em Portugal Dom Joaõ III. & nos seguintes, foraõ exaltando a Poesia Portugueza, Francisco de Sá de Miranda, que chamàraõ *Plataõ Lusitano*, pelas moralidades que a ella reduzio, Simaõ Machado, Antonio Ferreyra, Diogo Bernardes, & outros; sobre todos Luis de Camoens, insigne em todas as suas obras, particularmente nas *Lusiadas*, em que na imitaçaõ de huma só acçaõ, na honestidade della, na utilidade de sua leytura, na recreaçaõ acompanhada de erudiçaõ, & proporçaõ, (partes essenciaes do Poema heroico) venceo sinaladamente os antigos, & modernos: só lhes saõ comparaveis Homero, Virgilio, & Tasso, excedidos ainda em algũas cousas; 11 taõ louvavel no que disse, como em naõ dizer mais, atè nos peccados veniaes contentou.

11 *Prova tudo Manoel Severim de Faria na vida de Camoens.*

8 A graça do comico vio primeyro Hespanha nas comedias do Portuguez Gil Vicente, que ajudado de sua filha Paula, como Lucano de sua mulher Pola, entreteve com galantaria em estylo antigo, & naõ sem doutrina, a Corte dos Reys Dom Manoel, & Dom Joaõ III. Seguiraõ-se as de Simaõ Machado, Francisco de Sá de Miranda, Antonio, & Jorge Ferreyra, as de Camoens, & outros Authores com excellentes qualidades, que entaõ faltavaõ nas Castelhanas muyto humildes em tudo. Hoje excedem estas as de todas as naçoens, a que deu arte o insigne Lope de Vega Carpio; se outros depois viraõ mais, devem a luz áquelle Sol. He verdade que naõ observaõ as leys dos Mestres antigos, que outras naçoens fóra de Hespanha imitaõ mais, porèm aquelles Mestres as trocariaõ; se viraõ estas. Exceptua-se o *Pastor fido*, que excede a tudo.

9 Romance he Poesia propria de Hespanha, & das melhores; bem se vè nos de Dom Luis de Gongora, & nos pastorís de Francisco Rodrigues Lobo; ha poucos annos que os Italianos a querem imitar, mas naõ lhes succede com graça; nem a nòs nos seus Idilios.

10 Nomear os luzidos Poetas de nossa idade, fora numerar as Estrellas; sómẽte na Poesia Latina naõ passarey em silencio o Padre Antonio de Sousa meu Primo, Religioso da Companhia de *Jesus*, que em muy poucos dias, no anno de mil & seiscentos & dezanove, compoz aquella famosa Tragicomedia, que anda impressa, do descobrimento da India, que no Collegio de Santo Antaõ de Lisboa se representou a ElRey Dom Filippe III. de Castella; & meus dous amigos Diogo de Payva de Andrade, que no Poema *Chauleydos*, foy valente imitador de Estacio, & assim naõ he sua liçaõ vulgar; & o Padre Macedo bem conhecido em Europa toda por Poeta insigne,

& nas linguas Portugueza, & Caſtelhana, Soror Violante do Ceo, Religioſa da Ordem de Saõ Domingos no Convento da Roſa de Lisboa, que com admiravel eſpirito illuſtrou ſua patria, & acreditou o engenho das mulheres. O Author da Bibliotheca Hiſpana 12 diz, que os Portuguezes reynaõ na Poeſia.

11 Em proſa tambem ha Poeſia, dizem os que della tratão; porque hum poema conſiſte mais nas outras qualidades, que no metro; & aſſim o ſaõ os livros de cavallaria, os paſtoris, novellas, & comedias em proſa. De cavallarias he o melhor o noſſo Palmeyrim; dos paſtoris que vi, tenho por melhores os Francezes, como a *Citharea*, *Eſtela*, & outros modernos; perdoem as Arcadias de Sanazaro, & de Lope, & o noſſo Lobo, ſendo taõ excellentes. De novellas foraõ primeyros compoſitores os Italianos; Miguel de Cervantes as introduzio em Heſpanha, & nenhumas depois o igualáraõ. Venero a Argenis, Theagenes, & Clarichea. De comedias em proſa acho excellentes as Portuguezas de Jorge Ferreyra, intituladas, *Aulagraphia*, *& Euphroſina*, as quaes, mayormente a primeyra, vencem as Terencianas, em deſcobrirem, & repreſentarem ao natural o que no Mundo paſſa; viveo no tempo delRey D. Joaõ III. & principio delRey Dom Sebaſtiaõ.

12 Naõ nego que eſtas compoſiçoens militaõ na *Poeſia* tomada largamente; porèm a excellencia conſiſte no verſo pela conſonancia, locuçaõ, & comprehenſaõ de grandes conceytos em breves palavras; ſó niſto ſe verifica o furor ſoberano deſcido do Ceo. Plataõ diſſe, que a Poeſia ſem medida, & concento de rhythmo, fica huma pratica popular. 13

13 Como divinos foraõ ſempre honrados os Poetas dos juizos que conhecem a eſtimaçaõ das couſas. Sobre a gloria de qual era a patria de Homero contendéraõ ſete Cidades, como já diſſemos; 14 Eſmirna chegou a levantarlhe templo; Alexandre Magno ſó para guardar as ſuas obras eſtimou o precioſo cofre que achou entre os deſpojos de Dario; & invejava a Achilles haver ſido o Heroe da ſua Iliada; & quando tomou Thebas, mandou guardar a caſa, & familia de Pindaro. Zenodoto Efeſio teve grande lugar com o primeyro Ptolomeo Rey do Egypto, ſendo ayo de ſeus filhos. Por huma das felicidades do outro Ptolomeo Philadelpho ſeu ſucceſſor, ſe avaliou ter ſete Poetas Gregos no ſeu Paço. 15 Archelao Rey de Macedonia conſagrou ſummas honras a Euripides; & os Sicilianos, tendo prizioneyros muytos Athenienſes, davaõ liberdade aos que recitavaõ ſeus verſos. Hieron Rey de Sicilia enviou hum grande preſente a Archimelo Athenienſe em agradecimento de hum epigramma. Anazarbo, Cidade de Sicilia, levantou eſtatua a Oppiano ſeu natural. A Ennio enriqueceo Roma em vida, & honrou na morte, mandando a Scipiaõ Africano pòr a ſua eſtatua na ſepultura illuſtre da familia dos Cornelios

12 *Aur. Bibliotb. Hiſp. in verbis relatis ſupra c. 23. 25.*

13 *Plato lib. 24. dialog. Gorgiæ vel de Rhetor. poſt med.*
Si quis auferat ex tota poeſi concentum, & rhythmum, atque mentutam, aliud nequidquam præter ſermones quoſdam ſupererit? profecto ad turbam, populumque hi ſermones habentur.

14 *No cap. precedente. n. 15.*

15 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 8.*

nelios Scipioens, & pondo-se sua effigie nos lugares publicos com inscripçoens nobilissimas. A Horacio fez Octaviano Augusto notaveis favores; & a Virgilio mandou escrever no numero de seus principaes amigos: Octavia, irmã do mesmo Emperador, começando Virgilio a recitar alguns dos versos, em que no fim do livro sexto da Eneida fallava em Marcello seu filho já morto, se desmayou, & tornando em si, mandou que por cada verso dos que naõ ouvira lhe dessem dez sestercios; montaria o que lhe deu cinco mil cruzados; chegou a possuir seis mil sestercios, que importavaõ mais de duzentos & cincoenta mil cruzados, & teve huma nobre casa em Roma; quãdo entrava no theatro a recitar seus versos como era costume, o povo Romano se levantava, & lhe fazia o mesmo acatamento que ao Cesar. A Cornelio Gallo fez o mesmo Octaviano Prefecto, & Tribuno; só porque era elegante Poeta. A Estacio banqueteou, enriqueceo, & coroou Domiciano, para se acreditar; & a Sylo Italico fez Consul tres vezes. Vespasiano encheo de honras, & de dinheyro a Sylo Basa, Poeta Lyrico. Graciano deu o Consulado a Ausonio Gallo. Theodosio poz a Aurelio Prudencio nos mais sublimes postos. Carlos V. coroou a Petrarca, & a Ariosto com grandes honras. No tempo de hoje, em q̃ se faz menos estimaçaõ das artes, alcançou nossa excellente Poeta Soror Violante do Ceo, do Senhor Rey Dom Affonso VI. (exemplo unico) huma arrezoada tença.

14 Disse finalmente Marco Tullio, 16 que os antigos chamaraõ *Santos* aos Poetas, como particularmente recomendados pelos Deoses aos homens para lhe fazerem bem. O Romano Sylla, atè a hum que lhe fez muyto máos versos, deu boa soma de dinheyro, porque lhe naõ fizesse outros; 17 mas ha alguns que por nenhum preço deyxaraõ de os fazer; 18 a estes devèraõ as leys castigar: & assim Alexandre matou com fome a Chirilo, porque sendo mào Poeta, quiz cantar suas façanhas. 19 A Philoxeno meteo Dionysio Tyranno em cruel prizaõ, porque reprovou huns màos versos do mesmo Dionysio; & sendo solto por rogos de amigos, achando-se onde o Tyranno recitava outros seus versos, sahio da casa, & perguntando lhe ellè porque sahia, respondeo: *Porque he menor mal a mais cruel prizaõ, que ouvir taes versos.* 20

15 Deu o *Senhor* a Poesia ao Mundo para illustrar todas as sciencias, & faculdades, com as quaes se germana. O Apostolo Saõ Paulo allegou huma authoridade poetica para convencer os Athenienses. 21 Santo Thomàs 22 chama Poetas Theologos a Orfeo, a Museo, & a Lino; & as obras dos Santos Jeronymo, & Agostinho se vem cheas de erudiçoens poeticas. Santo Alberto Magno 23 disse, que a Poesia admirando, dá occasiaõ de filosofar, & que em quanto ás medidas pertence á Grammatica; em quanto á tençaõ, he parte da Logica. Quintiliano 24 refere, que os Sabios antigos chamàraõ à primeyra Filo-

16 *Tul. orat. pro Archia poeta.* Quasi deorum aliquo dono, atque munere cõmendati esse videantur.

17 *Eraſm l. 6. apophthegm.*

18 *Quia* stultus verba multiplicat. *Eccleſiaſt.* 10. 14.

19 *Refere Sorapan na Medicina Heſpanhola, reſ. an* 3.

20 *Bruſ. l.* 2. *c.* 1.

21 *Act* 17. 28.

22 *D. Thom. 1. methaph. lect. 4. verſ. hic oſtendit.*

23 *Albert. Magn. 1. met. tr. 2. cap.* 6.

24 *Quintilian. l.* 1. *&* 5.

Filoſofia, *Poetica*; & à primeyra Poeſia, Filoſofia, & que os livros dos Filoſofos eſtaõ illuſtrados com as ſentenças dos Poetas. Plutarco 25 (fallando das abelhas) comparou a Medicina à Poeſia, dizendo, que aſſim como os Poetas tiraõ allegoricamente da torpeza de algumas fabulas utilidades para o eſpirito, aſſim os Medicos, de venenos compoem antidotos para a ſaude. Accurcio 26 enſina, que havendo authoridades de Poetas, ſe alleguem para deciſaõ das cauſas; & aſſim as allegaõ os Juriſconſultos em muytos textos; 27 & tambem alguns do direyto Canonico, 28 como temos eſcrito em outra obra. 29 Pelo que diſſe Mattheos Gibraldis, 30 que a Juriſprudencia exorna ſeus eſtudos com Poetas, como com bellas, & ſuaviſſimas flores. A Oratoria (advertio Quintiliano 31) ſempre ſe valeo da Poeſia, ou para teſtemunho da Juſtiça, ou para ornato da eloquencia; porque alli ſe acha o eſpirito para a ſubſtancia, o ſublime para as palavras, o movimento para os affectos, o egregio para toda a acçaõ; & os animos dos ouvintes çançados com negocios, ſe alliviaõ nella. Nem hum papel, ou huma breve carta eſcreverá bem, quem naõ tocar de Poeta; naõ para imitar o meſmo eſtylo, como alguns ridiculamente fazem, ſendo o da proſa, & o do verſo muyto differentes; mas para a brevidade, & collocaçaõ; porque os Poetas eſtaõ coſtumados a eſcuſar palavras ſuperfluas, & a uſar das que ſignifiquem brevemente, para que o conceyto cayba no verſo; & tem o ouvido feyto a hum certo numero, cadencia, & toante, que os periodos da proſa requerem, & ſem iſto ficaõ deſagradaveis; donde veyo a dizer Marco Tullio 32 que muytos entendêraõ ſer a boa proſa imitaçaõ do verſo. Tambem as partes da Mathematica ſaõ familiares à Poeſia nas deſcripçoens: quam ſabiamente obſervaõ os Poetas a maquina dos Ceos com ſeus planetas, ſignos, & eſtrellas! que bem medem a terra, & confinaõ ſuas provincias! quam naturalmente deſcrevem os mares com ſuas enſeadas, ou alterados, ou quietos! na navegaçaõ, na milicia, na agricultura, atè nas artes mecanicas fallaõ com propriedade de profeſſores. A Muſica he o meſmo que a Poeſia, como fica dito no principio do Capitulo paſſado. Finalmente quanto a Poeſia conduza para a Politica, moſtra a Republica de Plataõ: concluamos referindo com Caſſaneu, 33 que os antigos ſó chamàraõ Sabios aos Poetas; diziaõ que eraõ pays, & capitaens da ſapiencia: 34 & as Cidades Gregas bem governadas faziaõ que os moços aprendeſſem primeyro que tudo a Poeſia, para nella ſe inſtruirem nos bons coſtumes, 35 ainda que por falta de vea natural naõ ſahiſſem Poetas.

16 Eſte dom de Deos taõ proveytoſo por tantas vias, devêraõ os homens empregar ſó naquellas utilidades, em recreaçaõ honeſta, & em compor louvores ao meſmo Deos, para o que he a Poeſia muyto propria, & por iſſo com hymnos o louvaõ os còros celeſtes, & a Igreja Santa os imita; 36 tem

25 *Plutarch. in mariâl.*

26 *Accurt. in gloſ. verb. Virgilius, in L. In tantum 6. §. in fin. ff. de ver. d. viſ.*

27 *D. L. In tantum § fin L. Qui venenum 136 ff. de verb ſign L. Aul facta 16. §. Eventus ff. de pœn. Princ. I. ſt de leg. Aquil. & in proœm. digeſtor.*

28 *Cap. Quemadmodum jurejur.*

29 *In tract. Perfect. Doctor. qualit. 15. n. 10.*

30 *Gibald. de method. ac rat. ſtud. l. 1. c. 20. habetur in tract. Doctor juris.*

31 *Quintilian. ſupra, & l. 10. c. 10. recapitat. verb.*

32 *Tul. ſupra.* Adeò neceſſaria ſit ne deſint qui ſolutam orationem poetices videri imitationem, argumentis aſtruere nitantur.

33 *Caſſan. in Catal glor. mund. p. 10. conſid 45.*

34 *Plat 2 de Rep.*

35 *Strab. l. 1. Horat. l 2. ep. 1. Caſſan. ſupra.*

36 Cum Angelis, &c. Hymnum gloriæ tuæ canimus *In Præf. Miſſæ.*

virtude de aplacar a ira divina, como notou Santo Agoſtinho; 37 o que os Romanos Gentios entendiaõ; 38 para este effeyto ordenàraõ que as donzellas cantaſſem pelas ruas os verſos de Livio Andronico. 39 Nisto empregáraõ as ſuas Poeſias Job, Moyſés, & David, como diſſemos; 40 & em tempos menos antigos o Papa Saõ Damaſo, noſſo Rey Dom Dinis, Sanazaro, & outros illuſtres engenhos; & neſtes noſſos annos, o Papa Urbano VIII. reformando com excellente Poeſia os hymnos do Breviario Romano. O meſmo fizeraõ grandes matronas: a famoſa Emperatriz Athanais, ou Eudoxia, dos verſos de Homero compos a vida de *Chriſto*; & a celebre Romana Falconia a compoz dos verſos de Virgilio.

17 Melhor deſempenhou eſta obrigaçaõ a Soberana *Virgem*, gloria ſumma dos Poetas, com aquella divina Poeſia da *Magnificat*, a mais agradavel a Deos. Os doutiſſimos Maldonado, & Carthagena, 41 dizem que a compoz em metro: & a meſma *Senhora* revelou a Santa Brigida, 42 que alli fallàra ſua lingua couſas naõ cuydadas, com hum fervor de eſpirito que admirára a Santa Iſabel; fervor, que o Ceo inſpirava, como diſſemos, 43 ſer proprio da Poeſia, mas com excellencia em taõ celeſtial Poeta.

18 Com tudo a natureza depravada no peccado, nem deſte bem deyxou de uſar mal muytas vezes: os jogos ſcenicos inſtituidos em Roma por medicina alegre contra huma peſte que houve, 44 ſe convertéraõ em veneno com verſos laſcivos.

19 Ha couſas que naõ ſe pòdem ler em eclogas de Virgilio: nos Metamorfoſis, & na Arte de Ovidio: em Epigrammas de Marcial: em paſſos do Orlando de Arioſto: no Adonis, Epithalamios, & varias partes do Marino. Muytos naõ ſe contentàraõ com Poeſias particulares a damas, (galantaria toleravel) mas tomàraõ por aſſumpto de obras inteyras fazerem algumas celebres no Mundo; como Virgilio a Amarillis, Ovidio a Corina, Propercio a Cinthia, Catulo a Lesbia, Petrarca a Laura, Ronſardo a Caſſandra, Maria, Aſtrea, & Helena: hum noſſo Portuguez a Sylva; do que ſó Petrarca ſe moſtrou arrependido; 45 & Ronſardo conheceo o engano. 46

20 Eſtacio, & Claudiano cantàraõ acçoens indignas; o primeyro na Thebaida os odios dos irmãos, Etheocles, & Polynices: o ſegundo o roubo de Proſerpina. Das rans, moſquitos, & outros animaes immundos eſcrevèraõ alguns engenhos, chegando eſte crime a Homero, & Virgilio; em Heſpanha temos a Moſchea, & Gatomachia, ſem que a miſtura de alguma moralidade deſculpe tal vileza.

21 Igualmente peccaõ as jacaras de ladroens, galeotes, & bayxezas ſemelhantes; & mais que todos as Satyras, Poeſia diabolica, como dizem os Santos; 47 porque noſſa danada inclinaçaõ move para o mal com mayor força que a honeſta para o bem; & a cadencia do verſo imprime na memoria, & a

deyxa

37 *D. Aug de doctr. Chriſt l. 2. cap. 40.*

38 *Horat. l. 2. p. 1.*
Carmine Dii ſuperi, placantur carmine Manes.

39 *Textor in officin. p. 2. lit. de P. et in princip.*

40 *Cap. precedent. n. 8. cum ſeqq.*

41 *Maldonad. in Luc. n. 80. Carthagen. de arcan. Deip. & Joſeph, p. 1. l. 6. hom. 9. in fin.*

42 *Revel. de S. Brigida l. 6. c. 59.*

43 *Cap. precedent. n. 2.*

44 *Floret. hiſt. p. 1. c. 7. poſt med. verſ. anno mundi 3690.*

45 *Petrarcha ſoneto 1.*
Di me medeſmo meco mi vergogno,
E del mio vaneggiar vargogna il fruto.
El pentir ſe, &c.

46 *Ronſard. ſonet. 1. d. 1.*
Il cognoiſta que l'homme ſe decoit
Quando pleind d'erreur, un aveugle il renoit,
Pour ſa conduit. un enfant, pour ſon maieſter.

47 *D. Hieron. ep. de duob. fil.*

deyxa aos vindouros; & assim he peccado sem restituiçaõ. O demonio he taõ grande poeta, como se deyxa ver naquelles versos Latinos, que se lem igualmente começando pelo fim, como pelo principio; 48 mas querendo huma vez voltar ao divino huma quintilha amorosa, a fez errada; 49 tanta he a differença de hũa à outra poesia, & assim tanto se deve reparar na materia em que se versifica.

48 Sedula petosas irrisa sorte: paludes,
Sepositi donis non sitio ditis opes.
Signa tes; signa, temere me tangis, & angis,
Roma tibi subito motibus ibit amor.

49 *Referem Luis Affonso no Cisne de Apollo.*
D. Joaõ Orbs. Bisp. de Guadix, de ver. & falsi probat. l. 2. c. 12.
Maiate na Prosop de Christ. idade 4. c. 1. § 8.

CAPITULO XXVIII.

Origem da Rhetorica, & Oratoria, para utilidade publica; & males que a malicia dos homens causa com ellas. Trata-se dos Advogados.

1 A Rhetorica, & Oratoria he huma faculdade de achar, perceber, & dizer em qualquer materia, o que pòde persuadir os ouvintes ao intento do Orador; 1 para o que naõ só usa de razoens, & de palavras, mas tambem de sons diversos na voz, & cadencia nos periodos, com que move os animos. Nisto participa os effeytos que notavamos na Musica; 2 & já com Quintiliano dissemos, 3 quanto se germana com a Poesia; & assim parece que nasceo no mesmo tempo: Isocrates 4 declarou sua antiguidade, quando disse, que por ella se differençavaõ, & aventajavaõ os homens dos brutos, & que sendonos estes superiores nas forças, ligeyreza, & outras partes, só os venciamos na arte de persuadir; os Antigos chamàraõ à Oratoria, 5 *Sapiencia.*

1 *Aristot. 1. Rhetor. c. 2.*

2 *Supra c. 23. n. 3. & 4.*
3 *Supra c. 26. n. 15.*
4 *Isocrat. in Nicocle.*

2 Fenicides Syro, em tempo delRey Cyro, ordenou a oraçaõ em prosa. Corax, & Cresias Syracusanos foraõ os primeyros, que sabemos que ao natural accrescentàraõ regras de artificio: Gorgias Leontino as cultivou em Athenas, & melhor seu discipulo Isocrates, cujo emulo se fez Aristoteles, lendo às tardes cadeyra publica de Rhetorica. Quasi no mesmo tempo foy Theodectes, & depois Hermagoras, & Hermogenes, que escreveo della. Eschino desterrado a levou dalli a Rhodas; & no tempo adiante, enfraquecendo-se os estudos em Athenas, passou o desta arte a Alexandria, aonde florecia a Filosofia com excellencia. Ultimamente se enfinou em Massilia. Cicero diz que o seu mayor ornato se deveo a Pericles Athenienfe, porque de antes se achava pobre de toda a belleza. 6 A este Pericles chamáraõ os antigos *Olympo*, porque diziaõ q̃ orando, parecia que tronava, ou fulminava; tal era a força de sua Rhetorica. 7

5 *Ompbalius de elocution. imit: ac apparat. c. 5. in print.*

6 *Hæc ex Volaterrano.*

7 *Textor in officin p. 2 tit. Orator.*

3 Consideraõ os politicos 8 grande fruto desta arte, naõ só aos particulares, mas tambem ao commum; porque com sua eloquencia emendaõ os Respublicos os costumes, louvaõ as virtudes, vituperaõ os vicios, persuadem a observancia das

8 *Apud Polianth. verbo Rhetor. P. Torres in Philos. pb. de Principes l. 6. c. 4.*
Solorzano emblema 27.

ley, á defenſa da patria, moſtraõ a verdade, conciliaõ os animos, inculcaõ as conveniencias. ElRey Agamenon para conquiſtar Troya dizia, q̃ mais queria ſete Nettores, que ſete Ayaces. ElRey Pyrrho publicava, que mais Cidades vencèra com a eloquencia de Cyneas, que com a força dos Soldados. 9 Rainha de todas as couſas lhe chamàraõ muytos, porque impera ſobre todas, aniquilando-as, ou engrandeeendo-as. Eſchines deſterrado em Rhodas, vendo que huns que liaõ a oraçaõ com que Demoſthenes o accuſára, a louvavaõ, & admiravaõ, lhes diſſe: *Que fora, ſe ouvireis a voz viva daquella féra?* 10 Cicero diſſe, que os primeyros que oráraõ, foraõ os fundadores das Cidades, & os Legisladores para moverem.. Os famoſos Capitaens uſavaõ do meſmo antes das batalhas, para excitarem o valor; & por eſtas utilidades diſſe Demetrio, que tanto podia a eloquencia na Republica, como o ferro na guerra. O doutiſſimo Biſpo Garcia Galarza nas ſuas Inſtituições Euágelicas moſtra, & exemplifica largamente, quanto eſta arte contribue á elegancia,& intelligencia da Eſcritura ſagrada. 11 De *Chriſto* Senhor noſſo diz o Euangeliſta Saõ Mattheos 12 que prègava com mageſtade; & o Proconſul Publio Lentulo em carta ao Senado Romano, eſcreveo, 13 *que era terrivel no reprehender, brando, amavel, & alegre no amoeſtar, guardando em tudo madureza*; quiz uſar o Prègador Divino dos meyos humanos para perſuadir.

4 Aſſim eraõ os Oradores muyto eſtimados. Iſocrates vendeo huma oraçaõ por vinte talentos, 14 que ſegundo Budeo, 15 eraõ doze mil eruzados. Em Roma Hortenſio ſe fez taõ rico, que pode comprar hũa pintura por oytenta mil cruzados; 16 & Marco Tullio de naſcimento pobre, chegou às mayores dignidades. No meſmo tempo foraõ muyto venerados, Servio Sulpicio, 17 Apollonio Mollon, & pouco depois o Emperador Auguſto honrou muyto a Aſinio Pollion, taõ preſumido, que taxava a Livio de mal inclinado: a Ceſar nos Commentarios de pouco verdadeyro: a Salluſtio de fallar ao antigo: a Cicero de eſtylo molle, & deſmayado. 18 De todas as naçoens houve muytos celebres, que os Eſcritores 19 nomeaõ; ainda hoje ſe faz em Caſtella grande eſtimaçaõ dos Advogados Rhetoricos, & eloquentes, porq̃ nos tribunaes de Juſtiça, como uſavaõ os Romanos, em voz viva patrocinaõ as cauſas. Os mayores homens, & Principes ſe davaõ antigamente ao eſtudo deſta arte: no famoſo Alcibiades ſe notava faltarlhe confiança para orar em publico; & Socrates lhe tirou o receyo cõ lhe advertir, que o mais numeroſo auditorio ſe compunha dos particulares, a que elle fallava confiado. 20 Em orar, & praticar foraõ celebrados Agamenon pela elegancia do eſtylo: Menelao pela artificioſa brevidade: Neſtor pela brandura com que perſuadia: Ulyſſes pela copia de palavras: Páris pelo engenho da traça: 21 Julio Ceſar pela efficacia no dizer: Auguſto pela ſuavidade: Tiberio

9 *Vide* P. *Mendoça in Viridar. l.6 orat.19. laud.Rhetor. & l.7.à principio.*

10 *D.Hieron. refert in prolog. ad Paulin.de omnib aivin.hiſt. lib. § 2. in fi.* Quid ſi ipſam audiſſent beſtiam ſua verba reſonantem?

11 *Galarza in Inſt.Euang. l.2. c.4. cum ſequent.*

12 *Matth.7.in fine.* Sicut poteſtatem habens.

13 *Refere-ſe no livro antigo chamado, Theologica Bibliotheca, & diremos na 2.ſart.c. 40.n.4.*

14 *Refert ex aliis Fr. Hector Pinto dial. 2 c 6.in 2.p.*

15 *Budeus de aſſe l.2.*

16 *Liſſemes c.22.n 10.*

17 *Refert Pompon. Juriſconſult. in L.2. §.deinde ff.de orig.jur.*

18 *Refert Text.d. tit. orat. in prine.*

19 *Cicer.de perfect. orat.Textor ſupra.Plutarch. de claris Rhetoric.*

20 *Mexia na Sylv l.2.c.44.*

21 *Cauſin.de eloquent. ſacr.l.1. c.5.*

Tiberio pela ponderaçaõ: 22 Adriano pela erudiçaõ: 23 Conſtantino pelo cuydado: 24 Graciano pela modulaçaõ da voz: 25 & noſſo Rey Dom Affonſo V. pelo bom natural. 26 Finalmente os Emperadores Leaõ, & Anthemio em hum texto de direyto civil 27 chamàraõ à voz dos Oradores, *Voz gloriosa*, pelas utilidades que cauſa.

5 Porèm a malicia as coſtuma perverter; ha Oradores engenhoſos para o mal, & como diſſe Quintiliano, 28 que mais querem ſer diſcretos, que bons; em vez de fazerem ſó demonſtraçaõ da verdade, & perſuadirem o util, daõ ao ſeu ſugeyto a apparencia que querem: authorizaõ os vicios, deſacreditaõ as virtudes, torcem as leys, embaraçaõ o juizo dos ouvintes; de modo, que ſe huma grande attençaõ naõ eſtiver ſempre vigiando, facilmente ſe acharà enganada nas cores com que a eloquencia pinta. A Rhetorica (dizia Iſocrates) 29 faz as couſas grandes, pequenas, & as pequenas grandes; laço de mel chamou Diogenes 30 à oraçaõ eſtudada, & vituperava os Oradores que fallavaõ bem, & obravaõ mal. Archidamo Lacedemonio perguntado ſe era mais poderoſo que Pericles, reſpondeo: *Eu o venci na guerra; mas elle quando falla diſto, o faz com tal facundia, que eu pareço o vencido.* Por iſſo Plutarco 31 notou, que aſſim como hum barco perigava, ſe toda a gente que hia nelle carregava a hum lado; aſſim era perigoſo na Republica orarem todos os Rhetoricos por huma parte, & que na diſcordia delles conſiſtia a ſegurança. A Ordenaçaõ deſte Reyno quer que nos lugares em que houver dous Advogados aventajados, ſe repartaõ a ambos os litigantes, & naõ advoguem por hum ſó. 32 Os Embayxadores de Achaya entre as condiçoens com que ſe ſugeytàraõ aos Romanos, metèraõ, que naõ admittiriaõ Oradores; porque viaõ qué eſtes com ſua eloquencia confundiaõ Roma; & que antes receberiaõ guarniçõeſ de Soldados, que profeſſores de tal arte, que com argumentos, & ſutilezas perturbariaõ a quietaçaõ das Cidades, enſinariaõ o povo a diſputar contra a juſtiça, & a offender as leys antigas com diſtinçoens atè entaõ ignoradas. 33

6 Taes ſaõ muytos Advogados (Oradores nas cauſas) ſendo por direyto peſſoas *egregias*, chamados, *clariſſimos*, & ſeu officio *dignidade illuſtre*, *digna de louvor*, *& gloria*; & aſſim devendo ſer (alèm de muyto doutos) ſinceros, tementes a Deos, amantes da juſtiça, deſintereſſados, & verdadeyros; a cuja caſa, como a oraculo ſagrado, vaõ conſultar os negociantes; 34 degeneraõ em cavilloſos, atrevidos, deſprezadores das leys, cubiçoſos, & patronos da falſidade, em cuja caſa ſe alimenta a injuſtiça. Saõ Bernardo ſe admira de que Deos os poſſa ſofrer; 35 os antigos lhe chamàraõ, *perturbadores*, *ſordidos*, *latrantes*, *& rabulas*: porque roem as fazendas, & os ouvidos; Apuleyo os cognominou *buitres togados*, *& ladroens nos juizos.* 36 Naõ ha taõ mà couſa (diz hum ſeu proverbio)

22 *Tacit. annal. l. 13.*
23 *Dion. Caſſan. in Hadrian.*
24 *Pompon Let. in Conſtantin.*
25 *Auſon. in gratiar. ad Gratian.*
26 *Mario dial. 4 c. 9. ad fin.*
27 *In L. advocatis 14. Cod de Advocat diverſ judic.* Qui gloriosa vocis cõfiſi munimine, laborãtium ſpem, vitam, & poſteros defendunt.
28 *Quintilian. l. 12.* Sunt qui diſerti eſſe malunt, quàm boni.
29 *Iſocrat apud Eraſm. l. 8. apophthegm.*
30 *Diogen. apud Laert. de Vit. Philoſoph. l. 6.*
31 *Plutarch. in Morali.*
32 *Ordin. l. 2. tit. 48. §. 27.*
33 *Refere o P. Lyſieux na Philoſophia Chriſt. p. 2. c. 8. no prin.*
34 *De his omnibus Garcia de nobilit. gl. 35. à n. 11. Et vide text. in L. Advocat. tit. 14. Cod. de Advoc. diverſ. judicior.*
35 *D. Bernard. in l. de Conſider.* Mitor quemadmodum aures divinæ poſſint hujuſmodi diſputationes advocatorum; & pugnas verborum audire.
Corrige Deus pravum morem, præcide linguas voniloquas, labia doloſa claude, &c.
36 *De his Gratian. diſcept. forens. tom. 1. c. 186. à n. 59.*

que hum advogado perito naõ poſſa fazer boa; 37 & he impio, & execravel; nem para defender huma couſa juſta contra cavillaçoens da parte contraria, ſe pòde uſar de mentiras para enganar o juiz; ſó ſe permitte artificioſa induſtria, que naõ chegue a falſidade. 38 Nas dilaçoens injuſtas peccaõ gravemente. Naõ vemos que o que eſtes lucràraõ ſe logre nos filhos. Grandes ruinas em que nos poz o peccado. Confeſſou Marco Tullio que duvidava ſe da eloquencia Rhetorica reſultavaõ mayores males, que utilidades. 39 De tudo o que a hiſtoria vay moſtrando introduzido no Mundo para noſſo bem, uſaõ os homens para ſeu damno.

57 Nulla cauſa adèò mala, quàm peritus advocatus non poſſit bonam facere.
Apud Gratian. ſupra.

38 *Cov 1.var.c.2.n.1. Cevallos communn.q.361. in fin. Diximus totum in noſtro tract. perfect Doct. qualit.13.n.5 verſ. Item Advocati, & qualit. 23. àn. 21. ubi latiùs.*

39 *Tul. de invẽtione l.1. in princ.*

CAPITULO XXVIII.

Principio, & augmento da ſciencia Aſtronomica, & Aſtrologica em beneficio do Mundo; & como ſe uſa mal della.

1 PRoſegue a hiſtoria ſagrada 1 que naſceo a Adam outro filho que ſe chamou *Seth*, que ſignifica, *Deume Deos outro filho em lugar de Abel, a quem matou Caim*; & bem parece ſubſtituto ſeu nas virtudes, as quaes transferio tambem a ſeus deſcendentes, que por iſto ſe chamaõ no Texto ſanto 2 *filhos de Deos*. Foy Seth Author da Aſtrologia, & Aſtronomia, como de outros excellentes inventos.

1 *Gen.4.25.*

6 *Gen 6.2.*

2 Para as ſementeyras, & outros intereſſes enſinou a neceſſidade, ou conveniencia aos primeyros homens a obſervar as mudanças dos tempos, as occaſioens da Lua, & outros curſos naturaes, que ainda hoje os lavradores, & mareantes ſem letras notaõ, & com acerto pronoſticaõ, ſó pela experiencia. Joſefo no livro das antiguidades diz, 3 que do tempo de Seth, ſe poz logo a Aſtrologia, & Aſtronomia em principios de ſciencia; & Cedreno 4 accreſcenta que jà entaõ poz nome aos ſete Planetas.

3 *Joſeph de antiq.l.1.c.3. in fin.*

4 *Cedren in compend. hiſt.*

3 O Santo Henoch, quarto neto de Seth, levantou mais aquella doutrina, conforme a Genebrardo; & Euſebio; 5 & Noè, biſneto de Henoch ſe fez ſcientiſſimo nella, & a enſinou depois do diluvio, 6 & dividio o anno em quatro eſtaçõeſ de tempo, & em doze mezes ſolares; porque os annos lunares tinhaõ atè entaõ onze dias menos. Por iſto com o nome de *Jano* (corrompido de *Jain*, que em Hebreo ſignificava vinho, 7 de que elle fora inventor 8) o fingiraõ os antigos deos do anno, & o pintavaõ ordinariamente com dous roſtos, hum para o Oriente, outro para o Occidente, indicando o principio; & fim do anno, 9 donde teve epitheto de *bifronte*; 10 ſe bem alguns o pintavaõ com quatro, 11 pelas quatro eſtaçoens do tempo

5 *Genebrard in Chron, Euſeb. de prepar. Evang.l.9 c.4.*
6 *Marute na Proſop. de Chriſt. idad.2.c.1.§.1.*
7 *Genebrard. ſuprà.*
7 *Geneſ 9.20.*
9 *Macrob Saturn.l.1.c.7. Alex ab Alex.l.1.c.14 & ibi Tiraquel.comment.*
10 *Virgil. Æneid.7.* Jamque bifrontis imago.
11 *Macrob.d.l.1.c.9.*

tempo: punhaõ-lhe huma chave na maõ com que abria hum templo significador, & delle se chamou em Latim a porta *Janua*, 12 & os gentios lhe levantáraõ templo com doze altares, correspondentes aos doze mezes. 13

4 Depois proseguiraõ muytos o estudo da Astrologia Astronomica, com Filosofia natural. Atlante agigantado Rey da Mauritania, quando nasceo Moysés, foy nella taõ sabio, que muytos o tiveraõ por primeyro Astrologo, 14 & se fabulou 15 que sustentava o Ceo sobre seus hombros, revezando aquella carga com Hercules, que tambem tiveraõ por insigne nesta sciencia. Archas filho de Orchomeno se fez nella taõ famoso, que os Arcadios (que delle tomàraõ o nome) diziaõ que eraõ mais antigos que a Lua conhecida. 16

5 Applicavaõ-se com tanta curiosidade, que Thalès hindo olhando para as Estrellas, cahio em hũa cova, & lhe disse hum criado, que bem o merecia quem olhava para o ar, & naõ para onde punha os pès. 17 Entrando o Romano Marcello por armas Çaragoça de Sicilia, & mandando que ninguem matasse o ingeniosissimo Arquimedes, (cujas maquinas a tinhaõ defendido muyto tempo 18) o achou hum Soldado traçando na area huma figura da esfera, & perguntando-lhe quem era; ou (como escrevem outros) dizendolhe que fosse com elle a Marcello; taõ embebido estava no que fazia, que naõ respondeo; & o Soldado enfadado o matou; o que Marcello sentio muyto, & lhe deu honrada sepultura. 19 Huns para melhor contemplarem as Estrellas, se subiaõ ao monte Olympo, 20 que se dizia ter a cabeça sobre a meya Regiaõ fria do ar, chegando-se ao elemento do fogo; outro esteve annos no profundo de hum poço, que achou secco, entendendo, que por aquelle rotundo via melhor as Estrellas.

6 Assim por partes se foy descobrindo mais. Palamedes, Thalès Grego, & Sulpicio Gallo Romano explicàraõ os eclipses: Cleostrato achou os signos: Pythagoras a Estrella de Venus: Endimion as qualidades da Lua; & porque sempre a contemplava, se fingio, que era sua dama: Hyparcho inventou varios instrumentos Mathematicos: Aniximandro Milesio discipulo de Thalès formou a esfera; 21 outros dizem que Arquimedes; 22 Eolo achou a sciencia dos ventos; 23 donde os Poetas o chamàraõ Deos delles. 24

7 A Sabedoria, & Omnipotencia Divina com piedosa providencia tinha creada, & disposta a maquina celeste com tal ordem que, se pudesse filosofar della; & a deu a conhecer aos homens, para bem da agricultura, & da navegaçaõ; tambem da milicia, diz Plataõ, 25 & da saude dos corpos humanos, seguindo Hyppocrates; pelo que Galeno 26 a requer nos 27 Medicos, & em muytos lugares 28 mostra que se applicou a ella; posto que os modernos 29 a naõ tenhaõ por necessaria; ella tirou a ignorancia que haveria nos eclipses, cometas, & outros

12 *Ovid. Fast. 1.*
13 *Varr. l. 5. rer. hum. Macrob. c. 9.*
14 *Plin. l. 7. c. 56. Beros. l. 3. D. Aug. de Civit Dei l. 6. c. 39. n fin.*
15 *Ovid. Metamorph. l 9.*
16 *Viana no comment. à Ovid. Metam. l. 4. n. 49. com Aphrodisco, problem. 175.*
17 *Stob. serm. 78.*
18 *Liv. dec. 4. & 5. Plutarch. in Marcel.*
19 *Mexia na Sylv. de var. liç. l. 1. c. 43.*
20 *Jul. de Castilho hist. dos Godos lib. 1. disc. 4.*
21 *Plin. l. 7 c. 56. & l. 12. c 12. Textor in officin. p 2. tit. Astrolog.*
22 *Cicer. Tuscul. 1.*
23 *Plin. suprà. Cum Natal Comite Viana in elment. ad Ovid Metam. l. 1 n. 27.*
24 *Homer. in Odiss. Virg. Æneid. 3. Ovid Metam. 1.*
25 *Plat de Rep. dial. 7. Vultur. l. 3 c. 1.*
26 *Hippocrat. L. de aere, aquis, & loc & l 1. de diet & 1. de carn. & in prognost.*
27 *Galen 1 epid. com 1. text. 1.*
28 *Idem Gal. l. 3. aph. 14. & de crisib l. 3. c. 6.*
29 *Latè Franco in Camp. Elys. q. 75.*

outros ſucceſſos naturaes, como a tinhaõ huns antigos, que quando a Lua ſe eclipſava, cuydavaõ que era effeyto de palavras veneficas que alguem lhe dizia cà da terra, & para que as naõ ouviſſem, tocavaõ muytos inſtrumentos de metal; 30 & os Godos, quando Gentios, que ouvindo trovoens, imaginavaõ que ſe fazia guerra a Jupiter, & atiravaõ ſettas para o Ceo pelo ajudarem. 31 Finalmente nos dá a cauſa porque em algumas Provincias, pela declinaçaõ da eſfera, dos equinoccios em diante ſe naõ vè o Sol em ſeis mezes do anno, & he dia continuado outros ſeis mezes; 32 que a naõ ſabermos a razaõ, tiveramos por outro aquelle Ceo.

8 Por eſta ſciencia naõ paſmàraõ os homens em caſos eſtupendos que ſe viraõ. No anno de *Chriſto* ſeiscentos ſetenta & ſeis ardeo hum Cometa tres mezes, & naõ choveo tres annos: 33 no de novecentos trinta & quatro, negou o Sol a luz por eſpaço de dous mezes, & depois delles ſe fez no Ceo huma rotura porque ſahia muyto fogo. 34 No tempo em que reynava noſſo Rey Dom Dinis, choveo em partes do Norte dez mezes continuos; 35 no anno de 1366. a 22. de Outubro appareceo no Ceo da meya noyte em diante hum movimento, em que corrèraõ as Eſtrellas de Levante para Poente; & ſendo juntas ſe dividíraõ, correndo para duas partes, & depois pareceo que muytas deſciaõ à terra, & ſe desfaziaõ em foguey ras, & o Ceo ſe moſtrava partído, o que durou grande eſpaço de tempo: 36 deſmayariaõ as gentes à viſta de taes prodigios, ſe a Aſtrologia lhes naõ deſcobrira a razaõ natural.

9 Quando ſe naõ achou cauſa em outros portentos, ficou eſta ſciencia moſtrando que eraõ aviſos do Ceo; como foy no que os Romanos viraõ, quando Annibal andava em Italia, apparecendo o Sol de ſangue, & voando pelos ares huma grande pèdra; & outras vezes em que choveo terra, & ſangue, o Sol ſe vio vermelho, & duplicado, & huma noyte pareceo claro dia. 37 Ella no anno de ſetecentos noventa & ſete, em que Irene tirou os olhos a ſeu filho Conſtantino Emperador de Conſtantinopla, moſtrou ſer prodigio eſcurecerſe o Sol por eſpaço de dezaſete dias. 38 Ella fez entender ao grande Arcopagita Dionyſio, quando *Chriſto* morreo, que eſcurecerſe o meſmo Sol, era final de que o Deos da natureza padecia, 39 porque ſuccedeo em Lua chea, (que neſta conjunçaõ era a Paſcoa dos Judeos) quando naõ pòde haver eclipſe do Sol por via natural. Ella ajudou a moſtrar em Roma, que era milagre nevar no quinto dia de Agoſto. 40 Ella enſinou a ElRey Dom Affonſo X. de Caſtella, que chamàraõ *Sabio*, que a rebelliaõ de ſeu filho Dom Sancho, & a tempeſtade que ſuccedeo a ſuas imaginaçoens temerarias, naõ era natural, com o que reconheceo ſuas culpas, & a perfeyçaõ (que negava) com que a Sabedoria Divina obrára os Ceos. 41 Ella finalmente leva ao conhecimento de Deos, como levou a Abraham, de quem Suidas

42 contra

30 *Plin. l. 2. c. 12.* Ad quod alludunt, & ſic intelliguntur.
Liv. l. 26. ab u. be cond. Plutarch. in Paul. Æmil D. Ambroſ. ad popul. ſerm. 82. D. Auguſt. de recti. Catbol. converſat. Juven. ſatyr. 6. Ovid. Met. l. 4. ubi Viana num. 27. & l. 7. ubi Viana n. 14.

31 *Mariana hiſt. Hiſp. l 5. c. 1.*

32 *Conſtitbo hiſt. dos Godos l 1. diſc 1.*
D. Diogo de Agreda nos lugar. com. de letras hum. verb Tbile.
Franciſc. Lop. de Gomara, hiſt. gener. das Indias l. 1.
Britto na Chron. de Ciſter l 1. c. 15.

33 *Horat. Scoglius Catacenſ. in Chron. ad fin. hiſt. à primord. Eccleſ. p. 2.*

34 *Brito Monarch. Luſitan. l 7. c. 20,*
Faria Epit das hiſt. Portug. p. 2. c. 8. n. 20.

35 *Faria ſupra part. 3. nas memorias do mundo no fim do cap. 7.*

36 *Duarte Nunes de Leaõ na Chronica de D. Pedro Rey de Portugal.*

37 *Liv. dec. 1. l. 3. & 10. & dec. 3. l. 4. 5. & 8.*

38 *Horat. Scoglius ſupra p. 2.*

39 *Refere o meſmo S. Dionyſ. in epiſt. Polycarp. ad fin.*

40 *Vilhegas no Flos Sanct. p. 1. feſta das Neves 5. de Agoſto Frey Diogo do Roſ. no Flos S. nct. Portug. na meſma feſta.*

41 *Marian. hiſt. Hiſp. l. 14. c 15.*

42 conta, que ſendo muyto moço, & dandoſe à Aſtrologia, obſervando o curſo, & qualidades dos ſignos, & eſtrellas, conheceo, que a magnificencia das couſas creadas naõ podia conſtar de força propria, mas tinha hum ſó Creador; porque ſe governava, & movia. Os tres Reys Magos foraõ Mathematicos, & Aſtrologos: o Naſcimento de *Chriſto* ſe lhes moſtrou em eſtrella, & ó naõ ſer natural os allumiou, como em ſeu lugar diremos. 43

10 Por ſuas utilidades he a Aſtrologia Aſtronomica excellente, & louvavel; 44 & aſſim juſtamente levantàraõ os Athenienſes eſtatua ao inſigne Beroſo. 45 O Santo Rey Ezequias foy dos mayores Aſtrologos; poz-lhe Deos o final milagroſo de ſua vida no relogio, 46 dizem Authores 47 que foy por ſe accommodar com ſeu genio. Julio Ceſar ſe empregou muyto no eſtudo 48 deſta ſciencia, & compoz livros della; & *Chriſto* Senhor noſſo approvou nas turbas o argumento que della tiravaõ para pronoſticarem os tempos. 49

11 Naõ ſe devem deſprezar ſeus pronoſticos pelo movimento dos aſtros, atè os limites que elles indicaõ naturalmente. Anaxagoras pronoſticou, que no anno ſegundo da Olympiada 78 cahiria do Sol hum penedo, & cahio junto de Egos rio de Thracia. Phericides Syro pela agua que ſe tirava de hum poço, & por argumentos dos aſtros entendeo, que haveria huma tempeſtade com grande terremoto; & ſuccedeo; & o antiquiſſimo Rey Anaco pronoſticou o diluvio de Deucalion muyto antes de ſer. 50 Porèm outros ſe infamàraõ com ditos ridiculos, como Cognon Egypcio, que eſcrevendo ſete livros com bom credito, os deſdourou com dizer a ElRey Ptolomeu, por ganhar ſua graça, que o cabello da Rainha Berenice eſtava collocado entre os Aſtros. 51

12 A malicia dos homens converte eſte bem grande, em grande mal, eſtendendo-ſe à Aſtrologia judiciaria, como ſe na inclinaçaõ dos Aſtros eſtiveſſe efficazmẽte o arbitrio humano, ou a diſpoſiçaõ divina, & ſucceſſos futuros; mal pòde alcançar o reſervado a Deos, 52 quem atè no q̃ he natural, erra muytas vezes, donde veyo o proverbio: *Quanto os Aſtronomos medem; tanto os Aſtrologos mentem.* 53 Diogenes vendo que hum Aſtrologo explicava as eſtrellas pintadas em huma taboa, & q̃ chamava algumas *errantes*, diſſe: *Naõ mintas, bom homem, que as eſtrellas naõ erraõ, mas eſtes*, apontando para os ouvintes: 54 ſó Deos por Profetas revela o que ha de vir; & tal vez condicional, & revogavelmente, como a ſubverſaõ de Ninive, o caſtigo de Acab, a morte de Ezequias. 55 O entendimento mais levantado, qual foy o de S. Agoſtinho, confeſſou, que applicando algum eſtudo á judiciaria, naõ achára mais que enganos, & aſſim a abomina. 56 Ecio Poeta diſſe, 57 que os judiciarios (pronoſticando ordinariamente felicidades aos ricos) enchem as orelhas alheas de palavras, para encherem as ſuas

42 *Suidas. verb Abraham.*

43 *Na 2. p. c. 33. n. 5.*

44 *Laèt Gabr. Pirovan. in defenſ Aſtronom.*

45 *Plin. l. 7. c. 37.*

46 *4 Reg. 20. 11. Iſai. 38 8.*

47 *Matuena Proſap. de Chriſt. idad. 4. c. 6 § 9.*

48 *Patrit de Regn. l. 2. c. 18.*

49 *Luc. 14. 54.*

50 *Eraſm. Chi. 4. cent. 1. prov. 46.*

51 *Textor d. tit. Aſtrolog.*

52 *Act. 1. 7.*

53 *Marſil Ficin. l. 4. c. 36* Quanta tùm Aſtronomi metiuntur, tantùm Aſtrologi mentiuntur.

54 *Stob. ſerm. 87.*

55 *Joan. 3. 3. Reg. 21. & l. 4. c. 20.*

56 *D. Aug. Confeſſ. l. 4 c. 3. l. 5. c. 3. & c. 6 & de Chriſt. d. 2. c. 21. & de Civ. Dei l. 5. uſque ad c. 8. & contra Academ. l. 1. c. 7.*

57 *Apud Aul. Cel. l. 14 c. 1.*

ſuas bolſas de dinheyro. Hum diſſe a Alexandre, que lhe importava fazer matar ao primeyro que encontraſſe quando ſahiſſe do Paço; mandou matar hum homem que encontrou com hum jumento; o condenado ſabendo a cauſa, allegou que o jumento hia diante rio-ſe Alexandre, & no jumento ſe executou a ſentença do Aſtrologo. 58 A hum que affirmava, que eſtando a Lua, & a cabeça do Dragaõ juntos com o Planeta Jupiter, quem pediſſe qualquer couſa, ainda que a pediſſe a Deos, a alcançaria, perguntou Ludovico Vives: *E tu, porque naõ pedes a Deos neſſa occaſiaõ que te faça rico, para que a pobreza te naõ obrigue a mentir tanto.* 59 Notouſe, 60 que o grande Rey de Napoles Dom Affonſo, a nenhum Aſtrologo deu couſa alguma, ſendo liberaliſſimo com os profeſſores de qualquer arte.

58 *Aul.Gel.ſuprà.*

59 *Ludov.Vivis in dial. Sapientis inquiſitio.*

60 *Æneas Sylv.l.4.de reb. geſt. Alphonſi Reg.*
Vide alia apud Epiſcop. Heroſc. de vera, & falſ.prophet.l.3.c.29.

13 Algumas vezes ſuccedeo o que eſtes diſſeraõ. Ao Emperador Frederico ſe pronoſticou que morreria em *Florença*; naõ quiz entrar em aquella Cidade, & morreo em *Florençuela*. A ElRey Dom Pedro de Caſtella, que morreria na *Torre da Eſtrella*; procurou ſaber ſe havia lugar deſte nome, para naõ hir a elle, naõ ſe achou; na manhã em que foy morto, ſahindo do Caſtello de Montiel, olhando para a torre da omenagem, leo hum letreyro que dizia: *Eſta es la Torre de la Eſtrella*. A Dom Alvaro de Luna, que morreria em *Cadafalſo*, tinha hum lugar aſſim chamado, nunca a elle quiz ir, & morreo em *Cadafalſo* degollado. A ElRey Dom Fernando o Catholico, que morreria em *Madrigal*; ſempre fugio de entrar em hum lugar deſte nome no Biſpado de Avila, poſto que alli tinha Freyra huma filha natural que amava muyto, & morreo em *Madrigalejo*. 61

61 *Refere eſtes pronoſticos D. Joaõ Ant.de Verano Epit.de Carlos V fol.6.verſ.*

14 Mas o cumprimento deſtes pronoſticos vemos nos que lhes daõ credito; porque Deos caſtiga por onde ſe pecca. 62 Echillo Poeta Siciliano, por ſe lhe ter pronoſticado que o materia huma couſa que lhe cahiria ſobre a cabeça, vivia ſempre no campo; & eſtando ſentado, huma Aguia deyxou cahir do alto huma tartaruga, que levava nas unhas, ſobre a ſua cabeça, que era calva, & tinha deſcuberta, tendo-a por pedra, para nella quebrar a concha da preza, & a poder comer; & a pancada o matou. 63 Naõ admira tanto (diſſe hum curioſo) 64 a deſgraça do Poeta, quanto o acerto da Aguia; quem conſiderar o ſucceſſo, entenderá que foy eſpecial caſtigo; & aſſim aquelles caſos naõ ſaõ exemplo do acerto da arte, mas da pena de quem lhe dá credito.

62 *Epiſtop Horoſcus de vera, & falſ.prophet.l.2.c.8.in princ.*

63 *Mexia na Sylv.l.1.c.19.*
D.Diogo de Agreda ſuprà; verbo, Eſchilo.
Plin.l.10.c.3.

64 *Lope de Vega, no fim de Arcadia na expoſiçaõ dos nomes, letra E.*

15 Ha tambem outras couſas para ſahirem certos os pronoſticos. Se promettem bens, animaõ a ſolicitallos: & a diligencia he mãy da boa ventura. 65 Se promettem males, deſanimaõ os fracos, com que facilmente ſe ſugeytaõ aos infortunios. Tal vez por bom diſcurſo ſe prediz o que vem a ſucceder por razoens naturaes; & tal ſe acerta acaſo, & o vulgo celebra hum deſtes acertos, & naõ ſe lembra de muytos erros. Pòde tambem haver pacto com o demonio, que diga o que já eſta

65 *Proverb.10.4.*

eſtà feyto, ſem ſe ſaber; ou o que elle determina fazer no que lhe for poſſivel,& por outras vias,de que tratañ os Doutores.66

16 Os pronoſticos ſe devem deſprezar, ſem todavia nos expormos aos màos voluntariamente, por naõ parecer tentar a Deos. O grande Antonio de Leyva, tendoſe-lhe pronoſticado que morreria em França, & ſeria ſepultado em S. Dionyſio, que elle imaginava ſeria o Moſteyro ſepultura dos Reys em París, entrou em França intrepidamente com exercito; là morreo, & foy ſepultado em S. Dionyſio; mas era huma Ermida dedicada a eſte Santo. 67 Ou foy pena de ſe meter no perigo a que dava credito, ou premio de o deſprezar; porque morreo com grande opiniaõ em ſerviço de ſua patria. A Providencia de Deos diſpoem muy tas deſtas couſas para algum fim; 68 a judiciaria per ſi nada acerta.

17 Favorino Filoſofo argumentava aſſim: 69 Os judiciarios, ou vos promettem felicidades, ou adverſidades: ſe felicidades, & faltaõ,ſois miſeravel eſperando em vaõ; ſe ſuccedem, padeceſtes na dilaçaõ da eſperança, & eſta eſperança vos tem levado a flor, & mayor goſto do ſucceſſo. Se promettem adverſidades, & mentiraõ, vos fizeſtes miſeravel, temendo ſem cauſa; ſe fallàraõ verdade, eſſe temor vos fez miſeravel antes de o ſerdes; & aſſim nunca vos convem uſar de pronoſticos ſemelhantes. Enganaõ-ſe alguns que o tem por conveniencia para prevenirem os males, & peccando apreſſaõ os que naõ viriaõ; para tudo he o melhor remedio o que inculcou o judicioſo Garcilaſſo, & bem o proſeguio Lupercio, imitando ambos a Horacio. 70 Viver bem, & qualquer ſucceſſo naõ prejudicarà. Chriſtãmente o tirou da doutrina do verdadeyro Meſtre, 71 que manda vigiar ſempre.

18 Por eſtas razoens em proveyto noſſo a Ley Divina, & Conſtituiçoens canonicas, & civis prohibem a Aſtrologia judiciaria. 72 & ſó com o lume da razaõ a prohibiaõ as leys dos Gentios prudentes. Em Alexandria ſe naõ admittiaõ ſeus profeſſores, ſenaõ com certo tributo, que era final de infamia, & chamava-ſe *Blacenomino*, que ſignificava eſtulticia, porque o pagavaõ do dinheyro que neſcios lhes davaõ. 73 De Roma foraõ por vezes deſterrados. 74 Tacito 75 lhe chamou ſciencia infiel aos poderoſos; falſa aos que nella eſperaõ, prohibida ſempre, & nunca deyxada em Roma. Muytos Authores 76 trataõ de ſeus enganos, & nada acaba de deſenganar aos homens cegos pelo peccado. O que os Aſtrologos pòdem pronoſticar, he, que haverà doenças, frios, tempeſtades, chuvas, ſecuras, terremotos, eſterilidade: ou abundancia de frutos, & ſemelhantes effeytos naturaes, debayxo da diſpoſiçaõ Divina; & os judiciarios pelo conhecimento dos Aſtros em que alguem foy concebido, & naſcido, lhe pòdem pronoſticar boa, ou mà ſaude, breve, ou larga vida, feliz fortuna em fazenda, & honras: que ſerà pacifico, ou litigioſo, & outras couſas deſta qualidade

66 *Magiſter Sentent. l. 2 diſt. 7. §. 4. & 5. Epiſcopus Horoſcus de vera, & falſa prophet. l. 1 c. 14. Carthag de arcan. Deip. & Joſeph, l. 15. hom. 6 §. 8. Navarr. in c. nov. d. jud c. in prine. notab. 2. n. 25. & ſeqq. D. Thom. 1. p. q. 115 art. 4 & opuſc. 25. c. 4.*

67 *Illeſcas na hiſt. Pontif. p. 2. d. 6. c. 27. da vida de Paul. III. §. 3.*

68 *Adverte Carthagena ſuprà.*

69 *Apud Gel ſuprà. Crinit. l. 8. de honeſt diſcipl.*

70 *Garcilaſſo, na elegia ao Duque de Alva.*

Mas ſe toda la machina del Cielo
Con eſpantable ſon, y con ruido
Hecha pedaços ſe viniere al ſuelo,
Deve ſer aterrado, y oprimido
Del grave peſo, y de la gran ruina,
Primero q̃ eſpantado, y cõmovido.

Bartholomeu Leonardo Lupercio, ſonet. 2. em fol. 331.

Vive tu a la razon, y a la juſticia,
Y caygan totos los celeſtes orbes,
Que no los temeràs quãdo cayeren.

Horat. Ode 3. l. 3.

Non ſi fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ

71 *Matth. 25. 13. Marc. 23. 33.*

72 *Levit. 19. 11. Quem locum, & aliũ de judiciariis intelligit Carthag. de arcan. Deip. l. 11. hom. 6. § 1. Jus canonicum cauſ. 26. q. 2. 3. & 4. per tot. Concil. Bracbar. 1. c. 9. & 10. Concil. Tolet. 2. can. 11. Jus civile per tot. tit. C. de maleſic. & Mathemat.*

73 *Ex Suida refert Horoſc. de ver. & falſ. proph. l. 2. c. 19.*

74 *Tacit. annal. l. 2. 12. & 18. Dion Caſſius l. 49.*

75 *Tacit. hiſt. l. 1.* Genus hominum potentibus infidum, ſperantibus fallax, quod *Romæ*, & vetabitur ſemper, & retinebitur.

76 *Cel. Rhodigin. antiq. lect. l. 12. cap. 11. Valeſ. in ſacra Philoſoph. c. 3.*

lidade, mas tudo em geral, dizendo que serà pela mayor parte; & nada em particular, ou com certeza; porque os astros contèm só disposiçaõ, & inclinaçaõ no appetite sensitivo, que he potencia corporal em orgaõ corporeo; mas sempre sugeyto ao livre alvedrio; que pòde frustrar aquellas disposiçoens. 77

19 Ainda na Astronomia permittida, & louvavel excedem os homens ridiculamente. S. Paulo 78 reprehendia os Galatas de observadores dos dias; mezes, annos, & tempos; & hoje (nota hum curioso Escritor 79) chegaõ alguns a reparar nas horas para vestir novo, para comprar, vender, porse a caminho: até para contar dinheyro, (mayor ignorancia, se he para o receber, & para cortar as unhas.) Tudo erros nascidos do peccado, como acima 80 propuzemos.

20 Ha outra ignorancia em usar de sortes: he fóra do fio de nossa historia, em que só se offerece o fallar da Astrologia; pòdem-se ver os Authores que tratàõ dellas. 81 Outro modo de adivinhar se chama, *por gasto*; 82 saõ cousas indignas de se escreverem. 83

77 *Ita latè Carthagen. de arc. Deip. l 11 hom.6.§ 9 cum D. Thom. unde distichon:*
Nos elementa movent: elementa regunt ur ab astris;
Astra Deo parèt; ultima causa Deus.

78 *D Paul. ad Galat.4.10.*

79 *Franc. in Camp. Elys q.75. n.21.*

Vide Aug. de Civ. Dei l.5.c.7.

80 *Suprà c.18.n.3.*

81 *D. Thom.2.2.q 95 art.art.8. Novissimè Henric. Engelgrave in Cal. Empyr. in fest. S. Mathiæ §.1.*

82 *Marian. hist. Hespanh. l.4.c. 19.*

83 *Vide plura de sortilegiis, & aliis divinat. in jure Canonic. per tot. caus. 26. & Episc. Hostiens. de vera, & falsa prophet. l.2.c.6. cum seqq.*

CAPITULO XXIX.

Como se inventàraõ as letras; suas differenças; modos de escrever, & em que se escrevia; sua utilidade, & como a malicia dos homens usa mal dellas.

1 DIz Suidas 1 Author grave, que Seth, de quem tratàmos no capitulo passado, filho de Adam, inventou as letras Hebraicas; Josefo refere 2 que seus descendentes vivendo em virtude, & inventando assim a Astronomia, como outras excellẽtes cousas, & sabendo por profecias de Adam que haveria no Mundo hum estrago em que tudo pereceria; levantàraõ duas columnas, huma de ladrilho, outra de pedra, em que escrevèraõ noticias do que inventàraõ, para que se conservassem aos vindouros; & q̃ em seu tempo (que foy pelos annos quarenta do Nascimento de *Christo*) se dizia que a de pedra durava ainda em Syria. Porèm Genebrardo, a quem segue Cedreno, 3 especifica que o mesmo Seth, & seu filho Enós levantàraõ aquellas columnas; taõ antigas saõ as letras.

2 De entaõ atè hoje se continuáraõ sem intermissaõ. Plinio 4 refere, q̃ em Babylonia se achàraõ huns ladrilhos com letras, que segundo o tempo q̃ aponta, levavaõ de antiguidade a Nino mais de setecentos annos, que vinha a ser mais de trezentos antes do diluvio. Jorge Veneto escreve, 5 que Aglaes, grande Magico antes do diluvio, deyxou escritos em pedras, & em práchas de metal documentos daquella arte diabolica. Finalmente he certo, que o Santo Henoc (o qual no anno do mundo 987. antes do diluvio 669. foy passado ao Paraiso Terreal 6) deyxou escrito aquelle livro de que fallaremos no capitulo seguinte.

1 *Suidas, verb. Seth.*

2 *Joseph de antiq. l.1.c.3 in fine.*

3 *Genebrard. in chronograph. l 1. Cedren. in com. hist.*

4 *Plin. l 7. cap. 56.*

5 *Venetus tom.1. probl lect.2.*

6 *Genes 5.24. Supra c.3.n.3. & diremos na 2.p.c. 12.n.7.*

3 Noè, & ſeus filhos paſſáraõ as letras depois do diluvio a eſte Mundo reformado. Affirma-ſe que o meſmo Noè poz muytas couſas por eſcrito, eſpecialmente em livros rituaes. 7 Achaõ-ſe os vaticinios q̃ eſcreveo a Sibylla Chaldea ſua nora. 8 Beroſo 9 diz, que logo hum anno depois do diluvio ſe começou em Chaldea a eſcrever hiſtoria que ſuccedia. Pelos annos cento & cincoenta veyo Tubal, filho de Japhet, & neto de Noè, povoar Heſpanha, & lhe deu leys eſcritas, de que jà fallámos. 10 O Santo Job, que viveo pelos annos ſetecentos & quarenta, deyxou eſcritos ſeus trabalhos, como tambem no ſeguinte capitulo diremos; & na ſahida do Egypto, que foy pelos annos de oytocentos oytenta & oyto, deu o *Senhor* Ley eſcrita aos Hebreos. 11

4 Com menos noticias attribuíraõ Eſcritores antigos 12 a invençaõ das letras, huns aos Phenices, outros aos Aſſyrios, & Babylonios; & alguns diſſeraõ que Cadmo inventára dezaſeis, Palamedes quatro na guerra Troyana; outras quatro Simonides Medico; & outros lhes aſſináraõ outras origens. Os que menos erràraõ, foraõ os que fizeraõ Authores dellas aos Egypcios, aprendendo as de Mercurio Trimegiſtro, chamando aſſim a Moyſés, como entende Eupolemo, Author Grego. 13

5 No principio foraõ letras hieroglificos, que ſignificavaõ toda huma palavra, & alguns todo hum conceyto, & pela mayor parte eraõ figuras de animaes, dos quaes fez hum livro Horapollo, Eſcritor Grego, que Bernardino Trebacio traduzio em Latim; & Pedro Mexia na Sylva de varia liçaõ aponta, & declara alguns. 14 Deſte modo eſtavaõ eſcritas as columnas de Seth, & Enòs, 15 de que acima tratàmos. Ainda muyto depois do diluvio os uſáraõ os Egypcios. 16

6 Os antigos Romanos ſe ſerviaõ de prègos, ou cravos de metal, que lhes ſerviaõ de letras, como entre nòs as figuras de algariſmo, para ſignificarem o numero dos annos; 17 pregando cada anno hum na porta do Templo, ou edificio, de que queriaõ que ſe ſoubeſſe a antiguidade; coſtume que tomáraõ dos Vulſinos. 18 E pòde ſer que a ſervirem os cravos de letras alludiſſem a Iſaías quando em nome de *Chriſto* diſſe: *Em minhas mãos te eſcrevi*; 19 & Jeremias, dizendo que o peccado de Judá eſtava eſcrito na ſua maõ com ferro. 20

7 Os caracteres de letras começáraõ em menor numero: a neceſſidade os foy accreſcentando, & ficàraõ differentes entre varias naçoens: os Ethiopes tinhaõ ſós ſete, & cada huma tinha quatro ſignificados, 21 com que eſcuſavaõ mais; os Hebreos, Syrios, & Chaldeos tinhaõ vinte & duas; 22 os Latinos tiveraõ ſó quinze, depois chegàraõ a vinte & tres, tomáraõ dos Gregos mais o Y; o Emperador Claudio accreſcentou mais tres letras; mas uſáraõ-ſe em ſua vida ſómente. 23

8 Tambem a figura em varias partes foy, & he differente; & ainda entre huma meſma naçaõ ſe mudou por alguma mudan-

7 *Beroſ.l.1.de ſtor.Chald. Pineda na Monarch Ecc.p.1.l.1.c. 14.§.4.*
8 *Diſſemes ſup.c.25.n.6.*
9 *Beroſ d.l.1.*
10 *Sup.c.11.n.5. & c.25.n.7.*
11 *Exod.25.cum ſeqq.*
12 *Tratão diſto Plin.l.7.c.56. Tac.annal.l.11.poſt princip. Alex.ab Alex.Gen.l.2.c.30. Herodot.l.5. Diodor.Sicul.l.6.c.18. Apollon.Tyan.in vit Apollon.l.4. Euſeb.de præpar.Euang.l.10.c.7. Georg Valla Place.l.1.51.de expet: Pineda ſuprà. P.Mexia na Sylva l.3.c.1. Pereyra in Gen.in præf.n.4.*
13 *Eupolem apud Via.n.no prologo à traducçaõ, & cõmenta Ovid. Metam.*
14 *Mexia na Sylva l.1.c.3.*
15 *Zonaras annal.t.de ti. Hierog. Franc.in Camp.Elyſ.q.3 n.2.*
16 *Tacit.ſuprà.*
17 *Liv.dec.1.l.7.in fine.*
18 *Alex.ab Alex. Genial. l.1. c.6.ad med.*
19 *Iſai.49.16.* In manibus meis deſcripſi te.
20 *Jerem.17.1.* Peccatum Juda ſcriptum eſt ſtylo ferreo in ungue adamantino. *Ungue, id eſt,* manu *per ſynecdochen, pars pro toto.*
21 *Alex.ab Alex.ſupra.*
22 *D.Hieron.in prolog.ad lib: Reg.*
23 *Tacit.ſupra.*

mudança de dominio, ou de ſucceſſos, como entre os Hebreos moſtra Saõ Jeronymo; 24 & Plinio, & Tacito dizem, 25 que a letra Grega antiga era quaſi da meſma fórma que a Latina; depois ſe diverſificou tanto. Em Heſpanha, & no mais que os Romanos domináraõ, ſe introduzio a Latina, & depois a Gotica, pelo dominio dos Godos, a qual de duzentos annos a eſta parte ſe foy deyxando, & ſe tornou á Latina, de que em toda Europa uſaõ hoje os doutos. O vulgo em muytas Provincias uſa de quaſi tanta diverſidade de letras, quantas ſaõ as linguas. Em Portugal ainda os Eſcrivaens publicos uſaõ nos proceſſos da letra que chamaõ *fazenda*, que ſe devèra extinguir por barbara. Em Caſtella na Livraria do Real Convento do Eſcurial vi, & venerey hum tomo das obras de Santo Agoſtinho, que andaõ impreſſas, eſcrito originalmente de ſua maõ; letra Latina groſſa, (que chamamos *ferral*) redonda, & muyto bem formada.

9 Na ſignificaçaõ dos caracteres tambem ha diverſidades; muytas naçoens naõ eſcrevem as palavras com muytas letras, como fazemos em Europa, mas cada huma das ſuas ſignifica huma palavra, & tal vez hum conceyto, como hieroglifico. Entre os Hebreos a voz, & nome de cada letra, tem ſignificaçaõ de alguma couſa. A primeyra que chamaõ *Aleph*, ſignifica *diſciplina*: a ſegunda *Beth*, ſe interpreta *caſa*: outra que he *Ghimel*, ſignifica *abundancia*: outra q̃ he *Daleth*, tem ſignificaçaõ de *taboas, ou livros*; & aſſim as mais. 26 Os Romanos tinhaõ certos ſinaes, principalmente para os Notarios, porque brevemente comprehendiaõ o ſentido de muytas letras; 27 Maſſalla eſcreveo hum livro ſobre cada huma.

10 A meſma variedade ha no modo de eſcrever. Os Ethiopes naõ faziaõ as regras de lado a lado, mas de ſima para bayxo; o que os Gregos chamaõ *Tæpocon*. Os Egypcios as começavaõ do lado direyto para o eſquerdo, ſendo o principio da ſua regra na parte aonde a noſſa faz o fim, & deſta maneyra liaõ; 28 o que ainda hoje fazem os Arabigos, & outros; & aſſim vi eſcrever alguns Mouros de Berberia. Hum Francez Eccleſiaſtico, grave, & doutiſſimo, que lia, & entendia Hebreo, Syriaco, & outras linguas pouco verſadas entre nòs, & tinha nellas muytos livros, me moſtrou que os Syriacos fazem o meſmo, & quando lem hum livro, começaõ do fim delle, & vaõ folheando ao revez atè o principio. Diziame que diziaõ elles, & com algũa razaõ, que os olhos naturalmente podm a viſta primeyro na parte do papel que nos fica á maõ direyta; pelo que era mais natural começar a ler dalli.

12 Dizem que primeyro ſe eſcreveo em folhas de palma; 29 & della ficou chamar-ſe *folha* o em que eſcrevemos. Depois, do interior da cortiça de algũas arvores que facilmente a deſpedem, ſe tiravaõ humas teas futis, em que ſe eſcrevia; porque eſtas em Latim ſe chamaõ *liber*, ficou eſte nome aos livros.

30 Tam-

24 *D. Hieron. ſuprà. Bellarmin. in inſt. ling. Hebraic. Britto na Monarch. Luſit. p. 1. l. 2. tit. 3. aonde traz as figuras differentes.*

25 *Plin. l. 7. c. 58. Tacit. ſuprà.*

26 *D. Hieron. tom. 2. Epiſt. in Epiſt. ad Paul. de interpret. Alphabet. Euſeb. de prep. Euang. l. 10. Mexia ſup. l. 3. c. 1.*

27 *Alex. ab Alex. c. 30. ad fin. l. 2.*

28 *Idem Alex. ſupra.*

29 *Plin. l. 13. c. 11.*

30 Tambem ſe eſcreveo em pannos de linho, concertados com certas confeyçoens, & em tudo ſe eſcrevia, naõ com pennas, mas com cannas cortadas para iſto. Mais adiante ſe eſcreveo em taboas enceradas, muyto lizas, nas quaes ſe formavaõ as letras com pontas muyto delgadas, chamadas, *eſtylos*, de que faz mençaõ Job; 31 (& de que eſcrevia em laminas de chumbo) donde ſe derivou dizerſe do que eſcreve elegante, que *tem bom eſtylo*. Andando o tempo, ſe tiráraõ ſubtilmente com huma agulha as feveras de hum junco chamado *papyro*, que ſe cria em Egygto, junto do Nilo, 32 & em Syria junto do Euphrates; & com farinha, & outras couſas ſe formava delles hum genero de papel; já eſte ſe uſava quando Numa Pompilio reynava em Roma, como ſe moſtrou de livros que ſe acháraõ entre ſeus oſſos na ſua ſepultura. O nome deſte junco *papyro* ficou em Latim ao papel; que ultimamente ſe inventou de panno de linho pizado dentro da agua, atè ſe fazer polme, que tomado em hum vaſo como joeyra, da grandeza que querem a folha, alli ſe eſtende por ſi natural, & admiravelmente, na groſſura neceſſaria, & eſpremido em imprenſa, & depois enxuto ao ar, fica ſendo papel: nas partes da Aſia, onde naõ ha linho, o imitaõ com algodaõ. Tambem o em que ſe eſcreve, ſe chama *Charta*, de huma Cidade aſſim chamada perto de Tyro, donde viria alguma boa materia das acima ditas.

12 Coſtumava-ſe eſcrever ſó de huma parte do papel, ſem eſcrever na pagina das coſtas delle, mas paſſando da primeyra pagina à outra folha; como hoje fazem muytos em França eſcrevendo cartas miſſivas; & he conveniente, porque muytas vezes a tinta que repaſſa o papel, eſcurece as letras. Prova-ſe eſte coſtume de hum texto de Ulpiano, 33 no qual pelas eſcrupuloſas formalidades que ſe obſervavaõ nos teſtamentos; ſe perguntou ſe ſeria valido o q̃ ſe eſcreveſſe em folha eſcrita de ambas as partes, que iſſo ſignifica a palavra *Opiſtographus*, de que trata, 34 como *Syngrapha*, o papel eſcrito ſó de huma parte; 35 fazia duvida ſer o coſtume em contrario; mas o Juriſconſulto reſpondeo que valia.

13 As eſcrituras publicas ſe faziaõ antigamente em paſtas de chumbo delgadas, depois em pergaminho; dizem que tomou o nome de Pergamo Cidade de Aſia, aonde ſe inventou reynando nella Eumenes; 36 porèm vè ſe ſer invençaõ alguns annos mais antiga; de que quando Eleazar enviou a Ptolomeu a Ecritura Sagrada com os ſetenta & dous Interpretes, (poſto que era quaſi no meſmo tempo de Eumenes) hia jà eſcrita em pergaminho com letras douradas, ſegundo conta Joſepho; 37 ainda hoje em todas as partes de Europa os titulos de couſas grandes ſe eſcrevem em pergaminhos. Nos principios do Reyno de Portugal ſe davaõ os foraes, & privilegios às Villas, & Cidades em huma tira feyta delles, taõ comprida, que em huma, ou duas regras coubeſſe tudo o que ſe queria eſcrever;

30 *Calepin. verbo, Liber.*

31 *Tob. 19. 21.* Ut exarentur in libro ſtylo ferreo, & plumbi lamina

32 *Vide Ovid. Metam. l. 15.* Perque papyriferi ſeptem flua flumina Nili.

33 *L. Charta 4. ff. de bonor. poſſ ſecund. tab.*

34 *Calep. verbo, Opiſtographus. Alex. ab Alex. d. c. 30. in princ. Quidquid dicat gloſ in d. c. 1. chart.*

35 *Alex. ab Alex. d. c. 30. poſt princ.*

36 *Iidem ibi ante med.*

37 *Joſeph de antiq. l. 12. c. 2. poſt princ.*

& ſe guardava enrolada; chamava-ſe, *eſcrever em bandeyra*, depois ſe prohibio.

14 Cicero, & Plinio 38 referem que houve hum homem chamado Eſtrabon, de taõ excellente maõ no eſcrever, & de taõ aguda viſta, que eſcreveo a Iliada de Homero (que he hum largo livro em pergaminho) que coube no vaõ de huma noz: caya a fé diſto ſobre ſeus Authores. Dizem que eſte homem via a diſtancia de cento & trinta & cinco mil paſſos; & (por authoridade de Marco Varro) que na guerra Punica, do Lilibeo promontorio de Sicilia via a Armada, que ſahia do Porto de Carthagena de Levante, & contava o numero das nàos.

38 *Cicer. 4. Academ. Plin. l. 7. c 21.*

15 Divina, & utiliſſima foy a invençaõ das letras; porque ſendo ſós vinte & tres; ſe fazem com ellas taõ largos diſcurſos, tantos livros, & ſe explicaõ todos os penſamẽtos ſó com variar, & miſturar humas meſmas differentemente: nellas ſe falla com ſilencio: fazem os auſentes preſentes: triunfando dos tempos, conſervaõ os exemplos paſſados, & eternizaõ as acçoens illuſtres, as quaes ſem eſſe beneficio eſtariaõ ſepultadas com ſeus Authores. Os Athenienſes guardáraõ com grande cuydado muyto mais de mil annos a nào dos Argonautas para memoria daquella primeyra acçaõ nautica: & com tudo a conſumíraõ as idades, poſto que a hiaõ reformando; ſó as letras a pudèraõ livrar do eſquecimento. Atè aos ſurdos fazem converſaveis. Vemos que com muytos ſe falla pela maõ, formando com os dedos as letras; & de noyte às eſcuras percebem alguns o que ſe lhes eſcrevem nas palmas das mãos, ou nas coſtas, & mais he poderem eſcrever os cegos de naſcimento. Eraſmo 39 conta, que alguns aprendèraõ, lavrando-ſe em huma taboa de marfim, ou metal, as letras do A, B, C, & trazendoſe-lhes à maõ muytas vezes com hũ ponteyro muyto delgado, por aquellas cavaduras, chegáraõ com attençaõ a pòr na memoria aquella imagem das letras, & a maõ jà coſtumada a eſcrevia com alguns erros, & emendando-ſe, vieraõ finalmente a eſcrever com acerto.

39 *Apud Mexia, Sylva de var. liç. l. 3. c. 2. no fim.*

16 Mas tambem das letras uſou mal a malicia. Em quantas cartas ſe uſa dellas para máos fins? Acima diſſemos, 40 que já antes do diluvio ſe ſervio dellas o Magico Aglaes para perpetuar aquella arte diabolica; atè aos banquetes, que chamavaõ *Amatorios*, (de que em outra parte diremos 41) ſe eſtendeo o mal. O mayor ſe executa nos livros, de que tratamos no ſeguinte capitulo, por naõ fazer mais largo o preſente.

40 *Neſte cap. n. 2.*

41 *Abayxo cap. 39 n. 9.*

CAPITULO XXX.

Como ſe introduziraõ os livros; quaes foraõ os primeyros; & as primeyras, & mayores livrarias; como ſe inventou a Impreſſaõ; utilidades de tudo; como a malicia as perverte. Moſtra-ſe nos livros hiſtoricos.

1 DA muyta eſcritura, que naõ cabia em hũa ſó folha; ſe ajuntàraõ muytas, atè fazerem volume, que de qualquer materia que foſſem as folhas, ſe chamou *livro*, como reſpondeo Ulpiano, 1 tomando largamente o nome da interior cortiça das arvores, que em Latim ſe chama *liber*, 2 em que algum tempo ſe coſtumou eſcrever, como fica dito. 3

2 O primeyro livro 4 de que temos noticia eſcreveo Henoch Santo, quinto neto de Adam, ſeiscentos & ſetenta annos antes do diluvio; do qual cita huma profecia, referindo ſuas palavras o Apoſtolo S. Judas Thaddeo na ſua Epiſtola Canonica. 5 Dizem Tertulliano, & o Veneravel Beda, 6 que havendo-o Noè conſervado no diluvio, o conſumiraõ os Judeos; Origenes 7 o allega com duvida, porque no ſeu tempo ſe havia reformado com miſturas apocrifas. 8

3 Depois do diluvio ſeria o primeyro o da hiſtoria que Beroſo 9 diz, que ſe começou a eſcrever em Chaldea logo paſſado hum anno.

4 Mas o primeyro que temos de fé, foy o de Job, que alguns diſſeraõ 10 que Moyſés eſcrevèra no Egypto, para exemplo de paciencia aos Hebreos affligidos, & que para os aliviar, o compuzera em colloquios de varias peſſoas, & grande parte em verſo, em tres linguas, Hebrea, Arabiga, & Syriaca, como S. Jeronymo 11 diz que o achou; porèm o Santo Doutor o attribue ao meſmo Job; & Origenes diz, que Moyſés naõ fez mais que illuſtrallo com traducçoens, & outras couſas; viveo Job pelos annos ſetecentos & quarenta depois do Diluvio.

5 Seguio-ſe a hiſtoria do Geneſis, & o mais que ſe continùa atè o capitulo trigeſimoquarto do Deuteronomio, atè onde eſcreveo Moyſés, 12 & dalli em diante proſeguíraõ Joſuè, & outros Eſcritores Santos.

6 Depois ſe eſcreveo tanto, que ſó Galeno eſcreveo cento & trinta volumes: Servio Sulpicio Juriſconſulto cento, & oytenta: Theofraſto trezentos: Chriſippo ſetecentos: Ariſtarcho fez commentarios ſobre mil livros: Salamaõ (ſegundo Genebrardo) 13 compoz oyto mil; parece que por livros entende o que refere a Eſcritura ſagrada; 14 que as ſuas parabolas foraõ tres mil, & os verſos cinco mil. Mas aquelles volumes, & livros naõ eraõ da grandeza dos que hoje aſſim chamamos;

1 *In L. Librerũ §. 2 ff. de legat. 3.*
2 *Calepin. verb. Liber. Alex. ab Alex. Gen. dier. l. 2. c. 30. poſt princip.*
3 *No cap. precedente n. 11.*
4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 23. Scripſiſſe nonnulla divina Henoch illum ſeptimum ab Adamo, negare non poſſumus. Perer. in Gen. l. 7. à n. 156. in q. 6. Tertul. de idolatr. & pudicit. & de cult. virg.*
5 *Epiſt. S. Jud. Thaddei n. 14.*
6 *Tertul. L. de habit. mulier. Beda in d. Epiſt. Jud. Thad.*
7 *Orig. in Joan. cap. 1. tom. 8. ad verba, Hæc in Bethania: ante med. & hom. ultim. ſuper lib. Num.*
8 *Innuit D. Aug. ſup. Notat Matute proſap. de Chriſt. ibid. l. 1 c. 6. §. 2.*
9 *Diſſemos no c. precedente n. 3.*
10 *Refert Matute d. c. 6. §. 3. ex Ant. Beuter. in annot.*
11 *D. Hieron. in prolog. Cogor's ad lib. Job.*
12 *Matute d. §. 3.*
13 *Genebrard. in Chron. l. 1.*
14 *3. Reg. 4 32.*

mamos; eraõ tratados como os noſſos capitulos; aſſim o vemos nos primeyros livros de Plataõ, nas obras de Origenes, de Saõ Joaõ Chryſoſtomo, & de outros Padres antigos; ou eraõ livros pequenos de tres ou quatro capitulos, como o de Ruth, & outros na ſanta Biblia; cuydo que nenhum dos antigos eſcreveõ tanto como Santo Agoſtinho, Santo Thomàs, o Abulenſe, Toſtado, o Padre Soares, Bartholo, & outros modernos.

7 O primeyro que ajuntou livraria, foy Piſiſtrato Tyranno de Athenas. 15 Depois a ajuntou mais numeroſa, & celebre Ariſtoteles. 16 A mayor foy a de Ptolomeu Philadelfo Rey do Egypto em Alexandria. Joſefo 17 diz, que tinha ella duzentos mil volumes, & que Demetrio Phalerio ſeu prefecto dizia a ElRey, que brevemente teria quinhentos mil; outros affirmaõ 18 que tinha ſetecentos mil. Poz nella a ſagrada Eſcritura, que a ſua petiçaõ lhe inviou Eleazar Summo Sacerdote, com os ſetenta & dous Interpretes, que ſeparados traduzíraõ a mayor parte em Grego, uniformes milagroſamente. 19 Para alcançar aquelle favor tinha ElRey dado liberdade a cento & vinte mil Hebreos, que por varios caſos haviaõ ido cativos a ſeu Reyno, & fez ao Summo Sacerdote grandes preſentes, & aos Interpretes eſplendido tratamento, como diz Joſefo. Foraõ prefectos daquella livraria o Poeta Calimacho Cyrineo, 20 de quem faz mençaõ Ovidio, 21 chamando-lhe *Bartiado*, por ſer filho de Barto; & o douto, & eloquente Demetrio Phalerio, 22 a quem os Athenienſes levantàraõ trezentas & ſeſſenta eſtatuas, 23 & derribando-as depois diſſe elle: *As eſtatuas derribàraõ, mas naõ as virtudes, porque mas tinhaõ levantado.* 24 Os Soldados de Julio Ceſar queymàraõ aquella livraria, quando no alcance de Pompeo pelejou com a gente do outro Ptolomeo irmaõ de Cleopatra. 25 Em competencia ajuntou Eumenes outra em Pergamo, que Plutarcho 26 refere ter duzentos mil volumes. Em Roma foy Aſinio Pollio o primeyro que teve livraria, que dedicou aos livros dos Vates, & poz nella a imagem de Marco Varram, ſendo ainda vivo, por lhe fazer honra. 27 A primeyra Chriſtã ajuntou Pamphilo Martyr, cuja vida eſcreveo Euſebio, & continha trinta mil volumes. 28 Eſtas foraõ as livrarias mais inſignes entre outras de que trataõ varios Authores. 29

8 Das que hoje exiſtem he a mais celebre a Vaticana em Roma. Na Cidade de *Oxfort*, em Latim *Oxonia*, Univerſidade afamada de Inglaterra, quaſi vinte leguas de Londres, ſe vè a Oxonienſe, occupando campo de hum grande Convento, repartida em galarias com diviſaõ das ſciencias, & artes, taõ numeroſa em volumes, taõ bem diſpoſta na ordem, taõ curioſa nos retratos dos homens ſcientes, nas pinturas dos inſtrumentos das ſciencias, & artes, que ſem duvida he huma das grandes couſas do Mundo. Duas vezes fuy de propoſito a vella, & em muytas mais achàra novidades que admirar. Tem groſſa renda com

15 *D. Iſidor. Etymol. l 6. Aut Gel. noct. Attic. l. 6. Volaterran. 8. antropo og.*

16 *Strab. l. 13. Floſcul. hiſt p. 1. t. 8.*

17 *Joſeph de antiq l. 12. c 2.*

18 *Aut. Gel. Amian. Marcelin. & Seneca referidos pelo P. Mexia na Sylva l. 3. c 3.*

19 *Aug. de Civ. Dei l 18. c. 42. & 43. Cum multis Epiſcopus Gatarza, Euang. Inſt. l. 1. c. 12. Matute na Proſop. de Chriſt. idad. 2. c. 2. §. 1.*

20 *Textor in officin. p. 2. tit. de Poet.*

21 *Ovid. Triſt. 2.*
Nec tibi Bartiade nocuit, &c.

22 *Joſeph ſupra.*

23 *Textor ſupra p. 1. tit. ſtatuas qui meruer.*

24 *Laert de vit Philoſoph l. 5. in Democr. poſt med.* At virtutem illi non everterunt, cujus gratia illa erexerant. *Textor ſupra.*

25 *Paul. Oroſ. 30. Mexia ſupra.*

26 *Plutarch. in Marc. Ant.*

27 *Alex. ab Alex. l. 2. c. 30. ad med.*

28 *D Iſidor. l. l. 6.*

29 *Textor d. p. 1. tit. Bibliotheca. Mexia d c. 3. Fr. Hector Pint. dial. 1. cap 3. in 2. p.*

com que ſempre ſe vay augmentando de todos os livros, & ainda pequenos papeis, que ſe vaõ imprimindo em toda Europa, naõ me parece que ha algum que alli ſe naõ ache em todas as linguas, nas noſſas hiſtorias, poetas, & outros livros Portuguezes, & atè nas minhas compoſiçoens indignas de tanta honra, o experimentey.

9 Chamàraõ-ſe as livrarias *Bibliotehcas* de *biblus*, ou *biblos*, que ſignifica *livro*, porque *biblos* era hum junco, ou arvore de Egypto, do qual, ou de cuja cortiça ſe fazia hum dos generos de papel em que ſe eſcrevia, no modo que no capitulo precedente diſſemos; 30 & porque era o mais fino dos que entaõ ſe uſavaõ, era dedicado para os livros ſagrados, 31 & dahi veyo chamarmos *Biblia* ao volume da Eſcritura ſanta.

10 Muyto devemos ao cuydado dos antigos que nos conſervàraõ tantos livros manuſcriptos com immenſo trabalho. No anno de *Chriſto* mil & quatrocentos & quarenta & dous, ſe vio em Europa a Impreſſaõ, invento engenhoſo que facilita a cõmunicaçaõ das ſciencias, & immortaliza os eſtudos. Dizem que primeyro a houve na China, & que nos chegou pelos Tartaros, & Moſcovitas. O certo he, que o devemos a hũ Alemaõ de Mogunçia; 32 huns eſcrevem que ſe chamava *Joaõ Fauſto*: outros *Joaõ Vitembergio*, ou *Gutemvirgis*, merecedor de viver pelas letras a que deu vida. Depois (duvida-ſe em que anno) Conrado, tambem Alemaõ, levou eſta invençaõ de Alemanha a Italia; & o Summo Pontifice Nicolao V. reſtaurador das letras quaſi perdidas, lhe deu o primeyro emprego digniſſimo, & feliciſſimo em Roma, no livro da Cidade de Deos, de Santo Agoſtinho; & logo depois ſe imprimiraõ as excellentes Inſtituiçoens de Lactancio Firmiano. 33

11 Para exemplo dos Impreſſores, refiro, que indo eu em Hollanda ver a famoſa Officina *Elzeveriana*; entre os livros que em varias linguas ſe eſtavaõ imprimindo, era hum na Caſtelhana, enviado de Madrid; & começando eu a ler hũa folha delle, me impedio cortezmente *Elzevir*, meſtre, & ſenhor da Officina; ſem me valer a authoridade de Embayxador que eu era do Senhor Rey Dom Joaõ IV. aos Eſtados geraes daquellas Provincias unidas, dizendo, que tinha por crime deyxar ler couſa alguma do que imprimia, antes de o Author o publicar, porque furtando-ſe o bom penſamento, ou novidade que elle achàra, ficava velho, & ſem louvor quando ſahia o livro. Em louvor da Impreſſaõ, & credito dos Impreſſores ha muytos eſcritos; daõlhe dignidade de Arte Liberal; & por varias razoens que os favorecem, ſe lhes deve honra, premio, & eſtimaçaõ; naõ he eſte lugar de nos alargarmos niſto quanto puderamos.

12 Para grande utilidade moſtrou Deos a invençaõ dos livros. Por elles herdamos, & participamos dos Sabios antigos as flores da Poeſia; as memorias da hiſtoria, os exemplos da politica

30 *Cap. preced. n. 11.*

31 *Hæc ex dictionar. Calep. Nebriſſ. & noſtri Cardoſo, verbo, Biblos, hiratica.*
Et ex Alex. ab Alex. d. c. 30. poſt princ.

32 Polyd. Virg. de rer. invent. *Pineda in Monarch. Eccleſ. l. 1. c. 13. §. 4.*
Floſcul hiſt. p. 2. c. 5.

33 *Cum Raphael. Volaterran. Mexia Sylv. de var. lig. l. 3. c. 21.*

politica, o conhecimento da Filoſofia, os remedios da Medicina, as regras da Juriſprudencia, as noticias da Mathematica; inſtrucçoens da Rhetorica, documentos para todas as artes; ſobre tudo a Ley Divina, com a explicaçaõ, & doutrina dos Concilios, & dos Santos Padres. Se naõ houvera livros, o que aquelles primeyros Varoens alcançàraõ por revelaçoens, eſtudo, & experiencia, eſtivera ſepultado com elles; pouco ficaria na tradiçaõ, que ſe corromperia com o tempo, & ſeria neceſſario ir aprendendo ſempre de novo, como ſe o Mundo começaſſe novamente.

13 Mas tambem com alguns livros ſe offendem os bons coſtumes. Que excellente eſtylo eſtragou Petronio! fez-ſe arbitro das acçoens de hum Emperador laſcivo: com engenho digno de Scipiaõ eſcreveo couſas dignas de Nero. Naõ cheguemos cõ mais eſcandalo a exemplificar em modernos. Quantos livros ocioſos, quantos infamatorios, quantos hereticos tem ſemeado os mayores males? foraõ neceſſarios expurgatorios, & fazer catalogo dos prohibidos, porque ſendo os livros inſtrumentos de enſinar as virtudes, ſe tiraõ delles muytos vicios. Já Seneca diſſe, 34 que naõ importa ter muytos livros, mas bons; & que (ainda nos que naõ ſaõ reprovados) ſe deve regular a liçaõ; porque huma certa he mais util, poſto que a varia deleyte.

14 Os livros hiſtoricos ſe vem com laſtima privados das mayores utilidades para que ſe devêraõ eſcrever. Introduzioſe a hiſtoria, principalmente para que os exemplos do paſſado regulaſſem o governo commum no futuro, incitaſſem os particulares á virtude, 35 & admoeſtaſſem aos poderoſos do que ninguem ouſa advertillos. 36

15 Para ſe conſeguir, enſináraõ os grandes meſtres, 37 que a narraçaõ ha de conter as cauſas, principio, progreſſo, & fim dos ſucceſſos, com a ordem, & deſcripçaõ dos lugares, & tempos: & juntamente os conſelhos, & acçoens das peſſoas que nelles intervieraõ, com o louvor, ou vituperio que merecêraõ; para que como eſpelho, ou como huma viva pintura das couſas moſtre claramente as que devem ſeguir, ou evitar: & como huma trombeta do juizo, reſuſcite da ſepultura os mortos 38 com gloria, ou com infamia: & ſaybaõ os que obraõ, que finalmente ſe haõ de pòr no theatro dos ſeculos ſeus procedimentos. 39

16 Mas pela malicia dos homens, já he quaſi impoſſivel eſcrever aſſim. Porque para perfeyta narraçaõ, naõ ſó he neceſſario que o Eſcritor viveſſe no tempo dos ſucceſſos, como requeria Plutarco; 40 mas tambem que intervieſſe nelles, como accreſcentava Theopompo: 41 que (como diſſe S. Jeronymo) 42 de hum modo ſe conta ó que ſe ouvio, & de outro modo o que ſe vio; & porèm para avaliar juſtamente, naõ ha tempo taõ feliz que permitta ſentir o que a juſtiça quer, & dizer o que

34 *Senec. ep. 45. in princ.*

35 *Polyb. l. 1. Diodor. Sicul. in proœm vit. Phil. & Alex. & l. 1. ant. in præf. Eraſm. in præf. in Sueton.*

36 *Demetrius Phaler. ad Regem Ptol. apud Plut in Græc. apophthegm. & Laert. de vit. phil. l. 5 c. 5.*

37 *Polyb. hiſt. l. 16.* Neceſſarium eſt eoſdem aliquando laudare, rurſus aliquando vituperare. *Tacit. annal. l. 3.* Præcipuum munus annalium reor ne virtutes ſilentur, utque pravis dictis, factiſque ex poſteritate, & infamia metus ſit. *Com. Agrip. de verit. ſcientiar.* Hiſtoria eſt rerum geſtarum cum laude, aut vituperatione narratio: quæ magnarum rerum conſilia, actiones, exitus, Regumque & magnorum virorum actus, cum temporum, ac locorum ordine, & deſcriptione, tamquam viva quædam pictura, ante oculos exponit. *Rodolph. Agricol. de form. ſtud.* Quoniam ii & benefacta laudando, & quæ contra facta ſint vituperando, non docent quidem, ſed quod efficaciſſimum eſt, exemplis propoſitis, quæ recte, recusve fiant, veluti in ſpeculo oſtendunt. *Diodor. Sicul. Antiq. l. 12.* Hiſtoriæ primum ſtudium, primaque conſideratio eſſe videtur inſoliti, gravisque caſus principio cauſas inveſtigare.

38 *Nicet. Jo. com.* Haud abs re liber viventium appellatur hiſtoria, rerumque deſcriptione tubæ clangor, quo jam olim mortui, veluti ſepulchro excitati, in medium producuntur.

39 *Eraſm. in præfat. in Sueton.* Dum utrique cernunt horum literis ſuam vitam omnem, mox in totius orbis, imò ſæculorum omnium theatrum producendam.

40 *Plutarch in Peric.* Difficilis inveſtigatu res eſt hiſtoria vera, cum poſterioribus præteritum tempus cognitionem rerum præcipiat.

41 *Apud Polyb. d. l. 12.*

42 *D. Hieron. in præfat. ad Pentateuch.* Aliter enim audita, aliter viſa narrantur.

que na verdade se sente, como se queyxava Tacito: 43 os louvores perigaõ na lisonja, as reprehensoens no odio, como dizia Sallustio. 44

17 A Impressaõ, que foy beneficio para os escritos mais se divulgarem, augmentou estes inconvenientes, porque no mundo naõ houvesse beneficio sem elles; & assim vemos que nas historias antigas, como mais seguras por menos divulgadas, naõ callou a verdade o vituperio de muytos, & nas modernas só se achaõ louvores, como se naõ houvera peccados.

18 O certo he, que nas historias só se alcançaõ as generalidades do que passou; menos estimaçaõ merecem nas particularidades, & circunstancias, pois só pendem do animo, ou respeyto do Historiador. Nas da patria devèraõ ter mais credito pelas mayores noticias; porèm desmerecem pela payxaõ com que fallaõ, ou callaõ; vè-se na emulaçaõ dos Francezes, & Hespanhoes: & nos Padres Pineda, & Mariana Castelhanos, quando se lhes offerecem as guerras com Portugal. Assim em todos ha faltas: nos estranhos por menos noticiosos, nos naturaes por mais suspeytos. Nem os mais verdadeyros alcançaõ tudo; he taõ precioso porem de sua casa, que lhes he ley fingirem oraçoens, ou praticas de Capitaens antes das batalhas, & de superiores em outras occasioens. A que bem naõ perverteo o peccado, ou naõ procurou perverter? Na Historia de Paulo Jovio puderamos fazer demonstraçaõ mais larga, porque professou ser venal, & fingir a seu arbitrio: mas porque seria alargarmonos demasiado, baste apontar alguns Authores que o daõ a conhecer. 45

41 *Tacit. histor.* 1. Rara temporum ea est felicitas ubi sentire, quæ velis; & quæ sentias, dicere licet

44 *Salust. in Catilin.* Quæ delicta reprehenderis, malevolentia, & invidia dicta putant: ubi de magna virtute, atque gloria bonorum memores, quæ sibi facilia factu putet; æquo animo accipit; supra ea veluti ficta pro falsis ducit.

45 *Aubert. Miræus in Chron. Josseph Scaliger. in vita patris sui Julii Cæsar. Scaligeri. Just. Lips. l.1. politic.9. Anton Possevin. in bibliot. l.10.c.42. Robert. Turnet. l.de hist. c.6 Melchior Canus in locis Theolog. l.11.c.penult. Osorius de reb. Emmanuel. l 6.pag.178. Maffeus hist Ind. l.8. Joan. Boter in dictis memorabil. apud Fave. l.3. apolog. in Jovium n. 8. Cavell. apolog. in eundem c. 7. P. Samaniego in vit. Scot. l 4 c.2.n.2.*

CAPITULO XXXI.

Como teve principio invocar a Deos em culto Divino, & a malicia se atreveo a offender este sagrado. Trata-se do santo, & mysterioso nome Ihehovah.

1 COnclue o Santo Historiador do Genesis, no quarto capitulo, dizendo, q̃ de Seth, de quem atègora tratámos, foy filho Enòs, que começou a invocar o nome do *Senhor*. 1 Já de antes se sacrificava, como vimos em Abel, & Caim. 2 Enòs começou a introduzir louvores vocaes, orações, & santos ritos; 3 mas naõ como Sacerdote, porque Melchisedech foy depois o primeyro; 4 só como leygo devoto, & reverente a Deos.

2 O doutissimo Cardeal Cayetano 5 entende q̃ começou Enòs a invocar o nome de Deos *Ihehovah*; o nome *Tetragrammaton*, quer dizer, composto de quatro letras, porque conforme ao Minorita no Triunfo de *Christo*, 6 os Rabinos o escrevem com quatro letras, que saõ *Joth*, *He*, *Vau*, *He*, & se pronuncia *Iheuhe*, & naõ *Ihehovah*.

1 *Genes.* 4.26.
2 *Supra* c.17.n.2.
3 *Sic explicat P. Benedict. Per. in Gen. l.7.n.98 vers. verùm.*
4 *Vide infra in 2.p c 7.n.1. & c. 12.n.11.*
5 *Caiet. apud Matut. Prælap. de Christ. idad 1 c.5 §.1. Et apud P. Bened. ser. Genes. sect. 22. n.3.*
6 *Triumph. Christ fol 24. tit. 3.*

O su-

7 *Scot. in 3. dist. 9. n. 8.*

3 O ſubtiliſſimo Scoto 7 diz que eſte nome ſignificava a entidade, & eſſencia de Deos. Com elle ſe deu o *Senhor* a conhecer a Moyſés na Çarça, quando lhe diſſe: *Eu ſou o que ſou;* 8 Genebrardo accreſcenta 9 q̃ ſignificava em plurar: *Os que ſomos*, por ſerem tres Peſſoas, havendo dito em ſingular, *Eu*, por ſer huma ſó eſſencia, huma vontade, & hum ſó Deos.

8 *Exod. 3. 54.* Ego ſum qui ſum.
9 *Genebrard. de Trinit. l. 1.*
10 *Joachim in Apocalyp. c. 1.*

4 Donde tira o Abbade Joaquim 10 ſer eſte nome declaratorio da *Santiſſima Trindade*, a que ajuda a explicaçaõ da gloſa Hebrea no capitulo primeyro do Geneſis; 11 & o douto Pedro Affonſo Hebreo convertido 12 notou, que daquellas quatro letras Hebreas ſe cõpoem tres nomes diverſos de Deos, ſignificando-ſe as tres peſſoas; lendo-ſe a ſegunda letra, *He*, duas vezes, porque na ſegunda peſſoa ha duas naturezas, divina, & humana; Jacobo Fabro 13 moſtra que ſempre que a noſſa verſaõ lê na Eſcritura Sagrada tres vezes *Deos*, o diz o Hebreo huma ſó vez com o nome *Ihehovah*, ou *Iheuhe*. O erudito Diogo Matute de Penafiel na Proſapia de *Chriſto*, 14 ſegundo eſte penſamento, conſidera com o meſmo Pedro Affonſo, & com outros Eſcritores, que quando o Sacerdote Hebreo lançava a bençaõ em nome de Deos, eſtendia os primeyros tres dedos em ordem a eſta ſignificaçaõ, que miudamente expende; & aponta a conveniencia que houve em ſer Enòs neto de Adam, & aſſim terceyra geraçaõ do mundo, quem primeyro invocou a Deos com eſte nome trino, & admiravel.

11 *Gloſ. Hebr. in c. 1. Gen.* Elohin Tetragrãmaton creavit Cælum, & terram; id eſt Trinus, & Unus.
12 *Petr. Alphonſ. in dial. contra Hebr.*
13 *Jacob. Fabr. cit. in Triumph. Chriſt. d. tit. 1.*
14 *Matute d. idade 1. cap 4. §. 2. & 3.*

5 O Doutor Angelico 15 diz, que he nome proprio de Deos, porque, como nota S. Joaõ Damaſceno, 16 ſignifica hum mar de ſubſtancia infinita, que comprehende tudo indeterminadamente; os outros ſaõ limitados, que naõ dizem todo o ſer de Deos; quem diz *Sabio* naõ diz *Omnipotente*; quem díz *omnipotente*, naõ diz *immenſo*; & aſſim os outros. Mas quem diz, *Deos he o que he*, diz hum abyſmo illimitado que tudo comprehende.

15 *D. Thom. p. 1. q. 13. art. 11.*
16 *D. Damaſc. l. 1. Fidei Orthodox. c. 12.*

9 Macrobio 17 acha affinidade entre o ſanto nome *Ihehovah*, & o de *Jao*, que a gentilidade adorava; aſſim pelo toante da voz, que podia ſer corrupta, como porque a *Jao* tinhaõ os gentios pelo mayor Deos de todos, como dizia hum verſo Grego; 18 & allega a Diodoro Siculo, 19 que diſſe qué Moyſés recebéra a ley de *Jao*, a quem os Hebreos invocavaõ por *Deos*. Santo Agoſtinho 20 eſcreve, que Varraõ o teve por Jupiter, que os Romanos chamavaõ tambem *Jove*, em cuja voz ha a meſma affinidade; & os mais ſabios debayxo do nome *Jove* veneraõ hum ſó Deos verdadeyro, 21 como diremos na ſegunda parte. 22

17 *Macrob. Saturnal. 1.*

18 Summum cunctorum divum tu dicito *Jao*.
19 *Diodor. Sicul l. 1. Biblio hec.*
20 *D. Aug. l. de conſenſ Evang. c. 22. & 23. & de Civit. Dei l. 6. c. 7. & l. 7. c. 5.*
21 *Matute ſup. §. 5.*
22 *P. 2. c. 7. n. 12.*

7 Era aquelle myſterioſo nome ineffavel entre os Hebreos, como, depois de outros Authores, refere o doutiſſimo Padre Bento Fernandes ſobre o Geneſis; 23 aonde o achavaõ eſcrito, diziaõ, *Adonai*, que ſignifica *Senhor*. 24 Eu noto que tambem os Gentios (cujos ſabios queriaõ imitar as noticias

23 *Fernand. 4. Gen. ſect. 22. n. 6.*
24 *Fernam Ximenes de Aragam na doutrina Catholica cap. 20. eſcandalo 5. no princ.*

que

que alcançavaõ da Ley Divina) fizeraõ ineffavel o nome de hũ Deos que fingiraõ occulto, debayxo de cujo amparo estava a Cidade de Roma; o qual nome sabiaõ só os Sacerdotes, & naõ se podia publicar, porq̃ os inimigos naõ lhe fizessem preces para deyxar a tutela da Cidade: ou lho levassem cõ palavras venc-ficas, a q̃ a antiguidade attribuhia muyta força; (por isso os Tyrios tinhaõ seus Deoses atados com cadeas aos altares. 25) E porque o Sacerdote Valerio Surano o descobrio, foy condenado á morte; assim o contaõ Plinio, Joaõ Annio, Alexandre ab Alexandro, Marco, Servio Honorato, & outros. 26 O nome era *Ramosso*, 27 a que a cegueyra attribuhio divindade, que fora filho de Tusco primeyro Rey dos Aborigines, póvos de Italia, & de Roma, filha de Atlante Italo, Rey dos antiquissimos de Hespanha, a qual com Portuguezes deu principio áquella Cidade de seu nome, como em outra obra temos escrito largamente; 28 posto que Joaõ de Mariana 29 cuyda que aquelle nome occulto naõ era de algum Deos, mas o que tivera a Cidade antes que se chamasse Roma.

25 *Alex. ab Alex Gen. dier. l. 4. c. 12. post med.*

26 *Plin. l. 28. c. 2.*
Joan. An. in l. 5. Berof. Alex. de Alex. sup. l. 2. c. 22. ad med
Servius in Virg. l. 1. n. 30.

27 *Britto na Monarch Lusit. p. 1. sit. 12.*

28 *Nas Excellenc. de Portug. c. 14. Excellenc. 3. n. 6.*
Britto d. l. 1. c. 13.
Faria no Epit. das hist. Portug. c. 1. n. 24.

29 *Marian. hist. de Esp. l. 1. c. 10.*

8 Finalmente aquelle nome *Ihehovah*, por sacrosanto, cheyo de altos mysterios, trazia o Summo Sacerdote da Ley Velha esculpido em huma lamina de ouro sobre a cabeça, como escrevem o grande Padre Saõ Jeronymo, & com elle outros Escritores graves. 30 Illustrissima gloria para Enós, na opiniaõ do Cardeal Cajetano, haver dado principio a taõ soberana invocaçaõ!

30 *D. Hieron. Ep. ad Paulin. Fr. Manoel do Sepulchro na Refryçaõ espirit. p. 1. c. 6. n. 51 ad fin.*

9 Genebrardo, 31 & outros Authores naõ querem q̃ Enós haja sido Author daquelle nome; entendem que o mesmo Deos o disse primeyro a Moysés, & seguindo-se essa opiniaõ, dizer o Texto que *Enòs começou a invocar o nome do Senhor*, se verificaria em ser o primeyro q̃ com o nome de *Adonai*, ou de *Elohim*, que o *Senhor* já tinha desde Adam, reduzio a fórma o culto Divino, levantando Altares, & compondo Oraçoens, & Hymnos, como dizem outros Escritores: 32 porque nestes naturalmente se louva a Deos, & já naquella antiguidade havia Poesia, como já mostrámos acima; 33 & assim teria a honra de ser o primeyro que na Ley da Natureza compoz cantico em louvor de Deos, como na Ley Escrita foy o primeyro aquelle que cantou Moysés em graças da liberdade do povo, 34 & na Ley da Graça foy tambem o primeyro excellente sobre todos o de *Maria soberana*, visitando a Santa Isabel: 35 & em huma, ou outra opiniaõ sempre Enòs ficou muyto glorioso.

31 *Genebr. d. l. 1. de Trinit.*

32 *Matute supra dic. §. §. 1. Fern. and. 4 Gen d. sect. 22 n. 3.*

33 *Supra c. 25.*

34 *Deuteron. 32.*

35 *Luc. 1. 46.*

10 Sendo o culto Divino a cousa mais sagrada, & a nòs mais util, se lhe atreveo a malicia humana fazendo della peçonha. Deu culto ao Demonio em Deoses falsos, como veremos na segunda parte, quando a historia chegar ao principio da idolatria; 36 & atè nos Templos santos, & culto do verdadeyro Deos busca occasioens de peccar. A's festas mais solemnes com impia curiosidade concorrem ociosos, a ver o q̃ devèraõ fugir.

36 *Part. 2. cap. 6.*

Já

Já no tempo de Museo Poeta Grego antiquissimo pelos annos 1460. antes do Nascimento de *Christo*, havia este costume barbaro. Conta na fabula que inventou de Hero, & Leandro, 37 que este se namorou de Hero vendo-a na celebridade que se fazia em hum Templo, a que fora, como outros moços que em semelhantes occasioens hiaõ, naõ para assistir aos sacrificios, mas por ver as donzellas que acodiaõ a elles. De Museo, & naõ de si, o repetio Dom Luis de Gongora 38 na mesma fabula; o mundo sempre foy o mesmo; abomina aquelle Poeta Gentio este costume: grande confusaõ para os Christãos!

37 *Musæus in fab. de Hero, & Leandro.*

38 *Gongora na fab. de Hero, & Leandr.*

CAPITULO XXXII.

Foy a mayor ruina dos homens ficarem com o entendimento cego pelo peccado; & disto lhes resultaõ as mayores calamidades.

1 OS males que temos apontado por occasiaõ da historia que seguimos, & os mais de que fora infinito tratar, resultaõ aos homens de haverem pelo peccado cahido em ignorancia, o que nos foy a mayor ruina. Perdida a justiça original, (diz Santo Thomàs) 1 se descompuzeraõ em certa maneyra todas as forças da alma que naturalmente estavaõ bem ordenadas; & ficou vulnerada a razaõ, em que está a prudencia: a vontade em que está a justiça: a irascivel, em que está a fortaleza: & a concupiscivel, em que està a temperança; & assim disse David, que o homem cahido naõ entendeo. 2 Por isto nos precipitamos.

1 *D. Thom. 1. 2. q. 85 art. 3.*

2 *Ps. 48. v. ultim.* Non intellexit.

2 Porque a natureza, com magnificencia digna de seu Author, fez estudo em que este Mundo fosse muyto ornado, & gracioso para nos contentar. A vontade legisladora de nossas acçoens, entre as bellezas que ambiciosas de nosso amor se lhe apresentaõ, duvída a qual deve amar. Se por si se resolve, como naõ tem luz propria, a payxaõ a engana; se busca luz no entendimento, que lhe foy dado por conselheyro; este 16 percebe por meyo dos sentidos, que lhe trazem as imagens em que faz base, & primeyro objecto de seu conhecimento: usa das impressoens, q̃ nascem da materia, & dellas pendem suas operaçoens: 3 que conselho se póde esperar de faculdade taõ familiar aos sentidos falsos: faculdade pensionaria a quem mais nos persegue: faculdade que naõ nos pòde dar outros avisos, senaõ os que aprender de nossos inimigos? Quando a vontade cuyda que tem no entendimento hum leal Achitophel, experimenta hum infiel Chusay, que com capa de zelo a encaminha a precipicio, 4 ignoraõte se deyxa persuadir do q̃ a lisongea: desejando o bem, cahe no mal que temia: naõ distinguindo as cousas, se leva das appa-

3 *Vide infra a c. 45. n. 5. cum seqq.*

4 *2. Reg. 15. cum seqq.*

apparencias: avalia o alquime por ouro, o cryſtal por diamante: eſtima o que naõ tem meritos: recuſa o que devera abraçar: aborrece a quem a encaminha melhor; & como o enganado Abner, 5 aceyta os cumprimentos de quem lhos faz para a matar. Pòde gemer com David: 6 *Naõ tenho luz em meus olhos, puzeraõ-ſe contra mim meus amigos chegados*; pois o entendimento, amigo chegado ſeu, que lhe devera acudir, raramente a allumia nas occaſiões de neceſſidade. Niſto eſtá noſſo corpo de melhor condiçaõ; porque ſe perde a luz de hum olho, ſe val do outro que fica: a alma, tendo ſó huma potencia luminoſa, ſe eſta lhe falta, naõ tem outra parte donde eſpere luz; fica bayxel em tempeſtade tenebroſa, que aſpirando ao porto do acerto, dá nos rochedos de mil erros, porque naõ teve o farol que o aviſaſſe donde ſe devia guardar.

5 2. *Reg* 3.
6 *Pſalm.* 37. *v.* 10. & 11.

2 Por iſſo filoſofou com elegancia o Padre Lyſieux, excellente Eſcritor, 7 que ſe as creaturas naõ foraõ taõ bellas, o homem naõ ſeria taõ miſeravel; porque ordinariamente as perfeyçoens que lhe deleytaõ a viſta, lhe affeaõ o coraçaõ, dando materia a deſordens; o que ſe ordenou para bem do homem conſtituido em graça, lhe fez o peccado em algum modo prejudicial, naõ chegando o entendimento a conhecer o que devera; como o Satyro, que levado da belleza do fogo que naõ tinha viſto, o quiz abraçar, & aprendeo, que naõ ſe ha de abraçar o que ſe naõ conhece. Se o homem conhecèra muytas couſas que o namoraõ, nem as amàra, nem tivera tantas penas: & ſe ſoubera uſar de outras, tiràra dellas a utilidade para q̃ Deos as creou, & naõ degenerariaõ em ſeu dano: màs (diſſe bem Petrarca 8) buſcamos com eſtudo couſas de miſerias; fazendo triſte negociaçaõ da vida, que nos fora alegre, ſe nos governaramos bem; & já Saõ Joaõ Chryſoſtomo 9 havia dito, & moſtrado, que ninguem he offendido ſenaõ de ſi meſmo.

7 *P. Lyſieux, Capuchinho Francez, na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 8.*

8 *Petrarcha de proſp. & adverſ. fortun. in præf. ad Azon.*
Tanto ſtudio miſeriarum cauſas, & dolorum alimenta conquirimus, quibus vitam, quæ ſi rectè ageretur, feliciſſima prorſus, ac jucundiſſima rerum erat, miſerandum, ac triſte negotium efficimus.

9 *D. Chryſoſt. in hemicui titulus:* Quod nemo læditur, niſi à ſemetipſo.

4 Que miſeria mais ignorante que pormos a felicidade da vida, ou no que deſeja noſſo appetite ſem o poder alcançar, ou nas mãos da fortuna pelo que pòdem negar, ou conceder; & naõ a pormos no noſſo arbitrio? na noſſa maõ eſtà felicitarmonos, uſando bem dos ſucceſſos alegres, & applicando às adverſidades a magnanimidade da tolerancia, com que fazendo virtude ſolida dos bens, & dos males, naõ deyxaremos de ſer felices: iſto, que os Eſtoicos alcançáraõ por ſombras, nos enſinou ás claras *Chriſto* Senhor noſſo quando levantou o mundo, como veremos na ſegunda parte; 10 agora que ſó o moſtramos cahido, dizemos que o peccado nos faz miſeraveis, porque nos fez neſcios; & aſſim no livro da Sabedoria 11 ſe equivocaõ os neſcios com os infelices, & eſtes confeſſaõ q̃ viveraõ cançados, porque viveraõ ignorantes. Deyxadas por innumeraveis, outras provas, o verifiquemos na honra, vida, & fazenda, couſas que mais eſtimamos; veremos como errando a eſtimaçaõ no modo, fazemos amargoſo o que nos fora ſuave governado por razaõ.

10 *P. 2. c. 53. n. 5.*

11 *Sap. 5. n. 6 & 7.* Sol intelligentiæ non eſt ortus nobis, & laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis, & ambulavimus vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus. *Et n.* 21. Pugnabit cum illo orbis terrarum contra inſenſatos.

CAPITULO XXXIII.

Como os homens errão nos meyos por que procuraõ honra, & por iſſo a perdem; poem-ſe primeyro exemplos na imitação, & no deſejo de moſtrar valor. Trata-ſe dos deſafios.

1 COm razaõ eſtimaõ os homens ſobre tudo a honra, pois como diſſeraõ Salamaõ, & o Eccleſiaſtico, 1 val mais que todas as riquezas; & Ariſtoteles 2 moſtra que he o mayor bem da vida. Notou bem Tacito; 3 que deſprezar a reputaçaõ, ſeria deſprezar as virtudes. Deos manda que tratemos da noſſa; & 4 elle tratou da ſua. 5 Mas he cegueyra do entendimento errarem muytos homens os meyos, & por elles vem a cahir em deshonra; façamos demonſtraçaõ em alguns exemplos de todas as idades do homem; que logo da primeyra, & ſem ceſſar na ultima, reyna nelle o deſejo de honra como natural.

2 Aos moços tanto que entraõ na puberdade, ſuccede o que a humildade de Santo Agoſtinho 6 confeſſou, ou repreſentou em ſi o meſmo com eſtas palavras: *Sem ſaber o que fazia, andava taõ cego, que entre os da minha idade me envergonhava de ſer mais honrado; quando os via jactar de ſuas maldades, & gloriarſe mais das mais torpes, folgava de commetter as meſmas, não ſó por apetite dellas, mas tambem para que me louvaſſem. Que couſa he mais digna de ſer vituperada que o vicio? & eu porque naõ me vituperaſſem, me fazia mais vicioſo; & quando não havia occaſiaõ para me igualar aos mais perdidos, fingia que fizera o que naõ tinha feyto, porque naõ pareceſſe menor que elles, & me tiveſſem por mais vil, por ſer mais caſto.* Que propria diſcriçaõ o que fazem muytos! E mais abayxo, diz o Santo, *que tem vergonha de não ſerem imprudentes*; 7 poem a honra no que he deshonra, que mayor cegueyra do entendimento?

3 Creſcidos já os homens aos annos juvenis, libraõ ordinariamente a honra no valor: & juſto he que ſe deſprezem delle, porque, como o Doutor Angelico 8 moſtra, he louvavel virtude. Porèm o natural naõ baſta; antes advertio Vegecio, 9 que poucos valeroſos gera a natureza, muytos faz a induſtria; Marco Tullio, & Seneca 10 lhe chamàraõ ſciencia, & ſe define: *Firmeza do animo nas occaſioens em que he mais difficultoſo tella*: ou, *Virtude moderativa do temor, & da audacia para bom fim.* 11 Donde ſe vè, que nem he valor o que ſe naõ exercita cõ juſtiça, nem o q̃ degenera em temeridade, antes ſerà vicio. 12

Neſta

1 *Proverb.* 12. 1. *Eccleſ.* 41. 15.

2 *Ariſt.* 4. *Ethic.*

3 *Tacit ann.* l. 4. Contempta fama, contemnuntur virtutes.

4 *Matth.* 5 16. Videant opera veſtra bona.
Luc. 12. 35. Lucernæ ardentes in manibus veſtris.

5 *Exod* 20. 3. Non habebis Deos alienos coram me.
Iſai. 42. 8 & 48 11. Gloriam meam alteri non dabo.
Matth. 16. 13. Quem me dicunt homines eſſe filium hominis?
Luc 9 19 Quem dicunt eſſe turbæ?
Marc. 8. 27. Quem me dicunt eſſe homines?
Diſſemos largamente na harmon. poſt. p. 2. §. 1.

6 *D. Aug.* l. 2 *Confeſſ.* c. 5. Neſciebam, & præceps ibam, &c.

7 *Idem d.* l 2. *cap.* 9. Eamus, faciamus, & pudet non eſſe impudentem.

8 *D. Thom.* 2. 2. *q.* 123. *art.* 1. 2. 11. & 12.

9 *Veget de re milit.* l. 3. c 26. Paucos viros fortes natura procreat bona inſtitutione plures reddit induſtria.

10 *Tul. Tuſcul* 4.
Senec. de benefic. l. 2. c 34. & *ep.* 85.

11 *Ex D Thom a q.* 123.

12 *Senec. ſupra.*
Lactant. de vero cult. l 6. c. 14.
O Conde de Villamediana na comedia da gloria de Niqueia.
No ha de intentar imposſibles,
El que aſpira a ſer valiente.

Neſta medida, & conſideraçaõ ſe erra.

4 Cuydá o de idade florente, que he valor buſcar de noyte com quem brigue, ou nas converſaçoens entender, & picar com todos, principalmente com os brandos, que naõ teme; ſe acaſo tem hum bom ſucceſſo, imagina-ſe o mais valente do Mundo, & crê que os que o vem o admiraõ: ſe diſcurſára com juizo, conhecèra que naõ he valor, mas brutalidade, como lhe chamaõ os Eſcritores, 13 affectar brigas; que os ſeſudos o tem por louco eſcuſarà deſgoſtar os parentes, eſconderſe das juſtiças, eſtragar a ſaude, conſumir a fazenda, & naõ tomarà trabalhos, de que poem culpa à fortuna.

5 Peyor he o que libra a honra, & valor na deſconfiança: ſe vè fallar bayxo, (o que na verdade naõ he corteſia) cuyda que fallaõ delle: ſe lhe dizem huma palavra, pede interpretaçaõ, & ſobre pouco mais de nada faz hum deſafio. Eſte, & o que o aceyta, naõ tem entendimento para conſiderarem que vaõ, ou a morrer, ou a matar; que para os bons he igual miſeria; 14 ſe o tiveraõ, conheceriaõ que o verdadeyro valor deſpreza a morte, mas naõ aborrece a vida; 15 antes amando-a, faz mayor fineza em a guardar ſó para arriſcalla pela virtude. 16 Ha differença grande entre eſtimar a virtude em muyto, ou a vida em pouco: arriſcarſe ſem grande, & juſta cauſa, ou he de irracional, ou de infeliz. 17

6 Tem elles por juſta cauſa ficarem (como dizem) carregados; & em quem ſe quer moſtrar valeroſo, he demaſiado medo confiar taõ pouco de ſi, & temer a deſeſtimaçaõ por huma palavra, ou couſa que ſe pòde encubrir, ou diſſimular com prudencia; faõ como Lucrecia, que ſe matou pelo receyo do que poderiaõ dizer de ſua honra; & Santo Agoſtinho 18 a cõdemna de fraca, & diz que devera confiarſe no interior eſforço, com que havia procedido. O que nella moveo a laſtima naõ foy o valor, mas a facilidade com que ſe deyxou vencer da vergonha; fizera heroicamente, ſe fora taõ valeroſa em deſprezar os diſcurſos do Mundo, eſtando em ſi honrada, como o foy em reſiſtir ao appetite; mas mereceo perder eſte louvor por amar o credito indiſcretamente. Saõ tambem eſtes como os Gladiatores, que ſe mataváõ no anfitheatro de Roma por adquirirem reputaçaõ de valentes: *Trazer a honra embicada, he de a ter pouco ſegura*, dizia hum noſſo Principe Poeta.

7 Ha outro erro, principalmente no deſafio, em ſe confiar do inimigo que no campo lhe pòde ter armada trayçaõ, a que todo o valor naõ poſſa vencer: que couſa mais neſcia que fiar ſua vida de quem lha quer tirar? tal confiança naõ he prudencia de valor, he ignorancia de temeridade, & honra que indiſcretamente ſe faz ao inimigo: que mayor abſurdo que moſtrarſe ignorante, por ſe moſtrar valente? ſendo o entendimento a couſa de mayor honra, & porque os homens ſe differençaõ dos brutos, ficarà valente bruto. Os famoſos antigos; a quem

13 *Gnicciardin. in Hypom. polit.* Qui ſe periculis objicit, nec priùs qualia ea ſunt conſiderat, ferum, ſeu beſtialem rectè appelaverit.

14 *Tacit. hiſt. l. 1.* Perite neceſſe ſit, aut, quod æquè apud bonos miſerum eſt occidere.

1 *Q. Curt de reb. Alex. l. 5.* Fortium virorum eſt magis mortem contemnere, quàm odiſſe vitam.

16 *Ex Eraſm. Apophthegm.* Illi fortes non ſunt, qui quovis modo vitam contemnunt, ſed qui tanti faciunt virtutem, ut hujus gratia vitam, alioquin charam, negligant.

17 *Cicer. in Caton.* Magnum eſt diſcrimen inter eum qui virtutem magni facit, aut qui vitam parvi æſtimat: nam ſemet in vitæ diſcrimen conjicere, aut infelicium eſt, aut belluarum.

18 *Aug. de Civ. Dei l. 1. c. 16. ad fin.*

eſtes querem imitar, naõ eraõ niſto cegos; buſcavaõ hum grande que lhes ſegurava o campo; deſte modo teve Marco Servilio varaõ Conſular, vinte & tres deſafios, & em todos matou o contrario; 19 alguns dizem que foraõ muytos mais.

19 *Plutarc. in Æmil.*

8 Sobre tudo naõ conhecem a Ley de Deos. He valor, ou he furor naõ ver, & naõ temer, que debayxo dos pés tem o inferno aberto, o que alli morrer? naõ entender que no meſmo campo eſtá Deos deſafiado pela quebra de ſua Ley, armado de rayos, & de juſtiça? Naõ ſó *Chriſto* noſſo bem nos prègou; 20 mas tambem o Demonio confeſſou em huma occaſiaõ 21 que a alma he precioſa ao homem ſobre tudo. *He poſſivel* (exclama o grande Salviano 22) *que naõ eſtimais voſſas almas, que o meſmo Demonio vos diz que ſaõ taõ precioſas?* Marco Tullio, 23 com ſer gentio, diſſe: *A fortaleza he hum affecto do animo obediente à ſumma Ley*: quem he timorato, he muyto homem: de Simeaõ diſſe o Euangeliſta S. Lucas 24 duas vezes em huma ſó regra, que era *homem*, porque logo ajuntou que era timorato; & Ariſtoteles: 25 *Quem tem taõ pouco medo que naõ teme os Deoſes, naõ he valeroſo, mas infame.* Deſta mà opiniaõ ſe deve ter medo. *Naõ he valor* (notou Plutarco 26) *naõ ter algum medo: os antigos puzeraõ o valor no medo da reprehenſaõ, & da ignominia, porque os que temem muyto as leys, ſaõ mais ouſados contra os inimigos.*

20 *Matth. 16. 26. Marc. 8. 37.*

21 *Job 2. 4.*

22 *Salvian l. 3. ad Eccleſ. Cat.* Quis furor eſt viles à vobis animas veſtras haberi, quas etiam Diabolus putat eſſe pretioſas?

23 *Tul. Tuſcul. 4.* Fortitudo eſt animi affectio legi ſummæ obtemperatus.

24 *Luc. 2. 25.* Homem erat in Jeruſalem, cui nomen Simeon, & homo iſte juſtus, & timoratus.

25 *Ariſt. L. Magnor. Mor. 2.* Si aliquem valdè facias impavidum, quòd Deos non timeat, non fortis, ſed infamis eſt.

26 *Plutarch. in Cleomen.* Fortitudinem mihi videntur non vacuitatem à metu, ſed metum reprehenſionis, & ignominiæ antiqui judicaſſe; qui enim maximè leges timentii adverſùs hoſtes ſunt audaciſſimi.

9 Quando houvera alguma falta, todo o amigo da honra eſcolhera ficar deſayroſo em hũa aldea, a troco de ſer glorioſo em todo o mundo, & nem pobre aldea he todo o mundo a reſpeyto da Corte do Ceo; ſó quem negar a Chriſtandade, negarà a força deſte argumento. Bem a conheceo ha poucos annos neſta Cidade de Lisboa hum Fidalgo bem qualificado, & conhecido por valeroſo, que deſafiado por outro de iguaes qualidades, reſpondeo que ſe preſava mais de Chriſtaõ, q̃ de valente: que elle coſtumava recolherſe pela meya noyte para ſua caſa, (que era apartada do mais povoado) que quem quizeſſe lhe poderia fallar no caminho, & dalli em diante por diſcurſo de hum mez ſe recolhia ſempre àquellas horas a cavallo ſem criado; paſſou a payxaõ ao outro, & ficou imitavel aquelle exemplo. Imberto Delfim de Vienna recuſou o deſafio de Amadeu Conde de Saboya, reſpondendo que ſe o valor dos Principes conſiſtia na força do corpo, ſeriaõ vencidos pelos touros; & ficou taõ louvado, como o deſafiante eſtava colerico. 27 Outro Fidalgo em Lisboa deſafiado em huma madrugada, reſpondeo, que para couſas de mais ſeu goſto naõ coſtumava levantarſe da cama taõ cedo. Muytos outros ſe eſcuſáraõ Chriſtã, & galantemente, & ficáraõ acreditados de valeroſos, & entendidos. 28

27 *P. Zacar. de Lyſicux na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 19.*

28 *Multa præclara ſcripta de duellis vide per Alciatum in tract. de ſingulari certamine, & in conſilio in materia duelli poſt illum tract.*

10 Muytos poem o valor na lingua; & tanto que David ouvio o muyto que o Gigante blazonava, logo pode inferir que o havia de vencer. Na guerra proxima que tivemos ſe notava que os que fallavaõ menos, obravaõ melhor.

11 Outro

11 Outros querem parecer valentes offendendo à trayçaõ, ou acompanhados em as ſaltadas, & ſaõ avaliados atrayçoados, & fracos. Alguns oſtentaõ forças corporaes como touros, ſendo que o valor ſó conſiſte nas forças do eſpirito. 29

12 Aſſim cahem todos em deſcredito por onde buſcavaõ honra. Se ſe empregaſſem na defenſa natural, 30 no ſerviço da patria, 31 ou em outra juſta cauſa, que por naõ ſe poder levar por razaõ, 32 neceſſitaſſe preciſamente das armas, teriaõ nellas melhor ſucceſſo, porque ſaõ piedoſas a quem ſaõ neceſſarias. 33 Quem naõ buſca as brigas, ſahe bem dellas; a juſtiça he o meyo da vitoria: 34 ſeria ſeu valor verdadeyro: alcançariaõ por elle honra, & eſcuſariaõ queyxaremſe das calamidades, cauſadas ſó por ſuas deſordens.

29 *D. Ambroſ. offic. l. 1. c 38.*

30 *Como diſſemos acima c. 21. n. 12.*

31 *Xenoph. de reb geſt. Gr. lc. l 2.* Beati quicumque pugnantes pro patria.
Ariſt. Rhetor. l. 2 c. 2.
Pugnare pro patria optima res.

32 *Terent. in Eun act. 4. Scen 7.*
Omnia prius experiri, quam armis; ſapientem decet.
Caſſiodor. l. 3. Ep. 1. Tuc utile ſolum eſt ad arma concurrere, cum locum apud adverſarium juſtitia non poteſt invenire.

33 *Liv. dec. 1 l. 9 in princ.* Pia arma, quibus nulla, niſi in armis relinquitur ſpes.

34 *Polib l. 1.* Cauſæ æquitatem multum in bello valere compertum eſt.
Propertius Frangit, & attollit vites in milite cauſa.
Quæ niſi juncta ſubeſt, excutit arma pudor.

CAPITULO XXXIV.

Para o intento do Capitulo precedente, ſe poem outro exemplo nos que procuraõ altos poſtos, & ſe condena a ambiçaõ, & tyrannia

1 NA idade varonil libraõ os homens a honra em alcançarem poſtos ſuperiores, & he a todos como natural.

2 Aos mais illuſtres, por generoſidade influida com o ſangue 1 pelo exemplo dos progenitores, de que naõ querem bayxar, 2 qualquer fortuna os naõ deſanima. 3 Saõ palmas que naõ cedem ao pezo; 4 antes os trabalhos os excitaõ a empreзas mayores. 5 A ElRey Poro vencido perguntou Alexandre, como ſe atrevèra a reſiſtirlhe, devendo-o conhecer pela fama. E o vencido diſſe: *Reſponderey com a meſma liberdade com que perguntaſte: tinhame por mais forte que todos, porque naõ havia experimentado minhas forças. O ſucceſſo da guerra moſtrou que tu o es mais, mas ainda naõ ſou pouco feliz, ſendote ſegundo.* Proſeguio o vencedor: *E que te parece que agora farey de ti?* Poro regiamente: *Faze o que te enſina eſte dia, em que ves como ſaõ caducas as felicidades.* 6 Annibal, & Scipiaõ mendigos em caſa delRey Antioco, tratando de quaes foraõ os mayores Capitães, & dando-ſe a Annibal o terceyro lugar depois de Alexandre, & Pyrro, Scipiaõ, que o eſperava, lhe diſſe rindo: *E que direis ſe me houvereis vencido?* Annibal reſpondeo: *Então fora meu o primeyro lugar.* 7 Ceſar ameaçava os piratas, que no mar o tinhaõ priſioneyro, dizendo-lhes que chegando a terra os faria enforcar; & quando queria dormir, os mandava callar, tratando como criados, os que podiaõ diſpor delle, como ſenhores. 8 Dom Pelayo fogeyto aos Mouros que tinhaõ conquiſtado Heſpanha, naõ ſofreo afronta feyta a ſua irmã; levantouſe,

1 *Horat. l. 4 Ode 4.* Fortes creantur fortibus.
Multa pulchrè Caſſiodor. var. l. 2. Ep 15.

2 *Virg. Æneid. l. 12.* Et te animo repetentem exempla tuorum:
Et pater Æneas, & avunculus excitet Hector.
Tobie. 2. 18 Nolite ita loqui, quoniam filii ſanctorum ſumus. *Optimè apud Caſtellan. Lex 6. tit 18. p. 2. ubi Greg. Lop. verbo vergueça, & vide ſa. etiè Bart. in L. Ut vim n. fin. de juſt. & jur.*

3 *Virg. l. 6* Tu ne cede malis, ſed contra audacior ito.

4 *Alciat. emblem. 36.*
Nititur in pondus palma, & conſurgit in altum.
Quo magis, & premitur, hoc magè tollit onus.

5 *Carol Paſchal in axiom. polit.* Virorum fortium animi, non modò accepta inſigni aliqua clade, non remittuntur aut infringuntur, quin potius ad majora audenda incenduntur.

6 *Q. Curt l. 8. de reb. Alex.*

7 *Plutarch. in Annibal. poſt med.*

8 *Naõ o P. Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p. 1. c. 41. no princ.*

& fe fez Rey. 9 Franciſco I. Rey de França preſo na batalha de Pavía, recuſou entregarſe ao rebelde Borbon; & com voz imperioſa, eſtando cahido em terra mandou que chamaſſem Lanoy, a quem ſe entregou. 10 O Cid Ruí Dias atè depois de morto apunhou a eſpada contra o que ſe atreveo a pegarlhe na barba, & o fez cahir de medo. 11

9 *Marian. biſt. de Heſpanh. l. 7. cap 1.*

10 *Ilheſcas na biſt Pont p. 2 l. 6. c. 26. da vida de Clement. VII § 3. ad fin.*

11 *Jul. de Caſtilho biſt. dos Godos l. 4. diſ. ur ſ. 4.*

3 Os de qualidade mediocre lá tem hum aſcendente mayor, poſto que remoto, do qual tomaõ algumas vezes mais que dos chegados, por razoens que os Filoſofos, & Medicos apontaõ; 12 ſaõ como as aguas, ſymbolo da vida, 13 naſcidas em montes, que poſto que ſe achem em valles profundos, encanadas pela induſtria recobraõ força, & ſóbem quanto deſcèraõ; ou como as arvores, a que o inverno derribou as folhas, mas conſervaõ o vigor em huma ſó raiz, poſto que as outras ſecaſſem. O eſpirito levantado com que Baſilio Macedo; ſendo pobre eſcudeyro que curava de cavallos, ſoube chegar a ſer Emperador de Conſtantinopla, ſe pòde attribuir à deſcendencia antiga que por hum lado tinha do Arſecides Reys dos Parthos; 14 & o illuſtre eſpirito de Marco Tullio Cicero à aſcendencia paterna, poſto que muyto remota, que tinha nos Reys Volſcos. 15

12 *Apud Gaſpar dos Reys Franco in Camp. Eliyſ. jucundar. quæſt. q. 44. à n 25.*

13 *Eccleſ 40. 11.*

14 *Floſcul. p. 2. cap. 4.*

15 *Gaſa ſa in Euang. Inſtit. l. 7. c. 8 prop. fin. verſic. hoc tempore.*

4 Alguns de condiçaõ humilde faz a liberalidade da natureza generoſos; eſtendem as azas fóra do ninho: dizem que lhes baſta deſcenderem de Adam Rey de todo o mundo; querem parte do que elle teve, fazèdo direyto da prerogativa perdida pelo peccado. Iſicrates Athenienſe, filho de hum çapateyro, venceo aos Lacedemonios: reſiſtio ao famoſo Thebano Epaminondas, & Artaxerxes Rey da Perſia o eſcolheo por ſeu General contra os Egypcios. Eumenes filho de hum carreteyro foy taõ abalizado Capitaõ, ainda que pouco feliz, que mereceo que Plutarco, & outros graves Eſcritores hiſtoriaſſem ſeus ſucceſſos. Arſaſes de pays naõ conhecidos, ſacodindo o jugo de Alexandre, conſtituhio o Reyno dos Parthos taõ temido dos Romanos: & nos Reys ſeus deſcendentes ficou o renome de *Arſaſides*, como nos Emperadores Romanos o de *Ceſares*. Ptolomeo filho de hum pobre homem chamado Lago, ſuccedeo ao meſmo Alexandre no Reyno de Egypto, & Syria, & ſe fez taõ excellente, que os Reys de Egypto, tambem delle ſe chamàraõ *Ptolomeos* largo tempo. Agatocles filho de hum Oleyro ſe fez Rey de Sicilia, & atemorizou os Carthaginenſes. Em Heſpanha o inſigne Portuguez Viriato, filho de hum paſtor, poz em duvida ſe Heſpanha dominaria a Roma, ou Roma a Heſpanha, como confeſſáraõ os meſmos Romanos. Deyxo o Lavrador Wamba, que foy Rey illuſtre, porque ſendo milagre, 16 naõ faz exemplo. Em tempos menos antigos Lamuſio III. Rey dos Longobardos foy engeytado, filho de huma mulher vil. Primislao III. Rey de Bohemia, foy filho de hum Lavrador. Filho de outro foy Lucio Arendulo, Capitaõ famoſo

16 *Brito Monarch. Luſit. p. 2. l. 1. c. 25.*

famoso, de Francisco Esforcia, cujos filhos, & descendentes foraõ Duques de Milaõ. O excellente Capitaõ Castrûcho Astracano, Italiano de Luca, foy engeytado sem pays conhecidos. Entre os Romanos, ElRey Tarquino Prisco, foy filho de hum pobre estrangeyro de Corintho; Tullio Hostilio foy pastor; Servio Tullio filho de huma escrava; Terencio Varro, Consul, & Dictador, filho de hum carniceyro. O Consul Ventidio Veso havia sido recoveyro. O Dictador Lucio, Lavrador de Cayo Mario, Consul sete vezes, & que triunfou duas vezes, foy o pay Carpinteyro no lugar chamado Arpinas. O Imperio tiveraõ Gordiano, & Licinio filhos de Lavradores: Probo filho de hum Hortelaõ: Valentiniano filho de hum Cordoeyro: Maximino de Ferreyro; outros dizem de hum que fazia carros: Elio Pertinaz, & Diocleciano tiveraõ pays humildes, cujos officios se naõ sabiaõ: de Emiliano nem a patria se sabe: Vespasiano tambem teve nascimento bayxo: o pay de Bonoso, que tambem tocou o Imperio, fora Mestre de escola. Entre os Emperadores Gregos Marciano, & Anastasio foraõ de sangue ignobil; o mesmo dizem de Justino, & Justiniano primeyros destes nomes: o pay de Micael Calefates embreava navios; & outros muytos houve de pouca nobreza, que chegàraõ a Principados; entre os mais abalizados se deve contar a famosa Semiramis Rainha de Babylonia, que foy engeytada sem ter pay conhecido, filha de huma pobre mulher chamada Decreta. Naõ tratamos de Ecclesiasticos.

5 Limitar as esperanças, desanimarà a virtude, que cresce com ellas. Naõ he reprovavel aspirar a dignidades para servir a Deos; 17 louvavel he procurar honras, mas com fundamentos que as façaõ possiveis, & por bons meyos. Nisto se erra. Nectabano Rey do Egypto pedio a Lycero Rey de Babylonia Arquitectos que lhe fabricassem huma torre, que naõ tocasse na terra, nem no Ceo. O engenhoso Esopo, a quem Lycero communicou o negocio, creou quatro Aguias, ensinando-as a levantar nas unhas voando, cada huma sua esporta, & dentro della hum menino, & foy-se com isto a Nectabano, dizendo, que levava os Arquitectos que pedira. Sahio Nectabano a sinalar a paragem para a torre, & muyta gente para ver a maravilha. Esopo largou as Aguias com os meninos que levavaõ instrumentos de pedreyro, là de sima (como lhes tinha ensinado) gritàraõ que lhes levassem pedra, & cal; & Nectabano se deu por vencido. Historia, ou ficçaõ, 18 exemplo de hum ambicioso que deseja fabricar torres no ar; posto que comece, là lhe falta a materia, & cede à confusaõ.

6 Ainda para o possivel, degeneraõ os pretendentes em taõ ambiciosos, que fazem ley necessaria de crescer, ou penar; a ambiçaõ os deshonra; 19 outros vicios affeaõ o interior, mas guardaõ segredo na afronta que fazem; a ambiçaõ gosta de a publicar, esforça-se a acçoens que a daõ a conhecer, & o nego-

17 *D. Paul. 1. ad Timoth. 3. 1.*

18 *Rodenes in Martyr. 1. epigram. 6. Naximus Planudes in vita Æsopi.*

19 *Laid D. Bernard Ep. 126.*

negociante faz de ſi vergonhoſo eſpectaculo; ſegue as facçoens da Corte conforme prevalecem; com todas ſe ſuſtenta (o que he muyto facil a quem ſe reſolve a naõ ter honra; quem naõ quer navegar direyto, com qualquer vento pòde navegar) naõ ſahe da porta dos que governaõ; ſe entra, he a liſongeallos; humilha-ſe aos criados para ſer bem viſto na caſa: naõ falta nos acompanhamentos: nos paſſeyos ſe faz encontradiço: no Paço ſe chega obſequioſo: celebra com riſo falſo qualquer dito: nas auſencias falla reverente, naõ nomeando o liſongeado ſem o titulo de ſenhor; & em todas as occaſioens recebe injurias; jà na entrada que ſe lhe nega; jà no mào roſto que acha; já no reſpeyto que ſe lhe naõ guarda; já na ſoberania com que o trataõ, jà na mà repoſta que ſe lhe dà; & elle ſempre a diſſimular deſprezos que naõ tem diſfarce; a accommodarſe com o humor do que buſca; a adivinharlhe a vontade; a deſejarſe Proteo de ſeu goſto, & Cameleaõ de ſuas cores: affecta a meſma condiçaõ: em tempo que governavaõ Eunuchos, houve pretendentes que ſe caſtràraõ; & hoje ha taes, que fingem padecer os meſmos achaques para moſtrarem ſympatia.

7 Eſtas tyrannias executa a ambiçaõ nos lugares mais publicos, porque nelles ſe offerecem mais occaſioens, & o ambicioſo as naõ perde. Os circunſtantes notaõ as palavras, advertem os geſtos, eſtaõ penetrando o interior; & o liſongeado dá traça com que melhor ſe conheça, para que o vejaõ adorado. Huns dos que vem iſto, zombaõ: outros murmuraõ: alguns ſe laſtimaõ de verem taõ vil hum homem de qualidade; refere-ſe nas converſaçoens; & do meſmo a quem ſerve he aquella bayxeza deſeſtimada. Nada do que diſſemos he idèa; tudo vi muytas vezes.

8 Aonde eſtà a honra que procurava eſte que ſe envileceo? querendo mandar a outros, diſſe Boecio, 20 ſe poz em eſtado de ſervir. Vi hum, & de grande caſa, que reſpondia, que beyjava os pès, para que depois lhos beyjaſſem. Com vil mercancia perdia de contado por eſperança incerta: deshonrarſe, naõ he tratar de honra; ſerà tratar de intereſſe. E ordinariamente (como dizia hum illuſtre Corteſaõ) quem perde a honra pelo negocio, ambos perde; que honrados diziaõ a Alexandre os Embayxadores dos Scythas! *Nem podemos ſervir, nem deſejamos mandar.* 21

9 Alguns paſſaõ a dadivas, & perdem tambem a fazenda; porque os grandes ſaõ mais avaros, que agradecidos. Eſtimaõ em mais o ſeu favor: & ſe naõ ſe dá muyto, cuydaõ que falta a vontade, & naõ a poſſibilidade: eſtranho genero de commercio! (nota Saõ Salviano 22) aos vendedores creſce a fazenda, & os compradores ficaõ miſeraveis. Muytas vezes ſuccede o que diſſe Tacito 23 fallando de Butridio, que ſemelhantes diligencias tiraõ o que ſe houvera de alcançar pelas vias ordinarias.

20 *Boet. de conſolat. l. 3. proſ. 8.* Dignitatibus fulgere velis? donanti ſupplicabis; & qui præire cæteros honore cupis, poſcentis humilitate, &c.

21 *Apud Q. Curt. hiſt. Alex. l. 7. poſt med.* Nec ſervire ulli poſſumus, nec imperare deſideramus.

22 *Salvian. de vero judic. & providentia l. 5.* Inauditum hoc cõmercii genus eſt: venditoribus creſcit facultas: emptoribus nil remanet niſi ſola mendicitas.

23 *Tacit. annal. l. 3. ad fin.*

10 Mas demos que hum deſtes chega ao poſto que pretendia, o qual ſe lhe deu, naõ por amor, mas por exemplo de que outros cortejem; leva a nota das vilezas com que o comprou, fica eſcravo do que lho vendeo, que ſe reputa Deos, para deſfazer a ſua feytura quando quizer; he vituperado dos cenſores, & quando ſe avalia reſpeytado pelo officio, he como o vil animal, que ſe gloriava nas adoraçoens que ſe faziaõ à Imagem da Deoſa Iſis que levava; 24 tal vez o privaõ, & fica ſem poſto, & ſem honra: Iſaías o compàra bem às aranhas, que ſe deſentranhaõ em ordir teas, que huma moſca rompe. 25

11 Se ſe houvera governado pela razaõ, naõ deyxàra de ſe arrimar para ſubir; pois a natureza o enſina na hera, na vide, nos jſmins, & moſquetas, flores taõ benemeritas; mas arrimaõ-ſe bizarras, ſem perderem os brios; procuràra agradar por boas partes, & por virtude: lembràra-ſe com modeſtia, pedira com decencia, moſtrando-ſe pretendente, & naõ ſervo: ſe alcançaſſe, fora mais reſpeytado: ſe o privaſſem, naõ ficaria ſem honra: ſe nada lhe deſſem, mais credito ſeria perguntarſe, porque lhe naõ deraõ, que perguntarſe porque lhe deraõ. 26 Quem foge da ambiçaõ, acha honra: a quantos homens deſprezados olhaõ os bem entendidos com mais reſpeyto que aos enthronizados? A quantos Religioſos ſem lugar com mais veneraçaõ que aos Prelados? Sò para ruſticos ſaõ as apparencias de comedias; ſó eſtes julgaõ pelas ſombras; como aos que olhaõ para hum tanque cercado de arvores, parecem ellas cahidas de cabeça a bayxo; ſe olharem para a realidade, as veraõ em pè muyto direytas; o merecimento he a mayor dignidade, & a mayor eſtatua, as obras ſaõ eloquente lingua, & digna occupaçaõ da fama. 27 Germancio (a cujo reſpeyto o diſſe Tacito 28 depois de Cataõ) muyto mais honrado ficou merecendo o Imperio, que Caligula com o poſſuir. E Dolabella mais illuſtre que Bleſſo, por cuja cauſa Tiberio lhe negou triunfo.

12 Que diremos dos que por tyrannia ſóbem a Thronos, cuydando que fazem glorioſa a ſua fama? que honra adquiriraõ? Só entre ignorantes. 29 Se he deshonra ſer ladraõ no pouco, furtar muyto como o naõ ſerà? Como ſeraõ louvados pelo que ſaõ atormentados no inferno? por honrados os premiará Deos: accuſa o juizo Divino quem os tem por benemeritos. Entre os entendidos, o uſurpador ſó alcança infamia para a vida, & nome de tyranno para as hiſtorias. Scipiaõ, eſplendor das virtudes moraes, honra da felicidade bellica, com fortaleza de moço, & temperança de velho ganhou as Heſpanhas, paſſou a Africa, conciliou Maſſiniſſa, rendeo a Syfas, venceo a Annibal, & como fez Carthago de Roma, pudera fazer Roma ſua; mas contentando-ſe com o renome de Africano, ficou ſubdito de ſua patria; eſcolheo por patrimonio o ſervilla; dos inimigos que offendia era amado. Com iſto deyxou melhor fama morrendo

24 *Alciat in Emblem. Non tibi, ſed Religioni.* Non es Deus, tu Aſelle, ſed Deum vehis.

25 *Iſai. 59. 9. P. Fonſeca, tract. do amor de Deos c. 37. paulò poſt med.*

26 *Cato Senior apud Plutarch. in apophthegm. & Plin. de vit. illuſt.* Malim ut de me quærant homines quamobrem Catoni non ſit poſita ſtatua, quàm quare ſit poſita.

27 *Proverb. 31.* Laudent eam in portis opera ejus.

28 *Tacit annal. 1. ante med. & l. 4 ante med.*

29 *Vide Q. Curt. hiſt. Alex. l. 7. poſt med. in orat. legat. Scythar.*

rendo no deſterro, que Julio Ceſar morto no Senado. Eſte tyrannyzando Roma, naõ alcançou o renome de *Magno*, que Pompeo conſervou defendendo-a, poſto que vencido. Os Caſtelhanos por lavarem a Coroa do labeo q̃ lhe poz Henrique I. caſáraõ a Henrique III. com a neta de Dom Pedro Rey legitimo, ainda que cruel. Oliveiro Cromuel, que vimos tyranno da Gram Bretanha, por tyranno foy conhecido em vida, & na morte: Europa o reſpeytou por temor; ſe iſto he honra, os ſalteadores de eſtradas ſaõ muyto honrados. Huma rebelliaõ do Povo o levantou, mas nem ſoube, nem pode conſervar aquella fortuna em ſua caſa; logo que elle morreo, cahio o filho. Ter hum applauſo geral por tempo breve, como em Roma os Saturninos, & Graccos, naõ he prova de merecimento, mas temeridade da fortuna. Sò a ignorancia, & maldade gabarà naquelle tyranno o animo com que uſou da occaſiaõ: devendo antes aproveytarſe daquelle favor popular, & militar para acçaõ que o fizeſſe glorioſo; como depois ſe aproveytou Jorge Mgck, reſtituindo o legitimo Rey: Carlos II. vioſe com exercito arbitro de tres Reynos, & nenhum quiz; mais quiz dallos, que poſſuillos; ſugeytou o poder às leys com mais gloria no obedecer, que no mandar. Feyto por ElRey Duque de Albemarle, com outras honras, illuſtrou para ſempre ſua deſcendencia; viveo grande, mas menor que os meritos; & morreo mayor, porque viveo ſem ambiçaõ; foy ſepultado entre os Reys, porque o naõ foy; logra para ſeculos o throno, que recuſou por annos. A morte o achou retirado no campo aonde deſprezava a Corte; fora o mais feliz, ſe morrèra na Religiaõ Romana: os oſſos do tyranno foraõ queymados, condemnada ſua memoria, & he abominavel ſeu nome. Taes ſaõ os effeytos dos meyos, porque ſe pretende a honra; & a ambiçaõ nem com exemplos taõ multiplicados teme os fins dos que imita nos feytos. 30

30 *Cicer. Plin. 2. in prine.* Te mi. Antoni, quorum facta emittere eorum exitus non perhorreſcere.

CAPITULO XXXV.

Para o meſmo intento ſe moſtra como os que pretendem honra pela ſciencia, errando ordinariamente os meyos, ſe deſacreditaõ.

1 OUtros homens, & em todas as idades, poem a honra no ſaber, & com razaõ; porque, como Salomaõ diſſe, 1 he a couſa mais precioſa, & nenhuma das que ſe deſejaõ ſe lhe pòde comparar, & aſſim offerecendo-lhe Deos o que elle quizeſſe, pedio ſabedoria, & o *Senhor* approvou ſua eleyçaõ. 2 Por eſta parte ſe differençaõ tanto os homens huns dos outros, que houve quem diſſe que hia mais de hum homem a outro

1 *Proverb. 3. n. 15. & 16.*

2 *3. Reg. 3.*

outro homem, que de hum homem a hum animal bruto; entendendo que vay mais de hum homem muyto sabio a hum homem muyto nescio, que de hum homem muyto nescio a hum animal irracional daquelles que se pódem chamar menos brutos; & assim diz Salamaõ ao nescio, que aprenda sabedoria da formiga. 3 Por isso disse o mesmo Salamaõ: *O nescio servirà ao sabio;* 4 *os sabios possuiraõ gloria: a exaltaçaõ dos nescios, he ignominia;* 5 *para ignominia nasceo o nescio;* 6 & chamar a hum homem nescio, disse Aristoteles, 7 he das mayores injurias que se lhe pòdem fazer. Mas em duas maneyras avaliaõ os homens o saber; ou só pelo natural sem estudo; ou por acquisiçaõ do que estudou; & em ambas erraõ muytos o modo de mostrar que sabem.

2 Para ostentaçaõ do bom juizo fallaõ muyto, atè nas Igrejas: rim alto; affectaõ dizer graças, que elles mesmos celebraõ; & tudo isto diz o Espirito Santo, & notàraõ Sabios, 8 que antes he final de nescio. Alguns que se querem mostrar politicos, sempre discursaõ sobre o governo, que lhes naõ toca, pela mayor parte censurando; se se pretaõ de Poetas, sem o serem muyto bons, saõ os que mais enfadaõ. O Romano Sylla deo muyto dinheyro a hum mào Poeta, porque o naõ cançasse; melhor o fez Alexandre, que matou a outro com fóme. 9

4 Outros tomaõ caminho contrario. Fazem-se sevèros, fallaõ em voz bayxa, poem (como se diz) o verbo no cabo, & escutaõ-se a si mesmos, notando, & deleytando-se, se foy o periodo bem soante. Raros saõ os que daõ em sempre callar; estes erraõ menos, conforme ao emblema de Alciato 10 aprendido de Salamaõ; 11 porèm isto tem termo, porque tambem declarou o mesmo Salamaõ, 12 que ha tempo de callar, & tempo de fallar; callar demasiado, tambem he nescio; & assim encomendando hum pay a hum filho nescio, que em hum banquete naõ fallasse, por naõ ser conhecido, callou tanto, que os circunstantes disseraõ entre si, que devia ser nescio, pois nada fallava; & ouvindo-o elle, celebra a Floresta Hespanhola 13 dizer: *Pay já posso fallar, pois jà me conhecèraõ.*

4 O bom juizo se mostra em fallar moderado a seu tempo: rir com modestia: 14 meter a galantaria na pratica como ao descuydo, quando se offerecer occasiaõ, sem se affectar, & sem a solemnizar, deyxando-a ao arbitrio dos ouvintes; 15 discursar sobre materias differentes sem se applicar sempre a hũa, 16 (porque a conversaçaõ ha de ser varia) & menos as do governo publico, se lhe naõ toca por officio. Conciliar facilidade com gravidade. 17 Fallar composto, mas naturalmente, sem artificio; 18 he peyor fallar affectado, que menos elegante.

5 Dos que tem sciencia adquirida, muytos se desacreditaõ por onde querem acreditarse. Huns se enganaõ a si mesmos, cuydando que sabem tudo; 19 devendo entender que ao que mais sabe no mundo, falta por saber muyto mais, & nem

3 *Proverb 8.6.*

4 *Prov.11.29.* Qui stultus est, serviet sapienti.

5 *Proverb 3 in fine.* Gloriam sapientes possidebunt: stultorum exaltatio ignominia.

6 *Proverb.17.21.* Natus est stultus in ignominiam.

7 *Arist apud Joan Huarte de S. Joan in exam. in Gen. c. 2. in princ.*

8 *Ecclesiast.10.num.14.* Stultus verba multiplicat.
Eccles iast.21.23. Fatuus in risu exaltat vocem suam.
Joan. Huarte Jugrà c. 10. post med. vers los graciosos dezidores, & c. 12; Senec. Ep. 15. & 40. in t. 2 & 3.

9 *Dissemos no cap. 16. n. 14.*

10 *Alciat l. 1 emblem. 3.*
Cum tacet, haud quicquam differt sapientibus amens:
Stultitiæ est index lingua quæque, vox que suæ.

11 *Proverb.17.18.* Stultus quoque si tacuerit, sapiens reputabitur: & si compresserit labia sua, intelligens.
Diximus in tract Perfect Doct. quæst. 9. n. 10.

12 *Eccles.3.7.* Tempus tacendi, & tempus loquendi.

13 *Floresta Hespanhola.*

14 *Ecclesiast 21 23.* Vir autem sapiens vix tacitè ridebit.

15 *Proverb 27 2.* Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

16 *Ecclesiast.3.1.* Omnia tempus habent.

17 *Cleomenes apud Plutarch. apophthegm.*
Affabilis eo usque dum contemptui non sit.

18 *Senec. ep. 115.*

19 *Proverb.12.15.* Via stulti recta in oculis ejus.

nem o que ſabe, acaba de ſaber perfeytamente, & como o deve ſaber; 20 por iſſo dizia aquelle grande Filoſofo: *Sò ſey que nada ſey*; & ainda que ſayba muyto, ouvindo ſaberà mais, 21 eſtudando, & aprendendo de todos, 22 & em qualquer idade. Parece muyto bem (dizia Eſchilo) hum velho que aprende, 23 porque a ignorancia he muy fea nos velhos, & he menos culpavel morrer aprendendo, que ignorando: aſſim reſpondia Socrates aos q̃ lhe taxavaõ procurar ſaber mais, tendo jà muyta idade. 24 Marco Tullio no livro *de Senectute*, introduz ao Sabio Solon gloriando-ſe de que hia envelhecendo, & aprendendo cada dia. 25 O Juriſconſulto Pomponio proteſtava que era de ſetenta & oyto annos, & ainda que tivera hum pè na ſepultura, naõ ſe envergonhára de aprender. 26 O grande Agoſtinho deſejava que o enſinaſſe qualquer Biſpo, & companheyro mancebo. S. Jeronymo conta de ſi como na velhice aprendia de outros; 27 & o eloquentiſſimo Padre Mendoça 28 o moſtra mais louvavel aprendendo, que enſinando. Diſcretamente diſſe Seneca: 29 Muytos chegariaõ ao alto da ſciencia, ſe naõ cuydaſſem que jà haviaõ chegado.

6 Outros tem por bayxeza ſeguir os caminhos trilhados, & opinioens commuas, & faceis; cuydaõ que moſtraõ mayor ſciencia, & engenho, & que ſe fazem immortaes inculcando novas doutrinas, prezando-ſe de ſubtileza. A eſtes reprehendem aſperamente os mais graves Doutores Joaõ de Neviſanio, & Franciſco Duareno, (30 pondo exemplo em Barbacia) os qualificaõ *jactanciosos, temerarios, delirantes, fumoſos, & que ſe ferem a ſi meſmos, porque levantaõ couſas que naõ ſabem reſolver.* Vivio 31 a ſemelhante ſubtileza dà titulo de *perniciosa*: Eſpeculador 32 diz que *ella meſma ſe confunde: que voa ao Ceo ſobre as pennas dos ventos, & logo ſe ſumerge debayxo da terra no profundo dos abyſſos*: huma gloſa de Direyto civil 33 lhe chama *impoſſibilidade*; & hum texto, 34 *authorizada de erros.* Entende-ſe tudo iſto dos que ſubtilizaõ com demaſia, dando em extravagancias; que a ſubtileza regulada orna, reſplandece, & illuſtra as ſciencias; entre os Juriſconſultos, hum Africano, ou Papiniano; entre os Doutores Juriſtas hum Cumano Manoel da Coſta, ou Antonio Fabro; entre os Medicos hum Avicena; entre os Theologos hum Joaõ Duns Scoto, & outros engenhos levantados em todas as ſciencias, & faculdades, que louvores, naõ merecem? O Apoſtolo Saõ Paulo 35 deu a medida: Saber o que baſta, naõ ſaber mais do he neceſſario ſaber: deſte modo ſoube o Juriſconſulto Labeo, do qual com louvor refere hum texto, 36 que engenhoſamente innovou muytas couſas: & Bartholo, de quem por teſtemunho do outros Doutores, eſcreve Joaõ Pichardo, 37 que alcançou tanta reputaçaõ, porque ſempre ſeguio opinioens que contentavaõ ao commum, & ſe deyxavaõ entender de todos. Entre os nimios em ſubtileza, ſaõ mais reprehenſiveis alguns q̃ uſaõ della nos pulpitos, arraſtando

20 *D. Paul. 1. ad Corinth. 8. 2.* Siquis autem exiſtimat ſcire aliquid, nondum cognovit quemadmodum oporteat eum ſcire.

21 *Prov. 1. 5.* Audiens ſapiens, ſapientior erit.

22 *Angel. in præm. Inſt. Jur. civ.* Siquis fortè velit Juriſconſultus haberi, Continuet ſtudium, velit à quocunque doceri.
D. Trom. Epiſt. de modo acquir ſcient Non reſpicias à quo audias, ſed quidquid boni dicatur, memoriæ recommenda.

23 *Eſchil. relatus à Hieron. de Huert. in prol. ad probl. Philoſoph.*

24 *Socrat. relatus à F. anc. de Gyumendr. in doct. Princip. c. 2.*

25 *Refert gloſ. margin. in L. Apud Julianum 20. ff. de ſi addei com. libert.*

26 *In d. L. Apud Julianum.* Et ſi alterum pedem in tumulo habentem, non pigeret aliquid addiſcere.

27 *D. Aug. ad Auxilium Epiſcop. ep. 75 relatur in C. Si habes 24 q. 3. D. Hieron. ep. 15 ad Pammach.*

28 *Mendoça in vtrid. l. 3. probl. 2.*

29 *Senec. de tranquillit. vit.* Multi ad culmen ſcientiæ pervenisſent, niſi ſe jam pervenisſe putaſſent. *Et vide eumdem ep. 75 aliàs 77. in l. 10.*

30 *Neviſan. Sylv. nupt. l. 5. n. 28. in fin.*
Franc. Duaren. epiſt. de modo ſtud. habetur in 2 tom. tract. Docto juris.

31 *Viv. de commun. opin. loco 7. de ult. vol. tit. 4. c. 24. verſ. itaque.*
Habetur mihi in 3. tom. cõmun. opin. fol 41 pag. 1.

32 *Specul. tit de Advocat. §. Nunc de exordiis n. 21. v. ſubtilitas.*

33 *Glo'. verbo ſubtilitatem in L. Si mulier § fin. aſſeff. de jure d. t.*

34 *L. Si ſervum 91. §. Sequitur ff. de obligat.*

35 *D. Paul. ad Rom. 12. 3.* Non plus ſapere, quàm oportet ſapere, ſed ſapere ad ſobrietatem.

36 *L. §. Poſt hunc ff. de orig. jur.*

37 *Pichard. in vitiis Juriſconſult. in vit. Barth.*

ſtando conceytos vãos as Eſcrituras repugnantes, como diſſe Saõ Jeronymo; 38 & com as fantaſias, em que buſcaõ credito, cahem no vituperio que o meſmo Santo nota nas palavras que jà referimos tocando eſta materia. 39

7 Alguns fazem profiſſaõ de reprovar, o que he mais facil que compor bem, como dizia Marcial a Lelio. 40 Imaginaõ que acreditaõ ſeu engenho, & fazem-ſe odioſos: Baldo ennevoou ſuas luzes com ſe dar a conhecer por oppoſto a Bartholo; 41 mancha mayor nos emulos de ſeus meſtres, como Ariſtoteles de Plataõ; dizem q̃ por caſtigo lhe negou a terra ſepultura; & morreo afogado nas aguas do Euripis. Ley dos Indios ſinalava com ferro por infame os ingratos a ſeus meſtres; & na Academia dos Gymnaſofiſtas ſe lhes punha outro final de vituperio. 42 Naõ nego a obediencia à verdade; ſe ella obriga, ſe deve ſeguir; mas com fundamento que manifeſte deſejo de acertar ſem animo de contradizer.

8 Taes ha, que inchados com a ſciencia, 43 uſaõ della para ſeu louvor, naõ para gloria de Deos, peccando onde devèraõ emendarſe, como lamentava Santo Iſidoro. 44 Antes parece que naõ conhecem Deos, *feytos abominaveis em ſeus eſtudos*, como diſſe David. 45 Por ſemelhantes inconvenientes naõ queria o Serafico Franciſco que ſeus Frades eſtudaſſem. 46 Os que aſſim ſe levantaõ, ſe deſacreditaõ, porque (diz Plutarco 47) ſe moſtraõ vaſios de letras, como na ſeára as eſpigas vaſias ſe vem levantadas, & ſó ſe humilhaõ as cheas de fruto. Os ſcientes para adquirirem honra, devèraõ fazer o contrario do que ordinariamente coſtumaõ: conhecer que de ſi ſaõ nada, & tem de Deos qualquer couſa que ſaõ: 48 tanto ſeraõ mais, quanto ſe eſtimarem menos: 49 naõ conſiſte a honra na ſciencia, mas no modo de uſar della; 50 neſte modo ſe erra.

9 Finalmente a honra (diſſe Plataõ) *he dignidade adquirida pela virtude*; ſignificava-ſe em dous Templos de Roma edificados à virtude, & à honra; com tal artificio, que naõ ſe podia chegar ao da honra, ſenaõ pelo da virtude: nem ſe paſſava pelo da virtude, ſem hir parar no da honra. Santo Agoſtinho 51 refere do virtuoſo Cataõ, que quanto menos pretendia gloria, tanto mais ella o ſeguia. Outros caminhos tem inconvenientes que antes deſacreditaõ, como Boecio 52 particularmente os conſidera. E ha taõ deſordenada ambiçaõ, que Heroſtrato por ficar afamado, queymou o templo de Diana em Epheſo, deſcobrindo-ſe para ſer condemnado à morte. 53 E hum Filoſofo deſejava que o mataſſe hum rayo, por naõ ſer vencido de menor homicida. 54

38 *D. Hieron. Ep. ad Paulin.* Ad voluntatẽ ſuam Scripturam trahere repugnantem.

39 *Supra c. 19. n. 5.*

40 *Martial. l. 1. epigram. 91.*
Cum tua non edas, carpis mea carmina Læli:
Carpere vel noli noſtra, vel ede tua.

41 *Nevi ſup. d. n. 28.*

42 *Thom. Garzon na Synagoge de ignorantes. c. 9.*

43 *D. Paul. 1. ad Cor. 8. 1.* Scientia inflat.

44 *D. Iſid. l. 3. de ſum bon.* Pleriſque accepta ſcientia literarum non ad Dei gloriam, ſed ad ſuam laudem utuntur, dum de ipſa extolluntur, & ibi peccant, ubi peccata emendare debuerunt.

45 *Pſalm. 13. v. 1. & 2.* Dixit inſipiens in corde ſuo: Non eſt Deus. Corrupti ſunt, & abominabiles facti ſunt in ſtudiis ſuis.

46 *Fr. Marcos de Lisboa na Chron. dos Frades Menor. p. 1. l. 2. c. 22. & 23.*

47 *Plutarch. in Moral.*

48 *D. Aug. ſup. Pſalm 70.*

49 *D. Greg. l. 23. Moral.* Tanto per illam (*ſcientiam*) robuſtus ſapit, quantum ſe infirmum in illa verius recognoſcit.

50 *D. Bern. ſup. Cant. ſerm 36.* Non probat multum ſcientes, ſi modum iciendi neſciverunt, fructum, & utilitatem ſcientiæ in modo ſciendi conſtituit

51 *D. Aug. de Civ. Dei l. 5. c. 12. poſt med.*

52 *Boet. de conſol. 3. proſa 8.*

53 *Strab. l. 14.*
Valer. Max. l. 14. in fin.

54 *Refere o P. Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p. 1. c. 8.*

CAPITULO XXXVI.

No desordenado amor da vida, se mostra cego o entendimento pelas miserias della.

1 PInta-se o amor com azas por sua inconstancia; só o da vida (discurría hum juizo grande) he muyto firme: nasce com os homens: cresce com a idade: só morre na sepultura. He menor nos primeyros annos; depois, como arvore vay multiplicando raizes na terra, atè que o furacaõ da morte a arranca; ou como ribeyra, que ao nascer corre mansa, mas quando se ha de render ao mar, se faz impetuosa, soberba com as aguas que lhe entràraõ. Nos felices, & infelices he igual esta inclinaçaõ: tanto ama a vida o escravo, como o senhor: nas masmorras quer viver o miseravel carregado de ferros em escuridaõ.

1 P. *Lysieux na Philosoph. Christ. p. 1. c. 2.*

2 Resoluta a vontade a este desejo, abraça todas as miserias que para elle pòdem contribuir; porque ainda que o desejo preciso he só da vida, esse he inseparavel dos remedios que a pòdem conservar. Ha occasioens em que lhe he necessario cortar hum braço; paga a quem lho corta, & tal vez se queyxa porque naõ cortou mais: hum homem agradecerà cortarem-lhe ametade do corpo, só por ficar com a outra ametade, por sustentar huma parte com vida, enterrarà as mais: se os inimigos entraõ huma Cidade, os Cidadãos lhes daõ seus thesouros, porque os naõ matem, privando a vida das riquezas que lhes seriaõ regalo; & nisto saõ amantes, (diz Santo Agostinho 2) pois naõ teriaõ esta sua querida, se a naõ tivessem necessitada; chegaõ os homens a despojalla, porque viva do que lhe he necessario para viver; que repugnancia! Em huma tempestade, por aliviar o navio, se lançaõ ao mar os mantimentos, expondo-a a morrer de fome, que naõ he menos cruel que o naufragio; por fugir de hũa féra, ou de hum inimigo, se precipita o perseguido em hum rio sem saber nadar, & alli se afoga; muytos, porque os naõ matassem, se anticipáraõ a morte com veneno, & punhaladas; a tudo o homem se expoz no unico acto de amar a vida com desordem.

2 *D. Aug. Ep. ad Armeni.* Istiamarám suam non haberent, nisi amando inopem reddidissent.

3 *Chriſto* Senhor nosso, accommodando sua doutrina a esta inclinaçaõ, quando encomendou as virtudes, prometteo outros premios; 3 mas quando ensinou a desprezar a vida, prometteo outra immortal, 4 & mostrou como se havia de alcançar. Na segunda parte o veremos. 5

3 *Matth. 5. ex n 3.*

4 *Joan. 12 25.* Qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam.
Concordat ejusdem Matth. 16. 25. Marc. 8. 35. Luc. 9 24. & 17. 33.

5 *V. 2. cap. 52. & 53.*

4 E esta vida para quanto tempo a conservamos? A cima fica jà dito 6 que he correyo de posta, náo veleyra, aguia veloz, fumo, sombra, nuvem, nevoa, & vapor.

6 *Sup. c. 10. n. 3. & vide 2. p. cap. 53. n. 8.*

5 Mas se lhe consideramos a duraçaõ, em que dura, senaõ em miserias? nascendo sahimos de huma prizaõ em que, como

como criminoſos, ou anticipando-ſe o caſtigo aos crimes, eſtivemos nove mezes; ſahimos chorando, naõ havendo lagrimas em algum outro animal: & ſahimos como eſcravos fugitivos que ainda naõ pòdem tirar os ferros, pois naõ podemos andar, como outros animaes logo andaõ.

6 Depois de naſcer, naõ atamos as féras; & o homem he logo atado com faxas de pès, & máos, ſem outra culpa mais, que de haver naſcido com os grilhões que derivamos de Adam, como diz Santo Agoſtinho, 7 & deſetàra *Chriſto*. Mal ſe pòde julgar, dizia Plinio, 8 ſe nos he a naturoza máy, ou madraſta, porque entre todos os animaes ſó ao homem veſte do alheyo: aos mais deu varios generos de cuberturas: a concha, os cabellos, a lã, as pẽnas, as eſcamas, atè as arvores defende dos frios, & da quentura com cortiças, algumas vezes dobradas. He verdade que tudo o que naſce tem pequenos principios; mas entre todos os animaes, o do homem he o mais cativo. As abelhas tanto que voaõ, ajudaõ a ſua Republica, mathematicamente ſaõ arquitectos das caſas em que fabricaõ o mel. As formigas em naſcendo, trabalhaõ na proviſaõ de ſeu mantiuento, envergonhando noſſa ocioſidade; todos os mais de muyto pequenos trataõ do que lhes convem, ou correndo, ou voando, ou andando, ou com força, ou com manha; até os pequenos peyxes ſabem fugir das aves de rapina que coſtumaõ comellos: ſó ao homem he neceſſario que outrem dè o ſuſtento: o defenda dos perigos: diſponha ſuas acçoens, & enſine a andar, a fallar, & comer; nada ſabe fazer, ſenaõ chorar; como o homem ſe chama *microcoſmo*, que ſignifica, pequeno mundo, he como o grande mundo na eſcuridaõ de ſeu principio antes que Deos lhe dèſſe luz.

7 Começanos a luz quaſi de ſete annos; & meſtres nos começaõ a inſtruir nos bons coſtumes, a que a mà natureza repugna: diſtillaõ-nos por gottas (porque a corrente nos naõ afogue) as artes, & ſciencias, que nos enfadaõ; & depois de muytas deſpezas, & trabalhos, nos fica della pouco, ou nada.

8 Adultos, cuydamos que jà ſomos ſabios; deſprezamos os conſelhos; tomamos toda a liberdade; entregamonos ao appetite, fogo que abraza, torrente que alaga; & ſó depois do precipicio conhecemos o màо caminho, em que deyxamos ſó veſtigios de pobreza, de doenças, & de arrependimento, que veyo tarde.

9 Ná idade varonil ſe imagina o homem livre dos perigos da adoleſcencia; & he como os peyxes alados, que ſaltando para o ar por fugirem dos grandes que os perſeguem nas aguas, ſe fazem prezas de paſſaros que os eſtaõ eſperando. O gladiator Myrmillo ſe queyxava em Roma de que ſe celebravaõ poucas vezes os jogos de combate; mas ſe advertira bem, vira que eſtavaõ todos os homens em combate continuo. Neſta idade ſobrevem os vayvens do mundo, que os antigos chamàraõ for-

7 *D. Aug. tract. 41. dec. 8. in Joan.* Nondum ambulant, & jam ſunt compediti: traxerũt enim de Adam quod ſolvatur á Chriſto.

8 *Plin. in præfat. libr. 7. hiſtor.*

fortuna. Quantos padeceo David, com ſer Santo? & quantos padeceo *Chriſto* ſuperior a tudo? já acclamado, já perſeguido; huns lhe chamavaõ Profeta, outros endemoninhado; hum dia o recebèraõ como Rey, outro o crucificàraõ como amotinador. Ninguem teve taõ temperada a viola da ventura, que ſe lhe naõ quebraſſe alguma corda; aquelle parece mais venturoſo, que começou mais tarde a ſer mal afortunado: ſobrevem o rigor do trabalho, o cuydado dos filhos, o ponto da honra, o deſaſoſſego da ambiçaõ, a carga da familia, & a falta da fazenda para acodir às obrigaçoens. 9 Os Eccleſiaſticos, & Religioſos encerrados nas ſuas cellas padecem o meſmo no eſpirito. As redes do inimigo cõmum ſaõ como as das aranhas, que os naturaes dizem que ſaõ da cor do ar, para que as moſcas, que procuraõ caçar, as naõ differencem delle: o zelo falſo tem o meſmo fervor que o verdadeyro, ainda que naõ tenha o meſmo motivo; & os mete no labyrinto das eleyçoens: a ocioſidade ſe cobre com a capa de oraçaõ: a caridade ſe engana indiſcretamente metendo-ſe em negocios do mundo, atè nos da Corte, que o prudentiſſimo Patriarca Santo Ignacio de Loyola na ſua Regra ſantamente prohibio aos da ſua ſagrada Companhia. A vaidade arma emboſcadas debayxo do pretexto de boa reputaçaõ: aſſim da medicina fazem doença, da ſantidade crime; donde nota o Religioſiſſimo Padre Lyſieux, 10 que no meſmo tempo em que hum demaſiadamente confiado em ſua virtude, eſtà de geolhos com as mãos levantadas, & os olhos em hum Santo Crucifixo rogando pelos peccadores, diz o demonio, que elle he o mayor, & neceſſita de que roguem por elle: ſaõ palavras deſte grande Varaõ.

9 *Tratàmos diſto acima c.20.n.11.*

10 *Lyſieux na Phil.Chriſt p.1. c.15.*

10 Se chegamos à velhice, he fonte de penas, tormento de enfermidades, desfalecimento dos ſentidos; David 11 lhe chamou trabalho, & dor; & Saõ Paulo 12 avaliou por já morto hũ velho em vida; que pòde haver aonde o comer he ſem dentes, o ver com oculos, & ouvir com gritos; o andar com bordaõ, os membros fraquejaõ, o juizo vacilla, as remiſſoens creſcem ao paſſo das obrigaçoens a que ſe devera acodir? o tempo que gaſta as pedras, que naõ terà feyto em hum corpo taõ debil? ſó reſtaõ delle as ruinas, que moſtraõ qual foy aquelle amphiteatro, em que ſe repreſentàraõ tantas comedias, & muytas mais tragedias. 13 Que digo? nem iſto apparece; porque a pelle enrugada, os nervos encolhidos, os pès torcidos, as pernas fracas, as mãos trémulas, a cabeça inclinada, a voz mudada, os olhos ennevoados, os ouvidos ſurdos, o nariz humido, o animo cahido, a propẽſaõ ao ſomno imagem da morte, o temperamẽto já frio, & ſeco da natureza da terra, aquelle já ludibrio dos criados, & dos proprios filhos, naõ parecem do homẽ q̃ era de antes. E na verdade Filoſofos, & Medicos diſſeraõ, & as Leys Civis o approvaõ, 14 que o calor interior ſempre em acçaõ gaſta o humor nativo, & em ſeu lugar ſe vay ſubſtituindo com o alimento,

11 *Pſalm.89 v.10.*

12 *D Paul. ad Rom 4.19.* Nec conſideravit corpus ſuum emortuum, cùm ferè eſſet centum annorum.

13 D.*Paul.1.ad Cor.7.31.* Præterit enim figura hujus mundi.

14 *L.Proponebatur 76.ff. de judiciis.*

outro

outro de differente ſubſtancia; & ſegundo iſſo duvidaremos ſe eſte corpo he o meſmo que naſceo de ſua mãy, como os meſmos Filoſofos duvidaõ ſe a náo dos Argonautas, que elles nas longas viagens foraõ reformando com novas madeyras atè lhe naõ ficar alguma das antigas, ficou ſendo a meſma que em primeyro navegáraõ, & ſe hum rio que ſempre corre, he ſempre o meſmo rio.

11 As mulheres ſentem mais eſta mudança; ſe o tronco mais robuſto, ſe a muralha mais forte obedece ao tempo; que fará huma belleza delicada? Quanto mais ſe preza de mimoſa, tanto mais ſe ſugeyta. Aquella donde ſe copiou a roſa, em quem, primeyro que no Ceo, amanhecia o Sol, & que foy incentivo de incendios, jà he agua q̃ os apaga; como as frechas de Achilles, que ſaravaõ as feridas que haviaõ feyto. A maſcara de confeyçõeſ, o artificio de fingimento naõ diſfarçaõ a verdade, mas occaſionaõ riſo; à cuſta de ſeu martyrio querem lavrar engano, & lavraõ aviſo; 15 ſe apparecem veſtigios do paſſado, ſaõ epitafios do que morreo. Que triſte retrato pòde fazer hum Poeta em retorno dos floridos que ſe fizeraõ! ſe aquelles namoravaõ, eſte atemoriza; trocado o que mais deleyta, a purpura da boca ſe paſſou aos olhos: o preto dos olhos aos dentes: o creſpo dos cabellos às faces: o marfim da teſta inficionou os cabellos; nem por idade he venerada, devendo-ſe veneraçaõ à velhice. Por iſſo aquella Romana, de que jà fizemos mençaõ, mais queria ſer comida de féras, que chegar à velhice: todas ſe queyxaõ do eſpelho, & Berenice queria prevenirſe com deyxar lamber o roſto por hum Leaõ. 16

12 A nenhuma idade, a nenhum eſtado, ou ſexo perdoa miſerias a condiçaõ humana; ſe alguem as naõ viſſe, ſeria como hum que caminhou largo eſpaço a cavallo por ſima de hum rio congelado, cuydando que era campo cuberto de neve; & outro que de noyte paſſou hum rio por ſima de huma ponte arruinada, acertando acaſo por onde havia de pòr os pès; & vendo pela manhã o perigo de que eſcapára, morreo de medo; quem o naõ terâ de vida taõ perigoſa, & miſeravel?

13 O meſmo he viver, que ſer miſeravel; parece que a natureza deyxa viver os mortaes para que mais padeçaõ; como o tyranno, a quem hum que elle atormentava lentamente, mandou pedir que o mataſſe; reſpondeo, que iſſo fazia aos amigos: que ſofreſſe, & como lhe paſſaſſe a colera, faria aquella mercè. Por iſſo no famoſo templo de Denia em Heſpanha, edificado pelos de Tyro, eſtava depoſitada peçonha para os que quizeſſem matarſe por cauſas approvadas por Juizes, que havia para examinarem ſe eraõ juſtas; & entre eſtas eraõ doença importuna, & vida larga; 17 coſtume que tambem havia em outras partes; porque lemos que huma illuſtre mulher da Ilha de Cóos uſou delle, matãdo-ſe com veneno, preſente Pompeyo, alcançada licença dos Juizes: Eſtarcathero

15 *D. Hieronym. Cancer.*
Su fealdad creſce afeytada,
Que à coſta de ſu martyrio
Quiere labrar el engaño,
Y ſiempre labra el aviſo.

16 *Supra c. 15. n. 3.*

17 *Jul de Caſtilho hiſt. dos God. l. 2 diſcurſ. 2.*

Rey de Dinamarca, vendo-se chegado á velhice, & temendo os achaques della, se quiz anticipar à morte; & deu hum collar de ouro, que pezava cento & vinte libras, a hum chamado Hatero, porque lhe cortasse a cabeça, que offereceo com desesperada resoluçaõ. Esta causa dá hũ grave Author 18 àquella acçaõ barbara, posto que outros 19 referem, que foy arrependimento de haver morto hum filho do mesmo Hatero. Plinio 20 barbaramente considerou nos homens hum bem que faltava a Deos, & era poderem-se matar, para evitarem as penalidades da vida.

14 Finalmente o bem que imaginamos nosso, he empreſtado por brevissimo tempo; só possuimos nosso o que imaginamos que naõ temos; no principio da vida cegueyra, no progresso trabalhos, no fim dores, & sempre erros. Ou, como lamentava Solon, 21 podridaõ no nascimento, vento na duraçaõ, manjar de bichos no fim. Que dia temos que naõ seja penoso? Qual nos foy taõ alegre, que naõ pagasse pensaõ? antes cada dia nos traz pensoens novas. 22 Padèra a Escritura santa contar os dias da manhã atè a noyte; mas conta da vespera atè a manhã; 23 porque naõ temos dia que naõ participe de trevas. Sofronio conta na historia dos Padres do Ermo, que hum Ermitaõ moderno se queyxou ao Santo Abbade Theodoro Firme, de que naõ tinha achado hum dia de descanço; & o Santo velho respondeo: Se eu o naõ tenho achado em mais de setenta annos, como querias tu achallo em taõ poucos? Como naõ ha homem que seja immortal, o naõ ha que naõ seja triste em quanto vive, diz S. Joaõ Chrysostomo. 24 E Seneca nota, que naõ ha, nem houve no mundo casa sem prantos. 25 Temos guerra perpetua com a fortuna, em que só a virtude nos pudera dar vitoria; mas fracos, & desarmados pelejamos com ella em desigual partido, & somos vencidos facilmente; zomba de nòs, parecemos-lhe capazes de fazer de nòs jogo; animaes de vida breve, & cuydados infinitos, que sem sabermos tomar porto, nem conselho, a nossa resoluçaõ he estar pendentes; & alèm do mal presente, sentir dor do passado, & temor do futuro; temor que he mais pezado que a morte. 26 Caim, & Elias por naõ temerem desejavaõ morrer. 27 Somos exemplo da fraqueza, despojo do tempo, imagem da inconstancia, balança das calamidades, pelotas da fortuna; o calor nos abraza, o frio nos gela: deytados desejamos levantarnos; levantados queremos deytarnos: o occio nos faz molles, o exercicio fracos: huma hora buscamos o que em outra fugimos; recusamos o que temos, anhelamos ao que naõ temos; nossa mesma vontade nos atormenta. Esta guerra interior que padecemos, ou esta insania, dizia Democrito, que lhe causava o riso continuo; quem dirà que tal vida he viver? como Salviano dizia dos Romanos abatidos, 28 Bem disse Cesar a hum que lhe pedia a morte: *E tu cuydas que vives?* 29 Chegou a dizer Seneca

18 *P. Lysicux suprâ 2. p. ad fin.*
19 *Saxo l. 8.*

20 *Plin. l. 2. c. 7. in fin.*

22 *Solon apud Stob. serm. 96.*

22 *Senec. trag. in Troad.* Nulla dies mœrore caret: sed nova fletus causa ministrat.

23 *Gen* 1 5. Factumque est vespere, & mane dies unus. *Et infrà sæpius.*

24 *D. Chrysost. ad pop. Antioch. hom. 67.*

25 *Senec. de consolat. ad Polyb. c. 32.*
Nulla domus in toto orbe terrarum aut est, aut fuit sine comploratione. *D. Bern serm. de obedient. patient & sap in princip.* Et qui declinat aliquos, sed incidit proculdubio in graviores.

26 *D. Petr. Chrysol. serm. 147. in princ.* Favore mors ipsa levior.
27 *Gen. 4. 14.*
3. *Reg* 11. 4.

28 *Salvian. de vero judic. & provid. l. 6.*
Vivere nos post ista credimus, quibus vita sic constet.
29 *Refert Sen. ep. 78. ad fin.*
30 *Senec ep* 61. Nil melius æterna lex fecit, quàm quod unum introitum nobis ad vitam dedit, exitus multos.

Seneca, 30 que foy a melhor obra da natureza darnos huma só entrada para a vida, & muytos caminhos para ſahir della: que mayor bem, que ter muytas portas para ſahir deſte carcere? Carcere he o mundo; por iſſo Tertulliano 31 conſolava os Martyres prezos, dizendolhes, que eſtando fóra delle, haviaõ ſahido da prizaõ.

15 Suppoſto o referido, que experimentamos, para que amamos tanto a vida? porque naõ havemos ſempre de chorar? Quintiliano 32 faz mençaõ de naçoens que choravaõ aos que naſciaõ, & feſtejavaõ os mortos: que cauſa temos para rir? Os bens que foraõ, jà naõ ſaõ; os futuros ainda naõ chegáraõ, & ſaõ incertos; os preſentes vaõ fugindo: tudo he inconſtancia, & ruina proxima. A ignorancia nos levou os primeyros annos: os vicios nos levaõ a adoleſcencia: os trabalhos a idade varonil: as doenças a velhice: com lagrimas copioſas ſe devèra marcar eſte caminho para a ſepultura; & nòs o celebramos com feſtas: *Comamos, & bebamos, alegremonos por todos os modos*, (dizem os homens, como refere Iſaías, & Salamaõ 33] *porque à manhã morreremos:* ha mayor ignorancia? ſe diſſeraõ: *Porque havemos de viver cem mil annos*, teriaõ alguma razaõ; mas alegrarſe (ſem ſer Santo) havendo de morrer à manhã, he mais que cegueyra.

31 *Tertullian. ad Martyres.* Segregati eſtis à mundo, ſi enim recogitemus ipſum, magis mundum carcerem eſſe, exiiſſe vos de carcere, quàm in carcerem intreiſſe intelligemus.

32 *Quintilian l 5 c.11. refert Calepin. in dict. verbo, Fletus.*

33 *Iſai.22.13. Sap.2.8.*

CAPITULO XXXVII.

Os homens ſe enganaõ em quererem ſuavizar a vida com paſſatempos; poem-ſe primeyro exemplo no jogo.

1 PIedoſamente nos alojou Deos em taõ má caſa, porque deſejaſſemos ſahir della como inficionada, para a que nos tem preparada no Ceo; 1 mas com ignorancia buſcamos pretextos para a naõ aborrecermos, querendo com alivios ſuavizar a vida.

2 Licito he, ſendo honeſtos, & taes que verdadeyramente aliviem; porque temperar o trabalho he louvavel, como acima diſſemos. 2 Noſſo erro eſtá em os affectar com demaſia, que antes arruina; como às hervas afoga a agua demaſiada, que as crearia ſendo com moderaçaõ. Os que imaginamos remedio, penalizaõ mais, & ainda uſados ſem exceſſo naõ ſaõ mais que bordaõ.

3 Ao jogo, com que muytos ſe querem divertir, chamou Ariſtoteles 3 medicina das moleſtias, neſte ſentido o louva; 4 mas nota que ha differença entre trabalhar com muyto eſtudo, & cuydado por jugar; ou jugar para poder trabalhar; iſto diz que he louvavel; o outro que he de neſcio. 5 A natureza, diſſe Tullio, 6 naõ nos fez para jogos; mas para couſas graves. Eſta materia pede medida.

1 *P. Lyſieux na Phil. Chriſt. p. 1. c. 17. no princ.*

2 *Suprà cap. 9. ex n. 4.*

3 *Ariſt. de Rep. l. 8. c. 5*

4 *Idem potit. l. 8. c 3 & Ethic. l. 4. cap 8.*

5 *Idem Ethic. 10. cap. 6.* Multum ſtudii, curæque ponere, & laborem ferre ut ludas, ſtultum quiddam. & puerile eſt, ut ſerias res agere poſſis, Anacharſidis ſententia eſt.

6 *Tuſc. offic.* Non ita à natura generati ſumus, ut ad ludum, & jocum facti eſſe videamur, ſed ad veritatem potius, & quædam ſtudia graviora, atque maiora.

4 Quem

4 Quem nunca joga, he ruſtico; quem ſempre joga, he vil: quem joga algumas vezes, he urbano. 7

7 *Ita Steph. Coſta in tract. de Ludo §. 2. n. 3. & 4.*

5 O primeyro he ruſtico, porque talvez falta à conſervaçaõ, & à recreaçaõ, que ſerve ao deſcanço, o qual ſe encaminha a renovar o trabalho; & aſſim negar o jogo, he tirar as forças para trabalhar.

6 O ſegundo he vil, porque joga como por officio: abate-ſe a jugar com o mais vil, & ſofrello: he comediante dos miroens: homem publico para entreter ociosos: & à cuſta de honra, & fazenda ſuſtenta, & alimenta neſciamente a caſa de tabolagem. O que mais ſerve a noſſo intento he dizer o Filoſofo, que os taes trabalhaõ por jogar; & accreſcenta, que com muyto eſtudo, & cuydado. Trabalhaõ, eſtudaõ; & cuydaõ donde lhes virà o dinheyro: jogaõ com a mayor applicaçaõ dos ſentidos, a mà ſorte lhes he hũa lançada no coraçaõ: a boa ſorte he muyto càra no ſuſtento; com que triſteza ſe recolhe o perdido: com que ancia deſeja provar outra vez fortuna! entre ſonhos ſe lhe repreſentaõ as mãos que perdeo; & naõ tem pouco trabalho em fingir que naõ ſente. Alguns diſſimulaõ mais: & penariaõ menos ſe deſabafaſſem; o certo he que todos o ſentem muyto, & o moſtra o deſejo de ſe forrarem, porque ſer jugador naſce de ſer cobiçoſo, & a cobiça he muyto parenta da avareza; & aſſim aos mayores jugadores poem Ariſtoteles 8 entre os avarentos; & de ordinario vemos que o ſaõ em gaſtar, como o mercador arriſca no mar muyta fazenda pela eſperança do lucro, & he muyto parco em ſua caſa. Em que ſe melhoraõ, ou aliviaõ eſtes miſeraveis? antes penaõ mais, & offendem a ſaude: o ſangue do que eſtà jugando, poſto que ganhe, eſtà como o de hum touro no corro, poſto que victorioſo em ferir hum cavallo: ſeria veneno ſe lho tiraſſem; prejudica-ſe com as vigias das noytes, expoemſe a perigos de contendas pezadas; quantos vimos mortos por eſta cauſa? alguns vimos tambem que adoecèraõ, & morrèraõ de pezar da perda que naõ podiaõ pagar.

8 *Ariſtot. Ethic. l. 4. c. 3.*

7 Sò quem joga algumas vezes, & moderado, he urbano, & ſabe aliviarſe; aſſim lemos 9 que jugàraõ Socrates, Cataõ, Scevola Juriſconſulto, & o Euangeliſta Saõ Joaõ, que baſta por muytos exemplos. Porém ainda niſto he de advertir que ha tres eſpecies de jogo.

9 *Apud Steph. Coſta ſup. & Pariſ. de Puteo tract. de Ludo n. 8.*

8 Huns pendem ſó da fortuna, & ſaõ os que chamaõ *de parar*, & diſſeraõ os ſabios que os homens entendidos nunca devem jugar a eſtes; porque he grande ignorancia entregarſe à juriſdiçaõ da fortuna. 10 Nos dados ſe ajùnta outra razaõ de ſer jogo contra os bons coſtumes, & torpe, & aſſim a quem os joga reputaõ os Doutores por infame. 11

10 *Pariſ. de Puteo ſup. n. 11.* Quia ſtultum eſt committere ſe viribus fortunæ.

11 *Idem Puteus ſup. verſ. ludus honoris n. 9. & verſ. ludus eſt n. 12.*

9 Outros ha muytos, em que obra a fortuna, & juntamente a pericia, & induſtria, como os de cartas, que naõ ſaõ de parar, & as tabolas; ou a ligeyreza, & forças corporaes, como a péla, & outros ſemelhantes. Só neſtes, uſados algumas vezes

ſem

sem continuaçaõ, & com preço moderado, dizem que se pratica a urbanidade, & póde haver honesto alivio; & deste usaõ os homens menos.

10 A terceyra especie consiste só no saber, como o Xadrez. 12 Este se deve entender, por se ter noticia de tudo, & saberse jugar, porèm só mediocremente, pelo que logo diremos. Mas por tres razoens se naõ deve usar. Primeyra, porque leva muyto tempo: segunda, porque distrahe o juizo; & assim os Authores o prohibem aos estudantes, & Ecclesiasticos, pelos naõ distrahir do estudo, & cousas do espirito. 13 Terceyra, porque este jogo, dizem os Filosofos, & Medicos, que pertence à imaginativa; a qual por melhor consistir em mais calor, he contraria ao bom entendimento; por quanto este necessita de que o cerebro esteja composto de partes subtis, & muy delicadas, como diz Galeno; 14 & o muyto calor da imaginativa gasta, & consome o mais delicado, & deyxa o grosso, & terrestre; donde infere o doutissimo Joaõ Huarte de Saõ Joaõ no celebre tratado de Exame de engenhos: 15 *El juego del Axedrez es una de las cosas que màs descubren la imaginativa por donde el que alcançare delicadas tretas, y diez, ò doze lances juntos en el tablero, corre peligro en las sciencias que pertenecen al entendimiento, y memoria*: saõ palavras suas: accrescenta: *Si no es que haze junta de dos ò tres potencias*; mas havia dito 16 que tal junta se naõ acha, senaõ por maravilha. Segue-se logo, que o jugador mediocre he de juizo mais perfeyto por ter imaginativa bastante, & sem tanto calor que offenda o entendimento; & quanto o jugador for melhor tanto he menos entendido; pelo que nos devemos abster deste jogo, porque sempre se vay perder nelle, pois quem ganha, se mostra de entendimento inferior, & quem perde, dà presumpçaõ de mais entendido ao que o naõ he; sendo nella taõ loucos os jugadores do Xadrez, que hum chamado Cayo, ou Lanio Julio, estando jogando quando o levavaõ para a morte a que estava condenado, tomou testemunhas de como tinha melhor jogo, porque o outro naõ disse que o tinha vencido; 17 & dar ao mais nescio presumpçaõ de mais sabio, he cousa de que se deve fugir, salvo for por humildade santa; cuydo que para exercicio della se permitte este jogo dentro de alguns Conventos Religiosos, & naõ alcanço outra causa.

12 *Stephan. Cost. sup. art. 2. n. 13.*

13 *Puteus sup. ante n. 12. Cacialupus de ludo n. 27. Diximus in tract. Pers. 3. Doct. qualit. 9. n. 2. vers. quæstio.*

14 *Gal. L. art. med. c. 12. Joaõ Huarte no exame de engenhos c. 8. ad fin. vers. del calor.*

15 *Huarte sup. c. 10. post med. v. del jugo.*

16 *Idem Huarte d. c. ad fin. v. del calor.*

17 *Refere Seneca Franc de Fuensalida no trat. Sossego da alma, cap. 2.*

CAPITULO XXXVIII.

Segundo exemplo, que a caça naõ he alivio, antes trabalho, & prejudicial à vida.

1 SEmelhante engano ao do capitulo passado padecem os homens que se querem aliviar com a caça.

2 He verdade que he exercicio approvado nos moços por

1 *Plat. de leg. dial. 7. in fin.*

por algumas razoens. Primeyra, porque uſando de eſpias, ciladas, corridas, & chegadas encubertas, he ſemelhança, & eſcola da guerra. Os antigos diſſeraõ, que nella ſe haviaõ creado Achilles, Ulyſſes, Diomedes, & outros heroes, & que por iſſo Cicero Rey dos Perſas fazia crear nella todos os nobres. 2 De Mithridates Rey de Ponto, do valeroſo Portuguez Viriato, 3 & de outros Capitaens famoſos ſe lè, que tiveraõ o meſmo exercicio: & David para perſuadir a Saul, que venceria o Gigante, lhe diſſe, que por ſuas máos tinha morto muytes féras. 4 O que procede na que ſe faz de dia com trabalho, & forças; & naõ de noyte, ou com redes, & laços, como advertio Platão antes prohibio eſta. 5

2 *Xenophon. in Cyroped. l. 8.*

3 *Plin. de vir. illuſt. Luc. Flor. l. 2. c. 17.*

4 *1. Reg. 17. 34.*
5 *Plat ſupra.*

3 Segunda, que faz os homens robuſtos para qualquer trabalho. A Eſcritura ſagrada 6 referindo que Nemrod era robuſto, refere juntamente que era caçador; & em Cadmo, Teſeo, & Hercules notàraõ o meſmo as letras humanas.

6 *Gen. 10. 9.* Erat robuſtus venator.

4 Terceyra, porque ajuda a caſtidade; por iſſo os Poetas faziaõ caçadora a caſta Diana; & Seneca Tragico 7 introduz a Hippolyto caçador deſprezar a deſordenada affeyçaõ de Phedra; & Ovidio 8 poz a caça entre os remedios do amor.

7 *Senec. Tragic. in Hip.*

8 *Ovid. de remed. amor. l. 1.*

5 O erudito, curioſo, & naõ menos virtuoſo Manoel Severim de Faria, 9 em hum diſcurſo que fez deſte exercicio, louva nos caçadores a induſtria de domeſticarem, & enſinarem naõ ſó os caens, mas tambem algumas féras, & aves de rapina, a ſervirem ao homem neſte miniſterio, caçando para elle, & trazendolhe à maõ a preza. E adverte que tambem lhes devemos as noticias muyto uteis da natureza dos animaes, que dos caçadores alcançou Ariſtoteles para as eſcrever por mandado de Alexandre.

9 *Manoel Severim de Faria nos diſcurſ. çolit. diſcurſ. do exercicio da caça.*

6 Mas tudo iſto ſe alcança com mais trabalho que goſto. A recreaçaõ da caça he para Principes que tem coutadas aonde ha muyta: tem Monteyros que a vaõ emprazar para ſe achar facilmente; & muytos, & bons caçadores a que ella naõ eſcapa. Para os particulares naõ he a caça groſſa, que corre muyta terra, & ſaõ neceſſarios muytos que a cavallo a cerquem, & ſigaõ; ainda na miuda ſe deſgoſtaõ muytas vezez, tomando pouco, ou nada, de que culpaõ varios accidentes: que ſahio tarde, que havia muyto orvalho, que fazia vento, que os caens perdèraõ o faro, que a caça andava levantada, que a eſpingarda, ou polvora naõ era boa, que a terra era muyto cuberta; com que eſcolheriaõ naõ haverem ſahido de caſa.

7 Em caſo que ſucceda com goſto, mais cuſta do que val: tem a moleſtia de curar dos açores, & outros paſſaros: de ſofrer caens com ſeu mào cheyro: de regalar os galgos atè com boa cama, & muytas vezes os mete o caçador na ſua: a incommodidade de madrugar: cançaſſo de correr leguas: a pena de padecer as inclemencias do tempo: deſcuyda os homens do que mais lhes importa, como ſuccedia a D. Favila Rey das Aſturias,

10 &

10 & ſuccedéra a Dom Affonſo IV. noſſo Rey de Portugal, ſe naõ fora advertido por ſeus Conſelheyros, 11 eſquece-os da familia, & proprias mulheres, como diſſe Horacio; 12 & os faz agrestes, como notáraõ Seneca Tragico, Claudiano, & o noſſo Camoens. 13 ElRey Mithridates chegou a naõ viver ſete annos debayxo de telhado; 14 donde veyo Petrarca a notallos no credito, chamando-lhes ineptos para o politico, & amigos de tratar com féras, por lhes ſerem ſemelhantes; 15 pelo menos pouco credito ſe lhes dá nos ſucceſſos que referem, porque coſtumaõ ſer largos nelles. Horacio 16 faz mençaõ de hum chamado Gargilio, que comprava javalis, & os levava pela praça mortos ſobre hum mulo, porque ſe cuydaſſe que elle os matàra. Finalmente em Acteon comido dos ſeus caens, allegorizàraõ os Poetas, que com o ſuſtento dos caens, aves, caçadores, & outros gaſtos das caçadas ſe conſome a fazenda; & foy a fabula originada de verdade, 17 como eſcrevem os Commentadores, & com outras razoens prova os meſmos inconvenientes o muyto curioſo Doutor Solorzano em hũ dos ſeus emblemas.

8 He tambem a caça prejudicial à ſaude; porque ainda que Medicos antigos 18 a approvàar õ pelos bens do exercicio, he muyto violento para as compreyçoens de hoje; a muytos cança, attenùa atè morrerem; outros adoecem com as calmas, frios, & chuvas: o que ſe come no monte, ou he frio, ou fóra das horas a que a natureza eſtá habituada: ſe ſe naõ come, ſe ſatisfaz depois a fome com demaſiada carga para o eſtomago; tudo iſto cauſa cruezas, como os meſmos Medicos conſideraõ tratando os dannos que faz a caça. 19 A iſto ſe ajuntaõ os perigos em que morrèraõ muytos; deyxo o que os Poetas allegorizàraõ em Adonis morto por hum javali. Nas hiſtorias de Heſpanha nos he exemplo ElRey D. Favila; 20 a que puderamos ajuntar noſſo Rey D. Dinis morto por hum Urſo junto a Beja, ſe milagroſamente o naõ ſoccorréra Saõ Luis Biſpo de Toloſa; 21 & o illuſtre Cavalleyro Dom Fuas Roupinho deſpenhado no mar, ſe a *Virgem* Mãy de Deos o naõ livrára; 22 depois accreſcéraõ os das eſpingardas, que arrebentaõ cada dia.

9 De tudo ſe deyxa ver, que ſeria goſtoſa, & util à vida a caça em que naõ houveſſe as moleſtias, & inconvenientes que apontamos, o que he quaſi impoſſivel, & ſendo exercitada poucas vezes, & por horas que naõ cheguem a cançar demaſiado; & de qualquer modo ſó convem à idade juvenil, como poem por regra Xenophonte; 23 & neſſa idade diz elle, 24 que a exercitava Cyro, a quem procurou fazer exemplar de perfeyto Principe. E aſſim Virgilio, que naõ uſou de palavra ſem grande advertencia, quando referio a caçada com que Dido quiz feſtejar a Eneas, declarou que a ella hiaõ os mancebos eſcolhidos. 25 Com eſtas qualidades louva Santo Thomàs 26 o exercicio da caça; em outra maneyra (que he a que ordinaria-

10 *Marian hiſt. d. Heſp. l. 7. c. 3. ad fin.*

11 *Duart Nunes na Chron. de Affonſo IV.*

12 *Horat. l. 1 ode 1.*
Venator teneræ cõjugis immemor:

13 *Senec. Tragic. ſupra.*
Truculentus & ſylveſter, & vitæ inſcius de terra cælis.
Claudian. in præfat. ad panegyr. n. 6. conſul Honorii.
Mens tamen ad ſylvas, & ſua luſtra redit.
Camoens Luſiad. cant. 9 eſt. 26.
Que por ſeguir hum ſeyo animal feito,
Foge da gente, & bella fórma humana.

14 *Raviſ. Textor in offic. p. 1. tit. venatores.*

15 *Petrarch de proſp. fortuital. 31.*

16 *Horat. l. 1. Epiſt.*

17 *Ovid. Metamor. 3. & ibi comment. Vianna n. 8.*
Solorzano emblem 33. ex n. 8.

18 *Mercurial. in gymnaſt. l. 3. c. 15.*

19 *Idem Mercurial. ſup. l. 6. c. 23.*

20 *Mariana ſup. l. 7. c. 3. ad fin. Brito in Monarch. Luſit. p. 2. l. 7. c. 7. poſt princ.*

21 *Fr. Franc. Brandaõ na Monarch. Luſit. p. 5. l. 17. c. 21.*

22 *Brito ſup. p. 2. l. 7. c. 4.*

23 *Xenophon. de venat. c. 2. de perſona venator.*

24 *Idem Xenophon. in ped. Cyri l. 1.*

25 *Virg. Æneid. l. 4.*
It portis, jubare exorto, delecta juventus.

26 *D. Thom. opuſcul. 2 l. 2. c. 6.*

nariamente ſe uſa) a prohibem as Leys Canonicas aos Clerigos; 27 & em todos avalia o excellente juizo de Franciſco Petrarca por ignorancia, querer com ella paſſar o tempo, ou deleytarſe, 28 qualquer goſto que dà he a preço exceſſivo; as minas do ouro ſe queyxaõ, ſe gaſtaõ mais do que rendem; & aſſim ſe enganaõ os homens, que procuraõ aliviar com a caça as moleſtias da vida.

27 *In decretal. tit. de Clerico venatore.*

28 *Petrarch. d dial.* 31. Si ex hoc voluptatem quandam, ſeu ſolùm temporis fugam quærunt, utcumque ſtulti voti compotes fortè erã ſe ſiuc.

CAPITULO XXXIX.

Como os homens que procuraõ regalar a vida com comer, a deſtroem: Trata-ſe dos exceſſos, & damnos da gula, & da utilidade da temperança.

1 HA homens que poem o regalo da vida no comer; huns pela quantidade, outros pela qualidade dos manjares.

2 Na quantidade ha exemplos 1 que parecem incriveis. Clodio comeo em huma cea quinhentos figos, cem peſſegos, dez meloens, vinte arrateis de uvas, cem tordos, & quarenta oſtras. Milon Crotonienſe comeo de huma vez hum touro de quatro annos. Hum Athleta chamado Theogenes, tambem de huma vez comia hum touro. Phago na meſa do Emperador Aureliano comeo hum javali, hum carneyro, hum grande leytaõ, cem paens, & bebeo hum odre de vinho. Em Auguſta no anno de 1511. ſe preſentou ao Emperador Maximiliano hũ homem que comia hũ bezerro, & huma ovelha crua, & ſicava faminto. ElRey Mithridates naõ ſó comia, & bebia muyto, mas tambem tinha conſtituido premios aos que comeſſem, & bebeſſem mais. Tal fome deu huma noyte, & taõ repentina a Cambyſes Rey de Lydia, que comeo ſua mulher. 2 Houve tempo em que os Reys de Dinamarca mandavaõ enforcar exceſſivos comedores, porque naõ gaſtaſſem o neceſſario para os moderados. 3

3 Dos bebedores naõ fallamos, por naõ manchar o papel com tal vicio. Só referirey de Philoxeno, que deſejava ter peſcoço de grou para goſtar do vinho com mais vagar; 4 bem differente Deſtaphilo, filho de Sileno, que foy o primeyro que o temperou com agua. 5

4 Poſto que foſſem admiraveis aquelles exceſſos, naõ faltaõ hoje alguns muyto extraordinarios, de que naõ convem eſcrever exemplos que conhecemos. Pelo coſtume em que eſte ſe poem lhes he jà a gula como natural, & cuydaõ que ſem ella naõ pòdem ſuſtentar a vida; ſendo que a natureza regulada ſe accommoda, & alimenta com pouco. Deyxo, por miraculoſas as abſtinencias de Moyſés, Elias, dos ſete Dormentes, & de outros Santos; deyxo tambem o prodigio de outros, q̃ ſem ſerem

Santos

1 *Apud Text. in officina p. 2. tit. guloſi Franc. in Camp. Elyſ. q. 58. n. 4. ubi refert alios Scriptores.*

2 *Cel. Rhodigin. l. 5. c. 19. & l. 7. c. 11. Textor, & Franco ſuprà.*

3 *Ex Olano, & Ab Krantio refert Franco ſuprà n. 6.*

4 *Textor ſuprà.*

5 *Plin. l. 7. c. 56.*

Santos ſe ſuſtentàraõ ſem comer, nem beber, naõ ſó muytos dias, mezes, & annos, chegando a dezoyto, & vinte, & quarenta & ſeis, como foy hum nobre Veneziano; & ſetenta & cinco, (que tantos dormio Epimenides) mas toda a vida; tantos, & taõ admiraveis, que nem ha lugar de fazer eleyçaõ de alguns, nem de referir todos. Gaſpar dos Reys Franco, Medico Portuguez eruditiſſimo, & curioſiſſimo, no livro juſtamente intitulado, *Campus Elyſius jucundarum quæſtionũ*, os ajuntou de varios Authores, & diſputa como pòde ſer naturalmente, apontando féras, aves, & peyxes, em que ſuccedeo o meſmo. E noſſo doutiſſimo Padre Mendoça tinha já referido muytos. 6 Na Cidade de Londres, por diſcurſo de mais de cinco annos, do de mil ſeiſcentos & quarenta & hum, atè mil & ſeiſcentos & quarenta & ſeis, continuou em minha caſa hum moço Romano de naçaõ, de vinte atè vinte & ſeis annos, que por experiencias que fazia por dinheyro, ſendo fechado em hum apoſento por eſpaço de trinta dias, naõ comia ſenaõ ſeyxos dos lizos, que ſe achaõ junto dos rios, taõ grandes como huma noz pequena; vinte pouco mais, ou menos de huma vez; cauſando tambem admiraçaõ o caberemlhe pela garganta com a facilidade com que os hia engulindo; ſobre elles bebia hum copo de vinho, & logo deſcobrindo o eſtomago, batia nelle, & ſe ouviaõ bater dentro os ſeyxos huns com os outros; dizia que os digeria em area; era corpulento, naõ alto, de cor verdenegra, ſem barba, mas tinha ſaude; caſou, & a mulher, paſſados alguns mezes, ſe apartou delle, dizendo que era inutil; mais goſtava de bons comeres, ſó comia ſeyxos por ganhar dinheyro. Tornando eu a Inglaterra no anno de 1669. naõ achey noticia delle. Já nos naõ parece incrivel, o que Plinio, & outros 7 eſcrevem de gentes da India que naõ tinhaõ boca, & ſe ſuſtentavaõ do cheyro das flores, & de outras a que ſómente o ar, & o Sol eraõ alimento.

6 *Franc. in Camp. Elyſ. q. 18. & n. 7.*
P. Mendoça in virid. l. 4. probl. 24.

7 *Plin. l. 7. c. 2. ad fin. Strab. l. 15. Cel. Rhodigin. antiq. lect. 24. c. 11.*

5 Sem milagre, nem prodigio ſabemos, 8 que muyto depois do diluvio, os Arcadios comiaõ ſó bolotas: os Athenienſes, figos: os Argeos, & Tyrencios, peros ſylveſtres: os Ethiopes, canas çumoſas: os Carmanos, tamaras: os Meotas, & Sarmatas, milho: os Perſas maſtruſſos, cardamo, ou terebinto, que era fruto de huma arvore: os Argivos, maçans: os Medos, amendoas: os Indios, ſemente de huma herva: os Nomadas, Egetas, ſó bebiaõ leyte, que jà era alimento melhor; & no tempo mais adiante com elle ſe ſuſtentou Plinio ſem comer, nem beber outra couſa em toda a ſua vida. 9 Pelos annos de mil ſeiſcentos & quarenta & tres, tive na Cidade de Londres quatro annos em minha caſa refugiado da perſeguiçaõ do Parlamento contra os Catholicos, hum Sacerdote ſinalado em virtude, de mais de noventaannos, Deaõ da fórma de Cabido com que o Clero daquelle Reyno de Inglaterra ſe gòvernava; o qual havia mais de doze annos que (por naõ poder) naõ comia, nem bebia, ſenaõ cada dia quartilho & meyo de leyte de vaças quẽte, miſtu-

8 *Ex Alex. ab Alex. genial. l. 3. cap. 1. Pineda in Monarch. Eccl. l. 1. c. 18. §. 2.*

9 *Alex. ab Alex. l. c. 11. Theoph. aſt. apud P. Mexia in Sylva l. 1. c. 28.*

rado com hum quartilho de mel, repartido em almoço, jantar, & cea; posto que de ordinario estava em cama por fraqueza das pernas, tinha taõ boa cor, & disposiçaõ, que me dizia que tinha disto escrupulo. Faleceu em minha casa de lhe faltar a natureza. Nà India, andando perdido por terra Joaõ da Nova Portuguez, com oyto, ou nove pessoas, se sustentàraõ nove dias sem comer, nem beber mais que cada hum em cada dia hum grão de anfiaõ, que he como pimenta, que levava hum Mouro da companhia; por usarem elles daquella prevençaõ para taes necessidades, & com isto chegàraõ ao Porto do Achem. 10 Sorapan Medico douto 11 refere ser opiniaõ recebida, que só o cheyro do paõ quente sustenta; & com Rhodiginio, que Democrito no fim da vida se sustẽtou com elle quatro dias para fazer certos negocios; & que tendo-os feyto, naõ querendo viver mais, apartou o paõ, & espirou.

10 *Joaõ de Barros dec.3.l.5.c.3.*
11 *Sorapan na Medicina Hespanhola, resp.an 5.*
Cel.Rhodigin.l.21.c.3.

6 Quando os regalos começàraõ a crescer em Roma, consistiaõ os banquetes só em ovos, & mel por primeyro prato; & em frutas; & mel, ou alfaces, & outras hervas por segundo; nos mais esplendidos se punhaõ legumes, & tal vez se comiaõ tordos, ou outras aves. Depois se permittio gastar atè quatro arrateis de carne em hum comer, (que entaõ era cea; & assim na cea poz Christo Senhor nosso o exemplo dos banquetes) & quem excedia, incorria em pena. A Ley Fannia feyta em Roma, sendo Consul Cayo Fannio, antes da terceyra guerra Punica, mandou que em cada comer naõ houvesse mais ave que hũa gallinha, & que só nos dias de festa, que eraõ os Saturnaes, & de jogos publicos, se pudesse gastar em hũa cea atè dezaseis moedas de muyto pouco valor; & posto que a mesa fosse muyto parca, se naõ permittia levantarse vasia, mas sempre haviaõ de ficar nella sobejos para o outro dia, nos quaes se mostrasse que se havia refreado o appetite. Quasi seiscẽtos annos atè a guerra Persica, naõ tiveraõ os Romanos paõ; comiaõ só papas de farinha de trigo, cevada, ou favas; & porque ainda naõ usavaõ mós de moinhos, tiravaõ a farinha em pizoens, ou em pias, como almofarizes, secando o graõ ao fogo para se pizar; os mais regalados comiaõ bolos, ou biscouto que lhes faziaõ pasteleyros, que por isto começàraõ; & porque elles mesmos pizavaõ, & tiravaõ a farinha, se chamàraõ em Latim *pistores*. Depois começàraõ as mulheres a fazer paõ; mas muyto tempo se naõ comeo senaõ ás ceas, & se alguma vez jantavaõ, comiaõ sem paõ, ainda que fosse carne. 12

12 *Hæc ex Alex. ab Alex. Gen. dier. l.3 c.1. & l.3.c.21.*

7 Naõ he minha tençaõ persuadir tanta abstinencia, como dizia Saõ Joaõ Chrysostomo: *Naõ prègo jejum, nem haverá quem o ouça; mas reprovo o luxo, corto as delicias por vossa utilidade:* 13 contentàrame com a moderaçaõ dos Romanos, quando já senhores do mundo, cujos principaes comiaõ só tres iguarias, & em banquete magnifico chegavaõ a seis. Assim o usava Augusto, ó mayor, mais prospero, & excellente Emperador; &

13 *D.Chrysost.hom.54.ad pop. Antioch.in 5. tom.* Non promulgo jejunium, nec enim est qui audiat, sed tollo luxum, præcido delicias propter utilitatem vestram.

na

na verdade os melhores banquetes consistem no selecto, naõ na abundancia, & taes os fazia o discreto Emperador Tito. Entre as profissoens, & vicios do Emperador Heliogabalo se taxou haver dado em hum banquete vinte & cinco iguarias; 14 & hoje naõ se taxa em qualquer escudeyro dar muytas mais; a tanto tem chegado os excessos: os Athenienses disseraõ, que todos se lhes pegàraõ dos Asiaticos, com o ouro da Persia, quando puzeraõ em fugida a Mardonio: melhor disse Floro 15 que se introduziraõ em Roma pela prosperidade das Conquistas, & vitorias; deprava-se mais nossa roim natureza cõ as felicidades.

8 Naõ só cresceo o excesso na quantidade, mas tambem na qualidade dos manjares. Dizem que Amatrites Rey de Assyria inventou as iguarias extraordinarias. 16 Quinto Hortensio, famoso Orador Romano, inventou comerem-se pavoens; Marco Apicio, tambem Romano, achou que a lingua da ave chamada Phenicoptero, era saborosissima. Vedio Pollio lançava escravos em viveyros de peyxes, porque lhe sabiaõ melhor sustentados com sangue humano. 17 O Emperador Vitelio em hum banquete deu hum prato guizado só de linguas, miolos, & figados de peyxes, & de certas aves, no qual pelas variedades q̃ se buscáraõ, despendeo dez mil cruzados; 18 & hum irmaõ seu lhe deu em huma cea dous mil peyxes raros, & escolhidos, & sete mil aves da mesma sorte. 19 Clodio Esopo, Tragico riquissimo, deu hum prato avaliado em seiscentos sestercios, (cada sestercio tinha pelo menos dez mil reis 20) só de aves que cantaõ, fallaõ, gostando de comer cousas que imitassem o homem. 21 O Emperador Caligula gastou em banquetes grandes thesouros q̃ lhe havia deyxado Tiberio. 22 O Emperador Heliogabalo, se se achava perto do mar, naõ comia peyxe, se longe do mar, lho haviaõ de trazer vivo, por comer o mais difficil; comia cristas de gallos vivos, linguas de pavoens, & de royxinoes em grande quantidade. A todos seus criados, q̃ eraõ muytos, dava a comer animaes grandes recheados de muèlas, & figados de pavões, miolos de passarinhos, ovos de perdizes, cabeças de papagayos, & de fayssões. Quando na praça de Roma via vender cousas ordinarias, dizia que se lastimava da pobre Republica; tinha sinalados grandes premios a quem lhe inventasse iguaria nova; acodiaõ muytos ao ganho, & se a iguaria lhe naõ agradava, fazia que o inventor nunca comesse outra cousa; convidava para ceas de manjares nunca vistos; chegou a prometter a ave Feniz, ou mil libras de ouro por ella, & as pagou; mas tambem algumas vezes zombava dos convidados, dandolhes só em pintura, ou em figura de pão, marfim, pedra, ou barro o que elle comia, & fazendo-os beber a cada vista daquellas iguarias, como se as gostassem. 23 Vitelio inventou hũa iguaria de excessivo preço; que chamou *Escudo de Minerva*. 24 Elio Vero se prezava de inventor de hũa celebre empada composta de faissaõ, pavaõ, prezunto, & ubres de porca acabando de

14 *Hæc etiam ex Alex. sup.*

15 *Luc. Flor. l. 4. c. 2.*

16 *Brito na Monarquia Lusit. l. 1. tit. 6.*

17 *Textor d. tit. gulos.*

18 *Niceus in Vit.*

19 *Alex. ab Alex. d. l. 5. c. 21.*

20 *Cardoso de monet. Rom. ad finem dictionarii.*

21 *Plin. l. 10. c. 51. Alex. ab Alex. d. c. 11.*

22 *Textor sup.*

23 *Lamprid. in Heliogab. Mexia na Sylv. de var. lic. l. 2. c. 29.*

24 *Alex. ab Alex. sup.*

parir. 25 Cleopatra, Rainha do Egypto, em huma cea que deu a Marco Antonio, gastou perto de quinhentos mil cruzados, da moeda que hoje corre em Portugal; & apostando com o mesmo Marco Antonio, quem daria outra mais custosa cea, bebeo hũa perola desfeyta em vinagre muyto forte, [que as desfaz) de duas que hum Rey do Oriente pessoalmente lhe apresentou, de valor inestimavel, por serem as mayores que se virão jà mais; & querendo que o Romano bebesse a outra, Lucio Planio, Juiz da aposta, julgando que vencèra, a estorvou, & partindo a perola em duas partes, fez arrecadas para a Deosa Venus, que estava no templo *Panteon* de Roma. 26 Cleopatra fez isto por grandeza; mas Clodio, filho do riquissimo Tragico, do mesmo nome de que acima fallámos, por gula, só por saber que gosto tinhaõ as perolas, jà de antes havia feyto o mesmo, bebendo cõ amigos algumas preciosissimas que herdàra de seu pay. 27 Na Escritura sagrada he celebre o banquete de Assuero, que descrevemos em outro lugar. 28

25 *Spartian. in Elium ver.*

26 *Plin. l. 9. c. 35. ad fin.*

27 *Plin. d. c. 33. in fin.*
Val. Max. l. 9. c. 1. n. 3.
28 *Abbyxo c. 44. n. 14.*

9 Davaõ-se banquetes de traças engenhosas. O Emperador Geta os dava pelas letras do A, B, C: em hum dia tudo o que começava por A, em outro o que começava por B, & assim atè o fim. 29 Heliogabalo os distinguia nas cores dos manjares; & Lucullo pelos Deoses. 30 Havia huns que chamavaõ *Amatorios*, em q̃ se fallava lendo pelas primeyras letras das iguarias, & tambem ellas craõ hieroglificos; hum prato de rolas significava saudades, ou queyxas; hum de pombos, ciumes; & assim outros.

29 *Ælius Spart. in vit. Geta.*
Alex. ab Alex. sup.
30 *Idem Alex. ibidem.*

10 No modo, materia, & esplendor das mesas: das bayxelas, serviço dos criados: no costume de comer deytado, em pè, ou assentado, & em outras particularidades encaminhadas a mayor delicia, houve em tempos varios differença em todas as naçoens; tratàraõ isto miudamente, Aulo Gelio, & Alexandre ab Alexandro: 31 & relatallo fora escritura prolixa.

31 *Aul. Gel. noct. Attic. l. 2. c. 18. & l. 14. c. 26.*
Alex. ab Alex. d. l. 5. c. 21.

11 Chegàraõ graves Escritores a disputar quantos deviaõ ser os convidados a hum banquete. Gelio disse, que nem deviaõ ser menos de tres, nem mais de nove, Erasmo quer que sejaõ sete; Atheneo que sejaõ quatro, ao mais cinco; Homero louvava serem atè dez; Plataõ se alargou a vinte & oyto. 32 He adagio antigo: *Sete fazem banquete, nove fazem tumulto de vozes.* Os que se chegavaõ sem serem convidados, se chamavaõ *sombras*, 33 porque seguiaõ aos convidados, como as sombras aos corpos.

32 *Gel. ex Varron in Satyr. Menip. l. 13. c. 11.*
Erasm. Chil. ad. 1. cent. 3. c. 97.
Athenæus l. 1. dinopso hist. c. 1.
Homer. apud Alex. ab Alex. d. c. 21.
Plat. in simpos. apud Athenæum, & Alex. sup.
33 Septem convivium, novem convitium facere.
Alex. ab Alex. sup.
Horat.
Loens est & pluribus umbris.

12 Finalmente huma selva dà mantimento a muytos Elefantes, & toda a terra o naõ dà a hum homem. Para fazer hum mappa do mundo em huma mesa, naõ só a terra concorre com o que tem, mas tambem do profundo das aguas se tiraõ os peyxes, & no alto dos ares se mataõ as aves, a que jà naõ livra o seu voar, porque enfronhada em hũa espingarda as vay là buscar a gula, que cada dia cresce. Do estomago se faz orelha para

ra os paſſaros naſcidos ſómente para cantar: ſem horror ſe comem peyxes crus: goſta-ſe o ambar, & almiſcar creado ſó para o cheyro: a arte com ſegunda natureza offerece as couſas fóra de ſezaõ, neve no Eſtio, frutas no Inverno: ſó o que muyto cuſta ſabe bem, 34 & porque tudo vem a enfaſtiar, disfarçaõ os cozinheyros as couſas para ſe goſtar dellas. Do milagre de cinco páes, & dous peyxes, 35 diſſe hum douto 36 que o tinha por quaſi igual em contentar a tantos appetites, como em fartar tanta gente.

13 Atè couſas contra a natureza, & horriveis ſe appetecem, come-ſe barro, terra, pão, carvaõ, lã, linho, eſtopas, cal, pedras, vidro, & por mais que os Medicos admoeſtem, naõ ſe deyxa o mão coſtume. Joaõ Nieremberg 37 conta, que vio hum homem que goſtava de ratos vivos; & que huma vez o vio comer hum gato vivo com ſua pelle, & pellos; & que cauſava laſtima ouvir gritar o gato, & elle hir comendo; & que via o que naõ cria.

14 Eſtes exceſſos, que os comedores chamaõ goſto da vida, ſaõ os que mais a deſtroem, & fazem miſeravel. A muyta quantidade offende o juizo; 38 Bartholo, para o ter ſempre igual, comia por medida. 39 Nutre os vicios, 40 empobrece a caſa; 41 como a hum que naõ teve que comer, nem beber mais que paõ, & agua, diſſe Plataõ: *Se naõ jantàras tanto, naõ ceàras taõ pouco*; & o diz [tomado em hum ſentido) o refram Caſtelhano: *El mucho comer trae poco comer.* 42 Cauſa enfermidades mortaes, 43 de que ſe naõ convalece; 44 os Medicos trazem por exemplo Filogeno, Apicio, Melancio, Calamidonte, Ariſtipo, & outros glotões, centros de doenças em toda ſua vida; & Julio Ceſar, que com abſtinencia ſe livrou de gotta coral, & o Emperador Veſpaſiano, que com ella ſe preſervou de enfermidades, & com naõ comer hum dia em cada mez. A muytos mata repentinamente, como lemos que matou a Domiciano Afro, q̃ morreo antes de ſe levantar da meſa em que ceava; ao Emperador Juviniano, a Childerico Saxonio, & a outros innumeraveis, a que cada dia ſe ajuntaõ companheyros. Tem o demaſiado comer a meſma força que o veneno; aſſim o entendeo o Emperador Septimio Severo, que querendo matarſe deſeſperado com dores de gotta, tomou por expediente comer tanta carne mal cozida, que com ella no eſtomago morreo. 45

15 Aſſim tambem a variedade dos manjares, poſto que em menor quantidade, corrompe o eſtomago; vemos que os Religioſos, & outras peſſoas que a naõ uſaõ, tem melhor ſaude. Maſſiniſſa Rey de Numidia comia ſó o ſimplez comer de hum ſoldado; a iſto ſe attribue 46 ſer taõ robuſto, que aos oytenta & ſete annos de idade gerou hum filho, 47 & aos noventa & tres venceo aos Carthaginenſes; pela meſma cauſa ſe diz, que Marco Valerio Corvino, ſendo de cem annos, tinha força, & juizo perfeyto. 48 Faz a variedade famintos os poderoſos, porque en-

34 *Lucan. l 4.*
O prodiga rerum,
Luxuries, nunquam parvo contenta paratis.

35 *Matth. 15. Luc 9. Joan 6.*

36 *Fr. Heytor Pinto vos dial. g. P. 2. d al. 2. c. 12.*

37 *Nieremberg. hiſt. nat. l. 3 c. 9.*

38 *D. Chryſoſt ſup. Joan. hom. 21.*
Cacialup. de modo ſtud document. 1.

39 *Joan. Picha d. in vita Juriſconſult. Dixim. in tract. Perfect. Doctor qual 10. n. 4.*

40 *D. Ambroſ ſerm. 4.*

41 *Prov. 21. 17* Qui diligit epulas, in egeſtate erit: qui amat vinum, & pinguia, non ditabitur.
Refert Maxim. ſerm. 61.

42 *Sorapan na Medicina Heſpanhola refran 2 no princ.*

43 *Eccleſiaſt. 37. 34.*
Hippocrat. 2 apheriſm. 17.
Avicen. 3. 1. c. 7.

44 *D. Baſil. l. de jejunt.*
Largamente trata de todos eſtes damnos o Pr. Diogo Eſtella no Tratado da vaidade do mundo p. 1. c. 64.
Pulchrè P. Maximilian. Sandæus in Aviar.
Mariano orat. 3. cygnus, in med.

45 *Sorapan. d. refran 2. & 3.*

46 *Senec. ep. 96 poſt princ. in l. 15.*
Ex diſcordi cibo morbus eſt.
Sorapan d. refran 2. ad med.

47 *Plin. l 7 c. 14*

48 *Ex Pier. refert P. Lyſieux Philoſoph. Chriſt p. 1. c. 13.*

faſtiados, jà naõ pòdem comer ſenaõ o que ſe naõ acha; cauſa cuydado em o buſcar, & atè os ricos experimentaõ a deſpeza. Os Egypcios cortavaõ o ventre aos mortos, como em vingança dos males q̃ com ſeu appetite cauſáraõ a toda a caſa, & a toça do o corpo. Finalmẽte por comer perdeo Adam o Paraiſo, Elaù o morgado, o cunuco de Faraò a vida: entre manjares vio El-Rey Balthaſar a ſua ruina, & ſe traçou a degollaçaõ do Bautiſta.

16 Por eſta, & outras razoens que largamente conſideraõ os doutos, 49 ſe diſſe q̃ a gula mata mais que as guerras; 50 para conſervaçaõ das vidas, prohibiraõ varias Leys 51 os exceſſos neſta materia, & noſſo Rey D. Sebaſtiaõ fez algumas. O Corifeo da Medicina Hippocrates aos que notavaõ o pouco que comia, & bebia, reſpondia: 52 *Eu como para viver, & naõ vivo para comer*; & viveo cento ſeſſenta & nove annos, 53 jà no tempo das idades curtas; mas nada baſta para perſuadir à mayor parte dos homens o que lhes convem; no que os mata poem a ignorancia as conveniencias da vida. Atè Epicuro, que profeſſou, & enſinou ſó regalalla, era no comer parciſſimo; iuſtentava-ſe com papas, & agua, & algumas hervas; dizia, que o naõ fazia por virtude, mas porque lhe era delicia, & que apoſtaria felicidades com Jupiter, ſe tiveſſe iſto ſempre. 54

17 Atè o comer com moderaçaõ nos dà trabalho. Para ſe ajuntar, hum cahe da arvore colhendo a fruta; outro adoece na caça por calmas, & por frios; a outro fere, ou mata a eſpingarda que arrebentou; outro ſe afoga na peſcaria. Maldita fome (exclama Santo Ambroſio, 55) que tantos males cauſa para ſatisfazer! Buſcar, & fazer o comer, he huma occupaçaõ continua; foy ſimplicidade virtuoſa de Fr. Junipero, Frade leygo da Ordem Serafica, cozer em hum dia todo o comer que o Convento coſtumava gaſtar em quinze, por ſe naõ divertir todos os dias da oraçaõ; 56 naõ advertia que ſe os Religioſos o comeſſem junto, nem por iſſo eſcuſariaõ comer nos dias ſeguintes; & ſe o foſſem comendo frio, o mimo, ou a malicia do corpo o naõ ſofreria ſem adoecer; taõ penoſa he eſta occupaçaõ aos que tem, como aos que naõ tem; os que naõ tem, morrem de naõ comer; os que tem, morrem de comer.

18 Hippocrates 57 para atalhar eſtes dannos, enſina que ſeja a medida conforme o que o eſtomago póde facilmente digerir; & ſobre iſſo que ſe trabalhe: Avicena 58 aconſelha, que ſempre nos levantemos da meſa com algumas reliquias de fome; porèm no conhecer iſto meſmo eſtá a difficuldade, & a mortificaçaõ; pois o corpo jà mais ſe contenta com o que lhe damos, tanto appetece o ſuperfluo, como o neceſſario, nem ſofre abſtinencia, nem abundancia, a fome lhe he inſoportavel, a fartura perigoſa; quanto ſe ha miſter para o ſervir! que invençoens para lhe dar goſto! que medida para que naõ adocça! grande ignorancia he preſumir que ſe pòdem aliviar as penas da vida com meyo em que he impoſſivel acertar.

CAP.

49 *D. Chryſoſt. ſerm. contra lux. & in caput 10m. 5. & ſerm. ſeq. contra eut.*
Soropan d. ref. an 2. & 3.
P. Franc. de Caſtro na Reformaçam Coriſt. trat 5. & 6.

50 *Gula plures occidit, quàm gladius Patrit de Rep. l 5. c 8.*

51 *Refere as Alex. ab Alex. d. l. 3. c 12. ad fin.*

52 *Refere Sorapan d. refran. 2. poſt med.*

53 *Diremos no cap. 46. no fim.*

54 *Ælian. var. hiſt. l. 4 c. 13.*

55 *D. Ambroſ. ſerm. 4.* Quanti peccantur, ut nobis quod delectat paretur? funeſta fames veſtra: funeſta luxuries.

56 *P. Fr. Marcos de Liſboa na Chron. de S. Franciſco p. 1. l. 6. c. 41.*

57 *Hippocrat. 6-popul 4. 10. & l. 3. de diæt. & l de veter. medic.*

58 *Avicena ſen. n 3. doct. 2 c. 3.*

CAPITULO XL.

Como ſe enganaõ os homens nas commodidades que imaginaõ nos officios da Republica. Trata-ſe dos males da privação com os Principes.

1 IMaginaõ muytos, q̃ ſeriaõ felices ſe tiveſſem officio na Republica. Repreſenta-ſe aquelle lugar com abaſtança do neceſſario para o ſuſtento: reſpeytado de todos: goſtoſo no governar: & por mil vias huma bemaventurança. Que grande engano! he pirola dourada; alguns que vendèraõ fazenda para comprarem officios, vi bem arrependidos, naõ ſe conhece o que naõ ſe experimentou: quanto o cargo he mayor, mais penaliza.

2 O miniſtro de muyta occupaçaõ (que he o que mais ſe deſeja ſer, porque nos outros naõ ſe imaginaõ aquellas felicidades) he ſervo publico: ſendo de todos, naõ he ſeu: perde o proprio por cuydar do alheyo: faz das noytes dias ſem dormir: naõ tem tempo para comer: tem quando outro ſó meya vida, como hum daquelles dous irmãos celebrados nas fabulas.

3 He paga deſta ſervidaõ a perda dos amigos, (ſe algum havia) por naõ ſer poſſivel fazer o que elles querem: a lingua dos cenſores, que nenhum miniſtro achaõ bom ſenaõ depois que o ſucceſſor o acredita; a mà vontade dos deſcontentes, que naõ pòdem faltar, & mais goſtaõ de ſe queyxarem injuſtamente, que de ſerem deſpachados: como o pertendente da Piſcina, q̃ perguntandolhe *Chriſto* Senhor noſſo ſe queria ſaude, naõ reſpondeo quaſi, mas queyxando-ſe que naõ tinha homem; 1 ſendo que padecia por ſua doença: 2 ninguem cuyda que naõ tem juſtiça, mas que falta homem que lha faça; ſe lha fazem, naõ ſó naõ agradece, mas tem por razaõ de eſtado, dizer que merecia mais: dos muytos, que ſe deſpachaõ, he impoſſivel que naõ vaõ alguns com favor; & he couſa notavel, que nem hum ſó dè graças: (fallo com experiencia) entre os dez leproſos, que ſarou o *Senhor*, ſe achou hum agradecido, 3 & entre dez mil deſtes, nem hum ſe acha.

4 Sobre tudo, tal vez naõ pende ſua conſervaçaõ de ſeus procedimentos, mas da fortuna de algum amigo grande; por ſer coſtume das Cortes cahirem com elle ſeus bem affectos, ſó pelo ſerem. 4

5 Que goſto pòde haver em tacs officios? o fazer bem aos que ſe fingem amigos, he ſemear ingratidoens, gloriarſe de que o venerem, he jactancia do animal, que levava a Deoſa; 5 naõ he iſto mais que hum cadafalſo ornado ricamente, cuja apparen-

1 *Joan.5.6.&7.* Vis ſanus fieri? Reſpondit ei languidus: Domini, hominem non habeo.

2 *Joan.ſup.n.5.* In infirmitate ſua.

3 *Luc.17.15.*

4 *Notou o P. Hortencio no ſermaõ da volta da Virgem do Egypto §. Muerto aſſin Herodes, tom. 2. das Oraçoens Euangelicas.*

5 *Diſſemos no cap.34.n.10.*

apparencia leva os olhos do vulgo, que naõ conſidera o que alli ſe padece. Ou como os Gigantes q̃ ſe levaõ em prociſſoens muy viſtoſos, & ornados com mageſtade: & o que naõ apparece he hum homemſinho cançado, & ſuado de levar aquella grandeza ſobre ſeus hombros. A experiencia he muyto differente da imaginaçaõ.

6 Ser primeyro Miniſtro de hum Reyno, privado, & valido do Rey, ſer hum ſecretario muyto intimo, ou outro Miniſtro muyto favorecido, avaliou hum Author por felicidade ſobre a fortuna; 6 mas como por fado, he raramente duravel; 7 diſſo meſmo ſe ſegue ſua ruina: o que chegou ao mais alto, caminha naturalmente à declinaçaõ, & de mais alto ſe dà mayor quèda; ſaõ eſtes como tartaruga, a que a Aguia levantou ſobre os ares para deyxar cahir, & deſpedaçar ſobre hũa pedra; com que tal felicidade vem a ſer nada. *Nada me pediſtes atègora*, diſſe *Chriſto* Senhor noſſo a ſeus Diſcipulos; 8 & os Zebedeos lhe haviaõ pedido a ſua privança, como a Rey da terra. 9

7 He a privança, ou favor, navegaçaõ como Seneca diſſe a Lucilio; 10 ninguem ſe fie de bonança; em hum momento ſe revolve o mar, & em hum meſmo dia ſe ſorvem os navios aonde galhardos navegavaõ: depende-ſe de muytos ventos, naõ ſó da graça do Rey, mas de todos os Principes da Caſa Real, ſe os ha, que ordinariamente ſopraõ a differentes rumos, & pòdem muyto; he triſte couſa pender da vontade alhea: & ninguem pòde ſervir a dous ſenhores, 11 & menos a mais; he neceſſario o mais deſtro Piloto, que por inſtante mude os rumos, pela menor nuvem conheça a mudança, & anticipadamente colha as velas atè paſſar a borraſca. Ha neſta navegaçaõ infinitos perigos, cachopos, & bayxos.

8 O primeyro; quando o navio por demaſiadamente veleyro vay dar nos penhaſcos da ambiçaõ, & ſoberba, 12 como os de Aman, 13 & Sezano; 14 atè Anjos naufragáraõ nelle. 15 Só hum David favorecido ſoube humilhar ſe: 16 & ElRey Theodorico o louvou por novidade em ſeu favorecido Senerio. 17

9 O ſegundo he o bayxo da cobiça, poſto que ſeja ſó pela via licita de adquirir mercès: Scylla, & Carybdis, em que de ambas as partes ſe periga. 18 De huma ſe chama inconveniente em naõ accreſcentar a caſa; de outra em deſpertar a inveja; baſtou que Nabucodonoſor as offereceſſe a Daniel, recuſando-as elle; 19 para ſer perſeguido atè o lançarem a Leoens. 20 Por façanha de Caſſiodoro ſeu Secretario, ou privado, contava ElRey Theodorico, que moderando tudo com igualdade, nem deyxára a graça do Principe ocioſa, nem ſe aproveytára della com demaſia: 21 aceytou teſtemunho de ſeus ſerviços, & da magnificencia Real; mas naõ occaſionou, que o povo encareceſſe ſuas riquezas, quando chorava as proprias miſerias; naõ privou a virtude do premio, cujo exemplo anima outros a

ſeg uilla

6 *D. Rodrigo Biſpo de Coimbra de laud. Curiet.* Cum Regibus verò amicari ſupra fortunam eſt.

7 *Tacit. annal. l.3.* Facta potẽtiæ ratiò ſempiternæ.

8 *Matth* 10.21.

9 *Nota Fr. Heyter Pinto dial.5. c.11. in 2.p.*

10 *Senec. l.1. ep.4.* Noli huic tranquillitati confidere, momento mare vertitur, eodem die ubi luſerunt navigia ſorbentur.

11 *Matth.6.24.* Nemo poteſt duobus dominis ſervire.

12 *Eſther c.ult.n.2.* Multi bonitate Principum, & honore, qui in eos collatus eſt, abuſi ſunt in ſuperbiam.

13 *Eſther c.3.*

14 *Tacit. annal. l.4.*

15 *Iſai.14.13.*

16 *1 Reg.18.& 23.*

17 *Apud Caſſiod l.4.ep.4.* Hæc amplius commendabat humilitas, quæ tam clara, quam rara eſt: novum eſt enim ſub amore Principis cuſtodire moleſtiam.

18 *Ovid. Metam l.10.*

19 *Dan.2 48.& 69.*

20 *Dan.6.& 14.*

21 *Caſſiod.l.1 ep.1.* Æquitate cuncta moderatus, gratiam noſtram in ſe non reddidit otioſam.

seguilla; 22 mas naõ fazia ostentaçaõ que convidasse oppo si-
çoens: 23 Daniel pedio para Sidrach, Misach, & Abdenago
os lugares q̃ ElRey Nabuco lhe dava. O Conde da Castanhey-
ra privado delRey D. Joaõ III. de Portugal, pedindo o senhor
da Azambuja licença para vender aquella Villa para se desem-
penhar, & offerecendo ElRey a licença ao Conde para que a
comprasse, pela conveniencia de estar junto das suas terras; el-
le persuadio a ElRey, que naõ consentisse na alheaçaõ de taõ
antiga Casa, antes ajudasse ao Fidalgo para compor seus acre-
dores, como ElRey fez. O Duque de Lerma valido de Filippe
III. de Castella, quando ElRey lhe fazia mercè, procurava que
juntamente fizesse outras a benemeritos por naõ ser unico; por
todas as traças ha de trabalhar o pobre valido para se naõ per-
der neste bayxo.

10 O terceyro está no conselho que deve dar ao Principe
que delle se fia; porque aconselhar parece superioridade de en-
tendimento; & esta se naõ gera odio, causa dissabor, como suc-
cedeo a David com Saul; 24 & temeo o prudente Portuguez,
quando vio que a carta q̃ elle fizera, parecèra melhor a ElRey,
q̃ a feyta pelo mesmo Rey. Pelo q̃ diante do Rey naõ queyrais
parecer sabio, adverte o Ecclesiastico: 25 o celebre Secretario
de Estado Antonio Peres dizia que mais lhe valèra no Paço hir
arrojádo as chinellas (q̃ entaõ se usavaõ) ao som de seu descuy-
do, q̃ quantos bons pareceres havia dado. Com medida se devem
largar, ou amaynar as velas do talento, segũdo a occasiaõ, usan-
do sempre de modestia; com isto se conservou Ephestiaõ na pri-
vaçaõ de Alexandre: & ElRey Theodorico louvou seu mini-
stro intimo de saber fallar, & callar ao seu tempo. 26

11 He outro bayxo que necessita de sonda, a inclinaçaõ do
Principe na materia de que se trata; porq̃ se o conselho for con-
tra sua vontade, ou opiniaõ, se expoem o ministro a perder se.
He verdade q̃ perguntando os Reys, Nabucodonosor, & Bal-
thasar a interpretaçaõ de seus sonhos a Daniel, & respondendo
elle a hum que se converteria em bruto; a outro, que cedo se
acabaria seu Imperio: quando de desenganos taõ amargosos pu-
dera esperar rigores, o vestiraõ de purpura, & fizeraõ Presiden-
te supremo: 27 & tambem ElRey Dom Joaõ II. de Portugal
disse que fazia mercè a Dom Joaõ de Menezes, porque sempre
lhe fallára verdade, ainda que fosse contra seu gosto; 28 po-
rèm saõ raros exemplos. Ordinariamente gostaõ os Principes
de que os enganem; & avaliaõ por delicto encontrar seus di-
ctames. Cyro matou os filhos de Herpalo, & lhos deu a comer,
porque o advertio de certo vicio; Cambyses a hum privado,
porque o avisou de que o notavaõ de inclinado a vinho; Ale-
xandre a Calistenes, porq̃ lhe disse que se inclinava demasiada-
mente aos costumes da Persia; & com tudo naõ pòde o mini-
stro valido, & Christaõ deyxar de aconselhar na verdade; cha-
ma-se amigo, 29 (naõ podendo entre pessoas taõ desiguaes ha-
ver

22 *Cassiod. l. 2 ep. 56.* Nutriunt enim præmiorũ exempla virtutes.

23 Deprædari cupit qui thesaurum publicè portat in vla. *D. Greg.*

24 1. *Reg.* 18.

25 *Ecclesiast.* 7. 6. Penes Regem noli velle videri sapiens.

26 *Apud Cassiod. l.* 4. *ep.* 6. Sub genii nostri luce intrepidus quidẽ, sed reverenter astabat, opportunè tacitus necessariò copiosus.

27 *Dan.* 2. & 4. & 5.

28 *Rezende na Chron. de Dom Joaõ II. c.* 141.

29 1 *Paralipom.* 27. 13. Chusai Archites amicus Regis.

ver amizade 30) ſó pela ſinceridade com que devia fallar. 31 Só pòde, & deve navegar com todas as velas do zelo; mas com huma ſó hir payrando, & ſondando; repreſentando com induſtria os inconvenientes, ſem avançar muyto, & entretendo a execuçaõ, atè ver ſe acalmando o mar do appetite, ſe dà lugar a outro parecer. Mas finalmente quando naõ baſta, naõ ha de recuſar ſer victima glorioſa. Que regalo ſe pòde librar em tan-tos riſcos?

12 Talvez (& he quinto bayxo, ou cachopo) acha ao Rey com pouco agrado, ou por calumnia dos emulos, ou por accidente da condiçaõ humana; & eſcurecendo ſe aquelle Sol, naõ pòde o favorecido tomar a altura em que eſtà. Entaõ lhe convem naõ moſtrar que vè a nuvem, mas ſimular alegria; porque ſe as ſcintinellas da Corte notarem novidade, ſem perderem occaſiaõ, tiraraõ a maſcara para o deſcomporem, 32 & nem ſempre a graça Real pòde defender; a de Dario naõ baſtou a Daniel para deyxar de ſer lançado aos Leoens, porque os vaſſallos o ameaçáraõ, ſe o naõ entregaſſe; 33 nem a de Carlos I. Rey de Inglaterra pode livrar a cabeça do Conde Eſtranfort; 34 & em outros ſe vio o meſmo.

13 Igual perigo ha, quando os Reys, ſuſpendendo hum pouco a authoridade, ſe humanaõ em particular; o que naõ pòdem deyxar de fazer muytas vezes; porque a dignidade naõ lhes tirou o ſerem ſociaveis, 35 nem os fez taõ ſoberanos, que ſejaõ intrataveis: pois *Chriſto* Senhor noſſo permittio a hũ Diſcipulo deſcançar ſobre ſeu peyto, 36 & a outro meterlhe a maõ no lado; 37 & o que he commodidade a homem, he neceſſidade no Principe; porque os mayores cuydados pedem mayor alivio. 38 Neſtas occaſioens. ſe o que tem tal privança naõ for feſtival, ſe farà aborrecido; ſe for muyto facil, aventurará a authoridade neceſſaria para q̃ o Principe o eſtime; he volatim ſobre maroma, que faltandolhe o equilibrio, cahe do alto. Se ſe offerece (ſem affectaçaõ) dizer huma graça, naõ deve arriſcar a gravidade por oſtentar engenho: deve dizella com decòro que o acredite de cortezaõ ſem nota de jovial. As agudezas naõ haõ de ſer mordazes, porque a menor palavra de hum valido tem grande pezo: dos Cardeaes Richelieu, & Mazarini, privados inſignes de Luis XIII. Rey de França, ſe dizia que tinhaõ para iſto hum molde com que nenhum outro acertava.

14 Nas praticas ordinarias com o Principe naõ faltaõ perigos; porque o privado Chriſtaõ deve nellas louvar as virtudes de outros Principes, que poſſaõ ſervir de exemplo; mas ſem as encarecer tanto, que occaſionem inveja, que ſe ſatisfaça no meſmo privado; como ſuccedeo a Clito muyto favorecido de Alexandre, que louvou tanto a ſeu pay Filippe, que lhe cuſtou a vida; 39 o meſmo perigo ha em affear os vicios, (ſendo tambem obrigaçaõ Chriſtã) he neceſſaria induſtria, principalmente

3 *Reg.*4 5. Zabud filius Nathan Sacerdos amicus Regis.
*Tacit. Annal.l.*3 junius Ruſticus dilectus à Cæſare.
D. Rodrigo Supra. Cum Regibus amicavi, &c.

30 *Fr. João de S. Maria na Rep. & Polit. Chriſt. c.*31. *no princ.*

31 *Caſſiod. l.* 1. *ep.*4. Eſt nimirũ curarum noſtrarum felix portio, januam noſtræ cogitationis ingreditur: pectus, in quo generales curæ volvuntur, agnoſcit.
Diſſe ElRey Theodorico de ſeu privado.

32 *Vide Tacit. Annal. l.*13. *ante mea fallando de Agripina: & ibi D. Balthaſar de Atames aphoriſmo* 98.

33 *Daniel.*6.

34 *Liber, cui titulus, Imago Regis Caroli, c.*2.

35 Homo eſt animal ſociabile.

36 *Joan.*21.20.
37 *Joan.*20.27.

38 *Comines nas memorias da vida de Luis XI. tom.*1. *c.* 91.

39 *Q. Curt. In Alex. l.*8. *paulò poſt princip.*

mente, fallando-ſe de alguma que o Principe ſeja inclinado: porque o tomarà por reprehenſaõ disfarçada, & grangearà aborrecimento. Nathaõ deu liçaõ excellente uſando com David o rodeyo da parabola ſem entrar logo reprehendendo. 40

15 Eſtes, (que ſaõ os principaes) & outros muytos riſcos ameaçaõ naufragio immediatamente com o Principe. Por outras vias ſaõ tantos, que ſe offerecem atè pelos amigos; & aſſim ſe deve grande cuydado à ſua eleyçaõ; os que ſe tomaõ, ou confirmaõ nas felicidades do Paço, raramente ſaõ fieis; aſſim como ſeguiraõ eſta, ſeguiraõ outra, ſe ſe lhes repreſẽtar mayor, & com capa de amizade ſaõ cintinellas. Devem-ſe preferir os antigos, porque ſaõ mais intereſſados na conſervaçaõ, entendendo que ſe vier outro valido, ſe naõ fiarà delles. Deſtes os mais virtuoſos, & ſabios, cuja communicaçaõ acredita, & enſina inſenſivelmente. 41 Os parentes naõ ſaõ os mais leaes, antes os mais invejoſos: ao Duque de Lerma tirou a privança delRey Filippe III. de Caſtella o Duque de Uſeda ſeu filho; & ao Conde Duque cahindo da de Filippe IV. ſuccedeo Dom Luis de Haro, filho de ſua irmã.

16 No tomar conſelho com os antigos tambem ha perigo; porque conjecturada a inclinaçaõ do privado, arraſta os pareceres como primeyro mobil. Logo que Mardoqueo Judeo privou com ElRey Aſſuero, muytos Gentios ſe fizeraõ Judeos: 42 porque Eutropio privado do Emperador Arcadio era cunucho, ſe caſtràraõ muytos homens barbados, do que alguns morrèraõ. Tiberio naõ quiz que ſeu ſobrinho Druſo votaſſe primeyro no Senado, por naõ torcer o juizo aos Senadores: diſto naſciaõ muytos erros ao Conde Duque valido de Filippe IV. antes de aconſelharem, ſe conhecia ſua vontade, & todos a ſeguiaõ.

17 No ponto dos amigos he huma grande confuſaõ querer o Principe que o valido ame aos que elle ama; & muytas vezes ſaõ naõ ſó os menos affectos ao valido, mas os prejudiciaes ao lado Real por màos coſtumes, ou por outras razoens. Se contemporiza, cuyda-ſe com deſcredito, que verdadeyramente os eſtima, & que tolera aquelle damno ao bem do Principe, que devera zelar: ſe faz o contrario, offende-ſe o Principe, achando contradiçaõ à ſua vontade. O remedio he apartallos para longe, com pretexto de utilidade em algũ bom poſto; mas ſuccede, nem querer elle, nem o Principe, & ſer labyrintho ſem ſahida.

18 Atè nos criados periga o Miniſtro. Que importa que o Profeta Eliſeu naõ receba as dadivas de Naaman, ſe ſeu criado Giezi ſahe ao caminho a pedirlhas? foy neceſſario ao Profeta caſtigallo com lepra, para purgar a ſuſpeyta de que ſahira por ſeu mandado. 43 Peccaõ com authoridade dos ſenhores; daõ màs repoſtas, ſe lhas naõ compraõ boas negaõ as entradas fingindo que tem ordem; & ſenhor, que naõ he Profe-

40 2.Reg.12 in principio.

41 *Pſalm.*17.v.27. Cum electo electus eris: & cum perverſo perverteris.
*Proverb.*13.20. Qui cum ſapientibus graditur, ſapiens erit: amicus ſtultorum, ſimilis effieietur.
*Seneca latè, epiſt.*109.

42 *Eſther* 8.17.

43 4 *Reg.*5.

Profeta, naõ adivinha para ſe moſtrar ſem culpa, diſſe Plinio a Trajano; 44 que ſendo couſa magnifica a hum grande ſer virtuoſo, mais he fazer que o ſejaõ os criados: quem acabarà tal façanha? & vay nella muyto aos Miniſtros: o Duque de Lerma naõ era notado pelo que recebia, (para o que tinha licença delRey) mas pelo que recebiaõ os criados; & ao Conde Duque ſe diſſimulavaõ faltas, porque procurava que ſeus criados naõ recebeſſem.

44 *Plin. in Panegi.*

19 Mas eſtes, & outros perigos ſaõ pequenos comparados com a tempeſtade dos Cortezãos; taõ perigoſo he ſer amado, como odiado do Principe. Os Principes tem a deſgraça de naõ poderem amar à ſua vontade como os outros homens; cuydaõ os vaſſallos que ſó haõ de amar por ſeu voto: vem logo a inveja cintinella das felicidades alheas; 45 doença natural aos homens, 46 que naõ ſe evita com a modeſtia, antes creſce com as virtudes: 47 & entre iguaes qualquer ventagem ſe tem por crime: todos querem mandar; mas a quem, ſe nenhum quer obedecer? & ſe todos mandarem, todos ſeraõ ſervos. 48 Se todo o mundo (diz S. Pedro Chryſologo 49) foy eſtreyto a dous irmãos, Caim, & Abel; como o naõ ſerá hum Paço a tantos eſtranhos entre ſi? o meſmo he favor do Principe, que odio da Corte: o meſmo, grande fortuna, que grande inveja: o meſmo invejado, que calumniado; & pela calumnia ſe vay à ruina: Cataõ, porque era varaõ grande, foy quarenta vezes accuſado, & cuſtoulhe muyto ſer outras tantas abſolto. Qualquer màõ ſucceſſo ao publico, he fogo na polvora; arrebentaõ as minas, querem os emulos que o valido ſeja Deos da fortuna. As acçoens dos màos miniſtros inferiores ſe lhes imputaõ como a participante com o Principe no erro da eleyçaõ, ou na culpa da paciencia. Toda a cortezia, toda a affabilidade, todo o bom animo, toda a prudencia induſtrioſa, & obſervaçaõ dos documentos, ou daquelle excellente Lelio Peregrino, ou de quaeſquer outros grandes meſtres, 50 nada baſta contra a emulaçaõ.

20 Finalmente o officio de hum favorecido, quanto a tratar com o Principe, compàra Santo Ambroſio 51 aos que compraõ Leoens, & Urſos para os moſtrarem por dinheyro, & ſempre eſtaõ em temor, notando ſe ſe enfurecem para ſe acautelarem; & tal vez perecem por naõ poderem fugir; & Saõ Pedro Chryſologo 52 diſſe, que *com ſerpente ninguem trata ſeguro*. Naõ vos fieis dos Principes, aconſelha o Pſalmiſta: 53 ſejaõ exemplos Joab morto por recomendaçaõ de David: 54 Aman enforcado por mandado de Aſſuero: 55 Parmenião, & Clito; mortos pelas màos de Alexandre: 56 Seiano feyto prodigio da deſgraça por Tiberio: 57 Caligula fez matar a quantos privados, & amigos tinha: 58 Nero mandou matar a Seneca, concedendolhe por favor, q̃ eſcolheſſe o genero de morte: 59 Juſtiniano fez tirar os olhos a Belizario, & o obrigou a

acabar

45 *Alan. de planct. natur.* Invidiæ motus, alienæ felicitatis exenbiæ.

46 *Tacit. hiſt. l.* 2. Inſitum eſt mortalibus naturæ, &c.
Natal. com. hiſt. l. 11. Eſt morbus quidam prope nativus certè communis.

47 *Diremos na* 2. *p. n.* 1.

48 *Tacit. Annal.* 12 *ad med.* Nam ſi vos omnibus imperitare vultis, ſequitur, ut omnes ſervitutem accipiant.

49 *Chryſol. ſerm.* 4.

50 *Carta de Peregrino Eſtanislao Borbio. Philip. Camerar.* 3. *ſucceſ. c.* 56. & 57.
Philip. de Comines. l. 10.

51 *D. Ambroſ. in Pſalm.* 104.

52 *D. Petr. Chryſol. ſerm.* 155. *ad fin.*
Nemo cum ſerpente ſecurius ludit.

53 *Pſalm.* 145 *v* 2. Nolite confidere in Principibus.
De quo Solorzan emblem. 59.

54 3 *Reg.* 2. 6.

55 *Eſther* 7.

56 *Q. Curt. d l.* 8.

57 *Tacit. Annal l.* 5.
Pedro Matteo na ſua vida.

58 *Sueton. & Dion. Caſſius.*

59 *Tacit. Annal. l.* 15.
Joaõ Pablo Martyr, Riſe na vida de Senec.

acabar mendigando. 60 Em Heſpanha nos deraõ exemplos, a cabeça de Dom Alvaro de Luna, privado de Dom Joaõ II. Rey de Caſtella; 61 & a de Dom Rodrigo Calderon, muyto favorecido de Filippe III. Omitto o Condeſtavel Momorancí em França, o Conde de Eſſex em Inglaterra, Frysland em Alemanha, & outros ſucceſſos; porque trazer todos fora infinito.

60 *Floſcul. biſter. p.* 2 *c.* 3.
61 *Marian. hiſt de Hſpan. tom.* 2. *l.* 22. 12. & 13.

21 Quanto aos Vaſſallos, ainda que o grande Miniſtro faça milagres, he perſeguido das màs vontades dos deſcontentes, das impertinencias dos zeloſos, das cenſuras dos ocioſos; & da diverſidade de opinioens, que he impoſſivel concordar. A' ſua affabilidade haõ de chamar engano: ao deſintereſſe, hypocriſia: à rectidaõ, ſeveridade: à juſtiça rigor: ao ſofrimento, remiſſaõ, à brevidade dos deſpachos, precipitaçaõ: ao tomar conſelho, irreſoluçaõ: ha de ſer murmurado nas caſas de jogo, nos lugares de converſaçoens, dentro do Paço, & atè nos pulpitos ſe ha de conceytuar, arraſtando textos ſagrados, para provarem que he maliſſimo homem.

22 Se houvera juizo perfeyto, & ſe acharà o valimento em hum caminho, ninguem o levantára; todos ſe lembrariaõ do proverbio que dizia: *Quem eſtà mais perto de Jupiter, eſtà mais perto do rayo.* 62 Todos conſiderariaõ que o Principe he Sol no ſeu Reyno; naõ ſó porque alumea, mas tambem porque ordinariamente as boas, ou màs fortunas ſaõ effeytos de ſua viſinhança, ou diſtancia; faz em huma caſa Inverno, ou Veraõ, com mais liberdade que o Sol celeſte, pois ſem ſeguir regra, adianta, ou retarda os tempos, & os frutos, cauſando abundancia, ou eſterilidade. Quem puder, naõ ha de viver taõ longe deſte Sol que ſe gele, nem taõ perto que ſe abraze; tanto, ou mais padecem os de Guinè entre ardores, como os de Suecia entre neves; ſerà maravilha naõ ennegrecer aos que muyto aquentar: outros comparaõ o Principe ao fogo, encomendando a meſma mediania aos que ſe lhe chegaõ. 63

62 *Eraſm. in Adag. ex Diogen.* Proximus Jovi, proximior fulgori; *Vide Solorzan. emblem.* 57.

63 *Stob ſerm.* 43. *Solorzan. emblem.* 58.

23 Mas tantos documentos, & experiencias naõ deſenganaõ, ſempre ha quem compre eſte cavallo Sejano, & eſte collar de Erifile, no engano de ſua gentileza, & luzente pedraria, ſem advertir nos deſaſtres de todos os que os poſſuiraõ. Parecem-ſe eſtes ambicioſos ao que podendo-ſe livrar dos açoutes a que foy condenado, conſentio na ſentença, por querer provar como ſabiaõ, & o peyor he, que os achaõ doces, pois ſe ſe vem livres daquella miſeria, lhe chamaõ *cahida*, & procuraõ recobralla, mào goſto, & ceguyera do peccado.

CAPITULO XLI.

Que nem com reynar se aliviaõ, antes crescem os trabalhos da vida.

1 OS Reys a que Plataõ, 1 & outros Filosofos chamàraõ compostos de materia de ouro: divinos entre os homens: eminentes à natureza: fabricados pelo melhor Artifice à semelhança de si mesmo: 2 obra unica, imagem do soberano Monarca: familiar a seu Creador: luz entre os subditos: 3 cujo officio dizem os Politicos, 4 & as letras sagradas 5 que he ministro, simulacro, & substituto do summo Governador, & que se deve obedecer, & respeytar, como Viso-Rey de Deos; aquelles taõ venerados de algumas naçoens na antiguidade, que hum Persa mandado açoutar por seu Rey, lhe deu graças por se lembrar delle; 6 estes digo que na terra parecem Semi-Deoses, naõ tem a vida privilegiada.

2 Basta para provar naõ serem izentos das enfermidades, & dores commuas a todos os mortaes; como ferido de huma setta confessou Alexandre Magno, 7 contra a presumpçaõ que tivera de se fazer filho de Jupiter. Mas passemos ao em que estaõ de peyor condiçaõ que os outros homens.

3 Tem o trabalho de deverem ser melhores q̃ os subditos; como dizia Cyro Rey de Persia; & por esta razaõ Alexandre perguntado quando morreo, a quem deyxava por herdeyro de sua Monarquia, respondeo que ao melhor; 8 & a coroa de ouro, com que sobre as de prata, & ferro, he coroado o Emperador de Alemanha, lhe mostra que nos quilates da virtude, deve exceder aos outros homens, como o ouro excede aos outros metaes. Quanto isto lhe importe, expendemos em outra parte, 9 aqui basta apontar, que hum Principe se deve recear do melhor reputado, & naõ do que tiver peyor nome; pelo que o grande Rey Theodorico chamava á boa reputaçaõ, Thesouro dos Principes. 10

4 Desta boa fama deve o Rey ter mayor cuydado que os outros homens, porque o resplandor que o acompanha, descobre mais seus procedimentos. A terra, dizem os Poetas, 11 se fez fecunda de linguas, para publicar os defeytos delRey Midas; qualquer fama que alcançar ha de ser grande à proporçaõ da dignidade, dizendo mais do que for, 12 principalmente no mal, a que a censura he mais prompta; o que nos outros for nuvem, nelle serà eclipse.

5 Mas nem lhe basta ser bom para contentar a todos. Ao justo chamaõ cruel: ao clemente, froxo: ao liberal, prodigo: ao valeroso, temerario: se tem valido, dizem que naõ he senhor: se o naõ tem, queyxaõ-se de que naõ ha quem os ouça; do que Absalaõ

1 *Plat. de Rep.*

2 *Ephantes apud Stob. serm. 47.*
3 *Stob. in admonit. ad Reg. serm. 48.*
4 *Plutarch. de doctr. Princ. & l. de disput. Philosoph.*
Diotagen l. de Reg.
Simano de Rep. l. 3. c. 6.
5 *Matth. 2. 21. Marc. 12. 17.*
Paul. ad Rom. 13. à n. 4. Petr. ep. 1. c. 2. à n. 13
6 *Stob. serm. de leg.*
7 *Plutarch. in Alex. ante med.*

8 *Q. Curt. de vit. Alex. l. ult.* Ei qui ciet optimus.

9 *Natarp. Polit. p. 2. §. 1.*

10 *Apud Cassiod. l. 9. ep. 2.* Hoc verè thesauris reponimus, quod famæ commodis applicamus.
11 *Ovid. Metam. l. 11.*
Natal. Com. mythol. l. 9. c. 15. in fine.

12 *Senec. 1. de clem. c. 8.* Nullis magis cavendum qualem famam habeant, quàm qui qualemcumque receuerint, magnam habituri sint.

Abſalaõ accuſava a David: 13 ſe ſegue os conſelhos, poem taxa em ſeu juizo; ſe os naõ ſegue murmuraõ, que he abſoluto. Luis que chamàraõ *Pio*, & *De buen ayre*, por ſua boa indole; Emperador, & Rey de França, filho de Carlos Magno, foy excellente Principe, & com tudo màos vaſſallos, conjurados com ſeus proprios filhos, o depuzeraõ do governo; 14 vio-ſe taõ miſeravel, que quando em Soiſſoens o obrigàraõ a deſpir o habito Imperial diante do Altar de Saõ Sebaſtiaõ, diz hum Eſcritor: *Sò no coraçaõ implorava a aſſiſtencia de Deos, a que naõ ouſava recorrer publicamente naquella injuſtiça, temendo que ſuas oraçoens foſſem criminoſas*: 15 (he verdade que o ſoccorreo o *Senhor*, porque tres, ou quatro annos depois foy reſtituido, arrependidos os nobres, & populares, *por admoeſtaçaõ divina*, como diz hum grave Hiſtoriador: 16 ElRey Dom Joaõ II. de Portugal alcançou dignamente renome de *Principe perfeyto*, & com tudo teve no Reyno as mayores contradiçoens.

6 Atè as deſgraças ſe imputaõ aos Reys, como ſe todos foraõ Alexandre Magno, de quem diſſe Quinto Curcio, *que ſó entre os mortaes tivera a fortuna em ſeu poder*. 17 Os Godos matáraõ a ſeu Rey Uctérico, ſendo muy valeroſo, ſó porque era deſgraçado nas batalhas. 18

7 Todos eſtudaõ como haõ de enganar ao Rey; & alguns contendem ſobre o dominar, como ſe fora Reyno, & naõ Rey. Cuyda elle q̃ entraõ no Paço a ſervillo, & entraõ a procurar entregallo; huns com liſonjas, mal perpetuo dos Principes; outros nos meyos de alcançarem mercès; & naõ tem quem o deſengane; 19 falta que Seneca 20 chorava em quem tem com abundancia tudo o mais; antes paga conſelheyros para o enganarem, como ſe queyxava o Emperador Diocleciano; 21 tem contra ſi amigos, & inimigos, como dizia Saturnino Auguſto 22 aos que lhe veſtiaõ a purpura Imperial.

8 Digo os que ſe fingiaõ amigos, porque nenhuns tem verdadeyros, como experimentaõ os cahidos. Por muyto raros ſaõ celebres nas hiſtorias de Heſpanha 23 dous Portuguezes, Fernão Pacheco, & Martim de Freytas, que em Celorico, & Coimbra defendèraõ a parte delRey Dom Sancho Capello, ſendo lançado jà do Reyno. Tanto que ElRey de Caſtella D. Fernando o Catholico entregou o Reyno a Filippe I. o deſemparàraõ todos os grandes, & nobres, ainda os màis beneficiados por elle de maneyra, que com grande eſcandalo ſe vio em notavel ſolidaõ; & logo que por morte de Filippe foy chamado para tornar a governar, tornàraõ todos a fazerlhe os antigos obſequios; diſſe elle entaõ, ſorrindo, ao Duque de Bejar: *E vòs Duque tambem me deſamparaſtes?* Reſpondeo elle: *Senhor, quem naõ ſe enganaria, crendo que hum moço de vinte & quatro annos taõ robuſto havia de viver mais que V. A. que tem quaſi ſeſſenta?* Mas replicou ElRey: *Só hum neſcio ſe enganaria: & ſe vòs foreis taõ entendido como ſois gracioſo, cuydarieis que voſſo*

13 1.*Reg.*15.3. Non eſt qui te audiat conſtitutus à Rege.

14 *Robert Gogvin.de Francor. geſt.l.* 4.*in Ludov.Pium. Nicol Gilles nos annaes de França ann.*829.

15 *Lyſieux na Philoſ. Chriſt.p.* 1.*c.*5. *ad fin.verſ que ſa bouche.*

16 *Nicol.Gilles ſup an* 814. *in princ ibi: par divin. admonition.*

17 *Curt.ſup.d.l.ult.* Plus debuiſſe fortunæ, quam ſolus omnium mortalium in poteſtate habuit.

18 *Jul.de Caſtilh. na hiſtor. dos Godos l.*2.*diſcurſ.*8.

19 *Saavedra na Idèa do Principe, empreſ.*49 *in med.*

20 *Senec de benef l.*6 *c.*30.

21 *Apud Flav. Vopiſc.in Aurel.* Colligunt ſe quatuor, vel quinque, atque unum conſilium ad decipiendum imperatorem capiunt

22 *Apud Valenzuel.de ſtatu ac belli ratione,p.*1.*conſid.*1 *n.*49. Timentur hoſtes, comites formidantur.

23 *Duarte Nunes, Chron. de D. Sancho II. Vaſconcellos in Amaceſtral ejuſd.Maris dial.*2 *c.*14

*Chron. de D. Affonſo o Sabio de Caſtel.c.*7.

*Mariana hiſt. de Heſpanha l.*3.*c.*4. *no fim.*

*Fr. Anton. Brandaõ na Monarchia Luſit.p.*4.*l.*14.*c.*30.

Rey natural, de quem tinheis recebido mercès, podia viver mais, & gratificarvos melhor que hum ſtrangeyro. 24 Muytos exemplos ha de amor, & fidelidade a homens particulares cahidos, atè de eſcravos para ſeus ſenhores; 25 ſó para Reys deſpojados ſaõ rariſſimos, & deyxaõ-ſe enganar de veneraçoens.

9 Finalmente, como ElRey Antigono advertio a ſeu filho, o reynar he huma ſervidaõ nobre; 26 de dia, & de noyte ha de cuydar, & trabalhar; a Republica naõ he ſua, mas elle da Republica: 27 & por eſſe o tem os vaſſallos, avaliaõ-lhe por criminoſas as horas de alivio; por tal ſe condenava o tempo em que ElRey Dom Affonſo IV. de Portugal ſe divertia na caça. 28

10 Tanto cuſta a ceremonia de huma adoraçaõ intereſſeyra, & a repreſentaçaõ de hum amor fingido, que he ſó a que os Reys lograõ mais que os outros homens; & com tudo poucos engeytàraõ eſte engano: occorrem à memoria em Roma ſó dous Emperadores, Diocleciano, & Maximiniano: (dizem que eſte ſe arrependeo) em Grecia, outros dous, Micael Coruplates, & Manoel Comneo: em Alemanha dous, Lothario, & Carlos V. em Caſtella (alèm do meſmo Carlos) outros dous, Bermudo, & Affonſo el *Monge*: hum Rachis em Lombardia: hum Pedro em Inglaterra; poucos mais ſe acharaõ nas hiſtorias, ſendo innumeraveis os que por todos os caminhos, ainda tyrannicos, procuràraõ reynar. Só hum Quintiliano ſe matou, porque o faziaõ Emperador. 29

11 ElRey Salamaõ coroa eſte diſcurſo. Foy o edificador da mayor maravilha no Templo de Jeruſalèm; 30 illuſtre por ſangue, amavel por peſſoa, ſabio ſobre todos os homens, temido dos inimigos, celebre entre as naçoens remotas, 31 que he louvor mais excellente: 32 rico mais que todos os Principes. Lograva as riquezas de quantas Provincias, & Reynos ſeu pay David ſugeytàra, dos Moabitas, Syros, Damaſcenos, Amalecitas, Idumeos: os tributos dos Reynos da outra parte do Jordaõ, & Filiſtheos; & do Rio Eufrates atè o Egypto. Alèm das grãdes rendas de ſeu Reyno, tinha ſeiscentos ſeſſenta & ſeis quintaes de ouro nas frotas de Tharſis, que tudo importava cada anno mais de cem milhoens de cruzados. De ſeu pay lhe ficou prata, ouro, & joyas em quantidade inerivel; póde-ſe conjecturar a opulencia daquella herança, do legado que deyxou para fazer o templo, q̃ foy de cem mil quintaes de ouro, & dez vezes cem mil quintaes de prata, que reduzidos a moeda commua da Europa montaõ mais de dous mil & quatrocentos milhoens de cruzados. Diz o Texto ſanto, 33 que havia em Jeruſalèm tanta prata como pedras. Tinha mil & quatrocentas carroças, & para ellas quarenta mil cavallos: & doze mil de paſſeyo: alèm de muytas azemelas para ſerviço. Adornava ſeus paços com as tapeçarias mais ricas, com as pinturas mais excellentes, com eſculturas perfeytiſſimas. Havia nelles jardins

24 *Ibeſcas na hiſt. Pontific. p. 2. l. 6. c. 23 § 1.*

25 *Apud Valer. Max. l. 6. c. 8 & alios.*

26 *Apud Æl. Lamprid. hiſt. c.* 20. Agnoriſti, fili, noſtrum Regnũ nobilem elle ſervitutem?

27 *Senec. de Clement. l. 1 c. 19.* Non Rempublicam ſuam, ſed ſe Reipublicæ.

28 *Duarte Nunes na Chron. de Dom Affonſo IV.*

29 *Marian hiſt. de Hiſp. l. 4. c.* 10.

30 3. *Reg.* 6. *& vide ſupra c. 14. n. 14.*

31 3. *Reg.* 10. 1.

32 *Caſſiodor. l.* 10 *ep.* 19. Commune eſt cunctis in ſuis Imperiis præſicari: ſed illud eſt omnimodis ſingulare, in extranea gente laudes proprias invenire, quia ibi ſunt acta juſticia, ubi neminem compti mit ulla timiditas.

33 2. *Paralip.* 9. 27. Tantamque copiam præbuit argenti in Jeruſalem, quaſi lapidum.

dins deleytosissimos: lisongeava o ouvir com musicas de suas vissimas vozes, & dos melhores instrumentos: o olfacto com os aromas de Pancaya, & Sabea, em simplices, & mixtos: o gosto com variedade dos mais saborosos manjares: o serviço era o mais pomposo. Atè para a lascivia tinha setecentas mulheres com titulo de Rainhas, taõ escolhidas, como se cada huma só o fora, & trezentas concubinas das mais fermosas que em seus Reynos, & nos estranhos se puderaõ achar. Tudo isto (adverte hum grave moderno 34) saõ verdades da sagrada Escritura: 35 *Christo* Senhor nosso trouxe aquelle Rey por exemplo da mayor gloria do mundo; 36 & elle mesmo confessou, 37 que gozàra todos os deleytes, quanto appetecèraõ seus olhos, & quanto podia desejar: mas juntamente confessou, 38 que em tudo trabalhára, suára, & tivera affliçaõ.

12 Quando os Reys se imaginaõ entre delicias, os trata o mundo como aos de Samatra, cujos povos tinhaõ authoridade para os depor, & matar. Quando lhe queriaõ dar morte, ordenavaõ huma magestosa caçada de Trigres, & Elefantes, em que se achava toda a Corte, & por algumas horas o entretinhaõ em agradavel passatempo, atè que no ponto determinado, quando mais irritadas as féras, & o miseravel mais descuydado, o desamparavaõ todos, & o deyxavaõ despedaçar cruelmente, tentando o na morte com aquelle apparato.

13 Estas saõ as penas, & miserias de hum Rey legitimo; 39 ao tyranno accrescem outras terriveis, que veremos em outro lugar. 40

34 *P. Cassvo na Reservaçaõ Christ. fund. in. 1. c. 1.*

35 *Reg. 3 Paralip. 2. Eccles. 2.*

36 *Matth. 6. 19.* Nec Salomon in omni gloria sua.

37 *Ecclesiastes 2. 10.*

38 *Ibidem v. 11.* Ad labores in quibus frustra sudaverant, vidi in omnibus vanitatem, & afflictionem animi.

39 *Largamente trata esta materia Solorzan emblem. 15. & nos seguintes.*

40 *Na 2. p. c. 33.*

CAPITULO XLII.

Que os amigos não saõ alivio para os trabalhos da vida, antes os accrescentaõ.

1 MEdicina da vida chamou o Ecclesiastico 1 ao amigo fiel; para tratar com elle o que se offerece, como disse Salamaõ, 2 & ter companhia, & conselho em todas as fortunas; sobre o que escrevèraõ muytos Authores. 3

2 Mas este imaginado alivio he só especulativo, tratar esta materia, he vaõ trabalho, como o de quem escreveo as qualidades da ave Fenix 4 que naõ ha, ou he unica; só a David, & Jonathas qualificou a Escritura santa 5 por amigos perfeytos: outros que chama amigos, o foraõ em casos particulares. Nas letras humanas, as amizades que referem os Poetas, quasi saõ fabulosas: 6 as de que trataõ as historias, 7 escrevem-se por muyto raras em muytos seculos; & assim disse o mesmo Ecclesiastico, 8 que achar hum amigo (dos que elle tratava) era achar hum thesouro: antigamente quando isto disse, poucos thesouros se achavaõ; hoje nenhũ jà se acha, por mais que cobiçosos gastem sua fazenda em cavar a terra para descobrirem alguns de que ha fama.

1 *Eccles. 6. 16.* Amicus fidelis medicamentum vitæ, & immortalitatis.

2 *Proverb. 15. 9.* Catuam tuam tracta cum amico tuo.
Senec. ep. 3 paulò post princ.

3 *Marc. Tul. de amicit.*
D. Ambros. de offic. maximè l. 3.
Multi relati in Polyanth. verb. Amicitiæ, in fine.
Seneca ep. 9.

4 *D. Joseph Pellicer.*

5 *1. Reg. 18. 1.*

6 *Homer. Iliad.*
Virg. Æneid. l. 9.
Ovid. Trist. 4. & de Pont. 2.
Stat. Sylv. l. 4.
Sy. v. l 9.
Propert. l. 2.

7 *Referem as mais celebradas Textor in offic. p. 2. tit. amici.*
Polyanthea, verbo Amicitiæ.
Defensa da Monarch Lusit p. 2 c. 39.

8 *Eccles. d. c. 6. 14.* Qui autem invenit illum, invenit thesaurum.

3 Os amigos jà tem nome corrente de *amigos do tempo*, 16 o ſaõ na felicidade, em que naõ ſaõ neceſſarios; na adverſidade nenhum apparece. 9 Só por cortezia a naçaõ Portugueza creo dous caſos, que o grande Hiſtoriador Joaõ de Barros conta, 10 hum de Manoel Cerniche no cerco de Calicut, outro de Gabriel Pacheco no primeyro cerco de Dio, que voltàraõ a pelejar com os inimigos, por acodir cada hum a ſeu amigo que ficava atraz, & ambos morrèraõ no ſoccorro. Perpenna amigo de Sertorio, vendo-o perſeguido pelos Romanos, o fez matar com huma infame conjuraçaõ; & ſe achou no teſtamento de Sertorio, que o deyxava inſtituido herdeyro. 11 Ha outros innumeraveis exemplos.

4 Outros mayores miniſtros o experimentaõ mais; porque nas Cortes naõ he mayor crime beyjar a mão ao Sol, q̃ ſe poem, que acto de religiaõ entre os antigos Perſas, adorallo quando naſcia; pratica-ſe a ingratidaõ daquelles Indios Orientaes, que havendo-o adorado no Naſcente, o apedrejaõ no Occidente: 12 cada hum, (& mais os mayores entendem,) ſe ſe chega ao cahido, baſta que o vejaõ perigoſo, para fugirem delle, como ratos que deyxaõ a caſa tres mezes àntes de ſe arruinar. Os mais intereſſados, & obrigados primeyro proteſtaõ que nunca o amàraõ, & que naõ podia haver couſa mais util à Republica, q̃ ſua ruina: Melhor negocio tem o cahido no voto de hum inimigo declarado, porque eſte tal vez hypocrita, ſe quer acreditar fazendo-lhe juſtiça, ou favor; aquelle por cuydar que ſe acredita, o encontra ſempre; he o que diſſe o meſmo Eccleſiaſtico, 13 que *o amigo do tempo, no da tribulaçaõ ſe converte em inimigo*: fora melhor neſtas occaſioens naõ ter taes amigos; naõ convem amigo de que ſe haja de duvidar. 14

5 Entre Principes naõ ha amizade; mede-ſe por utilidade, naõ por fé; nem ſe faz caſo de parenteſco; goſtaõ huns dos males dos outros; dizem que ſó attendem ao bem dos Povos que Deos lhes encommendou, & que os naõ querem empenhar em couſas alheas. O Emperador Carlos V. nada fez pela tia irmã de ſua mãy repudiada por Henrique VIII. Rey de Inglaterra; deyxando-a viver em Londres em humas caſinhas como huma pobre mulher. Luis XIII. Rey de França, achando-ſe formidavel à Europa, permittio que ſeu cunhado Carlos I. Rey de Inglaterra foſſe degollado por ſeus vaſſallos, & q̃ a Rainha ſua irmã andaſſe miſeravelmente deſterrada; & por reſpeyto do tyranno Cromuel, & mais rebeldes, com quem logo firmou amizades, lançou ſeus filhos de França, ſem lhes conſentir em ſeu Reyno, nem viver em miſerias. Mas eſquecelhes aquella razaõ do bem de ſeus Povos, ſe de ajudarem ao chamado amigo lhes pòde vir proveyto. Os Romanos conſtituiraõ ſeu Imperio do que intereſſáraõ neſtes ſoccorros: em Heſpanha entràraõ a ſoccorrella como amigos como os Carthagienſes: em Judèa a ajudar a Hircano contra Ariſtobolo; & aſſim em outras

9 *Ovid.*
Donec eris felix, multos numerabis amicos:
Tempora ſi fuerint nubila, ſolus eris.
Senec. ep. 9.

10 *Barros dec. 3. l. 9. c. 8. & dec. 4. l. 10. c. 16.*

11 *Mariana hiſt. de Heſpanha, lib. 3. c. 15. no princ.*

12 *Jacinto Freyre de Andrade na vida de D. Joaõ de Caſtro l. 1. n. 39 no fim.*

13 *Eccleſ. d. c. 6 n. 8. & 9.*

14 *Q. Curt. in Alex. l. 7. poſt. med. oratio-ne Scythæ.* Nec tibi amico opus eſt, de cujus benevolentia dubites.

cutras partes. Inglaterra foy por vezes occupada por ſemelhãtes amigos, que a ella paſſáraõ a ſoccorrer alguns dos Reys, que entaõ reynavaõ naquella Ilha, & tinhaõ guerras entre ſi; & depois os Reys de Inglaterra ſe introduziraõ no dominio de Irlanda, a titulo de comporem as differenças dos ſeus regulos D. Fernando de Caſtella, chamado o Catholico, ajudando ao Papa Julio II. ſe ficou com o Reyno de Navarra; & paſſando a ajudar a ſeu primo Rey de Napoles contra ElRey de França, logo indignamente ſe concertou com o Francez, & ambos privãraõ o meſmo Rey legitimo; do que os Authores Caſtelhanos procuraõ deſculpallo, mas naõ acharaõ razaõ. 15 Baſtem eſtes exemplos. Taes ſaõ as amizades.

15 *Ilheſc. hiſt. Pont. p. 2. l. 5. c. 21. §. 5 poſt med.*

6 Mas poſto que felizmente ſe ache hum bom amigo, em que remedea as miſerias da vida? nem dà ſaude nas doenças, nem tira a cauſa das affliçoens, porque ordinariamente naõ póde ajudar as neceſſidades; acompanhará no ſentimento, & vello ſentir atormentarà mais; chorarà noſſas calamidades, & nós ficamos com ellas.

7 Antes os amigos ſendo verdadeyros; ſe accreſcentaraõ reciprocamente as penas da vida. Porque ſe a amizade faz communs os intereſſes, 16 aſſim como he verdade que os amigos ſe communicàraõ os goſtos, aſſim tambem ſe haõ de communicar os deſgoſtos; & como eſtes coſtumaõ ſer muytos mais em numero: & a dor poſto que pequena, he mais ſenſivel à noſſa natureza, que huma grande alegria; mais penoſa fica a vida, havendo cada hum de ſentir os ſeus pezares, & os alheyos; & aſſim como Saõ Chryſoſtomo 17 diſſe que era alvitre para os que deſejaõ ſer ricos, lograrem por caridade as riquezas dos proximos; aſſim he meyo para ſer mais miſeravel, padecer por amor as miſerias do amigo.

16 *Senec. ep. 48. in lib.* Conſortium rerum omnium inter nos facit amicitia; nec ſecundi quicquam ſingulis eſt, nec adverſi: in commune vivitur.
Quod quomodo intelligatur, vide egregiè apud eund. Senec. de benef. l. 7. c. 12.

17 *D. Chryſoſt. hom. 19. ad pop.* Tanta eſt charitatis vis: non fruentes pariter cum fruentibus gaudere facit.

8 Cauſaõ os amigos trabalho em os conſervar; neceſſita iſto de induſtria; por iſſo ſó entre os Sabios póde haver amizade, diſſe Seneca; 18 tem o receyo de haver hum mexerico que os divida: ſe he hum ſó, ha perigo de o perder por morte, ou por outro accidente: ſe ſaõ mais, ha entre elles ciumes: empenhaõ-ſe nas brigas: nada ſe lhes póde refuſar: hũ bom Filoſofo Chriſtaõ os comparou ao ſentido de cheyrar, 19 que alguns diſſeraõ que naõ fora beneficio da natureza como os outros; porque o ver, goſtar, ouvir, & tocar, tem mais objectos de goſto, que de pena; mas ao cheyrar, ſaõ, pelo menos, iguaes humas, & outras occaſioens.

18 *Senec. d. l. 7. c. 12. de benef.*

19 *P. Lyſieux na Philoſoph. Chriſt. p. 1. c. 35 verſ. quelquefois.*

9 Naõ digo que ſe naõ grangeem amigos; a natureza enſina a procurallos; ainda nas couſas que naõ naſcèraõ para communicaçaõ, a terra procura participar qualidades ao Ceo, para receber influencias: os aſtros tem ſuas conjunçoens, em que ſe moſtraõ ſociaveis; ſe o homem naõ achar amigos perfeytos, fará o que deve em os buſcar. 20 Só digo, que nem os verdadeyros aliviaõ a vida de calamidades.

20 *Senec. ep. 9. in prin. in l. 1.*

CAP.

CAPITULO XLIII.

Conclue se geralmente quam falsos saõ todos os gostos, & passatempos da vida, & quam desordenado o amor que a ella temos.

1 MUytos Santos, & Sabios 1 desenganàraõ os homens de outros imaginados contentamentos, mostrando em todos mais pezares, que prazeres, mais penas, que alivios, & muytos inconvenientes para a mesma vida, q̃ com elles se procura regalar; vestem-nos de festa com ferro de cilicio; saõ moeda falsa, pirola dourada, Sereas com rosto de mulheres fermosas, escondendo nas aguas da tribulaçaõ o feyo de peyxes, como Fricto nio que inventou andar em coche por cubrir os pès que tinha de dragaõ; 2 ou como o Grego, q̃ porque tinha só hum olho, sempre se fazia retratar de perfil. Tomamos por gosto (nota Santo Agostinho 3) o que nos ha de fazer chorar, como os que vaõ ver tragedias de casos que movem a compayxaõ, gottaõ chorando, & amaõ as lagrimas, misturaõ o riso com a dor, como diz Salamaõ; 4 como lançado vinho, & agua em vaso de pào de hera, se escoa o vinho, & só fica a agua: 5 assim o mundo escoa o prazer, & só fica o pezar. 6

2 Trata-nos com aquelle banquete do Emperador Domiciano, quando celebrou as exequias de humas legioens que os inimigos matàraõ. Fez tapeçar de negro huma grande sala, & cobrir de negro os assentos, & quanto estava nella, & tambem a mesa em que se havia de cear. De repente, & de noyte mádou chamar os convidados sem saberem para que; chamados por hum tyranno de noyte se dèraõ por mortos; mas cheyos de angustias naõ puderaõ deyxar de hir: no Paço os fizeraõ entrar hum, & hum na negra sala, & que se assentassem à triste mesa. Trouxe-se a cada hum por primeyro prato hũa columna negra em fórma de sepultura, & nella o seu nome gravado com letras; entaõ se deraõ por jà sepultados: entràraõ pequenos moços todos nùs, & negros, dançando com taõ horriveis gestos, que pareciaõ demonios. Acabada a dança se deytàraõ aos pès dos convidados, continuando os mesmos gestos para lhes meter pavor, vieraõ as iguarias em pratos negros; os copos, & toda a bayxela era da mesma cor; os cõvidados se olhavaõ sem fallarem; forçavaõ-se a cõmer com medo do Emperador, que estava presente, attentando o que faziaõ. Praticava elle com os criados em homicidios, & crueldades. Acabadas as iguarias, de que se comeo pouco, só por ceremonia, se lhes deu licẽça para se irem, porèm acompanhados de homens que naõ conheciaõ, o que ainda os naõ confiava. Quando se viraõ em suas casas, atrancàraõ as portas, & naõ cessavaõ de dar graças aos Deoses.

Mas

1 *Inter quos D. Chrysost. serm. contra gul. & ceter corpor. volupt. tom 5. Petrarcha in dialog de prosper. fortun Fr. Heitor Pinto tom. 2. dial. ult. dos verdadeyros, & falsos bens.*
Fr. Diogo de Estella no livro da vaidade do mundo.

2 *Vianna no comment. a Ovid. Metam l. 2 n. 40.*

3 *D. Aug. Confess. l. 3. c. 2.* Gaudens lacrymatur: lacrymæ ergo amantur, & dolores.

4 *Proverb.* 4 13. Risui dolore miscebitur, & extrema gaudii luctus occupat.

5 *Pier Valerian. in hierogl. hedera*

6 *Nota Fr. Heytor Pinto d. tom. 2. dial. 5. c. 16.*

Mas dentro de hum quarto de hora lhes batèraõ às portas em recado do Emperador. Abriraõ aſſuſtados, & achàraõ preſentes que lhes mandava; nunca ſe viraõ preſentes taõ pouco agradecidos; nem os preſenteados os deſejariaõ outra vez, poſto que foſſem os mais precioſos.

3 Quem naõ vè neſte o retrato dos banquetes que o mundo nos dà? As iguarias acompanhadas de temores; muyto ſalgadas a quem lhes toma o ſabor: 7 ſe he iguaria contra a Ley de Deos, os demonios a ſervem com danças, & em quanto ſe come, ſe pratica da morte eterna dos que eſtaõ comendo; ſejaõ banquetes de Cleopatra, ou delicias de Sardanapalo, tem mais de amargoſo, que de doce. Antes tudo he amargoſo, porque o doce he a imaginaçaõ do que tinha por ſeus os navios que entravaõ no Porto Pireo, & era rico de ſua loucura; o freneſi de noſſas payxoens nos repreſenta eſſas quimeras; fallamos dellas, como de realidades, mas os que eſtaõ com juizo, conhecem que ſaõ diſcurſos de febricitante. Que differença! Joſeph, quando Deos lhe moſtrou a ventura que teria; 8 Salamaõ quando o *Senhor* o dotou de felicidades; 9 Saõ Pedro quando o Anjo o livrou do carcere, 10 cuydavaõ que eraõ ſonhos: que os bens do Ceo, ainda que nos pareçaõ ſonhados, ſaõ verdadeyros; aquelles de que falla Iſaías, 11 cuydavaõ que poſſuhiaõ, mas ſonhavaõ; que os bens da terra, parecendo verdadeyros, ſaõ ſonhados; ſonhos na noyte da razaõ, que tanto que deſperta, ſe acha ſem os theſouros que ſonhava poſſuir. Se fizermos reflexaõ no paſſado, naõ acharemos differença entre os ſonhos de quando vigiavamos, & os ſonhos de quando dormiamos; & os homens daõ mais credito a ſonhos, que a realidades; por iſſo Deos quiz com hum ſonho (alheyo) confirmar a Gedeaõ na vitoria, que em realidades lhe moſtràra: 12 o Evangeliſta Saõ Mattheos diz, 13 que o demonio moſtrou a *Chriſto* Senhor noſſo de ſima de hum monte todos os Reynos do mundo, & a gloria delles; naõ lhe podia moſtrar iſto, ſenaõ repreſentado no ar; & com tudo a letra do Texto diz que lho moſtrou, porque em effeyto os Reynos, & gloria do mundo tudo he ar. 14 A gentilidade antiga em hum meſmo templo venerava a *Volupia*, que tinha por Deoſa dos prazeres, & juntamente a *Angerona*, que chamava Deoſa das agonias. Que confuſo he o goſto dos homens! 15 o que parece mais certo, he preambulo do mayor mal: Samſaõ ſe perdeo entre os afagos de Dalila: 16 Siſara bebeo a morte no leyte que lhe apagou a ſede: 17 Holofernes deyxou a vida nas delicias em que ſe imaginava: 18 Balthaſar vio ſua deſtruiçaõ por ultimo prato de ſeu eſplendido banquete: 19 eſcuſaõ-nos de mais exemplos noſſos primeyros pays, que comèraõ a ruina mayor no pomo, que goſtàraõ para ſe exaltarem. 20

4 Sobre tantas experiencias, em nada reparamos por che-

7 *Senec. de brevit. vit. c.* 16. Ipſæ voluptates eorum trepidæ, & variis terroribus inquietæ ſunt.

8 *Geneſ* 37.6. Audite ſomnium meum.

9 3. *Reg.* 3.5. Per ſomnium nocte.

10 *Act.* 12.9. Exiſtimabat ſe viſum videre.

11 *Iſai* 29.8. Sic ſomniat eſuriens.

12 *Judic c* 6. *ix n.* 36. *& c.* 7. *ex n.* 11.

13 *Matth.* 4 8. Oſtendit ei omnia Regna mundi, & gloriam eorum.

14 *Ita Pater Sylveyr. in Euang. tom.* 1 *l.* 3. *c* 3. *q.* 32. *n.* 151. Nec enim aliæ ſunt divitiæ ac honorem mundi, niſi tantùm apparentes.

15 *Macrob Saturn. l.* 1. *Joel.* 1.12. Confuſum eſt gaudium à filiis hominum.

16 *Judic.* 16.19.

17 *Judith* 4 21.

18 *Judith* 13.10.

19 *Daniel* 5.30.

20 *Geneſ.* 3.

chegar ao q̃ temos por deleyte. Somos como aquelle, a quem os Medicos differaõ, que perderia a viſta ſe continuaſſe a uſar do vinho, & eſcolheo perdella; caminhamos ao appetite, ſem advertir nos perigos que nelle nos cercaõ; como o de que Santo Antonio 21 conta, que fugindo de huma ſerpente, & cahindo em huma profunda cova, pode pegarſe a huma arvoreſinha que eſtava na entrada, & pòr os pès ſobre hum torraõ; ao pè della andavaõ bichos que a rohiaõ; no fundo eſtavaõ Leoens famintos: & elle vendo em hum ramo mel que alli fabricàraõ abelhas, ſe poz a comer delle com vagar; & entretanto acabàraõ os bichos de cortar a tenra arvore, & o miſeravel cahio a ſer tragado de Leoens.

21 *Apud Fr. Heytor Pinto p.2. dial.1.c.2.*

5 Tudo he dizer que procuramos paſſatempo, como ſe elle naõ paſſára ſem o procurarmos, & ſe queremos que paſſe, para que o pedimos? ſe o deſejavamos, jà o temos; façamos o para que o deſejamos. Deviamos deſejallo para o que naſcemos, que he para couſas grandes; 22 ſe as naõ fazemos, ſobejanos a vida; para que a queriamos mais larga? queyxamonos de que he breve, & a fazemos mais breve gaſtando-a mal; ſe falta para o que queriamos, naõ falta para o que neceſſitamos; Deos a ajuſtou com a neceſſidade, naõ com o appetite, como ajuſtou o eſtomago com a temperança, & naõ com a gula; bem diſtribuida, naõ ſerà curta: como a fazenda deſperdiçada ſempre he pouca, bem diſpenſada he baſtante. Na ſegunda parte diremos diſto mais. 23

22 *Cicer. offic.1. relatus ſup. c. 37. n. 3.*

23 *P.2. c 53. à n.2.*

6 Eu naõ ſey (dizia o grande Padre Saõ Joaõ Chryſoſtomo 24) donde, ou porque razaõ ſe poz o nome de *delicias* ao que o naõ he; antes ſe faz tanto mal; deve ſer, porque o mundo atè nos nomes erra; ſe por força havemos de viver em afflicçoens, porque naõ eſcolhemos as que nos ſirvaõ de coroas? 25 Somos como alchimiſtas, que ſempre trabalhaõ por fazer ouro, & quando cuydaõ que o tem, ſe achaõ mais pobres, & com a viſta gaſtada.

24 *D. Chryſoſt. hom. 54. ad pop. Antioch. prop. fin. & plura dicit ſe. m. de vanit. & brevit. præſēt. vit. tom. 5.*

25 *Idem hom. 26. poſt m. d. ad Epiſt. poſt Paul. ad Corint. c. 12.*

7 Mas ſeja embora verdadeyro quanto na vida eſtimamos; naõ he labareda em eſtopa? entre o meſmo goſto eſtamos com o cuydado de quanto durarà. 26 Dure embora por algum tempo; naõ baſta haverſe de acabar para lhe tirar a eſtimaçaõ? Belliſſimas ſaõ as flores com que ſe lavraõ os tapizes do prado, para alcatifarem as galarias de Abril; ou joyas fragrantes com que ſe orna a Primavera ao romper do dia; mas abate ſeu valor a pouca duraçaõ. Bello he hum roſto, que parecendo mais que humano encanta a viſta, paſſa com doce violencia a render o coraçaõ, & transforma em ſi as almas como o noſſo Poeta diſſe; 27 mas deſacredita-lhe divindades eſtar ſugeyto ao tempo lavrador, que lhe farà regos nas faces, & ſemearà de neve a cabeça. Bella he a noyte coroada de Eſtrellas, com manto de ſereno azul; mas perde o preço, porque ao ſahir do Sol deſapparece ſua pompa. Belliſſimas ſaõ eſſas Eſtrellas, pregaria

26 *Senec. de brevit. vit. c. 16.* Subitque cum maxima exultatione, ſolicita cogitatio: hæc quandiu?

27 *Camoens Luſiad. cant. 3. eſt. ult.*
Que em ſi eſtà ſempre as almas transformando.

ria dourada da arquitectura do Ceo, ou flores luminoſas daquelles campos de çafir; mas tem a deſgraça de as eſcurecer a manhã que tudo o mais alumea, & de haverem de cahir no tremendo dia. 28 Bella a Lua chea, que veſte de claridade a eſcuridaõ, & pratea as nuvens; mas porque ha de minguar, naõ logra os encomios do Sol. Que couſa mais bella que o Sol, 29 theſouro da luz, diſpenſeyro das riquezas, Mordomo mòr do mundo, relogio do univerſo, medalha da effigie do ſummo Rey? mas diminuelhe a gloria hum vapor da terra, a oppoſiçaõ de huma nuvem, o accidente de hum eclipſe, o ſepultarſe cada dia no Occaſo, & haver de faltar no fim do Mundo, 30 (ſe bem renovados os Ceos reſuſcitarà mais luzente. 31) Se o mais viſtoſo da terra, o mais reſplandecente do Ceo, o meſmo Sol, avò dos dias, pay dos mezes, eſpoſo do anno, irmaõ do tempo, emulo da eternidade, porque ſe ha de acabar, perde a graça: que graça achamos em goſtos, poſto que verdadeyros, tanto menos duraveis?

8 O Mundo naõ nos engana, pois nada nos faz occulto; os meſmos goſtos nos deſenganaõ, pois, naõ nos ſatisfazendo, moſtraõ que naõ ſymbolizaõ com a noſſa Alma; noſſa maldade mente a ſi meſma, 32 cerrando os olhos ao que vè, & os ouvidos à verdade; ſó David 33 a conheceo, quando à terra taõ povoada de homens, taõ cruzada de eſtradas, & taõ abundante de rios, chamava deſerta, ſem caminho, & ſecca; porque nem achava homem que o conſolaſſe, nem caminho q̃ o guiaſſe, nem agua que lhe mataſſe a ſede: tudo eraõ apparencias; pelo que exclamou: *Homens, atè quando ſereis duros de coraçaõ? para que amais a vaidade, & buſcais a mentira?* 34 Somos como a eſcrava de Seneca, que ſe queyxava que era a caſa eſcura, ſendo a verdade que era cega. 35

9 Parece que fica baſtantemente moſtrado o erro que acima 36 propuzemos do entendimento, no exceſſo com que amamos a vida. Porèm lembrame que Hegias Filoſofo tomou por aſſumpto prègar os males da meſma vida, & a bemaventurança da morte: & perſuadio a muytos a ſe matarem; pelo que os Magiſtrados lhe prohibiraõ fallar em publico naquella materia; mas elle nunca ſe convenceo aſi, pois naõ ſe matou: creyo que folgava de viver; eu naõ quizera ſer comparado áquelle Rhetorico. Digo que meu aſſumpto naõ he que a vida, goſtos, & paſſatempos della ſe naõ amem; he que ſe amem ordenadamente; o modo nos enſinou *Chriſto* Senhor noſſo quando nos levantou à graça, como veremos na ſegunda parte. 37

28 *Marci* 13. 15.

29 *Eccleſiaſt* 17.30. Quid lucidius Sole?

30 *Eccleſiaſt. ſup.* Et qui deficiet:

31 *Iſai.* 30.26. Et lux Solis erit ſeptempliciter.

32 *Pſ* 62.v.18. Mentita eſt iniquitas ſibi.

33 *Pſalm.* 62. v 3. In terra deſerta, & invia, & inaquoſa.

34 *Pſalm.* 4.v.3. Filii hominum uſquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?

35 *Martyr. Rizo na vida de Seneca pag. mihi.* 110.

36 *Sup: c.* 32. *in fine, & c.* 36.

37 P. 2. c. 55.

CAP.

CAPITULO XLIV.

Que o entendimento naõ conhece as riquezas, & os homens as fazem prejudiciaes, podendo ser uteis.

1 REsta mostrar o erro do entendimento nas riquezas; como acima 1 propuzemos. Todos os homens as estimaõ, ainda os Filosofos mais severos, naõ só pelo que contribuem às despezas de huma vida alegre, mas tambem pelo que grangeaõ de opiniaõ, como acima jà mostràmos; 2 só ao rico (disse Santo Ambrosio) tem o Mundo por digno de honra. 3

2 O certo he, como notou Saõ Bernardo, 4 que as riquezas de si naõ saõ boas, nem màs. Socrates, & Aristonimo 5 as comparàraõ ao vinho, que toma da vasilha em que o lançaõ; nos bons (dizia Santo Ambrosio 6) ajudaõ a virtude, nos màos a impedem. Nas màos de Job, Abraham, Isaac, Jacob, David, Berzellai, Josaphat, Ezequias, Joaquim. Zaqueo, Joseph Arimatheo, Saõ Gregorio, & outros Santos, foraõ virtuosas: nas màos do Rico avarento, do que se jactava com sua alma do muyto que tinha, & do Principe que consultou com *Christo* sua salvaçaõ, foraõ viciosas. E assim a este as permittio o *Senhor* em certa maneyra: 7 o avarento naõ se condenou por ser rico, mas por naõ soccorrer ao pobre Lazaro: 8 nem o jactancioso por cultivár, & encelleyrar, mas por confiar no que tinha, & naõ tratar de Deos. 9 Pithagoras as comparava ao cavallo que necessitava de freyo que o governe; 10 & Aristippo Filosofo reprehendido de aceytar dinheyro, respondia, que o aceytava para ensinar aos amigos como se havia de usar delle. 11

3 Qualificaõ-se em quatro tempos, ou partes; no desejo, na acquisiçaõ, no uso, & na perda, se succede. Em todos erraõ os homens ordinariamente, fazendo-as prejudiciaes, como disse Plataõ. 12 Daqui vem o que Salamaõ 13 notou, que huns repartem o proprio, & se fazem mais ricos: outros tomaõ o alheyo, & sempre saõ pobres.

4 Erraõ no desejo, Porque naõ faltando ordinariamente a Providencia Divina a cada hum com o necessario conforme o seu estado, todos desejaõ mais para luxo, vãgloria, & appetites, & se tal vez o desejaõ para o necessario, devera ser o desejo moderado com prudencia; 14 porèm costuma ser desvelado em cobiça. Alguns anelaõ o dinheyro, só porque naturalmente o amaõ; o que he a cousa mais iniqua, 15 & mostra o mais abatido animo. 16 Por huma, ou outra cousa o procuraõ com tanta fome, que nada deyxaràõ de obrar por lhe satisfazer. 17 A Rainha Semiramis poz no seu sepulchro hum letreyro que dizia: *Qualquer Rey que necessitar de dinheyro, abra este sepulchro, &*

1 *Supra c.32. in fin.*

2 *Supra c.18.n.6.& 7.*

3 *D Ambros.offic.2* Nemo nisi dives, honore dignus reputatur.

4 *D.Bernard.serm.4 de Adventu Dom.in princ.Seneca etiam ep.29.*

5 *Apud Maxim.serm 12.*

6 *D Amb of. in Luc. relatus à Babadilla in Polit.l.1.c.11.n.24.* Sicut divitiæ sunt impedimenta improbis, ita probis sunt adjumenta virtutis.

7 *Matth.19.16. Luc.18.18.*

8 *Luc.16. à n.19. D.Chrysost.hom 55.ad pop.Antioch.* Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, sed quoniam misericordiam non exhibuit.

9 *Luc 12.21.* Sic est qui sibi thesaurizat, & non est in Deum dives. *Beda in gloss.ibi. D Aug.in gloss.sup.Psalm.61.*

10 *Apud Stob.serm 92. & serm. 3 de tempor.*

11 *Apud Laert.de vit.Philos.l. 2.c.8.*

12 *Plat.apud Stob. serm 92.* Scientibus quomodo divitiis utendum sit, divitiæ commodæ sunt; improbis verò, & imperitis malæ.

13 *Prov.21.24.* Alii dividunt propria, & ditiores fiunt; alii rapiunt non sua, & semper in egestate sunt.

14 *Prov 21.2.* Noli laborare, ut diteris, sed prudentiæ tuæ pone modum.

15 *Eccl fi-st.* 10.10. Nihil est iniquius quàm amare pecuniam.

16 *Cic.1.offic.* Nihil est tam angusti, tamque parvi animi, quàm amare divitias.

17 *Virg Æneid.3.*
Quid non mortalis pectora cogis,
auri sacra fames.

& tome o de que neceſſitar. Dario o abrio, & em lugar de dinheyro achou em outro letreyro: *Se naõ foras màs homem, & abrazado de inſaciavel cobiça, naõ abriras os cofres dos mortos.* Taes hydropicos ſe fazem contemptiveis: 18 que couſa mais vil, que hum homem venal? hum eſcravo ſe envergonha quando o vendem na praça, & he ſem culpa ſua: o cobiçoſo voluntariamente ſe vende em todo o lugar, & occaſiaõ em que pòde adquirir; & de todos ſe faz eſcravo, porque o he de ſeu deſejo; imagina que em qualquer parte vè dinheyro, & ſe arremeça pelo alcançar: como hum doudo que vè fantaſias, & naõ realidades. Quem tanto faz por dinheyro, he tragado delle, como Origenes 19 conſiderou.

18 *Iſocrat. ad Demonic.* Contemne illos, qui nimium dant operæ diviciis.

19 *Orig. hom. 19. in Levit.*

5 Erraõ na acquiſiçaõ que devèra ſer juſta; do que reſultariaõ quatro effeytos: eſtar o acquirente alegre com a conſciencia ſegura: 20 viver honrado ſem murmuraçaõ: 21 lograr elle, & ſeus filhos o adquirido; 22 & ainda augmentallo. 23 & ſuccedendo perda, a ſentir menos, 24 porque ſente ſó a fazenda, & naõ os meyos porque a alcançou. Porèm poucos repáraõ em meyos illicitos, & menos repáraõ os mayores; antes ſe coſtuma avaliar por inutil, ou deſcuydado o q̃ ſe naõ aproveyta de todos. Eſtes, diz Santo Ambroſio, 25 enterraõ nos ſeus cofres os pobres que matàraõ a punhaladas de roubos. O ſangue dellas moſtrou em Veneza o Veneravel Padre Frey Mattheos de Baſſy, Author da Reforma dos Capuchinhos Barbados, que convidado de hum Miniſtro a jantar, lhe eſtranhou eſtar a meſa cuberta com toalhas cheas de ſangue; & dizendo-lhe o Miniſtro, que ſe enganava, porque eſtavaõ muyto limpas, o Santo Varaõ eſpremeo dellas tanto ſangue, que trouxeraõ hum vaſo para o tomar. 26 Eſtes mortos, como os que Saõ Joaõ vio no Apocalypſe, 27 clamaõ: *Atè quando, Senhor Santo, & verdadeyro, dilatais o julgar, & vingar noſſo ſangue?* E Deos reſponde: *Que ſe aquietem ainda hum pouco, atè que chegue o tempo.* No anno ſete centos & vinte da fundaçaõ de Roma em Sicilia na Cidade de Palermo, huma tarde do mez de Agoſto cõ tempo ſereno, eſtando os Cidadãos celebrando com feſtas, & banquetes a pilhagem, que ſeus piratas haviaõ feyto em huma frota de Numidas, appareceo ſobre hum carro tirado por dous Leões, & ſeguido por dous Urſos, hum pequeno homem diſforme, com hum ſó olho no meyo da teſta, calvo, com cornos de cabra, ſem peſcoço, o braço direyto mais comprido que o eſquerdo, as mãos redondas, como pè de cavallo, deyxando-ſe ver tudo iſto no vagar com que paſſeava. Debayxo delle ſahia fogo, que ameaçava incendio géral. Dos que o viaõ, huns cahiaõ paſmados, outros fugiaõ para os Templos, muytas mulheres mal pariraõ: tudo eraõ gritos, accreſcentados com o rugido dos Leoens. Parou eſte fantaſma diante do Paço do Governador Solino, aonde os piratas eſtavaõ com a preza. Alli cortou huma orelha a hum dos Leões: com o ſangue della eſ-

20 *Habac. 2. 4.* Juſtus autem in fide ſua vivit. *D. Paul. ad Corint. 3. 7. ad Galat 3. 11. ad Hebr. 10. 28.*

21 *Pſalm. 111 v. 7.* Ab auditione mala non timebit.

22 *Proverb. 7.* Dominus autem juſti permanebit: &c. 20 77. Beatos poſt te filios derelinquet.

23 *Eccleſiaſt 20. 30.* Ipſe exaltabitur.

24 *Prov. 12. 21.* Non contriſtabit juſtum quidquid acciderit.

25 *D. Ambroſ. 2. offic. c. 16.* Cave ne intra loculos tuos includas ſalutem inopum, & tamquam in tumulis ſepelias vitam pauperum.

26 *Zachar. Bover. in annal. Fratr. Minor. Capuccin. ad Chriſt. n. 1552. rel. 28.*

27 *Apocalyp. 6. 10.*

creveo

creveo na porta da Cidade, & ſe retirou a hum monte chamado Janicio, que eſtava perto, & nelle podia ſer viſto. Ninguem entendeo a eſcritura, ſenaõ hũa mulher, que ſe prezava de interpretar os oraculos; diſſe que cada letra era principio de hũa palavra, & que todas diziaõ: *Reſtitui os bens alheyos, ſe quereis conſervar os voſſos.* Iſto ſocegou hum pouco ao povo, entendendo que ſó ameaçava aos piratas; mas eſtes naõ ſe reduziraõ. Levantouſe huma horrivel tempeſtade, que durou tres dias, eſtando ſempre aquelle demonio em ſima do monte, atè que delle ſahio huma labareda, que abrazou o Paço, & quanto eſtava dentro. Que outra couſa pòdem eſperar os piratas da terra? diz hum grave Eſcritor; 28 pòdem eſtar certos em que naõ ha de faltar a juſtiça do Ceo, ſe faltar a dos homens.

6 Succedem-lhes outros quatro effeytos contrarios aos que ſe lograõ na acquiſiçaõ juſta. Andaõ carregados na conſciẽcia, bicho, q̃ roe o interior; 29 trazem, como dizia Democrito, 30 hum ſambenito de infamia, com q̃ ſaõ notados, poſto que imaginem q̃ paſſeaõ authorizados por qualidade, ou pompa; elles, & muyto menos ſeus filhos, naõ lograõ o mal adquirido, 31 como ſe vè cada dia por exemplos: diſſe Triverio, 32 que ſaõ plantas, q̃ crefcendo com preſſa, duraõ pouco; antes ſe coſtuma dizer, q̃ o mal ganhado leva o bem ganhado; tudo ſe eſtraga em jogo, laſcivias, gula, vaidades, edificios inuteis, caſos da fortuna, ou por outros meyos inſenſiveis; ſó vemos que duraõ as caſas antigas fundadas em virtude: finalmente ſuccedendo as perdas que as occaſioens trazem, & o peccado provoca, ſentem-ſe tambem a da honra, & da alma, que o mal adquirido cuſtou.

7 Por iſto diſſe Salamaõ, 33 que melhor he pouco com juſtiça, que muyto com iniquidade: & Solon Gentio: 34 *He verdade que deſejo riquezas, mas naõ quero alcançallas por injuſtiça, porque ſe ſegue caſtigo.* E entre as felicidades de Lucio Metello ſe conta 35 que adquirira muyto por bons meyos, & muytos Chriſtãos naõ reparaõ nelles.

8 Poſſuindo-ſe jà as riquezas, ſe erra no uſo, a que chamou Chilon, 36 pedra de tocar, em que ſe examinaõ os homens. As riquezas influem ſoberba 37 nos neſcios, como no cavallo Bucefalo, que enjaezado ricamente, naõ ſofria que o montaſſe ſe naõ Alexandre, & ſem jaez a todos conſentia: 38 ſervem à execuçaõ de appetites; 39 acreſcentaõ cobiça; 40 atrevem-ſe ao mal; acobardaõ-ſe para o bem; humilhaõ-ſe aos cuydados; vãgloriaõ-ſe nos goſtos; envilecem-ſe na providencia; 41 ſaõ inimigos dos bons coſtumes; 42 raramente acompanhaõ a virtude. 43 Diogenes dizia, que eſta nem morava nas Cidades, nem nas caſas ricas. 44 Com tantos males deſtruíraõ a muytos particulares, 45 & a grandes Imperios, 46 como ſe notou 47 no Romano. Erra-ſe nellas por varios caminhos.

9 Ha idolatras das riquezas; 48 idolatras (diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo 49) peyores que os outros; porque os outros ſacri-

28 *P. Lyſicux na Philoſ. Chriſt. p.1 c 40.*

29 *Pſalm. 50. v. 5. Græc. Adag.* Conſcientia animum verberat. *Senec. ep. 97. ad finem.*

30 *D. mocrit. apud Stob. ſerm. 90.* Divitiæ malis artibus comparatæ, infamiæ nota inter homines inſigniuntur.

31 *Pſalm. 30. v. 38.* Injuſti autẽ diſperibunt ſimul. *Hierem. 22. 13.* Væ qui ædificant domum ſuam in injuſtitia.

32 *Triver. apophthegm. 92.*

33 *Proverb. 16. 6.* Melius eſt parum cum juſtitia, quàm multi fructus cum iniquitate.

34 *Solon apud Cel. l. 20. c 25.*

35 *Celius ibidem.*

36 *Chilon apud Fulgoſ. l. 7. c. 2.*

37 *D. Aug. Ser. 24.* Difficile eſt ut non ſit ſuperbus dives.

38 *Plin. l. 8 c. 42. in p. inc.*

39 *Plat apud Stob. Serm. 90. Iſocrat. ad Demonic.*

40 *Ariſt. de Rep. l. 5 cap. 7.* Creſcit amor nummi, quantum ipſa pecunia creſcit.

41 *Totetus apud Stob. Serm. 92.*

42 *Petrarch. de proſp. fort. dial. 53. Salluſt. in fragment.*

43 *Joan. Garcia de nobilit. gloſ. 48. § 3. n. 2.* Divitiæ amplæ raro virtutis ſunt comites.

44 *Apud Stob. Serm. 91.*

45 *Eccleſiaſt 8 3.* Multos enim perdidit aurum, & argentum.

46 *Petrarcha ſupra.*

47 *Liv dec 4. l. 4. Florus l. 3. c 2.*

48 *D. Paul. ad Epheſ 5. 5.* Avarus, quod eſt idolorum ſervitus.

49 *D. Chryſoſt. in Paul. ſuprà Ser. 18 ad fin. tom. 4.*

facrificaõ animaes, eſtes facrificaõ a ſi meſmos: os outros defendem os ſeus idolos, ſe lhes dizem mal delles; eſtes naõ ſe atrevem a defender a avareza; com titulo de ſenhores, ſaõ eſcravos, poſſuidos, naõ poſſuidores dellas. 50 Tanto lhes falta o que tem, como o que naõ tem. 51 He a avareza metropole de toda a maldade, 52 deſtroe todo o bem, chega a deſprezar a Deos, 53 & a naõ conhecer a natureza; houve hum pay rico, que afogou os filhos pelos naõ ſuſtentar. 54

10 Nos Principes he mais fea, 55 grangealhes mais odio, eſcurecelhes as virtudes, & muytas vezes lhe deſtroe o Imperio; 56 he-lhes o mal mais cruel, 57 hum Author grave lhe chamou *peſte*; 58 por naõ querer gaſtar ſe perdeo Perſeo Rey de Macedonia; 59 & o Papa Clemente VII. facilitou o ſaco de Roma. 60 Eſcrevem-ſe notaveis exemplos da avareza de Principes: 61 os Emperadores Didio Juliano, & Elio Pertinaz, ſe fizeraõ ridiculos: Juliano folgava com o preſente de hum leytaõ, ou hum coelho, & fazia de cada hum tres ceas; havendo jantado poucas hervas; Pertinaz convidava a jantar, & dava ſó alfaces, & cardos, tal vez ſe alargava a huma poſta de carne, cuydando que hoſpedava bem. 62

11 Riquezas em avarento, dizia Diogenes, que ſaõ arvores em lugares inacceſſiveis, de que ſe naõ pòdem colher os frutos; & Plutarco, que ſaõ eſpada na maõ do menino, que ſe fere com o inſtrumento inventado para o defender; 63 elles ſe tem por felices, porque a imaginaçaõ de que poupaõ he mannà que lhes repreſenta quanto querem de bom; o mào veſtido lhes parece galante: hum pedaço de paõ, a melhor iguaria: no dinheyro que deyxaõ em caſa, levaõ confiança á praça: todos os trabalhos que padecem guardando, lhes ſaõ ſuaves; como a hum amante os frios, & chuvas da noyte, na rua que paſſea. Mas ſe he felicidade guardar riquezas ſem uſar dellas, felicíſſimos ſaõ cofres, & os muros da Cidade, que as encerraõ. 64

12 Tambem ſe erra com prodigalidade em differentes deſpezas. Huns em veſtidos, ou banquetes de que jà acima tratàmos. 65 Outros em jogo. O Emperador Nero jogava com ElRey Mithridates, de cada parada hum milhaõ de ouro daquelle tempo, que eraõ quaſi dous dos de agora pela conta de Budeo; hoje ſe joga muyto mais à proporçaõ das rendas.

13 Muytos ſó por oſtentaçaõ, ſem neceſſidade, ſuſtentaõ mais criados do que pòdem, & he o exceſſo que mais os caſtiga, porque ſaõ peyor ſervidos: ſofrem mais ignorantes, & alimentaõ inimigos; ſenhores de ſeus amos lhes chamou o diſcreto Chryſoſtomo. 66 Do meſmo genero ſaõ os que em carroças ricas arraſtaõ a fazenda, & muytas vezes a alma.

14 Alguns ſe vãgloriaõ em caprichos; & obras extravagantes Philopater Rey do Egypto, com exceſſiva deſpeza fabricou huma galè para recreaçaõ das amigas, de duzentos & oytenta covados em comprido, a largura a eſta proporçaõ,

50 *Valer. Max. l. 9. c. 4. in fin.* Ipſe non poſſedit divitias, ſed a divitiis poſſeſſus eſt; titulo Rex Iuſtitiæ, animo pecuniæ miſerabile mancipium.

Petrarch. ſupra. Vide ne non divitiæ tuæ ſint, ſed tu illarum; neque illa tibi ſerviant, ſed tu illis.

51 *D. Hieron ad Paulin.* Avaro tam deeſt quod habet, quàm quod non habet.

52 *Stobæus Serm. 10.* Avaritia omnis improbitatis eſt metropolis.

53 *Salluſt. in Catilin.* Avaritia fidem, probitatem, cæteraſque bonas artes ſubvertit; pro his ſuperbiã, crudelitatem, Deos negligere omnia venalia habere edocuit.

54 *Com Stobeo refere Diogo de Payva de Andrade, no caſamentõ perfeyto c. 19. p. 155.*

55 *Guiuiardin. in Hypon. polit.* Avaritia in Principe modis omnibus ſœdior eſt, & deteſtabilior quã in privato.

56 *Patrit. de Rep. l. 4.* Avaritia magis his qui gubernãt parit odiũ, quàm cæteta, & virtutes omnes enervat, & obſcuriores reddit, & ſæpe Imperia evertit.

57 *Vulcan. Gall. in Avid. Caſſ.* In Imperatore avaritia eſt acerbiſſimum malum.

58 *Natal. Com. hiſt. l. 3.* Nihil eſt magis peſtiferum in exercitu, Imperatoribus, quàm parſimonia, & avaritia quæ privatas res alit, publicas deſtruit.

59 *Pineda in Monarch. Eccleſ. p. 2. l. 8. c. ult.*

60 *Ilheſcas hiſt. Pont. p. 2. l. 6. c. 26. § 8. ante med.*

61 *Refere-os Mexia na Sylva l. 4. c. 13.*

62 *Textor in offic. p. 2. tit. 1 liberales.*

63 *Diogen. & Plutarch. apud Stob. ſer. 90.*

64 *Iia Xenophont Inſt. Cyr. l. 8.*

65 *Supra c. 13. ex n. 6. & c. 39.*

66 *D. Chryſoſt. hom. 65. ad pop. Antioch. prope fin. in tom.* Quod non eſt tibi ſervorum multitudo, hoc eſt à dominis eſſe liberatum.

çaõ, & quarenta & oyto de alto; andavaõ nella quatro mil homens ao remo, & tres mil Soldados, alèm dos marcantes. 67 O Emperador Heliogabalo excogitava gastos exquisitos, mandou q̃ toda a distancia que corria da sua camera atè o lugar em que se havia de pòr a cavallo, ou em coche para sahir fóra, estivesse cuberta de pò, & limaduras de ouro, & prata, (& assim se fazia) para naõ pòr os pès sobre outra cousa; 68 sustentava os seus cães só com coraçoens de ganços, & os Leoens com pagayos, faysSoens, & perdizes; nas alampadas do Paço, em lugar de azeyte ardia balsamo. A Escritura sagrada diz, que para ostentaçaõ de riquezas, vãgloria, grandeza, & jactancia de seu poder, 69 deu Assuero Rey de Persia (a que tambem chamàraõ Artaxerxes Mnemõ) na Cidade de Susa aquelle banquete, que durou cento & oytenta dias, a todos os Principes, & Grandes de cento vinte & sete Provincias que dominava na India atè a Ethiopia. No mesmo tempo estava a Rainha Vasthi sua mulher, em outro semelhante com as senhoras principaes. E logo deu outro, que durou sete dias, a toda a gente da Cidade, do mayor atè o menor, com apparato grandissimo. Deyxemos outras grandezas de Principes à vista da extravagancia de hum homem particular. Mario muyto rico em Roma, enfadando-se de hum vizinho, o convidou a comer, & tendo-o dous dias em casa, no primeyro lhe fez derribar a sua, (q̃ era muyto boa) & no segundo lha mandou reedificar cõ muyta ventagem; sem que o convidado tivesse noticia, senaõ quando com admiraçaõ a achou taõ melhorada em taõ breve tempo; entaõ lhe contou Mario o que passára, para que soubesse o poder que elle tinha, para lhe fazer mal, & bem. 70 Mal percebo como pode o dinheyro abreviar tanto a manufactura dos officiaes.

15 Houve excesso de vãgloria em despezas de sepulturas. Deyxo a que Artemisa fabricou a seu marido Mausolo, porque foy mais amor, que jactancia, como diremos abayxo. 71 Simandro antigo Rey do Egypto, mandou fazer huma sepultura de marmore de trezentos & sessenta covados em circuito, (grande gayola para taõ pequeno passaro, disse a semelhante proposito Dom Filippe II. Rey de Castella) & ao redor com hum circulo de ouro, que tinha hum covado de largo, & grosso, em que estavaõ esculpidos os Ceos, Signos, & Planetas com seus movimentos naturaes de cada hum. Crescia tanto a emulaçaõ desta vaidade, que todos os Principes acordáraõ entre si, que só se fizesse a sepultura, que dez homens pudessem lavrar em tres dias, porque essa bastava para memoria. 72

16 Taes gastadores naõ dispendem, naõ desbarataõ, & assim sempre peccaõ pela desordem, posto que seja pequena a quantidade; 73 o Direyto Civil os reputa como furiosos; 74 & assim se lhes dà curador; naõ pòdem ser testemunhas, nem obrigarse, ainda naturalmente, nem fazer testamento. 75 Seneca lhes chama irados contra o seu dinheyro; 76 afrontaõ as rique-

67 *Refere de varios Authores Britto na Monarchia Lusit. p. 1. l. 2. tit. 9.*

68 *Refere de Authores varios Pedro Mexia na Sylva l. 2. c. 29.*

69 *Esther 1. 4.* Ut ostenderet divitias gloriæ Regni sui, ac magnitudinem, atque jactantiam potentiæ suæ.

70 *Ex Dione l 58. Franc. Diego nos Ann. de Veleng l. 4. c. 3.*

71 *Abayxo c. 49. n. 9.*

72 *Ex Diodoro Siculo Franc. de Mingen no Espelho de Princ. l. 1. c. 82.*

73 *D. Thom. 2. 2 q. 119. art. 1. ad 3.*

74 *L. 1. ff. de curator. furios. & prodig.*

75 *D. l. 1. de curat. furios L. Tut. 35. §. 1. ff. de jurejur. L. 15 Cui bonis 6. ff. de verb. oblig. §. Item prod g. Instit. quib. non est permiss. fac. test. tam.*

76 *Senec epist.* Multi sunt qui non donant, sed projiciunt: non vocо liberalem pecuniæ suæ iratum.

riquezas (diz Sallustio) apressando-se a destruir cõ descredito, o que pudèraõ lograr com honra. 77 O rico naõ he senhor, mas dispenseyro; se o prodigo naõ tivera o juizo leso pelo peccado, poria o gosto no bom uso das riquezas, naõ na abundancia; 78 comeria, lograria a sua parte, & viveria alegre; para isso lhas deu o *Senhor*, diz Salamaõ; 79 isto tem excesso; 80 partiria com Deos, & com seus pobres; & os grandes se quizessem fazer obras famosas, fariaõ só as louvaveis. Tarquino Prisco Rey de Roma, foy celebre pelos canos que fez para limpeza da Cidade, taõ sumptuosos, que huma vez que se entupiraõ, custou o concerto mil talentos de prata, 81 & cada talento valia seiscentos cruzados de boa moeda. 82 Os Reys do Egypto foraõ louvados, por se occuparem duzentos annos na fabrica daquellas piramides, hum dos sete milagres do Mundo; cada huma tinha em quadro 315. passos, & em circuito 1700. acabavaõ em ponta como aguda a respeyto do mais bayxo; & esta ponta era huma lousa, em que bem cabiaõ 300. homens. No circuito naõ havia final de alicerse; senaõ tudo area miuda; pareciaõ nascidas alli; ou postas pela maõ de Deos. Sò em hũa trabalhàraõ vinte annos continuos trezentos & sessenta mil homens; 83 outros Authores 84 escrevem, que seiscentos mil; & só em rabãos, alhos, & cebolas, que comèraõ, gastaraõ mil & oytocentos talentos. Foraõ louvados, porque faziaõ esta obra por naõ terem os vassallos ociosos, & para lhes communicarem os immensos thesouros que tinhaõ 85 desde o tempo em q̃ por conselho do Patriarca Joseph guardàra ElRey Faraò o trigo dos sete annos da abundancia, 86 com que nos sete de fome comprou todas as fazendas aos vassallos, que ficàraõ servindo aos Reys como escravos, ou colonos. O Rey he como o estomago, que se naõ repartir aos membros a substancia do manjar que recebe, prejudicarà a si, & a elles. 87 Por outras despezas louvaveis saõ celebrados os Emperadores Augusto, Nerva, Tito, Trajano, 88 Tiberio, (o de Constantinopla 89) & outros Principes; tendo entre os Christãos primeyro lugar a fabrica dos Templos, no que os Reys Portuguezes foraõ excellentissimos. D. Affonso I. fundou, & dotou grandiosamente cento & cincoenta, naõ fazendo casa para si; 90 ElRey D. Manoel mais de cincoenta; 91 taõ imitados dos vassallos, que dos muytos que ha só na Provincia de Entre-Douro & Minho escreveo Abraham Ortelio com admiraçaõ; 92 & hum Escritor Castelhano 93 conheceo em todos *opulencia superior*. A Amadeu IX. Duque de Saboya perguntàraõ huns Embayxadores se tinha muytos caçadores, cães, açores, & outros animaes de caça, a que a terra he muyto accommodada. Respondeo que sim, & que eraõ aquelles, mostrandolhes hum terreyro cheyo de pobres, a que seus dispenseyros andavaõ dando de comer. 94 Saõ Luis Rey de França, & outros Principes, se fizeraõ glorioso por despezas semelhantes. Tal he o bom uso

77 *Sallust. in Catilin.* Quibus mihi ludibrio videntur fuisse divitiæ: quippe quas honestè habere licebat, per turpitudinem abuti properabant.

78 *Isocrat. ad Demonic.*

79 *Ecclesiastes* 5.17. Ut comedat quis & bibat, & fruatur lætitia. Et *Ecclesiast.* 14.11.

80 *Plutarch. in Pelopid.*

81 *Brito na Monarch. Lusit. p. 1. lib. 1. tit. 28.*

82 *Brito supra. Castilho na hist. dos Gedeos, l. 1. dist. 2. Madera, excel. da Monarch. de Hesp. c. 10. § 3.*

83 *Diodor. l. 1.*

84 *Textor in offic. p. 2. tit. Septem orb. miracula.*

85 *Mexia na Sylv. l. 1. c. 12. Vide Castilho d. l. 1. discurs. 1.*

86 *Genes. 41.*

87 *Monçon supra l. 1. c. 89.*

88 *Bellarmin. de offic. Princip. l. 1. c. 34.*

89 *Monçon d. l. 1. 81.*

90 *Vasconcellos in Anacephal. Alphonsi Henrici n. 21.*

91 *Maris dial. 4. c. 19. Faria no Epit. da hist. Portug. p. 3. c. 15. n. 8.*

92 *Ortel. in theatro, tab. Portugal.*

93 *Herrera Maldonado na vida do veneravel Bernardo de Obregon cap. 19.*

94 *Ex Votat. Perantin. in geograph. 1. Fr Heitor Pint. p. 2. dial. 1. c. 18.*

das riquezas, & naõ os applauſos em que ordinariamente as empregaõ os homens.

17 Na perda da fazenda (que he o quarto tempo, ou occaſiaõ que acima 95 conſideràmos) ha igual erro, & ſuccede muytas vezes: paſſaõ como o tempo, ſem aproveytar apertallas na maõ; eſcapaõ como enguias; dizem que o azougue ſe pòde fazer immovel, mas a moeda que elle ajuda a obrar, ſempre ha de correr: com razaõ (diz Santo Agoſtinho 96) ſe bate redonda, fórma que naõ pòde eſtar quieta; tem muytos conquiſtadores com força, & com manha; terremotos, inundaçoens, eſterilidades, incendios, guerras, demandas, deſgraças com Principes, crimes, vaidades, latrocinios, & a roda da fortuna, que naõ perdoa ao mais alto. Dionyſio Rey de Sicilia ſe vio Meſtre de eſcola, trocado o throno em tripeça, o ſceptro em palmatoria. Perſeo riquiſſimo Rey de Macedonia, morrendo prezo em Roma, deyxou alli hum filho na miſeria que jà em outro lugar 97 referimos: Conſtantino VII. Emperador de Conſtantinopla, veyo a ganhar de comer com pintar imagens: 98 o Papa Marcello I. morreo miſeravelmente prezo pelo impio Emperador Maxencio. 99 Alexandre III. de Summo Pontifice ſe vio Capellaõ, outros dizem, cozinheyro de hum Convento de Religioſos em Veneza, fugindo diſfarçado ao Emperador Federico Barbarroxa, atè que por oraçoens o deſcobrio Deos, & foy reſtituido: 100 Bonifacio VI. foy prezo, deſterrado, & morto de fome: 101 Ricardo II. Rey de Inglaterra, 102 & outros muytos, tiveraõ ſemelhante fortuna.

18 Satyrizou bem Juvenal, que mais ſe chora em huma caſa a perda da fazenda, que a morte do ſenhor. 103 Naſce de ſe pegarem os homens tanto às riquezas, que ſe lhes naõ pòdem arrancar ſem vir carne com ellas; 104 ſe entendèraõ, as teriaõ como empreſtadas, como depoſito, ou como acceſſorio; & aſſim, nem ſe jactariaõ de poſſuillas, nem tanto lhes doeria perdellas. 105 Por todas as vias erraõ os homens, no deſejo, acquiſiçaõ, uſo, & eſtimaçaõ das riquezas: no deſejo ſe atormentaõ: na acquiſiçaõ ſe condenaõ: no uſo ſe deshonraõ: na perda ſe deſgoſtaõ, como propuzemos; com o que as fazem prejudiciaes, podendo-as fazer uteis, para viverem honrados, & alegres.

95 *Supra n.* 3.

96 *D. Auguſt. in Pſalm.* 83. Non immerito rotunda ſiguntur pecunia quia non ſtat.

97 *Sup. c.* 14 *n.* 12.

98 *Floſcul. biſt. p.* 2. *c.* 4. *ant. med.*

99 *Joan. Schmidius in diar. biſt. die* 16 *Januar.*

100 *Joaõ Franc. Loredano na vida de Alex. III. pag. mihi* 58. *P. Lyſieux na Philoſop. Chriſt. p.* 2. *c.* 39.

101 *Floſc. biſt. in Choron. Romaner. Pontific.*

102 *Elias Reuſner in genealog. Catholic. in ſtirpe Britan.*

103 *Juvenal Satyr.* 13.

Et maiore domus gemitu, maiore tumultu
Planguntur nummi, quàm funera.

104 *Ita Senec. ep* 81.

105 *Aug. Ep* 104.

CAPITULO XLV.

Como foy tambem ruina do peccado, naõ ſerem os homens habeis para varias ſciencias, & artes, & dividirem-ſe em differentes opinioens. Declara-ſe o que he entendimento, imaginaçaõ, & memoria, & como obraõ eſtas potencias.

1 NOtou o curioſo Doutor Mattheos Gribaldis, como tinha jà dito Plataõ, 1 & moſtra a experiẽcia, que naõ ha homem igualmente inſigne em differentes artes, ſciencias, ou faculdades. Marco Cataõ, primeyro da familia dos Porcios, celebrado em Roma por ſummo Orador, ſummo Juriſconſulto, & ſummo Capitaõ, naõ igualou a outros daquelle tempo nos meſmos miniſterios; foy inferior na Oratoria a Marco Tullio; nas Leys, a Gallo Aquilio; na arte Militar, a Cayo Ceſar. Eſcreve-ſe 2 que Joaõ, & Jacobo de Ravenna foraõ excellentes na Juriſprudencia, & na Medicina, mas naõ foraõ taõ eminentes como outros. A eminencia de S. Alberto Magno em varios eſtudos ſe attribue a cauſa ſuperior, ou ſciencia infuſa; mas o que ſuccede ordinariamente [donde ſó ſe formou a regra 3) he naõ caber tudo em hum homem; por illiberalidade da natureza. E aſſim he conſelho para os que eſtudaõ, applicarem-ſe por principal a huma ſó profiſſaõ; 4 poſto que para ornato della devaõ tambem adquirir noticias de outras, como fizeraõ Socrates, Plataõ, Ariſtoteles, Santo Agoſtinho, Raymundo Lullio, Joaõ Pico Mirandulano, Bartholo, Andrè Tiraquello, & outros muytos, 5

2 Nem baſta applicar ſó a hum eſtudo; deve ſer aquelle que convenha propriamente aos engenhos; nelles ſuccede o que nas terras, que humas ſaõ proprias para hum fruto, outras para outro. Hum grande Theologo naõ ſeria bom Juriſconſulto, nem hum grande Juriſconſulto ſeria bom Theologo. Baldo aprendendo Medicina, ſabia vulgarmente: paſſou-ſe às Leys, & foy luz da Juriſprudencia. Ainda na meſma ſciencia raramente ſe ajunta a theorica com a pratica: hum excellente eſpeculativo na Theologia, muytas vezes he muyto mào Prègador, naõ ſó na repreſentaçaõ, mas tambem na compoſiçaõ do papel, & muytas vezes fez excellente papel hum muyto humilde na eſpeculativa. Hum grande Cathedratico de Leys naõ applica bem ao julgar. Hum Fiſico theorico eminente, naõ ſabe curar, & outro menos letrado acerta melhor na curativa. Iſto ſe eſtende às artes, poſto que mecanicas: hum ruim official ſeria muyto bom letrado, & hum bom letrado naõ ſeria bom official.

E outro

1 *Gribald. de method. ſtud. l. 1. c. 2. Plat. de leg.* Nemo ætatius ſimul lignarius faber fit: duæ enim artes, aut ſtudia duo diligenter exercere humana natura non poteſt.

2 *Cardinal. Tuſc. in concluſ. practic. litera S. Concl. 59. n. 2.*

3 *L. Nam ad ea 5. ff. de legib.*

4 *Bald. conſ. 441. poſt princip. verſ. in contrarium l. 1. Diximus in tract. Perfect. Doct. qualit. 11.*

5 *Gribald d. c. 2. ad fin. Pichard. in vit. Juriſconſ. tit. de Bart. Thom. Garçon no theatro dos engenhos diſcurſ. 34. Diximus in d. tract. qualit. 15. à n. 9.*

E entre as meſmas artes, humas convem mais a hum engenho; de modo que o ruim official em hũa, ſeria muyto bom em outra, ſe a aprendèra, & ainda na meſma arte, huns obraõ melhor cer-tas couſas, que outras, como vimos acima 6 em Eſcultores, & Pintores. E aſſim he conſelho dos Filoſofos, 7 que os pays ap-pliquem os filhos ao que naturalmente mais ſe inclinaõ, tendo decente a ſeu eſtado.

6 *Supra c.22 n.15.*

7 *Joaõ Huarte de S. Joaõ no exame de engenhos proœm.1. & 2. & alibi paſſim.*

3 A cauſa do que temos dito he, que as ſciencias, & artes aſſentaõ na alma racional, que eſtà ſugeyta ao temperamento, & compoſtura do corpo, como fórma ſubſtancial; & aſſim for-mando Deos a noſſos primeyros pays, que havia de encher de ſciencia, os preparou, & organizou para a poderem receber; 8 & porque *Eva* naõ havia de ſer taõ ſabia como Adam, (que por iſſo dizem os Theologos, 9 que o demonio ſe atreveo mais a tentalla) a compoſtura do cerebro da mulher, affirmaõ os Me-dicos, 10 tem menos capacidade que a do homem. Para de-claraçaõ deſta materia, he preciſo reſumir algumas agudezas da Filoſofia ao methodo mais facil, & intelligivel que pudermos alcançar.

8 *Eccleſiaſt.17.5.* Conſilium, & linguam, & oculos, & aures, & cor dedit illis excogitandi: & diſciplina intellectus replevit eos.

9 *Magiſt.Sent.l.2. diſt 21. in princip.* Mulierem tentavit, in qua minus quàm in voto rationem vigere novit.

10 *Huarte d. proœm.2. verſ.la razon.*

4 Entendimento, imaginaçaõ, & memoria, ſaõ as offici-nas das ſciencias, & partes, poſto que mecanicas.

5 O *Entendimento*, he o lume natural que a alma tem para entender. Chama-ſe *lume*, porque alumea, & deſcobre à alma o que lhe eſtava eſcondido em eſcuridaõ. Chama-ſe *natural*, porque he dado pelo Author da natureza, como propriedade, & virtude natural da alma. 11 Por eſte dom he o homem taõ ſuperior a todo o viſivel, que diſſe David, que tudo tem debay-xo dos pès. 12 Com elle goſta mais, & melhor os bens de to-das as creaturas, que ellas meſmas que os poſſuem: pois para o entendimento he mais ſuave a melodia do rouxinol, mais do-ce o mel das abelhas, mais deleytoſa a luz do Sol, q̃ para o meſ-mo rouxinol, abelhas, & planeta luzente. Nelle o dotou Deos de todos os inſtintos, forças, armas, virtudes, & induſtria que re-partio entre as creaturas: pois cõ o entendimento rende o homẽ tudo, nada lhe reſiſte, nem no aſpero da terra, nem no profun-do das aguas, nem no alto dos ares lhe eſcapa animal, vence to-da a ligeyreza, & toda a manha. Com elle pòde fixar os olhos na Divina fonte da luz, & abyſmo de claridade, mais generoſa-mente que a Aguia no Sol material. 13 Por elle he capaz da graça de Deos, & imagem ſua, 14 de modo que por eſta crea-tura ſe conhece melhor o Creador, que por todas as outras.

11 *Ita P.Fr. Leandro de Granada trat. Luz de maravilhas diſcurſ.4.§.1.*

12 *Pſalm 8.7.* Omnia ſubjeciſti ſub pedibus ejus.
Eccleſiaſt.17.3. Dedit illi poteſtatẽ eorum, quæ ſuper terram.

13 *Vide in 2.p.c.25.n.5.*

14 *Vide ſupra c.2. n.4.*

6 Eſta luz taõ fermoſa, por eſtar ſepultada na carne, que he eſcura nevoa, naõ pòde manifeſtar ſeus rayos todos juntos, mas pouco a pouco como o Sol viſivel, vay desfazendo as nu-vens que impedem ſeu reſplandor. Pouco a pouco vaõ entran-do no entendimento as eſpecies, & figuras das couſas, porque ſem ellas naõ he poſſivel entender; 15 & por iſſo o entendi-mento cego naõ conhece as cores; nem o ſurdo os ſons; nem o

15 *D.Thom.1.p.q.84. art.7. Soar.de anim.l.4.c.1. & 5.*

que

que não tem olfacto percebe os cheyros; & assim he nas outras cousas: & quanto mais especies vay ganhando, mais cousas conhece: & assim cada dia se mostra mais sua luz.

7 He verdade que estas especies, & imagens, saõ muyto mais excellentes, que as que tem os sentidos, por serem espirituaes, como o he o entendimento: & por serem mais universaes; pois o sentido para conhecer cada cousa, necessita de nova imagem, que lha represente: de maneyra, que pela imagem de hum homem naõ conhece outro homem, por ser limitada; & o entendimento com a especie de hum homem, conhece todos os homens, por ser especie universal. Com tudo saõ taõ confusas, & escuras, que naõ representaõ cabalmente, antes deyxaõ lugar a enganos, & tem a fraqueza de necessitarem de quem as ajude a representar, como hum Estudante de Mestre, que o ensine com exemplos, & semelhanças; este officio fazem as semelhanças sensiveis, servindo como exemplos, para que o entendimento possa entender. Donde nasce, que estando o sentido interior turbado com somno, doença, ou outra vehemente alteraçaõ, naõ póde o entendimento entender concertadamente, por lhe faltar quem o ajudava naquella operaçaõ, quem lhe abria o caminho, & o guiava como a cego.

8 Com serem as especies taõ confusas, & necessitarem da ajuda do sentido, trabalha o entendimento taõ industrioso, que com ellas obra maravilhas; no inferior, & superior, visivel, & invisivel, no grande, & no pequeno, na creatura, & no Creador descobre seus segredos, & procura averiguar naõ só as propriedades, mas tambem as essencias, posto que como as especies o ajudaõ pouco, padece enganos, & tudo sabe com duvidas. Todavia com o exercicio vay adquirindo huma facilidade, & promptidaõ no obrar, que lhe he de grande importancia para lhe diminuir o trabalho; & a isto chama a Filosofia, *habito*, que he huma qualidade, & virtude, que com o uso de entender se gêra no entendimento, & depois serve para que se entenda mais facilmente; assim como costuma servir para facilitar todas as outras operaçoens do corpo.

9 Mas ainda naõ tira este habito todos os inconvenientes, porque naõ póde tirar a confusaõ, & escuridaõ das especies em que elles consistem; & assim só escusa trabalho no que está muyto manifesto, como em entender, que dous, & dous fazem quatro: que hum todo he mayor que huma sua parte; & outras demonstraçoens semelhantes. Em tudo o mais lhe he penoso discernir o verdadeiro do falso, raciocinando, & discorrendo com mayor, ou menor trabalho, segundo a viveza do entendimento. Por isso o do homem se chama, *composto*: porque se compoem de muytas razoens, discursos, & conhecimentos; & ao conhecimento dos Anjos chama a Theologia, *vista simplez*, porque saõ as especies universaes, & clarissimas, q̃ representaõ todas as cousas como saõ, & as daõ a conhecer melhor, do que

se vè

se vè huma figura visivel com a luz do Sol ao meyo dia: & por conseguinte o entendimento que usa dellas, nem se pòde enganar, nem padece trabalho em seu uso; & assim com a facilidade que nossos olhos vem que o Sol he claro, & a neve branca; com a mesma, & com mayor, vè o Anjo tudo o que alcança com aquellas clarissimas especies, que lhe saõ olhos limpissimos. 16

16 *Optimè P. Fr. Leandr. sup. Et vide sup. c. 32. n. 2.*

10 A *Imaginaçaõ* he huma potencia que o Author da natureza poz no animal, & com excellencia no homem: com a qual vè, & julga àcerca das cousas sensiveis, ensinando o appetite a querer, ou aborrecer; ou essas cousas estejaõ presentes, ou ausentes; 17 porque he huma vista interior, a que nem tempo, nem distancia impede; no que se assemelha ao conhecimento espiritual da alma; & por isso Santo Agostinho a chama algumas vezes *espiritual*: 18 naõ porque naõ seja corporal; mas para significar a nobreza com que se differença dos sentidos exteriores.

17 *D. Augusti. sup. Gen. ad tit. l. 12. c. 24.*

18 *D. Aug d. l. 12. maximè c. 7.*

11 Deu-lhe a natureza assento na cabeça, por ella ser taõ nobre, & porque aquelle lugar alto, he proprio ao seu officio de atalaya que vigia, Juiz que julga, & Rey que governa todo o sensitivo, & exterior do homem. 19

19 *P. Fr. Leandro sup. disc. 1. §.*

12 Por ser cognoscitiva, & lhe serem necessarias especies, ou imagens do que ha de conhecer, lhe deu a mesma natureza a habilidade jà dita (que naõ deu aos sentidos exteriores) de conservar as imagens das cousas ausentes, tendo dentro de si hum pintor do que jà vio. E porque naõ era possivel, que hum homem visse, ouvisse, ou gostasse todas as cousas sensiveis, & assim naõ podia ter imagens de todas; lhe deu outra habilidade de fazer de muytas imagens que tem, hũa só imagem, para conhecer o que lè, & ouve sem o haver visto; & por este modo com imagem de casa, de rua, de praça, & de muro, que havemos visto, pintamos dentro de nòs a Roma, ou a outra Cidade que naõ vimos, mayor, ou menor, como queremos.

13 Chega sua subtileza a conhecer qualidades occultas debayxo das imagens visiveis; & assim a ovelha com a imagem do lobo, conhece que elle he seu inimigo; & outros animaes do mesmo modo conhecem suas antipathias.

14 Ella finalmente faz todos os officios de todos os sentidos exteriores; vè, ouve, gosta, cheyra, & toca, como experimentamos nos sonhos: pois estando os sentidos exteriores impedidos, & como atados, vemos jardins, ouvimos musicas, gostamos sabores, cheyramos flores, & percebemos o duro, & o brando, tudo faz a imaginaçaõ com as especies, que em si tem, posto que por estarem turbadas com os vapores do somno o naõ faz com concerto, & viveza do homem desperto.

15 *Memoria* he a potencia, pela qual o animo repete as palavras, & cousas passadas que percebeo. 20 Em larga significaçaõ se acha tambem nos brutos; 21 & assim alguns Authores 22 querem que no homem se chame *Reminiscencia* fazen-

fazendo differença em que *reminiſcencia* he do que no tempo intermedio eſqueceo: & *memoria* naõ requer, que poſſa haver eſquecimento. Nòs fallamos da memoria em quanto he conſervativa das eſpecies intelligiveis, a qual naõ he commua aos brutos,& pertence à parte intellectual da alma, como enſina Santo Thomàs; 23 & em outro lugar 24 diz com Ariſtoteles,que exercitada ſe augmenta, movendo-ſe ſuas forças pelo imperio da razaõ. Mithridates Rey de Ponto fallava vinte & duas linguas de outras tantas naçoens, a que imperava. Conta-ſe, (& parece incrivel) que Cyro Rey da Perſia nomeava por ſeus nomes proprios todos os Soldados de ſeu numeroſiſſimo exercito. Cyneas Theſalo Embayxador d'elRey Pyrrho em Roma, ao ſegundo dia de ſua chegada, ſaudou por ſeus nomes todos os Senadores,& grande multidaõ da plebe, q̃ com elles eſtava, Seneca, ſendo diſcipulo, ouvindo de varias peſſoas mais de duzentos verſos, os recitava do primeyro atè o ultimo, ou do ultimo atè o primeyro; & repetia dous mil nomes pela meſma ordem q̃ lhos diziaõ. Mureto 25 refere, que vio hum mancebo, q̃ repetia trinta & ſeis mil nomes Hebreos, Gregos, Latinos, & Barbaros, pela ordem com que os ouvia, ou começando do ultimo atè o primeyro, ou de qualquer do meyo para diãte, ou para os antecedentes. Eſta repetiçaõ de nomes ſe faz por memoria artificial. Eu ſendo moço me appliquey a ella com hum Meſtre, que repetia trezentos, & quatrocentos, & fazia outras oſtentaçoens notaveis. Cheguey a repetir cento, & deyxey aquelle eſtudo, por me parecer infructuoſo, mais que para vãgloria. Com tudo experimentey depois, que ſuas regras me ajudavaõ em muytas occaſioens de utilidade. Mas ſempre entẽdi, que naõ ſe podiaõ repetir, ſenaõ nomes ſignificativos, & ſubſtantivos, como naõ foſſem nomes proprios; porque dos que naõ ſignificaſſem, dos adjectivos, & dos proprios, naõ ſe pòde formar idèa, ou figura, que a imaginativa ponha nos lugares que a arte lhe pinta, para a memoria os hir tirando dalli.

16 A todas eſtas potencias ſaõ orgãos, ou inſtrumentos quatro ventriculos, ou ſeyos (como lhe chamaõ os Anatomicos) que ſe achaõ no profundo do cerebro humano. Eſtes tomaõ qualidades de ſecura, humidade, & calor: a frialdade, na doutrina de Galeno, 26 he inutil para as operaçoens; ſó ſerve de moderar o calor, & aſſim ſe entende hum lugar de Ariſtoteles, 27 que parece contrario. Alèm da fraqueza natural, que expuzemos no entẽdimento, & que tem as outras duas potencias, ainda para a perfeyçaõ, ou (por melhor dizer) ſufficiencia, que a natureza lhe deu, he neceſſario, que aquelles ventriculos eſtejaõ muyto concertados, aquellas qualidades muyto em ſeu ponto, os humores muyto compoſtos, tudo em hũa medida, & conformidade, que naõ ſe deſtrua, nem offenda entre ſi, porque havendo exceſſo, ou alteraçaõ, reſulta diſſonancia, turbaõ-ſe as eſpecies, impedem-ſe, ou confundem-ſe as operaçoens: aſſim

como

23 *D.Thom.d.art.6.*
24 *D.Thom.1.2.q.50.art.3.ad 3.*

25 *Maret.apud P.Mendoçã, viriid.lib.7.c.20.*

16 *Galen.quòd animi mores, c.5.* Frigiditas enim officiis omnibus animæ apertè incommodat.
27 *Ariſt.l.1. de part. anim.c.4.*

como hum artifice naõ pòde obrar faltando-lhe inſtrumentos.

17 Com todo aquelle concerto, compoſiçaõ, & conſonancia, tinha Deos formado Adam taõ perfeyto na alma, & no corpo, que aquelle eſtado ſe chama a *ſaude da natureza*; nelle eſtava capaciſſimo para todas as ſciencias, & artes; 28 & ſenaõ peccàra, paſſára a meſma ſaude a ſeus deſcendentes. O peccado o deſpojou do gratuito, & ſerio no natural. 29 Accreſceo ſerem elle, & *Eva* lançados do Paraiſo terreal, & começarem a viver com trabalhos, dormindo ſobre a terra, comendo couſas deſtemperadas, ſofrendo as inclemencias dos tẽpos, deſcalços, & mal veſtidos, ſem caſa, nem abrigo, ſendo de compoſtura mimoſa: com o que era forçoſo alterarem-ſe os humores, deſcomporſe o temperamento, & offenderem-ſe os orgãos, & inſtrumentos das operaçoens. Neſte eſtado já enfermo geráraõ, & começou a communicarſe aos deſcendentes aquelle deſconcerto, porque dizem os Medicos que paſſa aos filhos a doença, que os pays tinhaõ no tempo da geraçaõ.

18 Deu mayor cauſa a eſte damno o meſmo que no eſtado da graça nos tinha ſido a mayor honra, que foy ſer aquella compoſiçaõ taõ delicada, & nobre, que qualquer accidente a deſconcerta, porque o mais eminente ſe offende com mais facilidade: a viſta aguda com a oppoſiçaõ de hum cabello, & o melhor ouvido com a diſſonancia de huma ſó voz, ou corda entre muytas bem acordadas. Aſſim pequena alteraçaõ turba noſſas potencias: huma colera ſubindo o calor, hũa melancolia deſtemperando a humidade, & hum achaque movendo os humores. E quanto eſte deſconcerto creſce, tanto mais nos cega, como vemos nos loucos, por dominar mais huma qualidade: & nos meninos, por naõ chegarem ao ponto neceſſario.

19 Por eſta maneyra ſomos todos doentes: em todos peca alguma qualidade, & reyna no cerebro a dominante. Se domina ſecura, he melhor entendimento: 30 & aſſim da afflicçaõ (que deſeca) diſſe Iſaías; que dà entendimento. 32 Se domina a humidade, ſe acha mais memoria, porque as eſpecies, & figuras ſe imprimem facilmente no humido, como em cera; razaõ porque os moços aprendem mais que os velhos, & pela manhã ſempre a memoria eſtá melhor, humedecido o cerebro com o ſomno da noyte. Se domina calor, ha mais forte imaginativa; pois já naõ ha outra potencia racional, nem outra qualidade que lhe aſſinemos, & aſſim o moſtraõ os freneticos delirando ſempre em couſas, que pertencem a eſta potencia. Fallamos naõ ſendo, & dominando as ditas qualidades em demaſia; porque o exceſſo deſtruirà tudo.

20 Ao entendimento pertence a theorica da Theologia Eſcolaſtica, da Juriſprudencia, & da Medicina; 32 a Dialectica, & Filoſofia natural, & moral de ſciencias, que conſtaõ de diſtinguir, inferir, & raciocinar, que ſaõ obras deſta potencia. Da memoria pende a Grammatica, & aprender linguas; Theologia

28 *Eccleſiaſt.* 17.5. Diſciplina intellectus replevit illos.

29 *Supra* c. 2. *à n.* 9. *&* c. 6. *n.* 2 *&* 4.

30 *Heraclit. apud Galen. d. c.* 5. Splendor ſiccus, animum ſapientiſſimus.

Idem Galen. de nat. hom. l. 1. *tom.* 11.

31 *Iſai.* 28.19. Vexatio dat intellectum.

32 *Ariſt. de part. anim. l.* 2. *c.* 4.

logia Moral, Cosmografia, Arithmetica, & parte da theorica da Jurisprudencia, que tem o trabalho de juntamente requerer memoria para as leys, entendimento para da razaõ dellas formar balizas, porque se acerte nos casos, circunstancias, & occasioens, que se naõ acharem decididos; 34 donde veyo a dizer o Jurisconsulto Ulpiano, 33 que os Jurisperitos affectaõ huma naõ simulada, mas verdadeyra Filosofia. Da imaginativa nascem as artes, & sciencias, que consistem em figuras, correspondencia, harmonia, & proporçaõ, como Poesia, Oratoria, Musica, Prèdica, Mathematica, Astrologia, Politica, & arte Militar: traçar, ler, escrever, jogar, & da pratica da Jurisprudencia, & da Medicina. Tambem todos os officios mecanicos, todas as maquinas, & artificios; ser hum homem apodador, agudo nos ditos, & gracioso na conversaçaõ. Mas he de advertir, que ainda em huma mesma potencia ha differença de gràos taõ diversificantes, que fazem, que sendo a theorica da Theologia, Jurisprudencia, & Medicina pertencentes em gèral ao entendimento: o eminente em huma o naõ seria em outra, como acima diziamos; 35 & o mesmo succede no que pertence às outras duas potencias, principalmente à imaginativa; tal he a variedade no cerebro humano.

33 *Textus in L. Neque leges 10. cum seq. ff. de leg.*

34 *In l. 1 ff de just. & jur.*

35 *Supra n. 2 in fin.*

21 Resultando, como dissemos, o melhor entendimento demais secura, & a melhor memoria de mais humidade; qualidades contrarias: jà se vè o que ensinou Aristoteles, 36 que grande entendimento, & grande memoria, naõ pòdem estar em hum sugeyto; & por consequencia, que naõ pòde hum homem ser eminente nas cousas que pertencem a hũa, & a outra potencia. Que grande imaginativa se naõ compadeça com grande memoria, tambem fica evidente, pois a humidade desta se gasta com o calor daquella: que nem se compadeça com o entendimento se prova; porq̃ o entendimento, segundo Galeno 37 requere o cerebro composto de partes subtís, & delicadas; & porèm o muyto calor da imaginativa consume o mais delicado, deyxando o grosso, & terrestre; & assim vemos, que ordinariamente os grandes Letrados escrevem mal, por esta arte ser da imaginativa, como fica dito; & os grandes escrivães saõ pouco entendidos. O mesmo succede aos bons jugadores, & particularmente aos que jogaõ bem o Xadres, como dissemos tratando do jogo. 38

36 *Arist. l. de Memor. & Reminiscent.*

37 *Galen. lib art. Med c. 12.*

38 *Supra c. 37. n. 16.*

22 Escrevo o ordinario, naõ nego as exceyçoens. Pòde haver cerebros temperados capazes de sciencias, & artes pertencentes a duas, ou às tres potencias, como foy Seneca no juizo, que seus escritos mostraõ, & na memoria que della referimos; mas seraõ rarissimos, ou aproveytaràõ nella com mediocridade, (como alguns vemos) pois para nenhuma tem qualidade eminente; porèm o que tiver eminencia para huma, he força ser humilde nas de differente qualidade. Questaõ he, se val mais ser muyto eminente em hũa só, ou saber com mediocridade

cridade muytas. E ſuppoſto que jà ninguem, por muyto emi-
nente que ſeja, poderà dar mais luz que os paſſados: eu eſcolhe-
ra ſer mediocre em muytas, pelo goſto das noti.ias, & pelo a-
grado geral, que mais ſe paga de trato, & converſaçaõ naõ li-
mitadi mero Theologo, mero Juriſconſulto, ou perito em
huma ſó arte, poſto que Muſica, com ſer taõ ſuave, he couſa
cançada: ſó na variedade ſe acha ſatisfaçaõ.

23 Da meſma cauſa procede a differença de opinioens em qualquer materia. 39 Dizem os Filoſofos naturaes, 40 que as potencias que haõ de conhecer de alguma couſa, devem eſtar ſans & limpas da qualidade daquelle objecto, ſob pena de fazerem delle varios, & falſos juizos. Para exemplo, finjamos quatro homens leſos na potencia viſiva, que hum tenha no humor cryſtallino empapada hũa gotta de ſangue, outro huma de colera, outro hũa de fleyma, outro huma de melancolia. Se (naõ ſabendo elles da enfermidade que tem) lhes offerecerem á viſta hum pano azul para julgarem de que cor he; a cada hum parecerá da cor da gotta que tem nos olhos: ao primeyro parecerá vermelho, ao ſegundo amarello, ao terceyro branco, ao quarto negro; & ſe eſtas quatro gottas eſtiverem nas linguas, & beberem agua, hum dirà que he doce, outro que amargoſa, outro que ſalgada, outro que azeda: enganando-ſe as potencias do ver, & do goſtar, cada huma por ſua enfermidade. O meſmo ſuccede nas potencias interiores com ſeus objectos: julgaõ delles conforme o amor de que o cerebro eſtá enfermo, & aſſim do que hum louco, ou frenetico faz, & falla, conjecturaõ os bons Medicos, que humor nelle pecca, & em que grào. Dizia bem Democrito a Hippocrates, 41 que todos os homens tinhaõ no cerebro varias enfermidades; & o inferia de os ver raciocinar, & obrar taõ variamente.

24 De tudo o acima dito ſe conclue, que por ruina da natureza pelo peccado ficámos doentes, & deſtemperados no cerebro; & com deſtemperanças differentes, nem podemos alcançar juntamẽte diverſas ſciẽcias, nem deyxar de ter diverſas opiniões ainda nas materias livres de odio, ou affeyçaõ. A piedade Divina com grande providencia nos deu a certeza da Fè, para q̃ naõ erraſſemos no que mais nos importava. A Fè nos he luz certa, meſtre verdadeyro, guia fiel; força ſobrenatural, mais poderoſa que todo o creado, que metida em noſſas almas, nos moſtra o importante para a ſalvaçaõ. Eſta ſó he hum dom de Deos; 42 naõ alcança com forças humanas: he ſabedoria eſcondida aos olhos da carne; infallivel o que enſina, porque o diſſe Deos, que naõ pòde faltar. 43 Poſto que o entendimento fórme razoens, & faça diſcurſos para provar o que ella diz, naõ he porque neceſſite della para crer; he porque a Theologia (que he outro lume diſtincto da Fè) os dons que Deos deu à alma para a ajudar, & o meſmo lume natural, agradecido à nobreza que logra em ſua companhia, faz o que pòde para perſuadir

39 Quot capita, tot ſententiæ. Mille hominum ſpecies, & rerum diſcolor uſus;
Velle ſuum cuique eſt, nec ævo vivitur uno.

40 *D. Thom. p. 1. quæſt. 91. artic. 1 ad 3. Huarte de S Joaõ, exame de engenhos proœm. 2. ante med.*

41 *Refere Huarte ſuprâ.*

42 *D. Paul. aa Epheſ. 2. 8.*

43 *De his omnibus D. Paul. 1 ad Corinth. 2.*

ſuadir que he verdadeyra, contra as calumnias de ſeus inimigos. Bendito ſeja o Pay de miſericordias, que naõ deyxou noſſo mayor bem ſugeyto à noſſa ignorancia.

25 Que compreyçaõ ſeja mais apta para as ſciencias, trata com elegancia o Padre Franciſco de Mendoça, no ſeu ameniſſimo Viridario entre ſeus curioſos problemas. 44.

44 *P. Mendça in viridar. l. 4. probl. 21.*

CAPITULO XLVI.

Morte de Adam, & Eva; annos que vivèraõ; como os annos, & os mezes ſe computavaõ entre varias naçoens; & porque nos primeyros ſeculos eraõ as vidas mais largas.

1 ESTando o mundo taõ arruinado, no anno novecentos & trinta de ſua creaçaõ, Adam da idade do meſmo mundo, 1 de que era Pay, & irmaõ gemeo, havendo viſto netos em oytavo grào, 2 cahio na cova que abrira, taõ cheyo de trabalhos, como de dias, dando exemplo a medir a vida pelas calamidades, aos meſmos 25. de Março, 3 em que fora creado. 4 Morreo a feytura original da maõ de Deos; os que naſcemos de corrupçaõ, que eſperamos? Porèm ſe morreo ao temporal como peccador, ganhou a vida eterna por penitente. Theofilo diz, 5 que o Arcanjo S. Miguel levou ſua alma ao lugar deputado para os Santos Padres. He-nos devedor da cauſa de cahirmos; & acredor do exemplo para nos levantarmos. Alguns Eſcritores 6 dizem que viveo mil & trinta annos, mas que o Texto ſanto naõ conta cento, em que chorou a morte de Abel; 7 porque viver em lagrimas naõ he vida.

2 Foy ſepultado no monte *Calvario* de Jeruſalèm, como eſcrevem mais commummente os Authores; 8 poſto que alguns digaõ que em Ebon, diſtante duas jornadas; & dizem que acertou de fixar o pê da Cruz de *Chriſto* ſobre ſua cavey ra myſterioſamente, pois o remio.

3 Textor, & outros Eſcritores 10 referem que *Eva* morreo juntamente: companheyra até na morte, & feliz em naõ ſer viuva, ſendo honrada. Naõ ſó o amor, como dizia Dido, 11 mas tambem a ſi meſma quiz enterrar com elle. O Floſculo das 12 hiſtorias tem, que morreo no anno ſeguinte; & Mariano Scoto, 13 que viveo dez annos mais que Adam. Neſta opiniaõ ſe jactaõ as mulheres, de que nos primeyros dous caſados, a mulher venceo ao marido em vida; mas em Roma recuperou eſta victoria hum homem, que havendo viuvado vinte vezes, caſou com hũa mulher que havia viuvado vinte & duas, ambos de humilde condiçaõ; & eſtando-ſe em grande expectaçaõ daquella batalha, morreo primeyro a mulher; & elle coroado de louro, & com palma na maõ, foy levado no enterro da

1 *Geneſ. 5. 5.*
2 *Bened. Perer. in Gen. l. 7. n. 102.*
3 *Ex D. Ignat. ep ad Polycarp. Horat. Seogaus Catacenſis in hiſt. à primord. Eccleſ. l. 1. v. interim.*
4 *Supra c. 2. n. 2. in princip.*
5 *Theophil. hom 60.*
6 *Refert Abulenſ. 5. Gen.*
7 *Vide ſupra c 17. n. 6.*
8 *Orig. trat. 35. in Matth. Tertullian. l. 1. in Marcion. Perer. in Gen. l. 7. n. 116. Alii apua Pined. Monarch. Eccleſ. l. 1. c. 11 §. 3. in princ.*
9 *Apud Pined l 1. c. 6. §. 3.*
10 *Textor in offic. p. 1. tit. qui diu vixer. Matute na Proſap. de Chriſto idad. p. c. 4. § 1. no fim.*
11 *Apud Virg. Æneid. 4.*
Ille meos, primus, qui me ſibi junxit amores.
Abſtulit, ille habeat ſecũ, ſervetque ſepulchro.
Similis Evadne apua Guid. l. 3. de
12 *Floſcul. hiſt. p. 1. c 1.*
13 *Marian. Scot. l. 1. Chron. ætate.*

mulher como em triunfo. Saõ Jeronymo 14 conta que o vio, ſendo Papa Saõ Damaſo.

14 *D.Hieron.ep apud Gerone.*

4 Tanto viveraõ noſſos primeyros Pays, & todos pouco mais, ou menos em primeyros ſeculos, como lemos no ſagrado Texto; 15 & os annos de que falla eraõ dos que uſamos, ſolares de doze mezes; 16 pois no anno do diluvio faz menção de mezes ſeptimo,& decimo;& nos mezes, dos dias vinte & ſete; 17 & quando ſe diga que os Hebreos regulavaõ os mezes pela Lua, que faz ſuas mudanças em 19. dias; & 14 horas, como hoje regulaõ os Arabes, 18 pouca he a differença. Sòmente em alguns tempos os Egypcios contáraõ annos de quatro mezes,& lunares de hum mez; os Arcadios, Caldeos, & Arabes, de tres mezes;os Romanos, reynando Romulo, de dez; & outras naçoens, de ſeis; 19 & os annos entre os Parthos começavaõ do primeyro de Fevereyro: entre os Romanos, de Março: entre os Sacerdotes Egypcios, de vinte de Julho: entre os Alexandrinos, de 29 de Agoſto: entre os Ethiopes, do primeyro de Setembro; 20 como tambem os Babylonios computavaõ o dia entre dous naſcimentos do Sol: os Athenienſes entre dous occaſos: os Umbros, de hum meyo dia a outro: os Sacerdotes Romanos, & Egypcios de meya a meya noyte: & o vulgo, do amanhecer atè anoytecer. 21 Alguns Authores trataõ de hum anno que ſe chamava *grande*,& ſe cumpunha de ſeis centos annos, cuja explicaçaõ ſe pòde ver em Macrobio. 22 Porèm, como fica dito,os annos de que falla a Eſcritura Santa, eraõ como os noſſos. 23

15 *Geneſ. 5.*
16 *Pined d l.1 c.13 §.3.*
D.Auguſt.de Civ.Dei l.1 3.c 3.

17 *Geneſ.8.n.4. & 5.*

18 *Pineda ſupra.*
Abulenſ.2.p.deſenſ.c.92.

19 *Hac apud Plin l 7.c.48.*
Alex.ab Alex.l.3.c 24.
Pined.1.c.1.§.3.
Mexia na Sylva l.1.c.2. ubi citat D. Auguſt. & alios.
Vide etiam D. Auguſt.de Civ.Dei l. 11.c.10.

20 *Pineda ſupra.*

21 *Tenter in officin. p.1.tit. de temp.ann. & dieb.*

22 *Macrob in Somnio Scipion.*
23 *Alex.ab Alex. Gen.dier.d. l.3.c.24.*

5 Nota-ſe, que ninguem chegou a viver mil annos; porque o que mais viveo, foy Matuſalem novecentos ceſſenta & nove; 24 & os Hiſtoriadores donde Joſefo 25 refere que chegàraõ homens a mil annos, ou fallàraõ dos mais curtos que diſſemos, ou naõ merecem credito. As razões que tenho lido, 26 ſaõ ſuaſorias para naõ ſe paſſar de mil annos; mas naõ convencem, que ſe naõ poſſa chegar a elles; ou perto delles: cuydo que por ſer nunero de mil o mayor, o devia tocar, quem pelo peccado eſtava condenado à morte. 27

24 *Gen.5.27.*
25 *Joſeph de antiquit.l.1.c.3.*

6 Hum Eſcritor eſpiritual 28 reputa vidas taõ largas, por pena larga aos que foraõ primeyros peccadores. Fallando literalmente, obrava nellas a Providencia Divina, para os homens multiplicarem na terra deſpovoada, & ſerem teſtemunhas das obras de Deos. 29

26 *Apud Matute ſup.etat.1.c. 8.§ 3 & 4.*
Perer.in Geneſ.l 30.q 30.
Ex D. Ireneo l.5. adverſ. hereſes, ac aliis.
27 *Geneſ.2 17. condncit quod ait idem Perer. in Geneſ 7.n.110.*
28 *P.Lyſicun na Philot.Chriſt. p.1.c.11.no princip.*

7 Mas tambem era effeyto da natureza bem acompreycionada, como ſahida havia pouco tempo das màos de Deos; influida de aſtros mais benevolos, por naõ terem paſſados tantos aſpectos;conjunçoens, eclipſes, & outras impreſſoens; 30 alimentada de frutos da terra, que tinha mais ſubſtancia; regulada no comer ſem exceſſos, 31 & menos oprimida de cuydados que alteraõ o ſangue, impedem a digeſtaõ, corrompem os humores, fatigaõ o cerebro, ferem o coraçaõ.

29 *Mexia d.l 1.c.1.*
P.Benedict Fernand.in Gen l.5.ſect 3.n.1.
30 *Eſdr.4. 5. in fin* Quaſi jam ſeneſcentes creaturæ, & fortitudinem juventutis prætereuntes
Petr. de Peramat l. de evacuandi rat.c.24.
Alii apud Frãco in Campo Elyſio q. 25. ubi latè agit.
31 *Pined.l.1.c.18.§.2. & §.5. in fin.*

8 Ajun-

8 Ajuntava-se ter Adam perfeyta noticia, que communicou a seus descendentes, das virtudes das hervas, plantas, pedras, animaes, & outras cousas com que se acodia aos achaques; foy o primeyro Medico ensinado por Deos; 32 por isso disse o Ecclesiastico, 33 que de Deos viera a Medicina. Como Deos o fez Rey, o fez juntamẽte Medico, por ser officio do superior curar os subditos no corpo, & no espirito. Por isso Platão 34 comparou o Rey ao Medico; & em Isaías dizia o que era rogado com a coroa, que pois naõ era Medico, o naõ fizessem Rey. 35 Depois mostrou Deos esta conveniencia, pondo em alguns Principes virtude para só com o tacto sararem doenças corporaes, como figuras das espirituaes nos costumes. Pyrro Rey dos Epirotas com o tacto do dedo pollegar do pè direyto sarava as enfermidades do baço. 36 Dos Emperadores Adriano, & Vespasiano se lê, que saravaõ outras. 37 Mas porque Authores 38 attribuem aquelles casos a pacto Magico; sejaõ exemplo os Reys de França, q̃ com o tacto curaõ em muytos as alporcas, por dom concedido a ElRey Clodoveo, para elle, & seus successores, quando se fez Christaõ; ou como dizẽ outros Escritores, alcançado por oraçoens de S. Marculfo. 39 A mesma virtude se diz haver Deos concedido aos Reys de Inglaterra por merecimentos do Santo Rey Eduardo; outros escrevem, que por oraçoens do Santo Varaõ Joseph ab Arimathæa, que esteve naquelle Reyno. 40 Na Primavera costumaõ ainda hoje fazer esta cura; eu a vi fazer com solemnidade tres vezes, (& se fez outras) no mez de Mayo de 1669. acodindo cada dia quasi cem doentes; he de crer, que naõ acodiriaõ todos os annos tantos, se naõ se experimentasse que saravaõ alguns. Dos Condes de Hausperg houve quem escreveo o mesmo; 41 & dos Reys de Aragaõ; mas naõ he authentico.

9 Conhecendo Adam as virtudes occultas, usando-as, & communicando-as, naõ era muyto conservaremse as vidas largos annos. 42 Os segredos da natureza saõ taõ admiraveis, que por incriveis offendèraõ a reputaçaõ de alguns Authores que os escrevèraõ; 43 sendo que a muytos achou a experiencia verdadeyros. Dizem que as pedras da cabeça do dragaõ da India, trazidas que toquem a carne, fazem invisivel a quem as traz: & que se vio em huma que Giges pastor em hum monte de Lydia achou em hum annel na maõ de hum Gigante morto; 44 da qual usou para furtar a mulher a ElRey Candaulo, & o matar, & se fazer Rey; mas porque isto se attribue a arte Magica, 45 seja exemplo em nossas historias, 46 que hindo o grande Affonso de Albuquerque para a conquista de Malaca, cativou em hũa embarcaçaõ hum Mouro principal, que havia pelejado bem; & estando com muytas feridas mortaes, nem morria, nem lançava gotta de sangue; achouse ser virtude de hũa manilha, que no braço trazia, do osso de hum animal, chamado *Cabal*, nascido na Provincia de Jahoa. Perdoe o nosso il-

 lustre

Mexia na Sylva l 4.c.7. ante med. Senec ep.96.post princ. Quæ desiderantibus alimenta erant onera sunt plenis, &c. Ex discordi cibo morbus est. *In l.15. Epist.*

32 *Marsil. Ficen.l 4 Epist, Frãc. sup.q 1.n.18.& q.3.n.2.& 6.*

33 *Ecclesiast.1.1.*

34 *Plato de Regno.*

35 *Isai.3.7.*

36 *Alex.ab Alex.l 4.c.26.*

37 *Rhodigin.l.11.c.13. Tacit.hist.l.4. ad fin.*

38 *Delrius disquisit.Magic.l.2 c.3.q.4. vers. denique. Franco sup q.24.n.3. & 5.*

39 *Guido in Chirurg. magna tr. 2.doctr 25. Senert.l.2.prax C. de strumis.*

40 *Polydor.Virgil.hist.Arg.l.8 De hoc Delrius sup.vers.Septimo objiciuntur, post princ.*

41 *Felix Fabrus relatus à Philip. Camerar.centur.2.hor. succes.c. 42.*

42 *Noca Nieremberg, na Philosophia curiosa.l.1.c.33.*

43 *Plin.na hist.natur. Dona Oliva, & Don Alexo de Piamonte nos segredos.*

44 *Philostrat, apud Jul de Castilho, na hist. dos Godos l.2.discurs.4*

45 *Fiscul.hist.p 1. c.6. statim post princ.*

46 *João de Barros dec.2 l.6.c.2*

lustre Capitaõ a nota de apartar esta manilha de sua pessoa; & perdella com outras joyas no naufragio de hũa náo voltando de Malaca. Tambem se diz 47 que na cabeça do çapo se acha huma pedra chamada *Crepudina*, que engastada em hum annel, estando junto de veneno, aquenta o dedo de maneyra, que he conhecido para se guardarem delle. Facilmente póde experimentar huma menina o que escreve Plinio, 48 que se hũa donzella tocar com o dedo pollegar da maõ direyta a quem estiver cahido com gotta coral, se levantará logo. Ha outros em que a curiosidade se podèra empregar. 49

10 Foy-se perdendo a memoria daquellas noticias medicinaes de Adam, em grave detrimento das vidas, principalmente depois do Diluvio, em quasi tudo pereceo. Dizia hum Medico Egypcio citado por Galeno, 50 que os homens de bom temperamẽto morriaõ por ignorancia de remedios. Porque sabiaõ muytos, & os applicavaõ como para si: viveo o mesmo Galeno, jà mais nas idades curtas, cẽto & quarẽta annos; 51 & Hippocrates cento sessenta & nove, segundo Pedro Crispino, Sorano, Textor, 52 & outros Authores; ainda que alguns digaõ menos.

47 *Refere Lopè da Veyga na Arcad l.4.*

48 *Plin.lib.28.c.24.*

49 *Referem muytos, Pedro Mexia, na Sylva de var. liçaõ l.2. cap. 39. com os dous seguintes: & Hieronymo Cortes no tratado dos segredos da natureza.*

50 *Galen.l de morasma.c.2.*

51 *Ex Suid Alexandrin. Gemuncio, & aliis, Matute na Prosap. de Christo idade 1 c.8 §.1.*
Textor d. tit. qui diu vixer.
Mexia sup. l.4.c.7. ad fin.

52 *Petr. Crispin in aphorism.*
Soran in vita Hippocrat.
Textor supra.

CAPITULO XLVII.

Em continuaçaõ da materia do Capitulo precedente, se trata do progresso, & dignidade da Medicina.

1 LOgo depois do Diluvio se foraõ abreviando as vidas, porque ainda que Noè conservou muytos remedios na medicina natural; 1 se foraõ perdendo, & a natureza enfraqueceo pela mayor substancia dos mantimentos, & menos benigna influencia dos astros.

2 Deos a soccorreo ordenando, que se comesse carne, & peyxe, 2 o que se naõ usava. Misray neto de Noè começou a ensinar medicina por arte, & delle diziaõ os Egypcios, que a haviaõ aprendido; 3 jà na doença, & morte de Jacob assistiraõ homẽs entendidos, & experimentados, que curavaõ por officio com o nome de Medicos: & daquelle tempo em diante continùa a Escritura sagrada a mençaõ delles. 4 Sua curiosidade, & cuydado atè dos animaes brutos aprendia os remedios, que naturalmente usavaõ em suas doenças; 5 quem acertava com algum, era acclamado entre os Gentios *Inventor*, *ou Deos da Medicina.* Assim o foraõ Mercurio, Isides, Oro, Otyris, Apis, Cadmo, Arabo, Chiron, Machoon, Podalyro, & principalmente Esculapio pay destes dous; o qual disseraõ ser filho de Apollo, & de Coronis Larissea, (porque houve outros dous Esculapios) & que seu pay fonte das sciencias lhe ensinára esta. Escreveo livros

1 *Matute na Prosap. de Christo idade 1.c.1.§.2.*

2 *Genes.9.3.*
Vide in 2.p.c.2.n.5.

3 *Venutus in harmonic.*

4 *Genes.50.n.2.*
Exod.21.19. & sepius.

5 *Apontaõ muytos.* P. *Mexia na Sylv.l.2. cap.41.* E *Frãco no Campo Elybo q. 3. n.6.*

vros della; hum ſe intitulou *Navicula*; edificàraõ-lhe tẽplos, & lhe punhaõ grande barba, como velho experimentado. Em hũ templo a tinha de ouro: & Dionyſio ſenior tyranno de Sicilia lha tirou, dizendo, que naõ convinha ſer taõ barbado filho de Apollo, que ſe pintava lampinho. Na maõ lhe punhaõ baculo em lugar de ſceptro, como a Rey da vida, & da morte; cheyo de nòs, ſignificadores da difficuldade da arte; nelle enroſcada hũa ſerpente, que ſignificava o veneno que elle remediava; & as vidas que renovava, como a ſerpente deſpindo a pelle, & porque o dragaõ he ſymbolo da vigia, & cuydado neceſſario do Medico. Aos pés lhe punhaõ hum caõ, que lambendo cura as chagas ſuavemente, & he hieroglifico da lealdade, ſacrificavaõ-lhe o gallo deſpertador do ſomno, imagem da morte; & gallinhas, alimento de doentes. 6

3 Sem aproveytarem tantas diligencias, jà no tempo de Jacob ſe vivia taõ pouco, que ſe eſpantou Faraò de elle ſer de cento & trinta annos; 7 & David jà diſſe 8 que depois de ſetenta, ou de oytenta annos, tudo eraõ dores; & o Eccleſiaſtico, que ao mais ſe vivia cem annos. 9 Os Egypcios entendiaõ, que naturalmente naõ podia ſer mais, porque por anatomias ſe via, que o coraçaõ de hum menino de hum anno pezava duas drachmas, & cada anno creſcia duas, atè q̃ aos cincoenta annos pezava cem drachmas; & dalli em diante hia cada anno diminuindo outro tanto, atè que nos cento ficava em duas como no primeyro, & era força morrer. 10 Beroſo dizia, que atè 117. annos ſe vivia naturalmente; Epigenes negava poder chegar a cento & vinte & dous. Contra eſtas opinioens eſcreve Plinio 11 com exemplos; mas reputaõ-ſe prodigios viver Argenton Rey dos Tarteſios em Andaluzia de Heſpanha trezentos annos, & ficou em Proverbio: 12 Pictorio Etolo, outros tantos: & Eginio duzentos. 13 Os trezentos annos de Neſtor ſe attribuem a fabula de Poetas: 14 & os ſetecentos, ou mais, que elles deraõ de vida à Sibylla Cumea. 15 Nem aos hiſtoriadores ſe dà credito, quando eſcrevem, que os Reys de Arcadia coſtumavaõ viver trezentos annos: que Dando Illirico viveo quinhentos & noventa: Impetris Rey da Ilha dos Purotinos, oytocentos & oytenta & hum, ſeu filho ſeiſcentos. 16

4 Pelo que Salamaõ, valendo-ſe de ſua ſabedoria, fez hum livro medicinal das virtudes das plantas; 17 mas perdeo-ſe, & as copias que haveria, com outros muytos, nos incendios que Jeruſalẽm padeceo por inimigos. Alguns Rabbinos 18 dizem que o Santo Rey Ezequias o queymou, porque os doentes confiados nas maravilhas que por elle ſe obravaõ, naõ recorriaõ a Deos, (como ſuccedeo a ElRey Aſa, 19) & que eſte ſerviço lhe allegou eſtando para morrer, & por elle lhe alargára o *Senhor* os quinze annos de vida. 20

5 Finalmente por ignorancia dos remedios ſe uſava expor os doentes às portas das caſas, para que os que paſſavaõ pelas

6 *Franco d.q.3. P.Sandeus in Aviar.Marian. orat. 4. Maria nota poſt princ.*
7 *Joſeph de antiq.l.2. c.4.ad m.ẽ.*
8 *Pſalm.89 v.10.&11.*
9 *Eccleſiaſt.18.8.*
10 *Refert Mexia ſupr.2.c.7.*
11 *Plin.7.c.c 9.*
12 *Situs l.3. Terdenos decies emenſus belliget annos.*
13 *Textor in offi. p.2. tit. qui diu vixer.*
14 *Juvenal Satyr.10. Tibul.l.4. Propert.l 2. Ovid.Metam.l 12 ex Homer. Iliad.*
15 *Ovid.Metam.l.14.*
16 *Plin d.l.7.c.48. Textor ſupra.*
17 *3.Reg.4.33. Diſputavit ſuper lignis.*
18 *Apud Marute ſup.idade 4.c. 16 §.4.*
19 *2.Reg.16.12.*
20 *4.Reg.20.*

pelas ruas enſinaſſem algum experimentado. Os que ſuccediaõ bem, ſe eſcreviaõ em memorias, que ſe guardavaõ nos templos, com os nomes dos que os haviaõ enſinado. Aſſim paſſou o mundo muytos ſeculos; & com tudo ainda aſſim, de Eſculapio atè Hippocrates, em que houve quinhentos annos, eſcrevéraõ de Medicina alguns Authores; mas infelizmente: Hippocrates em ſuas obras faz mençaõ delles.

6 No anno tres mil quinhentos & vinte da creaçaõ do mundo, quatro centos oytenta & quatro antes do Naſcimento de *Chriſto*, (confórme os Authores Medicos, 21 com pouca differença dos Hiſtoriadores 22) quaſi no tempo em que viveo Eſdras, naſceo Hippocrates Grego na Ilha de Coos, em q̃ era Principe. Por ſeu pay Heraclides foy xvii. neto de Eſculapio; & por ſua mãy Praxithea, vigeſimo neto de Hercules, ſegundo agenealogia que varios Authores 23 trazem, nomeando particular, & ſucceſſivamente (o que em poucas ſe acha) todos os avòs nobiliſſimos; nem podia deyxar de o ſer taõ excellente juizo. Aproveytouſe daquellas memorias, q̃ achou nos Tẽplos: examinou outros remedios: dizem que em ſonhos ſe lhe revelàraõ muytos, tomando-o Deos por inſtrumento ſeu; & com ſabedoria, que parece mais que humana; reduzio a Medicina a fórma de ſciencia, comprovando a razaõ com a experiencia, & abreviando tudo em aforiſmos. Admira ſer inventor, & eſcrever como em materiaj à aſſentada, coroando os principios como fins. Foy o primeyro que enveſtigou as qualidades dos elementos: o primeyro que cortou membros do corpo humano por ſalvar o todo: o ultimo que chegou a Medicina ao ponto mais alto, pois todos ignoraõ o que elle naõ alcançou: & o unico que ſugeytou a natureza ao ſeu conhecimento. Na vida foy venerado atè com eſtatuas. Pintava-ſe com a cabeça velada, inſignia da mayor honra. 24 Morreo em Lariſſea, da larga idade que jà diſſemos. 25 Os Gregos lhe decretàraõ as honras que ſe faziaõ a Hercules: & lhe levantàraõ huma ſepultura ſumptuoſa, ſobre a qual ſe vio muyto tempo hum enxame de abelhas, cujo mel ſaraya as chagas da boca a meninos; 26 curãdo aquelle grande Meſtre ainda depois de morto. Enxames de abelhas ſe viraõ na boca de Plataõ, de Pindaro, de Virgio, & de Eſteſichoro Poeta quando naſceraõ, 27 annunciando-lhes eloquencia; de Hippocrates ſe moſtraõ eloquentes as cinzas frias.

7 Deſta eſcola ſahiraõ nos tempos ſeguintes grandes Meſtres, & ſobre ella edificàraõ varias ſeytas. Prodico inventou hum modo de curar chamado Medicina *Jatraleptica*; Acron Agrigentino inſtituhio outro; q̃ chamàraõ medicina *Empirica*; outros foraõ inventores de outras, & todos tiveraõ ſequazes.

8 Pelos annos cento & dez, atè cento & oytenta do Naſcimento de *Chriſto*, imperando Trajano, Adriano, Antonino, Pio, Marco Aurelio, Commodo, & floreceo em Roma Gale-

no

21 *Iſtomachus l. de Hippocrat. ſect. Franc ſup. q. 4. n. 4.*

22 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 7. ad med. verſ. anno mundi 3618.*

23 *Henricus Meibovius in comment. ad Hippocrat. & alii relati à Franc d. q. 4. n. 3.*

24 *Cel. Rhodig. antiq. lect. l. 20. cap. 12.*

25 *No fim do cap. precedente.*

26 *Franco ſupr. n. 6.*

27 *Ælian. var. hiſt. l. 12. c. 45. Plin. l. 11. c. 17. Photas in vit. Virg.*

no natural de Pergamo Cidade na Asia, Varaõ de sublime engenho. Escreveo com abundancia de doutrina, magestade de estylo, elegancia no dizer,& tal disposiçaõ no ensinar, que deyxou esta sciencia no mayor esplendor escurecendo os antigos, (excepto Hippocrates) & dando luz a todos os que foraõ depois. Tambem se diz, que em sonhos lhe mostrou Deos remedios. Refere elle, 28 que seu pay o puzera no estudo da medicina, por sonhar que lhe convinha. Em Roma se lhe levantou estatua, 29 & era respeytado como oraculo. Tendo cento & quarenta annos de idade, 30 lhe chegou fama dos milagres, que em Judèa faziaõ os novos Christãos, sarando enfermos só com o nome de *Christo*; & se embarcou para os hir ver; só tanta curiosidade alcança tanta sciencia. Teve no mar huma grande tempestade, & deo-lhe huma febre, de que ao decimo dia morreo no navio; 31 naquelle desejo lhe poderia o Divino Medico sarar a alma; bem se pòde esperar, que pagaria a quem havia aproveytado, & aproveyta a tantos enfermos.

28 *Galen. meth. cap. 4.*

29 *Franco sup. q. 3. n. 9. & q. 4. n. 9.*

30 *Supra. praced. in fin.*

31 *Ex Mundino Benonensi; Simpherin Camper. c. 11. apud Mutute in Prosap. Christ. ata. 4. c. 6. §. 4.*

9 Principes, Reys, Emperadores; & Varoens grandes, estudáraõ medicina: Giges, & Sabor Reys de media, Eva, & Sabiel de Arabia, Dionysio de Sicilia, Hermes de Egypto, Mithridates de Persia, Salamaõ de Judèa, Adriano Emperador de Roma, Constantino IV. de Constantinopla. Alguns dizem, que tambem Alexandre Magno; & he muyto decantado havella Achilles aprendido de Chiron. Tambem dizem que Mesues foy neto de hum Rey de Damasco; & Avicena Principe em Cordova; 32 de Hippocrates jà dissemos que o foy em Coos; & em tẽpos menos antigos, Medicos haviaõ sido os Summos Pontifices Eusebio Grego, Joaõ XX. Portuguez de Lisboa, chamando-se Pedro Hispano; & Nicolao V. Italiano de Luca; Cardeaes, & outros Varoens de altas dignidades, de que fazem mençaõ os Escritores; 33 & sobeja para o mayor lustre haver sido Medico o Evangelista S. Lucas; 34 & haver tambem exercitado medicina o Apostolo S. Paulo. 35

32 *Destes, & de outros fazem mençaõ Ficin. ep. 1. ad Thom. Valer. Ælian. l. 9. c. 22. Plutarch. in Alex.*

33 *Refert Franco in Camp. Elys. q. 2. c. 29. & 30.*

34 *D. Paul. ad Colossens. 4. 14. Cum multis Maiden. in præfat. ad Luc. n. 2.*

35 *Refert. Franco d. q. 2. n. 27.*

10 Aos professores desta sciencia se fizeraõ em todos os tempos grandes honras. Jà dissemos que aos primeyros se deu culto de Deoses; & que a Hippocrates, & Galeno se levantáraõ estatuas. Ao mesmo Hippocrates levou Artaxerxes Rey de Persia para seu Reyno com grandes somas de dinheyro. A Tribuno offereceo Cosroe Rey da mesma Persia o que quizesse: pedio huns Romanos cativos, & ElRey lhe deu tres mil. 36 Os primeyros Cesares davaõ a cada hum de seus Medicos por salario cada anno, duzentos & cincoenta sestercios, de q̃ cada hum valia dous arrateis & meyo de ouro: & Quinto Estertino teve quinhẽtos. 37 Julio Cesar concedeo privilegio de Cidadaõ Romano aos de qualquer naçaõ q̃ vivessem em Roma: & Augusto, q̃ pudessem trazer annel de ouro, que era insignia illustre: 38 a Antonio Musa levantou estatua junto da de Esculapio, 39 & premiou liberalissimamente pela cura que lhe fez

36 *Suidas.*

37 *Plin. l. 29. c. 10.*

38 *Sueton. & Plutarch. in eorum vitis.*

39 *Ex Sueton. in August. Textor in officin. p. 1. tit. qui stat. meruer.*

fez, quando em Andaluzia adoecco de melancolia, por lhe ſucceder mal a guerra que viera fazer aos Biſcainhos, Galegos, & Portuguezes de entre Douro, & Minho. 40 O Direito Civil lhes dà outros privilegios, & honras. 41 Atè os màos Medicos (dizia Niocles) 42 tem privilegio de matarem ſem caſtigo; & verem ſeus bons ſucceſſos, cobrindo a terra ſeus erros.

11 Dizer-ſe que foy eſta ſciencia deſterrada de Roma, he calumnia, fundada em hum lugar de Plinio, 43 mal entendido. He verdade, que atè o anno quinhentos & trinte & cinco de ſua fundaçaõ naõ teve Medicos Roma, por empregada nas armas, alhea das ſciencias, & da politica; como nem teve Poetas, 44 nem Grammatica, 45 nem ainda muyto depois luz da Filoſofia; 46 nem relogio, ſenaõ de Sol, & pouco certo; o de maõ conheceo no anno de ſua fundaçaõ, quinhentos & noventa & cinco; 47 & o que he mais notavel, naõ houve em Roma Barbeyros, ſenaõ depois do anno quatrocétos & cincoenta & quatro, em que Pulio Ticino Mena trouxe hum de Sicilia, de antes traziaõ cabello naturalmente creſcido. 48 No anno quinhentos & trinta & cinco depois de fundada, que ſaõ os quaſi ſeis centos annos que com Plinio ſe diz que eſteve Roma ſem Medicos, lhe veyo de Grecia o primeyro chamado Archagato; foy recebido com grandes applauſos, comprouſe-lhe caſa do erario publico, & ſe lhe deo honra de Quirite. Conſta do meſmo Plinio.

12 O vulgo começou a eſtranhar, & aborrecer, o ver cortar, queymar, abrir, & uſar outros remedios violentos quando eraõ neceſſarios. Ajuntou-ſe, que ſendo os Medicos Gregos, cuja patria os Romanos no meſmo tempo hiaõ conquiſtando, 49 & muytos delles trazidos prizioneyros da guerra, ſerviaõ aos ſeus de eſpias; com veneno matàraõ alguns Romanos; commettèraõ adulterios em caſas onde entravaõ. Pelo que juſtamente foraõ deſterrados, & ficou Roma ſem Medicos, porque naõ havia ſenaõ aquelles deſterrados Gregos, on Egypcios: Accreſceo dizerem os zeloſos, que a converſaçaõ dos Gregos introduzia coſtumes, que a feminavaõ o valor; 50 & aſſim ſe tinha por oraculo o dito de Cataõ, *que boſtava, ver o engenho dos Gregos, & naõ convinha imitallos*; 51 & com eſte odio, por pequenas cauſas deſterráraõ os Romanos todas as boas artes que lhes tinhaõ vindo de Grecia. 52

13 Paſſados cem annos, no tempo de Julio Ceſar, à perſuaſaõ de Cornelio Celſo, Varaõ conſular, ſe admittiraõ os Medicos outra vez em Roma; & da Biblioteca delRey Mitridates vencido por Pompeo, ſe trouxeraõ livros da Medicina herbolaria; 53 & ſe ſeguio logo a grande eſtimaçaõ que delles ſe fez como jà referimos.

14 A vida breve naõ he falta da Medicina, mas condiçaõ de noſſa fragilidade, faltandolhe os arrimos que a alargavaõ, como acima apontamos. 54 Tanto que naſcemos, adoc-

cemos,

40 *Britto na Monarch. Luſ. p. 1. l. 4. c. 27. no princ.*

41 *In l. Medicos C. de profeſſ. & medic. l. 10. & l. un. C. de comit. & Ambiatr. & l. Archiotros, C. de metatis l. 12.*

42 *Niocles apud Max. ſerm. 50*

43 *Plin. l. 29. c. 1.*

44 *Diſſemos c. 25. n. 16.*

45 *Sueton. de illuſt. Grammat.* Rudi ſcilicet, ac bellicoſa tunc civitate nec dum liberalibus diſciplinis magnopere vacante.

46 *Cicer. 1. Tuſcul.*

47 *Plin. l. 7. c. 60.*

48 *Plin. 7. c 45. Aul. Gel. l. 3. c. 4. Alex. ab Alex. l. 5. c. 18. poſt med.*

49 *Flor. l. 1. c. 7.*

50 *Flor. l 1. c. 7.*

51 *Plin. l. 29. c. 1.*

52 *Crinit. de honeſt. diſc. l. 5. c. 4*

53 *Plin. l. 25. c. 4.*

54 *Lex Illicitas §. ſicuti ff. de offic. Præſidis.*

cemos, 55 & toda noſſa vida he huma doença continuada, 56 antes muytas combatem continuadamente cada membro; ſó contra os olhos contou Galeno 57 cento & quinze, he maravilha vivermos tanto; & podem-ſe attribuir a milagre as largas vidas do Francez Joaõ, que chamàraõ *des temps*, pelos muytos tempos que viveo; o qual havendo ſido Soldado de Carlos Magno, morreo no anno de *Chriſto* mil cento & vinte & oyto, tendo vivido trezentos ſeſſenta & hum. 58 E a do outro homem, que o grande Portuguez Nuno da Cunha Governador da India achou na Cidade de Diu, em idade de trezẽtos & trinta & ſinco annos; & naõ ſe ſabe quanto depois mais viveo. 59 Foy furor de Alexandre na morte de Epheſtiaõ ſeu privado mandar crucificar o Medico que o naõ pode curar; & fazer derribar o templo de Eſculapio; 60 & em outros Medicos ſe executàraõ ſemelhantes crueldades; 61 como ſe a Medicina pudera immortalizar. O bom Medico naõ eſtá no ſucceſſo, mas em obrar o que pòde fazer feliz; 62 devera Alexandre reconhecer o que ficou devẽdo a eſta ſciẽcia, quãdo Critobolo lhe tirou hũa ſetta de que morria. 63 A meſma, ou mayor excellencia moſtrou Eriſtrato, quando pela alteraçaõ do impulſo de Antioco, filho do Rey Ptolomeo, em preſença de Eſtratonia ſua madraſta, entendeo que a grave doença que padecia, era arder em ſeu amor deshoneſto; & tal foy o pay que lha entregou, & deu ao Medico cem talentos. 64 Aſſiſte-nos a Medicina como mãy: trabalha por nos acodir, quando naõ aproveytaõ riquezas, nem dignidades. 65

15 Aquelles caſtigos ſe deviaõ aos Medicos ſó *de barba*, como lhes chama hum ſeu elegante Eſcritor, 66 aos quaes a mula dá o grão, authorizados, & vãos, como eſtatuas; pois naõ ſómente ſaõ condenados pelas leys, quando mataõ por impericia; 67 mas ainda que acertem, commettem crime capital; porque o ſucceſſo foy acaſo; naõ ſó levaõ com peccado o que ſe lhes dá, mas tambem ſaõ devedores dos homicidios: hum Juiz poſto q̃ grande Letrado, eſtuda muyto para julgar qualquer pequena cauſa; & eſtes nada eſtudaõ para julgarem, & executarem as vidas; por iſſo vemos que de ordinario naõ ſe logra nos filhos o que ajuntaõ; porque o mal ganhado naõ ſe conſerva em ſucceſſor.

16 Tiberio Ceſar procurava eſcuſar todos, & tinha por ignorante quem paſſando de trinta annos ſe naõ ſabia curar. 68 Mas pudera enganallo certo enfermo, que ſe achou mal tomando ſem Medico a purga, que hum lhe havia receytado em outra occaſiaõ para a meſma enfermidade, & lhe havia dado ſaude; queyxando-ſe ao Medico, reſpondeo elle: *He verdade que a enfermidade era a meſma, & a purga a meſma: porèm agora naõ aproveytou, porque eu a naõ dey.* 69 Naõ baſta ſaber os remedios, ſaber como, & quando ſe haõ de applicar; qualquer circunſtancia altera.

17 He

No cap preced. n. 7. 8 & 9.

55 *D. Auguſt in Pſalm* 102. Ægrotare incipimus mox ubi naſcimur.

56 *Democritus.* Totus homo ab ipſo ortu morbus eſt.

57 *Galen. intred. c. 15.*

58 *Floſcul. hiſt. p. 2. c. 4. ad fin.*

59 *Duarte Nunes na Chron. de D. Affonſo Henriques. Maris dial. 3. c. 1.*

60 *Refere Brito na Monarch. Luſit. p. 1 l. 2. tit 7.*

61 *Pantaleon memorabil. p. 2. tit.*

62 *Ita Diamus apud Anton. in Melis. p. 1. ſerm. 56. Nicol. apud Maxim. ſerm. 50.*

63 *Q. Curt. de reb. Alex.*

64 *Aul Gel. noct. Attic. l. 16. Pontan. in Philoſoph.*

65 *Caſſiodor l. 6. ep. 19.* Materna gratia ſemper aſſiſtit, & ibi nos nititur ſublevare ubi nullæ divitiæ, nulla poteſt dignitas ſubvenire.

66 *Franco ſup. q. 3. n. 4.*

67 *D. L. Illicitas § Sicut ff. de offic. Præſid L. Quæ actiones 6. §. fin. ad leg. Aquil. gloſſa, verb. ex damno in l 4 de act. & obligat.*

68 *Eraſm. l. 6 apophthegm. Tacit annal. l. 6 ad fin.*

69 *Ex D. Auguſt. refert Polyant. verb medicina.*

17 He logo neceſſario honrar os bons Medicos; pela neceſſidade, (como diz o Eſpirito Santo 70) neceſſidade mais urgente, pois he da ſaude, couſa mais eſtimavel, como entendeo aquelle, q̃ deſejando outras riquezas, Reynos, & varias felicidades, elle ſó deſejava eſta, ſem a qual nada ſe pòde lograr; & aſſim Joſeph jurou pela ſaude de Faraò 71 como mayor juramento; & inventando Pythagoras, que ou no principio, ou no fim, ou no ſobreſcrito das cartas ſe deprecaſſe ſaude, contentou eſte coſtume tanto, que ſe uſa atè hoje.

70 *Eccleſiaſt.*38.1. Honora medicum propter neceſſitatem.

71 *Geneſ.*42.15.

18 Deve-ſe eſcolher Medico bem afortunado: 72 naõ porque a fortuna tenha poder na medicina, 73 ou em outra couſa; mas porque ſendo erro commum deferirlhe, 74 aquella boa opiniaõ que o doente concebeo do Medico ajuda muyto a ſaude. 75 A boa, ou mà fortuna do doente, diſſe Hipocrates, 76 ſó conſiſte em cahir nas mãos de bom, ou de màO Medico. Entre os de igual ſciencia aconſelha Celſo 77 que ſe eſcolha o amigo, pelo mayor cuydado com que ſe applicarà. E o mais certo remedio, diz o Eccleſiaſtico, 78 he recorrer a Deos; como entendeo, & experimentou aquella mulher, que recorreo a *Chriſto*, havendo em eſpaço de doze annos gaſtado quanto tinha com os Medicos da terra, ſem melhorar; 79 o *Senhor* profeſſou que o era, & que vinha curar os enfermos: 80 Medico do corpo, & d'alma; curou muytos, & quer ſempre curar de graça, pondo tambem os medicamentos à ſua cuſta. 81 Sem remedios penoſos, ſem dilaçoens de tempo alcança ſaude quem deſeja ſarar, & naõ recair: oh quanto devemos a quem poz noſſa principal ſaude em noſſa maõ!

72 *Baptiſta Peregr.in Agolog. adverſ.medic.column.fol.mihi* 142.

73 *Hippocrat.l.de loc.in hom. prope fin. & l.decent.ornat.*

74 *Notat Biet.de conſolat.c.*4.

75 *D.Iſidor.l.*4. *etymolog.* Ex quadam confidentia, quam ægrotus inde concipit, natura jam deficiens convaleſcit.

76 *Hippocrat.l.de art.* Bonam ægrotis fortunam contingere, ſi in bonum, malam, ſi in malos incidant medicos.

77 *Celſ.in præfat.l.in fin.* Ideo cùm par ſcientia ſit utiliorem tamen eſſe medicũ amicum, quàm extraneum.

78 *Eccleſ.*38.1. A Deo eſt omnis medela

79 *Matth.*9.*Marc.*5.*Luc.*8.

80 *Matth.*9.11. *Marc.*2.17. *Luc.*5.31.

81 *Iſai.*43.5. Ejus livore ſanati ſumus. *Per.ep.*1.c.2.*n.*24.

19 He hieroglifico da Medicina, huma pomba com hum ramo de louro no bico; porque dizem que ſe cura com elle ſentindo-ſe doente: ou huma cegonha com hum ramo de ouregaõ; porque com elle concerta o eſtomago, ſe o ſente danado. 82 Tambem a medicina eſpiritual ſe moſtrou em figura de pomba deſcendo do Ceo ao Jordaõ. 83

82 *Pier.Valeriam.l* 11. & 22.

83 *Matth.*3.16.*Luc.*3.22. *Joan.*1.32.

CAPITULO XLVIII.

Filhos que Adam, & Eva tiveraõ. Apontaõ-ſe homens que tiveraõ muytos. Gigantes que houve. Se nos ſeculos paſſados erão os homens mayores que nos proximos. Se erão de mais forças. Toca-ſe o que ſe diſſe dos Pigmeos.

1 COntinùa o Texto ſagrado, 1 que havendo Adam gerado a Seth [depois que gerára a Caim, & Abel) viveo mais oytocentos annos, em que gerou filhos, & filhas. Os Eſcritores 2 dizem, que por todos foraõ os filhos trinta & tres,

1 *Geneſ.*5.à *princ.*

2 *Textor in offic.p.tit. liber, qui multo bavides.* Trata diſto Pineda na *Monarch. Eccleſ.p.*1.*d.*1.*c.* 12 § 1.

tres, & as filhas outras tantas; naſcendo em aquelles principios macho, & femea gemeos, para que pudeſſem caſar; 3 primeyro vinculo dos caſados, pois jà naſciaõ juntos, & fundamento da irmandade entre ambos. *Irmã eſpoſa* chama o Eſpoſo Divino à Eſpoſa Santa nos Cantares. 4 As allegorias dos antigos Poetas faziaõ a Jupiter, & Juno caſados, & irmãos; 5 com titulo de irmãos ſe trataõ os caſados entre os Caſtelhanos, & entre outras naçoens.

2 Porèm a eſte principio, entaõ juſto por neceſſario, ſuccedeo prohibiçaõ de direyto natural ſecundario; 6 & ſe nota, que o Texto inſinùa aquelles caſamentos; mas naõ os declara, por jà naõ ſerem imitaveis. Os nomes das filhas de Adam, que me lembra achar em varios Eſcritores, ſaõ, *Aſuama*, (gemea, & mulher de Seth) *Calmana*, *Save*, *& Themec*, (huma deſtas, naõ ſe ſabe qual foy gemea, & mulher de Caim) *Aſuran*, *& Delbora*, (dizem que huma deſtas foy gemea de Abel, q̃ morreo virgem) *Riſan*, *Edoclam*, *& Noaba*. Trinta & tres foraõ os Partos de *Eva*; & trinta & tres os annos q̃ andou *Chriſto* no Mundo em redempçaõ do peccado original.

3 Naõ foraõ muytos aquelles filhos dos primeyros pays, em comparaçaõ dos que tiveraõ outros em idades mais curtas; deyxo os que tiveraõ de varias mulheres, & concubinas, como Gedeaõ ſetenta & hum: 7 Roboaõ vinte & oyto filhos, & ſeſſenta filhas: 8 Acab ſetenta filhos: 9 Artaxerxes filho de Xerxes cento & quinze; 10 Silverio oytenta: 11 Conrado Duque de Moſcovia, oytenta; 12 & hum Jeronymo, refere Juſtino por authoridade de Trogo, 13 ſeiscentos de huma ſó mulher; houve muytos, que tiveraõ vinte, & trinta; de alguns faz mençaõ Raviſio Textor. 14 Hũa mulher chamada Combe Chalcide, de que falla Eraſmo nos Proverbios, dizem q̃ pario cem vezes, 15 o que parece incrivel. Em Lisboa conhecemos Antonio Luiz de Ayala, homem Fidalgo, que de dous, ou tres matrimonios teve mais de quarenta filhos, & filhas.

4 Dividira aſſim os deſcendentes de Caim peccador, dos de Seth virtuoſo, porque a companhia dos màos naõ perverteſſe aos bons. Os de Caim eraõ chamados, *filhos dos homens*, como filhos da culpa: os de Seth *Filhos de Deos* como filhos da virtude; 16 foy tal a de Seth, que o chamàraõ *Deos*. 17 Prohibio tambem caſarem huns com outros, 18 porque os bons ſe naõ inficionaſſem, pois qual he o campo, tal a ſementeyra: quaes as flores, tal a tinta: qual o olheyro, tal a obra: qual o lavrador, tal a cultura. 19 Os Cervos naõ geraõ Leoens, nem as Aguias pombas; 20 os filhos ſaõ ramos, & os pays raizes; 21 ſeriaõ os frutos como as arvores; 22 & ſobre o natural obraria nos coſtumes o exemplo paterno. 23 *Eſpantaiſvos* (dizia Plauto 24) *de que patriſſem os filhos?* He verdade, q̃ niſto ha excecyçõeſ, como Jonathas, Joàs, Ezequias, & Joſias, filhos dos impios Saul, Joraõ, Achaz, & Amon, foraõ virtuoſos; Cham fi-

3 *Pineda ſup. cum Abulenſ. Matute na Preſap. de Chriſto idade 1. c. 4. §. 1. Ex Bereſith. Rabb. Gen. 4.*

4 *Cant. 4. 9.* Vulneraſti cor meũ ſoror mea ſponſa.

5 *Virg. Æneid 1.* Et ſoror, & conjux.

6 *De hoc late Sanch. de Matrim. l. 7. diſp. 52. Pineda d. l. 1. c. 2. §. 4.*

7 *Judic. 8. v. 30. & 31.*

8 *1. Paralipom. 11. 21.*

9 *4. Reg. 10. 1.*

10 *Juſtin. l. 10.*

11 *Plutarch. in apophtheg.*

12 *Textor ſupra.*

13 *Juſtin. 39. in epitom.*

14 *Textor ſupra.*

15 *Refert idem Textor ibidem.*

16 *Geneſ. 6. 2. Explicat D. Chryſoſt. in Gen hom. 22.*

17 *Suidas verbo. Seth.*

18 *Joſeph de antiq. l. 1. c. 3. Hiſt. Scholaſt. c. 31.*

19 *Eſdr. 9. 17.*

20 *Horat. l. 4. Ode 4.* Fortes creantur fortibus; nec imbellem feroces. Progenerant aquilæ columbam.

21 *Sap. 4 ex v. 3.*

22 *Matth. 7. 7.* Arbor bona fructus bonos facit; mala autem malos fructus facit.

23 *Cicer 3. de orat.* Duo illa nos maximè movent, ſimilitudo, & exemplum.

Vide text. in L. Quod ſi nol. t. 31. §. Quæ mãcipua, ff. de edilit. edict. & ibi gloſ ordinar. & marg. verbo, non infamato.

24 *Plaut. in Pſeudot.* Inde tu miratis ſi patrillet filius.

lho de Noè, Esaû de Isaac, Amon, & Absalaõ de David, Joraõ de Josafat, Manassés de Ezequias, filhos de justos, foraõ màos, & assim seriaõ alguns descendentes de Caim; & máos alguns da descendencia de Seth; 25 mas a regra se faz do mais commum; 26 familias em que os bons se contaõ, saõ abominaveis; as em que se contaõ os máos, naõ deyxaõ de ser boas.

5 Mas diz o Texto, 27 que vendo os da familia de Seth, que as mulheres da familia de Caim eraõ formosas, em fim se casáraõ com ellas. Entre as filhas dos de Seth, tambem haveria formosas; mas as outras o pareciaõ mais, porque eraõ prohibidas; 28 & as que naõ saõ filhas da virtude, tem formosura que engana com traças. S. Theodoreto 29 entende que com musicas namoráraõ as descendentes de Caim aos de Seth, & naõ lhes faltariaõ outros meyos.

6 Prosegue o Texto, que daquelles matrimonios nascéraõ Gigantes; de casamentos por amores, muytas vezes resultaõ monstruosidades. Tiveraõ principio na Cidade de Henoch, 30 que fundára Caim; 31 & ainda que em alguns lugares da Escritura Santa, por *Gigantes* se entendem Varoens fortes, 32 neste falla propriamente de Gigantes, na estatura.

7 Consta que de entaõ atè os seculos proximos houve sempre Gigantes; 33 posto que alguem disse, que os naõ houve depois da vinda de *Christo* Senhor nosso. 34 Os Poetas Gentios lhes deraõ varios nascimentos, de que trataremos na Segunda Parte; 35 aqui basta dizer, que fingiaõ alguns taõ altos, que de Atlas differaõ, que sustentava o Ceo nos hombros: 36 & que Ticio lançado em terra occupava quanto nove juntas de boys podiaõ lavrar hum dia; 37 de alguns fabulàraõ, que tinhaõ cem braços, como de Briareo, 38 de seu irmaõ Giges, 39 & de Egeo, accrescentando que tinha tambem cincoenta boccas. 40 (Alguns querem 41 que este fosse o mesmo que Briareo.) Costumavaõ pintallos cõ pès de dragaõ, donde lhes davaõ epitheto de *anguipedes*, & *serpentigenas*; para mostrarem que nada tinhaõ de sublime, & recto, & que em passos torcidos caminhavaõ para as cavernas tartareas. 42 Os mais celebres nas fabulas saõ (alèm dos jà nomeados) Tyfeo, Japeto, Aleo, Efialtes, Encelado, Polyfemo, Antheo, Astreo, Porfirion, Adamastor, & Numas.

8 Na verdade da Escritura lemos, que o Rey de Basan era de casta de Gigantes, & que em Rabbath se mostrava o seu leyto, que era de ferro, & tinha nove covados de comprido, & quatro de largo, 43 & que o Gigante Goliath era de seis covados, & hum palmo de alto; & as armas que trazia eraõ de pezo, que naõ se pudera crer, se o naõ differa o Texto sagrado. 44

9 Nas historias humanas Arthacus Persa, no tempo de Xerxes tinha de alto cinco covados: outros tantos tinha Eleazaro Hebreo, q̃ Arthabano Rey dos Parthos mandou a Tiberio

25 *Advertit Benedict. Fernand. in 4. Genes. sect. 18 n 1. in fin.*
26 *L. Nam ad eas ff. de legib.*
27 *Genes. 4. 6. 2.*

28 Mitimur in vetitum.
29 *Theodor. in Gen q. 47.*

30 *Bened. Perer. in Gen. l. 8. n. 113. & 116.*
31 *Supra c. 19 n 3.*
32 *Latè D. Chrysost. relatus à Franco in Camp. Elys. q. 25. n. 8.*
33 *D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c 9. Cassanion de gigant. c. 6.*
34 *Refert, & reprobat Perer. d. l. 8. n 127.*
35 *P. 2. c. 3. n. 5.*
36 *Ovid. Metam. l. 9. & Fast. 5. Virgil. Æneid. 6.*
Ubi cælifer Atlas.
Stat Thebaid. l 8.
Astriferumque domus Atlanta supernas ferre laborantem.
37 *Virg Æneid. d. l. 6.*
Nec non Tityum, cui tota novem per jugera corpus porrigitur.
38 *Virg. supra.*
Et centum geminis Briareus.
Horat. 1. Carm.
Nec si resurgat centimanus Gigas.
39 *Ovid. 4 Trist*
Centimanumque Gygen.
40 *Virg. Æneid 10.*
Ægeon qualis, centum cui brachia dicunt,
Centenasque manus, quinquaginta oribus ignem.
Claudian. l. 1. de rapt. Proserp.
Hæc centũgemini strictos Ægeonis enses.
41 *Referunt Textor in offic. p. 1. tit Gigant.*
Viana no comment. a Ovid. Metam. l. 1. n. 3.
42 *Ita explicant Macrob. Saturn 1. c. 20.*
Textor supra.
43 *Deut. 3. 11.*
44 *1. Reg. 13.*

rio Cesar: Orestes sete, Arnathas Bebricio oyto, Harthbeno nove, Gemagog doze. No Pontificado de Clemente VII. se achou o cadaver de Pallante, filho d'elRey Evandro, cuja gentileza encareceo Virgilio, 45 (posto que fabulou, que fora queymado;) & era taõ grande, que levantado em pè podia chegar ás ameas dos muros de Roma. 46 Com hum terremoto se descobrio em certo monte de Creta hum corpo de quarenta & seis covados; huns imaginaõ que era de Orion, outros o de Oton: 47 o que se faz crivel, escrevendo Santo Agostinho 48 que na costa de Utica, ou Biserta, vio hum dente molar de hum corpo humano, que lhe pareceo teria cem dentes dos nossos. Francisco Drak Inglez, quando foy roubar as Indias de Castella, achou Gigantes de tres varas de alto. 49 Na famosa casa de Anatomia, que tem a Universidade de Leyde em Hollanda, vi encostadas à parede tres, ou quatro ossadas de corpos inteyros, que teriaõ a mesma altura, & me disseraõ, que haviaõ sido trazidos das mesmas Indias.

45 *Virg. Æneid. l. 11.*

46 *P. Mendoça in viridar. l. 4. problem 2 n. 8.*

47 *Joseph de antiq. l. 18. c. 6. Plin. l. 7. c. 16. Textor supra.*

48 *D. Aug. de Civ. Dei d. l. 15. cap. 9.*

49 *Luis Cabrera na hist. del-Rey D. Filip. II. l. 12. c. 23.*

10 Geriaõ, que no antigo tempo reynou em Hespanha, vencido por Hercules nos campos do Mondego, aonde o lugar da *Gerta* conserva seu nome, disseraõ os Poetas, 50 que era Gigante, & com tres cabeças; o que entendem os Historiadores, 51 que se fabulou de serem tres irmãos taõ conformes, que pareciaõ tres cabeças regidas por huma só alma; ou porque era homem de grande conselho, ou porque senhoreava tres Reynos; mas eu o naõ avalio totalmente por fabula; pois o Chronista Fr. Bernardo de Brito 52 escreve, que em Portugal junto de Braga nascèraõ dous meninos, cada hum com duas cabeças, & em outras partes se vio por vezes o mesmo; & hum com quatro cabeças; & outro com sete; ao que os Filosofos, & Medicos achaõ causa facilmente. 53 Lembrame, que no anno 1629. pouco mais, ou menos, vi em Madrid hum moço que se mostrava por dinheyro, com duas cabeças, & andava jugando o toque emboque. Depois o torney a ver em Inglaterra no anno de 1641. & entaõ com mais idade, & juizo o notei melhor, & lhe fiz perguntas; era Genovez, de vinte & cinco, ou vinte & seis annos, bem disposto do corpo: o rosto da cabeça principal muyto bem figurado, com seu bigode; & vestia galante, de seda com sua espada; do peyto lhe sahia outra cabeça com seu pescoço, & parte dos hombros de outro corpo, como deytada de costas; o rosto desta era grosseyro, mas perfeyto; estava sempre com os olhos cerrados, como que dormia; se o lastimavaõ, mostrava doerse; & o principal naõ sentia. Este a sustentava com huma toalha, que trazia ao pescoço, andava muyto leve; & desembaraçado; do que comia se sustentavaõ ambos, servindo-se de hum mesmo estomago. E assim naõ seria muyto que Geriaõ com tres cabeças reynasse, & pelejasse com Hercules.

50 *Virg. d. l. 6.*
Gorgones, Harpyæque, & forma tricorporis umbræ: *& l. 8.*
Tergemini nece Geryonæ,
Spoliisque superbus.
Ovid Metam. 9.
---------- nec me pastoris Iberi
Forma triplex, nec forma
triplex tua, Cerbere movit.

51 *Pineda Monarch. Eccles. p. 1. l. 2. c. 8. § 7. Britto, Monarch. Lusit. p. 1. l. 1. cap. 10. in pr. inc.*

52 *Britto sup. p. 2. l. 6. cap. 9.*

53 *Franco in Comp. Hyst. q. 45. n. 14 44 & 45. Hieron. Cortes nos Secret. natur. trat. 5 c. 7.*

11 Houve outros homens de grande estatura. Agatho

Athenienſe, imperando Adriano, tinha de alto oyto pès. Gabara Arabio, no tempo de Plinio, mais de nove; Pulio, & Secundilla, tinhaõ dez pès de alto: Poro Rey da India, a quem Alexandre venceo, tinha quatro covados, & hum palmo: ao Emperador Maximo ſerviaõ de ancis os braceletes da Emperatriz ſua mulher; 54 & com tudo naõ ſe avaliáraõ aquelles homens por Gigantes; do que parece que em aquelles ſeculos eraõ os homens mayores que hoje, pois taes eſtaturas ſó ſe notavaõ; por grandes hoje outras muyto menores ſe moſtraõ por admiraveis. No anno de 1669. vi em Londres hũa mulher, que tendo dez palmos de alto ganhava muyto dinheyro em ſe deyxar ver; & em Irlanda no porto de Kinſaile; no meſmo anno me moſtràraõ por couſa extraordinaria outra mulher do campo, quaſi da meſma eſtatura; ambas tinhaõ muyto bom parecer.

54 *Textor ſup. cum Plin. d. l. 7. c. 16.*

12 Eſta queſtaõ tratou eruditamente o curioſo Gaſpar dos Reys Franco, no ſeu agradavel livro, *Campo Elyſio*; 55 & reſolve, que nem niſto, nem em outras couſas, fez a natureza mudança. Mas o contrario ſe lè expreſſo no livro quarto de Eſdras, q̃ poſto q̃ naõ he Canonico, tẽ grande authoridade, dizendo: 56 *Conſideray, que ſois de menor eſtatura, que os que foraõ antes de vòs; & os que vos ſuccederem ſeraõ de menor que vòs, quaſi envelhecendo-ſe as creaturas, & paſſando a fortaleza de ſua mocidade.* He a meſma razaõ que jà démos 57 das vidas ſerem mais curtas. Já em ſeus tempos o notàraõ Homero, Juvenal, Plinio, Santo Agoſtinho, & outros Eſcritores. 58 Ve-ſe em Marſelha de França a cabeça de Santa Maria Magdalena muyto mayor que as das mulheres ordinarias; 59 & do que o ſagrado Evangelho diz deſta Santa, parece que devia ſer proporcionada, & formoſa. Notey na Sè da Cidade de Compoſtella em Galliza, que a Imagem de Santiago, que em meyo corpo eſtà no Altar mayor, repreſenta homem quaſi agigantado; differaõ-me, que de tempo muyto antigo era daquelle modo, & he verosimil que ſe faria repreſentando a eſtatura do Santo, ou a de qualquer homem ordinario daquelle tempo. O inſigne Patriarca S. Bento, que era de gentil compoſtura no corpo, tinha dez para onze palmos de alto. 60 Parece que iſto ſe faz indubitavel pelos mayores oſſos que ſe achaõ nas ſepulturas antigas. No anno de 1634. mudàraõ os Religioſos de Saõ Joaõ de Tarouca da Ordem de Ciſter, a ſepultura do Infante D. Pedro, filho do noſſo Rey D. Dinis, & ſe achou inteyra a armaçaõ dos oſſos, tendo de comprido quaſi onze palmos, & meyo, & foy em ſeu tempo avaliado por homem de galharda diſpoſiçaõ. 61 O meſmo ſe vè pelas armas de alguns Reys, q̃ ſe conſervaõ em Templos como troſcos de ſuas vitorias. Na Igreja da inſigne Collegiada de N. *Senhora* da Oliveyra da Illuſtre Villa de Guimaraens, eſtà huma veſte, que o memoravel Rey Dom Joaõ I. trazia debayxo das armas, que moſtra bem ſua grande eſtatura. Nos Reaes

55 *Franco in Camp. Elyſ. q 25.*

56 *Eſdr. l. 4. c. 5. n. 54.*

57 *Sup. 46. n. 7.*

58 *Homer apud Plin. l. 7. c. 16. Juvenal Satyr. 15. Plin. d. c. 16 D. Aug. de Civ. Dei l. 15. c. 9. Alii apud Franco in Camp. Elyſ. q. 25. à n. 1. Pineda, Monarch. Eccl. t. 1. c. 14. § 3. Brito Monarch. Luſit. p. 1. l. 1. c. 2.*

59 *Vitb gas, Flos Sanct. vida de Santa Maria Magdalen. ad fin.*

60 *Doctor Fr. Joaõ de S. Thomàs na Ben. diſtina Luſit. no fin do tom. 1.*

61 *D. Fr. Franciſco Brandaõ na Monarch. Luſit. p. 5. l. 17. c. 3. no fim.*

Reaes Conventos de Santa Cruz de Coimbra, Alcobaça, & em outras partes ſe guardaõ eſpadas, maças, & armaduras, que era impoſſivel ſervirẽ a homem deſte tempo. Em Londres na Igreja de Wesmeſter, que foy nobiliſſimo Convento de Monges Benedictinos, & he ſepultura dos Reys, & no Caſtello, & Paço de Winſol, cinco leguas da meſma Cidade, vi eſpadas dos Reys antigos, do meſmo pezo, & grandeza; do que ſe ſegue que tambem os cavallos eraõ muyto mais corpulentos, & forçoſos que hoje; pois de outra maneyra naõ eraõ iguaes a tanta carga.

13 Confirma-ſe com que em boa proporçaõ da ſimetria, abrindo o homem os braços, & eſtendendo mãos, & dedos, eſta braçada he a medida da ſua eſtatura; 62 & de tempos antigos ficou introduzido, no que ſe mede por braçadas, fazellas de dez palmos; (poſto que hoje os braços, & mãos eſtendidas naõ chegaõ a tanto) ſinal de que entaõ faziaõ aquella medida, & por conſequencia as eſtaturas ordinarias eraõ de dez palmos de hoje.

62 *Pedro Mexia na Sylva de var. liçaõ l. 2. c. 19.*

14 Naõ faz contra iſto dizerem os antigos, que a perfeyta eſtatura era ao menos de ſeis pès, & que naõ paſſaſſe de ſete, 63 que vinha a ſer ſete para oyto palmos, ſendo pès geometricos, de quatro palmas de maõ, cada palma de quatro dedos de largo: & ſe diz, que de tal eſtatura foy *Chriſto* Senhor noſſo; 64 pelo que Suetonio 65 chamou a Octaviano de meã eſtatura, ſendo de cinco pès, & hum drodante, (que ſaõ nove partes de doze) & vinha a ſer de ſete palmos, ou pouco mais, o que tudo naõ diſcrepa muyto do que temos hoje. Porque ſe reſponde, que pois diſſemos que as eſtaturas daquelles tempos eraõ mayores, ſegue-ſe que os pès o eraõ; & aſſim os que ſe ſinalavaõ à eſtatura perfeyta, faziaõ mais que os de agora; & no Santo Sudario de *Chriſto* Senhor noſſo ſe acha comprimento de nove palmos de hoje. Corrobora-ſe eſta repoſta, vendo que Plinio com Varraõ 66 nomea a Manio Maximo, & Marco Julio por notavelmente pequenos, dizendo que eraõ de dous covados de alto; eſtatura que hoje ſe naõ notàra por taõ pequena como elle a nota.

63 *Mex. ſup. ex Vitruvio, & Vegetio.*

64 *Matute na Proſop. de Chriſt. idade 5. c. 4. §. 1.*
P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria, na hiſt de noſſa Senhora l. 1. c. 14. n. 1.

65 *Sueton. in Octavian.*

66 *Plin. d. l. 7. c. 16.*

15 O meſmo procede nas forças; foraõ-ſe diminuindo à proporçaõ dos corpos. Com Virgilio o advertio Santo Agoſtinho: 67 Galeno o reconheceo para os remedios, comparando o ſeu tempo com o de Hippocrates; 68 & bem ſe moſtra nas armas que diſſemos, das quaes ſeria impoſſivel uſar hoje.

67 *Virg. Æneid. 12.*
Vix illud lecti bis ſex cervices ſubiren, Qualia nunc hominum producit corpora tellus.
D. Auguſt. d. l. 15. c. 9.

16 He verdade que vio a noſſa idade homens, que pondo a maõ no peyto de hum cavallo no impeto da carreyra, o faziaõ parar: que fugeytavaõ, & derribavaõ hum touro pegandolhe pelas pontas: que com huma maõ levantavaõ por hum pè hum bofete: que com os braços eſtendidos ſuſtentavaõ em cada palma da maõ hum homem, & tomavaõ, & manejavaõ pezos grandiſſimos; vem-ſe bolantins, que daõ ſaltos eſtupendos,

68 *Galen. comment. 2. de fract. text. 27. & 6 aphor. 28. 29. & 30.*

& voltando o corpo, exercitaõ forças admiraveis.

17 Porèm ſe para a regra geral ſe pudera argumentar de caſos particulares, a antiguidade nos deyxou exemplos mayores, ſem contarmos Samſaõ myſterioſo, nem Hercules fabuloſo em parte. Milon natural de Croton, Cidade de Italia na Calabria, corria de apoſta com qualquer homem hum eſtadio Romano (que ſaõ cento & vinte & cinco paſſos) ſem tomar alento, levando às coſtas hum touro vivo, & ganhava o preço; & matava hum touro com huma punhada. 69 Mas hum Tirermo apoſtando com elle a forças, levantou hum penedo que Milon naõ pode mover; & por hum pè teve maõ em hum touro furioſo, com admiraçaõ do meſmo Milon. 70 Polydames no Reyno de Dario (filho de Artaxerxes) de quem foy eſtimado, tambem pegando no pè de hum touro furioſo, o teve atè q̃ lhe deyxou a unha na maõ; & detinha os carros correndo a toda a furia de quatro cavallos. 71 Seleuco Nicanor Emperador de Aſia, ſoltando-ſe hum touro que eſtava para ſer ſacrificado, o teve com a maõ por huma ponta, como ſe o tivera atado com cordas. 72 Tuſio Salvio ſubia eſcadas levando nos pès duzentos arrateis, nas mãos outro tanto, & outro tãto em cada hombro. 73 Plinio conta que vio hum chamado Athanato paſſear no Theatro veſtido de cincoenta couraças de chumbo, & com huns çapatos que pezavaõ quinhentos arrateis. 74 Eſcreve-ſe 75 que Cynegiro Athenienſe, na guerra contra os Perſas, deteve com a maõ direyta huma náo contra a força do vento: ſendolhe cortada, a deteve com a eſquerda: & ſendo-lhe tambem cortada, a deteve com os dentes, pegando em alguma corda; entaõ eraõ as nàos barcos; mas ainda aſſim parece incrivel. O Emperador Maximino corria mais que hum cavallo. 76 De outros admiraveis em correr faz mençaõ Plinio. 77 Amelongo, Soldado de Remualdo Rey dos Longobardos, com o bote de hum bordaõ tirou da ſella a hũ cavalleyro Grego, & o lançou para o ar por ſima de ſua cabeça. 78 Outros exemplos traz Raviſio Textor, 79 & naõ ſe pòdem referir facilmente os que ha mais. Atè de huma velha Grega conta Stobeo, 80 que trazia hum touro nos braços; tinha-ſe coſtumado de quando era bezerro que mamava.

18 De ſerem hoje menores as eſtaturas, & forças, naõ ſe ſegue naturalmente que hajaõ de hir diminuindo ao meſmo paſſo que atègora, & em conſequencia ſe venhaõ a aniquilar em breve tempo, como argumentaõ os que dizem que nellas naõ tem havido mudança. 81 Porque aſſim como nos primeyros ſeculos obrou a Divina Providencia para as largas vidas, como em ſeu lugar diſſemos; 82 aſſim obrarà q̃ naõ ſe deſtrua a natureza em quanto durar o mundo, decreſcendo ſó atè certos limites; & aſſim vemos que jà de dous ſeculos a eſta parte naõ houve díminuiçaõ notavel.

19 Parece que ſe deleyta a natureza, jogando, ou zombando

69 *Mexia ſup. l 1. c. 19. Jul de Caſtilh. biſt. dos Godos lib. 3. diſcu ſ 3*

Agrida nos lugares com. verbo, Milon.

70 *Celius l. 11. c. 69.*

71 *Celius l. 7. c. 56.*

72 *Genebrard. Chronol. c. 2.*

73 *Plin. l. 7. c. 20.*

74 *Plin. ibidem.*

75 *Textor in offic. p. 1. tit. fortiſſimi, ex Ivogo, & Herodoto.*

76 *Marian. biſt. de Heſpanh. l. 4. cap. 9.*

77 *Plin. d. c. 20.*

78 *Textor ſupra ex Paulo Diacono.*

79 *Textor d. tit. fortiſſimi.*

80 *Stob ſerm. 29 in 1. tom.*

81 *Aſſim argumenta Franco d q. 25 n. 3 verſ. in maxima.*

82 *Sup. c. 46. n. 6.*

do na variedade de ſuas obras; aſſim como fez gigantes, & homens de grandes forças, faz anãos, & talvez animoſos. Quando no anno de 417. de *Chriſto*, os Godos matàraõ em Barcelona a ſeu Rey Ataulfo, hũ anaõ chamado Belmulfo lhe deu a primeyra punhalada. 83

20 Faz Pygmeos, que tem ſó tres palmos de alto: Plinio eſcreveo, que habitavaõ na ultima parte dos montes da India; & diſſe com Homero, & Ariſtoteles, & o tocou Ovidio, 84 q̃ tinhaõ guerra com as gralhas, contra as quaes ſahiaõ com exercito, cavalleyros em carneyros, ou cabras, armados de ſettas, & aſſim bayxavaõ ao mar a quebrar os ovos, matar os pequenos filhos daquelles inimigos, para os diminuirem; & q̃ faziaõ caſas das pennas, & caſcas dos ovos das meſmas aves, ou viviaõ em cavernas da terra. Os Filoſofos 85 affirmaõ, que ainda que tem feyçaõ de homens, o naõ ſaõ; porque nem tem razaõ, nem ſabem diſcernir; mas que tem boa imaginativa. Tambem Avicena, & Santo Alberto Magno entendem que os ha; Cardamo, & Marco Antonio Aſſen o negaõ. 86 Poderia havellos em tempos antigos, poſto que hoje os naõ haja; como houve muytos homens de duas cabeças, & hum ſó pè taõ grande, que com elle ſe reparavaõ do Sol outros; & mulheres ſem cabeça com os olhos muyto grandes fixados nos peytos; outros com hum ſó olho na teſta; o que alèm do que eſcrevèraõ Plinio, & outros Authores, 87 authoriza Juliaõ de Caſtilho na hiſtoria dos Reys Godos com teſtemunho de Santo Agoſtinho, que conta que os vio hindo prégar à Ethiopia. 88

21 Mas que pouco importa ſer pequeno, ou grande no corpo, & nas forças! a grandeza ſó ſe mede na alma: mayor era (conſiderou S. Joaõ Chryſoſtomo 89) David, que Goliath; naõ louvemos, nem vituperemos (diſſe o Eſpirito Santo no Eccleſiaſtico 90) pela apparencia; que pequena he a abelha, & tem o principado de doçura entre o que voa; que ſe fez daquelles gigantes na eſtatura, & de tantos gigantes no poder? 91 Muytos pequenos de que o Mundo ſe ria, eſtaõ mayores que elles; o que importa he ſer grande no Ceo, & para iſto ſe ha de ſer eſpiritualmente pequeno na terra, 92 & o mais pequeno ſerá o mayor, 93 como Franciſco Serafico. Saõ Chriſtovaõ naõ he hoje grande por haver ſido agigantado, mas por haver ſido muyto humilde. Do que ſe tem dito da humildade, baſta repetir o que notou o grande juizo de Santo Agoſtinho: que naõ nos encomendou *Chriſto*, que aprendeſſemos delle mais que ſer humildes como elle o foy: 94 he o fundamento de todo o edificio da grandeza.

83 *Jul. de Caſtilho, hiſt dos Godos l. 1. diſcurſ. 10.*

84 *Plin. l. 7. c. 2. ad fin. & l. 10. c. 23. in princip.*
Homer. Iliad. l 1. circa princ.
Ariſtot. de nat. anim. l. 8. c. 12.
Ovid. Metam. l. 6.

85 *Cum Ariſt. d. l. 8. c. 4.*

86 *Refere eſtas opiniões Viana no comment. Ovid. Met. d. l 6. n. 5.*

87 *Plin. d. l. 7. c. 2.*
Hieron. Cortes not. ſecr. et. nat. tract. 5. c. 7.

88 *Caſtilho ſup. l. 1 diſcurſ. 5. allegando S. Agoſtinho na 3. parte o elpelho de conſolaçaõ.*

89 *D. Chryſoſt. hom. 17. prop. fin. ad popul. Antioc. in 5. tom.*

90 *Eccleſiaſt. 11. 2.*

91 *Baruc. 3. 16.* Ubi ſunt Principes gentium, &c.

92 *Matth. 23. 12.*

93 *Matth. 18 à n 3.*

94 *Matth* 11 29. Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde. *Joan.* 13. 15 Exemplum enim dedi vobis, &c.
D. Aug. de verb. Dom. Diſcite à me, &c.
Cogitas magnam conſtruere fabricam celſitudinis? de fundamento priùs cogita humilitatis.

CAPITULO XLIX.

Como os homens ſe depravàraõ em peccados pelos caſamentos que ſe fizeraõ. Trata-ſe com exemplos dos males, & bens que vieraõ ao Mundo por mulheres.

1 DEpois da ſetima geraçaõ do Mundo começáraõ os homens a depravarſe todos geralmente em peccados. 1 Mortos Adam, & *Eva*, ſe conſummáraõ em toda a maldade; parece que o reſpeyto aos primeyros Pays lhes era algũ freyo, ainda nas partes mais remotas. Diz o Texto ſanto, 2 que era muyta a malicia, & todo o cuydado intento ſempre ao mal. E que (a noſſo modo de fallar, por ſemelhança, & effeyto 3) ſentio Deos iſto no coraçaõ, & lhe pezou de haver feyto o homem; grande encarecimento, amando-o tanto. Os Eſcritores 4 declaraõ, que ſe commettiaõ peccados taõ horrendos, que referillos offenderiaõ os ouvidos; atè as tenras crianças arrancavaõ dos peytos das máys para alimento regalado.

2 Moſtra o Texto, que procedeo eſte mal de caſarem as vicioſas deſcendentes de Caim com os virtuoſos de Seth; 5 couſa notavel, que as mulheres cõmunicaſſem o mal, & os maridos naõ communicaſſem o bem: a doença pega-ſe, & a ſaude naõ; 6 & as mulheres ſaõ mais tenazes em crer, mais efficazes em perſuadir; 7 ſaõ Serpas que encantaõ; 8 mal ſe reſiſte às ſuas razoens: 9 acabaõ o que o demonio ſe naõ atreve a intentar, naõ ſe atreveo elle a perverter Adam, & o negociou pela mulher. 10

3 O mal, que Euripides deſejava a ſeus inimigos, era que as tiveſſem por inimigas; 11 porque ſaõ mais féras que as féras, diſſe o Eſpirito Santo pelo Eccleſiaſtico: 12 os dragoens, & aſpides temèraõ ao Bautiſta: 13 & Herodias o degollou: 14 os corvos alimentàraõ a Elias, 15 & Jeſabel o perſeguio; aquelle que reſuſcitou mortos, fechou, & abrio as nuvẽs, trouxe fogo do Ceo, voou em carro de fogo, & naõ vio a morte, ſó a mulher temeo; 16 & eſſa naõ reſpeytou o ſerviço que elle fizera livrando de fome todo o Reyno. 17 Os Leoens perdoáraõ a Daniel; 18 a Balea ſalvou a Jonas; 19 outras féras ſe moſtràraõ agradecidas; 20 ſó à mulher nada move. Naõ moveo a Dalila ver-ſe taõ amada de Samſaõ, para deyxar de o deſtruir; naõ ſe obrigou de ſua gentil diſpoſiçaõ, nem do valor com que deſpedaçou Leões; com q̃ matou mil inimigos com a queyxada de hum animal morto, com que tirou, & levou ſobre ſeus hombros a porta da Cidade, nem de ſer taõ favorecido de Deos, que lhe deu fonte milagroſa para ſatisfazer a ſede; a tudo antepoz o dinheyro, que os Filiſtheos lhe promettèraõ. 21

1 *Joſeph de antiq. l. 1. c. 4. S. Theodoret. in Gen. q. 47. Bened Perer. in Gen. l 8. n. 6.*
2 *Geneſ. 6. 5.*
3 *Sic explicat Pererius d. l. 8. n. 151. & 156*
4 *Pineda na Monarch. Eccl. p. 1. l. 1. c. 24. §. 3.*
5 *Diſſemas acima c. 48. n. 4. & 5.*
6 *Franc. de Sà de Miranda, na Eclega de Baſto, eſt. 49.*
Olhe cada hum per ſi,
O bem naõ he como tinha,
Naõ ſe pega taõ azinha,
O mal póde ſer que ſim.
A cauſa apenia Franco in camp. Eliſ. q. 16. n. 10.
7 *Bened. Fern. in Gen. ſect. 12. n. 6.*
8 *D. Ambroſ. ſerm. 55.*
9 *D. Baſil. l. ac aſpir. ad perf.*
10 *Gen. 3.*
11 *Euripid. in Oedip.*
11 *Eccleſiaſt. 25. 23.* Commorari Leoni, & Draconi placebit, quàm habitare cum muliere nequã.
13 *Notat D. Chryſoſtom. hom. 14. in decollat S. Joan Bapt. in 2. tom.*
14 *Matth 14. Marc. 6.*
15 *3. Reg. 17. 6.*
16 *3 Reg. 19.*
17 *3. Reg. 17. & 18. & l. 4 c. 2.*
18 *Dan. 6.*
19 *Joan. 2.*
20 *Diſſemos no c. 19. n. 11.*
21 *Judic. 14. cum ſeq.*

4 Entre os animaes (notou S. Joaõ Chryſoſtomo 22) nenhũa femea mata a ſeu macho, ſenaõ a mulher. Albina filha de hum Rey de Lydia teve trinta & duas irmãs, que todas matàraõ ſeus maridos: 23 eſcreve-ſe, que Danao filho de Belo teve cincoenta filhas, que caſáraõ com outros tantos filhos de Egiſto, & conjurando-ſe todas as quarenta & nove matáraõ ſeus maridos em huma noyte; ſó Hyrpeneſtra perdoou ao ſeu chamado Lynceo. 24 Ryſimunda filha de Cominungo Rey dos Gepidos matou dous maridos, q̃ foraõ Albino Rey dos Lõgobardos, & Hemilge, que foy o ſegundo; 25 mais modernamente Joada, mulher de Andrè Rey de Proença, filho de Carlos Rey de Hũgria, enforcou o marido ajudada de outras mulheres; 26 outras muytas aponta Textor na ſua Officina. 27

22 *Chryſoſt. d hom. 14.*

23 *Volaterran. apud Textor in offic. p. 1. tit. mulier, quæ mariti. interfecer.*

24 *Senec. Tragic. in Hercul. fur. Ovid. de art. amand l. 1.*

25 *P. Mexia na Sylva de var. lig. l. 2. c. 24.*

26 *Mexia ſup l. 2. c. 19. in fin.*
27 *Textor ſupra.*

5 Muytas vezes ſuccedem outros exemplos, mais abominaveis à viſta, do que maridos fizeraõ pela vida de ſuas mulheres; 28 entre os quaes he memoravel o exemplo de Tito Graco, que achando em ſua caſa duas cobras, macho, & femea, & dizendolhe hum agoureyro, que ſe mataſſe o macho, morreria elle primeyro que ſua mulher, & ſe mataſſe a femea, ella morreria primeyro, matou o macho, abreviando a ſua vida por alargar a da mulher; naõ ſey (diſſe Valerio Maximo) ſe mais ditoſa em haver logrado tal marido; ou mais miſeravel em o perder.

28 *Apud Valer. Max. l. 4. c. 6.*

6 Paſſaõ a deſtruir, ou perturbar Reynos, & Monarquias. Aſſyria o vio em Berenice; Troya em Helena, Lacedemonia nas donzellas Cedaças de Thebas, os Samios em Aſpaſia, Perſepoli em Thais, Judèa em Athalia, Egypto em duas Cleopatras, o Imperio Romano em Agrippina, & em huma das Eudoxias, o Grego em Theofane, & duas Zoes, o Alemaõ nas duas mulheres de Otho III. França em Fredegonde, Brunichilde, Judith, & Leonor; Heſpanha em Florinda, Italia em Muſonia, Inglaterra em Anna Bulena.

7 Muytas ſe armàraõ contra Deos, & ſeus ſervos. A mulher de Putifar contra o caſto Joſeph; Jezabel, & Herodias contra Elias, & o Bautiſta; a Emperatriz Theodora cõtra o Papa S. Sylverio; Eudoxia Emperatriz, deſterrando, & reduzindo à morte o Principe da Eloquencia Chriſtã. S. Joaõ Chryſoſtomo, eſpirito de Paulo de quem ſe profeſſou devoto; 29 Juſtina mãy do Emperador Valentino Junior, favorecendo o Arrianiſmo. Eſcuſa-ſe relaçaõ de outras na lembrança de *Eva*; que arruinou o marido mais ſanto, & o mayor imperio temporal, & eſpiritual, como imos deſcrevendo; foy ſerpente para todos, como a ſerpente para ella: *O' mulher ſummo mal dos homens*, (exclama S. Joaõ Chryſoſtomo, 30) *lança mais aguda com que o demonio fere.* Pelo reſpeyto que lhes devemos como a mãys; omittimos outros exemplos, & tragamos mais numeroſos que as acreditaõ.

29 *D. Chryſoſt. hom. 11. Gen. ad fin.* Beatus Paulus: flagro amore hujus viri, & propterea verſatur ipſe in ore meo.

30 *D. Chryſ. hom. 14. ſuperius allegata:* O malum ſummum, & acutiſſimum diaboli telum mulier.

8 Com a meſma efficacia obraõ as que ſe applicaõ às virtudes, muyto mais louvaveis por exceyçaõ da regra. A filha de

Faraò,

Faraò contra o cruel edicto de ſeu pay, ſoube criar a Moyſés com inſigne piedade: 31 Rahab cõ ardil myſterioſo livrou os exploradores de Joſué: 32 Debora infundio valor nos Hebreos para vencerem a Siſara, & Jael teve animo para o matar: 33 Judith obrou a façanha de degollar a Holofernes: 34 huma viuva amparou a Elias da furia de Jeſabel: 35 Sunamitide pobre hoſpedou liberalmente a Eliſeo. 36 A mãy dos ſette Macabeos foy raro exemplo de conſtancia a todos na obſervancia da ley; 37 & tantas Martyres Chriſtãs ſe fizeraõ ſoberanamente glorioſas.

31 *Exod.1.*
32 *Joſué 2.*
33 *Judic 4.*
34 *Judith 8.cum ſeqq.*
35 *3 Reg 17.*
36 *4.Reg.4.*
37 *2.Macbab.7.*

9 Nas hiſtorias humanas (deyxada como fabulofa a fineza de Aleſtes mulher de Admeto) as Amazonas em vingança das mortes de ſeus maridos, ſahiraõ da Scythia Aſiatica a fazer guerra aos moradores das ribeyras do Termodonte em Cappadocia, donde teve principio ſua hiſtoria taõ celebre. 38 Artemiſia em Caria fabricou a ſeu marido Mauſolo taõ cuſtoſo monumento, que ainda imperfeyto foy hũ dos milagres do Mundo; & em ſi meſma lhe levantou outro mais auguſto, bebendo ſuas cinzas 39 para participar de ſua morte, & o fazer vivo em ſeu peyto. Paulina, mulher de Seneca, ſe abrio as veas para morrer como elle, & eſtando para eſpirar, lhas fez cerrar Nero, por lhe naõ permittir aquella gloria. 40 As Lacenas, mulheres dos Minias, eſtando os maridos prezos pelos Spartanos, para nelles ſe executar a pena de morte, em hũa noyte (como era coſtume entre os Lacedemonios) alcançada licença dos guardas do carcere, para lhes darem o ultimo abraço de deſpedida, trocando os veſtidos com os maridos, os fizeraõ ſahir com as cabeças, & roſtos cubertos, como em final de dor, ficando ellas ſugeytas à pena; 41 o que em Heſpanha imitou a Infante Dona Sancha, livrando o Conde Fernaõ Gonçales ſeu marido da prizaõ del-Rey de Leaõ. 42 Por muytos baſtaõ dous exemplos; hum na famoſa vitoria, que o Romano Mario alcançou dos Teutonos, Cymbros, & Tigurinos, que com ſuas mulheres haviaõ ſahido do Septentriaõ, & inundavaõ Italia; na qual morrendo delles trezentos & quarenta mil, & ſendo priſioneyros cento & quarenta mil, naõ houve mulheres priſioneyras, porque todas, ou morrèraõ pelejando, ou ſe matàraõ, perdidos os maridos. 43 Outro exemplo na guerra do Emperador Conrado III. com Guelfo ſucceſſor nella de ſeu irmaõ Henrique o *Soberbo* Duque de Saxonia, rendendo-ſe a Conrado a Cidade de Vinsberg a partido, de que ſó as mulheres ſahiriaõ livres com o que pudeſſem levar; ellas ſahiraõ cõ os maridos ſobre ſeus hombros; acçaõ que aplacou a ira do vencedor; 44 & pela qual mereceo aquella guerra ficar mais memoravel, que por ſer origem (ſegundo alguns Authores 45) das facçoens de *Guelfos*, & *Gebellinos*, que tantos annos perturbáraõ Italia; aquelles inimigos de Ceſar, tomando o nome de *Guelfo* ſua cabeça; eſtes Ceſarienſes, tomando o de *Cebellinga*, patria do meſmo Emperador

38 *Mexia na Sylva l.1 c.10.*

39 *Strab.14.*
Plin.34.
Pomp.Mel.l.2.
Conrad.Geſner.in Onomaſt.propr. nom verb.Artemiſia.
Herodot.l.7.

40 *Joaõ Pablo Martyr.Riſo na vida de Seneca, no fim.*

41 *Valer.Max.d.l.4.c.6.*

42 *Mariana hiſt.de Heſp.l.8.c.7.Caſtilho na hiſt.dos Godos.l.3.diſcurſ.9.*

43 *Floſcul.hiſt.p.1.c.9.ad med. verſ.anno ſequenti.*

44 *Floſcul.hiſt.p.1.c.4.ad fin.*

45 *Floſcul.hiſt.ſupra.*
Nancler o referido por Mexia, na Sylva l.1.c.ult.no fim.

rador; 46 ſe bem outros daõ naſcimento a eſtas facçoens na guerra do Emperador Federico II. com o Summo Pontifice Gregorio IX. de dous irmãos aſſim chamados em Pyſtoya Cidade de Toſcana, que ſeguíraõ partes contrarias.

10 Aſſim tambem de illuſtres mulheres reſultàraõ ao publico grandes utilidades. Na hiſtoria ſagrada, alèm das que jà nomeàmos, 47 he inſigne exemplo a fermoſa Eſther, por quem os Iſraelitas ſe livráraõ de huma mortandade geral. 48 Na humana Zenobia Rainha dos Palmireos, viuva de Odenato, caſta, & varonilmente defendeo os Eſtados de ſeus filhos pupillos contra o vitorioſo poder do Perſa, & largo tempo contra os Romanos, de quem triunfou triunfada. Dominica, viuva do Emperador Valente, defendeo Conſtantinopla dos Godos vitorioſos de ſeu marido. Por Placidia irmã do Emperador Honorio, que caſou com Ataulfo Godo, ſe preſervou o Imperio Grego do furor daquella naçaõ. A irmã de Dom Pelayo offendida, occaſionou que elle em vingança principiaſſe a reſtauraçaõ de Heſpanha contra os Mouros. Joanna de Lorena, que chamàraõ a Donzella de Orleans, paſtora, & de vinte annos, foy admiravel na defenſa de França, no tempo delRey Carlos VII. contra Inglaterra. Duvido ſe foy louvavel, ou reprovavel a acçaõ de ſetenta mil mulheres Inglezas, que conjuradas maltàraõ todas em hũa noyte ſeus maridos Dinamarquezes, para livrarem ſua patria daquelles Conquiſtadores; ſey q̃ Inglaterra as acclama Libertadoras; por iſſo as Leys daquelle Reyno cõcedèraõ ás mulheres os grandes privilegios de q̃ gozaõ. Deyxo Roma filha de Athlãte Italo, antigo Rey de Heſpanha, fundadora de Roma: 49 Dido fundadora de Carthago, & outras fundadoras de eſtados illuſtriſſimos; entre as quaes reſplandece a clariſſima Dona Tereſa mãy do noſſo primeyro Rey.

11 Ao bem commum da Religiaõ contribuhio heroicamente Helena Santa, filha de Cloel Regulo muyto principal em Bretanha, 50 (poſto que outros com erro lhe dem outros pays) deſcobrindo por diligencias, que fez com hum Judeo, em Jeruſalèm debayxo de hum templo dedicado a Venus, a Cruz ſagrada de *Chriſto*, com ſeu titulo, & cravos; & ſendo grande parte para q̃ o Emperador Conſtantino ſeu filho, & todo o Imperio abraçaſſe o Chriſtianiſmo. A Emperatriz Pulcheria, irmã de Theodoſio II. eſpoſa virgem do Emperador Marciano, depois de haver por vezes conſervado o Imperio com ſua prudencia, convocou o Concilio Calcedonenſe contra as hereſias de Eutyches, & Dioſcoro. Irene mãy do Emperador Conſtantino Profirogenito fez celebrar o ſegundo Concilio Niceno, em q̃ ſe reſtituhio o culto às Imagens Santas, q̃ tres Emperadores antecedẽtes hereticamente haviaõ prohibido. Theodora, viuva do Emperador Theofilo, governando na menoridade de ſeu filho Michael, tornou a reſtituir o meſmo culto, q̃ achou arruinado. Clotildes trouxe a ElRey Clodoveo ſeu marido, & todo o Reyno

46 *Mexia ſup com Platina, & Sabellico.*
Vide Bartholũ in tract de Guelphis & Gebellinis. n. 1.
D Fr. Ant. Brandaõ; Monarch. Luſit. f. 4 l. 12. c. 2. in princip.

47 *Supra n 8.*
48 *Eſther c. 4 & 5.*

49 *Provamos nas Excellencias de Portugal c. 14 Excel. 3. n. 6.*

50 *Vilhegas no Flos Sanct. na vida de S. Helena ex Baron. nos Annaes p. 3. Flav. dextr. in Chron. anno Chriſt. 311.*

o Reyno de França á Fé de *Chriſto*. Tendolinda mulher d. Agiulfo Rey dos Longobardos, os reduzio á meſma Fe com ſantas perſuaſoens. A generoſa filha de Wenceslao Rey de Bohemia, recuſando caſar com Micislao Rey de Polonia, por ſer Gentio, o obrigou a fazerſe Chriſtaõ, & a todo o ſeu Reyno. Giſſa, irmã do Santo Emperador Henrique, ganhou a Eſtevaõ Rey de Hungria ſeu marido, & a todo aquelle Reyno para Deos, como ſe foſſe fatal conquiſtar o *Salvador* por mulheres a mayor parte da Europa. Monica Santa, trazendo à Igreja Catholica ſeu grande filho Agoſtinho, fez conquiſta de mais valor, que a de muytos Reynos. Clara, Santa clariſſima, inſtituhio com Regra muytos Conventos, que continuamente eſtaõ enchẽdo o Ceo de mais Anjos. Santa Brigida, illuſtre viuva de Ulfon Principe de Suecia, & mais illuſtrada com revelações Divinas, inſtituhio Ordem, que como boya da ancora da Fè, ſe ſuſtenta nadando no mar heretico de tantas Provincias. A grande Santa Tereſa de Jeſus fundou a Reforma de Carmelitas Deſcalços; & com a doutrina de ſeus eſcritos (fonte deſcida do alto Carmelo) rega os floridos prados da Igreja: myſterio grandiſſimo (diſſe judicioſamente hum Hiſtoriador 51) que mulheres hajaõ dado a homens fórma de vida, & Religiaõ! couſa nova, & maravilhoſa! Abſtem-ſe a penna do que Deos obrou por *Maria Santiſſima*, que por ſuperior, & eſpecial, naõ ſe traz a exemplo.

51 *Ant. Herrera na hiſt. geral da vida de D. Filip. II. p. 17. c. ult. no princ.*

12 Dilatou-ſe eſte capitulo a tantos caſos por huma, & outra parte, para moſtrar quanto ſe deve attender à boa, ou má inclinaçaõ das mulheres; perſuadem ao que ſe applicaõ, & tudo vencem. Alexandre convidado a ver as filhas de Dario, reſpondeo, que o naõ convidaſſem para hir ſer vencido de mulheres, ſendo vencedor de tantos homens; 52 inſtaõ aos maridos com a efficacia que deſcreve S. Joaõ Chryſoſtomo; 53 & a porfia acaba muyto: foy grande façanha de Job, naõ ſe deyxar perſuadir de ſua mulher; mas diſſe Deos, que naõ tinha ſemelhante na terra. 54 Com razaõ ſe naõ coſtuma diſpenſar em que huma Princeza naõ Catholica caſe em Eſtado Catholico, pelo mal que della ſe teme; 55 & facilmente ſe diſpenſa em que a Catholica caſe em eſtado naõ Catholico, pelo bem que ſe pòde eſperar.

52 *Eraſm. apophthegm. l. 8. Maxim. ſerm 53.*

53 *D. Chryſoſt. d. hom. 14. in dr. ad S. Joan. Bapt.*

54 *Job* 2.3 Quod non ſit ei ſimilis in terra.

55 *Deuteron.* 7.4. Quia ſeducet filium tuum ne ſequatur me, & ut magis ſerviat diis alienis.

13 Se os màos deſcendentes de Caim caſaſſem com as virtuoſas deſcendentes de Seth, poderia ſer que o mundo ſe emendára; mas ſendo ao contrario, foy facil que as mulheres viciоſas perverteſſem aos bons maridos, & todos cheyos de maldades provocaſſem caſtigo univerſal. Terrivel ſexo naõ lhe baſtou fazer o Mundo miſeravel pela primeyra, ſem totalmente o deſtruir pelas que ſe ſeguíraõ; huma o ferio, outras o acabáraõ; nem miſeravel o deyxáraõ ſer.

CAP.

CAPITULO L.

Como Deos caſtigou, & arruinou o Mundo com aguas, reſervando ſó a Noè, & com elle ſua familia. Apontaõ-ſe os myſterios que ha no numero ſepteno.

1 COrria o anno do Mundo 1656. conforme a conta dos Hebreos, que conſta do Texto ſagrado, 1 (poſto que ſeja differente o cõputo dos Gregos) quando ſubmerſo o Mundo em peccados, determinou Deos ſubmergillo em aguas por ultimo caſtigo. 2 Mas como havia de conſervar reliquias do genero humano para tornar a multiplicallo feliz, ainda neſta ruina (diz hum Author grave 3) ſe moſtrou miſericordioſo, pois alèm de tirar aos máos de peccarem mais, naõ deyxou aos futuros quem lhes déſſe máo exemplo.

2 Achou ſó Noè juſto da linha do virtuoſo Seth; 4 & naõ foy pouco achar hum juſto entre tantos peccadores, quando no Mundo a multidaõ dos que peccaõ licencía a vergonha; & a culpa commua approva os delictos; 5 onde naõ ha pejo, he maravilha a virtude. 6 Communicou-lhe o *Senhor* ſua reſoluçaõ: ordenoulhe que fizeſſe huma arca de trezentos covados de cõprido, cincoenta de largo, trinta de alto, (covados geometricos, que cada hum tinha ſeis dos noſſos, como com Origenes refere Santo Agoſtinho 7) para ſe meter nella, & ſua mulher, & filhos, & noras com elles; (a companhia de hũ bom ſalva tambem a outros; aſſim ſe vio na de S. Paulo em outra occaſiaõ 8) & que meteria tambem machos, & femeas de todas as aves, & animaes da terra; & mantimento para todos; 9 a fome faria que todos gaſtaſſem de hum meſmo mantimento.

3 Cem annos gaſtou Noè na fabrica da arca; 10 podendo-a acabar brevemente. A miſericordia Divina eſperava a emenda dos homens; mas quem fez callo no peccar, raramente ſe emenda, 11 porque o coſtume naõ eſtranha a torpeza. 12 Nem credito deraõ à cauſa porque a fabricava: os aviſos do Ceo nunca ſaõ cridos: aſſim ſuccedeo aos que fez por Ezequiel, & Ilaías.

4 Sete dias antes de começar o caſtigo mandou o *Senhor* a Noè que entraſſe na arca, & com elle toda ſua caſa; & certo numero lhe aſſinalou das aves, & animaes; & por Divina ordem ſe lhe vieraõ offerecer, ou os Anjos os trouxèraõ. 14 Diz Santo Agoſtinho, 15 que entráraõ os que naſcem de geraçaõ; & naõ era neceſſario os que ſe geraõ de putrefacçaõ; porque eſtes ſempre depois ſe gerariaõ della; mas ſe quizeſſem entrar, ſe lhes naõ impediria; pois a arca figuraya a Igreja, que admitte todos os que querem eſcapar do diluvio de peccados.

1 *Eſta ſeguem Joan. Benedict. in annot. ad Bibliam; cum Filon; & Beda, Foſc. hiſt. p 1. c. 1. Brit. na Monarch. Luſit. p 11. c. 2. Gregor. Lopes in prolog. ad leges Partit. Caſtelle, gloſa tit. A; verbo; Hebraicos, & plures alii.*

2 *Geneſ. 6 7.*

3 *Benedict. Fernand. in 7. Geneſ. ſect. 4 n 8 cum D. Chryſoſtomo.*

4 *Geneſ. d c. 6. 8.*

5 *Seneca de benefic. l. 3. c. 16.*

6 *Fernand, 11. Gen. 3.*
Mira virtus inter impudentes.

7 *D Aug. de Civit. Dei l. 15. c. 27 ante med.*

8 *Act. 27 24.* Ecce donavit tibi Deus omnes qui navigant tecum.

9 *Geneſ d c. 6.*

10 *Cum multis Bened. Perer in Geneſ. l 10. n. 37. com. 2.*

11 *Proverb 18. 3.* Impius cum in profundum venerit peccatorum, contemnit.

12 *D. Chryſoſt. in Gen hom 22.* Anima in mala cõſuetudine obtuta, ne ſentit quidem peccatorum fœtorem.

13 *Ezechiel 13. Iſai. 28.*

14 *D. Aug. d. l. 15. c. 27 poſt med. Perer. in Gen l. 11 n. 26.*

15 *D Aug. c. 27. ad med.*

16 *Gen.*2.*&* 3.

5 Em ſete dias creou, & ſantificou Deos o Mundo; 16 & ſete dias deu a Noè para prevenir ſua reparaçaõ; taõ deſeyto havia de ficar. He excellencia delte numero comprehender myſterios. Ao meſmo Noè mandou o *Senhor* que meteſſe na arca ſete pares de todos os animaes que naõ foſſem immundos. 17 Jacob ſervio ſete annos por Raquel a Labaõ; & dandoſe-

17 *Gen* 3.2.*&* 3.
18 *Gen.*29.

lhe Lia, ſervio outros ſete para alcançar Raquel. 18 Joſeph, figura de *Chriſto*, foy ſetimo filho daquelles matrimonios de Jacob. 19 A felicidade q̃ teve lhe veyo pelas ſete vacas, & ſete eſpigas com que ſonhou Faraò. 20 A familia com que Jacob

19 *Gen.*30.*&* 35.*n.*23.
20 *Gen.*41.
21 *Exod* 1.4.
22 *Exod.*20.10.

entrou no Egypto conſtava de ſetenta peſſoas. 21 Ao ſetimo dia de cada ſemana mandou Deos que deſcançaſſemos, 22 & que de ſete em ſete annos deſcançaſſe a terra para melhor frutificar. 23 O candelabro do tabernaculo que fez Moyſés, ti-

23 *Levit.*25.4.
24 *Exod.*25.*n.*7.*&c.*37.*n.*23.
25 *Daniel* 9.14.
26 *Veremos na* 2.*p.*16 *n.*2.

nha ſete lumes. 24 Por ſetenta hebdomadas ſe moſtrou a Daniel o tempo da vinda do Meſſias. 25 No mez ſetimo do anno naſceo ſua *Mãy* Santiſſima. 26 Sete ſaõ os Dons do Eſpirito Santo; ſete os Sacramentos da Igreja. A ſete cabeças ſe reduzem os peccados mortaes, & a duas vezes ſete os Artigos de noſſa ſanta Fé. O meſmo ſe acha nas couſas naturaes; porque os Planetas ſaõ ſete; ao mundo repartiraõ os Sabios em ſete climas; no mez ſetimo naſce o parto perfeyto; a vida do homem ſe divide em ſete idades, & os ſetimos dias, & annos lhe ſaõ criticos. Os movimentos ſaõ ſete: acima, abayxo, adiante, atraz, à parte direyta, à eſquerda, & ao redor. Atè as creaturas ſaõ todas de huma de ſete maneyras; ou ſó eſpirituaes, como os Anjos, & à alma; ou de corpo ſimplez incorruptivel, como os Ceos, & Eſtrellas, ou de corpo tambem ſimplez; mas corruptivel, como os elementos; ou de corpo compoſto, & racional, como o homem; ou corpo com a meſma compoſiçaõ, mas irracional, como os brutos; ou corpo de alma ſó vegetativa, como as plantas; ou totalmente morto, como as pedras. Sete artes liberaes ſe contaõ; outras mais couſas ſe notaõ deſte numero; 27 & por ſer taõ myſterioſo, diſſe ElRey D. Affonſo no prologo das Leys de Caſtella, que as dividia em *ſete Partes*, *ou Partidas*, como lhe chamaõ vulgarmente.

27 *Vide D. Aug. de Civ. Dei l.* 11.*c.*30.*&* 31.

6 Diz o Texto ſanto, que fez Noè tudo o que o *Senhor* lhe mandou. 28 Quem ſerá taõ ditoſo, que iſto ſe poſſa dizer delle? Fechou Deos a arca por fóra; 29 porque Noè ſe naõ laſtimaſſe, vendo tanta ruina; 30 ou como quem naõ fiava dos de dentro ſaberem-ſe guardar, porque os homens coſtumaõ obrar ſua perdiçaõ; & a curioſidade das mulheres quereria abrir para ver o que ſuccedia. Conſidera-ſe que ficaria com algũa luz, ou de fogo, ou de vidraça, porque de tudo ficou provido: alguns dizem que a allumiavaõ certas pedras precioſas. 31

28 *Gen.*7.5.*Fecit ergo Noe omnia, quæ mandaverat ei Dominus.*
29 *Gen. ſup. n* 16.
30 *D. Chryſoſt. in Gen. hom.*25.

7 Logo aos dezaſete dias do mez ſegundo, (que era Abril, havendo o Mundo começado em Março 32) a chave dos peccados abrio as cataratas do Ceo. Deſatou-ſe o ar em chuvas:

31 *Hiſt Scholaſt.c.*32.
*Pineda Monarch Eccl.p.*1.*l.*1.*c.*17. §.1.*in prim:*
32 *Supra c.*2.*§* 2.

chuvas: ſahiraõ da madre os rios: excedeo o mar a ſeus termos: lançou a terra prodigioſas fontes: & tendo horror dos q̃ creára, ſe cubrio de aguas por lhe naõ dar ſepultura. As flores, por flores, & por pequenas, perecèraõ primeyro conforme as leys do Mundo: logo o cultivado dos campos, porque ſe viſſe fruſtrado o trabalho dos homens: depois ſe afogàraõ os animaes, porque nem ſempre o ſaber nadar aproveyta: arrancàraõ-ſe as arvores; porque naõ valem raizes na terra, & ſe acharião em vez de pomos, carregadas dos homens, que a ellas ſe ſubiaõ, & das aves, que ſem os temerem queriaõ deſcançar nellas, mas ficavaõ nas aguas, porq̃ das perdas geraes, nem com azas ſe eſcapa,& peyxes occupavaõ o ſeu lugar. As gentes que buſcavaõ os montes, errando os caminhos a que os mares cubriaõ, ſe ſubmergiaõ nos valles: as ondas faziaõ iguaes a pequenos, & gigantes: os filhos corriaõ para as máys, que em balde os levantavaõ nos braços, & chamavaõ pelos maridos, que as naõ remediavaõ; tudo era morte, clamores, & confuſaõ, que chegava aos elementos, pois a terra era mar, & eſte occupava tambem os ares, & parecia ameaçar o fogo na mais alta eſfera; ainda hoje vemos (como notou Tertulliano 33) conchas, & buzios peregrinar nos montes, porque tudo ſahio de ſeu natural. No anno de 1460. nas montanhas de Seiſa, muyto longe do mar,cavando-ſe em huma mina de metal, cem braças de fundo, ſe achou parte de hũ navio muyto gaſtado da terra, & do tempo, com ancoras, & outros inſtrumentos, & os oſſos de quarenta homens; & ſe entendeo que a tormenta do univerſal diluvio o deyxàra alli cuberto da terra, 34 havendo jà naquelle tempo navegaçaõ, como no q̃ temos eſcrito, ſe moſtra que havia quaſi todas as couſas que hoje vemos; mas iſto naõ approvaõ alguns, porque a arca de Noè ſe via por novidade. E dizem que poderia aquelle navio ſer levado alli por outro diluvio particular, como os de Giges, & Deucalion; ou parece mais certo que o mar o tragou, & levou alli por concavidades interiores da terra, que as mudanças dos tempos fecàraõ. Cahíraõ finalmente os edificios mais fortes, porque ſe fundavaõ na terra. Podendo Deos alagar tudo em hũ dia, & em hum momento, ſó por eſperar penitencia, dilatou por quarenta dias, & quarenta noytes eſte diluvio, que ſubio quinze covados ſobre as ſerras mais altas; tudo naufragou, ficando o Mundo raſo, & deſerto, dominado das aguas cento & cincoenta dias.

33 *Tertul. de pallio cap.*

34 *P. Mexia na Sylva de varia lição l. 2. c. 12. com Baptiſt. Fulgoſ. l. 1. collectan.*

8 O veneno do peccado ſahio do homem a inficionar toda a natureza; que culpa tiveraõ os animaes, as plantas, os elementos, a maquina univerſal no que commetteraõ Adam, & *Eva*? & os animaes ſe afogaõ, as plantas perecem, os elementos ſe confundem, a maquina do Mundo parece que torna ao primeyro cáos: & a Omnipotencia que deu ſer a tudo, parece que o reduz a nada. Mas aſſim o pede a razaõ; foy tudo creado para uſo do homem, ſeja infeliz o que teve tal cauſa; como

ao contrario quando o homem eſtà em graça, diſſe o Apoſtolo, 35 que participaõ as creaturas aquella felicidade.

35 *Paul.ad Rom.* 8.21.

9 Sò Noè navegava ſeguro em ſua fé, & fracas taboas o livravaõ da ruina, de que nem muros, nem torres podiaõ defender. Foy o primeyro navegante 36 (perdoem os Argonautas) & ſem leme, que depois inventou Typhis: ſem matto, nem antenas, que fez Dedalo: ſem vela, que achou Icaro: ſem remos, que uſáraõ os de Copa: ſem ancora, invençaõ dos Tyrrenos: ſem aſtrolabio, que moſtràraõ os Portuguezes; mas com Marinheyros Anjos, & com Piloto Deos. Que faceis nos ſeriaõ todas as navegaçoens neſte mar de lagrimas, ſe nos regeſſemos por elle! Sem entrar novo ar na arca toda fechada, viviaõ os de dentro milagroſamente: 37 Aſſim aos juſtos levantavaõ as aguas para o Ceo, quando aos impios afogavaõ no abyſſo, cada hum buſcava ſeu centro. Mas ainda aſſim era tal o medo dos que ſe ſalváraõ na arca, que atè os brutos ſe achavaõ como inſenſiveis; juntos lobo, & ovelha, galgo com lebre, açor com perdiz, a rapoſa taõ ſimplez como a pomba, o Leaõ taõ manſo como o cordeyro: todos eſquecidos do natural, occupados de horror, & com tudo ſe gloriàraõ depois os homens de tanta calamidade, pois com eſte diluvio quizeraõ os Gregos equivocar o de Giges, que foy dalli a ſeiſcentos annos, morto Abraham; & o de Deucalion, que ſuccedeo paſſados mil annos, em tempo de Moyſés; & alagandolo primeyro ſó a Achaya, o ſegundo ſó a Theſalia, os celebraõ de alagarem todo o Mundo; tal he a vaidade humana, que affecta louvor das mayores miſerias.

36 *Moriſotus in orbe navit. l.1. c. in princip.*

37 *Hiſtor. Scholaſt. & Pineda ſupr.*

EPILOGO
deſta primeyra Parte.

1 *ESta foy a cahida do Mundo no peccado de Adam por* Eva. *Que miſeraveis nos deyxáraõ aquelles primeyros Pays! de ſemelhantes a Deos,* 1 *nos deyxàraõ ſemelhantes aos brutos* 2 *nos males corporaes, em que eſtes eſtão ainda de melhor condiçaõ, porque tem menos ſentimento; em corpo recto nos deyxàraõ a alma encurvada, diz Saõ Bernardo:* 3 *ficàmos por beneficio de Deos com o roſto para o Ceo,* 4 *& pela mà inclinação, com o coraçaõ na terra; nelles peccamos;* 5 *Deos poz o bem, & o mal na noſſa eleyçaõ;* 6 *com a innocencia conſervariamos todas as felicidades:* 7 *com o crime chamamos todos os infortunios;* 8 *ſe temos o que eſcolhemos, de quem nos queyxamos? A miſericordia de Deos nos conciliou utilidades com os caſtigos devidos à juſtiça;* 9 *& ſua Providencia nos inculcou commodidades que convertemos contra nòs meſmos.* 10 *Tudo o que nos pudèra fazer felices perver-*

temos

1 *Sup c.2.n.4.*
2 *Sup c.6 n.2.*

3 *D. Bernard. ſerm. de primord. med. & noviſ. in princ.* Quod peius eſt, in recto corpore curva eſt anima.

4 *Supra c.2.n.6.*
5 *Sup. c.6.n.4.*
6 *Vide* 4.n.5.
7 *Vide c.2,n* 9.10. & 11.
8 *Sup. c* 6.
9 *Sup.* 8 9 & 10.
10 *Sup c.*13. & 18. *cum ſequentib. uſq. ad* 31.

temos em noſſo dano, 11 *atè de juizo ficamos faltos.* 12 *Calumniamos a natureza de madraſta, ſendo Mãy amoroſa; quizera ella ſer-nos muyto ſuave, mas nòs a forçamos a ſer ſevera, ſolicitando quanto nos prejudica; cada dia ajuntamos demeritos ſobre a primeyra culpa; jà fazemos neceſſarios os males, pois nos impedem ſermos peyores; que naõ commetteriamos de inſultos, ſe viveramos em proſperidades? A ſaude nos liberta: por iſſo o glorioſo Padre Saõ Bernardo deſejava os ſeus Religioſos hum pouco enfermos, & fundava ſeus Conventos em ſitios pouco ſádios:* 13 *o deſcanço nos faz vicioſos: as dignidades nos liſongeaõ: as riquezas nos enſoberbecem; naõ obramos bem ſenaõ apertados; deſejamos continua bonança, & ſó na tempeſtade nos chegamos a Deos. Deſtruira-nos a natureza, ſe nos tratàra como amante. O Profeta Eliſeo* 14 *pedio a Elias eſpirito dobrado, porque Elias vivera perſeguido; & elle viveria no proſpero eſtado, em que ſe neceſſita de mayor virtude.* 15

2 *Na familia de Noè ſe conſervou o genero humano para multiplicar de novo; mas que beneficio foy eſte, ſendo com a meſma ſugeyçaõ ao primeyro peccado? mayor he a inundaçaõ de ſeus males, que a das aguas: melhor fora ao homem, como dizia Job,* 16 *ſer de todo conſumido ſem apparecer mais. Porèm a Divina piedade à cuſta do meſmo Deos o quiz remediar.* Conhece ò homem (*exclama Saõ Bernardo* 17) quam graves ſaõ as feridas, pelas quaes he neceſſario que ſeja ferido Chriſto Senhor noſſo; ſe naõ foraõ de morte, & morte eterna, naõ morrèra por ſeu remedio o Filho de Deos. *A ſegunda Parte moſtrarâ iſto no* AVE, *em que* MARIA Triunfante *mudou o nome de* Eva. 18

11 *Sup c.32.cum ſequentib.uſq; ad 44.*

12 *Sup.d.c 32. & c.45.*

13 *Vilbegas no Flos Sanct. p.1. na vida de Saõ Bernardo, poſt med.*

14 *4. Reg.2.*

15 *D. Aug de mirabil. Scriptur. l.2.c.25.*

16 *Job 10.18.*

17 *D.Bernard. ſerm.3. in Nativ. Domin. ante fin.* Agnoſce, homo, quàm gravia ſint vulnera, pro quibus neceſſe eſt Dominum Chriſtũ vulnerari: ſi non eſſent hæc ad mortem ſempiternam, nunquam pro eorum remedio Dei Filius moreretur.

18 Sumens illud *Ave.*
Mutans *Evæ* nomen.

Fim da primeyra Parte.

EPILOGO



EVA, EAVE,
OU
MARIA
TRIUNFANTE.
THEATRO DA ERUDIC,AM, E FILOSOFIA CHRISTÃ,
Em que ſe repreſentaõ os dous eſtados do Mundo:
CAHIDO EM EVA:
E LEVANTADO EM
AVE.
NO PATROCINIO DA MAGESTADE AUGUSTISSIMA DA
RAINHA DOS CEOS.
PARTE SEGUNDA.
AVE, O MUNDO LEVANTADO.
ESCREVIA
ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

LISBOA,
NA OFFICINA DE ANTONIO PEDROZO GALRAM.
Com todas as licenças neceſſarias. Anno M.DCCXXXIV.

Com todas as licenças necessarias. Anno M.DCCXXXIX.

NA OFFICINA DE ANTONIO PEDROZO GALRÃM.

LISBOA.

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

ESCRIVÃO

VAE O MUNDO LEVANTADO.

PARTE SEGUNDA.

RAINHA DOS CEOS.

NO PATROCINIO DA MAGESTADE AUGUSTISSIMA DA

VAE

E LEVANTADO EM

CAHIDO EM VAO;

Em que se acharaõ muitos effeitos do Triunfo:

THEATRO DA EROYDICA, E FILOSOFIA CHRISTÃ.

TRIUNFANTE.

MARIA

OU

EVA, E VAE?

EVA, EAVE,

OU

MARIA TRIUNFANTE.

Theatro da Erudiçaõ, & da Filoſofia Chriſtã.

PARTE SEGUNDA.

AVE,

O Mundo levantado.

CAPITULO I.

Para levantar o Mundo, conſervou Deos o genero humano em Noè, & ſeus filhos.

1 DEPOIS das trevas chega a luz: à tempeſtade ſuccede a bonança; mas nem o dia entra ſem crepuſculo: nem de repente ſe aquietaõ os mares. Foy muyto grave a noſſa doença; o remedio pede larga preparaçaõ, 1 em quanto naõ alcançamos ſaude, contentemonos com hir vendo os ſinaes.

2 Eſtando o Mundo alagado com aguas, & muyto antes cahido no peccado, quiz vir o Medico do Ceo para o levantar; naõ o chamáraõ noſſos merecimentos, mas noſſas culpas: 2 oh feliz culpa, que mereceo tal, & taõ grande Redemptor! 3

3 Para delle naſcer o remillo, quiz Deos reſtaurar o genero humano; 4 tinha derribado as flores, mas guardoulhes a raiz

1 *Vid Horat. Scoglius Catatenſ. in hiſt. à primord. Eccleſ. p. 1. l. 1. v. dum inſinu.*

2 *D. Aug. ſup. Joan. & in gloſ. 1. ad Timoth. c. 1.* Tolle morbos, tolle vulnera, & nulla cauſa eſt medicinæ. Venit ergo de Cælo magnus Medicus, quia per totum ubique jacebat ægrotus. Genus ergo humanum totum perierat, ex quo peccavit unus, in quo totum erat. Non enim erum de Cælo merita noſtra, ſed peccata traxerunt.

3 *Ita Eccleſia in offic. Paſchali.*

4 *Similiter Iſai 1. 9.*

raiz 5 em *Noè*, que se interpreta *repouso*, ou *quietação*; 6 por que nelle parece que paràraõ os mayores effeytos do peccado, & teve principio a consolaçaõ, como seu pay Lamech profetizou. 7

5 *D. Ambros. de Noe c.5.* Florem deducit, radicem servat.
6 *Noe*, quies, *seu* requies. *D. Chrysost. hom 11. in Gen. Bened. Perer. in Gen. l.9. an.5.*
7 *Genes.5.29.*

4 Depois de quarenta dias de diluvio se fechàraõ as fontes dos abyssos, & cessáraõ as chuvas do Ceo. Passados mais cento, & cincoenta, começàraõ a diminuirse as aguas sobre a terra, recolhendo-se a seu lugar. Aos vinte & sete dias do mez septimo (que era Setembro, conforme ao q̃ fica dito na primeyra parte 8) repousou a arca de Noè nos montes de Armenia, 9 chamados antigamente Gordicos, ou Baris, ou Ocyla, ou Ararath, & hoje he o monte Taũro, que alguns chamaõ o monte Negro: 10 Josepho diz, que em seu tempo (que foy pouco depois da Payxaõ de *Christo* Senhor nosso) havia fama q̃ ainda se conservavaõ pedaços della, que se mostravaõ a quem os queria ver; 11 & Niceforo Callixto conta; 12 que o Emperador Constantino Magno levantou em Constantinopla hũa notavel columna, debayxo da qual com outras reliquias, poz o machado, ou enxò com q̃ Noè ajudou a obralla; & que no tempo em que elle escrevia, se conservava aquelle thesouro. Ao primeyro dia do mez decimo (que he Dezembro) appareceo o mais alto dos montes. 13 Por mezes decrescia o que por dias crescèra; entrá o mal com pressa, & sahe com vagar.

8 *P.1.c.2.n.1.*
9 *Gen.8.4.*
10 *Pineda na Monarch Eccles. p.1 l.1.c.16 § 4. Ia idem est Joan. Michael. in Syntagm. hist. l.11. sect 2. n.1.*
Britto, Monarch Lusit. l.1. c.2 post med.
11 *Joseph de antiq. l.20. c.2. paulo post princip.*
12 *Nicephor. Callixt. hist. Eccl. l.7. c.49.*
13 *Gen.d.c.8.5.*

5 Quando jà naõ havia perigo, permittio Deos a Noè abrir a arca que lhe fechára; 14 mas elle se naõ fiou da primeyra bonança. Deyxou passar mais quarenta dias, & por hum postigo lançou para explorador hum corvo, que naõ tornou; quem tinha mà presença, naõ podia servir bem. Lançou huma pomba, que por naõ achar onde repousar, se tornou a pòr sobre a arca: & elle, pagando-lhe a noticia, a recolheo dentro. Esperando mais sete dias, a lançou outra vez, & ella sobre a tarde trouxe no bico hũ raminho de oliveyra com folhas verdes; mostrando que jà as aguas começavaõ a descobrir. Com tudo o prudente Noè esperou outros sete dias, & terceyra vez a lançou, & ella naõ tornou, 15 porque achou jà aonde viver livre, & naõ ha simplez para o que lhe convèm.

14 *Dissemos na 1. p.c. ult.n.6.*
15 *Genes.d.c.8.*

6 Noè, finalmente, aos seiscentos & hum annos de sua idade, no dia primeyro do primeyro mez (que foy Março, abrindo o tecto da arca, vio a superficie da terra deslalagada. E aos vinte & sete do mez segundo (que foy Abril) em hum Domingo, conforme a Cedreno, 16 a vio secca; havendo hum anno lunar, & dez dias: & cumprindo-se justamente hum anno solar, que o diluvio começàra. Mas esperou que Deos o mandasse sahir, como o mandára entrar, 17 para proceder com acerto.

16 *Cedren. in compend. hist.*
17 *Genes.7.11.*

CAP.

CAPITULO II.

Como Noè, & os que com elle eſtavaõ, ſahiraõ da arca. Como offereceo holocauſto a Deos: o Senhor lhe prometteo não alagar mais o Mundo, do que lhe deu penhor no arco celeſte. Como o abençoou. Elle aperfeyçoou a lavoura do paõ, & inventou o vinho; & ſe entende què lhe revelou o Redemptor naſcido de Virgem: trata-ſe das Veſtaes.

1 FAllou Deos a Noè, 1 dizendo-lhe, que ſahiſſe da arca, & com elle ſua mulher, filhos, & noras, & os animaes que tinha recolhido, & que multiplicaſſem.

1 *Gen.8.ex n.13.*

2 Sahio, & fazendo hum altar, offereceo holocauſto de gado, & aves; & ſendo divida por graças da mercè que recebèra, o *Senhor* o aceytou por ſerviço, & lhe foy ſuaviſſimo pela devoçaõ, & por ſer figura do ſacrificio, em que o Redemptor ſe offereceria, livrando o Mundo do Diluvio de culpas; 2 & aſſim o remunerou logo com novos beneficios.

2 *Pineda in Monarch. Eccl. p.1. l.1.c.17.§.3.*

3 Prometteu-lhe que nunca mais amaldiçoaria a terra, (como a amaldiçoára quando Adam peccou, 3) & na razaõ que deu para eſta promeſſa moſtrou mais ſua miſericordia: *Porque o homem* (diſſe) *eſtá propenſo ao mal, naõ hey de caſtigar mais a terra*; 4 ſendo iſto antes razaõ para caſtigo. Oxalá nos ſegurára das culpas, como nos ſegurou da pena; mas determinava inundallas com ſeu ſangue, & perdoára menos, ſe menos ſe delinquira. Abençoou a Noè, & ſua geraçaõ de que naſceria o *Redemptor*: mandou-lhe que multiplicaſſe, & enchceſſe a terra: deu-lhe dominio ſobre todos os animaes; & acodindo á fraqueza em que ſe hia pondo, ou a natureza humana, ou a ſubſtancia dos mantimentos, 5 diſſe-lhe que comeſſe carne, & peyxe; ou porque atè entaõ ſó podiaõ comer os frutos do campo: ou porque os virtuoſos deſcendentes de Seth, por mayor temperança naõ uſavaõ de outro alimento, niſto ha opinioens. 6

3 *Gen.3.17.*

4 *Gen.8.21.*

5 *De quo vide ſup. p.1.c.49.n.7.*

6 *Apud Benedict. Perer. in Gen. l.14.n.12.in 2 tom.*

4 Conhecendo que os homens ſe naõ fiaõ da palavra Divina ſem penhor, fiando-ſe de todas as creaturas ſem elle: empenhou o arco celeſte, que chamamos *Iris*, por ſinal de que naõ alagaria o Mundo com aguas. 7 Jà de antes o havia, ſem embargo do que alguns cuydáraõ, porq̃ ſempre foy ſinal natural de chuva, como de entaõ o ficou tambem ſendo moral da paz promettida; 8 & daqui veyo coſtumarem os Hebreos pedir

7 *Geneſ.c.9.à princ.*

8 *Pineda d.l.1.n.18.§.3.*

final

final a Deos em couſas importantes. 9 Aquelle arco tem os Doutores 10 por hieroglyfico do Filho de Deos, arqueados ſeus braços na Cruz; tem as pontas para a terra, & encurvado para o Ceo, porq̃ da terra atira as frechas para o peyto Divino, & do Ceo para a terra eſtà o arco de paz. Por iſto refere o Aüthor da hiſtoria Eſcolaſtica alguns Santos que diſſeraõ, que quarenta annos antes do dia do Juizo naõ ha de apparecer. 11 Delle ſe introduziraõ os triunfaes; 12 com razaõ pois nelle triunfamos dos caſtigos.

9 *Hiſt. Scholaſt. c. 21.*
10 *Reſe e Diogo Matute de Pennaſiel Catbed. atico de Teeolog. na Univerſidade de Granada, na Prefapia de Chriſto, idade 2 c. 1. § 5.*
11 *Apud Matute ſupra.*
12 *Cum Sueton. in Domittian Matute d. cap. §. 1.*

5 Proſegue logo o Texto Santo, 13 que começou Noè lavrador a cultivar a terra. Já tinha dito, que fora Caim lavrador: 14 & o primeyro foy Adam; 15 & muytos os ſeguiraõ fazendo ſementeyra de trigo, mas ſó com enxadas. Noè inventou o arado, aperfeyçoou a lavoura, & a colheyta do paõ, & mais frutos. 16 Proſegue juntamente o Texto, que plantou vinha; vides havia antes do diluvio, de q̃ ſó ſe uſava para uvas: depois delle repullulâraõ as raizes. 17 Plantou a vinha (diz Cedreno) em hum monte de Armenia chamado *Lubano*, outros dizem, que em hum valle, que chamou *Myre Adam*, que ſignifica corpo deſpedaçado, pelos muytos mortos q̃ alli achou: & que nelle fundou a primeyra Cidade depois do diluvio, chamada Saga Albina, tomando o nome de ſeu fundador, a que chamavaõ Ogiſaõ Sagaõ, que ſignificava, Sacerdote ſanto. 18 Foy o primeyro que offereceo vinho em ſacrificio. 19 Por inventor do vinho, que em Hebreo ſe chamava *Jain*, foy dos antigos chamado *Jano*, por corrupçaõ do nome: outros o nomeáraõ Bacco, Deos daquelle licor; 20 & aſſim ſe lhe deveo o paõ, & o vinho, em cujas eſpecies o *Redemptor* do Mundo ſe havia de ſacramentar.

13 *Fineda d. l. 1. c. 19 § 3.*
Matute ſupra § 3
16 *Benedict. Fernand. in 5. Gen. ſect. 3. n. 3. & in c. 9 ſect. 5 n. 1. Perer. ſupra l. 9. n. 8.*
17 *Fernand d ſect. 5. n. 2.*
18 *Cedren. in compend. hiſt. Brito na Monarch. Luſit. l. 1. c. 2. poſt med.*
19 *Beuter. in annot. ad Sacr. Scriptur. l. de Clavib. Scriptur. reg. 3. de ſpir. & lit. Matute d. c. 1. § 2.*
20 *Joan. Michral. in Syntagm. hiſt. l. 1 ſect. 1. n 17.*
Et circa nomen Jani, vide quæ diximus in 1. p. c. 28. n. 3.

6 Diſto, & do que fica dito do arco, da bençaõ, & de outros ſinaes, conjecturaõ graves Authores, 21 que revelou Deos a Noé o myſterio altiſſimo da Encarnaçaõ do *Verbo Divino* para redempçaõ do peccado. O douto Matute 22 ponderа mandarlhe o *Senhor* q̃ multiplicaſſe, para naſcer o Meſſias, & permittir que ſeu filho Cham o fizeſſe inutil para gerar, como diremos abayxo; 23 & diz que foy moſtrar, que de ſua geraçaõ naſceria o Meſſias homem; mas de Virgem, ſem obra de Varaõ.

21 *Beuter. & Matute ſupra.*
22 *Matute d. c. 1. § 4.*
23 *Supra c 6 n. 2.*

7 Eu conſidero mais, que ouvindo ſua mulher Titea 24 aquelle preceyto de multiplicar, q̃ Deos punha a ſeus deſcendentes, & naõ devendo ter tençaõ de o encontrar, nem o ſanto Noè lho conſentiria; com tudo em Italia (aonde veyo com ſeu marido, & foy chamada Veſta mãy dos Deoſes) inſtituhio a Religiaõ das Virgens Veſtaes, 25 que ſe elegiaõ entre o ſexto, & decimo anno de idade, & ſe obrigavaõ a guardar virgindade trinta annos, ſob pena de ſerem enterradas vivas, & depois delles ſe poderiaõ caſar; 26 moſtrava Titea, que haveria virgindade fecunda de mais abalizado fruto. No que tambem he notavel, que ſendo reprovado entre os Romanos o voto de caſtidade

24 *Do nome da mulher de Noè, vide infra c. 3 n. 1.*
25 *Beroſ (de florat. Chaldaic. l. 3*
Pineda d. l. 1. c. 19 § 3.
Matute ſupra § 3
26 *Pedro Sanchez de Vianna no Comment. a Ovid. Metam. 13. n. 44.*

de, por impeditivo da propagaçaõ, (que por isso Cornelio Tacito impiamente ignorante chamou aos Christãos *convictos de serem odio ao genero humano*, 27) & tendo contra si as leys que depois revogou santamente Constantino Magno; 28 todavia aquellas Virgens se sustentavaõ com rendas Publicas, que lhes constituira Numa Pompilio, segundo Rey de Roma; & era favorecido aquelle voto como cousa de segredo mais alto. Tanto cuydado punhaõ os Magistrados na sua observancia; q̃ por ser costume ajuntarse o Senado nos templos, quando causa urgente o tirava de sua casa propria, 29 naõ consagravaõ a casa das Virgens Vestaes como templo; só porque o Senado se naõ ajuntasse nella em alguma occasiaõ; 30 o que em algum modo poderia offender o recolhimento das Virgens. O mesmo Deos fomentava aquella observancia; pois sendo Tucia virgem Vestal accusada de pouco honesta, provou sua innocencia com levar diante de todos hum crivo cheyo de agua do rio Tibre atè o templo: 31 & diz o Doutor Angelico, 32 que se pòde attribuir a milagre, com que Deos quiz assistir à virtude; assistencia bem devida, se Titea na instituiçaõ daquellas virgens teve algum respeyto à fecundidade da *Virgem Mãy*, como consideramos.

27 *Tacit. annal. 15. post med.* Odio humani generis cõvicti sunt.
28 *Euseb in vit. Constantin. l. 4. cap. 24.*
29 *Varro l. 4. de ling. Latin. Gel. noct. Attic l. 14. c 7. Petr. Greg. Syntagm. l. 47. cap. 23. n. 16.*
30 *Servius in l. 8. Æneid Virg. ad illud.* Est igens pelidum lucus, &c.
31 *Valer. Maxim. l 8. c. 1. n. 4. Plin. l. 28. c. 2.*
32 *D. Thom. in quæst. disputat. q. 6. Art. 5. ad 5.*

CAPITULO III.

Dos nomes da mulher, filhos, & noras de Noè: quanto em breve tempo multiplicàraõ. Como se dividiraõ a povoar o Mundo. Como passáraõ os animaes a varias partes. Fabrica da torre de Babel. Refere-se a fabula da batalha dos Gigantes com os Deoses, para exemplo da misericordia de Deos com o genero humano.

1 COm Noè sahiraõ da arca sua mulher *Titea*, 1 a que outros 2 chamáraõ *Phesarphara*; & sós tres filhos, *Sem*, *Cham*, *Japhet* 3 com suas taes mulheres; em cujos nomes os Escritores variaõ, 4 chamando-lhes, ou *Parsia*, *Catuflua*, & *Fluva*; ou *Pandora*, *Noela*, & *Noegla*; o mais certo he que a mulher de *Japhet* se chamou *Sambetha*, 5 & a de *Cham* foy *Noegla*. 6 E posto que alguns dizem, que depois do Diluvio gerou Noè outros filhos; 7o sagrado Texto 8 16 diz que dos tres procedeo todo o genero humano sobre toda a terra.

2 Tanto multiplicàraõ, que sendo passados menos de quatrocentos annos, Nino Rey de Babylonia 9 ajuntou em hum exercito hum milhaõ & setecentos mil homens de pè; & (segundo alguns Authores) duzentos mil de Cavallo, alèm dos

1 *Beros. de Florat. Chaldaic. l. 1. Matute na Prosap. de Christ. idade 2. c. 1. §. 3.*
2 *Comestor in Genealog. c. 33.*
3 *Genes. 9. 18.*
4 *Apud Pineda Monarch. Eccl. p. 1. l. 1. c. 16. §. 2. in princ. Brito, Monarch. Lusit. p. 1. c. 2. ante med.*
5 *Dissemos na 1 p. c. 25 n. 6. §. 1.*
6 *Cùm Beroso, Matute d. c. 1.*
7 *Referunt Pineda d. l. 1. c. 18. §. 4. Matute d. §. 3.*
8 *Gen. d. c. 9. 19.*
9 *Gen. 10.*

que hiaõ em dez mil & ſeis centos carros de guerra, contra Zoroates Rey dos Batrianos, que tinha quatrocentos mil homens. 10 Quantos mais haveria em todas as partes do Mundo? Sò Tubal, que veyo povoar Heſpanha, filho de Japhet, & neto do meſmo Noè, quando morreo, deyxou cento ſeſſenta & cinco mil netos, & biſnetos. 11 Eſta multiplicaçaõ em tẽpo taõ breve occaſionou aos Poetas 12 fabularem, que Deucalion, & ſua mulher Pyrrha, depois do Diluvio, que equivocàraõ com eſte, 13 reparàraõ o genero humano ſò com lançarem pedras, que ſe convertiaõ em homens, & mulheres.

3 Havendo paſſado cem annos, 14 ou cento & trinta 15 depois do Diluvio, eſtavaõ jà taõ multiplicadas as familias dos tres filhos de Noè, q̃ elle as dividio pelo Mundo, ſinalando a cada huma as partes que havia de povoar. 16 Paſſàraõ tambem a Ilhas em embarcações, 17 & levàraõ os animaes domeſticos, & pòde ſer que alguns bravos; ou eſtes foraõ levados por Anjos, como parece a Santo Agoſtinho, 18 às remotas a que naõ podiaõ nadar.

4 Mas antes que as gentes ſe acabaſſem de ſeparar, eſquecidas jà do caſtigo, paſſado, & ſoberbas na abundancia preſente, Nembrod, filho de Chus, & neto de Cham, com muytos ſequazes, a os duzentos annos, pouco mais ou menos, depois do Diluvio, 19 quizeraõ edificar nas ribeyras do Eufrates, com ladrilho, & betume por cal, huma Cidade, & torre taõ alta, que chegaſſe ao Ceo, (que ignorancia, outras ſaõ as eſcadas porque là ſe ſobe) para nella deyxarem celebre ſeu nome, como refere a Eſcritura ſanta; 20 & accreſentaõ Eſcritores, 21 que tambem para alli reſiſtirem, & eſcaparẽ a outro Diluvio ſe ſuccedeſſe; & dizia Nembrod, que para eſcalar o Ceo, & combater com Deos em vingança do Diluvio paſſado, aquella ambiçaõ de fama paderoſa para tirar o juizo; 22 lhe dictava multiplicados deſatinos. Ha quem diz, que chegou a fabrica a altura de cinco mil cento ſetenta & quatro paſſos. 23 S. Jeronymo eſcreve, 24 que ainda em ſeu tempo (ſegundo ſe referia) tinha quatro mil paſſos de alto; ſe bem ao Santo parece incrivel. Sem duvida era grande o edeficio, em que trabalhou tanta gente vinte & dous annos: 25 & ſó principiado foy aſſento da Monarquia de Babylonia, & de cujos fundamentos ſe levantou o primeyro milagre do Mundo.

5 Daqui fingíraõ os Poetas a batalha dos Gigantes contra os Deoſes. Fabuláraõ, que os Gigantes eraõ taõ corpulentos, como fica dito na primeyra Parte deſta Obra. 26 Huns diſſeraõ, que elles haviaõ filhos, da terra: outros, que de Neptuno, & Iphimidea: & alguns parece q̃ os faziaõ filhos de Noè, entendido debayxo de outro nome, & de ſua mulher *Titea*, & que della os chamavaõ *Titanes*; & a eſtes ajudou a opiniaõ de alguns Hiſtoriadores, 27 que eſcrevèraõ, que depois do Diluvio houve Noè da dita ſua mulher filhos Gigãtes; & a Nembrod

10 *Diodor. l. 3. de Chr.*
11 *Fr. Hieronymo de Caſtro nas addiç. à Jut. de Caſtilho na hiſt. dos Reys Godos t. 1. Diſcurſ. 2.*
12 *Ovid. Metamorph. l. 1 fab. 7.*
13 *Na 1. p. c. ult. no fim.*
14 *Bento Pereyr. in Geneſ. l. 16. n. 9. tom. 2. Ben. Fernand. in 1. Gen. ſect. 1.*
15 *Floſc. hiſt. l. 1. c. 2.*
16 *Geneſ. 10. Latè Joan. Michel. in ſyntagm. hiſt. l. 1. ſect. 2. ex n. 3.*
17 *Pined d. l. 1. c. 18 § 1.*
18 *D. Aug. de Civit. Dei l. 19. c. 7 Abulenſ in c. 7. Gen.*
19 *Floſc. hiſt d. c. 2. & vid Brit. Monarch. Luſ. p. 1. c. 2. ad fin.*
20 *Geneſ. 11. 4.*
21 *Hiſt. Scholaſt c. 38. Joſeph. de antiq. l. 1. c. 5. Pineda d. l. 1. c. 22. § 2. Matute, d. idade 2 c. 4 § 2.*
22 *D. Bernard. ep. 126.*
23 *Matute d. §. 2.*
24 *D. Hier. 5 comment. in Iſai. in expoſit. illorum verbor. c. 14. & conſurgam ſuper eos, &c.*
25 *Floſcul hiſt. ſupra.*
26 *Na 1. p. c. 14. n. 7. & ſeguinte*
27 *Refere Beroſo citado por Matute d. c. 1. §. 3.*

brod chamáraõ Gigante outros Eſcritores de hiſtoria. 28 Contaõ os Poetas, que preſumiraõ lançar do Ceo a Jupiter, & aos mais Deoſes; & para chegarem ao Ceo, em Macedonia nos tempos de *Flegra* 29 (donde ſe lhes deo epitheto de *Flegreos*) puzeraõ o Oſſa, & o Olympo montes altiſſimos, ſobre o Pelion. 30 Com medo deſtas preparaçoens fugíraõ os pobres Deoſes para Egypto & ainda là ſe disfarçàraõ em figura de varios animaes. Jupiter ſe transformou em carneyro, Apollo em corvo, Bacco em cabraõ, Mercurio em cegonha, Juno em vaca, Diana em gato, Venus em peyxe; & aſſim os mais em outras ſevandijas. 31 Aconſelhado Jupiter da ſabia Pallas, chamou em ſeu favor a Hercules,& confiados neſte ſoccorro tornàraõ os Deoſes para o Ceo. Rompeo-ſe a batalha, na qual os Gigantes, em vez de pedradas,ou pèlas de chumbo, atiravaõ com os montes mayores do Mundo, que voavaõ por eſſes ares como huns paſſaros. Encelado atirou com o Pindo de Theſſalia, Porphirion com o Pangèa de Thracia, Adamaſtor com o Rhodope de Macedonia, 32 & aſſim os outros com os mayores que havia; ſe cahiaõ na terra, tornavaõ a ficar ſerras,& montes, poſto que em outra parte; ſe no mar, ficavaõ Ilhas; havia Gigante como Egeo, ou Briareo, que atirava juntas cento deſtas pedradas, porque tinha cem braços; & mãos, 33 deſpedindo hum bando de montes como de eſtorninhos.

6 Chegáraõ muytos a entrar no Ceo à eſcala viſta; & eſteve o ſucceſſo muy duvidoſo. Hercules envergonhado de q̃ prevaleceſſem onde elle eſtava, esforçou huma ſetta, com que matou a Alcioneo, que entrára dos mais bravos; mas o gigantaſſo tinha tal habilidade, que reſuſcitava quando queria, & cõ mayores forças; atè que Minerva, que pelejava como hũa Amazona, o inveſtio com tal impeto, que o lançou do Ceo da Lua abayxo, & como cahio de taõ alto, era força que ſe fizeſſẽ pedaços ſem remedio. Porphirion, que entràra junto delle, ſe dava jà por taõ ſenhor do campo, que ſem eſperar mais, quiz logo publicamente ſem pejo forçar a Juno á viſta, & barbas de ſeu marido Jupiter; mas eſte acodio acompanhado de Hercules, ſem cuja companhia ſe naõ atreveria, por mais que a honra o picaſſe, & caſtigàraõ com morte taõ grande atrevimento. Ephialtes,que tambem ſubira, era taõ esforçado, que brigou ſó com Apollo, & com Hercules; Apollo lhe tirou o olho eſquerdo, & Hercules o direyto, & aſſim o matáraõ, que fora impoſſivel, ſenaõ eſtivera cego. Os mais Deoſes,& Deoſas, pelejavaõ, como para ſi,& ſe houveraõ de modo, que matando muytos Gigantes, puzeraõ os mais em retirada, mas devendo-ſe a mayor gloria a Hercules.

7 Jupiter entaõ cobrou mais animo,& jogando com a artelharia de rayos,derribou tres vezes aquelles montes, porque os inimigos naõ tiveſſem eſcada para tornar a ſubir: & elles outras tantas vezes os puzeraõ huns ſobre outros; 34 taõ porfia-

28 *Floſc. hiſt. l. c. 8.*

29 *Senec. trag. in Thyeſtem.*

30 *Virg. Georg. l. 1.*
Ovid. Metamorph. l. 1. fab. 5.

31 *Ovd. Metam. l. 5. fab. 5.*

32 *Sydonius.*
Hoc rotat excuſſum vibrans in ſydera Pindum
Enceladus, &c.

33 *Vide in 2. p. c. 48. n. 7.*

34 *Virg. Georg.*
Ter ſuut conati imponere Pellion Oſſam,
Ter Parer extructos dejecit fulmine montes.

porfiados eſtavaõ. Finalmente foraõ os Gigantes vencidos abrazados mortos, & metidos ſeus corpos, oſſadas, & cinzas debayxo de Ilhas, & de grandes montes; porque lhes naõ foſſe a terra leve, (como os antigos punhaõ nas ſepulturas 35) & ſe naõ tornaſſem a levantar. Japeta ficou debayxo da Ilha *Inatima* no mar Tuſco: 36 Numas debayxo da Ilha *Prochyta*, ou *Procida*: 37 Encelado debayxo do monte *Etna* de Sicilia ficou meyo queymado; & quando ſe move cançado de eſtar de hum lado, faz tremer a Ilha toda, & eſcurece o Ceo com o fumo que reſpira. 38 Typheo jaz no meſma Ilha; & ſeu grande corpo occupa todos os tres promontorios que a formaõ, & lhe daõ o nome de *Trinacria*; porque Peloro fronteyro de Italia lhe opprime a maõ direyta; Pachino a eſquerda; ſobre as pernas tem o Lylibeo; & ſobre a cabeça o monte Etna. 39 Neptuno, porque tambem o quizeraõ lançar do ſenhorio do mar, atou Egeon a huns rochedos do mar Egeo: 40 & Adamaſtor, que namorado de Thetis, paſſou a General do mar, & a pretendia por deſpojo da guerra, foy convertido no grande promontorio, que chamamos de *Boa Eſperança*.

8 Eſta reſumida dos Poetas, foy a guerra dos Gigantes, celebre com o nome de *Gigantomachia*, & poſto que os Expoſitores das allegorias deſcobrem nella grande doutrina moral; 42 puderaõ os Gentios enſinalla em maneyra mais decoroſa a ſeus Deoſes; mas naõ eraõ dignos de melhor tratamento. Aos Chriſtãos dá inſigne exemplo da miſericordia do verdadeyro Deos, & por iſto me pareceo referilla) pois vemos que ajuizàraõ os antigos Sabios, que mereceo menor caſtigo, que o de rayos, & ſer cõ elles metido debayxo de montes, quem taõ louca, ou fatuamente ſe quiz oppor ao Ceo; porèm noſſo Deos, conſervando o genero humano para o felicitar, diſſimulou a juſtiça, & uſou de expediente mais galante, que ſevero, como veremos no ſeguicte capitulo.

35 Sit tibi terra levis.

36 *Silius l.* 12
Apparet procul Inatima, quæ turbine nigro
Fumantem premit Japetum.

37 *Idem*:
Prochitæ lævum ſorrita Numenta

38 *Virg. Æneid l.* 2.
Fama eſt Enceladi ſemiuſtum fulmine corpus
Urgeri molle hac, ingentemque inſuper Ethnam
Impoſitam ruptis flammam expirare caminis,
Et ſeſſum quoties motat latus, intremere omnem
Murmure Trinacriam, & Cælum ſubrexere fumo.

39 *Virg. Æneid. l.* 7.

40 *Statit* 8.
Audierat duros laxantem Ægeona nexus.

41 *Camoens nas Luſiadas cant.* 5. *eſt* 9. *& ſeguintes.*

42 *Refere largamente Pedro Sãches de Viana no comment. à Ovid. d. l.* 5. *n.* 9.

CAPITULO IV.

Quam ſuavemente impedio Deos a fabrica da torre de Babel com a confuſaõ das linguas. Como ſó a Hebrea ficou a meſma, & he a mais antiga, ſe ha lingua natural. Mudanças que houve; & algumas curioſidades na materia.

1 VInte & dous annos 1 havia Deos ſoffrido a continuaçaõ daquella fabrica ſoberba, quando forte, & ſuavemente a impedio. Setenta & duas familias ſe haviaõ derivado dos tres filhos de Noè, como ſe colhe do Texto ſagrado, 2 & ſó

1 *Floſc. hiſtor. p.* 1. *c.* 2.

2 *Gen. c.* 10.

só huma de que era cabeça *Heber*, quarto neto de Noè por seu filho *Sem*, naõ cooperou. Nas setenta & hũa confundio o *Senhor* a lingua, 3 que em todas era Hebrea, herdada de Adam, como diremos, fazendo-os esquecer della: 4 & logo (segundo Origenes 5) os Anjos nomeados para titulares das Provincias, a que se haviaõ de dividir, inventàraõ a cada huma outra particular. Com isto diz o Texto, que se naõ ouviaõ, 6 porque fallando todos, se entendiaõ poucos: a copia de palavras era falta dellas; ouvindo naõ ouviaõ o q̃ se dizia, & assim foraõ forçados a desistir da obra, a q̃ ficou nome de *Babel*, que significa *mistura*, ou *confusaõ*; & se apartàraõ para as terras differentes, que Noè lhes sinalàra. Josefo refere 7 haver dito huma Sibylla, que com grandes ventos derribou Deos o que estava fabricado, o que se implica como que no capitulo precedente 8 dissemos, que se conservava no tempo de S. Jeronymo; ou o que se conservava seria alguma parte pequena.

2 Sò na familia de *Heber*, porque naõ interveyo na obra, ficou a lingua herdada de Adam, com o nome de *Hebrea*, tomado de *Heber*, como tambem se chamàraõ os *Hebreos*, em que sua descendencia continuou, 9 & assim he a lingua mais antiga, posto q̃ lhe disputàraõ a Caldaica, Syriaca, Egypciaca, & Phrygia. Mostra-se da significaçaõ dos nomes, *Eva*, que he *mãy dos viventes*; 10 *Caim*, que he *possui homem por Deos*, 11 & *Seth*, *substituido por Abel*; 12 interpretaçoens que aponta o Texto santo, & só se verificaõ na raiz Hebrea.

3 De nascer esta lingua com os primeyros pays, disseraõ Authores, 13 que era natural, & a fallariaõ os homens sem a aprenderem, senaõ conhecessem outra. Se havia lingua natural, quiz experimentar Psammetico Rey do Egypto, entregando dous meninos de poucos mezes a hum pastor, para os criar aonde naõ ouvissem lingua alguma, & se ver depois qual fallavaõ. Passados dous, ou tres annos disseraõ *Bec*, que se cuydou ser palavra Frigia, que significava p[illegible]õ, 14 sendo voz que tinhaõ ouvido a ovelhas, ou vacas naquelle deserto. 15 A mesma experiencia fez naõ ha muytos annos o Graõ Mogor em 30. meninos, & nada fallàraõ; 16 como tambem naõ fallava hum moço, que em Hybernia neste nosso seculo foy achado em huns montes, aonde naõ se sabe porque caso se criára. 17 O certo he, q̃ ainda que o fallar seja natural ao homem, ha de ser aprendendo o que ha de articular; 18 he-lhe natural no universal de pronunciar palavras; mas quaes hajaõ de ser, & como se devaõ pronunciar, he *ad placitum*, o que introduzio o costume: 19 lançar voz articulada, he da natureza; mas deste, ou daquelle modo, he introducçaõ, como a materia natural de qualquer cousa he differente da fórma que se lhe deu. Hum homem que nasceo surdo, diz Aristoteles, 20 necessariamente ha de ser mudo, porque não póde aprender. Em Madrid vi o irmaõ do Condestavel de Castella surdo, & mudo fallar algũas palavras, principal-

3 *Gen. sup n.7.*
4 *Benedict. Pereyr. in Galen. l.16. n.155. in 2. tom.*
5 *Origen. homil.31. in Numer.*
6 *Gen. d c.10.7.* Ut non audiat unusquisque vocem proximi sui.
7 *Joseph de Antiq. l.1. c.5.*
8 *No c. precedente n.4.*
9 *D. Chrysost. hom.30. in Gen. D. Aug. de Civit. Dei l.16 c.11. & l.18.c.39. Pedro Mexia na Sylva de var. liçaõ l.4.c 7. ad med. Diogo Matut. na Prosap. de Christ. iaade 2 c 4 & 5. Pineda na Monarch. Eccl. l. 1. cap. 22 §.3. & 4. Perer. in Gen. d.5. à n.14. & l.7.n.7. in 1. tom. & l.16.ex n.112. in 2. tom. Benedict. Fernand. in Gen. 2 sect.10 n.2. & sect 15.n 1. Galarza inst. Evang. l.1.c.9.*
10 *Gen. 3 20.*
11 *Gen. 4.1.*
12 *Gen. d.c.4 25.*
13 *Apponenses & alii quos refert Gaspar de Reys Fraco in camp. Eys. jucunda, quæst. c.55.n.14 & 15.*
14 *Herodot. Polydor. Virg de rer. inventar c.3.*
13 *D. Aug. de quant. Anim. c.11 in 1. tom.*
16 *Franc. sup. n 14. ex Sennerto, & Drexelio.*
17 *Nicol Taltius l.4. observ. c 9.*
18 *Latè Fonseca Luminari 2. c. de auvib. Valesc. de Taranta, l.2. c. de surdit.*
19 *Ægydius apud Rhodigino. l. 25. cap 14*
20 *Arist hist. Anim. l.4.c.9.*

cipalmente das ordinarias de cumprimento, que lhe enſinou com rara induſtria hum engenhoſo Meſtre, que imprimio hum livro intitulado, *Arte de enſeñar a hablar mudos*; mas pronunciava com algum defeyto, & muyto deſentoado, porque a arte naõ chegou a moſtrarlhe o ſom.

4 Para aprender a fallar conſtituhio a natureza o tempo de hum anno por diante, em que começa a attençaõ do animo, & receepçaõ das eſpecies pelos orgãos dos ouvidos, 21 que atè alli naõ eſtavaõ diſpoſtos para ouvir diſtintamente. 22 He verdade que muytos meninos fallaraõ de poucos mezes, & de poucos dias; 23 mas entre os Chriſtãos foraõ milagres: entre os Gentios portentos; 24 como outros que fallaraõ nos ventres das mãys, 25 (poſto que o dar alli vozes poſſa ſer natural. 26) O grande Patriarca S. Bento antes de naſcer foy ouvido cantar, 27 por ſoberano myſterio. Chamaõ-ſe os idiomas *maternos*, & naõ *paternos*; porque ordinariamente as mãys os enſinaõ na criaçaõ: hum eſtrangeyro, que em idade varonil vay á patria alheya, nunca pronuncia perfeytamente, ainda que acerte as palavras.

5 Plinio diz, 28 que os meninos, que fallaõ cedo, andaõ tarde: & Ariſtoteles, que o fallar demaſiadamẽte cedo, tornará a perder a falla atè o tempo em que devèra fallar naturalmente, como aconteceo ao filho de Creſſo Rey de Lydia, que de cinco mezes fallou algumas palavras, & depois naõ fallou (poſto que ſe entendia que ouvia) até ſer jà de annos; em que vendo que hum Soldado do inimigo victorioſo queria matar a ſeu pay ſem o conhecer, com alta voz diſſe: *Temte, naõ mates a meu pay Creſſo*; com que o Soldado ſe abſteve, & ſe vio o dominio que o animo tem ſobre o corpo, pois os orgãos corporaes obedecèraõ ſubitamente à vehemente determinaçaõ da vontade, & ſe romperaõ os laços da lingua. Os Aſtrologos dizem, que o que tiver em ſeu naſcimento o Planeta Mercurio em aſcendente, original, & direyto, fallarà muyto antes do tempo ordinario. 29

6 Pelo modo aſſima dito ficou o mundo com ſetenta & dous idiomas, ou linguas; 30 a Hebrea antiga, & as ſetenta & huma, que ſe acreſcentàraõ, differentes em cada familia; & ſe dividiraõ todas as ſetenta & duas regiões. 31 Em conſonancia deſte numero, da orla da veſtidura do Summo Sacerdote da Ley Velha pendiaõ ſetenta & duas romãs, q̃ com a diviſaõ de ſeus grãos, ou bagos, ſignificavaõ aquellas regioens povoadas; & entre as romãs outras tantas campainhas, ſymbolo de Prégadores para aquellas gentes; os quaes eſcolheo *Chriſto* Senhor noſſo ſetenta & dous de ſeus Diſcipulos. 32 Para a tranſlaçaõ da Biblia enviou o Sũmo Sacerdote Eleazaro a Ptolomeu Philadelfo Rey de Egypto ſetenta & dous interpretes; 33 & nota S. Jeronymo 34 que as doze legioens de Anjos, de que o *Senhor* fallou quando foy prezo, 35 fazem numero de ſetenta & dous

21 *Franc. ſup. n.* 11.
22 *Cum Ariſtot. P. Mexia na Syv. l.* 1. *c* 36. *ante med.*
23 *Apud Plin. l.* 11. *c.* 51. *Herodot. l.* 1 *Liv. Dec.* 3. *l.* 1. *ad fin. Texto in offic. inp.* 2. *tit. mir. ac nat Vene. in Enchi. ia fol. mihi* 137. *Maiol. colloq.* 4. *ad fin. Sophron in præf. ſpirit. Appendix Mariani Scoti à n.* 1117. *Camões Luſiad. cant.* 4. *eſt* 4 *Laiè Franc. in Camp. Elyſ. q.* 55.
24 *D. Aug. de Civ. Dei l.* 3. *c.* 31.
25 *Liv. Dec* 3. *l.* 4.
Fr. Marcos de Lisboà na Chron. dos Frades Meno. p. 3 *l* 6 *c.* 1.
Fr. Manoel do Sepulchro na Reſeyçaõ Eſpiritual, p. 1 *l* 5 *n.* 8.
26 *Cum Andr. Libatio t.* 2 *ſingul Del Rius diſquiſ. Magic. l.* 2. *q.* 16. *propè fin.*
27 *Boniſ. Simoneta l.* 4 *ep* 20. *Fr. Leaõ de S. Thomàs na Benedict. Luſit. trat* 1. *p.* 1. *cap* 3.
28 *Plin. l.* 11. *c.* 51.
29 *Tudo trata Mexia na Syv de Var. liç l.* 1. *c.* 6. *com Ariſt. Plin. & Herodoto.*
30 *Genebrard. in Chronol.*
31 *Gen. d. c.* 10. 5. *&* 11. 8.
32 *Luc.* 10. 1. *Eſta vazaõ com alguns DD. dà Matut. ſup. idade* 2. *c.* 4 § 3. *E parece melhor que a de Fr. Heytor Pinto, dial.* 4 *c.* 21. *no tom.* 2.
33 *Vide* 1. *p c.* 10. *n* 7.
34 *D. Hier. in Matth* 26.
35 *Matth. cod cap* 16. 33.

& dous mil Anjos, alludindo às ſetenta & duas familias, & linguas do mundo, que todas ſe o meſmo *Senhor* quizera, viriaõ a defendello, & ſervillo.

7 Daquellas ſetenta & duas linguas, como de fontes, ſe derivàraõ as innumeraveis que depois ſuccedèraõ no mundo, formando-ſe como novas da corrupçaõ, & miſtura que eſtranhos conquiſtadores, & varios outros caſos cauſavaõ nas Provincias. Na Ilha de Inglaterra ha quatro, ou cinco, que naõ ſe entendem humas a outras; ſó a Ingleza he commua aos nobres. Aſſim as primeyras, como as derivadas ſe foraõ mudando com os ſeculos. Temos exemplo na Ingleza, em que ha quinhentos, ou ſeiſcentos annos ſe eſcrevèraõ as leys daquelle Reyno, & hoje naõ as entendem, ſenaõ os Letrados que as eſtudaõ. Em França tem havido a meſma mudança do tempo dos Gallois a eſta parte. A Hebrea ſe conſervou atè o cativeyro de Babylonia. Nelle a miſturou o vulgo com a Caldea; ſó nas Biblias ſagradas ficou pura. Depois eſcreviaõ os Hebreos as doutrinas, & artes em Grego, Arabigo, où em outra lingua eſtranha, 36 chegàraõ os mais polidos a fallarem Syriaco: & dizem muytos doutos, que neſta lingua fallava *Chriſto* Senhor noſſo, 37 & que as palavras que diſſe na Cruz: *Eli, Eli, lãmaſabacthani*, eraõ Syriacas, & por iſſo alguns naõ as entendendo, cuydàraõ q̃ chamava por Elias. 38 A Latina tambem nos principios de Roma teve algũa differença, como ſe vè nas leys *das doze taboas*. Das vulgares (por mais que Becano 39 conjecture em favor da Alemã) he a Heſpanhola, que teve menor alteraçaõ de mais de mil annos atè hoje; como vemos nas leys dos Reys Godos, q̃ andaõ no livro intitulado; *Fuero juzgo*. Na variedade das linguas he o mais admiravel, que certa naçaõ, perto do Cabo de Boa Eſperança, ſem formar palavra, falla ſó por eſtalos, que dá na bocca com a lingua, nos quaes parece que naõ ha differença. Na Caſa da India de Lisboa o experimentey em dous moços que jà fallavaõ Portuguez; eu dizia a hum em ſegredo o que de minha parte havia de dizer ao outro pelos eſtallos; & eſte me reſpondia: uſey toda a cautela, porque naõ houveſſe engano, & vi ſer verdade o que por vezes tinha ouvido, & naõ acabava de crer.

8 A bondade, & melhoria das linguas conſiſte na copia de palavras: na boa pronunciaçaõ: na brevidade com que ſe explica: na propriedade com que ſe eſcreve: & em ſer apta para todos os eſtylos. 40 E por naõ haver no mundo couſa perfeyta, ou em tudo aventajada às outras, as melhores linguas que conhecemos, ſe em algũas qualidades excedem, ſaõ excedidas em outras; tratar eſta materia nos divertiria demaſiadamente de noſſo aſſumpto. Os antigos Romanos eſtimavaõ tanto a Latina, que por mercè particular concediaõ aos conquiſtados podella fallar publicamente. 41

8 Deos, que reſtauràra o genero humano para o levantar,

36 *Ben. Perer in Genes. 5. n. 16. & l. 16. 8 n. 124.*

37 *Thom. Boſſ de ſign. Eccl. tom. 2 ſigno 30. c. 1. verſ. Quòd ſi quis.*

38 *Matth. 27. 46. & 47.*

39 *Gerop. Becan. Herm. l. 8.*

40 *Tratou iſto com excellencia Manoel Severim de Faria nos diſcurſ. politicos, diſcurſ. 2. Diſſemos largamente nas excell. de Portug. c. 22.*

41 *Alex. ab Alex. Gen. dier l. 2. c. 30. ad fin.*

tar, naõ quiz deſtruir a tantos que haviaõ peccado taõ gravemente. Contentou-ſe de impedir aquella obra com lhes confundir a lingua. Os que naõ fallaõ a meſma, naõ pòdem fazer companhia. 42 Mas depois, como por reſtituiçaõ, induzio a miſericordia do *Senhor* algumas géraes a muytas regioens. Antigamente o foy a Grega, que mereceo ſer Rainha de todas, pela copia de palavras; abundancia de fraſes, & graça no dizer, que ingenuamente lhe confeſſou Quintiliano, 43 ſobre a Latina, (poſto que Cicero 44 naõ quizeſſe) pela facilidade junta com mageſtade na pronunciaçaõ, a cujo reſpeyto, como diz Strabo, 45 ſe chamáraõ barbaras todas as outras linguas, pela brevidade com que por termos elegantes ſe explica taõ clara, como ſe vè no diſtico referido por Macrobio 46 que naõ ſe pòde traduzir em menos de dezaſete verſos Latinos, pela propriedade com que ſe eſcreve, taõ certa, & ajuſtada, que a pezar dos combates de tantos ſeculos, & ſucceſſos, ſe conſerva nos eſcritos perfeyta em depoſito ſeguro, como Quintiliano 47 diſſe, & pela aptidaõ para todos os ſtylos, grave, medio, & jocoſo, em proſa, & verſo, como vemos nos livros Gregos, em q̃ ſó a locuçaõ dá huma nova alma a qualquer materia. Depois ſe fez gèral a lingua Latina (como hoje o he em quaſi toda a Europa) por induſtria dos Romanos, que dominando a mayor parte do mundo entaõ deſcuberto, para melhor unirem a ſi, o quizeraõ reduzir à ſua lingua: 48 ordenâraõ eſcolas dellas em todos os lugares de ſeu Imperio, 49 & juntamente com o jugo (como diz Santo Agoſtinho 50) os obrigáraõ a tomar a lingua, que antes lhes concediaõ por privilegio. A excellencia della pede eſcritura mais larga, & pareceria ſuſpeyta nos que ſe prezaõ de Latinos; & mais nos Portuguezes, que avaliaõ a ſua por pouco differente; 51 & parece que tambem participou da Latina o fazerſe gèral em muytas Provincias, & Reynos de Africa, Aſia, & America, aonde os Portuguezes a levâraõ. Atè as gentes barbaras da Africa, & America, tem linguas gèraes entre ſi, que por todas aquellas partes ſe entendem, & dellas ſe ſervem os que vaõ commerciar; tal he a Providencia Divina em remediar aquella confuſaõ, que o peccado mereceo.

42 *D. Chryſoſt. hom* 30. *in Gen.* Nam quibus non eſt idem ſermo, & lingua, quommodo cohabitare poſſunt?
Latè D. Aug. de Civ. Dei l. 19. *c.* 7.

43 *Quint. l.* 12. *c* 10.
44 *Cicer. l.* 1. *de finib.*

45 *Strab. l.* 14.

46 *Macrob. in Saturn. l.* 2. *c.* 2.

47 *Quint. l.* 1. *c.* 14 Hic eſt enim uſus litterarum, ut cuſtodiant voces, & velut depoſitum reddant legentibus; itaque id exprimere debent, quod dicturi ſumus.

48 *Plin.* 3, *c.* 5 *in princ.* Tot populorũ diſcordes, ſeraſque linguas ſermonis commercio cõtraheret ad colloquium.

49 *Joaõ Huarte de S. Joaõ no exame de engen. c.* 10. *poſt princ. verſ. das lenguas.*

50 *D. Aug. de Civ. Dei d. l.* 9. *c.* 7. *ant. med.*

51 *Cam. nas Luſiad cãt* 1. *eſt.* 33. E na lingua, na qual quãdo imagina, com pouca corrupçaõ crè que he Latina.
E o moſtra Man. Severim ſup. d diſcurſ. 2.

CAP.

CAPITULO V.

Primeyra Monarquia que houve no mundo, como começou por tyranna, & bem adquirida he conveniente, & melhor que o governo de muytas. Que cada naçaõ deve ter seu Rey particular, & natural; & qual foy o principio da idolatria, com que os homens de novo se arrumavaõ.

1 NAõ sabemos que houvesse Reys antes do Diluvio. Governou Adam cõ poder mais alto, dado immediata, & vocalmente por Deos; 1 logo as cabeças das familias pelo direyto paternal; depois os fundadores das Cidades, ou povoaçoens, como Caim; 2 ultimamente os mais poderosos, como nos Gigantes insinùa o sagrado Texto. 3

2 Passado o Diluvio, Noè governou com poder de segundo Adam, dado por Deos, 4 & succedendo a divisaõ das gentes, cada cabeça das familias que o Texto nomea, regeo a sua, 5 atè que no anno 275 depois do diluvio (na opiniaõ que sigo; 6 posto que outra diga saõ cento sessenta & dous 7) Nembrod, que sora cabeça da insania de Babel, 8 se arrogou em Babylonia Monarquia, & foy a primeyra. 9

3 Foy tyranno 10 pela violencia com que se introduzio, & pelo mào fim que o moveo, só de dominar; mas a dignidade bem adquirida, & com boa tençaõ era conveniente: porque a Republica, que he corpo civil, naõ pòde estar sem cabeça; & assim a exemplo de Nembrod se seguiraõ tantos Reys em que se todas as provincias, que os Reynos se fizeraõ de direyto das gentes. 11 E os Israelitas mal contentes de outro governo, posto que dado por Deos, pediraõ ao Santo Profeta Samuel que lhes désse Rey, como tinhaõ todas as naçoens. 12

4 Sò os excessos de muytos Reys levantàraõ a questaõ: 13 se he melhor o governo de hum, ou o de muytos? Contra o Monarchio de hum se considera, que se os que governaõ saõ bons, melhor he haver muytos bons, que hum só bom: se saõ màos, he menor mal serem muytos, (porque nenhum obra absoluto) que ser hum só que executa independente. Se he difficultoso achar muytos bons, se he facil encontrar com hũ màо. Na bondade, ou maldade de muytos pòde haver meyo, na de hum raramente o ha. Hum Senado se governa por muytos juizos, que naõ pòdem errar todos: o Rey governa todo o Senado, & pòde enganarse. O Senado elege-se por votos; o Rey nasce

1 *Gen.1.16.& 18.*

2 *Gen.4 17.*

3 *Gen. 6.4. Isti sunt potentes.*

4 *Gen. 9 à princ.*

5 *Gen.10*

6 *Cum Flosc hist p.1.c.2.*

7 *Joan. Michael. in Synag. hist. 1. sect.2 n.13.*

8 *Sup.c.3.n.4.*

9 *Gen.10 9.& 10.*

10 *D.Chrysost. in Gen. hom.29. in fin.*

11 *Lex, Ex hoc jure, Digest. de just. & jur.*

12 *1.Reg 8.6.& Deuter. 17 14*

13 *Apud Simanc. de Rep.l.1.c.2. & 3.*

2 *Pineda, Monarch. Eccl. na prefaç § 2.*
Fr. Serafim de Freytas de just. Imper. Lusitan.c 6.
Made a nas excel. de Hesp. c. 1. § 2.
Salazar de Mendeça, das dign. de Castel.l.1 c.1.
Fr. Alonso Remon. tratado do governo humano l. 1. advertenc. 3 põe
3 *Estes allegaõ os antigos.*

naíce por fortuna. O Senado entende, que foy criado para o povo; o Rey cuyda que o povo ſe criou para elle. O Rey novo querſe moſtrar bom; & os Senadores ſempre ſaõ novos. O máo Rey, por duravel, deſeſpera os ſubditos; dos Senadores eſpera-ſe mudança. Se nos Senadores ha diſcordia, peyor he naõ ſe diſcordar do máo Rey. Finalmente, de muytos Reys he raro o que governa bem hum ſó Reyno; & hum ſó Rey quer governar muytos Imperios, & para iſſo inquieta o mundo.

5 Com tudo o governo de muytos he artificial, o de hum he da natureza; porque o primeyro movel preſide aos outros moveis: hum luminar mayor a todas as Eſtrellas: o homem a todas as eſpecies de animaes: o entendimento às mais potẽcias da Alma: na muſica; ſymbolo da harmonia do mundo, todas as vozes ſeguem a huma ſó voz; atè no Ceo preſide hum ſó Anjo a cada coro: Deos fonte de todo o bem, he hum ſó, & para ſua Igreja eſcolheo governo monarchico de hum Summo Pontifice. Atè nas Reſpublicas de governo de muytos coſtuma hum homem grande ſer columna: & ſua falta cauſar ruina; reynando por eſte modo a Monarquia nellas. 14

6 Mas a inſtituiçaõ dos Reys foy que cada naçaõ tiveſſe o ſeu particular, 15 pelo amor reciproco entre os da meſma patria, & lingua: 16 pelo mayor conhecimento dos coſtumes, & leys: 17 pelo brio com que huma naçaõ naõ quer ſugeytarſe a outra, 18 tendo-o por opprobrio; 19 & pelas mais razões, que largamente expendemos em outra obra. 20 E aſſim os Parthos pediraõ a Tiberio Rey natural: 21 os Francezes, 22 os Godos de Heſpanha, 23 & os Portuguezes 24 o preveniraõ em ſuas leys: atè os Apoſtolos Santos o deſejavaõ: 25 Deos o ordenou, & prometteo no Reyno dos Iſraelitas quando ſeus mimoſos: 26 & com o contrario os ameaçou, & caſtigou quando peccadores. 27 Finalmente as conveniencias ſe tem moſtrado na experiencia dos ſucceſſos, como notou hum Texto Canonico. 28

7 Porèm logo naquelles principios ſe quebrou eſte inſtituto. Morto Nembrod (que alguns 29 querem que ſeja o que os Gentios chamàraõ Belo) com ſeſſenta & quatro annos de Reyno, & trezentos de idade, ſucedeo Nino, (que tambem ſe chamou Aſſur) ou immediato, por ſer ſeu filho, como eſcrevem huns Authores; 30 ou depois de Belo ſeu pay, que outros dizem foy filho de Nembrod. 31 Eſte Nino marido da celebrada Semiramis, foy o primeyro que conquiſtou por armas. 32 Em dezaſete annos ſugeytou quaſi toda Aſia, 33 conſtituindo a grande Monarquia que de ſeu nome *Aſſur*, ſe chamou Aſſyria, cuja duraçaõ, & larga ſucceſſaõ de Reys diſſemos na primeyra parte. 34

8 Se alguns Reys tiveſſem o corpo taõ grande, com tem a ambiçaõ, abarcariaõ com huma maõ o Oriente, com outra o Occidente: & cuydariaõ que lhes faltava mundo para eſtẽder ſua

14 *Floſcul.hiſt.*1.*c.*7. *ant. med.* Quibus vitiis ſtantibus, Athenæ ſteterunt: pereuntibus Imperium corruit, ita vel in Democratijs Monarchia argent.

15 *Juſtin.l.*1.*in prine.* Intra ſuã cuique patriam Regna finiebantur. *Deuteron.*174. Sicut habent omnes per circuitum nationes.

16 *D Thom* 1.2.*q.*105. *art.*1.*ad* 2. Quia tales Reges alterius gentis ſolent parum affici ad gentem, cui præficiuntur, & per cõſequens non curare de eis.

17 *Joan.Mag.hiſt.l.*19. *c.*3. *ad fin.* Externi, cùm nec mores, nec leges patriæ norint, ad conſulendum de aliqua Republica imprudentiſſimè admittuntur.

18 *Q.Curt. hiſt. Alexand. l.*7. *poſt med.in oratione Sebyte* Alienigenam dominum nemo pati vul.

19 *Jerem.Thren. c.*5. *in princ.* Reſpice opprobrium noſtrum; hæreditas noſtra verſa eſt ad alienos, domus noſtra ad extraneos

20 *In Inſit. liber* 1 *c.*12.

21 *Corn Tacit.annual.l.* 6. *poſt med.*

22 *In lege Salica*

23 *In lege relata à Molina de primog.in annot..ad fin.tom.n.*3.

24 *In legibus Lumeti.*

25 *Act.* 16 Domine, ſi in tempore hoc reſtitues Regnum Iſrael?

26 *Deuter.*17. 15. Non poterit alterius gentis Regem facere, qui non ſit frater tuus. *Oſee* 2. 15. & *Joel l.*17.

27 *Iſai* 1.8. *Habac.*1.6. *Jerem.*4. 10.& *c.*5. 15. & *Thren.* 5. *in princ.*

28. *Cap. Fundamenta* 27. §. *indignè de elect. in* 6. Nunquid obduxit oblivio, quæ incolis nota, &c.

29 *Benedict. Pereyr.in Gen. l.* 15.*n.*67.

30 *Floſcul.hiſtor.p.*1,*c.*2.

31 *Pined.in Monarch.Eccl.l.*1. *c.*26. & 277.

32 *Diſſemos na* 1.*p.c.*21.*n* 6.

33 *D. Aug. de Civit. Dei l.* 16. *c.*17.*l.*18.*c.*12. *Juſtin.hiſt.l* 1. *Diodor l.*3.

34 *P.*1.*c.*14.*n.*5.

ſua gloria. Eſtarem fartos os faz famintos: das vitorias lhes naſcem novas guerras; imaginaõ que naõ cabem na redondeza do Orbe, ſendo que hum ſó Reyno naõ cabe nelles. Se puzeſſem freyo à felicidade, melhor a regeriaõ: a fortuna quando eſtende a maõ, naõ conhece as azas: nada ha taõ firme, que naõ perigue: o Leaõ vem a ſer paſto das aves: ao ferro conſome a ferrugem; muytos querendo colher frutos de arvores altas, cahiraõ com os ramos a que ſubiraõ. Ao grande Alexandre accuſava o prudente Embayxador dos Scythas, 35 de taõ cega ambiçaõ, que ſe venceſſe todo o genero humano, havia de ir pelejar com as feras ſelvas, neves, & rios; a de Nino excedeo, pois quiz tambem dominar o Ceo, chamando-ſe Deos. Mas naõ ſe atrevendo a tanta imprudẽcia, lhe pareceo mais tolleravel attribuir deidade a Belo ſeu pay já morto; & levantar-lhe eſtatua em q̃ o adoraſſem, para ficar pelo menos filho de Deos; liberalidade inſana dar o que naõ tinha. Eſte he o Belo que os Gentios tinhaõ por Saturno, ou por Jupiter Belo, & os Hebreos chamavaõ Baal, Belial, Baalim, & Bel; & eſte, ſegundo os melhores Hiſtoriadores, 36 foy o principio da Idolatria; o peyor peccado, & o mais neſcio; poſto que alguns lhe daõ principio em Mileſio Rey de Creta: outros em Prometheo: & Filo Hebreo 37 diz, que jà antes do Diluvio Tubalcaim tinha feyto imagens de idolos.

9 Salomaõ, 38 a quem ſe deve mais credito, refere differente principio da Idolatria, em hum pay (a que Fulgencio 39 chama Syrofanes, Egypcio) o qual ſe quiz conſolar na morte de hum filho, com fazer huma imagem ſua, & mandar aos criados, que com ſacrificios adoraſſem como Deos, ao que morrèra, porque era homem. E q̃ dalli ſe introduzio fazerem-ſe imagens de Reys, nas quaes os povos em auſencia os veneraſſem como preſentes; que os artifices liſongeyros ſe esforçavaõ a figurallos com toda a ſemelhança; & que chegou a tanto primor a excellencia de algũa daquellas obras, q̃ a gente cega avaliou por Deoſes, os que de antes honrava por humanos.

10 Qualquer principio que a Idolatria tiveſſe, moſtrou a pertinacia com que os homens, jà eſquecidos do caſtigo do Diluvio, & ingratos à clemencia com que Deos ſe houvera no peccado de Babel, parece que ſe apoſtavaõ com crimes novos a impedir o remedio que o *Senhor* lhes tinha aparelhado, competindo a malicia humana com a miſericordia Divina. No ſeguinte capitulo ſe veraõ os exceſſos com que niſto obràraõ.

35 *Apud Q. Curt. ſuprà.*

36 *Floſcul. hiſt. p. 1. c. 2.*

37 *Phil. ant. Bib. l. 1. apud Britt. Monarch Luſit. p. 1. l. c. 1. ad fin.*

38 *Sapient. 14. à n. 15.*

39 *Fulgent. l. 1. & myt.*

CAP.

CAPITULO VI.

Como a Idolatria ſe introduzio no Mundo, adorando-ſe homens, & couſas inſenſiveis; deſatinos que nella havia: algumas ſiguras dos Deoſes: indecencias que delles ſe referiaõ: ſeus ſacrificios, & Sacerdotes; & a ſumptuoſidade de ſeus templos.

1 DE tal principio ſe introduzio terem os homẽs por deidades, os que ſe aventajavaõ em alguma qualidade: ou aquelles que deſejavaõ pagar algum beneficio; obrando niſto muyto as ficçoens dos Poetas. Paſſou-ſe a dar a meſma honra por temor, 1 & talvez por engano. Saſon Carthaginez, ou Hennon, 2 & Abſefas Rey de Lydia, 3 enſinàraõ muytas aves das que imitaõ palavras, a dizer: *Gram Deos Safon*, & *Gram Deos Abſefas*: depois as ſoltáraõ, & ouvindo-ſe nos campos como milagre, baſtou para ſerem adorados, & ſe lhes levantarem templos em vida: o que naõ coſtumava conceder-ſe aos mortos.

2 Dos primeyros, ſenaõ o primeyro, que teve titulo de Deos, foy o Santo Noè, começando o peccado a cobrirſe da Santidade, que ſaõ as traças do demonio. Alèm de lhe chamarem Deos *Jano*, como na primeyra parte diſſemos, 4 lhe chamàraõ *Saturno*, pay dos Deoſes, & filho do Ceo: & tiveraõ por Deoſes aos filhos, chamando a *Sem*, Jupiter Rey do Ceo, porque na diviſaõ das terras, de que trata a Eſcritura ſanta, 5 lhe coube a parte ſuperior na Aſia: a *Cham*, Pluto, attribuindolhe reynar no inferno, porque lhe coube Africa, parte inferior; & ſeus deſcendentes foraõ pela mayor parte negros, naõ ſó pelo clima da terra, mas em pena dos peccados do meſmo Cham: 6 a *Japhet*, Neptuno, dandolhe o ſenhorio do mar, porque na Europa lhe ficáraõ as partes maritimas. E diſſeraõ, que hum caſtrára a ſeu pay, porque ſe *Cham* o naõ fez realmente, como foy tradiçaõ Hebrea, 7 ao menos procurou, 8 & o fez inutil com feytiços, porque foy grande Magico; 9 & he certo que neſta parte lhe fez afronta que o ſagrado Texto declara. 10 Aſſim ſe confundio a verdade entre os Gentios.

3 Outros chamàraõ a Noè *Ceo*, & ao filho que o caſtrou chamáraõ *Saturno*, porque (ſegundo Xenofonte 11) os antigos chamavaõ aos fundadores de Reynos, *Saturnos filhos do Ceo*; a ſeus primogenitos, *Jupiter*, & aos filhos de Jupiter, ſe ſahiaõ valentes, chamavaõ *Hercules*; de maneyra q̃ *Ceo*, *Saturno*, *Jupiter*, *Hercules*, eraõ viſavò, avò, pay, & filho; 12 o que he neceſſa-

1 *Latant. Firminian. inſt divin. l.1.c.25.*

2 *Mariana hiſt. de Heſp. l.1.c. 20. ro fim.*

3 *Diogo de Funes, & Mendoça na hiſt. de aves, & anim. l.1.c.2. no fim.*

4 P.1.c.28.n.3.

5 Geneſ.c.1.

6 Portellus in cõpend. Coſmog.

7 *Refere Genebrard. in Chronograph. citando a Rabbi Levi no c. 9. do Geneſ.*

8 *Matute na Proſap. de Chriſt. idade 1.c.1.§.1.*

9 *Beroſ. de ſter Chald. l.3. Hiſt. Scholaſt. in Gen.c.39.*

10 *Geneſ c.9.22.*

11 *Xenophon. in equivoc.*

12 *Adverte Pineda na Monarch. Eccleſ. l.1.c.19.§.2. & c.25.§.3.*

necessario advertir para intelligencia das historias, em que alguns, sendo os mesmos, se achaõ com differentes nomes, em partes diversas; porque o que em hum Reyno era Jupiter, por ser filho do que o fundou, ficava Saturno em outro, que fundava. E tambem como havia muytos do mesmo nome, se confundiaõ as acçoens de huns com outros, ou de todos em hum, (principalmente pelos Poetas) como succede em Hercules.

4 Assim mesmo à mulher de Noè, chamada *Titea*, 13 adorâraõ os Idolatras por Deosa, chamando-lhe humas vezes *Cybelles*, 14 & outras *Vesta*; 15 nome que segundo Berosо, 16 se lhe poz logo depois do diluvio, por significar *chãma de fogo*, que ella para o sacrificio de seu marido tirou aos rayos do Sol com hum espelho, que se naõ esquecco salvar naquella tempestade. Com semelhante equivocaçaõ à que advertimos nos homens, chamavaõ os antigos à mulher do Ceo *Vesta*: à de Saturno, *Rhea*, ou *Cybelles*, à de Jupiter, *Juno*.

5 Chegâraõ a adorar Deoses innumeraveis, 17 divididos em varias especies: *Indigenas*, *Alienigenas*, *Celestes*, *Terrestres*, *Infernaes*, *Marinhos*, *Fontanos*, *Pluviaes*, *Certos*, *Incertos*, *Nupciaes*, *Selectos*, *Consentes*, *Agrestes*, & de outras denominaçoens, segundo ao q̃ presidiaõ, & modo porque eraõ invocados, de que faz mençaõ, & explicaçaõ o grande Doutor da Igreja S. Agostinho em varios lugares daquella sua divina obra da *Cidade de Deos*. Atè as cousas nocivas adoravaõ, porque naõ fizessem mal: os Caldeos o fogo, os Romanos a febre, a adversa fortuna, o pavor, o gurgulho, o pulgaõ, & outros animaes, q̃ destroem os frutos: os Acayos as Furias, os Athenienses o desprezo, & a afronta: os Lacedemonios a velhice, a morte, a pobreza. 18 Costume que se pudera fazer Christáo, venerando os males como permittidos por Deos para castigo, emenda, ou merecimento na paciencia.

6 Representavaõ-se algumas daquellas Deidades em figuras indecentes; como Venus em Chipre com barba: em Thussia de Egypto com cornos de boy: a Deosa Decerta, em Escalon de Syria, com rosto de homem, & fins de peyxe: 19 & outros em fórma de brutos.

7 Referiaõ-se delles cousas, naõ sómente indignas, como era terem contendas entre si, Juno, & Venus, & outros, em Homero, & em Virgilio; mas tambem infames, como furtos, adulterios, & outras maldades, de que estaõ cheyos os Metamorphoses de Ovidio, fabulados sobre historias, que se tinhaõ por verdadeyras; como que Jupiter se transformàra em aguia, para roubar a Ganimedes, & Asterie em Cisne, para lograr a Leda: em touro, para enganar a Europa: em dragaõ, para estar com Olympias, & com Proserpina: em cabraõ, para forçar a Penelope: em Satyro, para adulterar a Antiopa: em chuva de ouro, para alcançar a Danae: em fogo, para deflorar a Egina: que prendèra seu proprio pay, violára sua mãy, corrompèra sua irmã,

13 *Supr. c.3. n.1.*
14 *Pined. sup. l.1. c.19 §.3 in princ.*
15 *Vide sup c.9. n.7.*
16 *Berosi de stor Chald. l.3. apud Britte. Monarch. Lusit. p.1. l.1. c.2 post med.*
17 *D. Aug. de Civ. Dei l.3. c.12.*
18 *Plin. l.2. c.7. D. Aug sup. l.4. c.23. ante med. Alex. ab Alex. Gen. dier l.2 c.13. Viana comment. Ovid. Metam. l.4. n.33.*

irmã, casára com sua filha. Atè nos sacrificios celebravaõ com ceremonias torpes, dizendo que elles as queriaõ assim; 20 naõ se envergonhando de servirem a taes Deoses; porque quem deseja peccar, venera os Authores do peccado. 21 Com razaõ Ocho Rey da Persia, vencendo aos Egypcios cõ seu Rey Artabano, lhes tirou dos altares os idolos, & os obrigou a adorar nelles hum jumento, 22 pois de huma a outra adoraçaõ naõ havia differença.

20 *D. Aug. sup. l. 2. c. 4 & 13.*

21 *D. Petr. Chrysol. serm. 133. post med.*
Qui peccare cupit, peccatorũ colit venerarur authores.

22 *Cum Ælian. Britto Monarch. Lusit. p. 1. l. 2. tit. 6.*

8 A cada Deos se dedicava semelhante animal: a Jupiter a aguia: a Neptuno o cavallo: a Marte o gallo: a Baco o lince: a Esculapio gallos, & gallinhas: a Juno o pavaõ: a Venus, & Apollo o cisne: a Minerva a coruja: a Diana o cervo; & assim aos mais. E lhes consagravaõ differentes arvores: a Jupiter o carvalho, & ensinha: a Plutaõ o acipreste: a Apollo o louro: a Baco a hera: a Pan o pinheyro: a Hercules o alemo branco: a Venus o myrto: a Minerva a oliveyra.

9 Tambem se lhes sacrificavaõ animaes differentes, porẽ todos machos, por estar nelles a virtude da especie mais forte, que nas femeas; 23 & a alguns sacrificavaõ homens (como ainda hoje fazem negros barbaros;) & bem mereciaõ serem sacrificados por brutos, homens que tinhaõ a brutos por Deoses.

23 *D. Athanas. Epist. ad Monach. solit.*

10 Nos sacrificios usavaõ differentes ceremonias segundo os mysterios, que naquellas Deidades consideravaõ. A Saturno, entendido por Noè, como dissemos, 24 estavaõ os sacrificantes com a cabeça descuberta, tendo-a cuberta quando sacrificavaõ aos outros Deoses; porque chamando a Saturno, *Pay do tempo*, 25 lhe attribuhiaõ por filha a Verdade, que com o tempo se descobre. Fora muyto largo trazer mais exemplos. Aos Deoses celestes sacrificavaõ em altares, aos terrestres em aras, aos infernaes em covas. Aos celestes ao nascer do Sol, aos infernaes no occaso. Aos celestes rezes brancas, aos outros negras.

24 *Neste mesmo cap. n. 2.*

25 *Dissemos na p. p. c. 28. n. 3.*

11 Por isto tinha cada Deos seus Sacerdotes com diversos nomes, & gràos de dignidades. O mayor sobre todos, que chamavaõ Pontifice Maximo, eraõ em Roma ordinariamente os Emperadores. A dignidade Sacerdotal chamada *Flamen*, fazia as ceremonias com a insignia de hum barrete como mitra; & era taõ excellente, que só havia tres *Flamines* para tres Deoses escolhidos; hum chamavaõ *Flamen Dial*, para Jupiter: outro *Marcial*, para Marte: outro *Quirinal*, para Romulo, que chamaraõ *Quirino*, depois que o fingiraõ posto no Ceo. 26

26 *D. Aug. sup. l. 2. c. 25.*

12 Tinhaõ sumptuosissimos templos. Entre muytos foy o de Jupiter em Panchea, 27 de alabastro finissimo sobre grandes colũnas, com muytas, & famosas estatuas de Deoses, as portas de ouro, & prata excellentemente lavradas. No meyo delle estava hum leyto para o Deos de seis covados de comprido, & quatro de largo, todo de ouro, de admiravel obra; nelle huma

27 *Diod. Sicul. l. 6. c. 10.*

cama

cama riquiſſima, & junto della huma meſa de ouro curioſamente eſmaltada, em que ſe viaõ hũas laminas tambem de ouro, & eſculpidas nellas com rara ſutileza as façanhas de Saturno, Jupiter, Apollo, & Diana.

13 Em Saora de Syria junto ao Euphrates 28 havia hum templo dedicado a Jupiter, & a Juno, de huma ſoberba arquitectura, cubertas de ouro as paredes, & abobadas; & no meyo hũa quadra ſobre columnas, dentro da qual eſtavaõ a eſtatua de Jupiter ſobre touros, & a de Juno ſobre leões, ambas de ouro; a de Juno ſe ornava com diamantes, çafiras, & rubins, & na cabeça tinha huma pedra precioſa q̃ chamavaõ *Lichmis*, cujo reſplandor allumiava de noyte todo o templo. No meyo deſtas duas eſtatuas eſtava outra de ouro, que tinha ſobre a cabeça hũa pomba do meſmo metal; & por eſta inſignia, parece que era Semiramis Rainha de Babylonia.

28 *Lucian. in dial. de Dea Syria.*

14 Em Heſpanha houve o templo, 29 que os Heſpanhoes fundàraõ a Hercules, (que em Heſpanha reynou, & elles em morrendo veneràraõ por Deos) & alli o ſepultáraõ; o qual depois os Phenices, entrando em Heſpanha, mudàraõ para Cadiz com a oſſada de Hercules, & permanecia no tempo de Julio Ceſar. O qual templo, entre outras grandezas, tinha em ſi huma grande oliveyra de ouro; obrada com ſummo artificio, carregada de fermoſas azeytonas feytas de eſmeraldas; & junto delle eſtavaõ duas colũnas quadradas de ouro, & prata, fundidos ambos os metaes juntamente; & nellas gravadas nas letras, & linguas daquelle tempo as celebres palavras, *Non plus ultra.*

29 *Flôriam do Campo l. 1 c. 17. & l. 2. c. 9. citado por Britto na Monarch. Luſit. & por Fr. Bernardiz da Sylva na ſua defenſaõ p. 2 28 Franciſco de Monçon no Eſpelho de Princip. l. 1. c. 82.*

15 Em Calabria junto da Cidade de Croton eſteve hum riquiſſimo templo dedicado a Juno; 30 & entre as couſas maravilhoſas que nelle ſe viaõ, era hũa columna toda de ouro, q̃ ſe tinha por ineſtimavel. ElRey Hiarbas de Getulia edificou hum templo com cem altares, cada hum taõ grande como hum grãde templo. Dizem que em Leaõ de França houve outro mayor. 31 Nero fez em Piſa (alguns dizem que em Roma) hũ a Diana, & nelle huma ſemelhança de Ceo com Sol, Lua, & Planetas, que faziaõ curſo como o natural, & tal vez chovia como naturalmente. Cahio de repente por oraçoens de Saõ Torpes, porque nelle o obrigavaõ a idolatrar. 32 E em varias partes houve tantos taõ grandioſos, que cada hum era huma maravilha.

30 *Liv. dec. 3. l. 4.*

31 *Monçon ſupra. Budeus de Aſſe.*

32 *Britto Monarch. Luſit. l. 5. c. 6. Caſtilho hiſt. dos Godos l. 4. diſc. 16.*

16 Das ſete Maravilhas do Mundo mais celebradas, foy o templo de Diana em Epheſo; 33 Cidade que as Amazonas fundàraõ em Jonia Provincia de Aſia; & tambem ſe diz que fundàraõ o templo. Fundou-ſe em huma lagoa por evitar o perigo dos tremores da terra, por traça de hum Theodoro grande arquitecto, 34 ſobre alicerſes, em que ſe lançou muyto carvaõ, & lã, para os fazer mais firmes na humidade. Tinha quatrocentos & vinte & cinco pés de comprido, & duzentos & vinte de largo; cento & vinte & ſete colũnas de marmore excellen-

33 *Com. Plin. Strab. Solin. Pompon. Mella, & outros. Mexia na Sylva de var. lig. l. 3. c. 33. Vide infra c. 61. n. 6.*

34 *Textor in offic. par. tit. Sculptor.*

te; as trinta & seis esculpidas de singular lavor, as outras muyto lizas; todas de sessenta & cinco pès de alto; cada huma mandou fazer hum Rey da Asia, para mostrar grandeza, ou por devoçaõ. Estas colũnas sustentavaõ o emmadeyramento admiravelmente lavrado. As portas eraõ de acipreste de semelhante obra. Trabalhou-se nesta fabrica duzentos & vinte annos, com mestres escolhidos; entre os quaes se nomeaõ por mais famosos Thesiphou, & Archiphron. A maravilha consistia, em que nem a grandeza, nem a prata, ouro, & pedras preciosas dos outros templos igualavaõ a arquitectura, lavor, & primor deste; no que se vè como os antigos sabiaõ estimar a excellencia das artes. Xerxes, que conquistando a Asia queymava todos os templos, só a este perdoou; & depois lhe poz fogo, & o queymou hũ vil homem chamado Herostrato, só por se afamar nisto, como confessou sendo prezo, & o conseguio, ainda que os Magistrados por frustrarem o intento, fizeraõ prohibiçoens de se escrever seu nome. Teve-se logo aquelle incendio por prognostico da destruiçaõ da Asia, & depois se achou que succedèra no mesmo dia em que nasceo Alexandre, que a subjugou. 35 Reedificou-se com muyta grandeza; mas a primeyra foy a mais celebrada. Durou este reedificado, atè que Saõ Joaõ Evangelista, fazendo oraçaõ a Deos o fez cahir. 36

17 Sendo aquellas adoraçoens desatinos, os reputados por mais sabios se prezavaõ mais dellas. Numa segundo Rey de Roma, livrou sua mayor gloria nas leys q̃ ordenou sobre a Religiaõ. 37 O Pontifice Scevola se fez afamado com os ritos que instituhio: 38 & Marco Tullio sendo Consul, allegava por serviço à Republica, em hum grande aperto que teve Roma; que por espaço de dez dias havia feyto continuar os jogos para aplacar os Deoses, 39 como se naõ fora mais util aggravar a taes Deoses faltando em seu culto, que obrigallos com veneraçoens. Charondas Legislador de Carthago condenou por infame quem levantasse casa mais pomposa que os templos. 40 Finalmente esteve quasi toda a terra taõ esquecida de Deos, que vendo-se cheya de innumeraveis templos de Idolàtras, muytos seculos naõ teve o *Senhor* Templo algum em toda ella: & quando veyo a ter hum só em Jerusalèm, naõ deyxavaõ os mesmos Israelitas de fabricar muytos a *Baal*

18 Porèm a Divina Bondade, constante em reparar a ruina dos homẽs, conservou sempre em alguns hũa noticia da verdade, que fosse fundamento ao que dispunha, & faisca de que na terra se ateasse o fogo de seu amor para a allumiar, & tirar das trevas.

35 *Plutarch in Alex. Cicer. l.2. de nat. Deor.*

36 *Episcopus Garcia Galarza, Evanget. inst. l.8 c.6. in princ.*

37 *Tit. Liv. dec. 1. l. 1.*
38 *D. Aug. de Civ. Dei l. 4. c. 27.*

39 *D. August. supr. l 2. c. 25.*

40 *Stob. serm. 44.*

CAPITULO VII.

Morte de Noè. Como entre a Idolatria conſervou Deos ſempre ſeu conhecimento entre os mais eſcolhidos, & ſuas noticias entre a gentilidade, por não deſamparar o genero humano, que havia de reſtaurar.

1 AOs novecentos & cincoenta annos de ſua idade, trezentos & cincoenta depois do Diluvio, 1 depoz o ſanto Noè a vida, paſſada em continuas calamidades. Vio a maldade dos Gigantes: aſſiſtio ao naufregio do Mundo: chorou a inſania de Babel: ſentio a diviſaõ das linguas: & laſtimouſe, de q̃ a repartiçaõ das terras que fizera para concordar ſeus deſcendentes, cauſaſſe entre elles guerra: taõ errados ſaõ os remedios humanos. Duvida-ſe, q̃ ſe para mayor pena, chegou a ver a idolatria: mas he certo que experimentou que o Diluvio das aguas com que o Mundo ſe devèra emendar, naõ fechára a porta a peccados. Morreo, digo; aquelle ſegũdo pay univerſal, theatro de virtudes, & de trabalhos. Mas deyxou o conhecimento do verdadeyro Deos nos deſcendentes que jà viviaõ, ſeu devido culto nos de Heber, & em que ainda naõ tiveſſe entrado a idolatria, & particularmente grande ſantidade em ſeu filho *Sem*.

1 *Geneſ. 9. in fin.*

2 Por *Sem* floreceo a ſantidade no Mundo atè Abraham; pois quando *Sem* naõ ſeja o meſmo, que o grande Sacerdote Melchiſedech, como largamente com muyta probabilidade expende, & defende hum erudito Eſcritor; 2 parece certo, ſegundo as idades que refere o Texto, 3 que alcançou o ſeu oytavo neto Abraham duzentos annos. E os meſmos, ou mais o alcançàraõ os filhos de *Sem*, nos quaes Santo Agoſtinho 4 conſidera grande virtude por argumento da bençaõ que Noè lançou. 5

2 *Refere Bened. Perer. in Gen. li 14. de peregrinat. Abrah. n. 63. in tom. 3. & defende Matute na Preſap. de Chriſt. idade 1. c. 11. §. 1.*
3 *Geneſ* 11
4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 16. c. 12.*
5 *Geneſ. 9. 26.*

3 Succedeo a ſantidade de Abraham; & pelo meſmo tempo viveo o Santo Lot; logo ſucceſſivamente os Santos Iſaac, Jacob, & Joſeph. 9 E delles procedeo o Santo Job, filho de Zara, neto de Eſaù, biſneto do meſmo Jacob; 7 & dalli ſe continuou o conhecimento de Deos nos Iſraelitas atè noſſa redempçaõ.

6 *Geneſ. 11. cum ſequentib.*
7 *D. Hieron. argum. lib. Job.*

4 Entre os meſmos Gentios naõ acabou de eſcurecer o dia da verdadeyra luz, ſempre ſe conſervou hum crepuſculo, porque as nuvens oppoem-ſe; mas naõ apagaõ o Sol. A idolatria pintava a Religaõ com falſas cores: as ſombras figuravaõ corpo ſem realidade. Como o eſpelho naõ repreſenta ſem ter debayxo couſa ſolida, que detenha a imagem, naõ podiaõ as ficçoens ſem fundamento repreſentar Deidades. Os judicioſos

advertiaõ, q̃ naõ podiaõ ſer Deoſes, os que haviaõ ſido homẽs, ſendo as naturezas taõ differentes; nem cabiaõ em Deoſes os vicios q̃ nelles confeſſavaõ: que havendo aquelles homens naſcido no Mundo, deviaõ elles, & o Mundo ter Creador mais antigo: que mais ſe devia divindade ao Creador dos homens, q̃ aos Deoſes que os homens fizeraõ. Muytos tiveraõ revelaçaõ, & ſe ſalváraõ, como diz o Doutor Angelico. 8

8 *D.Thom.2 2.q.2.art.7 in 3.*

5 Deyxando as Sibyllas para particular capitulo; o antiquiſſimo Orpheo, Tracio de naçaõ, (huns dizem que viveo quando os Hebreos ſe governavaõ por Juizes: outros que era mais antigo, coetaneo de Hercules) venerados entre os Gregos por hum dos primeyros pays da doutrina mais alta, & por iſſo chamado filho de Apollo, & de Calliope, diſcipulo de Lino, reputado pelo mais ſabio nas couſas divinas, 9 começa huma das obras metricas, que anda no tomo que ſe intitula *dos Poetas menores Gregos*, 10 dizendo, *que elle falla aos Sabios, & naõ aos ignorantes; que o verdadeyro Deos he o que creou o Mundo*; & continuando o meſmo propoſito, acaba: que *aſſim o diz o que naſceo das aguas*; por eſte modo allega a Moyſés, tirado das aguas quando menino. 11

9 *Pedro Sanebes de Vian.comment.a Ovid.Met l.10 n.2. Juvat D.Thom 1.Metaphyſ.ſect.4. verſ.hic oſtendit.*

10 *Orpheus in tom.Poetæ minor. Græc.*

11 *Exod.c.2.*

6 Hermes Triſmegiſto, pouco depois do tempo de Moyſés ſapientiſſimo Egypcio, cujos eſcritos ſobre o divino teve a antiguidade em ſumma eſtimaçaõ, 12 enſinou, que Deos era ſó hum Creador de todas as couſas, ſem ſer creado, 13 & que as tradiçoens contrarias eraõ erradas; & a eſte intento eſcreveo muytas outras couſas, concluindo, & profetizando, como diz, & largamente refere Santo Agoſtinho, 14 que viria tempo, em que deſcuberta a verdade, ſe conheceria iſto.

12 *Ex Suid.& Diodor.Sicul. Conrad.Geſner.in onomaſtic.propr. nomin.*

13 *Triſmeg.dial.4. Pimandr.*

14 *D.Aug.de Civ Dei l.8.c.23.*

7 Thalès Mileſio, hum dos ſete Sabios de Grecia, que vivèraõ nos annos, pouco mais, ou menos, do Profeta Daniel, 15 perguntado que couſa era Deos, reſpondeo: *O que naõ tem principio, nem fim.* 16

15 *Floſcul.hiſt.p.1.c.6 ad fin.*

16 *Laert.l.1.in vit.Thal.* Quid Deus? Quod initio, & fine caret.

8 Parmenides Eleates, & ſeu diſcipulo Melliſſo, de Samos, Filoſofos excellentes, enſinàraõ, que naõ havia mais que hum ſó *Ente* por ſua eſſencia, o qual era hum ſó principio, ſem principio. Ariſtoteles 17 os reprehendeo, cuydando que fallavaõ das couſas naturaes, & elles fallavaõ de Deos.

17 *Ariſt.l.1.Phyſic.*

9 Zeleuco nas Leys que deu aos Locrenſes, começou dizendo: *Todos os habitadores deſta Cidade, & Regiaõ, entendaõ que ha Deoſes: o que ſe faz manifeſto vendo o Ceo, & todo o Mundo, & a belliſſima diſpoſiçaõ, & ordem de ſuas couſas; porque eſtas obras naõ podiaõ ſer humanas, ou ſuccedidas acaſo.* 18 Ainda que falla de muytos Deoſes, os faz creadores do Mundo, o que o commum da Gentilidade naõ conhecia.

18 *Refert Stob.Serm.42.*

10 Artaxerxes, chamado Aſſuero, Rey dos Perſas, na carta patente, que eſcreveo às Provincias de ſeu Imperio, cõtra Aman em favor dos Hebreos, reconhece, que o Deos que eſtes veneravaõ, era o verdadeyro: chàmalhe *Altiſſimo*, & *Maximo*, & *ſem-*

& sempre vivo, por cujo beneficio elle, & seus pays alcançáraõ, & conservàraõ o Reyno. 19

11 O mesmo confessáraõ os Reys Cyro, & Dario nas cartas que deraõ para liberdade dos Hebreos, & reedificaçaõ do templo, & outros Reys de Babylonia, & Persia em varías occasioens. 20

12 O mesmo representou Aristeo a Ptolomeo Philadelpho Rey do Egypto, com quem privava; dizendo a favor dos Hebreos: *Nòs veneramos o mesmo Creador deste universo que elles veneraõ; & lhe chamamos Jove, porque ajuda a vida de todos.* 21

13 Plataõ alcançou renome de *divino*, porque atinou com tudo o que o lume natural podia penetrar sobre o conhecimento de Deos: em qualquer parte de seus escritos se encontra isto taõ repetidamente, que fora muyto largo, & escusado allegar os lugares. 22 Macrobio refere, 23 que animando-se Plataõ a fallar de Deos, naõ se atreveo a dizer o que era, confessando, que só sabia, que os homens o naõ podiaõ saber; & que das cousas visiveis só lhe podia ser semelhante o Sol, & por esta semelhança se poderia subir ao que delle fosse comprehensivel. Conta-se, 24 que nos livros de Plataõ se acháraõ escritas as divinas palavras do Evangelista S. Joaõ: *In principio erat Verbum, & Verbum erat apud Deum, & Verbum caro factum est.* 25 E que em Tracia dentro de huma sepultura antiga, que se disse era de Plataõ, se achou huma lamina de ouro, & escritas em Grego estas palavras: *Christo ha de nascer de Virgem, & nelle creyo*; & na lamina se declarava o tempo em que se havia de descobrir, que foy no de Constantino Magno; & mais abayxo: *O' Sol, outra vez me verás*; 26 & se cuyda que tudo isto podia ser revelaçaõ; & q̃ Plataõ alcançaria noticia destes mysterios pelo Profeta Jeremias, de quem foy contemporaneo; 27 ou por liçaõ dos Profetas Santos, como Santo Agostinho tem por mais certo. 28

14 Com isto parece que em alguma maneyra se faz crivel o que refere Accurcio (& o devia tirar de algum livro antigo, em alguma glosa do direyto Civil 29) dizendo, quando os Romanos mandàraõ pedir a Grecia Leys que escrevèraõ nas dez taboas, a que depois accrescentàraõ duas; 30 os Gregos antes de lhas concederem, enviáraõ a Roma hum Sabio, q̃ examinasse se eraõ dignos dellas. Que os Romanos puzeraõ hum ignorante na disputa, porque se ficasse vencido, fosse só materia de riso, sem perderem reputaçaõ. Que o Grego começàra a disputar por acenos, levantando hum dedo, querendo significar, q̃ havia hum só Deos. O Romano cuydando q̃ o ameaçava de lhe tirar hum olho, levantava dous dedos, ameaçando-o que lhe tiraria ambos os olhos; & com dous dedos levantàra tambem o pollegar, como naturalmente succede; & o Grego entendèra, que elle dizia, q̃ aquelle só Deos tinha tres Pessoas,

19 *Esther* 16.16.

20 *Esdræ l.*1 *c.*1. *&* 6 *& l.*3 *c.*2. *Joseph de antiq. l.*11. *c.* 1. *Dan.*4.95.

21 *Refert Joseph de antiq. l.*12. *c.*2. *post princip.*

22 *Vide D. August. de Civ. Dei l.*8. *c.*1. *cum seqq.*

23 *Macrob. in somn. Scipion.*

24 *Matute na Prosap. de Christ. idade l.*c 5 §.5 *ex Macrob. & aliis. Cassaneus in Catal. glor. mundi p.* 10. *consid.* 20. *ad fin. verb. non né Plato, cum D. Aug. l.*7. *Confess.*

25 *Joan.*1.

26 *Matute supra. Paul. Diacon. lib.*23. *Fulgos. l.*1. *c.*6. *Horoscopo da verdadeyra, & falsa profecia l.*2. *c.*19. *D. Thom.* 2.2. *q.*2 *art.*7. *ad* 3.

27 *Matute sup. cum D. Ambros. l. de Sacrament.*

28 *D. Aug. de Civ. Dei l.*8 *c.*11. *in princ.*

29 *Glos. verbo constitui, in l.*2. *in princ. ff. de orig. jur.*

30 *D. Lex.*2. *origine jur.*

foas: eſtendèra a maõ aberta, ſignificando, que tudo eſtava aberto, & deſcuberto a Deos, ſem ſe lhe poder occultar. Que o Romano entendendo que o ameaçava com huma boſetada, lhe moſtràra a maõ fechada em punho, ameaçando-o com hũa punhada; & o Grego entendendo, que elle dizia, que Deos tinha tudo fechado na maõ, julgára os Romanos por ſabios, & dignos de ſe lhes communicarem as Leys. Neſta hiſtoria eſtribada na authoridade de Accurcio he difficultoſo de crer, q̃ houveſſe naquelle tempo noticia da *Santiſſima Trindade*; mas naõ fica impoſſivel, ſendo certo o da ſepultura de Platão, que vivco pouco depois do tempo em que os Romanos pediraõ aquellas Leys, 31 ſe atribuirmos tudo a revelaçoens com que Deos queria illuſtrar aquella idade.

31 *Conſta dos annos em q̃ o traz o Floſculo biſt. p. 1. c. 7.*

15 O grande diſcipulo de Platão, Ariſtoteles, em varios lugares 22 reconhece a natureza de Deos immortal, eterna, independente, optima, alhea de todo o mal, bemaventurada, feliz de ſi meſmo, fabricadora da origem perpetua de todas as couſas. Diz que ſe buſca fortaleza, elle he o mais forte; ſe fermoſura, elle he o mais fermoſo; ſe vida, elle he immortal; ſe virtude, elle he o melhor; & que he no Mundo, o que he o Piloto na náo, o Meſtre na muſica, a Ley na Cidade, & o Capitaõ no Exercito.

32 *Ariſt. lib. 1. de Celo c. 4. tit. 32. & c. 9 tit. 100. & l. 2. c. 3. tit. 17. & l. 11. Metaph. 7. tit. 36. & c. 20. tit. 56. & de Rep. l. 7. t. 1.*

16 Marco Varraõ, homem doutiſſimo, & que com mayor reputaçaõ entre os Romanos eſcreveo do culto Divino, propoz as opinioens que havia dos ſeus Deoſes, & duvidoſo em todas, nenhuma abraçou, ſó diſſe de certo, que ſe devia adorar hum ſó Deos. 33

33 *Refere largamente Santo Agoſtinho de Civ. Dei l. 1. c. 31. l. 6. c. 2. l. 7. c. 17. & em muytos outros lugares*

17 Marco Tullio Cicero, com a excellencia do ſeu juizo, diſſe profundamente, que mais facilmente diria o que Deos naõ era, que o que era; 34 & que ſe diſto o perguntaſſem, ſeguiria o exemplo de Simonides, q̃ fazendo-lhe o tyranno Hiero a meſma pergunta, pedio termo de hum dia para deliberar; procurando no ſeguinte a repoſta, pedio elle mais dous dias, & depois os foy pedindo dobrados: & pergũtando-lhe Hiero a cauſa, reſpõdeo: *Porque quanto mais conſidero, tanto mais eſcura me parece a materia.* 35 No primeyro livro daquella ſua obra, que intitulou *da Natureza dos Deoſes*, eſcreveo Cicero as indecẽcias, & indignidades, com que os Gentios deliravaõ de ſeus Deoſes; no ſegundo reprehẽdeo os que davaõ credito a ſuas tradiçõcs fabuloſas, & a taes idolos & propoem as razões, que moſtraõ haver hum ſó Deos verdadeyro Creador de tudo; excellente ſobre tudo, ſoberano Governador de tudo; no terceyro difficulta iſto cõ argumentos, & fazendo a queſtaõ problematica, deyxa a deciſaõ ao arbitrio do Leytor; a razaõ o guiava, mas a viſta fraca naõ podia ver o Sol; eſtava a gentilidade coſtumada a trevas, como ave nocturna, que voa ſó na noyte.

34 *Cicer. de nat. Deor. l. 1. ad med.* Quod non ſit citius, quàm quid ſit, dixerim, &c.

35 *Cic. ſup.* Qui quanto citius conſidero; tanto mihi res videtur obſcurior.
Idem refert Bruſon. l. 2. c. 26.

36 *Pſalm 4. v. 7.*

18 Finalmente por lume da razaõ natural, 36 ſe inculca ſempre a noticia do Author de todas as couſas, increado, inde-

independente, ſoberano, & governador de tudo, a quem ſe devia ſugeyçaõ, & adoraçaõ; 37 & aſſim de tempo antigo eſtava em Athenas hũ altar dedicado ao *Deos incognito*, que o Apoſtolo Saõ Paulo declarou ſer o verdadeyro Deos que elle prègava; 38 ſabia-ſe que havia aquelle Deos, mas naõ ſe acabava de alcançar ſeu conhecimento.

37 *D. Thom. 2. 2 q. 85. art. 1.*

38 *Actor. 17. 23.*

19 Pela maneyra acima dita quiz o *Senhor* conſervar ſuas noticias no Mundo, naõ deyxando, que de todo as perdeſſe a gentilidade, que havia de remediar.

CAPITULO VIII.

Como Deos por Profetas, & vaticinios, tambem entre os Gentios, annunciou ao Mundo ſua vinda: a excellencia da Mãy de que havia de naſcer: & o remedio do peccado.

1 NAõ ſómente conſervou Deos ſempre entre as trevas do Mundo a luz de ſeu conhecimento, como no capitulo precedente diſſemos; mas tambem lhe foy ſempre annunciando ſua vida à terra; a excellencia da *Mãy* de que naſceria, & como o havia de levantar da ruina em que eſtava. Com a promeſſa do remedio aliviava o que no peccado ſe padecia: cõ a repreſentaçaõ entretinha ſeu amor na dilaçaõ da realidade: & com as noticias antecedentes hia diſpondo o credito do que parecia incrivel. Quem poderia crer, ſem precederem diſpoſiçoens largas, que Deos ſe humilharia a fazerſe homem, quando a ancia de todos os homens era exaltarem-ſe a Deoſes? que o Rey dos Reys tomaria fórma de eſcravo? que a Mageſtade offendida pagaria com a vida pelo offenſor? que o Senhor de todo o bem ſe ſugeytaria a todos os males? Quem teria por poſſivel ficar Virgem huma Mãy? ſer Mãy de quem a creou? chegar huma creatura a ſer Rainha do Ceo? Quem imaginaria que o Mundo taõ proſtrado ſe veria triunfante? que hum homem remiria todos os homens? & que o cativeyro da pena ſe tornaria em herança da gloria? ſó aquelle entendimento, que ſabe obrar forte, & ſuavemente, 1 pode fazer, que taes prodigios naõ pareceſſem novidade.

1 *Sapient. 8. 1.*

2 As revelaçoens a Adam, 2 & a Noè: 3 as promeſſas a Abraham, Iſac, & Jacob: o que diſſe Job: o que legislou Moyſés: o que cantou David: o que eſcrevèraõ Salamaõ, & o Eccleſiaſtico: o que prègàraõ tantos Profetas: o que repreſentàraõ tantas figuras do Velho Teſtamento, foraõ pinturas [diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo 4) em que pinceis divinos, & cores celeſtiaes moſtràraõ tanto ao vivo a *Chriſto* Deos, & Homem: a *Maria* Mãy, & Virgem: ao Mundo reparado: & a Igreja toda glorioſa, que de Iſaías differaõ S. Jeronymo, & S. Pedro Chryſologo

2 *Vide in 1 p. c. 15. n. 5.*
3 *Vide ſupra c. 2. n. 6.*

4 *D. Chryſoſt. in ſubſcript. Pſ. 50.*

ſologo, que mais ſe podia chamar Evangeliſta, que Profeta; porque naõ parecco vaticinar o futuro, mas hiſtoriar o paſſado. 5 Porèm deyxando o Eſcriturario aos Theologos, retiremonos à erudiçaõ hiſtorica.

3 Nos Gentios houve tambem vaticinio, Omitto a outra profiſſaõ, por Eſcriturario, o que Balaam vaticinou aos Moabitas: 6 naõ refiro o da ſepultura de Plataõ, porque jâ fica referido. 7 Conta-ſe, que os Argonautas (que foraõ mil & duzẽtos annos, pouco mais, ou menos, antes da vinda de *Chriſto*, em tempo de Ayalon Juiz dos Hebreos 8) perguntando a hum oraculo, a q̃ Deos dedicariaõ hũ famoſo templo, que fabricàraõ em Athenas, o primeyro que houve naquella Cidade, (outros dizem, que em Ciſico lugar do Helleſponto: & alguns entendem, que foraõ dous templos neſtas partes) reſpondeo o oraculo em verſo: *Com virtude incanſavel buſcay a ſublime honra: ſervi, & temey a hum ſó Deos, que de ſeu throno celeſtial governa todas as couſas; aſſim o mando; a cujo Verbo Eterno, q̃ precedeo todos os ſeculos, produzirà huma Virgem pura; o qual como ſetta impellida pelas tempeſtades fogoſas, por divino officio (ou beneficio 9) reduzirá o Mundo indomito. A Mãy Santiſſima deſte, chamada MARIA, conhecerà por ſeu eſte templo a ella juſtamente dedicado.* 10 Eſculpiraõ aquelles Gentios em marmore cõ ouro eſta repoſta ſobre a porta do templo, & em outras partes, & cegos o dedicàraõ a Rhea fabuloſa mãy dos Deoſes. 11 Com eſte teſtemunho da verdade convencia o valeroſo Martyr S. Propicio aos Gentios. 12 Paſſados quaſi dous mil annos, imperando Zenon, ſe conſagrou aquelle templo à *Virgem* Mãy do verdadeyro Deos. 13

4 Os antiquiſſimos Mercurio Triſmegiſto, & Hydaſpes eſcrevèraõ myſterioſamente do Naſcimento de *Chriſto* Senhor noſſo; por iſſo aos Gentios prohibiaõ a leytura de Hydaſpes; & Saõ Paulo a aconſelhava aos novos Chriſtãos: 14 de Triſmegiſto diz Santo Agoſtinho, que o fez com taes palavras, que parece que profetizou, ou adivinhou. 15

5 Ptolomeo, & Albumaſar Aſtrologos prognoſticàraõ que *no Signo de Virgo naſceria hũa donzella toda immaculada, & pura, a qual viaõ eſtar criando hum menino em terra de Judèa.* 16

6 No Pontificado de Honorio III. & Imperio de Frederico II. achou hum Hebreo em Toledo, debayxo da terra que cavava, hum livro antiquiſſimo, eſcrito em tres linguas, & nelle: *Chriſto Jeſus naſcerà da Virgem, & padecerà pela ſaude dos homens.* 17

7 Os Druides, povos antigos de França Lugdunenſe, aos quaes Ceſar 18 chamava os mais ſabios, junto da Cidade de Carnut, aonde cada anno em tribunal julgavaõ as cauſas, tinhaõ em hũa profundeza da terra hum altar fabricado, muyto antes do Naſcimento de *Chriſto*, dedicado com inſcripçaõ; *A' Virgem q̃ ha de parir*; no qual lugar levantàraõ depois os Chriſtãos

5 *D. Hieron. ad Paulam, & Euſtoch. in translat. Iſai.* Non tam Propheta dicendus ſit, quàm Evangeliſta, i a cuim univerſa Chriſti, Eccleſiæque myſteria ad liquidũ proſecutus eſt, ut non putes eum de futuro vaticinari, ſed de præteritis hiſtoriam texere.

Idem D Chryſolog. ſerm. 57. in prine

6 *Numer.* 24 17. Orietur ſtella ex Jacob, & cõlurget virga de Iſrael.

7 *No cap. preced n.* 13.

8 *Genebrard. in Chron.*

9 *Divino munere.*

10 *Refert cum Cedren. Thom. Boſſius d. ſign. Eccl. l. 9. ſigno* 36. n. 9. *Caniſ. l. 1. de B. Virgin.*

11 *Vid. ſup. l. 6. 6 n.* 4.

12 *Metaphraſt. in vita Precipi.* 8. *Jul. tom* 4 *Surii.*

13 *P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria na hiſt. de N. Senhora, l. 1. c. 5. n.* 4.

14 *S. Juſtin. Martyr in orat. ad Anton. Pium.*
Vide infra c 9. *n.* 16.

15 *D. Aug. de Civ. Dei, l.* 8. *c.* 23 *ante med.*

16 *Ptolom. l.* 7. *Almageſt. Albumaſar in initio Deuter. maior. l.* 6. *Referunt Richel. l.* 1. *de Concept. Virg. an.* 29
Gerſon l. 2. *ſerm. de Concept. Virg.*

17 *Caſſan. Catal. glor. mund p.* 10. *conſid.* 20. *ad fin. Zonaras in hiſt. Imper. Irenæ, & Conſtantin.*

18 *Ceſar l.* 2. *de bel. Gal.*

flãos hũ magnifico templo, & foy erigido em Sé Cathedral. 19

8 Em Roma havia hum templo dedicado à Paz, que hum oraculo havia dito, que *não cahiria senaõ quando huma Virgem parisse*; & como isto se tinha por impossivel, lhe chamavaõ, *o templo da perpetuidade*; 20 & cahio quando Christo nasceo, como diremos em seu lugar. 21

9 Os Egypcios tinhaõ huma profecia, (alguns cuydaõ que aprendida de Jeremias) *que de huma Virgem nasceria hum Menino, que seria posto em huma mangedoura, o qual havia de ser Salvador, & destruir aos Idolos.* Pelo que a hũa parte de hum templo pintàraõ a hũa Virgem recostada em hum leyto, & hũ Menino em huma mangedoura, & os adoravaõ; & perguntando ElRey Ptolomeo aos Sacerdotes, o que aquillo significava, respondèraõ que era mysterio escõdido, que lhes haviaõ deyxado seus mayores, recebido de hum Profeta Santo. 22

10 Suetonio 23 refere, que *era fama antiga, & constante, estar determinado pelos fados* (falla como gentio) *que havia de sahir de Judèa quem fosse Senhor do Mundo*; & Tacito 24 accrescenta, que naõ só *por occulta ley do fado, mas tambem por sinaes, & por repostas de oraculos.* A lisonja quiz depois entender isto em Vespasiano.

11 Cicero nos livros de *Divinatione*, que escreveo quasi quarenta annos antes do Nascimento do *Senhor*, 25 conta que naquelle tempo hum interprete das Sibyllas clamava em Roma, que *se queriaõ ser salvos, appellidassem Rey ao que então o era em effeyto*, (que era Julio Cesar) *& que isto queria dizer no Senado*; 26 o que dizia, porque dos Sibyllinos tinha entendido, que hum Principe com o nome de Rey havia naquelle tempo de salvar os Romanos. Naõ foy ouvido pelo odio que se tinha ao nome de Rey; mas (pode ser que com este fundamento) nas festas *Lupercales*, poz Marco Antonio coroa de Rey a Cesar, do que o mesmo Cicero o accusou. 27

12 Eusebio, & Badio Ascencio commentador de Virgilio, dos quaes naõ discorda muyto o outro cõmentador Servio Mauro Honorato, & concorda Cassaneu, 28 querem que a Ecloga quarta de Virgilio, em q̃ expendeo o vaticinio da Sibylla Cumea, annunciasse proximo o Nascimento de *Christo*, que foy poucos annos depois. Tambem os màos profetizaõ, diz S. Joaõ Chrysostomo com exemplo de Balaam, attendendo o *Senhor*, sem seus merecimentos, à saude do povo. 29 Dizer o Poeta: *Já do Ceo alto se envia huma nova geraçaõ*, 30 *a mada geraçaõ de Deos grande augmento de Jupiter*, que val tanto (cõmenta Ascencio) como: *augmẽto da geraçaõ de Jupiter* (assim chamavaõ a Deos 31) só do Filho de Deos se podia dizer. Usar, imitando a Sibylla, 32 da metafora dos carneyros, que naõ temeriaõ os leoens, 33 para mostrar a concordia, que em tudo haveria, seguio mysteriosamente a mesma, com que Isaías 34 fallou do Nascimento de *Christo*. Sentio Virgilio compridos os dous

19 *Cassan d. consider. 10. ad fin. vers. non re. Navar. de orat. & hor. cancn c. 21. n. 28.*

20 *Innocent. III. ser. 2. de Nativit. Comestor. hist Scholast. D. Antonin. hist. p. 1. & alii apud Fr. Hector. Pint. dial. 111. c. 14 in 2. tom. Francisco de Monçon no Espelho de Prine. l. 1. c. 83.*

21 *Infra c. 30. n. 10.*

22 *D. Dorotheus Martyr. in Synopsi, de vit. prophet. in Jerem. D. Epiphan. de vit. prophet. in eund. Jerem.*

23 *Sueton. in Vespasian. c. 4.* Præcrebuerat Oriente toto vetus, & cõstãs opinio, esse in fatis, ut eo tempore Judæa profecti rerum potirentur.

24 *Tacit. hist. l. 1. post princip.* Occulta lege fati, & ostentis, & responsi sdestinatum.

25 *Eugubin. l. 1. c. 22. de peren. Philosoph.*

26 *Cicer. de divinit. l. 2. post med.*

27 *Cicer. Philip. 2.*

28 *Euseb. l. 4. de vit. Constantini Imper.*
Ascens in Virgil. eclog. 4. Servius in eadem ecloga.
Cassan. Catal. glor. mund. p. 10. consider. 10. ad fin. vers. 29. Sexta, in fine.

29 *D. Chrysost. hom. 2. ad Paul. 2. ad Timot. c. 1. in Moral.*
Cum D. Thom. Navar. in c. Novit. de Judic. notab. n. 2. 25. & 26.

30 *Virg. eclog. 4.*
Jam nova progenies Cælo dimittitur alto; Chara Deũ soboles, magnũ Jovis incrementum.

31 *Vide cap. preced. n. 12.*

32 *Vid. cap. seq. n. 26.*

33 *Vide supr.*
Nec magnos metuent armenta leones.

34 *Isaiæ c. 11. 6.*

dous finaes, que aquella, & outra Sibylla deraõ do tempo em que o *Senhor* naſceria; 35 hum a paz univerſal, pela qual eſtava cerrado o têplo de Jano a terceyra vez depois de Roma fundada; 36 (a primeyra vez o cerràra ElRey Numa: a ſegunda o Conſul Tito Manlio) outro, o dominio do Egypto paſſado aos Romanos pela morte da Rainha Cleopatra. 37 Mas no eſcuro da gentilidade, foy topar com Solanino filho do Conſul Pollion: ou como dizem outros; com Marcello ſobrinho de Auguſto, (que ambos morrèraõ meninos) & lhe applicou o que era de *Chriſto*; profetizou, como Caiphás, ſem ſaber o que dizia, 38 acertando na ſubſtancia de ſer chegado o tempo; & aſſim diſſe o Emperador Conſtantino Magno, 39 que os Oraculos Sibyllinos, & eſta Ecloga Virgiliana eraõ efficazes argumentos contra os Gentios; pois naõ podiaõ negar os documentos, que eraõ ſeus proprios, antes q̃ houveſſe Chriſtãos. Pela Ecloga ſe convertèraõ muytos, entre elles ſe nomeaõ Veriano Pintor, Marcellino Orador, & Secundino Prefecto do Emperador Decio. 40

35 *Vide c. ſeq. n. 21. & 30.*

36 *Sueton. in Aug. c. 82.*
Plutarch. l. 1. de fortun. Roman.

37 *Euſeb. in Chron. Olympiad. 87.*

38 *Joan. 11. 51.*

39 *Conſtant. Imper. in orat. ad ſacr. Senat. apud Euſeb. in ejus vita.*

40 *Vincent. l. 11. c. 50.*

23 Lactancio refere hum Oraculo, que chamavaõ de Apollo, & dizia: 41 *Padecerà cruel morte de cravos, & pàos*; no que fallava da Cruz, ſegundo Artemidoro, que diſſe: *De pàos, & cravos foy a Cruz feyta.* 42

41 *Apud Lactant. l. 4. c. 13.* Clavisque, & palis mortem exantiavit acerbam.

42 *Artemid. l. 2. c. 58* Ex lignis, & clavis Crux nonfecta eſt. *Apud Lipſ. de Cruce l. 2, c. 8.*

CAPITULO IX.

Das Sibyllas, & o que vaticinàraõ de Chriſto Senhor noſſo, & de ſua Mãy Santiſſima.

1 DE muytas mulheres ſe diſſe, que vaticinavaõ, 1 mas ſó dez, ou doze foraõ 2 celebres com o nome de *Sibyllas*. Diz Suidas, q̃ he palavra Latina, que ſignifica *Prophetiza*; & ſe he voz Grega, importa, *chea de Deos*, ou *conſelho de Deos*, *annunciadora de ſegredos Divinos.* 3

2 Reſumindo o que me parece entre as duvidas, & equivocaçoens que ſe achaõ neſta materia; a Sibylla mais antiga foy a *Perſica*, chamada tambem *Caldea*, ou *Babylonica*, por habitar em *Babylonia* cabeça de *Caldea*; era nora de Noè, mulher de Japhet; eſteve com elle na arca; viveo tantos annos, que alcançou a lingua Grega, que vaticinou; ſeu nome proprio foy *Sambetha.* 4

3 Segunda parece que foy a *Libyca*, da qual já fez mençaõ o antiquiſſimo Euripides; 5 naõ achey em que tempo floreceo.

4 Terceyra a *Samia*, q̃ tambem chamaõ *Pithia*, em tempo de *Aod*, 6 ſegundo Juiz dos Iſraelitas, 7 antes do Naſcimento

1 *Apud Alex. ab Alex. Gen. dier. l. 3. c. 16. in prine.*
Textor in officin. p. 1. tit. Sibylle.
P. Garciam Galarzam Huang. inſt. l. 5. c. 2.
Tuom. Boſſium de ſign. Eccl. p. 2. tom. 2. l. 22. ſtc. 93. c. 3. n. 14.
Horoſco de ver. & ſal. prophet. l. 2. c. ult.

2 *Varro in libris ver. divinar.*
Galarza d. c. 2. in fine.
Calepin. verbo Sibylla.
Textor ſupra.
Caſſan. in catbal. p. 12. conſider. 20. in fin.

3 *Galarza d. c. 2. in princip.*
Horat. Scoplus Catacenſ hiſt. à primord Eccl. p. 1. l. 1. verſ. Sibyllina, in fine.

4 *Horoſco infra d. c. ult. ad fin.*
Diſſemos mais largamente na 1. p. c. 25. n. 6.

5 *Refert Lactan. divin. inſt. l. 1. c. 6.*
Ludov. Vives in com. ad D. Auguſt. de Civit. Dei, l. 18 c. 23.

6 *Ita Galarza d. l. 3. c. 8.*

7 *Judic. 3.*

to de *Chriſto* Senhor noſſo, mil quatrocentos & onze annos. 8

5 Quarta a *Erythrea* de *Erythrea* Cidade de Jonia em Grecia; chamou-ſe *Heraphile*; 9 duvida-ſe 10 em que tempo; parece certo, 11 que no de *Debora*, & do Capitaõ *Barac* entre os Iſraelitas, 12 mil & trezentos annos, pouco mais, ou menos antes da vinda de *Chriſto*. 13

6 Quinta a *Delphica*; chamou-ſe por nome proprio *Authemis*, ou *Themis*; huns dizem, que foy naſcida em *Delphos* Cidade Grega em Boecia; outros que para alli mandàraõ os Argivos quando vencèraõ Thebas, & que era Daphne filha de Tireſias. Viveo quando *Gedeaõ* em Iſrael, 14 perto de mil & trezentos annos antes de *Chriſto*, & pouco mais de cento antes da guerra Troyana; 15 Homero ſe aproveytou muyto dos verſos de ſeu vaticinio. 16

7 Sexta a *Phrygia* vaticinou em *Ancyra*, quaſi no tempo que *Thaola* julgava entre os Hebreos, 17 pouco depois da *Delphica*. 18

8 Setima a *Cumana*, natural de *Cumis*, Cidade de Jonia em Grecia: chamou-ſe *Amalthea*; 19 foy nos annos de Tarquino Priſco Rey de Roma, 20 ſeiſcentos annos, ou pouco mais, antes que naſceſſe *Chriſto*. 21 Virgilio lhe chamou *Deiphobe*, 22 poetizando o nome do *Deos Phebo*, como ſua Sacerdotiza, & Profetiza. Morreo em Sicilia, aonde ſe moſtrava ſua ſepultura.

9 Oytava a *Helleſpontica*, naſcida nos campos Troyanos em huma aldea chamada *Marmeſſia*, ou *Marpeſſo*, junto de hum grande lugar, que ſe chamou *Gorgetico*; ou *Gergithio*, em tempo do Sabio Solon, & de Cyro primeyro Rey dos Perſas, 23 quinhentos annos antes de *Chriſto* Senhor noſſo. 24

10 Nona a *Cumea*, que vaticinava em Italia na Cidade de *Cumas* em Campania, para onde veyo de Babylonia, donde era natural, filha de Beroſo Hiſtoriador Caldeo, menos de trezentos annos antes da vinda de *Chriſto*. 25

11 Decima a *Tyburtina*, que ſe chamou *Albunea*, vaticinava em *Tyburto* Cidade de Italia, imperando Auguſto Ceſar, 26 em cujo tempo naſceo *Chriſto* Redemptor; & moſtrou ao Emperador a viſaõ glorioſa, que referiremos em outro lugar. 27

12 Por undecima nomeaõ alguns Eſcritores huma chamada *Agrippa*; & por duodecima outra chamada *Cimea*, ou *Cimica*, ou *Italica*, em tempo de Numa Pompilio, ſegundo Rey de Roma.

13 Opinàraõ muytos Eſcritores que todas foraõ virgens, por ter a ſabedoria hum certo parenteſco com a virgindade: 28 porèm jà diſſemos, que a *Perſica* foy nora de Noè.

14 Naõ he de fé, (diz o doutiſſimo Biſpo Garcia Galarza nàs ſuas Inſtituiçoens Evangelicas 29) mas de opiniaõ humana quaſi indubitavel, que vaticinàraõ com eſpirito Divi-

8 *Juxta computum Floſcul. hiſt. p. 1. c. 4. & c. 10.*

9 *Conrad Geſner. in onomaſt. prop. nomin. verbò Heraphile.*
Juvat Alex. ab Alex. ſup.

10 *Apud D. Aug. de Civ. Dei, l. 18. c. 23 in fin.*
Et Geſner. ſup.

11 *Secundùm Galarza ſup. c. 18.*

12 *Judic. 4.*

13 *Floſcul hiſt. ſupr.*

14 *Judic. 6. cum ſeqq.*

15 *Juxta Floſcul. hiſt ſup.*

16 *Ex Galarza d. l. 5. c. 9.*
Caſſan. in Cathal glor. mund. p. 12. conſid. 20. ad fin.

17 *Judic. 10.*

18 *Galarza d. l. 5. c. 10.*

19 *Alex ab Alex. Caſſaneus, & Textor ſup. citat*

20 *Aul. Gel. noct. At l. 1. c. 19.*
Galarza ſupra c. 4.
Caſſaneu ſupr.

21 *Juſta Floſc hiſt. d. p. 1 c. 6. & 10.*

22 *Virg. Æneid l. 6.*
Phœbi, Triviæque ſacerdos Deiphobe Glauci.

23 *Galarza d. l. 5. c. 6.*
P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria, na vida de N. Senhora, l. 3. c. 37. n. 1.

24 *Floſcul. hiſt d. c. 6. ad fin. & c. 10 in prine.*

25 *D. Juſtin. Martyr in orat ad gentes, ad fin.*
Galarza d. l. 5 c. 3.
P. Fr. Joſeph ſupra l. 1. c. 5. n. 2.

26 *Ex Textore, & Caſſaneo ſupr. & Galarza ſupra c. 11.*

27 *Diremos no cap. 30. n. 12.*

28 *Galarza d. l. 5 c. 2 in princ.*
Matute na Prolog. de Chriſt. idade 2. c. 1. §. 1. ante med.
Horoſco d. c. ult. ante med.

29 *Galarza hiſt. Euang. l. 5. c. 13. in fin.*
Horoſc. d. l. 2 c. ult. ant. med.

no; porque ainda que o demonio com a alteza, que naõ perdeo, de ſeu entendimento, poſſa por razoens naturaes, conjecturas diſcurſo, experiencias, & outras cauſas, acertar em futuros; 30 por nenhum modo podia conhecer muytos dos que ellas profetizàraõ. Só ſe pòde duvidar ſe aquelle eſpirito Divino lhes chegou por meyo de eſpirito diabolico, a que Deos algumas vezes revela futuros para annunciar por aquella via, em ordem aos fins de que he ſervido, uſando de màos para utilidade dos bons, & por outras razoens. Ao doutiſſimo Navarro 31 parece que aſſim ſuccedeo nas Sibyllas, para o que allega a S. Thomàs, & tambem pudèra allegar a Santo Ambroſio. 32 Mas, alèm de que o Doutor Angelico no lugar allegado, ſó muy de paſſo apontou exemplo das Sibyllas para a doutrina que propunha; o dito doutiſſimo Biſpo 33 entende que S. Ambroſio (& o meſmo ſe pòde applicar a Santo Thomàs) fallou de outras mulheres endemoninhadas, a que tambem a antiguidade ſem razaõ chamava *Sibyllas*, de que nomea muytas; & a differença das boas, & das que o naõ eraõ, conheciaõ os meſmos Gentios, como ſe vè do que dellas eſcreveo Cicero, approvando humas, & reprovando outras. 34 Em outro lugar 35 (como reconhece Navarro) parece que poem o Doutor Angelico as verdadeyras Sibyllas entre os Gentios que ſe ſalvàraõ; do que naõ deſdiz na reputaçaõ que os Authores lhe concedem na virtude, chamando-as, *de eximia bondade*, *rara virtude*, *ſabias virgens*, *profetizas*, *cheas de Deos*. 36 Faz mais a ſeu favor, o que enſina Santo Thomàs, & ſegue o meſmo Navarro, que hũas ſe diferençaõ das outras, em que as diabolicas mifturaõ verdades com mentiras; as de eſpirito Divino ſempre dizem verdades. 37 Eſtas ſe achàraõ ſempre nas Sibyllas, & por ellas lograràraõ ſempre conſtante eſtimaçaõ.

15 A Cumana apreſentou a Tarquino Priſco Rey de Roma nove livros de profecias, pedindo por elles grande ſoma de dinheyro. Zombou Tarquino; & ella em ſua preſença queymou tres, & pelos reis pedio o meſmo preço. Rio-ſe o Rey tendo-a por delirante; & ella queymou logo outros tres, & pelos tres q̃ ficavaõ pedio o meſmo. Vendo elle ſua conſtancia & reſoluçaõ lhe deu o que pedia; & mandou guardar os livros no Capitolio, religioſamente 38 no templo de Jupiter, em lugar ſubterraneo, em huma cayxa de pedra. Outros 39 contaõ que iſto ſuccedeo à *Erythrea* com ElRey Tarquino Soberbo. Inſtituhio ElRey logo dous Varões, cuja dignidade ſe chamou *Duũvir*, ou *Duũvirato*, para cuydarem daquelles livros. Depois ſe accreſcentàraõ oyto Varões, & ficou *decemvirato*, ou *decemviri*, cinco dos Patricios, & cinco do Povo. Era officio para toda a vida, com grandes privilegios; incumbialhe guardar os livros, conſultallos, & interpretallos quãdo ſe offerecia guerra, ou outro negocio arduo, porque nenhum ſe emprendia ſem primeyro ſe conſultarem, para ſe ver que ſucceſſo promettiaõ. Pelo credito

30 *Louèmos na 1. p. c. 28. n. 15.*

31 *Navar. in c. Novit de judic. notab. â n. 24.*
In idem tendit Epiſcop. D. Joan. Horoſcus de ver & falſ Prophet. d. l. 2. ult. ante med.

32 *D. Thom. 1 2. q. 172. art. 5. & 6.*
D. Ambroſ. comment. in 1. Ep. ad Corinth. citatus â Galarza d. l. 5 c 2. in princ.

33 *Galarza d. c. 2. in princ.*

34 *Cicer de diviu l 1. ante med. & 2. 2. mutto ante med*

35 *D Thom. 2. 2. q 2. art 5. in 3. & ad 3.*

36 *Epiſcop. Galarza d l. 5 c. 22 in princ.* Sibyllæ eximiæ probitatis, raræ virtutis ac ſapientes fœminæ, fuerunt virgines, vates, *Deo* pleræ. *Agroſcit Epiſc. Heroſius d. c. ult. ante med.*

37 *D. Thom. d. q 171. a. 1. 5 ad 2.* Sic diſcernuntur quoniam diabolus interdum falſa dicit, Spiritus Sanctus nunquam.

38 *Aul Gel. d. l. 1. c. 19.*

39 *Alex ab Alex. ſupr. Conrad. Geſner. ſup. cum Suida.*

dito, que haviaõ cobrado aquelles vaticinios, mandou o Senado tres Embayxadores, Cabino, M. Octacilio, & L. Valerio a *Erythrea*, & a outras partes, buscar os mais de que havia noticia. Trouxèraõ mil versos da *Erythrea*, que foraõ collocados no mesmo lugarcom os primeyros tres livros; & se criàraõ mais cinco varoens daquella dignidade, que se ficou chamando *Quindecim viri*. Estes, & os primeyros, depois dos Reys, eraõ criados ordinariamente pelo Senado, algũas vezes pelos Consules, poucos se achaõ nomeados pelos Pretores, ou pelo povo. Dizem que na guerra, que chamàraõ *Social*, começada no anno 662. da fundaçaõ de Roma, 40 que deu principio à civil entre Sylla, & Mario, queymado o Capitolio, se abrazàraõ aquelles vaticinios; outros negaõ esta perda. Ou a houvesse, ou naõ, consta que Augusto Cesar, entrando no Summo Pontificado os reformou, & accrescentou, enviando Sacerdotes, & pessoas peritas a Samo, Ilio, Erythrea, Sicilia, toda Italia, & Africa, a ajuntar todos os das Sibyllas, q̃ se pudessem achar; trazidos a Roma, os fez examinar com exactissimas diligencias, & os poz em duas urnas de ouro sobre hũa columna do templo de Apollo no monte Palatino; & accrescentou mais ministros àquella antiga dignidade, que chegàraõ a sessenta; mas posto que em tanto mayor numero, sempre lhes ficou o nome de *Quindecim viri*. Cuyda-se que se conservàraõ aquelles livros atè os annos de *Christo* 400. pouco mais, ou menos, quasi 1160. da fundaçaõ de Roma, (posto que Juliano Apostata intentàra queymallos) & que nesta era, ou foraõ queymados na rebelliaõ de Estilico contra os Emperadores Arcadio, & Honorio, como disse o Poeta Rutilio, ou por outro modo, perecèraõ no saco de Roma pelo Godo Alarico, ficando-nos sómente os fragmentos dos livros que temos Sibyllinos, & o que delles andava copiado em varios Escritores. 41

16 Particularmente a respeyto da Religiaõ Christã tiveraõ aquelles vaticinios tanta authoridade logo de seu principio, q̃ entendendo os Gentios mais sabios, que elles inculcavaõ outro Deos, & outra Religiaõ que destruiria a sua, prohibiraõ com pena de morte, que ninguem os lesse, senaõ aquelles varões deputados, nem estes publicassem o que elles diziaõ. 42 O Rey Tarquino, seu primeyro cultor, poz logo aquella ley, & porque Marco Attilio hum dos *Duumviros*, q̃ instituhio, publicou hum vaticinio, foy lançado no mar, cozido em hum couro, como parricida. 43 S. Clemente Alexandrino 44 refere, que o Apostolo S. Paulo aconselhava aos novos Christãos, que lessem os que andavaõ em lingua Grega, para que se fortificassem na Fè, vendo o que tinha predito o Filho de Deos; & que tambem lessem o que Hydaspes escrevèra. No fim do capitulo precedente referimos com o Emperador Constantino Magno os tinha por efficaz argumento contra a gentilidade; & a Igreja Catholica allega a Erythrea com David, por testemunhas do

40 *Flosc. hist p.1.c.5.post med.*

41 *Hæc omnia ex Cicer. de divinat l 1.& 2.*
Sueton.in Aug c.31.Tacit. l 6. ann.
D.Hieron.l.1.adverſ.Julian.
Lactant.divin.inſt l.1.c.6. & de ira Dei, l.1.c.22.
Genebrard de vita ſanct.mulier.
Sixto Senenſ. Alex.ab Alex. & Calepin.ſupr. Horoſco d.l.2.c.uit.
Rutilius.
Ne tantum patriis sæviret proditor armis.
Sancta Sibyllinæ fata cremavit opus.
Paulo Manut.comment.ad Cic l.8. epiſt.4 in princ.

42 *D.Juſtin.Martyr in orat.ad Anton.Pium.*
Thom.Boſſ.de ſign.Eccl tom.2. l.14. c.2.in princ.

43 *Alex.ab Alex.d.l.3.c.16.in princ.*

44 *D.Clemens Alex.lib.9. Stromatum Boſſius ſupra.*

que ſerà no juizo final; 45 o que parece naõ fizera, ſe tudo naõ fora ſanto naquella profecia.

17 Temos nos livros Sibyllinos o que o tempo nos deyxou vivo do que (entre varios ſucceſſos do Mundo, principalmente na Monarquia Romana] vaticinàraõ de *Chriſto* Senhor noſſo, & de ſua *Mãy* Santiſſima; alguns Eſcritores, 46 aos intentos do que eſcrevem; trazem muytos vaticinios tirados delles; & porque nem aquelles livros ſaõ vulgares, nem os eſcritos deſtes Authores ſeraõ communs a todos, referirey aos curioſos, os que me parecèraõ mais notaveis em cada huma das dez Sibyllas.

18 A Perſica, ou Caldaica diſſe: *Huma voz virá pelos lugares deſertos Embayxadora, que clame a todos os mortaes miſeraveis, que façaõ direytos os caminhos, & purguem os animos dos vicios, & com aguas limpas illuſtrem os corpos.* 47 *Tu beſta ſerás pizada,* 48 *& o Senhor ſerá gerado na terra, & o regaço da Virgem ſerá ſaude dos povos, & ſeus pès fortaleza dos homens: o Verbo inviſivel ſerá palpavel. O Principe agradavel, que ſó pòde dar verdadeyra ſaude aos cahidos, naſcido de Mãy Virgem, ſe aſſentará em jumentinho;* 49 *& para aquelle tempo diraõ muytos muytas profecias do trabalho immenſo; mas baſta dizer todos os Oraculos em huma ſó palavra. Eſte, ſendo Deos grandiſſimo, naſcerà de huma Virgem.* 50

19 A Libyca: *Virá dia em que o Senhor illuminará o denſo das trevas, & ſe diſſolverá a Synagoga, & ceſſaraõ as boccas dos Profetas, & veraõ o Rey dos viventes, & a Virgem Senhora das gentes o terá no regaço, & reynará a Miſericordia, & o ventre de ſua Mãy ſerá a balança de todos. Elle ſarará os opprimidos de doenças, & todos os leſos que nelle confiarem: os cegos verão, os coxos andarão, os ſurdos ouvirão, mudos fallarão, lançará fóra as furias, os mortos reſurgiràõ.* 51

20 A Samia: *Salve caſta Sion, donzella que padeceſte muyto; teu Rey te entra em hum jumentinho,* 52 *brando para todos, para te tirar o jugo intoleravel, que tua cerviz padece. Virá o dia, & naſcerà da pobreſinha, & as beſtas da terra o adorarão; & ſe dirá, louvay-o nos Ceos.* 53 *Muyto cedo virà o tempo alegre, que tirará as trevas triſtes: declarando ao Povo os eſcuros oraculos dos Profetas Hebreos; & entaõ poderão tocar com a mão ao eſclarecido Rey dos vivos; ao qual huma Virgem pura abrigarà em ſeu peyto: iſto affirma o Ceo, & moſtrão as Eſtrellas reſplandecentes.*

21 A Erythrea, ſegundo o doutiſſimo Bernardo de Buſtis, diſſe o notavel vaticinio, que com elle interpreta Caſſaneo 54 neſta maneyra: *Na ultima idade ſe humilhará a geraçaõ Divina, ſe unirà a Divindade à humanidade: o Cordeyro ha de jazer no feno, & Deos, & homem ſerà nutrido como menino. Precederáõ ſinaes entre os Judeos. Huma mulher muyto velha conceberá hum* 55 *menino: huma Eſtrella do Mundo* 56 *ſe verà, & guiará.* 57 *Eſte tendo trinta & tres pès,* 58 *elegerá numero dozeno de peſca-*

45 Dies illa, dies iræ,
Solvet ſæcdum in favilla,
Teſte David cum Sibylla.

46 *Libri Sibyllini.*
Lactant Firm. D. Juſtin. Martyr. & Ludovi. Vives, & Caſſan. locis ſup. citat Eugubin l. 1. c. 22. peren. Philoſoph.
D. Aug de Civ. Dei l. 18 c. 23.
Nicephor. Calixt. hiſt. Eccl. l. 8. c 29. ad fin.
Hiſt. Tripart. l. 2. c. 18.
Canis. de B. Virg. l. 2. c. 7.
Epiſcop. Galarza, Euang. Inſt d. l. 5. à c. 3. cum ſeqq. ubi c. 13. alios refert.
Mexiana Sylva l. 3 c. 34.
Biſius de ſigna Eccl. tom. 2. l. 14. c. 2. & l. 15 ſign. 73. c. 18. & ſæpe.
Matute ſup. idade 3. c. 3. § 6.
Fr. Joſeph de Jeſu Mar. ſup. l. 1 c 5. & l 3 c. 2. 35. & 37.
Bernard. de Buſt. 1. p. Roſarii ſerm. 14
Caribagena de arcan. Deip. p. 1 l. 7. hom. 3. verſ verum.

47 *De Baptiſta Iſai 40. 3.*
48 *Geneſ. 3. 15.*
Matth. 3. Luc. 3.
49 *Zachar. 9. 9. Matth 21. 7. Joan. 12. 14.*
50 *Iſai. 7. 14.*
51 *Iſai. 35. 4. Matth. 11 5.*
52 *Iſai. 62. 11. Matth. 21. 7. Joan. 12. 14.*
53 *Luc. 1. 14.*
54 *Bernard. de Buſt. 1. p. Roſarii ſerm. 14 lit. O. Caſſan. Catal. glor. mund. d. p. 12. conſider 20. ad fin.*
55 *Luc. 1 36.* Ecce Eliſabeth cognata tua, & ipſa concepit filium in ſenectute ſua.
56 *Vide infra c. 33. n. 1.*
57 *Matth c. 2. 9 & 10.*
58 *Ideſt*, annos.

peſcadaẽs, 59 *homens humildes*, *& hum diabo.* 60 *Não com eſpada, ou guerra ſugeytarà a Cidade de Reys dos Eneados*, 61 *mas no anzol do peſcador, deſprezo, & pobreza vencerá as riquezas, & pizará a ſoberba.* 62 *Quatro animaes ſe levantarão para ſuas teſtemunhas.* 63 *A eſte contradirá huma boſta* 64 *horrivel vinda do Oriente*, 65 *cujo rugido ſe ouvirá atè às gentes Africanas.* Tambem a meſma Sibylla Erythrea compoz huns celebres verſos dos que chamaõ *Acroſticos*, (que ſaõ os que fazem ſentido lendo-ſe a primeyra letra de cada hum,) deſtes da Sibylla fez mençaõ Cicero, 66 & ſeu artificio lhe agradou tanto, que os traduzio em Latim, como refere Euſebio 67 q̃ diſſera o Emperador Conſtantino Magno ao Senado. Eugubino 68 os allega no livro oytavo dos oraculos Sibyllinos. Santo Agoſtinho 69 teſtemunha, que lhos moſtrára em hum livro dos verſos Sibyllinos Flaviano Proconſul, varaõ clariſſimo. Juntas as primeyras letras de cada hum dizem em Grego: *Jeſu Chriſto Filho de Deos Salvador, Cruz.* Traduzidos em Latim os traz o meſmo Santo com o meſmo intento das primeyras letras; mas entremetendo tres verſos, cujas primeyras naõ condizem; porque (diz elle) naõ ſe pudèraõ achar na lingua Latina pàlavras conformes ao aſſumpto, que comeſſem os verſos pela letra I, como os Gregos começavaõ pelo ypſilon. Porèm depois houve quem os traduzio em Latim, ajuſtadas perfeytamente as primeyras letras a ſe ler nellas: *Jeſus Chriſtus Dei Filius, Servator, Crux.* E tambem na lingua Caſtelhana os trazem varios Authores. 70 O corpo dos verſos deſcreve a ſegunda vinda do *Senhor* no Juizo final; naõ he neceſſario alargar em os referir, & ſegundo a traducçaõ de Eugubino, em dous ultimos verſos declara o enigma daquellas primeyras letras dos antecedentes, dizendo que o conteúdo nellas era, *Jeſu Chriſto, Deos, & Homem Salvador, que padeceria por noſſas culpas.*

22 A Delphica diſſe: *Naõ tardarà em vir o que eſtá ſempre taõ cuydadoſo diſto, ainda que eſta obra eſtarà muyto em ſegredo. Immenſos gozos ſolicitaõ o coração deſte grande Profeta, a qual ſahirá ao Mundo concebido de huma Vergem ſem obra de varaõ; que poſto que iſto excede o poder da natureza, o fará o todo Poderoſo. Iſrael lhe darà boſetadas, & o cuſpirá com malvada boca; lhe dará a comer fel amargoſo, & a beber vinagre duro.* 71

23 A Phrygia: *Vi ao Summo Deos, que queria caſtigar as loucuras dos homens, & porque noſſa carne pagaſſe os peccados, quiz enviar a ſeu Filho do Ceo ao ventre de huma Virgem, quando o Anjo annunciaſſe a ſua Santa Mãy, para levantar os miſeraveis da mancha contrahida. O vèo do templo ſe raſgará; tenebroſa noyte oprimirà por tres horas o meyo do dia, & com ſomno de tres dias pagarà o fado mortal?* 72

24 A Cumana: *Entaõ virà aos mortaes o ſemelhante aos meſmos mortaes na terra, Filho do Pay Omnipotente, veſtido de corpo.* Continúa moſtrando o nome *Jeſus* em anagramma de letras

59 *Matth.3.16.Marc.1.16.& 17.Luc.5.2.*

60 *Joan 6.71.& 72.* Nonne ego vos duodecim elegi, & ex vobis unus diabolus eſt? dicebat autem de Juda Simonis Iſcariotæ.

61 *Iaeſt*, Romam *Liv.dec.1.l. 1.in princ.*

62 *Iſai.26.5 & 6.*

63 *Id eſt*, quatuor Euangeliſtæ. *Ezechiel.2.à n.3. Apocalyp/ 4.6.*

64 *Scilicet* Antechriſtus. *Matth 24.*

65 Maohumetus.

66 *Cicer.l.2.de divinat.*

67 *Euſeb.in vit. Conſtantin. Magn.*

68 *Eugubin.l.1.c.22 ferem. Philoſoph.*

69 *D. Aug.de Civ. Dei l.18.c.23.*

70 *Habentur in fine hiſt. Eccleſ. Nicephori Calixti, impreſſione Frãcofurti, anno 1618*
Matut. Proſap de Chriſt. idade 3 c.3 § 6.
Aliam traductionem ponit Epiſcop. Galarza ſup.c.12. ſed abundat unus verſus.
Em Caſtelhano os traz o Biſpo Horoſco,d.tract.de vera, & falſa prophet.l.1.c.ult.in fin.

71 *Iſaie 50 6.Pſalm 68.22. Matth.26.& 67.& c.27.48. Marc. 14 65 Luc.22.64.Joan.18.22.*

72 *Matth 27.51.Marc.15.48. Luc 23.44.ſic tm Matth.12.40. Joan.2.19.Marc.14.58.Matth.27. 63.*

tras Gregas, que o Veneravel Beda explica, 37 & mal se pòde declarár no Latim, nem no Portuguez.

25 A Helespontica: *Da alta morada dos Ceos olhou Deos para os seus humildes, & nascerà nos derradeyros dias de Virgem Hebrea no berço da terra. Estando eu em meditaçaõ profunda, vi enriquecer a huma donzella casta com huma dignidade engrandecida, julgando-a Deos por digna de parir em grande resplandor hum Filho, que será geraçaõ fermosa, & verdadeyra do Deos summo, para que governe o Mundo com potestade magnifica. Elle cumprirá, & naõ violará a Ley de Deos.* 74 *E trazendo fórma semelhante,* 75 *ensinará tudo.*

26 A Cumana profetizou nos mysteriosos versos, cuja substancia repetio Virgilio 76 na celebre Ecloga de que trratamos no fim do capitulo precedente, dizendo nelles: *Quando Deos enviar do alto Ceo o Rey, então dará a terra dos miseros mortaes frutos abundantissimos de paõ, vinho, azeyte; o Ceo choverà mel, & correrão mananciaes de deleyte; o povoado estará cheyo de bonanças, & tudo vivirà em fartura. A terra não temerà espadas, nem tumultos de guerra, antes huma alta paz geral florecerà nella.* 77 *Os cordeyros pascerão nos montes com os lobos, & os cabritos misturados com os pardos: os ursos andarão com os bezerrinhos: & o leão carniceyro entrará nos curraes como hum boy. De noyte se agazalharão os dragoens com os pastores, sem lhes fazerem mal, porque a mão do Senhor os ha de proteger.* 78 *Em tudo humilde amarà por Mãy huma donzella pura, que em fermosura se aventajará ás outras mulheres. Alegrate donzella do successo, porque o Creador do Ceo, & da terra, que ha de habitar em ti, te deu tão ineffaveis gostos, que durem para sempre, & a luz eterna ficará comigo.*

27 A Tyburtina: *Nascerá o ungido em Belem,* 79 *& será annunciado em Nazareth,* 80 *reynando o touro pacifico, & fundador da quietação.* 81 *O' bemaventurada a Mãy, cujos peytos lhe darão leyte.* 82 *Depois de tornar a luz ao terceyro dia;* 83 *havendo misturado o somno aos mortaes,* 84 *& depois que ensinando illustrar tudo, subirà ao Ceo,* 85 *levado de nuvens.* 86

28 Da Agrippa se refere que disse: *O invencivel Verbo será palpavel, brotarà como raiz, secarse-ha como folha, não apparecerá sua venustade: o ventre materno o cercará: chegará Deos alegria eterna, & será pizado pelos homens: nascerá Deos de Mãy, & conversará como peccador.* 87

29 E da Cinea: *Huma mulher da geração dos Judeos se levantará por nome Maria; & terà Esposo por nome Joseph; nascerá della pelo Espirito Santo, sem obra de Varão, o Filho de Deos por nome Jesus; ella será Virgem antes & depois do parto, & o que nascer della será verdadeyro Deos, & verdadeyro homem, como predisseraõ todos os Profetas.*

30 Estas duas refere Cassaneu: 88 a ultima por muyto clara se faz suspeytosa. As acima referidas, & outras que omittimos por brevidade, lograõ inteyro credito no exame dos mais

74 *Matth.* 5.17. Non veni solvere, sed adimplere.

75 *D. Paul. ad Philip.* 2.7. In similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.

76 *Virg Eclog.* 4.

77 *Vide infra* c 30.n.15.

78 *Isai.* 11.à n 6.

79 *Michea* 5.2. *Matth.* 2.1. *Luc.* 2 4 *Joan.* 7.42.

80 *Luc.* 1.26.

81 *Id est*, Augusto, *secundùm glossam, qui habet Latrum pro insigni, & appellatus est pacificus, quia in pace mundum rexit,* (ita Cassaneus *supra*) *cujus tempore natus est Christus Luc.* 2 1.

82 *Luc.* 11.27.

83 *Matth* 12.40. & 27.63. *Joan.* 2.19

84. *Osee* 6 3.

85 *Marc* 16 19.

86 *Actor.* 19.

87 *Matth* 9. 11. & c 11.19. *Marc.* 2 13. *Luc.* 5.30. & c 7.34 & 19.7.

88 *Cassan. Catal. glor. mund. d.* p. 12. *consider.* 20 *ad fin.*

mais graves Authores. 89 E Saõ Clemente Alexandrino, 90 alèm de referir que o Apostolo recomendava aos novos Christãos, que lessem aquelles vaticinios, como dissemos, accrescenta, que como Deos quiz dar aos Judeos Profetas, deu estas Profetizas aos Gentios. 91 Tinha mysterio daremlhes tanto credito. A Cumana disse: *Depois que Roma governar a Egypto & o enfrear com seu imperio, então a summa potencia do Rey immortal do supremo Reyno nascerà aos mortaes, & verà o Rey santo, que de todo o Mundo terà os sceptros por todos os seculos dos seculos.* E porque naõ chegasse o cumprimento disto, se ventilou muyto no Senado, se convinha dominar totalmente a Egypto, ou contentarse cõ ter seus Reys tributarios. 92 Mas finalmente se cumprio, dominando Roma aquelle Reyno, morta a Rainha Cleopatra. 93

89 *Assim o mostrão allegando muytos, Episcopus Galarzo, Evang. instit. l. 4. c. 13. Episcop Horosco de vera, & falsa prophet. l. 2. c. ult. ad fin.*

90 *D. Clem. Alexandr. d. l. 6. strematum.*

91 *Ex D. Clem. notat. Bossius de sign. Eccl. tom 2. l 14 c. 2. in princ.*

92 *De hoc Cicer. ad Lentul. l. epist. 1. in princip. ubi Paul. Manu t. in comment. verb.* Religionis calumniam.
Meminit Lucan. l. 6.
Haud equidem immerito Cumanæ carmine Vatis, &c.

93 *Notas Euseb. in chron. Olympiad. 87.*

CAPITULO X.

Como Deos preparou os animos da Gentilidade para sua doutrina com os Filosofos; refere-se a dos Estoicos em particular.

1 PAra a doutrina, que viria dar aos homens, dispoz Deos os animos Gentios na dos Filosofos com que em todos os tempos illustrou o Mundo. Naõ se admittiria a virtude por estranha, se alguns a naõ tratassem como familiar. Foy necessario para arrancar os vicios, escavar as raizes com aquelles instrumentos.

2 O primeyro, que ensinou com exemplo, foy Belorofonte filho de Glauco em Corintho: porque sendo casto Joseph 1 entre os Gregos, resistio à impudicicia de Estenobea, mulher de Preto Rey dos Argos; & vingando a Rainha seu desprezo com accusaçaõ contraria, sofreo elle desterro, & perseguiçoens com tanta fortaleza, que della se occasionàraõ fabulas admiraveis.

1 *Gen. 39.*

3 Seguiraõ-se Amfion Rey de Thebas, & Orfeo Thracio, que com suavidade de palavras abrandàraõ os coraçoens indoceis, & as inclinaçoens barbaras, com tanto effeyto, que do primeyro se fabulou que movia os penedos; & do segundo, que attrahia a si as feras; & os bosques.

4 Homero 2 foy o primeyro que poz a sabedoria Grega em escrito (por isso o chamáraõ fonte della) mas em disfarces poeticos, como se naõ ousára a virtude a sahir em publico, a rosto descuberto.

2 *De Homero vidè 1. p. c. 15.*

5 Anacarses Scytha levou a verdadeyra Filosofia a Athenas, & os sete Sabios de Grecia, Thales, Bias, Solon, Chilo, Pitaco, Cleobulo, & Periandro a estabelecèraõ.

6 Esopo

6 Esopo a fez gracioſa para ſer bem recebida: com a luz do engenho compenſou a deformidade do corpo, pela virtude triunfou da fortuna: eſcravo dominou a ſenhores, pois com allegorias de fabulas moſtrou nos brutos o entendimento que faltava nos homens.

7 Sucedèraõ com documentos claros Anaximander, Phocylides, Xenophanes, Pherocides, & outros Meſtres inſignes, & de que ſó alguns ſe pòdem reduzir a breve epilogo.

8 Pythagoras diſcipulo de Phericides fundou em Italia Filoſofia nova, em muytas couſas util, poſto que em algumas damnada. Socrates em Athenas deu eſplendor aos preceytos moraes: a nobreza da vida lhe levantou o bayxo naſcimento ſobre grandes Principes; merecco edificarem-lhe eſtatua para o reſuſcitarem na memoria, os meſmos que o haviaõ condenado a veneno. Democrito, & cincoenta annos depois Heraclito, parecèraõ jogo da natureza, que pagava o riſo perpetuo do primeyro com as lagrimas continuas do ſegundo; mas deraõ excellente prova, de que o Mundo he igualmente para eſcarnecido; & para chorado. Platão herdeyro da ſeveridade Socratica illuſtrou o Mundo com a doutrina que eſcreveo, & que praticou, vendido como eſcravo por Dionyſio de Sicilia, porque o reprehendia, moſtrou que os tyrannos naõ tem poder na virtude. Ariſtoteles portento dos engenhos ſe oſtentára digno diſcipulo de Platão, ſe lhe naõ quizera ſer emulo; mas oſtentouſe digno Meſtre de Alexandre no que deyxou eſcrito. Diogenes ſe fez merecedor de que Alexandre, ſe naõ fora Alexandre, quizeſſe ſer Diogenes, porque em deſprezar o Mundo era taõ grande como elle em o dominar. Epicuro, ainda que poz a bemaventurança nas delicias, ajuntou que deviaõ acompanharſe de virtude; no que moſtrou a excellencia della, pois com ella quiz temperar a peçonha. O Etico Zeno com dictame Chriſtaõ poz a felicidade em ſeguir a virtude; foy exemplo, & panegyrico da abſtinencia, por cujo beneficio viveo noventa annos ſem enfermidade. Teve a honra de ſer Meſtre do grande Chryſippo.

9 Daquelles, & de outros Meſtres ſe dom:náraõ muytas eſcolas com grandes ſugeytos, que os ſeguiaõ. As principaes foraõ a Platonica, Academica, Ariſtotelica, Pythagorica, Peripatetica, & a Eſtoica, foy a que participou melhor luz; chamouſe aſſim de hum portico em que ſe ajuntava, havendo-ſe primeyro chamado Zenonia, de Zeno, que lhe deu principio, foraõ todos aquelles Filoſofos acerrimos perſeguidores dos vicios, & defenſores das virtudes. Seria muyto largo eſcrever o que ſobre iſto diſſeraõ; referirey ſó huma ſentença das que me occorrem ſobre cada vicio, & virtude que ſe lhe oppoem.

10 Contra a ſoberba diſſe Ariſtoteles, 3 *que deſejava ſeus amigos taes como hum ſoberbo ſe imagina: & ſeus inimigos taes como na verdade o he*: & em favor da humildade, perguntando Chilon

3 *Ariſtot. apud Anton. in Meliſſa p. 2. ſerm 74.*

Chilon a Esopo 4 que fazia Jupiter, respondeo: *Levanta humildes, & abate soberbos.* Na avareza aconselhou Platão 5 a hum que desejava ser rico, *que não trabalhasse por accrescentar a fazenda, mas por diminuir a cubiça.* E da Liberdade disse Tullio, 6 *que se devia exercitar com os bons, & não com os felices.* Contra a Lascivia foy excellente o dito de Demosthenes, 7 *que não queria comprar caro hum arrependimento.* E pela Castidade o de Hocrates, 8 *que não bastava ser casto nas obras, sem o ser no olhar.* Sobre a Ira respondeo Platão, 9 *que o final de homem sabio era não se irar offendido, nem se gloriar louvado.* E para a Paciencia aconselhou Seneca, 10 *que se accommode a vontade ao que se ha de sofrer por força, porque assim se sentirà menos.* Na Gula disse o mesmo Seneca 11 *O ventre contenta-se com o que se lhe deve, não importuna por quanto se pòde:* & da Temperança Pythagoras: 12 *Muytas graças devemos à natureza, que nos fez facil o necessario, & só o superfluo nos he difficultoso.* Da Inveja, perguntando Anacarsis, 13 porq̃ andavão os homens sempre tristes, respondeo: *Porque sentem os males proprios, & os bens alheyos:* & em louvor da Caridade advertio Seneca, 14 *que o que a tem, se mostra superior, porque só o menor inveja o que não pòde alcançar.* A' Preguiça chamou Themistocles 15 (doutrinado pelos Filosofos) *sepultura dos vivos.* Da Diligencia disse Demosthenes, 16 *que fazia os homens mais glorioſos que afastava.* E geralmente notàraõ que todos os vicios solicitaõ recompensa: a Avareza solicita dinheyro: a Ambiçaõ, dignidades: a Soberba, obsequios: a Ira, vingança: a Lascivia; deleytes: & assim todos os mais: só a Virtude a nada exterior aspira, gosta em si mesma, a si mesma he fim, recompensa que satisfaz. 17

11 Pedia a curiosidade, (& póde ser que a materia) que referissemos documentos geraes daquelles Mestres; mas por brevidade refiramos só hum de Socrates, que foy o mais severo; & poucos ditos de Diogenes, que foy o mais jocoso, por ajuntarmos os dous extremos. Socrates ensinava, que naõ se pedisse aos Deoses cousa particular; mas só em geral, que dessem bens; porque só elles sabiaõ o que era util aos homens: & que os homens ignorantes pediaõ muytas vezes o que os destruiria; porque as honras a muytos arruinavaõ: muytos Reys tinhaõ miseravel fim: casamentos illustres, se ennobreciaõ, tãbem empobreciaõ: riquezas a muytos causavaõ males; que só convinha entregar ao arbitrio celeste, porque podia dar, & sabia escolher. 18 Diogenes dizia, que se espantava de todos os homens andarem sempre trabalhando por diversas cousas, & nenhum trabalhar por ser bom: & dos que criaõ em sonhos, & naõ se governavaõ pelo que viaõ estando acordados: & dos Historiadores investigarem os vicios alheyos, & naõ verem os proprios: & dos musicos temperarem os instrumentos, & destemperarem seus costumes: & dos Astrologos verem o que està no Ceo, & ignorarem o que tem junto de si: & dos Oradores

4 *Æsopus apud Bruson. l 6. c.5. ex Stob.*

5 *Plato apud Stob serm.10.*

6 *M.Tul.Cicer.1.offic.*

7 *Demosthen.apud Laert.de vit. Philosoph.*

8 *Isocrat.apud Erasm.8.apoph. thegm.*

9 *Plato apud Laert.sup.*

10 *Senec.l.de morib.in princ.* Libentet feras quod necesse est dolor potentia vincitur. *Si tamen opusculũ illud Senecæ est.*

11 *Senec.epist.21 in fin.in 3.lib.*

12 *Pythagoras apud Laert. l.8. de vit.Philosoph.*

13 *Anacharsis apud Anton. in Melissa, p 1 serm.62. Maxim.serm.64.*

14 *Senec.in proverb.*

15 *Themistocl.apud Plutarch.*

16 *Demosthen.in orat. amator.*

17 *Ex Aristot.1.Ethic.c 7. & 9. & l.3 c.8.& l.8.c.14 Sil.Ital.l.2. de bel.Pun.* Ipsa quidem virtus sibimet pulcherrima merces.

18 *Socrat.apud Valer.Max.l.7. c.2.in externis.*

dores, que procuravaõ fallar ajuſtados, & obrar deſcompoſtos: & dos avarentos que vituperavaõ o dinheyro, & o amavaõ: & dos que louvavaõ os virtuoſos, & os naõ imitavaõ: reprehendia os que faziaõ romarias aos Deoſes, por terem ſaude, & levavaõ jantares, & merendas com que lhes prejudicavaõ: louvava os que ſe aparelhavaõ para caſar, & naõ caſavaõ: os que ſe aviavaõ para navegar, & naõ ſe embarcavaõ: & os que ſe compunhaõ para hirem ao Paço, & depois naõ hiaõ: dizia, que todas as couſas eraõ dos Deoſes; que os ſabios eraõ amigos dos Deoſes, & aſſim ficavaõ ſendo ſenhores de todas as couſas, pois entre os amigos todas as couſas eraõ commuas: aos que diziaõ que o viver era màõ, reſpondia que naõ era máo viver, mas ſó viver mal. 19

12 Parecia que aquelles Filoſofos, alèm de doutrinarem a vida moral, encaminhavaõ para à eterna. Ariſtoteles 20 quando o enſinou, *que a virtude, & o vicio eſtava na noſſa mão*, moſtrou o livre alvedrio para merecer. Salluſtio 21 quando diſſe, *que quem ſe entregava à preguiça, naõ tinha para que implorar os Deoſes, porque os acharia contrarios*, inſinùa que de noſſa parte deve haver obras. Todos andavaõ em continua eſpeculaçaõ do em que conſiſtia a bemaventurança; mas como lhes faltava o claro lume da Fè, os mais delles erravaõ. Anaxagoras diſſe, que conſiſtia na eſpeculaçaõ da vida: Pythagoras na ſciencia dos numeros; (donde inferia a todas as ſciencias: Antiſtenes na alegria, Narciſo na fermoſura, Periandro na honra, Heriſo na ſciencia, Hecateu em ter o ſufficiente, Timon na tranquillidade, Simonides na ſaude, fermoſura, & riqueza: Epicuro na deleytaçaõ acompanhada da virtude: Pſeuſippo diſſe que era hum bem accumulado de todos os bens: Plataõ acertou em dizer, que conſiſtia em fugir do Mundo, fazerſe ſemelhante a Deos, & no habito da virtude: muytos de ſeus diſcipulos chegáraõ a dizer, que na uniaõ do ſummo bem: Ariſtoteles, que nas obras de virtude juntas com o neceſſario para a vida. 22

13 Dos Eſtoicos era dogma, *que nada ſe devia deſejar, ſenaõ virtude, & de nada ſe devia fugir, ſenaõ do vicio.* Profeſſavaõ tranquillidade do animo ſem alteraçaõ, & perfeyta conformidade com todos os ſucceſſos, (o que ſe chegava à reſignaçaõ Chriſtã.) Confeſſavaõ com os Peripateticos, que o primeyro movimento levava naturalmente a temer, & ſentir, ou goſtar; mas diziaõ, que devia logo acodir a razaõ, deſterrando a perturbaçaõ, ſuavizando o ſentimento, & governando o goſto, & que niſto conſiſtia a virtude; porque o naõ ſentir ao principio, ſeria de pedra; o temperarſe depois, era de Filoſofo, & que por eſte modo a felicidade, ou infelicidade eſtava na noſſa maõ. As largas razoens com que o provavaõ, ſe reſumem a eſte argumento.

14 Todas as couſas caminhaõ a ſeu fim, & aſſim chegando a elle, (ainda as inſenſiveis) em certa maneyra, moſtraõ agrado,

19 *Diog. apud Laert. de vita Philoſoph. c. 6 in ejus vita.*

20 *Ariſt. 3 Ethic.* 5. Virtus ipſa, itemque vitium in noſtra ſunt poteſtate.

21 *Salluſt in Catilin.* Ubi ſocordiæ atque ignaviæ te tradideris, nequaquam Deos implores; irati, infeſtique ſunt.

22 *Refere Jorge Veneto na harmonia, & delle, & de outros recopilou Fr. Heytor Pinto Dial. ult. c. 25. na 2. p.*

do, como ſentem felicidade, porque nella alcançaõ a perfeyçaõ de ſeu ſer. O fim do homem he o bem; por iſſo vemos que a razaõ lhe enſina, que lhe convèm buſcallo, & fugir do mal, & em todas as acçoens procura ſua conveniencia; quando cahe no que lhe prejudica, erra contra o ſeu intento. A natureza compoz o homem de modo, que pudeſſe chegar àquelle ſeu fim; ſe aſſim o naõ compuzerá, obràra contra ſi meſma com implicaçaõ, fazendo-lhe fim natural, o que lhe era impoſſivel. Na razaõ de que o dotou lhe poz o poder, & diſpoſiçaõ, & aſſim nada lhe impede chegar, ſe quizer, áquelle fim. A ſaude, ou doença, a riqueza, ou pobreza, & outros acccidentes da vida naõ fazem felices, ou infelices; a felicidade, ou infelicidade ſó conſiſte naquelle bem, que he o fim: quem ſe deſviou para o mal, he infeliz, porque obrou contra ſeu fim. Todos os ſucceſſos da vida ſaõ inſtrumentos indefferentes á diſpoſiçaõ virtuoſa, pois tanto ſe pòde ſervir das adverſidades, como das proſperidades para chegar áquelle bem. Todas as couſas (dizia Epicteto) tem duas azas: huma queyma, outra naõ; vede lá por qual as tomais: Se iſto aſſim naõ fora, todos ſeriamos infelices, pois todos dependeriamos da fortuna, & temendo-a ſempre naõ podiamos ſer felices, & fora injuſtiça padecermos ſem culpa. A eterna Juſtiça poz a felicidade na noſſa maõ, chegaremos a ella, abraçando ſempre o bem, que he o noſſo fim.

15 Sofrer o corpo trabalhos naõ tirarà eſta felicidade, porque em hum compoſto, o todo ſe domina da parte mais nobre, & aſſim eſtando feliz o eſpirito, o eſtà todo o homem: como depois de huma grande vitoria dizemos que a Republica he feliz, poſto que nella perdeſſe alguns Cidadãos; medindo-ſe a fortuna pela peſſoa do Principe, ou pelo ſubſtancial do Eſtado, com que tudo o mais ſe deve accommodar. Antes como os particulares ſe gloriaõ das feridas, que recebèraõ por conſervar o Eſtado, ou o Principe: aſſim o corpo deve ſacrificarſe com goſto em todos os ſucceſſos, que pòdem ſervir ao eſpirito. Se a felicidade do eſpirito dependeſſe dos deleytes, ou deſcanço do corpo, eſte ficava ſendo o Senhor, com grande abſurdo da natureza, & abatimento da dignidade do homem; o contrario ſe ha de dizer, pois o corpo he eſcravo da alma racional. Eſta em ſubſtancia era a doutrina dos Eſtoicos, que foy a que mais ſe chegou à Academia Chriſtã.



CAP.

CAPITULO XI.

Como os Filoſofos obravão conforme ao que enſinavaõ. As penitencias que alguns fazião; & outros annuncios que os Gentios tiverão da Ley Santa.

1 A Doutrina, que enſinavaõ, praticavaõ em ſi os Filoſofos, ſeguiaõ ſeus diſcipulos, & imitavaõ os Varoens grandes, na igualdade do animo, na conſtancia, & paciencia, & no goſto com que ſe entregavaõ à morte, ſe entendiaõ que era pela virtude.

2 Em Socrates ſe notava, que nunca ſe conheceo differença em ſeu roſto, ſempre o meſmo com qualquer ſucceſſo: nenhum o alegrou, ou entriſtecco, nem alterou, do que naturalmente coſtumava ſer. 1 Dandoſe-lhe huma boferada, ſó diſſe: *Moleſta couſa he não ſaberem os homens, quando lhes he neceſſario ſahirem de caſa com vizeyra.* 2 A Diogenes cuſpio hum moço no roſto, & ſó diſſe: *Não me agaſto, mas duvido, ſe ſerà bem agaſtarme.* 3 A Licurgo tirou outro moço hum olho, & entregandolho o Povo, para que o caſtigaſſe, & elle o enſinou a todos os bons coſtumes, & enſinado; o appreſentou em publico, dizendo: *Eſte moço, ò Eſpartanos, me entregaſtes mal acoſtumado, eu o reſtituo inſtruido com boa doutrina.* 4 A Ariſtippo diſſe hum grandes injurias, & elle reſpondeo: *Oxalá foſſes tu tão ſenhor da tua lingua, como eu ſou das minhas orelhas.* 5

3 Demoſthenes, ameaçando-o Filippe Rey de Macedonia, que lhe tiraria a cabeça, porque fallava por Athenas ſua patria; reſpondeo conſtante: *Se ma tirares dos hombros, a patria ma porà na eternidade.* 6 Theodoro Filoſofo reſpondeo ao Tyranno Lyſimaco Macedonio, que o ameaçava com morte: *Ameoça aos teus Cortezãos; que a Theodoro nada importa apodrecer na terra, ou levantado em cruz.* 7

4 O grande Ageſilao eſtando com dores de gotta, vendo que Carneades, que viera a viſitallo, ſe deſpedia triſte, receando moleſtallo mais com ſua preſença, lhe diſſe: *Não vos vades, dalli* (apontando para os pès) *nada chega cà* (pondo a maõ no peyto.) 8 Poſſidonio atormentado em huma doença de grandiſſimas dores, dizia: *Em balde trabalhas, ò dor nunca confeſſarey que es mal.* 9

5 Calicrates perguntado porque os Filoſofos proferiaõ a morte honrada a huma vida larga, reſpondeo: *Porque viver acontece a todos: morrer bem, he ſó dos bons.* E era dogma: *Que ſe devia deſejar huma morte memoravel pela virtude.* 10 A Socrates ſe deu aviſo, de que os Athenienſes determinavaõ, que elle morreſſe. E reſpondeo: *Primeyro o determinou a natureza:*

1 *Laertius de vit. Philoſoph. in ejus vit.*
2 *Senec. de ira l. 3. c. 11.*
3 *Laert. ſup. l. 6. in vita Diobonis.*
4 *Plutarch. in Lycurg.*
5 *In l. de nugis Philoſoph.*
6 *Stobeus ſerm. 2.*
7 *Cicer. l. 1. Tuſcul. queſt.*
8 *Plutarch. in Lacon.*
9 *Bruſcon. l. 2. c. 1.*
10 *Senec epiſt. 8. poſt med.* Dubitas, an optimum ſit memorabilem mori, & in aliquo opere virtutis.

sem querer retirarse, como pudera. Quando o condenáraõ, lamentava sua mulher Xantippe ser sem culpa, & elle lhe disse: Pois querias que morresse culpado? A notificaçaõ da sentença ouvio sem alteraçaõ, & protestou: *Que não temia a morte.* Na execuçaõ, detendo-se os Ministros, lhe disse: *Que era tempo de se hirem a viver, & elle a morrer.* E dandose-lhe o vaso de veneno, que havia de beber, fez huma pratica de excellentes sentenças; foraõ suas ultimas palavras: *Vamonos desta vida, pois Deos aqui nos leva*; & bebeo sem mostrar mudança. 11 Theramenes Espartano condenado à morte, hia rindo; & perguntado de que se ria, respondeo: *Que folgava de pagar aquella divida.* 12 Phocion condenado com outros a veneno, tendo os outros bebido, o que se dera do publico, & faltando para elle; dizendo o algoz que o daria seu, se lho pagassem; disse a hum amigo: *Pois que em Athenas se não pòde morrer de graça, peçovos que pagueis este dinheyro.* 13 Cayo, ou Canio Julio mandado matar por Cayo Cesar, & estando jugando o Xadrez quando o foraõ buscar para a execuçaõ, tomou testemunhas de como tinha melhor jogo. 14 Tal era o sossego de animo com que sofriaõ a morte os sequazes daquella Filosofia, se entendiaõ que morriaõ innocentes, ou pela virtude, & tendo-se por felices na pena: & assim Agydes Lacedemonio hindo para o supplicio, & vendo que o algoz chorava lastimado de o matar injustamente, o exhortou a que naõ chorasse: *Porque elle morria mais feliz, que os que o mandavaõ matar.* 15 Bastaõ estes exemplos.

11 *Plat. in apolog. & in Crito. Xenophon in apolog. Tullius 1. Tuscular. Laert. in vit. Socrat. in l. 2. de vit. Philosoph.*

12 *Plutarch. in Lacon. Tullius 1. Tuscular.*

13 *Plutarch. in apoph. Lac.*

14 *Stob. serm. 2.*

15 *Plutarch. in Agydeo*

6 Houve outros Filosofos; que mostravaõ ensayos de penitencia. Os antiquissimos *Bracmanes* da India viviaõ em bosques, & desertos, professando castidade, vestindo cortiças de arvores, comendo só folhas dellas, & algumas hervas. Diziaõ que depois desta vida havia outra melhor, de que gozavaõ os que se davaõ a bem filosofar, que era serem sabios, & virtuosos. Dous de outros chamados *Taxillos*, hum velho, outro moço, andavaõ com Alexandre Magno prègando paciencia: & elle os honrava com a sua mesa: Apartando-se algumas vezes para lugares secretos, o velho se punha com o rosto para o Ceo sofrendo chuvas, & calmas: & o moço se punha sobre hum só pè, tendo na mão hum trosso de madeyro de tres covados: & cansado daquelle pè, se punha sobre o outro, passando o dia em tal penitencia. Este naõ quiz perseverar com Alexandre, & o deyxou, dizendo-lhe, que se quizesse delle alguma cousa, o buscasse; porque elle o naõ havia mister. Mas o velho continuou com Alexandre, dando-se depois á boa vida; & os que lhe affeavaõ haver afroxado na penitencia, respondia, que se haviaõ jà acabado os quarenta annos que a havia professado; & era assim, que naquella escolla se permittia aliviar a vida passados trinta & sete, ou quarenta annos de penitencia. 16

16 *Destes Filosofos trataõ Strabo l. 15. & 16. Pineda na Monarch. Eccles. l. 7. c. 12. § 2.*

7 Tambem parece q̃ com myſterio era ceremonia da gentilidade borrifarem-ſe com agua nos templos, para ſe purificarẽ dos peccados, como ſe prova de Laercio referindo hum apophthegma de Diogenes: & de Eraſmo referindo outro de Valentiniano, 17 porque o lavacro do Santo Bautiſmo, & o tomar nas Igrejas agua benta, ſe naõ eſtranhaſſe por novidade.

17 *Laert de vita Philoſoph. l.6. in Diog.*
Eraſm. l.8. Apoph.

8 Com o referido nos capitulos paſſados prevenio Deos os Gentios para ſua doutrina, poſto que ſem prevençoens os pudera depois inſtruir nella. Como hum bom Muſico (diz Nicephoro 18) para cantar mais ſuave toca na lyra varias cordas; & para ornato accreſcenta mais das neceſſarias. Ou como a lã para receber a cor mais fina ſe prepára com tintas mais bayxas.

18 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l.8. c.29 in fin.*

CAPITULO XII.

Genealogia de Chriſto Senhor noſſo, & de ſua Mãy Santiſſima. Tocaõ-ſe as excellencias de S. Joaquim, & Santa Anna.

1 PAra vir o homem levantar o Mundo; diſpoz Deos a genealogia de q̃ havia de naſcer. A do pay putativo, 1 que ſó tinha na terra, eſcreveo o Evangeliſta Saõ Mattheos 2 em Judèa na lingua Hebraica para os Hebreos, 3 começando por *Abraham*, aſcendente de que ſe gloriavaõ, & proſeguindo por *David atè S. Joſeph*, q̃ declarou ſer caſado com *Maria* ſua Mãy Santiſſima, com o que tambem moſtrou ſer a *Senhora* do meſmo ſangue, pois ſendo filha unica de ſeus pays, como veremos, 4 naõ podia, conforme a ley, 5 caſar em Tribu differente; & para o intento de verificar o Meſſias neſta qualidade, baſtava derivarlhe a deſcendencia de *Abraham*, & Tribu de *David*. 6 A materna, verdadeyra, & natural, que ſó tinha no humano, eſcreveo o Evangeliſta Saõ Lucas 7 Antiocheno, em lingua Grega para os Gentios, 8 derivando-a de *Adam* pay de todas as gentes, atè *Heli Joaquim*, avô materno do *Senhor*, dizendo, 9 *Jeſus entrava quaſi em trinta annos reputado filho de Joſeph, o qual foy de Heli, &c.* no que bem ſe vè que o relativo, *o qual*, naõ ſe refere a *Joſeph*, mas a *Jeſus*, pois tratando o Evangeliſta de propoſito de *Jeſus*, & nomeando a *Joſeph* ſó occaſionalmente, & por parentheſi, naõ he crivel q̃ ſe puzeſſe a contar taõ devagar a genealogia de *Joſeph*, & naõ a de *Jeſus*, havendo jà dito, q̃ *Joſeph* era pay putativo; & ſendo o intento moſtrar que *Jeſus* era verdadeyro deſcendente de *Adam*, como homem, & de *Abraham*, & *David* como Meſſias, para o moſtrar por linha varonil, & naõ tendo *Jeſus Chriſto* pay na terra, começou do primeyro Varaõ mais proximo, que era o avô materno. Aſſim odizem commummente os Doutores; 10 & alguns accreſcentaõ,

1 *Luc. 3, 23.* Ut putebatur filius Joſeph.
2 *Matth. 1.*
3 *D. Hier. in præfat. ex proœm. comment ſup. Matth & de Scriptor. Eccleſ. in eumdem.*
Nicepuor. hiſt. Eccleſ. lib. 5. c. 16. & omnes DD.
4 *No fim deſte 6.*
5 *Num. c 36.*
6 *Ex promiſſion. Gen. 15. cum ſeqq.*
Michea 5.2 Joan. 7 42.
7 *Luc à c. 3.*
8 *Galarz. in Euang. inſtit. l. 6. c. 5. poſt princ.*
Nicephor. d. c 16.
9 *Luc. d. c. 3. 23.* Et ipſe Jeſus erat incipiens qualis annorum triginta, ut putabatur filius Joſeph, qui fuit Heli, &c.
10 *Ultra Expoſitores Euangelii ord narios Galarz d l. 2. c. 3. n. 13 Marie. Præſup. Chriſt. etate 4 c. 2. P. Fr. Joſeph de Jeſus Mar. hiſt. Virgin. l. 1. comm. in fin.*

11 que

11 que o meſmo era, ainda que aquelle relativo ſe referia a *S. Joſeph*, chamando-ſe filho de *Heli Joaquim*, porſer genro, que ſe coſtuma chamar filho.

2 De Adam, que chama filho de Deos, por haver ſahido immediatamente das mãos Divinas, deduz S. Lucas eſta deſcendencia continuada de pay a filho, como ſe ſegue.

3 Engeytou Deos a *Caim* filho primeyro de *Adam* por facinoroſo, & eſcolheo para aſcendente a *Seth* morgado da virtude dos primeyros pays. 12 Sem cauſa evidente cruza o *Senhor* os braços muytas vezes, como Jacob, dando a bençaõ de Manaſſés mais velho a Efraim mais moço; 3 & o meſmo ſuccedeo a Jacob antepoſto a Eſaù; & a Judas preferido a Rubem; & com outros o vemos cada dia, fazendo 14 os primeyros ultimos, & os ultimos primeyros, por ſeus occultos juizos.

4 *Enòs* filho de *Seth*, foy aquelle que teve o louvor de invocar primeyro o nome do *Senhor*, como na primeyra parte diſſemos. 15

5 *Cainam*, *Malaleel*, *& Jared*, ſe ſeguiraõ de pay a filho, baſtalhe por gloria ſerem troncos deſta arvore.

6 *Henoch* filho de *Jared*, inſigne Aſtrologo, 16 & o primeyro que ſabemos haver compoſto livro, 17 foy mais inſigne pela ſantidade, porque o Texto diz que elle paſſeou com Deos, & lhe contentou, & que naõ appareceo, porque Deos o levou, & trasladou ao Paraiſo ſem morte. 18 Graves Authores 19 cuydaõ que naõ he o Paraiſo, em que eſtiveraõ Adam, & *Eva*, porque eſſe ſe acabou no Diluvio; 20 mas certa regiaõ em que ſe vive com tranquilidade no corpo, & no eſpirito: outros entendem que he o meſmo. 21 Saõ Joaõ Chryſoſtomo 22 aconſelha, que naõ paſſe noſſa curioſidade a querer ſaber mais do que o Texto declara. Dizem que 23 dalli ha de vir no Juizo final a prègar contra o Ante-Chriſto, & que morrerá Martyr.

7 *Mathuſalem* ſeu filho, vivendo 969. annos, 24 a mais larga vida que ſe ſabe, a fez mais dilatada com tantas virtudes, que morrendo na occaſiaõ dó Diluvio, mereceo (ſegundo refere Rabbi Sela 25) que Deos o dilataſſe ſete dias, alèm dó tempo determinado, para que *Noè* ſeu neto, & ſua familia lhe fizeſſe nelles exequias honroſas.

8 *Lamech* filho ſeu, he celebrado por pay de *Jabel*, *Jubal*, & *Tubalcaim*, inventores de muytas artes, que diſſemos na primeyra Parte, 26 & mais celebre por pay de *Noè*.

9 *Noè* foy ſegundo pay univerſal, cuja ſantidade, trabalhos, & acçoens glorioſas jà referimos; 27 baſtalhe por encomio haver ſido figura de *Chriſto* Reparador do genero humano.

10 *Sem* teve a dita de ſer eſcolhido entre os filhos de *Noè* para cabeça deſta linha, foy abençoado por ſeu pay: 28 correſpondeo à bençaõ cõ virtudes: & diſſeraõ Eſcritores 29 q̃ foy *Melchiſedech* Sacerdote o mais celebre nas Eſcrituras ſantas.

11 *Galatz.d.n.13.in fin.*

12 *D.Chryſoſt.in Geneſ. hom. 21. in princip.*
Vide in 1.p.c.17.n.1.& c.48.n.4.
13 *Geneſ.48.c 4.*
14 *Matth.19.30. Marc.10.31. Luc 13.30.*

15 *P.1.c.31.n.1.*

16 *Diſſemos na 1.p.c.28.n.3.*
17 *Diſſemos na 1.p.c.30.n.2.*

18 *Gen.5 24. Eccleſ.44.16. D. Paul.ad Hebr 11 5.*
19 *Rupert.3.de Trinit c.33.*
20 *De hoc vide in 1.p § 3.n.3.*
21 *Vide Viegas 11. Apocalyp. Ben. Perer.in Geneſ.l 7. ex n 167. in 7. queſt. & alios apud Ben. Bernard.ibi ſect.2.n 5.*
22 *Chryſoſt.hom.21 in Gen.*
23 *Tertul.de anim c de vi mort. & l.1 adverſ Jud c.2. D.Ambroſ.ad Corinth.1 4. Viegas ſup.*
24 *Vide in 1 p c.10.n.2.*
25 *Rabbi Sela na hiſt do Geneſ. c.7. referido por Genebrard.in chronolog l.1.ætat.1.*

26 *P.1.c.21.com os ſeguintes.*

27 *Na 1.p.c.50.& neſta c.1.com os ſeguintes.*

28 *Gen.9.26.*
29 *Vide ſup.c.7.n.2.*

11 *Arphaxad* filho de *Sem* deyxou ſeu nome famoſo nos Babylonios, & Caldeos, que delle ſe chamàraõ *Arphaxadeos*. 30

30 *Joſeph apud Hortelíũ in dict. Chaldea in theſaur.*

12 *Cainam* foy filho de *Arphaxad*, ſegundo a translaçaõ dos ſetenta & dous Interpretes que refere Saõ Lucas, poſto que no livro Hebreo, que a noſſa Vulgata trasladou, ſe naõ ache por deſcuydo dos que depois o copiáraõ, como advertem os Doutores. 31

31 *Abulenſ. ſup. Euſeb. p. 2 c 24 & 36. ac cum eo Matute, Proſup. de Chriſto. idade 2. c. 4. §. 2 in princ.*

13 *Salem* foy filho de *Cainam*, & parece que teve a gloria de que a Cidade Santa, que primeyro ſe chamou *Jeſus*, ſe chamaſſe depois *Salem*, por ſua memoria; & ſe ficou chamando *Jebuſalem*, & ultimamente Jeruſalèm, corrupto o nome. 32

32 *Vede o que diz Matute d. idade 2 c 2. §. 1. que ſe accommoda meber a* Salem *ſendo já morto* Sem.

14 *Heber* filho de *Salem* foy o unico cabeça de famila que naõ cooperou na infamia de Babel, tanto mais digno de louvor, quanto mais raro he ſer bom, quando todos ſaõ màos: 33 pelo que em ſi, & nos ſeus conſervou a lingua primeyra, & fez memoravel ſeu nome. 34

33 *Vide in 1. p. c. 50. n. 2.*

34 *Diſſemos no cap. 4. n. 2.*

15 *Phaleg* foy ſeu filho: & deſte o foy *Ragau* (a que tambem chamàraõ *Rau*, & *Reu*, & *Ragu*;) de *Ragau* o foy *Sarug*, & de *Sarug* o foy *Nachor*, & deſte o foy *Tharè*. Parou a virtude para brotar com mais força em *Abraham* filho de *Tharè*.

16 *Abraham* de quatorze annos deyxou o rito gentilico, conheceo a Deos, 35 & prègou a ſeu pay; 36 perſeguido pelos Caldeos (& alguns dizem 37 que lançado no fogo, de que miraculoſamente foy livre) por naõ querer adorar o meſmo fogo, que elles adoravaõ, & quebrados primeyro (como alguns dizem) os idolos de caſa de ſeu pay, 38 foy chamado por Deos de Haram para Canaan; 39 foy o Meſtre, & fonte donde aos Egypcios, & Gregos manáraõ a Aſtrologia, & outras ſciencias, & artes liberaes: 40 alcançou vitorias pelas armas: fez milagres, hoſpedou Anjos,, mereceo as mais illuſtres promeſſas do Ceo: 41 foy chamado amigo de Deos: 42 finalmente o mais glorioſo na tentaçaõ mais admiravel de ſer ſacrilego deſprezando a Deos, ou cruel matando o filho; eſpectaculo digno dos olhos Divinos, no qual ſe naõ pode definir ſe tinha mayor paciencia o ſacrificante, ou a victima; no ar ſe ſuſpendeo a eſpada, paſmada de que naquelle ſacrificio mais era inſtrumento de gloria, que de ſangue: pois a inhumanidade ſe converteo em fé: o crime em myſterio: o matador ficou incruento, & o ſacrificado viveo feliz. 43

35 *Vide in 1. p. c. 18 n. 9. ad fin.*

36 *Suidas, & cum eo P. Sylveyra in Euangel. tom. 1. d. 2. c. 10. q 6. n. 18.*

37 *Refert D. Hieron. in tradition. Hebraic. in Geneſ.*

38 *Suidas in Abraham. Abulenſ ſup Euſeb. p 2. c. 25.*

39 *Gen. 12.*

40 *Joſeph de antiq. l. 1 c. 8.*

41 *Geneſ. d. c. 12. cum ſeqq.*

42 *Epiſt. Jacobi 2. 23.*

17 *Iſaac* ſeu filho, dado por milagre, foy figura de *Chriſto*, em quanto offerecido innocente ao ſacrificio, levando em ſeus hombros a lenha ao meſmo monte Calvario, 44 como *Chriſto* a Cruz: & quando livre, figura do genero humano, por cuja liberdade havia de padecer *Chriſto* repreſentado no carneyro, q̃ ſe ſacrificou; o qual para repreſentaçaõ mais viva, diz a letra Syriaca, q̃ alli ſe offereceo pendẽte de hũa arvore entre eſpinhos, 45 como *Chriſto* na arvore da Cruz coroado delles. E

43 *Ito D. Zeno Epiſc. Veronenſ. in hom. de Patientia.*

44 *Origen. tract. 33. in Matthæum. Tertullian. l 2. in Marcion.*

45 *Gen. 22. 13* Vidi arietem inter vepres pendentem in arbore. *Refert in Hebraïs Matute ſup. idade 3. c. 1 § 7 in princ.*

aſſim

assim, segundo a versaõ de Theofilato, disse o mesmo Senhor: *Que Abraham vira a sua Cruz.* 40 Foy abençoado, & animado por Deos, ratificandose as promessas feytas a seu pay.

18 *Jacob* filho de *Isaac*, aquelle fino amante que depois de servir quatorze annos pela fermosa *Rachel*, sentira mais, se a vida naõ tora curta para amor taõ grande, nascendo gemeo com *Esau*, desmentio os juizos astrologicos, pois concebidos, nascidos ambos a hum tempo, dos mesmos pays, & no mesmo lugar, foraõ taõ dessemelhantes: No ventre da máy começou a lutar com o irmaõ, & o seguio pegandolhe no pè como a detello: & em fim lhe ganhou o morgado. Fugindo do irmaõ achou a Deos, & foy taõ seu mimoso, que lhe mostrou o *Senhor* escada para o Ceo. E diz Raulino 47 que leo no alto della escrito o nome de JESUS. Foy taõ valente Santo, que andou abraços com o *Verbo Divino*, que lhe pedio que o deyxasse; & por brazaõ de seu esforço lhe mandou que se chamasse Israel, donde os seus se chamàraõ Israelitas. Vio mysterios altissimos da Encarnaçaõ do mesmo *Verbo*: teve repetidas confirmaçoens da felicidade em sua geraçaõ: levado da fome geral para a abundancia do Egypto, logrou o gosto de ver que seu filho Joseph escapàra da inveja, (fera mais cruel que a que elle cuydava que o havia tragado) & que governava aquelle Reyno, & governou oytenta annos: fortuna jà mais vista em valido: premio de sua castidade. Morrendo Jacob muyto velho no Egypto, se lhe fizeraõ honrosas exequias, continuadas setenta dias, & teve aconsolaçaõ de ser levado a Chanaan, à sepultura de seus pays, & avôs, como deyxàraõ ordenado. 48

19 *Judas*, filho quarto de *Jacob*; foy o primeyro na ventura de haver de descender delle *Maria Santissima*, & haver de andar em sua descendencia o governo supremo de Judèa, que delle tomou nome, atè a vinda do Messias: premio de ser menos cruel para Joseph, persuadindo aos irmãos que o naõ matassem, & por melhor mal, o vendessem; 49 & da piedade com que se offereceo a ficar cativo em Egypto em lugar de Benjamim, por naõ desconsolar o pay. 50

20 *Fares* foy seu filho mysterioso assim na máy Thamar de que nasceo, 51 como em que nascendo gemeo com *Zaraõ*, que lançou primeyro huma maõ fóra, com tudo elle nasceo diante, & levou o morgado.

21 *Hesron* (que alguns nomeaõ *Esdralon*) tambem foy filho mysterioso de *Farés*, pois de nove annos o gerou, como querendo apressar as geraçoens de que a *Virgem Máy* havia de nascer. Outros escrevem que casou de sete annos, & gerou a *Hesron* de oyto, & Hamul de nove; 52 o que se faz crivel com os exemplos de *Haraõ*, que de oyto annos gerou a *Loth*, & de nove a *Sara* mulher de *Abraham*: 53 & de *Salamaõ*, que de onze annos gerou a *Roboam*, & de *Achaz*, que de dous annos gerou a *Ezequias*. 54 E se conta que em França pario huma

46 *Theophil. in Joan. 8. 56.* Abraham exultavit, ut videret crucem meam, & vidit. *Conducit D. Chrysost. in Gen. homil. 4 post med.*

47 *Raulin. l. 1. de arte cabalistica fol. 11. Maiute d. idade 3 c. 2 §. 3.*

48 *Genes. 25. cum seqq.*

49 *Genes. 37. 26 & 27.*

50 *Genes. 44. 33.*

51 *Trata do mysterio Maiute d. idade 3 c. 4.*

52 *Genebrard. in Chron. lib. 1. etat. 3. Pineda Monarch Eccles p. 1. l. 3. c. 22 § 4.*

53 *Genebrard supr.*

54 *Pined. supr. ex D Hieron. ad Vital.*

moça tendo fómente nove annos. 55 Logrou *Heſron* as felicidades, que os Iſraelitas tiveraõ no Egypto pelas conceſſões, que ElRey *Faraò* lhes fez por contemplaçaõ do Santo Joſeph. 50

22 *Aram* ſeu filho [ou *Ram*, como tambem ſe acha nomeado) ſofreo com inſigne paciencia o duro cativeyro, em que morto *Joſeph*, & ſeus irmãos, & morto aquelle Rey *Faraò*, poz outro *Faraò* ſeu ſucceſſor os Iſraelitas, temendo ſua multiplicaçaõ, & opulencia. 57

23 *Aminadab* foy filho ſeu, & com os mais Iſraelitas affligidos mereceo alcançar de Deos com lagrimas, & oraçoens querer livrallos daquelle cativeyro. 58

24 *Nahaſon* filho de *Aminadab* na ſahida do Egypto, era Principe da Tribu de Judá; 59 & temendo todo o mais povo entrar, paſſar o Mar Vermelho, poſto que via as aguas abertas com eſtupendo milagre, & querendo tornarſe a Egypto; ſó *Nahaſon* com os ſeus ſe lançou valeroſamente, no que ſe imaginava perigo, a cujo exemplo os mais ſe animàraõ: 60 & dalli em diante (pòde ſer que por eſta acçaõ) o morgado das Tribus paſſou à de Judà, & aſſim ſe movia primeyro nas marchas, 61 & offerecia primeyro nos ſacrificios. 62

25 *Salmon* ſó ſe acha mẽcionado na Eſcritura ſanta 63 por filho de *Nahaſon*, & pay de *Booz*, como titulos muyto honorificos.

26 *Booz* he celebrado por muyto rico, & poderoſo 64 no tempo em que os Hebreos jà poſſuhiaõ a terra de Promiſſaõ.

27 *Obed* foy ſeu filho; ao qual baſta por louvor ſer pay de *Jeſſé*.

28 *Jeſſé* (que tambem ſe chamou *Iſai*) foy aquelle tronco illuſtre de que diſſe Iſaías: 65 *Sahirá huma vara da raiz de Jeſſé: & ſubirà huma flor* (Maria Santiſſima) *da ſua raiz*.

29 *David* foy filho oytavo, & primeyro nos olhos de Deos, que por *Samuel* o ungio em Rey de Iſrael; Rey entre os Reys; hum dos nove que chamamos da fama, ſendo unico nas excellencias: porq̃ foy gentil na peſſoa, generoſo na condiçaõ, robuſto nas forças, valeroſo no animo, prudente no governo, feliz nas emprezas, glorioſo no credito, ſanto nos coſtumes. Urſos, Leoens, Gigantes, amigos, & inimigos, lhe tributáraõ vitorias. Foy Profeta, Poeta, Muſico, deſtro em dançar, & em tocar inſtrumentos; experimentou todos os eſtados, de Paſtor, Soldado, Principe, Rey, peccador, penitente, em todos venceo todas as fortunas, acriſolado com ſer perſeguido pelo ſogro ingrato, pelo filho inobediente, pelos amigos obrigados, pelos inimigos poderoſos; 66 tal foy, que Deos lhe chamou, homem ſegundo o ſeu coraçaõ: 67 & *Chriſto* ſe prezou de ſer filho ſeu. 68 Foy o primeyro que determinou tirar a Deos de tabernaculos, & fazerlhe caſa propria no templo ſagrado, o que executou ſeu filho *Salamaõ*. 69

30 Depois de *David* proſegue Saõ Matthees a geneolo-

gia

55 *Pineda ſupra.*

56 *Geneſ.49.*

57 *Exod.1.7.*

58 *Exod.2.24.*

59 *Numer.1.7.& c.2.3. & c.10. 14.& 1 Paralipom 2.11.*

60 *D.Hieronym.in Oſeam 11. P.Sylveyr in Euangel.tom.1.l.1. c.2.q.27.n.33. ubi probat Lyram.in Matth.1. non bene hoc attribuiſſe patri Aminadab.*

61 *Numer.c.2.3 & c.10.14.*

62 *Numer.c.7.11.*

63 *Ruth.4.20.& 21.*

64 *Ruth.2.1.*

65 *Iſai.11.1.& 10.*

66 *1.Reg.16 cum ſeqq.*

67 *1.Reg.13.14. Act.13.22.*

68 *Matth.1.1.*

69 *2.Reg.7.& 1.Paralipom.22.*

gia atè *S. Joseph*, por seu filho ElRey Salamaõ, & pelos mais Reys seus descendentes. Saõ Lucas a prosegue atè *Christo* Senhor por *Nathan*, outro filho do mesmo *David*, & Irmão inteyro de *Salamaõ*, porque ambos foraõ havidos em Bersabè. 70 Philo Hebreo 71 escreve, que *David* o deyxou substituido, & a sua linha para a successaõ do Reyno em falta da de *Salamaõ*; pelo que foy chamado *Ahiscar*, que significava, *Irmaõ successor do Principe*; & seus descendentes, *Ahiscarim*, & *Mathuthim*, que significava, *Successores*; & que ElRey *Josaphat* os estimava como filhos, & lhes chamava Irmãos de seu filho *Joraõ*.

70 1. *Paralipom.* 3. 5.
71 *Phil apud Episc. Galarz. in Euang. inst. l* 8. *c.* 3. *in schol. n.* 4.

31 *Nathan* teve por filho a *Mathatha*, & se seguiraõ de pay a filho *Menna*, *Melcha*, *Eliachim*, *Jona*, *Joseph*, *& Juda*, illustres com aquella prerogativa de Principes do sangue para a succestaõ da Coroa.

32 De *Juda* foy filho *Simeaõ*, & se seguiraõ de pay a filho *Levi*, *Mathat*, *Jorim*, *Eliezer*, *Jesu*, *Her*, *Elmadan*, *Cossam*, *Addi*, *Melchi*, *Neri*: os quaes, posto que alguns Authores, 72 com interpretaçoens fóra do literal dos Textos, começando de *Mathat*, que entendem foy ElRey *Ozias*; digaõ que saõ os mesmos nomeados por Saõ Matthcos atè *Jechonias*, com nomes, ou sobrenomes diversos, por serem binomios; & alguns trinomios, como disse Philo; com tudo he mais corrente a opiniaõ 73 de serem differentes em differente linha; nem he verosimil que nos nomes de todos discordassem os Evangelistas. E se Saõ Lucas havia de tornar à linha de Salamaõ, parece que começaria della, como Saõ Mattheos, sendo illustrada com tantos Reys. Isto naõ tira ser a *Senhora* descendente de *Salamaõ*, & de outros Reys por femeas, com que casariaõ seus ascendentes paternos pela igual qualidade na mesma Tribu; de que segundo a ley, 74 naõ podiaõ sahir, como sabemos, que tambem aquelles Reys casavaõ na linha da *Virgem*: assim casou *Ochosias* com filha de *Juda*, 75 chamada de *Bersabè* 76 *Sabia*; & mais proximamente *Matham* conteùdo na genealogia de Saõ Mattheos, pay de Jacob, & avô de *S. Joseph*, da linha de *Salamaõ*, & de outros Reys, casou com *Eitha*, q̃ viuva tornou a casar com *Mathat* conteùdo na genealogia de S. Lucas, pay de *S. Joaquim*, & avò de *Maria* Santissima; 77 tanto se uniaõ por casamentos aquellas duas linhas. Menos tira o sobredito ser a *Senhora* de *progenie Real* como a Igreja lhe chama; 78 pois para isso bastava ser descendente de *David*, a quem só entre tantos o Evangelista S. Mattheos mysteriosamente (pòde ser q̃ a este fim) nomeou Rey duas vezes; 79 & ser da linha de seu filho *Natham*, cujos descendentes tinhaõ expressa, & paticular vocaçaõ para a Coroa; como referimos com Philo. 80

72 *Referunt Galarz. d. c.* 2. *in schol. n.* 6. *& Matut. Prosap. Christ. idade* 4. *c.* 2.

73 *Apud Galarz. d. n.* 6. *vers. quidam tamen.*

74 *Num. d. c.* 36.

75 *Matute d. c.* 2. *§.* 5. *ad fin.*
76 4 *Reg.* 12. *d. Paralip.* 24 1.

77 *Melchior de Castro in hist. de N. Senhora l.* 1. *c.* 1. *P. Fr. Joseph de Jesu Maria in hist. de N. Senhora l.* 1. *c.* 7. *n.* 2. *& l.* 2. *c.* 38. *n.* 4 *ex Genebrard. & aliis.*

78 Regali ex progenie Maria. exorta refulget.

79 *Matth sup.* David Regem. David autem Rex.

80 *Supra n.* 31. *& 32.*

33 De *Neri*, que ultimamente nomeamos, foy filho *Salatiel*, & deste o foy *Zorobabel*, como prosegue S. Lucas. Aquella opiniaõ, que referimos, tambem cuyda que saõ os mesmos conteùdos

teùdos na genealogia de S. Mattheos. Mas alèm do fundamento porque fica jà regeytada, ha mais outro neltes dous nomeados, que contando delRey *Joſias* conteùdo em Saõ Mattheos, (que aquella opiniaõ tem pelo *Coſſaõ* de S. Lucas) atè *Salatiel* ha ſó tres geraçoens, que ſaõ *Jechonias*, *Eliacim*, ou *Joaquim*: 81 & outro tambem *Joaquim* filho deſte; 82 & Sallatiel, ainda que contemos dous *Jachonias*, hum antes, outro depois da tranſmigraçaõ de Babylonia, como entendem alguns Authores; 83 & contando do dito *Coſſaõ* de Saõ Lucas atè Salatiel ha quatro geraçoens, que ſaõ *Aadi*, *Melchi*, *Neri*, & o meſmo *Salatiel*; donde ſe moſtra que o *Salatiel*, *& Zorobabel* de Saõ Matthos ſaõ differentes dos de Saõ Lucas, como apontou por opiniaõ do doutiſſimo Biſpo Garcia Galarza nas ſuas Inſtituiçoens Evangelicas 48 aſſim como pelo meſmo tempo houve outro *Zorobabel* filho de *Phaiada*, do qual ſe trata no primeyro livro do Paralipomenon; 85 & naõ importa, que em ambos os Euangeliſtas tenhaõ os pays, & os filhos os meſmos nomes, porque tambem iſto podia ſucceder, & ſuccede muytas vezes nas familias illuſtres da meſma geraçaõ, o que tambem aponta o meſmo Doutor. 86 Mal ſe averigua qual *Zorobabel* deſtes deu a ElRey Dario aquella repoſta celebre em favor da verdade, pela qual lhe concedeo ElRey a reſtituiçaõ dos Iſraelitas; & qual foy o que os guiou, & capitaneou para a patria: 87 chamado Principe, excellente na prudencia, com que governou, & grande na authoridade que logrou como Rey.

34 De *Zorobabel* continùa Saõ Lucas por ſeu filho *Reſſa*, ſeguindo-ſe de pay a filho *Johanna*, *Juda*, *Joſeph*, *Semei*, *Mathathias*, *Mathath*, *Nagge*, *Heſſi*, *Nahum*, *Amos*, *Mathathias*, *Joſeph*, *Janne*, *Melchi*, *Levi*, *& Mathath*, que aſſima 88 diſſemos ſer caſado com *Etha* viuva de *Mathan*.

35 De *Mathath* diz o Evangeliſta, que foy filho *Heli*. Naſceo em Nazareth, Cidade da Provincia de Galilea em Judea, & por ſobrenome ſe chamou *Joaquim*, 89 (como o chamamos commummente) que ſignifica, *preparaçaõ do Senhor*; 90 & com myſterio, pois nelle ſe preparou o templo do *Senhor*, que foy *Maria*. Naſceo no anno em que os Romanos ſugeytàraõ Judèa; 91 moſtrando-ſe na mudança do Imperio temporal, que preparava Deos paſſar o eſpiritual aos Gentios. Caſou com *Anna* da Cidade de Bethlem terra de Judà, que tambem myſterioſamente ſe chamou *Anna*, que ſignifica, graça de Deos, 92 filha de *Eſtalano*, que tambem ſe chamou *Gaziro*, & de *Emerenciana*, ambos deſcendentes de David; 63 poſto que alguns Authores dizem, que da Tribu de Levi, com que os de Judà por eſpecial privilegio podiaõ caſar: 94 era *Emerenciana* rica, fermoſa, & ſanta, determinou conſagrar-ſe virgem a Deos, couſa naõ uſada naquelle tempo, em que ſe tinha por eſtado mais perfeyto o conjugal, porque delle naſceria o Meſſias. 95 Antes de conſentir em caſamento, foy com licença de

81 4. *Reg* 23 34.
81 4 *Reg* 24.6.

83 *Cum D.Hieron.Galarza ſup. n.8.*

84 *Galarza ſupra n.9.*

85 *Paralip.3.n* 18.*&* 19.

86 *Galarza d.n.9.* Ejuſdem tam in nominis, ut in Magnatibus fieri ſolet.

87 *Edra l.1.c.2. &3.c.3 ac 4.*

86 *Sup.n.33.poſt med.*
89 *Galarza d.d c.3.*
Melchior de Caſtro na vida de N. Senhora l.1 c.1.
Matute ſupra id.de 5 c.1. §.4.
Fr.Joſeph de Jeſu Mar.ſup.1.c.7. n.2. allegando outros Authores.
90 *D.Epiphan.de laud.Virgin. Fulbert Carnotenſ.ſerm 3. de ortu Virgin.& cum eo P.Fo Joſeph.d.c. 7.n.1.*
P.Fr Manoel do Sepulchro na reſtiçaõ eſpirit.p.2 c ult n 18.
91 *Genebra.d.l.2. Chronol. ex Anio in Philon. apud Matute ſupra idade 5.c 3 § 3.in princip.*
92 *Fulbertin.Carnotenſ.& P Fr. Joſeph ſupr.*
93 *Galarz inſtit.Euang.l. 8.c.2. P.Fr.Joſeph d.l c.6.n.4. & d c 7. n.2.*
Caſtro ſupra d.c.1.
94 *Herat.Steglus Catacenſ.biſt à primor d.Eccleſ.l.1.paul.poſt princ. verſ dum in ſina,cum Philon. l.2 de Monarch probans ex Exod 6.& Paralip.1.*
95 *D.Trom.3.p.q.28.art.4. D Aug l.de bon.conjug.c.9 tom 6. Matute ſupra idade 3.c.4.§ 1. Iſai.4.2.*

de ſeus pays conſultar no monte Carmelo os ſucceſſos dos Profetas antigos, q̃ alli floreciaõ em ſantidade, & eraõ buſcados como oraculos divinos, de q̃ tambem os Hiſtoriadores Gentios 96 fazem mẽçaõ. Tres delles arrebatados em eſpirito conhecèraõ por viſaõ de hũa fermoſa raiz, de q̃ ſahiaõ dous ramos, hũ delles mais bello, & por hũa voz do Ceo, que *Emerenciana*, figurada naquella raiz, era eſcolhida por Deos para o eſtado cõjugal; pelo q̃ obedeceo; & de *Eſtolano* teve por filhas a *Eſmeria*, caſada com *Aprano* Sacerdote, pays de *S. Iſabel*, mãy do grande Bautiſta: 97 & a *Anna* Santa, mulher do Santo *Heli Joaquim*. 98 Com milagres preparava Deos o mayor milagre, como diſſe S. Joaõ Damaſceno. 99 Tiveraõ *Joaquim*, & *Anna* o neceſſario cõ moderaçaõ de bens da fortuna. Huma parte de ſuas rẽdas offereciaõ no templo para o culto Divino: outra davaõ a pobres, & peregrinos: da terceyra ſuſtentavaõ ſua familia. 100 Foraõ taes, que os eſcolheo Deos para avòs, ſegundo o humano: & por pays de ſua Mãy, a quem tanto honrou: pelo fruto ſe conhece a arvore. 101 Quanto a couſa mais ſe chega a algũ principio, tanto mais participa dos ſeus effeytos, diz S. Thomàs: 102 quaes ſeriaõ logo eſtes glorioſos Sãtos, ſendo os mais chegados *à Virgem Mãy*, & a *Chriſto* ſummo bem? A elle chamàraõ graves Authores *Ceo luminoſo*; a ella *terra limpa do Paraiſo*: hum doutiſſimo eſpiritual moderno 103 expende a razaõ.

36 De *Joaquim*, & *Anna*, flores eſcolhidas, ſe fabricou o favo de mel mais puro, em que ſe havia de crear o Rey, & Meſtre do enxame da Igreja, como nas myſterioſas abelhas notou Plinio; 104 ſublime arvore, fer noſa, & ſegura, & que a Real Aguia Celeſtial eſcolheo para aſſento do ninho, em que ſeu Filho havia de naſcer, como diſſe hum Anjo a Santa Brigida; 105 copia de tantos aſcendentes illuſtres, cujas eſclarecidas virtudes ſe naõ poderiaõ imitar, & menos exceder, ſe ella naõ naſcèra. Delles finalmente naſceo por milagre *Maria* Santiſſima, verdadeyra Mãy, & o mayor milagre de Deos, pelo modo que diremos em particular capitulo de ſua Conceyçaõ.

37 Foy Filha unica de ſeus pays; ainda que alguns Eſcritores cuydáraõ que *S. Anna*, ou do meſmo S. Joaquim, ou de outro marido, com quem morto elle caſára, tivera outras filhas; levados, de que no Evangelho ſe nomea Maria Cleope irmã da *Virgem*; 106 chamouſe aſſim, ſó porq̃ ſeu marido Cleophas era irmaõ de S. Joſeph (alguns dizem q̃ era o meſmo q̃ Alpheo: outros q̃ Alpheo era marido, irmaõ de S. Joſeph, & Cleophas pay;) & aſſim por cunhada de S. Joſeph, & concunhada da *Virgem* ſe chamava irmã, como coſtumamos. Como tambem ſeus filhos ſe chamàraõ irmãos de *Chriſto*, 107 pelo meſmo eſtylo; porque regulado o parenteſco por *S. Joſeph* pay putativo do *Senhor*, eraõ primos com irmãos; 108 ſe naõ foy q̃ a aſtucia dos Judeos lhes chamou alli irmãos, para eſcurecer a pureza da *Virgem*, como ſuſpeyta S. Pedro Chryſologo. 109

CAP.

96 *Sueton. in Veſpaſian. c. 5. Tacit. biſt. l. 2. poſt med.*

97 *Melchior de Caſtro d. l. 1. c. 1. P. Joſeph d. l. 1. c. 6. n. 7 in fin.*

98 *Ita narrat P. Joſeph d. c. 6 à n. 4. ex Paleovid. de antiq. Ord. Carmel. l. 1. c. 5. Petr. Dorland. apud Ludolphum de Saxon. in fine vitæ Chriſti, ac aliis.*

99 *D. Damaſcen. orat. 1. de Nativ. Mariæ.*

100 *Melchior de Caſtro ſupr. P. Fr. Joſeph d. c. 7. n. 4*

101 *Matth. 7. n. 17. & 18.*

102 *D. Thom. 3. p. q. 27. art. 5.*

103 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. d. c. 7 n. 6.*

104 *Plin. nat. hiſt. l. 11. c. 16.*

105 *Revelat. S. Birgit. in ſermone Angel. c. 19.*

106 *Joan. 19. 25.*

107 *Matth. 13. 55. Marc. 6. 3.*

108 *Aſſim o provaõ largamente com muytos Authores Matute ſup. idade 5 c. 3. § 7. com os ſeguintes. P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 51.*

109 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 48. poſt med.*

CAPITULO XIII.

Trata-se da nobreza: que cousa seja, & como resplandeceo na Santissima Virgem Mãy.

1 A Nobreza he taõ gracioso esmalte das melhores acçoens, que atè nos Santos, cujas excellencias dependem pouco das cousas da terra, tem os Authores por digna de recommẽdaçaõ; 1 porque a virtude he fruta sempre boa, mas sahe melhor, se he bem ordenada: os louvores na nobreza naõ se pôdem reduzir a escrito, pois (disse bem hum douto 2) saõ tantos como as estrellas que resplandecem no Ceo.

2 Se os homens pudessem escolher a sorte de seu nascimento, nasceriaõ todos nobilissimos; & assim Deos, que podia, dotou desta qualidade a sua *Mãy*. Pinta-se no Apocalypse 3 calçada de Lua, ostenta a mayor nobreza. Meyas luas por instituto del-Rey Numa traziaõ nos çapatos os Romanos mais nobres; 4 mostrando-se da ordem dos Senadores, que entaõ eraõ só cento, numero figurado em hum C, fórma de meya lua, como explica Alexandre ab Alexandro, 5 & significando, que por suas acçoens teriaõ depois de mortos a lua debayxo dos pès, como disse Plutarco, 6 ajuntando a nobreza pessoal à dos progenitores. 7 Tambem se pinta alli a *Virgem* vestida de Sol pela claridade do sangue, & com diadema de Estrellas, que saõ as obras; Estrellas, que luzem na presença do Sol, saõ mais que grandes: *Maria nascida de progenie Real* (diz a Igreja) *resplandece*; 8 illustrissima por avós clarissimos illustrou mais a geraçaõ com virtudes, que he a nobreza mais consummada; 9 & assim as faltas de *Thamar*, *Rahab*, *& Bersabè*, que se apontaõ na genealogia, que S. Mattheos escreveo do *Senhor* por Saõ Joseph, 10 naõ se encontraõ na mesma, que S. Lucas escreveo por *Maria*, 11 porque aos rayos de tanta luz se desfaz toda a nevoa.

3 Por muytos titulos se adquire nobreza, 12 & todos no grão mais eminente concorrèraõ na *Virgem*. Se se alcança por virtudes, ella foy molde, & fórma de Deos: 13 se por dignidade, a teve infinita; 14 se por sciencia, foy a mais illustrada; 15 se por riquezas, foy a mais rica, como disse Salamaõ; 16 se por valor, teve todo o de hum exercito; 17 se por privilegio, foy por Deos a mais privilegiada. Mas aqui tratamos só da nobreza natural do sangue.

4 Esta, segundo o que escrevem Alberto Magno, & outros Doutores pela doutrina de Aristoteles, & segue huma ley de Castella, 18 *he huma qualidade herdada, que inclina a todas as virtudes*; por isso justamente he de tanta estimaçaõ. Começa

1 *Notat Tiraquel. de nobil. c.21. n.4.*

2 *Capola in tract. de Imper. mil. elig. verb. nobilitatis, in fine.* Tot laudes habet nobilitas, quot in æthere sydera fulgent.

3 *Apocalyps. 12 1.*

4 *Statius Sylv. l.5. ad Crispin.* Primaque Patritæ claudit vestigia lunæ.

5 *Alex. ab Alex genial. dier. l.5. c.18. in princ. E parece melhor razuõ que a que aponta Carthagena de arcan. Deip. p.1. l 2. homil.1.*

6 *Plutarch. problem. c.76.*

7 *Juxta doctrinam D. Chrys. in serm. virtut. progenit ne confidamus, in 5. tom.*

8 Regali ex progenie Maria exorta refulget.

9 *Ovid. Trist. l.4. eleg.3.*
O qui nomnibus cum sis generosus avorum,
Exuperas morum nobilitate genus.
D. Chrysost. hom. 23. in Genes. col. mihi 5 ad med.

10 *Matth. 1.*

11 *Luc. 3.*

12 *De quibus latè Tiraquel. de nobilit. ex cap. 3*
Fr. Joaõ Guardiola, tract. da nobreza de Hespanha ex c.1.
Otalora de nobilitat q.2. c 3. n.8.
Gouvea eodem tract. glos. 48. §. 3. à n.11
Cassan catholic. glor. mund. p.8.

13 *Vide in 1. p. c.1. n.9 ad fin.*

14 *D. Thom. p.1. q.25. art.6. ad 4.*

15 *Vide infra c.59. n.6.*

16 *Proverb. 31.29*

17 *Cant. c.6. n.3. & 9.*

18 *Albert. Magn. sup. Missus est, c. de nobr. B. Mar.*
Hieron. Oso. de nobil. l.1. c.4.
Gouvea sup. glos. 7 n.17.
Otalora sup. d. p.2 c.2. n.4. lex 3. tit. 21. partit. 2.

meça ordinariamente por riqueza, & ſe continùa, & aperfeyçoa com a meſma riqueza continuada. 19 Para declaraçaõ diſto he de advertir, que ainda que a alma naõ traga origem dos pays por transfuſaõ de materia, mas ſó de Deos que a creou limpa, fermoſa, & ornada de nobreza eſpiritual, & tal a infundio no corpo; com tudo, como eſtà unida com a carne, & para ás operaçoens uſa dos orgãos corporaes, obra commũmente ſegundo a diſpoſiçaõ deſtes, 20 por inclinaçaõ, poſto que ſempre fica livre o alvedrio.

19 *Caſſan.in Catal.Glor. mun. conſid.22.ubi odducit multos text. Cabedo p 1.dec.73 n.5.*

20 *P.Fr.Joſeph de Jeſu Mar.na vida de N.S l.1.c.44 n.7.*

5 Para os orgãos, inſtrumentos, & operaçoens corporaes conduz muyto a riqueza. Porque o homem rico uſa de melhores alimentos, que ſegundo Galeno, 21 fazem melhor compreyçaõ, mais habil, & facil para os bons coſtumes. Tem mais authoridade: 22 & aſſim trata, & converſa com ſabios, & virtuoſos, em cuja companhia ſe aprende. 23 Deſpreza as couſas vís: aſpira ſó ás grandes: naõ ſe perturba com perdas pequenas: naõ ſe vence com facilidade do intereſſe: affecta o que pòde grangearlhe honra para ſer admittido entre os mayores: he limpo, & curioſo, falla mais apurado: em tudo finalmente trabalha por ſer eſtimado de todos.

21 *Galen.l.quod animi mor.*

22 *Vide in 1.p.c.18. n.6.*

23 *Proverb.13.20. Pſalm.17.v.26.& 27.*

6 Paſſando a riqueza aos filhos, paſſalhes o meſmo trato, & effeytos, & continuando-ſe ellas nos mais deſcendentes, ſe continuaõ as meſmas conſequencias, & lhes accreſce o deſejo de imitar ſeus progenitores, & o receyo da ignominia ſe degenerarem; 24 & aſſim por habito ſuccede, & ſe introduz pouco, & pouco na deſcendencia huma tranſmutaçaõ da origem corporal, & ſe transfunde de pays a filhos hum coſtume taõ poderoſo, que em certa maneyra deſpe a natureza de tudo o que era vil, & a veſte de generoſidade; & quanto eſta tranſmutaçaõ ſe transfunde nas ramas de raiz mais antiga, tanto mais ſe endurece, & fortifica a inclinaçaõ virtuoſa, & ſe faz como inſeparavel, porque ſe ache nos filhos o que ſe achava nos que o gerárrõ; como na agua dos reparos a qualidade da fonte, ou dos lugares porque paſſou. 25

24 *Vide in 1.p.c.34.n.2. in princ.*

7 Daqui vem naõ ſe preſumir, que os nobres commettaõ trayçaõ, ou outro crime vil, & torpe; antes tem por ſi a preſumpçaõ em todas as virtudes: 26 eſta razaõ daõ 27 as leys de Heſpanha para ordenarem, que as Alcaydarias mores dos Caſtellos (em cuja guarda conſiſte a ſegurança dos Reynos) ſe naõ dem ſenaõ a homens de nobre linhagem, & pela meſma razaõ ſaõ preferidos para todos os officios ſeculares, & Eccleſiaſticos. 28 E quando o livre alvedrio, (que ſempre lhes fica) os levou a delinquir, & a ſer vicioſos, ſaõ como os pomos, que chamamos *Pecos*, de huma boa arvore, nos quaes parece que a natureza peccou, & ſaõ mais culpados, & odioſos, que os ruſticos, & plebeos delinquentes, porque obraõ contra a inclinaçaõ natural do ſangue, & ſe apartaõ do coſtume habituado em ſeus mayores, podendo nelles mais a malicia. 29

25 *Coſſiedor.var.l.2.epiſt.25. ubi pulcherrimè.*

26 *Menoch. de præſumpt.l.5. præſ.4.n 6.& 7.l.præſ.59. per tot. Diſſemos nas Excel. de Portugal, c. 7 no prine.*

27 *Em Caſtella a L. 6.tit.18. part.2.Em Portugal a Ord l.1 tit. 74.no princip Vid: Bobad. in polit.l. 1.c.10.n.50.*

28 *Laiè Cabed 1.p.dec.3.n.1.& p.2.dec.73.n.7.& dec.84 n.1.*

29 *Tiraq.de nob.c.2.à n.1.*

8 Esta he a nobreza de sangue; & esta a razaõ porq̃ se estima; porque ainda que em quanto á carne tenha pouco louvavel, o he muyto pela aliança, & correspondencia, que tem com o espirito, 30 he mayor, ou menor conforme ao principio, & continuaçaõ, que teve de mais, ou menos riquezas: porque à proporçaõ dellas foraõ os effeytos; os mais ricos se tratàraõ melhor, tiveraõ mayor authoridade, puderaõ conversar cõ mayores homens, de q̃ aprendessem mais: desprezaraõ mais as cousas pequenas, aspiraraõ ás muyto mayores, perturbáraõ-se mais raramente, menos os moveo o interesse, tratàraõ-se com mais limpeza, & puzeraõ mais alto o ponto da honra. Por isso os Principes (que comprehendo no nome de mais ricos) se mais nobres, porque em tudo herdàraõ dos ascendentes (se tambem foraõ Principes) mais altas inclinaçoens.

30 *Richel. de laud. Virg. l. 1. art. 7.*

9 Dissemos acima, que ordinariamente começa, & se aperfeyçoa a nobreza com riqueza continuada; porque ainda que comece por virtude, valor, dignidade, ou outra qualidade, que cause em hum ascendente os effeytos, que consideramos em hum rico, todavia, como aquella qualidade ordinariamente cessa nos filhos, ou descendentes, se saõ pobres, descahem daquelle bom principio, & incorrem nas inclinaçoens contrarias; como vemos em vileza muytos netos de avôs authorizados; & assim só a riqueza continuada vay continuando os antecedentes de que pelo tempo adiante, por habito de bons costumes, vem a resultar a nobreza natural, como dissemos.

10 Esta resplandeceo em *Maria Virgem*. Porque omittindo os clarissimos progenitores de *Adam* em diante atè *Noè*, em quem se achaõ iguaes todas as gentes, como em pay universal; logo em *Noè* se separou a melhor linha de seu primogenito *Sem* para a genealogia da *Senhora*; & nella se foy derivando por homens abalizados em virtudes, riquezas, dignidades, & outras qualidades, que os authorizáraõ, & fizeraõ taõ conhecidos como vimos no capitulo precedente. Quando depois delRey *David* lhes naõ achamos outras particulares grandezas: basta haverem tido a prerogativa de ser chamada toda a linha de *Natham* para a successaõ da Coroa, em falta de *Salamaõ*, como dissemos; 31 titulo, & direyto, que era força continuar em todos authoridade, como Principes do sangue, de que he bom argumento o casamento da filha de Judà com ElRey *Ochosias*, como alli apontàmos. 32 Na transmigraçaõ para Babylonia perderaõ os mais ricos seus bens, como prisioneyros de guerra, 33 mas depois da volta para Judèa, ainda achamos os pays da *Virgem* com fazenda moderada. 34 E ainda depois do Nascimento de *Christo*, quando, os Emperadores Vespasiano, & Domiciano prendèraõ os descendentes de *David*, de que receavaõ que se levantassem com o Reyno de Judèa; foraõ prezos, como conta Eusebio, 35 os sobrinhos de *S. Joseph*, filhos de seu irmaõ *Cleophas*, no que se

31 *No cap. preced. n. 31.*

32 *Die preced. n. 35. ad med.*
33 *4. Reg. 24 & 25.*
34 *Vide c. preced. n. 36. ad med. Nicephor. l. 1. c. 7. in princ.* Spleudidissimis, nobilissimisque genere connumerat.
35 *Euseb. 3. hist. c. 9.*

se vè, que se reputava digna de Reyno sua nobreza; com a qual corria parelha a da *Virgem*, como se vè da igualdade com que os pays casavaõ; sendo *Heli Joaquim* pay da *Senhora*, meyo irmaõ de *Jacob* pay de *S. Joseph*, ambos filhos de *Etha*, & de dous maridos, 36 o pay de *Joaquim* se chamou *Mathat*, o de *Jacob*, *Mathan*, nomeados pelos Evangelistas. 37

11 Esta alta nobreza da *Virgem* se naõ abateo pela pobreza, que ella voluntariamente professou, como em outro lugar veremos. 38 E foy mysteriosa, assim pela santa profissaõ que fez della, como porque havendo na casa mais familia, se descobriria a vida Angelica dos Esposos, que Deos queria occultar. Nem era decente que outras mãos, senaõ as da *Virgem*, & S. Joseph, servissem ao Filho de Deos em sua creaçaõ. Digo que naõ se abateo. Porque a pobreza de si naõ tira a nobreza; 39 só quando he continuada por muytos descendentes, costuma causar effeytos contrarios dos que notámos na riqueza; com que vindo a mudarse as nobres inclinaçoens do sangue, se virá por tempos a perder a nobreza delle, conforme ao que acima discursámos.

12 Nem tambem se perdeo aquella nobreza por o Santo Esposo *Joseph* exercitar officio humilde. Porque ainda que este prive sem duvida dà nobreza adquirida por privilegio, naõ he taõ corrente esta concluſaõ na nobreza do sangue, como distinguem muytos Doutores. 40 E he certo que naõ procede em algumas Provincias, como faõ as das partes de Viscaya em Hespanha. E em favor dos officios de pedreyro, & de carpinteyro, q̃ *S. Joseph* exercitava, traz muytas doutrinas, & textos, cõ Cassaneo, o grave Doutor Otalora. 41 Entre os Hebreos, como o sacerdocio, honras, & fazendas estavaõ repartidas pelas Tribus, havia nos Arquivos livros autenticos de linhagens, (q̃ Herodes queymou, por escurecer nos outros a nobreza, q̃ elle naõ tinha) nos quaes com toda a diligencia se escrevia o nascimento, nomes, & mortes dos filhos, para se dar a cada familia só o que nella tocava. 42 O que se observava taõ rigorosamẽte, q̃ por se haverem perdido alguns destes livros com o cativeyro de Babylonia, naõ puderaõ depois muytas pessoas mostrar sua ascendencia, & por esta falta naõ foraõ admittidas a honras, & administraçoens, como lemos no livro de Esdras. 43 Por aquelle modo, & naõ pelo estado da fortuna se regulavaõ as qualidades. E assim posto que David se humilhou a dizer, que naõ merecia ser genro delRey Saul, por naõ ser aparentado, & ser pobre, 44 naõ deyxou ElRey de o casar com sua filha. E quando para os despozorios da Santissima *Virgem* se lançáraõ sortes entre todos os da familia de David, 45 naõ se reparava de hũa, ou de outra parte em outra circunstancia. Nem para a successaõ do Reyno deyxáraõ os Emperadores Romanos de temer os sobrinhos de Saõ Joseph, como dissemos. 46 Aquelle estylo (diz hum douto Escritor) 47 ordenou Deos para ser co-

36 *P. Fr. Joseph sup. l. 1. c. 7. n. 2 & l. 2. c. 28. n. 4. Melchior de Castro na vida da Senhora l. 1. c. 1.*

37 *Luc. 3. Matth. 1.*

38 *Abayxo c. 2, n. 3.*

39 *Late Tiraquel. de nobilit. c. 13. n. 5.*

40 *De quo Joan. Garcia de nobil. glos. 1. §. 1. n. 56. maximè in vers. Et licet.*

41 *Cassan. in catbal. p. 10. consid. 1. penult. Otalor. de nobilit. 2. p. tertia p. incip. c. 5. n. 15. ad fin.*

42 *Abulens. in Eusseb. c. 37. P. Sylveyra in Euangel. tom. 1. c. 2. q. 39 n. 95. Nicephor. l. 1. c. 11. post med.*

43 *Esdr. 1. c. 2. n. 59. & 62.*

44 *1. Reg. 18. n. 18. & 23.*

45 *Infra c. 22. n. 5.*

46 *Sup. n. 10 ad fin.*

47 *Malienna Prolap. de Christ. id. de 2. c. 4. §. 2. ante med.*

conhecida a qualidade de ſua *Mãy*, ſem lhe obſtar a pobreza, que myſterioſamente havia de abraçar, & ſeu Eſpoſo exercitar officio, que no deſterro do Egypto, & em toda a parte lhe ganhaſſe o ſuſtento: Naõ faz contra iſto o lugar do Eccleſiaſtico allegado por Tiraquello; 48 porque nelle naõ ſaõ excluidos os artifices das dignidades Eccleſiaſticas, & judiciaes por faltos de nobreza, mas por divertidos demaſiadamente em ſeus miniſterios, como declara o meſmo Texto.

48 *Eccleſiaſt.38 ex n.20. Tiraq. de nobil.c.27.n.3.*

CAPITULO XIV.

Como a Virgem Santiſſima foy concebida.

1 NOvo cantico deſejava David 1 para celebrar noſſa redempçaõ; 2 mais ſoberano eſtylo ſe devia a materia taõ alta. Mas nem com cem boccas, como dizia Virgilio: 3 nem convertido em vozes, como queria Saõ Jeronymo: 4 nem com todas as linguas dos homens, & dos Anjos, como encarecia Saõ Paulo, 5 he poſſivel chegar a taõ ſuperior narraçaõ. Sò vòs *Manancial de graça*, que a tiveſtes antes de ſer: cuja gracioſa corrente fertiliza os mais ſecos areaes, com o novo portento de voſſas maravilhas podeis fecundar o engenho, & livrar do precipicio a penna, que reverente ſobe a taõ ſublime eſfera, ſó com a ambiçaõ de lucrar vos; & ſe os rayos de tanto Sol a abrazarem, fazey que o fogo ſe pegue ao coraçaõ, para com affectos, que ſuppraõ as palavras, celebrar voſſa gloria, & noſſa dita.

1 *Pſalm.32.v.3. & Pſ.95 v.1.*
2 *Aſſim o enten de S. Joaõ Chryſoſt.homil. in d. Pſalm. 95. in princip tom.1.*
3 *Virg.Georg l.2.*
4 *D. Hieron.ad Euſtoch.*
5 *D. Paul 1.ad Cor.13.1.*

2 Havia muytos annos que *Joaquim*, & *Anna* viviaõ eſtereis em continuadas oraçoens, & outras obras ſantas. Pediaõ a Deos lhes déſſe geraçaõ, que de logo dedicavão a ſeu ſerviço, & lhes tiraſſe o opprobrio que padecião os que naõ tinhão filhos, de que o Meſſias pudeſſe naſcer. Aſſim tinhaõ chorado a fermoſa Raquel, 6 outra Anna mãy de Samuel, 7 & Sara antes de caſar com o moço Tobias. 8 *Anna*, ſobre eſterilidade natural, 9 tinha mais de ſeſſenta annos de idade, como veremos do tempo em que morreo; 10 mas naõ deſmayava nos Santos a fé invencivel.

6 *Geneſ.30.*
7 *1.Reg.1.*
8 *Tob.3.*
9 *Melchior de Caſtro na vida de N.Senhora l.1.c.2.*
10 *Abayxo no cap 22.n.1.*
11 *Villegas Flos Sanct. feſta de S.Anna.Caſtro d.c.2.*
12 *D.Auguſt.Araſt.48. in Joan.*
13 *1.Machab 4 & l.2 c.1.ac 10.*

3 Forão por devoção, como outras vezes, ao Templo de Jeruſalèm, à feſta ſolemne, inſtituida por Judas Macabeo, da Dedicaçaõ do Templo; 11 chamada *Feſta dos Encenios*, porque de *Cænon*, palavra Grega, que ſignifica *Novo*, ſe chamava *Encenio* qualquer dedicaçaõ nova, 12 qual foy aquella; celebrava-ſe a vinte & cinco de Novembro, & durava oyto dias. 13 Apreſentando *Heli Joaquim* ſua offerta, Jacar Pontifice o reprehendeo com deſprezo, de offerecer com os fecundos, ſabendo que era amaldiçoado quem naõ tinha filhos em Iſrael.

4 Eſta affronta publica retirou a *Heli Joaquim* para hum monte

monte, aonde tinha ſeus gados, tres legoas de Nazareth: & a *Anna* para huma horta que poſſuhiaõ. Alli, entre lagrimas, ſe conſolavaõ com Deos, quando lhes appareceo o Anjo Saõ Gabriel, 14 & lhes annunciou, que teriaõ por filha aquella Senhora deſejada no Mundo para Máy do que o havia de libertar, à qual chamaſſem *MARIA*. 15 Aſſim foy annunciada antes de concebida: & o Anjo lhe poz o nome como a *Jeſus*; 16 porque ſe preparava para molde ſeu, como lhe chamaõ os Santos Doutores. 17 Diſſelhes mais o Anjo, que do ventre da *Mãy* ſahiria chea do Eſpirito Santo: menina ſe conſagraria a Deos: & que em ſinal diſto tornaſſem a Jeruſalem, & ſe encontrariaõ na porta *Dourada*; 18 pudera-ſe chamar *De ouro*. Nas portas das Cidades mandava Deos pòr os Tribunaes da Juſtiça, 19 por mais faceis de achar, 20 & porque os contendores naõ entraſſem a perturballas. 21 Neſta ſez tribunal da Miſericordia; hum Anjo a abrio por *Maria*, tendo-a outro fechado por *Eva*. 22 Os nomes de *Porta*, & *Corte* ſe equivocaõ, & ſaõ ſynonymos por *Tribunal*, 23 eſta *Porta* foy propriamente Corte em fazer mercès.

5 Os Santos crèraõ, obedecèraõ, encontràraõ-ſe no lugar ſinalado, communicàraõ-ſe a viſaõ glorioſa, reſignáraõ-ſe em Deos, & foraõ dar graças no Templo. A oyto de Dezembro, mez em que as terras concebem os fruttos mais uteis; ſe cumprio a promeſſa junto da meſma porta *Dourada*, em huma caſa em que os Santos coſtumavaõ pouſar, na qual depois edificáraõ Templo, com o nome da *Conceyçaõ de Santa Anna*, os Padres do Carmelo. 24

6 Succedeo aquella Conceyçaõ puriſſima, como Santo Agoſtinho 25 pondera que ſuccederiaõ todas, ſe Adam naõ peccàra; obrando mais a obediencia, que a vontade, concorrendo a caridade Divina mais que o deſejo; antes quereriaõ morrer, que ajuntarſe com amor carnal: eſtava nelles morta a concupiſcencia; com tudo a meſma *Senhora* revelou a Santa Brigida. 26 Donde inferio hum Eſcritor, 27 (applicando o que Saõ Paulo 28 diſſe de Iſaac) que a concebida foy mais filha de Deos, que da natureza; & que coſtumando os filhos de oraçoens ſer taõ inſignes, como ſe vio em Iſaac, Samſaõ, & Samuel, bem ſe deyxa ver quanto mais o ſeria eſta filha, em que tanto mais concorreo Deos.

7 Ditoſos Pays de Filha ſem igual! 29 Pays, que geràraõ mayor dom da natureza para ſeu Author. 30 Neſta Conceyçaõ abrio Deos o ſello de ſeu ſegredo eterno. 31 Ditoſa eſterilidade, que veyo a ſer a mais fecunda! Concebeo hum novo mundo, que Deos creou univerſal para ſi: 32 antes hum Ceo novo mayor que todos os Ceos: 33 pois neſte coube, o que naõ cabia nos primeyros. 34 Eſtereis que geràraõ muytos filhos, como de ſi diſſe outra Anna Santa, 35 máy de Samuel, naõ gerando mais que hum, porque eſſe valeo por muytos; neſte fru-

14 *P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 36. n. 1.*

15 *Vilhegas, & o P. Joſeph ſup.*
16 *Luc. 31 & 32.*

17 *D. Hier. ſerm de Aſſumpt. Virgin. D. Aug. ſerm de Nativ. D. Dionſ. Areop. Ep. ad Paul de qua infra c. 64. n. 4.*
18 *Poſt multos DD. Matute na P. 1. ſap. de Chriſto, idade 5 c. 3. §. 3. Caſtro ſupra. P. Joſeph d. c. 8. n. 2.*
19 *Deuteron 16. 17. Prov. 22. & 31.*
23 *Zachar. 8. 16. Henr. Engelgrave in Cœlo Empyr. p. 1 feſto S. Ivi §. 1. verſ. ſed pro his.*
20 *D. Hieron. in Zachar ſup. & in Amos c. 5.*
21 *D. Gregor. Moral. l. 19. c. 11.*
22 *Geneſ. 3. in fin.*
23 *C. Romana, de appellat. l. 6. Oldrad. conſ. 187. in princ. & n. 5. verſ. Item dicitur. Berius de auctorit. Magni Cõcil. n. 167. & ſeq. Petr. Gregor. Syntagm. jur. l. 3. c. 18. n. 8. & l. 4. c. 27. n. 5. Cardin. Tuſc. in pract. concluſ. lit. C. concluſ. 1113. à prine.*
24 *P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 22. n. 3. Puleon. de antiq. Ordin. Carmel. l. 2. c. 4.*
25 *D. Aug. de Civ. Dei l. 14. c. 23. 24. & 26.*
26 *Reveleç. de S. Brigid. l. 1. c. 9.* Magis voluiſſent mori, quàm carnali amore cõvenire, & voluptas in eis mortua erat. Cõvenerunt carne, non ex cõcupiſcentia aliqua voluptatis, ſed contra voluntatem ſuam ex divina dilectione, & ſic ex ſemine eorũ per divinam charitatem caro mea compaginata eſt.
27 *Melchior de Caſtro ſup. l. 2. c. 3.*
28 *D. Paul. ad Galat. 22.*
29 *S. Fulbert ſerm 3. de Nat. Virg.*
30 *D. Joan Damaſc. orat. 1. de Nativ. Virg.*
31 *Honor. Anachor. de orn. B. Virgin.*
32 *D. Bernard. ſerm de B. M.*
33 *S. Damaſ ſup.*
34 *S. Epiphan. de laud Virg. Mar. in 2 tom. Bibliot. P P.* Quia quem Cæli cãpere non poterãt, tuo gremio contuliſti.
35 *1 Reg. 2 5.* Donec ſterilis peperit plurimos.

to fe avantajàraõ as perfeyçoens de todos incomparavelmente. 36 Deſte ventre cuydava o Eſpirito Santo, como de ſacrario de ſua Eſpoſa: exercitos de Anjos o rodeavaõ, porque era ſegunda Corte celeſtial: 37 tinha Deos ſeus olhos nelle, porque tinha nelle a melhor joya: mais eſtimava a materia puriſſima, de que ſe formava a *Virgem*, que todos os corpos gerados, & por gerar, que por natural ordem haveria no Mundo. 38 Immenſos parabens ſe vos devem, Pays Santiſſimos de milagre: ô *Anna* feliciſſima, cofre rico dos theſouros de Deos!

8 Nas revelaçoens de Santa Brigida ſe lê, 39 que quando a Alma glorioſa foy infundida no corpo ſantiſſimo, ſentio *Anna* ſuavidade, & conſolaçaõ, que ſe naõ póde explicar. O veneravel Padre Fr. Joſeph de Jeſu Maria, 40 em lingua Caſtelhana, com eſtylo para todos elegante, expoem, como no meſmo inſtante de ſua creaçaõ foy illuſtrada, & altiſſimamente enriquecida com dons naturaes, & ſobrenaturaes, em modo mais eſpecial, & excellente, que todos os concedidos a todos os Santos, & ainda aos Anjos, no que ſe compadece com eſtado de viadora. Deyxamos a immaculada Conceyçaõ, & ſeus effeytos a tantos Theologos, que taõ ſuperiormente a tratáraõ aos leygos baſta ſaber, que Deos podia como Deos: & o devia como Filho. 41 E pois o peccado original nos vem de haver eſtado noſſa vontade na de noſſo primeyro pay como em cabeça; 42 quem dirá que por algum modo houve na *Virgem* vontade de peccar? Retiramonos ao hiſtorico ſobre eſta materia, como contèm o capitulo ſeguinte.

36 *D Chryſoſt. in 1. Matth. in Imperfect*
37 *S. Fulberti ſupr.*
38 *Revelaçoens de S. Brigida in Serm. Angel. c. 10.*
39 *Nas ditas Revel. l. 1. c. 9.*
40 *P. Joſeph na hiſt. da Virg. l. 1. do c. 12. atè o 30. & c. 40.*
41 *Exod. 20. 12. Honora patrem, & matrem.*
42 *Vide in 1 p. c. 6. n. 4.*

CAPITULO XV.

Hiſtoricamente ſe trata da materia da immaculada Conceyçaõ da Virgem Senhora noſſa.

1 OS Evangeliſtas Sagrados (conſidera hum Author grave 1) naõ nos deyxáraõ eſcritos muytos dos myſterios, & privilegios da *Virgem*, por nos ficar occaſiaõ de meditar nelles mais intenſamente com todo o cuydado. S. Fulberto Carnotenſe advertio, 2 que nem os Santos Padres da primitiva Igreja os eſcrevèraõ todos, porque os hereges naõ cegaſſem a tanta luz, & de tantas excellencias naõ tomaſſem argumento para comprovar o q̃ alguns jà diziaõ, q̃ a Senhora naõ era humana, mas Anjo em fórma de mulher: & outros lhe attribuhiaõ Divindade. 3 Mas tudo ſummáraõ (nota hum douto Eſcritor) 4 dizendo q̃ della naſcèra *Jeſu Chriſto*. 5 Com eſta qualidade acreditàraõ tudo o que neſte capitulo hiſtoriamos da *Conceyçaõ immaculada*, pois naõ póde deyxar de ſer verdadeyra toda a excellente prerogativa que ſe diffèr de quẽ foy *Mãy* de Deos.

1 *Fr. Joſeph de Jeſu Maria na hiſt. de N. Senhora l. 1. c. 1. n. 5.*
2 *S. Fulbert. ſerm. 3. de ortu Virg.*
3 *Refert S. Epiphan. in hær. ſ. n. 48. circa fin.*
4 *P. Benedict. Fernand. in 1. Gen. ſect. 15. n. 4. in fin.*
5 *Matth. 1. 16. Maria, de qua natus eſt Jeſus, qui vocatur Chriſtus.*

2 Entre o grande theſouro de ſantos corpos, reliquias, laminas, livros, & noticias veneraveis, que no anno de 1595. ſe começou a achar, cavando acaſo, & ſe acabou de deſcobrir por ordem do Arcebiſpo Dom Pedro de Caſtro, no monte chamado Valparaiſo, hum quarto de legua da Cidade de Granada; de que ſe imprimiraõ tantos, & táo authenticos teſtemunhos; 6 ſe forão achando aos dez, vinte & dous, & vinte & ſinco de Abril (porque ſe trabalhou muyto tempo em deſentulhar terra, & tirar pedras das altas covas, em q̃ iſto ſe achava) hũa lamina de chumbo dobrada, & da parte de dentro tinha eſcrito em Latim: *Que naquelle lugar padecera martyrio, ao primeyro dia de Abril do ſegundo anno ao Imperio de Nero, S. Tiſifon, que antes de ſua converſaõ ſe chamàra Abiathar, Aarbio, diſcipulo do Apoſtolo Santiago, Varaõ douto, & Santo, que em taboas de chumbo deyxàra eſcrito hum livro chamado fundamento da Igreja, & outro da Eſſencia de Deos, em ſua natural lingua Arabia com caracteres de Salamaõ*, (que vem a ſer letra Hebraica) *& que os livros eſtavaõ nas cavernas daquelle monte, & as cinzas do Santo, & ſeus diſcipulos Maximino, & Luparo, tambem Santos Martyres.* De Saõ Tiſiton diſcipulo de Santiago faz mençaõ o Papa Calliſto II. no prologo do livro da Trasladação do corpo do meſmo Apoſtolo, 7 allegando a Saõ Jeronymo, & dizendo: *Que foy dos primeyros nove que Santiago converteo prègando em Galliza*, (em que entaõ ſe contava a Provincia de Entre Douro, & Minho, & era cabeça da Cidade de Braga) 8 *& dos ſete que levou comſigo tornando a Jeruſalèm; os quaes trazendo por mar ſeu corpo a Galliza, depois de o deyxarem ſepultado, foraõ a Roma, aonde Saõ Pedro, & Saõ Paulo os ordenàraõ Biſpos, & mandáraõ outra vez prègar em Heſpanha, & que Saõ Tiſifon foy Biſpo de Vergi*, que he Berja. 9 Achàraõ-ſe os livros nomeados na lamina, eſcritos em pranchas de chumbo, metidos em cayxas do meſmo, & no fundo de cada cayxa da parte de dentro eſtava eſcrito em Latim o titulo do livro.

3 Naquelle livro intitulado, *Fundamento da Igreja*, refere o Santo, que em hum Concilio 10 diſſerão os ſagrados Apoſtolos: *Aquella Virgem, aquella Maria, aquella Santa, foy preſervada do peccado original no primeyro inſtante de ſua Conceyçaõ, & livre de toda a culpa; & quem aſſim o naõ ſentir, naõ alcançará a ſaude eterna.* Com alto eſpirito fallárão já pelos termos de *Preſervaçaõ, & primeyro inſtante*, porque depois ſe tratou a materia. Não ſe acha livro Canonico, que tal definiſſe; & aſſim houve muytos q̃ alcançáraõ a ſaude eterna ſem aquelle ſentimento. Não o definiraõ, ou pela vontade Divina, que abayxo diremos foy revelada a Santa Brigida; 11 ou (como bem conſiderou neſte ponto o Padre Bivar commentando a Dextro) 12 aquelle Concilio ſeria o em que os Apoſtolos promulgáraõ o Symbolo da Fè: & he verоſimil que antes de reſolverem a fórma delle, fallarião largamente de ſeus myſterios, & ſobre o

6 *Vede o livro intitulado, Monte Santo de Granada.*
Gregorio Lopes Madera hiſt. reliquiar. & o noſſo Brito na Monarch Luſitan. p. 2. l. 5. c. 5. poſt med.

7 *Calliſt. Pap. prolog. Tranſlat. S. Jacobi.*

8 *Strab. l. 3.*
Abrahàm Ortel. in tab. Portugal.
Gerard. Mercator. in Atlantant. tabo. Portug. in princip.
Anton. Nebriſſ. de geſt. Reg. Cath. Ferdinand. ant. princ. de Deſcript. Hiſpanie.
Reſende de ant. Luſit. l. 1. init. Luſitanie terminj.
Duarte Nunes de Leaõ na deſcripçaõ de Portugal.
P. Anton. de Vaſconcellos, na meſma deſcripçaõ.
Britto ſup. 1. l. 1. c. 15 ad fin.

9 *Britto d. p. 2 l. 5 c. 5. poſt med.*

10 *S. Theſiphon Diſcip. S. Jacobi Ap. in lib. Fundament. Eccleſiæ.*
Illa Virgo, illa Maria, illa Sancta præſervata fuit à peccato originali in primo inſtanti ſuæ Conceptionis, & libera ab omni culpa: & qui ita non ſenſerit, non conſequatur ſalutem æternam.

11 *Neſte cap. n. 13.*

12 *Bivar. in comment. Clav. Dextr. anno Chriſt. 308. comment. 1. verſ. Demũ, in fin.*

artigo: *Natus ex Maria Virgine*, praticariaõ o que S. Tisifon refere, sem o definirem, por naõ ser preciso para o Symbolo da Fè, que nem todas suas praticas ficàraõ em definiçoens; mas para summa authoridade da doutrina, basta que a praticassem. No outro livro intitulado *Da Essencia de Deos*, escreveo o mesmo Santo: *Maria naõ tocou o primeyro peccado. Naõ dissera o Anjo à Virgem: Ave chea de graça, se houvera sido concebida em peccado original.* 13 Em repetir esta doutrina tantas vezes, imitou a especial devoçaõ, que seu Mestre teve aos mysterios da *Senhora*. Quando os Apostolos foraõ promulgando por partes o Symbolo, tendo Saõ Pedro começado: *Credo in Deum Patrem omnipotentem, factorem Cæli, & terræ*; & tendo Santo Andrè proseguido: *Et in Jesum Christum Filium ejus unicum Dominum nostrum*; Santiago foy o que continuou: *Qui conceptus est de Spiritu Sancto, natus ex Maria Virgine.* 14

4 Quando a authoridade destes livros naõ estivera taõ authentica por aquella antiguidade veneravel, legitimas, & exactas diligencias, com que se descobrirão entre o precioso thesouro daquelle monte santo, & pela estimaçaõ gèral, em que saõ tidos, & com que os mais graves Authores referem suas palavras, 15 muyto abundantemente se legalizava seu credito com sabermos que os Apostolos ensinavaõ, & prègavaõ a mesma doutrina da *Conceyçaõ immaculada*.

5 Flavio Dextro, que he texto entre os homens doutos da Historia Ecclesiastica, principalmente de Hespanha, 16 que escreveo pelos annos 400. do Nascimento de *Christo*, diz: *Da prègaçaõ de Santiago atègora se celebra em Hespanha a festa da immaculada, & pura Conceyçaõ de Maria Mãy de Deos.* 17 Os epithetos de que usa, mostraõ, como advertem seus Commentadores, 18 que não falla da Conceyçaõ activa, quando a *Virgem* concebeo o Filho de Deos, pois darlhos, fora querer accrescentar luz ao Sol; mas da passiva, quando foy concebida por Santa Anna, porque só nesta Conceyçaõ podia haver duvida, & nella se verifica, & lhe he devido, & proprio o epitheto de *Immaculada*, & assim lho deraõ sempre os Authores doutos, & lho canonizáraõ os Summos Pontifices, como larga, & demonstrativamente se vè no doutissimo tratado, intitulado, *Armamentario Seraphico*, 19 em defensa deste mesmo epitheto a esta mesma Conceyçaõ Santissima. O mesmo da prègação do Apostolo Santiago disse ha mais de mil & cem annos o Santo Marco Maximo Arcebispo de Çaragoça, & declara ser da Conceyçaõ, de que nasceo a *Senhora*, no celebre Hymno que compoz ao Templo do Pilar, 20 que por seu mandado levantou o Apostolo a este mysterio, como logo diremos. De modo, que na fé humana não ha cousa mais certa.

6 O Apostolo Santiago Menor na Liturgia da sua Missa depois da consagraçaõ, disse: *Lembremo-nos principalmente da Santissima Immaculada, sobre todas bemdita gloriosa Senhora nossa*

13 *S. Tisiphon lib. de Essentia Dei.* Mariam non tetigit primum peccatum. Nequaquam Angelus Virgini diceret: Ave gratia plena si in originali peccato fuisset concepta.

14 *P. Bivar supr. vers. ut igitur.*

15 *Joan. Bapt. Lezan. in Apolog. pro Concept. c 13.*
D. Tomas Thamaio de Vargas, nas novidades antigas de Hespanha, novid 17. post princ.
P. Bivar sup. n 9. vers. Demum.
P. Celada in Ruth, Append. Ruth. figurata § 302.
Gregor. Sanch. in l. de S. Tisiphon.
P. Hugo Cavellus in Rosario, seu Appēd. in fine scholior ad Scot in l 3 sent. in testim. primi seculi ubi multos Authores allegat Madera in histor. de eisdem lib.
Ægid de Præsentat. l. 3. de Concept. q. 3. art. unic. sect. 4.
Luser. de scur. 2. Concept. Jacob. Granad. de Concept disp. 3 c. 6.

16 *Latè P. Bivar in Apolog. ante, & post comment. ad eund. Dextr.*
Tamaio in lit. sup allegato.

17 *Flav. Dext in Chron. an. Christ. 308* A Jacobi prædicatione celebratur in Hispania festum immaculatæ, & illibatæ Conceptionis Dei Genitricis Mariæ.

18 *Tamaio d novidad. 17. in fin.*
Cum Galatino 7 de arcan. c. 5. Gabr. Vasques 3. p. tom. 2. disp. 117. c. 5 atque aliis.

19 *Armament. Seraphic. & Regestum pro tuend. tit. immaculatæ Concept. ex art. 1. & per tot.*

20 *S. Maxim. no Hymn. ao Templo de N. S. do Pilar.*
Hæc (Dei Genitrix) nam Jacobo Apostolo,
Et suo consanguineo
Ædem jubet conficere,
Cunctis manentem sæculis,
Ostendit illi se hilarem,
Suoque natalitio
Conceptionis auctæ,
Templo manent encomia, *aliàs* Encænia. *Apud Fr. D. o Morilbo na fundaçaõ da Capella do Pilar c. act 1 c 14.*
Bivar comment ad Dextr. ann Christ. 36 vers. erum & in d. ann. 308 in fin.
Tamaio d. novidad. 17 post med.

ſa Mãy de Deos ſempre Virgem Maria. E o Coro reſponde: *He digno que digamos verdadeyramente: Bemdita Mãy de Deos, & irreprehenſivel para todos os modos.* 21 E jà com o Armamentario Serafico diſſemos, que o nome de *Immaculada* ſó compete à *Conceyçaõ* no primeyro inſtante puriſſima.

7 O Apoſtolo Santo Andrè enſinando os Presbyteros da Igreja de Acaya, lhes dizia: *Aſſim como o primeyro Adam foy formado da terra, antes que foſſe maldita: aſſim o ſegundo Adam foy formado de terra virgem nunca maldita.* Iſto eſcrevèraõ os nictmos Presbyteros na hiſtoria da vida do Santo que traz Surio. E o Cardeal Bellarmino diz, que não ſe deve duvidar da verdade della, & a approváraõ Saõ Bernardo, Lipomano, & outros Authores, que elle cita. E depois de bem examinada a approvou o Breviario Romano, como refere o doutiſſimo Cavello, & por indubitavel eſtá recebida por todos os graves Eſcritores. 22 O meſmo diſſe o Santo Apoſtolo ao Proconſul Egeas, que o martyrizou, como conta Vilhegas com outros Authores. 23 As formaes palavras de S. Andrè allegou para o meſmo intento o grande Patriarca Saõ Domingos no tratado *de Corpore Chriſti*, 24 q̃ compoz contra a hereſia, que pelos annos de 1200. havia creſcido dos Albigenſes, aſſim chamados da Cidade Albi, no Condado de Toloſa de França, em que teve principio. Vendo o Santo Patriarca em publica diſputa, que teve em Mompilher, vencidos aquelles herejes, que entre outras propoſiçoens diabolicas, & algumas Pythagoricas, blaſfemavaõ contra a ſagrada Eſcritura, & contra a Santiſſima *Virgem*; vendo-ſe elles faltos de razoens, quizeraõ recorrer á prova de milagre, cuydando que naõ ſuccederia. E feyta oraçaõ, ſe accytou o partido. Trouxeraõ-ſe tratados por ambas as partes; dos Catholicos ſe eſcolheo o que eſcrevèra S. Domingos por ſua doutrina, & ſantidade; & lançado em huma foguey-ra com outro eſcolhido dos hereges; á viſta de todo o povo, que concorreo áquelle eſpectaculo, o heretico ſe queymou logo, & o Catholico voou tres vezes fóra do fogo, ſem receber dáno; com que muytos hereges ſe convertèraõ; outros ficárão mais rayvoſos, como ſuccede aos pertinazes. 25 Aſſim o referem muytos Authores, entre os quaes he Vincencio Biſpo Belvacenſe, Religioſo da Ordem do meſmo Patriarca, & quaſi ſeu contemporaneo, porque faleceo ſós trinta & cinco annos depois delle. 26 E porque houve quem ſe atreveo a querer privar o Santo deſta gloria, negando ſer ſeu aquelle tratado, 27 ajuntou o Padre Hojeda na ſua nunca aſſás louvada informaçaõ os teſtemunhos de Jacobo Genuenſe Biſpo da meſma Ordem, & de Joaõ Gerſio, & Fr. Fernando de Caſtilho eſcrevendo a vida do meſmo Santo, & outros muytos Eſcritores, aos quaes accreſcenta ſeu excellente Chroniſta, & Religioſo Frey Luis de Souſa. Pelbarto refere, que o milagre ſe eſculpio ſobre a pedra do ſeu ſepulchro: & Santo Antonino, que em ſeu tempo

21 *Apoſt. S. Jacob. Min. in Liturgia.* Memẽto præcipuè ſanctiſſimæ, Immaculatæ, ſuper omnes benedictæ gloriosæ Dominæ noſtræ Deiparæ ſẽper Virginis Mariæ. *Chorus*: Dignum eſt, ut te vetè beatam dicamus Deiparam omnibus modis irreprehenſam, &c.
Apud Cavellum ſup. in Roſario, teſtimon. ſecul. 1 in princ.
Tamaio ſup poſt princ. Habetur in Synod. 6 Hieroſol can. 32.

22 S. *Andreas Apoſt.* Sicut primum Adam formatus fuit ex terra, antequam eſſet maledicta: ita ſecundus Adam formatus fuit ex terra Virgine numquam maledicta.
Cardin. Bellarm. de Scriptor. Eccl. ad fin. 1. ſæculi.
Cavellus ſup. verſ. S. Andreas.
Aldias l. 4. hiſt.
Caniſ. l. 1. de Deip. c. 7.
Carthagen. de arcan. Deipar. p. 1. l. 1. hom. 19. §. 5.
Tamaio ſup poſt princ. verſic. Succedit.
P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria hiſt. de N. Sr. l. 1. c. 20. n. 5. in fin.

23 *Villegas no Flos Sanct. feſt. de S. Andrè.*

24 *S. Dominicus in tract. de Corpore Chriſti contra Albigenſ.*

25 *Curatus in Elucidario.*
Golatin. de arcan. 7. c. 7.
Caniſ. de Deip. l. 1 c. 7.
Vincent. Betvecerſ. hiſt. l. 29. c. 96.

26 *Cavelius ſup. in teſtimon. 13. ſæculi in princ.*
P. Fr. Joſeph d. l. 1 c. 24. n. 1.

27 *P. Fr. Thom. de Malvenda, c. 16. de Paradiſo.*

po o cantava a Igreja em hum reſponſorio na terceyra liçaõ da ſua reſa: outros accreſcentaõ, que andava no Breviario deſta ſagrada Ordem, impreſſo em Veneza no anno de 1489. com dedicatoria a ElRey Dom Fernando o Catholico. 28 E por couſa notoria ſe canta nas Igrejas, que lhe celebraõ feſta, entre os villancicos, & letras que ſe compoem de ſeus louvores. 29 Naõ podia faltar em defender eſta prerogativa da *Virgem*, quem era taõ devoto, & mimoſo ſeu, como ſe vè no eſpelho de ſua vida. E claro eſtà, que ſobre pedra taõ firme havia de fundar huma Ordem tão illuſtre. A *Senhora* (conſidera hum grave Author) 30 lhe premiou inſigne eſte ſerviço, na mercè do ſantiſſimo Roſario, & com grande conveniencia, por ſer a Roſa ſymbolo da *Conceyçaõ Immaculada*, como cantou ha mais de mil & duzentos annos o Poeta Sedulio 31 contẽporaneo de Santo Agoſtinho, dizendo, que como a Roſa ſe produz toda ſuave entre eſpinhos, aſſim ſuccedeo *Maria* entre os de *Eva*. O que tambem cem annos depois cantou naõ menos elegante o Poeta Arator. * *Roſa myſtica* lhe chama a Igreja: & o Eccleſiaſtico, *Roſa plantada em Jericò*, 32 Cidade chamada das *palmas*: 33 como palma ſe levantou a *Senhora* contra o pezo do peccado de *Eva*. 34 Tal como eſta negaçaõ foy imporſe a Santa Catharina de Sena huma revelaçaõ cõtra eſte myſterio; revelaçaõ, que não tinha apparecido antes de ſe argumentar della, havendo ſeu Confeſſor ajuntado com grande diligencia todas as que illuſtràraõ aquella glorioſa Santa; nem podia ſer revelaçaõ, o que contra a doutrina, que eſtà recebida commummente dos Eſcolaſticos, (que he hum dos ſinaes porque ſe conhecem as falſas, ou verdadeyras,) 35 & contra huma das de Santa Brigida gèralmente approvadas.

8 Finalmente diſſe ha mais de mil & cem annos S. Maximo Arcebiſpo de Çaragoça, que todos os ſagrados Apoſtolos prègavaõ, que fora *eſta Conceyçaõ* immaculada por todas as maneyras. 36 E o meſmo lemos em Luitprando 37 Author graviſſimo, que floreceo pelos annos de 890.

9 Eſta doutrina de ſeus Meſtres enſinàraõ conſecutivamẽte ſeus Santos Diſcipulos. O Evangeliſta S. Marcos diſcipulo de Saõ Pedro, & Apoſtolo das Igrejas do Egypto, & Syria, na ſua Liturgia lhe chama *Immaculada*, 38 que he ſem peccado original em algum inſtante, como acima diſſemos. E com ſua doutrina os Syros, & Alexandrinos lhe celebráraõ feſta, como logo diremos. S. Dionyſio Areopagita diſcipulo de Saõ Paulo eſcreveo: *Como era decente, que aquelle corpo da Virgem depois de ter alma, foſſe algum tempo morto em peccado, ſe deu principio àquella vida, que nos vivificou eſtando mortos em peccado.* 39 Deyxo outros lugares do meſmo Santo, & de Santo Ignacio Biſpo de Antioquia, diſcipulo do Euangeliſta Saõ Joaõ, que varios Authores allegão, 40 porque ainda que provão iſto por argumentos; ſó apontamos agora os q̃ ſem elles eſtão claros.

10 Con-

28 *Hojeda informat. pro Concept. Virg. c.8.*
Fr. Luis de Souſa, hiſt de S. Domingos p. 1. l.1 c.2.
Jacob Genuenſ de legend. Sanct c.208.
Joan Gerſius in vit. S. Dominici.
Fr. Fernando ac Caſtilho in vita ejuſdem l.1 c.8.
Lipom de vit. Sanct p.2.
Petr. Eſquilin. in Catal Sanct. l.7. c.21.
Pelbu. l.1 4. ſtellar. p 1. a. t.ult.
S. Antonin. p 3. tit 19. c.1. § 4.
Fr. Joſeph ſup. d. n.1. in fin.

29 *D. Hier. Cancer. nas quintinhas a S Domingos.*
Su libro en el fuego echò.
Por vencer la muchedumbre
De hereges.

30 *Carthagena de arcan. Dei p. l.16. homil. 1. verſ. Ceterum ubi circa hæc multa addxcit.*

31 *Sedulius l.2. oper. Paſchal. habetur in tom. 8 Bibliot. Pat.*
Et velut è ſpinis mollis roſa ſurgit acutis,
Nil quod lædat habens, matrem ve obſcure: honoret
Sic Evæ de ſtirpe ſacra veniente Maria,
Virginis antiquæ facinus nova Virgo piaret.

* *Arator l.1. poemat. Act. Apoſtol.*
A nato formata ſuo, mala criminis Evæ
Virgo fecunda fugat: nulla eſt injuria ſexus:
Reſtituit, quæ prima tulit.

32 *Eccleſiaſt. 24. 18.*

33 *Deuteron. 34. 3.* Jericho Civitas palmarum.

34 Nititur in pondus palma, &c. *Vide to 1. p. in introduct. n. 2. ad fin.*

35 *Fr. Leand de Granada Benedictino to tr. 8. Luz de maravilhas, diſc. 1. §. 8. n. 6. in fin. & § 9. n 13.*

36 *S Maxim in Hymn. ſupra citato*
Suoque natalitio
Conceptionis auteæ.
Templo manent encomia (*aliàs* Encænia)
Conceptionis hinc diem
Jacobus Hiſpanes docet.
Et præ licat (CEU CÆTERI)
Quacumque labe liberam.

37 *Luitprand anno 667 Vidi Serran l.2. c.14.*

38 *Marc. Euang. in Liturgia*: Sanctiſſimæ, Immaculatæ, & Benedictæ Dom N D Genitricis.

39 *Dionyſ de Divin Nom.*
Quando ergo decebat, ut illud corpus Virginis, poſtquam habuit animã fuiſſet umquam mortuum peccatu, ſi dedit principium vitæ i lius, qua, cũ eſſemus mortui peccat s, cõvivificavit nos.
Refert Cavellus ſup in teſtimon. 1. & 2. ſecuti.

40 *Cavellus, & Tamaius ſup. cum aliis antiquioribus.*

10 Confórme iſto, logo naquelles principios ſe levantàraõ Templos a eſte myſterio. O Apoſtolo Santiago levantou por mandado da *Virgem* na Cidade de Çaragoça, cabeça do Reyno de Aragaõ, aquelle milagroſo, que primeyro ſe chamou *Jeruſalèm admiravel*; (de cujo nome diz Saõ Maximo; 41 que teve principio chamarem-ſe *Jeruſalèm* as Sês Epiſcopaes de Heſpanha:) depois *Noſſa Senhora da Conceyçaõ* (cuja imagem com as plantas ſobre a Lua eſtava no retabolo antigo, quando puzeraõ o que hoje tem de alabaſtro;) & ultimamente *Noſſa Senhora do Pilar*, pela columna de jaſpe ſobre que a *Senhora* appareceo ao Santo Apoſtolo, quando lhe mandou, que no meſmo lugar lhe levantaſſe o Templo. 42 Caledonio na vida de Saõ Pedro de Rates 43 diz, que logo depois paſſou Santiago a Braga, & edificou outra Santa Caſa á meſma *Senhora*, & he veroſimil, q̃ lhe daria a meſma invocaçaõ, a que a *Senhora* lhe mandou dedicar a primeyra. Porèm no tratado das Excellencias de Portugal moſtrámos, como o Apoſtolo veyo primeyro a Braga, & alli edificou o primeyro Templo em honra de Deos. 44 Aponto o que diz eſte Authors, por naõ callar o louvor que a Braga reſulta, ainda da opiniaõ contraria. Joaõ Patriarca de Jeruſalèm 45 refere, que no anno oytenta & tres de *Chriſto* os Padres do Carmelo derribando hum oratorio antigo, edificáraõ huma Capella a Noſſa *Senhora*, no lugar em que o Profeta Elias havia tido revelaçaõ de ſua Conceyçaõ, & Naſcimento, a qual dedicàraõ a eſte myſterio. E as hiſtorias da Ordem Carmelitana contaõ, 46 que os meſmos Padres edificàraõ depois outra Igreja junto da porta dourada de Jeruſalèm, na caſa aonde era tradiçaõ haver ſido concebida a *Senhora* com titulo da *Conceyçaõ de Santa Anna*. E que em veneraçaõ deſte myſterio a favoreceo, & renovou Santa Elena máy do Emperador Conſtantino, quando foy deſcobrir a Cruz.

11 Aſſim meſmo daquelles principios ſe celebrou ſempre a feſta da *Immaculada Conceyçaõ* a oyto de Dezembro. Entre os Syros, & Alexandrinos convertidos pelo Evangeliſta Saõ Marcos, deyxáraõ teſtemunhos os ſeus Breviarios, & Kalendarios. 47 Entre os Ethiopes Abyſſinos o daõ as ſuas Liturgias com o nome de *Immaculada*, 48 naõ por introducçaõ nova, mas antiquiſſima, como prova o doutiſſimo Hojeda; 49 por ſeguirem as ceremonias dos Syros do tempo dos Apoſtolos, como eſcreve Fabricio Boderiano. 50 Flavio Dextro, como jà vimos, 51 teſtemunha q̃ do tempo de Santiago atè o ſeu que era o anno de 440. celebrava Heſpanha eſta feſta. E o confirma o Arcipreſte Juliano, 52 Eſcritor daquelle ſeculo. Que ſe continuaſſe nos dos Reys Godos conſta do Officio Gotico, 53 & do Miſſal, & Breviario de Santo Iſidoro, & dos Sermoens de Santo Ildefonſo Arcebiſpo de Toledo. 54 Do tempo dos Reys menos antigos em Caſtella, & Portugal ſe eſcreve nas Chronicas. 55 Gala-

41 *S. Maxim. in d Hymn.*
Quæ dicetis plus omnibus;
Sacris Ibetis ſedibus,
Jeruſalem mirabilis
Domus pudicæ Virginis.
Hinc & vocare ſingulas
Epiſcopales Cathedras
Jeruſalem, & ab hac domo eſt
Fatum vocandi initium.

42 *Demais de S. Maxime, & da hiſtoria antiga do Pilar, trata iſto taõ ga & eruditamente o P. Fr. Diego Mauritio, no livro da fundaçaõ do meſmo Templo tract. 1. c. 9. atè 14.*
Petr. Ant. Beuter. Chron. Hiſp. c. 23.

43 *Caledon. in vit. S. Pet. de Rates.* Bracharam veniſſe, ubi ſactâ eidem Dominæ aliam ædiculam in quadam cripta prope balnea juxta Tagum ab Ægyptiis Iſidi quondam dicatum.

44 *Excellencias de Portug. c. 9. Excel. 5.*

45 *Joan. Jeroſolymit. de inſt. Menuch. c. 36.*

46 *Paleon. de antiq. Ord. Carmel. l. 2. c. 4.*
P. Joſeph ſup. l. 1. c. 22. n. 3.

47 *Breviar. Syr. in feſt. Concept. ſive Gbid.. Concept.*
Kalendar. Alexand. 8. Decemb.
Apud Tamayo d. novit. 17 ad Dextr. ante med.
P. Joſeph d. l. 1. c. 20 n. 5.

48 *Liturg. Abyſſin. Breviar. Fr. Luis de Urreta Dominican. in hiſt. de Ethiop. l. 2. c. 13.*

49 *P. Hojeda na informaçaõ jà citada c. 3.*

50 *Fabric. Boderian. in proœm. Tit. nit. Syr.*

51 *Supra n. 1.*

52 *Judicamus apud Doctor. Fr. Leaõ de S. Thomás na Benedict. Luſit. tract. 1. p. 3. c. 10 §. 2.*

53 *Apud Fr. Diogo Murilho d. c. 14. paulo poſt princip.*

54 *S. Iſidor. in offic. Concep. & in Miſſis de Nativ. & Aſſumpt. Virg.*

55 *Tamaio d. novit. 17 poſt med. P. Fr. Franciſc. Brandão, Monarch. Luſit. p. 6. l. 19. c. 22.*

Galatino 56 refere com Saõ Gregorio Nazianzeno, que na Igreja Grega ſe celebrava eſta feſta ha mais de mil annos. O erudito Fr. Franciſco Joannes 57 conta que Frederico filho de hum Rey de Hungria, Monge do Moſteyro de Fulda em Alemanha, pelos annos de *Chriſto* 884. renovou eſta devoçaõ, que ſe hia esfriando em aquellas partes. Arnoldo, & Pedro à Natalibus 58 accreſcentaõ, que ſe tornou a renovar com mais calor por Santo Anſelmo. E no Armamentario Serafico 59 ſe moſtra, que o fez por revelaçoens, que tiveraõ tres Varoens Santos com o meſmo S. Anſelmo, ſendo Arcebiſpo de Canturia, relatou aos Biſpos ſeus contemporaneos, exhortando-os a iſto por hũa carta; & juntamente tirou a luz hum inſigne Sermaõ, & hum admiravel livro deſte myſterio. 60 O Cardeal Baronio, & Yepes 61 trataõ como Elſino, ou Elpino, Abbade de Saõ Bento de Ramiſia em Inglaterra, fez o meſmo. Do Concilio Baſilienſe, 62 (a cujo teſtemunho niſto ſe deve credito, ainda que foſſe illegitimo) ſe vè, que ſe celebrava em outras muytas partes. Baconio 63 affirma, que em hum Convento Carmelitano, aſſiſtiaõ a ella por antigo coſtume os Pontifices Romanos, & Cardeaes: & o Douto Padre Carthagena 64 prova bem, que todas eſtas celebridades ſe fizeraõ ſempre à pureza da *Conceyçaõ* em ſeu primeyro inſtante. Com tantos, & taõ grandes teſtemunhos fica indubitavel eſta verdade, & a opiniaõ gèral, que ſe tinha da ſantidade deſte myſterio, pois a Igreja feſteja ſó os Santos. 65 Ha couſas (diſſe Ariſtoteles 66) que por ſua dignidade ſe recomendaõ, ſem neceſſitarem de ley, que as mande venerar. Tal foy eſte myſterio. Com tudo o Summo Pontifice Sixto IV. ordenou mais eſpecialmente eſta ſolemnidade nos annos de 1473. & 1483. com Miſſa, & Officio proprio, promulgando cenſuras contra os que a contradiſſeſſem, & indulgencias para os que lhe aſſiſtiſſem. 67 Com o que em certa maneyra a canonizou, como advertem Doutores graves. 68 E tudo confirmàra Alexandre VI. por Bullas do anno de 1501. atè 1506. & Gregorio XV. em 24. de Mayo de 1622. Alexandre VII. ampliſſimamente.

12 Os doutiſſimos Padres Fr. Hugo Cavello, & Fr. Pedro de Alva, dignos filhos da Ordem Serafica, propugnadora inſigne deſte ſagrado myſterio, moſtráraõ por aſſumpto particular o que os Santos Padres, & mais Doutores eſcrevèraõ delle. O Padre Cavello entre os excellentes eſcolios, com que illuſtrou os eſcritos do Subtiliſſimo Eſcoto ſobre os livros das Sentenças, inferio hum tratado, que com muyta propriedade chamou *Roſario*; no qual com grande curioſidade, & erudiçaõ traz os Santos, & Doutores, por quem em todos os ſeculos depois da vinda de *Chriſto* Senhor noſſo foy prègada, enſinada, & continuada na Igreja a doutrina da *Preſervaçaõ Immaculada da Conceyçaõ paſſiva da Virgem Santiſſima*. E ultimamente o Padre Fr. Joaõ da Sylveyra Carmelitano, Eſcritor mais

56 *Galatin. l. 7 c. 4.*

57 *Fr. Franc. Joannes Compend de Varoens illuſtr. Benedictin.*

58 *Arnol. l 5. c. 835. Petr. à Natal l. 1. c. 42.*

59 *Armament. Seraphic. pro Concept. art. 2. n. 179.*

60 *S. Anſelm ad epiſt. ad Coepiſcopos, de quo Petr. de Alb. in Biblict. Virgin. tom 2. à f l 400. uſque ad 448.*

61 *Baron in Martyr. 2. Decemb. Yepes tom 7. fol. 99.*

62 *Concil. Baſilienſ. ſeſſ. 36.*

63 *Baron. l. 4. diſt. 2 q. 4 art. 3.*

64 *Carthagena de areau. Deip p. 1. l. 1. hom. 19. §. 3.*

65 *D. Thom. 3 p q. 27 art. 1. In terminis noſtris P. Vincent. Juſtinian. Antiſtes Valent. tract. de Immacul. Conceptione addit ad cap. ult. vitæ S. Ludovic. Beltran. §. 3.*

66 *Ariſt. l. 2. polit.*

67 *In Extravag Cum præexcelſa, & Extravag. Grave nimis, de reliq. & vener. Sanct.*

68 *Cum P. Soar. tom. 2. in 3. p q 27. art. 1. diſp. 3. ſect. P. Joſeph d. l. 1. c. 22. n. 2.*

mais insigne de nosso seculo, & lustre grande desta sua patria, no opusculo da Conceyçaõ escreve, que affirmaõ desta conclusaõ seis mil & cincoenta Doutores: entre elles cento & cincoenta da Familia Dominicana dos Prègadores: & que a professaõ trinta Universidades. 69 O Padre Alva em hum grande tomo, que juntamẽte intitulou *Sol veritatis*, 70 com heroico animo tomou por empreza, & a conseguio, provar claramente, que quasi todos os Authores, que se costumaõ citar em contrario, se allegaõ, ou falsamente, ou mal entendidos, diminutos, & com equivocações, & ficçoens (como elle diz) & nomeando-os pela ordem do Altabeto, mostra em seiscentas & quarenta authodades de trezentos & quinze Doutores, trinta & tres mil erros gravissimos, & cento & vinte & seis erros menores, que todos corrompem, & torcem o caminho dos Escritores: obra admiravel nas noticias de tantos livros, suas differentes impressoens, & originaes de muytos na miudeza, & juizo com que se examinaõ, & declaraõ: & na felicidade com que se faz evidente, que a opiniaõ contraria naõ tem por si os Doutores, que se imaginava, & a da *Immaculada Conceyçaõ* foy sem comparaçaõ mais commua em todos os seculos. Nem Saõ Bernardo disse outra cousa, como explica o Padre Samaniego. 71

13 Occasionou-se a duvida, que sobreveyo, de que estando nos principios da primitiva Igreja aquella doutrina dos Apostolos taõ assentada, que nenhum dos antigos Padres moveo questaõ sobre ella, antes a suppunhaõ por infallivel: 72 succedeo o sacrilego Pelagio pelos annos de quatrocentos, 73 que por naõ conceder a necessidade do remedio da graça, negou a chaga original da natureza. Para confutar esta heresia, varios Concilios, & Canones 74 definiraõ por locuçaõ geral, que todos os descendentes de Adam haviaõ contrahido original peccado, como já Saõ Paulo tinha dito. 75 Pelo mesmo modo escrevèraõ os Doutores com tanta generalidade, que se bem alguns exceptuáraõ a *Christo*, por naõ ser concebido por obra de varaõ, os mais omittirão esta exceyçaõ por indubitavel, & notoria. 76 E tambem omittiraõ a de sua *Mãy* Santissima, havendo supposto, & ensinado Santo Agostinho, 77 que era sua innocencia taõ certa, que naõ se permittia entrar em disputa de peccado. Basta finalmente haver declarado o sagrado Concilio Tridentino, 78 que naõ era sua tençaõ comprehender a *Immaculada Virgem Maria Mãy de Deos no decreto do peccado original.* Com que se ficou entendendo o mesmo dos outros Concilios, & Santos Canones.

14 Com tudo, porque a doutrina da Igreja deve ser estavel, (que por isso definio *Christo* a seus Discipulos pelo verbo *Estis*, 79 substantivo, & de firmeza) & os Juristas 80 dizem, que naõ fica tal a que não foy disputada: pois, como disse Aristoteles, 81 buscar verdade sem disputa, he caminhar sem saber o caminho: quiz Deos dar toda a firmeza a este louvor de

69 *P. Fr. Hugo Cavelius in Rosario apendice post schol. ad l. 3. Sect. sup. sentent. Multos etiam in omnibus statibus refert Carthagena de advocat. Deip. d. 1 hom. 19. §. 5. V. Sylvestr opusc. de Concept. q. 18 n. 141. & 142.*

70 *P. Fr. Petr. de Alva, in Sole veritatis, maximè in tit. Veritatis.*

71 Explicaçaõ da Carta 174 de S. Bernardo aos Conegos de Leaõ de França, se veja no Reverendissimo P. Samaniego, *na vida de Escoto l. 1. c. 7. n. 4.*

72 *Ita R. P. Fr. Joseph Ximenes Samaniego in vita Scoti l. 1 c. 7. n. 2.*

73 *P. Joan. Bossuet in Histor. hist. p. 2 c. 1. post med. vers. Et neque hues.*

74 *Concil. Milevitan. c. 1. Carthaginense unum, & Arausicanum alterum, ac decreta Coelestini Papæ 1. habentur in 1. tom. Concil. pag. mihi 355. 584. 595. 722.*

75 *D. Paul. ad Rom. 5. 12.*

76 *Refere-os o R. P. Samaniego supr.*

77 *D. Aug. lib. de natur. & grat. circa med.*

78 *Concil. Trident sess. 5. de peccat origin in fin.*

79 *Matth. 5. 14.* Vos estis.

80 *Cevallos commun. in Præfat. n. 11. & 12. Surd. cons. 317. n. 21. & cons. 341. n. 36. in 3 libro.*

81 *Arist. in Metaphys.*

de ſua *Mãy*: & revelou a meſma *Senhora* a Santa Brigida, 82 que lhe aprouve, que ſeus amigos (com quem ſe tem mais confiança) duvidaſſem piamente delle. E he de notar, que foy aquella revelaçaõ quaſi no meſmo tempo, que ſe esforçou a duvida.

82 *Revelaç de S. Brigid. l 6. c. 55.* Placuit Deo, quòd amici ſui piè dubitarent de Conceptione mea.

15 Mas quiz o *Senhor* honralla com a circunſtancia que houve na duvida da Reſurreyçaõ de ambos. O Santo Apoſtolo Thomàs fez palpavel a de *Chriſto*. 83 E ajudou a publicar a da *Virgem*, como abayxo veremos. 84 Tambem Thomàs occaſionou acryſolarſe mais eſta gloria da *Senhora*. Podemos dizer com Saõ Gregorio, 85 que foy mais util a duvida, que ſe occaſionou, do que (pòde ſer que em outro ſentido) 86 diſſe Thomàs, que a facil crença de outros, porque ainda que houve quem de huma opiniaõ diſputavel quiz fazer concluſaõ infallivel, da diſputa ſahio mais infallivel a concluſaõ contraria. Brazaõ inſigne do nome de Thomàs, que ſuas duvidas ſejaõ glorias de Deos.

83 *Joan. 20. 27.* Infer digitum, affer manum.
84 *Diſſemos no c. 69 n. 4 & 5.*
85 *D. Gregor. apud Carthag. de arcan. Deip. l. 7. hom. 14 in princ.*
86 *Vide infra hoc eodem c. n. 26.*

16 Naõ ſe pòde paſſar em ſilencio o grande louvor do Santo Varaõ, & Doutor famoſo Joaõ Duns Eſcoto da Ordem Serafica de Saõ Franciſco: *Joaõ*, voz da Immaculada pureza da *Mãy*, ſe outro *Joaõ* o foy da Encarnaçaõ do *Filho*: 87 *Duns* por natural de *Duno*, Cidade nobre, & antiga de Irlanda na Provincia de Ultonia, ainda que o litiguem em Eſcocia, & Inglaterra. *Eſcoto*, porque a Provincia dos Frades Menores, em que profeſſou, ſe chamava entaõ de *Eſcocia*, poſto que em Irlanda, por eſta ſe haver aſſim chamado em outros tempos, 88 havendo ſido o primeyro que eſcreveo em defenſa da preſervaçaõ da *Virgem* por termo de controverſia eſcolaſtica, 89 & que a defendeo na Cadeyra de Prima, que lia na Univerſidade de Oxonia de Inglaterra, entaõ muyto celebre: houve tanta alteraçaõ nos Doutores da de Pariz, a mais inſigne daquelle tempo, que o Summo Pontifice Benedicto XI. (outros o contaõ IX.) mandou à Religiaõ Franciſcana propugnadora deſta doutrina, que a defendeſſe em Pariz em ſolẽne diſputa, com aſſiſtencia dos Legados Apoſtolicos, que enviou por Juizes, para com aquelle exame ſe qualificar. O muyto Religioſo Fr. Gonçalo de Val Bom, Portuguez de entre Douro & Minho, 90 Gèral da Ordem, eleyto no Capitulo gèral, que ſe celebrou em Aſſis no anno de 1304 (porque Portugal interviеſſe na gloria daquelle acto) deputou logo para o certamen a Joaõ Duns Eſcoto, principal Athleta, & Atlante da illuſtre concluſaõ. E juntamente ordenou, que primeyro ſe graduaſſe Doutor na meſma Univerſidade Pariſienſe, (como já o era na Oxonienſe) para ſe achar nella já introduzido.

87 *Iſai. 40. 3. Matth. 3. 3. Luc. 3. 4. Joan 1. 23.*

88 *Cam Cavello in vit. Scot c. 1. & Uvading. in annal & in vit Scot. c. 2. Joan. Colgan in vit. ejuſdẽ, atque alii. P. Samaniego d. l. 1. c. 1. n. 2.*

89 *Scot. in 3. ſent. diſt. 3. q. 1.*

90 *Com R dulpho o moſtràmos vàs Excellencias de Portugal c. 13. Excel. 3. n 3.*

17 Chegado de Oxonia a Pariz, ſe offereceo logo em hum Collegio hum acto, em que ſe defendia a opiniaõ contraria, por ſer a queſtaõ que mais entaõ ſe ventilava. Pediraõ-lhe os ſeus Frades, que foſſe arguir incognito, & o fez com taõ acre viveza,

viveza, taõ agudo engenho, taõ efficaz demonſtraçaõ, vibrando em cada propoſiçaõ hum rayo, prevenindo as repoſtas; cortando as ſoluçoens, que ſó impedia todos os caminhos de invadir o argumento. Turbou-ſe o ſuſtentante, embaraçou-ſe o Preſidente, paſmou o auditorio: ſó hum Doutor levantou a voz dizendo: *Ou es Anjo do Ceo, ou Demonio do Inferno, ou Eſcoto de Duno.* A victoria o deu a conhecer. 91

18 Graduado com actos admiraveis, chegou o dia ſinalado à ſolemne diſputa. E muyto de manhã ſe vio a Aula da Sorbona, campo deſtinado para a illuſtre batalha, inundada de innumeravel povo dos Eſcolaſticos, & dos curioſos leygos de toda a Cidade: ornada logo de eſquadroens de Doutores, coroada ultimamente dos Legados Apoſtolicos; que entráraõ acompanhados do Cancellario da Univerſidade, & dos Cathedraticos mais antigos. Sahio do ſeu Convento com alguns ſeus diſcipulos o Minorita Eſcoto, como outro David, a combater com letrados taõ gigantes. E paſſando por huma Capella, ſobre cuja portada eſtava huma Imagem marmorea da *Rainha do Ceo*, com os olhos nella, os geolhos em terra, & o coraçaõ no que repreſentava, lhe diſſe o verſo: *Dignare me laudare te, Virgo Sacrata: da mihi virtutem contra hoſtes tuos.* A Imagem (caſo eſtupendo!) inclinou a cabeça, deſpachando a petiçaõ. E aſſim ficou atè hoje; para que ninguem duvide da victoria antiga, & cada dia ſe faça nova. Contaõ o milagre, (alèm dos Eſcritores Franciſcanos, que pareceraõ ſuſpeytos) os Padres, Pineda Jeſuita, & Lezana Carmelita, Oyer Auguſtiniana, 92 & outros, & com exactas diligencias, por fama, & tradiçaõ conſtante ſe renovou a prova delle no anno de 1579. ſendo Geral digniſſimo da Ordem Serafica Frey Franciſco Gonzaga, taõ ſanto, como illuſtre. 93

19 Com tal ſeguro proſeguio Eſcoto confiado; entrou na Aula, ſubio à cadeyra Actuante, & Preſidente, tendo de idade ſó trinta annos. Conſiderou bem o Reverendiſſimo, & doutiſſimo Padre Frey Joſeph Ximenes Samaniego, (que neſte ultimo triennio vimos digniſſimo Cõmiſſario Geral da meſma Ordem) na ſua vida que eſcreveo com grande elegancia: 94 Que naõ faltaria entre aquelle numeroſo concurſo, hum Saul curioſo; que inveſtigaſſe ſua patria, pays, & linhagem: hum Jonathas piedoſo, que ſe lhe affeyçoaſſe vendo-o em taõ honrado empenho: & hum Filiſtheo ſoberbo, que o deſprezaſſe, por moço, & attribuiſſe ſeu valor a temeridade. 95

20 Propoz a queſtaõ, com eſtylo Laconio: & hum dos Legados Apoſtolicos com breve, & grave pratica declarou a razaõ, & o fim porque o Summo Pontifice mandára, que ſe tiveſſe aquelle acto: & ordenou, que os arguentes naõ uſaſſem da fórma commua dos dilatados argumentos, em que ha mais palavras, que razoens: mas cada hum ſuccinta, & ſubſtancialmente propuzeſſe, o que ſe lhe offerecia contra a opiniaõ, que

91 *Ex Hugon. Cavello in vit. Scoti c. 1. & 5.*
Joan. Cogan. in vita ejuſdem.
Joan. Pontio in Apolog. pro Scoto.
Hybern reſtit. n. 7. & 8.
P. Samaniego t. 1. c. 8. n. 6.

92 *Pineda in advert ad privileg. Joan. Reg. Aragon.*
Lezana in Apologet. c. 15.
Mich. Oyer in Corat. anceps. ſol 11

93 *Narrat Hippolyt. Doneſmundus in vita Franc. Gonzag. l. 2. c. 10.*

94 *R. P. Samaniego l. c. 9. n. 4.*

95 *Ita cum Davide contra Gigantem, 1 Reg. c. 17. & c. 18. in princ.*

defendia Fr. Joaõ Duns Escoto. E elle respondesse pelo mesmo estylo; porque só deste modo poderia melhor o auditorio formar juizo, nem podia haver tempo para outra fórma dilatada sem necessidade.

21 Achavaõ-se preparados muytos arguentes, os mayores Letrados que assistiaõ na Universidade, & chamados de fóra. Sem digressaõ attentos só ao ponto, propuzeraõ seus argumentos, & foraõ duzentos fortissimos, que muyto apertáraõ. Elle, *Sem interrupçaõ os ouvio com animo quieto, & sossegado*, (palavras de Pelbarto.) 96 *E depois com maravilhosa memoria* (naõ podia ser sem milagre) *os repetio todos por sua ordem soltando suas intrincadas difficuldades, & nodosos syllogismos com a facilidade, com que Samsaõ rompia as ligaduras de Dalila. E accrescentou muytas, & fortissimas razoens, provando, que a Virgem Santissima fora concebida sem macula de original peccado. O acto fez pasmar aquella sapientissima Universidade Parasiense, que em gratificaçaõ laureou a Escoto com o celeberrimo nome de Sutil.* Bernardino de Bustis Author grave, tratando do mesmo acto, disse assim: *Taõ invencivelmente confutou os fundamentos, & argumentos dos adversarios, & comprovou esclarecida a innocencia da Conceyçaõ da Senhora, que todos aquelles Doutores muyto admirados de sua sutileza, emmudecèraõ; não puderaõ mais disputar. E logo sua opiniaõ foy approvada pelos estudos Parisienses.* 97 Da mesma maneyra referem outros muytos Escritores 98 aquelle acto.

22 No dia seguinte junto aos Legados Apostolicos com o Clausstro pleno da Universidade, feyto juizo do acto do dia precedente, mudado o parecer, que atè entaõ haviaõ tido seus Mestres, & Doutores, abraçáraõ todos a doutrina da *Immaculada Conceyção da Mãy de Deos em seu primeyro instante physico de seu ser natural, & real uniaõ da alma ao corpo. preservada da culpa original pela infusaõ da graça santificante, que em aquelle instante se lhe deu pelos merecimẽtos previstos de seu Filho.* Decretou-se logo, que os Cathedraticos, & Doutores jurassem defender aquella doutrina; (como depois se jurou em outras Universidades.) E que a Universidade celebrasse todos os annos a festa da *Immaculada Conceyçaõ da Virgem*, para que cada anno triunfasse Escoto com ella. Honráraõ a Escoto com o titulo de *Doutor Sutil*, que o Papa lhe confirmou, & porque he conhecido. Tudo isto, & os mais applausos com que toda a Cidade concorreo, deyxáraõ tambem escrito, Baconio seu contemporaneo, da Ordem Carmelita, & muytos outros Authores. 99

23 Passou Escoto a Colonia, & em semelhante disputa com os discipulos de Santo Alberto Magno alcançou semelhante victoria, & se lhe confirmou o titulo de *Sutil.* 100

24 A torrente dos Doutores, que depois escrevèraõ, fez já cessar a controversia; de modo, que como Deos matou a Osa 101 por presumir, que podia cahir a Arca do Testamento, que era figura da *Virgem*, pòde temer grande castigo, quem presumir,

96 *Pelbart. l. 4. Stellar. p. 2. art. 3.* Magnum fuit pondus argumentorum, erantque numero ducenta, omnia sine interruptione, quieto, & tranquillo animo attente audivit, & mirabili memoria suo ordine resumpsit, solvendo intricatas eorum difficultates, & nodosos sylogismos ea facilitate, qua Samson Dalilæ ligamina ditumpebat: & addit multas, & fortissimas rationes, probans Virginem Sanctissimam sine originalis peccati macula concētā. Actus obstupescere fecit sapientissimam illam Universitatem Parisiensem, quæ in gratificationē Scotum celebertimo nomine *Doctoris Subtilis* insignivit.

97 *Benardin. di Bust in Mariali, in offic. Concept. sect. 4.* Adversariũ fundamentis, argumentisque omnibus invencibili sermone confutaris, ita Conceptionis Dominæ nostræ innocentiam clarescere comprobavit, quod omnes illi fratres, subtilitatem ejus plurimum admirati, obmutescentes disputando defecere: qua propter opinio Minorum à Parisiense studio illico approbatur.

98 *P. Ojeda Jesuita in formal. pro Concept. c. 15. §. 6.*
P. Sulazar Jesuit. de Concept. lib. 3. disput 3. adnot 1. n. 7.
Et omnes, qui scripserunt vitam Scoti.

99 *Bacon. in 4. dist. 2 q. 4. art. 3.*
Ant. Cucar in elucidar. Virg. p. 2.
F. Ojeda in d. informat p. 62.
P. Sulazar sup c. 42. sect. 14.
Late Samanie. d. l. 1. c. 9. n. 8. & 9.

100 *Jean. Pitseus, de script. Angl. an. 1308.*
Cavelus in Resar. in testimon. 14. Scotti in princ. & in vita Scoti c. 4.
P. Samaniego, d. l. 1. c. 12. n. 5.

101 *1. Reg. 6. 6.*

ſumir, que a meſma *Virgem* cahio. A cauſadora de noſſo remedio naõ havia de ter menos nobre principio, que *Eva* cauſadora de noſſo damno antes de inobediente: ſe tivera menor perfeyçaõ, naõ lhe chamára o Eſpirito Santo: *A mais fermoſa entre as mulheres.* 102 Pode o Filho livrar ſua Mãy daquella divida, he logo certo, que a livrou. Honra-ſe o direyto civil provando eſta conſequencia com hum texto elegante, 103 no qual hum filho (cujo pay o havia emancipado antes da puberdade, & ficára ſendo tutor) 104 morrendo depois com filhos herdeyros, diſſe em ſeu teſtamento, que *Foſſe ſeu pay livre da acçaõ da tutoria.* Duvidou ſe eſta liberaçaõ o eſcuſava naõ ſómente da obrigaçaõ de dar contas, mas tambem de entregar aos filhos, & herdeyros do defunto partidas de dinheyro, que cobràra como tutor, & tinha gaſtado comſigo, ou dadas a ganho. Reconheceo o ſubtiliſſimo Juriſconſulto Scevola, que ſe aquella liberaçaõ fora deyxada a outra peſſoa, naõ concluira taõ plena abſolviçaõ ſem palavras eſpeciaes, (& aſſim o decidio no §. ſeguinte, & o notáraõ Accurſio, & Bartholo. 105 Porèm ſendo deyxada a pay, reſpondeo, que tudo nella ſe incluhio, & dá a razaõ: *Porque o natural affecto faz preſumir, que tudo concedeo ao pay.* (E igual piedade enſina em outro texto o Juriſconſulto Ulpiano, 106 que ſe deve á mãy; antes he mais amoroſa. 107 E aſſim em tudo as leys medem pay, & mãy igualmente. 108 De maneyra, que na conceſſaõ, & liberaçaõ de filho para pays, ſuppoſto o poder, naõ difficultou o Juriſconſulto Scevola o querer, porque eſte, (& mais ſendo o de Deos taõ juſtificado) ſempre ſe ajuſta com o vinculo, & affecto natural; pois que pode quiz; (reſolveo o texto.) E concorrendo na *Senhora* ſer tambem Filha, & Eſpoſa, naõ cabe em bom diſcurſo deyxar de entender ſe, que ſeria a conceſſaõ, & liberaçaõ ampliſſima, multiplicados os vinculos, & affectos de amor, & eſtimaçaõ. 109

25 Por Eſpoſa de Deos, & Emperatriz do Ceo lhe aſſiſte outro texto, em que o Juriſconſulto Ulpiano diz: *Que poſto que a Auguſta naõ ſeja por mero direyto izenta das leys, como he o Principe, antes ſugeyta a ellas; com tudo o Principe lhe dà os meſmos privilegios, que tem;* 110 entendendo ſe os que lhe ſaõ compativeis, como declara a gloſa, a qual eſpecifica (muyto ao noſſo caſo) que ſerà livre de tributos; 111 tributo he o peccado da natureza, & como ab æterno foy eſcolhida por Eſpoſa, & Emperatriz, 112 já daquelle tempo eſtava preſervada. Advertindo, que á Eſpoſa jà eſcolhida competem os privilegios de mulher preſente, 113 poſto que lhe naõ compita o direyto do que lhe pòde ſer odioſo. 114 Mais nos puderamos alargar, pois entramos em noſſa profiſſaõ, & a materia he de ley; mas reſtringio-ſe o titulo deſte capitulo ao hiſtorico, & reſervamonos para tratado particular, & todo legal, abſtrahido do Theologico, ſe Deos nos der vida, & forças para novo emprego.

102 *Cantic. 1. 7.* O pulcherrima mulierum.

103 *L. Aurelius 28. aliàs 29. §. Filius teſtamento ff. de liber. at legat.* Præſumptio enim propter naturale affectum, facit omnia patri videri conceſſa

104 *Juxta text. in tit. Inſt. de legit. patr. tutelis.*

105 *D. L. Aurelius §. Mævia. Gloſſa, præſumpto, fin. in d. §. Filius & ibi Bart. in ſummar.*

106 *In L. furioſæ 4. ff. de curator furioſ.* Pietas enim parentibus, & ſi inæqualis eſt eorum poteſtas æqua debetur.

107 *Vide ſup. in 1. p. c. 8. à n. 2. max. n. 6.*

108 *L. Nam, & ſi parentibus 15. ff. de inoffic. teſtam. l. 1 C. de alend. liber & patentib. & ſæpe.*

109 *Mantic. de conject. l. 8. tit. 13. n. 7.*
Cevallos commun q. 778. n. 28. & 38
Lara de anniverſ. & capel. l. 2. c. 3. n. 34.
Caſtillo quotidian. l. 5. c. 67. n. 29.
Latè diximus in noſtris deciſionib. dec. 1. maximè n. 8. 15. 24. cum ſeqq.

110 *L. Princeps 31 ff. de legib.* Princeps legibus ſolutus eſt Auguſta autem, licèt legibus ſoluta non eſt, Principes tamen eadem illi privilegia tribuunt, quæ & ipſi habent.
Conſonant L. Fiſcui 6 in fin. ff. de jur. fiſci, & L. Bene à Zenone C. de quadrien præſcript.

111 *Gloſ. in d. L. Princeps.* Eſt ergo immunis à præſtatione vectigalium.

112 *Diximus in 1. p. c. 1*

113 *In L. 2 §. fin. ff. de privileg. credit. de quo ibi gloſſa, verbo, ad privilegium.*

114 *Gloſſa fin. L. Solet. 10. ff. de his qui not. infam.*

26 Accreſcentáraõ luſtre a eſta verdade as melhores letras da inclyta Familia Dominicana, guiadas por ſeu Patriarca Santo, como já referimos. 115 Com aquella tocha, com que ſonhou a mãy deſte Pay illuſtriſſimo quãdo o trazia no ventre, 116 buſcáraõ ſeus filhos nos lugares mais reconditos, quanto por huma, & outra parte podia apurar eſte myſterio. Diogenes com a ſua tocha ao meyo dia naõ achava hum homem: 117 eſtes Filoſofos Chriſtãos com a de ſeu Meſtre na eſcura noyte do peccado acháraõ huma mulher toda luz. No *Armamentario Seraſico* ſe referem os mais graves Dominicanos, que aſſim o eſcrevèraõ: o Chroniſta Dom Thomàs Tamayo de Vargas nomea outros mais. 118 Dous baſtaõ por muytos, hum o graviſſimo Herveo de Natal, que chegou a ſer Geral de toda a Ordem, & ſendo em Colonia cabeça dos diſcipulos de Santo Alberto Magno quando Eſcoto foy áquella Cidade, como diſſemos, foy o Capitaõ da diſputa que alli teve. E havendo antes ſeguido a contraria opiniaõ nos *Sentenciarios*, eſcrevendo depois ſobre a Epiſtola II. de S. Paulo aos Corinthios, expreſſamente exceptuou a *Mãy* de Deos da univerſal propoſiçaõ. 119 Outro he o Reverendiſſimo, Doutiſſimo, & Religioſiſſimo Frey Joaõ de Santo Thomàs, natural de Lisboa, Lente de Veſpera de Theologia na Univerſidade de Alcalá, Confeſſor delRey Catholico Dom Filippe IV. & faleceo eleyto Inquiſidor Gèral de Caſtella, que eſtabelecendo a meſma concluſaõ, declara a mente do Angelico Doutor Santo Thomàs, moſtrando que naõ eſcreveo contra a *Conceyçaõ Immaculada* em ſeu primeyro inſtante; mas antes, que o que entaõ diſſe apoya, & prova o que hoje cremos. 120 Naõ era crivel, que hum taõ grande lume da Igreja tiveſſe outra tençaõ; jà quando menino de peyto comeo o papel, em que eſtava eſcrita a oraçaõ da *Ave Maria*; 121 moſtrou, que ſempre havia de ter no peyto o *Gratia plena*, poſto que os ſeus eſcritos foſſem menos bem explicados. Muyto judicioſamente conclue o inſigne Doutor Soto da meſma Sagrada Religiaõ, 122 que *Já, depois do Concilio Tridentino*, 123 *naõ era prudente pòr em diſputa a materia da Conceyção da Virgem, pois diſto ſe naõ podia tirar ſenão odio.* E o Biſpo Vincencio Juſtiniano 124 da meſma Religiaõ, declarando como Saõ Luis Beltraõ ſentira o meſmo, diz: *Pois que deſta opposiçaõ ſe naõ tira mais, que cançar a todo o Mundo, ſeria grande prudencia deyxalla, como fazem os que ſahem com preſſa de huma caſa, que vay cahindo. Tiaras, capellos, mitras, ſceptros, cathedras, pulpitos, & geralmente o povo Chriſtão, cuja voz em couſas ſemelhantes ſe naõ deve deſprezar, abraçaõ a immunidade da Virgem; eſtando pois já taõ deſapoyada a contraria opiniaõ, grande prudencia ſerá naõ matarſe por defendella.* Se ſe deve abſolver qualquer mulher peccadora por huma opiniaõ provavel, quem póde duvidar de abſolver a mais Santa por huma doutrina taõ commua?

115 *Neſte c.n.7.*

116 *Vilhegas na vida de S. Domingos.*

117 *Laert. de vit. Philoſ. in Diogen.*
Lucernam interdiu accendens, hominem, aiebat, quæro.

118 *Armament Seraphic. p. 2. Regeſt. pag. mihi 476. tit. ſacra Religio Prædicator. cum pagin ſequẽtib. Tamaio nas novidades antig. de Heſpanha, a Flav. Dextro, novidad. 17. circa med. verſ.*

119 *Herveus, in Epiſt. 2. ad Corint. c. 5. ad illa verba: Ergo omnes mortui ſunt.*

120 *P Fr. Joan. a Sanct. Thom. in 1. p D Thom. tom. 1. diſp. 2.*

121 *Vilheg. no Flos Sanct. vid. de Sanct. Thom. no princ. Vide infra c. 62. n. 6. ad fin.*

122 *Soto ſup. c. 5. Epiſt. ad Roman.*

123 *Tridentin. de peccat orig. ſeſſ. 5.*

124 *Vincẽt. Juſtinian. ſupr. §. 14.*

27 Selle eſte Capitulo a devoçaõ de Portugal à eſte myſterio. Dona Brites da Sylva Portugueza, illuſtre em ſangue & ſantidade, inſtituhio em Toledo a Ordem das Religioſas da Conceyçaõ, 125 cuja Regra contèm, que a Alma da *Virgem* foy Santa no ſeu primeyro inſtante; 126 & a approvárao os Summos Pontifices Sixto IV. & Julio II. A Igreja de Noſſa Senhora da Conceyçaõ em Villa Viçoſa ſe tem pela mais antiga de Heſpanha com eſta invocaçaõ, depois das que fundou Santiago. Noſſo grande Rey D. Joaõ IV. em Cortes dos Eſtados do Reyno no anno de 1646. tomou, & jurou a *Senhora* neſte myſterio por Protectora do meſmo Reyno, & lho fez tributario em cincoenta cruzados de ouro cada anno, applicados para a dita Igreja de Villa Viçoſa; os quaes offerece a meſma peçoa Real na Miſſa com q̃ ſe celebra ſua feſta a 8. de Dezembro. O juramẽto ſe fez na Capella Real a 25. de Março, que em aquelle anno concorreo com a feſta da Dominga de Ramos; accreſcentando, que elle, & todos ſeus ſucceſſores, & vaſſallos ſeriaõ obrigados a defender a excellencia da *Conceyçaõ Immaculada*, expondo por iſto as vidas, ſe foſſe neceſſario. 127 Tratou-ſe logo, de que a inſigne Univerſidade de Coimbra, & todos ſeus Cathedraticos, & profeſſores fizeſſem o meſmo juramento, ſendo motor da pratica em hum Sermaõ o muyto Reverendo Padre Frey Alexandre de Jeſus, Lente Jubilado em Theologia, da Provincia de Portugal; da Ordem Serafica, zeladora continua deſta prerogativa da *Virgem*, Varaõ douto em varia erudiçaõ, meu grande amigo; & com ordem do dito Senhor Rey, como Protector que he da Univerſidade, ſe fez o juramento em Sabbado 28. de Julho de meſmo anno, ſendo Reytor Manoel de Saldanha, q̃ morreo eleyto Biſpo de Coimbra. Pouco depois o muyto Reverendiſſimo Padre Fr. Antonio das Chagas, que por ſeu engenho chamáraõ Eſcoto, Lente Jubilado em Theologia, & Padre da meſma Provincia Serafica, me praticou quanto glorioſo ſeria eſcreverſe em marmores para eterna memoria ſobre as portas das Cidades, & Villas do Reyno, aquelle juramento das Cortes. Seja-me licito honrarme com referir, que o repreſentey ao dito Senhor Rey D. Joaõ IV. & o zelo de Sua Mageſtade o approvou logo; & me mandou, que eu meſmo compuzeſſe a inſcripçaõ, dizendome, para mayor honra, qua ſó de mim a fiava. Eu a compuz, & appliquey pòr ſe naquelles lugares neſta fórma.

Æternit. Sacr:
Immaculatiſſimæ
Conceptioni Mariæ
Joannes IV. Portugalliæ Rex,
Unà cum general Comitiis,
Se, & Regna ſua
Sub annuo cenſu tributaria
Publicè vovit

125 *Yepes tom.2.fol.218. P.Fr.Franciſco Gonzag.na fundaçaõ da Conceyç.de Toledo. Duarte Nunes de Leaõ na deſcripç. de Portugal c.49. Gil Gonçalves de Avila nas grandez.de Madrid,l.4.tit.del Concejo de Portug.*

126 *Regra da Ordem da Conceyçaõ c.3.*

127 *Trata diſto o Chroniſta mòr Fr.Franciſco Brandaõ na 6.p. da Monarch.Luſit.l.19.c.23.*

Atque Deiparam Imperii Tutelarem electam
A labe originali præservatam perpetuo defensurum
Juramento firmavit.
Viveret ut pietas Lusitan.
Hoc vivo lapide memoriale perenne
Exarari jussit
Ann. Christi M.DCC.LVI.
Imperii sui XVI.

Virgem Immaculada, mais pura que a neve, mais resplandecente que o Sol, espelho da innocencia, prototypo da santidade, toda bella, toda fermosa. Como vos chamaria o Espirito Santo, *Pomba*, 128 se houvera visto em vôs fel? Como vos chamaria, *Sem macula*, 129 se tivereis a nodoa de haver sido manchada? Como diria: *Que vos possuira do principio*, 130 se em algum instante naõ houvereis sido sua? Como seria digno *Throno do Altissimo*, 131 o em que se houvesse assentado o peccado? Nem foreis taõ decente Rainha do Ceo, 132 havendo sido escrava da culpa: nem taõ illustre Mãy de Deos, faltandovos perfeyçaõ original: nem elle taõ amante vosso, se vos negára este beneficio. Vestio-vos o Sol, 133 porque sempre fostes clara: pizastes a Lua, 134 porque nunca tivestes minguante: coroáraõ-vos as Estrellas, 135 porque principiastes no lugar mais alto das luzes. Sois palma, 136 que naõ cedeo ao pezo da natureza: 137 Oliveyra, 138 que se mostrou levantada entre o diluvio do Mundo: 139 Rosa, 140 a que naõ feriraõ os espinhos de que nasceo cercada: Çarça, a que o fogo naõ tocou: 141 Vèlo, a que as aguas naõ passáraõ: 142 Favo na boca do Leaõ: 143 Torre nunca 144 entrada do inimigo. Assim começou a levantarse a humana natureza da quèda do peccado, em huma Filha de Adam concebida em graça.

128 *Cant.*2.10. Colûba mea.
129 *Cant.* 4.7. Macula non est in te.
130 *Proverb* 8.22. Dominus possedit me in initio viarum suarũ, antequã quidquã faceret à principio
131 Thronus Dei.
132 Regina Celi.
133 *Apocalyps.* 12.1. Mulier amicta Sole.
134 *Apocalyps sup.* Luna sub pedibus ejus.
135 *Apocal. sup.* In capite ejus Corona stellarum duodecim.
136 *Ecclesiast.*14.18. Quasi palma exaltata sum.
137 *Vide in* 1.*p.in introduct.n.*2.
138 *Ecclesiast.sup.*19 Oliva speciosa in campis.
139 *Genes.*8.11.
140 *Ecclesiast.*24.18. Plantatio rosæ.
141 Rubus incombustus. *Exod.* 3.2.
142 *Judic.*6.38.
143 *Judic.*14.8.
144 Turris David.

CAPITULO XVI.

Alegre Nascimento da Senhora.

1 PArece que os seculos contendiaõ sobre a gloria de taõ feliz Nascimento; 1 & assim ha setenta & duas opinioens 2 na computaçaõ dos annos do Mundo; o muyto douto Padre Bento Pereyra 3 aponta as causas desta differença. Pelas historias, que segue o judicioso Author do Flosculo dellas, 4 & conforma com a dos Hebreos seguida por Joaõ Benedicto nas annotaçoens da Biblia, 5 differa eu que a *Senhora* nascèra no anno 4038. da creaçaõ do Mundo: 2381. depois do diluvio: & 737. da fundaçaõ de Roma. O Author da Monarquia Ecclesiastica, 6 mais arrimado ao computo Ecclesiastico, que para isto parece mais proprio, poem este Nascimento no anno do Mundo 3945. & o Abulense 7 accrescenta dous

1 *D.Damascen.de Nativit.Virg.* Certabant sæcula, quodnam ortu Virginis gloriaretur.
2 *Refere-os Pineda na Monarch. Eccles.p.*1.*l* 1.*c* 11.§ 3. *Vide etiam Nostradam nas suas propheçias no prolog a Henrique II. antes da centur* 8.
3 *Perer.in Gen.l* 1.*c* 1 *v.*1.*n.*35.
4 *Fuscut.hist.p.*1.*c.*9.*in fine.*
5 *Joan. Benedict. in annot. ad Bibl.*
6 *Pineda sup.*
7 *Abulens.in c.*2. *Matth.q.*91.

dous. Mas naõ ouſo deſviarme do Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria, por ſer taõ veneravel Hiſtoriador da *Virgem*, o qual diz, 8 que pela conta dos ſetenta & dous Interpretes, que a Igreja abraça, naſceo a *Senhora* aos 5184. annos do Mundo creado: 2942. do diluvio univerſal: quarto anno da Olympiada 190. da fundaçaõ de Roma 738. das Hebdomadas de Daniel 439. & 24. da era de Auguſto, qualquer anno que foſſe, foy o primeyro na dita.

8 *P Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. de N S. l. 1. c. 31. n. 2. O meſmo diz Vitadiego no Cathalogo dos Reys, & Senhores de Hespanha, tit. dos Emperadores, in princ. que anda antes dos comment & leys dos Godos, chamadas* Fuero juſgo.

2 Naſceo em Setembro, mez ſetimo do anno, que he numero perfeyto, & myſterioſo, como na primeyra parte deſta obra diſſemos largamente; 9 mez em que o Sol (repreſentando o divino) eſtá no ſigno de *Virgo*, do que o Aſtrologo Albumaſar fez entre os Caldeos ſobre eſte Naſcimento hum illuſtre prognoſtico que refere Ferreolo; 10 foy mez feſtivo aos Hebreos, 11 mez em que ſe colhem os frutos para a vida.

9 *P. 1 c. 50. n. 5.*

10 *Ferreol de Augusta Maria l. 1. c 14.*

11 *P. Fr. Joſedh ſup. c. 36 n. 1.*

3 Aos oyto dias do mez, moſtrando-ſe que era paſſado o ſeteno de noſſa doença mortal, & tinhamos entrado na convaleſcença, em tal dia entrou o Emperador Tito a aſſolar Jeruſalèm; 12 ſendo juſto, que em tal dia morreſſe Cidade, que naõ conhecèra o bem que lhe naſceo em tal dia. Tambem a oyto de Setembro inſtituhio o Papa Urbano VIII. a feſta de *Corpus Chriſti*, a perſuaçaõ do Angelico Doutor Santo Thomàs; 13 naõ ſem myſterio no dia, em que naſceo a *Mãy*, ſe manda particularmente venerar o corpo do *Filho*.

12 *Ludovico Dolce, Joan Schmidius, & Elias Reuſner. in Diariis hiſtor.*

13 *Joan. Schmid. in d. Diario.*

4 Cahio em Sabbado, 14 dia que Deos tinha na Ley ſeparado para ſi 15 (que em dia dos homens naõ naſceria tal fruto,) & por naõ ſahir da Caſa Real de Deos, ficou dedicado a ſua *Mãy* Santiſſima, depois que a Igreja, por reſpeyto da Reſurreyçaõ glorioſa, lhe ſuſtituhio, & ſeparou para o *Senhor* o dia de Domingo. Naſceo ao amanhecer, 16 moſtrando-ſe Aurora do Sol Divino.

14 *Carthagena de arcan. Deipar. p. 1. l. 2. homil. 1. verſ. ſed pergo. P. Joſeñ d c. 31. n. 2. in fin. P. Fr. Manoel do Sepulchro, na Reſeyç. ſpirit. p. 2. c ult. n. 18. P. Anton. Balinghen. in Ephemer. ſeu Kalendar. Virg. die 8. Septemb n. 2.*

15 *Geneſ. 3 2. Exod. 20. 10. Deuteronom 5. 14.*

16 *P. Salinghen d. n. 2 in fin.*

5 Venturoſo dia! em que o Mundo logrou principio de ſua reſtauraçaõ: em que ſe lhe deu penhor da bemaventurança: em que vio a eſcada, por onde elle havia de deſcer, & nòs haviamos de ſubir: a porta por onde elle havia de entrar na terra, & nòs no Paraiſo; dia em que ſe ornou da joya cobiçada dos Anjos, & tinha em ſi a Rainha do Ceo.

6 Nunca a dourada Aurora appareceo taõ bella: nunca o luzente Sol naſceo taõ brilhante: nem a purpurea Roſa, & candida Açucena ſahiraõ taõ fermoſas a fragrante duello em manhã freſca de Abril, ou Mayo, como a doce Menina; percurſora do Sol Divino rayo de mayor luz, maravilha das flores, ſe oſtenta naſcida, allumiando o Mundo, & ſendo a flor dos Santos. Naſcey Eſtrella d'Alva a deſterrar a noyte: vinde chave do Ceo a deſfechar o dia: ſahi luz do Oriente a allumiar a terra: Sol mais claro, & fecundo a fazella fructifera: vòs em taõ tenra idade, jà ſois Mãy dos viventes: vós nos trazeis a vida, que perdemos em *Eva*; renaſcem em vòs a gloria, que a ſó vós eſperava:

rava: porque dada por vòs fiquemos mais felices.

7 Bem ſe póde cuydar, que a maquina univerſal ſe alegrou de ter a quem ſerviſſe dignamente, deſafrontada jà de ſempre haver ſervido a peccadores, como conſiderou Santo Anſelmo. 17 Nem pára iſto em conſideraçaõ, pois por realidade refere Theofilo 18 na ſua hiſtoria, que no dia em que naſceo a *Virgem*, reſplandeceo o Sol com dobrada claridade da ſua ordinaria, & a Lua naquella noyte pareceo ter rayos de Sol, & em alguns ſeguintes ſe naõ vio nuvem pequena, que a rodea, antes eſtava o circulo todo claro, & no meyo do globo havia hum reſplandor extraordinario como de Eſtrella luzidiſſima.

17 *D. Anſelm. de excell. Virg. c. 10 & 11.*
18 *Theophilus 9. apud Pelbart. ſtellar. l. 1. p. 2. art. 2.*

8 O gozo da Santiſſima *Trindade* neſte dia: a alegria dos Anjos: a conſolaçaõ dos Padres do Limbo: & o terror do Inferno deſcreve o P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria 19 com palavras de eſpirito, q̃ naõ ſey imitar bem. Bem ſe prova (diz elle) do que alguns Authores contaõ, 20 que eſtando antigamente occulto o dia do Naſcimento, hum varaõ Santo ouvindo todos os annos a oyto de Setembro grandes feſtas, & muſicas Angelicas; & pedindo com humildade muytas vezes a Deos, que lhe manifeſtaſſe a cauſa, para os ajudar com ſeus pobres affectos, lhe foy revelado, que em tal dia havia naſcido a *Virgem Mãy*. Se tanto ſe celebrava a repreſentaçaõ, quanto mais ſe haveria celebrado o meſmo dia?

19 *P. Joſeph d. l. 1. c. 32.*
20 *Pelbart. ſup. l. 5. p. 2 art. 3. Vincẽt. in ſpecul. hiſt. l. 7. c. 119. aliàs l. 6 c. 65. P. Baungh. in ſup. n. 3.*

9 Naſceo a *Senhora* em hum lugar chamado *Sephero*, tres legoas de Nazareth, 21 na caſa de campo, em que o Santo Pay Joaquim trazia os ſeus gados, & aſſiſtia, ſem querer tornar á Cidade atè naõ ſahir da nota de eſteril, cumprida a promeſſa, que o Anjo lhe fizera no meſmo lugar. 22 Santa Anna chegada ao tempo do parto, foy buſcar ſua companhia em aquelle goſto. Entre paſtores (diſſe S. Joaõ Damaſceno 23) naſceo a Cordeyra Immaculada, de que havia de naſcer o Paſtor do Mundo 24 tambem entre Paſtores, 25 porque em tudo ſe preparava para molde ſeu como diſſemos. 26

21 *Abulenſ. in Matth. 8. q. 91.*
22 *Supra c. 14. n. 4.*
23 *D. Damaſcen. l. 4. fidei c. 15.*
24 *Joan. 10. 14.*
25 *Luc. 2. 8.*
26 *Sup c. 14. n. 4.*

10 Venturoſa patria! *Nazareth*, entre outras etymologias, ſe interpreta flor; era flor 27 das Cidades, a q̃ em ſeus campos deu tal fruto; o fruto a honrou, mas ella em algum modo o mereceo: a luz que naſceo nella a fez mais clara: mas Oriente de tanta luz naõ era eſcuro; bem ſe pòde jactar de ſer melhor patria, pois o ſummo louvor da patria he a virtude dos filhos. 28

27 *D. Hieron. Epiſt. ad Marcel. 17. c 8 tom. 1.*
28 *Petrarcha de proſp. fort. dial. 15 de patria glorioſ.* Summa patriæ laus ſola virtus eſt civium.

11 Entendem os Santos Doutores, 29 que deputou Deos muytos Anjos para ſervirem a eſta *Senhora*, preſidindo a todos o Anjo S. Gabriel, 30 que de ſua creaçaõ fora reſervado para eſta dignidade, & por acatamento della, nem antes, nem depois ſervio de outra guarda; porèm que nenhum preſidia á *Virgem* ſuperiormente como os da noſſa guarda, porque Deos immediatamente lhe preſidia como a eſcolhida para ſi, & a tinha taõ favorecida, que nada a podia offender.

29 *Refer. o P. Fr. Joſeph ſup. d. lib. 1. c. 36. n. 2 & l. 2. c. 1. n. 2. S. Bernard. Senenſ. ſerm. 51. art. 3. S. Gregor. Nicod. orat de oblat. Virg.*
30 *De S. Gabriel vide infra c. 14. n. 4. S. Ildephonſ. ſerm. 5. de Aſſumpt.*

12 Naõ

12 Naõ omittirey; pois graves Authores 31 o tem por digno de advertencia, como louvor de inimigo, haver dito o peſtifero Maſoma em ſeu Alcoraõ, que Satanás tocava todos os que naſciaõ, que era a cauſa de todos chorarem: *Mas que ſó a Maria, & a ſeu Filho não: que a Maria eſcolhèra Deos reſplandecente ſobre todas as mulheres dos ſeculos: que muytos homens houvera perfeytos; mas mulheres ſó a Mãy de Jeſus.*

13 Jà, venturoſo Joaquim, podeis ſahir á praça confiado. Notou Saõ Jeronymo, 32 que os Santos Patriarcas antigos raramente geráraõ filhas, para vòs ſe reſervou ter ſó huma, que foſſe (como diſſe o Eſpirito Santo pelo Eccleſiaſtico, 33) *Melhor que Filha*; ou (como lè outra verſaõ) *Melhor que filho, & filha*. Se bons Aſtrologos levantarem figura de ſeu naſcimento, diraõ, que ſerá fermoſa: que terà dous excellentes eſpoſos: & ſendo ſempre Virgem, terá o mais excellente filho que ſerá Rey, & ella Rainha por todos os ſeculos. Teve Plinio 34 por ſumma felicidade, que huma Matrona foſſe filha, eſpoſa, & mãy de Reys da terra: & muytas o foraõ; mas ſer Filha, Eſpoſa, & Mãy do Rey Celeſtial ſó compete a eſta Filha; por iſſo ſerá chamada: *Bendita entre as mulheres*, pelos Anjos, & por todas as naçoens; 35 todas as fermoſas ſó repreſentáraõ ſombras de ſua realidade. A honeſtidade de Rebecca, a fecundidade de Lia, a fermoſura de Raquel, o eſpirito de Debora, o valor de Judith, a graça de Eſther, reſplandecem nella mais altamente, para livrar naõ ſó hum povo, mas todo o genero humano. A vôs Santo glorioſo, & a vós Santa, & glorioſa Eſpoſa repetimos os parabens, que vos deu Saõ Joaõ Damaſceno, 36 de haveres dado tanta gloria ao Ceo, tal theſouro à terra, tanto goſto aos Anjos, & tanta alegria aos homens: gozayvos neſſa eternidade com taõ illuſtre Filha. Começou-ſe a celebrar a feſta deſte dia com toda a ſolemnidade pelos annos de 436. depois do Concilio de Epheſo congregado contra Neſtor. 37

31 *Lyra ſup. Magnificat. Caniſ. de B.V. l.1.c.20. Brugenſ. 2 p ſcrutin diſt.11.c.61. Maiute na Prosap. de Chriſt. idade 5.c.4 § 9. P. Fr Joſeph ſup. l.3.c.27.n.7. Ferreolus de Auguſta Maria l.1.c.14.*

32 *D. Hieron. Eccleſiaſt.2.*

33 *Eccleſiaſt* 36.23. Eſt filia melior filia; *aliàs*, melior filio, & filia, *Apud Maiute ſup.c.3.§.12.*

34 *Plin. l.7.c.42.*

35 *Luc.1.n.28.& 48.*

36 *Damaſcen. orat.2.de Nativ. Virg.*

37 *P. Balinben. ſupr. d.n.3.*

CAPITULO XVII.

Como foy poſto á Senhora o nome ſoberano de MARIA.

1 AOs oytenta dias depois do parto, 1 quando em lugar da circunciſaõ dos filhos, ſe offereciaõ as filhas de Deos com a oblaçaõ da Ley; 2 hindo conforme a ella, Santa Anna a purificarſe no Templo, ſe poz à *Senhora* o nome de *Maria*, como o Anjo lhe chamou antes de concebida. 3

2 A Sibylla *Cimia* tinha dito que eſte ſeria o ſeu nome; 4 da *Erithrea* ſe refere o meſmo, 5 & os Rabbinos mais doutos entre os Hebreos ſabiaõ já que aſſim ſe chamaria a Mãy do Meſſias, como prova Pedro Galatino, & outros Authores. 6

1 *Melchior de Caſtro na vida de noſſa Senhora, l.1 c.2. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. na meſma, l.4.c.37.n 2.*

2 *Levit.c.12.*

3 *Supra c.14.n 4.*

4 *Supra c 9.n.19.*

5 *Oracul Sibyllin.l.8.* Et brevis egreſſus Mariæ de Virginis alvo.

6 *Galatin l.7.de arcan.c.12. & 13. Carthagena de arcan. Deip.p 1.l.2. tom.6.veſſ. deinde.*

3 Nos nomes coſtumou Deos definir os grandes Santos. No de *Seth* o moſtrou, ſubſtituto do virtuoſo Abel; 7 com o de *Abraham* o nomeou pay de muytas gentes; 8 no de *Sara* a ſignificou accreſcentada em geraçaõ; 9 no de *Iſaac* lhe chamou, naſcido entre riſo; 10 o de *Jacob*, diſſe a luta, que no ventre da máy teve com o irmão, 11 o de *Benjamim* o ſignificou filho 12 de dores; o de *Samuel*, pedindo com deſejos a Deos; 13 o de S. Pedro, que era pedra fundamental da Igreja; 14 & o de *JESUS* o declarou Salvador; 15 porque diſſe o Doutor Angelico, 16 os nomes devem convir ás propriedades das couſas, & o meſmo dizem os textos civis. 17

4 O de *MARIA* era o mais conveniente á *Virgem*, ſe algum da terra lhe podia convir; porque entre nôs tem derivaçaõ de *Mar*, que ella he de todas as graças; 18 na lingua Syriaca ſignifica, *Senhora*, que ella he da terra, & do Ceo; na Hebrea, *Eſtrella do mar*, ou *do Norte*, que nos he no golfo, em que navegamos; he o meſmo que *Luminar*, *Illuminada*, & *Illuminadora*; o meſmo, que *Deos de minha geraçaõ*; o meſmo, que *Imitadora de Deos*; o meſmo que *Sublime*, deduzindo-ſe de hum verbo, que quer dizer, *Levantar*, & *Exaltar*, o que eſta *Senhora* obrou ſoberanamente na natureza humana; deſtas ſignificaçoens trataõ mais largamente os Doutores. 19 O erudito Padre Bento Fernandes 20 diz, que neſte nome ſe contèm o ineffavel de *Jehovah*, (cuja excellencia diſſemos na primeyra parte) 21 & o *Verbum caro factum eſt*. Finalmente ſó em cada huma de ſuas letras ſe incluem muytos myſterios, como prova o doutiſſimo Carthagena; 22 & notou Saõ Bernardino de Sena, 23 que o nome de MARIA tem muytas interpretaçoens, aſſim como com muytos nomeamos a Deos para o annunciar incomprehenſivel.

5 A ſuavidade deſte nome paſſa do ouvido ao coraçaõ: o doce, & ſonoro delle regala o eſpirito: he voz harmoniaca para as Almas. Diſſe bem devotamente Ricardo de Saõ Lourenço, 24 que na Aſſumpçaõ da *Senhora*, conhecendo bem os Anjos quem ella era, perguntavaõ repetidamente, como que a naõ conheciaõ, quem era a que ſubia taõ fermoſa; 25 ſó porque deſejavaõ que alguem lhes reſpondeſſe, que era MARIA, para gozarem a doçura de ouvir eſte nome. A elle ſe ajoelha o Ceo, a terra, & o inferno, como ao de *JESUS*, 26 pois quaſi ſempre ſegue ao de *JESUS*; nomeaõ-ſe taõ juntos JESUS MARIA, que goza daquelle direyto por privilegio.

6 Os milagroſos effeytos, que em muytas occaſioens reſultáraõ de ſua invocaçaõ, naõ ſe pòdem referir por innumeraveis. A meſma *Senhora* em hum dulciſſimo colloquio, que teve com ſua mimoſa Santa Brigida, 27 lhe diſſe, que ſeu ſoberano Filho tinha honrado tanto o ſagrado nome de MARIA, que os Anjos quando o ouvem ſe gozaõ, & louvaõ a Deos: as Almas no Purgatorio ſe alegraõ, como hum enfermo quando recebe

7 *Geneſ.4.25.*
8 *Geneſ.17.5.*
9 *Petr.Coryſol ſerm.154.*
10 *Geneſ 21.6.*
11 *S.Petr.Chryſol.ſup.*
12 *Geneſ.35.18.*

13 *Joſeph de antiq.l.5.c.11 poſt princ.*
14 *Matth.16.18.*
15 *Matth.1.21.*
16 *D.Thom 3.p.q 37. art.2.*
Vide ſupra p.1. in introduct n.4.
17 *§.Iſt.& aliud in fit.de donat. ſed primus cum gloſ. verbo conſequẽtia.*
18 *D.Damaſcen.de Nativ.Virg. or.1.*

19 *Referunt ex aliis P.Fr.Joan. à Sylveyra in Euang tom.1.l.1.c.5. q.19.*
Melchior de Caſtro ſup l.2 c.2.pag. mihi 143.
Matute na Proſap.de Chriſto, idade 5.7.3 § 1,
Polyanthea, verb. Virg. Mar. in princ.
20 *Fernand.in 2.Peneſ.ſect 15. n.4.*
21 *P.1.c.31.*
22 *Carthagena ſupr.d.hom.6.ex verſ.Devus Antoninus.*
23 *D Bernardin.Senenſ.ſerm.1. de nom Virg*
24 *Richard de S.Laurent.l.1 de laud Virg* Forſitan quia dulce Mariæ nomen ſibi deſiderant reſponderi.
25 *Cantic.3.6* Quæ eſt iſta, quæ aſcendit? &c.
Et c.6.9. Quæ eſt iſta, quæ progreditur? &c. *&c.8.5.* Quæ eſt iſta? &c.
26 *D.Paul.ad Philip.2.10.*

27 *Revelaç.de S. Brigida l.1 c. 9.ad fin.*

recebe consolaçaõ: aos justos neste Mundo se chegaõ mais contentes seus Anjos da guarda: os tibios no amor de Deos se afervoraõ; os peccadores, se com boa tençaõ o invocaõ, saem do peccado: os demonios o veneraõ, & temem, & ouvindo-o soltaõ a alma, como o gaviaõ, fugindo ao ruido, solta das unhas a preza; mas assim como, se ao ruido senaõ segue algum effeyto, torna o gaviaõ a ella: assim se a alma se naõ emenda, acolhe outra vez o inimigo infernal. Bemdito para sempre seja o nome de MARIA. 28

28 Veja-se hum elegante problema que dos nomes de *JESUS MARIA* fez o Padre Mendonça *in viridar. l. 2. problem. 2.*

CAPITULO XVIII.

Educação da Senhora em sua primeyra infancia.

1 QUe devotamente considerou Saõ Joaõ Damasceno 1 a educaçaõ da Sagrada Menina aos peytos de sua Santa Mãy, quando exclamou: *Oh Filha Santissima que abraçada aos peytos de tua Mãy, estavas rodeada de Anjos! Oh Santa Menina! honra dos Pays, fermosura da natureza, ornamento das mulheres, mar de graças, Restauradora dos erros de Eva! ditoso o ventre onde te formastes, os peytos que te deraõ leyte, & a boca, que na tenra idade com osculo amoroso gozou a doçura de tua boca.*

1 *D. Damasc. o at. 1. de Nativ. Virg.*

2 O devoto Bernardino de Bustis 2 entende, que esta rica Nenina: *Nem chorava, nem dava molestia alguma na creaçaõ, antes sempre alegre causava alegria nos que a tratavaõ*; nem podia deyxar de ser assim, Filha da mansidaõ de Joaquim, regalada aos peytos de Anna, brincando com Anjos assistida de Deos. *Acodiaõ* (prosegue o devoto Escritor) *os vizinhos, & parentes a ver a bella Menina: alegravaõ-se com ella, & a tomavaõ nos braços amorosamente: achavão, que de seu lindo corpo sahia extraordinaria fragrancia, & de seu gracioso rosto rayos de fermosura, que a todos admiravaõ.* Com que gosto veriaõ isto seus Santos Pays! que graças dariaõ a Deos! convocariaõ todas as creaturas para ajudarem a louvar o *Senhor*.

2 *Bern de Bust. serm. de Nativ. Virg.*

3 Da fragrancia faz tambem mençaõ Dionysio Richelio; 3 Saõ Dionysio Areopagita 4 testemunha, que a experimentou, quando teve a gloria de ver a *Virgem*, & isto parece, que significou o Ecclesiastico dizendo, que sahia della cheyro suave como de cinnamomo, balsamo, & myrrha escolhida. 5 Podia ser natural procedido de seu temperamento perfeytissimo, excellente compreyçaõ, & igualdade maravilhosa nas quatro qualidades; como se disse do grande Alexandre, 6 & refere Joaõ de Barros, 7 que na India no Reyno de Guzarate houve algumas mulheres de huma linhagem chamada Pademinii, muyto perfeytas, & fermosas com a mesma qualidade, & que no tempo, em que escrevia, se achavaõ muytas no Reyno de Orixa. Mas alêm disto naõ ser comparavel, ajuntava-se na *Senhora*

3 *Richel de laud Virg. l 2. art. 36*
4 *D. Dionys. Areop Ep. ad D. Paulum de qua inf. a c. 64 n. 4.*
5 *Eccles. 24. 20.*

6 *Plutarch in vit. Alex. statim post princ. vide infra c 21. n. 18.*
7 *Barros decad 4. l. 3. c. 2.*

nhora a enchente de graça celeſtial, que da alma redundava no ſantiſſimo corpo, & coſtuma cauſar fragrancia, como ſe vio em muytos Santos 8 de ſantidade, & graça incomparavelmente inferior.

8 *De quibus Methaphraſt. apud Surium tom. 2. & 6.*

4 A celeſtial *Menina* já naquella primeyra infancia, pelas graças eſpeciaes de que em ſua Immaculada Conceyçaõ fora dotada no gráo mais ſublime, lograva as virtudes Theologaes, & Cardinaes: os dons do Eſpirito Santo: as graças gratis datas: os frutos eſperituaes: as Bemaventuranças Evangelicas: todo o bom, todo o perfeyto, em modo taõ alto, que atè os Anjos ſe avantajava; 9 & com perfeyçaõ de animo, poſto que em idade imperfeyta; como iſto ſe pudeſſe compadecer, declara com Santo Thomàs o veneravel Padre Frey Joſeph de Jeſus Maria. 10

9 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria na hiſt. de N. S. l. 2. c. 5. com os ſeguintes.*

10 *P. Joſeph ſup. l. 1. c. 40.*

5 Naõ ſabemos mais particularidades daquella educaçaõ glorioſa. Os Santos a contemplaõ como a prodigio celeſtial, eſpectaculo ſacratiſſimo, conſiderando, que alimentava Santa Anna a ſeus ditoſos peytos hum abyſmo de graça, theſouro de Santidade, mar incomprehenſivel de perfeyçoens, cujo conhecimento Deos reſervára para ſi. 11

11 *D. Bernardin. ſerm 50. Tanta fuit perfectio Mariæ, ut ſoli Deo cognoſcenda relevetur.*

CAPITULO XIX.

Como a Senhora foy preſentada no Templo.

1 SEndo a Sagrada Menina de tres annos, dous mezes, & treze dias, em hum Sabbado, 1 vinte & hum de Novembro foy preſentada por ſeus Santos Pays a Deos no Templo de Jeruſalèm, aonde elles, acompanhados de parentes, foraõ a levalla, na ſolemne feſta da Dedicaçaõ do Templo, 2 na meſma occaſiaõ, em que lhes foy annunciada pelo Anjo. 3 Taõ diligentes cumpriaõ a promeſſa com que tinhaõ dedicado a Deos o fruto que lhes déſſe; 4 & taõ natural era á tenra Menina naõ viver ſenaõ em caſa de Deos, que apenas ſe deſmamou, quando por ella deyxou a dos Pays; & ficou em memoria, que hia com ſumma alegria. 5

1 *P Fr. Manoel do Sepulchro, na Reſeyç. eſpiritual, p. 2. c. ult. n. 18.*

2 *Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Preſent.*
Melchior de Caſtro hiſt. de N. S. l. 2. c. 3.
P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. na meſma hiſt. l. 1. c. 50. n. 7.
3 *Supra c. 14. n. 4.*
4 *Supra d. c. 14. n. 2.*
5 *Germ. de Preſent. Virg. apud Carthag. de arcan. Deip. p. 1. l. 3. homil. 4 poſt princ.*
6 *Joſeph de antiq. l. 8. c. 2. & l. 2. contra Apion.*
7 *D. Hieron. de ortu Virg.*
8 *Georg. Archiep. Nicomed. orat. de oblat. Deip. & German. ſup. apud P. Fr. Joſeph d. c. 30. n. 4.*
9 *Vide ſup. c. 12. n. 36. poſt med.*
10 *Zacarias era Sacerdote, como veremos abayxo c. 35. n. 1.*

2 Ao entrar do Templo, no primeyro degráo de quinze porque ſe ſubia do muro, que dividia a eſtancia das mulheres, atè a porta principal, 6 paráraõ ſeus Pays para lhe mudarem o veſtidinho com que caminhára, em outro mais galante, que traziaõ para aquellas vodas; & deſcuydando-ſe pouco, ſubio ella per ſi os quinze degráos taõ facilmente como lhe era natural ſubir a Deos; a força do eſpirito, com admiraçaõ de todos, venceo os impedimentos da idade. 7

3 Entendem graves Authores, 8 que Zacarias pay do grande Bautiſta, rogado, como parente, por ſer marido de Santa Iſabel prima coirmã da *Virgem*, 9 foy o Sacerdote, 10 que

que recebeo aquella oblaçaõ, a mais agradavel, que se tinha feyta a Deos; mais estimou o *Senhor* a dedicaçaõ deste vivo Templo, que a do material, que naquelles dias se celebrava, pôde ser, que em figura desta mais preciosa.

4 Acabada a ceremonia entrou a Menina para o claustro, que a modo de Convento estava pegado ao Templo, & tinha noventa cellas para recolher, crear, & doutrinar donzellas nobres, & servirem alli a Deos com perfeyçaõ atè casarem, para o que havia Mestras, & Matronas, que governavaõ, com rendas para o sustento: 11 introduçaõ do tempo de Moysés, 12 & continuada no dos Reys. 13

5 Alli a deyxáraõ seus Pays encomendada à Santa Profetiza Anna filha de Phanuel, 14 a qual o sagrado Evangelho 15 diz que naõ sahia do Templo; & tornàraõ para Nazareth. Resoluçaõ notavel! Pays velhos deyxarem taõ apartada de si huma filha unica, de tres annos, taõ desejada, & taõ amavel; & a Menina naõ esmorecer apartando-se delles; & ficando entre estranhos, bem se mostra, que attendiaõ só a Deos; & na amorosa despedida mal se pòde julgar qual dos tres alcançou a piedosa vitoria.

6 Pelos annos de *Christo* 1200. jà na Igreja Grega se celebrava a festa da Presentaçaõ a 21. de Novembro ordenada pelo Emperador Manoel Conneno. 16 Pelos de 1375. hum Abbade Benedictino do Mosteyro de Saõ Nicolao em Normandia a introduzio em Latim. 17 O Summo Pontifice Paulo II. que faleceo no anno 1471. a confirmou; 18 & ultimamente no anno de 1585. Sixto V. a mandou pòr no Breviario Romano para gèralmente ser celebrada. 19

11 *Joseph de antiq. l.12 c.2. & l.8 c.3.*
Catacens. hist. â primord. Eccles. l 1. paulo post princ. vers. dum in sinu. D. Ambros. l.2. de Virg.
12 *Exod* 38.8.
13 *1. Reg* 2.22. *& l.4.c.12.2.*
14 *P. Joseph d.l.c.50.n.7.*
15 *Luc.2.75.*
16 *Cum Baron. P. Joseph supra.*
17 *Arnol.l.4.p.849. P. Fr. Leaõ infra citandus.*
18 *Carthag de arcan Deip.p.1.l.3. hom.1.vers. Ad hæc.*
19 *P. Fr. Leaõ de S. Thomàs na Bened. Lusit. tract.1.p.5.c.10.§ 2.*

CAPITULO XX.

Exercicios da Senhora no Recolhimento do Templo, & como fez voto explicito de virgindade perpetua.

1 NO Recolhimento do Templo santo, com a delicadeza de seu engenho aprendeo a *Senhora* muyto brevemente as letras Hebreas, & com particular illustraçaõ de espirito se deu á liçaõ das Escrituras sagradas, começando já de entaõ a padecer na nossa causa, quando com entranhavel sentimento lia, o que padeceria o Messias mandado por Deos: Cozia, & lavrava em linho, lã, & seda; empregando principalmente suas mãos santissimas nas obras dos ornamentos sacerdotaes; aprendeo a cantar os Psalmos, & deu-se principalmente nos exercicios mais altos do espirito. 1

1 *D. Anselm de serm. & moriб. B.M. ad fin. ejus operum. Melchior de Castro na vida, & excel. da Virg. l 2. c. 3. com S Ambros. S. Agost. Orig. & outros AA. Vilbegas, Flos Sanct. festa da Presentaçaõ.*

2 Para tudo dizem Saõ Jeronymo, outros Eſcritores graves, 2 que repartia o tempo de modo, que da madrugada atè hora de Terça orava; da Terça atè Noa ſe occupava em obras de mãos; na Noa tornava á oraçaõ atè hum Anjo lhe trazer o comer, de que ſe ſuſtentava. Metaphraſtres 3 refere, que Zacarias pay do grande Bautiſta vio o Anjo trazerlho; a raçaõ do Recolhimento dava a pobres; o reſtante do dia empregava em liçaõ eſpiritual. Nas vigias era a primeyra, na obſervancia da Ley a mais ſinalada, na humildade a mais profunda, nos Pſalmos a mais continua, na caridade a mais fervoroſa, na pureza a mais eſtremada, em todas as virtudes a mais perfeyta. Conſtante nas boas obras: totalmente alhea de ira: ſuave nas palavras, exemplar na converſaçaõ, modeſta no riſo, ſolicita em que as companheyras foſſem amigas, & recatadas: louvava a Deos ſem intermiſſaõ; quando a ſ udavaõ, reſpondia: *Deo gratias*; & foy a primeyra, que introduzio eſta ſaudaçaõ. Accreſcenta Santo Anſelmo, 4 que fallava pouco, & com tudo ſe admiravaõ todos de ſua eloquencia. Finalmente (como diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo 5) excedeo em ſua vida milagroſa todo o cabedal da natureza humana.

3 Era taõ notoria a eminencia de ſua virtude, que os Miniſtros do Templo a apoſentàraõ dentro do *Sancta Sanctorum*, como eſcrevem graves Authores, entre os quaes he Evodio 6 contemporaneo dos Apoſtolos, & ſucceſſor immediato de Saõ Pedro no Biſpado de Antioquia; ſendo aquelle lugar taõ ſagrado, que ſó os Sacerdotes podiaõ entrar nelle. 7

4 Alli fez a *Senhora* voto explicito de virgindade perpetua, 8 a qual jà com o deſejo tinha conſagrado a Deos tanto que teve uſo de razaõ; 9 (que ſeu grande Chroniſta Frey Joſeph de Jeſus Maria prova que o teve logo que ſua alma ſantiſſima ſe infundio no corpo.) 10 Entaõ condicionalmente, *Se aprouveſſe ao Senhor*, (como a meſma *Virgem* revelou a Santa Brigida 11) porque tudo ſobmetia à ſua vontade; agora abſolutamente, por revelaçaõ que teve do Eſpirito Santo. 12

5 Foy a primeyra que fez eſte voto, & o obſervou, naõ ſó na Ley da Graça, mas do principio do Mundo, como prègava o Apoſtolo Saõ Bartholomeo. 13 Porque as Veſtaes ſe obrigavaõ ſó atè trinta annos; 14 Maria irmã de Moyſés, a que alguns chamaõ Virgem, foy caſada com Hur, & mãy de Beſeleel, como affirmaõ Eſcritores doutos; 15 a filha de Jepte ſe foy conſagrada Virgem pelo pay, & naõ morta como alguns 16 interpretaõ o que della ſe diz no livro dos Juizes, 17 o foy involuntaria, como ella meſma chorava; o deſejo da Santa Emerenciana avò da *Senhora* naõ teve effeyto, como diſſemos; 18 finalmente ſe na Ley antiga houve por algum modo eſte voto, ſempre foy por divina revelaçaõ reſpectivo a *Chriſto* Senhor noſſo, & à *Virgem Mãy* ſua, como a cauſa principal, & exemplar, o que declara o doutiſſimo Padre Frey Joaõ da Sylveyra

2 *D. Hier. apud D. Bonavent. l. de vit. Chriſt. c. 3.*
Villegas no Flos Sanct. ſ. ſto da Preſentaçaõ.
P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria na vida de N. Senhora l. 2. c. 1. & 2. 38. n. 3.
Melchior de Caſtro ſup.
3 *Metaphraſt. de Preſent. Virg.*
Cedren. in compend. hiſt.

4 *Anſelm. ſupra.*

5 *D. Chryſoſt. apud Caniſ. l. de B. Virg. c. 13.*

6 *Evodius apud Caniſ. ſup. d. l. 1. c. 12*
German. Archiep. Conſtantin. de Preſent. Virg.
Niceph. l. 1. c. 7.
7 *D. Hieron in Catal. ſcrip. Eccleſiaſt. in Apoſtol. Jacob Minor. cognom. Juſt. Euſeb. l. 2. c. 22.*
8 *Carthagena de arcan. Deip p. 1. l. 3. hom. 5.*
Vitregas ſupra.
Melchior de Caſtro d. c. 3.
P. Fr. Joſeph d. l. 1. c. 17. n. 3.
9 *P. Fr. Joſeph d. c. 17. n. 2.*
10 *Idem l. 1. exc. 12. cum ſeqq.*
11 *Reveloç. de S. Brigida l. 1. c. 10.*
Pollet me ſervare in virginitate, ſi ei placeret; ſin autem, fieret voluntas ejus.
12 *Arnold. tract. de laud. Virg. in tom. 1 Bibliot. Patr.*
13 *S. Apoſt. Bartholom. ad Polymium Reg. apud Abdiam l. 8. hiſt. Apoſtol.*
14 *Diſſemos c. 2. n. 7.*
15 *Joſeph de antiq. l. 3. c. 2.*
Abulenſ. in fin. comment. c. 35. Exod.
16 *Vatablus, & alii relati à P. Fr. Joſeph d. c. 17. n. 1.*
P. Franciſc. de Mendoça in vind. l. 2. problem. 6. ; auto poſt princip.
17 *Judic. 11.*
18 *Supra c. 12. n. 39.*

ra, digno filho dos Padres do Carmelo, & luſtre de Portugal com ſeus excellentes eſcritos. 19 Para *Maria* Santiſſima eſtava reſervada eſta gloria, em que naõ teve a quem imitar; porque em todas foſſe a primeyra.

6 Foy a *Virgem* taõ ſoberanamente pura, que em todos os que a viaõ infundia eſpirito de pureza. 20 Se ha pedras preciоſas, que tocando o corpo ajudaõ a caſtidade, claro eſtá, que a mayor virtude da *Virgem* havia de produzir mayor effeyto, he proprio de quem poſſue o bem com eminencia, communicallo como Deos o ſer, o Sol a luz, o fogo o calor, a fonte a agua.

7 Eſtimou a virgindade ſobre todas as couſas. Parece que duvidava ſer Máy de Deos, havendo de perdella; 21 vendoſe acclamada pelo Anjo, *Chea de graça*, ſe perturbou, porque lhe diſſe, que era *Bendita entre as mulheres*, & naõ *entre as Virgens*. 22

8 Muytos titulos lhe deraõ o nome de VIRGEM por antonomaſia. Ser a primeyra com voto perpetuo: como nomeando-ſe ſimplezmente o *Homem*, ſe entende Adam, 23 que foy o primeyro homem; ſer a mais pura, como nomeando-ſe o *Filoſofo*, ſe entende Ariſtoteles, & o *Poeta*, ſe entende Homero entre os Gregos, Virgilio entre os Latinos, por ſerem os mais excellentes, ſer a que mais ſe prezou deſta virtude, em cujo nome a liſonjeamos, como a Deos no de miſericordioſo, de que parece, que mais ſe preza, ſendo em todos ſeus attributos igual. E ſer Rainha das Virgens; como ao Rey de qualquer naçaõ coſtumamos nomear ſó com o nome della, o *Francez*, o *Caſtelhano*, & ſe entende que fallamos do Rey. Nem ſó he chamada VIRGEM por antonomaſia, mas VIRGEM das VIRGENS, como pelo termo, ou nome de *Quinta Eſſencia*, queremos ſignificar a ſumma perfeyçaõ, & mayor quilate das couſas.

19 *P. Fr. Joan. da Sylveyra in Euang. tom. 1. l. 2. c. 9. q. 10. n. 36. Idem tenent poſt multos quos refert Caniſ. de Deip. l. 1. c. 14. Henric. l. 2. de matrimon. c. 5. P. Suar. tom. 2. diſp. 7. ſect. 3. Vaſq. in 3. p. tom. 2. q. 24. diſt. 121. c. 5. Barradas tom. 1. l. 7. c. 10. Adde Rupert. in Cant. l. 3. juxta fin. S. Ildephonſ. ſerm. 3. de Aſſumpt. Bedam in Luc. 1. Eleganter P. Mendoça d. problem. 6.*

20 *D. Ambroſ. de inſtit. Virg. c. 7. ad med. apud Richet. de laud. Virg. t. 2. art 2. Alex. de Ales p. 3. q. 9. D. Thom. 3. ſent. diſt. 3. q. 1. art 2. ad 4. Veja ſe abayxo c. 21. n. 9.*

21 *Luc. 1. 34.* Quomodo fiet iſtud, quoniam virum non cognoſco?

22 *D. Bernard. de verb. Apoſtol.* Turbata eſt, cò quòd benedictam ſe audiſſet in mulieribus, quæ nimirum benedici in Virginibus tempeſt optabat.

Explicat P. Anton. Guilielm. Sacerdos Oratorii, l. le grandezze da Santiſſima Trinità, diſc. 7. verſ. la ſeconda.

23 *Pſalm. 48 v. ultim.* Homo cùm in honore eſſet, non intellexit;

CAPITULO XXI.

Da fermoſura corporal da Virgem.

1 NAõ ſe guarda hũa joya rica ſenaõ em cayxa muyto viſtoſa. O exterior da Santiſſima *Virgem* moſtrava bem a Alma que encerrava. 1 O roſto he imagem do animo, 2 voz muda do eſpirito, 3 teſtemunha de ſuas qualidades, 4 retrato de ſeus vicios, ou virtudes, 5 por regras de Filoſofia natural. 6 Por iſſo Homero, fonte da ſabedoria Grega, na Iliada a todos os que louvou de virtuoſos gabou na gentileza, & pintou feyo o vicioſo Terſites; 7 & na Odiſſea 8 introduz a Rainha Arate gabando a Ulyſſes de que ſua preſença

1 *D. Antonin. de Florent. p. 1. l. 1. c. 2.*

2 *Cicer. 3 de Orat.* Vultus imago animi.

Gloſſa in L. Is qui 12. §. Dum Pius, verbo, ex ſermonibus. ff. de tutor. & curat. dat ab his.

3 *Eccleſiaſt. 19. 26.* Ex viſu cognoſcitur vir.

Cicer. in Piſon. Vultus ſermo quidam tacitus mentis eſt.

4 *Cicer. l. de leg.* Indicat mores.

5 *Caſſan. in Catal. glor. mund. p. 11. conſider. 30.* Quò quiſque pulchior eſt, eò magis virtus in illo refulgeat neceſſe eſt.

6 *Ariſtotel & ceteri Scriptor. de phyſiognom. Galen. l. de temperam. c. 6. & l. 1 ac 2. de uſu part. Rhaſis ad Almanſor. l. 1. c. 33. & 53. cum ſeqq.*

7 *Homer. Iliad. l. 2 ante med.*

8 *Idem in Odyſſ. l. 11.*

fença correſpondeſſe a ſua alma; & em outro lugar 9 a Hector vituperando a Paris de que em alma, & corpo foſſe tão deſconforme. E o engenhoſo Marcial dizia a Zoilo muyto feyo, que faria huma grande proeza em ſer bom. 10

2 Naõ ſe nega, que talves ſuccedeo o contrario por graça de Deos, & porque o alvedrio póde ſobre tudo, fallamos ſegundo a inclinaçaõ natural, & tem eſta regra exceyçoens. Mas diſſe bem hum douto, 11 que como Deos poz hum ſinal em Caim, para que ninguem lhe fizeſſe mal; 12 na fermoſura poz hum ſinal para que todos lhe façaõ bem. A hũ pertendente que levou á Rainha Catholica Dona Iſabel hũa carta de recomendaçaõ, reſpondeo ella: *Pouca neceſſidade tinha de recomendaçaõ voſſa preſença.* 13 Dote de Deos chamou Santo Agoſtinho á belleza; 14 por iſſo Jacob ſervio tantos annos por Raquel; & dizem os Juriſtas, 16 que a mulher nobre, rica, & fea, que caſa com homem pobre; mas de boa preſença, ſe reputa bem caſada; & a fermoſa, ainda que pobre, ſe emprega mál em nobre, & rico, ſendo feyo. Os Eſcritores de todas as profiſſoens trazem para o meſmo muytas couſas. 17

3 Grande recomendaçaõ trazia comſigo a *Virgem* para quem a naõ conheceſſe; 18 & a quem a conhecia ficava a virtude mais agradavel na belleza peſſoal, 19 que era muyto extraordinaria: 20 Santo Alberto Magno, 21 diſſe, que ſoy muyto ſemelhante á dos corpos glorificados, & hum meyo qualificadiſſimo entre os glorioſos, & mortaes. Santo Ignacio Martyr, que teve a felicidade de a ver, diſſe 22 que nella ſe unira a ſantidade, & fermoſura Angelica com a humana, & Saõ Dionyſio Areopagita, que logrou a meſma ventura, confeſſou 23 que ſe o naõ reprimira a Fè, a tivera por Deos.

4 Aſſim o perſuade a razaõ de Ariſtoteles, 24 que enſina, que a obra perfeyta procede de quatro couſas: material, efficiente, formal, & final. Na *Virgem* foy material a nobreza do ſangue, de que por razoens naturaes, procede ordinariamente diſpoſiçaõ gentil; 25 a efficiente foy a mão Divina por modo eſpecialiſſimo em ſua *Conceyçaõ*; 26 a formal, ſua alma glorioſa, que devia veſtirſe de corpo que a mereceſſe; a final, haver de naſcer della o Filho de Deos com ſemelhança de Filho, como em effeyto ſe pareceo *Chriſto* com ella. 27

5 Mais em particular pelo que de viſta teſtemunháraõ S. Dionyſio, & Santo Ignacio, & deyxáraõ eſcrito Authores Hebreos, & Gregos daquelles tempos, fez deſcripçaõ exacta da fórma Divina, & feyçõeſ da *Virgem* Epifanio 28 Presbytero de Conſtantinopla, muyto verſado nas hiſtorias, & letras Gregas, & Hebraicas, a quem ſeguio o antigo Niceforo, & com elles concorda Cedreno, & todos os mais modernos; pouco diſcrepa da que fez S. Joaõ Damaſceno; & he muyto ſemelhante á que fez *Chriſto* a Santa Brigida; 29 & ao retrato que obrou o Evangeliſta Saõ Lucas; cujo original diz Caniſio 30 que eſtava

9 *Idem Iliod l.3.in prine.*
10 *Martial.l.12.*
Crine tuber, niger ore, brevis pede, lumine læſus
Rem magnam præſtas, Zoile ſi bonus eſt.
11 *P.Fr. Chriſtovaõ da Fonſeca tract. do amor de D.os p 1 c.47.*
12 *Geneſ 4 15.*
13 *P Fonſeca d c.47.*
14 *D.Aug. de Civ. Dei lib.15. c.22.in princ.*
15 *Geneſ.29.*
16 *Apud Caſſan.in Catal. glor. mund.p 5 conſider. 18.in fin.*
17 *Cetius,teſt antiquar 13.c.7. Tiraquet in Connub 2 gl.1.p.2. per tot.*
Carthagena de arcan. Deip. p.1.d.2. hom.5.
Diſſemos nas Excellene.de Portug. c. 6.&no tract.pe-fect.Doctor qualit.5
18 *Ariſt.apud Stob. ſerm.163. de pulchrit.*
Pulchritudine hominet, quavis epiſtola magis commendari.
19 *Virg Æneid l.5.*
Gratior eſt pulchro veniens in corpore virtus.
20 *Multa de hoc Carthagen.d. hom.5.ex verſ. jam quæ.*
21 *S Albert. Mag.ſup.Miſſus eſt c.de pulchrit. corp.B.M. & c.148.*
22 *S.Ignat Martyr Epiſt.1.ad Joan.idem Richard.Victorin.in Cantic.27.*
23 *S.Dionyſ.Areop.Epiſt. ad Paul.de qua infra c.64.n.4.*
24 *Ariſtot.2.phyſic.c.2. text 70.*
25 *Probat P.Joſeph.ſup.l.1.c.41. n.3.*
26 *Ut ſupra c 4.& 15.*
27 *Nicephor hiſt.Eccleſ.l.1.c.40. Carthagen d.homil.5.verſ.hæc quam aptè.*
P.Joſeph d.l.1.c.43.n.1.
Matutina Proſap.de Chriſt.ided. 5. c.4.§.1.
Melchior de Caſtro,hiſt.de N.S.l. 1.c.12.
Vi hegas no Flos Sanct.feſta da Preſentaçaõ.
D.Ambroſ.l 3.de Virg.
28 *Epiphan.apud Nicepb.ſup.l. 2,c.23.*
Ced in compend.hiſt.
Epiſcopus Gatarza, inſt. Evangel.l. 8.c.2.
Caſtro ſup.d.c.22.
Fr.Joſeph ſup.d.l.1.c.43.
D. Anſelm.de forma,& moribus Virg.
29 *Revelat.de S.Birgit l.5.c 4.*
Caniſ de laud.Virg.l.1.c 13 Simeon Metaphraſt in vita S.Luce in col.c. Elan.hiſt.Eccleſiaſt.1. Gatarz ſup d. l.8.c.5.in vit ejuſd. Horat. Scoglius Catacenſ.hiſt.à primord.Eccleſ.l.1. à n.14.verſ.Mariæ.
30 *Caniſ.d.l.1.c.15.*

eſtava em Veneza em maõ do famoſo Pintor Ticiano, quando elle eſcrevia. Diz eſta deſcripçaõ, ou relaçaõ: *Que era a Senhora de eſtatura pouco mais, que meã; tinha o roſto com alguma inclinaçaõ a comprido; louro o cabello: os olhos verdes garços, grandes; & alegres: as ſobrancelhas arqueadas, pretas decentemente; o nariz comprido até boa proporçaõ: a bocca pequena: os beyços vermelhos,* 31 *& floridos: os dentes miudos,* 32 *& alvos: o ſemblante ſingelo ſem fingimento: a cor trigueyra*: o que o vulgo entre nòs entende mal, aſſemelhando-a ao noſſo trigo, ſendo que aquelles Authores, como advertio o doutiſſimo Carthagena, 33 fallavaõ do ſeu bom trigo da Paleſtina, que era branco, & còrado. Bem o entendeo Alberto Magno quando eſcreveo: que o roſto da *Virgem* era *Branco, & Rubicundo*; 34 & o Biſpo Garcia Galarza nas inſtituiçoens Evangelicas, dizendo que ſua cor era como de *Trigo alvo*; 35 devia ſer alta, pois tinha o cabello louro. Pela meſma fraſe eſcrevem os Authores, que *Chriſto* Senhor noſſo era *De cor trigueyra, de Trigo que madura*; 36 & com tudo a *Senhora* na relaçaõ que do *Senhor* fez á ſua mimoſa Santa Brigida, diſſe que tinha *Cor branca, & còrada*: 37 naõ havia outra cõparaçaõ decoroſa; outras couſas, ou tem cor, ou brancura demaſiada. Proſegue o retrato da Virgem: *Que tinha ella as mãos compridas: todos os membros bem proporcionados: & toda era hum compoſto muyto agradavel, gracioſo, & honeſtiſſimo; que era grave, & juntamente affavel: fallava pouco, & ſuave: com os homens encolhida, mas ſem perturbaçaõ: inimiga de todo o fauſto: veſtia ſempre da cor de lã nativa ſem tinta: & que em tudo reſplandecia nella a divina graça.* Uſava manto para cobrir hum pouco o roſto ſantiſſimo. 38

6 Accreſcentaõ alguns Authores, 39 que ſahia de ſeu roſto hum reſplandor admiravel, que Deos moderava aos olhos dos que communmente a viaõ, por naõ manifeſtar de todo ſuas excellencias; & que manifeſtando-ſe muytas vezes a S. Joſeph, a naõ conhecia. 40 Sobrenaturalmente ſuccedia o meſmo a Moyſés, 41 & a outros Santos em occaſioens paticulares 42 mas na *Virgem* ſe pôde tentar ſer effeyto natural da belleza, cõ mayor fundamento que o dos que diſſeraõ, que a caſta Phantea mulher de Abradates nobre Perſa, a mais fermoſa da Aſia, tinha o roſto illuſtrado de hum reſplandor taõ claro, que nelle, como em eſpelho, ſe via hum exercito. 43

7 Ajudava a eſta belleza, & gracioſa cor, a excellente compreyçaõ da *Virgem*, cujo temperamento nunca padeceo enfermidade; ſempre foy taõ livre de doenças, como de toda a outra leſaõ natural. 44

8 Exhalava aquelle corpo ſantiſſimo a fragrancia, que jà diſſemos; 45 & tinha tantas mais perfeyçoens, que por muyto ſuperiores a todo o eſtylo, he impoſſivel delinear hum confuſo deſenho dellas; poſto que a Rhetorica eſtudioſamente miſture cores, & diſponha pinceis delicados.

31 *Cantic.* 4.3. Sicut vitta coccinea labia tua.

32 *Pſalm.* 44.3. Diffuſa eſt gratia in labiis tuis.

33 *Carthagen. d. verſ hæc quàm apiè.*

34 *Albert Magn. de laud Virg.*

35 *Galarz. d. c. 2. in princ.* Color triticeus albecens.

36 *Nicephor l. 1. c. 40.* Tritici referens colorem.
Galarza d. t. 8. c. 1. in fin. Coloris tritici maturescentis.

37 *Reveleg de S. Brigida l. 4. c. 70. ad fin.*

38 *Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Preſentaçaõ.*

39 *P. Joſeph ſup. l. 1. c. 47.*

40 *Refert ex aliis D. Thom. 3. p. q. 28. ar. 1. 3. ad 3.*

41 *Exod.* 34.

42 *Richard. de laud. Virg. l. 2. ar. 1. 36.*

43 *Rhodigin. tom. 3. l. 13. c. 23.*

44 *Galatin l. 7 c. 16.*
Cum aliis P. Joſeph d. c. 47. in fin.
Sandeus in Aviar. Marian. orat. 7. Maria annuntiata, Parvo.

45 *Sup. c. 18. n. 2. & 3.*

9 De alegrar os olhos corporaes, paſſava aquella belleza a regalar o eſpirito. Em quem a via compunha os affectos do animo: deſpertava dor dos peccados: apagava os deſejos da terra, & os levantava ao Ceo: 46 purgava a memoria para receber as palavras de Deos, & a fortificava para as conſervar com goſto: dava fogo ás que ſahiaõ da ſua boca para accender nos ouvintes caridade: aliviava o coraçaõ: compungia do mal, communicava fervor para o bem: 47 & infundia pureza: 48 o peccado nos deyxou fermoſuras baſiliſcos, que cõ a viſta matão; a de *Maria* reſuſcitava. Saõ Boaventura 49 diz, que os Judeos confeſſáraõ, que com ſer a *Virgem* fermoſiſſima, jà mais cauſára màо penſamento. Procediaõ eſtes effeytos da honeſtidade de ſua converſaçaõ, do cuydado com que encobria ſua fermoſura, da redundancia da graça de que eſtava chea; de jà participar dons de corpo glorioſo: & de haver ſido preſervada do peccado original, do qual naſceo o effeyto de toda a deſordem, & a concupiſcencia activa, & paſſiva, como tudo largamente moſtra hum elegante Eſcritor. 50

46 *Richel d.i.2.art 2.*

47 *Revelaç.de S.Brigid.i.4 c.10.*
48 *Diſtemos no c 20.n.6. Gerſon in ſermonibus.de Concept. & de Nativ Virg.*
49 *S Boavent. in 3 diſt.3.p.1. art.2.q.3.in reſol.*

50 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria d.l.1.c.46.ex n.2.*

10 A hum devoto Clerigo, que deſejava ver a fermoſura que a *Virgem* tivera na terra, diſſe hum Anjo, que ſe lhe concederia, com tanto, que os olhos com que a viſſe nada veriaõ mais. Acceytou a condiçaõ, & chegando a hora, cerrou hum olho, dedicando o outro áquella belleza: mas em a vendo, o abrio, dando ambos por bem empregados em tal viſta; porèm a *Senhora* deſapparecco, ficando elle cego do olho, que mereceo vella. Renovou as oraçoens para ſe lhe renovar a doce occaſiaõ de perder o outro olho; concedendoſe-lhe taõ piedoſamente, que logrando-a ficou em ambos os olhos com viſta. 51 Por taõ glorioſo eſpectaculo, bem trocava aquelle diſcreto todos os do Mundo.

51 *Sylvan Razzius ex l.3. miracul. Carthagena de arcan.Deip. p.1. l.2. hom 5 d.vers.hec quam apiè. Pacer Sandæus d.oral.7. ante med.*

CAPITULO XXII.

Santa morte de Joaquim, & Anna pays da Virgem. Deſposorios myſterioſos da Senhora com S. Joſeph, cujas excellencias ſe tocaõ brevemente.

1 ESTando a *Virgem* no Templo em idade de onze annos, paſſáraõ deſta á melhor vida em ſua caſa de Nazareth ſeus Santos Pays, Joaquim, & Anna, ſegundo a opiniaõ mais recebida; 1 poſto que outro diga, 2 que Santa Anna chegou a ver a *Jeſu Chriſto* naſcido de hũ anno. Viveo Joaquim oytenta annos, Anna mais de ſetenta, & faleceo a 26 de Julho. 3 Filha que tinha a Deos eſcuſava outros pays; diſto levariaõ elles grande conſolaçaõ, & a *Virgem* abraçou a diſpoſiçaõ do *Senhor*, ſem faltar ás ſaudades de filha.

1 *Epiphan. Presbyt. Conſtantin. in vita B.M. Ced en.in compend hiſt. Melchior de Caſtro hiſt.de N.S.l.1. c.3. Matute Proſap de Chriſt. idade 5.c. 3.§.4. Fr.Joſeph de Jeſu Maria hiſt.de N. S.l 1.c.51.n.1.*
2 *Alonſo Villegas, no Flos Sanct. vida de S. Anna.*
3 *Cedren.& P. Fr. Joſeph ſup.*

2 Paſſa-

2 Paſſados mais tres annos, diſpoz Deos os deſpoſorios da *Virgem*; quiz que a Máy de que havia de naſcer foſſe caſada, por conveniencia de ambos para com o Mundo. 4 Entre outras razoens, 5 porque foſſem guardados, & ſervidos pelo Eſpoſo, 6 eſcolheo *Chriſto* parecer filho de homem, antes que arriſcar o credio de ſua Máy. 7 E naõ queria deſcobrirſe Filho de Deos, atè chegar o tempo de ſua prègaçaõ.

3 Havendo, pois, onze annos que a *Senhora* eſtava no Templo, ſendo entrada nos quinze, conforme a opiniaõ commua, & melhor, 9 idade em que pelos eſtatutos, havia de ſahir delle caſada com acordo dos Sacerdotes; 10 ſuccedeo que na occaſiaõ da feſta dos *Encenios*, & dedicaçaõ do Templo 11 (jà para iſto myſterioſa, pois nella fora annunciada a ſeus pays, & nella fora apreſentada no meſmo Templo) 12 ſe ajuntáraõ parentes ſeus em aquella ſolemnidade, & os Sacerdotes tratàraõ com elles de a deſpoſarem. Repreſentoulhes a *Virgem* que o eſtatuto a naõ comprehendia, porque ſeus pays a haviaõ dedicado a Deos ſem limitaçaõ de tempo: 13 & ella promettèra ao *Senhor* virgindade perpetua. 14 Achou-ſe o Summo Sacerdote embaraçado; 15 por huma parte com a obrigaçaõ do voto, por outra com a novidade delle; naõ ſe atrevia a encontrar a vontade de huma Virgem taõ Santa: & reparava em deyxar ſem guarda belleza taõ peregrina: tinha por ſacrilegio entregar a hum homem aquelle relicario conſagrado a Deos: & receava quebrar o coſtume antigo fundado na Ley. 16 Occorrialhe caſalla com Sacerdote, com o qual continuaſſe no culto Divino; 17 & hum chamado Abithar fazia grandes diligencias para hum filho ſeu. 18 Mas tambem ſeria contra a Ley 19 caſar em outra familia filha unica de ſeus pays.

4 Neſta perplexidade ordenou o Summo Sacerdote oraçoens a Deos, para que inſpiraſſe o que ſe devia fazer; & a *Virgem* naõ ceſſava com as ſuas, para que o *Senhor* lhe conſervaſſe o eſtado virginal. Teve aviſo do Ceo, que ſeu propoſito eſtava a cargo de Deos, & que fizeſſe o que os Saqerdotes ordenaſſem; 20 & do Propiciatorio do Templo ſahio huma voz, que diſſe, que a *Virgem* ſe deſpoſaſſe com hum varaõ da linha de David, em cuja mão floreceſſe huma vara ſeca, ſegundo a profecia de Iſaías. 21

5 Mandou o Summo Sacerdote ajuntar todos os que alli ſe achavão da Tribu de David ſem ſerem caſados; cada hum cõ ſua vara ſeca na mão. Todos acodiraõ alegres na eſperança de taõ grande ventura. Hum chamado Agabo com cega ambiçaõ uſou de arte Magica, para que a ſua vara floreceſſe, 22 como ſe em couſa taõ divina naõ governaſſe ſó Deos.

6 A' viſta de todos floreceo ſó a vara de Joſeph, que menos eſperva por humilde. Era natural, & morador de Belem; 23 outros dizem, que de Nazareth; 24 da meſma Tribu

4 *D. Chryſoſt. hom. 1. & 4 in 1 Matth. Maldonado ibi, verſ. Cum eſſet deſponſata.*

5 *De quibus P. Sylveyra in Euãgel tom. 1. l. 1 c. 5. q. 18. Carthagen de arcan. Deip. p. 1. l 4. homil. 6.*

6 *Origen. in Matth. c. 1. hom. 1.*

7 *D. Ambroſ. l. 2. ſup. Luc. c. 1. & de inſt. Virg. c 6.*

8 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria na vida de N. S l 2. c. 40. n. 2.*

9 *P. Joſeph d. l 2. c. 39. n. 1. Matute na Proſap. de Chriſto idade 5. c. 2. §. 5.*

10 *Richel. l. 1. de laud. Virg. art. 37.*

11 *Melchior de Caſtro, hiſt. de N. S l. 1. c 14. P. Joſeph d. l. 2. c. 38. n. 2.*

12 *Sup c. 14 n. 3. & c. 19. n. 1.*

13 *Sup. c. 14. n. 2.*

14 *Sup. c. 10. n. 4.*

15 *Nicephor hiſt. Eccleſiaſt. l. 1. c. 7. Mutti apud Carthagen. ſup. d. l. 4 homil. 1. in princip.*

16 *Exod. 23. 16. Deuteron 7. 3. 4.*

17 *Caſtro ſupr.*

18 *P. Fr. Joſeph d. c. 38. n. 2.*

19 *Numer. c. 36 Matute ſup. idade 5. c. 4 §. 1.*

20 *Caſtro d. c. 4. Revelaç. de S. Brigida l. 7. c. 25.*

21 *Iſaiæ 11. 1.*

22 *Ludovicus de Saxon. Carto: xan. in vit. Anne, referido por Diogo Matute, no prologo da Proſap. de Chriſt. idade 5. c. 2. §. 1.*

23 *P. Joſeph d. l 2. c. 42. n. 1.*

24 *Carthagen d. l. 4 homil 3. in princ.*

bu

bu de David que a *Virgem* por linha de varaõ, 25 & por femea craõ primos coirmãos, como jà diſſemos. 26

7 Duplicou-ſe o milagre com bayxar do ar huma pomba, que ſe poz na vara florida de Joſeph. 27 Naõ foy novo o ſucceſſo, pois por ſemelhantes modos (que chamavaõ *Sortes*) foy eleyto em Sacerdote Aaron, florecendo a ſua vara; 28 Saul ungido em Rey, 29 & Saõ Mathias contado entre os Apoſtolos. 30

8 Foy grande o ſentimento dos que ficáraõ ſem aquella joya; inveja arrezoada foy a que ſe teve ao Santo Joſeph, com quem trocariaõ os Anjos o eſtado de ſuas Jerarquias. Agabo ſe retirou a Ermitaõ no monte Carmelo; 31 trocou a magica em penitencia: ſeu peccado ſe deſculpa na cauſa: homem de penſamentos taõ altos era digno da miſericordia de Deos. Puderaõ aquelles pertendentes advertir, que era gloria dos vencidos ſer o vencedor taõ grande: ſer vencido por Eneas, dizia o Poeta, 32 que era louvor a Lauſo: & Acheloo ſe conſolava com que o vencèra Hercules. 33 Joſeph era Hercules dos Santos, porque foy ſantificado no ventre de ſua máy: era virgem: nunca peccou mortalmente: & em fim era tal, que mereceo ſer Eſpoſo amado de *Maria*: Pay putativo, Ayo verdadeyro de *Chriſto*: ſuſtentar a quem tudo ſuſtenta: creàllo, tello em ſeus braços: participar muyto de ſeus trabalhos, & de ſua *Máy* Santiſſima, & que o Filho de Deos o reverenciaſſe como filho ſeu. 34 Se como ſe juntáraõ todos os da Familia de David, ſe juntaſſem todos os homens do Mundo, ſó a vara de Joſeph floreceria: 35 logo como Joſeph tinha razoens para ſe alegrar com a victoria, as tinhaõ os competidores para ſe alegrarem de ſerem vencidos, como por liſonja (ſendo aqui verdade) diſſe Ovidio a Auguſto. 36

9 No mez de Dezembro ſeguinte 37 ſe celebráraõ os felices deſpoſorios, ſendo a *Virgem* entrada em quinze annos de idade: 38 S. Joſeph de trinta & cinco, atè quarenta, conforme ao que os Authores eſcrevem com melhores razoens; 39 a que favorece a profecia de Iſaías, 40 dizendo: *Habitarà o mancebo com a Virgem*; & a viſaõ de Santa Brigida, que referiremos no Naſcimento de *Chriſto*, 41 quando diz que vio a *Virgem* acompanhada *De hum homem de mais idade que ella*; modo de fallar que naõ convinha a velho. O coſtume de ſe pintar de mais annos ſe introduzio na primitiva Igreja, para confirmar os novos fieis no myſterio da Virgindade de ſua Eſpoſa ſagrada, como advertio Joaõ Gerſon na ſua Joſephina 42 Acompanhava-o com honeſtidade huma gentil preſença, & diſpoſiçaõ corporal, qual convinha a merecer tal Eſpoſa no modo poſſivel. 43

10 Tinha tambem votado caſtidade; & tambem a elle antes dos deſpoſorios certificou o Eſpirito Santo de que a naõ perderia, porque a Eſpoſa tinha o meſmo voto; & aſſim a deſpoſou

25 *Matthei c.1.*
26 *Sup.c 13 n.10. in fin.*
27 *Cum Surio tom.6.fol 477. Matute ſup.c 2.§ 3. P.Joſeph d.c.38.n.4.*
28 *Numer.c.17.*
29 *1.Reg.9.15.*
30 *Act.2.in fin.*
31 *Ludolphus de Saxon. & Matut.ſup.*
32 *Virgil.Æneid.l.10.*
33 *Apud Ovid. Metam.lib.9. in princ.*
34 *Deſtas,& outras excellencias de S.Joſeph,Gerſ.in ſerm.de Nativ. Virg. D.Aug.de natur. & grat.c 35. tom. 3.& ſerm.1.in Nativ.Chriſt. D Hieron.l.de perpet.Virginit. Mariæ contra Helvid.c.9.tom 2. Vinguerius in inſt.c.20. §.9. de myſter. Incarnat. Vilbeg. no Flos Sanctt. na vida de S. Joſeph. P.Fr.Joſeph ſup.l.2.c.39.n.4. Joſeph de Valde Vieſſo no Poema inſigne de S.Joſeph.*
35 *Iſtuor.Milan 2 q.ſumme c.1.*
36 *Ovid.2.Triſt.ad Auguſt.* Utque tuus gaudet miles cum vicerit hoſtem: hic eum ſe victum gaudeat hoſtis habet.
37 *Melchior de Caſtro d l.1.c.4. P.Joſeph d.c.38.in fin.*
38 *Fica dito acima n 3 no principio.*
39 *Vilbegas na feſta de S.Joſeph. Matute d.c.2.§.5. P Fr.Joſeph d.l.2.c.39.n.2 & ſeq. Allegaõ a Bernard. de Buſt. in ſerm. Deſponſat. Mariæ; a Vinguerio ſupr. & outros.*
40 *Isai.62 5.* Habitabit juvenis cum Virgine *Ubi notat Lyra.*
41 *Infra c.29.n.6.no princ.da revelaç.*
42 *Gerſon in Joſephina apud P. Fr Joſeph ſupra. Carthagen.ſup.p.1.l 4.homil 1 in fin.*
43 *Carthagen.ſup.homil ult §.3. Hen ri. Hengegrave in Cato Ruffy reo,feſto Deiparæ Sponſi Joſeph §.1.*

posou só para servir; a *Virgem* o disse a Santa Brigida; 44 & com esta razaõ ficàraõ ambos mais alegres.

44 *Revelaç. de S. Brigida l.7.c. 25.*

11 Com que animo, & com que espirito se dariaõ as mãos na cerimonia daquelle acto! a pudicicia da *Virgem* resignada em Deos: a humildade do Santo aceytando-a por Senhora. Quantas considerações fariaõ os circunstantes, conhecendo as virtudes de ambos, & havendo visto a milagrosa disposiçaõ do Ceo! sem duvida entenderiaõ, que alli se ordenava grande mysterio. A *Trindade* Santissima os abençoava: os Anjos lhes cantavaõ epithalamios: toda a boa ventura lhes assistia. E naquelle dia teve a fortuna taõ bom gosto, que se pagou do merecimento; & este tanta força, que tirou a liberdade ao successo. Permittinos, Esposos venturosos, darvos os parabens dessa dita. Para bem vos seja, ò Joseph glorioso, o melhor casamento que nunca houve, nem ha de haver. Para bem vos seja, ò *Virgem* Santissima, o melhor Esposo que podia haver na terra. Este verdadeyramente foy o casamento que Deos fez: o mais puro, o mais fiel, o mais conforme: logray ambos essa fortuna do Ceo.

CAPITULO XXIII.

Como a Virgem foy entregue a seu Santo Esposo: Ambos renovárão o voto virginal. Foraõ viver em Nazareth. Vida Santissima que alli fazião. Trata-se da Santa Casa Lauretana.

1 CElebrados os despozorios; he opiniaõ mais recebida, 1 que conforme ao costume que refere S. Joaõ Chrysostomo, 2 sem se esperar a outra solemnidade de vodas, foy logo a *Virgem* entregue ao Santo Esposo.

1 *Apud Carthagen. de arcan. Deip. & Joseph p.1.l.5.hom.3. vers. sed jam.*
Sylveyra in Euang. tom.1.l.1.c.10. q.1 n.6.
P. Fr. Joseph de Jesu Maria hist. de Virgil. 2.c 42.n.1.& 3 c 31.n.4.

2 Communicáraõ-se seus intentos, & voto de estado virginal, & com grande alegria o ratificáraõ, & renováraõ. 3 Que consolados ficariaõ vendo-se taõ conformes! que graças dariaõ a Deos por tantos beneficios!

2 *D. Chrysost. hom.4 in Matth. & hom.43.in Gen*

3 Sem dilaçaõ partiraõ para Nazareth patria da *Senhora*, aonde tinha a fazenda que herdára de seus Pays. Em chegando, a repartiraõ entre pobres: reservando só a casa em que a *Virgem* se creára, & alguns moveis necessarios. 4 O sustento ordinario libráraõ no trabalho de suas mãos, & principalmente na Providencia Divina.

3 *D. Thom. 3.p.q 28 art.4.*
Matute in Prosap. de Christ idad. 5. c.2.§.4.
P. Joseph sup d l.2.c.43.
Scoglius Catacens. histor. à primord. Eccles. s.1. paulò post princ vers. dum in sinu.

4 O cuydado de ambos era agradar a Deos, só pareciaõ emulos no exercicio das virtudes. Disse a mesma *Virgem* a Santa Brigida, que para se dar sómente a Deos procurava estar dias, & noytes sem companhia, & sem ouvir, nem fallar; mas que tambem neste retiro, & silencio receava deyxar de fallar o

4 *Revelaç. de S. Brigida l.7.c.25.*
P. Joseph d.c.43.n.3.

que

que foſſe conveniente: 5 tal equilibrio guardava no deſerviço de Deos. As penas humanas, por indignas de eſcritura taõ alta, naõ nos deyxáraõ mais noticias da maneyra porque viviaõ; hum Anjo quiz ſupprir eſta falta, fazendo relaçaõ mais larga a Santa Brigida; 6 mas (dè o Anjo licença) tudo he ſuperfluo, ſabendoſe que faziaõ vida de *Maria*, *& Joſeph*.

5 Aquella caſa illuſtre que habitàraõ os Santos Pays da *Virgem*, em que ella ſe creou, em que vivco com o Eſpoſo Santiſſimo, em que foy annunciada *Mãy de Deos*, em que ſe ſuſtentou o Divino Filho, aquella que foy Ceo a tanta ſantidade, que vio, & ouvio tantos ſegredos celeſtiaes, que foy nuvem glorioſa em que ſe eſcondèraõ tantas luzes; aquella que tantos annos foy conſagrada com os pès de *Chriſto*, frequentada de Anjos: morada finalmente de *Jeſus Maria Joſeph*; ſubindo o *Senhor* ao Ceo, foy venerada pelos Apoſtolos, & Fieis, que nella fizeraõ Templo para os Officios Divinos. 7 Depois a conſervàraõ em Moſteyro Padres Carmelitas. com grande cuydado de que ſempre eſtiveſſe na meſma diſpoſiçaõ, & fórma que tinha quando a *Virgem* a habitára. No anno de 1294. outros dizem 1291. ameaçando a invaſaõ dos Mahometanos aquella terra ſanta ordenou a *Virgem* pelo Anjo Saõ Gabriel aos Padres, que ſe paſſaſſem à Europa, porque a indignaçaõ de ſeu *Filho* queria caſtigar os peccados daquellas partes; 8 & em dez de Dezembro, começando o Pontificado de Bonifacio VIII. arrancáraõ Anjos toda a caſa inteyra com ſeus alicerſes, & a puzeraõ em Dalmacia junto do lugar de *Terfaſto*, & depois a paſſáraõ a Italia nadando ſobre o mar, pondo-a ultimamente no Campo *Piceno*, chamado *Recanatenſe*, em hum boſque de huma matrona muyto illuſtre, que ſe chamava *Laureta*, donde a celeſtial caſa ſe chama *Lauretana*, 9 & alli he venerada, & viſitada com a devoçaõ de toda a Chriſtandade.

6 Ditoſa Caſa, que por modo mais alto comprehende em ſi ſó os myſterios de tantos lugares veneraveis! Se no campo Damaſceno foy formado Adam do limo da terra: aqui foy Deos feyto homem da mais pura ſubſtancia. Se no Paraiſo terreal foy tirada a mulher do lado do homem: aqui mudada a ordem da natureza, hũa Virgem foy Máy de homem Deos. Se na arca de Noè ſe guardáraõ as reliquias do genero humano: aqui ſe encerrou toda a ſaude do Mundo. Se no valle de Mambre hoſpedou Abraham a Deos em figura de Anjos: 10 aqui morou Deos em carne verdadeyra. Se no monte Sinai deu o *Senhor* a Ley a Moyſés: aqui ſe nos deu o Legislador da Graça. Se no Templo de Salamaõ ſe repreſentava a preſença do meſmo *Senhor*: aqui eſteve com toda a realidade. Se na Arca do Teſtamento ſe depoſitavaõ couſas myſterioſas: aqui habitou o principio, & o fim deſſes myſterios. Finalmente os lugares que foraõ ſagrados com a vida, & acçoens de *Chriſto*, a eſta caſa devem as raizes das flores Divinas que os honráraõ.

CA-

3 *Reveluç. de S. Brigida l. 1. c. 19* Timida quoque fui in ſilentio, & multum auxia ne fortè ſilerem ea, quæ magis loqui debuiſſem.

4 *Reveluç. de S. Brigida, in ſerm. Angel. n. 6. 13 & 14.*

7 *Beda l. de locis ſanct. c. 16.*

8 *P. Fr. Joſeph ſup. l. 3. c. 17. n. 6 & 7.*
P. Guilherm. Gumpperb. in Atlante Mariano l. 1. imagine 1.

9 *Carthagena de arcan. Deip. p. 3. d. 5. homil. 3 in princip.*

10 *Gen. 18.*

CAPITULO XXIV.

Da Annunciação que o Anjo Saõ Gabriel fez à Virgem Maria, & da Encarnação do Verbo Eterno.

1 SUfpirava o Mundo havia muytos feculos pelo orvalho, que Iſaac deyxára em bençaõ à geraçaõ de Jacob: 1 ſuſpirava que orvalhaſſem os Ceos graça: que choveſſem as nuvens ſobre a ſecura dos campos: & que a terra Virgem brotaſſe o Salvador. 2 Tardára Deos, ſendo taõ miſericordioſo, cinco mil cento noventa & oyto annos, & alguns mezes, pelo computo que acima propuzemos; 3 porque (entre outras razoens) devia a miſericordia germanarſe com a Juſtiça, que pedia pena dilatada: 4 a medicina para a doença taõ rebelde neceſſitava de preparaçaõ larga: 5 & havendo-ſe de fazer homem, naõ havia mulher que mereceſſe ſer mãy ſua: 6 he taõ facil de contentar, que paga cento por hum: 7 mas havendo em cincoenta & dous feculos tantas mulheres famoſas, em todas achou alguma imperfeyçaõ; ſó a *Maria* vio perfeytiſſima, & logo encarnou, tendo ella ſó quinze annos, ſeis mezes, dezaſete dias.

2 Em chegando o tempo, & opportunidade; nem a nòs dilatou o remedio, nem a ſi o logro daquelle ventre puriſſimo. Diz hum Eſcritor douto, 8 que como o amor de Deos leva os Santos em extaſi da terra ao Ceo, o amor dos homens trouxe a Deos, como em extaſi, do Ceo à terra. Grande exceſſo de amor, fazer-ſe Deos homem pelo homem que ſe quiz fazer Deos! Muyto deve o Mundo a tanta caridade: mas muyto contribuhio em tal Mãy; pois os merecimentos da *Virgem* [diſcurſa outro Eſcritor grave 9) nos apreſſáraõ a Encarnaçaõ do *Verbo*.

3 Em fim paſſou o procelloſo inverno, em que nos puzeraõ os primeyros pays: apparecèraõ as flores na primavera de *Maria*: & chegou o eſtio para colhermos o fruto de *Chriſto*. 10 Mas quem poderá narrar ſua geraçaõ? pergunta Iſaías. 11 Eſte Santo Profeta para a profetizar foy levantado ſobre os Anjos atè o throno de Deos, & hum Serafim lhe purificou a boca, 12 para dizer que a *Virgem* conceberia. 13 Depois o hiſtoriáraõ Evangeliſtas com pennas celeſtiaes; naõ he para as humanas materia taõ divina: meu affecto ſe contentára com tocar reverente qualquer pequena parte da veſtidura que encobre eſtes myſterios; 14 & de ſeguir humildemente as pizadas de outros Eſcritores, a exemplo de Jacob. 15 Iſto baſtarà para o intento de congratular o Mundo levantado em *Ave*, como o choravamos arruinado em *Eva*.

1 *Gen.*27.28. Det tibi Deus de rore Cæli.

2 *Iſai.*45 8. Rorate Cæli deſuper, & nubes pluant juſtum, aperiatur terra, & germinet Salvatorem.

3 *Supr.c.*16.*n.*1.

4 *D Bernard ſerm.*1 *in Annũt. poſt med.*

5 *Horat Scogtius Cataceuſ. hiſt. à primord Eccleſ.p.*1.*l* 1.*verſ. dum in ſinu.*

6 *Vilhegas no Flos Sanct. feſta da Annunciaçaõ.*
*Melchior de Caſtro, na vida & excell. de N S t.*2.*c* 2.*pag. mihi* 180.

7 *Matth.*19.29.

8 *P. Ant Guilhelm. l. de le grandezze de Sãtiſſima Trinitá, diſcurſ.* 7.*verſ. Magiache.*

9 *P. Bent. Fernand. in* 3 *Geneſ.*1 *ſect.*26.*n.*6.

10 *Cant.*2 11. Jam enim hiems tranſiit, & receſſit: flores apparuerũt in terra noſtra; tempus putationis advenit.

11 *Iſai* 53.8 Generationem ejus quis enarrabit?

12 *Iſai.*6 *n.*3. & 7.

13 *Iſai.*7.14.

14 *Matth.* 9.21. Si tetigero tantùm veſtimentum ejus, ſalva ero.

15 *Gen.*33.14. Præcedat Dominus meus ante ſervum ſuum, & ego ſequar paulatim veſtigia ejus.

4 Diſ-

4 Diſpoſta a *Virgem* com mais pureza que a das Eſtrellas; havendo viſto a Eſſencia Divina, & concebido eſpiritualmente o *Verbo Eterno*, 16 cumprindo-ſe o quarto mez de ſeus deſpoſorios com Saõ Joſeph, 17 em huma feſta feyra, 18 vinte & cinco de Março, mez em que as flores brotaõ, & em que as medicinas ſe applicaõ; dia em que as noytes começaõ a minguar (porque quando a luz creſce, convinha ſer concebida a luz, que vinha allumiar o Mundo; 19) & dia em que fora creado o homem 20 que ſe havia de remir; *Gabriel* que ſignifica, *Fortaleza de Deos*; (porque convinha eſte nome a quem vinha annunciar o forte poderoſo em batalhas,) 21 & tambem ſignifica *Homem Deos*, ou *Deos com noſco*, 22 a quem o Euangelho chama *Anjo*, 23 para honrar todos os Córos, & Jerarquias a que eſte nome he commum; 24 ſendo Seraſim ſupremo entre todos os Eſpiritos bemaventurados; 25 preſidente dos que ſerviaõ à *Virgem*; 26 formado do ar mais puro hum corpo fermoſiſſimo, repreſentaçaõ de Deos homem; 27 com veſte branca, & luminoſa, 28 foy a Nazareth, que ſe interpreta *Flor*, 29 eſperança do fruto da redempçaõ, a levar à *Senhora* a mais ſolemne embayxada da parte de Deos. Huns dizem que no principio da noyte: outros que de madrugada: tem-ſe por mais certo ſer à meya noyte, à meſma hora em que naſceo *Chriſto*, completos nove mezes: 30 & na meſma hora foy prezo; 31 ſendo hora dedicada para os myſterios da reſtauraçaõ do Mundo. Os ſinos das Igrejas que ao anoytecer fazem memoria deſta Annunciaçaõ, eſcolhem aquella hora de opiniaõ provavel, por mais accommodada que a da meya noyte, em que o ſomno occupa os mortaes.

5 Eſtava a *Virgem* na ſua ſanta caſa, velando retirada, em contemplaçaõ altiſſima da grandeza de Deos, 32 anhelando particularmente a vinda do Meſſias, & a ſervir a Donzella de que elle havia de naſcer, 33 quando ſentindo huma fragrancia ſuaviſſima, chea de gozo interior vio o Anjo reſplandecente, 34 naõ ſó com os olhos corporaes, mas tambem com os eſpirituaes, ſua natureza, & fermoſura intellectualmente. 35 Ajoelhou-ſe o Anjo à Mageſtade que ſeria ſua Rainha, porque entendeo ſer aquella para quem no Ceo eſtava preparada a cadeyra, que diſſemos em outro lugar; 36 & fazendo-o a *Virgem* levantar (como com levantado eſpirito conſideraõ os devotos) 37 deu o Anjo a embayxada, & houve o altiſſimo colloquio referido pelo ſagrado Chroniſta Saõ Lucas, 38 que nem lingua, nem penna humana dignamente pòde repetir; a cujo myſterio paſma a terra, & o Ceo, porque o ignora o uſo, a razaõ, & a natureza.

6 Com hum, *Faça-ſe*, creou Deos o Mundo: 39 com outro *Faça-ſe*, 40 trouxe *Maria* Deos ao Mundo para o reſtaurar. Com pureza, & fermoſura inexplicavel adminiſtrou a materia para o corpo de *Chriſto*, concebendo-o com ineffavel gozo de ſua

16 *Declara como o P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria na hiſt. de N. S. l. 3. c. 1. & 2.*

17 *Nicephor hiſt. Eccl. l. 2 c. 3. ante med.*

18 *Melchior de Caſtro, hiſt. de N S. l. 1. c. 5.*
P. Fr. Joſeph ſup. l 3. c. 17. n 4.
Cum multis Carthagena de arcan. Deip p. 1. l. 5. hom. 2. verſ. ſed jam de die.
Pedro Mexiana Sylv. de var. liç. l. 2. c. 32.

19 *Joan. 1. n. 3. & 9.*

20 *Vide in 1. p. c. 2. n. 2.*

21 *Pſalm 23. n. 8* Dominus fortis, & potens: Dominus potens in prælio.
Notat D. Th. 3. p. q 30. art 2. ad 4. in fin.

22 *P. Sylveyra in Euangel. tom. 1. l 1. c. 5. q 9. n. 16.*

23 *Luc. 1 16.* Angelus Gabriel.

24 *Sylveyr ſup. l 2. c. 3 q. 14. n. 61.*

25 *Cum multis Carthagen. de arcan Deip. p. 1 l. 5. hom. 1. verſ. cæterum.*

26 *Vide ſup. c. 16. n. 11.*

27 *P. Sylveyr. ſup. q. 10. n. 18. Maldonado in 1. Luc. n 105.*

28 *Cum D. Aug. D. Thom. 3 p. q. 30. art. 3*

29 *Supra c. 16 n. 10.*

30 *Carthag. ſup. verſ. alli tandè. P. Joſeph ſup. l. 3. c. 17. n. 8. & 9.*

31 *Vide inf. a c. 47. n. 1.*

32 *Reveląç. de S. Brigida l. 1. c. 10.*
Carthag. ſup. l. 5 hom. 3 verſ. porrò.

33 *Sylveyra d. l. 1. c. 5. q. 21. n. 48.*
Matut. na Proſap. de Chriſt. idade 5 c 4 §. 16.

34 *Reveląç. de S. Brigida ſupr. D. Thom. d art. 3.*

35 *D. Thom. d. art. 3. ad 1.*

36 *Supr. p. 1. c. 1. n. 8.*

37 *P. Frey Joſeph d. l. 3. c. 5.*

38 *Luc 1.*

39 *Gen 1 3* Fiat lux, & facta eſt lux: *& n. 6* Fiat Firmamentum, &c.

40 *Luc 1 38.* Fiat mihi ſecundùm verbum tuum.
D. Chryſoſt. ſerm. de Geneſ. & interd. arb. ad fin. in 1. tom. Conſulus Mariæ peperit à ſæculo Salvatorem.

ſua alma, foy ſeu ventre ſagrado thalamo em que ſe celebráraõ as vodas entre a natureza Divina, & humana: eſta com ſua fraqueza pode ſoſter a gloria da Deidade. Vio-ſe huma virgindade fecunda: o concebido teve no meſmo inſtante perfeyçaõ de homem em Alma, & Corpo na quantidade baſtante: teve Alma bemaventurada, & juntamente paſſivel, com ſabedoria perfeyta; eſteve alli taõ Deos como no Ceo: uniraõ-ſe duas naturezas ſem ſe miſturarem: communicáraõ-ſe entre ſi os nomes, & attributos de Deos, & Homem: ajuntáraõ-ſe mortalidade, & immortalidade: paſſibilidade, & impaſſibilidade: temporalidade, & eternidade: Creador, & creatura: fraco, & forte: ſervo, & Senhor: pobre, & rico: pequeno, & immenſo: alojou aquelle ventre o que naõ cabe no Ceo: ficou habitaçaõ da Santiſſima *Trindade*; throno donde Deos governava como do Empyreo, & o meſmo *Senhor* chegou à delicia que deſejava de eſtar com os homens; 41 particularmente no Ceo daquelle ventre, de que goſtava tanto, que havendo encarnado em perfeyçaõ, & podendo abreviar ſeu Naſcimento o tempo que o feto gaſta em chegar a tal eſtado, ſe deteve os nove mezes ordinarios, naõ ſó por ſe accommodar ao commum dos homens, mas naõ deyxar aquelle regalo.

41 *Prov.*8.31. Deliciæ meæ eſſe cum filiis hominum.

7 Conſidera hum douto, & devoto eſpirito, 42 que no Ceo ſe alegrou o *Padre Eterno* celebrando ſuas vodas com a *Virgem*, & as de ſeu *Filho* com a noſſa natureza; o *Eſpirito Santo* enriquecendo cõ ſeus dons a Humanidade de *Chriſto*, & ſantificando novamente a *Virgem*, & os Anjos feſtejando as ſolemnes vodas de ſeu Rey. Alegre-ſe tambem a terra na lembrança de taõ alegre dia, em que o Filho de Deos ſe fez filho do homem, para fazer o homem filho de Deos. 43

42 P. *Fr. Joſeph de Jeſus Maria d. hiſt. de N. S. l.* 3. *c.* 7. *cum ſeqq. ubi late agit de his omnibus.*

43 *D. Chryſoſt. hom.* 2. *in Matth. ante med.*

CAPITULO XXV.

Excellencias, & myſterios do Ave, *com que o Anjo ſaudou a Santiſſima* Virgem.

1 O Lume da Igreja Santo Agoſtinho 1 advertio, que fallando o Anjo a mulheres celebres na Eſcritura ſagrada, como a Sara mulher de Abraham, & á mãy de Sanſam, 2 naõ as ſaudáraõ, como de participantes por *Eva*: & S. Gabriel ſaudou a *Maria* Santiſſima como exceptuada.

2 Outros muytos Doutores 3 notàraõ as palavras com que o Anjo ſaudou á Senhora, que foy: *Ave chea de graça*; 4 ſaudaçaõ que o grande Origenes, commummente, 5 diz que foy nova, reſervada ſó para *Maria*, & que em toda a Eſcritura a naõ pode achar ſemelhante; mas accreſcenta o Veneravel

1 *D. Aug. apud Matute Proſ. de Chriſt. idad.* 5. *c.* 4. § 9. *in fine.*

2 *Geneſ* 18. *& Judic.* 13.

3 *Apud Ben. Per. in Gen. l* 6. *n.* 168 *Sylv. in Evangel. tom.* 1. *l* 1. *c.* 5. *q.* 12.

4 *Luc.* 1. 28 Ave gratia plena, Dominus tecum: benedicta tu in mulieribus.

5 *Origen. in Luc. hom.* 6. Angelus novo ſermone Mariã ſalutavit, quẽ in omni Scriptura invenire non potui; id enim quod ait: *Ave gratiâ plena*, ſoli Mariæ hæc ſalutatio ſervatur. *Seqũntur cõmun. DD. teſte Sylvio r. a. q.* 22. *n.* 49. *circa quod multa Maldonad. in c.* 1. *Luc. n.* 91.

Beda, que quanto era mais extrahordinaria, tanto mais convinha á dignidade da *Virgem*. 6

3 Porque *Ave*, notaõ os Doutores, 7 lendo-se ao revez, da ultima letra para a primeyra, diz *Eva*, ao que allude a Santa Igreja em hum Hymno, foy significar que *Maria* he huma *Eva* ao revez; 8 assim em causar ao Mundo effeytos contrarios dos que *Eva* lhe causou, 9 como em obrar acçoens contrarias. *Eva* tratou com hum Anjo mào de nossa ruina: *Maria* tratou com hum Anjo bom de nossa saude. 10 *Eva* ousou fallar com huma serpente: *Maria* se turbou do que lhe dizia hum Anjo. 11 *Eva* deu credito à serpente contra toda a razaõ: 12 *Maria* buscou razaõ no que o Anjo lhe disse. 13 *Eva* fez guerra ao marido que devèra ajudar: 14 *Maria* na duvida que poz, cuydou da honra do Esposo. 15 *Eva* peccou por inobediente: *Maria* mereceo pela obediencia. 16 *Eva* quiz subir a Deosa: 17 *Maria* se humilhou a escrava, fazendo-a Deos sua Máy. 18 Com grande humildade se escusava Moysés de Capitaõ do povo: S. Joaõ de bautizar a Christo: Saõ Pedro de que o *Senhor* lhe lavasse os pès; 19 mas todos aceytáraõ, posto que por obedecerem: a *Virgem* tambem aceytou, porèm com o titulo de escrava. 20 *Eva*, affectando aquella dignidade, cahio: *Maria* com a de escrava se levantou, porque se alguma ha semelhante à Máy de Deos, he a de sua escrava. 21 *Eva* finalmente cooperou com o primeyro Adam em nosso cativeyro: *Maria* cooperou com o segundo em nossa redempçaõ. 22

4 Tudo isto significou a palavra *Ave*, nas interpretaçoens que lhe daõ os Doutores; 23 dizem que he o mesmo que *Sine væ Sem nota de culpa*: & *Eva* foy a primeyra culpada; o mesmo que *Gaude, alegrayvos*: & *Eva* foy sugeyta a miserias; he voz de saudaçaõ celestial: & *Eva* foy condenavel; he palavra de dar parabens: & a *Eva* se devèraõ pezames: annuncia paz: & *Eva* nos fez mortal guerra: Com grande propriedade (diz o grave Historiador Carmelita 24) naõ pronunciou o Anjo na saudaçaõ o nome de *Maria*, sendo taõ sagrado, porque o *Ave cheâ de graça* era o nome que mais convinha a este mysterio.

5 Sejais muyto louvada, *Ave Santissima*, Ave Real, Aguia generosa, em que superiormente concorrem todas as qualidades illustres de Rainha das Aves. Sois Ave propria do soberano Jupiter: 25 a que voais mais alto: 26 a de vista mais aguda: 27 que da terra olhastes firmemente para o Sol Divino sem cegar: 28 que pusestes no lugar mais seguro, & sublime o ninho de vossos pensamentos: 29 que naõ fostes offendida do rayo 30 do peccado original: sois prognostico de felicidades a todos os que assistis: 31 inimiga, & vencedora do Dragaõ infernal: 32 insignia dos Estendartes de Roma Catholica: 33 & por todas as razoens Rainha das Aves, 34 que na Igreja saõ as Almas com azas que voaõ para o Ceo, como Euquerio 35 explica; entre as quaes Haías, & *Christo* Senhor nosso chamáraõ

Aguias

6 *Beda homil. de Annunt.* Quæ salutatio quantũ humana consuetudine inaudita, tantum est Beatæ Mariæ dignitati congrua.

7 *Pereyr. d l 6 n.168. verb. retulimus in introduct. 1. p. n 3. in fin.*
Sylveyr. a d q. 22. n 49 Literis inversis reddit idem quòd Eva. Ad quod alludit Ecclesia: *Sumens illud Ave mutans Evæ nomen.*

8 *P. Joseph de Jesu Mar. hist. da Virg. l. 3. c. 14 n. 2.*
Carthag de arcan. Deip p. 1. l. 5. hom. 4.

9 *Pere. sup* Gabrielem dixisse ei Ave, quasi ea mundo lauta esset bona, planè contraria iis malis, quæ invexerat Eva.
Latius D. Bernard. in opere de pr. ecator. ad Virg. post Serm. Signum magnum.

10 *D. Petr. Chrys. serm. 142 post princ.* Agit cũ Maria Angelus de salute, quia cum Eva Angelus egerat de ruina.

11 *Matute sup. idads 2 c. 5. §. 9.*
P Bened Fernand. Gen. sect. 6 n. 6.
Carthagen. de arcan. Deip. p. 1. l. 5 hom. 4. vers. ut tamen ad med.
Luc. 1. 29. Turbata est in sermone ejus.

12 *D. Chrysost hom. 16. Gen. ad med.*

13 *Luc. 1 34* Quomodo fiet istud?

14 *D. Chrysost d hom. 16 post med.* Cujus adjutorium esse oportebat, illius facta est insidiatrix.

15 *D. Amb os. serm. de sanct. Deipar.* Hæsitat Virgo, utpote ad naturam respiciens, & de Joseph cogitans, cui desponsata erat.

16 *P. Bened. Fernand. in 2. Gen. sect. 2. n. 12 p. st med Luc. 1 38.* Ecce ancilla Domini fiat mihi secundùm verbũ tuum.

17 *Gen 3. 5.* Eritis sicut Dij

18 *Luc. 1. 38.* Ecce ancilla Domini.

19 *Exod. 3. 11. Matth. 3. 14. Joan. 23. 6.*

20 *Nota Vilhegas no Flos Sanct. festa da Annunciaçaõ.*

21 *Nota devotamente Bartholomeu de Quental nas meditaçoens da infancia de Christo medit. 6. pont 2.*

22 *Carthagen. d. hom 4. vers. & tamen ante med.*

23 *D. Thom. in exposit. salut. Angel.*
D. Bonavent. in speculo c. 2.
D. Gregor. Nyssen. orat. de Nativ. Dom.
D. Fulg. serm. de Laud Virg.
Euthym. & alii apud Fr. Joseph de Jesus Maria d. c. 14. Carthagena hom. 4.
Sylveyr. d. q. 22. n 5.

24 *P. F. Joseph d. l. 3. c. 17. n. 10.*

25 *Virgil Æneid. 9.*
Sustulit alta petens pedibus Jovis armiger unguis.

26 *Idem l. 12.* Utque volans altè, raptum cum fulva draconem Fert Aquila.

27 *Horat. l. 2. Serm. Satyr 3.*
Cur in amicorum vitiis tam cernis acutum. Quàm aut Aquila.

28 *Claudian. l. 1 in Præfat. consulat. Honorii.* Parvos, hunc Aquilis fas est educere fœtus. Ante fidem solis.

aguias ás que voavaõ mais. 36 com myſterio vos déu o *Senhor* por filho o Evangelitta Aguia. 37 Mas ſois Aguia com as excellentes qualidades das aves mais inſignes. Principio da Primavera de noſſa ſaude, 38 como Filomena; 39 feliz auſpicio nos mares de noſſa vida, como Ciſne; 40 prodiga de voſſo ſangue com os filhos, como Pelicano; 41 ſymbolo da diligencia, & cuydado, como Garça; 42 eſtudioſa da limpeza, como Pavaõ; 43 amante, manſa, innocente, como Pomba; 44 exemplo da fidelidade, como Rola; 45 em todas as perfeyçõcs unica Feniz. 46

6 Como todos ſe turbaõ aos vituperios, vòs ſó vos turbaſtes quando vos louvou o Anjo; 47 mas permittì que vos louvem os homens com ſua humildade. Sem vòs, *Senhora*, creou Deos o Mundo, porèm ſem vòs o naõ reſtaurou: eſperou o *Fiat* do voſſo conſentimento para ſe fazer homem. Chegou a dizer S. Methodio Biſpo, que ſendo Deos acrèdor de todos, ſó he devedor voſſo, 48 pelo ſagrado corpo que lhe dèſtes. 49 Que bem trocou o voſſo *Ave* o nome de *Eva*! ella nos arruinou da graça á culpa, vòs nos levantaſtes da culpa á graça: ella máy de miſerias, vòs de miſericordias: ella nos gèrou para a morte, vòs nos regeneraſtes para a vida: nella ſomos vencidos, em vòs triunfamos: por vòs ſubio a natureza humana a tanta grandeza, que pondèra Santo Agoſtinho, que hum homem he taõ verdadeyramente Deos como toda a Santiſſima Trindade. 50 *Bendita ſois entre as mulheres, & bendito he o fruto do voſſo ventre.*

CAPITULO XXVI.

Como a Virgem *foy viſitar a Santa Iſabel. Tocaõ-ſe algumas excellencias do grande Bautiſta.*

1 HAvia dito o Anjo á *Virgem* na Annunciaçaõ, 1 que Santa Iſabel ſua prima coirmã 2 tinha concebido hum filho, & andava em ſeis mezes. Eſte foy Joaõ 2 o profetizado Precurſor de *Chriſto*. Quiz o *Verbo* encarnado illuſtrallo com ſua preſença no ventre da máy, & livrallo do original peccado, por tomar logo poſſe do officio de Salvador. 5

2 Moveo o Senhor o zelo da *Virgem*, poucos dias depois de haver concebido, a ir viſitar a Santa Iſabel ſem dilaçaõ; para communicar com ella as mercès de Deos, que lhe foraõ annunciadas, & louvarem juntas ſua liberalidade. 6 Naõ reparou a caridade da *Senhora* em quebrar o retiro em que vivia, nem no trabalho do largo caminho; donde notou S. Bernardo, 7 quam alhea eſtava das afflicçõcs que as filhas de *Eva* tributaõ áquelles principios depois de conceberem. Alli começou a trabalhar nos inſtrumentos de noſſa redempçaõ.

Petrarcha, ſonet. 18.
Sun animal al mondo di ſi altera villache in contra il ſo pur ſi defende. *Plin. l.* 10. *c.* 3.

29 *Job* 39.27. & 28. Aquila in ardus ponit nidum, &c.
Traduzio o Biſpo de Guadix ſymb. 92.
El Aquila, y el devoto.
En el alto ponen ſu nido,
Porque eſtè màs defendido.

30 *Plin. l.* 2. *c.* 55.

31 *Cum Pier. hieroglyph.* 19. *Hieron. de Huertan annot Plin. l.* 10 *poſt c.* 5.

32 *Geneſ.* 31.15. Ita conteret caput tuum *Virg. Æneid.* 11. *jàm ſupr. relatus Ex Plin. Henric. Scuſen. l.* 19. *aphoriſm.*

33 *Plin. d. l.* 10. *c.* 4. *Ovid. Faſt.* 3. Signa decus belli Parthus Romana timebat, Romanæque Aquilæ ſignifer hoſti erat. *Lucã Pharſal. l.* 1 Ut noctæ fulcere aquilæ, Romanaque ſigna: & *iterum*: Signa pares Aquilas, & pila minantia pilis.

34 *Plin. d. l.* 10. *c.* 3.

35 *Lucher. apud Hieron. de Huertan. in annot. ad Plin. l.* 10. *poſt. c.* 5.

36 *Iſai.* 40. *in fin.* Assument pennas ſicut Aquilæ current, & non laborabunt ambulabunt, & non deficient. *Matth.* 14 28. Ubicúque fuerit corpus, ibi congregabuntur, & Aquilæ. *Repetit Luc.* 17. *in fin.*

37 *Joan.* 19.27. *Ezequiel.* 1 10.

38 *Cant.* 2.11. Flores apparuerunt in terra noſtra.

39 *Lope de Vega in Philomen Cant.* 1 *eſt.* 1. Principio de la verde Primavera.

40 *Virg. Æneid.* 10. Alpice bis ſenos lætantes agmine cygnos, &c.

41 *Diego de Funes in hiſt. de aves & anim. l.* 1. *c.* 43 *poſt princ.*

42 *Diego de Funes d. l.* 1. *c.* 21. *poſt princ.*

43 *Cum Ariſt. Diego de Funes ſupr. cap.* 29. *poſt med. P. Sandeus in Aviario Marian orat.* 6. *Mariæ Purificat. paulò poſt princ.*

44 *Propert.* 1. Non me Chroniæ vincent in amore columbæ. *Matth.* 10.16. Simplices ſicut columbæ.

45 *Juvenal ſatyr.* 6.
Tollere dulcem
Cogitat hæredẽ cari ut us Tuſcure magno. *Ao que alude D. Luis de Gongora Romance* 50.
Tortolilla gemidora
Depueſto el caſto deſden,
Talamo hizo ſegundo
Los ramos de aquel ciprès.

46 *Plin. hiſt. nat. l.* 10. *c.* 2. *in princ. & Herrera nas ſuas annotaçoens. Funes ſupr. c.* 45. *in princ.*

47 *Luc.* 1.29. Quæ cùm audiſſet, turbata eſt in ſermone ejus.

48 *S. Method. Biſpo in Hiſtorian.*
Beata Virgo, quæ Deum debitorẽ ſemper habes cæteris Deus mutuatur: tibi autem etiam Deus debet.

49 *Explicat P. Antonio Guilhérmi. de le grandezze de la Santiſſima Trinitá Diſc* 15. *verſ. Ma perche.*

50 *D. Aug. l.* 1. *de Trinit. c.* 3.

51 *Luc.* 1.36.

3 Vivia Santa Isabel com seu marido Zacarias, (hum dos vinte & quatro Sacerdotes que serviaõ no Templo, 8) na Cidade que o Evangelista, Saõ Lucas chama por antonomasia a Cidade de *Judà*, porque segundo graves Authores, 10 era Hebron nas montanhas de Judà, insigne por antiguidade 11 & por haver sido habitaçaõ de Abraham, Isaac, & Jacob. 12 Distava de Nazareth morada da *Virgem*, trinta & duas, ou trinta & tres leguas. 13.

4 Chegada a *Virgem* com seu Esposo, (que a acompanhou) 14 a casa de Zacarias, & Isabel, saudou a *Senhora* à Prima, dizendo, (segundo se entende) 15 *Paz seja comvosco*, ou *Paz seja nesta casa*, que era a saudaçaõ costumada entre os Hebreos; 16 da qual mandou *Christo* Senhor nosso 17 a seus Discipulos que usassem, & de que elle mesmo usou. 18 Sentio Santa Isabel, que á pronunciaçaõ destas palavras se alegrára o menino que de seis mezes tinha no ventre, & dèra como saltos de alegria. 19 A vòs da *Virgem* infundio conhecimento no que apenas tinha corpo: de seu ventre nascia fonte para regar as plantas do Paraiso; 20 & aquelle nobre Cedro estava muyto chegado, por muyto parente. Se Abraham se alegrou porque em profecia vira os dias de *Christo*; 21 como naõ se alegraria Joaõ vendo-o jà chegado em realidade? Se dançou David diante da Arca do Testamento, 22 figura da *Virgem*, que encerraria o Messias, como naõ dançaria o Precursor diante da verdadeyra Arca virginal, que naõ encerrava representaçaõ, mas o mesmo Messias? Se os povos Septentrionaes, que tem noyte continua seis mezes no anno, quando no fim delles lhes chega o Sol, o celebraõ com danças, & outras festas; o Menino que havia seis mezes andava na escuridaõ original, como naõ festejaria o Sol Divino, que trazia a luz da graça? Portento fora naõ mostrar alegria.

5 Graves Authores 23 dizem que a *Virgem* abraçando a Santa Isabel, vio o menino ajoelhado diante de Christo, & a *Christo* em hum throno lançando-lhe a bençaõ, & dando-lhe santidade.

6 Santa Isabel chea do Espirito Santo exclamou em voz alta: *Bendita vòs entre as mulheres, & bendeto o fruto do vosso ventre. Donde mereci eu que a Mãy de meu Senhor venha a mim? Tanto que a voz de vossa saudaçaõ chegou a meus ouvidos, o Menino, que trago no ventre saltou de alegria: & bemaventurada sois, que crestes, porque se cumpriu â tudo o que vos foy dito pelo Senhor.* 24 Foy Santa Isabel a primeyra que chamou à Virgem *Mãy de Deos.*

7 Costumavaõ os Hebreos mais santos compor canticos a Deos quando recebiaõ algũa mercè grande; 25 & os cantavaõ. 26 Vẽdo-se a *Virgẽ* taõ exaltada, rõpeo no excellẽtissimo da *Magnificat*, em que louvou o *Senhor*, reconheceo suas misericordias, admirou seus altos juizos, & deu graças pelo cumprimento da pro-

2 *Fica dito c.11.n.36. post.med.*
3 *Luc.d c.1 63.*
4 *Malach.3 1.*
Matth 11.10.
Luc.1.76 & c.7.27.
5 *Carthagen.de arcan Deip p.1. l.6. hom 3.vers. cete-um*
6 *Vilbegas no Flos Sanct. fest. da Visit.*
P.Sylveyra in Euang.tom.1. l.1.c.6.q.1. n.3.
7 *D.Bernard.in serm Signum magnũ.*
8 *P.Sylveyra sup.q.3.*
9 *Luc.1.39 In Civitatem Juda.*
10 *Sylveyra d.c 6.7.9.*
Melchior de Castrob.st.Virg.l.1.c 6.
P. Fr. Joseph de Jesus Maria na mesma hist.l 3.c.21.n.2.
Horat.ScoglusCatacens hist à primor d. Eccles.p.1.vers. Jamque adulta.
11 *Joseph de antiq.l 1.c.16. & de bel. Judaic.l.5.c7.*
12 *D. Hier.Ep 27.ad Fustoch.c.5.*
13 *P.Joseph d.22 n.2.*
14 *Vilbegas suprà.*
Carthagena supra l.4.hom.10.v. Tertia ratio.
P.Fr.Joseph d l.3 c.31 n.4.
15 *Castro d.c.6.*
Fr.Joseph supr.d.c,22 n.3.
16 *1 Reg.25 6.Paralip 7.18.*
Tobiæ 12 17
17 *Matth.10.12.Luc.10.5.*
18 *Joan.20.26.*
19 *Luc.1.41.*
20 *Gen.1 10.*
21 *Joan.8.56.*
22 *2. Reg.6.*
23 *Apud Salmeiron.tom.3 tract.10.*
24 *Luc.1.42.*
25 *Exod.15.Deuteron.32.Judic.5.*
26 *Dicemos na 1.p.c.25.n.16. ante med.*

promeſſa do Meſſias. Cantico taõ cheyo de myſterios, 27 & em idade taõ tenra, bem moſtra ſer inſpirado pelo Eſpirito Santo. A *Virgem* o cantou em voz muſica, (de que aprenderiaõ os Anjos:) era o cantico novo, que deſejava David em inſtrumento de dez cordas. Em outro lugar fica dito 28 largamente.

8 Teria S. Joſeph ſemelhantes ſaudaçoens como o Santo Zacarias, & detendo ſe alli pouco, ſe foy a Bellem ſua patria, que diſtava de *Hebron* menos de quatro leguas, deyxando a *Virgem* com ſua prima, como com bons fundamẽtos parece ao doutiſſimo Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria. 29 Quaſi tres mezes eſteve a *Senhora* naquella caſa, 30 que foy Ceo com a aſſiſtencia de *Jeſus*, *Maria*, *Joſeph*, *Saõ Joaõ*, *Santa Iſabel*, *& o Santo Zacarias*. Que devotas ſe entreteriaõ as primas em colloquios celeſtiaes! E ſe a voz da *Virgem* na breve ſaudaçaõ alegrou logo tanto ao Menino ainda no ventre; que effeyto fariaõ tantas vozes em tantos dias domeſticos daquella caſa?

9 Chegava-ſe o tempo do parto de Iſabel, & era coſtume entre os Hebreos, naõ aſſiſtirem donzellas aos partos; atè das caſas proprias ſe ſahiaõ, por naõ eſtarem a elles; 31 & o retiro da *Virgem* quiz tambem evitar o concurſo de parentes, & amigos em tal occaſiaõ. Porque pouco antes della, vindo S. Joſeph de Bellem para a acompanhar, 32 ſe tornou a *Senhora* para Nazareth, como he opiniaõ mais certa, & mais conforme à narraçaõ do Santo Evangeliſta. 33

10 Iguaes ao goſto na preſença ſeriaõ as ſaudades na deſpedida. Se tantas proſperidades ſe ſeguiraõ á caſa de Obededon, por eſtar nella outros tres mezes a Arca do *Senhor*, 34 que encerrava as Taboas do Velho Teſtamento; quantas mais deyxaria na caſa de Zacarias a arca viva, que guardava as Taboas originaes do Teſtamento Novo? Baſtou pela mayor deyxarlhe a honra de haver eſtado nella; & deyxarlhe ſantificado hum filho, de cujos louvores ſe dignou *Chriſto* ſer Prègador; 35 & depois de *Chriſto* ſó a eloquencia de outro Joaõ Chryſoſtomo o pode louvar; 36 diz tudo quem diz, *Joaõ Bautiſta*.

27 *Delles trataõ largamente o P. Joſeph d.l 5.c.25. com os ſeguintes & Caribagen de arcan. Deip. p.1.l. 6.benit.9 cum ſeqq.*

28 *Nu 1.p.d.c.23.v.16.& 24.n.* 10.

29 *P. Joſeph d.l.3.c.31 n.4.*

30 *Luc.1.56.*

31 *Nicephor. Callixt. hiſt. Eccl. l.1.c.8.*

32 *P. Fr. Joſeph d.c.31. n.4.*

33 *Luc.1.*
Nicephor ſupra.
Theophylat Rupert. Metaphraſt. & alii apud Melchior de Caſtro d.c.6. & P. Joſeph. d.l.3.c.29.n.1.

34 *2. Reg.6.11.*

35 *Matth 11.7.*

36 *D. Joaõ Chryſoſt. hom. 15. de oan. Bapt. in princ. hom.2.*

CAPITULO XXVII.

Como Saõ Joſeph ſoube que a Virgem havia concebido. Tocaõ-ſe algumas excellencias deſte Santo; & como ſe celebráraõ entre ambos as vodas.

1 PAſſado o trabalho daquella jornada, entrou a *Senhora* em outro mayor. Moſtrou o tempo que ella concebèra, & ſuſpeytas duvidoſas 1 combatèraõ a ſeu Eſpoſo Saõ Joſeph, que naõ tinha parte no ſucceſſo. Naõ foy muyto

1 *Carthag. de arcan. Deip. l.l.4. 4. hom. 18. verſ. inter extremos. Maldonad. in 1. Matth. verſ. ſententia.*

que duvidaſſe, pois a meſma Virgem na Annunciaçaõ do Anjo tinha duvidado como poderia ſer. 2 Grande opiniaõ tinha de ſua Eſpoſa, quem naõ paſſava de duvidar; vendo huma obra contra a natureza.

2 Em tormento que Salomaõ comparou ao inferno, 3 quem ſoube diſſimular ſem romper em acçoens de furor? Sò a prudencia de Joſeph deu lugar á conſideraçaõ. As apparencias accuſavaõ: a razaõ abſolvia, elidindo-ſe a ſuſpeita na experiencia da ſantidade de Maria, & nos myſterios que o Ceo moſtrára nos deſpoſorios; 4 aſſim diſputava a opiniaõ o que via: & o brio, & o amor pugnavaõ em duello, ſem a alguma parte ſe inclinar a vitoria: era Joſeph martyr de credito, & de amor, que he mais que da vida: para com os eſtranhos ſeguro eſtava o credito, pois o defendia o matrimonio; mas o ſofrimento o arriſcava para com a Eſpoſa, que valia mais que todo o Mundo para comſigo meſmo, devendo a honra mais à conſciencia propria. 5 Occorrialhe auſentarſe occultamente ſem celebrar ſolemnidade de vodas, (porque ſó com os deſpoſorios tinha a eſpoſa em guarda, pelo coſtume que jà diſſemos; 6) mas ſentia apartarſe daquella companheyra celeſtial. Neſte mar fluctuava ſem ſe reſolver. 7

4 Quem poderà enganar hum amante? diſſe o Poeta; 8 no roſto lhe vio a *Senhora* o coraçaõ, & padeceo com elle as meſmas ancias. Naõ lhe havia communicado a Annunciaçaõ do Anjo, por naõ ter licença de Deos, que parece quiz dar a Joſeph o merecimento deſta occaſiaõ; & tambem (diz S. Joaõ Chryſoſtomo 9) porque em tal materia era ſuſpeyta ſua relaçaõ; deyxava tudo á diſpoſiçaõ Divina. 10

4 Neſte aperto animou o *Senhor* por hum Anjo, & ſe reſolveo a deſcobrir ao Eſpoſo o que paſſava, & lho diſſe; como a meſma *Virgem* referio a Santa Brigida. 11 Via elle que tal teſtemunha merecia fé em cauſa propria, & as profecias, & circunſtancias antecedentes a abonavaõ: que ſe devia mais credito á honeſtidade, que ao ventre; & que a graça vencia a natureza; mas o eſtimulo da honra ainda picava, & naõ acabavaõ de ceſſar os temores, atè que o *Senhor* quiz por hum Anjo confirmallo no que a *Virgem lhe tinha dito.* 12

5 O Anjo S. Gabriel 13 lhe appareceo em ſonhos; (dormia Joſeph, porque aos Santos naõ deſvelaõ cuydados: deſcançaõ reſignados em Deos, & aſſim negoceaõ, como Jacob, & Saõ Pedro) 14 & diſſe: *Joſeph filho de David, naõ temais receber a Maria voſſa mulher; porque o que tem em ſeu ventre he obra do Eſpirito Santo; parirâ hum filho, & lhe poreis nome Jeſus, porque ha de ſalvar o ſeu povo de ſeus peccados.* 15 Chamoulhe *Filho de David*, inſinuandolhe as profecias que diziaõ naſceria o Meſſias daquella familia: chamou á Eſpoſa *Mulher*: moſtrando, que como ſe chamava mulher, ſendo Eſpoſa, aſſim era mãy ſendo Virgem. 16 E em lhe commetter a impoſiçaõ do

2 *Luc.*1.34.Quomodo fiet iſtud, quoniam virum non cognoſco? *Ita D.Chryſoſt.hom.4.in c.11 Matth.*

3 *Cant.*8.6.Dura ſicut infernus æmulatio.

4 *Supr.c.22.n.6.cum ſeqq.*

5 *Senec.epiſt.43.in fin.* O te miſerum ſi contemnis hunc teſtem.

6 *Supra c.23 n.1.*

7 *Matth.* 1.20. Hæc autem eo cogitante. *P.Fr.Joan.da Sylveyra in Euang. tom.1.l.1.c.10.q.7.n.28.*

8 *Virg. Æneid.4.* Quis fallere poſſit amantem?

9 *D.Chryſoſt.ſupr.*

10 *Sylveyr.d.c.10.q.10.n.16. Vilhegas no Flos Sanct. vida de Saõ Joſeph.*

11 *Revelaç.de S.Brigida l.6.c.59. & l.7.c.25.*

12 *P.Fr.Joſeph de Jeſus Maria na hiſt.da Virg.l 3 c.31.n.1. & 2.*

13 *Melchior de Caſtro na vida, & excell da Virg.p 1.c.6.*

14 *Gen.28.12. Act.2.7.*

15 *Matth.*1 20.

16 *S.Petr Chryſol. ſerm.* 145. *poſt med.* Sicut ergo, manente Virgine mater eſt: ita conjux dicitur, pudore permanente.

do nome, que he direyto paterno, 17 lhe deu a honra de pay: com razaõ pois era Eſpoſo da *Virgem*, & ſe o Meſſias houvera de ter pay na terra, ſó Joſeph o merecèra ſer. 18

6 Deſpertou jà livre de duvidas; que a taõ grande Santo baſtava ſonhar que o mandava Deos; 19 & por iſſo os Anjos lhe fallavaõ ſempre entre ſonhos. 20 Levantou-ſe cheyo de gozo, por favorecido do Ceo; livre de cuydados, confirmado na poſſe do theſouro Virginal, glorioſo na guarda daquella Conceyçaõ Divina, conſolado na redempçaõ do Mundo. Que praticas teria com a *Virgem*! Que louvores dariaõ a Deos! Que parabens reciprocos hum ao outro!

7 Celebrou logo a ſolemnidade das vodas 21 com verdadeyro matrimonio rato: 22 ficou na dignidade mais alta, marido de *Maria*, & Pay putativo de *Chriſto*. 13 Continuáraõ aquella vida Angelica, de que nos deſpoſorios fizemos breve menção: 24 accreſceo (diſſe a meſma *Virgem* a Santa Brigida) 25 huma ſanta competencia em ſe tratarem; porque Joſeph ſervia á *Virgem* como a Senhora; & a *Senhora* ſe humilhava a Joſeph como a marido: nunca o reſpeyto ſe veſtio de confiança: ſempre a confiança tributou ao reſpeyto. Feliz matrimonio, aonde o dote eraõ virtudes; o vinculo, puro amor; & o fruto foy de *Chriſto*.

17 *D. Chryſoſt ſupr.*
18 *Aſſim o conſidera o P. Frey Manoel do Sepulchro na Reſoyçaõ eſpiritual, p.1.c.8.n.23.*
19 *D. Chryſoſt. dicto loco.*
20 *Matth.2.13.& 19.*
21 *Matth.1.24.* Accepit conjugem ſuam.
22 *Cum D. Aug. D. Hieron. D. Thom & aliis P. Joſeph ſup.l.2.c.41. P. Silveyra d.c.10.q 1.n.4.*
23 *Matth.1 c.16. Luc.3.23.*
24 *Supr.c.23.n 3.*
25 *Revelaç. de S. Brigid. d.l & a.* 59.

CAPITULO XXVIII.

Como a Virgem com ſeu Eſpoſo foraõ a Belem para ſe aliſtarem cõforme ao edicto do Emperador Auguſto Ceſar. Moſtra-ſe o que continha o edicto. E trata-ſe que couſa he Era, *& como por ella ſe contáraõ os annos. Dà-ſe noticia da occaſiaõ porque os Romanos entráraõ em Judèa.*

1 COrria o anno cinco mil cento & noventa & nove da creaçaõ do Mundo: dous mil novecentos cincoenta & ſete depois do Diluvio univerſal: quatrocentos cincoenta & quatro das hebdomadas de Daniel: ſetecentos cincoenta & tres da fundaçaõ de Roma, terceyro da Olympiada cento noventa & quatro, conforme o computo Eccleſiaſtico, que acima notàmos: 1 quando Auguſto Ceſar, primeyro Emperador Romano, mandou que por todo o Mundo ſe aliſtaſſem as cabeças de familias ſugeytas ao Imperio, nas Cidades a que pertenciaõ, 2 para final de reconhecimento, & pagarem certo tributo ſegundo ſuas poſſibilidades; entende-ſe que os Hebreos pagáraõ a meyo ſiclo, 3 & cada ſiclo valia oyto vintens dos noſſos Portuguezes. 4

1 *Supr.c 16.n.1.*
2 *Luc.2 in princip.*
3 *Maldonado in 2 Luc.n.4.*
4 *Cardoſo de Monetis, in fin. dictionar.*

2 Paga-

2 Pagava-ſe por quinze annos repetidos em tres partes, que chamavaõ *Luſtros*, ou *Quinarios*. No primeyro ſe pagava em ferro para fazer armas: no ſegundo em prata para bater moeda: no terceyro em ouro, para meter no erario, & para ſimulachros de Deoſes. Acabados os quinze annos ſe fazia nova liſta, & novo lançamento. 5

3 A cada nova liſta chamavaõ *Deſcripçaõ*, porque ſe eſcreviaõ os nomes: ou *Profiſſaõ*; porque ſe profeſſava ſugeyçaõ: ou *Indicção*, 6 que era o meſmo que denunciaçaõ ſolemne, & ſe vieraõ a contar os annos por primeyra, ſegunda, & terceyra *Indicção*, & aſſim pelas mais: & nas Eſcrituras publicas ſe declarava em que *Indicçaõ* eraõ feytas, 7 como hoje ſe declaraõ os annos. 8

4 O tributo ſe chamava *Æra* de *Æs æris*, que ſignifica o metal da moeda; 9 & como foy taõ ſolemne, de ſeu principio ſe começàraõ a contar os annos, 10 dizendo-ſe: *Aos tantos annos da era de Ceſar*: como quem dizia: Aos tantos annos depois que Ceſar poz aquelle tributo.

5 No que he de advertir, que muyto antes da deſcripçaõ que o Euangeliſta Saõ Lucas 11 diz que Auguſto mandou fazer em todo o Mundo, (que ſe entende do Imperio Romano) na occaſiaõ em que naſceo *Chriſto* Senhor noſſo, as havia mandado fazer particulares em muytas Provincias logo nos principios de ſeu Imperio, como notáraõ o Veneravel Beda, & Santo Ambroſio, & reconhece o doutiſſimo Maldonado. 12 Lemos que a houve nas Gallias, 18 depois que Auguſto venceo a Lepido, & Antonio, quaſi trinta annos antes de *Chriſto*. Tambem ſabemos que annos antes ſe contava jà por eras em Heſpanha; porque Auguſto eſtando na Cidade de Tarragona fez outro edicto ſemelhante; 14 naõ a houve juntamente em Judéa, & outras Provincias Orientaes, porque eſtas dominou Auguſto mais tarde pela oppoſiçaõ dos matadores de Julio Ceſar. 15 Eſta he a razaõ porque ſe conta a era de Ceſar trinta & oyto annos antes do Naſcimento de *Chriſto*; porque trinta & oyto annos antes havia Auguſto Ceſar começado aquella deſcripçaõ, & tributo em muytas Provincias, poſto que naõ em todas gèralmente, como foy eſta ultima.

7 Alguns contaõ a *era*, eſcrita com aſpiraçaõ, quarenta & dous annos antes de *Chriſto*, 16 tempo em que Auguſto começou a ter o poder: derivando-a da palavra *Herus*, que ſignifica Senhor, quaſi dizendo: *Anno da Monarquia; ou dominio de Ceſar*. Mas com menos fundamento; pois ainda entaõ nem era Monarca, nem ſe achava taõ poderoſo como ſe ſuppoem; antes com forças taõ duvidoſas, quanto eraõ forçoſos ſeus contendores; ſó ficou abſoluto paſſados quatro annos, que vem a ſer aos trinta & oyto annos de *Chriſto* naſcer, donde ſe contou a *Era*, porque já vencedor poz o tributo em muytas Provincias. 17

5 *Diogo Matute de Penafiel, na Proſap. de Chriſto idade 1. c. 5 § 7. Gloſa verb. Indictionis, in Authent. ut præponat. nom Imper. in princ. collat. 5.*

6 *Gloſſa verb. Indictione, in c. In nomine Domini 25. diſt. Gloſſ. ubi ſupr. in d. Authent.*

7 *D. Authent. ut præpon. nom Imper. §. unde ſancimus collat. 5.*

8 *Ordin. noſtra l. 1. tit. 80 §. 7.*

9 *D Iſidor etymolog. l. 5. c. 36.* Æra ſingulorum annorum conſtituta eſt à Cæſare Auguſto, quando primo cenſu excogitato, Romanorum Orbem deſcripſit; dicta autem æra, quod omnis orbis æs reddere profeſſus eſt Reipublicæ. *Vide Voſcym in Chron. Hiſp. tom. 1. c. 22.*

10 *Calepin. in dictionar. verbo, era.* Aſtrologi quoque initiũ, a quo ſupputationes incipiunt, *erã* vocãt; dicta *era* ex eo quod omnis orbis æs reddere profeſſus Reipublicæ. *Venet. in Enchirid. tẽp. apud Petr. Mexia Sylva var. lect. l. 3. cap. 36.*

11 *Luc. 2. 1.*

12 *Beda in Luc. 2.* Signat hanc deſcriptionem vel primam eſſe harum, quæ, quia totum orbem concluſerit, pleræque jam partes terrarum leguntur fuiſſe deſcriptæ. *D. Ambroſ. ibidem.* At pleraſque jam partes terrarum ſæpe fuiſſe deſcriptas loquuntur hiſtoriæ.

13 *Luc. Flor. in Epitome l. 33.*

14 *Epiſcop. Girone in para. l. 10. Jean. Voſcus ſup. Britto Monarch. Luſit. p. 1 l. 4. c. 29. ad fin.*

15 *Mexia Sylv. de var. liç. d. c. 36.*

16 *Referunt Mexia ſupra, Emmanuel Barboſ. in Remiſſ. ad noſtram Ordinat. d. l. 1. tit. 80. §. 7. n. 2.*

17 *Ita Mexia ſuprà. Concordia Villadiego no Catalogo dos Reys, & Senhores de Heſpanha, tit. dos Imperador. no princ. anda antes aos Comment. às leys dos Godos chamadas* Fuero julgo.

7 Em Hefpanha aquelle coftume Romano de contar pela *Era* de Ceſar ſe guardava no tempo dos Reys Godos, como ſe vè do que Santo Iſidoro eſcreveo no meſmo tempo. 18 Continuou uſe, em Caſtella atè o quinto anno delRey Dom Joaõ I. que no de 1421. da meſma era ordenou que mais ſe naõ uſaſſe, & ſó ſe nomeaſſe o anno do Naſcimento de *Chriſto*, 19 que entaõ corria 1383. Já no anno 1359. tinha introduzido o meſmo em Aragaõ ElRey D. Pedro IV. E em Portugal o ordenou tambem ElRey Dom Joaõ I. depois de ganhar Ceuta. 20 Em Hefpanha, & Italia ſe começa a contar o anno do dia de Natal, ou do dia da Circumciſaõ do *Senhor*. Em França, Inglaterra, & Alemanha do Equinocio de Março, ou dia da Annunciaçaõ da *Virgem*.

18 *D. Iſidor. ſuprà.*

19 *Pedro Lopes de Ayala na Chrõn. de D. Joaõ. I.*

20 *Britto na Monarch. Luſit. p. 1, l. 4, c. 29. ad fin.*

8 Dizem que em aquella gèral deſcripçaõ de todo o Imperio ſe achàraõ vinte & ſeis mil trinta & ſete myriadas de cabeças de familias; 21 cada myriada val dez mil, 22 & ſomaõ duzentos & ſeſſenta milhoens, & ſeſſenta mil peſſoas cabeças de familia. Deſtas (ſegundo Angelo Pacenſe) 23 eraõ da Luſitania cinco milhoens ſeſſenta & oyto mil; grande fecundidade á proporçaõ de todo o Imperio.

21 *Nicepb hiſt. Eccleſ. l 1. c. 17.*

22 *Calepin. verb. Myrias.*

23 *Angel. Pacenſ. in vit. S. Mancii Martyr.*

9 Aquelle edicto de Ceſar comprehendeo a Judèa. Porque as diſcordias de Ariſtobolo, & Hircano filhos de Jano Alexandre Summo Sacerdote, & juntamente Rey, ſobre a ſucceſſaõ do Reyno, levàraõ a Pompeyo em favor de Hircano: 24 & dèraõ entrada aos Romanos ſe fazerem ſenhores; como ſempre ſuccedeo com os mais poderoſos, que foraõ chamados em ſoccorro. Por Inglaterra o experimentar por vezes, fez ley de leſa Mageſtade contra a patria, chamar a ella ſoccorro de Eſtrangeyros. Os Romanos punhaõ de ſua maõ os Reys, & Governadores que queriaõ; & neſte tempo tinhaõ jà feyto Rey a Herodes 25 filho de Antiprato, da Cidade de Aſcalon dos Idumeos em Paleſtina, & de mãy Arabia de naçaõ; foy o primeyro Rey eſtrangeyro, comprindo-ſe a profecia de Jacob, que naõ faltaria ſceptro, & Capitaõ da Tribu de Judá atè que vieſſe o Meſſias; 26 & atè entaõ com titulo de Rey, ou de Capitaõ, & Summo Sacerdote, quando naõ houve Reys, ſempre o ſummo poder eſteve nos de Judá; ao menos por linha feminina. 27

24 *P. Joſeph de bello Judaic. l. 1. c. 5.*

25 *D. Chryſoſt. hom. 1. & 16. in Matth. tom. 2.*
Mexia ſup. l 4. c. 17.
Horat. Segtius Cataceenſ. hiſt. à primeva Eccleſ. p. 1. l. 1. verſ. Hieroſolyme.

26 *Geneſ. 49. 10* Non auferetur ſceptrum de Juda, & dux de femore ejus; donec veniat qui mittendus eſt.
D. Chryſoſt. hom. 16. in Matt. ad med.

27 *Cataceenſ. ſupra.*

10 De Nazareth, aonde viviaõ, partiraõ Saõ Joſeph, & a *Virgem* para Bellem, patria de S. Joſeph, diſtante vinte & nove leguas, 28 para nella ſe aliſtarem, porque por deſcendentes de David, pertenciaõ áquella Cidade chamada de *David*, 29 por o Santo Rey haver naſcido nella. 30 Eſtava a *Senhora* muyto chegada ao tempo do parto, mas naõ ſe eſcuſou de obedecer ao Principe, como poſto por Deos; 31 antes na vaidade do Principe exercitou mais a ſua obediencia. E entaõ com propriedade ſe executava o vangloriofo edicto do Emperador: *Que ſe abſtaſſe todo o Mundo*, 32 como ſe foſſe Senhor de todo elle;

28 *Brocard. in deſcript. Terræ ſanctæ. p. 1. c. 7. §. 59.*
Melchior de Caſtro hiſt. d. Virg. a 1. c 7.
P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria na meſma hiſt. l 3. c. 32. n 1.

29 *Luc. 2. 4.*

30 *P. Sylveyra in Euarg. tom. 1. l. 2. c. 1. n. 14. in expoſit.*
P. Joſeph ubi proximè.

31 *1. Petr. 2. 13.*

32 *Luc. 2 1.* Ut deſcriberetur universus Orbis.

elle executouſe, pois na *Virgem*, tendo a Deos em ſeu ventre, ſe aliſtava todo o Mundo, & todo o Ceo. O *Senhor* de tudo hia profeſſar ſugeyçaõ antes de naſcer: tomava fórma de ſervo para nos libertar; 33 & quiz naſcer no tempo deſta deſcripçaõ, que figuraſſe a que elle vinha fazer de ſeus eſcolhidos. 34

11 Cuyda-ſe commummente 35 que a *Virgem* fez a pè taõ larga jornada, pela pobreza em que ficàra, havendo repartido a pobres o que tinha, como jà diſſemos; 36 mas da reveiaçaõ de Santa Brigida, que no capitulo ſeguinte referiremos, 37 parece que hum jumento ſervio de carroça a tanta Mageſtade; & he mais verosimil; porque ainda que o Divino prenhado (com ſer ſolido, & de corpo como os mais) tinha privilegio de naõ pezar, nem embaraçar; 38 com tudo naõ permittiria Joſeph que a delicada *Virgem* ſe moleſtaſſe tanto: nem Deos permittio que foſſem taõ pobres, que lhes faltaſſe o neceſſario para paſſarem honeſtamente, como a *Senhora* revelou a Santa Brigida. 39

12 Da revelaçaõ aſſima dita parece tambem a alguns Eſcritores, que neſta jornada levàraõ os Santos Eſpoſos comſigo hum boy, ou bezerro. O douto Chroniſta da *Senhora*, Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria, entende 40 que ſeria o bezerro feſtival, que nas Provincias Orientaes ſe coſtumava prevenir para banquete dos dias mais ſolennes; como o com que Abraham hoſpedou os Anjos; 41 & com outro diz a Parabola do Evangelho, que feſtejou o pay ao filho Prodigo, que teve por reſuſcitado: 42 Saõ Joſeph que eſperava a mayor feſta no Naſcimento do Filho de Deos, que lhe eſtava dado por Filho, & ſabia pelas profecias 43 que naſceria em Belem, levaria aquella demonſtraçaõ do mayor goſto, para repartir a pobres; como a *Virgem* levava preparados os envolvedouros para o Menino; & mais prevendo, que pela muyta gente que concorria á *Deſcripçaõ*, poderia ſer difficil comprallo alli. Aquelles poderiaõ ſer os dous animaes que ſe acháraõ no preſepio; poſto que alguns Doutores 44 o naõ cuydem aſſim; & entendem com mais propriedade que o boy entraria entaõ acaſo, coſtumado a recolherſe nas noytes áquella lapa, que muytos entendem que era comoos que chamamos curral do Concelho.

33 *D. Paul. ad Philip 27.*
34 *D. Gregor. Papa, hom 8. in Evan. apud Sylveyra d.c. 1 q.2. n. 8. & apud P. Joſeph. d.c.32.n.3.*
35 *D Chryſoſt hom. de Nativit. in princip. tom 2.*
P. Fr. Manoel do Sepulchro na Reſey. eſpiritu p.1 c.5 n.8.
36 *Supr. c 23 n.3.*
37 *Revelaç. de S. Brigid. l.7. c. 21. Vide c. ſeq. n.6.*
38 *Revelaç. de S. Brigid. l.3.c.10.*
P. Fr. Joſeph. d.c 23.n.2.
P. Fr. Man. do Sepulchro d.c.5.n.8.
39 *Revelaç. de S. Brigid. l 6.c 58.*
40 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria l.4.c.4. n.4.*
41 *Gen. 18.*
42 *Luc. 15.*
43 *Michæa 5.2.*
44 *Maldonado in 2. Luc. n.30.*

CAPITULO XXIX.

Naſcimento de Chriſto *Senhor noſſo.*

1 CHegados os Santos Eſpoſos a Belem, naõ acháraõ aonde ſe recolher, porque a muyta gente que concorria a aliſtarſe, tinha tudo occupado, 1 & com menos occupaçaõ naõ achaõ os pobres quem os recolha. Andava Joſeph

1 *Nicephor. hiſt. l.1.c.12. in princ.*

seph de casa em casa, & em todas lhe diziaõ que naõ havia pousada. 3 Era peregrino em sua patria: 3 & vindo o Filho de Deos ao que lhe era proprio, os seus o naõ recebèraõ. 4 Em que ansia os achava a noyte do procelloso Desembro! Lastimoso espectaculo!

2 Desenganados finalmente sahiraõ para fóra da Cidade, fiando mais da solidaõ. Foy Providencia Divina, 5 porque se em povoado se vira que a *Virgem* paria sem dores, & sem o mais que nos partos he ordinario, & depois a adoraçaõ dos Magos, se descobriria o mysterio, que Deos queria por entaõ occultar.

3 Junto do muro da Cidade á porta Oriental, em hũ campo de Maria Salomè, 6 de quem falla o Evangelista Saõ Marcos, 7 entráraõ em huma cova, que a natureza fizera debayxo de huma penha, de quasi quarenta pès de comprido, & doze de largo, & de altura doze palmos. A hum lado, cavada na mesma penha havia outra cova pequena, tres, ou quatro pès mais bayxa: & nella em quadro de quatro pès hum portal, & sobre elle huma mangedoura de madeyra. 7 Alli costumavaõ recolherse pastores, & peregrinos; 9 os nossos a tiveraõ por sumptuoso Paço; com taõ pouco do mundo se contenta o coraçaõ de Deos. Este Oriente escolhe o Sol Divino, & jà nelle se via a Aurora mais bella.

4 Chegada a hora da meya noyte, 10 significadora do profundo somno do peccado, que se vinha remir: em hum Sabbado, dia sagrado a Deos, & ao Nascimento da *Virgem*, 11 que amanheceria no que hoje he Domingo, 12 sagrado ao mesmo *Senhor*: 24. para 25. de Dezembro, quando a claridade do Sol visivel começaria a augmentarse no nosso Hemispherio, para mostrar, que vinha dar mais luz aos homens, 13 resplandeceo nas trevas o Sol das eternidades. Chegada a hora natural dos nove mezes, naõ quiz dilatar nosso remedio, posto que à custa de deyxar o ventre sagrado; 14 & a *Senhora* com a mesma caridade largou o penhor Divino.

5 Estava a Santissima *Virgem* orando na lapa, que ella fazia Templo, cercada de luz celestial, & arrebatada em altissima contemplaçaõ, com suavissimo extasi, quando, como resplandor sahio o Justo, & Salvador: 15 sahio o Sol sem romper a esfera: como os rayos do visivel penetraõ o vidro illustrando-o mais; & como os da vista sem lesaõ das teas dos olhos sahẽ ao exterior. Antes neste Divino parto se fortificou mais a inteyreza; 16 porque o contacto do Salvador naõ havia de diminuir, mas salvar, & accrescentar o bem que achava. 17 Naõ causaria lesaõ o que costuma redintegrar o leso: & tomar corpo de creatura naõ tirou a Omnipotencia de Creador; 18 só duvidará quem duvidar que nascia Deos: naõ fugeytou seu Nascimento á ley da natureza: fugeytou a natureza ao modo com que nasceo: assim sahio depois do sepulchro sem abrir a pedra: & entrou

2 *Luc.* 1.7.
3 *Supr.* 22. *n.* 8.
4 *Joan.* 1.11.

5 *Cajetan. in* 3. *p. D. Thom. q.* 35 *art.* 7. *super.* 2.

6 *Nicephor. l.* 1 *c.* 13 *in prine. Ced. en. in compend hist. P. Fr Joseph ac Jesu Ma. hist. da Virg. l* 3 *c* 33. *n.* 1. *Melchior de Castro na mesma hist l.* 1 *c.* 7

7 *Marc.* 15.40. 16.1.

8 *Castro supra. P. Joseph supr. n* 2. *ex Beda, Brocard. & aliis.*

9 *D. Hier. Epist.* 27.

10 *Probatur Sap.* 18.14: Cum nox in suo cursu medium iter haberet.

11 *Supra c.* 16 *n.* 4.

12 *Castro supr. cum Beda, Evod. Rupert. & aliis. P. Fr Man. do Sepulchro na Refeyçaõ espirit. p.* 1 *c.* 59. *P. Mexia na Sylv. de var. lic. l.* 2 32.

13 *Notat D. Thom.* 3 *p. q.* 35. *art.* 8. *ad* 3.

14 *Vide sup. c.* 24. *n.* 4: *in fin. D. Ambros. serm.* 18. Cujus sic tenebatur pulchritudine, sic irritabatur amore, ut nisi sibi ille exire nequiret.

15 *Isai.* 62. 1. Egredietur ut splendor justus ejus, & Salvator ejus.

16. *D Augustinus* 10 *Serm* 22 *in Nat. Domin.* Virginitatem dum pareret duplicavit. *D. Pet. Chrysol. serm.* 142. Partu ejus pudor, aucta est castitas, integritas roborata.

17 *Idem Chrysol. serm* 144. *post. princ.* Merito Virgini sola sunt omnia, quæ omnium genus Salvatorem. *D Chrysost serm.* 142. *P. Sylveyra in Evang. tom.* 1. *l* 2 *c* 1. *c.* 5. *n.* 16

18 *Isa Guerric Abb. serm.* 1. *in Nativ. Mariæ, in princip.*

entrou aos Discipulos com as portas fechadas. 19 Em Belem finalmente, aonde Raquel morreo de parto, 20 pario a *Virgem* sem dores, porque se curavaõ as miserias de *Eva*.

6 Discursaõ os Theologos 2 que este nascimento temporal foy muyto semelhante ao eterno, & proporcionado à qualidade de *Verbo*; deyxando estas, & outras excellencias áquella sagrada profissaõ, refiramos a revelaçaõ que teve a gloriosa Santa Brigida desse mysterio, porque as mayores noticias que delle nos deyxou, causaõ mayor devoçaõ. Diz a Santa. 22

Estando eu na lapa de Belem vi huma Virgem fermosissima com o ventre muyto pejado, vestida de huma tunica subtil, & cuberta com hum manto branco. O ventre estava taõ crescido, como quando chega o tempo do parto. Hum homem de mais idade que ella, 23 *de figura honestissima a acompanhava, & ambos levavaõ comsigo hum boy, & hum jumento.* 24 *Entrando em huma cova, o homem atou o boy, & o jumento a huma manjedoura; & sahio ao exterior da mesma cova, aonde accendeo huma vela,* 25 *& a levou à parte interior, aonde a Virgem estava; & pegando-a ao muro se tornou a sahir fóra, por naõ se achar presente ao parto, cuja hora entendeo que havia chegado. Entaõ se descalçou a Virgem, por mayor reverencia: & tirou o manto, branco com que estava cuberta, & o vèo da cabeça, & poz tudo junto a si, ficando só com a tunica; & ficàraõ soltos, & estendidos pelas costas seus cabellos, que eraõ fermosissimos à maneyra de madexas de ouro. Feyto isto tirou dous pannos de linho, & dous de lã, limpissimos, & delgados, que trazia para envolver o Menino que parisse; & outros dous panninhos menores de linho para lhe cubrir a cabeça; & os poz todos juntos de si para seu tempo. Estando, pois deste modo tudo aparelhado, se poz a Virgem com grande reverencia em oraçaõ: as costas para a mangedoura, & o rosto para o Oriente; & levantadas as mãos, & os olhos ao Ceo, estava como suspensa em extasi de contemplaçaõ, toda cheya de doçura Divina. Posta deste modo, se me fizeraõ transparentes suas entranhas, & vi que o Menino se estava movendo no ventre, & em hum instante sahio a este Mundo: de maneyra que em hum abrir, & cerrar de olhos estava no ventre, & jà fóra delle, sem eu poder julgar de que modo havia sido o parto, por sua brevidade instantanea. Nascido o Menino, era taõ grande a luz, & resplandor que sahia delle, que o Sol naõ se lhe podia comparar, nem a vèla pegada ao muro dava claridade alguma, porque sua luz se havia escurecido totalmente com o resplandor Divino. Estava o Menino nù, & suas carnes taõ limpas, que nellas naõ havia final de mancha alguma. Entaõ ouvi tambem os cantos dos Anjos com grande doçura, & maravilhosa saudade; & o ventre da Virgem, que antes estava avultado, no mesmo tempo se recolheo a seu antigo ser, ficando toda ella com fermosura admiravel.*

Havendo a Virgem sentido o milagroso parto, inclinou logo a cabeça, & juntando as mãos com grande honestidade, & reverencia, adorou

19 *Ita D. Chrysost. hom. de Joan. Bapt. in 3. tom.*
Guerric. Abb. d. serm. 2. de Annunt. ad med.
Vilbegas in Flos Sanct. vida de Christo c. 44. post med.
P. Joseph sup. l. 4 c. 1. n. 2. & c. 3. n. 2.

20 *Genes. 5. 17.*

21 *D. Aug. sup.*
Fr. Joseph d. l. 4 c. 1. n. 1.
Com elegencia o P. Anton Guilhelmo lib. 1. de grandezze de la Santissima Trinitá Disc. 7.

22 *Revelaç. de S. Brigida l. 7. cap. 21.*

23 *Vide supra c. 22. n. 9.*

24 *Vsd. sup. c. preced. 18. n. 11. & 12.*

25 Nota a prevençaõ, que levava de vela, & fuzil.

adorou ao Menino, & disselhe: Embora venhais ao Mundo, Deos meu, Senhor meu, & Filho meu. 26 *Então o Menino, chorando, & quasi tremendo de frio, se movia, & estendia os tenros membros, como pedindo o abrigo da Mãy; a qual tomando-o em suas mãos,* 27 *o apertou em seu peyto amorosamente, & com a face o aquentou com grande alegria, & amor.* (A quem não enternece considerar esta acçaõ?) *Sentouse então em terra, & poz seu Filho sobre seu regaço, & começou a envolvello diligente, primeyro nos pannos de linho, & depois nos de lã, apertandolhe o corpinho, perninhas, & bracinhos com huma faxa, & depois lhe poz na cabeça dous panninhos que tinha aparelhados. Feyto isto, entrou São Joseph, que era o homem que estava no exterior da cova, & pondo-se de geolhos, adorou o Menino, prostrado em terra, & derramando de gozo muytas lagrimas. Mas neste parto a Virgem não havia mudado cor, nem sentia dor alguma, nem teve algum dos accidentes que costumaõ sobrevir às outras mulheres quando parem; nem houve nella mais mudança, que haverse recolhido o ventre a seu primeyro estado, como antes que concebesse. Levantou-se então a Virgem tendo o Filho em seus braços, & ajudando-a São Joseph, o poz na mangedoura, & postos ambos de geolhos, o adoravaõ com immenso gozo, & alegria.*

Depois desta visaõ gloriosa, appareceo á Santa a *Virgem* Sagrada com graciosa presença, que regala os Bemaventurados, & lhe disse: *Filha, muyto tempo ha que em Roma te prometti mostrarte aqui em Bellem o discurso de meu parto, & assim quero que tenhas por certissimo; que desta maneyra pari a meu Filho como aqui viste, posta de geolhos, & em oraçaõ; ao qual pari com tanto gozo, & alegria de minha alma, que nenhuma dor, nem pena senti quando sahio de meu ventre; & logo o envolvi em pannos muyto limpos, que muyto antes havia prevenido: & quando Joseph o vio, se admirou, & ficou cheyo de incrivel gozo, & alegria, &c.*

7 Que bronze se naõ enternecerà a tal relaçaõ? Os outros meninos sem uso de razaõ, se padecem, naõ conhecem: o Filho de Deos padecia como Menino, & conhecia como homem. Quem diria que Menino taõ pobre era a alteza das riquezas? 28 Que aquelle taõ fraco, era o fortissimo? 29 Que o que sentia o frio, era o que imperava o fogo? 30 Que o que estava mudo, era o *Verbo?* 31 o que parecia simples, era a fonte da sapiencia? 32 O que gemia, era o Tonante? 33 O que cabia em huma mangedoura, era o que naõ cabia nos Ceos? 34 Tornou-se o grande 35 em pequeno: o immenso 36 em limitado: o eterno em 37 temporal. Mas, ò pobreza rica, & que nos enriqueceo! 38 ò fraqueza esforçada, que vences o forte armado, 39 & triunfas do Principe do mundo! 40 frio que vem fomentar a terra! 41 silencio que faz discretas as linguas! 42 simplicidade em que estaõ todos os thesouros das sciencias! 43 gemidos que vem a enxugar lagrimas! 44 infancia imitavel na humildade! Quem quererá ser grande de-

26 Nota, que primeyro satisfez ao culto de Deos, que ao amor, & abrigo do Filho.

27 Nota, ḳa terra nùa foy á primeyra que recebeo o Redemptor; no que os Escritores duvidaraõ. *Apud P. Syveyra d.c.1. q 30. n.31. P. Joseph d.c.1. n.3. P. Fr. Manoel do Sepulchro d.c. 5 n. 18.*

28 *D. Paul. ad Roman. 11. 33.* O altitudo divitiarum

29 *Gen* 46.3 Ego sum fortissimus Deus.

30 *Psalm.* 17. *v.* 9. Ignis à facie ejus exarsit. *Daniel* 3.

31 *Joan c.1.* Erat Verbum.

32 *Eccl. c.1.1.* Omnis sapientia à Domino Deo est.

33 *Job* 37 4 Tonabit Deus voce magnitudinis suæ. Tonabit Deus in voce sua mirabiliter.

34 *Eccl:* Quem Cæli capere non poterant.

35 *Deuteron.* 10.17. Deus magnus.

36 *Symb. S Athanas.* Immensus Filius.

37 *Ibidem:* Æternus Filius.

38 *D. Paul. ad Rom.* 10.12. & 2. *ad Corinth.* 8 9.

39 *Luc* 11.22.

40 *Joan.* 16.11.

41 *Luc* 12.49.

42 *Sapient* 10 *in fine.*

43 *D. Paul. ad Coloss.* 1.3.

44 *Apocal* 7. *in fine,* & 21.4.

pois que Deos se fez pequeno? *Vòs ò filhos de Aaam*, (exclama o Abbade Guerrico 45) que vos tendes por grandes, se vos naõ fizerdes como este pequenino, naõ entrareis no Ceo; 46 elle he a porta por onde lá se entra; 47 o alto q̃ se se naõ abayxar, naõ caberá por ella, & quebrará a cabeça. 48 Se aquelle que só he tudo, obrou tudo, & sem o qual nada se fez, 49 se reduzio a parecer quasi nada; 50 nòs, sendo nada, como nos queremos fazer tudo? De que te ensoberbeces terra, & cinza? diz o Ecclesiastico. 51 Quanto mayores foramos, mais deveramos humilharnos. 52.

8 Consideraõ os contemplativos que diria a Virgem: *O' Rey dos Reys, Creador, & Senhor de tudo, naõ posso darvos outra camera, outro berço, nem outro abrigo, porque escolhestes Mãy tão pobre, podendo escolher huma Princesa rica? Se o fizestes por me honrar, porque me lastimais? Conheço que he mysterio desprezar desgrãdezas, & me resigno em vossa disposiçaõ: mas entranhas de Mãy como naõ senturáõ vervos padecer?* A Santa Brigida disse a *Senhora*, 53 que no mesmo tempo se banhava sua alma em orvalho de gozo, vendo-se Mãy de tal Filho; & seus olhos em lagrimas, rompendose-lhe o coraçaõ em cuydar nos cravos, que segundo as profecias, haviaõ de trespassar aquelles tenros pés, & mãos; porèm sempre resignada em Deos.

9 O Santo Joseph via toda a grandeza abreviada: toda a luz sem luzir: huma Donzella Mãy: hum Filho sem pay da terra: o Creador creatura: o immortal passivel; & na Espoſa que amava, no Filho que adorava, com affectos juntamente contrarios; se alegrava, se lastimava, & admirava os juizos do Altissimo. Vio chorosos aquelles olhos, que penetravaõ o mais alto dos Ceos, o mais profundo dos abyssos, o mais occulto dos coraçoens: atadas aquellas mãos, & braços q̃ formáraõ tudo o que tem ser: aquelles pès a que saõ estrado os mais levantados Serafins: via aquella Divina Pessoa taõ mal hospedada na terra: envolto em pannos o que vestia luzes: cingido o que cingia os Orbes: reclinado o que reclinava os Ceos: entre brutos o que estava entre Anjos: em mangedoura o que merecia altar. Porèm nestas consideraçoens lhe dizem as almas devotas: Consolayvos Santo Joseph, logray esse gosto sem pensaõ; porque se aquelles olhos derramaõ lagrimas, tambem tem por doce objecto a glorioſa vista da Mãy: se aquellas mãos, & braços estaõ agora enfaxados brevemente lograráõ seus braços: se aquelles pès se achaõ ligados, tempo virá em que a poderaõ seguir: se falta áquelle sagrado corpo outro apparato, & regalo, tem o regaço da *Virgem* throno melhor que o de Salamaõ, *Sancta Sanctorum* animado, lugar o mais proprio para a grandeza de Deos: humilde està esse Infante, (diz Santo Agostinho) porque nasceo homem dos homens: mas exalçado, porque nasceo da *Virgem*. 54 Levante-se o Templo de Jerusalèm com admiravel fabrica: resplandeça com ouro: illustre-se com ornamentos: firvase

41 *Guerric. serm. 1. de Nativ. Domin.*

46 *Matth. 18. 3.*

47 *Joan. 10. 9.*

48 *Psalm 109 vers. 7.* Conquassabit capita in terra multorum.

49 *Exod. 3. 14. Joan. 1. 1.*

50 D. *Paul ad Philip. 2. 7.* Semetipsum exinanivit.

51 *Eccles. 10. 9.* Quid superbit terra, & cinis?

52 *Ecclesiast 3. 20* Quãtò magnus es, humilia te omnibus, & coram Deo invenies gratiam.

53 *Revelaç. de S. Brigid. l. 1. c. 1 Ante med.*

54 D. *Aug. l. 1. de symbol. ad Catechumen.* Unde humilis? Quia homo natus ex hominibus: unde excelsus? Quia ex Virgine.

ſe com bayxelas: frequente-ſe de miniſtros: ſolemnize ſacrificios, muyto inferior fica eſta lapinha fabricada ab æterno para melhor ſantuario: reſplandecente como Sol Divino: illuſtrada das graças de *Maria*: frequentada de Anjos: onde a mangedoura he altar ſagrado: as ſuas palhas fazem cama de flores: a Arca do Teſtamento he Deos vivo; tudo ſeacha convertido em Ceo. Tal fogo ſe atea nas palhinhas deſte preſepio, que abraza os coraçoens mais de neve em ſemelhantes conſideraçoens.

CAPITULO XXX.

Do mais que ſuccedeo na lapa de Bellem depois do Naſcimento de Chriſto; & os maravilhoſos ſinaes, que houve no Mundo no meſmo tempo.

1 MIl paſſados ao Oriente da lapa eſtava a torre chamada *Gueder*, ou *Ader*, que ſignifica *Torre do rebanho*, lugar que habitou Jacob, morta a fermoſa Raquel, 1 & nella ſe achavaõ tres 2 paſtores vigiando os que paſtavaõ aquelle campo. 3 Appareceolhes o Anjo Saõ Gabriel, 4 Miniſtro glorioſo de todo eſte myſterio, & os rodeou de claridade. Teméraõ; porque a humana fraqueza naõ póde com viſões taõ altas; 5 & o Anjo lhe diſſe, que naõ temeſſem, porque lhes vinha dar alegre nova de lhes ſer naſcido o Salvador em Bellem, & que por ſinal o acharíaõ envolto em pannos poſto em huma mangedoura. 6 O amor o tinha taõ humilhado, que para ſer achado eraõ neceſſarios ſinaes: mas eſſa amoroſa humildade era o ſinal para ſer achado como Deos. Naõ appareceo o Anjo aos que dormiaõ, porque ſó os que vigião merecem ver Anjos, & achar a *Chriſto*. 7 Logo grande multidaõ de Anjos cantou: *Gloria nas alturas a Deos, & na terra paz aos homens de boa vontade.* (Só eſtes lograõ a paz de Deos.] Santo Hilario compoz o mais que ſe ſegue naquelle hymno, q̃ ſe canta nos dias de feſta na Miſſa: o Papa Saõ Teleſphoro Martyr, Grego de naçaõ, quaſi pelos annos de 142. foy o que primeyro mandou, que ſe cantaſſe na Miſſa do Natal, & que eſta ſe celebraſſe pela meya noyte, naõ coſtumando celebrarſe nos mais dias ſenaõ à hora da Terça, porque nella ſubio *Chriſto* à Cruz. 8 No monte Sinai começou a Ley velha, que era de terror, com rayos, & trovoens de entre huma nuvem: 9 nos campos de Bellem começou a nova; porque he de amor com muſicas, & claridade.

2 Tornados os Anjos para o Ceo, differaõ os paſtores: *Paſſemos a Bellem, & vejamos eſta palavra que foy feyta, que o Senhor nos moſtrou.* Ao Menino chamáraõ *Palavra feyta*, myſterioſamente, porque era *Verbo* feyto carne; 10 & ajuntàraõ,

1 *Gen* 35.21. *D. Hier. de locis Hebraic.*
2 *Beda de loc. ſanct. c. 8. in 3. tom. Flav. Dexter. in Coron. Chriſti 1. D. Epiphan. hæreſ. 29. § 2.*
3 *Luc. 2. 8.*
4 *Melchior de Caſtro hiſt. da Virg. l. 1. c. 7. P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. na meſm. hiſt. l. 4. c. 8. n. 4. Cum D. Hier. ep. 48. ad Sabinian.*
5 *Chryſoſt. Homil. de Natiu. Domin. in 1. tom.*
6 *Luc. d. c. 2. 12.*
7 *D. Chryſoſt. ſup.* Non inveniſt Chriſtum niſi vigilantes. Digni erant ut veniret ad illos Angelus qui ſic vigilabant.
8 *Ex lib. Pontificali Damaſi Papæ, ut habetur in 1. tom. Concilior. pag. mihi* 180.
9 *Exod* 19.
10 *Joan. 1. 14.*

que Deos nos moſtrou, porque ſó feyto carne o podiaõ ver: no Ceo inexcrutavel aos entendimentos Angelicos: no preſepio palpavel aos ſentidos humanos. 11 Foraõ com preſſa, (diz o Texto 12) & por iſſo acháraõ. 13 Achárão o Menino no preſepio entre os dous Serafins da terra, & o conhecèraõ, porque a luz com que o Anjo os rodeára, lhes ficára nos entendimentos. Sahirão louvando, & glorificando a Deos, & publicando o ſucceſſo, & todos os que o ouviaõ admirados. Vinha Cordeyro o *Verbo* encarnado, & por iſſo forão paſtores os primeyros que delle davão noticias.

11 *D. Chryſ. ſup.* Quod enim videre non poteramus dum erat Verbum, videamus carnem: quia caro eſt, videamus quomodo Verbum caro factum eſt.
In idem eſt Guerric. Ab. ſerm. 5. de Nativ. Dom.

12 *Luc. 2. 16.* Venerunt feſtinantes.

13 *D. Chryſoſt. ſup.* Quia tanto ardore currebant, propterea inveniunt quem quærebant.

14 *Luc. 2. c. 19.* Conferens in corde ſuo.

15 *P. Fr. Joſeph ſup. d. l. 4 c. 9.*

3 Diz o Texto ſagrado 14 que a *Senhora* conferia tudo em ſeu coraçaõ. Conferiria (conſidera hum douto, & devoto Eſcritor) 15 quam differentes ſaõ as eſtimações que faz Deos, das que faz o mundo; pois mandou aviſo por hum Anjo à humildade dos paſtores, & náo á ſoberania dos grandes. Conferiria a vileza das palhas em que jazia o Menino, com a excellencia da adoraçaõ que lhe davaõ os paſtores; & a differença com que ſe moſtrava na terra o que dalli governava o Ceo. Donde Saõ Joaõ Chryſoſtomo 16 nos admoeſta, que a exemplo da *Virgem* confiramos tambem em noſſos coraçoens, que naſceo *Chriſto*: confiramos noſſos peccados com ſua miſericordia: a condenaçaõ em que incorremos, com a abſolviçáo que nos veyo grangear: o cativeyro em que eſtavamos, com a liberdade em que nos poz: o pouco que eſtimamos a ſalvaçaõ, & o muyto que lhe cuſtámos: que naſceo para morrer por nòs, & nòs nem viver queremos para elle: que deſceo do Ceo para nos levantar do abyſmo: que foy todo para nòs, 17 & nada para ſi: 18 & que por *Eva* nos vieraõ todos os males; & pelo *Ave* de *Maria* todos os bens.

16 *D. Chryſoſt. ſup.* Quia illa conferebat in corde ſuo, & nos tractemus in corde noſtro, quod hodierna die Chriſtus naſcitur.

17 *Iſai. 9. 6.* Parvulus natus eſt nobis.
Luc 2. 11. Natus eſt vobis hodie Salvator.

18 *Guerric. Abb. ſerm. 3 de Nativ. Dom. in princ.* Puer natus eſt nobis prius: non enim ſibi, non Angelus.

4 *Virgem* glorioſa, Máy Santiſſima da ſaude univerſal, para bem vos ſeja Filho taõ illuſtre, unico herdeyro do Eterno *Pay*: bemdita ſeja voſſa pobreza, que tal theſouro produzio: bemdita voſſa humildade, que tão engrandecida ſe vè: bemdito voſſo parto maravilhoſo; ſem dores, & ſem corrupçaõ; tão ſoberano na ſubſtancia, quam humilde nos accidentes. Logray eternidades eſſa prenda celeſtial, de que foſtes habitaculo ſagrado: eſſe Divino Sol, de que foſtes puriſſimo oriente: eſſa flor gracioſa, 19 que deyxou mais ameno o campo de que naſceo, creſcendo nelle a fermoſura, augmentando-ſe a caſtidade, & fortificando-ſe a inteyreza.

19 *Cant. 2. 11.* Ego flos campi.

5 Feliciſſima Bellem, Metropoli do Mundo, como te chamou o grande Nazianzeno; 20 juſta inveja a todas as Cidades, pois ſó em ti ſe viraõ jũtas, quãtas excellencias naturaes, & adquiridas ſe repartiraõ cõ fema entre as mais celebres em todos os ſeculos; ſó no eſtreyto de hũa lapinha tiveſte o melhor tẽplo, a mayor riqueza, a fonte das ſciẽcias, & os melhores Cidadãos. Alli naſceo o mais famoſo Capitaõ, 21 & o mais excellente Legislador; alli aſſiſtio a Corte celeſtial: alli ſe abrio o cõmercio da

20 *D. Gregor. Nazianzen. orat. 19. ante med.*

21 *Michæas apud Matth. 2. 6.* Ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Iſrael.

terra

terra com o Paraiſo: & foy o porto mais ſeguro em que aportou a náo, que nos trouxe o Paõ da vida: 22 com razaõ te chamáraõ *Bethelem*, que ſe interpreta *Caſa de paõ*; 23 poſto que hoje te aches reduzida a pequeno ambito: em pequena faiſca ſe ſuſtenta o fogo: em humſó rayo ſe moſtra a luz do Sol: em breve mappa ſe deſcreve o Mundo.

6 Em aquella hora, & noyte, & no dia ſeguinte ſuccedèraõ em diverſas partes prodigios maravilhoſos. S. Boaventura diz, 24 que em aquella hora morreraõ de repente todos os Sodomitas, porque naõ houveſſe tal abominaçaõ, quando naſcia o Rey da pureza.

7 Aquella noyte foy clara como o meyo dia: 25 abrindo-ſe a terra por muytos lugares penetrou a luz atè os Padres do Limbo. 26 Em Heſpanha ſe vio huma nuvem muyto reſplandecente á maneyra de columna. 27

8 Na meſma noyte florecèraõ as vinhas em algumas partes 28 & ha Eſcritores 29 que accreſcentaõ que deraõ fruto.

9 No dia ſeguinte ſe anticipou o Sol, & reſplandeceo mais claro. 30 Muytos Authores 31 graves contaõ, que em Hſpanha apparecèraõ tres Soes, & que depois ſe juntàraõ em hum, quaſi moſtrando as tres Peſſoas Divinas, que he hum ſó Deos.

10 No meſmo dia ſeguinte cahio em Roma o famoſo Templo da Paz, 32 em cumprimento do vaticinio que acima referimos: 33 & aonde eſtá a Igreja de N. S. trans Tiberim naſceo huma fonte de azeyte, que manou todo aquelle dia; 34 como acclamando a *Chriſto*, que ſignifica *ungido*.

11 Dentro na meſma lapa de Bellem naſceo milagroſamente huma fonte, 35 moſtrando-a que naſcia manante da graça.

12 Poucos dias depois intentando o povo dar culto de Deos a Octaviano Auguſto, & reparando elle com prudencia, ſe conſultou o negocio cõ os interpretes dos livros Sibyllinos; 36 & eſtãdo ſe tratando no Capitolio, aonde os livros ſe guardavaõ, à hora de Terça appareceo junto do Sol hum circulo de ouro, & no meyo delle ſobre hũ altar huma fermoſa Donzella com hum bello menino em ſeus braços; & entendendo o Emperador, (ou porque lho diſſe hum interprete, ou pelo que tinha lido nos meſmos livros (q̃ aquelle Menino era Divino, & feria Rey univerſal mayor que elle, o adorou de joelhos, & mandou q̃ mais ſe naõ trataſſe de lhe attribuirem a elle divindade. Fez pintar a viſaõ em huma camera do Paço, que alli tinha com titulo de *Ara Cæli*, que ſe conſerva hoje em hum Convento de S. Franciſco fabricado no meſmo lugar. 37 Outros Eſcritores, concordando na ſubſtancia, differem no modo porque ſucceedeo; 38 & tambem ha quem diz 39 que o nome de *Ara Cæli* ſe tomou de hum altar, q̃ o meſmo Octaviano levantou a *Chriſto*

22 *Proverb.31.14.* Factus eſt quaſi navis inſtitoris de longe portans panem.
Joan.6.51.

23 *D Chryſoſt in hom. ex 26. in c.2.Matth.in Epiphan tom.1.*

24 *D Bonavent.opuſcul de quinque feſt.puer Jeſu c.2.*

25 *S Vicent.Ferrer ſerm de Nativit.*

26 *Damaſcen.apud Petr.à Natal.in Catal.*

27 *El Rey D.Affonſo nas ſuas taboas p.1 c.107.apud Matut.in prof. de Chriſt.na vinha da Caſa de Auſtria.*
D.Lucas Biſpo de Tui, na Chron. de Heſpanha, apud Mexia na Syrva de var.lig.l 2.c.13.

28 *S Boavent. ſupra.*

29 *Aqua Carthagen. de arcan. Deip.p.1.l.5 tom 8.*

30 *D.Ambroſ.ſerm.16.in princ.*

31 *D Thom.3.p q.36.a.1.3. ad 3.in fin.*
Carthagen ſup.
Alii apud P.Fr Joſeph ſup.l.3.c.38. n.3.
Jul. Obſequens de prodigiis c.118.

32 *Papa Innocent.III.ſerm.2.de Nativit Confeſſor, S Anton & alii apud Frey Heytor Pint.dial.5.c. 14.in 2 p.*
Franciſc de Morçon, no Eſpelho do Princip.l 1.c.83.

33 *Supr.c.8.n.8.*

34 *D.Thom.ſupra.*
Sabellic.l.1. Æneid.7.
Carthagena ſupr.
Fr Heyto. Pinto, Petr. Mexia, & P.Joſeph ſupra cum Euſeb.in Chron. tempor.But op.ac alii.

35 *P. Anton. de Balinghen. in Ephemer. ſeu Kalendar. Virg. die 6. Januar.n.1.*

36 *Vide ſupr c.9.n.15.poſt princ.*

37 *Triumphus Chriſt.lib.7.*
Sebald.S breviar.Chronicat.5.apud Matute Proſop.Chriſt. idade 1.c.5. §.8.
Baren.in apparat. ad Annal. n. 26. & alii apud P. Fr Joſeph d.c.38.n.4.

38 *Innocent III. ſupra.*
D. Antonin. Oroſ. atque alii apud Fr Heytor Pinto d c.24.

39 *Carthagen de arcan.Deip.p. 1.l7.hom.3.verſ ceterum.*
Refert Harat. Scoglus Caterſis hiſt.à primord. Eccleſ.p.1. l.1. verſ. Nec deſunt.

ſto Senhor noſſo com occaſiaõ de huma repoſta do Oraculo de Apollo Pythio, de que abayxo faremos relaçaõ. 40

13 Pelo meſmo tempo cahio em hum palacio de Roma huma eſtatua de ouro que nelle eſtava, com titulo que dizia: *Naõ cahirà ſenaõ quando huma Virgem parir.* 41

24 Omittimos outros prodigios que ſe lem 42 attribuidos á meſma occaſiaõ, porque huns pòdem ter applicaçoens differenres: de outros ſe naõ averigua bem quando ſuccedèraõ; & ſó referimos por mais proprios, os que ſe viraõ no meſmo tempo do parto virginal.

15 Achava-ſe entaõ o Mundo em paz univerſal, como os Profetas haviaõ profetizado, 43 & as Sibyllas eſcrito; 44 & aſſim eſtava fechado o Templo de Jano, que os Romanos tinhaõ aberto ſempre que havia alguma guerra, & duas vezes ſe havia fechado depois da fundaçaõ de Roma. 45 Cahio o Templo da Paz, como diſſemos, 46 porque naõ quiz Deos que a paz que elle trazia ao Mundo ſe attribuiſſe á ſuperſtiçaõ daquelle templo. Durou eſta paz doze annos continuos: 47 achaõ-ſe medalhas do tempo della com a figura da paz, tendo em huma maõ huma tocha aceſa: pegando fogo a frechas, arcos, & outras armas, 48 (como profetizára David) & ne outra maõ hum ramo de olivcyra com letra: *Pax Auguſti.* Guilhelme Choul faz menção dellas. 49

40 *Infra t.35.n.8.*

41 *Martin.Polon.l.4. Chron.*

42 *Apud P.Fr. Joſeph d.l.3.c. 38.n.1.3 & 5. Et Cataceuſ.d.p.1.l.1.verſ. Jambre nevem.*

43 *Iſai 11.â n.6. Pſalm.45.v.8.& 9.*

44 *Sap.c.9.n.26.*

45 *Vide ſup.c.8.n.12.poſt med.*

46 *Supra n.10.*

47 *Oroſius l 6.c.22.*

48 *Pſalm.45.verſ 9.* Scuta comburet igni.

49 *Guilhelm.Choul,de Relig.Roman.*

CAPITULO XXXI.

De como o Menino Deos foy circumcidado, & com elle começou a padecer por nòs ſua Mãy Santiſſima

1 MAndou Deos a Abraham que ao oytavo dia circumcidaſſe todos os meninos, para final do pacto porque os eſcolhia por ſeu povo. 1 Era remedio para o peccado original: 2 naõ por virtude que tiveſſe como o Bautiſmo da Ley da graça; mas por graça que ſe dava ao circumcidado em virtude da fé que ficava profeſſando do *Redemptor* que ha de vir. 3 Prefinio o *Senhor* eſte tempo, porque jà eſtiveſſe menino capaz daquella dor, & lhe naõ foſſe mais moleſta, ſendo elle de mais dias. 4 Depois ſe eſcreveo eſte preceyto na ley de Moyſés. 5

2 Della era izento o Filho de Deos por ſuperior a todas as leys; 6 & pelo naõ comprehenderem as razoens em que aquella ſe fundava. Mas por outras que os Doutores apontaõ largamente, 7 ſendo de oyto dias, no primeyro de Janeyro, que entaõ cahio no que nos he Domingo, foy circumcidado 8 na meſma lapa em que naſceo; 9 entende-ſe que por revelaçaõ que a *Virgem Mãy* teve. 10 He mais veroſimel que Saõ Joſeph

1 *Gen.17.10.*

2 *P.Fr. Joſeph de Jeſu Maria hiſt.de N.Senhora l.1.c.15 n.1. D.Thom.3.p.q 37.art.1.ad 3.*

3 *Explica Vituegus no Flos Sãct. feſt.da Circumciſaõ.*

4 *D. Chryſt.hom 39.ad fin. in Geneſ.*

5 *Levit. 12.3.*

6 *D.Bernard. ſerm de Circumciſ. in princ. L.Princeps ff de legib.*

7 *D.Thom.3. p.d q.37 art.1. Alii apud Sylvea.in Euang.tom.1. l.2.c.3.q 2.*

8 *Luc 2.21.*

9 *P.Sylveyra d.c 3 q.1.n.2.*

10 *P.Fr.Joſeph ſupr. n.3. Melchior de Caſtro hiſt. de N.S.l.1. c.7 ad fin. P.Fr. Manoel do Sepulchro na Reſeyç eſpirit.p.1 c.6.n.29.*

11 *Vilbegas ſupra. P.Joſeph ſup.n.1.*

ſeph foy o miniſtro deſte acto, 11 porque os pays, ou máys o coſtumaõ ſer; 12 com hum agudo canivete feyto de pedra, a qual pedra ſignificava a *Chriſto*, que cortaria toda a corrupçaõ. 13

3 Que obediente, & ſofrido amante ſe moſtrou o *Menino*! Nem pode dilatar o derramar por nòs ſangue: nem reparou a tenra idade em padecer, jà d'antes padecéra, ſe a ley o naõ dilatára atè o oytavo dia. Buſcou razoens para ſe obrigar à ley de que era izento, & nòs as buſcamos para nos izentar da ſua a que ſomos obrigados. Vinha livrarnos daquelle golpe; mas primeyro o tomou ſobre ſi; levou o penoſo, & nos deyxou o ſuave do Bautiſmo. Dizem 14 que ajuntou Saõ Joſeph parentes, & amigos para aſſiſtirem como era coſtume: do tormento fez o Deos Menino ſolemnidade: & quiz que viſſem muytos que ſe humilhava, & ſe conformava com o uſo dos homens.

4 Mas entre o gozo do eſpirito ſe laſtimava a carne; chorou a alegria do Ceo para alegrar a terra: que dor para Joſeph ſer inſtrumento daquella dor, & ferir de hum golpe o Filho, & a Máy, 15 que jà ſentia o golpe antes de elle ferir!

5 A *Senhora* recolheo o ſangue, & precioſa particula, & juntamente as lagrimas, que em tudo derramou. Ella enthefourava as prendas do Filho, & o Filho as da Máy. Aquella joya de rubins, & perolas trouxe ſempre a *Virgem* comſigo, & quando paſſou deſte Mundo a deyxou ao Evangeliſta S. Joaõ. 16 Depois ſe trouxe a Roma, & eſteve no *Sancta Sanctorum* da Igreja de S. Joaõ Lateranenſe. No anno de 1527. ſendo Roma ſaqueada em tempo de Clemente VII. hum ſoldado levou o cofreſinho em que eſtava guardada com outras reliquias, & por varios ſucceſſos foy parar em Calcata, vinte milhas de Roma, aonde ſe achou no anno de 1557. ſendo Pontifice Paulo IV. verificada com grandes milagres. 17

6 O primeyro dia de Janeyro faziaõ os Gentios horrivel com abominaveis cultos em que ſe feſtejavaõ ſeus Deoſes; donde atè o tempo de Saõ Pedro Chryſologo, que floreceo pelos annos 500. de *Chriſto*, ſe derivàraõ entre os Chriſtãos exorbitantes exceſſos, que o Santo reprehende em hum elegante Sermaõ. 18 Mas jà nos he dia taõ ſanto, que delle com razaõ começamos os annos: & nos auguramos muytos bons em Mundo que naõ dá hum bom dia, porque quando *Chriſto* começou a derramar ſangue, começámos nòs a viver: & noſſas felicidades reſultàraõ das ſuas penas

11 *D. Bernard ſerm. 1 ad fin. Caſtro ſup. cum Juſtin. Tertul. Nyſſeno, & aliis. Matute na P. oſap. de Chriſt. idade 5. cap. 2. p. 2 § 9.*

12 *Bxed. 4 n. 25. Mackab. 1. c. 1. 61 & 2. c. 6 10.*

13 *P. Anton de Balirghen. in Kulend. Virgiu die 1 Januar. Magiſt. ſent. l. 4. diſt. 1. §. 8.*

14 *Caſtro, & Vithegas ſupr*

15 *L. Iſti quidem § fin. ff.* Cùm pene per filii corpus pater magis quàm filius periclitetur.

16 *Revel. de S Brigid l. 6. c 112. P. Fr. Manoel do Sepulchro d. n. 9. cum Cartgag.*

17 *Refere o Cardeal Toledo apud P. Fr. Joſeph d. c. 15. n. 5.*

18 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 155.*

CAP.

CAPITULO XXXII.

Do nome Divino JESUS porque foy chamado o Menino em ſua circumciſaõ. Declara-ſe tambem o de Meſſias, & o Santiſſimo nome de Chriſto.

1 COſtumavaõ os Hebreos pòr o nome aos filhos no dia em que os circumcidavaõ, (como Deos o mandou a Abraham quando o mandou circumcidar; 1) & ás filhas no dia da purificaçaõ das mãys; 2 como os Chriſtãos o poem no dia do Bautiſmo, que ſuccedeo á circumciſaõ. He conveniente a cada individuo nome proprio porque ſeja conhecido; & nem ſe lhe deve antes de dedicado a Deos, porque ſem o ſer, quaſi naõ he homem; nem ſe lhe pòde negar logo que ſe dedica, pois jà ſe acha taõ honrado. Atè os Gentios o reconheciaõ, & aſſim os Athenienſes ao decimo dia punhaõ os nomes aos filhos depois de ſacrificarem a ſeus Deoſes; 3 & os Romanos uſavaõ o meſmo ao nono dia, ſendo filho, & ao oytavo, ſendo femea. 4

2 Ferido na circumciſaõ o Menino Deos com canivete de pedra, como diſſemos, 5 & ſendo elle meſmo allegoricamente pedra, como lhe chamou Saõ Paulo, 6 ſahio do golpe daquelle pedernal, fogo, & luz, que accendeo como alampada o *Salvador*, como tinha dito Iſaías: 7 accendeo-ſe o nome de JESUS, que ſignifica *Salvador*. 8 Naõ ſe poz de novo, porque o Eterno *Pay*, a quem por direyto paterno pertencia porlho, 9 jà lho tinha poſto ab æterno, como Iſaías tambem diſſe: 10 nome taõ grande naõ devia ſer poſto por homens; 11 o Eterno *Pay* delegou por hum Anjo 12 à *Virgem Mãy*, & ao Eſpoſo Joſeph que o declaraſſem: à Mãy, porque em falta, ou impedimento de pay na terra, lhe compete o meſmo direyto; 13 ao Eſpoſo, por lhe continuar a honra de pay putativo. 14 Foy a *Virgem* inſtrumento de noſſa Redempçaõ, declarando o nome que empenhava o *Redemptor*; nome que ſó competia a quem houveſſe de ſalvar; 15 donde inferiraõ alguns Doutores, 16 que ſe o *Verbo Divino* encarnára durando o eſtado da innocencia, ſe chamaria de outro nome, que ſignificaſſe Deos, & homem glorificador.

3 Eſte nome *Jeſus* lhe ſabia jà o Profeta Habacuc quando diſſe: *Eu me gozarey no Senhor, & me alegrarey em meu Jeſus Deos.* 17 Foy nome novo, diſſe Iſaías: 18 ninguem ſe tinha chamado aſſim; 19 porque Joſuè, que ſe chamou *Jeſus Nave*; Jeſus

1 *Gen.17.5.*
2 *D.Thom.3.p.q.37.art.2.ad 3.*

5 *Alex.ab Alex.Genial dier.l.2. c.25.*
4 *Plutarch.problem.161. Macrob. Saturnal.l 2.c.16.*
5 *No cap.precedente n.2.in fin.*
6 *D Paul.1. ad Corinth.10.v.4.* Petra autem erat Chriſtus.

7 *Iſai.62.in princ.* Donec egrediatur ut ſplendor juſtus ejus, & ſalvator ejus ut lampas accendatur.
8 *Matth.1.21.* Vocabis nomen ejus Jeſum, ipſe enim ſalvum faciet populum ſuum à peccatis eorum.
9 *D.Chryſ hom.4.in c.1. Matth.*
10 *Iſai 62.2* Nomen novum, quod os Domini nominabit..
11 *Notat Origen.hom.14.in Luc.*
12 *Matth.ſupra. Luc.1.31.*
13 *Ut in Eliſabetha Luc.1.60.*
14 *Diſſemos 1.c.27.n.5.*
15 *D.Bern.a.ſerm.2.de Circumciſ.*
16 *Refere o P.Fr. Man.do Sepulchro na Reſurg. eſpirit.p.1.c 6.n. 26 in fine.*
17 *Habacuc 3.18.* Ego autẽ in Domino gaudebo, & exultabo in Deo Jeſu meo.
18 *Iſai ſup.* Nomen novum.
19 *Nota com Origenes o P. Fr. Man.do Sepulchro d.c 6.n.20.*

Jesus Josedech, & Jesus de Sirac, tiveraõ nomes parecidos; mas formalmente diversos; por quanto no Hebreo o nome Jesus porque se chamou *Christo*, quer dizer propriamente *Salvador*; o dos outros significa, homem que espera o *Salvador*, como provaõ Galatino, & Pagnino. 20 Os grandes nomes trazem grandes encargos; 21 só o Filho de Deos tinha hombros para *Salvador*, pois para salvar de peccados, alèm de homem, havia de ser Deos, & assim este nome significa hum supposto em duas naturezas. 22 Mas bastou àquelles antigos aquella semelhança para serem insignes: Josuè teve a gloria de meter os Israelitas na terra de Promissaõ: o Sol lhe obedeceo: 23 & reputado Salvador foy figura do verdadeyro: 24 Jesus Josedech foy chamado, *Sacerdote grande*: 25 & Jesus Sirach foy sapientissimo. 26

4 Este nome disfarçou Isaías, 27 por mysterioso, debayxo do nome *Emmanuel*, que significa, *Deos he com-nosco*; 28 pois sendo *Salvador*, necessariamente era Deos; & assim dizer o Anjo a S. Joseph, que lhe chamasse JESUS, diz S. Mattheos 29 que foy para se cumprir aquella profecia de Isaías de que se chamaria EMMANUEL.

5 Disse Plinio 30 que aos meninos se deviaõ pòr nomes fermosos; que fermoso nome poz o Eterno *Pay* a Jesus! nome (diz Saõ Paulo) 31 sobre todos os nomes: suave atè ao gosto material, porque he (disse o doutissimo Bernardo) 32 mel na boca, melodia no ouvido, alegria no coraçaõ; he medicina para as enfermidades corporaes, epitima contra as afflicçoens do espirito, segurança contra os perigos, triaga nas tentaçoens, victoria nos combates, perdaõ de peccados, causador da graça, augmento das virtudes, & saude da Alma. 33 Comprehende por recopilaçaõ todo o significado de Deos, & homem em hum supposto, 34 & todos os outros nomes de *Christo* proprios, & metaforicos, perfeyçoens infinitas, a summa das grandezas Divinas, o auge das felicidades humanas: he hum mar em que entraõ todos os rios; hũa profundeza que nenhum entendimento pòde sondar; pelo que lhe chamou Saõ Bernardino Senense, 35 nome breve em syllabas, leve na pronunciaçaõ, grave nas sentenças, abundante, & redundante em Sacramentos ineffaveis: & havendo Isaías dito, 36 que o Messias teria muytos nomes, Zacarias 37 profetizou que teria hum só, porque o de JESUS val por todos.

6 Pelas excellencias deste nome santissimo, disse o Apostolo Saõ Paulo, 38 que se lhe deve ajoelhar o Ceo, a terra, & o inferno: os moradores do Ceo por gloria: os da terra por graça: os do inferno por justiça eterna; o que Saõ Bernardino 39 escreve, que o Santo Apostolo aprendeo no Ceo a que foy levado, 40 vendo a veneraçaõ, que lá se lhe fazia, & a que se lhe mostrou que tinha na terra, & no inferno. Confórme a isto ordenou a Igreja Catholica por hum decreto de Gregorio X. no

gèral

20 *Galatin. l. 3. arcan. c. 18. Pagnin. in interpret. Hebr. apud Sylveyra in Euãg. tom. 1. l. 2. c. 3 q. 10. n 44. v.*

21 *Lamprid. in Alex Sever.* Nomina insignia onerosa sunt.

22 *Notat D. Epiphan. apud Fr. Manoel do Sepulch. e sup. n. 16.*

23 *Josue c. 10. & per tot.*

24 *D. Chrysost. hom. 1. de verb. Isaiæ, ad fin. 1. tom.*

25 *Zachar. 3. 1. Aggæi c. 1. & 2 sæpe.*

26 *Habetur in prologo 1 Eccles.*

27 *Isai. 7. 14.* Nomen ejus Emanuel.

28 *Matth. 1. 23.*

29 *Matth supra.*

30 *Plin Sen. apud Polyanth. verbo, Nominis.* Nomina pueris pulchra sunt imponenda.

31 *D. Paul. ad Philip. 2. 9.* Donavit illi nomen, quod est super omne nomen.

32 *Bernard. serm. 15. in Cant. ad fin.* Jesus mel in ore, in aure melos, in corde Jubilus.

33 *De his latè D. Ambros. apud Carthag. de arcan. Deip. tom. 1. l 5. tom. 1.*
D. Petr. Chrysol. serm super Missus est.
D. Bernard Senens. tom. 2. serm 49.
D Laurent Justin. serm. de Circunc.

34 *D. Thom. 3. p q. 16. art § & q. 37. art. 2 ad 1.*
D. Bernard serm. 2. de Circunc. ante fin.

35 *Refere o P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 6 n. 28.*

36 *Isai 9. 6.*

37 *Zachar. c. ult. 9.*

38 *D. Paul. ad Philip. 2. 10.*

39 *D Bernard Sen. d. serm. 49. in p. ef.*

40 *D. Paul. 2. ad Corint. 12.*

41 *Cap. Decet, de immun. Eccles. l. 6. in decretal.*

géral Concilio Lugdonenſe, 41 que quando ſe pronunciar eſte ſagrado nome, o reverenceem os fieis com os coraçoens, & em ſinal diſto inclinem os joelhos, ou a cabeça.

42 *Luc. 2. 21.*

43 *Matth. 27. 37.* Impoſuerunt ſuper caput ejus cauſam ipſius ſcriptam. Hic eſt JESUS.

44 *Matth. 1. 21.*

45 *Iſai 63. 1. Apocalyp. 19. 13.*

46 *D. Bervardin ſupr.*

7 Mas muyto caro foy eſte nome ao Filho de Deos; impozſe-lhe quando derramava ſangue: 42 Pilatos eſcreveo por cauſa de ſua morte o ſer JESUS: 43 eſte nome o empenhou por noſſos peccados: 44 & o obrigou a veſtirſe de tormento, & de ſangue, como o viraõ Iſaías, & S. Joaõ. 45

8 Se o doutiſſimo, & igualmente Saõ Bernardino de Sena 46 ſe ſentia emmudecer, achando-ſe indigno, & falto de diſcurſo para tratar materia taõ alta; como a poderemos nòs proſeguir? Sò digamos com David: *Segundo voſſo nome, Deos meu, ſeja voſſo louvor atè os fins da terra.* 47

47 *Pſalm 47. v. 9.* Secundùm nomentum Deus, ſic, & laus tua in fines terræ.

48 *Act. 4. 1.*

49 *P. Sylveyr. in Euang. tom. 1. l. 3. c. 6. q. 7 in princ.*

50 *Lactant. Firmian. de vera ſap. c. 7. Niceph. hiſt Eccleſ. l 1. c. 4.*

51 *3. Reg. 19. 16.*

9 Eſte foy o nome proprio do Filho de Deos, fóra do qual nome naõ ha ſalvaçaõ. 48 O nome de *Meſſias* he Hebraico, ſignifica em Grego *Chriſto*, & em Latim *Ungido*. 49 He nome appelativo de dignidade, & de poder Real, commum aos Reys, & aos Sacerdotes, 50 porque no povo de Deos ſe ungiaõ os Reys, & os Sacerdotes com oleo ſanto; & tambem ſe ungiraõ alguns Profetas como Eliſeo. 51 Poſto que ſe naõ ungiſſem com oleo, ſe chamavaõ do meſmo modo, porque o principal na unçaõ he o eſpiriro, entendido pelo oleo: 52 & todos entendiaõ que o tinhaõ, & aſſim atè os Reys infieis ſe chamavaõ *Chriſtos*. 52 Mas por antonomaſia, & excellencia ſe attribuhio eſte nome ao Meſſias, porque havia de ſer juntamente ſupremo Rey, & Sacerdote, Deos, & homem ungido com o oleo da Divindade; 54 ou (como prova Niceforo) 55 ſó o Filho de Deos feyto homem foy verdadeyramente *Chriſto*, & ungido; todos os mais, poſto que Santos, ſe haviaõ aſſim chamado como ſuas figuras, ſombras, & ſymbolos.

52 *D. Chryſoſt. ſerm. 1. in Epiſt. Paul. ad Roman poſt princ. in 4. tom.*

53 *Iſai. 45. 1.* Hæc dicit Dominus Chriſto meo Cyro.

54 *Sylveyra ſup.*

55 *Nicephor. Callixt. hiſt. Eccleſ. l. 1. c. 4.*

CAPITULO XXXIII.

Adoração dos tres Reys Magos ao Menino Deos. Declarão ſe muytas particularidades neſta materia.

1 *D. Aug. ſerm. 2. de Epiphan. D. Cyprian. tr. de ſtel. & Mag. circa princ. D. Chryſoſt. hom. 7. in Matth. ante med. Baron in annal. an. Domin 1. n. 31. P. Fr Joſeph de Jeſu Mar. na hiſt. de N. S l. 4. c. 20. n. 3.*

1 NA noyte em que naſceo o Menino *Jeſus*, (ſegundo a melhor opiniaõ) 1 appareceo na Arabia Oriental, 2 que habitavaõ os de Sabá, Madian, & Epha 3 deſcendentes de Abraham, & de Cetura ſua ſegunda mulher) 4 huma nova eſtrella, 5 creada de materia aerea elemental, 6 que com extraordinaria claridade reſplandecia de noyte, & de dia, 7 chegada à terra.

2 *D. Cyprian ſupr. P. Joſeph ſup. c. 18. n. 3.*

3 *Baron. ſup. n. 23. & 27.*

4 *Gen. 25.*

5 *D. Aug. l. 2. contra Fauſt. c. 5. tom. 6. a. t. 7. D. Thom. 3. p. q 36. art. 7.*

6 *D. Thom. 3 p. q. 30. art. 7. Abulenſ. in Matth. 2.*

7 *D. Chryſoſt. hom. 6 in Matth. poſt princ tom 2. De his omnibus P. Sylveyr. in Euãg. tom 1. c. 4 q. 11.*

2 Havia em aquellas regioens grande noticia dos Oraculos

culos Sibyllinos, porque a Theologia das naçoens Orientaes se illustrava com elles; & entre os mais era particular o da Sibylla Eritrea, que havia dito, haveria esta Estrella. 8 Era tambem notoria a profecia de Balaam, 9 por haver andado com Balác Rey de Moab, 10 que era Provincia da mesma Arabia, 11 & tinha dito que *Nasceria huma Estrella de Jacob, & se levantaria vara de Israel, & feriria os Capitães de Moab*; 12 (pelos quaes se entendiaõ os Principes da idolatria.) E como estes ameaços lhes tocavaõ, traziaõ todos isto no sentido, & muyto mais os Sabios, & os Reys.

3 Costumavaõ os Sabios instituir Academias, que depois de suas mortes continuavaõ com seus nomes nos successivos discipulos; como Pythagoricos, & Epicuros, Soeraticos, Platonicos, Aristotelicos, & alguns tomavaõ os nomes dos lugares em que se ajuntavaõ; & de outras occasioens, como os Stoicos, Peripateticos, Academicos; & todos conservavaõ religiosamente a doutrina, & maximas de seus fundadores, como entre os Jurisconsultos houve tambem as escolas Proculiana, & Sabiniana: & hoje entre os Theologos ha Thomistas, & Escotistas. Refere pois o douto Padre Barleta, 13 que o Profeta Balaam em Academia que fundou, deyxou a noticia, & doutrina daquella estrella, & que nella se ordenou, que de doze discipulos, tres por turno de tres dias, & tres noytes estivessem todo o anno sobre hum monte vigiando se apparecia, & rogando a Deos que chegasse, & que em aquella noyte a viraõ os tres a que coube a vigia. Naõ he facil crer que a observancia deste instituto se continuou nos seculos que houve de Balaam atè o Nascimento de *Christo*. Mas verosimel he que os tres a viraõ, como acaso, por disposiçaõ Divina, estando cada hum em suas terras, que todas eraõ visinhas, & sendo grandes Astrologos conhecèraõ naõ ser natural, donde inferiraõ ser a que profetizáraõ Balaam, & a Sibylla, & a seguiraõ logo em seus dromedarios com dons, & preparaçaõ, posto que apressada: & como a Estrella os guiava para o mesmo caminho, facilmente se ajuntáraõ, & communicáraõ o intento.

4 Eraõ tres, posto que houve quem disse, que foraõ mais; 14 & alèm de Sabios, eraõ Reys, ou Regulos; 15 o Evangelista sagrado os naõ qualifica com esta dignidade; ou porque ella os naõ authorizava quando Herodes a tinha; 16 ou por mostrar a razaõ porque conhecèraõ a Estrella, que foy por serem Sabios, & naõ por serem Reys; 17 & se os nomeára Reys, pareceria que os levàra mais o appetite, ou conveniencia, que a razaõ. 18 Por isso os nomea por *Magos*, 19 que entre outras significaçoens, significa propriamente, *Sabio na Mathematica, & Filosofia das Estrellas*; 20 & entre as naçoens Orientaes se applicava a todas as sciencias; 21 posto que alguns digaõ, 22 que se chamáraõ *Magos* de *Magodia* regiaõ na Arabia.

5 Conhecèraõ que a Estrella naõ era natural, mas mysteriosa:

8 *Vide supr. c. 9. n. 11.*

9 *Nicephor. hist. Eccles. l. 1. c. 13. ante med.*
D. Chrysost. hom. 1. ex 16. in Matth. tom. 1.
Maldonado in 2. Matth.
Vilhegas no Flos Sanct festa da Adoraçaõ dos Reys.
P. Balingben in Kalendar. Virg. die 6. Jan.

10 *Numer. c. 22. & seqq.*

11 *D. Hier. in Isai. 15. in princ.*

12 *Numer 24. 17.*
Ita interpretatur Episcop. Galarzá Evangelic. instit. l. 5. c. 19. tit. Messias ostensus ab Stella:

13 *Barleta serm. in Epiphan. post princ. tom. 2.*
Ad quod concludit D. Thom. 3. p. q. 36. art. 6. ad 3. vers. Alii:

14 *Apud Maldonad. supra.*

15 *Baron. supra n. 30.*
Cum multis Mald. nado sup.

16 *P. Sylveyra in Evang. tom. 1. l. 3 c. 1. q. 14. n. 40:* Dum tam impius sceptrum tenet, nullum videtur deus simul conregnare.

17 *Maldonad. sup.* Voluit enim tacitè rationem reddere cur ex stella Christum natum esse cognovissent, hoc enim Magorum, non Regum fuit.

18 *Fr Man. do Sepulchro na Reforçaõ espirit. p. 1 c. 7. n. 5.*
P. Sylveyra d. l. 2. c. 4.

19 *Matth. 2. 1.* Ecce Magi ab Oriente venerunt,

20 *D. Isidor. l. 8. etymol c. 9.*
D. Cyprian. serm. de stell. & Mag. in princ.
Sylveyra d. c. 4. q. 2. n. 7.
Horat. Scoglius Catacens. hist. à prim. ed. Eccles. p. 1 l. 1. vers. At apud.
Cum aliis P. Joseph supra d. l. 4. c. 18. n. 1.

21 *P. Fr. Manoel d. c. 7. n. 3. in fin.*

22 *Scoglius Catacens. supra.*

ſterioſa : tinhaõ advertido jà que eſtavaõ cumpridos muytos ſinaes que outras profecias haviaõ ſinalado ao Naſcimento do Meſſias, particularmente nas hiſtorias, & ſucceſſos dos Romanos; 23 & aſſim logo entendèraõ o que era, 24 ajudados eſpecialmente de illuſtraçaõ Divina; 25 porque a Eſtrella foy depois viſta gèralmente de todos, mas ſó elles a ſeguiraõ; 26 que nem todos os que tem eſtrella ſabem ſeguilla.

6 Com fé, & ſem dilaçaõ partiraõ do Oriente para melhor Oriente, encaminhando-ſe a Judéa, aonde por profecias ſabiaõ que naſceria o Meſſias: 27 & logo a Eſtrella, movida por hum Anjo, 28 lhes foy ſervindo de guia, & de apoſentador, pois naõ ſó lhes moſtrava o caminho, mas tambem onde haviaõ de repouſar. 29 Caminhavaõ em dromedarios, 30 que fazem jornada de quarenta leguas por dia, 31 & aſſim chegáraõ a Jeruſalèm em dez, ou onze dias: porque naõ era mayor a diſtancia, conforme ao que eſcrevèraõ S. Paulo, & S. Jeronymo, & reconhecco o Doutor Angelico. 32

7 Em Jeruſalèm lhes faltou a Eſtrella; 33 que em Cortes de Herodes ſempre falta aos Sabios, mas a eſtes faltou, porque entráraõ perguntando *Aonde eſtava o naſcido Rey dos Judeos*; 34 & a quem buſcava guia humana, era bem que faltaſſe a Divina; ou porque Deos quiz provar ſua conſtancia; ou para que perguntaſſem com valor na Corte de Herodes, & ſe confirmaſſem com a reposta que ouviſſem dos interpretes das profecias. 35 Perguntando aos Judeos aonde eſtava o ſeu Rey, os accuſavaõ, & envergonhavaõ; pois eſtava em preſepio, o que devia eſtar em throno: eſtava em pobres pannos, o q̃ houvera de eſtar em purpuras: eſtava eſcondido em huma lapa, o que houvera de eſtar manifeſto em Santuario: eſtava entre brutos, o que elles devèraõ receber, & adorar entre ſi. 36

8 Herodes, Rey illegitimo por ſucceſſaõ, 37 & tyranno por acçoens, logo ſe turbou à pergunta. 38 Toda a grandeza terreſtre ſe confunde, quando ſe deſcobre a celeſtial; 39 mas ao tyranno he mais particular accuſador, & teſtemunha a conſciencia propria, porque nos he natural a averſaõ do que a natureza condena; ſe deſpreza ſeu proprio teſtemunho, q̃ mayor miſeria? ſe lhe defere, que mayor tormento? Naõ o ſegura o eſtar ſeguro, porque naõ crè que o eſtá: muytos eſcapáraõ da pena, mas nenhum do medo: & aſſim o peccar fica ſendo pena: atè Epicuro diſſe, que ſe devia fugir do crime, porque naõ ſe podia fugir do medo. 40 Sempre huma voz terribel ſoa nos ouvidos do tyranno: tudo eſtá quieto, & elle cuyda que o aſſaltaõ: de noyte duvida ſe chegará ámanhã: cercado de anguſtias 41 ſente a vida como deſgraçado, & teme a morte como feliz: em tudo ſe lhe repreſenta o miſeravel fim de outros tyrannos; como ſabe que todos ſaõ acredores de ſua vida, todos lhe ſaõ ſuſpeytoſos, 42 & os bons principalmente: he lhe formidavel a virtude alhea; 43 por iſſo alimenta nella ſua tyrá-

nia;

23 *Notat Gregor. Niſſen. orat. de Natal. Domini.*

24 *D. Cyprian ſupra. D. Baſil. hom. 15 de human. Chriſt. gen. 1. poſt med. Origen. in Numer hom. 13. & 15.*

25 *D. Chryſ. d. hom. 6 circa princ. & hom. 1. ex 16. in Matth tom. 2. P. Sylveyr. d. c. 4 q. 12 n. 43.*

26 *D. Chryſ. d. hom. 1 poſt princ. Fr. Heytor Pint. Dial. 4. c. 21. in 2. tom.*

27 *P. Fr. Joſeph ſup. c. 15. n. 2. com S. Baſil. & S. Ambroſ.*

28 *P. Sylveyr d. 4 q. 11. n. 40. P. Fr. Joſeph ſupra c. 20. n. 2. cum D. Chryſoſt. D. Gregor Niſſen. & aliis.*

29 *Idem P. Joſeph d. l. 4. c. 21 n. 1.*

30 *Iſai. 60. 6. D. Cyprian. ſupra.*

31 *Ariſtot. hiſt. anim. l. 9. c. ult. Philoſtrat. in vit. Apollon.*

32 *D. Paul. ad Galat 4. 25. D. Hieron. Ep. 129. ad Dardan. poſt med. D. Thom. d. art 6. ad 3. verſ alii.*

33 *D. Chryſ. d. hom 6 poſt princ. Melchior de Caſtro, hiſt. da Virgem l. 1 c. 8. Vilhegas ſupra.*

34 *Matth. 2. 2. Ubi eſt qui natus eſt Rex Judæorum.*

35 *D. Thom. d. 3. p. q. 36. art. 8. ad 3. D. Chryſoſt. d. hom. 6. ante med. P. Sylveyra d. tom. 1. l. 2. c. 4. q. 7. & 26.*

36 *Ita D. Petr. Chryſol. ſerm. 156.*

37 *Diſſemos c. 28. v. 9.*

38 *Matth. 2. 3.* Audiens autem Herodes Rex, turbatus eſt.

39 *D. Gregor. hom 10. in Euang. apud D. Thom. d. q. 16. art. 2. ad 3.* Cæli Rege nato, Rex tertæ turbatus eſt, quia nimirum terrena altitudo confunditur, cùm celſitudo cæleſtis aperitur.

40 *De hoc belliſſimè Seneca ad Lucil. epiſt 98. ad fin. & ep. 43.*

41 *Job 15. ex n 20.*

42 *Ælian l 10. c. 5. Refert Reuſner. t. 1 ſtratagem* Tyranni omnia ſuſpicantur, & metuunt; ſcientes quòd ſicut ſuos, ita & ipſi vitam omnibus debent.

43 *Saluſt. in Catilin.* Boni quam mali ſuſpectiores ſunt, ſemperque his aliena virtus formidabilis eſt.

nia; nunca perdoa, porque ſempre teme, donde vem que no imperio de hum tyranno ſer, ou parecer inutil, he ſer ſabio.44 A hũ dos Dionyſios tyrannos de Sicilia ſerviraõ de barbeyros ſuas filhas em quanto pequenas; depois de grandes naõ queria que uſaſſem de navalha, ou tiſoura, com hum tiçaõ lhe chamuſcavaõ os cabellos da cabeça, & com caſcas de nozes acceſas a barba. 45 O meſmo ſe fazia a ſi proprio o máo Emperador Commodo. 46 A hum filho tinha o meſmo Dionyſio ſempre fechado, porque naõ fallaſſe com quem o perſuadiſſe a levantarſe contra elle. Coſtumavaõ os Reys de Ormuz cegar os parentes que poderiaõ ſer Reys, pondolhes diante dos olhos huma bacia de arame aceza em fogo; & deſtes havia muytos em Ormuz, quando o grande Affonſo de Albuquerque tomou aquella Cidade.47 Turba-ſe Herodes de *Chriſto* que naſce menino: que fizera ſe o vira jà homem? Naſceo menino para ſe fazer mais amavel: & nem aſſim evitou o odio dos homens, por cujo amor ſe fizera pequeno: turba-ſe, porque o mão naõ quer que haja Deos: nem o eſcravo, ſenhor: nem o Reo, Juiz; 48 ſe os máos temem vendo-o no berço, que faraõ vendo-o no tribunal? 49 O Doutor Angelico diz, 50 que a turbaçaõ de Herodes figurou a do demonio, temẽdo que o Menino o lançaria fóra do Imperio que tinha no Mundo.

9 Turbouſe com ElRey Herodes toda Jeruſalèm, (diz o Euangeliſta) 51 devendo-ſe antes alegrar de lhe annunciar Rey natural, & aquem vinhaõ adorar os Orientaes, que pouco antes haviaõ tido ſugeyta a Judeá: os ambicioſos das Cortes ſaõ cameliões dos Principes: & hum tyranno perturba a todo o Mundo.

10 Bem ſe vio a perturbaçaõ de Herodes, porque chamou os Magos em ſegredo, 52 por naõ dar que fallar: ſendo que tendo elles jà publicado o a que vinhaõ, eſte ſegredo, q̃ logo ſe deſcobriria, fazia mais myſterioſa a cauſa. A meſma turbaçaõ moſtrou em fazer logo juntas, 53 que nos Reys he ſinal de aperto; & em dizer aos Magos que foſſem buſcar o Menino, & como ſoubeſſem aonde eſtava, tornaſſem a dizerlho, para que elle tambem o foſſe adorar, 54 & a tençaõ era matallo. 55 Se naõ cria as profecias, mais lhe convinha diſſimular, que occaſionar no povo novidade; ſe as cria, devèra entender que o que vinha a ſer Senhor do Mundo, como Deos, naõ aſpirava ao pequeno Reyno de Judéa; 56 & quando aſpirára, elle o naõ podia impedir, antes lhe importava fazerſe-lhe agradavel.

11 Vio-ſe a turbaçaõ de toda Jeruſalèm, pois em toda naõ houve hum curioſo que ſeguiſſe os Magos; como Herodes naõ mandou alguem a ſeguillos, nenhum ſe diſpoz ao fazer; o medo, & a lizonja a hum Rey tyranno impede buſcar a Deos.

12 Sahiraõ da Corte os Magos, & logo tornáraõ a ter

44 *Tacit. in Agricol.* Sub tyranno inertia pro ſapientia eſt.

45 *Textor in Offic. in p. 2. tit. Timidi.*

46 *Alex. ab Alex. genial. l. 3. c. 18. poſt med.*

47 *Joaõ de Barros decad. 2. l. 10. c. 8.*

48 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 158.*

49 *D. Aug. ſerm. 2. Epiphan. qui eſt 30. in ordine, ante med. tom. 10. apud D. Thom. 3. part. q. 2. ad 3.* Quid erit tribunal judicantis, quando ſuperbos Reges cuna terrebat infantis?

50 *D. Thom. ubi proximè.*

51 *Matth. ſupr. 3.* Et omnis Hieroſolyma cum illo.

51 *Matth. d. c. 2. 7.* Herodes clam vocatis Magis.

53 *Matth. ſup. 4.* Congregans omnes Principes Sacerdotum, & Scribas populi.

54 *Matth. ſup. 8.*

55 *D. Chryſoſt. hom. 6. in Matthæum poſt princ. & hom. 1 ex 16. in eundem Matth. poſt med. tom. 1.*

56 *D. Leo Papa ſerm. 4 de Epiphan. ante med. apud D. Thom. ſup.* Non capit Chriſtum Regia tua, nec mundi Dominus poteſtatis tuæ ſceptri eſt contentus angustiis.

estrella: 57 (só fóra da Corte, ou dos negocios della se tem estrella com o Ceo.) Esta os guiou, atè que na sesta feyra á tarde seis de Janeyro, 58 parou, 59 & multiplicou rayos sobre o lugar onde estava o Menino, que era a mesma lapa em que nascèra; porque alèm de estarem ainda occupadas as pousadas da Cidade com a gente que vinha alistarse pelo edicto do Emperador, 61 gostava a *Senhora* daquelle lugar consagrado a taõ alto mysterio. Depois de multiplicar rayos desapparecco a Estrella; porque depois de mostrar a Deos naõ tinha mais que mostrar. O grande Bispo Gregorio Turonense escreveo, que ella cahira em hum poço em Bellem, & que no fundo delle se deyxava ver em seu tempo dos que eraõ virgens. 62

13 Entráraõ os Reys Magos com grandissimo gozo; achàraõ o Menino com a *Virgem Maria sua Mãy* 63 no seu collo sagrado; 64 & ella os esperava, porque sabia que vinhaõ. 65 Tambem estava presente Saõ Joseph, do que o Evangelista naõ faz mençaõ, porque só apontou que os Magos achàraõ cumprido dos vaticinios, que fallavão da *Mãy Virgem*. 66 Prostráraõ-se por terra, representando todas as gentes: 67 & eraõ tres, porque todas procediaõ dos tres filhos de Noè, que dividiraõ entre si o Mundo: 68 adoráraõ, & offerecèraõ os dons que traziaõ, ouro, incenso, & myrrha. 69 *O primeyro se chamava Melchior, anciaõ nos annos, veneravel nas cans, de barba, & cabello comprido; o qual offereceo ouro ao Menino Rey, como a Senhor. O segundo se chamava Gaspar, mancebo louro, sem barba, & offereceo incenso, como offerta digna de Deos. O terceyro, chamado Balthasar, preto, & muy barbado, offerecendo myrrha, significou, que como filho de homem havia de morrer.* Assim o conta o Veneravel Beda; 70 nas quaes offertas se nos ensinou tambem (diz o Angelico Doutor com S. Gregorio) 71 que a Deos devemos offerecer sabedoria resplandecente, entendida na luz do ouro: oraçaõ devota, entendida no incenso: & mortificaçaõ da carne, que se entende na myrrha. Na primeyra parte desta obra referimos 72 huma curiosidade sobre este ouro, & moedas delle que os Magos offerecèraõ.

14 Viaõ aquelles ditosos Santos huma cousa com os olhos corporaes, outra com os espirituaes; porque viaõ a Deos em carne: o mais rico em pobreza: & em Menino o mais perfeyto varaõ: entre a humildade humana se lhes naõ escondeo a gloria Divina: apparecia homem, & adorava-se Deos: reconheciaõ o Sol na nuvem: & encerrando na lapa o que comprehendia os Ceos. Em disfarce taõ grande lhes deo a luz celestial este conhecimento, diz o eloquente Chrysostomo; 73 & a vista da Mãy tambem lho pudera dar: porque se a presença da *Senhora* mostrava rayos de divindade, como testemunhou o grande Dionysio, 74 bem podiaõ conjecturar que o Filho era Deos.

15 A

57 *Matth.d.c.9.*
58 *P.Suarez 3.p.q.36.disp 14. sect.5.*
P.Fr. Man. do Sepulchro, Ref.yg. spirit p.1.c.7 n.27. in princ.
59 *Matth sup.*
60 *D. Maxim.ser.de Epiphan.p. 1.c.11.*
D.Paul ep.378.
61 *Supra c.28.n.1.*
62 *Refert Barradas tom.1.l 9. c.0.§.39.*
63 *Matth.c.2.11.*
64 *Fr.Man. do Sepulchro d.c.7. n.16.*
65 *Revelaç. de S.Brigid.l.7.c.24.*
66 *Advertem Sylveyr.d.l.2.c.4. q.30.n.2101.*
Fr.Man. do Sepulchro sup.
67 *D.Chrysost.hom.1.ex 26. in Matth.prop.fin.*
D.Guer.ic.Abb.serm.3.de Epiphan. in princ.
68 *Gen.10.*
Nota Fr Heitor Pint.dial. 4.c.21. p.1.
69 *Matth.d.c.11.*
70 *Beda in collectan.post princ.*
P.Fr. Joseph de Jesus Mar. hist. da Virg.l.4.c.18.n.2.in fine.
71 *D.Thom.d.3.p.q 36.art.8.ad 4. in fin.*
72 *Na 1.p.c.18.n.8.*
73 *D.Chrys d.hom.1 post.med. & hom.8.in princip.*
74 *Diremos no c.64.n.4.*

15 *A Senhora* referio a Santa Brigida: 75 *Quando entráraõ, & adoráraõ, dava meu Filho como ſaltos de alegria, & com o gozo tinha o roſto mais alegre; & eu tambem ſummamente me gozava, & alegrava com goſto maravilhoſo em minha alma, attendendo a todos os myſterios, & guardando-os, & conferindo-os em meu coraçaõ.* Bem ſe pagava o trabalho do caminho com taes demonſtraçoens de agradecimento. Mas com que ſaudaçaõ começariaõ os Magos! Com que palavras os receberia a *Virgem*! Quaes ſeriaõ os affectos do glorioſo Joſeph! Naõ chega noſſo diſcurſo a ponderallo. Só conſiderou hum devoto, & prudente Author, 76 que nada perguntáraõ; poſto que ſe offereciaõ tantas duvidas nos myſterios que viaõ, porque tudo criaõ com firme fé. Naõ poderiaõ apartarſe de tanta gloria, ſe os naõ movèra ordem particular do Ceo para altiſſimos fins; ſuavemente vieraõ, amargamente ſe deſpediraõ, para hirem publicar em ſuas terras aquella maravilha.

16 Recolheraõ-ſe a Bellem para alli paſſarem a noyte, & entre ſonhos ſaudoſos do que deyxàraõ, tiveraõ revelaçaõ, que naõ tornaſſem a Herodes; pelo que tomáraõ outro caminho para ſuas terras 77 deſuſado, porque naõ foſſem achados ſe os buſcaſſem. 78 Foraõ dormir na cova de hum monte, na qual depois Santo Theodoſio fez vida eremitica; 79 dalli ſe encaminháraõ a Tarſo de Cicilia, aonde ſe embarcáraõ. Herodes quando ſoube o novo caminho que buſcáraõ, partio a ſeguillos; mas com tanta dilaçaõ, que quando chegou a Tarſo, já alli eſtavão de volta as embarcaçoens em que haviaõ paſſado, & com rayva as queymou. 80 Entaõ deu o remedio barbaro de matar os innocentes, 81 que executou mais tarde, como abayxo diremos, divertido com ſer chamado pelo Emperador Auguſto Ceſar a Roma, ſobre differenças que tinha com ſeus filhos. 82

17 Em ſuas terras prègaraõ os Reys Magos o Menino Deos; & ainda viviaõ, quando àquellas partes foy o Apoſtolo Saõ Thomè, que os bautizou, & creou Biſpos, ou Coadjutores ſeus. 83 Foraõ coroados mais regiamente por martyrio. Seus corpos eſtiveraõ em Conſtantinopla, donde milagroſamente os trouxe Santo Euſtoquio a Milaõ; na deſtruiçaõ daquella Cidade os achou o Emperador Federico, & dalli os levou Reginaldo Arcebiſpo de Colonia para a ſua Sè; 84 mas dizem que no Santuario da Sé da Cidade de Valença ſe moſtra hum delles. 85

18 O excellente Hiſtoriador Portuguez Jeronymo Oſorio 86 eſcreve, que na India acháraõ os Portuguezes em hum Templo huma Capella dedicada à *Virgem Mãy*, & refere o doutiſſimo, & muy virtuoſo Navarro; 87 que o meſmo Biſpo Oſorio lhe diſſera, que depois de eſcrever ouvira a peſſoa fidedigna, que as antigas hiſtorias do Reyno de Calicut contavaõ que hum ſeu Rey (poderia ſello depois) fora hum deſtes

75 *Revel. de S. Brigid. l. 7. c. 24.*

76 *Heſied. Presbyter. Hieroſol. apud P. Fr. Joſeph d. l. 4 c. 21. n. 2. in fin.*

77 *Matth. d. c. 2. 12.*
78 *P. Joſeph d. l. 4. c. 21. n. 4.*
79 *Metaphraſt die 11. Januar. in vit. Theodoſ. Cœnobit.*

80 *D. Arſenn. in Matth. 2. verbo, tunc Herodes.*
Magiſter hiſt. Euang. c. 11.
Refert P. Joſeph ſup. c. 28. n. 1.
Vilbegas no Flos Sanct. na vida de Chriſt. c. 8.
81 *Matth. 2. 16.*
82 *Vilbegas ſupr.*
Refert Maldonado in 2. Matthæi, ad verba, à bimatu.
D. Thom. 3 p. q. 36. art 6 ad 3 verſ. Alit.
83 *P. Fr. Joſeph d. c. 21. n. 4.*

84 *Matth. Palmer. Bergam. l. 12. ſup. Magis.*
Diogo Mafute, na Profap. de Chriſtandade 5. § 3 § 5 allegando Alberto Cratio.
85 *P. Fr. Man. de Sepulchro d. c. 7 n. 4. in fin.*
86 *Oſor. de rib. Emmanuel. l. 1.*
87 *Navar. in comment. de orat. & horat. canon. c. 21. n. 28.*

Magos, ou ſeu companheyro, & que tornando à ſua terra edificàra aquella Capella, na qual ſobre hum altar eſtava eſculpída a Imagem da *Senhora* com ſeu Divino Filho nos braços, & por reverencia naõ entravaõ nella mais que os Sacerdotes, & guardas do Templo.

19 Eſte dia celebra a Igreja com o nome de *Epiphania*, que ſignifica, *Manifeſtaçaõ de ſima*, 88 porque ſe manifeſtou *Chriſto* pelo final ſuperior da eſtrella. Nelle celebra tambem a manifeſtaçaõ no Bautiſmo com o teſtemunho do *Padre* Eterno, & por iſſo ſe chama *Theophania*, que ſignifica *Manifeſtaçaõ divina*. E outra terceyra manifeſtaçaõ nas vodas de Caná de Galilea, pelo milagre da agua convertida em vinho; chama-ſe *Bethphania*, que val tanto como *Manifeſtaçaõ em caſa*. 89 Todas ſuccedèraõ aos ſeis de Janeyro; 90 donde Guerrico Abbade 91 veyo a dizer, que o dia 25 de Dezembro foy do Naſcimento de *Chriſto*; & o de 6. de Janeyro, do naſcimento dos Chriſtãos, pois vivendo a Chriſtandade da Fè, do Bautiſmo, & da meſa do ſagrado altar, a illuminaçaõ dos Magos nos principiou a Fè: o Bautiſmo de *Chriſto* conſagrou o noſſo Bautiſmo: & a converſaõ da agua em vinho ſignificou a mudança, que ſe faz no Sacramento da meſa ſagrada.

20 Entre as hiſtorias gentilicas faz menção deſta celebridade Callidio Platonico, 92 chamandolhe *Santa, & veneravel*, referindo que a eſtrella annunciára a *Vinda de hum Deos digno de veneraçaõ para beneficio da natureza humana, & de todas as couſas.*

88 *Gloſſa, verbo, Epipaniarum, in L. Omnes 7. C. de feriis.*

89 *Declara o P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 7. n. 1.*

90 *Diremos no c. 42. n. 7. & c. 44. n. 3.*

91 *Guerric. ſerm. 4. de Epiphan. in princ.*

92 *Callid. Platonic. in comment. ad Timæum Platon. apud P. Fr. Joſep ſup. d. c. 21. in fin.*

CAPITULO XXXIV.

Da Purificaçaõ da Virgem Mãy, Purificação do Menino Jeſus no Templo; do que a Senhora alli padeceo; & cauſa porque eſta feſta ſe celebra com velas aceſas, chama-ſe Candelaria.

1 MAndava a Ley de Moyſés, 1 que a mulher que pariſſe filha, naõ entraſſe no Templo antes de quarenta dias; no fim delles ſe foſſe purificar, & apreſentar ao *Senhor*, offertando hum cordeyro de hum anno, & hum pombinho, ou rola; & ſe por pobre naõ tiveſſe cordeyro, offereceſſe dous pombinhos, ou rolas: hum para o ſacrificio de fogo chamado *Holocauſto*, outro para o ſacrificio pelo peccado original; 2 como confirmando a circumciſaõ. Na porta do tabernaculo entregava a mãy o menino ao Sacerdote: elle o levava atè junto do altar, & dando graças a Deos por aquella creatura, a levantava, offerecendo-a ao *Senhor*; & depois recebia a offerta. Se paria filha, ſe fa-

1 *Levit. 12.*

2 *D. Thom. 3 p. q. 37. art. 2. Gloſſa & D. Auguſt. apud P. Fr. Joſep d. Jeſus Mar. hiſt. Virg. l. 4. c. 21. n. 1 quamvis differat Carthagena de arcan. Deip. p. 1. l. 8. hom. 2. verſ. illud in fin.*

zia

zia o meſmo aos oytenta dias. Nos primogenitos era particular 3 dedicarem-ſe a Deos, em memoria de haver Deos morto os de Egypto para livrar o povo Hebreo. Se eraõ da Tribu de Levi, ficavaõ no ſerviço do Templo: 4 ſe de outra, os remiaõ os pays por cinco ſiclos, moeda que tinha cada huma quaſi oyto vintens dos noſſos Portuguezes. 5

2 Cumpriraõ-ſe os dias para eſte acto, conforme á Ley, como advertio o Evangeliſta; 6 porque ſó por humilde exemplo de obediencia à Ley, & por em tudo ſe moſtrar homem, quiz o Filho de Deos, & ſua *Mãy* Santiſſima ſolẽnizallo, 7 ſem outra neceſſidade; pois eraõ puriſſimos. 8 Tratayvos, *Senhora*, (diſſe Saõ Bernardo) 9 como qualquer mulher, pois voſſo Filho ſe trata como qualquer menino. Aſſim eſtava profetizado: 10 & aſſim ſe emendou o erro de *Eva*, aquella mãy da prevaricaçaõ peccou, & eſcuſouſe: 11 a Mãy da redempçaõ naõ peccou, & ſatisfez; para que os filhos, que herdáraõ da primeyra mãy a neceſſidade do peccado, aprendeſſem da nova Mãy a humildade de ſatisfazer. 12

3 Por eſtas, & outras razoens, 13 a *Senhora*, & Saõ Joſeph, de Bellem, aonde eſtiveraõ atè eſte tempo 14 empregados em oraçaõ, contemplaçaõ, & ſerviço do Menino Deos, o levãraõ a Jeruſalèm. Com que devoçaõ faria a jornada! Com que amor olhariaõ para o tenro Infante, que jà começava a ſer ſeu companheyro em trabalhos! Como hiriaõ revezando em ſeus braços aquelle ſuave pezo! Chegados ao Templo em huma quinta feyra, 15 dia ſegundo de Fevereyro, com que reverencia entrariaõ! Com que eſpirito occupariaõ todas as potencias em contemplar a mageſtade que alli ſe repreſentava! Quanto de coraçaõ dariaõ graças! Quam fervoroſas ſerião as oraçoens! Quam amoroſa fallaria a *Virgem* ao Eterno *Pay*! Não chega a tanto a conſideraçaõ.

4 Havia em Jeruſalèm hum Sacerdote virtuoſo, & muyto nobre, 16 chamado Simeaõ, filho de Hilliel deſcendente de Aaraõ, o qual era Rabbi doutiſſimo, & foy meſtre de Gamaliel, 17 de quem Saõ Paulo 18 diſſe que aprendèra. Referem graves Authores 19 que chegando Simeaõ a explicar o lugar em que Iſaías diſſe: *Que huma Virgem conceberia, & pariria*; 20 parecendo-lhe impoſſivel, & que a letra eſtava errada, ſe atreveo a tirar a palavra *Virgem*, & a pòr em ſeu lugar outra que ſignificava, *Mulher moça*. No dia ſeguinte achou reſtituida a palavra que tirára; tornou a fazer duas vezes a meſma emenda, & lhe ſuccedeo o meſmo. Conhecendo ſer myſterio, pedio a Deos lho deſcobriſſe, dignouſe o *Senhor* de lho declarar; & elle fez nova petiçaõ, que ſe lhe outorgou por reſpoſta de hum Anjo, 21 de que viſſe antes de morrer aquella Virgem, & o *Redemptor* ſeu Filho. 22

5 Andando afflicto na dilaçaõ, mas conſolado na certeza, cegou. Neſte dia foy ao Templo guiado pelo Eſpirito Santo, 23 que

3 *Exod.13.*

4 *Numer.c.3.*

5 *Hieron.Cardoſo de monet.in fin. Dictionarii Luſit.*

6 *Luc.2.22. Secundùm legem. Et 23. Sicut ſcriptum eſt in lege Domini.*

7 *D Thom ſupra.*

8 *Carthagen.ſupr hom.1. Hugo Cardinal.in Luc.2.*

9 *D Bernard.ſerm.1. & 3 de Purificat.* Eſto inter mulieres tamquam una earum, nam & filius tuus ſic eſt in numero puerorum.

10 *Carthagen.d.l.8 hom.6. P. Fr Joſeph d.c.22.n.6.*

11 *Gen.3.13.* Serpẽs decepit mẽ.

12 *Guerric. Abb.ſerm.4 d Purificat.in princ.* Mater prævaricationis peccavit, & excuſavit prudenter: Mater redemptionis non peccat, & ſatisfacit humiliter: ut filii hominũ, qui de matre vetuſtatis traducunt neceſſitatem peccandi, de matre ſaltem novitatis trahant humilitatem purgandi.

13 *De quibus Carthagen. d.l.8. hom.3 4.5.& 8. P Sylveyr.in Euang.tom.1.l.2.c 5. q 3.& 8.*

14 *P.Fr. Joſeph d.c.22.n.1.in princ.*

15 *P.Fr. Man do Sepulchro na Reſeyç.eſpirit.p 2.c.ult.n.3.*

16 *Carthagen.d.l.8 hom 13. in princip.*

17 *Cum multis Sylveyra d.l 2. c.5.p 18. Carthagen.d.hom.13. verſ. An autem cum ſeqq.*

18 *Act.22.3.*

19 *Egeſipus lib.de ſupplem.Euãg. verit Michael à Carvanza ſ. de Virgin.Mar.c.14. Apud P Fr Joſeph d.l.4.c.23. n.1. Alii apud Carthagen ſupr. verſ. Non ſolum.*

20 *Iſai 7.14.* Ecce virgo concipiet, & pariet filium.

21 *Nicephor.Calliſt. hiſt.Eccleſ. l.1.c.12.in fin.*

22 *Luc.2 26.*

23 *Luc.c.2.27.*

que eſtando elle em oraçaõ o aviſou de q̃ alli ſe cumpria a promeſſa; & recobrando em aquelle inſtante a viſta, 24 por luz intellectual, & tambem inviſivel, que ſahia do Menino, & rodeava a *Virgem*, 25 conheceo entre muytas mãys que vinhaõ apreſentar filhos, 26 o que eſperava, promettido, aos Patriarcas, deſejado dos Profetas, Reparador do Mundo, gloria de Iſrael. Naõ foy taõ alegre a caminhante em noyte eſcura, luz que o guiaſſe: nem fonte a ſequioſo na mayor calma: nem ao cobiçoſo achar hum theſouro: nem a entrada do porto ao que temia naufragio; como a Simeaõ, muyto mais ditoſo que Noè, 27 ver a Pomba ſem fel *Maria*, naõ ſó com o ramo, mas com toda a arvore da paz, & miſericordia, moſtrando o fim do diluvio do peccado. Com reverencia o pedio à Senhora, que lho entregou com agrado.

24 *Celſus in præfat ad Virg. inter opera Cypriani; relatis à Carthagena d hom. 13. verſ. ſed & illud.*

25 *D. Baſil. de hum. Chriſt. gener. in fin. Timotheus Hieroſolym. & alii apud P. Fr. Joſeph d. c. 23. n. 2.*

26 *Timotheus de Prophet Simeon. apud Carthagen. d. l. 8 hom. 14. verſ. hanc oblationem.*

27 *Gen. 8.*

6 Com que gozo chegaria o velho a ſeu peyto, & ſentiria ſobre ſeu coraçaõ aquella prenda! Que graças deſcobriria nella! Quem naõ terà enveja (diz hum Varaõ devotiſſimo) 28 a braços que abraçáraõ toda a gloria do Ceo? Tinha-ſelhe ſó promettido que veria: mas tambem o teve nas mãos; que as mercès de Deos excedem às promeſſas. Se tocar ſó o extremo de ſeus veſtidos deu ſaude a tantos; 29 que faria tomallo todo nos braços? Lançoulhe a bençaõ, naõ com movimento da mão, pois as tinha occupadas; mas com palavras laudatorias, de congratulaçaõ, & deprecaçaõ. 30 Quem logra a Deos, deyxa o Mundo: como naõ tinha mais que deſejar na terra, feyto glorioſo Ciſne com agradecido cantico pedio ao *Senhor* que o *ſoltaſſe do corpo, & levaſſe à eterna paz em cumprimento de ſua palavra, pois havia jà viſto o Salvador, lume das gentes, & gloria do povo de Iſrael.* 31 Diſcretamente divinizou o barbaro penſamento de Amonacarges Filoſofo Gymnoſophiſta, quando vendo a Auguſto ſe lançou na fogueyra, dizendo que os olhos que tal viraõ, naõ deviaõ ver mais. 32

28 *O P. Fr. Joſeph d. c. 23. n. 4.*

29 *Matth. 9. 20. Marc. 6. 56. Luc. 8. 44.*

30 *P. Fr. Man. do Sepulchro ſup. n. 8. cum ſeqq.*

31 *Luc. ſup. 28.*

32 *Plutarch. in Alex.*

7 Eſtava a *Mãy* Santiſſima com Joſeph ſeu Eſpoſo notando as acçoens de Simeaõ: elle os abençoou tambem, & diſſe à *Virgem* que *Aquelle Menino ſeria occaſiaõ da ruina, & de bens a muytos em Iſrael: & que muytos o perſeguiriaõ: que a alma da meſma Senhora ſeria traſpaſſada com eſpada de dores: & ſe deſcobririaõ muytos coraçoens.* 33 Jà ſe vè como a *Virgem* vay deſempenhando o glorioſo do *Ave*, no q̃ lhe cuſta o livrarmonos das miſerias de *Eva*, pois atè os gozos que no Filho *Redemptor* lograva, foraõ penſionados com dores. Quando ſe alegrou de o ver naſcido de ſeu ventre, ſentio as incommodidades que elle padeceo no deſabrigo da lapa: quando na impoſiçaõ do nome JESUS goſtou de o conſiderar Salvador, chorou o golpe da Circumciſaõ: o prazer de o ver adorado pelos Reys Magos: teve o pezar de elles o acharem tão pobre: neſta gloria de o ouvir acclamar por *Meſſias*, começa ſua alma atè ſer traſpaſſada com a profecia do que ha de ſer.

33 *Luc. ſup. 34. & 35.*

8 Na meſma hora chegou Anna filha de Phanuel (que ſignifica *Viſaõ de Deos*) 34 da Tribu de Aſer, viuva, profetiza de oytenta & quatro annos, que de dia & de noyte aſſiſtia no Templo com jejuns, & oraçoens; reconheceo o *Salvador*, & aſſim o declarou a todos os que eſperavaõ a redempçaõ. 35 Eſta era aquella ſanta mulher a que diſſemos 36 que os pays da *Virgem* a encomendàraõ, quando Menina a deyxáraõ no Templo; & tem a gloria de ſer a primeyra mulher, que depois da *Virgem Mãy*, confeſſou, & prègou a *Chriſto* Deos.

9 Offereceo o Sacerdote Simeaõ o Menino com a ceremonia da Ley, 37 & depois recebeo a offerta; que foy de dous pombinhos; 38 porque os preſentes dos Reys Magos tinhaõ jà os Santos Eſpoſos repartidos entre pobres: 39 com myſterio ſe naõ offertou cordeyro da terra, quando ſe offertava outro de mayor preço. Joſeph Santo pagou os cinco ſiclos, para remir o *Redemptor* do genero humano; por taõ pouco foy remido quem era ineſtimavel por ſummariamẽte precioſo: & por ſummo preço nos remio eſte *Senhor*, valendo nòs taõ pouco. Reſtituhio Simeaõ o Menino *Jeſus* aos braços da *Virgem*, forçando ſe a deyxar aquella ſuavidade. A *Virgem* o recebeo com novos jubilos da alma, & havendo-ſe aſſim ſatisfeyto à Ley, cumprindo-ſe a profecia de Daniel ſobre eſta offerta, 40 tornáraõ para Nazareth os glorioſos Eſpoſos, 41 ricos da joya que em Bellem lhes naſcèra.

10 Niceforo eſcreve, 42 que outorgando Deos ao Santo Simeaõ o que pedia. deyxou elle no meſmo tempo eſta vida mortal, & voou feliciſſimo ao ſeyo de Abraham. Santo Epiphanio diz, 43 que viveo depois annos, & porque publicava o Naſcimento do *Meſſias*, os outros Sacerdotes lhe negáraõ indignados a ſepultura ſacerdotal. Feliz ſobre todos os Patriarcas, & Profetas, vio, & tocou o que todos deſejàraõ.

11 A inſtituiçaõ deſta feſta (poſto que varias opinioens lhe dem principio menos antigo) foy no tempo dos Apoſtolos, ou pouco depois; porque della fallaõ Padres antiquiſſimos. 44 Celebra-ſe com Prociſſaõ de velas bentas acceſas, que neſte dia illuſtraõ mais a terra, que as eſtrellas ao Ceo; para com eſta ſemelhança ſantificada deſterrar de Roma duas feſtas herdadas dos Gentios; 45 huma chamada *Luſtro* andarſe toda a primeyra noyte de Fevereyro pelas ruas com velas acceſas, em honra de Februa mãy de Marte, cada cinco annos, cujo eſpaço por iſſo ſe chamou *Luſtro*, 46 outra de luminarias, que as mulheres punhaõ em memoria do ſacrificio chamado *Ambarbale*, 47 que os Romanos faziaõ com velas acceſas no Templo de Plutaõ com o nome de *Februus*, crendo que neſte mez furtàra elle a Proſerpina, & que Ceres ſua mãy a andàra buſcando com tochas. 48 Trocàraõ-ſe eſtes coſtumes em ſagrados; porque eſtas velas ſymbolizaõ hoje a purcza da *Virgem*, & outros myſterios

que

34 *P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. uli. n. 18.*

35 *Luc. d. c. 2. 38.*
36 *Sup. c. 19. 5.*

37 *P Sylveyr. d. l. 2. c. 5. q. 24 n. 87.*

38 *Sylveyr. eodem c. 5. q. 13. n 52.*
39 *Maldonad. in 2. Matth. verſ. aliam Sylveyr. d c 5 q 15. n. 58. P. Joſeph ſup. 22. n. 2.*

40 *Daniel 7. 13.* Quaſi filius hominis veniebat, in conſpectu ejus obtulerunt eum.
Ita intellegit Carthagen. d. l. 8. hom. 14. verſ. hanc oblationem.

41 *Luc 2 39.*
42 *Niceph. d l. 1. c. 12. in fin.*
43 *D. Epiphan. l. de Prophet. vit. c. de Simeone.*

44 *Refere-os Carthagen. de ar. can. Deip. & Joſeph d. p. 1. l. 8. hom. 12. verſ. Item.*

45 *Albin Etacus l. de divin. offic. c de V. Purific. Durand. in Ration. Divin. l. 7. c. 7.*

46 *Alex. ab Alex. geneal. 5. cap. 27. Sed vide Calepin. verb inſtrum.*
47 *Innocent. III ſerm. de Purificat.*

48 *Ovid. Metamorph. l. 5.*

que os Doutores tratão. 49 Hum moderno 50 allegoriza aquella fabula como profecia, dizendo que o infernal Rey Plutão tinha roubada a natureza humana, princeza nobiliſſima; porèm que a providencia Divina ſua mãy, verdadeyra Ceres, que proveo o Mundo do trigo dos eſcolhidos, mais util que outra que ſe diz inventora das ſementeyras, accendeo luzes pela Encarnaçaõ do *Verbo*, a quem Guerrico chamou, *Quaſi lume em cera*, 51 a buſcou pelas aſperezas, atè a achar, como diſſe Iſaías. 52

49 *Apud Fr. Joſeph l. 4. c. 24.*
50 *Henric. Engelgrave, in Cœlo Empyreo, feſt. Purificat. §. 3. in princip.*
51 *Guerric. ſerm. de Purific.* Verbum in carne, quaſi lumen in cera.
52 *Iſ. i. 42. 6.* Dedi te in fœdus populi, in lucem gentium.

CAPITULO XXXV.

Como Herodes determinou matar os innocentes; & como a Virgem, & S. Joſeph fugirão para Egypto com o Menino Jeſus.

1 A Confiſſaõ que os Santos Simeaõ, & Anna fizeraõ de *Chriſto* no Templo, 1 ſe divulgou por Jeruſalèm: & cahia ſobre a dos Reys Magos. 2 Accreſceo, que havendo no Templo lugar ſeparado para as Virgens, ou tidas por taes: *Maria* Santiſſima em hum dos dias que ſe deteve em Jeruſalèm quando foy à Purificaçaõ, 3 ſe poz no lugar das naõ Virgens, por humildade, como caſada com Joſeph. Vendo-a o Sacerdote Zacarias pay do grande Bautiſta, a levou ao lugar das Virgens, ſabendo que lhe pertencia; poſto que tinha o Filho nos braços. Indignáraõ-ſe os Eſcribas, & Fariſeos moſtrando zelo, & porque lhes declarou a verdade, o perſeguirão publicamente perſiſtindo elle, atè que ſendo o primeyro Martyr por *Chriſto*, o matàraõ no meſmo Templo; 4 ou logo, como affirmão Authores graves: 5 parece ſer aquelle, de cuja morte feyta no Templo accuſou *Chriſto* os Eſcribas, & Fariſeos, (porque Hippolyto Author antigo diz, que era filho de Baraquias;) ou como dizem outros, 6 accumulandolhe depois com Herodes por nova culpa, eſconder o ſeu filho Joaõ, quando morrèraõ os Innocentes. Puzeraõ no Templo o ſeu ſangue, & quando Herodes, ou algũ de ſua familia vinha a elle, não ceſſava de ſerver. 7 Tertulliano teſtemunha, 8 que atè ſeu tempo ſe via como freſco nas louſas ſobre que o matàraõ; & Saõ Jeronymo 9 declara que eſtavaõ em humas ruinas do Templo para a parte das portas de Siloe. Succedeo mais, que Judas, & Mathias, Rabbinos de grande credito, entendendo ſer chegado o tempo, em que muytos Oraculos promettiaõ aos Hebreos Monarca de ſeu ſangue, cõ zelo de liberdade tiráraõ dos lugares publicos as Aguias Romanas; pelo que Herodes os fez queymar vivos, & alguns mancebos nobres que pode prender, de muytos que os ajudâraõ. 10 Corria tambem fama do que os Magos publicavaõ no Oriente,

11 era

1 *No precedente n. 6. & 8.*
2 *Supr. c. 33. n. 7.*
3 *P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. da Virg. l. 4. c. 29. n. 1.*
4 *D. Epiphan. de vit. Prophet. in Zabar.*
D. Baſil. hom. 25. de hum. Chriſt. gener. ad med.
D. Gregor. Niſſen. in die Nativit. Chriſt.
D. Cyril. adverſus Antroponorphitas c. 17.
5 *P. Fr. Joſeph ſupr.*
Hippolytus apud Nicephor. l. 2. c. 30. ad fin.
6 *Refere os o meſmo Padre, & Melchior de Caſtro, na vida da Virg. l. 1. c. 11.*
7 *P. Gabriel Barleta ſerm. de S. Joan. Bapt. in fine.*
8 *Tertullian. in Scorpiaco adverſus Gnoſticos c. 8. circa princip.*
9 *D. Hier. in Matth. 23.*
10 *Egeſipus de excidio Hieroſol. l. 5. c. 45.*

11 era tudo cheyo de huma voz confuſa de que em Jndèa naſcèra hum Salvador Rey univerſal.

2 Menos rumor baſtava para atemorizar hum tyranno, que ſempre teme. 12 Tinha paſſado quaſi hum anno 13 depois do Naſcimento do Menino Deos, quando Herodes, jà cheyo de enfermidades, voltando de Roma, aonde fora chamado, como diſſemos, 14 achou novos motivos para mais recear. Vendo-ſe enganado pelos Magos, que naõ tornáraõ a fallarlhe como lhes encomendára: & ſabendo dos Sacerdotes, & ſabios na Ley, que conſultou, que o lugar aonde havia de naſcer *Chriſto* era Bellem, deu furioſo na mayor crueldade que tyranno inventou: qual foy executar o que jà de antes imaginava, de matar em aquella Cidade, & ſeu termo todos os meninos menores de dous annos; 15 porque aſſim, computado o tempo em que appareceèra a Eſtrella aos Magos, & algum antes, por mayor ſegurança, entendeo, que lhe naõ eſcaparia o que buſcava. Coſtume de tyrannos deſeſperados, caſtigarem contra a ordem dos tempos, & da juſtiça, os que imaginaõ que lhes ſeráõ prejudiciaes de futuro, porque daõ jà por feyto o que merecem; 16 a conſciencia culpada lhes he corpo de delicto, proceſſo, & prova; por iſſo ao Emperador Mauricio foy ſymbolo: *O que he tímido, he cruel.* 17 Que triſte vida a que vive de outras morrerem!

3 Hum dia antes de ſe dar ordem para a execuçaõ, 18 o Santo Anjo Gabriel, 19 miniſtro glorioſo em todos eſtes myſterios, appareceo em ſonhos a Saõ Joſeph, como a cabeça da caſa, 20 & lhe diſſe: *Que logo fugiſſe para Egypto com o Menino, & com ſua Mãy, & eſtiveſſe là atè que tornaſſe a aviſallo, porque Herodes havia de buſcar o Menino para o matar.* 21 O edicto ſeria ſó contra os de Bellem: mas ſendo publicos os myſteriоſos ſucceſſos do Filho da *Virgem*, & chegãdo a ſaberſe que naſcèra em Bellem, o hiriaõ buſcar a Nazareth, aonde entaõ ſe rchava: como por menino de naſcimento myſterioſo buſcáraõ a Joaõ em Hebron. 22

4 Deſpertou Joſeph: deu conta á *Virgem*: commoveraõſe as maternas entranhas, & como o Anjo naõ diſſe que *Partiſſem*, mas que *Fugiſſem*, a deshoras acordáraõ o Menino, & ſem tratarem de ſua pobre caſa, nem de ſe deſpedirem de alguem, mas ſó de pòr em ſalvo aquelle theſouro, fecháraõ a porta, ſahiraõ de noyte ſem prevençaõ, mais que os paninhos do Filho, hindo a *Virgem* em huma jumentinha que tinhaõ; librando todo o cabedal para o caminho na providencia do Ceo; 23 & cumprindo-ſe muytas Profecias, & figuras que havia deſta fugida. 24

5 Coube *Chriſto* em huma mangedoura com brutos, 25 & naõ cabe em hum Reyno com hum tyranno; ſe atè Deos foge de hum deſtes, quem eſtarà com elle ſeguro? Sós os máos. Fugio à morte que vinha buſcar, para depois ſe ver que morria por

11 *Caſtro d.c.11.cum Origen. & aliis.*

12 *Diſſemos no c 33 n.8.*

13 *Epiſcop. Gaiarza, in i. ſt Evang. poſt l. 8. in epitom. hiſt Evangel. l 1.n.11.*
Flav. Dexter. in Chron ann. 3. Chriſti, ubi comment. Patris Bivaris.
D. Th. m. 3. p. q 36 art. 6 ad 3. verſ. Alii verò dicunt.

14 *D c.33.n.16.in fin.*

15 *Matth. 2. 16.*

16 *Diſſemos na harmonia polit. p 3 §.1.n 8. & §.3.n.8.*

17 *Floſcul. hiſt. Imperator. ad fin. oper.*

18 *Vincent. Belvacenſ in ſpecul. l.6.c.94.*

19 *Caſtro ſup. c 9. ad fin.*
P Fr Joan. à Sylveyr. in Evang tom. 1. l 2.c.7.n.1. in expoſit.
P. Joſeph ſup. 1 c.25.n.1.

20 *Sylveyr d.c.7 q 2. n.5.*
Carthagen de arcan. Deip. p.1. l.9. hom.3. in fin.

21 *Matth. 2. 13.*

22 *Cum Ethym. P. Sylveyr. d.c. 7.q.5.n.13.*

23 *Carthagen. ſup. l.9 hom.3. Sylveyr. d.c.7.q.8.*

24 *Apud Carth. g d l.9.hom.1.*

25 *Supr. c.29.n.6.*

por ſua vontade; haviaõ-ſe de cumprir as profecias do que
16 *S.Petr.Chryſol ſerm.150.* obraria varaõ. 26 Vinha dar ley nova, exercitar as virtudes, moſtrar à viſta a Deidade crida por fé, fugeytar o demonio em combate publico, dando exemplo de como ſe ha de fugeytar; vinha morrer por deſtruir a morte, bayxar aos infernos, deſatar lá os prezos, para na Reſurreyçaõ abrir as ſepulturas: para na ſubida aos Ceos introduzir là os homens: para eleger Apoſtolos, deyxar meſtres: em ſumma para levantar, ou regenerar o Mundo; tudo faltàra, ſe naõ ſugira Menino, para mayor triunfo ſe guardou para idade perfeyta; como bom Capitaõ que ſe retira para melhor vencer. Sem fugir, tambem ſe pudèra guardar; mas naõ quiz milagres, havendo màos: 27 & baſtando a caſa de huma viuva para refugiar a Elias perſeguido, 28 toda Judèa naõ baſtou para refugiar o Filho de Deos. Elias ſe defendeo com fogo do Ceo: o Filho de Deos ſó com fugir ſe ſalvou; de peyor condiçaõ ſe fez que os homens; deſterrouſe da patria para nos reſtituir à celeſtial: & eſcolheo ir a Egypto para a ſantificar, 29 por naõ paſſar tempo ſem fazer mercès.

27 *Villegas no Flos Sanct. vida de Chriſto c 8.*
28 *3.Reg.17.*

29 *Vide infra c.37 n. 6.*

6 De Nazareth foraõ caminhantes por junto a Bellem, diſtante vinte & nove leguas, 30 & entrando Saõ Joſeph na Cidade a buſcar alguma proviſaõ, deyxou a *Virgem* eſcondida em hũa caverna, aonde he tradiçaõ, que dando o ſagrado peyto ao Menino, ordenou o *Senhor* que algumas gottas do puriſſimo leyte cahiſſem na penha dura, & a fizeraõ taõ branda, & alva, q̃ ainda hoje os que viſitaõ aquelles ſantos lugares, fazem della, como de farinha, huns bolinhos de effeytos milagroſos em enfermidades; & particularmente em mulheres que criaõ, & ſe lhes ſeca o leyte. 31

30 *Supra c.28.n.10.in princ.*

31 *Chriſtophor. de Caſtro, hiſt. Dep.l 1.c 2.*
Gartiam in vit S.Joſephi.
Carthagen.d.l.9.hom.10.in princ.

7 De Bellem paſſáraõ à Cidade de Hebron, que diſtava quaſi quatro leguas; 32 & como alli vivia Santa Iſabel, 33 he provavel que a aviſariaõ do intento de Herodes, & iſſo a obrigaria a fugir para os montes com o menino Joaõ, & ſe eſcondeo em huma cova, donde ſe occaſionou ficar elle no deſerto. 34

32 *Supr.c.26.n.3. in fine.*
33 *Supra d.n.3.*
34 *Ced.en.in compend.hiſt. Nicephor.l.1.c.14.*
P.Bivar ad Dextr. ann. Chriſt.3.v. deſumere.

De Hebron foraõ a Gaza, jornada de hum dia, 35 Cidade nos Confins de Judèa.

35 *Brocard in deſcript. terr. Sãcte.*

8 De Gaza entràraõ no Egypto; & no meſmo ponto cahirão ſubitamente dos altares todos os Idolos, 36 como tinha profetizado Iſaías: 37 & nunca mais reſpondèraõ os Oraculos; 38 de que aquelle Reyno era como Seminario; porque naõ era bem que ſe moſtraſſem Deoſes na preſença do que ſó era o verdadeyro Plutarco 39 ſe cançou em inquirir a cauſa de haverem ceſſado aquellas diabolicas repoſtas: pudera-ſe aquietar com a que em Delphos tinha jà dado o Apollo Pythio em verſo a Auguſto Ceſar, que lha perguntou, reſpondendo que o *Menino Hebreo Deos Governador dos Deoſes o mandava ſahir daquella caſa, & tornar para o triſte inferno; pelo que ninguem mais o conſultaſſe.* 40 Donde dizem, 41 que o Emperador tomando a Roma, ſe moveo a levantar no Capitolio aquelle altar, de que

36 *Lyra in Iſai.19.*
D.Athanaſ.de Incarnat. Verbi, poſt med.Comeſtor hiſt Euangel.c.10.
Evabrius in vita Patrum, in Apellonium.
Galarza, Euangel.inſt.l.5.c.19.tit. Meſſias fugiturus in Ægypt.
37 *Iſai.19 in princ.*
38 *Strab l.9.*
Porphyr.de Reſponſ.
Juvenal.ſatyr.6.
Revelaç.de S Brigid.l.6.c.48.
39 *Plutarch.in l. cur oracula adid.ſider.*
40 Me puer Hæbreus, Divos
Deus ipſe gubernans,
Cedere ſed jubet, triſtemque redire ſub Orcum,
Aris ergo de hinc tacitus diſcedito noſtris.
Refert Nicephor hiſt.l.1.c.17.
Suidas in diction. Auguſtus.
Horat Scaglius Catacenſ.hiſt. à primord.Eccleſ l.1.v.Jamque novum.
41 *Nicephor.d.c 17.*

acima

acima dèmos outra occaſiaõ; 42 & foy o que primeyro levantou Altar a *Chriſto* Senhor noſſo, poſto que ſem o conhecer. 43

9 Caminháraõ para a antiga Memphis, chamada entaõ Heliopolis, hoje o Cairo, diſtante ſetenta leguas, as cincoẽta de deſerto. 44 Nelle ſe lhe inclinavaõ os boys, & os leões, & lhes moſtravaõ o caminho; 45 & as aves o ſaudavaõ com ſuave canto. 46 Sahiolhes hum ladraõ que andava roubando paſſageyros; mas tanto que chegou perto dos noſſos celeſtiaes, ſe moveo a tanta piedade, que os levou a huma cova que habitava, & lhes deu liberalmente do que tinha; & ſuccedendo levar a mulher hum ſeu filho leproſo na agua em que a *Virgem* enſaboára os panninhos de ſeu Filho Deos, ficou logo ſaõ o docente. Pedro à Natalibus 47 diz que eſte ladraõ foy Dimas, que viveo atè *Chriſto* lhe pagar na Cruz aquelle ſerviço com o Reyno do Ceo; & dizem que por interceſſaõ da meſma Senhora. 48

10 Indo jà perto da dita Cidade de Heliopolis, hoje Cairo, ſe inclinou huma palma, para que a *Virgem* alcançaſſe o ſeu fruto; 49 como tambem na Cidade Hermopolis da Thebaida, entrando a *Senhora*, ſe inclinou atè a terra outra grande arvore que eſtava à porta, ſahindo della o demonio, que chamavaõ Deoſa Iſis, a que eſtava conſagrada; & conta Nicephoro, que atè ſeu tempo duravá na meſma inclinaçaõ, & era medicina para as doenças. 50

11 Paſſáraõ dez milhas alèm de Heliopolis, & paràraõ em hum lugar chamado Mathurea, 51 havendo aſſim caminhado mais de cento & quinze leguas, em que tardáraõ mais de dous mezes; 52 deyxando-ſe bem ver quam trabalhoſo lhes ſeria taõ largo caminho, poſto que tiveſſem os alivios celeſtiaes que ficaõ referidos; a *Virgem* em hum jumentinho com o Filhinho de hum anno em ſeus braços, ſuſtentando-o a ſeus peytos, abrigando-o em ſeu regaço, & penſando-o com os panninhos, de que havia de ter cuydado. O Menino deſvelado, ſem berço, ſem regalo, & ſem quietaçaõ. O Santo Joſeph a pè, guiando a ambos, evitando-lhe os perigos, curando da cavalgadura fraca, porque lhes naõ faltaſſe. Que cançados os acharia a noyte, ſem acharem em cincoenta leguas de deſerto aonde repouſar ſenaõ no campo à inclemencia do tempo! Que temores de féras, & de ladroens ſentiriaõ naturalmente, poſto que a eſperança em Deos os confiaſſe! Padeceriaõ ſedes, falta de ſuſtento; quanto penoſo ſuccede a caminhantes. Se huma breve jornada na propria patria, com prevençaõ de commodidades, he trabalhoſa ao mais rico, & mais robuſto: qual ſeria huma taõ larga por terras eſtranhas, deſprevenida em tudo, à delicada *Senhora*, ao tenro Infante, & ao canſado Joſeph ſó ricos de pobreza! Os Santos Eſpoſos humas vezes ſe deſconſolariaõ vendo chorar o Menino: outras ſe conſolariaõ vendo-o livre do tyranno, & ſempre

42 *Supr. c. 30. n. 11.*

43 *Notat Sixtus Senenſ. in Bibl. verb. Octavian.*

44 *Brocard. ſupra.*
45 *Vincent. Bevacenſ. in ſpec. hiſt. l. 6. c. 94.*
46 *Carthagen. de arcan. Deip. l. 9. hom. 10. verſ. legi.*

47 *Petr à Natal. in hiſt. homil. 10. p. Reſert Carthagen. d. hom. 10. in princ. Luc. 2. 1. 43.*

48 *Ex Arroldo P. Fr. Man. do Sepulchro, Refeyç. ſpirit. p. 1. c. 10. n. 10. in fin.*

49 *Megiſt. hiſt. Eccleſ. in Euang. c. 25.*
Richard. in deſcript. Ter. Sanct.

50 *Nicephor. l. 10. c. 31.*
Chriſtian. Druthm. in 2. Matthei.

51 *Brocard. ſup. p. 2. n. 4.*
Melchior de Caſtro d. l. 1. c. 10. 2
P. Fr. Joſeph. d. l. 4. c. 27. n. 1.
52 *S. Boaventura, c. 12. de medit. Chriſt. apud P. Sylveyr. d. c. 7. q. 12. n. 40.*

ſempre os magoava verem-ſe deſterrados ſem cauſa. Mas que mayor cauſa que ſerem Santos. Todo o Mundo he Athenas na ley do Oſtraciſmo. 53 Sò tendes que ſentir, ò peregrinos celeſtiaes, a ignominia da Patria que vos perſegue; ella eſtà privada de vòs, & naõ vòs della; ella ficou em deſterro, pois a deyxaſtes. Tomay, Santo Joſeph, em voſſos braços eſſe bello Menino, que a Mãy, que vos ama, vos largará hum pouco, para vos alegrar: & alegray vos, ſagrada *Virgem*, porque em voſſa companhia ſente o Menino Deos o mayor regalo. Pois elle he caminho, 54 facil he a jornada: pois ſois Santos, toda a terra vos he patria.

12 Naquelle lugar de Mathurea fez a *Virgem* aſſento, & paſſou *Chriſto* ſeu deſterro, como veremos, depois que referirmos a glorioſa morte dos Innocentes em quanto a *Senhora* caminhava.

53 *Qua relegabantur eminentes virtute.*
Alex. ab Alex. Gen. dier. l. 3. c. 20. paulò poſt princ.
Et cum Ariſtot. 3. polit. Calepin. verbo Oſtraciſmus.

54 *Joan. 14. 6.*

CAPITULO XXXVI.

Martyrio dos Innocentes, & o ſentimento que a Virgem Mãy nelle teve.

1 AO dia ſeguinte 1 do em que a *Virgem*, & S. Joſeph partiraõ para Egypto com o Menino *Jeſus*, expedio Herodes a ordem para a morte dos Innocentes, nomeando para algozes os ſoldados da ſua guarda. Cuyda-ſe, q̃ para execuçaõ facil, mandou com algum pretexto que ſe ajuntaſſem todos em hum lugar; 2 & executouſe aos 28. de Dezembro do anno ſeguinte ao que naſceo o *Senhor*. 3

2 Inveſtio aquelle exercito da Ira á Innocencia, a que eraõ piedoſos caſtellos os braços maternaes. Bateo primeyro os peytos como baluartes, miſturando leyte cõ ſangue, & as mãys goſtavaõ das feridas, fazendo-ſe eſcudo ao que mais amavaõ; atè que ſoccorrendo os a morte, dava a ambos deſcanço. Tal vez o innocente eſperava com riſo, tendo por brinco de pay o movimento do matador; tal vez morria ſem ferro, puxando eſte para o tirar da mãy, & ella para o defender, ficando cada hum com ſeu pedaço. Algumas os eſcondiaõ, & elles chorando, ſe deſcobriraõ como ambicioſos do martyrio. Quatorze mil o lográraõ, 4 goſtando a morte antes da vida, criminoſos em haverem naſcido, glorioſos em pagarem por ſeu Creador; fideliſſimos ſoldados, que quizeraõ morrer primeyro que ſeu Capitaõ; militáraõ antes de andar, pelejáraõ antes de brincar, derramàraõ ſangue antes de os criar o leyte; dos braços das mãys voáraõ a triunfar nos dos inimigos; trocáraõ os afagos pelos golpes; paſſáraõ ao Ceo ſem habitarem a terra, & foraõ grandes logo em naſcendo. Hum engenhoſo Poeta 5 à imitaçaõ dos grandes Agoſtinho, & Chryſologo, 6 quiz deſcrever aquel-

1 *Vincent. Belvacenſ. in ſpecul. hiſtor. l. 6. c. 94.*

2 *D. Antonin. p. 1. tit. 5. c. 1. §. 4.*
3 *Gloſſa ordinar. Haimon. Hugo, Bacon. & Beda apud Sylveyr. in Euãgel. tom. 1. l. 2. c. 8. q. 9. n. 30.*

4 *Salmeiram l. 3. tract. 4.*

5 *Marino, no poema. l' eſtrago de Innocenti.*
6 *D. Aug. ſerm. 8. de Sanct. tem.*
10 *D. Cryſol. ſerm. 153.*

aquella crueldade: mas naõ ſe pôde deſcrever quando o Profeta Jeremias 7 naõ ſoube dizer mais, ſenaõ que tudo eraõ vozes, gritos, & lagrimas; atè os algozes deviaõ chorar.

3 Buſcou Herodes ao Bautiſta fóra dos termos de Belem, pelas maravilhas de ſeu naſcimento; 8 mas naõ o achou, como jà diſſemos. 9 Chegou a matar hum filho que da meſma idade tinha, havido em huma mulher com quem ſe caſára, da Tribu de Judà; 10 & ha quem diz, 11 que tres filhos ſeus matou; que a tyrannia a ninguem perdoa, & atè dos filhos teme, como jà referimos de Dionyſio; 12 & tambem ſe quiz ſanear com Auguſto Ceſar, moſtrandolhe tanta obediencia, que naõ queria filho q̃ lha pudeſſe negar. O Emperador ouvindo o que zera, diſſe que *era melhor ſer porco de Herodes, que filho ſeu*; 13 dito bem diſcreto, mas ſahira melhor de outra boca, porque no naſcimento de Auguſto ſe havia uſado quaſi ſemelhante crueldade: por ſucceder hum prodigio, q̃ ſe entendeo ſignificar q̃ naſcia hum Rey ao povo Romano, mandou o Senado (cioſo da liberdade) que naõ ſe criaſſe menino algum naſcido em aquelle anno. 14

4 Chegou a fama daquella crueldade de Herodes à *Virgem Mãy* hindo caminhando para o ſeu deſterro, & lhe foy hũa das grandes dores que padeceo, como a meſma *Senhora* a revelou a Santa Brigida. 15 Sentio a morte dos Innocentes, & juntamente a perſeguiçaõ de ſeu Filho, pois Herodes pertendia matallo em cada hum delles. Ditoſas victimas ſubſtitutos de *Chriſto*, ſymbolos de ſua Cruz, precurſores de ſua morte, primicias tenras dos Martyres, cuydado da Rainha dos Ceos! Hide felices aonde vos manda o ferro: entregay alegres eſſe voſſo principio: tendes porto ſeguro em naufragio de ſangue: remis o tempo com eternidades: começais quando deyxais de viver. Naõ vos deſamparou, mas defendeo o Rey por quem morreſtes, pois vos dà gloria antes que vida: triunfo, primeyro que trabalhos: & vos troca a terra em Ceo. Nem as mãys ficariaõ ſem coroa, pois ſe deve companhia no premio ao companheyro no tormento. 16

7 *Jerem.51.15.*

8 *Luc 1.*
9 *Supra c.33.n.1 & 6.*
10 *Phil.l.2.de Tempor.*
11 *Imperfectus Auctor apud P. Sylveyr.in Euangel. tom.1. l.2. c 8. q.4 n.24.*

12 *Supra c.33.n.8.*

13 *Macrob.l.2. Saturnal. c.4.*

14 *Sueton.Octav. Auguſt. c.94.*

15 *Revel.de S. Brigida l.6. c.58.*

16 *D.Chryſol ſerm.152. prope finem.*
Gladius, ſiliorum pertranſiens mẽbra, ad matrum corda pervenit; & neceſſe eſt ut ſint præmii conſortes, quæ fuerint ſociæ paſſionis.

CAPITULO XXXVII.

Como a Virgem, *& Saõ Joſeph moràraõ em Egypto, & alli criàraõ o Menino* Jeſus.

1 EM Egypto eſcolhèraõ os Santos Eſpoſos para paſſárem ſeu deſterro, o lugar chamado *Mathurea* na Comarca de Heliopolis, que fora a antiga Memphis, hoje o Cairo; 1 era a que Faraò ſinalàra a Jacob, & ſeus filhos, como em figura deſta peregrinaçaõ; 2 & o nome de Heliopolis, myſterioſamen-

1 *Bro:ard.Caſtro, & o P.Fr.Joſeph de Jeſu Mar. citad ſup. c 35. n.11.*
2 *Joſeph de Antiq.l 1.c.4.*

mente significava, *Cidade do Sol*, pois em seus termos habitaria o Sol verdadeyro.

2 Na mesma Comarca havia sido refugiado por ElRey Ptolomeo em tempo dos Macabeos 3 o Sacerdote Onias com grande multidaõ de Hebreos; & nella com licença do Rey edificou hum Templo, que permaneceo até o Imperio de Vespasiano. 4 Philo Hebreo escreve, que em seu tempo (que foy o dos Apostolos) havia em Egypto hum milhaõ delles; 5 aquelle Templo santo, & assistencia de tantos da mesma naçaõ convidaria a *Virgem*, & ao Santo Joseph a elegerem aquella morada.

3 Como o Filho de Deos se fez o mais pobre, 6 quiz que seus pays o sustentassem trabalhando: Joseph no officio de carpinteyro, *Maria* cozendo, & lavrando por suas mãos. 7 Os Anjos se admirariaõ vendo em obras servís os que puderaõ servirse de Reys, & possuir todas as riquezas do Mundo. A *Senhora*, para fazer os officios domesticos, entregaria o Menino ao Esposo Santo, para que o entretivesse, & o Esposo, para isto se divertiria do seu trabalho. He de considerar, que regalos receberia quando o tomava, & tratava: quam suaves seriaõ seus abraços: a graça que acharia nas innocentes acçoens, que os meninos fazem: quam doce lhe soaria, & á Máy Santissima ouvirem-se chamar *Pay*, & *Mãy*: quam graciosas seriaõ suas primeyras palavras: quam ayroso começaria a andar, ensinandolhe jà hum, jà outro os primeyros passos: com que gosto lhe daria a *Virgem* o peyto: & quáto elle gostaria do peyto de tal Máy. Disse a mesma Senhora a Santa Brigida, que era tanta a belleza do Menino quando o criava, que todos os que o viaõ, por muy tristes que estivessem, ficavaõ consolados, pelo que muytos Hebreos diziaõ huns aos outros: *Vamos ver o Filho de Maria para nossa consolaçaõ*, & ainda que ignoravaõ ser Filho de Deos, em o vendo a recebiaõ grande. 8

4 Os Egypcios, obrigados da agradavel presençade taes hospedes, os tratavaõ com benevolencia de naturaes: & elles pagavaõ com mayores beneficios; que o Sol, ainda que encuberto, influe a virtude de seus rayos. Todos os necessitados se valiaõ da *Virgem*, que ou os consolava com palavras, ou os sarava das enfermidades. Todas as mulheres que tinhaõ meninos doentes lhos levavaõ, & a *Senhora* fazia que o Menino *Jesus* os tocasse, & ficavaõ saõs. Todas as pejadas hiaõ á *Virgem Mãy* que as benzesse, & nenhuma perigava. Isto se acha naõ só nos livros Catholicos, mas tambem nos Sarracenos; 9 donde ficou ás Sarracenas o costume de ainda hoje chamarem por *Maria* nos apertos de seus partos.

5 Ensaboava a *Mãy* Santissima os paninhos do Filho sagrado com a agua de huma fonte, que ainda se vè, cujo regadio fertiliza notavelmente as plantas do balsamo, a q̃ prejudica outra qualquer agua: confessaõ os Sarracenos pela tradiçaõ, que

3 *Macbab.* 24.

4 *Nicephor. hist. l.* 2 *c.* 4 *in med. Joseph de bel. Jud. c.* 7 *c.* 30. *D. Hieron. in Daniel* 11. *ante med. tom.* 4.

5 *Philo in Flaccum.*

6 *D. Paul. ad Philip.* 2. 7.

7 *P. Fr. Joseph de Jes. Mar. hist. da Virg. t.* 4. *c.* 27. *n.* 4.

8 *Revel. de S. Brigid. l* 6. *con.* 1. 58. *& l.* 4 *c.* 70. *ad fin.*

9 *Refere tudo Jacobo de Valencia in cant Virg. verbo*, beatam me dicent.
P. Fr. Joseph sup. n. 4.

que esta virtude lhe ficou daquelle Divino contacto, & a veneraõ de modo, que nenhum se atreve a lavarse nella sem primeyro fazer oração. 10 Quasi na mesma veneração tem o tronco de huma figueyra em que dizem, que a *Senhora* enxugava os páninhos. 11

6 Já se vè huma das razoens 12 porque o *Senhor* escolheo a Egypto para lugar deste desterro; quiz recompensarlhe com mercês os castigos que lhe dèra quando livrou os Hebreos de seu cativeyro; 13 deulhe seu primogenito pelos que lhe tirára: o Sol Divino, pelas trevas: o Medico do Ceo, pelas pragas: & pela cegueyra da idolatria, em que o deyxou, o santificou com sua assistencia, para vir a ser no povoado, & nos desertos hum Ceo de Anjos em corpos humanos, como S. Joaõ Chrysostomo com eloquente brevidade o descreve. 14 Com particular mysterio, cahindo dos altares todos os mais idolos entrando *Christo* no Egypto, 15 ficàraõ em hum Templo da Cidade de Hermopolis na Thebaida trezentos, sessenta & cinco, correspondentes ao numero dos dias do anno, para cahirem de ropente entrando a *Virgem* naquelle Templo, por não achar na Cidade outra casa em que se recolher: quiz o Menino Deos derribar presencialmẽte os Idolos da Thebaida, cujos desertos dispunha para povoarem o Paraiso. Sabendo o Principe dos Sacerdotes Gentios chamado Aphrodisio, aquelle succesſo, acodio acompanhado de muyta gente, & vendo o Menino, disse: *Este sem duvida he Deos dos nossos Deoses, pois elles se lhes prostràraõ; se naõ fizermos o mesmo, podemos temer o castigo de Faraò*, & o adorou. 16 Vinha *Christo* tirar do Mundo a idolatria, & quiz logo em sua infancia começar a empreza no seu mayor seminario, que era o Egypto. 17

7 Assim passáraõ os tres peregrinos sete annos (segundo a opinião mais recebida) 18 aquelle desterro, se assim se pòde chamar o em que passavaõ companheyros; pois na presença do Menino Deos, & cada hum na propria santidade logravão patria, & quanto podião querer. Felicissima terra Egypto! mereceo crearse nella aquelle Divino Infante, de que erão ambiciosos os Ceos.

10 *Pelbart tom. 2. in l. sent. 1. de Balsam. §. 4.*
Jacob de Valenç. supr. Brocard. p. 2. c. 4.
Matute na Prosap. de Christ idade 5. c. 3 §. 3. & 4. Melchior de Castro na vida, & excel. da Virg l. 1 c 10. ad fin P Fr Joseph d c. 27 n. 3.

11 *Christophor. de Castro, hist. da Virg. c. 10. n. 9.*

11 *Refert plures P Sylveyr. in Euang tom. 1. l. 2 c. 7. q. 6.*

13 *Nota Vilbeg. no Flos Sanct. vida de Christ, c. 8. ad med. com Saõ Joaõ Chrys. hom 2. ex var in Matth.*

14 *D. Chrysost. hom 8 in Matth. tom. 2.*

15 *Dissemos no cap. 35. n. 8.*

16 *Abulens. in 2. Matth. Cartag de arcan. Deip. l. 9. hom. 10. v. Episcopus.*

17 *Notat Orig. hom. 8. in divers Euang circa princip.*

18 *Baron annal ann Domin 8. n. 13 Sylveyr. sup. d. c. 7. q. 13. n. 54. P. Fr. Joseph sup. d c. 28 n 3. Horat. Scoglius Catacens. hist. à primord Eccles. p. 1. l. 1. vers Puer. Quidquid de triennio Nicephor. hist. Eccles. l. 1 c. 14. in prine. Et quidquid Maldon. in Matth. 2. atque alii.*

CAPITULO XXXVIII.

Castigo, & morte de Herodes: & como a Virgem com o Menino Jesus, & S. Joseph, tornárão de Egypto para sua patria.

1 REynou Herodes trinta & seis, ou sete annos em prosperidade apparẽte por meyo de traças tyrannicas de reynar, em que era muy perito. 1 Na vida dos tyrannos cõtinùa a Divina Providencia o castigo dos povos: mas não se descuyda

1 *Joseph de bel. Jud. l. 1. c. 21. Pedr. Mexia na Sylv. de var. lic. l. 4. c 170. P. Fr. Joseph de Jesu Mar. hist. de N. S. l. 4. c. 28. n 3. Fiscul. hist. p. 1. c. 9. prope fin. & c. 10. post princ.*

de tambem caſtigar a ſeu tempo. 2 Eſte matador de nobres, de Innocentes, de mulher, & de filhos, foy portento de maldades, & depois o foy de tormentos. Dentro de tres annos 3 cahio na doença mais miſeravel que ſe acha eſcrito que humano corpo jà mais padeceſſe. Hum fogo lento nos oſſos lhe abrazava as entranhas, que ulceradas hiaõ apodrecendo. Os pès muyto inchados manavaõ peſtiferos humores. Tinha os membros encolhidos com dores intenſiſſimas; a reſpiração tomada: & para alimentar eſſas penas tinha fome canina: nem morrer podia, devendo-o deſejar; mas vivo parecia ſepultado, pois o comião bichos, que lhe ſahiaõ das partes verendas canceradas, & o máo cheyro dellas inficionava o ar. 4 Paſſou em fim de tormentos taõ grandes a outros mayores, & eternos, pois o ultimo arrependimento foy encomendar a ſua irmã Salomè, & a ſeu marido Alexas, que mataſſem a muytos nobres que tinha em prizaõ, para com iſto haver triſteza entre a alegria, que entendia haveria geral com ſua morte; 5 porque hum tyranno he rayo que atemoriza tambem aos que naõ offende: mata alguns, & odia-ſe com todos: 6 folgão todos de que pereça: triſte couſa he viver no odio commum: & mais triſte reprovado dos bons. Porèm a irmã, & cunhado derão liberdade áquelles prezos.

2 Morto Herodes, o meſmo Anjo S. Gabriel, 7 que na fugida para o Egypto havia dito a S. Joſeph que o aviſaria quando houveſſe de tornar, 8 lhe appareceo entre ſonhos, & diſſe, que foſſe com o *Menino, & ſua Mãy para a terra de Iſrael, porque eraõ jà mortos os que o queriaõ matar.* 9 Fallou por plurar, ou porque hum ſó tyranno val por muytos matadores: ou porque tambem ſerião mortos os que o aconſelhavaõ: 10 ou porque, morto o poderoſo que manda, morrem os intentos dos que cooperaõ por exemplo, adulação, ou medo. 11 Aſſim ſe cumprio a profecia em que Oſeas tinha dito que *De Egypto chamaria Deos a ſeu Filho.* 12 Parece que eſte aviſo do Anjo naõ foy logo tanto que Herodes morreo; porque ſobre ſeu teſtamento, em que repartio o Reyno com varios titulos entre ſeus tres filhos, Archelao, Antipas, (que tambem ſe chamáraõ Herodes) & Filippo, 13 forão elles em contenda a Roma, aonde ſe detiveraõ hum anno, 14 atè que o Emperador Auguſto o confirmou: & quando Saõ Joſeph chegou com a *Virgem*, & com o Menino, (não havendo tardado em obedecer) jà achou Archelao no Reyno, como diz o ſagrado Texto. 15

3 Obedecèraõ logo os Santos Eſpoſos, deyxando nos conhecidos do Egypto as devidas ſaudades. He de conſiderar quam agradecida ſe deſpediria a *Senhora*: quam enternecida às lagrimas que alguns derramariaõ: com que affecto ella, & o Eſpoſo lhes prometteriaõ amoroſa lembrança, & as ſuas oraçoens: com q̃ pontualidade ſatisfarião à promeſſa: de quanto effeyto ſerião aos ditoſos, que as merecèrão. Que ſeria ver concorrer à partida

2 *Apocal.6.11. Luc.18 7 & 8.*
3 *Flav.Dexter.in Chron.ann.6. Ch.ijſt.ubi comment.Bivar.*
4 *Ioſeph de antiq.l.17.c.8.*
5 *Ioſeph ſupr.d.c.8.ad fin.*
6 *Ovid.de art.l 1.*
Odimus accipitrem, quia vivit ſemper in armis,
Et pavidum ſolitos in pecus ire lupos.
7 *P.Fr. Man. do Sepulchro na Reſurg.eſpirit.p.2.c.ult.n.22. ad fin.*
8 *Supra c.35.n.3.*
9 *Matth.c.2.20.*
10 *Ex D.Hieron.in comment. Matth. Vilbegas, Flos Sanct. vida de Chriſt. c.8 ad fin. Carthag. de arcan. Deip. p.1 l.9 hom 9. verſ. quòd ſi.*
11 *P Sylveyr.in Euang.tom.1. l.2.c.9 q 3.à n.13.*
12 *Oſee 11.1. Matth 2.15. De quo Carthag.d.hom.9 verſ. ſecunda, cum ſequentib.*
13 *Ioſeph de antiq. l.17.c.10.*
14 *P Fr.Ioſeph de Ieſ. Mar.l.4. c.30.n.2.*
15 *Matth.2.22.*

tida do Menino *Jesus* os da mesma idade, que envejados dos Anjos brincavaõ com elle! Que lhe diriaõ: & que lhes diria! Se chorariaõ algũs! Quantos hiriaõ com elle atè fóra do lugar! Como tornariaõ sós sem elle!

4 Com a mesma pobreza, & trabalho: pela mesma aspereza, distancia, & deserto do caminho que descrevemos na entrada, 16 sahiraõ do Egypto os celestiaes Peregrinos, & voltáraõ á terra de Israel, sendo o *Menino* de oyto annos. Encaminháraõ-se a Jerusalèm, ou para hirem dar graças ao Templo, ou para alli morarem, por ser parte principal da terra de Israel, para onde o Anjo disse que fossem, naõ sinalando lugar; quando ouvio Joseph que em aquella parte reynava Archelao pela divisaõ que deyxára feyta Herodes, & confirmára o Emperador. Temeo, porque tambem ouviria, que seguia as maximas do pay; 17 pois com occasiaõ de achar no Reyno sediciosos quando voltou de Roma, (contra os quaes se valeo de hum exercito Romano) & com outras menos graves, matou (alèm de muytos populares) mais de tres mil Cidadãos nobres, & fez taes tyrannias, que por ellas, ao decimo anno o privou do Reyno o Emperador. 18

16 *Supr. c. 25. n. 5. com os seguintes.*

17 *Sylveyr. d. l. 2. c. 9. q. 2. n. 29.*

18 *Joseph d. l 17 à c. 10. usque ad fin. & de bell. Jud. l. 2. à c. 1. usque ad 6. Hegesip. de excid. Hierosol l. 2. c. 1. & 2.*

5 Deyxando o caminho de Jerusalèm, se foy o Santo Joseph, (por ordem do Ceo em sonhos) & a sua santissima companhia para a Provincia de Galilea, que com titulo de Tetrarca governava Herodes Antipa, filho do mesmo pay, simulando brandura para fazer guerra ao irmão. 19 Escolheo para habitação a Nazareth, ou por aviso do Anjo, 20 ou outra revelação. 21 Assim se cumprio o que estava dito, que se chamaria *Jesus Christo Nazareno*, 22 pela creaçaõ, & morada que alli teve.

19 *Carthagena d. hom. 9. in fin.*

20 *D. Chrysost. hom. 9. in Matth. post med. tom. 2.*

21 *Vilhegas d. c. 8 in fin.*

22 *Matth. d. c. 37. ad fin.*

6 Em Nazareth seria a *Senhora* recebida como em patria. Que perguntas lhe fariaõ sobre sua ausencia tão apressada! Seu juizo lhe dictaria reposta, sem faltar nem ao mysterio, nem á verdade. Como festejarião crescido o *Menino*, que dalli sahira de peyto! Quantos ainda sem conhecimento, o hiriaõ ver, só pela fama da belleza, que nelle se admirava? 23

23 *Vide supr. c. 37. n. 3. ad fin.*

7 Em aquella Cidade assentáraõ sua pequena, mas illustrissima casa, librado o sustento no trabalho de suas mãos: Joseph pela carpinteria; a *Virgem* por cozer, & lavrar; sem por isto se deslustrar sua nobreza, como dissemos quando della tratámos. 24 A mesma *Senhora* disse a Santa Brigida, que algumas vezes lhe acodiaõ pessoas piedosas, de maneyra, que nem tinhão superfluo, nem lhes faltava o necessario: 25 que mayor riqueza? como a naõ teria, quem tinha tal Filho? Era Filho, & era Pay.

24 *Supr. c. 13. n. 12.*

25 *Revelat. de S. Brigid. l. 1. c. 55*

CAPITULO XXXIX.

O que padeceo a Virgem Mãy na afflicção do Menino perdido, & como o achou no Templo, moſtrando aos Doutores da Ley o tempo, & vinda do Meſſias.

1 Alèm dos ſabbados de cada ſemana, & da que chamavão *Neomenia* (que he o meſmo que novilunio) 1 no primeyro dia de cada mez, que ſe começava com a Lua nova, celebravão os Hebreos cada anno cinco feſtas principaes antigas; *Paſcoa*, aos quinze da Lua de Março, em memoria da liberdade do Egypto, *Penteco ſte* (que ſe interpreta *Quinquageſimo*) 2 cincoenta dias depois, em lembrança da Ley dada a Moyſés aos cincoenta dias depois de ſahidos do cativeyro; 3 a das *Trombetas*, ao primeyro de Setembro, por ſer o dia em que Iſaac foy livre do ſacrificio; a *Propiciaçaõ*, aos dez do meſmo, pelo perdão da idolatria do bezerro; & a *Scenophegia*, chamada dos *Tabernaculos*, aos quatorze do dito mez, na qual fazião cabanas de ramos, em que comião, lembrando-ſe de que aſſim viverão ſeus paſſados quarenta annos no deſerto. Depois ſe inſtituirão outras, como a dos *Encenios*, cuja ſignificação já diſſemos, 4 memoria da reedificação do Templo pelos Macabeos.

2 *A Paſcoa*, *Penteco ſtes*, *Scenophegia*, por mais ſolemnes, tinhão oytavario, & todos os homens erão obrigados a hir aſſiſtir no lugar que foſſe determinado, 5 & foy o Templo de Jeruſalèm. Com os que moravão muyto longe ſe diſpenſava nas duas: mas na *Paſcoa* ſó por impedimento muyto preciſo; 6 & porque os homens naõ temeſſem deyxar ſuas caſas expoſtas a ladroens, & outros perigos, Deos lhes tinha promettido no Exodo 7 que lhas guardaria ſeguras, em quanto fizeſſem aquellas auſencias.

3 Poſto que a Virgem *Maria*, por mulher, ſe não comprehendia no preceyto, não faltava com Saõ Joſeph em aquellas ſolemnidades; 8 porque a grande virtude obra mais do que deve; & com elles hia ſempre o Menino *Jeſus*, como a *Senhora* diſſe a Santa Brigida. 9 Sendo elle de doze annos, 10 forão a Jeruſalèm em huma Paſcoa, que aquelle anno cahio a quinze de Abril em huma quarta feyra. 11 Poſto que ainda em Jeruſalèm reynava Archelao, 12 que havião temido quando vieraõ do Egypto, 13 nenhum temor lhes impedia guardarem a Ley de Deos.

4 Quando acabados os dias de feſta voltàrão para Nazareth, ficou o *Menino* em Jeruſalèm, ſem a *Virgem*, nem S. Joſeph verem que ficava; porque ainda que nas operaçoens commuas, em

1 *Anton. Nebriſſ. in diction.*

2 *Nebriſſ ſupr.*

3 *Vivegas na vida de Chriſt. c. 50 poſt princ.*

4 *Supr. c. 14. n. 3.*

5 *Exod. 23. 14. & 34. 23. Deuteron. 2. 5. & 14. 23. & 16. 16.*

6 *Traz iſto com grande erudiçaõ o P. Fr. Manoel do Sepulchro, da Ordem Seraphica, na Reſeyç. eſpirit. p. 1. c. 8 n. 3. & 4.*

7 *Exod. 34. 24. Explicat D. Aug. q. 161 Nor. P. Sylv. in Euang. c. 1. l. 2 c. 10. q. 1. n. 3.*

8 *D Bonav. & alii apud Sylv. d. l. 2 c. 10 q 1.*

9 *Revel. de S. Brigid. l. 6. c. 58. Maldonad. in 2. Luc. n. 109. Juvene. l 1. hiſt. Evang.*

Ad templum lætus puerum perducere feſtis.

Omnibus annorum vicibus de more ſolebant.

10 *Luc. 2. 42.*

11 *P. Fr Man. do Sepulchro d. c. 8. n. 1. cum Baron annal. an. 48.*

12 *P Sylveyr. d. c. 10. q. 3. n. 2. cum Joſeph de antiq l. 7. c. 10.*

13 *Sup. c. 38. n. 4.*

em quanto homem, lhes era obedientiſſimo, 14 & aſſim nada faria ſem ordem ſua, no que obrava como Redemptor, ſeguia ſó a vontade do Eterno *Pay*, 15 ſegundo a qual em aquella occaſiaõ quiz dar principio a ſeu officio, & moſtrar hum rayo de ſeu conhecimento.

5 Eſta diſpoſição Divina pode mais que o vigilante cuydado que tinhaõ os pays da terra; & tiveraõ elles juſta cauſa para o não acharem menos; porque aſſim como no Templo eſtavaõ ſeparados os homens das mulheres, 16 tambem nas feſtas de grande concurſo, os homens ſahiaõ por hum caminho, as mulheres por outro: ſós os meninos, & meninas podiaõ hir com quem quizeſſem; 17 & aſſim cada hum dos pays ſantiſſimos de *Jeſus* cuydava que o *Senhor* hia na companhia do outro, 18 não que a *Virgem* creſſe com juizo ultimado, & firme, (porque ſeu entendimento nunca errou) mas aſſim lhe pareceo por conjectura provavel. 19

6 Juntos no fim da primeyra jornada, quando acháraõ menos o Divino Filho, ficárão de ſentimento, como quem o amava tanto, & por tantas razoens, & tinha tanta obrigaçaõ de guardar aquelle depoſito ſagrado. Conheciaõ, que como Deos, nem ſe podia haver perdido por erro, nem deyxava de eſtar ſeguro em qualquer parte; mas tambem conſideravaõ que ſe havia feyto homem, ſugeyto à fraqueza de menino expoſta a todos os trabalhos na auſencia dos pays; 20 ou (conſidera o grave Doutor Maldonado 21) aſſim como quem lê hum texto eſcuro da Eſcritura Santa, ſe cança com pena em lhe alcançar o ſentido: aſſim os amoroſos pays ſe dohiaõ de não penetrarem o ſegredo daquella auſencia. Não he neceſſario pedir perſuaçoens à Rhetorica, nem fatigar a eloquencia para encarecer huma pena, que ſó imaginada traſpaſſa o mais duro coração. Foy louvor de pays tão laſtimados não os obrigar dor tão grave aos exceſſos, que ſemelhantes afflicçoens coſtumão cauſar. Sem fazerem extremos ſe dohião: o juizo ſuſtentava o valor, & conciliava a mayor compoſtura com a mayor mãgoa.

7 Sem deſcançarem voltárão logo a Jeruſalèm de noyte, porque não repouſavão em buſcar o querido: a ancia divertio o cançaſſo; & o deſejo dava azas. Perguntava a *Mãy Eſpoſa* aos q̃ encontrava pelo amado, dandolhes ſinaes, & pedindo-lhes que ſe o viſſem, lhe diſſeſſem ſua pena. 22 Augmentava-ſe a mãgoa da *Virgem*, vendo a meſma em Joſeph: nelle ſe dobrava, ſentindo tambem a da *Virgem*: naõ caberião duas penas tão grandes em hum ſó coração, ſe cada hum não eſtivera no *Menino Deos*. Quem alli pudèra dar novas a ambos do Filho amado! dizerlhes que eſtava ſem perigo, & que brevemente o acharião com muyta gloria! Que alviçaras teria! mas que mayores alviçaras que darlhes alivio? O' Eterno *Pay*, como não mandaſtes hum Anjo a conſolar quem tanto amaveis? Quizeſtes

14 Luc.c.2.51.

15 Explicaõ o P. Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſt da Virg. l.4.c.32. n.1. P. Sylveyr. d.c 10.q.7.n.22.cum Beda. Maldonad.in 2.Luc.n.111. verſ. ad tertiam: Carthag. de excan. Deip. l. 10 hom.2.verſ. Cardinalis.

16 Joſeph de bel. Jud. l. 6.c.6.

17 P. Sylv ſup tom. t.l.2.c.10. q.9.& 10. Juvant Barradas in 2. Luc & Carthagen.d.l.10 hom.6.v. alii.

18 Luc.d.cap. 44.

19 P.Sylveyr.d.c.10.q.14.n.42.

20 Sylveyr.d.c.10 q.13.n.39.
21 Maldonado in Luc.2.n.1154.

22 Cant.3.3.& 5.8.

ſtes que taõ cedo começaſſe a alma da *Virgem* a ſer traſpaſſada com a eſpada, que diſſe Simeaõ? 23 Quem poderá inveſtigar voſſos altos juizos? 24

23 *Luc* 2.35.
24 *Sapient.*9.13.

8 No fim do primeyro dia achàraõ menos o *Menino*: no ſegundo chegáraõ a Jeruſalèm, & o buſcáraõ, rodeando toda a Cidade por ruas, & becos, como tinha dito Salamaõ; 25 & entretanto, conſideraõ os eſpirituaes, que de dia eſtaria no Templo em oraçaõ, às noytes ſe recolheria em algum hoſpital, & à hora de comer pediria eſmola; 26 atè que no terceyro, que foy Domingo, 27 * o acháraõ no Templo (aonde ſempre ſe acha a Deos) ſentado entre os Doutores.

25 *Cant.*3.2.

26 *Sylveyr d.c.* 10.*q.*15.*n.*47. *Carthag d.t.*10 *hom.*6 *verſ.his jam. Vilegas na vida de Chriſt. c.*9.*poſt med.*

27 P.*Fr.Man do Sepulchr.ſup. p.*1 *c.*30-*n.*9.

9 Coſtumavaõ os Hebreos ter diſputas ſobre a Ley, no Templo, & nas Synagogas. Os Doutores para decidirem ſentados em cathedras: os nobres em cadeyras ordinarias: os populares em terra ſobre eſteyras: & tambem a eſtes ſe permittia fallar, pedindo licença. 28 Foy o *Menino* àquelle acto, no qual entendem os Eſcritores 29 que ſe eſtava tratando ſobre a vinda do Meſſias: & admittido: *Ouvio, perguntou, & reſpondeo* com tanta prudencia, [diz o Evangeliſta Saõ Lucas 30) que todos paſmavaõ. Não diz que enſinava, ou decidia, podendo-o fazer melhor que todos: mas *Ouvia*, por ſe accommodar com o q̃ era conveniente à ſua idade, 31 & tomar ſemelhança de diſcipulo: *Perguntava*, porque perguntando com prudencia arguhia, & enſinava; 32 *Reſpondia*, moſtrando que ſe como homem ouvia com humildade, como Deos reſpondia ſoberanamente. 33 Naõ diz o Texto que paſmavaõ da ſua ſubtileza, mas *De ſua prudencia*, porque ſó na prudencia conſiſte a ſubſtancia. 34 Eſtava ſentado entre os Doutores, que o admittiraõ entre ſi obrigados da graça, & ſabedoría, que nelle admiravaõ; 35 & tambem era de admirar como o naõ conheciaõ, vendo-o taõ admiravel.

28 *D. Ambroſ.in* 1.*Cor.*14.*ad fin. & in Luc.*2. *D Antonin.p.*1.*tit.* 5.*c.*1.§ 5.

29 *Vitleg.d.c* 9.*poſt med. Fr.Joſeph de Jeſ.Mar.ſupr.n.*4 *Carthag. d.t.*10 *hom.*1.*verſ.illud.*

30 *Luc d c.*2.47.

31 P. *Fr.Joſeph d.n.*4 P *Fr. Man.do Sepulchro ſupr.d. p.*1 *c.*8 *n.* 19.

32 *D.Hieron.Ep.ad Paulin. de divin.hiſt.libris poſt princip.* Magis docet dum prudenter interrogat.

33 *P Joſeph & Sepulcbr. ſupr.*

34 *Diximus in tract. perfect. doct qualit.*23.*n.* 26. *verſ.ſi gloſſa, & ſupra p.*1.*c.*35.*n.*6.

35 *Sylveyra d.cap.* 10.*n.* 48.*in expoſit.*

10 A alegria de Anna quando vio de longe ao moço Tobias ſeu filho. 36 Todos os exemplos, & comparaçoens ſaõ muyto curtas para de algum modo repreſentarem quam alegres ficáraõ os amoroſos pays com ſua viſta; igualmente admirados do como o achavaõ. Mas aquelles coraçoens capazes dos mayores goſtos, & das mayores penas, ſe abſtiveraõ de toda a demonſtraçaõ em quanto durou a diſputa. 37 Acabada ella, & ſeparado o concurſo da gente, ſe chegáraõ ao *Menino*, & a *Senhora*, com o tenro affecto com que o havia buſcado, lhe diſſe: *Filho, que nos fizeſtes aſſim? Voſſo pay, & eu vos buſcavamos laſtimados.* 38 *Filho*, foy a primeyra palavra, em que rompeo ſeu amor: com ella adoçou mais a queyxa de amante, que lhe fazia; & ſendo tanto aventajada em dignidade, ſua modeſtia nomeou primeyro a S. Joſeph por marido. 39 O Senhor reſpondeo: *Porque me buſcaveis? Naõ ſabieis que me importava occuparme nas couſas, que ſaõ de meu Pay?* Como dizendo: *Porque me buſcaveis em outra parte, ſenaõ no Templo, tratando os negocios de meu Pay*

36 *Tob.*11.6.

37 *Maldonad.in* 2.*Luc n.* 114. *in text.Et dixit Mater.P. Fr.Joſeph n.*5.

38 *Luc.ſupr* 48.

39 *Notat D.Aug.apud Malden. in* 2.*Luc.n.*115.

Eſter-

Eterno? 40 Eſtas ſaõ as primeyras palavras que os Evangeliſtas referem de Chriſto. Havendo-lhe a Virgem fallado no Pay putativo da terra, elle lhe fallou no Pay verdadeyro do Ceo, para honrar mais o titulo que lhe dèra de *Filho*, 41 & ficar a *Virgem* mais illuſtrada com ſer Mãy do Filho de Deos. Os myſterios deſtas palavras não acabáraõ de entender *Maria*, & Joſeph Santiſſimos: o como, & o porque explicão os Expoſitores, 42 mas tudo a *Senhora* conſervava em ſeu coraçaõ. 43 Proſegue o ſagrado Texto, que dalli tornou com elles o Menino *Jeſus* para Nazareth. Quantos parabens lhe dariaõ os amigos de haverem achado o Menino perdido!

40 *Ita explicat Maldon. ſup. n.* 117.

41 *P. Fr. Manoel do Sepulchro d.* 6. 8. *n.* 16.

42 *Maldonad. ſupr. n.* 118. *Carthagend d.* 1. 10. *hom.* 13 *ad fin. verſ. denique. O P. Fr. Joſeph d n.* 5 *& Fr. Manoel ſupr. n.* 27. *referem outros.*

43 *Luc. d. c.* 2. 51.

CAPITULO XL.

Da vida de Chriſto Senhor noſſo, de idade de doze annos atè os vinte & nove, com ſua Mãy Santiſſima. Deſcreve-ſe a eſtatura, & feyçoens de ſeu corpo ſagrado.

1 EM Nazareth fez morada eſta *Trindade* da terra; & diz Saõ Lucas que *Jeſus* eſtava ſugeyto a *Maria*, & a Joſeph. 1 No Templo de Jeruſalèm deſcobrio rayos da ſabedoria Divina, & logo os eſcondeo na nuvem da ſugeyção humana; hia aſſim moſtrando ambas as naturezas. 2 Qual admiraremos mais, (pergunta Saõ Bernardo) a benignidade do Filho em obedecer, ou a excellencia dos Pays em mandar? Em tudo ha milagre; porque obedecer Deos, he humildade ſem exemplo: mandar a Deos, he dignidade ſem igual. 3 Huma, & outra obrigão o homem a que ſe humilhe, pois vè a Deos humilhado: & a que reſpeyte muyto a *Virgem*, & a Joſeph; pois vè que os reſpeytou Deos: era Ley Divina honrar os pays; 4 & quem vinha enſinalla, dava melhor lição com o exemplo. 5

1 *Luc.* 12.

2 *Notat Sylveyra in Euang. tom.* 1. *l.* 2 *c.* 10 *q.* 16. *n* 87. *verſ ſecund. Fr. Man. do Sepulchr. na Reſeyç. eſpirit. p.* 1 *c.* 8. *n.* 28.

3 *D Bern. hom.* 1. *ſup. Miſſus eſt, ad fin.* Elige quid amplius mireris: ſive filii benigniſſimam dignationem, ſive matris excellentiſſimam dignitatẽ. Utrimque ſtupor, utrimque miraculum: & quòd Deus fœminæ obtemperet; humilitas abſque exemplo: & quòd Deo fœmina principatur, ſublimitas ſine ſocio.

4 *Exod* 20. 17. *& Deuter.* 5.

5 *P. Sylveyr. ſup. d. n.* 87. *verſ. tertio, & n.* 88. *P Fr Joſeph de Jeſus Mar. hiſt. de N. S t.* 4. *c.* 32. *in fin.*

2 Conclue o Evangeliſta, que *Jeſus creſcia em ſabedoria, idade, & graça diante de Deos, & dos homens*; 6 no habito ſempre a ſabedoria, & graça foy infinita: mas conformando-ſe com o eſtylo de homem, creſcia nas demonſtraçoens ao paſſo da idade; 7 com a claridade do Sol ſempre a meſma, ſe diz que vay creſcendo quando ſóbe ao Zenith: andava o *Menino* na eſcola da *Virgem*; 8 que muyto em tudo creſceſſe?

6 *Vide D. Thom.* 3. *p. q* 7 *art* 12. 11. *in corp Maldonad in* 2. *Luc. à n.* 105. *Sylveyr d. c.* 10. *q* 27 *n.* 96. *&* 97

3 Não contão os Evangeliſtas mais da vida de *Chriſto* dos doze annos atè os trinta de ſua idade; & eſte ſilencio falla muyto, no muyto que nos dá para conſiderar quam eſcondida eſteve a Omnipotencia Divina; enſinava, que antes de enſinar he neceſſario humilhar, & callar muyto. Em parte deſte tempo fallou o Bautiſta do *Senhor*, & quando fallou voz taõ grande, 9 ſe eſcuſava outra. Só a *Virgem Mãy* pode accreſcentarnos as noticias que deu à glorioſa Santa Brigida, dizendolhe: 10 *Que era*

8 *S. Ildephonſ. de B. V.* Sub Mariæ diſciplina infans Deus reſtatur.

9 Vox clamantis. *Matth.* 3. 3. *Marc.* 1 3. 4 *Ioan* 1 23.

10 *Revelaç. de S. Brigid. l.* 6. *c.* 58.

era continuo na oraçaõ (para dar exemplo, & occupar melhor em Deos as forças naturaes.) 11 *Hia nas festas com a mesma* Senhora, *& com Saõ Joseph ao Templo de Jerusalèm, & a outros lugares. Trabalhava algumas vezes de mãos em cousas decentes. Fallava com os mesmos santos Pays palavras divinas, & de consolaçaõ de maneyra, que continuamente estavaõ cheyos de ineffavel gozo. Quando estavaõ em temores, difficuldades, & necessidades, os exhortava à paciencia, & os guardava maravilhosamente de desejar felicidades de outros. Que as cousas necessarias lhes vinhaõ humas vezes por mãos de pessoas pias, outras do trabalho das suas, de modo que tivessem o necessario, & naõ o superfluo, porque só procuravaõ servir a Deos. Que com os amigos que o vinhaõ ver conferia familiarmente em casa sobre a Ley, suas significaçoens, & figuras; & que em publico disputava tambem com os sabios; os quaes se admiravaõ, & diziaõ: Olhay como o Filho de Joseph ensina os mestres, espirito grande falla nelle. Que era taõ obediente. que quando Saõ Joseph dizia* (acaso) *que fizesse alguma cousa, logo a fazia; porque de tal maneyra occultava o poder de sua Divindade, que a naõ descobria, senaõ à mesma* Senhora, *& algumas vezes a Saõ Joseph. Que muytas vezes o viraõ rodeado de luz admiravel, & ouviraõ cantar sobre elle vozes de Anjos. Que tambem viraõ que os espiritos immundos, a que naõ podiaõ expellir os exorcistas approvados na Ley, sahiraõ dos corpos só com o verem.* O de trabalhar *Christo* por suas mãos tinha dito Saõ Basilio 12 antes desta revelaçaõ por verosimil. Saõ Justino Martyr 13 particularizou, que obrava na carpintaria cousas necessarias, como arados, jugos de boys, & outras semelhantes, & naõ as curiosas, & superfluas. O Padre Joaõ de Carthagena 14 diz que só trabalhava privadamente por curiosidade. Oh grandezas do Mundo, que pouco valeis, pois por instrumentos mecanicos vos troca a Sabedoria Divina!

4 De sua estatura, & feyçoens tratão os Authores modernos, 15 seguindo o antigo Nicephoro, 16 & a carta que o Romano Publio Lentulo Proconsul em Judéa escreveo ao Senado quando o *Senhor* prègava. 17 Hum Pintor que ElRey Abagaro, ou Augaro, mandou a Judèa para o retratar, ficou taõ cego do resplandor do seu rosto, que nem huma linha pode lançar; 18 hoje sós os reflexos daquella luz em nossa memoria pôdem obrar o mesmo; porèm como entaõ o piedoso *Senhor* satisfez à devoçaõ do Rey imprimindo o Retrato milagrosamente no panno q̃ o Pintor aparelhára (o qual se conserva na Igreja das Religiosas de S. Sylvestre em Roma:) 19 assim sua *Mãy* Santissima nos acodio com a descripçaõ que fez a Santa Brigida, como se segue. 20

5 *Com sua vista eraõ os bons cheyos de consolaçaõ espiritual, & atè os màos eraõ livres da tristeza do Mundo em quanto tinhaõ os olhos nelle. Aos vinte annos foy perfeyto na grandeza, & fortaleza de homem. Seu corpo seria como o mayor entre os homens de meã estatura,*

11 *Sic explicat P. Fr. Joseph d. l. 4. c. 36. n. 1.*

12 *D. Basil. in const. Monach. c. 5. post med.*

13 *D. Justin. dial. cum Trypbone.*

14 *Carthagena de arcan. Deip. & Joseph p. 1. l. 4. homil. 4. v. Verum.*

15 *Vilbegas no Flos Sanct. vida de Christ. c. 10. Diogo Matute na Presap. de Christ. idade 3. c. 4. §. 1. P. Fr. Joseph sup. l. 1. c. 42.*

16 *Nicephor. hist. Eccles. l. 1. c. 40.*

17 *Costuma andar esta carta entre as obras de S. Anselm. de form. & morib. B. M. tom 3. Refere-a Cost. nos discursos contra a perfidia Judaica c. 7. ad fin. & o P. Fr. Joseph de Jesu Mar. d. c. 42 n. 4. Faz menção della o Bispo Garcia Galarza Euangel. instit. l. 8. c. 1. & outros Escritores.*

18 *Nicephor. sup. l. 2. c. 7.*

19 *P. Ant Guilhelm. no trat da Santissim. Trindade, discurs. 35. v. Ma se alcun:.*

20 *Revel. de S. Brigid. l. 4. c. 70. ad fin.*

tura deſtes tempos. Naõ era carnoſo, mas corpulento de nervos, & oſſos. O cabello, & barba loura: eſta nem muyto larga, nem muyto comprida; mas graciоſamente moderada. A teſta nem muyto levantada, nem muyto cabida, mas direyta. O nariz igual, & de meã proporçaõ. Os olhos tao claros, & puros, que atè ſeus inimigos ſe deleytavaõ em os ver. Os beyços vermelhos, & naõ groſſos, mas claros. As faces decentemente cheas de carne. A cor branca còrada. O corpo direyto, & em todo elle naõ havia mancha alguma, como teſtemunhavaõ os que o viraõ deſpido atado à columna.

6 Podemos accreſcentar o em que a *Senhora* naõ fallou. Da carta de Lentulo: *Que o cabello era liſo atè quaſi à orelha, & para bayxo creſpo, apartado com canal pelo meyo da cabeça a uſo Nazareno. A barba partida. Os olhos garços entre verdes. Que nunca foy viſto rir: chorar ſim.* E do retrato de Nicephoro (que elle diz faz por tradiçaõ dos mais antigos.) 21 *Que as ſobrancelhas eraõ negras, & arqueadas. Os olhos tiravaõ a garços. Nunca navalha tocou ſua cabeça, nem outra maõ ſenaõ a de ſua Mãy quando era pequeno. O peſcoço naõ era muyto levantado, de maneyra que a preſença foſſe ardua. O roſto nem redondo, nem comprido: todo parecido a ſua immaculada Mãy.* Mas como o excellente juizo do grande Poeta Eſtacio, pintando ao valente Achilles muyto ſemelhante a ſua mãy Thetis, 22 naõ diminuhio nelle a fórma varonil: aſſim a de Chriſto Senhor noſſo na imitaçaõ da belleza da *Senhora* guardava o decoroſo de perfeyto varaõ; aquelle q̃ cõ ſummo poder, & ſabedoria, dèra a todas as couſas fermoſura conveniente a ſuas naturezas, & officios, tomou para ſi tal gentileza, que entre o ſuave, & ſevero compuſeſſe hum ſugeyto agradavel, & reſpeytado, qual convinha ao miniſterio de Prègador que vinha exercitar. 24 Neſte ſentido, & medida regulada lhe chamou David: *Eſpecioſo na fórma mais que todos os homens*; 24 & nos Cantares encarece a Eſpoſa Santa ſua grande belleza.

21 *Nicephor. d. c. 40. in princ.* Sicut à veteribus accepimus.

22 *Stacius l. 1. Achilleidos, ante med.* Et plurima vultu Matet ineſt.

23 *Sic advertit Epiſcop Galatæ d. c. 1 ad med.*

24 *Pſalm. 44. v. 3.* Specioſus forma præ filiis hominũ.

CAPITULO XLI.

Tranſito felicíſſimo do glorioſo Saõ Joſeph Eſpoſo da Virgem Santiſſima.

1 AOs vinte & nove annos da idade de *Chriſto* Senhor noſſo, antes de ſeu Bautiſmo, ſegundo a melhor opiniaõ, 1 paſſou deſta vida o grãde Patriarca *Joſeph*, glorioſo Eſpoſo da *Virgem*, ſendo pouco menos de ſetenta annos. Em quanto naõ chegava o tempo de ſe manifeſtar Filho de Deos, quiz o *Senhor* conſervallo vivo por Pay; tanto q̃ chegou aquelle tempo, quiz livrallo da pena que participaria em ſua Payxaõ, favor que naõ fez a ſua *Mãy* Santiſſima; porque (entre outras razoens)

1 *Epiphan. hæreſ. 7. & 8. Comeſtor hiſtor. c. 38. Cedren. in compend. hiſtor. Vilhegas. Flos Sanct. vida de S. Joſeph, ad fin. Matut. na proſop. de Chriſt. idad. 5. c. 1 § 9 p. ſt med. Carthagen. de arcana Deip. & Joſeph p. 1. l. 4. hom. 3. per ſ. circa, & l. 18. hom. ult. §. 7. alii graviſſim. P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria hiſt. de N. S. l. 4. c. 33 n. 1.*

zoens) em quanto as portas do Ceo naõ eſtavaõ abertas, havia lugar decente para ſua alma.

2 Hum Anjo aviſou a Saõ Joſeph do tempo de ſeu tranſito: & o Santo pedio, & alcançou de Deos que lhe aſſiſtiſſe o Arcanjo Saõ Miguel, alèm do ſeu Anjo Cuſtodio, 2 baſtava aſſiſtirlhe *Chriſto*, & a *Virgem*. 3 Que amoroſa ſeria aquella deſpedida! Que lagrimas derramaria a *Virgem* com o ſentimento natural, por Eſpoſo taõ amado, taõ ſanto, & que taõ fielmente a havia ſervido! Alli lhe prometteria, que por mais que a dignidade de *Mãy* de *Deos* a levantaſſe, conſervaria ſempre a eſtimaçaõ de ſer ſua Eſpoſa. Com que affectos lhe daria o Eſpoſo as graças de ella haver ſido cauſa de ſua dita; & a conſolaria de ſua falta com que ficava no amparo do Filho Deos! Com q̃ doçura de palavras lhe ſeguraria o *Senhor* o premio dos ſerviços feytos a ſeu Eterno *Pay*: da criaçaõ que a elle déra: & particularmente da companhia que fizera á *Virgem*: & quam fiel guarda havia ſido de ſua pureza! Como a diſporia, & animaria para fazer alegre aquella jornada! Sẽ duvida lhe diria (coſidera hũ devoto eſpirito) 4 q̃ os eſtreytos laços da filiaçaõ repreſentada na terra, ſe aperfeyçoariaõ no Ceo, aonde obedeceria a ſeus rògos, como cà obedecẽ a ſeus mãdados: & ao nome de *Pay* correſpõderia a gloria no Paraiſo. A bẽçaõ q̃ em tal hora coſtumaõ lançar os pays aos filhos, lhe pediria como homem: mas o Santo velho repararia em darlha, antes lha pediria como a Deos; & o *Senhor*, por obediente, 5 lha lançaria. Que ſegura partiria aquella alma a juizo, onde ſeu Filho era o Juiz! todos os Santos, por humildes, pòdem duvidar da ſentença: ſó Joſeph naõ podia, pois lha ſegurava o meſmo Deos; podia dizer com David: *Neſtas ſombras da morte naõ temerey males, pois vòs, Filho, & Senhor, eſtais comigo.* 6 E melhor que Simeaõ: 7 *Soltay, Senhor, eſte voſſo ſervo da prizaõ da carne, & levay-o à paz, pois naõ ſó viraõ meus olhos o Salvador, mas vezes ſem conto o trouxe nos braços, & tantos annos o converſey.* Mas reparay, Santiſſimo Joſeph, que os Santos deſejaõ morrer para hirem eſtar cõ *Chriſto*, como dizia Saõ Paulo: 8 & vòs morrendo deyxais a companhia de *Chriſto*. Reſponde por Joſeph hum douto, 9 que certificado o Santo de que Deos queria tirallo deſta vida, antepoz a Divina vontade a ſeu goſto.

3 Entre tanto que medroſa eſtaria a morte de chegar aonde eſtava o Rey da vida, & de commetter aquelle que tantas vezes o livràra de ſeus perigos! Mas o *Senhor* lhe daria licença para chegar, porque a taõ grande Santo ſó ſervia de tranſito feliz para vida melhor. Sahio, & voou aquella alma com as azas da graça para o repouſo do Limbo.

4 Se *Chriſto* chorou vendo chorar a Magdalena, & morto a Lazaro, 10 bem ſe pòde crer que chorou vendo chorar ſua *Mãy*, & morto a Joſeph. 11 Cerroulhe o *Senhor* os olhos, mandou a Anjos que o amortalhaſſem: lançoulhe a bençaõ

2 *Carthagen. d. hom. 3. verſ. quãvis.*

3 *D. Bernardin. Senenſ. tom 3. ſerm. de S. Joſeph Carthag. d. verſ. quanvis.*

4 *P. Fr. Joſeph d. c. 33 n. 3.*

5 *Luc. 2. 51.* Erat ſubditus illis.

6 *Pſalm. 22. v. 4.* In medio umbræ mortis non timebo mala, quoniam tu mecum es.

7 *Luc. 29.* Nunc dimittis ſervum tuum in pace; quia viderunt oculi mei ſalutare tuum.

8 *D. Paul. ad Philip. 1. 23.* Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.

9 *Carthagen. d. hom. 3. verſ. ſed dicis.*

10 *Joan. 11.* *Joan Gerſon in Joſeph.* Sat credere fas eſt quòd patrem Jeſu, & ſponſum flevit morientem Virgo benigna ſuum.

çaõ, & prometteo que a lançaria aos que offereceſſem ſacrificio em honra de ſua morte no dia della, que foy vinte de Junho; tudo iſto ſe conta que referio o meſmo *Senhor* aos Apoſtolos. 12

5 Veſtiraõ-ſe do luto uſado a Santiſſima *Eſpoſa*, & o *Filho* Divino: acompanhàraõ o enterro conforme o coſtume: 13 recebèrão pezames, & fizeraõ-lhe funeral; ſeguindo em tudo o eſtylo do Mundo. 14 Foy ſepultado no valle de Joſaphat, 15 junto donde depois foy a *Virgem*.

6 Oh morte feliciſſima, em que o Padre eſpiritual que ajudou a bem morrer, foy o *Salvador*! Exequias as mais honradas com a aſſiſtencia dos mais ſoberanos Principes! Memoria a mais glorioſa, em que foraõ herdeyros, & teſtamenteyros *Jeſus, & Maria*! Oh alma venturoſa! com que feſtas ſerias recebida no Seyo de Abraham, de tantos Patriarcas, Profetas, Reys, & varoens Santos informados pelos Anjos de quem eras! Que novas te perguntariaõ do Meſſias, da que mereceo ſer Mãy ſua, & ſe eſtava já perto a redempçaõ da primeyra culpa!

7 Tem os Doutores 16 por certo com grandes fundamentos, que no dia da Reſurreyçaõ de *Chriſto* reſuſcitou S. Joſeph, & que em corpo, & Alma eſtà no Ceo. Pudèra o *Senhor* reſuſcitallo antes, como a Lazaro; mas parece que quiz que aſſim como juntos vivérão mortaes, juntos reſuſcitaſſem glorioſos. 17

8 A gloria que goza ſe infere de ſeus meritos; preſumilla eminente he muyto facil: eſpecular em que gráo mais que difficil. Se dar hum bocado de paõ a quem tem fome, hum pucaro de agua a quem tem ſede, cubrir hum deſpido, he direyto para a bemaventurança eterna, por ſer aquelle neceſſitado repreſentaçaõ de *Chriſto*; 18 qual a poſſuirá q uem vinte & nove annos continuos ſuſtentou, & veſtio com ſeu trabalho ao meſmo *Chriſto*, ſendo o *Senhor* taõ poderoſo, tão agradecido, & achando-ſe taõ extraordinariamente obrigado? Se nos mayores Santos he argumento da gloria que gozaõ a enchente de viſoens eſpirituaes, & a communicaçaõ, com q̃ os illuſtrou *Chriſto* èm vida; qual ſerà a de quem tantos annos, em todas as idades, & em todas as horas o communicou taõ familiarmente? O lugar devido à dignidade de Pay putativo, & Ayo verdadeyro do Filho de Deos, & de Eſpoſo da Rainha do Ceo, he muyto ſuperior a toda a imaginaçaõ. 19

9 Foy S. Joſeph ſantificado no ventre de ſua mãy; 20 foy Anjo corporeo da guarda de *Chriſto*; porèm naõ proſiga a penna louvores de vida taõ heroica, & tão fecunda de ſingularidades, pois em tanto golfo naufragaria. Ponderar ſó huma de ſuas excellencias, offenderia as mais, & qualquer que ſe eſcolheſſe pareceria menor comparada com as outras, como Saõ Jeronymo diſſe com bem menor occaſiaõ. 21 Teve tantos dons, além do exercicio das virtudes, que eſpecial providencia o fez incomprehenſivel a todos os elogios mais encarecidos, & eſtu-

12 *Carthag. d l.4.hom.3. verſ. quamvis. Ex Iſidor. Inſulan. l 1.de S Joſeph, & refert Gratian. l.1. de vit.S.Joſeph c 3.*

13 *Carthagen.d hom.3. verſ.His addo.*

14 *Cum Gregon in Joſeph in diſtinct.12.P Fr. Joſeph d.c.33.n.2.*

15 *Beda de loc.Sanct.c.16 in 3. tom.*

16 *D.Bernardin.Senenſ.ſerm de S.Joſeph art.3 c.1.tom.3 Richel de laud.Virg.lib 4. art. 7. Viguer. de inſtit.c. 10. §.9. de myſter Incarn. Gerſon ſerm.de Nativit. Virg.Carthag ſup.l 18.hom.ult §.7. Maturo d.c.2.§ 9.ad fin.P. Fr. Joſeph d.l.4. c.44.*

17 *Carthag.d.hom. 3. verſ. His addo.*

18 *Matth 25.40.*

19 *Vide infra c.72.n.10.*

20 *Carthag.d.l.18.hom. ult.§.1.*

21 *D.Hieron.in Epitaph. Fabila.*

dados. Suas acçoens, conforme a Salamaõ, lhe saõ a mais eloquente lingua. 22 E finalmente, como, para louvar o marido de sua irmã Gorgonia, considerou o grande Nazianzeno, 23 com mais razaõ em huma só palavra louva dignamente a Saõ Joseph quem diz; *Que foy Esposo da Virgem Maria*, foy taõ grande, que a *Mãy* de Deos, Rainha do Ceo, Senhora do Mundo, lhe chamou *Senhor* pelo titulo de marido. 24

22 *Proverb.*31.13 Laudent eam in portis opera ejus.

23 *D.Gregor.Nazionz.orat.*11. Vultis uno verbo virtutem describam? Vir illius; neque enim scio quid amplius dicere necesse sit.

24 *Nativit.Gerson serm. de Nativit.Virg.*

CAPITULO XLII.

Como Christo Senhor nosso se ausentou a primeyra vez de sua Mãy Santissima para ser bautizado por Saõ Joaõ.

1 JOaõ filho do Sacerdote Zacarias, & de Santa Isabel, 1 prima coirmã da *Virgem*, 2 annunciando ao pay por hũ Anjo, concebido por milagre, santificado no ventre da mãy, 3 cuja vida *Christo* canonizou por Angelica; 4 creado nos desertos desde o tempo da perseguição dos Innocentes, 5 vestido de pelles de camelos, comendo gafanhotos, & mel sylvestre: 6 em cumprimento das Profecias, 7 aos trinta annos & meyo da idade de *Christo*, 8 prègava com a vida, & com a voz no deserto de Judèa junto ao rio Jordaõ a vinda do *Redemptor*, o Reyno do Ceo, penitencia, & bautismo, que naquelle estado era só hum precursorio para o da graça, 9 & huma disposiçaõ para quem o recebia ser perdoado dos peccados actuaes, confessando-se peccador, & protestando fazer penitencia. 10 Sendo *Christo* luz que allumiava as trevas, 11 & naõ podendo a luz desconhecerse entre as trevas, foy conveniente à incredulidade dos homens vir Joaõ dar testimunho della. 12

2 A ouvillo, & ser por elle bautizada, concorria muyta gente de toda Judèa, & Jerusalèm. 13 Dizem que não fez o Bautista milagre; 14 parece mais que milagre converter homens de Corte.

3 Chegava *Christo* ao tempo de se manifestar de todo para remir o peccado: & começou em contraposiçaõ do primeyro peccador; peccou Adam querendo parecer Deos: 15 & Christo Deos quiz parecer peccador, bautizando-se: & quiz santificar as aguas, para lavarem os peccados no Bautismo, que havia de instituir. 16

4 Foy esta a primeyra vez que se apartou de sua Santissima *Mãy*, & deyxando-a só, pois lhe faltava Saõ Joseph, 17 havia muytas razoens para saudades: padeceo a *Virgem* neste mysterio como nos outros de nossa redempçaõ.

5 Andou o *Senhor* a pè sem companhia, & com pobreza, mais de trinta leguas de Nazareth ao Jordão. Chegou para se bautizar entre a multidaõ que concorria; mas conhecendo-o Bau-

1 *Luc* 1.
2 *Vide sup.c.*12.*n.*36 *post med.*
3 *Luc sup.*11.*cum s.*99.
4 *Matth.*11.10 *Luc.*7.27.
5 *Vide supr.c.*35.*n.*6.
6 *Matth.*3.4.*Marc.*1.6.
7 *Isai* 40.3. *Malac.*3.1. *&* 4.5.
8 *Garcia Galarz. in instit. Euag. in epist. post lib.*8 *t.*2.*n.*1.

9 *Cap.Non regenerantur* 25.*de consecrat dist* 4. *Ex D. Aug. sup. Joan.tract.*5.*ad c.*1.
10 *D.Thom.*3.*p.q.*28.*art.*3. *ad* 1. *Scot* 4 *dist.*2 *q.*2 *lit A n.*2. *D.Chrysost in* 3.*Matth hom.*10 *post princ.P Sylveyr in Euangel. tom* 1. *l.*3 *c.*1.*q.*17.*n.*50.*P.Fr.Man do Sepulchro, na Reyna esprit.p* 1.*c.*9.*n.* 6.*in fin Vilhegas no Flos Sanct. vida de Christ c.*19. *ad fin.*
11 *Joan.c.*5.Lux in tenebris lucet.
12 *Joan.supr.*7 Hic venit in testimonium, ut testimonium perhiberet de lumine.
13 *Matth.*3.5. *Marc.*1.5.
14 *D.Chrysost hom.*4. *ant.med. ad Ep.*2.*Paul.ad Thessalon.c.*2.
25 *Genes.*3.5.

16 *D.Aug l.*5.*de baptism c.*9 *& serm.*29 *de tempor. plures rationes vide apud Sylveyr a d.l.*3.*c.*2.*q* 1.
17 *Sup. a cap. precedente.*

Bautiſta, ou por eſpirito, 18 ou porque vio ſobre elle hũa pomba, (como entende huma gloſa de Direyto Canonico;) 19 final que tinha aprendido do Ceo; reparou com reverencia em bautizar aquelle, por quem antes devia ſer bautizado; atè que dizendolhe o *Senhor* que aſſim convinha, elle obedeceo. 20

6 Entrou a verdadeyra arca do Teſtamento no meſmo lugar do Jordão, por onde a figura tinha paſſado quando os Hebreos vinhaõ do Egypto. 21 Para remir o homem, que aſpirou a Deos, 22 ſe ajoelhou o Filho de Deos aos pès de hum homem; & parecendolhe pouco ajoelharſe aos pès de táo grande homem, como era o Bautiſta, ſe ajoelhou depois aos de Judas, 23 que era o mais vil. Appareceo hum reſplandor que moſtrou os Ceos abertos: & o Eſpirito de Deos em figura de pomba deſceo ſobre *Chriſto*: & huma voz do Ceo diſſe: *Eſte he meu Filho amado, em quem me gozo*: 24 o que viraõ, ouviraõ, & entendèraõ todos os circunſtantes; 25 exaltando aſſim o Eterno *Pay* ao Filho, que ſe humilhava tanto. E perſignando-ſe a fórma do Sacramento do Bautiſmo, 26 na voz do *Pay*, preſença do *Filho* encarnado, & pomba que ſignificava o *Eſpirito Santo*. 27

7 Por iſto ſe chama eſta feſta *Theophania*, que ſignifica *Manifeſtaçaõ divina* do Filho. Foy em hum Domingo, 28 dia ſexto de Janeyro. 29 & decimotercio do trigeſimo primeyro anno de *Chriſto*. 30 Em outro tal dia ſeis de Janeyro, havia ſido a Epiphania, que ſignifica *Manifeſtação de ſima*, porque a fez a Eſtrella, que appareceo aos Magos 31 Eſta *Theophania* celebra a Igreja ao dia oytavo da Epiphania como concluſaõ daquella ſolemnidade. E naquelle ſagrado lugar do rio Jordaõ obrou Deos largos tempos grandes milagres. 32

8 De fazer eſte ſolemniſſimo bautiſmo de *Chriſto*, ou de haver ſido quem primeyro Bautizou, ſe deu a S. Joaõ o renome de *Bautiſta* por excellencia. 33

18 *Horat. Scoglius Catacenſ hiſt. à primord. Eccl. p. 1. l. 1. verſ. jamque adulta, poſt med.*

19 *Gloſ. verb. antequam, in cap. aliud de conſecrat diſt. 4.*

20 *Matth. 3. 13. cum ſeqq.*

21 *P. Sylveyr. d. l. 3. c. 2 q. 3. n. 9. & q. 12. c. 38. P. Fr. Man. do Sepulchro ſupr. p. 1 c. 2. n. 34. & c. 9. n. 5.*

22 *Geneſ. ſupra.*

23 *Joan c. 3 5.*

24 *Matth. 3. 17 Marc c. 11. Luc. 3. 22. Ita*, Cælos apertos, *explicat Sylveyra ſupra q 15. n. 52.*

25 *Sylv. ſup. q 9. in princ. & q. 23. d 86.*

26 *Apud Matthæum 18 19.*

27 *Ita Henriquet in Sum. Theol. Mor. tom. 1. l. 2 c. 2. n 2.*

28 *P. Fr. Man. do Sepulchro ſup. c. 29. n. 10.*

29 *Cum D. Hieron. in Ezech. c. 1. Euſeb & aliis Catacenſ ſup. Galarz. ſupra n. 2.*

20 *Idem Galarza ibidem.*

31 *Supra c. 33.*

32 *P. Fr. Man. do Sepulchro ſup. c. 9. n. 1.*

33 *Maldonado in 3. Matth. in princ. verſ. Joannes Baptiſta.*

CAPITULO XLIII.

Como Chriſto Senhor noſſo foy para o deſerto; o que nelle padeceo, de que participou ſua Mãy Santiſſima.

1 LOgo 1 que ſe bautizou, foy *Chriſto* Senhor noſſo para o deſerto; 2 hum monte diſtante quaſi legua do lugar do Bautiſmo, à mão direyta hindo de Jeruſalèm para Jericò. Chamava-ſe *Dorobim Domyn*, que ſignifica de *Sangue*, pelas mortes que alli executavaõ ladroens ſalteadores, a que alludio o *Senhor* em S. Lucas; 3 hoje lhe chamaõ os Chriſtãos *Monte da quarentena*. 4

1 *Galarza, in fine Euangel. Inſtit. tut. de vit. Chriſt. lib. ſeu cap. 2. n. 3. & omnes.*

2 *Matth. 4. Marc. 1. Luc. 4.*

3 *Luc. 10.*

4 *P. Fr. Man. do Sepulchro nã Rejeyçaõ eſpirit. p. 1. c. 19. n. 3.*

2 Escreve S. Mattheos, que foy levado ao deserto para ser tentado pelo Demonio; 5 entre muytas razoens que houve, 6 foy huma, que como *Christo* sahira do Bautismo acclamado Messias por S. Joaõ, & publicado Filho de Deos com voz do Ceo, 7 nos quiz mostrar que os applausos seguem as tentaçoens, & para nosso exemplo se armou contra ellas, jejuando no mesmo deserto quarenta dias, & quarenta noytes, 8 de seis de Janeyro atè quinze de Fevereyro: por isso o Serafico S. Francisco deyxou a sua benção aos Religiosos da sua Ordem que jejuassem estes dias. 9

3 Satanás, 10 ou Satael, (o mesmo que fez cahir nossos primeyros pays, como em seu lugar dissemos: 11 Maldonado 12 lhe chama Lucifer) para acabar de conhecer se era *Jesus* o Messias de Deos, (no que duvidava) 13 em fórma visivel; huns dizem que primeyro de homem, depois de Anjo, & depois de Principe; outros que na sua mesma de Demonio, 14 o tentou por gula, por ambição, & por cubiça; tres combates fortissimos às inclinaçoens do homem; & de todos sahio vencido.

4 Teve *Christo* fóme, com que remio a gula de Adam; 15 & Anjos (entre os quaes foy o principal S. Gabriel) 16 lhe trouxerão manjares do Ceo; que taes os dà Deos a quem não aceyta o paõ do demonio, que em fim he de pedras, como Lucifer lho offererecia. 17 Alguns dizem que aquelles manjares forão guizados pela *Virgem*; 18 por isso mais celestiaes.

5 Os mysterios, & doutrina, que tudo isto encerrou, não saõ pontos de nosso instituto. A historia prosegue q̃ em aquelle deserto se deteve o *Senhor* quasi hum anno, como quem se preparava para a grande obra de nossa Redempção; fazendo vida eremitica em huma cova junto ao rio Jordaõ, communicandose com o Bautista: doutrinando familiarmente pessoas que acaso se offerecião: & algumas vezes foy visitar sua *Mãy* Santissima para lhe aliviar as saudades. 19 Padeceo fome, frios, calmas, sem cama, sem casa: andava entre féras, & salvagens, como refere o Evangelista Saõ Marcos: 20 grande tormento para hum entendido: mas este está mais seguro entre féras, que entre homens.

6 Todas aquellas penalidades sentia a *Mãy* Santissima no Filho, em quem vivia seu coração. *Eva* participou a Adam o gosto com que nos arruinou: 21 a *Virgem* participava de *Christo* os trabalhos com que nos remia. Todo o discurso da historia a mostrará huma *Eva* ao contrario, como o significou o *Ave* do Anjo, 22 ajudando nossa saude, como a outra nos principiou a perdiçaõ. 23

5 *Matth. d. c. 4.*
6 *De quibus Maldonado in d. c. 4. Matth.*
7 *Sup. c. præced. n. 5. & 6.*
8 *D. Chrysost. hom. 13. post princ. in d. c. 4. Matth.*
9 *Regra de S. Francisco c. 3.*
10 *Matth 4. 10.* Vade Satana.
11 *Nap. 1. c. 5. n. 3.*
12 *Maldon. sup.*
13 *P. Sylveyr. in Euarg. tom. 1. l. 3. c 3. q 11. n. 67.*
14 *Sylveyr. d. c. 3. q. 17. n. 88.*
15 *D. Ambros. sup. Luc. l. 4.* In deserto esurii, ut cibus primi hominis, quem prevaricatione gustaverat, jejunio Domini solveretur.
16 *Vilhegas no Flos Sanct. festa do Appazecimento de S. Miguel, ad fin.*
17 *Matth. d. c. 4.* Die ut lapides isti panes fiant *Luc. 4. d. Petr. Chrysolog serm 11. ad fin.* Lapides esurienti offert: humanitas talis est semper inimici.
18 *P. Fr. Man. do Sepulchro d. c. 29. n. 2.*
19 *Melchior de Castro na hist. de N. S. l. 1. c. 14. P. Fr Joseph de Jesu Maria na mesma hist l 4. c. 36. n. 2.*
20 *Marc. 1. 13.* Eratque cum bestiis.
21 *Genes. 3 6.* Comedit, deditque viro suo, qui comedit.
22 *Vide 1. p na introduçaõ, & nesta 2. p. c. 25. n. 31.*
23 *Ecclesiast. c. 23.*

CAPITULO XLIV.

Como Chriſto noſſo Senhor ſahio do deſerto; & a Virgem Senhora noſſa nas vodas de Canà o apreſſou a manifeſtarſe para remir o Mundo.

1 HAvendo *Chriſto* Senhor noſſo eſtado no deſerto hum anno menos cinco dias; 1 no ſegundo dia de Janeyro, principio do anno trinta & dous de ſua idade, tornou ao Bautiſta, que ainda prègava, & no dia antecedente 2 havia reſpondido à pergunta, que lhe mandàraõ fazer de Jeruſalèm ſobre ſe era elle o Meſſias. 3 Em o vendo Saõ Joaõ, o moſtrou com o dedo, dizendo: *Eis-alli o Cordeyro de Deos, eis-alli o que tira o peccado do Mundo*; & proſeguio com outras palavras o teſtemunho de ſeu Meſſiado. No dia ſeguinte, que forão tres do meſmo Janeyro, foy outra vez o *Senhor* ao Bautiſta; & elle tornou, apontando, a publicallo *Meſſias* com as meſmas palavras: pelo que o ſeguirão dous diſcipulos do meſmo Joaõ, que alli ſe achárão; hum dos quaes foy Santo Andrè, que aviſou a Simaõ irmão ſeu, & o trouxe a *Chriſto*, & o *Senhor* lhe propoz logo o nome de *Cephas*, que ſe interpreta, *Pedro*. Aos quatro indo para Galilea, encontrou, & chamou a Filippe, & perſuadio Filippe a Nathanael, que foſſe ver o *Meſſias*, & Nathanael, fallandolhe, o confeſſou por tal.

2 Aos ſeis de Janeyro (que foy em terça feyra, conforme a Pedro Galatino) em Caná, lugar de Galilea, quaſi tres leguas de Nazareth, 4 ſe celebràraõ as vodas de Simaõ Cananeo, como lhe chama Niceforo; 5 a que para as honrar foy convidado *Chriſto* Senhor noſſo, ſua *Mãy* ſagrada, & aquelles diſcipulos que jà o ſeguião. No diſcurſo do banquete advertio a *Senhora* que faltava vinho; & compadecida da falta, em que os deſpoſados ficavaõ, o diſſe ao *Senhor* para que a remediaſſe. Reſpondeo o *Senhor*, *que ainda naõ era chegada a ſua hora*; com tudo mandou encher ſeis cantaros de agua, & a converteo em vinho excellentiſſimo. Santo Epifanio refere, que atè o ſeu tempo, em memoria deſte milagre; ſe convertião no meſmo dia as aguas de alguns rios, & fontes em vinho. 6

3 Das circunſtancias que o Evangeliſta S. Joaõ conta 7 neſte milagre, he de noſſo inſtituto notar, *Que foy o primeyro, com que Jeſus manifeſtou a ſua gloria*. De outros antecedentes não ſe tinha moſtrado Author, mas que os fazia Deos porque o amava: neſte oſtentou poder proprio; 8 & aſſim a Igreja lhe chama *Bethphania*, que ſignifica *Manifeſtaçaõ feyta em caſa*, 9 como a *Epiphania*, *Manifeſtaçaõ de ſima*; & a *Theophania* no Bautiſmo,

1 *Vide ſupr. c. 43. n. 5.*

2 *Garcia Gatarza in epit. hiſt. Euang. l. 2. à n. 4. in fine libri 8 inſt. Euangel.*

3 *Joan. c. 1. à n. 19.*

4 *Galatin. in annot. ad Martyr. apud Vilbegas na vida de Chriſt. c. 11. P. Fr. Ioſeph de Jeſu Mar. na hiſt. de N. S. l. 4. c. 36. n. 2. P. Ant de Balingben in Kalendar. Virgin. die 6. Januar. n. 2.*

5 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l. 8. c. 30.*

6 *D. Epiphan hereſi 51. Refert P. Balingben. ſupra n. 5.*

7 *Joan. c. 2. à princip.*

8 *Explicant DD. apud P. Suar. tom. 2. q. 27. art. 4. diſp. 17. ſect. 3.*

9 *Vide ſupra c. 33 n. 19.*

10 *Vide supr. c.33. n.11. & c.42. n.7.*

Manifestação divina; todas succedidas aos seis de Janeyro, 10 dia felizmente destinado a *Christo* se manifestar.

11 *Supr. c.24 n 2. in fine.*

4 Jà dissemos 11 que os merecimentos da *Virgem* apressárão a Encarnação do *Verbo Eterno* para redempção do Mundo; agora vemos que à sua instancia se apressou a manifestação do *Senhor* para a executar, & com acção muyto opposta a *Eva*, pois *Eva* nos arruinou por hum bocado, que fez que Adam comesse: 12 a *Virgem*, para nos levantar, solicitou chegarmos ao sagrado manjar da Eucaristia, significado nesta conversão; 13 que por isso *Christo* lhe respondeo aqui, que *Ainda não era chegada a sua hora*, porque na hora que depois chamou *sua*, 14 havia de instituir aquelle Divino Bocado; bem se mostrou nisto a *Mãy* Santissima *Eva*, ao contrario, como dizem as letras contrapostas do *Ave* com que o Anjo a annunciou Mãy do *Redemptor*. 15 Parece que alludindo a isto, respondeulhe o *Senhor* à petição deste bocado, lhe chamou *Mulher*; 16 como Adam desculpando-se do outro bocado, disse q̃ huma *Mulher* lho dèra; 17 para se ver que, se huma mulher nos solicitára o bocado da culpa, outra nos solicitava o bocado da graça, sendo assim encontradas as acçoens de ambas.

12 *Supra in 1. p. c. 5. n. 10.*

13 *Gueric. Abb. serm. 4. de Epiphan. in princip.*

14 *Joan. 13. 1.* Sciens Jesus quia venit hora ejus.

15 *Luc. 1. 28.*

16 *Joan d c. 2. 4* Quid mihi, & tibi est, mulier?

17 *Genes. 3. 12.* Mulier, quam dedisti mihi, &c.

CAPITULO XLV.

Como a Virgem Mãy acompanhou a Christo no tempo em que prègou; foy a primeyra bautizada pelo Senhor; dor que teve na morte do Bautista, & na entrada triunfal em Jerusalèm.

1 MAnifestarse *Christo*, foy obrigarse a obrar sem dilação: o grande, depois de conhecido, jà não pòde dissimular acçoens heroicas: quem naõ aproveyta, não precede, disse hum juizo grave. 1

2 Deyxou o *Senhor* a Nazareth por evitar invejas, & ingratidoens, com que a patria costuma perseguir. 2 Passou a Cafarnaù, Cidade maritima, & Metropoli de Galilea, aonde por vezes se deteve; por isto se chamou Cidade sua. 3 A *Virgem Mãy* se determinou acompanhallo; & o fez atè a Cruz, (acompanhada de Maria Salomè, & das outras Marias) porque o amava como a Filho, & pelo ouvir, & servir como a Deos, 4 & por assistir aos mysterios da Redempção do Mundo.

3 Por tradiçaõ desde o tempo dos Apostolos se escreve, 5 que tornando o *Senhor* ao Jordão, bautizou nelle a *Virgem*, a q̃ só o ser bautizada por *Christo* pudera compensar a sombra, que se punha na claridade mais santa. Na *Virgem* deu o *Senhor* principio a este Sacramento: 6 nella se abrio a porta do Ceo, que tinhão fechado Adam, & *Eva*. Depois bautizou a Saõ Joaõ Bau-

1 *Guerrico Abb. serm. 1. in dieb. Rogat. in princip.*

2 *Matth. 13. 57. Luc. 4. 14.*

3 *Matth. 9. 1.* Et venit in civitatẽ suam.

4 *Nicephor hist. Eccles. l. 1. c. 33. Guerric. serm. 4. de Assumpt. Mar. in princ. Alii plures apud P. Fr. Joseph de Jesu Mar. hist. Virg. l. 4. c. 37 n. 1.*

5 *Euthym in Joan. c. 3. Alii apud Melchior de Castr. hist. Virg. l. 1. c. 15*

6 *Verisimile dicit Henriq. in Sum. Moral. Theol. tom. 1. l. 2. n. 3 Probat Palafox nas excellenc. de S. Pedro l. 1. c. 8.*

Bautiſta, 7 & a Saõ Pedro; Saõ Pedro aos mais Apoſtolos; os quaes, & os Diſcipulos continuárão bautizando os que ſeguiaõ a doutrina do *Salvador*.

4 Prègava, & enſinava *Chriſto* Senhor noſſo com grande mageſtade, *Como quem tinha poder*, (diz Saõ Mattheos) *& naõ como os Eſcribas, & Fariſeos.* 8 O Proconſul Publio Lentulo na carta de que jà fizemos menção, 9 teſtemunha, *Que era terrivel no reprehender; brando, amavel, & alegre no admoeſtar, guardando em tudo madureza.* Alguns Doutores 10 dizem, que em certas occaſioens (como quando lançou do Templo os que nelle vendiaõ) 11 ſahia de ſeu roſto hum reſplandor, que atemorizava os que reprehendia.

5 Acompanhava a prègaçaõ, & doutrina com eſtupendos milagres, ſarando aleijados, cegos, paralyticos, leproſos, febricitantes, ſurdos, mudos, endemoninhados, fluxos de ſangue; reſuſcitava mortos, aplacava tempeſtades, ſuſtentava nos deſertos milhares de peſſoas, multiplicando os mantimentos; convertia peccadores; entendia, & deſcobria coraçõens; dava poder a ſeus Diſcipulos para fazerem milagres, & obrava as outras maravilhas, de que eſtão cheas as hiſtorias dos quatro Evangeliſtas, omittindo elles muytas, porque (advertio Saõ Joaõ) 12 não podiaõ eſcrever tantas, & ſó referirão as que baſtavaõ para moſtrarem que era Filho de Deos. Atè Joſefo de nação, & profiſſaõ Judeo, no livro de ſuas antiguidades, 13 nas palavras que referem Niceforo Callixto, & S. Jeronymo dos originaes antigos, que depois riſcou a pertinacia Judaica, diſſe: *No meſmo tempo foy Jeſus, varão Sabio, ſe he licito chamarlhe homem: porque fazia obras admiraveis, & era Doutor dos que recebem a verdade cõ bom animo, &c.* Vay proſeguindo como os Judeos o crucificárão.

6 Com admiração, & por remedio para as neceſſidades o buſcava tanta gente, que nem lhe davaõ lugar em caſa para repouſar: Gentios hião a conhecello; Principes mandavão retratallo: por fama, & por cartas ſe divulgavaõ ſuas noticias nas partes remotas: por montes, & deſertos o ſeguião, como exercitos, milhares de homens, com louvores, & acclamaçoens atè o quererem fazer Rey; & de tudo applaudião a Mãy, de que tal Filho naſcèra, chamando *Bemaventurado o ventre que o trouxera, & os peytos a que ſe creára.*

7 Bem ſe deyxa conhecer o goſto que deſtes applauſos receberia a *Mãy* Santiſſima; 14 porèm no progreſſo de noſſa redempção todos lhe forão penſionados com penas. Soube no meſmo tempo que a virtude do Bautiſta batalhava com a fereza de Herodias, & com a ligeyreza de Herodes; & logo que eſtava prezo o que prègava contra as prizoens do peccado; metido na eſcuridão de hum carcere o Precurſor da luz do Mundo; ultimamente que os Reos havião julgado ao innocente; & que era degollado Joaõ, eſcola das virtudes, Meſtre da vida, fórma da San-

7 *P. Sylveyra in Evang. tom. 1. l. 3. c. 2. q. 7. in princip. D. Aug. ſerm. 4. de S. Joan.* poſto que com razões menos ſabidas o negue Palafox *nas excellenc. de S. Pedro l. 1. c. 11. & 12.*

8 *D. Matth. 7. in fin.* Sicut poteſtatem habens, & non ſicut Scribæ eorum, & Phariſæi.

9 *Supra c. 40. n. 4.*

10 *Dionyſ. Carthuſian. in c. 2. Joan. Vi. beg. Elos Sanct. vit. Chriſt. c. 13. in princip.*

11 *Joan. c. 2. v. 14. & 15.*

12 *Ioan. 20. in fin. & 21. in fin.*

13 *Ioſeph de antiq. l. 18 c. 5.* Ex eodem tempore fuit Jeſus vir ſapiens, ſi tamen virum eum fas eſt dicere, erat enim mirabilium operũ patrator, & Doctor eorum, qui libenter vera ſuſcipiunt, &c. *Apud Nicepher. ſup. l. 1. c. 39. D. Hieron. de Script. Eccleſiaſt. in Ioſeph.*

14 *Proverb. 23. 14.*

Santidade, regra da Juſtiça, eſpelho da virgindade, titulo da pudicicia, exemplo da caſtidade, via da penitencia, perdão dos peccados, diſciplina da Fè; Joaõ mayor que homem, igual aos Anjos, ſumma da Ley, ſementeyra do Evangelho, voz dos Apoſtolos, ſilencio dos Profetas, tocha do Mundo, Precurſor do Juiz, Apoſentador de *Chriſto*, teſtemunha do *Senhor*, meyo de toda a *Trindade*, como lhe chamou Saõ Chryſoſtomo, 15 ou Saõ Pedro Chryſologo; 16 (que a ambos ſe attribue eſte elogio de Saõ Joaõ.) Joaõ, que vivo, ſe duvidou ſe era *Chriſto*; 17 & morto, ſe cuydou que *Chriſto* era Joaõ; 18 João de cujas excellencias prègàra *Chriſto*, 19 que nem adulava, nem ſe enganava. Soube a *Senhora* que eſte taõ grande ſe entregára a huma inceſtuoſa, & ſe dera em premio de hum bayle; 20 via que advertir os màos, era offendellos, porque tem o conſelho por acuſação, & aſſim, alèm do que ſentia por parente do Bautiſta, 21 aquelle ſucceſſo lhe repreſentava o de *Chriſto*, pois tinha ſemelhante a cauſa, & em Corte, onde ſe premiavão os vicios, era certo que ſe caſtigarião as virtudes.

8 Aſſim o determinárão os Põtifices, Sacerdotes, Eſcribas, & Fariſeos (offendendoſe mais eſtes, porque erão hypocritas ſoberbos) por inveja dos applauſos, & por odio das reprehenſões; 22 mas receavão a authoridade, que o *Senhor* tinha com o povo. 23 Quem o temia reprehendendo, muyto o venerára callando; porèm a verdade não trata de valer com os homens. A pezar dos grandes, cinco dias antes da Paſcoa hindo *Chriſto* a Jeruſalèm, foy recebido com triunfo. Gente innumeravel tirava ramos das arvores para o feſtejar; homens, & meninos a grandes vozes o acclamavaõ *Meſſias*, Rey mandado por Deos, & com as capas lhe alcatifavão o caminho. 24 Os Reys do Mundo ſaõ nas Cidades recebidos com palio, que lhes cobre o Ceo, ficandolhes a terra deſcuberta: a *Chriſto* cubriaõ a terra, ficandolhe deſcuberto o Ceo. 25 Entrou no Templo, lançou delle com imperio os vendedores que o profanavaõ; curou cegos, & aleyjados: enſinou: reprehendeo os Sacerdotes, & Eſcribas; diſſelhes o caſtigo que terião: 26 & em tudo ſe moſtrou ſoberano. Grande gloria para a *Mãy*! porèm ſabendo (como o Senhor tinha declarado) 27 quam proxima eſtava ſua Payxão, já começavão a padecer as maternaes entranhas. *Eva* no combate da ſerpente já cantava vitoria, na imaginaçaõ de Deoſa já triunfava da mortalidade: 28 a *Virgem* no triunfo do Filho eſtava combatendo; quando a verdade o acclamava Deos, o ſentia mortal. Cuſtoſa troca do *Ave*, com que o Anjo a ſaudára!

9 O livro intitulado, *Diſcurſo contra a perfidia Judaica*, 29 refere com Lactancio, Caſſaneo, & Mayolo que os Sacerdotes elegèrão a *Chriſto* por Sacerdote em hum lugar que vagára dos vinte & dous; & no livro, em que ſe aſſentavão ſeus nomes, & pays, puzeraõ: *Jeſu Chriſto Filho de Deos vivo, & de Maria*

Virgem

15 *D Chryſoſt. homil. 15. in Decollat. S. Joan Bapt. in princip tom.* 2 Totius medius Trinitatis.

16 *D. Chryſol ſerm. 27. aliás 86.*

17 *Joan. c 1. à n. 19.*

18 *Matth c. 4. 2.*

19 *Matth. 11. 11.*

20 *Matth. d c. 14 à n. 6;*

21 *Vide ſupr. 2. 12. n. 36.*

22 *Matth. 17 18. Marc. 15.*

23 *Matth. 21. 46.*

24 *Matth ſup. 8.*

25 *Notat Fr Heitor Pinto p. 1. dial. 1. c. 10.*

26 *Matth. d. c. 21. cum ſeqq.*

27 *Matth. 20. 18.*

28 *Geneſ 3. 5.*

29 *Livro intitul. Diſcurſ. contra a hereticà perfidia Judaica.*

Virgem; & que em tempo de Juſtiniano eſtava o livro em poder dos Judeos de Tiberiades: a continua aſſiſtencia, que o *Senhor*, quando eſtava em Jeruſalèm, fazia no Templo ènſinando; 30 moſtra eſte Sacerdocio.

30 *Matth.* 26.55. Quotidie apud vos ſedebam docens in templo. *Et Marc.* 14.49. *Luc.* 19.47. & 21. 37. & 22.53.

CAPITULO XLVI.

Como os Judeos determinárão matar a Chriſto, o Senhor ſe preparou para a ſua Payxão, ceando o Cordeyro Paſcoal com ſeus Diſcipulos, lavandolhes os pès, inſtituindo o Sacramento da Eucariſtia, ordenando os Sacerdotes, deſpedindo-ſe delles, & em particular da Virgem Mãy, & ſubio a orar no Horto.

1 A Grande gloria ſe faz odioſa aos que a admiraõ ſem lhe poderem chegar. Os Caldeos chamavaõ aos Romanos injuſtos em darem triunfos; pois em lugar de premio expunhaõ os triunfantes à inveja, inimigo que naõ poderiaõ vencer, poſto que tiveſſem vencido outros muytos. Louvavaõ aos Egypcios, porque aos vencidos tratavão com brandura, & aos vencedores naõ caſtigavão com honras publicas. Aſſim Marco Aurelio, dandolhe o Senador Albino parabens da pompa com que o Senado o recebèra, vindo vitorioſo dos barbaros, reſpondeo que não ſe ſentia obrigado aos Senadores, porque teria muyto trabalho em aplacar os que ſe haviaõ offendido daquella demonſtraçaõ. A triunfal com que entrou *Chriſto* em Jeruſalèm, 1 atiçou a inveja, & o odio de ſeus inimigos a fazerem novas juntas para buſcarem qualquer meyo de o matarem; 2 naõ queriaõ quem os accuſaſſe com o exemplo.

1 *Supra c.45 n.8.*
2 *Matth.26.4. Marc.14.1. Luc. 22.2.*

2 Donde começaremos a narração de como o executáraõ? daquelle furor Judaico, ou da paciencia do *Senhor*? das dores da *Virgem*, ou da obrigaçaõ que temos de chorar? Se as pedras ſe quebráraõ, que coraçaõ ſe não enternecerá? Se o Sol ſe eſcureceo, que olhos terão luz para eſcrever? Se o vèo do Templo ſe rompeo, que papel ſe naõ raſgará? Se os mortos reſuſcitáraõ, como naõ haverà em tudo confuſaõ? Que ſentido ſe naõ perderà quando a mayor maldade mata a mayor virtude? Summariamente recopilaremos a ſubſtancia deſte ſucceſſo, o mais laſtimoſo; & tambem ſerà nelle prodigio que aſſim o poſſamos proſeguir.

3 *Flav. Dexter. an. Chriſt. 34. Beda de loc. Sanct. c. 3. D. Damaſcen. ſerm. de Aſſumpt. Virg. Alex. Monach. orat. de Laud. Virg.*
4 *Alex. Monach. ſupra.*

3 Na caſa de Joaõ, cognominado Marcos, 3 que Maria mãy do meſmo Joaõ tinha dedicada, & bem preparada para hoſpedar a *Chriſto*, & aos ſeus; 4 (que ficou por antonomaſia com nome de *Cenaculo*, chamandoſe aſſim os que os antigos coſtumavaõ ter no mais alto de ſeus apoſentos, ornados com particula-

res

res alfayas, & accyo para nas ceas ſe banquctearem ; 5) quiz celebrar *Chriſto* a Paſcoa dos Azymos, que naquelle anno principio do trigeſimo quarto de ſua idade, 6 cahio em ſeſta feyra vinte & cinco de Março, ſegundo a melhor opinião ; 7 poſto que alguns digão 8 que em tres de Abril. Comeo na noyte antecedente (como a Ley mandavava) 9 com os Diſcipulos o Cordeyro Paſcoal, que o figurava ; & depois ſe aſſentou para a cea ordinaria.

4 Levantandoſe no meyo da Cea, 19 com admiravel, exemplo da mayor humildade lavou aòs Diſcipulos os pès, com que lhe haviaõ de fugir : 11 & a Judas os com que o foy entregar; 12 arriſcando mais ſua reputação, pondo-ſe aos pès dos peccadores, que quando o Fariſeo lha duvidou vendo a peccadora a ſeus pès. 13 Miniſtrou na agua ſuas lagrimas, 14 ficando aſſim aos pès dos homens as lagrimas de *Chriſto*: & Deos (diſſe David 15) poem em ſeus olhos as lagrimas dos homens.

5 Tornou à meſa, & abrindo os theſouros de ſua benignidade, enriquecendonos de inexplicaveis dons, 16 inſtituhio o Sacramento dos Sacramentos, myſterio da Fè, preço da redempçaõ, remedio das ſaudades, cifra do amor, pão da vida, ſumma do bem, oſtentação, & termo da Omnipotencia, memoria de ſuas maravilhas. Chamou-ſe Sacramento da Eucariſtia, que ſignificava acção de graças, 17 pelas que o *Senhor* déu a ſeu Eterno *Pay* quando o inſtituhio, 18 & pelas que devemos dar a Deos na ſagrada Meſa, em que o commungamos. 19 Oh magnificencia ! Oh liberalidade nunca ouvida ! Caridade mais que excellentiſſima ! Quem nos deu a ſi meſmo, que nos poderà negar ?

6 Ordenou os Diſcipulos Sacerdotes: deu-lhes com ſermoens novos ſoberana doutrina: annuncioulhes proxima ſua Payxão: deſpedio-ſe delles amoroſamente ; 20 & em particular da *Mãy Santiſſima*, 21 que com as ſantas mulheres, que a acompanhavão, & com a mãy de Joaõ Marcos dono da caſa, em outra parte della, celebrava tambem a Paſcoa no meſmo tempo. 22 Dos Diſcipulos ſe deſpedio, moſtrandolhes que hia morrer voluntario, & para os prevenir, & confortar : da *Mãy*, para ſatisfazer ao amor ; pois nem era neceſſario prevenir huma amante que tudo conhece ; 23 nem confortar ſua reſignaçaõ em Deos. Que laſtimoſa deſpedida ! Sabendo a *Virgem* pelas profecias o que ſeu Filho hia padecer, parece que os Evangeliſtas em a não referirem, a quizeraõ deyxar á noſſa conſideraçaõ ; acompanhe eſta as lagrimas da *Senhora*, que não ſe pòdem explicar com palavras.

7 Sahio *Chriſto* bem de noyte com ſeus onze Apoſtolos (havendoſe Judas auſentado a trahillo) para o horto de *Gethſemani*, no valle de Joſafat, entre os montes Sion, & Olivete, cercado de altos cedros com huma ſó entrada, 24 aonde quando ſe

5 *Latè deſcribit Alex. ab Alex. Gen. 1. 1 5. c. 21.*

6 *Garcia Galarza Iuſt. Euang. ad fin. lib. 8. in epitom. hiſt. l. 4. in titulo.*

7 *Flav. Dexter in Chron. an. Chr. 34. Galarz Euangel. inſtit poſt l. 8. in epitom. hiſt Euang. l. 7. n. 1. P. Fr Joſeph de Jeſu Maria hiſt. da Virg. l 3. c. 17. n. 4. P. Fr. Man. do Sepulchro na Reſeyç. eſpirit p 1. c. 37. n. 8. Fr Bernard. ae Brito na Monarch. Luſitana p. 1. l 5 tit 1. poſt med.*

8 *Lucind. de vero die Paſſion. c. 9 Villegas no Flos Sanctorum, vida de Chriſto c. 39 junto do fim.*

9 *Exod. c. 12.*

10 *Joan. 13. 4.*

11 *Matth. 26. 5. & 6. Marc. 14. 50*

12 *Matth. ſup. 15 & 47 Marc. ſup. 10. Luc. 22 4.*

13 *Luc. 7 39.*

14 *D. Ephrem.*

15 *Pſalm. 55. v. 9.* Poſuiſti lacrymas meas in conſpectu tuo. *Legit Genebrard.* In oculis tuis.

16 *D. Chryſ. hom. 24 poſt princ. in c. 10. prior. epiſt. Paul. ad Corinth.*

17 *Polyanth. verb. Euchariſtia, in princip.*

18 *Matth. 26 27. Luc. 22. 17. Paul. ad Corinth. 1. c. 11 24.*

19 *Boſio na rocha dos hereges, c 1. no princip.*

20 *Matth. 29. Marc. 14. Luc. 22. Joan. 13 cum ſeqq.*

21 *Caniſ de B. Virg. l. 4. c. 27. P. Fr Joſeph ſup. l 4. c. 41. n. 3.*

22 *Melchior de Coſtro, hiſt. da Virg. l. 1. c. 16. P. Fr. Joſeph ſup. cum Metaphraſt. orat de ortu, & dormit. B. Virg*

23 *Virgil. 4. Æneid.* Quis fallere poſſit amantem?

24 *Villegas no Flos Sanct. vida de Chriſto c. 26. no princ. P. Fr. Joſeph ſup. l. 5 c. 16. n. 2.*

ſe achava em Jeruſalèm, coſtumava hir a orar: 25 deyxando na entrada os oyto, levou comſigo ſó tres, Pedro, Jacobo, & Joaõ; 26 que como na Transfiguraçaõ o virão Deos, 27 na afflicçaõ o viſſem homem. Pouco apartado delles ſe poz em oração com o roſto em terra, como dandolhe oſculo da paz, que os Anjos tinhão annunciado em ſeu naſcimento. 28 Alli com duello admiravel combatèrão em ſeu peyto, de huma parte a agonia de conſiderar os tormentos que o eſperavão: a ingratidaõ de Judas, a negaçaõ de Pedro, a fugida dos mais Apoſtolos, a perſeguiçaõ que teria ſua Igreja, & todos os peccados já commettidos, & que ſe haviaõ de commetter no Mundo, porque peſſoas, & ſuas circunſtancias: de outra parte o muyto que nos amava, o deſejo de noſſo remedio, & todos os bens que reſultariaõ de ſua Payxaõ. O affecto natural procurava conſervar a vida; a promptidaõ do eſpirito facilitava os temores da morte; atè que depois de porfiada contenda, a que acodio hum Anjo, (preſume-ſe que foy o Santo Gabriel 29) reſignada a vontade no decreto Divino, ſeu amor, & noſſa dita alcançáraõ vitoria; 30 mas com tanto ſangue, que as veas, & arterias do ſagrado corpo, de muyto trabalhadas derão lugar a que elle ſahiſſe 31 a regar, & fecundar a terra, que pelo primeyro peccado fora amaldiçoada. 32 Naõ ſe lè, nem ſe ſabe que chegaſſe a tanto alguma outra afflicção. Se tanto lhe cuſtou ſó a imaginaçaõ de que havia de padecer, quanto mais cuſtaria a realidade?

25 *Luc.22.39 Joan. 18.2.*

26 *Matth.29.27 Marc.14.33.*
27 *Matth.17.1. Marc.9.1. Luc.* 9.10.

28 *Luc.2.14.*

29 *Vilbegas ſuprà d.c.26.ad fin. & na feſta de S. Miguel ad fin.*
30 *Matth d c.26 45. Marc.14.41 Luc. 22.ex n.43.*
31 *Luc.22.44.*
32 *Geneſ.3.17.*

CAPITULO XLVII.

Narração ſummaria da Payxão de Chriſto Senhor noſſo, & do que a Virgem Senhora noſſa padeceo nella.

1 TInha ficado a *Virgem* no Cenaculo com ancias de auſente amante, que imagina o amado entre penas. Eſperava as novas que lhe viriaõ, & qualquer movimento que ouvia ſe lhe figurava menſageyro; quando chegáraõ alguns Diſcipulos correndo atemorizados. 1 Delles ſoube que Judas por dinheyro 2 guiára ao Horto os que forão prender a *Chriſto*, que temendo os Apoſtolos o eſtrondo com que hiaõ, moſtrára o *Senhor* que ſó a elle buſcavaõ; q̃ fora encontrar, & darſe a conhecer aos que hião a prendello, & elles cahirão em terra com reverencia, & temor; que o traydor o ſaudàra com *Ave*, 3 dando principio à Payxaõ na myſterioſa palavra com que o Anjo annunciára o *Redemptor*; 4 como elle ſe dèra á prizaõ, afrontoſamente o levàraõ a Jeruſalèm; & os Apoſtolos o deſamparáraõ.

2 Naõ ſofrèraõ as entranhas de Máy deyxar de ſeguir a ſeu Filho. 5 Acompanhada da Magdalena, das outras ſantas mulheres, foy de rua em rua, ſeguindo as noticias das partes aonde

1 *Metachraſt. orat. de ortu, & dormit B.M. Nicephor hiſt. Eccleſ. l.1.c.30.*
2 *Que moedas foraõ diſſemos no 1.p.c.28.n.8.*
3 *Matth.26.49* Ave Rabbi.
4 *Luc.1.28.* Ave gratia plena.
5 *Melchior de Caſtro na vida da Virg.l.1.c.16. P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar na meſma hiſt.l.4.c.42 n.1. com Metaphraſtes ſup.*

aonde o levavaõ; & impedida da muyta gente que concorria, o naõ alcançou senaõ em casa de Pilatos. Já tinha estado nas dos Pontifices Annás, & Caifás, accusado com testemunhas falsas, esbofeteado, cuspido, & escarnecido; já tinha sentido as tres negaçoens de Pedro; já tinha passado grande parte da noyte em hum cano inferior, a que corriaõ as aguas immundas da casa de hum delles, onde o metèrão em quanto hiaõ repousar nas suas camas, 6 como tinha profetizado David, 7 & fora figurado em Joseph lançado na cisterna; 8 já Pilatos, a quem de madrugada o havião remetido atado; o tinha mandado a Herodes, & este com desprezo lho tornàra a enviar, já o mesmo Pilatos o tinha offerecido ao povo em igualdade com o facinoroso Barrabás, & o povo tinha escolhido que Barrabás vivesse. Neste Passo chegou a *Virgem*, quando Pilatos o mandava açoutar cruelmente, atado a huma alta columna, (que S. Jeronymo 9 diz que em seu tempo se mostrava ainda com o sagrado sangue,) & depois o entregou à vontade do povo.

6 *Carthagen. de Passione Christi, fol. mihi* 303.

7 *Psalm.* 87. *v.* 7. Posuerunt me in lacu infetiori.

8 *Genes.* 37. 24.

9 *Hieron. Ep.* 27. *c.* 4 *Vide infra c.* 49. *n.* 15. *in fine.*

3 He o povo polvora em foguete, que tocada levemente do fogo, o sóbe com presumpçoens de rayo, atè o ostentar estrella nos confins das nuvens, & logo o desce sem estimaçaõ; seus applausos saõ fumo, que affoga as faiscas luzentes, que nelle se levantàraõ. Com que differença havia tratado a *Christo* havia cinco dias! 10 Então o acclamou *Filho de David*; agora o pregoava *Malfeytor*: entaõ o acompanhou como a Rey; agora o prendia como a ladraõ: então o respeytou com vivas; agora o condenava à morte: então o queria levar nos braços; agora o fazia andar com empuxoens: então lhe alcatifou o caminho cõ capas; brevemente jugará aos dados seus vestidos, & ao que festejou com palmas, ferirá com cãnas; parece que então só tirou os ramos das arvores, preparando troncos nùs para o crucificar. E ainda ha quem se fie da aura popular? Todos se avaliaõ por mayores que os que vem cahidos daquelle favor do vulgo: não culpaõ a liviandade da plebe, mas considerão faltas em quem a naõ conservou; o soberano exemplo de *Christo* nos deve já desenganar.

10 *Supràs, & 45. n.* 8.

4 O que a *Senhora* vio depois que chegou, referio ella mesma a Santo Anselmo, 11 & mais miudamente a S. Brigida, da maneyra seguinte: 12 *Depois que se apartou de mim, o naõ vi; atè que o levàraõ a ser açoutado. Tão maltratado o levàraõ, empuxàraõ, & derribàraõ, que dos golpes que a cabeça recebia batiaõ os dentes huns com os outros. No pescoço, & faces lhe davaõ com tanta força, que soavaõ as pancadas em meus ouvidos. Depois disto obedecendo ao mandado de hum algoz despio seus vestidos, & voluntariamente se abraçou com a columna, a que o atàraõ sem piedade com huma corda: & começou o tormento na vergonha de se ver despido. Estava sem amigos, cercado de inimigos que feriaõ cruelmente o Corpo immaculado com açoutes, que tinhaõ nos remates pontas agudas, & torcidas, proprias para rasgar as carnes!*

11 *D. Anselm. dialog. de Passione Dom.*

12 *Revel. de S. Brigid. l.* 1. §. 10. & 14. *c.* 70.

Havia

Havia eu seguido a gente a ver o que se fazia de meu Filho, & puzme em parte aonde o pudesse ver. Quando lhe deraõ o primeyro golpe, foy meu coraçaõ tão trespassado de dor, que me faltavão forças para me sustentar em pè, esforçada hum pouco torney a olhar passado algum espaço, & vi todo seu corpo chagado, & tão despedaçado, que se descobria o branco dos ossos das costas; & (o que era mais lastimoso) vi que pegando-se os açoutes à carne, puxando os algozes tiravão pedaços della, ficando como regos pelo corpo. Estava meu Filho todo ensanguentado, & tão despedaçado, que jà não tinha lugar sem chagas. Disse hum dos que assistião: Quereis matallo antes de sentenciado? & chegando-se à columna cortou as aduras. Tornou meu Filho a vestir se, posto que lhe deraõ taõ pouco espaço, que indo andando se acabou de vestir. O lugar em que punha os pès vi cheyo de sangue, & aonde os punha depois deyxava assinaladas as plantas, de maneyra que eu conhecia as suas pizadas pelo sangue.

Daqui passa a *Virgem* a quando jà o levavaõ com a Cruz ás costas, porque nem teve a triste consolaçaõ de poder ver tudo o que se fazia, naõ vio despillo de suas vestiduras,& vestillo, por escarneo, de purpura, porlhe coroa de espinhos, huma canna por sceptro, fingir que o saudavaõ como a Rey, cuspirlhe no rosto, darlhe com a canna na cabeça, & tornaremlhe a pôr seus vestidos para o levarem a crucificar. 13 Contemplativos dizem que tudo vio especialmente, para em tudo padecer com o Filho; mas só relatou a Santa Brigida o que os olhos corporaes viraõ, & proseguio assim: *Levavaõ a meu Filho, como costumaõ levar os ladroens. Alimpou o sangue que lhe cahia nos olhos, & havendo-o sentenciado, puzeraõ-lhe a Cruz às costas para que a levasse; posto que pelo caminho buscàraõ hum homem para a levar. Era a Cruz forte, & os braços della estavaõ no alto do principal madeyro: & ajuntados dous pàos fazia hum nò que feria no meyo das costas. Pelo caminho ao lugar da Payxaõ huns lhe davaõ pescoçadas, outros bofetadas; & tão fortemente que eu ouvia os golpes, ainda que os nã o via dar.* Na relaçaõ a Santo Anselmo accrescentou a *Senhora* que neste caminho para ver o Filho atravessou por outra parte,& lhe sahio ao encontro, pondose-lhe diante: & que vendo-a o *Senhor* taõ lastimada, sem lhe permittirem deterse, lhe dissera de passo com voz amorosa: *Salve, Mãy*, com que de novo lhe trespassára as entranhas.

3 *Matth.27.Marc.15.17.*

Chegando com meu Filho ao lugar da Payxaõ (proseguio a *Virgem* a Santa Brigida) *vi alli preparados os instrumentos della, que erão martello, & quatro cravos agudos; & posto meu Filho no meyo, elle mesmo começou a despirse de suas vestiduras por mandado dos algozes, que dizião: Estas vestiduras são nossas, por serem de homem condenado à morte: & assim lhas tiràraõ, atè o deyxarem de todo nù. Vendo-o assim hum dos presentes, chegouse a elle, & lhe deu hum panno, para cubrir a nudeza que mais pena lhe dava; do que a meu Filho interiormente se alegrou muyto, & cubrio com honestidade parte do corpo. Mandàraõ-lhe que se puzesse na Cruz,*

& logo obedeceo; pondo as coſtas nella, & pedirao-lhe huma mão, eſtendeo a direyta, & depois naõ chegando a outra mão ao lugar que eſtava jà verrumado no outro braço da Cruz, lha eſtendèraõ, & puxàraõ com huma corda. Da meſma maneyra puxàrao os pès para os fazerem chegar aos furos que eſtavaõ feytos, & apartados hum do outro, os pregàraõ com dous cravos pela parte mais ſolida no lenho da Cruz; como as mãos; primeyro o direyto, depois o outro; & foy tão grande a violencia, que todos os nervos, & veas ſe eſtendèraõ, & rompèraõ. Feyto iſto, lhe puzeraõ (outra vez) a coroa de eſpinhos, com que grandemente atormentàraõ a cabeça de meu Filho tão digna de reverencia; de modo que o ſangue, que os eſpinhos tiravaõ, corria por todas as partes da cabeça, delle ſe enchiaõ os olhos, ſe tapavaõ as orelhas, & toda a barba eſtava enſanguentada; & aſſim naõ ſe via nelle couſa que naõ eſtiveſſe cheа de ſangue. Para eſta cabeça tão atormentada naõ havia na Cruz reclinatorio algum; & a taboa do titulo eſtava pregada ſobre a cabeça no mais alto da Cruz ſobre os dous braços. Eſtando deſta maneyra pregado, & atormentado, & doendoſe de mim, que eſtava em pè chorando olhou com os olhos cheyos de ſangue para Joaõ meu ſobrinho, & encomendoulhe que tiveſſe cuydado de mim. Neſte tempo ouvia eu dizer a huns que meu Filho era malfeytor; a outros, que era enganador; a outros, que ninguem merecia mais a morte que elle, com o que minha dor ſe renovava.

Quando lhe pregàraõ a mão com o primeyro cravo, como fica dito, ao primeyro golpe que ſoou foraõ tão conturbadas minhas entranhas, que fiquey toda tremendo ſem me poder ſuſtentar; atè os olhos naõ viaõ a luz com o ſuſto do coração; & aſſim eſtive aſſentada em terra, atè que de todo foy pregado; & levantandome depois que os golpes ceſſáraõ, vi a meu Filho laſtimoſamente pendendo na Cruz; a cuja viſta fiquey como Mãy triſtiſſima tão treſpaſſada de dor, que quaſi não podia eſtar em pè. Meu Filho vendome, & aos mais amigos chorar deſconſolodamente, levantou a cabeça, & poſtos no Ceo os olhos cheyos de lagrimas, tirou do intimo do peyto huma voz alta, & doloroſa, dizendo: Deos meu, Deos meu, porque me deſampar aſte? Da qual voz nunca me pude eſquecer atè que ſubi ao Ceo, ſabendo que mais lhe deo motivo a compayxão que de mim teve, que as ſuas dores. Já então tinha os olhos meyos mortos: as faces pegadas aos dentes, & ſumidas: o nariz afilado: o ſemblante triſtiſſimo: a boca aberta: a lingua enſanguentada: o ventre vazio, & como pegado às coſtas, por ter jà conſumidos os humores: os oſſos tão agudos, que podião contarſe: & todo o corpo amortecido, & fraco, como deſpojado de ſeu ſangue: os pès, & mãos tortos, & eſtendidos em fórma da Cruz a que eſtão cravados: a barba, & o cabello com ſangue; & eſtando oſſim todo o corpo deſpedaçado, & pizado, ſó o coraçaõ eſtava inteyro por ſer de natureza forte, & perfeytiſſima; ſe bem todo o corpo que de minha carne tomou, foy limpiſſimo, & de perfeyta compreyçaõ; tinha a carne tão tenra, & delicada, que a qualquer golpe moderado ſahia logo ſangue, & era

taõ

tão branda, & pura, que por sima da pelle se podia ver nella o sangue fresco; & como era de natureza tão perfeyta, pelejava no corpo a morte com a vida, porque humas vezes subia a dor dos membros, & nervos do corpo ferido, ao coraçaõ que estava fortissimo; & inteyro, & o atormentava com incriveis agonias; outras vezes bayxava do coraçaõ aos membros despedaçados, & assim prolongava a morte com amargura.

Quando meu Filho cercado de tantas dores olhou para seus amigos chorosos, & tão angustiados, que mais quizeraõ padecer aquellas penas, ou as do inferno com seu auxilio, que vello daquella maneyra atormentado; se lhe augmentou tanto a dor pela que via padecer a seus amigos, que excedia a toda a amargura, & tribulaçaõ que no corpo, & no coraçaõ sentia, porque os amava ternamente; entaõ com extrema angustia exclamou da parte da humanidade ao Padre, dizendo: Em tuas mãos encomendo meu espirito. Ouvindo eu, Mãy tristissima, esta voz, me entristeci toda com a dor amargosa de meu coraçaõ: & todas as vezes que depois me lembrava desta voz, a tinha tão presente, que parecia soar de novo em meus ouvidos. Chegado mais à morte, rompendose o coraçaõ com a violencia das dores, estremecèraõ-se todos seus membros, & levantada hum pouco a cabeça para as costas; se tornou a inclinar para o peito. As mãos encolhendose do lugar dos cravos, se desgarràraõ pouco; & todo o pezo do corpo carregou mais sobre os pès. Os dedos, & os braços se estendèraõ, & as costas irtas se apertàraõ com o madeyro. Entaõ chegandose a mim alguns dos que me conheciaõ, me diziaõ, huns como fazendo escarneo: Maria jà teu Filho morreo; outros melhor intencionados: Jà, Senhora, se acabou a pena de teu Filho; & està jà em sua gloria.

Havendo se jà ido a gente, & naõ podendo apartarme dalli, veyo hum com lança, & tão fortemente lhe ferio o costado, que quasi o passou atè a outra parte; & quando a retirou, appareceo o ferro vermelho com o Sangue. Foy de tanta dor para mim este golpe, como se trepassára ao meu coraçaõ.

14 *Revelaç. de S. Brigida d. l. 1. c. 20 & l. 2. c. 21. & d. l. 4. c. 70. & l. 6. c. 11.*

5 Tambem referio a *Virgem* à mesma Santa 14 o que passou no descendimento da Cruz; & na sepultura de seu Filho; alli se vio sepultada viva, & mais morta que se morrèra; morta no que amava, & vivendo ás penas. Para nosso intento basta o referido, como dirà o capitulo seguinte; nem se pòde comprehender tudo o que padeceo. Assim o Juiz foy julgado: a Justiça condenada: a Innocencia blasphemada: a gloria atormentada: a Vida morta: Deos escarnecido.

CAPITULO XLVIII.

Como a Virgem Mãy *cooperou para remir, & levantar o Mundo da quèda do peccado.*

1 O Grande Pintor Timantes, naõ ſe atrevendo a repreſentar a dor de ElRey Agamenon vendo ſacrificar ſua filha Iphigenes; lhe pintou o roſto cuberto com hum véo: 1 os Evangeliſtas ſagrados naõ eſcrevèraõ a que *Maria* Santiſſima padeceo na Payxaõ de ſeu Divino *Filho*, porque nenhumas palavras a podiaõ declarar. 2

2 As dores de qualquer filho conſidera o direyto civil que ſentem os pays mais que as proprias; 3 & *Chriſto* era Filho unico da *Virgem*, & todo ſeu, pois naõ tinha pay na terra; 4 Filho Deos, cujo amor era na *Senhora* à medida da graça, mayor que todas as creaturas; 5 a que ſe accreſcentava ſaber a *Senhora* que o Filho padecia por ella, aſſim como por todos os outros que remia. Se as leys civis condenavaõ á morte juntos pay, & filho delinquentes, ſe executa primeyro no pay, porque ſeria inhumanidade matar o filho á ſua viſta; mas á viſta da mais amoroſa *Mãy* foy morto o *Filho* mais querido. Que ſeria ver a cada hum delles padecer duas mortes? pois tambem padecia o *Filho* a que via que a *Mãy* padecia; o tormento da *Mãy* no ſangue do *Filho* era igual ao do *Filho* nas lagrimas da *Mãy*; olhando hum para o outro accreſcentava, & juntamente aliviava as dores; porque a *Mãy* por mais que penava com a viſta do *Filho*, naõ ſe fartava de o ver: & o *Filho* laſtimandoſe de ver a *Mãy*, ſe conſolava com a ter preſente. Foy mayor dor que todas as que houve de todos os homens, & mulheres de que fazem mençaõ as hiſtorias divinas, & profanas, como prova hum grave Eſcritor. 6

3 Finalmente padeceo a *Virgem* o que padeceo *Chriſto*: ſeu coraçaõ, diſſe devotamente Saõ Lourenço Juſtiniano, 7 era eſpelho em que ſe pudèra ver o que elle padecia. A dor, com qualidade de rayo, ſem fazer leſaõ no corpo, paſſava à alma; 8 nem penetràra o corpo do *Filho* ſem paſſar à alma da *Mãy* que primeyro encontrava: (que elegante o diſſe Saõ Bernardo!) 9 A lança q̃ jà naõ achou no lado a Alma de *Chriſto*, alli achou a da *Virgem*: alli buſcou a crueldade.

4 A tal eſpectaculo eſtremeceo a terra: raſgouſe o véo do Templo: quebráraõ-ſe com dor as pedras: abriraõ-ſe as ſepulturas: confundiraõ-ſe os mortos com os vivos, (quando a maldade triunfa da innocencia, que muyto que ſeja tudo confuſaõ?) & o Sol, vendo-o muyto mais laſtimoſo que o do fingido Thieſtes, de quem os antigos, & Poetas 10 diſſeraõ que elle apar-

1 *D. Aug. de Civ. Dei l. 18 c. 18.*

2 *Carthag. de arcan. Deip. l. 12 hom. 6. ad fin.*

3 *L. Iſti quidem § fin. ff. quod met. cauſ.* Cum pereumper filii corpus pater magis, quam filius periclitetur. *D. Chryſoſt. hom. 29 in Geneſ ad fin.* Gravius illius eſt videre filios ſupplicio affici, quam ſi in ipſos animadverteretur.

4 *Optimè proſequitur hoc P. Ant. Guilielm. tract. de Santiſſim. Trinit. diſcurſ. 7.*

5 *Carthagen. d. homil 6. ante med. P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar hiſt. Virg. l 4. c. 45. n. 2. & 5 cum Uberti. l. de arb. vit. c. 15. D. Anſelm. de excell. Virg. c. 5.*

6 *Carthagen. d. l. 12 hom. 4.*

7 *D. Laurent. Juſtin. de triumphal. Chriſt. agon c. 21.*

8 *Luc. 2 35.* Tuam ipſius animam doloris gladius pertranſibit.

9 *D. Bernard. ſerm in c. 12. Apocalypſ de Virg. M. Signum magnum juxta fin.* Verè tuam, ò Beata Mater, animam gladius pertranſivit; alioquin non, niſi eam pertranſiens, carnem Filii tui penetraret. Et quidem poſtea quam emiſit ſpiritum, tuus ille Jeſus (omnium quidem, ſed ſpecialiter tuus) ipſius planè non attigit animam crudelis lancea, quæ ipſius aperuit latus, ſed tuam utique animam pertranſivit; ipſius nimirum anima jam non erat ibi, ſed tua planè inde nequibat avelli.

10 *Camoens Luſiad. cant. 3. eſt. 113. Virgil. Æneid. 1. Aginus in Jab. poet. c. 86. cum ſeqq.*

apartàra os olhos, ſe eſcurecco ao meyo dia, como eſtava profetizado; 11 poz todo o Mundo em trevas, porque tal crueldade ſe naõ viſſe; & o veſtio de luto por ſeu peccado: não ſó os Evangeliſtas 12 eſcrevem eſtes prodigios, mas tambem os Eſcritores Gentios. 13

5 Por eſte modo não ſó foy a *Senhora* a honra, & fermoſura dos Martyres, 14 mas muyto mais que Martyr, & tem aventajada aureola. 15 Nos outros Martyres do corpo pelo ſentido, redunda o tormento à alma: na *Virgem* a compayxaõ da alma redundou ao ſentido, & ao corpo: & aſſim foy o martyrio tanto mais nobre, quanto em mais nobre parte começou: tanto mais ſubido, quanto mais lhe atormentava a parte que ſe tem por impaſſivel: quanto mais dominante he a alma, tanto foy mais poderoſa a redundancia della ao corpo, do que he a contraria. Nos outros Martyres o amor a Deos conſola as dores naturaes com padecer por Deos; na *Virgem* atormentava mais, vendo que Deos padecia. Nos outros tiveraõ os tormentos menos duraçaõ; na *Virgem* começárão do tempo em que conhecco as profecias; 16 todos os goſtos teve penſionados com a dor do que o meſmo Filho havia de padecer; 17 & agora o via padecer ſem o poder ajudar.

6 Sobejava tal martyrio para matar; mas viveo a *Senhora* por milagre, & privilegio para altiſſimos fins; morria, & naõ podia morrer; 18 & eſta preſervaçaõ não tirou o merecimento, & premio da morte. 19 He verdade que os Judeos naõ queriaõ directamente matar a *Virgem*, como aos Martyres; mas na realidade a matavão em *Chriſto*: como os que matavaõ os Innocentes, ſó a *Chriſto* buſcavão; & com tudo os fizeraõ Martyres. 20

7 Suſtentouſe a *Virgem* na Fè, & reſignaçaõ; 21 ſe fora neceſſario (diz o Doutor Serafico 22) dèra ſeu conſentimento à morte do *Filho* para redempçaõ dos homens, por ſer *Mãy* confórme ao *Pay* Eterno, & por ſe conformar com o meſmo *Filho*. Mais attendia à Divina vontade, & ſalvaçaõ das almas, que à eſpada que lhe traſpaſſava o coraçaõ. 23 Por iſſo o valor da graça a teve em pè junto à Cruz, 24 conciliando a magnanimidade com a dor. 25

8 Não foy acaſo, mas diſpoſiçaõ, acharſe a *Senhora* preſente à Payxaõ do *Senhor*. Convinha (diz Saõ Bernardo 26) que como homem, & mulher concorréraõ na corrupçaõ do genero humano, aſſiſtiſſem ambos em ſua reparaçaõ. Houve conſonancia atè nas horas, entre peccar Adam, & remirnos *Chriſto*. Porque em ſeſta feyra 25. de Março foy Adam creado, 27 & em outro tal dia incarnou o *Verbo* Divino: 28 em ſeſta feyra ſeguinte ſe commetteo o peccado, 29 & em outra ſeſta feyra foy remido: 30 à hora de ſexta, q̃ he o meyo dia, eſtendeo noſſo primeyro pay o braço à arvore vedada; 31 neſta meſma hora tinha o *Senhor* eſtendido os braços na arvore da Cruz: 32

11 *Amos* 8.9.
12 *Matth.*27 4.5. *cum ſeqq. Marc.*15 33. *Luc.*34 44. & 45.
13 *Plin.nat.hiſt.l.*2 *c.*84. *Flagõtius, & alii apud Euſeb. in Chron.*
14 *D.Ephrem orat.ad Virg.*
15 *Cum multis DD Carthagen. de arcan Deip p.*2. *l.*12. *hom.*6. *Sylv. in Euang.tom.*2 *l.*2. *c.*6. *q.*11. *n.*47. *Matute Proſap.de Chriſt.id ad.*5. *c.*4. §.47. *Fr.Joſeph de Jeſ.Mar.d.l.*4. *c.*45 & 46.
16 *P.Fr.Joſeph d.l* 4 *c.*47.
17 *Reveląde S Brigid in ſerm. Angel.c* 16 & 17 *l.*1 *c.*10. *ant. med.* Semper erat lætitia in ea mixta cum dolore.
18 *Viguerius, inſt.c.*14. §.3. *v.*2 *Bernard.de Buſt. ſerm. de compaſſ. Mar. Revelat.S.Birgit.in ſerm. Angel.c.*18.
19 *P.Fr.Joſeph ſup.c.*46 *n.*2.
20 *P.Suar.tom.*2. *q.*37. *art* 4. *diſp* 21. *ſect.*4.
21 *D.Ambroſ de juſt.Virg.c.*7. *in princip. Metaphraſt orat.de ortu, & dormit. Virg. Revel S Birgit.l.*1. *c.*10 & 27.
22 *D Bonavent.l* 1. *ſent.diſt.*48. *q.ult.*
23 *Ludov.Bloſio, na Explicaçaõ da Payxaõ c.*6. *no princip.*
24 *Joan.*19 25.
25 *Explicat Carth gen. d.l.*12. *hom.*7 9. & 10.
26 *D.Bernard. Serm. de B.V. Signum magnum, in princip.* Congruum magis ut adeſſet noſtræ reparationi ſexus uterque, quorum corruptioni neuter defuiſſet.
27 *Diſſemes na* 1. *p c.*1 *n.*2.
28 *Supra c* 24 *n.*4.
29 *Vide p.*1 *c* 5. *n.*1.
30 *Supra c* 46 *n.*3.
31 *Vide p.*1. *c.*5. *n* 10.
32 *Matth.*27.45. *Marc.*15.

à nona, que saõ tres da tarde por nossa conta, fomos naquelle primeyro pay sentenciados à morte; 33 & nessa hora morreo o *Redemptor* para nos dar vida; 34 finalmente quando logo depois da sentença, foy lançado Adam do Paraiso terrestre, & posto hum Anjo à porta para impedir a entrada, que foy à mesma hora da nona, 35 então descendo ao Seyo de Abraham, abrira *Christo* as portas delle, 36 para que os Santos Padres, q̃ alli estavão encerrados, sahissem a entrar no Paraiso celestial, que fazia patente. E para que houvesse mayor consonancia, assim como *Eva* esteve ao pè da arvore regalando a vista na fermosura do seu fruto, 37 estivesse a *Virgem* ao pè da Cruz, 38 doendo-se de ver nella taõ desfigurado o fruto de seu ventre: como Adam peccou pela mulher, que sahira de seu lado; 39 *Christo* remio o peccado assistindo ao seu lado outra mulher: como Adam lançando a culpa a *Eva* lhe chamou *Mulher*, tirandolhe ô doce nome de *Esposa*; 40 assim *Christo* na Cruz chamou à Virgem *Mulher*, 41 callando o nome doce de *Mãy*. Cumprio-se o que Deos tinha dito à serpente quando enganou *Eva*: que a *Mulher* lhe pizaria a cabeça; 42 pois havendo *Eva* colhido o fruto da arvore para nos matar, 43 a *Virgem* na arvore da *Cruz* nos deu o fruto de seu ventre para nos dar vida: & havendo *Eva* culpada pegado a doença ao marido, 44 que nos inficionou; a *Virgem* innocente participou das chagas com que sarámos: 45 como a quèda se originou de *Eva*, 46 a reparaçaõ começou de *Maria*. 47

9 Por isso dizem os Doutores, que a *Senhora* cooperou com seu Filho em nossa redempçaõ, & mereceo de *congruo* a saude do Mundo, que *Christo* Senhor nosso mereceo de *condigno*. 48 Neste sentido lhe chamou Santo Agostinho, *Author a de nosso merecimento*; 49 Santo Irineo, *Causa da saude do genero humano*; 50 Santo Anselmo, *Reparadora de todas as creaturas*; 51 Saõ Pedro Chrysologo diz, 52 *Que os Anjos se admiraõ de que os homens houvessem merecido por huma mulher a vida eterna*; 53 Saõ Pedro Damiaõ, *Que por ella, com ella, & nella se fez tudo de maneyra, que assim como nada se fez sem ella*, 54 *assim nada se refez sem ella*. 55 Accrescenta o veneravel P. Fr. Joseph de Jesus Maria, que ainda que a Payxaõ de *Christo* era bastantissima para remir muytos Mundos, convinha a assistencia da *Virgem*, para que por sua compayxaõ alcançasse o fruto aos que por si desmerecessem alcançallo; & como o *Filho* aplacava ao *Padre*, & nos alcançava perdão: a *Mãy* como advogada em nome de todo o Mundo, com sua dor se mostrasse agradecida, & escusasse a ingratidão com que os homens tratavaõ o *Redemptor*. 56

10 Por estas, & outras razoens *Christo* Senhor nosso representandonos a todos em João, declarou a *Virgem* por *Mãy* nossa; 57 & o Evangelista Saõ Lucas chamou a Christo seu *Primogenito*; 58 porque (como explica Santo Alberto Magno)

33 *Luc.*23.44. *Vide* 1.p.c.7.n.1.& c.12 n.1.
34 *Matth.*27 46. *Marc.*15.34. *Luc.*13 44.
35 *Vide* 1.p.c.12 n.1.
36 *Psalm.*106.*vers* 16. *Symbol. Apostolor.*
37 *Gen* 3.6.
38 *Joan.*19.25.
39 *Gen.*2.22.
40 *Gen.*3.12.
41 *Joan d.c.*19.26.
42 *Gen.*3.15.
43 *Gen.supr.*6.
44 *Gen.sup.*
45 *Isai.*53.5.
46 *Ecclesiast.c* 25.33.
47 *D.Aug serm.*35 *de Sanct.*
48 *De hoc latè* P. *Fr. Joseph de Jesus Mar. hist.Virg.l* 1.c.17 *à n.*2. *& l* 3.c.37.*n.*1.*Carthagen de arcan. D.ip.p.*1.*l.*1 *hom* 3 *& l.*12.*hom.*11.
49 *D Aug supr.*
50 *D Irineus l contra haref.* 133.
51 *D Anselm de excel. Virg.c.*11.
52 *D Petr.Chrysol. serm* 142.
53 *Rupert.apud P.Benedict.Fernand.in Genes.c.*1. *sect.*2.*n.*7.
54 *Joan c.*3.
55 *D Petr Damian apud Benedict.Ferdin.supr.* Per ipsam, cum ipsa, & in ipsa totum hoc faciendum decernitur: ut sicut sine ipso nihil factum est, ita sine illa nihil refectũ sit.
56 *P.Fr.Joseph sup.l.*4.*c.*43 *n.* 1.*& c.*45 *n* 5 *ad fin.*
57 *Joan.*19 26.Mulier, ecce filius tuus.
58 *Luc.*2.7. Peperit filium suum primogenitum.

no) 59 depois teve a *Senhora* por filho eſpiritual o genero humano, cujo corpo myſtico (accreſcentão Ubertino, & Richelio) 60 trouxe ſingularmente em ſuas entranhas, & o pario para a graça com grandes dores do ſeu coraçaõ. Tanto devemos à *Virgem*; foy verdadeyramente *Eva* ao contrario, como o ſignificou o *Ave*, com que a ſaudou Gabriel. 61

59 *Albert. Magn. ſup. Miſſus eſt, c.184.*

60 *Ubertin. apud Ri. bel. de laud. Virg. l.4. art.16.*

61 *Luc.1.28.*

CAPITULO XLIX.

Harmonia da Cruz *ſagrada, & da* Virgem *Santiſſima, na Payxaõ de* Chriſto, *& noſſa redempçaõ. Trata-ſe das fórmas que houve de Cruzes: qual era a em que o* Senhor *padeceo: o modo & circunſtancias com que os antigos crucificavaõ: (accommodando-ſe tudo ao que ſe uſou com o meſmo* Senhor) *& as excellencias do ſinal da Cruz.*

1 GRande harmonia fizeraõ na Payxaõ de *Chriſto* a *Cruz* ſagrada, & a *Virgem* Santiſſima, como inſtrumentos da redempçaõ; 1 ambos eſcolhidos ab æterno por Deos: a *Virgem* para della naſcer, a *Cruz* para morrer nella: nos braços da *Virgem* ſe entregou ao Mundo; nos da *Cruz* quiz ſahir delle: ambas foraõ altares ſacroſantos; na *Virgem* ſe conſagrou cordeyro, na *Cruz* foy ſacrificado: ambas officinas celeſtiaes; em huma ſe amaſſou o pão da vida, em outra ſe cozeo: de hũa ſe cortou o cacho, em outra ſe eſpremeo para ſaude das gẽtes. Pela *Cruz* ſe fizerão amaveis os trabalhos de antes aborrecidos pela *Virgem* ſe fez eſtimada a Virgindade atè então deſprezada. Ao ſinal da *Cruz* ſe eſpantão os demonios, & tambem à invocação da *Virgem*. A *Cruz* de ignominioſa ſe fez adorada: a *Virgem* da mais profunda humildade ſubio à mayor grandeza. A *Virgem* he porta: 2 a *Cruz* chave do Paraiſo. 3 Ambas arvores, cujo fruto nos ſarou do veneno do pomo antigo; em ambas eſtá o bem dos peccadores, como diſſe David: *Voſſa vara, & voſſo baculo me conſoláraõ*; 4 ſignificando *a Virgem* na vara, ſegundo Iſaías; 5 & a *Cruz* no baculo, como lhe chamàrão os dous Jooens, Damaſceno, & Chryſoſtomo. 6

1 P. *Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. da Virg. l.4. c.III. n.4.*

2 He a Cruz mar de excellencias, a que naõ pòdem ſondar os mayores juizos; 7 tem a de haver padecido nella com *Chriſto a Virgem Mãy*, & ſua reſignaçaõ em Deos lhe haver entregue voluntariamente o que mais amava. 8 Neſciamente dizião os Judeos ao *Senhor*, que deſceſſe della, ſe queria que o tiveſſem por Filho de Deos; 9 pois antes era elle o throno, que o fazia mais conhecido. Aos antigos Egypcios (como em profecia) era a *Cruz* jeroglyfico da eſperança; ſaude, & vida; 10 & a eſculpião no peyto do ſeu Deos Seraphis, tendo-a em grande veneração. 11 Pelo que lhe devemos mais, que por curioſidade, ſerà bem dar huma ſummaria noticia deſta materia.

2 Janua Cæli.

3 *D. Damaſcen. l.4.* Crux Chriſti clavis eſt Paradiſi.

4 *Pſalm 22. v.4.* Virga tua, & baculus tuus ipſa me conſolata ſunt. *Ita D. Petr. Damian ſerm. de Aſſũpt.*

5 *Iſai. 11.1.*

6 *D. Damaſcen.* Hæc infirmotum baculus. *D Chryſoſt apud Caſſiodor. ſuper illud Pſalm. 4.* Signatũ eſt ſuper nos: Crux claudotum baculus.

7 *D. Aug. ſerm. de Paraſceve. D. Chryſoſt. in demonſtrat. adverſ. gentil. quòd Chriſtus ſit Deus, poſt med. tom. 5.*

8 *Reveleç. de S Brigid l. 1. c. 20.*

9 *Matth. 27. 40 Marc. 15. 30.*

10 *Ruſin l. 11. hiſt. Eccleſ. c. 29. Petr. Crinit. l 7. de honeſt diſcipl. Marſil. Ficin l de triplic. vit.*

11 *Pedro Mexia. na Sylv. de var. liç l 1. c 3 Sozom hiſt Eccl. l 7. c. 15.*

3 O nome *Cruz*, tomado largamente, significa todo o genero de trabalhos; 12 assim o tomou *Christo* Senhor nosso, quando disse, que o devemos seguir com a nossa *Cruz*. 13 Em significaçaõ apertada, só diz aquelle instrumento, em que se castigavaõ os delinquentes; a que alguns antigos chamáraõ tambem *Gabalum*, ou *Gabulum*. 14

4 Foy de maneyras, & fórmas differentes. Huma de hum só páo direyto sem braços, que algumas vezes substituhiaõ arvores com rama, ou sem ella, 15 na qual ou atavao, 16 ou espetavaõ 17 os condenados. Outra de dous páos tambem direytos, & iguaes, que obliquavaõ na fórma da letra X; 18 & alguns lhe chamàraõ *Patibulo*; 19 na qual às quatro partes se atavão os braços, & pernas, como por tradição temos que se fez ao Apostolo Santo Andrè, posto que alguns cuydem que padeceo em lenho direyto de oliveyra. 20 Outra de hum pào direyto com outro mais curto atravessado em todo sima, fazendo só tres angulos, na fórma da letra T. 21 outra (a nòs mais conhecida) em que o pào mais curto não atravessa por todo sima, mas cortando o principal, o deyxa hum pouco mais alto, formando quatro fins, ou angulos. Nestas duas se estendiaõ os braços aos dous lados, & as pernas ao bayxo do madeyro, como vemos as santas Imagens do *Senhor* crucificado; ou pregando com cravos, 22 como foy o *Senhor*, ou atando com cordas, como se pintaõ os dous ladroens juntamente crucificados; se bem parece mais certo que tambem foraõ encravados, pois quádo Santa Helena achou as tres cruzes, & o titulo da de *Christo* apartado, forão necessarios milagres para esta se conhecer; 23 & se escusariaõ, se todas não tiverão sinaes dos cravos.

5 Graves Authores 24 disputàrão qual das duas ultimas fórmas tinha a *Cruz*, em que fomos remidos. Paulino Nolano escreveo: *Christo naõ com multidão, nem com força de legioens, mas jà entaõ no Sacramento da Cruz, cuja figura se exprime pela letra Grega T, em numero de trezentos, destruhio os Principes contrarios.* 25 A *Virgem* na narração que jà referimos, a S. Brigida disse: *Era a Cruz forte, & os braços della estavaõ no alto do principal madeyro*: & mais abayxo: *E a taboa do titulo estava pregada no mais alto da Cruz, sobre os dous braços*; 26 concordando com o Evangelista Saõ Mattheos, que diz que os Judeos puzerão a taboa daquelle tiulo *Sobre a sua cabeça*; 27 quasi dizendo, *Immediatamente*. Diz mais a mesma narração da Senhora: *Para esta cabeça taõ atormentada naõ havia na Cruz reclinatorio algum*, 28 como o *Senhor* tinha dito. *O Filho do homem naõ tem onde recline a cabeça*; 29 que parece mostrar que sobre os braços da *Cruz* não havia cousa em que a cabeça se encostasse; & assim vemos Imagens antigas de Santo Antaõ Eremita terem na mão a *Cruz* triangular na fórma de T. Porèm a tradição da Igreja, que he mais certa, 30 seguida dos mais authorizados Escritores, 31 ensina que era quadrangular, de quatro pontas, ou fins con-

12 *Just. Lypsi. de Cruce l. 1. c. 2.*
13 *Matth. 10. 38 & 16 24. Marc. 8. 34. Luc. 9. 23. & 14. 27. D. Chrys. hom. 13. in princ. in Paul. ad Philip. 3 tom. 4.*
14 *Lypsius sup.*
15 *Tertullian. Apolog. c 8. & 16.*
16 *Como se fez a S. Pasuncio, Martyrol. die 24 Septemb.*
17 *Senec de consolat. ad Marcian. c. 10. Alii per obscœna stipitem egerunt: & epist 14. in princ.*
18 *D. Isidor l. 1. orig. c. 3.*
19 *Lypsius d. c. 7. in princ.*
20 *Lypsius. c. 7. in fin.*
21 *Tertullian. 3. adversus Marcion. D. Isidor. de vocat. gent. D. Hier. in Ezechiel. c. 9.*
22 *Senec. de vit. beat. c. 19.*
23 *Nicephor. hist. Eccles. l. 8. c. 29. Sozomen & Theodoret in hist. Tripart. l 2. c. 18 Vilbegas, Fios Sanct. fest. da Invençaõ da Cruz.*
24 *Refert Just Lypsius sup. d. l. 1. c. 10. in princip.*
25 *Paulin. Nol. epist. ad Sen. vpud Lypsius. d. l. 1 c. 8.*
26 *Supr. c. 47. n. 4. vers* Daqui passa, *& vers.* Chegando, *junto ao fim.*
27 *Matth 27 37.* Et imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam.
28 *Supra d. c. 47 n. 4. d vers.* Chegando, *junto do fim.*
29 *Matth. 8. 20. & Luc. 9 58.* Filius autem hominis non habet ubi caput reclinet.
30 *Chrysost hom. 4 ad med ad Ep. D. Paul. 2. ad Thessalon.* Traditio est, nihil quæras amplius.
31 *D. Damascen. de orthod. l. 4. c. 12.*
D. Aug. in Psal 103. & in Marc. 11. Sedul. poet. l. 3. & alii ferè omnes.

correſpondentes ás quatro partes do Mundo que alli ſe remia, & em confirmaçaõ diſto ſe applica; & entende da *Cruz* hum lugar de Saõ Paulo. 32 Deſta fórma appareceo no Ceo ao Emperador Conſtantino Magno, que na meſma fórma em que lhe appareceo a poz em ſuas bandeyras, em columnas, & em outras partes; 33 a ElRey Dom Afonſo III. de Caſtella, & VIII. a reſpeyto dos de Leaõ na batalha das Navas; 34 a D. Garcia Ximenes primeyro Rey de Navarro; & com a meſma fórma ſe contaõ os milagres ſuccedidos a ElRey Dom Pelayo, a Dom Affonſo o Caſto, & aos primeyros Reys de Aragaõ; 35 na meſma finalmente appareceo o *Senhor* crucificado a noſſo primeyro Rey Dom Affonſo Henriques, 36 & apparecem muytas cada anno no dia da Invençaõ da Cruz com eſtupendo; & myſterioſo milagre, que a continuaçaõ nos tem feyto familiar, como debuxadas com terra preta no celebre campo junto da Villa de Barcellos, Provincia de Entre Douro, & Minho. Nem do Texto Evangelico, & narraçaõ da *Virgem* que referimos, ſe convence o contrario; porque todas aquellas palavras ſe verificaõ ſendo breve o eminente ſobre os braços; & dizer que o titulo ſe puzera ſobre a cabeça, foy moſtrar que naõ ſe puſera em outro lugar mais abayxo, como algumas vezes ſe coſtumava pòr. Antes a meſma narraçaõ da *Senhora* 37 prova eſta parte, dizendo: *A junta dos dous pàos fazia hum nò que feria no meyo das coſtas*; ſe eſtivera no mais alto, naõ ficàra nas coſtas, mas no peſcoço.

6 Levavaõ os condenados a *Cruz* ás coſtas ao lugar do ſupplicio. 38 Aſſim a levou *Chriſto*, 39 figurado em Iſaac levando a lenha para ſer ſacrificado, 40 & profetizado por Iſaías. 41

7 Antes de os crucificarem os deſpiaõ; ao que alludio Artemidoro quando galantemente diſſe: *Ao pobre he bom ſer crucificado, porque o levantaõ: ao rico he màu, porque o deſpem.* 42 Aſſim deſpiraõ os algozes ao *Senhor*, como ſe prova dos Evangeliſtas, 43 & a *Senhora* o referio a Santa Brigida. 44

8 Huns dizem que os pregavaõ na *Cruz* antes de os levantarem, como ſe fez a Pionio martyr: 45 outros que depois de levantada; 46 & que aſſim foy pregado Chriſto noſſo Senhor; 47 porèm a *Virgem* referio a Santa Brigida, que o pregàraõ eſtando a *Cruz* em terra. 48

9 Os prègos (ſe os naõ atavaõ com cordas) eraõ ordinariamente, ou tres, ou quatro, com que pregavaõ pès, & mãos, 49 poſto que talvez a crueldade uſava demais, como uſou com Agricola Martyr, 50 pregando tambem a cabeça, como ao Martyr Philomeno. 51 Huns entendem que a *Chriſto* Senhor noſſo pregàraõ os Judeos com tres, ſendo mayor o com que lhe pregàraõ juntos ambos os pès ſagrados; 52 outros que com quatro, ſeparados os pès; 53 & eſta opiniaõ ſe faz certa com a relaçaõ da *Virgem* a Santa Brigida, que jà allegamos. 54

Dizem

32 *D. Paul. ad Epheſ. 3. 18.*

33 *Sozomen l. 1. c. 4. hiſt. Tripart. Euſeb. l. 9. c. 9 Nicephor. l. 7. c. 29.*

34 *Marian. hiſt. Hiſpan. l. 11. c. 24. ad fin.*

35 *Madera nas Excell. da Monarch. de Heſpanha c. 6. §. 5. no fim.*

36 *Diſſemos nas Excel. de Portugal c. 5. Excel. 4 à n. 1.*

37 *Sup. d. c. 47. n. 4. verſ.* de aqui, *junto do fim.*

38 *Artemidor l. 2 c. 41. Plutarch. de ſera numinis vindicta.*

39 *Joan. 19. 17.*

40 *Gen. 22. 6 Tertull. adverſ. Iud. c. 10.*

41 *Iſai 9. 6. Explicat Tertul. ſup.*

42 *Artemidor. l. 2. c 58.*

43 *Marc. 15. 24 Luc. 23. 34. Matth. 27. 35. Joan. 19. 23*

44 *Supr. d. c. 47 n. 4. verſ.* chegando, *in princip.*

45 *Lypſ. ſup l 2. c. 7. poſt princ.*

46 *Eid. el l. 1. c 6. 11.*

47 *Nonus Poem. de Chriſto. Nazianzen. in Traged de Chriſt. patrent.*

48 *Supr d. c. 47. n 4. d. verſ.* chegando, *poſt princ.*

49 *Plaut. in Mortellan.* Ut affigantur bis pedes, bis brachia.

51 *Martyrolog 29. Novemb.*

52 *Nonus, & Nazianzen ſup.*

53 *Gregor. Turon. de glor. Martyr. c. 6. D. Cyprian. ſerm de Paſſione.*

54 *Sup. d c. 47. n. 4. verſ.* chegando.

Dizem muytos que para ſuſtentar o pezo do corpo, q̃ as mãos raſgandoſe naõ poderiaõ ſoſter, ſe pregou na Cruz hum pequeno lenho, ou taboa em que os pès de Chriſto ſe firmavaõ; 55 mas diſto nem ha baſtante prova, nem lemos que nos antigos ſe uſaſſe.

55 *Greg.Turon.ſup.*

10 Era ceremonioſa ordem pregar primeyro a maõ direita, depois a eſquerda, depois os pès; como no dialogo de Luciano ſe finge que fez Mercurio crucificando a Prometheo. 56. Atè iſto ſe obſervou com *Chriſto*, como vimos na dita relaçaõ da *Senhora*.

56 *Lucian.in dial.*

11 Ou voz de pregoeyro, que hia diante do condenado: 57 ou inſcripçaõ em taboa chamada *Titulo*, pregada em alguma parte da *Cruz*, expunha a cauſa daquella pena. 58 Aſſim a puzeraõ no alto da *Cruz* de *Chriſto*. 59

12 A cauſa, ou crime devia ſer, fugir para os inimigos, 60 latrocinio, 61 falſidade; 62 homicidio de ſicariato, 63 ſediçaõ, & affectaçaõ do Reyno. 64 Deſta foy o *Senhor* accuſado, & Pilatos pela ley Romana tomou eſte pretexto, pondo no titulo por cauſa, *Jeſus Nazarenus Rex Judeorum*, com myſterioſa equivocaçaõ, pois o chamava Rey com verdade: o que os Judeos quizeraõ atalhar pedindo a emenda, que elle naõ quiz fazer. 66 Outros delitos haveria, a que eſtaria impoſta pena de *Cruz*, mas naõ nos occorrem provas; tambem ſabemos que ſem cauſas legitimas a praticàraõ muytos tyrannos; 67 ſó referiremos as das leys.

57 *Lypſ.d.l.2.c.11.in fine.*
58 *Sueton.in Domitian.c.10. Quintilian declam. 02. Dion.l.54. Val. Max.l.9 c 12.d 6.in Cornel.*
59 *Matth 27 37. Marc 15 26. Luc.23 38 Joan.19 19.*
60 *Cicero orat. pro Deiotar. Valerio l.2.c.7. .9.in l.Calphurn.*
61 *Senec.Epiſt.7.junto Lypſ.d.l.1. c.13. Apuleius l.3.de Aſino aur.*
62 *Firmianus l.6.*
63 *Paul.Jureconſult.l.5 c.23.*
64 *Paul.Jureconſult.ſent.d.l.5. tit. 23.*
65 *Matth.27.11. Marc. 15.2. Luc. 23.à princ. Joan.18 25.*
66 *Joan.19.11 & 22.*
67 *Joſeph de antiq l. 13. c.22. & l.18.c.4. & de bel. Iud. l. 2.c.3. Oroſius l 6.c 18. Martyrol.die 12. Februar. 22.Matth. 22. Jun. ac paſſim.*

13 Deyxavaõ na *Cruz* os crucificados atè morrèrem eſgotados de ſangue, ou de fome, ou comidos das aves, & feras, ou cães que lhes podiaõ chegar, 68 talvez os alanceavaõ, 69 & quebravaõ as pernas, ſe tardavaõ em morrer; mas iſto coſtumavaõ particularmente os Judeos; 70 & depois de mortos os naõ tiravaõ da *Cruz*, mas nella ſe corrompiaõ, & myrrhavaõ os corpos à inclemencia dos tempos. 71 A *Chriſto* Senhor noſſo naõ quebráraõ as pernas, como aos ladroens crucificados com elle, porque o achàraõ jà morto; 72 & porque ſe cumpriſſe o que Deos tinha mandado na Cea do Cordeyro, figura ſua, que lhe naõ quebraſſem oſſo, 73 mais ainda lhe dèraõ huma lançada, 74 porque naõ faltaſſe crueldade alguma, & ſe cumpriſſe outra profecia. 75 Por naõ ficar na *Cruz* na grande ſolemnidade do dia ſeguinte, em que, por ſer Sabbado, ſe celebrava aquelle anno a Paſcoa, o tiràraõ della; 76 porém foy neceſſario que Pilatos concedeſſe por favor ao pio Varaõ Joſeph ab Arimathea poderlhe dar ſepultura; 77 favor que ſe coſtumava conceder no dia do naſcimento de algum Principe, ou outra feſta muyto ſolemne. 78

68 *Horat l.1 Ep.16. Apuleius ſup. l 6.in fine Euſeb.l.8.c 8.*
69 *Martyrol.die 18 Jun.*
70 *Iohnuat Lactan.l.4. c.29. ibi: Sicut eorum mos ferebat.*
71 *Valer.Max.l 6.c.9. in extern. n.5.de Policrate.*
72 *Joan.10.23.*
73 *Exod.12 46.& Num.9.12.*
74 *Joan. ſup.34.*
75 *Zach 12.10.*
76 *Joan.ſup.31.*
77 *Matth.27.57 Marc.15.43. Luc 23.50.Joan 19.38.*
78 *Philo contra Flaccum.*

14 Punhaõ guardas para que ninguem tiraſſe o corpo da *Cruz*. 79 Aſſim a puzeraõ a *Chriſto*; & o Capitaõ, & Soldados della foraõ os que confeſſáraõ ſer Filho de Deos, vendo os prodigios que ſuccedèraõ quando eſpirou; 80 poſto que hum delles

79 *Petron.in ſatyr. Plutarch. in Cleomen.*
80 *Matth.27.54 Marc. 15.39. Luc.23 8 Vide infra c.60. n.4.*

les, para mysterios de noſſa Fè deu a lançada; 81 & eſta era a guarda que Pilatos diſſe aos Judeos que tinhaõ, & de que podiaõ diſpor, quando lha pediraõ para guardar o ſepulchro. 82

15 Precedia ſempre antes de crucificar, açoutar os condenados; 83 naõ com varas, (que era caſtigo mais honeſto 84) mas com flagello de couros, caſtigo de eſcravos, 85 crueliſſimo, 86 & horrivel, 87 & muytas vezes com oſſinhos atados nelles, que feriaõ 88 mais que as que chamam os *Roſetas*; chamavaõlhes em Latim *Flagella taxillata*. Eſte caſtigo ſe dava, ou pelo caminho, hindo para a *Cruz*, ou antes de ſahirem, atando os algumas vezes a huma columna. 89 E aſſim o Evangeliſta S. Matthéos eſcreve, que Pilatos entregou *Jeſus açoutado* (como antecedente ordinario) *para ſer crucificado*; & tambem imaginou (como entende Santo Agoſtinho) que a rayva dos Judeos ſe ſatisfizeſſe com aquelle caſtigo taõ cruel. 90 A frase *Flagellatum*, porque falla, diz que foy com flagello; & a *Virgem* referio a Santa Brigida 91 que era dos ditos taxillados; & que eſteve o *Senhor* atado à columna; a qual Saõ Jeronymo 92 diz que perſiſtia em ſeu tempo enſanguentada no portico do Templo. O Veneravel Beda eſcreve 93 que quando eſte vivia, eſtava no meyo do Templo: & Gregorio Turonenſe, 94 que por ella obrava Deos grandes milagres.

16 Diſſeraõ Eſcritores, que a *Cruz* de *Chriſto* foy compoſta de tres, ou quatro generos de arvores: cedro, palma, acipreſte, & oliveyra. O douto Juſto Lypſio 95 entende que o diſſeraõ com mayor curioſidade, que certeza; & que foy de carvalho, porque delle parece a parte que hoje ſe vè daquelle ſagrado lenho: & delle ha, & houve ſempre muyto em Judéa: & para iſto he forte, & accommodado.

17 Deyxadas por miudas, & muyto largas, outras particularidades neſta materia, a concluimos com dizer, q̃ o caſtigo de *Cruz* foy antiquiſſimo entre todas as naçoens politicas; 96 & entre todas era viliſſimo, & proprio de eſcravos. 97 Por iſſo o Apoſtolo por encarecimento diſſe que *Chriſto Jeſus* ſe humilhára, naõ ſó atè morte, mas a morte de *Cruz*. 98 Porèm depois que o *Senhor* dos *Senhores* innocentiſſimo, a levou a ſeus hombros, & padeceo nella, & com elle ſua *Mãy* Santiſſima, ficou a inſignia mais honrada com q̃ os Principes pondo-a ſobre ſuas coroas, adornaõ a cabeça, & os grandes o peyto nos habitos que ſe fórmaõ à ſua ſemelhança; o final mais glorioſo com que ſe abençoa, & ſe deprecaõ felicidades; o trofeo com que ſe illuſtraõ as praças; & outros lugares publicos; imagem de que os demonios fogem; medicina para o corpo, & eſpirito; objecto de mayor reverencia, compendio das mayores excellencias, deſtruiçaõ de todos os males, conciliaçaõ de todos os bens. 99 O Emperador Conſtantino Magno prohibio por ley ſer algum condenado á *Cruz*; 100 (naõ era bem que o final da vida foſſe inſtrumento da morte.) Mandou que ſe imprimiſſe, & pu-

81 *Ioan. 19. 34.*

82 *Matth. 27.* Habetis cuſtodiam.

83 *Q. Curt. de reb. Alex. l. 8 Plinio ſup.*

84 *Cicer. pro Rabir. Textus in L. In ſervorũ 10 in princ. ff. de pœn.*

85 *Terentius in Adelph. d. l. In ſervorum ff de pœn.*

86 *Textus in L. Aut damnum ff. tit de pœn. in verſ. beſtet.*

87 *Horatius l. 1. ſerm. 3.* Horribili ſectere flagello.

88 *Athæneus l. 4. Apuleius ſup. l. 8.*

89 *Cum Artemidoro, & aliis Lypſ. ſupr. l. 2. c. 4.*

90 *Matth. 27. 26.* Jeſum autem flagelatum tradidit eis ut crucifigeretur.

91 *Vide ſupr. c. 47. n. 4 poſt princ.*

92 *D. Hier. Ep. ad Euſtoch.*

93 *Beda de glor. Martyr. c. 18.*

94 *Gregor Turon. l. 3 c. 3.*

95 *Iuſt. Lypſ. de Cruce l. 3. c. 13. poſt princ.*

96 *Largamente o moſtra Lypſ. ſup. l. 1. c. 11.*

97 *Perſon ſatyr. 6. in Satyrico, Capitolin. in Macrino. Horat. l. 1. ſerm. 3.*

98 *D. Paul ad Philip 2. 8.* Uſque ad mortem, mortem autem Crucis.

99 *Latè D. Chryſoſt. in demonſtrat. adverſ Gentil. quòd Chriſt. ſit Deus, ad med tom. 5. D. Damaſcen. l. 4. de orig. fid. Non contemnenda devotio Albani. Ramires de la Trapera, qui de laudib. Crucis librum compoſuit Caſtellano metro*, Quintillas *nuncupato.*

100 *Victor. in Conſtantin. Hiſtor. Tripart. l. 1. c. 9. poſt med. Nicephor. hiſt. Eccl. l. 7. c. 40. ad fine.*

& puzeſſe a *Cruz* nas armas, nas bandeyras, & ſe levaſſe nos exercitos guarnecida de ouro, & pedras precioſas nas pontas de lanças; 101 & ſenaõ levaſſem imagens de ouro dos Emperadores, como ſe uſava; 102 que ſe puzeſſe ſobre o diadema Imperial; & na marca das moedas mais eſtimadas; 103 & ſe mandou levantar huma eſtatua com ella na maõ. 104 O Emperador Juſtiniano poz a ſua imagem ſobre huma colũna a cavallo, tendo na maõ eſquerda hum globo com huma *Cruz* em ſima: ſignificando, que pela Fé na *Cruz*, domina o mundo entendido no globo; 105 & dalli ſe introduzio pintarem-ſe os Principes com ſemelhantes globos na maõ. Joaõ Curopalates no livro dos officios do Paço de Conſtantinopla refere, que nos autos publicos levavaõ ſempre os Emperadores hũa Cruz na maõ direyta. 106 Theodoſio, & Valentiniano fizeraõ ley, que a ninguem foſſe licito eſculpir, ou pintar a *Cruz* em marmore, ou em outra couſa, que eſtiveſſe no chaõ, em que ſe pudeſſe pizar; antes quem aſſim a achaſſe, a tiraſſe logo, ſob pena *Graviſſima*, que a gloſa explica ſer de morte. 107 Finalmente, a exemplo de Saõ Paulo, 108 ſó na *Cruz* de *Jeſu Chriſto* nos devemos gloriar, crucificando nella o Mundo para nôs, & a nòs para o Mundo.

18 Como a ſagrada *Cruz* foy achada, 109 & depois conſervada, 110 referem os Eſcritores allegados na margem; & he fóra do noſſo aſſumpto, como tambem os innumeraveis milagres, que por eſte ſacroſanto final ſe tem viſto. Referircy ſómente com Nicephoro, 111 que vendo o Emperador Mauricio huns Turcos mandados a Conſtantinopla por Choſroas Rey da Perſia, marcados na teſta com o final da Cruz feyto cõ tinta, lhes perguntou porque ſe ſinalavaõ com o que naõ veneravaõ A que reſpondèraõ: Que havendo muytos annos antes em Perſia, & ſua patria peſte graviſſima; huns Chriſtãos enſináraõ contra ella aquelle remedio; que uſado dava ſaude a todos, & por eſta cauſa o traziaõ.

101 *Euſeb. de vit. Conſtantin. l.2.c.25.*
102 *Idem Euſeb. ſup. l 4.c.21.*
103 *Hiſt. Tripart. ut ſup.*
104 *Euſeb. ſup. d.l.1.c.33.*
105 *Suidas in Juſtinian.*
106 *Ioan. Curopalat. lib. de offic. aule Conſtant.*
107 *L. unic. C. nemin. liter. ſignũ ſalvator. cum gloſſ. ibi, verb. graviſſimã.*
108 *D. Paul. ad Gal. c. 6. 14.*
109 *Nicephor. hiſt. Eccl. l. 8. c. 29. Hiſt. Tripart. t. 2. c. 18. Ruſin. hiſt. Eccl. l. 10. c. 7. Vilhegas Flos Sanct. feſt. da Invẽç. da Cruz aonde allega outros.*
110 *Metaphraſt in vit. S. Anaſt. Martyrolog. Roman. Vil egas ſup. feſt. da Exaltaçaõ da Cruz.*
111 *Nicephor. l. 18. c. 20. ad fin.*

CAPITULO L.

Qualidades vís, & mortes deſeſtradas de Annàs, Caifás, Judas, Herodes, & Pilatos, culpados principaes na morte de Chriſto.

1 COm elegancia muyto ſua diſſe Tertulliano, que a perſeguiçaõ de Nero acreditava aos Martyres, pois quem o conheia, ficava entendendo que era grande bem o que elle condenava. 1 E a eloquencia de Chryſoſtomo proſeguio, que a miſeria do perſecutor era gloria do Martyrio. 2 Vejamos quem foraõ, & que fim tiveraõ os principaes Authores da Payxaõ de *Chriſto*.

1 *Tertul. in Apolog. c. 5.* Tolli dedicat redamnationis noſtræ etiam gloriamur, qui enim fecit illum, intelligere poteſt, non niſi grande aliquod bonum à Nerone damnatum.
2 *D. Chryſoſt. hom. 15. in fin. in decoll. Ioan. Bapt. ex var. in Matth. loc. tom.* 2 Satis auditor intelligit quanta ſit gloria martyrii, quando miſeriam perſecutoris audieris.

2 Annás

2 Annás, & Caifás, que tratáraõ a prizão, & morte do *Senhor*, eraõ homens que compráraõ por dinheyro aos miniſtros Romanos o Pontificado ſanto, que antes, pelas leys, & coſtumes, ſe conferia por eleyçaõ legitima; 3 & em fim tiveraõ miſeravelmente morte deſeſtrada, como diz Nicephoro, 4 poſto naõ declara de que ſorte.

3 Judas Iſcariotes (alguns dizem Calabrez) que o vendeo era homem vil, grande ladraõ, tinha morto ſeu pay, & eſtuprado a ſua máy; 5 com algum impulſo de emenda buſcou a companhia de *Chriſto*, que o recebeo, & honrou com o Apoſtolado, 6 porque vinha buſcar peccadores, 7 como eſtava profetizado; 8 mas eſte ſe quiz entorpecer mais nas culpas, continuando em furtar: 9 & ultimamente, havendo vendido o *Redemptor*, deſeſperado ſe enforcou. 10

4 Herodes, que deſprezou o *Senhor* quando Pilatos lho remetteo, 11 foy homicida dos pequenos; roubador dos nobres, deſtruidor dos aliados, 12 adultero inceſtuoſo cõ a mulher do irmão, de juizo taõ leve, q̃ por hum bayle prometteo com juramento ametade do ſeu Reyno, & deu a cabeça do grande Bautiſta, 13 q̃ valia mais que o Reyno todo, & que muytos Reynos. Pouco depois da Payxaõ do *Senhor*, 14 por accuſaçaõ de ſeu irmão Agrippa, o Emperador Cayo Caligula o privou do Reyno, & deſterrou para Leaõ de França, & a ſua mulher Herodias; 15 de França fugiraõ para Heſpanha, 16 huns dizem, q̃ elle morreo na Cidade de Lerida em Catalunha, 17 outros q̃ em Portugal, em hũ lugar chamado *Rhodio*, que entendem ſer a que hoje ſe chama *Villa velha de Rhodam*, junto do Tejo no Biſpado da Guarda; ou Villa da *Redinha* no Biſpado de Coimbra; 18 eſtes dizem que os Portuguezes o matàraõ torpe, & miſeravelmente: 19 os primeyros, que ſe fez tiſico de triſteza. 20 A filha, tambem Herodias do meſmo nome da mãy, que veyo com os pays, querendo paſſar a pè o rio *Sicoris*, chamado hoje; *Segre*, em Lerida, fiada em que por ſer inverno, eſtava muyto gelado, ſe ſubmergio nelle, ficandolhe ſó a cabeça ſobre o gelo, & forcejando com o corpo para ſe tirar, o meſmo gelo a degollou 21 com myſterioſo caſtigo de pedir a degollaçaõ do Bautiſta; & a mãy vendo a filha aſſim morta, morreo de ſentimento.

5 Pilatos era de taõ vil animo, que conhecendo a innocencia de *Chriſto*, o condenou por ſatisfazer aos accuſadores, & temendo deſagradar a Ceſar. 22 Teve infauſtos ſucceſſos em ſeu governo, 23 atè que com vituperio foy privado delle: 24 dizem alguns 25 que por accuſaçaõ que a Magdalena Santa lhe foy fazer em Roma da injuſta morte do *Senhor*. He commum entre os Eſcritores, 26 que o Emperador Cayo Caligula o deſterrou em perpetuo para Vienna, ou Leaõ de França, & dahi opprimido de calamidades, ſe matou por ſuas mãos. Suidas, Author Grego antiquiſſimo, & grave, refere ſua morte de outra maneyra com eſtas palavras traduzidas fielmente. 27

3 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l. 10. c. 29.*
4 *Nicephor. ſup. l. 2. c. 10. in fin.*
5 *P. Fr. Benedict. Fidelis in Theoremat. Moral de Lucbar. Sacr. Theorem. 3. ex verſ. Pſalm. 22. n. 1.*
6 *Matth. 10. 4. Marc. 3. 19. Luc. 6. 16.*
7 *Matth. 9. 13. Marc. 2. 17. Luc. 5. 31. & c. 15 à n. 2.*
8 *Oſee 6. 6.*
9 *Joan. 12. 6.*
10 *Matth. 27. 5. Act. 1. 18.*
11 *Luc. 23. 11.*
12 *Ita Conrad. Geſner. in Onomaſt. prop. nom. in verb. Herodes.*
13 *Matth. 14 à n. 3. Marc. 6. à n. 17 Luc. 3. 19.*
14 *P. Joaõ Buſſiert. in Floſcul hiſt. p. 2. c. 1. poſt princ. verſ. eodem anno.*
15 *Joſeph de antiq. l. 18. c. 9 Dexter in Chron. an. Chriſt. 34. Conrad. Geſner. ſup.*
16 *Ulr. Dextr. ſupr. Joſeph de bel Judaic. l. 2. c. 8. in fine.*
17 *Flav. Dexter. ſupr. & ejus Commentatores. Vilhegas no Flos Sanctor. da Degollaç. de S. Joaõ Bapt. antes do fim. Fr. Affonſo Maid na Chron. univerſ. tract. 6. Mariana hiſt. de Heſpanha lib. 4 c. 2. & outros muytos.*
18 *Fr Bernard. de Brito na Monarch. Luſit. p. 2. l. 3. c. 3. poſt med. cũ Laymundo l. 6.*
19 *Faria ep das hiſt. Port p. 2. c. 1. n. 50.*
Laymund. ſupr. Fœdè occiditur in Rhodio Luſitaniæ oppido.
20 *Cum illis eſt Author Floſcul. hiſt. p. 1. c. 10. poſt med. v. an. Chriſt. 31.*
21 *Ita Nicephor. Callixt. hiſt. Eccleſ. l. 1. c. 10. Concordat Flav. Dext. ſup. quidquid ibi dicat P. Bivar non bene intelligens dictionem, pſaltam, quæ non eſt verbum relatũ ad filiam ſaltatricem.*
22 *Matth. 27. Marc. 15. Luc. 23. Joan. 18. 19. & 12.*
23 *Joſeph de antiq. l. 18. c. 4. & 5. & de Bel. Jud. l. 2. c. 8.*
24 *Joſeph d. l. 18. c. 5. in fin.*
25 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l. 2. c. 10. ad fin.*
Alii apud Britum ſupr. Vide infra c. 63. n. 6.
26 *Euſeb. in Chron. & in hiſt. Eccleſ. l. 2. c. 7 Oroſ. l. 7. c. 4. & 5. Nicephor. ſupr. Multi apud Brit. ſupr. & apud Bivar in comment. ad Dext. an. Chr. n. 2. v. de morte Pilati; & apud Mexia Sylv. de var. lec. l. 2. c. 9. Horat. Scegl. Catacenſ. hiſt. à primord. Eccl. an. Chriſt. 36.*
27 *Suidas in Dictionar. Græco verbo, Nero, pag. mihi 220.*

Sendo Nero mancebo, aprendia Filoſofia, & ouvia o que ſe dizia de Chriſto, cuydando que ainda era vivo. Mas quando ſoubè de Judeos que fora crucificado, indignouſe, & mandou vir a ſua preſença prezos em ferros os Sacerdotes Annás, & Caifás, & o meſmo Pilatos, que então fora Prefeto da gente Judaica. Aſſentado no Senado ouvia o que delle ſe fizera. Annás, & Caifás dizião: Nòs o entregámos às leys; nem peccàmos em ſua condenação, nem ſomos Reos de leſa Mageſtade; porque o Pretor, que tinha o poder, fez o que quiz. Nero indignado mandou Pilatos ao carcere, & ſoltou a Annàs, & Caifás abſolutos. Florecia então aquelle Simaõ Mago, & diſputando Pedro, & Simaõ na preſença de Nero, foy trazido Pilatos do carcere: & eſtando eſtes tres diante do meſmo Nero, perguntou a Simaõ: Por ventura es tu aquelle Chriſto? Elle reſpondeo: Sim, eu ſou aquelle meſmo Chriſto: depois perguntou a Pedro: Tu por ventura es aquelle Chriſto? Pedro lhe reſpondeo: Naõ; eſtando eu preſente, o verdadeyro Chriſto ſubio ao Ceo. Perguntou Nero a Pilatos, qual delles era o que ſe chamava Chriſto? E elle reſpondeo: Nem hum, nem outro, porque Pedro foy ſeu Diſcipulo, & por tal mo delatàraõ, & o negou, dizendo: Naõ conheço eſte homem; pelo que o deyxey hir; deſte Simaõ naõ tenho conhecimento por modo algum, nem tem ſemelhança alguma com elle: porque eſte he Egypcio, & corpulento, & tem o cabello eſpeſſo, & he negro, totalmente differente da fórma do outro. Então o Emperador indignado contra Simaõ porque mentira, & diſſera que era Chriſto, & contra Pedro, porque negára ſeu Meſtre, os lançou fóra donde eſtava, & cortou a cabeça a Pilatos, porque matàra homem taõ grande ſem mandado Imperial.

6 O Cardeal Thomàs Jorgio 28 refere com differença, que o Emperador Tiberio Ceſar mandou apparecer Pilatos diante de ſi para o caſtigar pela morte de Chriſto, chegandolhe noticia de ſuas maravilhas, pòde ſer q̃ pela carta em que o meſmo Pilatos lhas relatou, como abayxo diremos; 29 & que levando Pilatos por debayxo de ſuas veſtiduras a veſte inconſutil do *Senhor*, que os algozes guardáraõ em ſua Payxaõ, 30 (pòde ſer que por reliquia, por jà ſe haver convertido, como tambem diremos) 31 em virtude della perdeo o Emperador a colera, & o recebeo agradavel; antes ſe levãtou, como por cortezia; & que iſto ſuccedeo por tres vezes, em que o tornou a chamar, atè que entrando ultimamente ſem aquella ſagrada defenſa, executou o Ceſar ſua determinaçaõ, mandando-o matar.

7 Taõ variamente ſe conta a morte daquelle máo Juiz, & elle merecia muytas differentes. Se he verdadeyra alguma deſtas ultimas relaçoens, morreo por onde peccou, pois incorreo na indignaçaõ do Ceſar por onde procurou evitalla. 32

8 Joaquim Vadiano 33 de nação Suiſſo eſcreve, que em Suiſſa, em hum plano ſobre certas montanhas, a que por rochas ſe ſóbe com difficuldade, ha hum lago chamado de Pilatos, aonde huma vez cada anno apparece ſua figura veſtida em rou-

pas

28 *Thom. Jorgius in Pſalm. 6. apud P. Fr. Joaõ da Mata, na ſua Quareſm. t. 6. Doming. 3. diſcurſ 4.*

29 *Infra c. 60. n. 7.*

30 *Joan. 19. 24.*

31 *D. c. 60. d. n 7.*

32 *Jean 19 12.*

33 *Joachim Vadian. in cõment. ad Pomp. Metam. Mexia na Sylv. de var. liç. l. 2 c. 9.*

pas largas,& quem a vè morre dentro de hum anno. E que ſe alguem de propoſito lança naquelle lago huma pedra, ou outra couſa, ſe altèra de modo, que afoga furioſamente grande parte daquella Comarca: o que não faz, ſe acaſo lhe cahe alguma couſa dentro. Pelo que ha pena de morte, que por vezes ſe executou contra quem lhe lançar qualquer couſa de propoſito.

9 Do nome do lago inferem alguns que Pilatos ſeria Suiſſo daquella parte. Outros 34 cuydaõ que era Francez de Leaõ; filho baſtardo de pay muyto nobre, & de filha de hum moleyro. Os Francezes dizem que era Italiano, pelo nome de Poncio ſemelhante ao de Poncio Capitaõ dos Samnitas, que venceo aos Romanos nas Forcas Caudinas. 35 Por ter a Homero por ſeu natural contendèraõ ſete Cidades em Grecia; 36 & de Pilatos nenhuma terra quer ſer patria, ainda que ſeja opiniaõ que elle, & ſua mulher feytos Chriſtãos ſe ſalvárão, do que abayxo trataremos. 37 Contenda não de muyta ſubſtancia; porque o mào filho não deshonra a boa patria, culpa-ſe mais em degenerar della; & nem Homero ſeria vil, poſto que fora de Scithia; nem Pilatos illuſtre, poſto que fora de Grecia.

10 Ha Eſcritor grave 38 que affirma que dura em Roma a familia de Pilatos; & em Heſpanha houve liſonja inadvertida, que pretendeo darlhe por deſcendentes (ſem fundamento) grandes caſas, como ſe tão grande macula do progenitor não desluſtraſſe a prerogativa da antiguidade. Deyxo outras couſas que ſe contaõ de Pilatos, às quaes Jacobo de Voragine com razaõ chama apocryfas. 39

34 *Sixto Senenſ. in Biblior.*

35 *Tit Liv. dec.1. l.9.in prine.*
36 *Vide in 1.p c.15.n.15.*

37 *Cap.60 n.6 & 7.*

38 *Bivar in comment ad Dextr. an Chriſt.38.n.2.in fines*

39 *Jacob de Voragin. legenda 51 de Paſſion.Domin.ad fin.*

CAPITULO LI.

Como Chriſto Senhor noſſo depois de tirar do Seyo de Abraham, & do Purgatorio muytas Almas, reſuscitou, & appareceo logo à Virgem Mãy ſua, que lhe deu as graças pela redempçaõ do Mundo, que em ſua Reſurreyçaõ ſe conclubio.

1 MOrto *Chriſto* Senhor noſſo, deſceo logo ſua Alma ſantiſſima ao Seyo de Abraham, 1 a tirar os Santos que nelle eſperavaõ: & do Purgatorio tirou os que tinhão purgado ſuas culpas, ou em vida merecèraõ por fé, & devoçaõ à morte do meſmo *Senhor*, ſerem entaõ livres daquella pena temporal; 2 nem quiz dilatar o beneficio, nem cõmetter a execuçaõ a Anjos. 3 Naõ conſideramos o gozo com que foy recebido, porque nos chama o da *Virgem Mãy* (que he mais do noſſo inſtituto) vendo o reſuſcitado.

2 Ao tercеyro dia 4 vinte & ſete de Março, que foy Domingo, dia conſagrado aos mayores myſterios, 5 ſe reunio a ſan-

1 *Symb. Apoſtol.*

2 *D Thom.3.p.q.52.art 8. ad 1.*
3 *Conſiderat. D.Bonaventura in medit.c.85.*
4 *Symbol. Apoſt. & Vide ſup.c.46. n.16.*
5 *Supr.c.29.n.4.c.31.n.2.c.29. n.8 & c.42.n.7. Aponta outros o P. Fr.Man. do Sepulchro na Reſcyç.eſpirit.p.1.c.29.n.10.*

 tiſſima

titlima Alma o ſagrado corpo, (que a Divindade nunca havia deyxado) & ſahio o *Redemptor* do Sepulchro, ſem tirar a pedra que o cerrava, 6 clara, impaſſivel, agil, & lutil, cauſandolhe ſingular fermoſura as cinco chagas que recebèra na Cruz, & que ſó conſervou em memoria della; 7 mais reſplandecia que o Sol.

3 Eſcolheo o termo de tres dias; porque ſe reſuſcitára antes, duvidariaõ inimigos ſe morrèra: & ſe tardàra mais, duvidariaõ alguns amigos de ſua Divindade, & Reſurreyçaõ, 8 como já começavaõ a duvidar os Diſcipulos que hião para Emmaùs. 9 Outras razoens mais altas aponta Santo Thomàs. 10

4 Reſuſcitou muyto de madrugada; 11 mas o Sol, que de triſteza ſe tinha eſcurecido por eſpaço de tres horas em ſua Payxão, 12 já de alegria anticipou neſta manhã outras tres horas o curſo natural; 13 aſſim como, havendo parado na vitoria de Joſuè, 14 tornou dez linhas atràs no ſinal de Ezequiel, 15 para ſe reſtituir ao curſo que deyxára de fazer. Nem aqui fez muyto em obſequio de ſeu Creador, pois lemos que a oraçoens de Dom Pelayo Peres Correa, Portuguez, Meſtre da Ordem de Santiago em Caſtella, ſe deteve o meſmo Planeta, para que antes de anoytecer, acabaſſe aquelle grande Capitaõ de desbaratar os Mouros, em huma batalha junto à Serra Morena; 16 & que ſe deteve ſeis horas, atè ſe fazerem as exequias do glorioſo Martyr Fr. Joaõ de Planedis da Ordem dos Prègadores. 17 E na ultima guerra de Portugal com Caſtella, na campanha de 1663. ſe teve por certo q̃ ſe abreviou duas horas pelo menos, hũa noyte, em que os Caſtelhanos quizeraõ entreprender a praça de Elvas: & corrèra evidente riſco, ſe a manhã anticipada naõ deſcobrira o intento.

5 Reſuſcitado, foy logo o *Senhor* em primeyro lugar ver ſua *Mãy* amantiſſima, 18 que eſtava no Cenaculo de Jeruſalèm, de que jà fallámos, 19 aonde ſepultado o *Senhor*, a tinha recolhido o Evangeliſta amado; 20 & alli havia eſtado entre amarguras na memoria freſca do que o Divino Filho padecèra, & viva fé de ſua Reſurreyçaõ, a que exhortava os Apoſtolos, & mais fieis que lhe aſſiſtiaõ. 21 A eſta hora eſtavà em oraçaõ; 22 & conſiderão muytos Santos Doutores 23 que o Anjo Saõ Gabriel; outros 24 dizem, que multidão de Anjos entrariaõ diante, como a pedir alviçaras, com aquellas palavras reveladas depois à Santa Igreja por S Gregorio: *Rainha do Ceo, alegrayvos, Alleluya: porque o merecestes trazer em voſſo ventre, Alleluya, reſuſcitou como diſſe, Alleluya.* Ouvindo-ſe muſicas celeſtiaes, & reſplandecendo o apoſento com claridade peregrina, appareceo ſubitamente *Chriſto* com roupas brancas, & luzentes, alegre, fermoſo, & glorioſo, dizendo: *Salve Madre Santa.* 25

6 O grande juizo de Santo Anſelmo 26 nos aconſelha que não nos cancemos em inveſtigar a immenſidade do prazer da *Virgem Mãy* com tal viſta, porque he impenetravel. O gozo de

6 *Math.27.66.& 28 3. Marc. 15.47.& 16.3.cum ſeq. Luc.24.2. Joan 20 1.*
7 *Fr. Man do Sepulchro ſup.*
8 *Conſidera Vilhegas no Flos Sanct.vida de Chriſto c.43. in fin.*
9 *Luc.24.21.*
10 *D.Thom 4 p q.53.art 2.*
11 *Matth.27.1.Marc.16.2. Joan.20.1.*
12 *Vide ſupra c.48.n.4.*
13 *D.Petr.Chryſol ſerm.82.poſt princ.com Pedro de Barbosas. Maiut. na P.oſap de Chriſt. idade 4 c 6 §. 10.que aſſim entende a Saõ Marcos 16.1.* Valde mane, orto jam Sole.
14 *Joan.10.13.*
15 *4.Reg.20.1.Iſai.38.8.*
16 *Morai.hiſt.Hiſp.l.16.c.6.Fr. Franc.de Rades hiſt. de Santiago c. 24.Monarch. Luſit. p.4.l.15 c.44. diſſemos nat Excel. de Portug. c. 9. Excel.10.n.4.& c.14.Excel 12.ante n.1.*
17 *Matute ſup.d.§ 10.*
18 *D Anſelm.de excel.Virg.c.6. D.Bonaventur. in medit.vit.Chriſt. c.87.Rupert.de divin.offic.l.7 c.15. Niceph.hiſt Eccl. l.1.c.32 ante med. Metaphraſt.orat de vit. & dormit. Deipar.Revel de S Brig. l 6.c 97. P. Fr. Joſeph de Jeſu Mar. hiſt. da Virg l 1. c.1. n.3. Melch de Caſtro hiſt.da Virg l 1.c 17.no princ.*
19 *Supra c.46.n 3.*
20 *Metaphraſt.orat. de vit. & dormit Deip. Melchior de Caſtro na vida da Virg.l.1 c.6.in fin. P. Fr. Joſeph d.c.1.n.1.*
21 *Revelaç de Santa Brigid in ſerm.Ang.c.19. P.Fr.Joſeph. d n.1.*
22 *Idem Fr Joſeph d.n.1. P.Fr. Man.do Sepulch. ſup.p.1.c.29.n.19.*
23 *Refere Fr. Man.do Sepulchro ſup.n.17.*
24 *Vilhegas d.c.44.ad fin.*
25 *P.Fr.Joſeph ſup. n.2.*
26 *D.Anſelm.ſup.d.c.6.*

de Jacob ouvindo que vivia ſeu filho Joſeph: 27 o de Anna vendo chegar ſeu filho Tobias: 28 & todos juntos quantos ſe eſcrevèraõ, & pòdem imaginar, ſaõ muyto deſiguaes ao exceſſivo que a *Senhora* teve; desfalecèra (dizem Eſcritores graves 29) com a vehemencia da ſubita alegria, ſe com eſpecial ſoccorro a não confortára o meſmo *Filho*, que tinha preſente. Se morrèrão ſubitamente de gozo Chilo Lacedemonio, & Diagoras Rhodio, vendo ſeus filhos vencedores, & coroados nos jogos Olympicos: & duas Romanas vendo vivos dous filhos que tinhaõ por mortos nas batalhas contra Annibal; 30 como não morreria a mais amante Máy, vendo o Filho mais amavel verdadeyramente reſuſcitado com a coroa da mayor vitoria? poſto que aſſim o eſperaſſe com firmiſſima fé, ver cumprida eſta eſperança era golpe mortal de alegria.

27 *Gen.45.26.*
28 *Tob.18.6.*

29 *P Fr.Joſeph d.c.1.n.2.P. Fr.Man.do Sepulchro d.c.29. n.20. in princip.*

30 *Raviſ.Textor in officin.p.1. tit.gaudio; & riſa mors. Cicer. Tuſcul.1. Aul.Gel.noct.Attic.l.3.c.15. Liv.Decad.*

7 Entre os ſantos abraços, doces palavras, & amoroſos affectos que os Santos conſideraõ, entendem 31 que a *Virgem*; como tão zeloſa de noſſa ſaude, deu ao *Senhor* altiſſimas graças em nome do genero humano, por ſua redempçaõ. Só tal oradora as dèra dignamente por tal beneficio; mas quem as dará à *Senhora* do que por nòs obrou? Sirvaõ de graças os parabens que lhe devem noſſos coraçoens, de ver paſſadas ſuas dores, enxutas ſuas lagrimas, renaſcido do tumulo, como Fenix, ſeu *Filho*, vencida a morte no lenho em que triunfava, os amigos conſolados, os inimigos confuſos, o Ceo aberto, o Mundo remido.

31 *Referem Vilhegas d.c.43.ad fin.P.Fr Joſeph d.c.1.n.3.*

8 Acompanhavaõ a *Chriſto* as Almas que tirára do Seyo de Abraham, & do Purgatorio, muytas dellas rendidas a ſeus corpos reſuſcitados, 32 & conſiderão tambem os Santos Doutores a reverencia com que viriaõ, & congratularião à *Senhora* aquelles Patriarcas, Profetas, & Santos Padres que eſperavão havia tantos annos aquella hora. Adam, & *Eva* vendo a Filha porque entràra o remedio do Mundo que haviaõ arruinado, ſe gozarião particularmente em deſcendencia tão illuſtre; *Eva* foy a unica máy que amou ſobre todas hũa Filha, que lhe era tão deſſemelhante. Que glorioſo ſe acharia alli Saõ Joſeph, Joaquim, Anna, & os mais daquella familia bemaventurada!

32 *Matth.27.52. Vilhegas ſup. c.44.ad fin.*

9 Naõ referem os Evangeliſtas eſte apparecimento de *Chriſto* a ſua Máy, porque (diz Santo Anſelmo 33) parecia ſuperfluo declararem o que aſſim devia ſer; 34 ſó referirão em ordem à confirmação de noſſa Fé, como appareceo aos que vacillavaõ na da Reſurreyçaõ, & que podião ſer teſtemunhas della ſem ſuſpeyta. Eſcrevèrão como appareceo logo à Magdalena Santa, & às outras Marias, pagandolhes a fineza de o buſcarem com dons 35 eſtando morto, contra o coſtume do Mundo: & porque ſe divulgaſſe a nova vida pelo ſexo porque entrára a morte; 36 & que depois ſe moſtràra aos Apoſtolos, & Diſcipulos, porque havião de ſer teſtemunhas. 37 Paſſando em ſilencio as excellencias da *Senhora*, & favores

33 *D.Anſelm.ſupr.*
34 *Rupert.ſupr.*

35 *Matth.28.1. Marc.16.1.2. 48.Joan.20.1.*
36 *D Ambroſ.in Luc.22. D.Chryſol.ſerm.99.*
37 *Luc.24.48. Act.1.8.*

que recebia do Filho de Deos, liſongeavaõ ſantamente a ſua humildade, como ella diſſe a Santa Brigida. 38

10 Reſuſcitarſe *Chriſto* a ſi meſmo, diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo 39 que foy o mayor milagre que houve antes, & depois de ſeu naſcimento. E foy neceſſario, 40 expende o Doutor Angelico, 41 para ſatisfação da Juſtiça Divina, que devia reſuſcitar com tanta gloria hum corpo, que ſe humilhou a morrer com tanta afronta, para inſtrucçaõ de noſſa Fè; porque não duvidaſſemos de ſua Divindade; para confirmaçaõ de noſſa eſperança; porque vendo reſuſcitado o que he noſſa cabeça, 42 eſperamos firmemente reſuſcitar, como argumentava o Apoſtolo, 43 & inferia Joſeph: 44 para reformaçaõ de noſſas vidas; porque procuremos reſuſcitar com elle da morte do peccado à vida da graça: & para complemento de noſſa ſalvaçaõ; porque aſſim como morrendo humilhado nos livrou dos males, aſſim reſurgindo glorificado nos promoveſſe aos bens; para nos livrar, tinha a Payxaõ baſtado; para nos beatificar, convinha a Reſurreyçaõ. 45

38 *Revel. de Santa Brigid. d.l.6. c 79.*

39 *D. Chryſoſt in Act. Apoſtol. cap 1 hom. 11. poſt med.* Omnium maximè mirandum quæ occiderãt poſt Virginis partum, imò & omnium quæ contigerunt ante Virginis partum, videlicet, quòd ipſe ſuſcitaret ſe ipſum.

40 *Luc. ult. 46.*

41 *D. Thom 3. p. q 53. art. 1.*

42 *D. Paul 1. ad Corint. 11. 3 & ad Epheſ. 1. 23.*

43 *Paul ad Corint. 15. 12.*

44 *Job 19. 25.*

45 *D. Thom. d. art. 1. ad 3.*

CAPITULO LII.

Como Chriſto Senhor noſſo nos remio da morte eſpiritual, & nos aliviou a corporal, que era a mayor pena em que haviamos cahido; & a devemos temer muyto menos.

1 PEla Payxaõ, & Reſurreyçaõ de *Chriſto Redemptor* ſe levantou o genero humano da morte eſpiritual, & corporal, que era a mayor ruina em que eſtava. 1 A Reſurreyção de *Chriſto* he cauſa de noſſa reſurreyçaõ, da alma no preſente, & do corpo no futuro. 2 No eſpiritual ſupponho em todos os Catholicos o conhecimento que baſta para a ſalvaçaõ, & os pontos mais particulares tocão a Theologia mais alta; ſó no corporal, que neſte Mundo mais ſentimos, eſcrevo para os leygamente curioſos huma honeſta liçaõ.

2 Se naõ peccàramos em Adam noſſa cabeça, ſerião noſſos corpos em certa maneyra immortaes, & em certa maneyra mortaes: *Immortaes*, porque pudèrão não morrer, & paſſar a felicidade eterna pelo modo que diſſemos na primeyra parte; 3 *Mortaes*, porque podiaõ morrer. Se ſeria aquella immortalidade por natureza, ou por graça, & beneficio da arvore da vida, he queſtaõ deſneceſſaria para o noſſo intento. 4

4 Pelo peccado ficàrão noſſos corpos taõ mortaes, que neceſſariamente haviaõ de morrer. 5 Mas iſto ſe remediou pela Reſurreyçaõ do *Senhor*, a qual he cauſa de noſſa reſurreyção; pois (como enſina Santo Thomàs 6) ainda que a primeyra cauſa della ſeja a Divina Juſtiça, para q̃ os corpos ſejaõ premiados,

1 *Diſſemos na 1. p. c. 4. n. 2. & c 6 & 10.*

2 *D. Thom. 3. p q. 56 art. 1. in verſ. cont a.* Dicit glo. quòd reſurrectio Chriſti eſt cauſa reſurrectionis noſtræ, & animæ in præſenti, & corporis in futuro.

3 *P. 1. c. 2. n. 10 in fin.*

4 *De illa Magiſt. ſent. l. 2. diſt. 19. cum D. Aug & aliis.*

5 *D. Paul. ad Hebr. 9. 27. & diximus p. 1. c 4. n. 2. & c. 6. & c 7. n. 8.*

6 *D. Thom d. 3. p. q. 66 art. 1. cum aliis. Ægidius de Beatitudine, tom 3. q. 5. art. 6.*

miados, ou caſtigados juntamente com as almas ſegundo merecèrão, (& aſſim fora, poſto que o *Senhor* nem morrèra, nem reſuſcitàra;) com tudo eſta Divina Juſtiça decretou eſta reſurreyçaõ de todos os outros corpos pela de *Chriſto*, que (como diz Saõ Paulo 7) foy o primeyro que reſuſcitou para não morrer, (que outros q̃ reſuſcitàrão antes, todos tornàrão a morrer) & aſſim ſó a de *Chriſto* foy a primeyra reſurreyçaõ perfeyta; 8 & por eſta maneyra foy cauſa ſecundaria da gèral; porque em Filoſofia o que he primeyro em qualquer genero, ſe diz cauſa do que ſe ſegue no meſmo genero; foy cauſa quaſi inſtrumental, efficiente da reſurreyçaõ univerſal de bons, & de màos, & por mais perfeyta, cauſa exemplar da reſurreyção dos bons, que ſe devem conformar com ella. Finalmente reſurgindo dos mortos, reparou noſſa vida. 9

4 Por eſta reſurreyção cauſada pela de *Chriſto* ſe melhorou muyto aquella immortalidade q̃ haviamos perdido; porque aquella, como aſſima diſſemos, era tambem mortal; a com que reſurgiremos terà impoſſibilidade de morrer; aquella neceſſitava de alimento para viver; 10 a outra ſem comer ſe ha de conſervar: aquella ſubſiſtiria em corpos faltos de membros, ou diſformes, como a muytos vemos; na outra todos os corpos (ao menos os dos juſtos) haõ de ſahir perfeytos, & ſem deformidade, ainda que foſſem monſtros; & para mayor perfeyçaõ, ou morreſſem meninos, ou velhos, reſuſcitarão na florente idade juvenil que tinha *Chriſto* quando reſuſcitou; poſto que a eſtatura ſerà a que na realidade tiveraõ, ou naturalmente houverão de ter, ſe a ella chegaſſem; 11 & aſſim na oração pelos defuntos diz a Igreja, que noſſos corpos morrendo, naõ perecem, antes ſe mudaõ para melhor. 12 Pelo que os que mais tratão do regalo do corpo, devem mais abraçar a virtude, para o fazerem mais belle; & felice na eternidade, ſem repararem na corrupçaõ temporal; como huma dama para ter bom caraõ, ou hum doente para alcançar ſaude, ſe ſugeyta com goſto aos trabalhos com que ſe ha de melhorar.

5 Aſſim ſe levantou o Mundo da morte corporal em que havia cahido. E porque para paſſar a eſta melhor immortalidade, he preciſo que preceda a temporal morte que cada dia vemos; 13 tambem eſta paſſagem ſe nos alivia na Payxaõ, & doutrina de *Chriſto*, diſcorrendo aſſim.

6 O terror da morte reſulta em grande parte do como ella ſe pinta. A pintura faz poderoſa impreſſaõ nos animos. Os Romanos aborrecèraõ ſeu novo Emperador Heliogabalo antes de chegar a Roma, ſó pelo verem retratado à Meda: muytos ſe namoráraõ não ſó por retratos, mas das meſmas pinturas, & de eſculturas. 14 Por iſſo os que procuravaõ fazer odioſo aos povos Atila Rey dos Hunnos, q̃ vinha aſſolando Europa, o pintavão com cornos: os Hereges pintaõ algumas dignidades Catholicas em forma horrivel, para enganarem os ruſticos: os Portuguezes

7 *Paul.1.ad Corint.15.20. & ad Rom.6.9.*

8 *D.Thom.3.p.q.53. art.3.*

9 *Canon Miſſæ* Vitam reſurgendo reparavit.

10 *Magiſt.d diſt.19.*

11 *Magiſt.ſent.l.4.diſt.44.*

12 *Orat pro defunct.* Corpora noſtra moriendo non pereunt, ſed mutantur in meliùs.

13 *D.Paul.1.ad Corint.15.36. Joan.6.44.& 55.*

14 *Vide inp.1.c.22.n.9.*

tuguezes nas guerras delRey Dom Joaõ I. com Caſtella, pintáraõ nas bandeyras o Infante Dom João (que era muyto amado) meyo irmaõ do meſmo Rey, prezo como o tinhão os Caſtelhanos, & com cadeas. Deſcripçoens por eſcrito pintaõ ao entendimento com mais efficacia, com ellas pretendiaõ os Gentios deſacreditar a Igreja ſanta em ſeus principios. 15

7 Pinta-ſe a morte hum cadaver desfigurado: na mão huma fouce que tudo corta. Os Poetas 16 a deſcrevem horrivel, dandolhe por companheyras as doenças mais peſtiferas. Os Filoſofos Gentios encarecem ſeus males, como na primeyra parte diſſemos; 17 & ſobre tudo ſe repreſenta aos Chriſtãos o principio que ſe ſegue àquelle fim: conta eſtreyta, juizo ſevero, ſentença final, eternidade que pende de hum momento, & as mais conſideraçoens tremendas do que referio hum de tres milagroſamente reſuſcitados na ſepultura de Saõ Jeronymo. 18 Naõ he muyto que pintura tão horrivel atemorize aos mais valeroſos.

8 Porèm como Alexandre naõ conſentia que o retrataſſe ſenaõ Apelles, nem o eſculpiſſe ſenão Pyrgoteles, ou Lyſippo; 19 naõ devião pintar a morte ſenaõ aquelles Filoſofos Chriſtãos que bem o conſideráraõ, repreſentandoſe-lhes preſente muytas vezes. Os tímidos que lhe fogem, mal a pòdem retratar ſem a verem. Aquelles excellentes Pintores aprendèraõ na doutrina de *Chriſto*, & tomando as cores, & pinceis de David (que a conhecia bem, porque andava cercado della, 20) a pintaõ huma eſtatua de pâo, nem fea, nem fermoſa, que cada hum pòde ornar como quizer; 21 ſe a douraõ com obras ſantas, fica precioſa; 22 ſe a afeaõ com peccados, fica peſſima; 23 precioſa, (explica Saõ Bernardo, 24) porque he fim dos trabalhos, logro da vitoria, porta da vida, entrada para a ſegurança; peſſima, porque tudo iſto tem ao revez.

9 Eſta pintura, ou retrato a faz menos temida; porque ainda que a boa morte he favor eſpecial de Deos, 25 tambem pende muyto de nôs. *Naõ pòde morrer mal* (diz Santo Agoſtinho) *quem viveo bem, & raramente morre bem, quem viveo mal.* 26 Por aqui ſe regula qualquer genero de morte em qualquer idade, anteviſta, ou ſubita; ſempre he precioſa a bem prevenida. He confuſaõ para os Chriſtãos, haver Seneca dito quaſi o meſmo. 27 Tal vez (diz Santo Anſelmo 28) pela terribilidade apparente della quiz Deos purgar alguma culpa da natureza fragil. Saõ Simeaõ Eſtilita foy morto por hum rayo: 29 Saõ Belino deſpedaçado por caens: 30 S. Agatho, ou Agathonico, por leoens: 31 o Beato Jordano, Géral da Ordem dos Prègadores, morreo affogado: 32 o Beato Andrè Avellino da Ordem dos Clerigos Regulares Theatinos, de hum accidente de apoplexia, que lhe deu chegando ao altar para dizer Miſſa: 33 Geron Arcebiſpo de Colonia, reputado por varaõ ſanto, eſtando em hum extaſi foy enterrado vivo por aſtucia de Walramo, que

15 *Arnold. l.8. contra gent.*

16 *Eleganter Mantuan. l.2. Alphonſi.* His dictis movete gradus, &c.

17 *P.1.c.10.*

18 *Refert D.Cyril.Hieroſol.Ep. ad Aug.circa princip.tom.9.*

19 *Cicer.orat.pro Arch. Plin.l. 7.c.37.*

20 *Pſalm.27.v.5.* Circumdederunt me dolores mortis.

21 *Ita P.Zachar.de Lyſieux Philoſ.Chriſt.p.1.c.3. Pedro de Valleſ. no diſcurſo do vaõ temor da morte.*

22 *Pſalm.115.v.5.* Pretioſa in conſpectu Dñi mors ſanctorũ ejus.

23 *Pſalm.33.v.21.* Mors peccatorum peſſima.

24 *D Bernard.de tranſit. Malachiæ.*

25 *Pſalm 67.v.21.* Domini exitus mortis

26 *D.Aug.de Doctor. Chriſt.* Non poteſt malè mori, qui bene vixit, & vix bene moritur, qui malè vixit.

27 *Senec ep. 79 ad fin.* Mortem deſinamus horrere. Deſinemus autem, ſi fines bonorum, ac malorum cognoverimus. Ita nec vita tædio erit, nec mors timori: ſi mors accedit, & vocat, licèt immatura ſit, licèt mediam præcidat ætatem, perceptus longiſſimè fructus eſt.

28 *D. Anſelm. apud Polyanth. verb mors.*

29 *Pract.ſpir.c.17.*

30 *Cel.Rhodigin lect.antiq.l. 17.c 28.*

31 *Pract ſpirit.ſupr.*

32 *Joan.Mich.Pius de vit.bom. illuſtr.Domini Ep 1.fol.253. & p.2. fol.9.*

33 *Felix Cantelorius in relation. B.Andr.Avellini §.de mort.B.Viri.*

que lhe quiz ſucceder. 34 E para eſcuſar outros exemplos, baſta o que refere Holcot 35 de hum ſanto varaõ, que morreo de repente eſtando eſtudando; & porque naõ foſſe calumniada a ſua morte, quiz Deos que o achaſſem apontando com o dedo no capitulo IV. da Sabedoria, aquelle lugar que diz: *O juſto ſe for preocupado com a morte, eſtarà em refrigerio*; & aſſim a morte do inſigne Joaõ Duns Eſcoto, fingida pelo fabuloſo Paulo Jovio, 36 repetida por poucos mal affectos, & confutada por todos os Eſcritores verdadeyros, 37 naõ deſacreditava a gloria que lhe grangeàraõ ſuas eſclarecidas virtudes.

10 Mais ha que temer na vida, que na morte; a vida faz a eſta temeroſa; antes que chegue a devemos temer, ſe a queremos vencer quando chegar. 38 He valentia temer o inimigo, não para lhe fugir, mas para nos armarmos, como fazia Saõ Paulo; 39 que o deſprezado muytas vezes alcança vitoria. 40 Dizemos que tememos a morte, & he falſo, ſe a temeramos, não peccáramos; 41 & ſe he verdade que a tememos, armemonos de virtudes, & logo, pois não ſabemos quando virá; 42 de repente ſe faz muyto mal a prevençaõ. Hum Santo Padre do ermo eſtando morrendo, rio tres vezes; os aſſiſtentes lhe perguntáraõ de que ria. Reſpondeo: *A primeyra vez me ri, porque temeis a morte: a ſegunda, porque vos naõ aparelhais para ella: a terceyra, porque vou do trabalho ao deſcanço.* 43

11 O Eccleſiaſtes 44 nos aconſelha, que caminhemos aproveytando, 45 antes que nos anoyteça. Melhor jornada ſe faria madrugando na mocidade; mas tambem o velho que ſe poz ao caminho não deyxará de chegar, & ſe não chegar ao alto do monte, baſta ſer achado ſubindo. 46 Nos montes, & nos valles prègava *Chriſto*. O Senhor da vinha paga como quer: mede a dor, & não o tempo, tal vez iguala os que tardárão, aos que ſe apreſſárão; 47 chama bemaventurados os ſervos que acha apercebidos na primeyra, ſegunda, ou terceyra vigilia. 48 Só os que a noyte da morte achar dormindo, ou aſſentados, correm grande perigo; 49 Jacob ao pè da eſcada do Ceo temeo, não por ver Anjos, nem por ver a Deos; mas porque Deos o achára dormindo. 50

12 Correm perigo; mas pòdem ter remedio. Ao arrependimento atè o ultimo da vida prometteo Deos perdão. 51 Conſolame (diz Saõ Pedro Chryſologo) 52 a inopinada converſaõ de Paulo: o exemplo do Eunuco: a confiſſaõ do Ladrão, que roubou o Ceo quando pagava a pena de ſeus latrocinios. 53 A miſericordia de Deos he *a ſua grande gloria*, porque a Igreja lhe dà graças: 54 porque he o noſſo cabedal. Quem deve a Deos, naõ faz ceſſaõ de bens, porque ſempre tem por onde pagar; em quanto elle for miſericordioſo, não deyxaremos de ſer benemeritos, fazendo o que pudermos. De ſeus eſcolhidos ſofreo muytos aggravos, porque reconhecidos o amaſſem mais. Em breve eſpaço pòde ſer taõ grande o amor de Deos, a averſaõ

34 *Joan. Gualter. in Chron p. 1182. Gaſpar Bruſc de Epiſcop. German. fol 1081. Coron. berg. an. 965. Baron. ad eundem an. cum Tritem. & aliis.*

35 *Holcot. in Sap. 4.*

35 *Paul. Jov. in elog. Doctor. vir. eleg 3. de nuda fide Autoris, vide in 1. p. c 30 n. 18. in fine.*

37 *Late ac elegan ter R. P. Sanannieg. in vit. Scot. l. 4 c 2. cum ſeqq.*

38 *D. Gregor. in hom.* Semors ipſa cum venerit, vincitur, ſi priuſquam veniat ſemper timeatur. *Senec. ep. 30. in fin.* Tu tamen mortem, ſi numquam timeas, ſemper cogita.

39 *D. Paul. ad Roman. 7.*

40 *Liv. Dec. 3. lib. .* Sæpe contemptus hoſtis cruentum certamen edidit.

41 *Eccleſiaſt. 7. 40.* Memorare noviſſima tua, & in æternum non peccabis.

42 *Matth. 24 44. Marc. 13 à n. 32 Luc 12 40.*

43 *Refert Ioan. Boſii Sanctio in prato ſpirituat l. 2. tit. Flor. meditat. mort. c. 1. exemplo 2.*

44 *Eccleſiaſt. 12. 2.*

45 *Ita explicat D. Bernard ſerm. 46. ſup. Cant. prope fin.*

46 *Henrique de Suſo referido por Bluſio na conſolaç. de puſillanimet.*

47 *D. Matth. 20.*

48 *Luc 12. 38.*

49 *D Aug. de diſciplin. Chriſt.* Latet ultimus dies, ut obſervent omnes dies. *Et iterum*: Setò parantur remedia, cum mortis imminent pericula.

50 *Gen. 28. 17.* Pavens. *Rupert. ibi:* An timui, quia Dominũ viderat in quiete?

51 *Ezechiel 33. 12.*

52 *D. Chryſol. ſerm. 61. in princ. de Symbol. Apoſtol.*

53 *Act. 7 & 8. Luc. 23. 43.*

54 Gratias tibi agimus propter magnam gloriam tuam.

aversaõ aos peccados por seu respeyto, & o descontentamento de si mesmo, que sem pena se và gozar da bemaventurança, ainda que hajão commettido todos os peccados do Mundo: 55 tão facil he ao *Senhor* perdoar dez mil talentos, como perdoar hum. 56 David 57 lhe disse: *Teus olhos virão minha imperfeyçaõ, & todos se escrevèraõ em teu livro*: & em outro lugar: *Por quem sois Senhor, me perdoareis meus peccados, porque saõ muytos*; pondo a razão do perdoar, na multidaõ dos peccados; porque a grandeza Divina se prèza de perdoar o que he mais; pequenos, & grandes se achaõ no Ceo; prometteo, 58 (& não engana) que ha de livrar a quem esperar nelle.

13 Nestas verdades infalliveis nos aliviou a doutrina, & redempçaõ de *Christo* os temores da morte pelo que se lhe ha de seguir. Posto que ninguem se ache bastantemente justificado, 59 & posto que a carne tema, pois temeo a do Senhor da morte, & da vida: 60 o espirito a seu exemplo a deve vencer em consideraçoens Christãs, como o grande Hilario quando dizia: *Sahe alma minha, que temes? Sahe, naõ duvides: setenta annos ha que serves ao Senhor, & temes a morte?* 61

14 Contra as tentaçoens, que naquelle transito se pòdem recear mais, temos nos documentos Christãos saudaveis remedios. 62 Se tivermos a dita de que não nos acometaõ: nem o attribuamos à nossa fortaleza, nem ao descuydo do demonio; mas só à mercè de Deos, que o não permitte, por não arriscar nossa fraqueza. Se nos combaterem, saybamos que he favor do mesmo *Senhor*, para nos dar o merecimento da vitoria, se resistirmos. Se for em materia de fé, creamos que a fé he mais certa que o que vemos cõ os olhos, & no coraçaõ digamos a Deos: *Creyo, Senhor, ajuday minha incredulidade*. Se for de torpeza, ou blasfemia, fazermos, se pudermos, o final da Cruz, dizer no coraçaõ algumas palavras devotas, abominar o demonio, & protestar, que antes quizeramos mil mortes, que consentir em hum peccado. Se se offerecer algumã vangloria, lembrarmonos da multidaõ, & graveza de nossos peccados. Se desesperaçaõ, ou desconfiança, pormos o pensamento no abysmo do amor Divino, & de sua misericordia, & que tanto mais resplandecerà sua gloria, quanto menos merecemos perdão. Se nos der cuydado a materia da predestinação, ou outra cousa dos juizos occultos de Deos; deyxar tudo à sua disposiçaõ, & piedade; ter por certo que deseja muyto nosso bem, & assim o encaminharà pois pòde: & estarmos firmes em que o que fizer serà justo, & bem feyto. Se nos deyxarmos vencer de qualquer destas, ou de outra tentação, não culpemos a Deos, nem ao demonio, mas só a nòs mesmos, que naõ soubemos resistir, & logo tornemos sobre nòs, & convertamonos a Deos, pedindolhe perdaõ, & tornando a usar dos meyos acima ditos. Por mais dores, & miserias que nos apertem sem consolação, nunca imaginemos que Deos nos desampàra, ou deyxa de nos amar; entẽ-

55 *Cum D Hieron. Jacob de Voragin. legenda 150. in princip. de cõmemor. omn. fidel. defunct.* Si tantam haberent cordis contritionem, quæ sufficeret ad delendum peccatum, liberi ad vitam transirent, quia contritio est maxima pro peccato satisfactio.

P. Lucas Pinelo no cõfessionar. geral, tract 1. *c.* 3. *post med.*

56 *Matth.* 18. 27.

57 *Psalm* 138. *v.* 15. Imperfectũ meum viderunt oculi tui, & in libro tuo omnes scribentur. *Et Psalm.* 24. 11. Propter nomen tuum, Dñe, propitiaberis peccato meo, multum est enim.

58 *Psalm.* 90. *v.* 14. Quoniam in me speravit, liberabo eum.

59 *Iob* 9 *n.* 2. *&* 20. *c.* 25. 4.

60 *Matth.* 26. 41. *Marc.* 14. 38.

61 *Vilhegas no Flos Sanct. p.* 1. *vida de Santo Hilario.*

62 *Apud Ludovic Blesio na regra da vida espirit. c.* 2. 5 6. 9 33. *&* 36. *& na consolaçaõ de pusillanimes.*

entendamos que assim convèm a nossas almas, resignando-nos na vontade do *Senhor*, que não pôde ser senaõ em nosso proveyto. Não nos dè cuydado se hiremos ao Purgatorio, & por quanto tempo, ou logo direytos ao Ceo; fiemonos de *Christo*, como de bom Pay, com resoluçaõ animosa nos arrojemos em seus braços, não amando menos sua justiça, que sua misericordia, tendo por mais penoso havermos peccado, que padecermos as penas do que peccamos; entendamos q̃ quer, & pôde levantarnos ao Ceo, se nos humilharmos, & confiarmos nelle. Ainda que servissemos pouco, esse pouco naõ ha de ficar sem premio, & bastanos hir ao Ceo, posto que não alcancemos tanta gloria como os que servíraõ mais. E quando vamos ao Purgatorio, là se lograõ os suffragios da Igreja, & quanto se padecesse seria quasi nada a respeyto da gloria seguinte. Se a fraqueza, ou juizo já vacillante não der lugar a estas consideraçoens, invoquemos, como pudermos, o Anjo de nossa guarda, os Santos que em vida escolhemos por nossos advogados, & principalmente a Payxaõ de Christo, & os nomes santissimos de Jesus, Maria, Joseph, ancoras firmes que naõ nos deyxaraõ naufragar.

15 Com as mesmas consideraçoens ficou aliviada a morte nas terribilidades temporaes a que antes nos condenava, como na primeyra parte desta obra diziamos. 63 Já vemos que não acaba tudo, como alli referiamos que nos persuadia Aristoteles; antes de mortaes, nos fazemos por ella immortaes, como acima 64 notámos. Já os Estoicos dizião, 65 que ella não era terrivel àquelles cujas acçoens louvaveis não podiaõ morrer: que naõ se devia fugir da morte a que se seguiria immortalidade; 66 pois tal morte só punha fim aos cuydados, pelo que devia ser agradavel, 67 & desejarse a que se acompanhasse de virtudes. 68 Dizião que naturalmente era igual a todos, mas que se distinguia pela fama que cada hum deyxava. 69 E Gorgias perguntado se morria boa de vontade, respondeo: *Que naõ fazia mais que mudarse de huma casa velha*; pudera accrescentar, *Infecionada de doenças*; & de taes casas, posto que magnificas, todos fogem. Se isto entendiaõ os Gentios, só por lume natural, quando a morte dominava; hoje que està vencida por *Christo*, creamos ao Apostolo, que nos ensina de fé, que o morrer he arruinarsenos hum acasa de terra, para se edificar outra perduravel; 71 & assim não se nos representará na morte a terribilidade de tudo se acabar com ella.

16 O terrivel na separação de alma, & corpo (que era o outro mal que notavamos na morte) 72 se he de saudades que a alma leva, não saõ devidas a corpo taõ ingrato, que se entregou a appetites sem a respeytar, & a quiz mandar tendo-a por escrava: nunca Seiano a Tiberio pagou com mais afrontas as honras que delle recebeo. Chega o corpo a impedir á alma o conhecimento de si mesma; pois se ella quer comprehender sua essencia, naõ se pôde ver senaõ indirectamente por imagens que

63 *P.1.c.1 n.1.com os seguintes.*

64 *Neste cap.n 4 & 5.*

65 *Tullius lib. Paradox.* Mors terribilis est his, quorũ cum vita omnia extinguuntur; non his, quorum laus emori non potest

66 *Idem Tull. lib. de Senect.* Nemo censet fugiendam esse mortem, quam immortalitas sequatur.

67 *Idem 1 Tusculan.* Proh, Dii immortales! quàm illud iter jucundum esse nulla solicitudo futura sit.

68 *Senec ep.68.latè.*

69 *Tacit hist.lib.1.* Mors omnibus ex natura æqualis est; oblivione apud posteros, vel gloria distinguitur.

71 *D.Paul.2. ad Corint. 5.1.*

72 *P.1.c.10.n.10.com os seguintes.*

que a repreſentaõ groſſeyra, de que tira tão pouca luz, que naõ vé ſuas excellencias. Elle finalmente a mata com acçoens feas, quando ella o eſtà animando com a ſua aſſiſtencia. 73 Amigo taõ falſo bem merece que a alma ſe vingue, deyxando o paſſo de bichos, ſem a dignidade que lhe dava: & que ella parta alegre de gozar de ſua eſſencia ſem ſugeyçaõ a qualidades, materia, & ſentidos infieis; ſendo-ſe toda a ſi, ſem ſe communicar a quem a naõ deyxa ſer ſua.

73 *D. Ambroſ. de bon. mort. c 7.* Anima vitam corpori tradit: caro autem vitam animæ transfundit.

17 Se ha dor ſenſivelmente corporal, filoſofaõ muytos 74 que eſta ceſſa nos muyto velhos, que morrem faltandolhes a natureza; porque o que he natural antes dá goſto: & aſſim no ultimo alento o recebe o corpo deſcançado. Paſſando deſte curioſo problema, que ſó procede nos muytos raros q̃ cheguem a taõ ultima idade; diſcurſaõ outros, que ſe hum Chriſtão ſe reſignar totalmente em Deos, contemplar efficazmente ſua gloria, & deſejar fervoroſamente ſua preſença, pouco, ou nada ſentirá eſte apartamento; naõ digo que ſuba á perfeyçaõ de S. Paulo, que em huma occaſiaõ parece o naõ ſentio; 75 mas de outros Santos prova Richelio 76 que voárão as almas com gozo; porque, ſegundo a boa Filoſofia, os movimentos mayores impedem os menores, & as vehementes payxoens de huma potencia fazem pouco, ou nada ſenſiveis as da outra. Nos que naõ chegaõ a eſta ſantidade, a dor ſe diminuirá ao paſſo que a reſignaçaõ creſcer. Em todos, diſſe Marco Tullio 77 que aquelle ſentimenro, & dor he muyto breve, & aſſim pouco conſideravel; mas eſcreveo antes que o experimentaſſe. O alivio grande, geral, & certo, he ſer aquelle ponto hum termo entre o merecimento, & o premio: ſer aquelle trabalho carroça que nos paſſa da tribulação à tranquillidade; pois nos offerecemos a penas largas por couſas tranſitorias; porque reparamos em huma dor breve por eternidade de bens? Se a morte he o caminho para a Cidade Celeſte, 78 naõ queremos andallo? Se a vida he eſtalagem, queremos caminhar ſem ſahir della?

74 *Senec. epiſt. 30. ad fin.* Non dubitare autem ſe quin ſenilis anima in primis labris eſſet, nec magna vi diſtraheretur à corpore. *Trata iſto Jeronymo de Huerta nos probl. de Ariſtot. problem. da morte. E egregiamente o P. Mendoza no Viridario l. 4. problem. 10.*

75 *D. Paul. 2. ad Cor. 12. 3.* Sive in corpore, ſive extra corpus neſcio.

76 *Richel. de laud. Virg. l. 4. art. 3.*

77 *Tullius de ſenect.* Jam ſenſus morieudi, ſi aliquis eſſe poteſt, iſq̃; ad exiguum tempus durat. *Senec. d. epiſt. 30. prope fin.* Nullum dolorem eſſe in illo extremo anhelitu; ſi tamen eſſet, haberet aliquantulum in ipſa brevitate ſolatii.

18 Conheçamos bem, que o deſordenado temor da morte já tem pouca deſculpa, pois o Filho de Deos o ſuavizou tanto com ſeu exemplo, & com ſeus merecimentos, fazendo-a paſſagem para a mayor gloria. 79 E digamos generoſamente: Já he demaſia amar tanto huma vida que naõ tem de bom mais que o ſer breve, que me he cõmua com os irracionaes, que ſuſtenta meus males, que me ſepára de Deos, & retarda minha felicidade; porque temerey largar carga tão pezada? He poſſivel que me agrada a doença, & que góſto do tormento? Quem me detem neſte Mundo, quando tudo me lança delle? A deſordem dos elementos me enfraquece, o movimento dos Ceos com ſuas influencias me conſome, o occaſo do Sol me he exemplo a ſepultarme, o calor natural devorando me apreſſa, Deos me chama, & ſó eu recuſarey a pezar de todas as creaturas, q̃ ſe enfadaõ jà de meu pouco valor, & tem determinado minha morte?

78 *Joan. 6. 44. & 55.*

79 *Outras conſideraçoens ſe pòdem ver no trat.* do vaõ temor da morte, *que anda no fim da vida de S. Bruno.*

Quero

Quero fazer voluntario o que he necessario; offerecer por dadiva o que he divida: pois hey de morrer ainda que naõ queyra, pejome de apparecer diante do Senhor como servo pertinaz sem me conformar alegre com o que elle ordena. Oh vida, que pouco vales! como te posso amar depois de tanto conhecer? nada quero de ti: só te sofrerey em quanto Deos o manda: com ancias esperarey a morte como minha bemavẽturança, entre tanto te estimarey por castigo. 80

80 P. Zachar. de Lysicus na Philos. Christ. no fim da 1. p.

CAPITULO LIII.

Como a redempçaõ, & doutrina de Christo *nos alargou tambem a vida temporal, & felicitou as miserias della, remediando a ruina que o peccado tinha causado; & em que maneyra nos escusou chorar pelos que morrem.*

1 QUe remedios excogitàraõ os homens para alargarem a vida, a que o peccado sincopou o caminho do berço para a sepultura? 1 Esgotada a medicina com seus liquidos thesouros de perolas, & ouro potavel, entràraõ os alambiques dos Quimicos destillando composiçoens, em que a virtude dos astros se unisse com a das plantas, & mineraes; mas nunca se conseguio o intento. Hum Rey dos Chinas, entre os quaes he mais prezada a vaidade desta arte, cuydo que tinha achado aquelle segredo em huma bebida breve que guardava na sua camera, tendo-se jà por immortal; mas tardando em tomalla, se anticipou furtivamente hum dos seus camareyros. Quando o Rey o soube, o quiz matar; porèm elle se defendeo com hum forte argumẽto. Disse-lhe, q̃ se o q̃ bebéra o tinha immortalizado, jà o Rey o naõ podia fazer morrer; & se naõ tinha tal virtude, elle lhe naõ fizera desserviço, & assim a colerica acçaõ que emprendia; ou ficaria impossivel, ou injusta. 2

1 Vid in 1. p. c. 10. n. 3.

2 O que tantas diligencias naõ pudèraõ alcançar; poz *Christo* Senhor nosso em nosso poder com sua redempçaõ, & doutrina. He nos a vida como a fazenda, que em maõ de quem a dissipa, sempre he pouca: & cresce com o uso, se he bem governada. O que a gasta em delicias, só professa passatempos, & a emprega em vans occupaçoens, naõ he pobre, mas prodigo do tempo; ainda que se abstenha dos vicios, se està ocioso nas virtudes, he como o que dorme, que naõ tem vida, mas duraçaõ; se naõ se aproveyta dos annos, para que os quer mais largos? esperar aproveytarse daquelles a que poucos chegaõ, he insania. Em todos os estados, de dias se pòdem fazer seculos, professando-se acçoens virtuosas, posto que se naõ falte a alivios honestos; estes só por bordaõ, aquellas por mantimento. Muyto disto diziaõ jà os Gentios; 3 porèm os mais delles

2 Refere o P. Lysicus na Philos. Christ. p. 1. c. 12.

3 Plato, & Simonides apud Stobaum serm. 7. & 96. Senec. de brevit. vit. à princ. & Ep. 78. in princ.

4 *D. Aug. de Civ. Dei l. 5. c. 13. & 14. Dissemos na 1. p. c. 19. n. 4.*

(como Santo Agostinho 4) viviaõ bem para vangloria, & assim desmereciaõ; só a Christandade com virtude solida alarga a vida verdadeyra.

3 Quem naõ confessará que vivèraõ muyto, posto que morressem de pouca idade, os Santos que em breves annos obráraõ tanto: & todos os justos, que por letras, armas, ou outra sua vocaçaõ, se empregàraõ em acçoens meritorias? Contoulhes a morte o triunfo por annos; parecelhes nesta equivocaçaõ que jà tardava, & que os levava depois de dilatados seculos. 5 Outros vivem para morrèrem; estes morrem para viverem: viviaõ sugeytos à morte, jà vivem isentos de suas leys: a morte os privou da vida em que morrèraõ; mas naõ da vida em que se perpetuàraõ; nada lucrou levando o mortal, pois se mostra vencida da immortalidade: se em outros he triunfante, nestes he despojo. Naõ tirára Deos deste Mundo seus mimosos, senaõ tiveraõ vivido quanto lhes bastou; & alguns màos naõ tira em muytos annos, porque ainda naõ tem vivido, & quer por sua piedade ver se se emendaõ; ou justificar mais sua condenaçaõ; & tal vez he para exercicio dos bons, ou para castigo de outros màos, ou porque padeçaõ vivendo. Se naõ tivera estas razões, parece que as creaturas se queyxariaõ de serem forçadas a servirem mais tempo aos reprobos, que aos predestinados, quando antes para aquelles se deveraõ escurecer, enfurecer, & esterilizar em vingança do Creador; & da afronta propria com que empregaõ taõ mal suas operaçoens.

5 *Sapient. 4. v. 7. & 8.* Justus autem si morte præoccupatus fuerit, in refrigerio erit: senectus enim venerabilis est, non diuturna, neque annorum numero computata: cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis vita immaculata.

4 Finalmente todas as cousas acabaõ bem logradas, no fim para que Deos as creou; com razaõ dizemos que se perdèraõ, se naõ se empregàraõ nelle: navio que se rompe fazendo viagens, morre melhor logrado que o que durou mais annos sem navegar. Nasceo o homem para acçoens de virtude; 6 só nellas vive, & naõ no tempo; se se descuyda, sente que este passou quando o naõ conhecia: nem teve poucos annos, mas perdeo muytos: naõ se lhe deo curta vida, elle mesmo a fez. Jà na primeyra parte dissemos disto mais. 7

6 *Senec. de brevit. vit. in princ.* Homini in tam multa, ac magna genito.

7 *P. 1. c. 43. n. 5.*

5 Por modo semelhante nos consolou *Christo* nos trabalhos, & miserias da vida, se souberamos sofrellas, antes as fez bemaventuranças, assegurandolhe premios; 8 combatidos pelejamos: pelejando resistimos: resistindo vencemos: vencendo nos coroamos: senaõ houvera inimigos, naõ houvera triunfos: senaõ houvera perseguiçoens, naõ houvera martyres: senaõ houvera padecer, naõ houvera merecer: no pobre Lazaro 9 mostrou o mesmo Senhor a eternidade de bens com que recompensa; quem naõ escolherà paciencia temporal por premio eterno. 10 Só saõ duras as penas presentes a quem despreza a gloria, q̃ se lhes ha de seguir; culpemos nossa ignorancia, que a graça de Deos naõ nos desampara; antes quantos mais golpes dispensa, tanto mais nos guarda sua piedade. 11

8 *Matth. 5. Luc. 6.*

9 *Luc. 16. 25.*

10 *De hoc Lactant. Firmian. divin. inst. l. 6.*

11 *D. Gregor. in Moral.* Mala vitæ præsentis tantò duriùs animus sentit, quantò pensare bonum quod sequitur negligat. Nequaquam nos gratia in adversitate deserit: quia quò nos duriùs ex dispensatione percutit, eo ampliùs ex pietate custodit.

6 Do que fica dito neste capitulo, & no precedente, se infere

infere o que disse Tertulliano, 12 que chorar com impaciencia os mortos, he agourarmos mal sua salvaçaõ, contra nossa esperança; prevaricar a Fé, offendendo o Redemptor. Que os das partes do Norte apartados da Igreja introduzissem ha poucos annos cubrir atè os coches de negro, tem causa mysteriosa; porèm que os que morremos Catholicos, imitemos tal demasia, he grande inadvertencia: se ás exequias que pelos mortos fazemos chamamos *Honras*, (disse Saõ Chrysostomo) 13 para que os deshonramos com os chorar, & mostrar estes excessos de tristeza? Nas mesmas exequias dizemos por elles, com David, que Deos fez mercè à sua alma; 14 & choramos? ou não cremos o que dizemos, ou choramos contra razão. Antes devemos alegrarnos pelos ver transplantados a melhor terra, 15 livres da vexação dos impios, 16 & izentos de poderem cahir. 17

7 Se lhes choramos a morte corporal, tambem offendemos (diz o Apostolo 18) a esperança Christã, que daquella morte promette a resurreyçaõ immortal: 19 & se choramos esta dilação, naõ merece lagrimas, que saõ sangue do coraçaõ ferido, 20 thesouro que só se deve a Deos, 21 taõ estimado delle, que alcançaõ perdaõ de peccados sem pedirem; 22 só este mal diminuem, accrescentando todos os outros; 23 quem quizer empregallas em chorar mortos, chore as virtudes que nelles estão mortas, aconselha Santo Ambrosio; 24 os vivos impios saõ mais dignos de lagrimas. A hum Filosofo perguntou hum tyranno, porque chorava tanto a morte de hum amigo. Respondeo: *Naõ choro tanto porque elle morreo, como porque tu vives; porque nas Academias de Grecia mais choramos porque vivem os màos, que porque morrem os bons.* 25

8 Finalmente se nos doemos de que o chorado padecesse aquelle transe da separaçaõ da alma, alèm do que sobre isto jà dissemos 26 para nosso alivio, deveramos chorar quando nasceo mortal, naõ quando passa a immortal; logo de entaõ foy morrendo: 27 cada dia tributou à morte algum penhor do resto que agora pagou; naõ a estranhou agora, porque sempre lhe foy hospeda: 28 muytos golpes lhe tinha ella dado; neste só proseguio o que começou ha muyto tempo; & o que parece vitoria he jà triunfo. Os antigos que queymavaõ os corpos mortos, (costume introduzido para fugir o furor dos inimigos, que os desenterrava) reservavaõ hum dedo da maõ para meterem na sepultura, & com isto ficava ella lugar sagrado cõforme as leys. Se taõ pequena parte representava enterrado todo o corpo, bem nos podemos todos chorar por enterrados, pois he jà enterrada tão grande parte da nossa vida. Por isto o Apostolo sem implicar, dizia, que o tempo da dissoluçaõ de seu corpo estava perto, & jà se dava por sacrificado: 29 mas nòs idolatramos em ametade do lenho, de que a outra ametade está já desfeyta em cinza. 30

12 *Tertullian. l de patient.* Hujusmodi impatẽtia spei nostræ malè ominatur, & fidem prævaricatur, & Christum lædit.

13 *D. Chrysost. hom. 70. ad pop. Antioch.* Quamnamque de causa, quæso, Presbyteros vocas, & psalleutes? nonne quò te consolentur? nonne quo defunctum honorent? cur igitur ipsum affinis contumelia? quare publica prosequeris ignominia?

14 *Psalm* 114 *v.* 7. Convertere anima mea in requiem tuam, quia Dominus benefecit tibi.

15 *P Lysieux, na Philos. Christ. p.* 1. *c.* 10.

16 *D Aug. l. de vit. Christ.* Vocantur ante tempus boni, ne diutius vexentur à malis.

17 *Sapient* 4 11. Placens Deo, raptus est ne malitia mutaret intellectum ejus, aut ne fictio deciperet animam illius.

18 *D. Paul. ad Thessal.* 4. 12. & 13.

19 *Diximus sup. c.* 52. *n.* 1 *cum seqq.*

20 *D. Gregor Nissen. in orat. funebr. Placid. Imper.* Vulnerum animi tãquam sanguis lacrymæ sunt.

21 *Assim o dizia Santa Rosa Dominicana, como referimos no seu Panegyr p.* 2 § 3.

22 *D. Ambros. sup. Luc. l.* 9. Lacrymæ veniam non postulant, sed obtinent

23 *D. Chrysost. d hom* 70. *in princ.*

24 *D. Ambros. sup. l.* 5. *c.* 6. Habet unusquisq; quos fleat mortuos suos

25 *Refere Fr Heitor Pinto nos dialog. p.* 2. *dial* 1. *c.* 10.

26 *No cap. precedente n.* 15.

27 *Vide* 1. *p. c.* 10. *n.* 3.

28 *D Gregor. Nissen. orat. de mort.* Mors non est nobis peregrina, sed hospes.

29 *D. Paul ad Timot.* 2. *c* 4 6. Ego enim jam delabor, & tempus resolutionis meæ instat.
Ita explicat P. Lysieux in Philosoph. Christ. p. 1 *c.* 31.

30 *Isaiæ* 44. *à n.* 15.

8 Só ſe permittem lagrimas, & lutos pela miſeria da natureza, como Adam chorou Abel, 31 & *Chriſto* a Lazaro; 32 ou por ſaudades, 33 que em hum amante não admittem razaõ; como o grande Agoſtinho chorou na auſencia de Santa Monica duas vezes máy ſua,& ſe deſculpava, 34 com que não era muito chorar poucos dias a falta de quem o achára tantos annos. Mas ainda aſſim encomẽda o Eſpirito Santo moderaçaõ, 35 que nem falte à humanidade, nem à dignidade; & nos lutos ſó he louvavel honeſta imitação da ſanta ceremonia da Igreja. O mais he de vulgo imitador dos ignorantes, que choravaõ os eclipſes do Sol; pois a morte he breve eclipſe aos que logo luziraõ. Sente-ſe Deos do juſto q̃ chora a perda da vida temporal, porque parece que a prefere à futura, 36 & chega a caſtigallo por eſta cauſa. 37 A petição de Ezequias 38 teve deſculpa antes da redempção do peccado: o *Redemptor* livrandonos da tyrannia da morte, nos eſcuſou eſtas lagrimas,&aſſim ficaõ reprehenſiveis na dos que entendemos q̃ ſe melhorão. 39 Só na lembrança do meſmo *Senhor*, acompanhando a *Virgem* ſaudoſa, a Magdalena amante, & afflicçaõ de tantos Santos, devemos chorar a Innocencia, padecendo para nos livrar de males, & quam mal correſpondemos a tanto beneficio.

31 *Diſſemos na p.1.c.17.n.6.*
32 *Joan.11 35.*
33 *Carol. Paſchal.l. de virt. & vit.c.57.*
34 *D.Aug.l.9. Confeſſ.c.12 in 1.tom.*
35 *Ezechiel.24.17.* Ingemiſce taccns.
Eccleſiaſt.22.12. Modicum plora ſuper mortuum, quia requievit.
36 *Ita P.Lyſieux ſup.cap.9.in princ.*
37 *D Aug de Civ. Dei l.1 c.9.* Cum malis flagellãtur & boni, non quia ſimul agunt malam vitam, ſed quia ſimul amant temporalem vitam; non quidem æqualiter, ſed tamen ſimul, quàm boni contemnere debent,
38 *4.Reg.20.Iſai 38.*
39 *D Iſidor l 3.de ſum. bon.* Illi deplorandi ſunt in morte, quos miſeros infernus ex hac vita recepit; non quos celeſtis Aula lætificando includit. *Ptura D Chryſoſt. hom.70. ad pop. Antioch. tom.1. P.Caſtro na Reformaçaõ Chriſt.trat.4 c.13.*

CAPITULO LIV.

Como Chriſto Senhor noſſo enſinou o verdadeyro caminho de alcãçar honra, contra os errados que moſtrou o peccado. Trata-ſe da Humildade, & do Peraaõ.

1 TUdo o que arruinára o peccado, levantou *Chriſto*; pudèramos exemplificallo em todas as penas, & em todos os erros, em que na primeyra parte deſta obra nos moſtrámos cahidos; mas fora aſſumpto muyto largo, mais proprio aos Expoſitores Evangelicos, que ao inſtituto humilde que profeſſamos, de entreter com hiſtoria, & erudição Chriſtã. A geral doutrina de ter bom coração, & que delle ſe encaminhem as acçoens para bom fim, 1 he lèmedo acerto em tudo o que ſe obra. Porèm como diſſemos 2 que no entendimento haviamos tido a mayor ruina: & reduzimos a verificaçaõ diſto à eſtimação que elle faz da honra, vida, & fazenda; 3 tambem agora, poſto que mais brevemente, nos veremos bem doutrinados naquellas meſmas eſtimaçoens.

2 A que eſtimemos a honra nos deu *Chriſto* exemplo, quando defendeo ſeu credito nas impoſturas dos Judeos, 4 quando perguntou a ſeus Diſcipulos que opinião tinhão os homẽs delle; 5 & quando tantas vezes ſe publicou Filho de Deos. Tambem ſeu brio ſentio aggravos; a trayçaõ de Judas; 6 o modo vil com que foy prezo; 7 a bofetada em caſa de Annás. 8 Mas para

1 *Matth.5.8.& 15.18.*
2 *No 1.p.c.31.*
3 *No meſma 1.p.c.33. & ſeguintes.*
4 *Joan.8.á n.49.*
5 *Matth 16.13.Luc.9.19. Marc. 8.27.*
6 *Matth.26.49. Marc.14.28. Joan.13.21 Luc.23 48.*
7 *Marc. 14. 48. Luc.23.52.*
8 *Joan.18.23.*

para adquirir,& conſervar eſſa honra, enſinou meyo muyto differente dos que na primeyra parte diſſemos 9 que a cegueyra do peccado introduzio nos homens. Foy eſta a *Humildade*, pela qual enſinou que os homens ſe exaltariaõ, & que ſeriaõ humilhados, & deſacreditados, ſe ſe quizeſſem exaltar. 10 E como a honra he o principal do homem, niſto principalmente nos quiz dar exemplo em ſi, fazendo profiſſaõ, & humildade,& mandando a ſeus Diſcipulos que niſto aprendeſſem delle; 11 o que lhes não eſpecificou em outra virtude. 12

3 Naõ foy eſta doutrina ſó para o eſpiritual, mas tambem para o temporal; aſſim o moſtrou na parabola do aſſento no convite das vodas; 13 & S. Paulo diſſe do meſmo *Senhor*,que porque ſe humilhára, lhe dera Deos nome venerado tambem exteriormente com genuflexoens de todas as creaturas. 14

4 Naõ digo que o homem ſe envileça, vileza he muyto differente de humildade: o vil he abjecto, & contemptivel, 15 o que procede ordinariamente de coſtumes, ou trato vicioſo, & aſſim he contra a honra; o humilde guarda decôro na peſſoa ſem fauſto, com que fica eſtimavel, & ſó elle dentro de ſi meſmo ſe abate, deſprezando a propria excellencia. 16 Foy-nos *Chriſto* Divino exemplar, ſendo modeſtamente tão acçado, como o deſcrevem David, & a Eſpoſa Santa nos Cantares; 17 prègando, & fallando com gravidade, & madureza, que diſſemos: 18 conciliando com iſto a mayor humildade; por iſſo ſe chamou, *Humilde de coraçaõ*. 19

5 Nem nego que tambem ſe haja de procurar a honra por outros meyos licitos; antes toda a doutrina de *Chriſto* exhortou a acçoens excellentes, porque a verdadeyra ſe alcança; & para credito tambem com o Mundo, enſinou que alèm de ſerem bons interiormente ſeus Diſcipulos, trouxeſſem nas mãos tochas aceſas das boas obras, 20 para que foſſem viſtas de todos; 21 o que Saõ Pedro tambem enſinou. 22 Porèm tudo ſe ha de fundar ſobre a humildade; quanto mais alta quizermos fabricar a grandeza, tanto o alicerſe deve ſer mais bayxo; 23 & ſe levantada a fabrica, ſe tirar o alicerſe, tudo ſe arruinará. 24

6 He a razaõ deſta doutrina allegorizada jà pelos antigos Poetas em Icaro, que vãglorioſo na honra de o verem os ventos com privilegio de Ave, quiz voar tão alto, que brevemente cahio; & em Dedalo; que com ſemelhantes azas ſe ſuſtentou voando, porque humilde conheceo a fraqueza dellas. Outra razaõ allegorizão na fabula da moſca,que jactancioſa de voar pelo alto, habitar Paços Reaes, & comer em meſas eſplendidas, ſem trabalhar, deſprezava a formiga, que andava pela terra,morava em cavernas, & rohia o duro grão que ajuntàra com trabalho; mas eſta lhe reſpondeo, que a ſua vida era mais honrada, porque naõ era ocioſa, & muyto louvada por exemplar da Providencia: ſendo a moſca moleſta, & odioſa a todos, vivendo ſó

9 *P.1.c.33.& ſequentibus.*

10 *Matth.23.12. Luc.14.11. & 18.14.*

11 *Matth.11.29.* Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde.

12 *Notat D.Aug. de verb.Domini.*

13 *Luc.d.c.14 8.*

14 *D.Paul.ad Philip.2 8.*

15 *Vide Calepin. diction. verb. Vilis.*

16 *D.Bernard.de grad.humilit.vi. de Polyant.verb Humilitas.in princ.*

17 *Pſalm.44.v.3.4 & 5.Cantic. per tot.*

18 *Supr.c.45.n.4.*

19 *Matth.d.c.11.29.* Humilis corde.

20 *Luc.12.35.*

21 *Matth 5.16.*

22 *1.Petri.2.12.*

23 *D.Aug.de Verbis Domini:* Cogitas magnam conſtruere fabricam celſitudinis? de fundamento prius cogita humilitatis.

24 *Sen.Tragic.in Thyeſte:*

Quid fuit ut tutas agitaret Dædalus alas?

Icarus immenſas nomine ſignat aquas?

Nempe quòd hic altè, demiſſius ille volabat;

Nam pennas ambo non habuere ſuas.

Crede mihi: bene qui latuit, bene vixit; & intra

Fortunam debet quiſque manere ſuam.

hum Verão, & morrendo, ou de fome, ou de frio no primeyro Inverno. 25 O que ſe vè em honra ſem humildade, muytas vezes eſcandaliza, & ouve o que não quizera ouvir.

25 *Æſop fab.141.*

7 Como o ſoberbo he aborrecido, o decoroſamente humilde he agradavel; todos o eſtimaõ, & deſejão levantallo; ninguem cuyda que desfaz em ſi, quando ajuda o que ſe lhe não quer aventajar; antes entende que faz cauſa propria em honrar aquelle que ſe lhe iguala. A quem naõ quer exceder, naõ perſegue a inveja; ſalvo for invejado por eſta virtude, & entaõ ficará mayor.

8 A humildade eſcuſa deſconfianças, com que o altivo toma por injuria o que nem he aggravo, & fica offendido por ſua opiniaõ, que pòde mais que a verdade. 26 Se ha verdadeyra offenſa, o ſabio humilde he mais prompto a tirar della mais honra, ſeguindo o meyo, que enſinou *Chriſto* de perdoar, 27 contra a vingança que o peccado enſinava. O perdaõ he mais nobre vingança: ou porque quem perdoa ſe moſtra tão ſuperior, que a offenſa intentada lhe não pòde chegar; como no Sabio eſtoicamente diſcurſou Seneca; 28 ou porque ſe julga por mais forte que o offenſor, obra mayor acçaõ vendo-ſe a ſi; quem he forte, he ſofredor; aſſim diſſe David que era Deos. 29 No caſo em que o poder vingarſe he certo, nenhum eſcrupuloſo do Mundo negará que he mais honra o abſterſe. Joaõ Gualberto nobre Florentino, tendo a ſeus pès hum matador de ſeu irmão, lhe perdoou, porque elle lho pedio pelas Chagas de *Chriſto*; & entrando na primeyra Igreja, pendurou ſua eſpada diante da Imagem de *Chriſto* crucificado, por trofeo da vitoria que de ſi meſmo alcançára: o *Senhor* inclinou publicamente a cabeça, como em agradecimento; favor que obrigou a Gualberto a deyxar o Mundo, & foy inſtituidor da Ordem de Valle Umbroſa, debayxo da Regra de S. Bernardo. 30 Com ſemelhante acção Dom Leonis Pereyra noſſo Portuguez, Fidalgo que militava na India, dandolhe hum Soldado ordinario huma boſetada dentro de huma Igreja, & puxando elle por hum punhal para o matar, tendo o ſugeyto pelo peſcoço com a mão eſquerda, lhe pedio o Soldado que por aquella ſagrada Hoſtia, que hum Sacerdote, que eſtava dizendo Miſſa, levantava então, o não quizeſſe matar; reſpondeu o valeroſo Dom Leonis: *Eſſa te valha*; & o deyxou livre. 31 Quem não confeſſarà que ficáraõ mais honrados eſtes illuſtres Varoens?

26 *Senec l. in ſapient. non cad. injur. c. 4. ad fin.* Ad tantas ineptias pervenit eſt, ut non dolore tantum, ſed doloris opinione.

27 *Matth 6:12. & 18.27.35. Luc.23.34.*

28 *Senec. d.l. in ſap. non cad. injur.*

29 *Pſalm.7.v.12.* Deus Judex juſtus, fortis, patiens: numquid irratcetur per ſingulos dies

30 *Baptiſt. Fulgoſ l.4. Andreas Eborenſ. cap. de moder. anim.*

31 *Franciſco Soares Toſcano, nos parallelos de Varoens illuſtres c.15. Diſſemos nas Excell. de Portug. c.9 Excel.9 n.8.*

9 Com exemplos ſe comprou em todos os ſeculos eſta verdade. Quanta mais honra alcançárão nas letras Eſquilo, Socrates, Marco Tullio, Pomponio, & Santo Agoſtinho, pela humildade, com que ſe confeſſavaõ neceſſitados de aprender, 32 que Aſſinio Pollion, & Barbacia preſumidos de enſinar? 33 Nas armas (deyxados exemplos antigos) quanto mais ſe acreditão os que fallaõ cõ modeſtia, que os valentes de arrogancia? Na qualidade do ſangue, & em todas as mais que conduzem à honra,

32 *Vide in 1.p.c.35.n.5.*

33 *Vide in 1 p.c.27 n.4. & 35. n.6.*

honra, vemos cada dia a certeza da doutrina do *Senhor*, que *Sô a humildade exalta*. As honras humanas, em tudo sombras, fogem a quem as segue, & seguem a quem as foge, guardando esta ordem, ainda quando as dispoem especial providencia soberana. E assim disse hum judicioso Escritor deste tempo, com Santo Agostinho, que toda a vida do verdadeyro humilde he huma contenda com Deos, sem contenderem as vontades; porque o humilde procura abaterse, & Deos trata de o levantar: & em fim Deos vence, como Omnipotente. 34

34 *D. Aug. l. de salutar. docum. c. 31. in tom 4 P. Fr. Joseph Ximenez Samanigo, na vida de Escoto l. 1. c. 12. n. 1.*

CAPITULO LV.

Como a doutrina, & Ley de Christo nos ensina, & ajuda a estimar a vida, & aliviar as miserias della.

1 TAmbem nos ensinou *Christo* a estimar a vida, sem o erro que na primeyra parte notâmos, 1 de amarmos tão cegos, que nem conhecemos suas miserias, nem por razaõ alguma deyxaremos de amallo. Mostrou-nos o miseravel della, chorando na resurreyção de Lazaro; 2 advertio-nos que seus cuydados nos naõ descuydassem da morte; 3 & que nos fosse odiosa, se nos desviasse da salvação: 4 salvos estes inconvenientes, quer tanto que a amemos, que se offende se a estragamos: & dispensa nos jejuns de sua Igreja, se nos prejudicaõ à saude; quer que vivamos, vivendo bem.

1 *P. 1. c. 36.*

2 *Joan. 11. 35.*
3 *Luc. 21. 34.*
4 *Joan. 12. 25.*

2 Para isto nos deu o *Senhor* ley que regulasse a vida para a virtude, & tambem para as commodidades temporaes. 5 Pois amar a Deos nos acredita de entendidos; não jurar, nos mostra cortezes; santificar as festas, alivia o trabalho; honrar os pays, he interesse de todos; naõ matar, defende a mesma vida; ser casto, guarda a saude; naõ furtar, preserva a fazenda; não levantar testimunhos, assegura de falsidades; não cubiçar o alheio, socega o animo; não desejar a mulher do proximo, acode pela honra; finalmente em seu epitome: *Amar a Deos, & ao proximo*: 6 o amor de Deos nos persuade a observar estes preceytos; 7 o do proximo conservar a sociedade humana; & he de notar, que à caridade, que he em bem commum, qualificou o *Senhor* pela mayor de todas as virtudes. 8 Pezo he doce, jugo suave, 9 ley que tão facilmente nos faz a vida amavel, & em cuja observancia se acha logo a paga, como disse David. 10

5 *Vide D. Paul. ad Roman. 13. a n. 8.*

6 *Matth. 22. 37.*
7 *Joan. 14. 23.* Siquis diligit me, sermonem meum servabit.
8 *D. Paul. 1. ad Cor. 13. 13.*
9 *Matth. 11. 30.*
10 *Psalm. 18. 12.* In custodiendis illis retributio multa.

3 Sobrevindo trabalhos, & doenças, a fazem mais preciosa, resignando-se em Deos. He certo que Deos nos ama muyto: ensinão os Theologos 11 que da clarissima luz, com que conhece sua bondade, & do encendido amor com que a ama, lhe nasce hum perpetuo desejo de que seja conhecida, & amada de suas creaturas; & deste desejo hum solicito cuydado de buscar todas as occasioens, & modos de o conseguir; & para isto os

11 *Vide Fr. Leandro de Granada no trat. Luz de maravilhas, discurso 1. §. 3. à n. 8.*

enche

enche de mercès, & trata como a filhos, ſendo (como diſſe Saõ Bernardo 12 *Naõ ſó amante, mas amor*; a que ajuda muyto (diz o meſmo Santo) 13 a ſemelhança, que com elle temos. 14 Logo, pois nos ama, (inferem os Doutores Chriſtãos 15) tudo ordena para noſſo bem; ou por caſtigo de Pay; ou para emenda, ou para merecimento, como ſe diz no livro dos Macabeos; 16 & qualquer miniſtro das adverſidades he miniſtro ſeu, como entendia Job perſeguido pelo Demonio. 17 Facilita-ſe a tolerancia neſtas conſideraçoens.

4 Para temperar, & ſuavizar tudo nos deu muytos alivios; pois para nòs creou todos os bens do Mundo; ſó prohibe uſarmos delles em quanto nos impedem o amor Divino, affeyçoando-nos a ſi com demaſia, & mereceremos logrando-os a louvor, & gloria do Creador. 18 Por ſer o homem ſociavel, 19 lhe he natural o da converſaçaõ, 20 ſendo com bons, 21 & tratando aos mayores com reſpeyto, aos menores com modeſtia, aos iguas ſem competencia; que ſaõ os termos em que ſe conſerva, & aproveyta. 22 Huma pratica affavel, & bem compoſta, porèm mais ornada de ſubſtancia, que de palavras, 23 alivia muyto as afflicçoens do animo: 24 o Proverbio antigo, a que alludio Virgilio, 25 dizia, que *Hum companheyro bem fallante era carroça para huma jornada*, ſignificando neſta todos os trabalhos. Ouvir aos que andárão em outros Reynos, & Provincias ſobre o que nelles virão, (ſe não fabulão, como alguns fazem) he muyto aprazivel; noſſo Rey Dom Manoel o coſtumava; 26 & ElRey Catholico Dom Filippe II. quando veyo a Portugal, goſtava de ouvir a Fernão Mendes Pinto, em cujas peregrinaçoens, & ſucceſſos, que dellas eſcreveo, moſtrou o tempo com a experiencia a verdade, que ſe lhe diſputava antes que houveſſe tantas noticias daquellas partes. Finalmente a converſaçaõ varia (como deve ſer, & naõ de huma ſó materia) 27 he força que o divirta; & tendo ſeus grãos de ſal, miſturando o util com o doce, divertirá mais. 28 Outro genero de converſaçaõ he a liçaõ de livros, com a melhor qualidade ſe logra dentro da propria caſa a toda hora, eſcolhendoſe os que mais contentaõ, & deyxandoſe, ſe começaõ a enfadar. Poſto que a certa he mais util, a varia he mais deleytoſa; 29 cada hum pòde achar ao que mais ſe inclina, como dizia Claudiano ao Emperador Honorio: 30 o grande Rey de Aragaõ, & de Napoles Dom Affonſo confeſſou, que em huma grave doença mais devèra à liçaõ de Quinto Curcio, que aos Medicos: 31 todo o pezo da vida, (diſſe bem Horacio 32) ſe paſſa levemente com a liçaõ. Na ſahida ao campo ſe deyxaõ os cuydados do povoado: os olhos ſe eſtendem livres pela azul abobada dos Orizontes; jà guarneidos nos crepuſculos com purpura, & prata, jà illuminados do Sol eſpelho das obras de ſeu Creador. A terra alcatifada de verde, matizado com variedade incomprehenſivel de flores, na menor dellas, & na hervinha mais deſprezada oſtenta gran-

12 *D. Bernard. ſerm 83. in Cant. circa med.* Deus non modò amans, ſed amor eſt.

13 *Idem in Cant. ſerm. 81.*

14 *Vide ſup. p. 1 c. 2. n. 4*

15 *Henrique de Suſo, no dialog. entre a Sabedoria eterna, & hum miniſtro.*
Ludovico Bloſio na conſolaçaõ de puſill & no Eſpeleo eſpirit. c. 8. & 9. ad med. & na regra da vida eſpirit. c. 9.

16 *2. Machab. 6. à n. 13.*

17 *Job 1. 21.* Dominus abſtulit.

18 *Bloſio na Regra da vida eſpiritual c. 27. ad fin. 28. in princip. & 29. in princip.*

19 *Ariſtot. 1. Ethic. c. 7.*

20 *Ariſtot. 1. de Rep. c. 1.*

21 *De hoc multa apud Polyanth. verb. converſationis.*

22 *Epictetus apud Stob. ſerm 3. de Temperant.*

23 *De hoc Cicer. de part. Orat & pro Gel. Manil.*

24 *Philo Hebr. l de Somniis.*

25 Comes facundus in via pro vehiculo eſt. *Apud Senec. in proverb. Virgil. Æneid. 8.*
Varioque viam in ſermone levabat

26 *Goes na Chron. del Rey Dom Manoel p. 4. c. 48. no princ.*

27 *Virg. ſup.* Vario ſermone.

28 *Horat. in Art.*
Omne tulit punctum qui miſcuit utile dulci.

29 *Senec ep 49.* Lectio certa prodeſt, varia delectat.

30 *Claudian. ad Honor. l. 4.*

31 *Apud Panormit. de reb. Alphonſ. l. 1.*

32 *Horat. lib 1. ep. 18.* Quia ratione queas traducere leniter ævum, &c.

grandeza de ſeu Artifice, que nenhũ Monarca do Mundo pode igualar. As copioſas ſcaras, ou ſombrios arvoredos, as frutiferas plantas, ou animaes fecundos, moſtraõ a liberdade ſoberana: os paſſarinhos, que de ramo em ramo cantando voaõ, muſicas alternaõ, convidão a Divinos louvores por tantos beneficios, em que ſe achaõ regalados todos os ſentidos, vendo, cheyrando, goſtando, tocando, & ouvindo. E as cryſtallinas aguas entre rios murmurão, & fogem de corridas a noſſa ingratidaõ. A muſica, o jogo, a caça, os varios ſabores dos manjares, ſaõ divertimento, & delicias, uſados nos termos, & limites que em outras partes jà diſſemos; 33 & aſſim ſe permittem em Religioens reformadas. Cria-nos Deos a ſeus peytos com amor de máy, como diſſe Iſaías; 34 do bom nos dá o util, ſó prohibe o exceſſo, que em tudo he nocivo; condena a gula, que mata, quando parece que regala, & os paſſatempos que prejudicaõ buſcados para alivio; naõ he iſto aborrecer a vida, antes he tratalla como lhe convem. Eſtreyto he o caminho do Ceo, 35 mas largo o roteyro porque ſe acerta; 36 faz-ſe muyto ſuave a quem ſe poem a elle com boa vontade; 37 & huma vez acertado; vay-ſe paſſeando por larguezas. 38

5 Mas porque alguns afflictos não poderão uſar daquelles alivios, & ainda aos que uſaõ delles, nenhum ha no Mundo perfeyto, & que ſatisfaça às miſerias da vida, como fica dito; 39 para todas nos deu *Chriſto* Senhor noſſo exemplo de paciencia, como diz Santo Ambroſio; 40 he conſolação ter companheyros nas penas; 41 & nenhuma nos pòde vir que o *Senhor* não experimentaſſe: deſterro, canſaço, cavillaçoens, ingratidoens, tentaçoens, fome, ſede, blasfemias, afflicção de eſpirito, trayção, & deſamparo de amigos, teſtemunhos falſos, todo o genero de injurias, as mayores dores em todas as partes de ſeu corpo ſagrado, atè morrer deſpido, nù com a mayor pobreza, & ſem ter aonde reclinaſſe a cabeça; tudo ſofreo humilde, obediente, & pedindo perdaõ para os inimigos no meſmo tempo em que o atormentavaõ; muyto anima, ainda para o temporal, o padecermos ſó parte, quando o *Senhor* padeceo tudo.

6 Os altos eſpiritos, que abſtrahidos do Mundo, voluntariamente eſtreytão mais a vida, então a fazem mais amavel, pois a empregaõ melhor. Não he deſprezo, mas eſtimação dedicàlla toda a Deos; offerecerlhe o que mais ſe ama, não he deyxar de amar, mas fineza da virtude. 42

7 Finalmente com a vida merecemos; & aſſim devemos eſtimalla, pois acabada ella não podemos merecer: ou lograda nos goſtos permittidos, ou reſignada em Deos nos ſucceſſos contrarios, a podemos ſempre fazer preciosa; & levantados por *Chriſto* da mortal ruina, podemos jà dizer melhor que Diogenes: *Naõ he ſer miſeravel o viver, mas o viver mal.* 43

8 Naõ he iſto contra o que diſſemos tratando das miſerias da vida, & da felicidade da morte; a vida he amavel nos termos Chriſtãos; em quanto ſe vive: & he contempetivel, ſe ſe morre bem.

CA-

33 *P. 1. c. 23. maximè n. 19. & c. 37. n 3. & 7. & c. 38 n. 9 & c. 39. maximè n. 16.*

34 *Iſai 66 11.* Ut ſugatis, & repleamini ab ubere cõſolationis ejus, ut mulgeatis, & deliciis affluatis, ab omnimoda gloria ejus.

35 *Matth. 7 14.*

36 *Pſalm. 118. v. 96.* Latum mãdatum nimis.

37 *Alvar. Pelag. de planct. Eccl. l. 2 c 68. poſt med* Quod anguſto initio incipit, procellu temporis ineffabili dilectionis dilatatur; & ibi multa de hoc.

38 *Pſalm. 118. v. 45.* Et ambulabam in latitudine, quia mandata tua exquiſivi.

39 *P. 1. c. 37 cum ſeq maximè c. 43. n. 8.*

40 *D. Ambroſ. ſup. Luc. 5*

41 Solatium eſt miſeris ſocios habere.

42 *De Eraſm. apophthegm.* Tanti ſacinnt virtutem, ut hujus gratia vitam, alioquin charam negligant.

43 *Diogen apud Laert. de vit. Philoſoph l. 6* Non vivere miſerum eſt, ſed malè vivere.

CAPITULO LVI.

Como Christo Senhor nosso nos ensinou a nos aproveytarmos das riquezas.

1 OS erros que na primeyra parte 1 notámos do entendimento cego pelo peccado, no desejo, acquisiçaõ, uso, & perda das riquezas, nos emendou tambem *Christo* com sua doutrina.

2 Ensinou que professar pobreza he mayor perfeyçaõ; 2 & elle mesmo a professou, dandonos exemplo. 3 Sendo voluntaria (que he só a que se louva) enthesoura no Ceo: 4 & ainda na terra escusa os males que dissemos das riquezas, & já possue o Reyno de Deos. 5

3 Aos que não tem tanto espirito, não reprovou o *Senhor* o desejo da fazenda; 6 entende-se para bom fim, 7 & sendo moderado, com prudencia; 8 naõ appetitoso por cubiça, raiz de rapinas. 9 Deve-se desejar para prevençaõ de necessidades, não para multiplicaçaõ de cabedal, 10 & esta moderação he util para enriquecer; porque o que menos cubiça, mais facilmente se satisfaz, 11 & quem muyto quizer, sempre será pobre. 12 Accommodou-se o *Redemptor* à fraqueza de espirito dos que remia; porque se nas riquezas largas ha perigo, tambem o ha na pobreza necessitada, para quem a naõ quer abraçar; aquellas levantaõ a soberba, esta precipita a desesperação; aquellas causaõ negligencia, 13 esta cuydados; 14 aquellas enlação com segurança, esta com temores: ambos applicaõ o animo á terra, & o apartaõ do Ceo: não importa ser com gostos, ou afflicçoens: igual he a doença, que vem de delicias, ou de trabalhos. Por isto o Sabio 15 pedia mediocridade de bens, porque nem incitado com fartura, nem obrigado de fome offendesse a Deos.

4 Os meyos de adquirir devem ser justos. Em parabolas apontou *Christo* a compra, 16 & a negociação licita: 17 David tinha apontado o trabalho das mãos proprias, 18 em que se comprehendem todos os justificados. Sustentouse o *Senhor* do que trabalhavão seus Pays santissimos; 19 seus Discipulos usavaõ do officio de pescar; 20 quando necessitou, pedio; 21 nem quiz fazenda de milagre, posto que lhe era facil fazellos, nem tomar contra vontade, posto que de tudo era Senhor. Nem o que se adquire com queyxas, nem o que apparece como milagroso, sem se ver donde resultou, se póde conservar, ou faz honrados, 22 por nossa conveniencia quer Deos meyos justos para os bens serem duraveis. 23

5 Para o uso deyxou *Christo* exemplos no rico avarento, 24 &

1 *P.1.c.44.*

2 *Matth.19.21.*
3 *Matth 8.20. D.Paul.2.ad Corint.8.9.*
4 *Matth.6.20.*

5 *Matth.5 3.Luc.6.20.*
6 *Matth.13.44.*
7 *Vide p.1.c.19.n.4. & 5.*
8 *Proverb.23 4.* Noli laborare ut diteris, sed prudentiæ tuæ pone modum.
9 *D.Ambros.l 15. Moral.Vide p.1.d.c.44 n.4.*
10 *D.Aug. de const.st.vitior.*
11 *Democritus apud Maxim. serm.12.Cleantes apud Stob.serm.2. Socrates apud eumdē serm.5.& apud Ant.Matiss.p.1.serm 17.*
12 *D.Aug.serm.d.1.11.*

13 *Gloss.sup.Paul.ad Tocssal.5. sup.illo:* Rogamus autem vos.
14 *Ecclesiast.40.30.*

15 *Proverb.30.9.*

16 *Matth.13 44.*
17 *Matth.25.26.Luc.19.24.*
18 *Psalm.127.v.2.*

19 *Supr.c.37.n.3. & c.40.n.3.*
20 *Joan.21 3.*
21 *Matth.21.3.Marc.11.1.Luc.19.29.*

22 *Vide p.1 c.44.n.6.*
23 *Vide in 1.p.d.c.44.n.5.*

24 & no jactancioso do que enceleyrava: 25 nos quaes naõ condenou o possuirem; mas no primeyro, naõ soccorrer a Lazaro; 26 no segundo, naõ se lembrar de Deos: 27 se o avarento dèra ao pobre, levara ao outro mundo dinheyro, como em letra de cambio: se o jactancioso dèra graças ao *Senhor*, pondo nelle o coraçaõ, & naõ todo nas riquezas, elle lhas multiplicara. Salomaõ, & o Ecclesiastico 28 deraõ a regra: cada hum coma, beba, & gaste com alegria no necessario sem excesso; logre o que tem, pois para isso se lhe deo; com tanto que louve o *Senhor*, que lho deo, nelle tenha o coraçaõ, & naõ falte às obras de piedade em quanto puder; quem pede, & deve a Deos tudo, porque lhe ha de negar parte? bem basta que o *Senhor* se lhe faça companheyro contentando-se cõ o menor quinhaõ; & se de rico se fez pobre por nos enriquecer; 29 porque naõ daremos por seu amor o que nos pòde ser superfluo? Despezas em utilidade publica tambem lhe agradaõ, porque he pay universal, & cabeça da Republica do Mundo. Já apontamos 30 alguns varoens que por ellas merecèraõ. Propoz-nos exemplo da prodigalidade, 31 para evitarmos os males que della advertimos, 32 & despendermos com a meocridade que manda a prudencia.

6 Para menos sentirmos a perda da fazenda, nos ensinou *Christo* que tivessemos o coraçaõ nos thesouros do Ceo, & naõ nos da terra. 33 Assim teremos resignaçaõ, entendendo que para nosso bem tomou Deos aquelle instrumento, como dizia-mos no capitulo precedente. 34 O animo varonil, & Christaõ (disse o grande Agostinho) nem se deve levantar com as riquezas, nem quebrantar com sua perda. 35 Tudo poz Deos debayxo de nossos pès: 36 naõ quer que o ponhamos sobre a cabeça.

7 Assim como na honra, vida, & fazenda, principaes bens do Mundo, exemplificamos quanto a doutrina de *Christo* Senhor nosso nos allumiou o entendimento cego pelo peccado, assim mais largamente se pudèra mostrar em todas as materias. Bastenos saber que ensina a oppor as virtudes aos vicios: dà forças contra a irrascivel, tempraça contra a concupiscivel: aplaca as payxoens que offuscaõ a prudencia, com que facilmente saberemos abraçar o bem, & fugir o mal, se quizermos; & tudo nos verifica levantados de huma ruina miseravel, a huma vida feliz; as miserias que ainda nos ficàraõ do peccado, saõ para merecermos mais soffrendo, & veneendo; & satisfaçaõ temporal para a Divina justiça.

24 *Matth.*18.16. *Luc.*19.18.

25 *Luc.*19. *à n.*19.

26 *D Chrysost hom.*55 *ad popul. Antioch.* Non enim quoniam dives fuerat puniebatur, sed quoniam misericordiam non exhibuit.

27 *Glos. August. sup. Psalm* 61. Non enim damnat divitias, sed cor appositum.

28 *Ecclesiastes c.*17 *&*18. *Eccles.* 14.11 Si habes benefac tecum, & dignas Deo oblationes offer.

29 *D. Paul. ad Corinth.*8.9.

30 *Supr. d.c*44.*n.*16.

31 *Luc.*15.13.

32 *Dicto c.*44.*à n.*12.*in* 1. *p.*

33 *Matth.*6.*a n.*19.

34 *Cap.*55.*n.*3.

35 *D. Aug. Ep.*1.40. Animum virilem, & Christi anum nec debent si accedant extollere: nec debent frangere, si recedant.

36 *Psalm.*7.8. Omnia subjecisti sub pedibus ejus.

CAP.

CAPITULO LVII.

Como o Senhor *subio ao Ceo, & deyxou a* Mãy *Santissima na terra para altissimos fins.*

1 DEpois de *Christo* Senhor nosso se manifestar por vezes resuscitado, & entre ellas o nome de Galilea, 1 alguns dizem que foy o Tabor, 2 presentes mais de quinhentos fieis, 3 que alli se acháraõ por seu mandado, 4 depois que lhe deo noticia clara da *Santissima Trindade*, & do poder que a elle se déra; depois que enviou seus Discipulos a prègar, & a doutrinar todas as gentes, 5 ordenando-os entaõ Bispos, como os tinha ordenado Sacerdotes na sagrada Cea; 6 & com promessa de os acompanhar sempre: depois que constituhio a Saõ Pedro Cabeça da Igreja, 7 havendo prevenido, & consolado a todos para sua Ascençaõ, & promettido a vinda do Espirito Santo; 8 em huma quinta feyra, quarenta dias depois da Resurreyçaõ, 9 juntos com a *Virgem* Santissima no monte Olivete, á parte Oriental de Jerusalèm, os onze Apostolos, os setenta & dous Discipulos, & outros fieis, 10 entre elles a Santa Magdalena, 11 todos em numero de quasi cento & vinte, 12 com doces, & mysteriosas palavras fez a ultima despedida para subir ao Ceo.

2 Recomendou a Saõ Pedro o governo da sua Igreja: confortou os Apostolos: consolou aos Discipulos: a todos encheo de esperanças: assegurou glorias, & accendeo em amor: como o Evangelista amado seria a despedida mais amorosa: a Magdalena amante mal se poderia apartar dos sagrados pès; & as outras santas mulheres derramariaõ lagrimas copiosas.

3 Com a *Virgem Mãy* foraõ os colloquios mais Divinos, & as saudades mais intimas; os Santos ponderaõ 13 que o *Senhor* lhe significaria quam agradavel lhe fora levalla comsigo, se naõ conviera deyxalla por alguns annos na terra, para que por mais tempo empregasse seu immenso cabedal de graça: para a receber no Ceo com particular triunfo: para ser Mestra, & amparo de seus Discipulos: & para consolaçaõ de todos os fieis; porque vissem na terra o maravilhoso espaclaculo da Mãy de Deos homem, como os Anjos veriaõ no Ceo a gloria do homem Deos. Ponderaõ tambem, quam resignada responderia a *Virgem*, naõ attendendo tanto ao sentimento de sua ausencia corporal, quanto ao gosto de lhe obedecer. Com isto se dariaõ docemente os abraços; todos os presentes lhe beyjariaõ os pès: & lançandolhes o Senhor sua bençaõ, 14 sendo meyo dia para a huma hora, se levantou da terra, deyxando nella o final de suas plantas santissimas, que ainda no tempo de Saõ Jeronymo se via, 15 & começou a subir ao Ceo. Subio como Deos por virtu-

1 *Matth.28.16.*
2 *Refere o P. Fr. Joseph de Jesu Mar.hist.de N.Senhora l.5.c.1.n.4.*
3 *D.Paul.1.ad Corinth 15.6.*
4 *Matth.28.sup.& c.16.32. Marc.14.28.& c.16.7.*
5 *Matth.28.19. Marc.16.15.*
6 *Viguer.Granat.inst.c.16.vers. 5.& seqq.*
Vilbegas na vida de Christ.c.49. na margem do princip.
7 *Joan.21.a n.15.*
Bellarmin. tom.1.controv.lib.2. de Rom.Pontif.
8 *Joan.14.& 16.*
9 *Actor.1.3.*
10 *Horat Scogl.Catacens. hist.a primord.Eccles.t.1. vers. Jesum redivivum.*
11 *Vilbegas,Flos Sanct. na vida de Magdalena.*
12 *Vilbegas na vida de Christ.c. 48.ad fin.*
13 *Apud P. Fr.Joseph de Jesu Mar.l.5.c.3.n.1.& 2.& c.7.n.4.& 5.Vide infr.c.1.n.1.& c.62.n.1.*
14 *Luc.24.51.*
15 *D. Hieron. de loc. Hebraic. Catacens.supr.*

virtude propria: 16 & o Evangelista Saõ Marcos diz, *Que foy levado*; 17 porque nossas conveniencias, 18 & outras razoens o levavaõ saudoso, como por força, da delicia que tinha em estar com os homens. 19

16 *D.Petr.Damian.de Assumpt. Virg.serm.*

17 *Marc.16.in fin.* Assumptus est in Cælum.

18 *Joan.16.7.*

19 *Proverb.8.31.*

4 Os olhos, os suspiros, as saudades de todos ajoelhados com o rosto para o Nascente [porque o *Senhor* subia com a face ao Poente) 20 seguiaõ a seu Deos. A *Virgem* recebia singular gosto, vendo a carne formada de suas entranhas levantada a tanta gloria: & que depois de triunfar de seus inimigos, & haver remido o Mundo, penetrava os Ceos. Antes que a altura a que hia subindo desvanecesse os olhos, appareceo huma galharda nuvem, & pondoselhe primeyro aos pès por estrado, logo formando throno ao corpo, depois servindolhe de cortina, o encubrio à vista dos que nella lhe davaõ os coraçõcs. Mas naõ podendo ainda tiralla daquella parte, lhes apparecèraõ dous Anjos com vestes brancas, & lhes differaõ: *Varoens Galileos, que estais olhando para o Ceo? Este* Jesus, *que foy levado de vòs para o Ceo, assim virà como o vistes hir.* 21

20 *P.Fr.Man. do Sepulchr. Reys espirit p.1 t.34.n.8.*

21 *Act.1.11.*

5 Romperaõ-se os Ceos: sahiraõ còros de Anjos innumeraveis, & perguntavaõ huns aos outros, como disse Isaías: *Quem he este, que vem do Mundo, tintos seus vestidos em sangue? Este formoso em sua humanidade, & que caminha na multidaõ de sua fortaleza.* 22 Perguntavaõ, por admiraçaõ de verem hum homem taõ sublimado, posto que tambem o conheciaõ Deos. Festejáraõ tambem os Patriarcas, Profetas, & mais Santos que o *Senhor Jesus* levava em sua companhia; & o *Padre Eterno*, recebendo-o amorosissimamente, o assentou à sua mão direyta: 23 à profissaõ Theologica deyxamos o que nisto se significa. 24 O que mais passou naquella triunfal entrada, nem cabe em palavras, nem na imaginaçaõ.

22 *Isai.63.1.*

23 *Psalm.109.v.1. Symb.Apost.*

24 *Maldon in c.16 Marci.vi. Et sedet à dextris Dei. Henriq.in Summa, tom.2 in com. ad Symb. in verb.* Sedet à dextris Dei.

6 Os Doutores Santos 25 chamaõ a esta celebridade, *Festas das festas, solemnidade das solemnidades, a mais gloriosa para Christo, & para os homens.* Para *Christo*; porque foy termo de sua jornada ao Mundo; & todas as outras solemnidades teve ausente (quanto ao corpo) de seu *Pay* Eterno: só nesta foy seu corpo gozar de sua presença na altura dos Ceos; & assim parece que com particular mysterio o nomea o Texto sagrado nesta occasiaõ *Senhor Jesus*; 26 como se nella se mostrasse mais *Senhor*. 27 Para os homens; porq̃ aqui alcançou a natureza humana a honra mais sublime de se ver assentado no throno de Deos à mão direyta de Deos *Padre*, sobre còros dos Anjos, & abrirem-se as portas do Ceo, entrando logo muytos na posse delle, & ficar patente sem se poder fechar. Este Samsaõ Divino abrio as portas da Cidade Celeste, & (figurada na Cruz) as levou nos hombros ao alto do monte, 28 porque ficasse aberta a Cidade; foy o *Ave* chave para abrir; mas naõ sabe fechar. No lugar donde *Christo* subira se edificou hum Templo, & por nenhuma arte se pode cubrir o tecto daquelle espaço de area por onde pas-

25 *D.Bernard.serm.1 de Ascens. in princip.*
D.Leo serm 2 de eadem D.Bernardin.de Sen. etiam de eadem serm.2.

26 *Marc.c.ult.n.19.* Et Dominus quidem Jesus.

27 *P.Fr.Man. do Sepulchro d p. 1.c.35.*

28 *Judic c 16.3.* Impositasque humeris suis portavit ad verticem montis.

29 *Sever Sulpit. hiſt. lib. 2. Beda de loc. Sanct. c. 7. Baron. an. 34.*

30 *Luc. c. ult n. 52.*
31 *Joan. 16. 20.*

lára ſeu corpo: todo o mais edificio ſe fez perfeyto; 29 ſó naõ queria o *Senhor* q̃ ſe fechaſſe o caminho q̃ elle huma vez abrira.

7 Subio o *Redemptor* ao Ceo, diz o Evangeliſta Saõ Lucas 30 que todos aquelles Fieis tornáraõ para Jeruſalèm com grande goſto; & o *Senhor* tinha dito que ficariaõ triſtes: 31 triſteza goſtoſa: ſaudades alegres, que ſentiaõ a auſencia, & ſe gozavaõ na utilidade. A Sagrada *Virgem* tinha eſpecial conſolaçaõ vendo as profecias cumpridas, o Mundo remido, Deos glorificado: a Fè ſuſtentava ſeu animo: a eſperança conſervava ſua alegria: a caridade augmentava ſeu gozo: na Alma tinha preſente o que os olhos naõ viaõ: & as potencias ſuavemente logravaõ o que ſe eſcondia aos ſentidos.

CAPITULO XLIII.

Como a Virgem Senhora noſſa authorizou, & felicitou à poſſe que Saõ Pedro tomou do Summo Pontificado. Trata-ſe dos annos que vivèraõ os Papas: mudança que fazem nos nomes: modo de ſua eleyçaõ: ſciſmas que tem havido na Igreja: de ſua juriſdiçaõ no temporal; & como em varias occaſiões ſaõ venerados pelos Principes.

1 COmo devemos a Deos a creaçaõ, & conſervaçaõ, (que naõ he menor beneficio) 1 quiz o *Senhor* que deveſſemos a ſua *Mãy* não ſó cooperar em noſſa regeneraçaõ, 2 mas tambem obrar no augmento da Igreja em que nos conſervariamos.

1 *D. Chryſoſt. ad Epiſt. Paul. ad Coloſſ. c. 1 hom. 3. ante med.* Conſervare non minus eſt, quàm omnia condere.

2 Logo que ſubio ao Ceo *Chriſto* Senhor noſſo, exercitou Saõ Pedro a Vicaria, & lugar-tenencia que elle lhe deyxára, 3 porque naõ podia eſtar o corpo da Igreja ſem huma cabeça. O primeyro acto que lemos deſte Principado, foy quando como ſuperior ordenou 4 que ſe procedeſſe à eleyçaõ do lugar do Apoſtolado que Judas perdèra. Diz o Texto, que Saõ Pedro para fallar ſe levantàra 5 em pè; acção (nota Ruperto 6) de inferioridade, & reverencia à *Mãy de Deos*, que eſtava preſente; ſe alli naõ eſtivera, não ſe levantàra Saõ Pedro para fallar aos mais, a que era ſuperior. Quiz Deos com aſſiſtencia da *Virgem* felicitar a poſſe que Saõ Pedro entaõ tomou, 7 como com influencia de eſtrella benigna.

2 *Supr. c. 48.*

3 *Supra c. 57. n. 1.*

4 *Actor. 1. 15.*

5 Exurgens Petrus in medio fratrum, dixit.

6 *Rupertus c. 5. in Cant. verbo,* Qualis eſt dilectus tuus. *Refert P. Fr. Joſeph de Jeſu Maria hiſt. da Virg. l. 5. c. 7 n. 5 De aſſiſtentia Virginis Bivar ad Dextrum an. 34. comment. 7. n 7.*

7 *Horat. Scogl. Catac. hiſt. à primord. Eccleſ. 1. verſ. Petrus, in princip pagin mihi 45.*

3 Felicitou a duraçaõ daquelle ſupremo Pontificado na peſſoa do meſmo Saõ Pedro; pois de duzentos quarenta & tantos Papas, que (com pouca differença no numero) contaõ os Eſcritores atè hoje, eleytos muytos em boa idade, nenhũ durou os annos que S. Pedro teve a Cadeyra em Roma, que foraõ quaſi vinte & cinco, alèm dos ſete que a tivera em Antioquia; & por

por eſta experiencia, que ſe tem por myſterioſa, ſe cuyda que aſſim ſuccederà nos futuros.

4 Felicitou credito à ſantidade de Pedro; pois por veneração della, coſtumando os eleytos Papas, do tempo de S. Gregorio Magno em diante, como veſtindo novo homem, mudar o nome, à imitação de *Chriſto* o haver mudado a Pedro; 8 nenhũ ſe tem chamado *Pedro*, tendo-ſe todos por indignos de nome taõ grande; & com razão. A hum homem, que ſe chamava Alexandre, diſſe o grande Macedonio: *Ou ſede Alexandre, ou deyxay o nome.* A' mudança dão alguns Authores 9 outras cauſas menos certas; & cuydaõ que ſe introduzio no Papa Sergio II. pelos annos de 844. mas o não ſe chamar algum *Pedro*, já do anno de 543. em que o Patriarca S. Bento ſubio ao Ceo, 10 ſe imitava no Moſteyro de Caſſino, em que nenhum Abbade ſe tem chamado *Bento*, por veneraçaõ do meſmo Patriarca, que alli foy o primeyro. 11

5 Ajudou a felicidade das eleyçoens, pelas quaes, & naõ por ſucceſſaõ; foy conveniente que ſe continuaſſem depois de Saõ Pedro os Summos Pontifices. 12 Atè o tempo do Emperador Conſtantino Magno pelos annos de 306. as faziaõ os Eccleſiaſticos de Roma entre perſeguiçoens, & ſegredos. 13 Depois da liberdade, q̃ deu Conſtantino, concorria o conſentimento do povo Chriſtão, & por cortezia ſe confirmavaõ pelos Emperadores, que aſſiſtiaõ ordinariamente em Conſtantinopla; & alguns davaõ poder para eſta confirmaçaõ ao Governador, q̃ tinhaõ em Ravena com titulo de *Hexarco.* E poſto que Conſtantino IV. no anno de 685. renunciou qualquer direyto, q̃ aquelle coſtume lhe pudeſſe haver dado; com tudo ſe tornou a elle com os Emperadores Occidentaes, que o Papa Leaõ III. reſuſcitou em Carlos Magno no anno de 800; 14 atè que o Papa Nicolao II. no anno de 1059. em hum Concilio Romano de 113. Biſpos, com acordo dos mais, a que tocava, fez hũ decreto, em que por juſtas razões ſe commetteu a eleyçaõ aos Cardeaes, como procuradores de toda a Igreja; 15 & aſſim ſe faz de preſente com a fórma, & ſolemnidade, que por outros decretos 16 ordenáraõ os Papas Alexandre III. no Concilio Lateranẽſe III, & Gregorio X. no Concilio Lugdonenſe II. Em tantas eleyçoens, de tantos votos, em diverſos tempos, & por differentes maneyras, nunca prevaleceu intruſaõ, que interrompeſſe derivarſe de S. Pedro atè hoje a Vicaria de *Chriſto* legitimamente; effeyto da aſſiſtencia do Eſpirito Santo; 17 mas a que fez a *Virgem* na primeyra poſſe, tinha ſido Aurora deſte Sol Divino.

6 Acriſolouſe eſta excellencia nos ſciſmas, com que o demonio a combateu. No anno de 253. com a de Novaciano contra Saõ Cornelio; no anno de 352. com a de Feliz contra Saõ Liberio; no de 367. com a de Urſino contra Saõ Damaſo; no de 419. de Eulalio contra S. Bonifacio; no de 499. de Lourenço contra Simaco; no de 531. de Dioſcoro contra Saõ Bonifacio

8 *Matth. 16.17.*

9 *Mexia na Sylv. de var lic. l. 1. c. 21. Vilbegas Flos Sanct. vida de S. Gregor. Pap. Matute na Profap. de Chriſt. idade 4. c. 8. § 6. Ilbeſc. biſt. Pontif.*

10 *Segundo a melhor opiniaõ, com Genebrard. & Yepes, Fr. Joaõ de Sant. Thom. na Bened. Luſit. tom 1. trat. 1. p. 4. c. 1. no princip*

11 *Fr. Leaõ ſup. c. 2. das addições no fim do trat. 2. p. 5.*

12 *Bene oſtendit Aug. Triumpho de poteſt. Eccleſ. q. 1. per tot.*

13 *Mexia na Sylv de var. lic. l. 1. c. 21. Thom Beſſ. de ſign. Eccleſ. l. 9. ſign. 34. c. 5. n. 18.*

14 *Mexia ſupr.*

15 *Cap. In nomine Domini 23 diſt. de Concilio habetur in 3. t. m. Concil. pag. miki 59.*

16 *Cap. Licet de vitanda election. & cap. Ubi periculum eodem tit. in 6.*

17 *Cap. ult. 79. diſt.*

cio II. no de 537. de Vigilio contra S. Sylverio; no de 767. (ou 750. ſegundo outros Authores) com a do Anti-papa Theofilato; no de 824. de Zinzino contra Eugenio II. no de 855 de Anaſtaſio contra Benedicto III. no de 891. de Sergio contra Formoſo; no de 964. com o ſciſma que houve entre Leaõ, Benedicto, & Joaõ XII. no de 995. com a de Joaõ contra Gregorio V. no de 1402. com a de Joaõ, & Sylveſtre, ambos intruſos; no de 1058. de Benedicto contra Nicolao II. no de 1061. de Honorio contra Alexandre II. de 1080. (ou de 1078. ſegundo outros Eſcritores) com a de Guilberto, que ſe chamou Clemente, contra Gregorio VII. no de 1099. de Alberto, & Theodorico contra Paſcoal II. no de 1130. de Leaõ contra Innocencio II. no de 1159. de Victor, Calliſto, & Paſcoal contra Alexandre III. no de 1327. de Nicolao favorecido pelo Emperador Ludovico V. contra Joaõ XXI. no de 1378. a mais terribel do Anti-papa Clemente, a que ſuccedèraõ outros, contra Urbano VI. no de 1424. de outro Clemente contra Martinho III. (por outro computo Martinho V.) no de 1439. de Felix contra Eugenio IV. tantos combates permittio Deos por noſſas culpas; 18 mas nunca o inimigo prevalecco: ſempre ficou o Pontificado em ſucceſſaõ legitima.

7 Felicitou aquella benigna Eſtrella o facil exercicio da juriſdicçaõ Pontifical, que ainda na primitiva Igreja, entre as mayores perſeguiçõcs de tyrannos, regeo o eſpiritual com tanta perfeyçaõ, que ſempre ſe foy augmentando atè glorioſamente conquiſtar o Mundo.

8 Acabadas as perſeguiçoens, exercèraõ os Papas ſua juriſdicçaõ naõ fó no eſpiritual, em q̃ direytamente lha deu *Chriſto*; 19 mas tambem no temporal (contra os mayores Principes) em ordem ao eſpiritual, em que a tem indirey tamente 20 por neceſſaria conſequencia: 21 & aſſim por cauſa da Religiaõ priváraõ os Summos Pontifices Conſtantino, Gregorio II. & Gregorio VII. a Filippo, Leaõ III. & Niceforo, Emperadores de Conſtantinopla, ſe bem contra Leaõ ſe naõ executou em muytas terras. E Innocencio III. Innocencio IV. Bonifacio VIII. (ſegundo alguns Authores) & Clemente IV. priváraõ a Otho IV. Federico II. Adolfo, & Luis V. Emperadores de Alemanha. Zacarias privou a Childerico Rey de França; Urbano IV. a Manfredo Rey de Napoles, & Sicilia; Julio II. a Joaõ, & Catharina Reys de Navarra: 22 refiro como ſe praticou o direyto: naõ qualifico as informaçoens do facto, em que ſe fundou, que tal vez ſaõ erradas. 23 Omitto cenſuras, que naõ procedèraõ por penitencia, concordia, & outras cauſas. 24 E aſſim como tiravaõ, tambem davaõ Eſtados em ordem à Religiaõ. Leaõ III. fez Emperador de Alemanha a Carlos Magno; Zacarias fez Rey de França a Pipino; Paſcoal I. a Lothario Rey de Italia; Innocencio II. & Clemente IV. a Rogerio, & Carlos I. Reys das duas Sicilias; Joaõ II. aos Reys Catholicos Fernando, &

18 *Cap. Audaſter. 8. q. 1.*

19 *Matth. 16. 18. Joan. 21. 15. Cap. Illud Domin de major. & obed.*

20 *Cap. Novit. 13. in fin. princ. de judic. Cap. Per venerabilem §. Rationib. qui fil. ſint legit. Cap. Ad abolendam 9 §. Statuimus de hæret. Extrav. St fratrum §. Sanè, ne Sede vacante Goſſ. verbo onam, in §. In Chriſti nomine, de pace Conſt. Bart. in L. Si Imperialis, n. 4 ff. de leg. Hoſtienſ. latè in ſum qui fil ſint. leg § Et à quo P. Suar. de leg. l. 1. c. 6. n. 3. & l. 3. c. 19. & c. 11. n. 12. Bovadilla Polit. l. 2. c. 7. P. Fr. Serapbin de Freit. de juſt. Imper. Luſit. Aſiat. c. 6. Diximus in Luſitan. liberat. Proœm. 2. §. 2. à n. 23.*

21 *Bvreg. l. 2. ff. de juriſd. omnium judic. Marſil ſi gular 57. Gabr. Per. de Manu Reg. tom. 1. prælud. 2. n. 12.*

22 *Reſerem-ſe eſtes, & outros caſos nos textos in c. Duo ſunt 96. diſt. c. Alius, cap. Juratos 15 q. 6. Venerabilem 34. de elect. c. Apoſtolica, de ſent. & re jud. in 6 Paul. Diacon. l. 6 c. 10. & 14. Dubravius lib. 18 prope fin. Scip. Dupleix hiſt. de Frãç. Joan. Speed. hiſt. Angl. ſucceſ. 2. c. 8. Sand. de orig. ſchiſm. Angl. l. 1. Ant. Nebriſſ. de bel. Navar l. 1. c. 3. Illeſc. hiſt. Pont. p. 2. lit. 6. c. 23. §. 1. Fleſcul. hiſt. p. 2. c. 5.*

23 *Ut ait text. in cap. Ex literis, de ſcriptis.*

24 *Retulimus in Luſit. lib. 2. Proœm. 2. §. 2. n. 27. & 28.*

& Iſabel Reys de Navarra; Alexandre VI. dividio as Conquiſtas entre os Reys de Portugal, & Caſtella; do que já tinha tratado Martinho V. Eugenio IV. & Sixto IV. 25

9 Atè para o mero temporal felicitou aquella aſſiſtencia da *Virgem* a primeyra poſſe do Summo Pontificado em taõ ſummo gráo, que em muytos ſeculos a ſoberania dos mayores Principes pedia a conceſſaõ, ou confirmação, das novas Coroas aos Papas ſó por urbanidade, & reſpeyto ſem outra obrigaçaõ, pois baſtava a data dos povos, que ſós as podiaõ dar pelo direyto das gentes. 26 Pelos annos de mil, S. Eſtevaõ primeyro Rey de Hungria alcançou do Papa Sylveſtre II. o titulo de Rey. 27 Pelos annos de 1075. o deu a Sè Apoſtolica (devia governar Gregorio VII.) a Demetrio Rey de Ruſſia, Dalmacia, & Cracovia. 28 No anno de 1098. o deu Urbano II. a Edgardo Rey de Eſcocia. 29 No de 1320. Venceslao Duque de Polonia alcançou o titulo de Rey por conceſſaõ de Joaõ XXI. Daniel Principe de Ruſſia, & Mindaco Principe de Lithuania, tambem da Sè Apoſtolica alcançáraõ a dignidade Real; 30 & Henrique VIII. Rey de Inglaterra, antes de cahir, a de Rey de Irlanda. Noſſo primeyro Rey D. Affonſo Henriques impetrou confirmaçaõ della no anno 1142. de Innocencio II. 31 & depois, de Alexandre III. 32 & a ratificáraõ Clemente III. reynando Dom Sancho I. & Innocencio III. & Honorio III. reynando Dom Affonſo II. 33 O meſmo Dom Affonſo II. ſe ſugeytou á compoſiçaõ que o meſmo Innocencio III. fez entre elle, & ſuas irmãs ſobre algumas terras; 34 & a Innocencio IV. recorrèraõ os Eſtados de Portugal ſobre os deſcuydos delRey D. Sancho II. para ſe paſſar o governo a ſeu irmão D. Affonſo. 35 Naõ poſſuindo entaõ os Summos Pontifices tantos Eſtados temporaes, moſtrava Deos que ſó do eſpiritual lhes reſultava a mayor athoridade.

10 Por reſpeyto, & devoçaõ ſe coroavaõ os Emperadores Gregos por mão do Patriarca de Conſtantinopla em nome do Summo Pontifice; 36 & nos de Alemanha, quando no anno de 800 ſe ſuſcitáraõ em Carlos Magno, ſe ordenou que todos ſe coroaſſem pelos Pontifices Summos; o que algũs Authores attribuem a ſe repreſentar no Pontifice, & no Clero antigo Senado Romano; 37 mas parece mais certo fundarſe na authoridade que ſe quiz dar ao Vigario de Deos, como ſe colhe do que eſcreve Ilheſcas. 38 E aſſim ſem haver aquella razão, lemos que muyto antes já no anno de 495. conſtituhio Clodoveo Rey de França que ſeus ſucceſſores foſſem ungidos pelo Arcebiſpo de Rheins em nome do Papa, 39 & ſe obſerva de ordinario, poſto que não he obrigaçaõ, & aſſim em outras partes ſe ungiraõ alguns Reys. 40 Pelos annos de 586. religioſiſſimo Recaredo Rey dos Viſo-godos em Heſpanha fez ſemelhante conſtituiçaõ para os Reys ſe ungirem por hum Prelado, & era o de Toledo. 41 O meſmo coſtume houve em quaſi todos os Reynos da

25 *Ultra ſupra citatos, referunt Hiſtor. general. Indiar. l. 2. c. 8. Maffeus de reb. Indic. l. 1.*

26 *Lex, Hoc jure. ff de juſt & jur. Juſtin. hiſt. l. 1. in princ. Probatur ex Deuteron. c. 17 n. 14 & ex his quæ Molin. de primog. in annot. ad fin. oper. n. 3.*

27 *Cartuſius in ejus vita.*

28 *Euſtochius l. de Donat. Coſtantini, ex monument Bibliotu. Lateran.*

29 *Leſſius l. 7. hiſt. S. ot.*

30 *Thom. Boſſ. de ſign. Eccl. tom. 2. l. 17. ſign. 74. c. 4. verſ. tertium.*

31 *Brito na Chron. de Ciſter l. 3. c. 4 & c. Brandaõ na Monarch. Luſit p. 3 l. 10. c. 10.*

32 *Brandaõ d. p. 3 no Append. Eſcritura 24.*

33 *Brandaõ ſup. l. 11. c. 20. & p. 4. l. 13. c. 16. & in Append. Eſcr. 10.*

34 *Brandaõ ſup. p 4. l. 13. c. 4.*

35 *Cap. Grandi, de ſupplend. negl. prel. in 6.*

36 *Zonaras, variis in locis.*

37 *D. Gregor. l. 12 c. 1. Epiſt.*

38 *Ilheſc. hiſt. Pont. p. 1 l. 4 c. 18.*

39 *Papyr. Maſſon. in vit. Horn. 1.*

40 *Ita lutè Preces de Thou, l. 109. hiſt. agens de Henrico IV.*

41 *D. Iſidor. in Chron. Ludovic. Tolet l. 3 c. 1.*

Europa: ungindo-se os de Inglaterra pelos Arcebiſpos de Cantuaria, por commiſſaõ do Papa Adriano III. os de Eſcocia pelos de Santo André, por commiſſaõ de Urbano II. os que houvè em Alemanha, pelos Arcebiſpos de Moguncia: os de Bohemia, pelos de Praga: os de Polonia, pelos Genenſes: os de Hungria, pelos Biſpos de Alba: os de Suecia, pelos Uſpalenſes: os de Dinamarca, pelos Ludenſes.

11 Da veneraçaõ com que os mayores Principes tratáraõ os Papas em viſtas que tiveraõ, ha muytos exemplos. Por menos vulgares referirey tres. No anno de 724. foy o Papa Zacarias a Narni: & Luitprando q̃ reynava em Lõbardia, o eſperou quaſi hũa legua fóra da Cidade, & apeado lhe beyjou o pè; & continuando o Papa ſeu caminho a cavallo, o Rey o foy acõpanhando a pè ao eſtribo, atè o Papa ficar aonde ſe apoſentou.

12 No anno de 754. hindo o Papa Eſtevaõ III. a França, ElRey Pipino, & ſeu Filho Carlos Magno, que entaõ era Principe, fizeraõ o meſmo. 42

42 *And. è du Cheſne tom. 1. part. 796. Anaſtas Bibliothecarius, hiſt. Pont. in vita Stephani III.*

13 No anno de 816. o Papa Eſtevaõ V. foy a Rheins, & coroou a Luis, chamado de *Buenayre*, Rey de França, que tambem foy Emperador. ElRey ſahio meya legua a recebello, & no meyo do campo deſceo do cavallo, & diſſe: *Bendito ſeja o que vem em nome de Deos*; & o Papa, deſcendo tambem logo do ſeu cavallo, reſpondeo: *Bendito ſeja noſſo Deos, que nos fez graça de vermos com os noſſos olhos hum ſegundo Rey David.* Dito iſto, ſe abraçáraõ, & tomando o Emperador ao Papa pela mão, o conduzio atè a Igreja de Saõ Remigio, aonde fizeraõ oraçaõ, & ſe cantou o *Te Deum*, & depois o Papa, & Cleriſia em altas vozes derão vivas ao Emperador, reconhecendo-o por tal. Logo foy o Papa levado à caſa que lhe eſtava preparada junto da Igreja, aonde praticâraõ, & tomáraõ ambos paõ, & vinho; & o Emperador ſe foy para a Cidade, que entaõ eſtava apartada da Igreja; aonde depois fez hir o Papa, & o feſtejou, & banqueteou: & o Papa lhe fez o meſmo; & quando ſe foy para Roma, lhe deu o Emperador huma Cruz de grande valor para a Igreja de S. Pedro, & mandou feſtejallo por todo o Reyno. 43

43 *Fauchet. l. 8. das antiguidad. de França.*

14 Em todas as viſtas menos antigas, & mais notorias recebèraõ os Papas aſſentados em ſuas cadeyras Pontificaes, & cubertos aos Reys, & Emperadores; & eſtes fazendo huma meſura ao entrar da camera, outra no meyo della, outra junto do Papa, com hum joelho em terra, lhe beyjáraõ o pè, depois a mão, & ultimamente lhe derão a paz na face, & alguns na boca; & tambem alguns antes da paz lhe beyjáraõ a roupa. A cortezia que os Papas lhes fizerão, foy, ao tempo de dar a paz, levantarem-ſe hum pouco, & abraçallos: & refuſar a alguns, beyjaremlhe o pè, do qual refuſo poucos uſárão. Quando deraõ cadeyra, era mais bayxa que a ſua; & ſe comiaõ juntos, tambem a meſa dos Principes era mais bayxa. 44 Só no anno de 1438. quando o Emperador de Grecia Joaõ Paleologo veyo ao Con-

44 *Vejaõ ſe as Relaçoens que deſtas viſtas faz Theodoro Godefroino Ceremonial de França tom. 1.*

Concilio Ferrariense, o Papa Eugenio IV. deu alguns passos, & o não deyxou ajoelhar, & o abraçou, & lhe deu a mão a beyjar, & o fez assentar à mão esquerda. 45 No anno de 1530. quando em Bolonha o Papa Clemente VII. coroou ao Emperador Carlos V. no dia da coroação, subindo o Papa a cavallo, o Emperador lhe quiz ter o estribo, mas elle o não consentio. 46 Havia o Papa Saõ Sylvestre consentido que o Emperador Constantino Magno o levasse de redea hindo elle a cavallo, servindo-lhe de Estribeyro, como diz o mesmo Emperador 47 na doaçaõ, que lhe fez de Roma, que anda incorporada no Direyto Canonico. Nas vistas que em doze de Outubro de 1533. teve o mesmo Clemente VII. em Marselha com Francisco I. Rey de França, lhe fallou tambem a Rainha em outro dia. O Papa a recebeo assentado na cadeyra Pontificia. A Rainha (que era Dona Leonor, mulher que havia sido do nosso Rey Dom Manoel) entrou vestida de branco à Hespanhola cuberta de pedras preciosas, levada de braço por dous Cardeaes; com ella o Mordomo Mòr; beyjou o pè ao Papa, depois a mão, depois lhe deu a paz na face, & depois fallou. O Papa a fez assentar à sua mão direyta, sobre tres grandes almofadas. Logo vieraõ as filhas que ElRey tinha do primeyro matrimonio, (com Claudia, que fora filha delRey Luis XII. & de sua segunda mulher Anna, Duqueza de Bretanha) & fizerão o mesmo que a Rainha; & o Papa as fez assentar á sua mão esquerda; depois entrou o Delphim, & fez o mesmo; dando demais a paz na face a muytos Cardiaes que assistiaõ; & se assentou junto de suas irmãs. Ultimamente as Damas do Paço em grande numero (pois só a Infanta Margarida, que depois casou com Emmanuel Filisberto Duque de Saboya, trazia vinte & duas) precioſamente ornadas, por ordem huma, & huma beyjárão o pè ao Pontifice. O qual, feyta esta ceremonia, se levantou para se recolher a seu apozento interior, & acompanhando o a Rainha, elle a tomou pela mão atè a porta do apozento, aonde lhe fez cumprimento que entrasse; o que ella naõ aceytou: o Papa entrou, & ella se retirou. 48

15 Ajoelhar a modo de adoração, & beyjar o pè (de que os Hereges murmuraõ) he cortezia muy antiga, de quem se quer mostrar humilde com outro mayor. Abraham se ajoelhou deste modo aos moradores de Heth: 49 Jacob fez o mesmo sete vezes diante de Esaù: 50 a Joseph fizeraõ o mesmo seus irmãos: 51 a mulher de Thecuites diante de David: 52 Judith diante de Holofernes: 53 & outras vezes se lè na santa Escritura. Nas letras humanas vemos que os Parthos beyjavaõ os pès a seus Reys. 54 O Emperador Cayo Cesar deu a beyjar o pè esquerdo a Pompeyo Peno: 55 Otho, & Maximino Junior quizeraõ a mesma ceremonia: 56 Diocleciano affectou beyjaremlhe os pès como a Deos; 57 & em Castella huma ley das Partidas mandou que os vassallos quando levantassem Rey no-

45 *Ita refertur in principio Concilii Ferrarienſ. in tom 4. Concilior. pag. mihi 366.*

46 *Ihesças na hiſt. Pont. p 2. lib. 6. t. 26. §. 10. ſoſt med.*

47 *In cap. Conſtantinus 96 diſt. De quo tacè Cardinal Tuſc. in D. concl. 689.*

48 *Ceremonial de França, d. tom 1. fol. Entrée des Roys, & Reynes.*

49 *Geneſ. 23. 7.*
50 *Geneſ 33. 3.*
51 *Geneſ. 43. 26.*
52 *2. Reg. 44. 4.*
53 *Judith 10. 20.*
54 *Martial l. 10.*
55 *Senec. de benefic. l 2. c. 12.*
56 *Sueton. & Capitolin. in eoſd. dem.*
57 *Eutropius.*

vos

vo, lhe beyjaſſe o pè, & a mão em reconhecimento do Senhorio. 58 Deſta reverente humildade uſou ſantamente a Magdalena com *Chriſto* 59 em caſa do Fariſeo; & outra vez com a outra Maria quando lhe appareceo reſuſcitado; 60 & procura provar hum douto Eſcritor 61 que pedio o *Senhor* a ſeu *Eterno Pay*, & foy ſua vontade que a meſma honra ſe fizeſſe aos Apoſtolos, & a ſeus ſucceſſores; & que aſſim o profetizára David. Accreſcenta, que he obrigação dos Pontifices não recuſarem 62 eſta honra, pois a S. Pedro, que a recuſava do meſmo *Chriſto*, ameaçou o *Senhor* que ſe a não aceytaſſe, não teria parte com elle. 63 Pelo que o Apoſtolo Saõ Paulo, & Silas a não recuſárão do carcereyro: 64 & antigamente era coſtume beyjar os pès a todos os Biſpos; 65 de que nos Eſcritores lemos muytos exemplos; 66 o que hoje ſó ſe conſerva no Summo Pontifice, a quem mais eſpecialmente ſe deve em nome de *Chriſto* que repreſenta, & de toda a Igreja de que he cabeça; com tudo com urbanidade humilde poem a figura da Cruz no calçado, para que o oſculo tenha mais devota decencia. Pois tocámos eſta materia, pede a curioſidade que digamos, que o beyjar a mão ſe derivou de que crendo os antigos que cada parte do corpo humano encerrava myſterio religioſo, como a orelha dedicada á memoria, os joelhos á miſericordia, & aſſim as mais; 67 à mão direyta attribuíraõ a fé; 68 pelo que beyjar a mão ſe introduzio por promeſſa de fè; 69 & os Mouros quando fallaõ com ſeu Rey, tem a mão ſobre o peyto, ſignificando que lhes ſaõ fieis.

16 Reſplandece a grandeza do Summo Pontificado nas ricas veſtiduras do Papa, mageſtade com que he ſervido; & pompa com que ſahe acompanhado; poſto que tambem diſto murmurem os hereges, como que não imita a humildade de *Chriſto*. Não ſe lembrão do precioſo ornato, & apparato viſtoſo que Deos ordenou ao Summo Sacerdote da Ley antiga; 70 ao da Ley nova, que mais propriamente o repreſenta, & he ſeu Vigario na terra, ſe deve muyto mais. 71 O Filho de Deos (notou hum Eſcritor grave 72 antigo) tomando a natureza humana, eſcolheo o fraco, & humilde para confundir o forte, & ſoberbo: mas não quiz que a alteza do poder Eccleſiaſtico ſe deyxaſſe deſcobrir aos fieis; antes ordenou que ſeu Principado oſtentaſſe grandeza ſobre todo; & ſe lhe ajoelhaſſe tudo.

17 Fora demaſiadamente largo apontar todas as prerogativas da dignidade Pontificia, ainda no temporal; 73 introduzio-ſe chamarſe *Papa* o Summo Pontifice, por ſer *Papa* entre os Latinos interjeyçaõ admirativa da mayor, & maravilhoſa grandeza, 74 que nelle ſe vè; poſto que alguns imaginem que das primeyras ſyllabas, com que em breve ſe eſcrevia chamarlhe *Pater Patrum*, ſe derivou eſte nome.

18 O meſmo reſpeyto ſe vio nos infieis, & mayores inimigos. O cruel Atila Rey dos Hunos, que chamandoſe *Açoute de Deos*, vinha deſtruindo o Mundo com ſetecentos mil homẽs, inveſ-

58 *Ley 20. tit. 13. p. 2.*

59 *Luc. 7. 38.* Oſculabatur pedes ejus.

60 *Matth 28. 9.*

61 *Boſius de ſign. Eccleſ tom. 1. l. 11. ſign. 49 c. 10. poſt med. & in fin. & l. 10. ſign. 86. c. 5. poſt princ. ex Joan. 17 8. juxta Græcam verſionẽ:* Et ego gloriam, quam dediſti mihi, dedi eis.

62 *Pſalm. 46. v. 4* Subjecit populos nobis, & gentes, ſub pedibus noſtris.

63 *Joan. 13 9.*

64 *Act. 16 29.*

65 *D Hieron. apud Boſium d ſign. 86 5 ante med.*

66 *Niceph Hiſt. l. 12. c. 9. Fortunatus de vit. Martin. l. 3. Boſius d. c. 5. ad med. Vide D. Ambroſ. de dignit. Sacerd c. 2. D. Aug. ſerm. 18 de verb. Apoſtol.*

67 *Alex ab Alex. genial. l. 2. c. 19.*

68 *Virgil. Æneid. l. 3.* Iple pater dextram, &c. *& lib. 7.* Pars mihi pacis erit dextram tetigiſſe tyranni.

69 *P. Mendoça in Viridar. l. 8. Decad. 5. c. 1.*

70 *Exod 39. & ſæpe alibi.*

71 *Notat Boſius d. l 11. ſign. 49. c. 10 prope fin.*

72 *Auguſtin. Triumphus, de Poteſt. Eccl. in dedicat. ad Papam Joan. XXII.*

73 *De multis habetur in c Omnes 22. diſt. & apud Caſſaneum in Catal. glor. mund p. 4. conſider. 7.*

74 *Ant. Nebriſſ. in Diction.*

inveſtia Roma; ſahiolhe ao encontro o Papa Saõ Leaõ Magno, armado invencivelmente de ſua authoridade, & fallandolhe, o perſuadio a deyxar a empreza, & retirarſe de Italia. He verdade que diſſe o Tyranno que ao lado do Pontifice vira dous homens venerandos, que o ameaçavaõ com eſpadas: entendeſe que eraõ Saõ Pedro, & Saõ Paulo; 75 porèm obrou Deos pela peſſoa do Pontifice, & mageſtoſa dignidade.

75 *Ilheſc. hiſt. Pontific. p. 1.*

19 Quaſi o meſmo ſuccedeo ao Papa Zacarias aplacando a Raquis, que vinha armado contra Roma, & o perſuadio a meterſe Monge no Monte Caſſino, 76

76 *Scegl. Catàc. poſt hiſt. â primord. Eccleſ. in Chronol. an. Chriſti 741.*

20 Sobre o reſpeyto, com que todos os Principes eſcrevem ao Papa, me contou em Inglaterra hum Embayxador de Hollanda chamado Joaquim, velho de grande juizo, que para certo negocio fora neceſſario aos Eſtados Geraes eſcrever ao Summo Pontifice; & conſultando a fórma, reſolvèraõ que não podião deyxar de o tratar por *Santidade*, & que no alto do papel em lugar de porem *Sanctiſſime Pater*, puzeſſem hum S, & hum P grandes, para que ſignificaſſem, ou, *Sanctiſſime Pater*, ou, *Salutem plurimam*, como elles queriaõ entender; mas como no corpo da carta era o tratamento por *Santidade*, mal disfarçavão no S, & no P o meſmo ſentido. Aſſim eſcrevèraõ, & diſſe que a elle, que era hum dos Eſtados, ſe commetteo a nota da carta. Do Romano Mario ſe lê, que depois de triunfar ſete vezes, foy condenado à morte, & eſpantou o algoz com a mageſtade de ſeu roſto; mayor he a mageſtade, que auſente, & ſó imaginada ſe faz reſpeytar de todo hum Senado inimigo.

21 Feliciſſima Eſtrella foy a aſſiſtencia da *Virgem Mãy* naquella primeyra poſſe, que do Summo Pontificado tomou S. Pedro.

CAPITULO LIX.

Como deſceo o Eſpirito Santo, & foy a Virgem Santiſſima ſingularmente illuſtrada.

1 EM Jeruſalèm entre orações continuas, 1 que faziaõ no Templo, 2 eſperava a *Mãy Virgem* com os doze Apoſtolos (porque jà eſtava eleyto Mathias, como diſſemos,) 3 & com os mais Diſcipulos, entre os quaes não faltava a Magdalena, 4 a vinda do *Eſpirito Santo*, que *Chriſto* promettèra. 5 Atè que na manhã de Domingo, decimo dia depois da glorioſa Aſcenção, às nove horas, eſtando juntos no Cenaculo, 6 ditoſo lugar de tantas maravilhas, 7 (diz o *Vita Chriſti* de hum muyto eſpiritual Author anonymo da Ordem dos Prègadores, que recitando a *Senhora* aquelle verſo de David: *Emitte Spiritũ tuum, & creabuntur, & renovabis faciem terræ*,) ſe ouvio de repente hum ſonido grande do Ceo, como de vento, que encheo toda

1 *Act. 1. 14.*
2 *Luc. 24. in fin.*
3 *No cap. precedente n. 2. Act. 1. â n. 16*
4 *Vilhegas na vida da Magdalena.*
5 *Luc. ult. 49. Joan. 14. 16 & 26. & c. 15. 26. & 16 8. Act. 1. 4.*
6 *Nicephor. hiſt. Eccleſ. l. 2. c. 2. no fine.*
7 *Supr. c. 46. n. 3 & c. 51. n. 5.*

toda a caſa, & logo ſobre a cabeça de cada hum dos Apoſtolos, & Diſcipulos 8 appareceo huma lingua como de fogo: todos ficáraõ cheyos do Eſpirito Santo, & começárão a fallar em varias linguas. 9

8 *Nicephor ſuprâ.*

9 *AA.2.à princ.*

2 Com iſto (conſiderão os Doutores ſagrados) acabou o *Padre Eterno* de nos dar quanto tinha. Já tinha dado o *Filho*, para ſer Deos humano: agora deu o *Eſpirito Santo*, para fazer o homem divino; 10 pareceulhe pouco entregar o *Filho*, para remir os ſervos, ſem dar o *Eſpirito Santo*, para adoptar os ſervos em filhos. 11 A todos offerece o Eſpirito, de que deu primicias aos Apoſtolos; 12 he Pay mais liberal em remediar, que os filhos prodigos em ſe deſtruirem. 13

10 *Ita cum Rupert.in Numer.l.* 1.c 35. *no at P.Fr. Man. do Sepulchro, Refeyg.eſpirit c.37. n 3.*

11 *Guerric.ſerm.1 in Pentecoſt.* Patrum erat Patri tradidiſſe Filium ut redimeret ſervum; niſi daret & Spiritum Sanctum, ut ſervum adoptaret in filium.

12 *Guerric.d.ſerm.1.poſt med.* Spiritum, cujus hodie primitias dedit Apoſtolis, offert univerſis.

13 *Guerric.eodem ſerm.in princ.*

14 *Exod.19.*

3 Neſte dia ſe cumprião cincoenta depois da Reſurreyçaõ glorioſa, em que a obra da redempçaõ do Mundo fora acabada; & como aos cincoenta dias da liberdade do povo Hebreo do Egypto dera Deos a Ley eſcrita no monte Sinai: 14 aos cincoenta dias de noſſa liberdade do peccado original, no monte Sion (que he Jeruſalèm) allumiou, & confortou mais os Prèdores da Evangelica para a promulgarem. Niceforo, 15 & outros Authores daõ outras razoens deſtes cincoenta dias; & ſerem dez depois da Aſcençaõ, mais profundas que a noſſa ſimplicidade, com que eſcrevemos para todos. Com o nome de *Pentecoſte*, que ſignifica o numero quinquageſimo 16 dos dias, celebravão os Judeos aquella feſtividade, (a que tambem chamavaõ, das ſete hebdomadas:) & nòs, pela meſma ſignificaçaõ, damos a eſta o meſmo nome. Já no tempo de Saõ Paulo ſe celebrava, como parece do que eſcreveo aos Corinthios. 17

15 *Nicephor.ſup.l.1 c.38.*

16 *Nebriſſ.in Dict.*

17 *Paul.1.ad Cor.* 16.8.

4 Como a Ley no monte Sinai deſcèra com trovoens, 18 tambem agora ſe ouvio ſonido grande do Ceo; era moſtra que Deos coſtumava dar de ſua Mageſtade quando chegava; 19 (de que ſó não uſou quando veyo no ventre da *Virgem*, porque alli tudo foy ſuavidade: & aſſim cahio manſamente, como orvalho ſobre vello de lã.) 20 Mas aquelles trovoens trouxerão rayos, que atemorizáraõ; 21 eſte ſonido lançou linguas de fogo, que diziaõ amor: aquella Ley foy terribel; 22 eſta he ſuave; 23 como tambem aquella eſcura, eſta clara: & aſſim entaõ houve nuvem 24 que cubrio, agora fogo que allumiou.

18 *Exod.*19.16.

19 *Iſai.6.Ezechiel.*3.12.

20 *Judit.6.37.*

21 *Exod.ſup.*16. Timuit populus.

22 *Exod ſup.*18. Eratque omnis mons terribilis.

23 *Matth.*11.30. Jugum meum ſuave eſt.

24 *Exod.*e 19.16. Nubes denſiſſima operite montem.

5 Do *Eſpirito Santo* recebèrão aquelles congregados graças, dons, & effeytos ineffaveis, conforme a capacidade, & preparação de cada hum, neceſſidade da Igreja, & diſpoſição divina. Aquella foy a Aula, em que os Meſtres da Fè na meſma hora aprendèraõ, & ſe graduárão Doutores de quanto era neceſſario para prègarem, converterem, & governarem. 25

25 *Joan.*14.16.

6 A Virgem *Maria* recebeo mayor abundancia de graças, & dons que todos juntos: 26 aſſim como era mais digna, mais capaz, & com mayor preparação que todos juntos, ficou hum ſacrario do *Eſpirito Santo*, em que ſe recolhèraõ juntas, & com modo mais excellente todas as graças, & prerogativas repartidas,

26 *Ribet.de laud.Virg. l.2. art.* 26. *Vilbegas na vida de Chriſt. c.50. ante med. Melchior de Caſtro na vida da Virgem l 1.c.17.in fin. P. Fr. Joſeph de Jeſ. Mar.na vida da meſma Senhora l.5.c.2.n.2.*

partidas nos mais; assim o dizem os Escritores communmente. Porèm hum moderno douto 27 advertio que estava jà a *Senhora* taõ chea, & confirmada em graça, & nas *gratis datas*, que pouco restava que lhe augmentar em substancia: *que sómente se lhe poderia accrescentar algum mayor conhecimento do que tocava ao Estado da Igreja, & publicaçaõ, & aproveytamento da Fé.*

27 *Fr. Man. do Sepulchro na Rey. feyç. espirit. p. 1. c. 37. n. 14.*

CAPITULO LX.

Maravilhas que obrárão Saõ Pedro, & os mais Apostolos, & Discipulos, logo que o Espirito Santo desceo a illustrallos. Trata-se a conversaõ do Centurio Hespanhol, q̃ confessou a Christo na Cruz por Filho de Deos; & a do Soldado Longuinhos, que deu a lançada com seu martyrio. Trata-se da conversaõ da mulher de Pilatos, & o que se diz ao mesmo Pilatos.

1 CHeyos do *Espirito Santo* os Apostolos, & Discipulos, diz o Texto sagrado que começáraõ a fallar em varias linguas, como o *Espirito* lhes dictava; 1 huma que só fallavaõ tinha effeyto de varias, parecendo a sua propria a cada huma de todas as naçoens que a ouviaõ. Para impedir a fabrica de Babel, de huma lingua fez Deos muytas: 2 para fabricar a Igreja, de muytas linguas fez huma só: entaõ com muytas linguas se naõ entendèraõ os homens; agora com hũa se entendèraõ todos; porque o peccado confunde o entender: o serviço de Deos facilita o mais difficultoso.

1 *Act. 2. 4.* Cœperunt loqui variis linguis, prout Spiritus Sanctus dabat eloqui illis.

2 *Vide supra c. 4. n. 1.*

2 Com zelo, & fervor celestial sahiraõ logo pelas rũas de Jerusalèm publicando as grandezas, & louvores do *Senhor*. A festa do *Pentecostes*, q̃ então se celebrava, era das mais solemnes, em q̃ deviaõ todos de quaesquer partes hir ao Templo de Jerusalèm; 3 porque ainda que onde viviaõ tivessem synagogas para orar, & aprender, só no Templo de Jerusalèm sacrificavaõ; pelo que se achavaõ alli muytos nascidos em diversas Provincias, aonde, ou a mercancia, ou as disperssoens, & cativeyros que padeceo aquelle povo, haviaõ levado seus pays, & das mesmas partes se achavaõ Gentios, que ou o commercio, ou outras occasiões haviaõ trazido àquella Cidade, que era hum dos mayores emporios do Mundo; diz o Texto, que se achavaõ alli Parthos, Medos, Elamitas, Mesopotamios, Capadocios, Ponticos, Phrygios, Pamphilios, Egypcios, Proselitas, Cretenses, Arabios, Romanos, & Africanos; de todos estes, & dos Hebreos concorria multidaõ innumeravel às vozes santas daquelles zelosos Varoens; pasmavaõ de ouvirem fallar a cada hum delles no mesmo tempo as varias linguas, em q̃ todos se haviaõ creado, & naõ sabiaõ a que o attribuissem.

3 *Dissemos supr. c. 39. n. 2.*

3 Entre

2 Entre eſte concurſo admirado, levantou mais a voz Saõ Pedro d'entre os outros onze Apoſtolos, & fez huma pratica, ou ſermaõ taõ efficaz, que em aquelle dia ſe convertèraõ quaſi tres mil peſſoas: & nos ſeguintes muytas mais. Em outro tempo nem por homem conhecéra a *Chriſto*: 4 jà agora o publicava por Deos; porque o Ceo lhe inſpirava valor.

4 Neſta occaſiaõ ſe confirmaria na Fé o Centuriaõ, a cujo ſervo ſarou *Chriſto* em Cafarnaù; 5 & o outro que o havia reconhecido por Filho de Deos, quando vio os prodigios com que morréra na Cruz, 6 ambos os quaes eraõ Heſpanhoes, & foraõ Santos. 7

5 Tambem ou entaõ creria, ou ſe conformaria o Soldado Longuinho (que alguns mal identificaõ com o Centuriaõ) que deu a lançada em *Chriſto* jà morto, de que ſahio ſangue, & agua, 8 & dizem, que correndolhe pela lança aos olhos, lhe reſtituhio a viſta quaſi perdida. Eſcreve-ſe que ſe ajuntou aos Apoſtolos, & ſeria neſta occaſiaõ. No glorioſo martyrio que depois padeceo em Ceſaréa de Capadocia, ſe lhe cortou a lingua, & ſem ella fallava louvores do *Senhor*; 9 myſterioſa alluſaõ a ſe haver convertido, ou confortado com o milagre de varias linguas.

6 Entaõ ſe converteria tambem a mulher de Pilatos, que Flavio Dextro 10 poem convertida neſte anno trinta & quatro do naſciſmento de *Chriſto*. Facilmente ſe pòde crer ſua converſaõ, pois ainda que alguns Doutores 11 cuydáraõ que a viſaõ que teve na noyte da Payxaõ de *Chriſto*, 12 fora traça do demonio para impedir a morte que nos havia de ſalvar; muytos Santos 13 a tiveraõ por couſa do Ceo. Dextro a chama *Claudia Procula*; & aſſim a chamou tambem o Evangelho que eſcreveo Nicodemos; 14 o qual poſto que naõ foy approvado pela Igreja, por ſer dos que ſe eſcrevéraõ 15 ſem o Eſpirito Divino, 16 que aſſiſtio ſómente aos quatro Evangeliſtas ſagrados; com tudo na hiſtoria profana ſe admitte como teſtemunha daquelle tempo. Pòde ſer que foſſe a Claudia de que S. Paulo faz menção em carta a Timotheo, 17 pois ha concordancia no nome, & no tempo: & ou viuva; ou apartada do marido deſterrado, 18 viveria em Roma, onde a carta foy eſcrita. 19

7 A Pilatos chama Chriſtaõ Tertulliano: 20 Santo Agoſtinho 21 o conta entre os que ſe ſalvâraõ: Sabellico diz que he provavel: 22 refere-o o Padre Henriques; 23 & o Padre Bivar 24 nota que a carta que elle eſcreveo ao Emperador Tiberio ſobre as virtudes, & milagres de *Chriſto*, parece mais de Chriſtaõ, que de Gentio. A miſericordia de Deos a todos admitte. Se elle alcançou tanto, devia ſer neſta occaſiaõ em que a tantos converteo aquelle maravilhoſo effeyto da deſcida do *Eſpirito Santo*; porque neſte meſmo anno 24 de *Chriſto*, diz Flavio Dextro, 25 que elle ſe reſolveo a eſcrever ao Emperador a morte, & milagres do *Senhor*; & alèm da carta, parece que fez acto publi-

4 *Matth.2.672.* Non novi hominem.

5 *Matth.8.5.*

6 *Matth.17.54. Marc.15.39. Luc.24.47.*

7 *Dexter.an.Chriſt.34. & 40. ubi P Bivar in commentis.*

8 *Joan.19 34.*

9 *P.Fr. Diogo do Roſar.no Flos Sanct. vida de S. Longuin. ex Brev. Bracar. ac Eborenſi, & Claudio à Rota.*

10 *Dexter d.an.34.*

11 *Refert Baron.ad an.Domini 34.*

12 *Matth.27 19.*

13 *D.Amb. l 10 in Luc. c.23. D. Hilar.can.33 Chryſoſt. & Aug.apud Bivar ſup. comment.1 n.1.*

14 *Refert Vincent. Belvacenſ.l.7 ſpec.hiſt.c.41.*

15 *Refert Luc.c.1. in princ.*

16 *D.Hieron.in præf.ex procem. comm.in Matth.*

16 *D.Paul.1.ad Timoth. 4. in fin.*

17 *Vide ſupra c. 50. n.5.*

19 *P.Bivar ad commēt.1. in fin.*

20 *Tertullian. in Apolog.*

21 *D. Aug ſerm.3. de temp. ſeu ſerm.3. de Epiphan.*

22 *Sabellic. Æneid.7.l.2.*

23 *P.Henriq.in Sum.Theol. Mor. p.2.l.9 c.32.in explic. Symbol. fidei, ad verba ſub Pontio Pilato, in gloſ. lit.i.*

24 *P.Bivar ad Dextr. ann.38. comment.n.2 verſ.extat.*

25 *Dext.an 34.*

publicos da materia, os quaes allega Saõ Juſtino Filoſofo, & Martyr inſigne, na Apologia 26 que offereceo ao Emperador Antonio pela Religiaõ Chriſtã. Ou enviaſſe a carta logo ao Emperador, como cuyda Baronio: 27 ou dilataſſe envialla atè o anno de 38. conforme ao meſmo Dextro, Oroſio, Euſebio, & outros Authores, 28 por medo dos Judeos, ou do meſmo Emperador; baſta haverſe reſoluto a eſcrevella naquella occaſiaõ da vinda do *Eſpirito Santo*, para ſe verem as maravilhas que ella obrou. E poſto que era coſtume eſcreverem os Governadores das Provincias aos Emperadores as couſas notaveis, que ſuccedeſſem nellas, 29 para que de tudo tiveſſem noticias, & nenhuma houveſſe taõ digna de relaçaõ, como os ſucceſſos de *Chriſto*; Pilatos os referio de modo, 30 que Tiberio o quiz fazer adorar entre os Deoſes: & não ſe effeytuando, por duvidas que ſobre iſſo teve com o Senado, (o que he mais certo) por Deos naõ querer aquella honra vã; mandou que os Chriſtãos foſſem permittidos, com o que ſe deu grande lugar à prègaçaõ Evangelica, & creſceo muyto por todo o Mundo a Chriſtandade. 31 A carta dizia aſſim traduzida do Latim.

26 *D Juſtin. Martyr in Apolog. pro Relig. Chr.* Hæc ita geſta eſſe, cognoſcere ex actis, quæ ſub Pilato ſunt ſcripta poteſtis.

27 *Cardin. Baron ann.* 230.

28 *Dexter ann* 38. *Oroſ l* 7. *c.* 4. *Euſeb. in chron. an.* 35. & *l.* 2. *hiſt. Eccleſ. c* 2 *Tertullian. in Apolog. c.* 5. & 21. *Alii apud Bivar ad Dextr. ibi* 2.

29 *Nicephor Callixt hiſt Eccleſ. l* 2 *c.* 8 *in prine.*

30 *A certa razaõ o Doutor Ignacio de Villar Maldonado in Syva reſponſo. juris l.* 1. *reſp.* 12. *n.* 53. *verſ. Præterea Pineda, na Monarch. Eccleſ. p* 2. *c.* 20. §. 3 *O livro intitulado, Diſcurſo contra a perfidia Judaica, c.* 7. *ad fin.*

31 *Ex Tertullian. in Apolog Nicephor. ſup.*

Poncio Pilatos: A Claudio Tiberio, Saude.

HA pouco tempo aconteceo (o que eu vi) que os Judeos por odio com huma condenaçaõ cruel ſe matàraõ a ſi, & a ſua poſteridade. Porque tendo ſeus pays promeſſa de que ſeu Deos lhes mandaria, por huma Virgem ſeu Santo Filho, o qual com razaõ foſſe chamado ſeu Rey; a eſte em minha preſença mandou a Judèa. E vendo elles que dava luz a cegos, alimpava leproſos, curava paraliticos, afugentava demonios, reſuſcitava mortos, mandava ſobre os ventos, & a pè enxuto paſſeava pelas ondas do mar, & fazia outras muytas couſas maravilhoſas; & todo o povo dos Judeos diz que he Filho de Deos: os Principes dos Sacerdotes levados de invejoſo odio contra elle, mo entregàraõ, mentindo falſidades, diſſeraõ que elle era grande, & obrava contra a ſua ley. Eu cri que era aſſim, & o entreguey açoutado a ſeu arbitrio. Os quaes o crucificáraõ; & puzeraõ guardas no ſepulchro: mas elle (eſtando-o guardando ſoldados) ao terceyro dia reſuſcitou. Porèm accendeoſe tanto contra elle a maldade dos Judeos, que derão dinheyro aos meſmos guardas para que diſſeſſem que os ſeus diſcipulos furtáraõ o ſeu corpo: mas elles, não podendo callar o que paſſára, teſtimunháraõ que elle havia reſuſcitado, & que virão viſaõ de Anjos: & que haviaõ recebido dinheyro dos Judeos. Eſcrevi iſto, para que ninguem cuyde outra couſa, crendo as mentiras dos Judeos.

CAPITULO LXI.

Como a Virgem Senhora nossa assistio no primeyro Concilio, que a Igreja celebrou: & se dá noticia dos que tem havido geraes; & das principaes particularidades delles, & das Cidades em que forão celebrados.

1 PAra Mestres da Religiaõ, alèm dos Apostolos, 1 nos deyxou *Christo* os Sagrados Concilios, a que prometteo assistir; 2 & para fomentar o Santo Collegio deyxou a *Virgem* Santissima, que os Doutores 3 chamaõ Illuminadora, Mestra, & Promotora da Igreja nascente.

2 Assistio a *Senhora*, como provão Ruperto, 4 & outros Authores, 5 ao primeyro Concilio, que Saõ Pedro (depois de outras congregaçoens menores) celebrou em Jerusalèm 6 no anno 51. outros dizem 48 do Nascimento de *Christo*, 7 em que se declarou sermos livres da circuncisaõ; era certo ficar tudo suave, onde a *Virgem* assistia, posto que o heresiarca Paulo Samosateno pelos annos 269. quiz suscitar aquella dura ley. 8 Encaminhou a *Virgem* a resoluçaõ, 9 como quem pelas profecias, pela illuminaçaõ, & pelo trato conhecia a vontade do *Filho*; & o mesmo succedia nas outras juntas que os Apostolos faziaõ sobre alguma duvida; 10 adverte hum Escritor grave 11 que Saõ Lucas o não declarou nos Actos, por não occasionar introduzirem-se as mulheres em conferencias semelhantes.

3 Depois se seguiraõ muytos Concilios, que pela mayor parte se ajuntáraõ contra hereges, & com aquella doutrina derivada os confundiraõ; ao que parece allude a Igreja Catholica chamando à Virgem *Extirpadora de todas as heresias.* 12 Dezanove Concilios geraes (alèm de muytos Provinciaes) se tem seguido felizmente com authoridade dos Summos Pontifices, depois que pela Christandade do Emperador Constantino Magno teve a Igreja liberdade.

4 O *Niceno I.* na Cidade de Nicea 13 (em que entaõ era Bispo Theognis) Metropole da Provincia de Bithynia em Asia; a qual Cidade se chamou primeyro *Antigonia*, pela fundar *Antigono* filho de Filippe: & depois Lysimaco a chamou *Nicea*, do nome de sua mulher filha de Antipatro. 14 Eusebio, & Flavio Dextro 15 o poem no anno de *Christo* 324. Baronio 16 com Morales, & o Flosculo das historias no de 325. Cassiodoro 17 o estende ao anno de 328. devia de nascer esta pequena discrepancia de que, segundo Niceforo, 18 durou tres annos; & declara este Author Grego, & muyto chegado àquelle tempo, que começou no dia undecimo de Mayo. Foy convocado

1 *Matth.18.19.& 20.*
2 *Matth.18.20.*
3 *D.Ignat.Ep.1.ad Joan.* Nostræ novæ Religionis, & pœnitentiæ est Magistra. *Idiota de contemplatione Virg.c.3. D.Antonin 4.p.Sum.Theolog.tit.17. D.Aug.serm.6.de Nativ.d fin. Gelasin.7.de arcan.c.4.& 12. Vide sup.c.37.n.3.*
4 *Prova Ruperto, como fica dito c.53.n.2.da palavra*, surgens, *Act.* 15.7.
5 *P.Bivar ad Dextrum an.34. comment 7.n.7.*
6 *Act* 15.6.
7 *Cum Baron.Horat.Scogl Catacens.hist.à primord Eccles.p.1.l.1.& in Coronel.p.2.Vide P.Bivar com.ad Dextr an.Chr.48.n.1.vers.obiter.*
8 *S Epiphan.hæres 61. S. Aug. hæres 44.*
9 *Ita P.F. Joseph de Jesu Mar. hist.de Virg.l.5.c.7.n.5.*
10 *Cum D Bernard.serm.4. super* Missus est, *ante med Melchior de Castro hist.Virg.l.1.c.19.*
11 *P.Fr.Joseph supr.*

12 Cunctas hæreses sola interemisti in universo Mundo. *D. Bernard.d B.M.* Signum magnum, *post princip* Sola enim contrivit universam hæreticam pravitatem.

13 *Habetur in 1.tom.Concil.pag. mihi 339.*
14 *Strab.l.11 Plin.l.5.c.32. Ptolom.l 5.c.1.*
15 *Euseb.in Chron.an.324.Dexter in Chron.eod.an.*
16 *Baron an n.325. Bossius, Floscul.hist.in Chronol. ad fin.oper.& in hist.p.1.c.2.post princ.*
17 *Cassiodor Chron. ae.328.*
18 *Nicephor.hist.Eccles.l.8.c.16. ad fin.*

vocado pelo Papa Saõ Sylveſtre, que por ſua muyta idade, não poder hir a Roma aſſiſtir peſſoalmente: 19 (alguns Eſcritores 20 o equivocaõ mal com Saõ Julio, que lhe ſuccedeo, depois de Saõ Marcos, que ſó governou nove mezes;) porèm mandou Saõ Sylveſtre em ſeu nome a Victor, (que outros chamaõ Vitus,) & Vincencio, Presbyteros Romanos. Como naõ erão Biſpos, naõ preſidiaõ. Focio Patriarca de Conſtantinopla 21 diz, que preſidio Alexandre Biſpo Conſtantinopolitano; naõ ſey donde ſe prove, antes Socrates na hiſtoria Tripartita 22 refere que elle, por muyto velho, ſe naõ achou preſente, mas por elle alguns ſeus Presbyteros. Creyo a Flaviodextro; 23 que affirma que preſidio Hoſio Heſpanhol Biſpo de Cordova, porque na ſubſcripçaõ do Concilio ſe vè que aſſinou primeyro que todos, & logo abayxo delle os ditos Presbyteros mandados pelo Papa, antes de todos os Biſpos que depois aſſináraõ; dandoſe-lhes eſta honra, poſto que naõ tiverão total preſidencia por falta da Ordem Epiſcopal. A Hoſio ſe concedeo celebre ſobre todos em virtude,& letras, como affirmaõ os Eſcritores com inſignes encomios; 24 & aſſim teſtemunha a hiſtoria Tripartita, que preſidio tambem em outros Synodos, que houve em ſeu tempo. 25 Depois forçado com tormentos pelos Arrianos, 26 moſtrou quam pouco ſe pòde fiar da fragilidade humana; & que os grandes talentos ſaõ tributarios a quèdas. Porèm tornando em ſi, padeceo deſterro pela Fé Catholica, 27 & no anno de 360. tendo mais de cento de idade, morreo ſantamente, 28 ſem embargo das calumnias de alguns Authores, (que por ſi allegaõ huma authoridade ſuppoſta de Santo Iſidoro) contra as quaes o defendem outros muytos graves, 28 accreſcentando que a Igreja Syriaca celebrava ſua feſta a 5. de Novembro. Achàraõ-ſe neſte Concilio 318. Biſpos, & outros muytos Varoens illuſtres em letras, & ſantidade; & aſſiſtio com elles o Emperador Conſtantino Magno por ſua grande piedade Chriſtã, quaſi ao vigeſimo anno de ſeu Imperio. 29 A elle foy chamado Arrio, natural, & Presbytero de Alexandria, & convencido por S. Athanaſio, (q̃ ſendo Diàcono da meſma Cidade, acõpanhava ſeu Biſpo Alexandre, a quem ſuccedeo] foy condenada ſua hereſia, & ſe deſdiſſe com medo do Emperador. Mas tornando, como caõ, ao vomito, morreõ lançando os inteſtinos com o novo, & torpe genero de morte. 30 Alli ſe profeſſou o Symbolo da Fé. 31 Firmouſe o dia, em que ſe havia de celebrar a Paſcoa, no qual naõ concordavão todas as Igrejas; 32 & para melhor regra diſto ſe inventou a conta do *Aureo numero*; 33 & decretáraõſe muytas couſas do bom governo Eccleſiaſtico. Quando no fim ſe aſſinárão os actos, eraõ mortos dous Biſpos, Chryſante, & Muſonio; os mais Padres lhos levárão à ſepultura, & lhes diſſeraõ, que pois já illuſtrados com o eſplendor da *Trindade* Santiſſima viaõ ſem obſtaculo, que aquelles decretos a que aſſiſtiraõ

19 *Theod l 1.c.7.*

20 *Sozomen.in hiſt Tripart. lib. 2.c.1.Photius Patriarch Conſtant. epiſt.de ſept.Concil. habetur in princip.tom.1.Concilior.*

21 *Photius ubi proximè.*

22 *Socrat.in hiſt.Tripart l.2.c.8.*

23 *Dext an.Chriſt. 314.*

24 *Hiſt.Tripart.l.1.cap. 10.in princ.Theodoretus in eadem hiſt. l.5. c.16 ad fin. & Socrates c.6. Eloſcul. hiſt.p.2 c.2.priſt princip.*

25 *Theodor.in hiſt.Tripart ſupr.*

26 *Hiſt Tripart.d.l.5. c.9.*

27 *Theodoret.ſupr.*

28 *Dexter an.360.*

28 *Cun. Baron. & aliis P. Bivar comment.ad Dextr.ſup n.2.*

29 *Nicephor hiſt.l.8.c. 26.ad fin.*

30 *Floſcul.hiſt.p 2.d c 2.*

31 *Auxander Epiſcop.Alex(qui inter fuit) Ep. ad Epiſc. Catholic. de Arrian.habetur in 1.tom. Conc. ante Nicæum, pag.mihi 337.*

32 *Nicephor l.8 c.24.ad fin. D.Iſidor.in Præf ad opus Concil. habetur in 1 tom.Cõcilior.pag mihi 10.*

33 *Scoglius Catacenſ hiſt.à primord.Eccleſ.l.3.ad fin.*

ſtirão eraõ verdadeyros, quizeſſem aſſinallos; deyxárão allí o papel, tornando no dia ſeguinte, o achárão aſſinado por letra de ambos, dizendo: *Chryſante, & Muſonio, que com os Padres do primeyro Synodo Catholico Niceno havemos conſentido, poſto que jà paſſados do corpo, com tudo ſobeſcrevemos com a noſſa propria mão.* 34 O Papa Saõ Sylveſtre confirmou tudo por Reſcripto que anda no fim do meſmo Concilio; & no primeyro Canon do Provincial, que pouco depois, preſente o meſmo Emperador, celebrou em Roma com 275. Biſpos, nas Thermas Domicianas. 35 No tempo que durou o Concilio Niceno, ſuſtentou o Emperador com grandeza todos os congregados, 36 & no fim delle lhes deu à ſua meſa hum eſplendido banquete. Vendo a muytos com membros cortados, & ſinaes das feridas, & outros martyrios das perſeguiçoens paſſadas, cheyo de devoçaõ, as venerou com oſculos, & a cada hum pedia a bençaõ. Acabado o banquete lhes rogou quizeſſem hir a Conſtantinopla, que havia treze annos começára a fundar, para q̃ com ſuas preſenças, & oraçoens ſantificaſſem a nova Cidade. Obedecèraõ à petiçaõ: deſtinàraõ dia feſtivo, em que celebrando Miſſa ſolenne; chamàraõ à Cidade *Nova Roma, & Conſtantinopla Imperante*, & a dedicáraõ á *Virgem Mãy de Deos*; no que ſe moſtra a fé com que aquelle ſagrado Concilio teve a *Senhora* por Tutelar. Era entaõ alli Biſpo Alexandre de Conſtantinopla, banquetcados de novo pelo Emperador, & com amplas ordens a favor da Religiaõ Catholica, ſe foraõ para os ſeus Biſpados. 37

5 Segundo Concilio geral foy o *Conſtantinopolitano I.* na Cidade de *Conſtantinopla*, Provincia da Thracia, quaſi fundada de novo pelo Emperador *Conſtantino Magno*, de quem ſe lhe deu o nome, como agora diſſemos, ſobre a pequena Cidade chamada *Bizancio*, & *Argos*, que havia ſido fundada por Pauſanias Rey dos Eſpartanos. 38 Celebrou-ſe no anno de *Chriſto* 381. com authoridade do Papa Saõ Damaſo Portuguez, 39 & favor do excellente Emperador Theodoſio I. achando-ſe nelle 150. Biſpos. Confirmou os decretos do Niceno: condenou a hereſia de Macedonio Biſpo da meſma Cidade: preſidiraõ nelle Timotheo Biſpo de Alexandria, Melecio de Antioquia, Cyrillo de Jeruſalèm, & Nectario de Conſtantinopla, & depois o confirmou o Papa Saõ Damaſo. 40

6 Terceyro foy o *Efeſino* na Cidade de *Efeſo* de Jonia, Provincia de Aſia menor, fundada pelas Amazonas, 41 celebre pelo famoſo templo de Diana, 42 & muyto mais pela Epiſtola de Saõ Paulo. 43 Foy convocado pelo Emperador Theodoſio II. por authoridade do Papa Celeſtino, que por não poder hir a elle por cauſa do largo caminho, & navegaçaõ, commetteo a preſidencia em ſeu lugar a Saõ Cyrillo Biſpo de Alexandria; donde reſultou arrogarem-ſe os Biſpos ſeus ſuceſſores algumas preminencias como de Papa: & aventajando-ſe a Patriarcas, exercitaõ hoje muytas hereticamente. Começouſe

34 *Nicephor d.l.8.c.23.*

35 *Habetur d.1.tom.p.mihi.354.*
36 *Socrates in hiſt. Tripart.lib. 2.c.1.ad fin. ex Euſeb.*

37 *Nicephor d.l.8 c.26.*

38 *Gregor.Braun.in civit.Orbis tom.1.indice verb. Conſtantin. Conrad.Geſner.in Onomaſt.propr.nom. verbo, Bizantium.*
39 *Dizemos na 1 p.c.25. n.19.*

40 *Photius Patriarcha Conſtant. ſupr.*

41 *Plin.hiſt.l.5 c.29. Juſtin.l 2.*
42 *Supr c.6 n.16.*
43 *D.Paul.Epiſt. ad Epheſ.*

meçouſe aos vinte de Julho do anno de *Chriſto* 431. Aſſiſtiraõ duzentos Biſpos; aos quaes depois de Saõ Cyrillo, preſidiraõ tambem Memno Biſpo da meſma Cidade de Epheſo, & Juvenal Biſpo da Cidade de Jeruſalèm. Condenou as hereſias de Neſtorio, Biſpo de Conſtantinopla, que ſendo chamado, veyo com grande fauſto, mas em breve diſputa o convenceo Saõ Cyrillo. Pertinaz morreo deſterrado em Oaſim lugar de Arabia, com a lingua comida de bichos; acabando primeyro aquella parte do corpo mais nefanda. 44

7 Quarto Concilio geral foy o *Calcedonenſe*, 45 em *Calcedonia*, Cidade da Provincia de Bithynia na Aſia, na foz do Ponto Euxino, fundada pelos Megarenſes, chamada primeyro Proceraſtis, depois Compuſa, ultimamente *Calcedon*, do rio *Calcido*. 46 Ajuntouſe em Outubro do anno 451. no famoſo Templo de Santa Eufemia, 47 convocado por cartas dos Emperadores Valentiniano III. & Marciano, que ambos juntos governavão, o primeyro no Occidente, o ſegundo no Oriente; de ordem do Papa S. Leaõ Magno, que mandou em ſeu lugar Paſcaſino, & Lucencio Biſpos, & Bonifacio Presbytero; com os quaes preſidirão tambem Anatolio Biſpo de Conſtantinopla, & outros. Acháraõ-ſe nelle 630. Biſpos; ſegundo Focio: 48 Niceforo diz 636. & aſſiſtio o piiſſimo Emperador Marciano, 49 com muytos Grandes da ſua Corte. Os Eccleſiaſticos Romanos, Conſtantinopolitanos, & Antioquenos aſſentados na parte direyta do Templo; os Alexandrinos, & Jeroſolymitanos na eſquerda; os Principes, & Senadores no meyo. 50 Alli foy damnada a hereſia de Eutiques Abbade, & de ſeu fautor Dioſcoro Biſpo de Alexandria; os quaes diſputáraõ taõ porfiadamente, que a fé dos Catholicos conſentio, que abrindoſe o ſepulchro da Virgem S. Eufemia natural daquella Cidade, & martyrizada na perſeguiçaõ Diocleciana, que no meſmo tempo reſplandecia com milagres, ſe lhe offereceſſem eſcritas as razoens contrarias, para que com algũa demonſtração julgaſſe a verdade. Puzerão aos pès do ſanto corpo, que ſe conſervava inteyro, os papeis de ambas as partes. Fizeraõ-ſe oraçoens em toda a noyte, & abrindo-ſe pela manhã o monumento de marmore, que ficára fechado ſe achou o Papel Catholico nas mãos da Santa Virgem, que o tinha apertado com força: & o heretico lançado aos pès como deſprezado. E porque os pertinazes nem com iſto ſe movêraõ, forão deſterrados. 51 Ordenárão-ſe no meſmo Concilio outras muytas couſas, & ſantas.

8 Foy quinto Concilio geral o *Conſtantinopolitano II.* 52 na Cidade de *Conſtantinopla*, de que jà diſſemos. 53 Ajuntou-ſe ſobre varias hereſias de Evagrio, Didymo, & outros, que quaſi em hum meſmo tempo combatiaõ a verdade, ajudados de alguns erros de Origenes; & tambem repullulava a peſtifera doutrina de Neſtor jà condenado no Efeſino. 54 Duráraõ eſtas con-

44 *Hæc omnia ex Nicephor. l. 14. c. 34. Photin. Patriarch. Conſtantin. ep. de ſept. Concil in princip. tom. 1. Concilior. Floſcul. hiſt. p. 2. poſt med. verſ. Domi pugnatum. Idem Concilium habetur in d. tom. pag. mihi 598.*

45 *Habetur in 2. tom. Concilior. à pag. 11.*

46 *Plin. l. 5. c. 32. Strab. l. 12. Ptolomæus l. 5. c. 1. Conrad. Geſner in Onomaſt. propr. nomin.*

47 *Deſcreve ſua grandeza Nicephor. l. 14. c. 3.*

48 *Photius ſupra. Nicephor l. 14. c. 2.*

49 *Vide p. 1. c. 49. n. 11.*

50 *Nicephor d. l. 14 c. 4. in princ.*

51 *Nicephor ſuprà.*

52 *Habetur in 2. tom. Concil. à pag. mihi 409.*

53 *Supr. n. 5.*

54 *Supra n. 6.*

controverſias Pontificados de tres Papas; o S. Agapito para as atalhar foy a Conſtantinopla valerſe do Emperador, que ſó tinha poder coactivo: & lá morreo. Saõ Silverio continuou o meſmo trabalho atè a morte; ſuccedendo Vigilio, ſe celebrou eſte Concilio geral, no qual pela mayor parte ſe confirmáraõ determinaçoens de dous Provinciaes que tinhaõ precedido ſobre as meſmas materias; donde naſceo a confuſaõ com que os Eſcritores lhe ſinalão o anno; devia ſer atè o de 554. ou 55. Aſſiſtirão 165. Biſpos: houve muytos Preſidentes; os principaes foraõ Menas, & Eutiquio Biſpos de Conſtantinopla; o Papa Vigilio aſſiſtia na meſma Cidade, poſto que não entrava nelle, mas confirmou todos ſeus actos. 55 Imperava o excellente Juſtiniano I. que favoreceo muyto a Religiaõ. 56

55 *Photius Patriarch. Conſtant. epiſt. de ſept. Concil. œcumen.*

56 *De hoc Concilio Nicephor. l. 17. c. 27. & 28.*

9 Sexto, *Conſtantinopolitano* terceyro. 57 Convocavaõſe entaõ os Concilios para aquellas partes, porque nellas principalmente ſe eſtendia a Chriſtandade, & aſſim podiaõ mais facilmente ajuntarſe os convocados; & porque nelles ſe levantavaõ as hereſias que ſe tratava de extirpar; & concorria o poder dos Emperadores para a execuçaõ. Eſte ſe deſtinou, ſendo Summo Pontifice Domno; mas effeytuou-ſe no no anno de 680. 58 com ſeu ſucceſſor Agatho, que mandou por ſua parte Theodoro, & Georgio Presbyteros, & Joaõ Diàcono, os quaes preſidirão juntamente com Georgio Arcebiſpo de Conſtantinopla. Foraõ preſentes 170. Biſpos, & o Emperador Conſtantino IV. cognominado *Pagonato*, com muytos Grandes da Corte. Começou aos 7. de Novembro, & celebrouſe dentro do Paço Imperial no quarto que ſe chamava *Trullo*, donde os Canones delle ſe chamàraõ *Trullanos*. Condenou a hereſia dos Monothelitas, que havia tido principio em Cyro Biſpo Alexandrino, & em Sergio Conſtantinopolitano, & as de outros hereſiarcas. Foy confirmado pelo Papa Leaõ II. ſucceſſor de Agatho.

57 *Habetur in 2. tom. Concil. à pag 899.*

58 *Floſcul. biſt. p. 2. c 3 poſt med.*

10 Setimo, o *Niceno* ſegundo, 59 no anno de 787. ſendo Papa Adriano I. que enviou a elle Pedro Acipreſte da Igreja de Saõ Pedro de Roma, & outro Pedro Monge, & Abbade do Moſteyro de Saõ Sabá; os quaes preſidirão com Tharaſio Arcebiſpo de Conſtantinopla, imperando Conſtantino VI. com ſua mãy Irene; foraõ preſentes 367. Biſpos. 60 Reſtituhio o culto devido ás Imagens Santas, que haviaõ prohibido tres Emperadores ſucceſſivos, todos mortos miſeravelmente: Leaõ Iſauro com pezar de infelices ſucceſſores que teve; ſeu filho Conſtantino V. chamado *Copronymo*, gritando de ardores das entranhas; & Leaõ V. filho deſte, tirando a coroa à Imagem de Santa Sofia, & pondo-a em ſua cabeça, as pedras preciosas da coroa ſe convertèraõ em carvoens ardentes, que lhe abrazàraõ a cabeça nefanda. 61

59 *Habetur in 3. tom. Concil. pag. mihi 48.*

60 *Photius ſupr. Ainda que o Floſcul. biſt. p. 2 c. 3. in fine diga 350.*

11 Oytavo foy o *Conſtantinopolitano* quarto, 62 no anno de 868. ou 869. (outros dizem 870.) ſendo Papa Adriano II. que por Breve muyto authentico, & cheyo de ſuprema authoridade,

61 *Cum Cedreno S. Ogl Catacenſ. in Chron. p. 2. an. 752. Floſcul. biſt d. c. 3. ad fin.*

62 *Habetur in 3. tom. Concil. à pag. mihi. 331.*

ridade, dirigido ao Emperador Basilio Macedo, o mandou cõvocar, & que nelle presidissem Donato Bispo Ostiense, Estevão Bispo Nepesino, & Mariano Diàcono da Sé Romana. Nelle foy restituido o Santo Patriarca Ignacio, & condenado Photio, se restituhio ás Santas Imagens o culto q̃ o Emperador Theophilo lhes tornára a negar; sem se reduzir ao milagre, com que Deos restituira ao Santo Monge Lazaro a maõ, que elle lhe passára com hum ferro ardente, porque as pintava. Tambem este Emperador Theophilo morreo miseravel de pezar, vendo-se vencido pelos Sarracenos. Sua mulher Theodora, que ficou governando na menoridade do filho Micael, renovára piamente aquelle culto; 63 mas offendido outra vez por hereges, necessitou do novo apoyo deste Concilio. Confirmáraõse os sete Concilios precedentes; decretáraõ-se outras cousas santas; & no fim assináraõ primeyro os Legados do Papa: logo Santo Ignacio restituido Patriarca de Constantinopla: depois os Enviados pelas Igrejas do Oriẽte: em quarto lugar (porque naõ quiz senão este: assinou o dito Emperador Basilio, & seus dous filhos Constantino, & Leaõ, a quem elle tinha dado titulo de *Cesares*. E porque no mesmo Concilio assistiraõ muytos Principes seculares, na quarta acçaõ delles lhes perguntáraõ os Presidentes, como, & a que vinhaõ alli. Respondéraõ, que só para obedecerem, porque reconheciaõ, que o poder, & jurisdicção estava sómente nos Ecclesiasticos; & com esta declaraçaõ, de que se fez acto, se lhes permittio assistencia. 64 Naõ acho quantos Bispos forão presentes.

12 Nono, o *Lateranense* primeyro, celebrado em Roma (cabeça do Mundo taõ conhecida, & taõ sabida sua fundação, 65 que naõ he necessario determonos em dar della noticias) no Paço do templo celebre de Saõ Joaõ *Lateranense*, anno 1119. no fim do Pontificado de Gelasio II. & principio de Callisto II. em que se acháraõ trezentos Bispos. 66 Nelle se estabelecèráo os direytos da Igreja com melhor fórma que a usada atè entaõ.

13 Decimos o *Lateranense II.* anno 1139. & Pontificado de Innocencio II. presentes quasi mil Bispos, 67 & entre outras determinações santas annullou os actos feytos pelo pseudo Pontifice Anacleto.

14 Foy undecimo Concilio geral o *Lateranense* terceyro 68 no anno 1180. começou no mez de Março, presidindo o Papa Alexandre III. a quasi trezentos Bispos. Condenou a heresia dos Albigenses, de que jà fallámos, 69 & dispoz fórma sobre a eleyçaõ dos Summos Pontifices. 70

15 Duodecimo, o *Lateranense* quarto, 71 no anno 1215. sendo Papa Innocencio III. foy celeberrimo pela concordia, com que da Igreja Latina, & Grega se ajuntáraõ mais de mil & duzentos & oytenta Prelados, que foraõ os Patriarcas de Constantinopla, & de Jerusalèm; Arcebispos Latinos, & Gregos setenta:

63 *Flosc. hist. p. 2. c. 3.*

64 *In Appendice ejusdem Concil. d. tom. 5. pag mihi 539.*

65 *Tit. Liv. Dec 1. 1. in princip.* & a commua opiniaõ diz que a fundou Romulo, & o suppoem o texto na *L. 2. ff. de orig. & ibi glos.* Mas nas Excellacias de Portug. *l. c. 14. Excel. 3.* provàmos que foy fundada 873. annos antes de Romulo (que só a engrandece) por Hespanhoes, & Portuguezes; cõ *Pineda in Monarch. p. 1. l. 4. c. 6. Dionys. Halicarnas. in princ. hist. Marian. hist. Hispan. l. 1. c. 10. Madera Excel de Hespan. c. 9. § 4. Britto, Monarch. Lusit. l. 1. c. 13. & outros.*

66 *Flascul. hist. p. 2. c. 4. ad fin.*

67 *Flosc. hist. d. c. 4. ad fin.*

68 *Habetur in 3. tom. Concil. pag mihi 616.*

69 *Sup. c. 15. n 7.*

70 *Dissemos sup. c. 58. n. 5.*

71 *Habetur in d. 3. tom. ex p. mihi 734.*

tenta; Biſpos quatrocentos & doze: Abbades, & Priores Conventuaes mais de oytocentos. Para elle mandárão ſeus Embayxadores os Emperadores de Grecia, & Alemanha: os Reys de Jeruſalèm, França, Inglaterra, & dos Reynos de Heſpanha. 72 Não ſabemos quem foſſe o que de Portugal naõ deyxaria de mandar ElRey Dom Affonſo II. que então reynava. Só achamos que entre os Arcebiſpos foy o de Braga D. Eſtevaõ Soares da Sylva, 73 que no meſmo Concilio contendeo ſobre a Primazia de Heſpanha com o de Toledo Dom Rodrigo Ximenes, (o que eſcreveo a hiſtoria de Heſpanha;) & o Papa mãdou ſobreſtar na cauſa, como ſe vè de huma Bulla, que eſtá no Arquivo Bracarenſe; 74 & o confeſſa o Padre Joaõ de Mariana em hum lugar; 75 poſto que em outro, 76 eſquecido de ſi meſmo com o odio que o obrigou a eſcrever muytos erros contra Portugal, diz que o de Toledo alcançára vitoria; hum texto de Honorio III. o convence, 77 em que o Pontifice refere haverſe tratado a cauſa ante o dito Innocencio III. ſeu immediato Predeceſſor, & porque ainda corria, diſpoem ſobre reſtituiçaõ para provas; & atègora ſe não decidio, como eſcreve Ludovico Nunes, 78 & he muyto ſabido, poſto que eſtá muyto provado o direyto da Sè de Braga. 79 Moſtra-ſe daquelle texto que o de Braga eſtava na poſſe da Primazia, pois o de Toledo ſe nomea como author na demanda, & parece ſer o que a applicava. Diſpuzerão-ſe neſte Concilio varias couſas neceſſarias, & ſe tratou particularmente da recuperaçaõ da Paleſtina.

72 *Fr. Laurent. Surius in Præfat. ante dictum Concil.*

73 *D. Fr. Ant. Brandaõ na Monarch. Luſit. p. 4. l. 13. c. 8.*

74 *Bulla Innocent. in Archivo Brachar.* Circunſpectis rerum, & temporum circunſtantiis, de fratrũ noſtrorum conſilio, ab hac lite ſuperſedendum duximus.

75 *Mariana hiſt. Hiſpan. l. 12. c. 4.*

76 *Idem Marian. l. 9. c. 19.*

77 *Cap. Coram 7. de integr. reſtit.*

78 *Ludovic. Nunes, deſcript Hiſpan.*

79 *Illuſtr. D. Roder. da Cunha Archiep. Brachar. in integr. lib. de Primat. Brachar. Diſſemos largamẽte nas Excel. de Portug. c. 6. Excel. 13 n. 1. cum ſeqq.*

16 Decimotercio foy o *Lugdonenſe* primeyro, na Cidade de *Leaõ* em França, emporio tão celebre de Galilea chamada Celtica, que toda aquella parte ſe chamou *Lugdunenſe*, de *Lugdunum*, nome da Cidade. O Romano Lucio Munacio Planco, govenando a Gallia Comata, a fundou em hum outeyro ſobre os rios Rhodano, & Aras, (hoje Soma) aonde ainda hoje ſe vem ſeus antigos ſinaes. Alli batèraõ moeda de prata, & ouro os Romanos. Nelle eſteve hum famoſo templo, de que já fallámos, 80 conſagrado a Ceſar Auguſto: fazia-ſe na meſma Cidade huma feyra muyto nomeada, donde lhe ficou nome de *Forum Veneris*. Nella tambem inſtituhio o Emperador Caligula hum certamen da facundia da lingua Latina, & Grega em q̃ os vencidos davaõ premios aos vencedores, & eraõ conſtrangidos a compor elogios em ſeus louvores; & os que compunhaõ muyto mal, erão obrigados a apagar com a lingua ſeus eſcritos, ou os caſtigavão com palmatoria, ou os mergulhavão no rio vizinho. Acabou-ſe aquella Cidade em tempo de Nero com hum incendio tal, que nada deyxou; Seneca lhe chamou nunca viſto, ouvido, ou imaginado, porq̃ de todas as ruinas eſcapa alguma pequena parte: alli ſe abrazou tudo, & com tanta preſſa em hũa noyte, que mais ſe detinha elle em o contar, do q̃ tardou a Cidade toda em perecer. Renovouſe no plano junto

80 *Supra c. 6. n. 15.*

aos

aos meſmos rios, como hoje ſe vè, conhecida por todo o Mundo.

81 Neſta Cidade ſe celebrou 13. Concilio geral, anno 1245. no Pontificado de Innocencio IV. Ordenou muytas couſas uteis à Igreja; depoz o Emperador de Alemanha Frederico II. porque infeſtava a Romana; & determinou expediçaõ para Paleſtina capitaneada por Saõ Luis Rey de França, & mal ſuccedida por occultos juizos do Ceo.

81 *Hæc omnia ex Straton. l. 4 Budæus de Aſſe. Sueton in Caligul c. 10. Senec. ep ſt 92. in princip. l. 4. Conrad Gefner. in Onomaſt. propr. nom. verbo, Lugaun.*

17 Foy decimo quarto o *Lugdunenſe II.* anno 1274. ſendo Papa Gregorio X. Aſſiſtiraõ 500. Biſpos, 246. Abbades Conventuaes, & mais de mil outros Prelados. 82 Tratáraõ-ſe pontos de Fé, deu-ſe a fórma que hoje ſe obſerva na eleyçaõ dos Summos Pontifices pelos Cardeaes, a fim de impedir vacaturas largas; 83 unioſe a Igreja Grega á Latina; propoz-ſe a recuperaçaõ da Paleſtina juntas as forças de ambos os Imperios; o que atalhou a morte do Pontifice, & a ambiçaõ dos Principes ſeculares; & para paz da Chriſtandade, ſe pedio a ElRey Dom Affonſo X. de Caſtella, que deſiſtindo do direyto com que ſe chamava Emperador de Alemanha, 84 conſentiſſe na eleyçaõ que hum anno antes em Francofort ſe tinha feyto de Emperador em Rudolfo Conde de Haosburg; 85 aquelle de quem ſe conta, que encontrando em hum caminho hum Sacerdote a pè, que levava o Viatico Santiſſimo a hum doente, ſe deſceo do cavallo em que hia, & ſubio nelle o Sacerdote, a quem foy acompanhando a pè caminho largo; 86 veneraçaõ porque ſe cuyda que merecco para a caſa de Auſtria ſua deſcendente, havella Deos ſublimado tanto.

82 *Floſcul. hiſt. p. 2. c. 4. ante med. Marian. hiſt. Hiſp. tom. 1. l. 13 c. 22. Brandaõ, Monarch. Luſit. p. 4. l. 15. c. 37 poſt med.*

83 *Cap. Ubi periculũ, de elect. in 6.*

84 *De quo Marian. d. l. 13. c. 10 & 22.*

85 *Helias Raiſner. in genealog. Catholic. comit. Haosburg.*

86 *Brandaõ d. c. 37. ad fin.*

(18 Decimo-quinto o *Viennenſe*, na Cidade de *Vienna* em França, de que já fez menção Plinio, 87 por ſua nobreza, na Gallia Narbonenſe. Celebrou-ſe no anno 1311. ſendo Pontifice Clemente V. Francez de naçaõ, que eſtando Arcebiſpo em Bordeos, fora eleyto em Roma, depois de nove mezes de Sé vacante, por morte de Benedicto XI. (outros o contaõ IX.) & coroado em Leaõ de França (aonde os Cardeaes vieraõ depois de eleyto em Roma) paſſou a Corte para Avinhaõ, Cidade na meſma França, 88 aonde eſteve 70. annos. Aſſiſtiraõ no Concilio dous Patriarcas da Igreja Grega, 300. Biſpos de toda a Chriſtandade: & dizem que os Reys de França, Inglaterra, & Aragaõ, que peſſoalmente tratàraõ nelle de exercito para a Terra Santa. 89 Condenáraõ-ſe hereſias, & reformouſe o Eſtado Eccleſiaſtico, como era neceſſario, & foy huma das principaes materias, ſobre que ſe ajuntou. Ou no meſmo Concilio, como eſcrevem huns Authores, 90 ou pouco antes, conforme a narraçaõ de outros, 91 foy extincta a Ordem dos Templarios, com duvida grande, que ainda exiſte, ſe ſe fez com crimes provados; ou (o que mais ſe crè) por odio, & negociaçaõ de Filippe IV. chamado o *Bello*, Rey de França, para occupar ſeus bens. Doutores Juriſtas 92 menos informados nas hiſtorias dizem que eſtavaõ extinctos pelo Papa Bonifacio VIII.

87 *Plin. hiſt. nat. l. 3. c. 4. ante fin.*

88 *Ilbeſcus in hiſt Pontif. p. 2. l. 6. c. 1.*

89 *Floſcul hiſt. d. c. 5. paulò ante med. verſ. Interim.*

90 *Floſcul. hiſt ſupr. & oſſimo referem os Eſtatutos da Ordem de Chriſto tit. 1.*

91 *Ilbeſcas d. c. 1. poſt princ.*

92 *Bart. in L. Aut facta §. fin. ff. de pœn. Cum Angelo, atque aliis Tuſcbus. lit. T. corel. 26 n. 2.*

Da-

Daquelle Concilio ſahio o tomo de Direyto Canonico, chamado *Clementinas*.

19 Decimo-ſexto, o *Conſtancienſe*, em *Conſtancia*, Cidade Imperial em Alemanha; parece a que Ptolomeu chamou *Cannodurum*; 93 o qual ſe ajuntou no anno de 1414. à inſtancia do Emperador Sigiſmundo que aſſiſtio nelle, para extincçaõ do ſciſma terribel, que tinha começado no anno de 1378. de que acima fallámos; 94 & como foy de grande expectaçaõ, concorrèraõ por ſua cauſa àquella Cidade mais de quarenta mil peſſoas (ſegundo ſe affirma) de todas as qualidades; concurſo, que em nenhum outro ſe vio. 95 Nelle renunciáraõ, & foraõ depoſtos os illegitimos, & creado Papa Martinho III. por outra conta Martinho V. & mandados queymar vivos Joaõ Hus, & Jeronymo Praguenſe, 96 por eſpalharem a heresia de Viclefo 97 Inglez, inventada no anno de 1372. Achouſe neſte Concilio por Embayxador delRey de Portugal Dom Joaõ I. Alvaro Gonçalves de Attaide, que depois foy primeyro Conde da Atouguia, 98 com Embayxadores de todos os Principes da Europa. 99

20 Decimo-ſetimo Concilio geral foy o q̃ ſe começou em *Ferrára*, Cidade bem celebre de Italia na ribeyra do rio Pó, denominada, ou de certas rendas de ferro que os habitantes pagavaõ antigamente aos de Ravena: ou da *Ferrarida*, que eſtava da outra parte do rio: & o Emperador Theodoſio II. no anno de 433 paſſou para eſta nova povoaçaõ, que veyo à grandeza em que hoje ſe vè. 100 Por peſte que ſobreveyo ſe paſſou o Concilio a *Florença*, donde ſe chamou ou *Ferrarienſe*, ou *Florentino*) Cidade inſigne de Hetruria na meſma Italia, chamada antigamente *Fluentia*, & ſeus povos, *Fluentinos*, por eſtar na corrente do rio Arno. 101 depois *Florentia*, por florecer nos engenhos de ſeus moradores, & parecer a flor de Italia em todas as boas qualidades; 102 tem por epitheto Florença a *Bella*. 103 Jà fez della menção o antigo Ptolomeo. 104 Alguns dizem, que quaſi oytenta annos antes do Naſcimento de *Chriſto* foy fũdada pelos Soldados do Romano Scylla, aos quaes foraõ ſinalados aquelles campos; mas iſto nega Volterrano. Padeceo invaſoens dos Godos, & deſtruiçaõ de Totila; Carlos Magno a reſtaurou, & murou; o Emperador Henrique I. a ennobreceo mais; 105 hoje he cabeça do Ducado da Gram Toſcana. Foy a primeyra Seſſaõ deſte Concilio em *Ferrára* aos dez dias de Janeyro do anno de 1438. 106 ſendo Papa Eugenio IV. Aſſiſtio nelle o Emperador de Conſtantinopla Joaõ Palcologo, q̃ acompanhado de ſeu irmaõ Demetrio, & de mais ſetecentas peſſoas principaes, paſſou nas galès do Papa, & Veneza. 107 Com elle aſſináraõ Procuradores dos Patriarcas de Antioquia, Alexandria, & Jeruſalèm, que poſto que em poder de infieis, tinhaõ Chriſtãos, & Prelados; dezoyto Metropolitanos; Procuradores de ſeis Biſpos, & outras dez Dignidades das Igrejas de Grecia, Syria,

93 *Ptolom. apud Geſner. ſupra, verbo, Conſtantia.*

94 *Supr. c. 58. n. 6. ad fin.*

95 *Illeſc. biſt. Pontif. p. 1. l. 6. c. 11. ad med.*

96 *Floſcul. biſt. d. c. 5. ad med. v. an. Chriſt. 1414.*

97 *De ea Cocleus in biſt. Huſſitar. l 3.*

98 *Brandaõ Monarch. Luſit p. 3. l. 10. c. 15. poſt med.*

99 *Nomeaõ ſe na Seſſ 20. tom 3 Concil p. 870. & Seſſ. 38 pag. 902.*

100 *Geſner. in Onomaſt. propr. nom. verbo, Florentia. Cum Plinio Geog. Braun. in civit. orbis, tom. 1. in Indice, verbo, Florentia.*

101 *Atlas mund ſupr. na deſcripçaõ de Toſcana, poſt med.*

102 *Abraham Ortel in Theatr. Orb tabul. Ital.*

103 *Atlas Mercatoris ſupr.*

104 *Ptolom. l 3. c. 10.*

105 *Geor. Braun ſup. verbo. Florentia.*

106 *Illeſcas biſt. Pontif. p. 2. l. 6. c. 13. ad med.*

107 *Illeſcas ſupr. Illuſt. D Rodrigo da Cunha, no Catal. dos Biſpos do Porto p. 2. c. 28.*

Syria, Armenia, Ethiopia, & India. Da Igreja Latina assináraõ oyto Cardeaes, dous Patriarcas, sete Arcebispos, cincoenta Bispos, quatro Geraes de Ordens de Religiosos, quarenta & hum Abbades Conventuaes, & no fim das subscripçoens se declara que faltaõ muytas dos que se ausentáraõ depois da ultima Sessaõ, antes de assinarem. 108 Tambem falta a do Patriarca de Constantinopla Josefo, que antes da ultima Sessaõ, havendose huma noyte recolhido com saude, foy pela manhã achado morto no aposento de seu estudo, com hum papel, em cuja escritura o colheo a morte, no qual estava escrito que elle vendose no fim da vida deyxava declarado que cria tudo o que ensinava a Igreja de Roma, & que o Papa della era Vigario de *Jesu Christo*. 109 Assistiraõ tambem Embayxadores do Emperador de Trapisonda, que era Christaõ; & de Armenia, & Ethiopia, & de varios Principes, & Estados da Igreja Latina: os delRey de Portugal Dom Duarte 110 foraõ o Conde de Ourem, filho do Conde de Barcellos, Dom Affonso seu irmaõ natural, Dom Antão Martins de Chaves Bispo do Porto; os Doutores Vasco Fernandes de Lucena, (que seria bem moço, se era o mesmo (que depois foy Embayxador delRey Dom Joaõ II. com Dom Pedro de Noronha seu Mordomo Mòr, & Commendador Mòr de Santiago, a dar obediencia ao Papa Innocencio Oytavo 111) & Diogo Affonso Mangancha, Frey Joaõ Thomè da Ordem de Santo Agostinho, (que naquelle tempo era, por suas letras, chamado *Agostinho segundo*,) & Frey Gil Lobo da Ordem de Saõ Francisco. Annullouse neste Concilio de *Basilea*. Condenáraõ-se heresias: unio-se a Igreja Grega, & com ella todas as Orientaes á Latina, cedendo de erros que tinhaõ na Fè, depois de disputados, em grande gloria da Christandade; confessando todos que o Summo Pontifice Romano, como successor de Saõ Pedro, era Vigario de *Christo*, Pastor superior universal. 112 Sobre esta uniaõ tinha trabalhado Martinho V. immediato predecessor de Eugenio; & mandado a Constantinopla Dom Pedro da Fonseca Portuguez, Cardeal do titulo de Santo Angelo, 113 & tambem Eugenio mandou á mesma Corte o Bispo Dom Antaõ Martins, & a Frey Joaõ Thomè a confirmarem, & apressarem o Emperador em sua vida o Concilio; 114 de modo que grande parte daquelle bom successo se deveo a diligencias de Portuguezes; & pelo que obrou, fez o Papa ao dito D. Antaõ logo no fim do Concilio Presbytero Cardeal do titulo de Saõ Chrysogono, com que ficou em Roma vivendo oyto annos atè seis de Março de 1447. em que faleceo sempre com grande estimaçaõ. Mas aquella uniaõ se rompeo brevemente pela inconstancia Grega, principalmente morto o Emperador Joaõ, vendo-se frustrada a esperança do soccorro Latino contra as forças do Turco; & com a perda de Constantinopla em Constantino XI. filho do Joaõ 115 se perdeo tudo.

108 *Habetur in tom. 4. Concilior. ex pag mihi 366.*

109 *Ille sc. d. c. 13. post med.*

110 *Rui de Pina Chron. delRey D. Duarte c. 8.*
Duarte Nunes na mesma Chron.
D. Rodrigo da Cunha d. c. 28.

111 *Resende na Chron. delRey D. Joaõ II. c. 57.*

112 *Ille sc. & reliqui supr. Flos. hist. p. 2. c. 5. post med. v. An. Christ. 1438.*

113 *Chron. delRey D. Duarte c. 3 ad fin.*

114 *Rui de Pina, & outra Chronica de D. Duarte, & o Cathalogo dos Bispos do Porto, nos lugares já citados. Onuphrius Panvin. in Eug. IV.*

115 *Vide in 1. p. c. 14. n. 165.*

116 *Habentur in tom.4. Concil. ex pag.mihi 510.*

21 Foy Concilio decimo-oytavo geral o *Lateranense V.* no Paço já acima dito do Templo de Saõ Joaõ de *Latraõ* em Roma. 116 Começou no anno de 1512. sendo Papa Julio II. & acabou em 1517. no Pontificado de Leaõ X. Na primeyra Sessaõ, que foy em segunda feyra dez de Mayo, assistiraõ quinze Cardeaes, treze Patriarcas, dez Arcebispos, cincoenta & seis Bispos, dous Abbades Conventuaes, quatro Prelados Geraes de Ordens, & muytos seculares graves. Depois se augmentou o numero com os que foraõ chegando de modo, que na Sessaõ III. em sesta feyra 3. de Dezembro do mesmo anno, assistiraõ setenta & tres Bispos, & assim foy continuando pouco mais, ou menos. Acháraõ-se nelle Embayxadores do Emperador delRey Catholico, dos Reys de Portugal, & Polonia, das Respublicas de Veneza, Florença, Parma, Luca, & Cantoens Helvecios; dos Duques de Saboya, & Milaõ; dos Marquezes de Brandemburg, & Monserrato; do Gram Meltre de Rhodes; & tambem delRey Christianissimo, depois que a Julio succedeo Leaõ X. os de Portugal na Sessaõ noventa, em sesta feyra 5. de Mayo de 1514. sendo jà Papa Leaõ X. eraõ Tristáo da Cunha, & os Doutores Diogo Pacheco, & Joaõ de Faria, Desembargadores da Casa da Supplicaçaõ. Levou Tristaõ da Cunha a Leaõ X. da parte delRey Dom Manoel aquelle riquissimo presente, primicias das riquezas da India, taõ celebrado nas historias, & fez em Roma huma entrada solemnissima. 117 Damiaõ de Goes na Chronica delRey Dom Manoel chamou a Diogo Pacheco, & a Joaõ de Faria, Assessores da Embayxada; mas ElRey no poder, ou carta de crença, que anda com os actos do mesmo Concilio, chama a todos juntamente Embayxadores; 118 dando a Tristaõ da Cunha epitheto de nobre, & insigne; (grande honra de Rey a vassallo, mas bem merecida pelo que obrára na India;) 119 & assim no acompanhamento da entrada foraõ iguaes, hindo no meyo Tristaõ da Cunha, por ser o primeyro, Diogo Pacheco à sua maõ direyta, & Joaõ de Faria à esquerda. 120 Nos actos do Concilio se achaõ assinados todos tres por Embayxadores com a dita precedencia. Tornados a Portugal estes Embayxadores com muytas graças alcançadas, & feytos negocios utilissimos para o Reyno, 121 se acha na decima Sessaõ do Concilio celebrada em sesta feyra 4. de Mayo de 1515. nomeado por Embayxador de Portugal, o *Reverendo Padre D. Micael Brut*, & na Sessaõ 11. em 19. de Dezembro de 1516. *Magnificus D. Michael da Sylva*; & tambem na 12. que foy a ultima em 16. de Março de 1517. Havia sido o principal intento de Julio II. na convocaçaõ deste Concilio condenar, & reduzir hum Conciliabulo que se fazia em Pisa; assim se conseguio. Depois se offerecèraõ outras materias, que se determináraõ como convinha.

117 *Damiaõ de Goes, Chron. delRey D. Manoel p.3 c.5.*

118 Confidentes nos plurimum de fide, & industria nobilis, & insignis viri Tristani de Cugna consiliarii nostri fidelissimi, & dilectorũ ac egregiorum nostri juris Doctorũ Didaci Pacheci, & Joannis de Faria nostræ Curiæ Auditorum... Oratores destinavimus.

119 *Apud Joan. de Barros Decad. 2. Asiæ l.1. c.1. cum seq.*

110 *Damiaõ de Goes sup.*

120 *De quibus Goes sup. c.56.*

22 Decimo-nono, & ultimo Concilio geral tem sido o *Tridentino*, 122 na Cidade de *Trento*, nos confins da Italia, & Alemanha,

112 *Habetur in tom.4. Concil. ex pag.mihi 891. & passim in Manuali.*

Alemanha, entre os Alpes, em huma planicie aprazivel, pouco fertil de trigo, mas fecunda de vinhos excellentes. Plinio faz mençaõ dos povos *Tridentinos*. 123 Dizem alguns Escritores, que a Cidade foy fundada ha mil & novecẽtos annos por Brenno Capitaõ de Francezes. Tem bons edificios; entre elles huma fermosa ponte sobre o rio Athesis, que lavando seus muros corre para o mar Adriatico. O clima na Primavera, & Outono he suave, nos Caniculares ardente, no Inverno frigidissimo; & nelle naõ tem os poços da Cidade agua alguma; o que causa admiração. Os moradores fallaõ promiscuamente a lingua Italiana, & Alemã. 124 Foy a primeyra Sessaõ deste Concilio no Domingo terceyro do Advento, 13. dias de Dezembro do anno de 1545. sendo Summo Pontifice Paulo III. com quem se continuou atè a Sessaõ XX. Dilatado por varias occasioens, passou ao Pontificado de Julio III. & nelle se celebrou a Sessaõ undecima em sesta feyra 5. de Mayo de 1551. & se proseguiraõ mais cinco Sessoens. Estendeo-se ao de Pio IV. em que foy a Sessaõ 17, a 18. de Janeyro de 1562. & deu fim na Sessaõ 25. a 4. de Dezembro de 1563. presidindo sempre Cardeaes Legados dos Pontifices. Na conclusaõ delle se nomeaõ assistentes 9. Cardeaes, 3. Patriarcas, 33. Arcebispos, (entre os quaes foy Portuguez o Religiosissimo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, da Ordem dos Prègadores, Arcebispo de Braga) 235. Bispos, (entre elles Portuguez, D. Joaõ Soares da Ordem de Santo Agostinho, Bispo de Coimbra, & Dom Gaspar do Casal, da mesma Ordem, Bispo de Leyria, ambos Varoens grandes) 10. Procuradores de outros Bispos ausentes, 7. Abbades, 8. Geraes de Ordens, 2. Procuradores de outras Ordens, 95. Theologos, & Canonistas enviados por Principes, & por Ordens Religiosas: entre elles forão Portuguezes, Frey Francisco Foreyro da Ordem dos Prègadores, & o Doutor Diogo de Payva de Andrada Theologos, & o Doutor Melchior Cornelio Canonista, Desembargador, enviados por ElRey de Portugal, & Frey Henrique de S. Jeronymo, & Frey Luis Sotomayor ambos da Ordem dos Prégadores, & Frey Antonio de Padua da Observancia de Saõ Francisco, & Frey Pedro da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho. Assistiraõ Embayxadores do Emperador, dos Reys de França, Castella, Portugal, (este foy Dom Fernaõ Martins Mascarenhas) & Polonia; das Respublicas de Veneza, & Cantoens Helvecios; dos Duques de Baviera, Saboya, & Florença, & da Religiaõ de S. Joaõ de Jerusalèm. Offerecia-se tratarmos da preferencia de nossos Embayxadores aos de outros Principes, mas seria materia de novo arrependimento; só escrevemos o que pòde contribuir à honra de Deos, & da *Senhora*, em quem naõ ha ingratidão. Foy este Concilio solemnissimo, rico de gravissimos Decretos contra as heresias de Luthero, & Calvino, & outros modernos nefandos; illustre Regra ao Estado Ecclesiastico, & luz insigne da verdadeyra Religiaõ.

123 *Plin. l. 3. c. 19.*

124 *Hæc Conrad. Gesner. in Onomast. propr. nomin. verb. Tridentum.*
Georg Braun. in civit. Orb. in Indice ad fin. tom. 3. eodem verb. Fr. Laurèt. Surio in princ. ejusdem Concil.

23 Da verdade, & utilidade de todos eſtes Concilios foy como precurſor aquelle primeyro a que diſſemos 125 que a *Virgem* Santiſſima aſſiſtio, como illuminadora. Parece agradecimento deſte ultimo, declarar 126 que naõ era ſua tençaõ comprehender ſua Conceyçaõ immaculada no que tinha dito do peccado original, antes mandava que ſe obſervaſſem em as Conſtituiçoens de Syxto IV. que tanto favorecem eſte myſterio. Muytas graças ſejaõ dadas à *Senhora*, a quem ſomos taõ devedores em todos os de noſſa redempçaõ.

125 *Neſte c. 61.*

126 *Concil. Trident. Seſſ. 5. de peccat. origin. in fine.*

CAPITULO LXII.

Como a Virgem Sãtiſſima guiava os Apoſtolos, noticiava os Evangeliſtas, ajudava os Prègadores, animava os Martyres, (& ſe dá noticia das mayores perſeguiçõeſ que padeceo a Igreja;) allumiava os Confeſſores, & enſinava os Doutores.

1 POſto que a vinda do *Eſpirito Santo* ſobre os Apoſtolos, & Diſcipulos lhes enſinou toda a verdade; 1 a *Virgem Mãy* a conhecia com eminencia, & mayor clareza, 2 pelo meſmo *Divino Eſpirito*, 3 por revelaçoens, & por ſciencia experimental nos myſterios do Filho, cujos ſucceſſos, & palavras hia guardando em ſeu coraçaõ. 4 E aſſim dizem os Santos Doutores 5 que aos Apoſtolos referia muytas couſas, que Deos queria que ſoubeſſem por ſua boca ſagrada, & os encaminhava nas juntas que faziaõ ſobre alguma duvida; & por iſto foy chamada *Meſtra dos Apoſtolos*. Eſcrevem graves Authores, 6 que os meſmos Apoſtolos ſagrados, quando não podiaõ acabar de converter peſſoas que andavão duvidoſas, as enviavão á *Virgem*, que com efficacia de ſuas palavras, & com a doçura de ſua preſença as perſuadia, entendendo-ſe que não podia deyxar de ſer Deos quem era ſeu Filho. Nada finalmente de negocio grave (refere o antigo Flavio Dextro 7) fazia o Collegio Apoſtolico ſem o conſelho, & guia da Sagrada *Virgem*.

2 Aos Evangeliſtas fez a *Senhora* relaçoens para o que eſcrevèraõ; 8 & a Saõ Lucas particularmente para o principio de ſeu Evangelho, 9 pelo que mereceo ſer chamado *Notario Virgem*. 10

3 Aos Prègadores Evangelicos ajudava com oraçoens, 11 mais poderoſas nas batalhas com os inimigos da nova Ley, que as de Moyſés na de Joſuè contra os Amalecitas. 12 Por iſto à primeyra prègaçaõ de Saõ Pedro ſe convertèraõ tres mil Almas; 13 com outra de Saõ Joaõ cinco mil; 14 finalmente deu a *Senhora* à Igreja o mayor Prègador, que foy Saõ Paulo; pois ainda

1 *Joan. 14. 16.*
2 *Rupert. l. 1 in Cant. verbo*, Ubi cubes in meridie.
3 *Supr. c. 59. n. 5.*
4 *Luc. 2. 19. & 51.*
5 *D. Bernard. ſerm. 4 ſup.* Miſſus eſt, *ante med.*
Refert de S. Brigid in ſermon. Angel. c. 19 in med.
Revel. de S Brigid. in ſermon. Angel. c. 19. in med.
Rupert. ſupr. & l. 5. in Cant. verb. Qualis eſt dilectus tuus.
Melchior de Caſtro hiſt. da Virg. l. 1. c. 19.
P. Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. na meſma hiſt. l. 5. c. 7. n. 5. Vide ſup. c 61. n. 1.
Alii apud Sandeum in Aviar. Marian. orat. 3. Cygnus, ante med.
6 *Bernard. de Buſt. in Marial. p. 9. ſer. 2. & alii relati à Caniſ l. de B. Mar. & à Richel. de laud Virg. l. 1. art. 26. Vide Aug. ſerm. 6. de Temp.*
7 *Dexter an. Chr. 34.* Sacra Virgo conſilio, luce doctrinæ, & mirabili vita exemplo præſidet Collegio Apoſtolico; nihilque grave gerunt illi, quod non eius conſilio, ductuque gerant.
8 *Caſtro ſupr. l 2. c 9 prop. fin.*
9 *P. Sylveyr. in Euang. tom. 1. l. 2. c. 2. q. 4. n. 5. in fin. Caſtro ſup. c. 18.*
10 *P. Fr. Joſeph d. c. 7. n. 4.*
11 *P Fr Joſeph d l. 5. c. 3. n. 3.*
12 *Exod. 17.*
13 *Act. c. 4 1.*
14 *Caſtro d. c. 18. ante med.*

ainda que Santo Agoſtinho diz, 15 que Santo Eſtevaõ rogou por ſua converſaõ: hum douto Eſcritor 16 accreſcenta que fazia a *Mãy* de Deos oraçaõ por ella, & naõ ha duvida em que ſeria mais efficaz; naõ era muyto que ſendo Prègador convertido pela *Virgem*, concorreſſe a ouvillo tanta gente atè á meya noyte: que ſe puzeſſe nas janellas, ou tribunas das caſas, por naõ caber nos bayxos, como ſe conta nos Actos dos Apoſtolos. 17 Com grande propriedade o inſigne Patriarca Saõ Domingos inſtituhio ſua illuſtre Ordem dos Prègadores debayxo do patrocinio eſpecial da *Virgem*, & a Senhora lhes chamou filhos. 18

15 *D. Aug. ſerm. 1. de Sanct.*
16 *Melchior de Caſtro d. c. 18. ad med.*
17 *Act. 10.*
18 *Vilhegas, vida de S. Doming. Fr. Luis de Souſa, biſt de S. Doming. p. 1. l. 1. c. 8.*

4 Animava aos Martyres (como diſſe hum Anjo a Santa Brigida, & que para iſto a deyxára *Chriſto* no Mundo quando ſubio ao Ceo) 19 naõ ſó com razoens, & com a narraçaõ dø que padecèra com ſeu *Filho* na terra; mas tambem com o exemplo do que padeceo retirada com o Evangeliſta Saõ Joaõ entre Gentios em Efeſo, 20 Cidade na Aſia menor, 21 em quanto durou a perſeguiçaõ de Herodes III. deſte nome no anno 42. de *Chriſto*, 22 em que prendeo a Saõ Pedro, & matou a Santiago Mayor. 23 Bem pareceo fruto de tal eſcola o Proto-martyr Eſtevaõ, ſete mezes & meyo depois da Aſcenſaõ do *Senhor*, 24 em o ſaber imitar na caridade com que rogou pelos que o matavaõ: 25 & reſpeytar, na differença com que primeyro rogou por ſi, deyxando ao *Senhor* a ventagem de rogar primeyro pelos matadores. 26 Na meſma eſcola aprendeo Saõ Pedro querer ſer crucificado com a cabeça para bayxo, por ficar com ella aos pès de *Chriſto*; 27 (ſe bem *Chriſto* lhe pagava logo, ficando com a cabeça a ſeus pès.) E da meſma, & da converſaõ que a *Virgem* ajudou nelle, como diſſemos, 28 ſahio o Apoſtolo Saõ Paulo, cujo ſangue (quando em Roma foy degollado) bebeo a terra, & logo o reſtituhio em fontes, 29 moſtrando que o ſangue dos Martyres inſtruidos em aquella Academia ſagrada, era fonte perenne de que manaria o Chriſtianiſmo, como havia dito o *Salvador*. 30 Experimentou-ſe em treze perſeguiçoens univerſaes (alèm das muytas particulares) que a Igreja teve. Foy credito começar a primeyra em Nero, que ſó perſeguia as mayores excellencias; 31 poz a Roma fogo, que durou ſeis dias, & por deſmentir ſua culpa, a impoz aos Chriſtãos com mayor incendio. Seguiraõ-ſe as de Domiciano, Trajano, Antonino, & Marco Aurelio, Severo, Maximino, Decio, Valeriano, Aurcliano, Diocleciano, & Maximiano, Conſtancio, Juliano, & Valente. Só na de Diocleciano, & Maximiano foraõ mortos em Egypto cento & quarenta & quatro mil Martyres, & deſterrados ſetecentos mil, alèm dos que padecèraõ nas outras partes, em Africa, & toda Europa. O Emperador Valerio arrazou em Phrygia toda huma Cidade de Chriſtãos, 32 como ſe fora clemencia matallos ſeparados. Parecia que ſó havia no Mundo algozes, & Martyres; mas a crueldade nunca

19 *Revel. S. Birgit. in ſerm. Angel. c. 19.*
20 *Caſtr. d. c. 18. in fin.*
21 *Vide ſupr. cap 61. n 6.*
22 *Floſcul. biſt p. 2. c. 1.*
23 *Act. 12.*
24 *Scogl. Catacenſ. biſt. à primord. Eccleſ. 1. Vilhegas Flor Sanct. vida de S. Eſtevaõ no fim.*
25 *Act. 7. 59.*
26 *Luc. 33. 34.*
27 *Metaphraſt. & alii de S. Petr. Floſcul. biſt p. 2. c. 1 poſt princ. verſ. anno Chriſt 67.*
28 *Supr. n. 3.*
29 *Floſcul. biſt ſupr.*
30 *Joan. 12. 25.*
31 *Tertullian in Apologet. cap. 5.* Tali dedicatore damnationis noſtræ etiam gloriemur; qui enim ſcit illum, intelligere poteſt non niſi grave aliquod bonum à Nerone damnatum.
32 *Floſcul. biſt. d. c. in fin.*

ca os atemorizou, o intereſſe nunca os perſuadio; trocáraõ muytos purpuras por ſangue, & o amor natural pelo Divino: meninos, & velhos com forças juvenís; naõ houve acçaõ celebrada em valor, a que ſe não aventajaſſem. Saõ Lourenço fez de todo o corpo 33 a maõ de Scevola: 34 glorioſo eſpectaculo! as mais illuſtres, fermoſas, & delicadas donzellas entrarem ſeguras nos tribunaes, reſponderem ſem perturbaçaõ aos grandes, engeytarem bodas de Principes, convencerem ſ bios, naõ temerem féras, deſprezarem ameaços, regalarem-ſe nos tormentos, louvarem a Deos nos martyrios. Bem dizia o Romano Sertorio, que do Capitaõ vem o valor aos Soldados; eſtes militavaõ na bandeyra da *Virgem*; ſeu ſangue manancialmente regava a planta Chriſtã que creſcia: as mortes renovavão; triunfavaõ os vencidos, como aos cento & vinte annos de *Chriſto*, & cento & dez de ſua idade, moſtrou Saõ Dionyſio Areopagita, (que tambem teve a dita de participar illuminaçaõ da *Virgem*, como logo diremos,] que ſendo em França degollado, ſe levantou, & feyto carroça de ſeu triunfo, tomou ſua propria cabeça nas mãos, & a levou duas milhas entre harmonia de Anjos, atè a entregar a huma piedoſa mulher chamada Catuſa, que a recebeo por theſouro. 35

33 *Flores de Sanct. Laurent.*
34 *Liv. Dec. 1.*

35 *Baron annal. t 2. Ribadan. Flos Sanct. & alii.*

5 Foy luz dos Confeſſores. Diſſe hum Anjo a Santa Brigida que tambem para iſto deyxára *Chriſto* a ſua *Mãy* Santiſſima no Mundo: *Que lhes enſinou preceytos laudaveis, & de ſua doutrina, & exemplo aprendèraõ a ordenar com prudencia os tempos do dia, & da noyte, para louvarem, & glorificarem a Deos: & a regular, conforme a vida eſpiritual, & a razaõ, & oſono, o comer, & o trabalho corporal.* 36 He certo que em vida enſinaria os que converſava, pois do Ceo mandou por Saõ Joaõ Evangeliſta huma inſtrucçaõ a Saõ Gregorio Thaumaturgo, 37 Biſpo que foy de Neoceſarea ſua patria no Ponto Euxino, que por ella chegou a grão taõ alto de ſantidade, q̃ (Orpheo, & Amphion verdadeyro) paſſava os montes, & rochedos de humas a outras partes á ſua obediencia. 38 Aos Eremitas, ou Monges do monte Carmelo procedidos de Elias, que nos tempos da *Virgem* continuavaõ, 39 he provavel que daria nova doutrina; & dalli lhes viria a devoçaõ com que aos 38. annos do Naſcimento de *Chriſto* edificáraõ em honra da meſma *Senhora* hum Templo, de que já fizemos mençaõ. 40 Honrou a *Virgem* aquelle modo de vida em dias que hia aſſiſtir no valle de Joſaphat, contemplando os lugares em que ſeu *Filho* padecèra, 41 & eſtavaõ vizinhos. Diſſe tambem o meſmo Anjo, que aos caſados inſtruhia a *Virgem* na perfeyção: *Que os aconſelhava que ſe amaſſem corporal, & eſpiritualmente com verdadeyra caridade, ſendo inſeparaveis para qualquer couſa da honra de Deos; referindo-lhes para exemplo quam ſinceramente entregára ella a Deos ſua vontade com total reſignaçaõ;* 42 & he de crer que lhes referiria quam perfeytamente ſe amavaõ em Deos ella, & Saõ Joſeph.

36 *Revel. S. Birgit. in ſerm. Angel c. 19.*

37 *Villegas Flos Sanct p. 1. vida de S. Gregor. Thaumat.*

38 *Euſeb. Ceſarienſ hiſt. Eccleſ. l. 7. c. 25.*
39 *Vide ſupr. c. 12. n. 36. ad med.*

40 *Supr. c. 15. n. 10. poſt med.*

41 *Guerric. Abb. ſerm. 2. de Aſſumpt. ſtatim poſt princ.*

42 *Revelat S. Birgit. ſuprà.*

6 Foy

6 Foy Meſtra dos Doutores. Baſtava que o foſſe dos Apoſtolos, como diſſemos, 43 para o ficar ſendo de todos, pois todos profeſſaõ a doutrina Apoſtolica; mas em particular diſſe o grande Areopagita, 44 que em chegando á preſença da *Senhora*, quando teve a felicidade de a viſitar, 45 ſó ſua viſta o *illuminou interiormente*; quanto obraria mais larga a converſaçaõ nos que a merecèraõ! He o Meſtre pay eſpiritual, & por ſer officio de pay, & mãy amar aos que gérou, 46 recebèraõ ſempre os Doutores ſagrados eſpeciaes favores da *Senhora*. A Saõ Joaõ Damaſceno reſtituhio milagroſamente a maõ direyta que o herege Emperador de Conſtantinopla Leaõ III. lhe fizera cortar com aſtucia, porque não eſcreveſſe contra ſuas maldades, 47 & por aquella maõ logra a Igreja ſeus excellentes eſcritos. Por interceſſaõ da meſma *Senhora* naſceo Santo Ildefonſo Arcebiſpo de Toledo, a cujos eſcritos, & ſermoens 48 deveo Heſpanha ſaudavel doutrina cõtra as hereſias de Pelagio, & Heladio vindos da Gallia Gothica: & para a confirmar, & premiar, lhe trouxe peſſoalmente do Ceo huma Caſula, fazendo-o ſeu Capellaõ. 49 A noſſo grande Padre S. Bernardo deu a *Virgem Mãy* ſeu peyto ſagrado, de que bebeo o puriſſimo leyte, 50 que fez ſua boca mellifiua, como lhe chamaõ em ſeus eſcritos. A Saõ Boaventura, Eſtrella radiante na Ordem Serafica, pedra precioſa entre os Doutores Eſcolaſticos, ajudou a meſma *Senhora* com tantas luzes, q̃ admirado Santo Thomàs de ſuas letras, foy á ſua cella para ver a livraria por onde eſtudava; elle lhe moſtrou hũ Crucifixo, & o Doutor Angelico reconheceo que ſó de tal Livro podia ſahir tal doutrina. 51 Agradecido Saõ Boaventura ao favor da *Senhora*, ſendo Gèral da Ordem, no Capitulo de Piſa ordenou que de dia de Natal atè a Epiphania ſe diſſeſſe nos Hymnos: *Gloria tibi, Domine, qui natus es de Virgine*; & mandou a ſeus Frades, que nos Sermoens exhortaſſem o povo a ſaudar a *Mãy de Deos* com a ſaudação do Anjo, quando ſe tocaõ os ſinos ao anoytecer, por ter por certo que em aquella hora foy annunciada. 52 A Santo Thomàs de Aquino, eſpelho da Theologia, Cãdelabro da Igreja, deu a *Virgem* o primeyro leyte da infancia, quando dos braços da ama levantou hum papel cahido na caſa, no qual eſtava eſcrita a oraçaõ da *Ave Maria*: & tirandolho a ama por força, chorou o menino tanto, que lho tornáraõ para o acallentar; & elle o chegou á boca, & o tragou, 53 incorporando em ſi aquellas ſagradas letras, alimento cõ que foy creſcendo, & nelle vierão a produzir de ſeus eſcritos, em que cada artigo he hum milagre, como em ſua Canonização diſſe o Papa Leaõ XXII. por outro computo 21. 54 & para que em vida, & morte foſſem todos da Senhora, na doença de que morreo compoz por ultima obra a expoſiçaõ dos Cantares da meſma Eſpoſa Divina, & logo o levou Saõ Paulo á luz da eterna ſciencia, como o Religioſo Paulo Aquilino vio por revelaçaõ. 55 Ao Subtil Joaõ Dunx Eſcoto, que no principio de ſeus eſtudos,

43 *Supr. n. 1.*

44 *D. Dioryſ. Areop. Epiſt. ad Paul.*

45 *Diremos c. 64. n. 4.*

46 *D. Chryſoſt. in Epiſt. poſter. c. 7 ad Corint hom. 15. in Moral.* Patrem non ſolum facit quod genuit, ſed & quod diligit poſtquã genuit.

47 *Martyrolog. Roman.*

48 *Baron. in annot. ad Martyrolog.*

49 *Surius tom. 1. Martyrol. Roman. Arceb. D. Rodrig. na Chron. de Heſpan. l. 3. c. 22. Vincent. no Eſpelho hiſt. l. 8. c. 1. 20. Joan. Magn hiſt. Got. l. 6. c. 22. D. Rodrig. Biſp. de Patenc. hiſt. Hiſpan. p. 2. P. Samaniego, na vida de Eſcot. l. 2. c. 6. n. 3.*

50 *Brito na Chron. de Ciſter. Vilhegas no Flos Sanct. p. 1. vida de S. Bernard. no fim.*

51 *Petr. Galeſin. vit. S. Bonavent. c. 8.*

52 *De quo vide ſupr. c. 24. n. 4. in fin.*

53 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de S. Thomàs no princ.*

54 *Refert Henriq. Enge lgrav. in Ceio Empyr. feſt. Annunt. §. 2 in princ.*

55 *P. Fr. Diego do Roſario no Flos Sanct. na vida de S. Thomàs. Illeſcas no Flos Sanct. na meſma vida ad fin.*

achando-se desanimado para os proseguir, recorreo ao auxilio da *Virgem*, animou-o a *Senhora* em hũ sonho, ou rapto, prometendolhe felicidade nas sciencias, com encargo de que a servisse com ellas; 56 em Pariz lhe fez a grande honra, que ja referimos; 57 & notoria he a excellencia, & doutrina deste illustre Doutor.

56 *Refert ex multis P. Fr. Joseph Ximenes Samaniego, na vida de Escoto l. 1. c. 3. num. 3.*

57 *Supr. c. 15. n. 18.*

7 Baste por outros muytos exemplos o do insigne Portuguez Santo Antonio, que pelo nome, & naçaõ me obriga a mais largo elogio.

8 Criado atè idade de quinze annos à sombra da Santa Imagem, que chamaõ de *Nossa Senhora a Grande*, na Sé de Lisboa, diante de cujo Altar assistia muytas horas de todos os dias em fervorosa oraçaõ, (como he tradiçaõ antiga, alèm do que referem os Escritores de sua vida) continuou, & creseeo tanto na devoçaõ da *Senhora*, que ella o teve sempre em sua protecçaõ; & assim o livrou hũa noyte do Demonio que o quiz affogar; 58 & o instruhio taõ brevemente nas sagradas letras, que quando de vinte & cinco para vinte & seis annos passou da Santa Religiaõ dos Conegos Regulares para a Serafica de Saõ Francisco, já era insigne Prègador; como se vio no Sermaõ, que de repente fez na Cidade de Forlivio obedecendo a seu Guardiaõ. 59

58 *Illesc. no Flos Sanct. vida de S. Antonio Fr. Miguel Pacheco no Epitome da vida de Santo Antonio, n. 201.*

59 *Vilhegas supr. Fr. Marcos de Lisboa Bispo do Porto, na Chron. dos Menor. p. 1. l. 5. c. 4. Fr. Miguel Pacheco no Epitom. da vida do mesmo S. n. 34.*

9 Mais por oração, que por estudo chegou ao alto da sciencia, porque a Igreja de Portugal, & a Ordem Serafica solemnizaõ seu dia com Missa, & Officio de Doutor; & foy verdadeyramente illustrado com especiaes propriedades de sal, & de luz, porque *Christo* no Evangelho definio os Doutores. 60 Como ao sal nascido no mar, chamou o *Senhor*, sal da *terra*: 61 a Santo Antonio nascido em Lisboa, chamaõ as gentes, *Santo Antonio de Padua*; ambos tem duas patrias; huma de nascer, outra de durar; ou ambos se denominaõ da parte em que vivem. Como a luz não deve ser só para si, mas quer o *Senhor* que luza a todo o Mundo: 62 Antonio por luzir a todo o Mundo, não só luzio à terra, mas tambem ao mar, donde trouxe os peyxes a ouvir sua doutrina; 63 & como o Sol allumia igualmente o Hemisferio a que espalha seus rayos, sem differença de mayor, ou menor distancia: a luz da prègaçaõ de Antonio chegava igual às partes remotas; como se vio prègando o Santo em França em occasião, em que hũa mulher sua devota, não podendo ir ouvilo, por ter o marido doente, se poz no tirado de sua casa olhando para a parte, em que o Santo havia de prègar, que distava quasi huma legua, & alli o ouvio taõ claramente, como se estivera a seus pès; & do mesmo modo o ouvio o marido, a quem ella chamou para ouvir a maravilha. 64

60 *Matth. 5. 13. & 14.*

61 Vos estis sal terræ.

61 Vos estis lux mundi.

63 *Fr. Marcos supr. c. 18. Fr. Miguel Pacheco supr. n. 58. Fr. Diogo do Rosario, no Flos Sanct. Portug. Vida de Santo Antonio.*

64 *Vilhegas supr. Fr. Miguel sup. n. 43.*

65 *Matth. d. c. 5. 16.* Luceat lux vestra coram hominibus.

10 Mandou *Christo* que luzissem os Doutores diante dos homens; 65 empreza difficil da parte dos homens, & da parte de Antonio: da parte dos homens, porque se offendem com a luz de outro homẽ; por isso Moysés cubria a de seu rosto, quando

do vinha de fallar com Deos: 66 da parte de Antonio, por que ainda que fora Anjo, fahindo delle luz, não havia de ser cridó dos homens, como Saõ Pedro naõ creo o Anjo que o livrára em quanto elle lançava de si luzes: só o creo depois que não luzio: 67 & com tudo Antonio luzio diante dos homens, & foy crido delles; porque não parecia puro homem: a enchente de virtudes o fizera por graça semelhante a Deos, 68 que luz entre homens, como notárão os Evangelistas; & as luzes que sahem delle se pòdem ver sem rebuço, & se lhes dá credito, como disse o Apostolo. 69

11 Resplandor divino confessou o tyranno Excelino que vira sahir de seu rosto, & que esse o obrigára a compungirse a suas reprehensoens, & a lançarse humilde a seus pès. 70 Divino devia ser o que pode abrandar taõ cruel peyto; & o que em muytas occasoens converteo, & fez sahir lagrimas de coraçõcs de hereges, & outros peccadores mais duros que pedras. Quando Deos mandou a Moysés que tirasse agua da pedra, lhe disse que estaria com elle; 71 só Deos pòde fazer milagre tão estupendo, como he tirar agua de penitencia em coraçoens empedernidos no peccado.

12 He tambem effeyto de luz divina a virtude com que Santo Antonio restitue as cousas perdidas, & he para isto invocado; porque a outra luz, posto que se busque, naõ se acha o pèrdido. A candea com que aquella mulher do Evangelho buscou, & achou a dracma que perdèra, era candea de *Christo* figurado em aquella parabola: 72 & a viuva de Sarephta só chamou a Elias *Varaõ de Deos*, 73 quando lhe restituhio o filho que tinha perdido; & naõ quando lhe multiplicára a farinha, & azeyte, sendo milagre tão grande.

13 Luzio, pois, como *Christo* mandou, porque naõ luzia como puro homem, mas com semelhança de Deos; a tanta grandeza chegou, porque no mesmo Evangelho a prometteo *Christo* a quem obrasse o que ensinasse, 74 como Antonio fazia.

14 Para doutrinar lhe multiplicou Deos os idiomas. Prègando em Roma diante do Papa Gregorio IX. em occasiaõ de hum Jubileo, foy entendido dos ouvintes de varias naçoens? como se cada hum ouvisse sua lingua propria; 75 maravilha só vista nos Apostolos, & Discipulos sagrados depois que sobre elles descèraõ do Ceo linguas de fogo, & ficáraõ cheyos do Espirito Santo; 76 fóra delles nem os Serafins parece que lográraõ este dom; pois Isaías os vio no Ceo clamar hum para outro, & naõ hum para todos; 77 como se hum naõ pudesse ser entendido de todas as diversas naçoens, & linguas que habitaõ o Ceo. 78 Mysteriosamente se conserva atè hoje a lingua de Santo Antonio incorrupta 79 como immortal.

15 Cifre-se o mayor elogio em que desceo do Ceo Deos feyto Menino a porse sobre o livro, porque lia Santo Antonio, & logo

66 *Ex ad* 34.33. Posuit velamen super faciem suam. *Ubi Origenes.*

67 *Actor.* 12.7. Lumen refulsit in habitaculo: *n.*9. Nesciebat quia verum esset; *n.*11. Nunc scio verè. *Origen. ibi.*

68 *Joan. in* 1. *Ep. c.*3.2. Similes ei erimus.

69 *Joan.* 1.4. *Luc.* 2 *in fine*, *D. Paul.* 2 *ad Corint.* 3.18.

70 *Surio na vida de S. Antonio*, *Fr. Marcos supr. c.*16 *Fr. Miguel Pacheco sup. n.*69.

71 *Exod.* 17.6. Ego stabo ibi coram te super petram.

72 *Luc.* 15.8. Accendit lucernam -- & quærit.

73 3. *Reg.* 17.24. Nunc in isto cognovi quoniam vir Dei es tu.

74 *Matth. d. c.* 5.19. Qui autem fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cælorum.

75 *Fr. Marcos sup c.*21. *Pacheco sup. n.*91. *Vilhegas sup. à.*

76 *Actor.* 2. *n.*3. & 4.

77 *Isai.* 6.3. Clamabant alter ad alterum. *Origen.*

78 *Apocalyps.* 7 9. Ex omnibus gentibus, & tribubus, & populis, & linguis.

79 O Bispo *Fr. Marcos sup. c.*31. *Pacheco supr. n.*140. & 141.

& logo ſe paſſou a ſeus braços. 80 Aos outros Santos vio Saõ Joaõ aſſentados no livro de Deos; 81 Deos ſe aſſentou no livro de Antonio. Os outros Santos, diſſe Salamaõ que eſtaõ na mão de Deos; 82 & Deos ſe vio nas mãos de Antonio. Veyo do Ceo a porſe em ſeus braços: final de ſer Antonio ſeu amantiſſimo, como diſſe Jacob figurando-o em Benjamin quando o abençoou. 83 Dizendo-ſe que os braços de Antonio ſaõ lugar em que Deos deſcança, não ha mais que dizer; & eſte he o leyto de Salamaõ, 84 diſſe o meſmo Salamão pelo mayor encarecimento de ſua fermoſura, & riqueza.

16 Finalmente nos auſpicios da *Virgem Mãy*, que o favoreceo atè com ſeu Divino Filho lhe vir aſſiſtir na morte (que elle eſperou cantando o Hymno *O Gloriosa Domina*, de cuja repetição era devotiſſimo) 85 foy chamado Arca das ſagradas letras: 86 & martello dos hereges: 87 ſalgou, & luzio de modo, que tendo ſeu Padre Serafico Saõ Franciſco determinado que ſeus Frades naõ eſtudaſſem, por razoens que conſiderava com prudencia; 88 toda via conſtituhio a Santo Antonio Prègador, & Cathedratico da ſua religiaõ, 89 exceptuando tal Doutor, de toda a regra. Bendita ſeja a piedoſa Mãy de noſſo remedio, que com tantos, & tão ſoberanos Doutores nos illuſtrou a Igreja.

80 *Fr. Marcos na dita Chron. d. p. 1 l. 12. c. 12. Vilbegas na ſua vida.*

81 *Apocalyp. c. 3. 5. & c. 21. 27.*

82 *Sap. 3. 1.* Juſtorum animæ in manu Dei ſunt.

83 *Deuteron. 33. 12.* Benjamin, amantiſſimus Domini, habitabit confidenter in eo: quaſi in thalamo tota die morabitur, & inter humeros illius requieſcet.

84 *Canticor. 3. 7.* En lectulum Salomonis.

85 *Fr. Marcos ſupr. c. 27. Vilbegas ſupra. Fr. Miguel ſupr. n. 108.*

86 *Marin. Sicul. de reb. Hiſp. l. 5. Vit. del Divo Anton. Faria no Epit. das hiſt. Portug. p. 3. c. 4. n. 19.*

87 *Fr. Miguel ſup. n. 56.*

88 *Biſpo Fr. Marcos na d. Chron. p. 1. l. 2. c. 22. & 23.*

89 *O meſmo Fr. Marcos l. 5. c. 4. Vilbegas ſupr. n. 38. Fr. Miguel ſupr. n. 38 Brandaõ na Monarch. Luſit. p. 4. l. 14. c. 3.*

CAPITULO LXIII.

Como a Senhora foy eſpelho das Virgens, & inſtituhio o primeyro Convento dellas; & como foy conſolaçaõ das viuvas. Trata ſe da Magdalena Santa, Santas Martha, Marcella, Veronica, & Saõ Lazaro; & ſe refere o martyrio da Samaritana, & de ſeus filhos, & irmãs.

1 DAs Virgens (de que a *Mãy de Deos* foy a primeyra por voto perpetuo, como acima diſſemos 1) foy tambem luzidiſſimo eſpelho. *Aprendiaõ* (diſſe hum Anjo a Santa Brigida) 2 *de ſeus honeſtiſſimos coſtumes a viver honeſtamente, & a guardar firmemente a pureza virginal atè a morte: a fugir às converſaçoens, & todas as vaidades: amar o recolhimento, & ſilencio: a examinar ſuas obras com diligente conſideraçaõ, & a pezallas juſtiſſimamente na balança do eſpirito.* Richelio 3 accreſcenta, que lhes dava luz de quanto agradava a Deos a virtude Angelica da Virgindade, & das grandes riquezas que lhe eſtavaõ promettidas em premio.

2 Para mayor retiro, & perfeyçaõ fundou hum Moſteyro de cem Virgens, em que muyto aſſiſtia. 4 Gloria altiſſima das que

1 *Supr. c. 20. n. 5.*

2 *Revel. de S. Brigid in ſerm. Angel. c. 19.*

3 *Richel. de laud. Virg. l. 2. art. 5. & 21.*

4 *Laurent. Moſſel. de Deip. l. 6. c. 18.*

que profeſſaõ eſta ſanta vida, terem Fundadora taõ ſoberana; que regra daria taõ Divina! Acima conſiderámos 5 a inſtituição das Virgens Veſtaes feyta pela mulher de Noè em Italia com profetica alluſaõ à *Virgem Mãy*; agora accreſcentamos, que renovando Numa Pompilio Rey de Roma o inſtituto daquellas Virgens, a primeyra que eſcolheo ſe chamava *Amata*, como eſcreve Feneſtella, 6 & daquella primeyra ſe derivou quando o Sacerdote hia buſcar a caſa dos pays as que no tempo adiante ſe dedicavaõ àquelle culto; chamallas, dizendo: *Veni Amata*; o que tambem parece profecia de haver de ſer a primeyra Fundadora de Convento de Virgens Chriſtãs a Virgem chamada por antonomaſia: *Amada Eſpoſa de Chriſto*: & dizerſe àquellas a que ſe lança o vèo: *Veni Sponſa Chriſti*.

3 Foy diſcipula da *Senhora*, & das daquelle Convento Santa Martha; & ſe entende que foy a primeyra que votou virgindade perpetua depois da *Virgem das Virgens*. Lançada no mar pelos Judeos com a Magdalena, & Lazaro ſeus irmãos, & pela ſua familia, & outros Santos, em huma embarcaçaõ ſem remo, nem vèla, milagroſamente aportou em Marſelha de França, 7 & alli em lugar deſpovoado fundou outro Convento, em que tambem entrou Santa Marcella, criada ſua; 8 aquella que entre as murmuraçoens dos Judeos contra *Chriſto*, ſe atreveo a louvallo em voz alta, & a ſua *Mãy* Santiſſima. 9

4 Dalli ſe foraõ continuando Conventos de Virgens. Lemos que Conſtantino Magno, primeyro Emperador Chriſtão, achando já muytos por todo o Imperio, deu a todos groſſas rendas, 10 alèm de outros grandes privilegios que concedeo aos que guardavão virgindade; 11 & o Papa Saõ Sylveſtre, que foy no meſmo tempo, cuydou muyto em que eſtas donzellas encerradas não ſahiſſem fóra, & que em ordem a iſſo lhes naõ faltaſſe o neceſſario; 12 & nelles viviaõ em grande aperto, & penitencia as mais delicadas, & nobres, ſegundo eſcreve Saõ Joaõ Chryſoſtomo. 13 Naquelle primeyro eſpelho ſe viraõ, & ornáraõ todas as que ſuccedèraõ com belleza celeſtial.

5 Diſſe-o o meſmo Anjo, 14 que conſolava a Sagrada *Virgem* as viuvas, *Referindolhes, que ainda que o amor maternal, que tinha a ſeu Filho, pedia que elle naõ morreſſe; com tudo ſua vontade ſempre ſe conformára com a Divina, elegendo padecer todas as tribulaçoens contra ſeu deſejo natural, a troco de ſe cumprir pontualmente a vontade de Deos.* Com eſta, & outras razoens as esforçava, & fazia conſtantes contra as payxoens. A Santa Veronica (que foy aquella mulher, que tocando com fé a veſtidura de *Chriſto* ficou ſã do fluxo de ſangue) 15 *Sendo muyto familiar, & cordial amiga da Virgem* (palavras dos actos de Saõ Marcial 16) de ſeus conſelhos aprendeo a conformidade, com q̃, morto em Fran-

Vilhegas no Flos Sanct. p. 1. vida de Santa Martha, & p. 2. vida de N. Senhora.

5 *Supr. c. 2. n. 7.*

6 *Feneſtel. de Sacerdot. Roman. cap. 6.*

7 *Flav. Dexter in Chron. an. Chr. 48. Petr. de Natal. l. 6. c. 124. 151. & 152. & l. 1. c. 72. & l. 5. c. 105.*

8 *Vilhegas, Flos Sanct. p. 2. vida de S. Martha.*

9 *Luc. 11. 27.*

10 *Nicepher hiſt. Eccleſ. l. 8. c. 26. poſt princ.*

11 *Sozomen. in hiſt. Eccleſ. l. 1. c. 9 ad fin.*

12 *Vilhegas ſupr. vida de S. Sylveſtre no fim.*

13 *D. Chryſoſt. in Paul. ad Epheſ. c. 4. ſerm. 13. ad fin. in tom. 4.*

14 *Revel. S Birgit ſup.*

15 *Marc. 5. 29. Luc. 8 44. Bivar ad Dextr. an. Chr. 48. n. 2. contra alios, cum eodem Dextro.*

16 Veronican., que familiaris, & præcordialis amica fuit Virgini Mariæ.
Apud Vincent. Belvacenſ. in Specul. hiſt. & apud S. Antonin. 1 p hiſt. tit. 6 c. 15. §. 2.

França ſeu marido Santo Amador, fazendo entre rochedos vida ſolitaria, ella no territorio de Bordeos viveo ſantamente, alegre em Deos atè muyto velha, & foy morrer a Roma, 17 aonde levou o Santo Sudario com que na rua da Amargura enxugou o roſto de *Chriſto*, que nelle ficou impreſſo, & ſe guarda na Igreja de Saõ Pedro; & outro na Igreja da Cidade de Jaem em Heſpanha; porque o panno era dobrado, & em ambas as dobras ficou a eſtampa ſagrada. 18

17 *Dextr d.an.Chr.48.*

18 *P.Bivar in com.ad Dextrum ſupr.n.2.*

6 Finalmente da converſaçaõ da *Virgem* ſahiraõ a Magdalena, & a Samaritana, que baſtaõ por muytos exemplos de ſantidade em mulheres de todos os eſtados. Amante finiſſima era jà a Magdalena em vida de *Chriſto*; 19 mas quem duvida que ſubiria muytos quilates de graça, aſſiſtindo depois à *Senhora* quatorze annos atè o de 48. do Naſcimento do *Senhor*, em que foy lançada ao mar naquella barca deſaparelhada? 20 Depois de hir accuſar a Pilatos em Roma, (ſe he certa a opiniaõ que diſto referimos) 21 tornou a Marſelha, onde a barca a tinha lançado com os mais companheyros ſantos; ou, ſem ſahir daquelle porto, alli viveo eremita em huma cova do deſerto por eſpaço de trinta annos, taõ divinizada, que Anjos a levantavão da terra ſete vezes cada dia a ouvir muſicas do Ceo. 22

19 *Luc.7.47.Dilexit multum.*

20 *Supr.num.3.*

21 *Supr.c.30.n.5.*

22 *Flav.Dexter an.Chriſt 88. Vilbegas, Flos Sanct. vida de Santa Maria Magdalena.*

7 Da Samaritana diremos mais, porque naõ he taõ vulgar. Seu nome era Photina. Depois que lhe fallou *Chriſto* no poço de Jacob junto a Siquem; depois que foy à Cidade prègar do *Senhor*, 23 o ficou ſeguindo com outras ſantas mulheres; & depois de ſua Aſcenſaõ acompanhou a *Virgem* com ſuas irmãs Anatola, Fota, Fotis, Paraſceve, & Cyriaca, & com dous filhos Victor, & Joſeph. Com eſte paſſou a Africa a prègar em Carthago. Victor ſendo Capitaõ do Emperador Nero (que o não conhecia por Chriſtão) foy mandado por elle a caſtigar os que em Italico ſeguiaõ a Ley de *Chriſto*, mas pelo cõtrario prègou a *Chriſto* Deos. Outro Capitaõ chamado Sebaſtiaõ o quiz diſſuadir do que fazia, & cegou, & emmudeceo de repente; no fim de tres dias ſe converteo, recobrou ſaude, & ſeguio a Victor. Mandados hir ambos a Roma, & tambem Photina com o outro filho, & irmãs, confortou *Chriſto* preſencialmente a Photina, & a Victor, & todos reſpõdéraõ a Nero como inſignes Chriſtãos. Por mandado do Tyranno algozes revezados com martellos de ferro lhes pizárão os dedos ſobre hũa bigorna, das nove horas da manhã atè às doze; mas os Santos não ſentiaõ tormento. Mandou cortarlhes as mãos, & ſete vezes derão tres algozes os golpes ſobre as de Photina ſem effeyto, & cahiraõ como mortos. Fez que ſua filha Dominica a perſuadiſſe com affagos, & promeſſas; porèm a Santa a converteo, & no Bautiſmo a chamou Antuſa. Foraõ todos metidos em hum forno ardente, & no fim de tres dias ſahiraõ livres. Duas vezes ſe lhes deu peçonha ordenada por hum Mago, que vendo que os naõ offendia, ſe bautizou

23 *Joan.4.*

tizou com o nome Theocleto, & o Emperador o mandou degollar. Depois de cruelmente açoutados, se deu a beber à Santa chumbo derretido com rezina: & isto se lançou nos ouvidos dos mais, & ficàraõ sem lesaõ. Sarjàraõ-lhes os corpos, & os queymáraõ com tochas: lançáraõ-lhes vinagre com cinza pelos ouvidos, tiráraõ-lhes os olhos: & os metèraõ em hum carcere escuro cheyo de immundicias, & de serpentes; tornou-se claro, & cheyroso: as serpentes morrèraõ, & *Christo* appareceo aos Santos consolando-os: & fazendo nelles o final da Cruz, os deyxou saos, & com vista. A gente que concorria aos milagres, se convertia; pelo que Nero mandou crucificar a Victor, Joseph, & Sebastiaõ com a cabeça para bayxo; & depois de sete dias, vivendo ainda, foraõ algozes com nervos de boys para os açoutar, & em os vendo ficàraõ cegos. Desceo do Ceo hum Anjo que desatou os Santos, & os deyxou saos. Orou a Samaritana pelos algozes, cobráraõ a vista, & se convertèraõ a *Christo*. Mandou o Tyranno que os homens fossem esfolados, suas pelles lançadas no rio, os membros cortados dados a cães, & que os degollassem. Que a Photina, Anatola, Phota, Photis, & Cyriaca esfolassem tambem, & cortassem os peytos; neste passo deraõ a Deos as Almas: excepta a Santa Samaritana Photina, que parecia mais invencivel. Foy metida em hum poço seco, & delle passada a hum carcere, para ser levada aonde a atassem a duas arvores juntas com força, para que deyxadas a seu natural, a despedaçassem. Mas primeyro a visitou *Christo*: com o final da Cruz a sarou no corpo, & desatando delle a Alma, a coroou no Ceo, a 20. de Março do anno 69. do *Senhor*; 14 (outros dizem 13) do Imperio de Nero, 82. dias antes que a matassem. 24 Em feliz hora foy a Samaritana buscar agua: achou agua de vida para nunca ter sede, 25 & que repartio a tantos; & feliz a assistencia que fez à *Virgem*.

24 *Assim conta este martyrio o Livro authorizado pelo Patriarca de Constãtinopla Hieremias, & referido por Melchior de Cast.o no fim do livro da vida, & Excellencias de N. Senhora na vida da Samaritana, & pelo P. Bivar, no comment. a Dextro an. Christ. 60 vers. juxta.*

25 *Joan. d. c. 4. n. 13. & 14.*

CAPIULO LXIV.

Do que mais obrava a Virgem Maria atè seu glorioso transito. Como de partes remotas biaõ pessoas graves a vella pela fama de suas excellencias maravilhosas. De algumas cartas suas de que se tem noticia.

1 O Que he taõ superior, nem se pòde escrever, nem imaginar. Como quem delinèa o Mundo em mappa breve, dizemos, que alèm do que a *Virgem* obrava no commum da Igreja, vivia no particular como divinizada; vida Angelica lhe chamáraõ devotos; 1 mas he pouco epitheto; viver como Anjo he mais que Angelico, pois não he tão glorioso ser Anjo, como fazerse Anjo, ter aquelle grào, he felicidade; adquirillo, he

1 *P. Fr. Joseph de Jes. Mar. hist. Virg. l. 5. c. 4. no princ.*

he virtude; chegou, & paſſou a *Senhora* por acçoens, ao que lográo os Anjos por natureza. 2

2 Excepto o retiro, que diſſemos 3 que a *Virgem* fez para Efeſo, ſempre depois da Aſcenſaõ de *Chriſto* aſſiſtio em Jeruſalèm ſervida do Evangeliſta amado. Muytos 4 dizem que na caſa do Cenaculo; alguns 5 que em outra junto deſta: Saõ Melito, que eſcreveo pelo que ouvio ao meſmo Saõ Joaõ, 6 refere que quando os Apoſtolos ſe dividiraõ a prègar pelo Mundo, ficou a *Senhora* na caſa dos pays do meſmo Evangeliſta junto do monte Olivete; 7 pòde ſer a meſma, que o Abbade Guerrico 8 diz que ella tinha no valle de Joſaphat, (que he contiguo) para eſtar perto dos ſantos Lugares, em que ſeu *Filho* padecèra.

3 Alguns Authores 9 particularizaõ acçoens da ſua vida. Na activa as frequentes viſitas aos ſantos Lugares, a aſſiſtencia, & doutrina a todos os eſtados, a caridade para com os neceſſitados, que ſoccorria com meyos humanos, & milagroſos. Na contemplativa, como era viſitada dos Anjos, dos Santos Padres, & de *Jeſu Chriſto*, acompanhado de Saõ Joſeph, 10 Com quanta excellencia gozava de ſua Humanidade Sacroſanta! com que agrado, & variedade tinha preſentes ſeus myſterios de quando vivo! & quanta ſuavidade recebia com a memoria de ſuas Chagas, dores, & morte! Mas querer referir, ou conſiderar iſto, he querer eſgotar os mares. Baſte dizer na activa, com o devoto Padre Joſeph, 11 que ſeguia a do *Filho* como exemplar; & na contemplativa com Santo Alberto Magno, 12 que foy muy parecida á que fazem no Ceo os bemaventurados: & com o meyo, & gráo particular entre a vida da patria, & a do deſterro; vida toda extatica, & de contemplaçaõ unica, & perenne, lhe chamou com Riquelio, hum noſſo douto Eſcritor; 13 que muyto, pois eſpiritualizada jà vivia no Ceo: ſe a Alma aſſiſte mais onde ama, que onde anima, 14 lha levou o *Filho* comſigo, poſto que lhe deyxou o corpo na terra.

4 A fama deſte *Prodigio Celeſtial*, *& monſtro ſacratiſſimo* (palavras de Santo Ignacio Martyr) 15 voando glorioſamente às mais remotas partes, excitava entranhaveis deſejos de alcançar o bem de ſua viſta. Flavio Dextro 16 refere, que muytos de Heſpanha fizeraõ taõ diſcreta peregrinaçaõ. Pois, como eſcreve Saõ Jeronymo, 17 ſó a ver o eloquente Tito Livio foraõ a Roma huns nobres curioſos dos ultimos fins de Heſpanha, (do que em outra obra inferimos que eraõ Portuguezes;) 18 pois, ſegundo Santo Athanaſio, 19 da meſma Heſpanha, & do remoto de Africa foraõ outros a admirar no Egypto a vida de Santo Antaõ Eremita; pois, como Theodoreto conta, 20 foraõ tantos de Judèa, Perſia, Armenia, Bretanha, França, Italia, & ultima Heſpanha, (que ſe entende Portugal) a ſerem teſtemunhas de como vivia S. Simeaõ Eſtilita ſobre a ſua columna; com razaõ ſe devia incomparavelmente deſejar ver veſtida de morta-

2 S. *Petr. Chryſol. ſerm.* 143 *poſt princ.* Angelicam gloriam acquirere, maius eſt, quàm habere.

3 *Supr. c.* 62 *n.* 4.

4 *Melchior de Caſtro na hiſt. da Virg. l.* 1 *c* 20. *P. Joſeph d. l.* 5. *c* 3. *n.* 4. & *c.* 11. *n.* 2. *Caniſ. l* 5. *de Deip. c.* 3. *Alii apud Caribag. de Arcan. Deip. l.* 13. *bom* 14. *in fine.*

5 *Vilbegas no Flos Sanct. na feſta da Aſſumpçaõ.*

6 *Diremos c.* 67 *n.* 5.

7 *S. Melit. de Tranſit Virg. Mar. in Bibliot. homiliar. Patrum, tom.* 4.

8 *Guerric. ſerm.* 2. *de Aſſumpt. ſtatim poſt princ.*

9 *Rupert. in Cant. verb.* Anima mea liquefacta eſt; & *verb.* Spoliavit me tunica; & *l.* 1. *verb.* Ubi cubes in meridie. *D. Hieron. ſerm. de Aſſumpt. tom* 9. *D. Laurẽt. Juſtin. ſer. de Aſſumpt. Richel. de laud. Virg. l* 2. *art.* 5. & 21. *S. Ildeph. ſer. de Aſſũpt. B. Mar. S. Antonin* 4. *p. ſum. tit.* 15. *c.* 42 §. 2. *Caniſ. l.* 4. *de B. Virg. c.* 1. *S. Anſelm. l. de excel. Virg. c.* 7. *Vilbegas Flos Sanct. feſta Aſſumpt. Melchior de Caſtro d. l.* 1 *c.* 19. *P. Fr. Joſ. d. l.* 5. *c.* 4. *cum ſeqq. Bloſio na Addiçaõ da Inſtit. eſpiritu. c.* 2.

10 *P. Franc. Suar. tom.* 2. *q.* 29. *art.* 2. *diſt* 8. *ſect.* 2. *in fin.*

11 *P. Fr. Joſeph d. c.* 4. *n.* 1.

12 *S. Albert. Magn. ſuper, Miſſus eſt c.* 78.

13 *P. Benedict. Fernand. in Geneſ. ſect.* 11. *n.* 7.

14 *D. Tom.* 1. *Sent. diſt.* 13. *q.* 5. *ad* 3.

15 *S. Ignat. Mart. Epiſt. ad Euangel. S. Joan. in tom.* 3. *Biblioth. SS. Patrum; & apud P. Bivar. comment.* 1. *ad Dextr an. Chr.* 35. *n.* 5. Cogunt valde deſiderare aſpectum hujus (ſi fas ſit fati) cæleſtis prodigii, & ſacratiſſimi monſtri. *D. Bernard. ſer.* 7. *in Pſal.* 90.

16 *Flav. Dext. in Chron. an. Chr.* 35.

17 *D. Hieron. Epapua Paulin.* De ultimis Hiſpaniæ finibus.

18 *Diſſemos nas Excel. de Portug. c.* 8. *Excel.* 5. *no princip.*

19 *D. Athanaſ. in vita D. Antonii.*

20 *Theodor. in vita S. Simeonis Stilitæ de Philot. c.* 26.

mortalidade a *Mãy* de Deos: ver tão humilde a Creatura mais illuſtre, a tranſcendente no merecimento aos Anjos: na dignidade, aos Thronos: no poder, às Poteſtades: na eminencia, aos Serafins; a que ſeria collocada no Ceo ſobre todas as Jerarquias, & conſtituida Rainha do Vniverſo; & conhecer, ainda no temporal, & viſivel, a que criou a ſeus peytos hum Homem, que havia ſido taõ maravilhoſo: conhecer huma Mulher taõ abundante de graça natural: tão fecunda em virtudes: alegre nas perſeguiçoens, ſatisfeyta nas neceſſidades, agradecida às afrontas, condoida aos affligidos, reprehenſora dos vicios, Meſtra da Religiaõ, & penitencia, Miniſtra de todas as obras de piedade; Mulher, finalmente, em quem a natureza humana ſe acompanhava da Angelica. Tudo iſto eſcrevia Santo Ignacio Martyr a São Joaõ Evangeliſta ſeu Meſtre, 21 que publicava a fama, & que iſto lhe excitava hum entranhavel deſejo de a ver. Se no tempo preſente, em que ha menor devoçaõ, & curioſidade, ſe divulgaſſe tal fama de huma creatura, que entendido haveria, que naõ procuraſſe, quanto lhe foſſe poſſivel, hir ver com ſeus olhos aquelle portento? O que ſuccedia aos q̃ chegavão a ver a *Maria* Santiſſima, refere de ſi, com ſeu alto juizo, Saõ Dionyſio Areopagita (a quem aquelle deſejo levou largo caminho à viſta da *Senhora*) na carta, que eſcreveo ao Apoſtolo Saõ Paulo ſeu Meſtre, & dizia aſſim. 22

21 *D. Ignat. Martyr ſupr.*

22 *Epiſt. D. Dionyſ. Areopag. ad Paul. apud Ferreolum de Maria Auguſt. l. 1. c. 6. Carthagen. de arcan. Deipar. p. 1. l. 2 hom. 5.*

O ſervo, & muyto obrigado Dionyſio, ao eleytiſſimo Vaſo celeſtial Paulo, Meſtre, & Principe, ſaude.

CONfeſſo diante de Deos, Principe meu, que ſe naõ pòde perceber pelos homens aquella, que eu vi, & contempley, naõ ſó com os olhos eſpirituaes, mas tambem com os corporaes. Com meus proprios olhos vi a Mãy Santiſſima de Chriſto Jeſus Senhor noſſo, fórma de Deos, & ſobre todos os Eſpiritos celeſtiaes; cuja viſta ſe dignou concederme pela benignidade de Deos, a clemencia do Salvador, & gloria da Mageſtade da meſma Virgem ſua Mãy. Porque tanto que Joaõ, alieza do Evangelho, & dos Profetas, que em corpo cà na terra reſplandece no Ceo como Sol, me levou á preſença, ſemelhante a Deos, da altiſſima Virgem, me cercou taõ immenſo reſplandor Divino exteriormente, & me illuminou mais copioſamente no interior, & me ſobreveyo tanta fragrancia de todas as couſas odoriferas, que nem o infelice corpo, nem o eſpirito p de ſofrer os inſignes effeytos de taõ grande, & total felicidade. Deſfaleceo meu coraçaõ: deſfaleceo meu eſpirito opprimido com a mageſtade de tanta gloria. Deos, que habitava na Virgem, me he teſtemunha, que ſe voſſa Divina doutrina me naõ tivera enſinado, crèra que ella era o verdadeyro Deos; porque naõ ſe poderia ver

mayor gloria dos Bemaventurados, que aquella felicidade, que eu agora infeliz, & então felicissimo, gostey. Dou graças ao summo, & bom Deos, à Divina Virgem, ao eminentissimo Apostolo Joaõ, & a vòs Alteza, & Principe da Igreja, que a mim triunfante concedestes clarissima, & clementissimamente tal bem. Vale.

Accrescentaõ Authores 23 que chegando Saõ Dionysio à presença da *Virgem*, cahio em terra como morto, não podendo cõ os rayos de tanta Magestade; & parece que o Santo o significou quando disse, *Que naõ pudèra sofrer os effeytos daquella felicidade, & que desfalecèra seu coraçaõ, & seu espirito opprimido de tanta gloria.*

23 *P. Fr Gabriel Barleta serm. in 2. Sabbato Quadragesim. post med. in 1. tom.*

15 Honrou a *Senhora* com carta sua, cuja copia trazem varios Authores, 24 a Santo Ignacio Martyr, Bispo terceyro de Antioquia, na qual (respondendo a huma, que elle lhe escrevèra) com poucas palavras, graves, & efficazes, o exhorta a dar credito em tudo ao Evangelista S. Joaõ, o conforta na Fé contra as perseguiçoens, & lhe diz com grande discrição: *Tende firmemente o voto da Christandade, & confirmay os costumes, & a vida com o voto.* Outra escreveo à Cidade de Messina em Sicilia, aonde se diz q̃ se guarda, & venera na Igreja mayor, 25 cuja copia tambem trazem Authores, 26 na qual louvando a seus Cidadãos haverem recebido a Fè de *Christo*, lhes promette, & à Cidade sua perpetua protecçaõ, & lhes dá sua bençaõ. De semelhante carta se gloria a Cidade de Florença, que em veneravel compendio diz assim: 27 *Florença, amada de Deos, do Senhor Jesu Christo meu Filho, & de mim, sustenta a Fé: insta com oraçoens: esforça-te com paciencia: porque com isto alcançarás sempiterna saude diante de Deos.* Posto que alguns 28 duvidaõ da certeza destas cartas, não tem bastante fundamento a sua duvida; & assim saõ approvadas por Escritores muyto graves, 29 entre os quaes he São Bernardo, 30 que só basta para o mayor credito; & Flavio Dextro 31 escrevendo no anno de 430. diz, que jà em aquelle tempo andavão nas mãos dos Fieis (por trasladados) as cartas da Beatissima *Virgem* para Santo Ignacio, & de Santo Ignacio para a *Senhora*; & tambem antes havia referido a carta para os de Messina. Menos se pòde duvidar das que alguns dos ditos Authores dizem, que escreveo ao Evangelista Saõ Joaõ: servindo-a elle tão familiarmente pelo testamento, & mandado de *Christo*. 32

24 *Melchior de Castr. hist. da Virg. l. 1. c. 23. P. Bivar ad Dextr. an. 116. n. 4.*

25 *Petr. Canis de Deip. l. 5. c. 1.*

26 *P. Bivar comment ad Dextr. an. Chr. 86. num. 11. P. Guillielm. Gumperberg, in Atlante Mariano l. 2. imagine 18.*

27 *Apud P. Bivar d. n. 11. vers. simili.*

28 *Baron. annal. tom. 1. an. 48.*

29 *Æneas Sylvius l. 4. Xysto Senens. l. 2. Bibliot PP. Francisc. Arias de imitat. Virg. Canis. de Deip. l. 5. c. 4. ubi refert alios. Castr. sup. d. l. 1. c. 23. P. Bivar in comment. ad Dextr. in Chron. ann. Chr. 86. n. 1. & an. 116 n. 4. referens plures Carthag. de arcan. Deip. l. 14 homil. 1. P. Guillielm. Gumperberg. supra.*

30 *D. Bernard. serm. 7. in Ps 90. Qui habitat.*

31 *Dexter an. Chr. 430.* Epistolæ B. Virginis ad S. Ignatium, & ejusdem ad Sanctissimam Virginem, manibus fidelium nunc teruntur. *Dixerat etiam an. Chr. 116. & de aliis ad Messanenses an. 86.*

32 *Joan. 19. 27.*

CAPITULO LXV.

Como a Virgem Senhora noſſa, antes de deyxar o Mundo, nos deyxou eſtabelecida a Igreja Catholica em toda a perfeyçaõ; & a particular obrigação, que niſto lhe tem o Reyno de Portugal.

1 COm os trabalhos, doutrina, & exemplo que referimos por mayor, deyxou a *Virgem* antes de ſahir do Mundo, com os ſagrados Apoſtolos fundados no ſangue de *Chriſto*, dilatada, & eſtabelecida a Igreja Catholica para ſalvaçaõ do genero humano. Com elegancia diſſe o doutiſſimo Carthagena, 1 que a *Senhora* não ſó trouxe em ſeu ventre puriſſimo, & creou a ſeus benditos peytos corporalmente a *Chriſto*, mas tambem a todos nòs eſpiritualmente. Bem ſe moſtrou ſer obra Divina a brevidade cõ que ſe conſeguio taõ difficil empreza, por meyos que pareciaõ tão inadequados. Peſcadores perſuadirão a Filoſofos: fracos conquiſtáraõ a poderoſos; pobres puderaõ mais que os ricos: perſeguida floreceo a Chriſtandade, triunfou nos que morrião, fecundouſe nas miſerias, felicitouſe nas calamidades, levantouſe nas ruinas, enriqueceo-ſe nas perdas, renovava-ſe quando tyrannos a querião extinguir. Tanto zombavão os Gentios da ignorancia daquelles primeyros Fundadores, & ainda dos que ſe ſeguirão em alguns ſeculos, que a perſuação de Flavio Dextro, teve Saõ Jeronymo por conveniente fazer, & publicar o ſeu Cathalogo dos Eſcritores ſagrados, para lhes moſtrar os homens doutos que a Igreja havia tido, aſſim como elles tinhão livros em que nomeavaõ os ſeus celebrados. Na dedicatoria que o meſmo Santo eſcreveo a Dextro, diz que o moveo eſta cauſa. 2

1 *P. Carthagen de arcan. Deipar. l. 15. hem. 17* Beatam Virginem non ſolùm corporaliter Chriſtum Dominum, ſed & nos omnes ſpiritualiter utero ſuo portaſſe, ac ſuis uberibus lactaſſe.

2 *D. Hieron. ad Dextr. in lib. de Script. ſacr.*

2 Vio a *Senhora* publicado o Evangelho, & louvado o nome de ſeu *Filho* Deos, do Oriente do Sol atè o Occaſo, como havia dito David; 3 & em todas as partes fundada a Igreja Catholica com toda a perfeyçaõ ſubſtancial que tem hoje; ſó accreſcèraõ declarações, ritos, & circunſtancias, accidentes conformes aos tempos, mas todos pela razaõ daquelle fundamento. Cegamente chamaõ os hereges novidades Romanas aos pontos Catholicos q̃ lhes não contentaõ; o Santo Varão Ludovico Bloſio lhes moſtra; 4 ſó com os eſcritos dos Apoſtolos, & de ſeus diſcipulos, q̃ daquelles principios nos ficàrão não ſó os Sacramentos inſtituidos por *Chriſto*, mas todo o culto Divino, & ainda a ſubſtancia das ceremonias, que de preſente uſamos. Os Apoſtolos ordenárão Sacerdotes, ſagràraõ Biſpos, & ordenárão q̃ ſe ſagraſſem por outros dous, ou tres: 5 celebrárão Miſſa, & de

3 *Pſalm. 18. 5. & 112. 3.*

4 *Bloſio, no Colirio dos hereges, & na tocha para alumiar os hereges.*

5 *Apoſtol. Can. 2.*

Pontifical; ſendo o primeyro que de Pontifical a celebrou em Antioquia Saõ Pedro, em Jeruſalèm Santiago o Menor: em Alexandria São Marcos: 6 uſárão Diàconos, & Subdiàconos: compuzerão oraçoens: implorárão interceſſaõ dos Santos: rogárão pelos defuntos: dedicárão Templos: levantárão Altares: fizerão vaſos ſagrados: adoráraõ a Cruz: veneráraõ as Santas Imagens. Tudo moſtra individualmente Bloſio nos lugares citados; & São Dionyſio Areopagita diſcipulo de São Paulo, 7 eſcreveo particularmente 8 as ceremonias da Miſſa: incenſar, dizer liçoens da Eſcritura, pòr o Diàcono ſobre o Altar o páo, & vinho que ſe ha de conſagrar, lavar o Sacerdote as mãos, levantar a Hoſtia, dar a paz, & conſumir. Tambem eſcreve as ceremonias dos mais Sacramentos. Finalmente nos Canones feytos pelos Apoſtolos 9 lemos as principaes Conſtituiçoens do governo da Igreja.

3 Notão os Authores 10 que teve a Santiſſima *Virgem* grande goſto de ver em taõ breve tempo tão creſcido o numero dos Fieis atè os fins da terra, qual he Portugal. Tem eſte Reyno a gloria de haver ſido o que primeyro lhe cauſou eſte contentamento; porque foy a primeyra parte de Gentios, em que muytos annos antes de ſeu tranſito, (no 36. de *Chriſto*) vindo Santiago Mayor a Heſpanha, 11 prègou primeyro em Portugal, como deyxàrão eſcrito Authores antigos, 12 com o nome de *Galliza*, em que então ſe comprehendia a Provincia de Entre Douro, & Minho: 13 Santo Iſidoro declara 14 que foy na parte Occidental; & tudo confirmão os modernos. 15

4 Neſta parte houve os primeyros Santos convertidos em terra de Gentios, que forão os diſcipulos do meſmo Apoſtolo. 16 Nella edificou em Braga, junto de huns banhos que havia, & de hum templo fabricado pelos Egypcios à falſa Deoſa Iſis, a primeyra Igreja em honra de *Jeſu Chriſto*, 17 & a ſegunda que houve no Mundo dedicada à *Mãy* de Deos, 18 vivendo ainda; quando queyramos conceder à do Pilar de Çaragoça ſer a primeyra. Nella poz o primeyro Biſpo de Heſpanha, 19 q̃ foy Saõ Pedro de Rates, o qual era o Profeta da Ley Velha Samuel Junior, ou Malaquias Senior, vindo a Heſpanha com as Tribus que Nabucodonoſor deſterrára, & Santiago o reſuſcitou, doutrinou, & creou Biſpo. 20.

5 Alli finalmente conſtituhio Santiago a primazia de todas as Igrejas de Heſpanha, devida, por aquelle povo ſer o primeyro em que entrou o Evangelho, como em favor do Antioqueno argumentava Saõ Joaõ Chryſoſtomo; 21 pela jà dita mayor antiguidade a que aſſiſte o Direyto; 22 pelas Conſtituiçoens Canonicas, 23 (cuja razaõ jà então militava) ſegundo as quaes a ſuprema juriſdicção Eccleſiaſtica ſe devia collocar na Cidade que no ſecular foſſe mais inſigne; tal era Brachara *Auguſta*, illuſtriſſima por muytos titulos, q̃ os Eſcritores apontaõ, 24 & aſſim eſtá aquella primazia canonizada em muytas Bullas

6 *Cum Euſebio l.2 hiſtor. Eccleſ. Sanct. Antonin & aliis Fr. Diogo do Roſario no Flos Sanct. vida de Santiago Menor de Miſſa Apoſtolorum. P. Bivar ad Dextr. an 37. n. 2. verſ. celeriùm.*

7 *Act. 17. in fine.*

8 *D. Dionyſ. Areopag. de Eccleſ. Hierarch. c. 2. cum ſeqq.*

9 *Canones Apoſtolor. in 1. tom. Concilior. pag. mihi 21. cum ſeq. de illis Dexter an. Chr. 34.*

10 *Melchior de Caſtro, na vida da Virgem l. 1. c. 18. P. Luis Joſeph de Jeſ. Maria na meſma l. 5. c. 4. n. 5.*

11 *Flav Dext. in Chron. an Chr. 36. P. Bivar in com. ad eumd. Dextr. an. 66. n. 6. latè Gregor. Lop. Madyra nas Excellenc. da Monarch. de Heſpan. c. 6.*

12 *Pap. Callixt. II. in Prologo translat S. Jacob Tupin. de geſt. Caroli Magni, c. 1. Valdes de dignit. Reg. c. 6. n 21.*

13 *Strab. Geograph. l. 3. Ptolomæus l. 2. c. 5. Plin. hiſt. l. 4. c. 21. Ortel. in Theatr Orbis, tab. Portugal.*

14 *D. Iſid. de vit. & obit. Sanct. c. 37.*

15 *Brito na Monarch. Luſit. l. 5. c 3 & 4. Fr. Luis de Souſa, hiſt. de S. Domingos l. 6. c. 1. Conducunt Auguſt. Barboſ in Paſtoral. p. 1. c. 8. à n. 19. Sebaſt Ceſar de Menezes, in Hierarch. Eccleſ. p. 1. diſp. 4. § 3. n. 11. & 12.*

16 *Pap Callixt. II. ſup. Brito, & os mais acima allegados.*

17 *Aug. Barb. d c. 8.*

18 *Caledon. in vit. S. Petri Ratenſ. P. Bivar in comm. ad Dextr. an. 36. n. 1. & an. 38 n 3 in fine.*

19 *Dexter in Chron. an. 37. Primum reliquit Epiſcopum.*

20 *Sandoval l da antiguid. da Igreja de Tui nõ princ ex D. Athanaſ 1. Biſpo de Caragoça.*

21 *D. Chryſoſt. in Matth. hom. 7. prope fin. & ad popul. Antioch. hom. 7. poſt prine.*

22 *Diximus in 1. p. c. 11. n. 10. cum Tiraquelo, & aliis.*

23 *Cap Inſtitis, & Cap. Urbes 80. diſt. Cap. Provincie 99 diſt.*

24 *Plin. hiſt. l. 3. c. 3. Georg. Braun.*

Bullas Pontificias, 25 & praticada em muytos actos, em que os Arcebispos de Braga puzeraõ Bispos em varios Bispados, 26 & presidirão nos Concilios Provinciaes, em que se achàrão os de Merida, Sevilha, & outros Metropolitanos mais antigos na promoçáo. 27 No Toletano I. presidio Paterno; 28 & no VI. Juliano, 29 Arcebispo de Braga, em presença dos de Toledo. E no Lucense se ordenou, que a Sè de Lugo fosse Metropolitana, porèm sugeyta a Braga; 30 o que só podia ser em direyto, 31 sendo Braga Primaz. Outras provas trazem largamente graves Authores. 32

6 He de crer que a *Virgem Senhora* com grande consolação abençoaria particularmente aquellas primicias, que via da Christandade em terras de Gentios; & daquella bençaõ resultárão a Portugal suas especiaes excellencias na Religião. Haver dado o primeyro Martyr da Europa, que foy o dito Arcebispo de Braga S. Pedro de Rates; 33 o primeyro Ermitão, (segundo o Breviario Bracarense) 34 que foy S. Felix; o primeyro Santo Confessor canonizado pela Igreja com as diligencias que hoje se usaõ, que foy Saõ Rosendo, 35 da sagrada Ordem Benedictina, & honra da familia dos *Sousas*. Ser o primeyro Reyno (dos que hoje perseverão Catholicos) que geralmente recebeo a Fé de *Christo*, reynando Ricciario Suevo com sua Corte em Braga, no anno de 448. 36 ser o q̃ a tem conservado mais firmemente, pois das muytas heresias, q̃ em varios tempos inficionáraõ a todos, só a Arriana entrou em Portugal, & nelle durou muyto menos annos que em outras partes, como se vè nas historias. 37 E he excellencia graude neste ponto haver sido a illustre Portugueza Dona Brites da Sylva, Fundadora da Ordem da Conceyçaõ em Castella, quem por divina revelaçaõ persuadio a ElRey Dom Fernando, o Catholico, a instituiçaõ do Santo Tribunal da Inquisiçaõ, tão util à pureza da Fé, como he notorio. Os Portuguezes foraõ os mayores propagadores do Evangelho, que sós o levárao a todas as quatro partes do Mundo, hindo do Occidente alumiar o Sol em seu nascimento, como com graves encomios de admiraçaõ, encarecem os Escritores estranhos. 38

7 He Portugal patria tão abundãte de Santos, que Calgia, ou Calcia, mulher de Catelio Regulo na Lusitania junto do Tejo para a parte de Portalegre, (39 outros lhe chamão Cayo Attilio Severo, 40 & se diz mais commummente q̃ dominava em Braga, & era Presidente pelos Romanos em Galliza) 41 de hum só parto pario nove filhas gemeas, que todas fugindo à perseguiçaõ do pay Gentio, & criadas por S. Sita, ou Silla Martyr, tambem Portugueza, 42 em varias, & remotas partes (porque illustrassem muytas Provincias do Mundo) morrèrão virgens com diversos generos de martyrios, para honrarem todos: sendo as primeyras Martyres de Europa no sexo feminino, 43 como as primeyras, que em S. Pedro de Rates dera Portugal à Europa o primeyro Martyr varão.

in Theatr. Urb. in descript. Bracharæ. Moral. l. 9. c. 4. Sandoval supr. fol. mihi 13.

25 *Refere-as Seb. Cesar sup disp. 4. § 3. n. 53. 54. & 90.*

26 *Sandoval supr. fol. mihi 16. P. Bivar in Comment. ad Dextr anno 37. n. 2. vers. quoad Episcopatus.*

27 *Ita constat in tomis Concilior.*

28 *Marian hist Hispan l. 4. c. ult. Dexter ann. 407. P. Bivar ad eund. tom ann 405.*

29 *Concil 6. Toletanum.*

30 *Concil Lucense.*

31 *Cap. Urbes 80 dist & c. Provincia, 99 dist.*

32 *Illustriss. Archiep. D Roderici à Cunha in int. gro tract. de Primat. Eccles. Bracbar. D. Sebast. Cæsar de Menezes, in Hierarch. Eccles. p. 1. disput. 4. § 5. Latè diximus in Excel. Portug. c. 9. excel. 11.*

33 *Papa Callixto II supr. Fr Luis de Sous. hist. de S. Doming. l. 6. c. 1 Jorge Cardoso, no Agiolog p. 2. em 26 de Abril.*

34 *Brevior Bracbar. in lection. S. Petri Rotens. Jorge Card. no Agiol.*

35 *Fr Luis dos Anjos no Jardim de Portugal, na vida de Santa Adolinda n. 54. Douto. Fr. Luis de Santo Thomàs na Benedictina Lusit. Jorge Cardoso, no Officio dos Sant. de Portugal fol. 19. vers. & no Agiolog. tom. 2. dia 1. de Março, no comment. letra C, vers. verdo. Britto na Monarch. Lusit p. 2. l. 7. c. 18. & c. 34. aonde particulariza mais seus pays, do que faz menção o Conde D. Pedro no Nobiliar. tit. dos Barbosas.*

36 *S. Isidor. in Chron. Suever. Britto, Monarch. Lusit. l. 6. c. 7 & 8. Madera, nos Excell. de Hespan. c. 6. § 4. Dissemos nas Excell. de Portug. c. 9. Excel. 4.*

37 *Britto d. l. 6. c. 12.*

38 *Ortel in Theatr. in Dedicat. Tab. Portugal. Marian. hist. Hisp. lib. l. 20. c. 13. Madera d. c. 6. § 6. Fr. Anton. de S. Roman. no Prologo da jornada del Rey D. Sebast. & alii passim.*

39 *Dexter. an. Chr. 138. & 159. Britto na Monarch. Lusit. l. 5. c. 18. na 2 p.*

40 *Jorge Cardoso, no Agiologe tom 1. dia 18. de Janeyro.*

41 *Julian. Toletan. in Chron. ann. 130. Bivar. ad Dexter. an. 138. n. 5. Jorge Cardoso supr. & estes dous allegaõ mais.*

42 *Julian. Britto, Bivar, & Cardoso sup. idem Julian. ad ann. 317. & Arceb. D. Rodrigo da Cunha hist. dos Bispos de Lisboa p. 1. c. 14 n. 4 & 5.*

43 *Cardoso supr.*

8 Seus nomes saõ, *Liberata*, que, como dizem Dextro, & Usuardo no Martyrologio, & seu addicionador Molano, 44 se chama tambem *Vulgefortis*, & em Tudesco, *Ontcommeraj*; padeceo no anno de Christo 138. em Galiza, segundo a melhor opiniaõ, 45 posta primeyro em Cruz, depois degollada: 46 por cursos dos tẽpos seu corpo levado à Sè de Siguẽça em Castella, por seu Bispo D. Simaõ, citá em hũa sumptuosa Capella, que lhe fabricou Dom Fradique de Portugal Bispo do mesmo Bispado, (de que a Santa era Padroeyra) em huma magnifica sepultura, (q̃ eu vi) para onde em 15. de Julho de 1537. o trasladou, & meteo em huma cayxa de prata, vendo-se, entre outros milagres, q̃ estava a camisa com sangue do martyrio taõ fresco, como se fora derramado hum dia antes; tudo se refere no antigo Breviario daquella Igreja. 47 O Reverendo Padre Fr. Manoel da Resurreyçaõ, Cõmissario da Corte dos Religiosos Agostinhos Descalços neste Reyno, grande investigador das antiguidades delle, na vida que tem composta desta Santa, diz que foy sepultada em Kale, aonde antigamente esteve a Cidade do Porto, q̃ hoje está defronte, com o Douro em meyo; (poderia dalli ser levada a Siguença.) Tenho esta opiniaõ por provavel, & respeyto a erudiçaõ deste curioso Antiquario; mas naõ quero, sem prova infallivel de verdade em contrario, negar a esta Santa, & a Portugal sua patria, a gloria de ser venerada por Padroeyra de Bispado taõ illustre; & me parece mayor honra de nossa Naçaõ hirem seus filhos illustrar terras estranhas. O Conde da Castanheyra D. Antonio de Attaide me contou, que quando, antes da separaçaõ dos Reynos, foy por Embayxador extraordinario delRey D. Filippe IV. de Castella ao Emperador, vio em Alemanha em hum Altar a Imagem desta Santa com hum titulo, que dizia: *Sancta Vulgefortis, filia Regis Portugalliæ*; & que tinha barba atè o peyto: & lhe referirão significar o milagre, cõ que hum dia amanheceo assim para encobrir sua belleza a hum Principe namorado.

9 *Gemma*, que outros cognominaõ *Gemma Marina*, & por isso a chamamos só *Marinha*, & tambem *Margarita*, que em Latim he o mesmo 48 que *Gemma*; com grandes fundamentos mostra o erudito Padre Bivar 49 ser a *Santa Margarida*, que teve no carcere a peleja com o dragaõ; a qual muytos Authores tiveraõ por Grega martyrizada em *Antioquia*, equivocados com *Amphiloquia* lugar de Galliza, aonde Flavio Dextro, Marco Maximo, & o Breviario de Palencia dizem que padeceo; 50 o Breviario declara a peleja com o dragaõ, & que depois de pendurada, açoutada, rasgada com garfos de ferro, mergulhada na agua, queymada com tochas, lhe cortárão a cabeça. Conserva-se seu corpo no lugar de *Aguas Santas*, não longe do rio Minho, 51 padeceo no mesmo anno de 138.

10 *Victoria* padeceo em Cordova, onde he Padroeyra, quasi pelos mesmos annos, havendo sido sustentada por Anjos muytos

44 *Dexter an. Chr. 138 Usuard. in Martyrol. & ibi Molan. die 20. Jul.*

45 *Dexter sup. & ibi P. Bivar.*

46 *Bivar supr.*

47 *Breviar. da Sè de Siguença. Bivar ad Dextr. an. 136 in fin. Comment.*

48 *Flav. Dexter d. ann. 138. S. Marina, vel Margarita Virgo; & ann. 300. Marc. Maxim. in Chron. ad an. 156. Julian. Toletan. in Chron. ann. 130.*

49 *Bivar ad Dextr. an. 138. n. 5.*

50 *Dexter, & M. Maxim. sup. Breviar. Palentin in fest. S. Margaritæ die 13. Jul. & S. Martin. die 18. ejusdem.*

51 *P. Bivar supr. d. n. 5. vers. bis in princ.*

muytos dias no carcere, lançada no rio com pedra ao peſcoço; & porque ſe não affogou; poſta em rodas com fogo lento debayxo, o qual ſe apagou, matando primeyro os algozes: cortâraõlhe a lingua, & os peytos, de que ſahio leyte, & paſſada com ſettas paſſou ao *Senhor*. Eſcreve-ſe que em Cordova, aonde eſtá ſepultada, & S. Aziclo, que juntamente padeceo, no dia do ſeu martyrio, ſendo aos 17. de Novembro, ſe colhem roſas, entendendo-ſe que he virtude da commemoração de ſuas mortes. 52

11 *Eumelia*, chamada tambem *Euſemia*, 53 que alguns equivocârão com Santa Eufemia Calcedonenſe, foy martyrizada em Galliza no anno de 138. ha variedade no dia. No anno de 1153. achou huma paſtora ſeu corpo; & por mandado de huma voz do Ceo foy poſto em huma Igreja proxima dedicada a Santa Marinha ſua irmã; & depois trasladado à Sè de Orenſe, por permiſſaõ que ſeu Biſpo Dom Pedro Seguino com oraçoens, & jejuns alcançou do Ceo; 54 Trugillo refere, que hoje obraõ muytos milagres com hum anel de preço, que a Santa tinha no dedo quando a achâraõ. 55

12 *Germana* paſſou a Africa, & com oyto companheyros foy martyrizada em Carthagena a 19. de Janeyro; 56 o anno ſe naõ ſabe; devia diſtar pouco das irmãs.

13 *Marciana*, ou *Marcia*, foy martyrizada em Toledo a 12. de Julho de 155. açoutada, lançada tres vezes a barbaros libidinoſos, de cujas torpezas a defendia hum muro que miraculoſamente ſe interpunha: offerecida a leoens, foy delles venerada, atè que hum touro, & hum leopardo a deſpedaçâraõ. No ponto que eſpirou, ſe abrazou a caſa de hum Judeo chamado Budario, que a accuſâra, com os que eſtavaõ nella; & querendo-ſe reedificar por vezes, tornava a cahir matando os officiaes. 57 Pela ſemelhança do nome, & do martyrio a identificâraõ os Authores 58 com Santa Marciana martyrizada em Ceſarèa de Africa; ſendo duas differentes, como o moſtraõ Dextro, Juliano, & o Martyrologio Romano. 59

14 *Quiteria*, tornada para caſa do pay, que a quiz conſervar, vendo que perdèra as outras oyto filhas, fez vida Angelica, acompanhada, & guiada por vezes de Anjos, atè que por conſervar a virgindade, querendo-a o pay caſar, padeceo martyrio com outras donzellas, & varoens Santos, que a ſeguiaõ, junto de Toledo, aos 22. de Mayo; anno ſe naõ averigua ao certo. No diſcurſo daquella contenda glorioſa, que durou muitos dias, ſobre o caſamento, fez grandes milagres, & converteo muytas Almas; & ſendo ultimamente degollada tomou (como S. Dionyſio Areopagita) a propria cabeça em ſuas mãos, & a levou ſetenta & dous eſtadios atè a Cidade, que entaõ era *Adura*, hoje lugar chamado Marguelizza no Reyno de Toledo, aonde foy ſepultada, & ſe conſervaõ ſuas Reliquias. 60 He invocada para as mordeduras de cães, & outros animaes danados, com ſucceſſos milagroſos. 61

15 *Geni-*

52 *Hæc ex Julian. in Chron. ann 130. Uſuardo 17. Novembr. Martyr. Eſquilin 10 eiqd. Bivar ad Dexir. d. ann. 138. verſ. Sancta Victoria.*

53 *A Dextro ann. Chr. 138.*

54 *Hæc ex Breviar. Aurienſi: & Bivar ſup. verſ. S. Eumelia. Vide Eſquilin. l. 11 c. 13. n 119.*

55 *Trigillus in Thſaur. Concion. die 16. Septemb.*

56 *Martyrolog Romen die 19. Januar. reſtitutum per Baronium. Bivar ſup. verſ. S Germana.*

57 *Hæc ex Dextro ann. 155. Et P. Bivar ibi. Julian in Chron. eod. an. vit S. Marciane in Bibliothec. Monaſter. S. Bernard. extra muros Tolet.*

58 *Baron in notis ad 12. Jul. Eſquilin. l. 2 c. 58.*

59 *Dexter, & Julian. ſup. Martyrol Rom. 5. Id. Januar. ſeu die 9. ejuſdem, de Africana, & 4. Id. Jul. 12. ejuſdem, de Luſitana.*

60 *Hæc ex Marieta p. 1. l. 4. c. 17. cum ſeqq. Julian in Chron. Breviar. antiq Tolet. & Pa. ēt. apud Bivar ad Dextr. an. 138. n. 5. verſ. S Quiteria. Britto, Monarch Luſit. t. 2. l. 5. c. 19.*

61 *P. Bivar ſupr.*

15 *Genivera*, que chamamos *Genèbra*, ao primeyro dia de Novembro (Juliano a poem no anno de 130.) foy coroada em Tuy de Galliza com martyrio glorioſo. 62

16 *Baſilia*, ou *Baſilla* em 29. de Agoſto de hum daquelles meſmos annos (certo não ſe ſabe) alcançou a gloria de Martyr; huns dizem 63 que em Syrmio, Cidade que foy na Andaluzia; outros mais commummente, 64 que em Syria de Aſia; & não nos he novo achar que em aquelle tempo, donzellas, & outras peſſoas delicadas, com zelo Chriſtão peregrinaſſem aos Lugares ſagrados da Paleſtina; & aſſim (como cantou hum devoto Poeta 65 em hum elegante Hymno deſtas Santas) regárão illuſtremente com ſeu ſangue Europa, Africa, & Aſia, que era todo o deſcuberto da terra.

17 Eſtas verdadeyramente forão as nove Muſas ſagradas, que por todo o Mundo cantàraõ louvores Divinos em metro mais alto que as irmãs de Helicona. Tanta ſantidade deu Portugal ſó de hum parto. De Santa Felicitas Martyr, porque foy mãy de ſete Santos, diſſe Saõ Pedro Chryſologo, 66 que merecèra ter tantos filhos, quantos ſaõ os dias do Mundo; que fora mãy dos Planetas, fonte dos dias, que reſplandecia com ſeptenario numero de luzes. Que diſſera, ſe fallára da Portugueza Calgia com nove filhas ſó de hum parto, Martyres todas inſignes? Diſſera que geràra mais Planetas que os dias: que fizera o Mundo mais claro: deralhe outros louvores com mayor eſtylo.

18 Só Santo Antonio Portuguez alcançou por antonomaſia o nome de *Santo*; nome que por eſte modo, ſó he proprio de Deos. 67 Hum Eſcritor 68 fez queſtaõ da cauſa, porque em Portugal floreceo tanto a ſantidade; & reſpondeo, que como as diverſas Conſtellaçoens dos Ceos diverſificaõ a fecundidade de varias Regioens da terra na producçaõ dos frutos; ſer eſta tão fecunda de Sãtos naſce de influencia particular da graça, & miſericordia Divina. Pudera accreſcentar que por mediaçaõ eſpecial da *Virgem*, que he certo, que eſpecialmente abençoaria Provincia, em que primeyro vio tão fundadas as primicias da Fé. E parece myſterio haver ſido Fundador o Apoſtolo Santiago, 69 taõ devoto da *Senhora*, como diſſemos em outra parte. 70 Muyto devemos a eſta *Mãy* ſagrada nas precioſiſſimas Reliquias do leyte de ſeus peytos, que ſe conſervaõ em Igrejas deſte Reyno, 71 parece que moſtra que a ſeus peytos o creou como filho. A relaçaõ que eſte capitulo fez das excellencias Portuguezas na Religião, não attende acreditarnos com o Mundo, (que diſſo jà não trato) mas a provocar agradecimento, & continuaçaõ.

62 *Julian in Chron. an. 130. Bivar ſup. verſ. jed jam.*

63 *Eſquilin l. 11. c. 130. n. 232. Bivar ſup. verſ. Octava.*

64 *Martyrolog. Roman. Julian in Chron. Hieron. de la Higuera in hymno apud Bivar ſup. & Sandoval hiſt. Tudenſ. Eccleſ.*

65 *Hieron. de la Higuera ſupr.*

66 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 134. in princ.*

67 *Iſai. 6. 3. Apocalyp. 4. 8.*

68 *Fr. Luis de Souſa na hiſt. de S. Doming. p. 1. l. 6. c. 1.*

69 *Supr. n. 3.*

70 *Supr. c. 15. n. 3. in fin.*

71 *Monarch. Luſit. p. 5. l. 16. cap. 14. ad fin.*

CAP.

CAPITULO LXVI.

Da fermoſura natural, & viſivel da Igreja Catholica; honra que ſeus filhos logrão nella; & com quanta facilidade.

1 NAõ ſó no eſpiritual, como fica dito, 1 he fermoſa a Igreja Catholica; mas tambem no temporal, material, & viſivel; toda he fermoſa (como lhe dizia o Eſpoſo Santo) alèm do interior que não ſe vè. 2

2 Que magnifica he a alteza do Summo Pontificado, de cuja ſoberania no temporal, & politico já diſſemos! 3 Que eminencia moſtrou nos inſignes varoens que o occupárão! Entre os mais (porque ſe não pòde eſcrever de todos) ſe veja em hum Sylveſtre Romano, que ſoube ſugeytar a ſoberba de Roma à humildade de hum Peſcador: deu juriſdição nas almas à que ſó dominava nos corpos; & ſobre a fraqueza do Mundo eſtabeleceo o mais firme Imperio; elle fez certo o prognoſtico de haver de ſer Roma cabeça do Univerſo, como o tinhaõ dito os Augures, quando em ſeus principios, cavando-ſe no monte Tarpeyo, ſe achou a cabeça do cadaver, donde chamàraõ àquelle lugar *Capitolio*. 4 Veja-ſe em S. Damaſo Portuguez, de quem Saõ Jeronymo 5 diz, que foy virgem ſem macula; Santo Ambroſio, 6 que ſua eleyção foy divina; Santo Theodoreto, 7 que foy chamado varão admiravel, digno de louvores ſoberanos; o Concilio Conſtantinopolitano ſexto, 8 *Que foy diamante na Fé por ſua firmeza*; & a quem a Igreja deve muytos Inſtitutos ſagrados. 9 Veja ſe finalmente nos dous, que entre tantos grandes, alcançárão renome de *Magno*; hum Leão, & hum Gregorio, ambos Romanos, a cuja viſta Alexandre, Pompeyo, & Carlos perdem a gloria daquelle epitheto. E com tudo São Gregorio, por humilde, foy o primeyro Papa que ſe intitulou *Servus ſervorum Dei*.

3 Segue-ſe a fermoſura das Jerarquias Eccleſiaſticas; em Cardeaes, Patriarcas, Arcebiſpos, Biſpos, Abbades, Prelados, & de todos os Sacerdotes; a ordem, & precedencias que niſto ſe obſervaõ, fazem huma Republica viſtoſiſſima.

4 Que diremos de tantas Ordens de Religioens com a variedade nas cores, & modos de ſeus habitos, & com a diverſidade de ſeus Inſtititutos, que por differentes vias ſe encaminhaõ todas a hum fim? ſe não que daquella differença, como de vozes, que parecem contrarias, ſe compoem a mais ſonora harmonia? Baſta qualquer dellas para illuſtrar hum Imperio; todas permittiráo exemplificallo com a mais antiga de todas, & mãy de quaſi todas, a *Benedictina*, inſtituida por aquelle Epitome dos Santos, Patriarca dos Patriarcas: aquelle a quem

Deos

1 *Supra c.52.cum ſeqq.*

2 Abſque eo quod intrinſecus latet.....Tota pulchra es amica mea. *Cant.4.13.& 7.*

3 *Supr.c.58.à n.7.cum ſeqq.*

4 *Liv.Decad.1.l.1.*
5 *D.Hieron. ad Panochium.*
6 *D.Ambroſ l.6.Ep.30.*
7 *Theodor.l 6.c.3.*
8 *Concil. Conſtantin.6.*

9 *Diremos no c.72.n.22.*

Deos honrou cõ o ſeu nome de *Benedicto*, 10 & (quando mandou andar a Saõ Mauro ſobre as aguas) 11 lhe deu o final de ſeu poder, porque Saõ Pedro conhecco a *Chriſto*. 12 Digo mais antiga de todas; porque os chamados Monges na primitiva Igreja, ſó eraõ Ermitaens. He verdade que o grande Baſilio de Ponto, Biſpo de Ceſarea [de doutrina tão levantada, que diſſe S. Gregorio Nazianzeno que eſcrevèra com penna do Eſpirito Santo: 13 & tão poderoſo com Deos, que ſe alargou a ſi meſmo a vida, para converter hum Medico; pelo que diſſe o meſmo Medico, que ſe quizera, nunca morrèra) 14 inſtituhio Ordem Monaſtica; mas naõ ſe confirmou pelo Papa ſenaõ depois de Saõ Bento. No tempo de Santo Agoſtinho Monges havia, & o meſmo Santo confeſſa que foy delles; 15 & conta que os levou a Africa, 16 de que là ſe multiplicáraõ muytos Moſteyros; 17 & tambem refere o meſmo Santo Doutor 18 que inſtituhio os Conegos Regulares; mas a todos faltou a meſma confirmação Apoſtolica. A Ordem Monaſtica de S. Bento a teve primeyro, & aſſim he a primogenita da Igreja. Digo, que he Máy de quaſi todas; porque ou lhes communicou a Regra; ou lhes deu as primeyras Caſas; ou lhes aſſiſtio com protecção; ou obrigou com beneficios a ſeus Fundadores: fora largo particularizar mais; o Doutor Frey Leãa de Santo Thomàs na ſua Benedictina o particularizou. 19 Eſte Seminario de Heroes Chriſtãos governou por ſeculos inteyros a Igreja Catholica no Summo Pontificado, & illuſtrou toda a Chriſtandade cõ outras Ordens, & Cavallarias que delle naſcèraõ: & com filhos inſignes nas mayores dignidades Eccleſiaſticas, & Seculares; quantas Tiaras, Mitras, & Coroas ſe honráraõ com o ſeu habito! Só quem contar as Eſtrellas do Ceo, poderá contar a ſua geraçaõ eſpiritual, como Deos diſſe a Abraham; o primeyro a que chamou *Bento*, 20 figurando eſte ſegundo Patriarca. 21 Só tal Ordẽ baſtava para ornamento da Republica mais famoſa: quanto mais tantas com tantas excellẽcias. Taõ galharda he a Igreja, que atè o burel parece nella gala; quam precioſo reſplandece o viliſſimo habito de Franciſco Serafico! taõ parecido a *Chriſto*, que Rabbinos equivocáraõ com ſeu naſcimento a vinda do Meſſias; 22 não he admiraçaõ viſtoſiſſima centenas de milhares de ſeus Frades, & Freyras eſtendidos por todo o Mundo, ſuſtentarem-ſe ricos, ſem terem couſa propria, com hum continuo milagre? Accreſce o magnifico das Ordens Militares, cõ verdadeyros Religioſos em veſtidos ſeculares; huns (como os Maltezes) guardão a eſtreyteza dos votos eſſenciaes: outros os tem moderados com diſpenſaçoens, ſem que por iſſo deyxem de ſer Religioſos. 23 Parecem menos do que ſaõ, & com iſto ſaõ mais trataveis: quem parece mais do que he aſſombra, como Aſſuero a Eſther, quando lhe pareceo Anjo, ſendo homem; 24 quem parece menos do que he, ſe faz tratavel, como Rafael a Tobias; 25 porque lhe pareceo homem, ſendo Anjo. Em taõ diſcor-

10 *Marc.* 14. 61.

11 *Vilhegas, & todos na vida de S. Bent.*

12 *Matth.* 14. 28. Domine ſi tu es, jube me venire ad te ſuper aquas.

13 *D. Nazianzen. in Monedia P. Baſil.*

14 *Vilhegas no Flos Sanct. vida de S. Baſilio, junto ao fim. Melchior de Caſtro, na hiſt. da Virg. l. 2. c. 11. no princ.*

15 *D. Auguſtin. l. 3. contra literas Petiliani c. 40. & in Pſalm. 132. Ecce quàm bonum.*

16 *Cardin. Baron. annal. l. 4. an. 391.*

17 *S. Paulin ad Alipium, inter Epiſt. 5. Auguſtin. ſub n. 35. Idem Auguſt. Retractation. l. 2. c. 21.*

18 *D. Auguſt. ſerm. 1. de commun. vit. Clericor.*

19 *Vide Frey Leaõ de S. Thomàs na Benedictin. Luſitana.*

20 *Geneſ.* 12. 2. Eriſque benedictus.

21 *Henric. Engelgrave, in Cælo Empyreo, feſt. S. Benedict. in princ.*

22 *Rabbi Moyſés Egypcio, Epiſt. ad Judæos, qui degunt in Africa. Apud Matute, na Proſapia de Chriſt. idade 3. c. 3. § 4.*

23 *Covarrub 2. p. epit. 3. §. 1. n. 18. Navarr. de reddit. monet. 55. & 56. in propugnac §. 15. ac ſæpe alibi. Gabr. Per. Dec 58. n. 18. ubi plures citat.*

24 *Eſther* 15 16. Vidi te Domine quaſi Angelum Dei, & conturbatum eſt cor meum.

25 *Tob* 5 5. & 6. Invenit juvenẽ ſplendidũ, ----- & ignorans quòd Angelus Dei eſſet, ſalutavit eum, & dixit.

diſcorde concordancia ſe oſtenta a fermoſura da Caſa de Deos com muytas manſoens. 26

5 He outra oſtentaçaõ da meſma grandeza material o ſumptuoſo dos Templos. Admiraveis os tiverão os Gentios, como acima diſſemos; 27 mas erão contados; os da Chriſtandade não tem numero, não menores, antes mayores na fabrica: por innumeraveis ſe não pòdem referir: & não ha quem naõ veja muytos dentro de ſua patria.

6 Ajunta-ſe a riqueza, com que ſaõ ſervidos: a pompa nos Officios Divinos: a ſolemnidade das ceremonias: o celeſtial que repreſentaõ as muſicas, os perfumes, & o concerto curioſo, grandioſo, & aceado. A hereges ouvi, que nada tanto os movia como a mageſtade, com que em noſſos Templos ſe celebra; & que ſe em algum aſſiſtião, ſentiaõ ſuavidade extraordinaria.

7 Tudo iſto ſe funda na ſabedoria, ſem a qual nada he feliz. Alèm da Divina, que illuminou os Apoſtolos na vinda do *Eſpirito Santo*, he impoſſivel numerar os ſabios Chriſtãos, que forão ſal da terra, & luzes do Mundo. Baſta nomearmos os quatro Doutores, que o Papa Bonifacio VIII. mandou feſtejar com os Apoſtolos: 28 Saõ Gregorio, columna da Igreja, ſegurança de Roma, Pay dos pobres, Meſtre da piedade, Magno por ſciencia: Santo Agoſtinho, alteza dos engenhos, Admiração dos ſeculos, Fonte das Academias, Milagre da natureza: Santo Ambroſio, cuja boca, logo no berço, divinamente induſtriàrão abelhas para mellificar aos Catholicos, & ferir aos hereges: Saõ Jeronymo, Tullio Chriſtaõ, Arquivo da erudiçaõ, Lingua das Eſcrituras; aos quaes o Papa Saõ Pio V. aggregou Santo Thomàs de Aquino, cognominado *Angelico*, porque foy Anjo na terra, ou homem entre Anjos no Ceo, donde trouxe methodo, com que fez os humanos capazes de Theologia Angelica; & aſſim diſſe o Papa Joaõ XXII. (por outro computo XXI.) em ſua Canonizaçaõ, que cada artigo de ſuas obras era hum milagre; & como taes os reſpeytou o Concilio Tridentino nas queſtoens mais arduas. O Papa Xyſto V. lhes aggregou tambem Saõ Boaventura, cognominado *Serafico*, por ſua vida, & doutrina; 29 de quem Xyſto IV. na Bulla de ſua Canonização tinha dito, que parecia que o *Eſpirito Santo* fallára; aſſim foy reſpeytada ſua peſſoa no Concilio Lugdunenſe II. & ſeus eſcritos no Florentino.

8 Neſta materia he grande fermoſura da Igreja Catholica a controverſia eſcolaſtica na differença de algumas opinioens, porque concordando todas em huma unidade de doutrina nos principios, & dogmas da Fè, & diſcordando ſó nas materias provaveis, com fundamẽtos ſeguros, ſobre os caminhos de chegar àquella verdade: he infallivel credito da que profeſſamos, inferirſe ſua confirmação das vias que parecem contrarias: & conſtar a unidade Catholica de pareceres diverſos. Que fermoſo

26 *Joan.* 14. In domo Patris meì manſiones multæ ſunt.

27 *Supr. c. 6. n. 12.*

28 *Cap. Glorioſus Deus unicè de Reliq. & vener. Sanct. l. 6.*

29 *Joan. Gerſon epiſt. de laud. S. Bonavent. p. 1.* Sortitus eſt idcirco, ſecundùm laudem vitæ ſuæ pariter & doctrinæ, nomen ipſe Bonavent. ut antonomaſticè Doctor Seraphicus nominetur.

moſo he comporem-ſe as Univerſidades de Cadeyras de Santo Thomàs, Saõ Boaventura, Eſcoto, Alexandre de Ales, Durando, Nominaes, & outros; ſeguir cada hum a doutrina de ſeu Meſtre; & gloriarem-ſe os diſcipulos de ſeus appellidos, (como notou Sabellico) 30 chamando-ſe os de Saõ Boaventura, *Seraficos*: os de Santo Thomàs, *Angelicos*: os de Eſcoto, *Subtis*: & os de Alexandre de Ales, *Irrefragaveis*! Divide-ſe a Theologia em differentes Reynos, porque he muyto grande para ter hum ſó Principe. Diſputada ſe averigua melhor a verdade; 31 argumentando ſe aguçaõ os engenhos: 32 Eſcoto ſe aperfeyçoou ſubtil apartando-ſe de Santo Thomàs: Caetano ſe fez agudo refutando a Eſcoto: Capreolo foy famoſo emulando ao Cardeal Aurcolo: ſe faltára eſte exercicio, desfalcceriaõ os Letrados, como os Soldados no ocio: menor damno fez a Roma Carthago contraria, que deſtruida; glorioſo combate, onde os vencidos ficão igualmente vencedores apurada a verdade, que todos ſó buſcaõ para gloria de Deos; verdade invencivel, achada, & acriſolada por taõ varios caminhos!

9 O eruditiſſimo Thomàs Boſio, 33 em tratado copioſo demoſtra larga, & particularmente as excellencias da Igreja ſagrada; da qual os que por graça de Deos ſomos filhos, logramos não ſó o eſpiritual, mas tambem a mayor honra para o Mundo. Se a dos pays ſe deriva aos filhos ſó pela dita de naſcerem delles: com duplicada razaõ nos honra tal Mãy, ſe ſobre a ventura de nos haver gerado, procuramos a de a merecer; & aſſim, levantados por todas as vias da ruina, em que eſtavamos, nos achamos remediados na culpa, & ſublimados no credito. Entre Gentios, & Mahometanos ſaõ authorizados os Chriſtãos, naõ tem aquelles graça para o ſerem; mas tem conhecimento para nos reſpeytarem. Dos hereges poſſo teſtemunhar, pelo que em mais de ſete annos vi em Inglaterra, Hollanda, & parte de Alemanha, que fazem digna eſtimaçaõ dos Catholicos: aos entendidos detem no erro o intereſſe, ou o temor do commum; ao vulgo cega mais a inveja que nos tem; (que o odio invejoſo naõ repara no ſeu mal;) & a todos, quando nos chamão *Papiſtas* com deſprezo exterior, fica no interior hũa veneraçaõ inimiga.

10 Para merecerem eſta filiaçaõ, quem tanto fez por nòs, bem pudera querer de nôs quanto nos he poſſivel, & muyto pòde a noſſa natureza; pois S. Simeaõ Eſtilita natural de Silan em Cicilia de Aſia menor, criado menino em Moſteyro com grandes penitencias, paſſou quando mayor ao deſerto, onde as fez mais aſperas; & quando homem, por inſpiração Divina viveo trinta & ſete annos ſobre hũa altiſſima columna (como em candelabro para luzir a todos) às inclemencias dos tempos, veſtido de cilicio, comendo ſó huma vez na ſemana muyto pouco, quaſi ſem ſono, em continua oração, interrompida ſó de prègaçoens confirmadas com milagres, que dalli fazia às gentes, que a vello cõcorrião de varias partes do Mundo, & recebiaõ excellentes

30 *Sabellic. l. 1. exemp. c. 3.* Ut vel ſola appellatione ſint abunde noti, Seraphici, Angelici, Subtiles, Irrefragabiles titulo præclariſſimi viri, Bonaventura, Thomas, Joannes Duns Scotus, & Alexander Alenſis.

31 *Cap. Grave 35. q. 9. Extrav. Quia nonnunquam, de verb. ſignif.*

32 *Proverb. 27. 17.* Ferrum ferro exacuitur.

33 *Thom. Boſius, de ſignis Eccleſiæ.*

lentes frutos eſpirituaes, & corporaes. Morreu aſſombrado de hum rayo ſobre a meſma columna, poſto em oraçaõ, ficando o corpo immovel na devota poſtura em que orava, pelos annos de *Chriſto* 460. em 5. de Janeyro. Tudo iſto, que parece incrivel, conta S. Theodoreto teſtemunha de viſta, & outros graves Authores. 34 Naõ ſaõ hoje as forças tão robuſtas; mas (diz São João Chryſoſtomo 35) não ha eſcuſa para não imitarmos o que obraõ os Santos da meſma idade noſſa, das meſmas qualidades, & compreyção. Neſte noſſo ſeculo de 1600. Santa Roſa Dominicana em caſa de ſeus pays voluntariamente ſem obrigaçaõ de Regra, donzella delicada, & doente, na deliciosa Cidade de Lima no Perù, clima froxo da America, de idade de quatro annos atè ſua feliz morte, paſſou dias, & noytes a mayor aſpereza, em admiraveis jejuns, & comeres amargoſos, duros cilicios, diſciplinas crueis vigilias quaſi continuas, de q̃ ſó deſcançava em cama de pedras agudas, que a atormentavaõ mais; chegou a coroarſe de eſpinhos, que lhe traſpaſſavaõ a cabeça, & andar ſobre brazas, & a outras acçoens, que de toda ſua vida fizeraõ hum milagre continuado. 36

11 Com tudo naõ quer Deos que imitemos o que podemos; quer que meçamos noſſas forças com prudencia; que humildemente eſperemos ſua graça; por ventura que algum dia do ultimo lugar nos chamará para mais acima. 37 Quem vive bem, ſempre merece: a boa vida he oraçaõ continua; 38 martyr lhe chamou Saõ João Chryſoſtomo. 39 Mayor perfeyçaõ ſóbe mais alto; mas Deos nos trata com tanto mimo, que ſe contenta com que guardemos a Ley; 40 & eſta, como jà notámos, 41 toda he em noſſo proveyto, ainda corporal. Naõ nos prohibe os bens que dá o Mundo, uſando bem delles, como no meſmo lugar diſſemos; com riquezas bem gaſtadas, com recreaçoens licitas, com galas modeſtas, com manjares em temperança, com todo o bom tratamento Chriſtaõ, em todo o eſtado, podemos ſer dignos filhos deſta Divina *Mãy*; tudo iſto he indifferente; do uſo naſceu o bem, ou o mal. 42 Nem manda o *Senhor* que ſempre tragamos o penſamento no Ceo, mas que o apartemos das vaidades, & vicios: no Corpo myſtico de *Chriſto* os contemplativos ſaõ chamados olhos: os outros ou ſaõ mãos, ou pès; & quando *Chriſto* ajuntar ſeus membros, todos ſe haõ de ſalvar. 43

12 Para tanta ſuavidade ainda temos repugnancia do mão natural; mas tambem iſto he favor de Deos; porque nos he trombeta, que na milicia Chriſtã nos aviſa do inimigo. Como aos biſonhos cauſa terror, aos veteranos ſoa valor; quem peleja ſem ella, naõ he ſoldado: obra acaſo, não com diſciplina; ella nos faz acautelados na paz, fortes na guerra, invenciveis nas batalhas; 44 o certamen contra nòs meſmos nos dá martyrio glorioſo, 45 & aſſim nos devemos gloriar delle. 46 No que pomos de noſſa parte quer a liberalidade Divina fazer mercedo

34 *Theodoreto l. de Philot. c. 26. Evagrius hiſt. Eccleſiaſt. l. 1. c. 13. & 14. & l. 6. c. 21. Nicephor l. 14 c. 11. Vita Patrum p. 1. c. 45. Metaphraſt. in ejus vita.*

35 *D. Chryſoſt. hom. 12 in Geneſ. in princ.*

36 *P. Fr. Leonard. Hanſen, na vida de S. Roſa. Diſſemos no Panegyrico da meſma Santa.*

37 *Luc. 14. 10. Bloſio na Regra da vida eſpirit. c. 23. ad med.*

38 *Bloſio ſup. c. 24. ante med.*

39 *D. Chryſoſt. in tom. 5. hom. 40. ad popul. Antioc.*

40 *Matth. 19. 17.* Si vis ad vitam ingredi, ſerva mandata.

41 *Sup. c. 55. n. 2. & 4.*

42 *Vide ſup. c. 56 & na 1 p. c. 17. 38. 39. & 44. D. Gregor. l. 30. Moral.* Non cibus, ſed appetitus in vitio eſt, unde & lautiores cibos plerumque ſine culpa ſumimus, & abjectiones non ſine reatu conſcientiæ guſtamus. *Jacob. de Voragine legenda c. 50. de commemorat. omn. fidel. defunct.* Apud Deũ non tam abſtinẽcia ciborum, quàm mortificatio vitiorum.

43 *Ita Bloſ. ſup. c. 23. in prim.*

44 *D. Petr. Chryſol. ſerm. 14. in Pſalm 43.*

45 *D. Chryſ. d. hom 40. in prim.*

46 *D. Paul. ad Roman. 5 3.*

do o que he pura dadiva, & premiarnos pelo meſmo que deu, ſe fizera tudo, nos deſcuydaramos; ſe nôs o fizeramos, foramos ſoberbos; compoem-ſe a mercè de noſſa promptidaõ, & de ſeu auxilio. 47 *No ſuor de teu roſto comerás o teu paõ*, diſſe Deos a noſſo primeyro pay; 48 o noſſo paõ da terra comemos no ſuor de noſſo roſto: o paõ de Deos, que he o do Ceo, poſto que tambem ha de ſer grãgeado com as noſſas obras, 49 tem o fundamento no ſuor do roſto de *Chriſto*. 50 Cavando com muytos ſuores nas minas da terra, eſcaſſamente ſe tiraõ pequenos grãos de ouro: nas do Ceo com menor trabalho ſe achaõ ineſtaveis riquezas; 51 & nòs trabalhamos pelo difficil, & não tratamos do facil, ſendo melhor. Thomàs Moro, inſigne Martyr Inglez, dizia que muytos puderaõ comprar o Ceo por ametade do que lhes cuſtou o inferno. 52 O demonio caſtiga os trabalhos com que he ſervido: Deos premea o deſcanço com que lhe obedecemos em proveyto noſſo: 53 a gloria acompanha as virtudes; a confuſaõ naõ ſe aparta dos vicios: que carregado ſe ſente hum peccador! que leve quem ſe imagina em graça! diſto, diz Salamaõ; 54 ſe queyxaõ os do inferno delenganados tarde. Atè ao demonio deyxàraõ atado *Chriſto* Senhor noſſo, & ſua *Mãy* Santiſſima, para que mais naõ enganaſſe as gentes, diz Saõ Joaõ no Apocalypſe: 55 ſe de antes enganava, jà hoje naõ faz mais que tentar; os que cahem na tentaçaõ, elles o querem; como cão a tudo pòde làdrar, mas naõ pôde morder ſenão a quem voluntario ſe chega a ſeus dentes. 56 Perennes graças ſejaõ dadas a quem da mayor quèda nos levantou a tanta eminencia.

47 *D. Chryſoſt. ſerm. de Adam, & Eva in princ. in tom.* 1. Tanta enim eſt erga nos bonitas Dei, ut noſtra veli eſſe merita, quæ ſunt ipſius bona, & pro his, quæ largitus eſt æterna premia ſit daturus. *Et hom.* 60. *ad pop. Antioch in princ. in tom.* 5 Nec enim nos eſſe ſupinos vult Deus, propterea non ipſe totum operatur, nec vult eſſe ſuperbos, & ideo totum nobis non conceſſit.

48 *Geneſ.* 3. 19.

49 *Epiſt. S. Jacobi â n.* 14.

50 *Luc.* 22 44.

51 *D. Chryſoſt. hom.* 8. *in Geneſ.* Sæpe poſt labores, ſudoreſque multos vix pancas quaſdam micas afferunt; hic autem nil tale eſt, ſed labor minor, & ineffabilis ubertas.

52 *Refert P. Bened Ferdin. in Geneſ.* 2. *ſect.* 8. *n* 3. *in fin.*

53 *D. Chryſoſt. hom* 65. *ad popul.*

54 *Sap.* 5. 7. Laſſati ſumus in via iniquitatis, & perditionis, & ambulavimus vias difficiles, viam autem Domini ignoravimus.

55 *Apocalyp.* 20. 3. Ut non ſeducat amplius gentes.

56 *D. Auguſtin.* Latrare poteſt, mordere non poteſt niſi volentem

CAPITULO LXVII.

Tranſito glorioſo da Virgem Maria.

1 DE lagrimas, & de gozo ſe compoem eſta narraçaõ; choramos a auſencia, & celebramos a gloria de noſſa *Mãy* Santiſſima, que nos deyxou no deſterro, & nos eſpera na Patria: de paſſo a logramos, & de aſſento a lograremos. 1

2 Sendo a *Senhora* de quaſi ſetenta & tres annos, aos cincoenta & ſete, ou cincoenta & oyto do Naſcimento de *Chriſto*, vinte & tres depois de ſua Aſcenſaõ, ſegũdo a opinião melhor, 2 cujos forçoſos fundamentos reconhecem os Authores, que quizeraõ ſeguir outras; 3 vendonos já remidos, a Igreja dilatada, o nome de ſeu *Filho* venerado, & ella meſma acclamada de todas as Naçoens, 4 como tinha profetizado de ſi; 5 com o que havia ſatisfeyto aos officios, para que *Chriſto* a deyxára na terra; 6 anelava mais a ſubir ao Ceo pela modeſtia da peregrinaçaõ, pela obediencia à Ley natural, pelo deſejo do ultimo fim, pela certeza da gloria, & principalmente pelas ſaudades do *Filho*

1 *Ita D. Bernard. ſerm.* 1. *de Aſſumpt. in princ.*

2 *S. Epiphan. in vit. B. Virg. Cedren. in compend. hiſt. in Tiber. Baron annal an. Chr.* 48. *Carthag. de arcan. Deip. l.* 13. *hom.* 4. *verſ. ad extremum.* *P. Fr. Joſeph de Jeſ Mar. na hiſt. da Virg. l.* 5. *c* 3. *n.* 5. *Huc inclinat P. Sandeus in Aviario Mariano orat.* 3. *Cygnus, ante med. verſ. Non eſt tamen. Tenet Melchior de Caſtro, Chronol. da vida da Virg. depois do l.* 1. *da ſua hiſt.*

3 *P. Bivar in comment. ad Dextr. an.* 48 *in fin verſ. Hic mihi.*

4 *Vide ſupr. c.* 64 *n.* 4.

5 *Luc.* 1. 48. Beatam me dicent omnes generationes.

6 *Vide ſupr. c* 57 *n.* 3. *Geneſ.* 3. 15 Ipſa cõteret caput tuũ.

Filho Deos. Porque ainda que muytas vezes gozava ſua viſta, a queria mais permanente ſem os impedimentos corporaes, & a olhos deſcubertos, ſem figuras, & eſpecies, ajuntarſe com elle na luz celeſtial. 7 Doente deſte deſejo a conſiderava Salamaõ; 8 por iſto diſſe Guerrico Abbade, 9 que eſta *Mãy* depois que parira eſte *Filho*, ſempre eſtivera doente: ou de temor, depois de ſeu Naſcimento atè ſua Payxaõ; ou de dor, em ſua Payxaõ atè a Reſurreyçaõ: ou de amor, depois da ſua Aſcenſaõ atè que o foy acompanhar no Ceo; foy o *Filho* a eſcolhida ſetta, (como diſſe Iſaías 10) com que o Deos amor 11 lhe ferio o coraçaõ. 12.

2 Quiz o *Senhor* contentalla; & poſto que ſem morte a pudèra trasladar ao Paraiſo, pois era izenta do peccado, 13 (& aſſim diſſeraõ os hereges Colydirianos, 14 & alguns Doutores erradamente que naõ morrèra;) 15 quiz que morreſſe, para confirmação da noſſa Fè, moſtrandoſe por ſua *Mãy* verdadeyro homem filho de Adam: para que ella ſe confirmaſſe com o meſmo *Senhor* que era ſua cabeça, & morrèra: para augmentar ſeus merecimentos na tolerancia do mais terribel mal: & para os animar a ella; porque ainda que muyto nos animou o padecella *Chriſto*, puderamos attribuir ſeu valor a homẽ Deos, & mais nos esforça o exemplo de huma pura creatura. 16

3 Eſte glorioſo tranſito eſcrevèrão quaſi todos ſeus hiſtoriadores na mayor parte por conſideraçoens do que devia ſer. Só S. Melito, Biſpo de Cerdenha, que converſou os Apoſtolos, foy diſcipulo do Evangeliſta Saõ João, Eſcritor inſigne de muytas obras, de que fazem mençaõ S. Jeronymo, Niceforo, S. Theodoreto, & outros Authores; 17 fez aos Chriſtãos de Laodicèa hũa relaçaõ pontual que elles lhe pediraõ, do que na realidade paſſou; diz o Santo que para moſtrar o erro do que eſcrevèra hum Leucio, lhes referia ſimplezmente o que ouvira ao Apoſtolo S. Joaõ. Anda no tomo quarto da Bibliotheca das homilias, & ſermoens dos Padres. 18 Vejo que alguns Authores 19 duvidaõ ſer aquella relaçaõ de S. Melito; perſuadidos principalmente de que Saõ Jeronymo, & Niceforo não a nomeáraõ entre os ſeus eſcritos que referem. 20 Porèm argumento negativo não he valido; podião naõ ter noticia deſte; o que era facil em tempo que naõ havia impreſſaõ, que communica mais os livros. Saõ Jeronymo na Epiſtola a Dextro, no principio daquelle Cathalogo dos Eſcritores Eccleſiaſticos, 21 reconhece, & deſculpa eſta falta de noticia em que podia cahir; & quando tratou de Saõ Melito, diſſe que eſcrevèra hum livro ao Emperador Antonino, do *Dogma Chriſtaõ*, & outros eſcritos, entre os quaes eraõ os que logo nomeava; 22 no que moſtrou naõ nomeava todos; & aſſim a dita relaçaõ do tranſito da *Virgem* allegaõ com veneraçaõ o Varaõ inſigne Bernardino de Buſtis, o doutiſſimo Carthagena, o erudito, & curioſo P. Maximiliano Sandeo, 23 & outros graves Eſcritores. Quando

7 *Eſtes motivos conſidera o P. Fr. Joſ. d. l. 3. c. 10.*

8 *Cant 2. 5.* Amore langueo: *& iterum 5 8.*

9 *Guerric. ſerm. 2. de Aſſumpt. ad med.* Bone Jeſu, quomodo hæc Mater tua, poſtquã te genuit, nunquam ferè, niſi in languiore fuit? primo languit timore, poſtea dolore, nunc amore.

10 *Iſai. 49. 2.* Poſuit me ſicut ſagittam electam.

11 *Ep. 1. Joan. 4. 16* Deus charitas eſt.

12 *Cantic ſup. Septuaginta legunt,* Vulnerata charitate.

13 *Vid. ſup. p. 1. c. 6. n. 4. & in hac 2. p. c. 15.*

14 *Contra quos D. Epiphan. hæreſ. 78.*

15 *Refert Carthag. de arcan. Deip. p. 2. l. 13. hom. 1.*

16 *Eſtas razoens nota o P. Fr. Joſeph d. l. 5. c. 11. n. 1.*

17 *D. Hieron. in Cathal. Scriptor. Eccleſ. Nicephor hiſt. Eccleſ. l. 4. c. 10. Theodor. et q. 20 in Geneſ. Scoglius Catacenſ. in Chronolog. an. Chriſt. 140 poſt hiſt. à primo d. Eccl. atque alii.*

18 *S. Melitus, de tranſitu Virg. Mariæ, t. 4 Bibliot. hom. & ſer priſcor. Eccl. Patr. p. mihi 586. impreſſ. Lugdun. an. 1588.* Nos ergo vobis petentibus quæ al Apoſtolo Joanne audivimus, hæc ſimpliciter ſcribentes, veſtræ fraternitati direximus.

19 *Refert Britto, Monarch. Luſit p. 2. l. 5. tit. 2. multò ante med. Jacob de V. rag. legenda 51. de Aſſumpt. B. Mar.*

20 *D. Hieron. & Nicephor. ſup.*

21 *D. Hieron. in Ep. ad Dextr. ante Cathal Scriptor Eccleſ.*

22 *D. Hieron. ſup. de Melito* Scripſit quoque & alia, de quibus iſta ſunt quæ ſubjecimus.

23 *Bernardin. de Buſt. in Marial. tract. de Aſſumpt. Virg. Carthagen d. l. 13. tom. 3. in princ. & tom. 4. verſ ſtatuto. Sandeus in Aviario Mariano, orat. 3 Cygnus, Mariæ aſſumptæ, in fin.*

houvera erro em ſe attribuir a S. Melito, parece q̃ ſeu Author taõ devoto, & timorato, como della ſe entende, não diria contra a verdade que a ouvira da boca do Evangeliſta, antes ſeria outro diſcipulo ſeu. Pelo que ſeguiremos compendioſamente aquella relaçaõ, como taõ digna de fé, ajuntando, para dizer tudo, algumas circunſtancias, cujos Authores allegaremos, porque ſe veja o que he do Santo, ou alheyo.

4 Diz S. Melito, que em hum Domingo pela manhã eſtando a *Virgem* ſó em ſua caſa (acima diſſemos 24 aonde era) derramando lagrimas, ſaudoſa de ſeu *Filho*, lhe appareceo hum Anjo reſplandecente, (Vilhegas 25 diz que Saõ Gabriel) & com o *Ave* da Annunciaçaõ 26 a ſaudou: *Ave, bendita do Senhor. Aqui vos trago hum ramo de palma do Paraiſo de Deo, para que daqui a tres dias que haveis de ſahir do corpo, a façais levar diante no voſſo enterro; & voſſo Filho vos eſpera com os Thronos, Anjos, & todas as Virtudes do Ceo.* Reſpondeo-lhe a Senhora: *Peçovos que todos os Apoſtolos de meu Senhor Jeſu Chriſto me venhaõ aſſiſtir.* E o Anjo diſſe: *Hoje por virtude de meu Senhor Jeſu Chriſto ſeraõ aqui trazidos os Apoſtolos todos.* Diſſe a Virgem: *Peçovos que me deis voſſa bençaõ, para que em aquella hora me não appareça o principe das trevas*; & o Anjo reſpondeo: *Nenhum poder do inferno vos empecerà: mas a bençaõ eterna vos tem jà dado o Senhor voſſo Deos, cujo ſervo, & Embayxador eu ſou: não ſou eu quem ha de fazer que não vejais o principe das trevas, mas aquelle que trouxeſtes em voſſo ventre, porque eſſe tem poder ſobre tudo para ſempre.* E deſappareceo, deyxando a palma, que reſplandecia com eſtremada luz. Pelbarto 27 refere, que era de varias cores: a vara verde, & luminoſa como eſmeralda: as folhas brancas, & luzentes como eſtrellas; & que vio parte della em caſa de hum Principe ſecular do Imperio, que a tinha em grande veneraçaõ; o meſmo teſtemunha de viſta S. Coſme Veſtitor: 28 noſſo devoto, & curioſo Jorge Cardoſo, no ſeu erudito Agiologio, 29 diz que huma Reliquia della ſe guarda, entre outras, no Altar mayor da Igreja Matriz da Villa da Praya na Ilha Terceyra.

5 A Virgem *Maria* (proſegue Saõ Melito) veſtio outro melhor veſtido, & com a palma na maõ ſahio ao monte Olivete, & orou aſſim: *Eu, Senhor, não era digna de vos receber, ſe vos não compadeceſſeis de mim; mas guardey o voſſo theſouro que me encomendaſtes. Por tanto vos peço, Rey da gloria, que me não empeça o poder infernal: porque ſe o Ceo, & os Anjos tremem cada dia diante de vòs, quantomais tremerà quem he fryta da terra, & nada tem de bom, ſenaõ o que recebeo de voſſa Bondade? porque vôs ſois o Senhor Deos ſempre bendito para todos os ſeculos.* E tendo aſſim orado, tornou para caſa. Nas revelaçoens de Santa Brigida 30 ſe accreſcenta que ſe foy deſpedir de todos os Lugares Santos.

6 No meſmo Domingo, à hora de Terça (continùa o Santo)

24 *Sup. c 64. n. 2.*

25 *Vilhegas Flos Sanct. na feſta da Aſſumpçaõ. Vide Guerric. ſerm de Aſſumpt.*

26 *Vide ſup. c. 25.*

27 *Pelbart. l. 10. Stellar. p. 5. art. 1*

28 *S Coſme Veſtitor, apud Carthagen. d. l. 13. hom 3. poſt princ.*

29 *Jorge Cardoſo, no Agiolog. Com 3. em 24. de Mayo.*

30 *Revel. de S. Brigid. l. 6. c. 62.*

Santo] eſtando S. Joaõ prègando em Efeſo, houve ſubitamente hum grande terremoto, & huma nuvem o arrebatou da viſta dos ouvintes, & trouxe à porta da caſa da *Virgem*. 31 Bateu à porta, & a *Senhora* vendo-o ſe alegrou muyto, & lhe diſſe: 32 *Rogo-te, filho Joaõ, que te lembres das palavras, com que meu Senhor Chriſto, Meſtre teu, me encomendou a teu cuydado. Dentro de tres dias me hey de partir deſte corpo, ouvi que os Judeos diziaõ que eſperavão minha morte para o queymarem, por ſer Mãy do que elles chamaõ amotinador.* E logo lhe moſtrou o veſtido, com que havia de ſer ſepultada: & a palma luminoſa, que o Anjo lhe trouxera, pedindolhe que a levaſſe diante quando foſſe à ſepultura. Reſpondeu S. Joaõ: *Senhora, como vos prepararey eu ſó exequias ſem virem meus irmãos os Diſcipulos Apoſtolos de noſſo Senhor Jeſu Chriſto a fazer as honras a voſſo corpo?* E niſto, eiſq̃ ſubitamente por mandado de Deos, os Apoſtolos foraõ elevados por nuvem dos remotos lugares, em que prègavaõ, & poſtos à porta da *Senhora*. 33 Entende-ſe, os que viviaõ; porque Santiago Mayor, & Saõ Filippe já tinhaõ paſſado ao Ceo por martyrio; duvida ſe ſe vivia ainda S. Bartholomeu, que prègava na Armenia mayor; & dos vivos tardou Saõ Thomè, como veremos abayxo, 34 para myſterio altiſſimo.

7 Proſegue a relaçaõ que ſe ſaudárão os Apoſtolos, admirados do ſucceſſo, ſem ſaberem a cauſa, & pedindo-a a Deos com oraçaõ, ſahio de caſa S. Joaõ, & lha diſſe. Entráraõ, & ſaudàraõ a *Senhora* dizendo: *Bendita vòs do Senhor, que fez o Ceo, & a terra*: a que reſpondeu: *Paz ſeja com voſco, irmãos eſcolhidos pelo Senhor*. Perguntoulhes como vieraõ. Elles lho referiraõ; a *Virgem* lhes pedio que vigiaſſem atè a hora, em que o *Senhor* viria, & ella ſahiria do corpo. E todos ſe puzeraõ a louvar a Deos naquelles dias.

8 Niceforo, Metafraſtes, & outros Authores 35 eſcrevem que concorrèraõ Fieis de Jeruſalèm, & ſua Comarca, homens, & mulheres aviſados por S. Joaõ. Glycas, Author nobiliſſimo, 36 diſſe que tambem concorrérão os ſetenta Diſcipulos. Juvenal Arcebiſpo, & Patriarca de Jeruſalèm, & Niceforo 37 accreſcentaõ, que entre elles eſtavaõ o Santo Timotheo primeyro Biſpo de Efeſo, o grande Theologo Hyerotheu, & S. Dionyſio Areopagita, como o meſmo Dionyſio o teſtifica em hum lugar de ſuas obras. 38

9 Invejavaõ eſtes Cidadãos da Jeruſalèm militante aos da triunfante haverem de lograr taõ cedo a preſença de tal Rainha, & em piedoſa competencia, deſejavão que ſe detiveſſe na terra quanto aquelles a deſejavão jà no Ceo. Eſcrevem outros Authores, 39 que ajoelhados, & choroſos lhe pediaõ entre ſoluços que os naõ deſamparaſſe, que chegando ao ſeu Reyno ſe lembraſſe das neceſſidades de todos, & os levaſſe brevemente a vella. Que Saõ Pedro lhe encomendou particularmente o rebanho, de que era Paſtor: o Evangeliſta S. Joaõ ſe deſconſolava

31 Semelhante ſe vio em Habacuc. *Daniel* 14.15. E em S. Filippe. *Act.* 8 39.

32 *Joan.* 19.27.

33 Concordaõ *Juvenal Arceb. de Jeruſalèm, apud Euthim. t.3. hiſt. c.40.*
Michael Singel. Presbytero Jeroſolym. in vit. S. Dionyſ. Areopag.
D. Joan. Damaſcen. orat. de dormit. Deipar.
Nicepher l.2.c.21. & l.15.c.24.

34 *Infra c.99.n.3 & 4.*

35 *Nicepher l.2.c.21. & 22.*
Metaphraſt. ſupra.
Melchior de Caſtro na vida da Virg. lib.1.c.20.
P. Fr. Joſeph d.l.5.c.11.n.2.

36 *Glycas relatus à Carthageu. d.hom 5.ad med.*

37 *Juvenal apud Euthim. hiſt. l. 3.c.40. Nicepher l.2.c.22.*

38 *S. Dionyſ. de Divin. Nomin. c.3. poſt med.*

39 *Melchior de Caſtro ſup.*
P. Fr. Joſeph d.l.5.c.13 n.1. & 2.
Vilhegas, Flos Sãct. feſt. da Aſſumpçaõ, Nicephor d.c.21.
Metaphraſt ſupr.

lava mais: a *Senhora* os animava: promettia deſpachar com ſeu *Filho* ſuas petiçoens: exhortou a Saõ Pedro a levar com valor o cargo, que lhe deyxára *Chriſto*: conſolou a Saõ Joaõ: encomendou a todos que ſe amaſſem, para ſe moſtrarem Diſcipulos de ſeu *Filho*, & ella os ter por filhos ſeus.

10 Referem mais, que em aquelles tres dias por teſtamento nuncupativo inſtituhio a Igreja por herdeyra de ſua bençaõ, (mais abundante que a de Jacob:) 40 legou duas tunicas ſuas a duas Virgens que a haviaõ ſervido, diz Metafraſtes, 41 que huma dellas era parenta de ſeus mayores; & que deyxára aquella tunica como em morgado, para andar em Virgens de ſua geraçaõ; & Niceforo 42 conta, que em ſeu tempo eſtava huma das tunicas incorrupta em Conſtantinopla em grande veneraçáo, reſplandecendo com milagres. Fez teſtamenteyro a S. João Evangeliſta, encomendandolhe ſeu enterro; & muytos Authores referidos pelo Padre Carthagena 43 eſcrevem, que lhe deyxou a faxa do Menino *Jeſus*, a pellinha cortada na Circunciſaõ, a coroa de eſpinhos, que puzerão ao *Senhor* quando padecco, o Sudario do ſepulchro, o eſquife em que fora levado a elle, huma cinta da meſma *Senhora*, o vêo de quando ſe deſpoſou, outro de que ordinariamente uſava, o anel dos meſmos deſpoſorios, hum fuſo com que fiava, cabellos de ſua veneranda cabeça, (tão gabados, & queridos de ſeu *Filho*, & Eſpoſo Deos, por Salamão;) 44 & leyte dos ſagrados Peytos: oh joyas precioſiſſimas! Não póde o Sol crear ſemelhantes em todos os ſeus mineraes; riquiſſimo ficou Joaõ da teſtamentaria; mas não offende a pobreza o que he ineſtimavel. Os meſmos Authores declarão as partes, onde em ſeus tempos ſe guardavaõ eſtas Reliquias.

11 Entretanto ſe chegava a morte com tímido, humilde, & reverente paſſo, veſtindo ſuavidade em lugar de rigor, para executar o natural miniſterio em aquella Filha de Adam, poſto que não da culpa. E porque o Santo Biſpo Melito, que ao dia terceyro (que foy terça feyra) à hora da Terça (Santa Gertrudes nas ſuas Revelaçoens diz, hora terceyra da noyte) 45 cahio tão profundo ſono ſobre todos os que eſtavaõ na caſa, que nenhum pode vigiar, mais que os Apoſtolos, (que Niceforo diz tinhão tochas aceſas, & tres Virgens que acompanhavaõ a *Senhora*; & ſubitamente veyo o *Senhor Jeſus* com grande reſplandor, & multidaõ de Anjos, que cantavão Hymnos, & Divinos louvores, 46 & lhe diſſe: *Vinde, minha eſcolhida, joya precioſiſſima: entray no receptaculo da vida eterna* Proſtrada em terra a *Senhora*, & adorando-o, lhe dizia: *Bendito ſeja o nome de voſſa gloria, Senhor Deos meu, que vos dignaſtes de eſcolher eſta voſſa humildiſſima eſcrava, & encomendarme o ſegredo de voſſo myſterio. Lembrayvos de mim, ò Rey da gloria, pois ſabeis que de todo o coraçaõ vos amey, & guardey o theſouro, que de mim fiaſtes. Recebey, Senhor, eſta voſſa eſcrava; livray-*

me

40 *Geneſ.* 49.

41 *Metaphraſt. de dormit. Virg.*

42 *Nicephor l.* 15. *c.* 14. *in fin. &* 24.

43 *Carthagen. d. l.* 13. *hom.* 3. *poſt med.*

44 *Cant* 41. *&* 6. 4.

45 *Revelaç de S. Gertrud. l* 5. *c.* 49.

46 *O meſmo dizem S. Joaõ Damaſcen. de Metaphraſt. ſupra.*
S. Idephonſ. ſerm. 3. *de Aſſumpt.*
D. Anſelm. de excel. Virg. c. 8.
D. Hier. ſerm. de Aſſumpt. in tom. 9.
Caniſ. de Deip. l. 5. *c.* 3.
Barnardin. de Buſtis, p. 12. *in Mariol ſerm.* 1. *de Aſſmpt p.* 5.

me do poder das trevas, para que nenhum impeto de Satanás se me represente, nem veja a fealdade dos máos espiritos. Respondeulhe o Salvador: *A mim, sendo mandado pelo Pay para saude do Mundo, se atreveu a apparecer o principe das trevas, mas foy-se vencido, & atormentado; vòs tambem o vereis pela ley commua de humana, que vos faz morrer, mas naõ poderà empècervos, porque nada tem em vòs, & eu eston comvosco. Vinde segura, que vos espera a milicia da Celestial vida, para que vos ponha nos gostos do Paraiso.* (Conheço as obrigaçoens deste ponto; 47 mas sigo a relaçaõ de São Melito: diz o grave Doutor Carthagena, 48 que permittia o *Senhor* aquelle apparecimento do inimigo commum; para mayor coroa da *Senhora*, ou para nos dar aquelle exemplo de temermos humildes.) Levantou-se a *Senhora*, & havendo lançado sua bençaõ a todos os presentes, encostouse sobre o leyto; & dando graças ao *Senhor*, lhe entregou o Espirito, diz o Santo Bispo. Niceforo 49 declara que pronunciando: *Faça-se em mim outra vez, segundo vossa palavra.* 50.

47 *Apud Carthag. d. l.* 1; *bem* 4.
48 *Idem Carthag. de arcan. Deip. p.* 2. *d.* 13. *hom.* 2. *in princ.*

49 *Nicephor. d. l.* 2. *c.* 21. *in fine.*
50 *Luc.* 1. 38.

12 Os Doutores 51 explicando o modo porque espirou, dizem que elevada a *Virgem* à contemplaçaõ intensissima do bellissimo *Filho* que tinha presente, foy tal a força do amoroso desejo, que a elle a levava, que o fogo do Coraçaõ amante consumio os espiritos vitaes, & rompendo a Alma as ataduras do corpo, foy seguindo seu glorioso objecto, passando do desterro à Patria, sem interromper o acto de caridade, com que estava amando: aperfeyçoando-se là continuadamente o que estava exercitando, segundo o que tem alguns Theologos, que he de hũa mesma qualidade o acto de amor de Deos no desterro, & o da Patria; & se saõ diversos, passou a *Senhora* sem intermissaõ de hum a outro, & sem que o muro da morte os dividisse. O que não encontra a Filosofia natural: pois com tanta efficacia, & intensaõ pòdem as forças superiores da Alma occuparse nestes actos, que como destruindo o corpo, se vão suas disposiçoens remittindo, & faltando atè tal ponto, que por defeyto dellas não possa a Alma conservarse no corpo. 52

51 *Apud Carthag. d. l.* 13. *hom.* 4. *vers. Porrò, cum seqq*
P. Fr. Joseph d. l. 3. *c.* 14. *n.* 1.
O mesmo se vè nas revel. de S. Brigid. l. 6. *c.* 62.

52 *D. Thom. de verit. q.* 26. *art.* 10.

13 Assim pouco, & pouco se resolveo aquella soberana Feniz na Divina chamma, para ser renovada com mayores resplandores, depois da hora da Terça do dia decimo quinto de Agosto, que foy terça feyra, anno cincoenta & sete, ou cincoenta & oyto de seu virginal parto.

14 Ao sahir a Alma do corpo, refere S. Melito, que viraõ os Apostolos tão fermosa, & radiante luz, que sua belleza he inexplicavel. O Patriarca Juvenal, & São Jeronymo 53 dizem, que tambem viraõ, & ouvirão Anjos, que cantavão Hymnos. Accrescenta hum Author grave, 54 que separada jà a Alma, fallou o santissimo corpo, dizendo: *Graças vos dou, Senhor, que sou vossa por gloria; lembrayvos de mim, pois sou feytura vossa, & guardey o vosso deposito*: & adverte o mesmo Author, que esta maravilha de fallar o corpo sem Alma, não necessita

53 *Juvenal, & D. Hieron. supra.*
54 *Author Pomerii lib.* 10 *p.* 5. *art* 2 *apud Carthagen. d. l.* 13. *hom.* 4 *vers. statuto.*

de

de averiguaçaõ natural, ſendo tudo o que ſe conta da *Virgem* ſobrenatural, & admiravel.

15 Entaõ o Salvador (refere S. Melito) diſſe: *Levantay-vos Pedro, & os mais Apoſtolos; recebey o corpo de Maria minha amada, & levay o para a parte direyta da Cidade, ao Oriente, & achareis hum monumento novo, onde o poreis, & eſperareis atè que eu venha a vòs.* Dizendo iſto entregou a Alma da Santa *Mãy* a ſeu Arcanjo S. Miguel, Preſidente do Paraiſo, & Principe da gente Hebrea, (parece myſterio haver Deos entregue a Alma de Adam, que nos arruinou, ao meſmo Arcanjo) 55 & o Arcanjo S. Gabriel a acompanhava, & o *Senhor* ſe tornou para o Ceo com os Anjos.

55 *Diſſemos na 1. p. c. 46. n. 1.*

CAPITULO LXVIII.

Como o Santiſſimo Corpo da Senhora foy depoſitado em Sepulchro ſagrado.

1 PRoſegue o Santo Biſpo Melito, por relaçaõ do Santo Evangeliſta, como fica dito, 1 que as tres Virgens aſſiſtentes à *Senhora* quizeraõ lavar ſeu Corpo santiſſimo, ſegundo o uſado com os defuntos; & hindolhe tirando a veſtidura, ſahiraõ delle taes rayos de luz, que o não viaõ, poſto que o tocavaõ; ſentindo o tacto huma pureza, & ſuavidade como de quem era mais limpa que o Sol. Tornáraõ a veſtillo, & a luz pouco, & pouco ſe foy deſvanecendo. O roſto ficou freſco como açucena, exhalando fragrancia incomparavel. Merafraſtes 2 diz que a *Senhora* ordenára que para a ſepultura não tocaſſem ſeu corpo, mas o levaſſem do modo que ella o deyxaſſe compoſto; pelo que dizem outros Authores 3 que aquellas ditoſas Virgens o diſpuzerão ſómente com flores, de que o cubriraõ, & coroáraõ. Porém merece mais credito o que S. Melito diz que ouvira a S. Joaõ, & com eſta relaçaõ concorda em tudo outra de S. Coſme Veſtitor, referida pelo Author do Pomerio; 4 a luz que diſſemos, acodio ao decòro; & teve conveniencia uſarſe com o ſagrado Corpo da *Virgem* o que ſe uſára com o de *Chriſto*.

1 *No c. precedente n. 3. in print.*

2 *Metaphraſt. de dormit. Virg.*

3 *P. Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſt. hiſt. de N. Senhora l. 5. c. 16. n. 1.*

4 *Author Pomerii l. 10. p. 5 art. 2 apud Carthag. de arcan. Deip. l. 13. hom. 4. veſ ſtatuto.*

2 Accreſcentaõ outros Eſcritores 5 que todos os preſentes ſantificàraõ ſuas boccas, tocando as ſagradas mãos, que banhavão com lagrimas, & de ſeu contacto alcançárão ſaude os que tinhaõ alguma enfermidade.

5 *Nicephor hiſt. Eccleſ. l. 1. c. 22. Metaphraſt. ſupra. D. Damaſc. in orat de dormit Deip. Andrè Cretenſ. orat. 2. de eadem. Bernard. de Buſtis in Mariat. tract. de Aſſumpt Virg.*

6 *Gregor. Turon. l. 1. de glor. Martyr. c. 4.*

3 Ao amanhecer do dia dezaſeis de Agoſto, por evitar a turba dos Judeos, diz Gregorio Turonenſe, 6 que ſahio de caſa o enterro. Diante hia arvorada a palma, que o Anjo trouxera. 7 Duvidouſe, conta S. Melito, (cujas palavras em tudo iſto ſegue Carthagena) 8 ſe a levaria Saõ Pedro, como cabeça da

7 *Sup. c 67. n. 4.*
8 *Carthagen ſupra.*

da Igreja; mas elle a cedeo a Saõ Joaõ, como a virgem, & a quem deyxára *Christo* encomendado ſua *Mãy*. Logo (dizem Saõ João Damaſceno, & Andrè Cretenſe Patriarca de Jeruſalèm 9) hiaõ todos os Fieis com velas aceſas. Seguia-ſe em eſquife decente o corpo ſantiſſimo, que levavaõ em ſeus hombros (diz Melito Santo) Saõ Pedro da cabeceyra, & Saõ Paulo da outra parte. Entrou Saõ Pedro: *Exit Iſrael de Ægypto, alleluia*; & os meſmos Apoſtolos o ſeguiraõ com voz ſuaviſſima, como lhe chama o meſmo S. Melito.

9 *D. Damaſcen. & Cretenſ. ſupr.*

4 Eis-que ſobre o eſquife appareceo huma coroa à maneyra do circulo, que ſe vé ao redor da Lua; & exercito de Anjos cantava dulciſſimamente de entre nuvens, com que toda a terra ſoava ſuavidade. A ſaber a cauſa ſahio da Cidade muyta gente, que a dita relaçaõ de S. Melito, que ſeguimos, & Carthagena, diz que ſeriaõ quaſi quinze mil homens. E informados do que era, vendo o eſquife coroado de gloria, os Apoſtolos cantando, & ouvindo a melodia do Ceo, hum Principe dos Sacerdotes, cheyo de furor, diſſe para os outros: *Vede com que gloria vay o tabernaculo daquelle que nos perturbou, & a toda noſſa geraçaõ*; & com atrevimento diabolico ſe arremeſſou ao eſquife para o derribar; mas ſecáraõſe-lhe as mãos, & braços atè os cotovelos pegados no eſquife, & caminhando os Apoſtolos cantando louvores ao *Senhor*, hia pendente com dores graviſſimas. O caſtigo o enſinou, & bradava: *Pedro amado de Deos, acodime; lembrayvos que quando aquella mulher vos conheceo no Pretorio*, 10 *& queria que vos fizeſſem mal, eu falley em voſſo favor.* Reſpondeo Saõ Pedro: *Eu naõ vos poſſo ſoccorrer; mas ſe credes de todo o coraçaõ no Senhor Jeſu Chriſto, a quem trouxe no ſeu ventre eſta, que vòs calumniais, ſendo Virgem antes, & depois do parto, a larga clemencia do Senhor, que ſalva os indignos, vos darà ſaude.* Replicou o miſeravel: *Nòs cremos; porèm o inimigo do genero humano cega noſſos coraçoens; achamonos confuſos, & por vergonha naõ confeſſamos as grandezas de Deos, porque havemos accuſado a Chriſto, & pedido que ſeu ſangue vieſſe ſobre nòs, & ſobre noſſos filhos.* Tornoulhe Saõ Pedro: *Eſſa maldiçaõ ſó empecerà aos que perſiſtirem infieis; aos convertidos naõ ſe nega miſericordia.* O atormentado que naõ tinha paciencia para mais larga pratica concluhio: *Creyo quanto dizes: ſó peço miſericordia para que naõ morra.* Saõ Pedro parou o eſquife, & diſſelhe outra vez: *Se credes de todo o coraçaõ no Senhor Jeſu Chriſto, voſſas mãos ſeraõ ſoltas*; & dizendo elle: *Creyo*; logo ſe lhe ſoltàraõ as mãos, porèm os braços ficàraõ ſecos. Saõ Pedro lhe diſſe: *Chegayvos ao corpo, beyjay o eſquife, & dizey: Creyo em Deos, & no Filho de Deos Jeſu Chriſto, a quem eſta pario, & creyo tudo o que me diſſe Pedro Apoſtolo de Deos.* Elle o fez, ficou ſaõ, louvou a Deos, & com muytos lugares do livro de Moyſés dava teſtimunho de *Chriſto*, admirando-ſe os Apoſtolos, & chorando com goſto.

10 *Matth. 16. 69. Marc. 14. 66. Luc. 22. 56. Joan. 18. 17.*

5 Man-

5 Mandoulhe Saõ Pedro: *Tomay eſta palma da mão de noſſo irmaõ Joaõ, & entrando na Cidade achareis muytos do povo cegos, & annunciaylhes as grandezas de Deos; aos que crerem no Senhor Jeſu Chriſto poreis eſta palma ſobre os olhos, & logo verão; os que não crerem, ficaraõ cegos.* Foy, & achou grande multidaõ de gente chorando: *Ay de nòs, que eſtamos cegos como os Sodomitas, ſó nos falta perecer*; & ouvindo o q̃ lhes diſſe o Principe dos Sacerdotes, creraõ muytos em *Jeſu Chriſto*, & pondo-ſelhes a palma ſobre os olhos, recuperáraõ viſta; os que permanecèraõ em ſua dureza, foraõ cegos atè a morte. Elle tornou aos Apoſtolos, reſtituindo a palma, & referindo o que paſſára. Eſte milagre eſcrevem tambem outros Eſcritores, 11 poſto que ſem tantas circunſtancias. A da confiſſaõ daquelle Sacerdote moſtra como os Judeos tinhaõ odio a *Chriſto*, naõ por ignorancia, pois era impoſſivel naõ o conhecerem por ſuas obras, como lhes diſſe o meſmo *Senhor*; 12 mas por teyma de ſuſtentarem ſeu erro, & vergonha de o confeſſarem. O meſmo ſuccede hoje à mayor parte dos hereges.

11 *D. Damaſcen. Metaphraſt. & Nicephor ſupra.*

12 *Joan. 5. 36. & 10. 15. 37 38. & 14. 11. & 15. 24.*

6 Chegàraõ os Fieis (proſegue São Melito) com o acompanhamento ao Valle Joſaphat, que era o lugar que lhes enſinára *Chriſto*; 13 achâraõ o monumento novo, metéraõ nelle aquella divina Reliquia, & o fechâraõ; & ſe aſſentáraõ à porta, como lhes ordenára. 14 Moſtrava-ſe (dizem o Veneravel Beda, & Brocardo, 15) em aquelle Valle, naõ na parte mais profunda, mas ao pè do monte Olivete, no ſitio do horto Gethſemani, onde *Chriſto* coſtumava orar. 16

13 *Nocet. preced. n. ult. Revel. de Sanct. Brigid. l. 6. c. 62. Andr. Cretenſ. ſup. Caniſ. l. 4 de Deip. c. 3.*

14 *Cap. precedente n ult.*

15 *Beda de Locis Sanct. c. 6. Brocard. l. de Terr. Sanct.*

16 *Vide ſupr. c. 46. n. 7.*

7 Accreſcentaõ outros Eſcritores, que primeyro celebráraõ as honras uſadas na primitiva Igreja, que era prègar as virtudes dos que haviaõ ſantamente vivido: acclamallos bemaventurados em chegarem victorioſos ao deſejado fim: darem a Deos graças, & pedirem para todos o meſmo porto do deſcanço. 17 Quem ouvira aquelle panegyrico! nunca houve, nem taõ excellentes Oradores como os Apoſtolos; o Evangeliſta Joaõ ſeria o Prègador, como teſtemunha mais domeſtica das illuſtres acçõeſ que deviaõ publicar: & aſſim nunca houve, nem haverà tal ſermaõ, excepto os que prègou *Chriſto*. Eſcrevem mais, que cantados hymnos, ſe renovàraõ lagrimas, & ſe repetiraõ oſculos reverentes às precioſas roupas, & mãos ſacroſantas; & os Apoſtolos pegàraõ no ſagrado corpo, & o collocáraõ naquelle ſantuario; & junto delle, (dizem Juvenal, & Niceforo 18) que ficáraõ velando tres em canticos perennes, a que ajudavaõ Anjos.

17 *D. Dionyſ. Areop. l. de Hierarch. Eccleſ. cap. 7. de myſter. in his qui ſanctè dormier. Tertullian de coron. milit. Orig. l. 8. contra Celſum. D. Clem. l. Conſtit. Apoſt. l. 6. c. 30. & l. 8. c. 47.*

18 *Juvenal apud Euthim. hiſt. l. 3. c. 40. Nicephor d. l. 2. c. 23.*

CAP.

CAPITULO LXIX.

Admiravel Reſurreyção da Virgem.

1 TRibutou a *Virgem* ſepulchro à natureza; mas reviveu como quem gerára a vida. Exceptuou-ſe da corrupçaõ a carne, de que Deos a tomou; como negaria Deos à veſtidura propria o que concedeo às dos tres meninos no forno de Babylonia? 1 O doutiſſimo Padre Antonio Guilhelme, Sacerdote do Oratorio de Napoles, no grave livro que eſcreveo em lingua Italiana das grandezas da *Trindade* Santiſſima, prova 2 com extraordinaria curioſidade que a Reſurreyçaõ da *Senhora*, & ſubir ao Ceo o corpo com a Alma convinha por razaõ Theologica, por regra Filoſofica, por termos Aſtrologicos, por Ley Civil, & Canonica, por razaõ Ethica, economica, & politica: por experiencia de Medicina, por regra de Perſpectiva, de Mathematica, de Muſica, & de Arquitectura; ſobre iſto faz hum diſcurſo bem digno de ſe ler, mas largo para aqui repetir. Achava-ſe eſta Reſurreyçaõ ſignificada em lugares da Santa Eſcritura; 3 houve quem a quiz defender de Fé; 4 pelo menos ſeria temeridade abſurda, & atrevida querer negalla. 5

2 Conclue S. Melito a relação, que aprendeo do Evangeliſta Sagrado, como diſſemos, 6 referindo que velando os Apoſtolos no Sepulchro da *Senhora*, veyo *Chriſto* acompanhado de hum reſplandecente exercito de Anjos, & lhes diſſe: *Paz ſeja com voſco.* Reſpondèraõ: *Faça-ſe voſſa miſericordia, Senhor, ſobre nòs, como em vòs eſperamos.* Proſeguio o *Senhor: Antes de ſubir a meu Pay vos prometti 7 que aos que me havieis ſeguido vos aſſentarieis comigo ſobre doze thronos, julgando as doze Tribus de Iſrael. Das Tribus de Iſrael eſcolheu meu Pay eſta Virgem para eu habitar; que vos parece que farey della?* Note-ſe a honra de lhes pedir ſeu parecer.) Reſpondeu Saõ Pedro, & os mais Apoſtolos: *Senhor, vòs elegeſtes para thalamo immaculado eſta voſſa ſerva, & a nòs voſſos humildes ſervos para voſſo miniſterio; antes dos ſeculos ſabeis tudo com o Padre, & Eſpiritu Santo, com os quaes tendes huma Deidade igual, & infinito poder. A eſtes voſſos ſervos parecia que aſſim como vòs, vencida a morte, reynais na gloria, aſſim, reſuſcitado o Corpo de voſſa Mãy, o levaſſeis com voſco ao Ceo.* E o Salvador diſſe: *Faça ſe ſegundo voſſa palavra.* Logo mandou ao Arcanjo Saõ Miguel 8 que levaſſe a Alma ſanta de *Maria* a ſeu ſagrado Corpo; & o Arcanjo S. Gabriel tirou a pedra da porta do monumento, & diſſe o Senhor: *Levantay-vos, amiga minha, & chegada minha; não ſentiſtes corrupçaõ por contacto de homem, nem padecereis reſoluçaõ do corpo na ſepultura.* No meſmo ponto ſe levantou a *Virgem*, lou-

1 *Dan. 3.*

2 *P. Anton Guilhelm. l. de grandezze de lla Sãtiſſima Trinit. diſcurſ. 4.*

3 *Refere o ſo P. Fr. Joſeph de Jeſus Maria na hiſt. de N. Senhora l. 5. c. 19. & 20.*

4 *Catherin l. 4. contra Caietan. & in opuſcul. de Concept.*

5 *Caniſ. l. 12. de locis c. 11. Cerdova l. 1. queſt. in 17. q.*

6 *Supr. c. 67. n. 3.*

7 *Matth. 19. 28.*

8 *Vide ſupr. c. 67. n. xii.*

louvando ao *Senhor*, & lançando-se aos seus pès, o adorava, & dizia: *Senhor, não vos posso dar dignas graças pelos beneficios, que vos dignastes fazer a esta vossa escrava; seja vosso nome bendito para sempre, ò Redemptor do Mundo, Deos de Israel.* O *Senhor* lhe deu osculo, & a entregou aos Anjos, para que a levassem ao Paraiso. Mandou aos Apostolos que se chegassem a elle, & lhes deu tambem osculo, & disse: *Paz seja com vosco, porque eu sempre estou com vosco atè a consummaçaõ do seculo.* E levado em huma nuvem, se recolheu ao Ceo, & com elle os Anjos, levando a *Maria* Beatissima. Entende-se (explica hum Escritor 9) que a levavaõ, porque a acompanhavaõ; naõ porque ao corpo glorioso faltasse agilidade para subir. Toda esta relaçaõ traslada com approvação o douto Carthagena. 10

9 *P. Fr. Joseph d. l. 5. c. 20. n. 4.*

10 *Carthagen. de arcan. Deip. & Fr. Joseph t. 13 hom. 7. post mid.*

3 Os Apostolos diz S. Melito que por nuvens foraõ restituidos aos lugares, aonde andavaõ prègando, 11 o que se deve entender depois do successo que tiverão com o Apostolo São Thomè. He tradiçaõ constante na Igreja, 12 referida jà no anno 451. de *Christo* por Juvenal Patriarca de Jerusalèm à Santa Emperatriz Pulqueria, esposa virgem do bom Emperador Marciano, como contaõ Euthimio Eremita, que viveu pelos mesmos annos, & Niceforo Callisto, 13 que quando por milagre forão os Apostolos acharse no transito da *Senhora*, foy mais tarde mysteriosamente Saõ Thomè, que andava na India; & chegando tres dias depois, quiz ver, & venerar o Santissimo Corpo; mas que abrindo-se o sepulchro, se achára só a roupa, cõ que fora cuberto, exhalando soberana fragrancia, com que se fez manifesta a trasladaçaõ ao Ceo. A Santa Brigida disse a *Senhora* 14 que fora vestida de outras vestiduras semelhantes às de que fora vestido *Christo* em sua Resurreyçaõ.

11 *Vide supr. c. 67. n. 6.*

12 *Damascen. serm. de dormit. Deip. ad fin.*
Vitbegas no Flos Sanct. f. sta da Assumpçaõ, aonde refere muytos Authores.
Melchior de Castro, na vida da Virg. l. 1. c. 20.
P. Fr. Joseph d. l. 5 c. 17. n. 2.

13 *Euthim. hist. t. 3. c. 40.*
Nicepher hist. l. 2. c. 23.

4 Este successo bem se compadece com a relação de Saõ Melito. Porque, como dizem os Doutores Santos, 15 a *Virgem Mãy* foy molde, & fórma do *Filho*; o que se vio atè na morte. Morreu *Christo* pelo amor dos homens, 16 morreu a *Virgem* de amores de *Christo*: 17 foy o *Senhor* sepultado em monumento novo: 18 em monumento novo foy sepultada a *Senhora*: 19 resuscitou *Christo*, ella foy resuscitada: hum Anjo tirou a pedra, que cerrava a porta do sepulchro do *Senhor*: 20 o mesmo fez outro Anjo no sepulchro da *Senhora*: 21 como São Thomè examinou a Resurreyçaõ de *Christo*, 22 quiz tambem *Christo* que elle mesmo examinasse a de sua *Mãy*; & porque não faltasse a circunstancia da incredulidade, he muyto verosimil, que assim como os Apostolos disserão a Saõ Thomè que haviaõ visto o *Senhor* resuscitado, & com tudo elle respondeu, que o não creria atè o ver; do mesmo modo, dizendolhe que haviaõ visto resuscitar a *Senhora*, diria Thomè que o naõ cria atè examinar o sepulchro, & por esta causa se abriria. A dita tradiçaõ da Igreja diz que succedeu ao terceyro dia do transito (posto que nas Revelações de Santa Brigida haja neste

14 *Revelaç. de S. Brigid. l. 7.*

15 *D. Hieron. serm. de Assumpt.*
D. Aug. serm. de Nativ.
D. Dionys. Areop. ad Paul. de quo supr. c. 64. 4.

16 *Joan. 13. 1.*

17 *Vide supr. c. 67. n. 1. & 12.*

18 *Matth. 27. 60.*

19 *Vide sup. c. 67. n. ult. & c. 68. n. 6.*

20 *Matth. 28. n. 2.*

21 *Supr. n. 2. ad med.*

22 *Joan. 20.*

termo

termo alguma differença) 23 & tem conſonancia com haver *Chriſto* reſuſcitado, & ſe moſtrar ao terceyro dia. Houve differença (diz Saõ Pedro Damiaõ 24) em que o *Salvador* ſubio ao Ceo por virturde propria; por iſſo a ſua ſubida ſe chama *Aſcenſaõ*: *Maria* foy levada pela graça, (que eſta, & naõ a natureza, lhe deu agilidade) por iſſo a ſua ſubida ſe chama *Aſſumpçaõ*. Vejamos com que triunfo.

23 *Revel. de S. Brigid. l. 2. c. 62. poſt med.*

24 *Petr. Damian. ſerm. de Aſſumpt.*

CAPITULO LXX.

Moſtra-ſe qual era hum triunfo em Roma, para no modo poſſivel figurarmos por elle o com que a Virgem Maria victorioſa entrou no Ceo.

1 QUe glorioſamente admiravel ſeria o triunfo com que a *Virgem Mãy* victorioſa do infernal dragaõ 1 entrou na Cidade Celeſtial! A Santa Brigida, 2 a Santa Iſabel de Eſconaugia, 3 & a noſſo Santo Antonio 4 ſe relevou parte delle; todo não ſe pòde declarar. *Quem poderà* (diz Saõ Bernardo 5) *narrar a geraçaõ de Chriſto, & a Aſſumpçaõ de Maria?* Ambas igualou na impoſſibilidade. Hum moderno curioſo aconſelha, que he mais acertado naõ fallar della, pois querendo-ſe exprimir com ornato, antes ſe offenderà. 6 Mas (como dizia Saõ Jeronymo) *Naõ me atrevo a negar o que naõ poſſo fazer*: 7 ſou forçado a concluir o que propuz eſcrever; pio trabalho, mas perigoſa preſumpçaõ. 8

1 *Geneſ 3 15.*

2 *Revelaç de S. Brigid. l. 6. c. 62.*

3 *Pelbart l. 10. Stellar. p. 1 art 1.*

4 *Joan. Brumiard. in Sum. de Mar. n. n. 24. Jodoc. in Theſaur. Catholi. l. 3. art. 3. tom. 1. Pelbart ſup.*

5 *D. Bernard* Chriſti generationem, & Mariæ Aſſumptionem quis enarrabit?

6 *P. Sandeus in Aviar. Marian. ovat. 3. Cygnus, poſt med. verſ. In eo autem.* Satius eſt filere, quàm exprimere, quæ ſi exprimere coneris ut ornes, vituperare cenſeris.

7 *D. Hieron. Ep. l. 1. Ep ad Innocent. de mulier. ſepties illa, in princ. pag mihi. 236.* Quod implere non poſſum, negare non audeo.

8 *Idem in Præfat. ad Damaſum, in Evangeliſt. in princ.* Pius labor, ſed periculoſa præſumptio.

2 Confie-me o exemplo de *Chriſto*, que comparou o Reyno do Ceo a hum grão de moſtarda; 9 debuxemos aquelle triunfo por hum dos Romanos, que era huma das grandes couſas que o grande Agoſtinho deſejava ter viſto.

9 *Matth. 13. 31. Marc. 4. 31 Luc. 13 19.*

3 Naõ foraõ os Romanos inventores dos triunfos; primeyro o inventou, & triunfou em carro tirado por elefantes o antiquiſſimo Dionyſio, chamado Libero Padre, ou Baco; 10 & triunfáraõ Asdrubal Carthaginez, Soſoſtris, & outros Reys do Egypto; 11 mas os triunfos de Roma foraõ os mais famoſos.

10 *Plin. hiſt. l. 7. c. 56 in princ.*

11 *Diodor. Sicul. l. 6. Juſt. l. 19.*

4 Concedia-ſe triunfo ſó ao mayor do exercito, ſendo Dictador, ou Conſul, poucas vezes a Proconſul, por ſerem as mayores dignidades: na Dictadura de Sylla ſe diſpenſou com Pompeyo Magno, vencendo a Domicio em Africa, para triunfar, ſendo de pouca idade ſó Cavalleyro Romano. Em guerra de acquiſiçaõ nova, naõ de defenſa, ou recuperaçaõ. Por vitoria em q̃ morreſſem pelo menos cinco mil inimigos, & muyto menor numero dos proprios. Deyxando toda huma Provincia pacificamente ſugeyta. O Capitaõ que o pedia, não podia entrar com a pretençaõ de Roma; fóra da Cidade era ou-

vido em tres inſtancias. A primeyra do exercito q̃ o acclamava merecedor; a ſegunda do Senado que lhe julgava triunfo; a terceyra do Povo que applaudia, & decretava o dia em que devia ſer; & deſtes tres juizos ſe diz que ſe chamou *Triunfo*.

5 O dia era de feſta ſolemniſſima. Ninguem trabalhava. Adornava-ſe a Cidade, ruas, portas, & janellas o mais ricamente que era poſſivel, com pannos de ſeda, & ouro, & com ramos, & flores. Uſava-ſe de toda a ſorte de cheyros. A Nobreza ſe veſtia de gala, os populares de ſuas melhores roupas. Os Templos eſtavão abertos, ornados com a mayor pompa. Tudo moſtrava alegria. 12

6 Deputavão-ſe muytos Miniſtros com varas, & baſtoens para accommodarem a gente pelas ruas, evitando embaraço. Por ellas andavaõ invençoens varias de feſtas. De todas as partes ſoavaõ inſtrumentos muſicos.

7 Para melhor deſcripçaõ do triunfal acompanhamento, ſeguiremos o que Plutarco 13 referio de Paulo Emilio, quando triunfou de Perſeo Rey de Macedonia, que deyxou ſugeyta.

8 Durou aquelle triunfo tres dias, porque em menos tempo não ſe pudera ver o muyto que houve para admirar. O primeyro ſe gaſtou entrando na Cidade as bandeyras vencidas, as eſtatuas, imagens, & coloſſos, que ſe ordenárão ſobre duzentas & cincoenta carretas, fabricadas, pintadas, & douradas com grande excellencia.

9 No dia ſegundo ſe fez moſtra das armas do Rey vencido, & de ſeus Soldados, ricas, limpas, & luzentes, poſtas em carretas com tal artificio, que parecendo cahidas alli acaſo ſem ordem, & miſturadas, oſtentavaõ concerto, que atemorizava aĩnda depois de vencidas.

10 Logo entráraõ tres mil homens com a prata do Rey; a amoedada hia deſcuberta em 750. vaſos muyto grandes tambem de prata, cada hum levado por quatro homens; os outros atẽ o numero dos tres mil hiaõ carregados de bayxelas, & peças de excellente feytio. E todo eſte dia ſe gaſtou em paſſar iſto com boa ordem.

11 Na madrugada do terceyro dia entrárao as trombetas, & clarins tocando a batalha, logo cento & vinte vacas brancas com as pontas douradas, cubertas com delgadiſſimos vẽos, que ſe tinhaõ por ſagrados, & com grinaldas de flores, guiadas por moços muyto gentis, & bem veſtidos; as quaes crão para ſacrificar; & meninos bem ornados levavão pratos de ouro, & prata para ſervirem no ſacrificio.

12 Depois entrárão os que levavão o ouro tomado ao inimigo, huns o amoedado em ſeteta & ſete vaſos grandes; outros muytos vaſos de ouro do ſerviço do meſmo Perſeo, & de Antigono, Seleuco, & outros Reys paſſados.

13 Seguia-ſe o carro do meſmo Perſeo, as armas de ſua peſſoa, & ſobre ellas a ſua coroa, & Sceptro Real.

14 Pou-

12 *Het ex Valer. Max. l. 2. c. 8. Alex. ab Alex Genial. l. 1. c. 22. & l. 6 c. 6.*
Calepin. in diction. verb. Triumphus, cum Liv. l. 45. Tranquillo, Cicer. & aliis.
P. Mendoça in Virid. l. 5. Probl. 26.
13 *Plutarch. in Paul. Æmil.*

14 Pouco depois dous filhos, & huma filha muyto meninos, & com elles grande numero de officiaes de ſua caſa: Mordomos, Ayos, Cameriſtas, Pagens, & outros diverſos, em habito de ſervos, com as cabeças rapadas, (como era coſtume nos cativos) todos chorando ſeu miſeravel eſtado, & laſtimando a quem os via.

15 Logo o meſmo Rey com roupa de pardo eſcuro ao uſo da ſua patria, taõ turbado como ſua fortuna; & junto delle ſeus privados miniſtros, & criados em grande numero, olhando taõ triſtes para o infelice Rey, que muytos Romanos ſolemnizavaõ com lagrimas aquelle eſpectaculo.

16 Paſſado iſto, ſe levavaõ quatrocentas coroas de ouro, de que as Cidades de Grecia amigas de Roma haviaõ feyto preſente a Paulo Emilio.

17 Logo hia o meſmo Emilio veſtido de purpura tecida com ouro, com hum ramo de louro na maõ, ſobre hum oſtentoſo carro, que tiravaõ fermoſiſſimos cavallos.

18 A infantaria, & cavallaria de ſeu exercito o ſeguia armada, marchando ordenada com ſuas bandeyras; huns cantando verſos em louvor do triunfante, & de ſuas vitorias; outros, motetes de feſta, & prazer.

19 Sahio o Senado, Sacerdotes, & toda a Corte a recebello. Foy atè o Capitolio, aonde, ſacrificando no templo de Jupiter, ſe offerecèraõ os deſpojos, & ſe deraõ graças.

20 Deſta maneyra eraõ todos os triunfos, quanto à ſubſtancia. As circunſtancias de jogos, & outras feſtas particulares, eraõ mais, ou menos, como cada hum ordenava. O de Veſpaſiano, & Tito quando triunfáraõ de Judea, foy ſummamente admiravel nos carros de grandiſſima fabrica em que ao vivo hiaõ repreſentados os ſucceſſos daquella guerra. Alli ſe via com propriedade, como real, & natural (conta Joſepho) 14 devaſtar a terra, desfazer eſquadroens, derribar muralhas, aſſolar caſtellos, entrar Cidades, abrazar templos; & dos vencidos hum rogarem, outros fugirem, outros morrerem, jà dos golpes, já das ruinas; tudo cheyo de mortes, & confuſaõ; parecia naõ haver differença da imitaçaõ ao imitado. Tambem, poſto q̃ ordinariamente o carro ſe tirava por cavallos, o de Julio Ceſar tiráraõ quarenta elefantes; & o de Pompeyo Magno quando triunfou de Africa, tiráraõ tambem elefantes; & o do Emperador Gordiano. O de Marco Antonio tiráraõ leões: o do Emperador Aureliano cervos: alguns tiráraõ touros: a Alexandre Severo leváraõ nos braços Cidadãos Romanos. Os cavallos naõ coſtumavaõ ſer brancos, por os deſta cor ſerem dedicados particularmente ao pay dos Deoſes; & porque os levou brancos, ſe eſcandalizou o povo de Camillo. 15 Muytos levãraõ comſigo nos carros filhos de pouca idade. 16 Outros fizeraõ hir no acompanhamento animaes eſtranhos, & feros, como leões, onças, tigres, rinocerotes, pantheras, dromedarios; diſto

14 *Joſeph de bell. Jud. l. 7. c. 24.*

15 *Ex Sueton. Capitolin. Flav. Vopiſc. & Lampridius nas vidas deſtes triunfantes.*
P. Mendeç. in vis idar. l. 5 p. obl. 16.

16 *Cicer. orat. p. o Muren.*

17 *Joseph d.l.7.c.24.post med.*

ſe vio muyto naquelle triunfo de Veſpaſiano, & Tito. 17

21 Concedia-ſe aos que triunfavaõ, porem ſuas eſtatuas nos templos, & praças publicas, & edificar columnas, & arcos q̃ ſe chamavaõ triunfaes, de marmore, eſculpindo as vitorias, para as perpetuar. Imitando aos Gregos antigos, q̃ alcançando victoria ſinalada, cortavaõ os ramos da arvore que eſtava mais perto, & nos troncos penduravaõ as armas inimigas; o que ſe chamava *Trofeo*, da palavra *Tropi*, que ſignifica *Converſaõ*, *& retrahir*, porque alli haviaõ feyto fugir o contrario. Aſſiſtiaõ aos jogos publicos coroados de louro. Podiaõ na occaſiaõ do triunfo repartir do publico dons aos Soldados. E quando morriaõ, ſe ſeus corpos ſe queymavaõ fóra da Cidade, ſuas cinzas, & oſſos ſe recolhiaõ para ſe enterrarem dentro della. 18 Coſtumava o triunfante convidar (por ceremonia) os Conſules para a cea do dia do triunfo, & depois rogarlhes que ſe guardaſſem para outro, ſó por naõ lhes dar melhor lugar na meſa, no dia em que triunfava. 19 Taõ glorioſo lhe era aquelle dia, que para que ſe naõ enſoberbeceſſe, levava no dedo hum anel de ferro como eſcravo; 20 no carro hia com elle hum miniſtro publico, que lhe hia lembrando que era mortal. 21

18 *Hec ex Valer.Maxim.ſupr. & l.3.c.6.de Papyrio Maſone. Alex.ab Alex. & Calepin. ſup. & verbo Triumphum.*

19 *Valer.Max.d.l.1.c.8.ad fin. n.mihi 7.*

20 *Plin.l.33.c 1.*

21 *Tertullian.in Apologet.c.33. D Hieron. Epiſt. ad Paul. de obitu Bleſille. Zonarà, annal.tom.2. De quo Juvenal ſatyr.10.*

22 Com ſer o triunfo a mayor honra, o recuſáraõ Fulvio Flacco por modeſtia: Marco Fabio, porque perdera na guerra hum irmaõ: Tiberio Ceſar, porque eſtava Roma triſte pela perda Valeriana: Septimio Severo, por ſe achar enfermo. Naõ ſe concedia ſenaõ aos Romanos; entre quatro, ou cinco eſtrãgeyros que o alcançáraõ por muyto favoravel diſpenſaçaõ, foy Cornelio Balbo Heſpanhol, por vencer os Garamantas; & Ventidio Baſſo, que havendo ſido levantado em triunfo, mudada a fortuna, foy o primeyro que triunfou dos Parthos. Houve em Roma trezentos & vinte triunfos; o ultimo triunfante foy o Emperador Probo, declinando jà o Imperio; poſto que alguns digaõ que depois triunfou Belizario em tempo de Juſtiniano. Entre as principaes portas de Roma era a que ſe chamava *Triunfal*, pela qual os triunfos entravaõ. 22

22 *Alex.ab Alex.ſup.l.4.c.16. ad fin. & l.6.c.6. Joſeph a.c.24 poſt med.*

23 Naõ foy digreſſaõ de noſſo aſſumpto o que neſte capitulo diſſemos; mas como para as grandes feſtas precedem preparaçoens, & enſayos, taes foraõ eſtas noticias para o triunfo da *Virgem*, que noſſa capacidade ſó poderà figurar por hum dos Romanos.

CAPITULO LXXI.

Magnifico, & glorioſo Triunfo com que Maria Santiſſima entrou na Cidade Celeſtial.

1 *No cap.precedente n.4.*

1 CConcorréraõ na *Senhora* as qualidades acima 1 apontadas para os triunfos Romanos. Tinha a dignidade mayor

mayor, depois de Deos, que era a de *Mãy* ſua. 2 Combateu em guerra, 3 naõ de defender, mas de adquirir para Deos o que poſſuhia o Demonio. 4 Alcãçou do grande poder infernal a vitoria mais inſigne, 5 em que ficáraõ mortos muytos milhares de inimigos da Igreja, 6 ficando ſalvos todos os ſeus, 7 em Monarquia invencivel. 8 Seu exercito militante a acclamou mercedora. 9 10 Finalmente da Roma Celeſtial ſahio *Chriſto*, que com o Senado Apoſtolico conſultou, & concedeo o triunfo. 11

2 O dia delle (dizem S. Joaõ Damaſceno, & S. Anſelmo 12) *Foy ſolemniſſimo, glorioſo, feliz, bemaventurado, celebre, de preclara alegria, feſtivo de ſublime glorificaçaõ, admiravel em todo o ſeculo.* Mandou Deos que os eſpiritos malignos naõ trabalhaſſem: todo aquelle dia (diz o meſmo Damaſceno) eſtiveráõ encerrados nas cavernas da terra. Da preparação da Cidade Celeſte conſideraõ os contemplativos 13 que haviaõ ſido figura a Jeruſalèm terreſtre, ornadas, & frequentadas ſuas ruas de danças, inſtrumentos, & outras feſtas, quando ElRey David meteo nella a Arca ſanta, 14 que repreſentava a *Senhora*. Os Cidadãos Celeſtiaes ſe veſtiraõ de goſto, como canta a Igreja. 15 Abrio-ſe o Templo de Deos, como eſcreve Saõ Joaõ no Apocalypſe; 16 o que entendem Doutores 17 deſta occaſiaõ. Tudo, finalmente eſtava de feſta, como deſcreve Santo Anſelmo com palavras ſó proprias de ſua devoçaõ.

3 Diſpoſta aſſim a Celeſtial Roma, figurando noſſa capacidade o triunfo da *Virgem* por aquelle que referimos 18 Romano; hiria diante, como eſtendarte Real do inimigo, a arvore da ſciencia do bem, & do mal, em que ſe commetteo o primeyro peccado, 19 & as bandeyras dos mais que militáraõ debayxo delle. Na bandeyra da Ambiçaõ pintado hum pavaõ oſtentando a pompa de ſuas pennas. 20 Na da Vãgloria hum gallo vitorioſo do contrario. 21 Na da Liſonja huma abelha com o ferraõ ſuavizado em mel. 22 Na da Soberba huma nuvem de fumo deſvanecendo-ſe no intento de ſubir. 23 Na da Inveja huma ſetta, que dando em huma rocha, tornava a ferir a quem a deſpedira. 24 Na da Mentira huma aranha tecendo dos fios que gerára. 25 Na da Inobediencia hum caõ mordendo a ſeu ſenhor. 26 Na da Ingratidaõ hum pè de hera furando a parede, a que ſe arrimava. 27 Na da Gula hum homem em companhia de brutos. 28 Na dos Appetites outro homem ſem cabeça. 29 Na de toda a Malicia huma codorniz enlodando a agua, em que bebéra. 30

4 Depois deſtas bandeyras vencidas, no lugar das eſtatuas, que os Romanos levavão em carros, hirião ſobre carros de artificio glorioſo as imagens, em que as moralidades antigas com confuſas noticias dos myſterios, que não alcançavão, alludião à materia deſte triunfo. Em hum carro ſe poderia repreſentar o jardim das Heſperides com as maçãs de ouro que guardava o dragão ao pé da arvore; 31 fabula que originou a tradição do

2 *Laiè Fr. Joſeph de Jeſ. Mar. hiſt. da Virg. t.1 c.4.*

3 *Gen.3.15.* Inimicitias ponam inter te, & mulierem.

4 *Joan.12 31.* Princeps hujus Mundi ejicietur foras.

5 *Geneſ 3.15.* Ipſa conteret caput tuum.

6 Cunctas hæreſes ſola interemiſti.

7 *Luc.21.18.* Capillus de capite veſtro non peribit.
D. Paul. ad Epheſ. 2.5. & 8. ac paſſim.

8 *Textus in cap. Cuncta per mundum 9.q 3.*

9 *Matth.16.18* Portæ inferi non prævalebunt adverſus eam.

10 *Luc.1.48* Beatam me dicent omnes generationes.
Vide ſupra c. 64.n.4.

11 *Supra c 69.n.2.*

12 *D. Damaſ. orat. de Aſſumpt. Virg.*
D. Anſelm. de excel. Virg. c.8.

13 *Villegas no Flos Sanct. feſt da Aſſumpç. o princ.*

14 *4 Reg 6. & 1. Paralip. 13.*

15 Aſſumpta eſt Maria in Cælũ, gaudent Angeli.

16 *Apocalyp ſ 11.19.* Apertum eſt templum Dei in Cælo, & viſa eſt Arca teſtamenti ejus in templo ejus.

17 *Refere P. Fr. Joſeph ſup. l.5. c. 10.n.2.*

18 *Cap. precedente à n.8.*

19 *Gen.3.*

20 *Plin. l.10. c.20.*
Pier Valerian. in hieregl. l.24. tit de Pavone, §. Glorioſus.

21 *Plin. l.10. c.21.*
Pier. ſup. tit. de Gallo, § Victoria.

22 *Pierius l.16. tit. Apes, §. Adulator. Proverb. 5. 3.*

23 *Volergius in Pſalm. 74.*

24 *D. Baſilius de Invidia.*

25 *Plutarch. in Moral.*

26 *Ex Pier. ſup. l.5. tit. de Cæcũ, §. Cuſtodia.*

27 *Ex Plutarch. ſupr. Pier. ſup. l.51. tit de Hedera, §. Tenacitas.*

28 *Senec Rhetor. c. 61. apud Polyanth. verb Gula.*

29 *Ex Ariſt. x. Ethic. c.13.*

30 *Pier. ad l.24. tit. de Coturnice, §. Perditiſſima malitia.*

31 *Ovid. Metam. l.9*

Paraiſo terreſtre com os fermoſos pomos, em que ſe peccou por perſuaçaõ da ſerpente. 32 Em outro ſe repreſentaria Dedalo aconſelhando o filho que não voaſſe ao mais alto, & o filho por deſprezar o conſelho, cahir no mais bayxo; 33 figurando o primeyro homem, que inobediente à paternal ley de Deos, ſe quiz levantar tanto, que ficou arruinado, 34 Em outro o moço Faetonte, quando, por naõ ſaber reger a luz que ſe lhe entregára, abrazou a terra com ſeu precipicio; 35 trato de Adam, que poſto na mayor honra, não entendeo, 36 & cauſou o mayor incendio. 37 Em outro, Hercules, matando a Hydra de ſete cabeças; 38 ſignificando o valor com que o Filho da *Virgem* venceo o dragaõ, que tinha outras ſete; 39 & hirião em modo mais excellente a Arca do diluvio, a Çarça que vio Moyſés, a Arca do Teſtamento, o véllo de Gedeaõ, o favo de Samſaõ, a torre de David, & todas as mais figuras, que havião repreſentado a *Virgem* triunfante.

32 *Geneſ.* 5.
33 *Ovid. ſup. l.* 8.
34 *Geneſ.* 3. & 4.
35 *Ovid. ſup. l.* 7.
36 *Pſalm.* 48. *v. ult.*
37 *Vide in* 1. *p. c.* 6.
38 *Ovid. d. l.* 9.
39 *Apocalyp.* 11. 19.

5 A iſto (como no triunfo Romano) ſe ſeguiraõ as armas do vencido Rey Tartareo, & de ſeus Soldados; occaſiaõ, tentaçaõ, conſentimento, & execuçaõ bem lavradas, & reſplandecentes â viſta com eſpecioſos pretextos de honra, goſto, & intereſſe, repreſentadas por ſoberana traça tanto ao vivo, que hindo já vencidas, ainda cauſariaõ terror.

6 Em lugar do dinheyro, prata, & ouro do inimigo hiria o primeyra moeda; o pomo digo, com que o Principe vencido havia comprado o genero humano por eſcravo ſeu; & todas as riquezas, com que ſe fez opulenta ſua Monarquia.

7 Hiriaõ depois as ſete trombetas, que Deos tinha mandado que ſe levaſſem diante da Arca do Pacto, 40 (aſſim chama a Igreja à *Virgem*) 41 a cujo ſom cahiraõ os muros da Jericò do peccado. 42 Hiria aquella primeyra, que ſe tocava no Jubileu pleniſſimo, 43 figura do de *Chriſto*, em que o Mundo já eſtava, & hiriaõ todas as mais trombetas, que no Teſtamento velho ſignificáraõ ſemelhantes myſterios; & as que no Apocalypſe 44 moſtráraõ os do novo; & com particular inſignia aquella do quinto Anjo, a cujo ſom cahio Lucifer; 45 & doze outras ſignificadoras dos Sagrados Apoſtolos, que ſoáraõ por toda a terra. 46 Todas, como as dos Romanos, tocariaõ à batalha; pois, como diſſe Iſaias, 47 foy muy batalhado eſte triunfo; & como diſſe Santo Agoſtinho, 48 a *Virgem* foy o guerreyro mais victorioſo.

40 *Joſue* 6 5. Præcedent arcam fœderis.
41 Fœderis arca.
42 *Joſue d. c.* 6. 20.
43 *Levit.* 2. 5. 9 *vide in* 2. *p. c.* 24. *n.* 2.
44 *Apocalyp.* 1 10 & *c.* 4. 1. & *c.* 2. *cum ſeqq.*
45 *Apocalyp.* 9. 1.
46 *Pſalm.* 18. *v.* 4. *D. Paul ad Rom.* 10. 18.
47 *Iſai.* 42. 13 Sicut vir præliator.
48 *D. Aug de natur. & grat. l.* 7.

8 Pelas rezes, meninos adornados, & inſtrumentos para ſacrificio, hiria o Cordeyro, figura de *Chriſto*, ſacrificado por Abraham, & o menino Iſaac levando a lenha, 49 como cruz; & Anjos levariaõ os cravos, coroa, lança, eſponja, & mais inſtrumentos do ſacrificio figurado, que a *Senhora* offereceria ao *Eterno Padre*, como quem tanto cooperára nelle. 50

9 Logo ſe ſeguiria o carro, armas, ſceptro, & as ſete coroas do dragaõ, 51 Rey vencido por *Maria* triunfante, para

49 *Geneſ* 22.
50 *Supr. c.* 48.
51 *Apocalyp.* 12. 3. Draco... in capitibus ejus diademata ſeptem.

quem só se reservou tal vitoria, como disse Saõ Bernardo. 52 O carro feyto de malicia: as armas de engano: o sceptro de hum flagello: as coroas de peccados; tudo com artificio que por modo inexplicavel mostrava a materia, de que era formado.

10 Hiriaõ seus ministros arrastando cadeas, escravos de tormentos, com torcida vista olhando para o Rey desesperado.

11 Logo o mesmo Rey na figura da serpente, 53 vestido de fogo, revestido de fumo, taõ turbado, como o considera Chrysippo Jerosolymitano, dizendo entre si: *Como succedeo isto? que me destruisse o instrumento, que em outro tempo cooperou comigo! a mulher que me ajudou a sugeytar o genero humano, veyo a despojar me da Monarquia antiga? a antiga Eva me engrandeceo, & esta me abate! quem adivinhàra que huma Mulher, com hum Menino me havia de causar tal ruina! mas bem pudera eu recatarme quando a via taõ forte contra minhas traças. Fuy vencido como vencedis farceyme em serpente para vencer a Eva; & nas entranhas desta prodigiosa se disfarçou o que não era só Homem, mas tambem Deos.* 54

12 Logo (como no triunfo Romano) se levariaõ as coroas, que as Virtudes tinhão dado à *Senhora*: de Martyr, de Doutor, de Confessor, de Virgem, & outras que mereceo por insignes titulos.

13 Entaõ hiria a *Triunfante* com vestiduras semelhantes às de *Christo* em sua Resurreyçaõ, como ella disse a Santa Brigida: 55 & com huma dulcissima palma na mão. Em carro melhor que o de Salamaõ, 56 fabricado de rosas, & lirios, flores proprias da *Senhora*, parecendo Aurora; 57 & Anjos a levavaõ por mandado do *Senhor*: 58 se houvessem de levar animaes, como nos carros triunfantes dos Romanos, serião Aguias, que sós podem subir a encarar no Sol. Em lugar de anel de escravo, & do ministro, que hia lembrando aos triunfantes Romanos que eraõ mortaes, levava a *Senhora* sua humildade, com que taõ exaltada se professava do *Senhor*.

14 Seguia-se o exercito, com que a *Virgem* alcançára a victoria. Constava das Virtudes Theologaes, & Cardiaes. A Fé symbolizada em huma ancora; 59 a Esperança em huma columna; 60 a Caridade em huma pomba; 61 a Prudencia em huma serpente; 62 a Temperança em huma mão regendo hum freyo; 63 a Justiça em huma balança; 64 a Fortaleza em hum Leaõ. 65 Os Dons do Espirito Santo. Da Sabedoria era jeroglyfico huma pedra quadrada; 66 do Entendimento dous olhos abertos; 67 do Conselho hum bordaõ; 68 do Valor hum diamante; 68 da Sciencia huma fonte; 70 da Piedade hũa cegonha; 71 do Temor de Deos hum retrato da morte; 72 & depois outras virtudes, dons, & qualidades; como a Religiaõ figurada em huma cithara; 73 a Paciencia em hum jugo; 74 a Pureza em huma abelha; 75 a Humildade em hum

52 *D. Bernard hom 2. post princ. in Euang. Annunt super. Missus est.* Cui hæc servata victoria est, nisi Mariæ.

53 *Genes. 3. 15. Ipsa conteret caput tuum.*

54 *Chrysipp. serm. de B. Virg.*

55 *Vide sup. c 69. n. 3. in fin.*
56 *Cant. 3. 9.*
57 *Cantic 6. 9.* Quæ progreditur quasi Aurora consurgens.
58 *Sup. c 69. n. 2. ad fin.*
59 *D. Chrysost. hom 11. ad Hebr.*
60 *Laurent. Justinian. Patriarch. in Ligno vitæ, c. 2. de Spe.*
61 *Pier Valer. lib. 22. tit. de Columba, §. Charitas.*
62 *Matth. 10. 16. Pier. l. 16. tit. de Serpente, §. Prudentia.*
63 *Pier l. 36 §. Temperantia, & l. 48 tit. de freno, § Temperantia.*
64 *Polyanth. verb. Justitia, in Hieroglyphico ult.*
65 *Pier. l. 1. de Leone, §. Robur.*
66 *Pier. l. 39 tit. de quadrato §. Sapientia.*
67 *D. Chrysost. hom 11 in Matth.*
68 *Ex Hor. at Carm. l. 3 Ode 4.*
69 *Pier. l. 21. tit de adamante.*
70 *Philo l. de Somniis, & Gigantib.*
71 *Pier l. 17. tit. de Ciconia, in princ.*
72 *D. Chrysost. hom. 28. in Joan.*
73 *Jamblic. de Myster.*
74 *Pier l. 48. tit de jugo, § Patientia.*
75 *Pier. l. 26. tit. Apis, §. Castitas.*

hum homem ajoelhado; 76 a Obediencia em huma arvore enxertada; 77 a Manſidaõ em hum Elefante, 78 a Contemplaçaõ em hum Sol, 79 & na imagem de Danae com a chuva de ouro a mayor fermoſura de animo, & abundancia de bens celeſtes. 80 Compunha-ſe finalmente aquelle exercito de todas as graças gratis datas, de todos os frutos eſpirituaes, de todas as bemaventuranças Evangelicas, de todas as perfeyçõcs, & excellencias naturaes, & ſobrenaturaes, que tudo militou na *Virgem* em grão ſuperior a todos os Santos juntos, & alcançou do Principe do peccado a vitoria mais glorioſa. Hiria tudo repreſentado em myſterioſas figuras com a mayor oſtentaçaõ, & (ao coſtume Romano) em ordem terribel de batalha, como diſſe Salamão; 81 batalha que a graça diſpunha como Meſtre de campo General, taõ bella, & tão Divina, que he inexplicavel a mageſtade, com que marchava; & de entre eſte exercito (como do Romano) ſe cantavão hymnos aos quinze myſterios, de que depois ſe compoz o ſagrado Roſario, & todas as Antifonas, que a Igreja canta à *Senhora*.

15 Com ſemelhante acompanhamento, em corpo glorioſo, dotado de ſubtileza, com que tudo penetrava, de agilidade, com que ſeguia o impulſo do eſpirito; de claridade com que allumiava tudo, partio da terra a *Virgem Santiſſima*, deyxando-a deſconſolada, porque a deyxava. Levantou-ſe à Regiaõ do ar, que a ſaudava com zefyros. Subio à do fogo, que ſe abrazou em amor Divino. Entrou na primeyra Esfera celeſte, aonde a Lua ſe lhe lançou aos pès. Paſſou à ſegunda, aonde o Planeta Mercurio deſejou ter as ſerpentes, que os Poetas lhe fingiaõ na vara, para as tributar à Triunfadora da mayor ſerpente. Exaltou-ſe à terceyra, em que o Planeta Venus ſe vio entaõ verdadeyramente fermoſo, & Eſtrella d'Alva. Chegou à quarta, que admirou o prodigio de que a Aurora ſubiſſe: o Sol a veſtio, & não ficou eſcuro pela preſença da mayor luz, antes mais luzente. Na quinta ſe lhe rendeo o furor de Marte. Na ſexta a ſoberania de Jupiter. E na ſetima ſe alegrou a melancolia de Saturno. Sanccio Porta, Theologo Dominicano antigo, & erudito, 82 eſcreve que em cada hum deſtes Orbes, ou Esferas a eſperavão as Ordens dos Santos ſegundo ſuas eſpeciaes razoens. As Virgens no Orbe da Lua; os Confeſſores no de Mercurio, os Martyres no de Venus; os Apoſtolos no do Sol; os Profetas no de Marte, os Patriarcas no de Jupiter; os Anjos no de Saturno: & o douto Carthagena 83 moſtra largamente as razoens, porque a cada Ordem de Santos convinhaõ aquelles lugares. Duas vezes (nota hum Author devoto) 84 ſe vio o Empyreo vaſio de ſeus Cortezãos: na Aſcenſaõ de *Chriſto*, & na Aſſumpção de *Maria*; porque ſahirão todos a receber a ambos quando entrárão no Ceo.

16 Dizem São Bernardo, & outros Santos Doutores, 85 que ſahio *Chriſto* Senhor noſſo (como diſſemos do Senado, & Corte

76 *Pier l 35. tit. de Genibus, §. Humilitas.*

77 *Guilelm. Paral. in Sum. virt. tract. 5. c 30.*

78 *Pier. l. 2. tit. Elephantes, §. Manſuetudo.*

79 *Pbilo Hebr. l de Cognition.*

80 *Pier. l. 59. tit. Donat.*

81 *Cant. 6 9.* Progreditur... ut caſtrorum acies ordinata.

82 *Sanctius Porta, in Marial. ſerm. 7. de Aſſumpt.*

83 *Carthagen. de areau. Deip. l. 14. hom. 10. v. ceterum.*

84 *Apud P. Fr. Joſeph hiſt. da Virg. l. 5. c. 21. n. 2.*

85 *D. Bernard. ſerm. 4. de Aſſumpt. in princ.*
D. Hieron. ſerm. de Aſſumpt tom. 9.
D. Ildephonſ. ſerm 9. de eadem.
D. Petr. Dam. ſerm. 9. de eadem.

Corte Romana) a receber ſua *Mãy* triunfante. Salamaõ o tinha dito nos Cantares, & que o *Senhor* lhe daria o braço para ella ſe encoſtar; 86 & tambem o tinha figurado quando ſahio a receber ſua mãy Berſabé. 87 O Veneravel Padre Fr. Joſeph de Jeſus Maria 88 entende que ſahio a recebella na quarta eſfera do Sol; & Saõ Joaõ Damaſceno 89 conſidera que a recebeo com as palavras dos Cantares: 90 *Subi, chegay, amiga minha, pomba minha, fermoſura minha, vinde, porque já paſſou o Inverno dos trabalhos: chegou a Primavera do deſcanço, & flores.*

17 Proſeguio a *Virgem* atè o firmamento das eſtrellas, onde lhe formáraõ coroa doze fermoſiſſimas, com inveja de todas as outras. E aſſim ficou calçada da Lua, reveſtida do Sol, & coroada de eſtrellas. 91 Dalli ao Ceo, que por diafano, & tranſparente chamaõ cryſtallino; & deſte ao decimo (começando a contar da terra, ſendo na ordem natural o primeyro mobil velociſſimo a que ſeguem os mais; mayor, mas excellente, & de belleza em que já reverberaõ as luzes do Empyreo, & o ſonoro de ſeu movimento já moſtra harmonia celeſtial.

18 Achou-ſe em fim na entrada do Empyreo. Se o Apoſtolo chegando em rapto ſó ao terceyro Ceo, naõ pode declarar o que vira; 92 como ſe explicará a maravilha que Deos fez para ſua Corte; & centro da Bemaventurança? Que fermoſos ſe deſcobririaõ de fóra à *Senhora* os muros de jaſpe, & de cryſtal, com portas de pedras precioſas, & toda aquella celeſtial Roma de ouro luzente como vidro, com edificios de eſmeraldas, ſafiras, topazios, jacinthos, chriſolitos, & outras materias ineſtimaveis que refere, & deſcreve o Evangeliſta Saõ Joaõ! 93 Quando entrou, que alegria de alleluias, que acclamaçoens de vivas 94 ſoariaõ harmonicamente de toda a parte!

19 Foy a *Triunfante* (encoſtada no braço de *Chriſto* como fica dito) ao Capitolio ſagrado, onde o Summo Jove tinha ſeu throno ſacroſanto, 95 que ſe ao infinitamente bello ſe pudera accreſcentar belleza, ſó para eſta occaſiaõ ſe adornára mais. Avançou-ſe a beatiſſima *Trindade* a recebella, dizem os contemplativos, 96 naõ com movimento local, mas com favoravel complacencia, com glorificaçaõ Divina, com affluencia ſoberana, & com gratiſſima approvaçaõ. Ajoelhou-ſe a *Virgem* a dar graças com toda a graça: o *Padre* a abraçou docemente, manifeſtando-a por Virgem *Mãy* de ſeu Filho unigenito: o *Filho* a reconheceo por ſua verdadeyra *Mãy* na natureza humana: & o *Eſpirito Santo* a moſtrou officina ſingulariſſima de ſuas milagroſas operaçoens. O Mellifluo Bernardo 97 conſidera, que a *Senhora* pediria a ſeu Divino Eſpoſo o oſculo que nos Cantares tinha dito Salamaõ; 98 & que havendolhe ſido dulciſſimos os que lhe dera quando menino brincava em ſeu virginal regaço, lhe ſeria ainda mais doce o que recebia do que eſtava à direyta do Eterno *Pay*.

20 Ficou a *Senhora* à viſta de toda aquella Corte, a mais levan-

86 *Cant.*8.5. Quæ eſt iſta, quæ aſcendit de deſerto deliciis affluens, innixa ſuper dilectum ſuum?

87 3. *Reg.*2.19.

88 *P. Joſeph d.l.*5.c.22. *in fin.*

89 *D. Damaſcen. or. at. de dorm. Deipar.*

90 *Cant.*2.13.

91 *Apocalyp.*12.1.

92 *Paul.*2.*ad Cor.*12.2.

93 *Apocalyp.*21.

94 *Apocalyp.*19.

95 *S. Petr. Damian. ſupr.*

96 *Cum Ubertin.l.*4.*de arbor. vitæ c.*39 *& Richel. l.*4. *de laud. Virg. art.*9. *P. Fr. Joſeph. d.l.*5.*c.*25. *n.*2.

97 *D. Bernard. ſerm.*1. *in Aſſumpt. ad fin.*

98 *Cant.*1.1. Oſculetur me oſculo oris ſui.

levantada em honra, & objecto da mayor veneraçaõ depois de Deos; & em ſi meſma a mais feliz que ſe podia imaginar; pois alli foy chea de claridade de gloria: illuſtrada da viſaõ beatifica: abſorta em fruiçaõ Divina: engrandecida com a familiaridade de Deos: ſublimada ao conhecimento de ſuas perfeyçõeſ, & dos ineffaveis myſterios da *Trindade Sãtiſſima*, com mayor excellencia, & experiencia que todos os mais bemaventurados. Se naõ ſe vio, nẽ ſe imaginou (como encarece S. Paulo 99) a gloria q̃ Deos tem preparada para os q̃ o amaõ: qual ſerà a q̃ tinha preparada para a *Mãy* q̃ o gerou, & o amou mais q̃ todos? 100 Renaſceo com novos rayos o Oriente do Sol Divino q̃ parecéra haverſe eſcurecido com a nuvem da morte; trasladouſe ao Empyreo o Paraiſo do novo Adam, em que revogada a antiga ſentença, 101 ſe concedeo comer da arvore da vida; deſcançou a Pomba innocente, acabando o diluvio dos trabalhos; 102 collocouſe em tabernaculo eterno a Arca viva de Deos com a mayor feſtividade do ſoberano David; 103 & diſſe hum Anjo a S. Brigida, 104 q̃ como huma rica ſala, com pavimento de pedras precioſas, paredes de pinturas finiſſimas, tecto de ouro, & toda perfeytiſſima; em quanto a janellas ſechadas, os rayos do Sol a naõ clarificaõ, tem ſua fermoſura encuberta: aſſim ſe naõ viaõ perfeytamente as ſoberanas excellencias da *Virgem Mãy*, em quanto ſua alma precioſiſſima eſtava encerrada no corpo mortal; mas já deſcuberta ao reſplandor do Sol Divino, ſe vio claramente ſua belleza ineffavel; todos os Bemaventurados a acclamáraõ com louvores, engrandecendo a Deos q̃ tal a creàra.

99 *Paul.1.ad Corinth.2.9.*

100 *Ita D.Bernard.ſup.*

101 *Geneſ.3 12.*
101 *Geneſ.8.22.*

103 *2.Reg.6.*
104 *Reveiaç. de S. Brigid. in ſerm.Angel.c.20.*

21 Alguns Authores 105 cuydaõ piamente que neſte dia foraõ livres todas as almas do Purgatorio, & levadas ao Ceo para q̃ goſtaſſem deſte triũfo; pois nas entradas de Rainhas, & ainda em menos ſolemnes feſtas, uſaõ os Reys da terra eſta liberalidade.

105 *Cum Gerſon.ſup.Cant.Magnificat.*

22 Tal foy o triunfo com que entrou no Ceo a *Reparadora de Eva*; & tal o acompanhamento, diz Richelio, 106 que mereceo pela doloroſa prociſſaõ em que foy acompanhando a ſeu Filho ao Calvario. Triunfo, em que Saõ Pedro Damiaõ 107 (captando reverente venia) acha mais glorioſa ſolemnidade, que no da Aſcenſaõ de *Chriſto*; porque entaõ ſó puderaõ ſahir os Anjos a receber o *Senhor*; agora ſahio tambem o meſmo *Senhor*, & com os Anjos as almas bemaventuradas dos Santos que jà habitaõ a Corte do Ceo; & aſſim diſſe outro varaõ devoto 108 que aquelle triunfo fora mais poderoſo na mageſtade, eſte mais ſolemne na pompa.

106 *Richel.de laud.Virg.l 4.c.11.*

107 *S.Petr.Damian ſupr. In idem S. Anſelm l.de Excel. Virg. c.7.Guerric.Abb.ſer.2. de Aſſumpt.*

108 *Bernard.de Buſt.ſerm. 1. de Aſſumpt.*

CAPITULO LXXII.

Coroaçaõ da Rainha dos Ceos.

1 REſtava coroar por Rainha a Eſpoſa do Summo Rey; & o meſmo Rey a coroou por ſua mãõ. 1

1 *S.Ildephonſ.ſerm. de Aſſumpt. ad med.*

Tres

Tres vezes eſtava chamada nos Cantares à coroa, 2 porque as tres Peſſoas da *Trindade Santiſſima* a haviaõ de coroar com triplicada. Com tres coroas entre nòs he coroado o Emperador da terra. A primeyra recebe em Aquiſgran, Cidade de Alemanha, da mão do Arcebiſpo de Colonia; & he de ferro, ſignificando a fortaleza, com que ha de vencer os inimigos da Igreja; a ſegunda em Italia, da mão do Arcebiſpo de Milaõ, & he de prata, ſignificadora de que ha de ſer puro na vida, & reſplandecente nas obras; a terceyra em Roma da mão do Summo Pontifice, & he de ouro, em ſignificaçaõ de q̃ deve exceder aos mais Principes, quanto o ouro ſe aventaja aos outros metaes. 3 Accommodando noſſo limitado juizo a eſte pequeno exemplo, outras tres coroas erão devidas à *Senhora*, como a Emperatriz no poder abſoluto, & univerſal. A primeyra, de fortaleza, lhe pudèra pòr o *Eſpirito Santo*, pela vitoria que alcançou da ſerpente; a ſegunda, de Pureza, o *Filho*, por ſer a mais pura, & de mais claras acçoens; a terceyra de ouro, o *Padre* pela ſuperioridade que lhe concedeo em todas as creaturas.

2 Porém, por ſer a dignidade Imperial electiva, & introduzida pelos Romanos como diminutiva de Real, pelo odio q̃ tinhaõ aos Reys, foy a *Senhora* coroada como Rainha; dignidade ſuprema, & da natureza, q̃ goza por communicação, 4 aſſim como *Chriſto* he chamado Rey; mas as tres Peſſoas Divinas a coroárão, & com hũa coroa das excellencias das tres; conciliando aſſim as mayores prerogativas de ambas as dignidades.

3 Ajoelhada a *Virgem* no acatamento da *Trindade Santiſſima*, no modo em que a pinta a Igreja, foy por ella coroada com aquelle diadema ſoberano, cujos remates ſe guarnecêrão (como com pedras precioſas) de muytas aureolas correſpondentes às inſignes virtudes, em que ſe ſinalára, & a todas as de todos os Santos: de Fé, como Patriarca: de Eſperança, como Profeta: de Zelo, como Apoſtolo: de Conſtancia, como Martyr: de Temperança, como Confeſſor: de Caſtidade, como Virgem: de Fecundidade, como caſada: de Pureza, como Anjo; & tudo em gráo de mayor eminencia, & enchente, como diſſe o Eccleſiaſtico. 5 E a ſi tambem dos gozos particulares que merecêra; de que os principaes eraõ os de que ſe compoem a reza da ſua Coroa ſagrada: o da conſideração da mercè que o *Eterno Pay* lhe fizera em a eſcolher para *Mãy* de ſeu *Filho*; o da Annunciaçaõ, o do Naſcimento, o da Adoração dos Magos; o de quando achou o *Menino* no Templo, o da Reſurreyção, & o que tinha vendo-o no Ceo.

4 Coroada a collocou o *Senhor* veſtida de ouro, como tinha dito David, 6 (q̃ quer dizer gloria 7) à ſua mão direyta; ou em ſeu meſmo throno, como eſcrevem alguns Doutores; 8 ou em outro muyto chegado, 9 como o em que Salamão aſſentou ſua mãy, 10 pois ella no Mundo lhe deu o melhor lugar, que era ſeu ventre ſagrado, elle no Ceo lhe devia throno Real. 11

2 *Cant.* 4. 8 Veni de Libano, ſpõe ſa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.

3 *Gloſſa in Clement. Roman. Principis de Jurejur. in verſ. Porrò, verb. veſtigiis.*

4 *D. Bernardin. Senenſ. tom. 1. ſerm. 61. c. 3.*

5 *Eccleſiaſt.* 14 16. Et in plenitudine Sanctorum detentio mea *Explicat S. Bonaventura, opuſcul. de Laud. Virg. c. 7. Idiota de Laudib. Virg. Mar.*

6 *Pſalm* 34. *x.* 10. Aſſiſtit Regina à dextris tuis in vestitu deaurato.

7 *P. Fr. Joſ. de Jeſu Mar. hiſt. da Virg. l. 3. c. 10. n. 11.*

8 *Ex D. Agiſterm. de Aſſumpt. ante med. Albert. Magn. ſup. Miſſus eſt, c. 190. poſt med.*

9 *P. Fr. Joſeph d. l. 5. c. 28. n. 3. Benedict. Ferdinand. in 2. Gen. ſect. 10. n. 8. Laiè Carthag. de are. Dip. l. 14 hom. 14. ex verſ. Verum dicet. Vide in 1. p. c. 1. n. 2.*

10 3 *Reg.* 2. 19.

11 *D. Bern. ſerm. 1. de Aſſumpt. poſt med.* Nec in terris locus dignior uteri virginalis templo in quo Filium Dei Maria ſuſcepit; nec in Cœlis Regalis ſolio, in quo Mariam hodie Mariæ Filius ſublimavit.

5 Alli lhe forão render obediencia os Eſtados do Reyno do Ceo, por ſuas precedencias. Da *Jerarquia primeyra*, o Serafim que tem o Principado dos mais, & por conſeguinte de todos os Eſpiritos Celeſtes, em nome de todos lhe deu vaſſallagem. Depois todas as Ordens em particular. Os *Serafins* aſſim chamados, porque ſe abrazaõ em amor Divino, como mais chegados a elle, 12 a reconhecèraõ por Serafim ſupremo na caridade, & Divino amor. Os *Querubins*, que he o meſmo que enchente de ſciencia de Deos, por ſerem como canaes della, 13 a reconhecèraõ por aquella que mais profundamente penetrava a ſabedoria do Altiſſimo. Os *Thronos*, que tem o nome de ſuſtentarem o de Deos, 14 a reconhecèraõ por throno, em que o *Senhor* havia reſidido por modo mais glorioſo, para julgar por juſtiça, & miſericordia.

12 *D. Iſidor l. 7. Etymol.*

13 *D. Gregor. hom. 3. in Euang. ante med.*

14 *D. Iſidor. ſup.*

6 Da ſegunda Jerarquia, as *Dominaçoens*, cujo miniſterio he preſidir, & dominar aos Eſpiritos inferiores, 15 a reconhecèraõ preſidente, & dominante a todos os Eſpiritos do Ceo, & ſe profeſſáraõ miniſtros ſeus. As *Virtudes*, cujo officio he fazer prodigios, & milagres, 16 a reconhecèraõ por mar de obras prodigioſas, & milagroſas, a cuja viſta era pequena ſombra tudo o que podiaõ obrar. As *Poteſtades*, que reprimem o poder dos Demonios, 17 a reconhecèraõ mais poderoſa contra elles.

15 *Idem Iſidor. ibi.*

16 *D Bernard. l. 6. de Conſider.*

17 *Iſidor. ſupra.*

7 Da terceyra Jerarquia os *Principados*, que amparão os Principes, & preſidem nos Reynos, 18 a reconhecèraõ mais ſoberano amparo dos Principes, & Reynos da terra, & Preſidente do Ceo. Os *Arcanjos*, guardas das Cidades, Provincias, & Naçoens, 19 a reconhecèraõ por guarda univerſal de todos. Os *Anjos*, que guardaõ os homens particulares, 20 a reconhecéraõ Protectora de todo o genero humano.

18 *P. Fr. Joſeph ſup. c. 24. n. 3. ad fin.*

19 *Gloſ ſup Iſai. 62. 6.*

20 *Pſalm. 90. v. 11.*

8 Depois das Jerarquias Angelicas chegáraõ os glorioſos eſtados da natureza humana. Os *Patriarcas* a reconhecéraõ Rainha, por gozo de ſuas eſperanças; os *Profetas*, por cumprimento de ſuas profecias; os *Apoſtolos*, que já eſtavaõ no Ceo, por Illuminadora da prègaçaõ Evangelica; 21 os *Martyres* por Protomartyr, & exemplo da paciencia, 22 os *Confeſſores* por Meſtra, que com as acçoens, & palavras os enſinára a confeſſar a Deos; 23 as *Virgens* por Inſtituidora, & guia de ſua profiſſaõ. 24

21 *Sup c. 62. n. 1. & 2.*

22 *Sup. d. c. 62. n. 4. & vide c. 48.*

23 *Sup. d. c. 62. n. 5. & 6.*

24 *Sup. c. 63.*

9 Acabado o acto da geral obediencia dos Eſtados, como na terra os Grandes no Reyno, & os mais validos do Rey, em particulares audiencias lhe vaõ beyjar a mão, & congratular do novo Principado; podemos conſiderar em eſpecial, que Saõ Gabriel, intimo, & continuo ſervidor da *Virgem*, 25 lhe repetiria muytas vezes as palavras, de que ſabia que ella mais goſtava: *Ave, chea de graça; o Senhor he com voſco.* 26 Adam, vendo a *Senhora* por companheyra na geraçaõ humana, pois elle foy pay da natureza, & ella mãy da graça, & vendo-a

huma

huma *Eva* ao revez, 27 uſando, em ſentido trocado, das palavras com que culpàra a primeyra, diria a Deos louvando a ſegunda: *Eſta mulher, que me dèſtes por companheyra, me deu da arvore*, (da Cruz;) *& comi* 28 (a ſaude;) & logo abençoando a que podia abençoallo, diria para a Virgem: *Bendita do Senhor ſois, ò filha, pois por vòs communicámos o fruto da vida.* 29 Eva (então unica mulher, que folgou de ver outra mais fermoſa, & com mais graça) ſe daria a ſi meſma os parabens de tal deſcendente, repetindo as palavras, com que ſe alegrára no naſcimento de Seth: *Deu-me Deos outra geraçaõ, em lugar da que me tinha morto Caim*, 30 entendido pelo peccado. Abraham, Iſaac, & Jacob a congratulariaõ, & a ſi meſmos, de que havendolhes Deos promettido geraçaõ como as Eſtrellas, & deſcendentes Reys, 31 a viaõ mais alta que as Eſtrellas, & Rainha univerſal da terra, & do Ceo. David em tanta felicidade repetiria: *Eis-aqui a herança do Senhor, a ſatisfaçaõ do Filho, o fruto daquelle ventre.* 32 Santa Iſabel lhe diria outra vez: *Bendita ſois entre as mulheres, & bendito o fruto do voſſo ventre.* 33 Os Santos Joaquim, Anna, & Emerenciana, pays, & avò materna 34 da *Virgem* lhe diriaõ: *Ouvi, Filha, & vede, & inclinay voſſo ouvido* (a tantas congratulaçoens glorioſas:) *O Summo Rey amou voſſa fermoſura.* 35 Todos os outros parentes, & familiares na terra a acclamariaõ como à glorioſa Judith vencedora do infernal Holofernes: *Vós ſois gloria de Jeruſalèm militante, & triunfante: ſois a alegria de Iſrael, honra de noſſa Naçaõ; que obraſtes varonilmente, & voſſo coraçaõ foy confortado, porque amaſtes a caſtidade, & naõ conheceſtes varaõ, por iſſo a mão do Senhor vos confórtou, & ſois bendita para ſempre.* 36 E a Rainha do Ceo reſponderia a todos: *Minha Alma magnifica ao Senhor, & meu eſpirito ſe alegra em Deos meu Salvador; porque olhou para a humildade de ſua eſcrava. Todas as geraçoens me chamaraõ bemaventurada, porque o todo Poderoſo, & ſeu nome ſanto obrou em mim grandezas.* 37

10 Com o Santo Joſeph ſeriaõ as congratulaçoens mais intimas. Ainda que o vinculo conjugal ſe tinha diſſolvido com a morte, permaneceo para ſempre ſua repreſentaçaõ honorifica, como a de Pay putativo de *Chriſto*; 38 & aſſim, ſendo a eſpoſa coroada, em algum modo participou o Eſpoſo da dignidade Real. Dizem muytos Santos Doutores, 39 que no Ceo (aonde eſtà tambem em corpo 40) ſe lhe deu lugar muyto chegado à *Virgem*, & perto do throno de *Chriſto*; porque aſſim como a dignidade de *Mãy*, por incommunicavel a outra creatura, tem aſſento ſuperior a todas, poſto que Angelicas: aſſim a dignidade de *Pay putativo* de *Chriſto*, não ſó na opiniaõ dos homens, mas tambem na determinaçaõ Divina, com amor, & cuydado paternal, & a de *verdadeyro Eſpoſo da Virgem*, por incommunicavel a outro Santo tem aſſento em lugar ſuperior a todos, logo depois da *Senhora*. E ſe conſórme ao que eſcreve S.

27 *Vide* 1. *p. na introducçaõ, & neſta* 2. *p. c.* 25. *à n.* 3.

28 *Geneſ.* 3 13. Mulier, quam dedisti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comedi.

29 Benedicta filia tu à Domino, quia per te fructum vitæ communicavimus.

30 *Geneſ.* 4. 25. Poſuit mihi Deus ſemen aliud pro Abel, quem occidit Cain.

31 *Geneſ.* 15. 17 *&* 26.

32 *Pſalm.* 126. *v.* 4. Ecce hæreditas Domini, filii; merces, fructus ventris.

33 *Luc.* 1 42. Benedicta tu inter mulieres, & benedictus fructus ventris tui.

34 *Vide ſupr. c.* 12. *n.* 36.

35 *Pſalm.* 44. *v.* 11. *&* 12 Audi filia, & vide, inclina autem tuam; Concupiſcet Rex decorem tuum.

36 *Judith* 15. 10.

37 *Luc.* 1. 40.

38 *P. Fr. Joſeph ſup. l.* 4. *c.* 33. *n.* 3.

39 *S. Albert. Magn. ſup Miſſus eſt c.* 190.
S. Bernardin. Sen. tom. 1. *ſerm.* 61. *de excel. Virg*
Richel l. 4 *de laud. Virg. art.* 12.

40 *Vide ſup. c.* 41. *n.* 7.

Antonino) 41 nenhum Santo em sua Ordem, & Jerarquia está solitario, & a de Saõ Joseph na communicação, só he semelhante, posto que não igual, à da *Virgem*, só com a *Virgem* communica mais. Serão logo (a nosso entender) as congratulaçoens mais continuas, recordando os trabalhos que precedêraõ àquella gloria, & agradecendo a *Senhora* ao Santo a companhia, & serviço que lhe fez nelles.

41 *S. Antonin. 4. p. Sum. tit. 15. c. 44. §. 6. in fin.*

11 Assim ficou *Maria Triunfante* reynando sobre tudo o creado, mais nobre que os Anjos pela dignidade: mais preciosa pela graça: mais illustre pela pureza; como a luz tanto he mais excellente na claridade, quanto se mostra em mais clara materia. Todos a amão, & obedecem pelo beneficio que recebem de sua vista, & contemplaçaõ, logrando suas perfeyçoens, conhecendo-a por *Mãy do Redemptor*, *& cooperadora do bem universal*; gloriando-se daquelle ornamento da Corte celeste, honrando-se de que seja creatura, & louvando a Deos, que tal a creou, & assim disse o Mellifluo Bernardo: *Com razaõ, Senhora, se convertem a ti os olhos de todas as creaturas, porque em ti, & por ti, & de ti a benigna mão do Omnipotente creou tudo o que havia creado.* 42

42 *D. Bernard. serm. 2. de Pentecost. ad med.* Merito in te respiciunt oculi totius creaturæ, quia in te, & per te, & de te, benigna manus Omnipotentis quidquid creaverat recreavit.

12 A festa desta Assumpçaõ, & Coroação triunfante, diz o Padre Soares 43 que he muy propria da *Virgem*, & com excellencia entre todas suas festas, porque representa sua gloria, premio, & triunfo; & he de tanta dignidade, que ainda que seja de direyto positivo, se funda proximamente, ou quasi necessariamente se deduz do Divino. Entende-se que foy instituida pelos Apostolos; pelo menos he certo ser antiquissima na primitiva Igreja, como consta de Homilias dos Santos Padres, principalmente Gregos. 44 O Papa Saõ Damaso Portuguez, da illustre Villa de Guimaraens, 45 com aquelle celestial acordo com que ordenou tantas cousas santas na Igreja, como foy a translaçaõ da Biblia por Saõ Jeronymo, & repartiçaõ dos Psalmos pelo mesmo Santo, para se rezarem nos dias da semana, & horas do dia, & que no fim delles se dissesse, *Gloria Patri*, *&c.* & se cantassem alternativamente a còros em toda a Igreja, como jà se fazia em algumas, por revelaçaõ que Santo Ignacio tivera de que assim cantavaõ os Anjos, & com que ordenou que no principio da Missa se dissesse a Confissaõ, & depois do Evangelho o *Credo*, aos Domingos, & alguns dias de festa; 46 com o mesmo acordo mandou que de preceyto se celebrasse esta festa santissima ao dia decimo-quinto de Agosto, 47 em que a *Senhora* passou desta vida; 48 esta antiguidade lhe dà Jacobo Palmerio; 49 & porque na observancia havia menos cuydado, a applicou depois o Emperador Mauricio, como escreve Niceforo, & declara Baronio. 50

43 *P. Suar. l. 2. de fest. c. 8.*

44 *Refert P. Anton. de Baliogbem in Ephemer sive Kalendar. Virgin. die 15 Aug. in princ.*

45 *Vascus 1. Chron. Morales l. 10. c. 40. Marieta l. 5. c. 1. Genebra d. l. 3. Chron. Onufrius, Chron. Eccles. Pontif. Breviar. Bracbar. & Ebor. in fest. S. Damasi. Vasconcel in descript. Lusitan. Britto, Monarch Lusit p. 2. l. 5. c. 27. Refert, licèt sub dubio, Dexter in Chron. ann. Chr. 366. Item Ilbesc hist. Pontif. p. 1. d. 2. c. 6. in princ. Diximus latè in Excellent. Portug. c. 9. Excel. 10. n. 6. & supr. p. 1. c. 25. n. 19.*

46 *Ilbescas supr. Vitbegos no Flos Sanct. vida de Saõ Damaso, & na de S. Gregor. Magn.*

47 *Genebrard. in Kalendar. Gaspar Estaço nas antigual. de Portug c. 14. allegando outros Authores.*

48 *Supr. c. 67. n. 13.*

49 *Palmer. in anot. ad Cyprian. Ep 34 schol 13. in fin.*

50 *Nicephor. hist. Eccles 17. c. 28. Baron. in not. Martyrol Rom. die 15. Augusti.*

DOMI-

DOMINIO SOBRE A FORTUNA, E TRIBUNAL DA RAZAM,

EM QUE SE EXAMINAM AS Felicidades, & se beatifica a vida.

ESCREVIA

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO, &c.

CAPITULO I.

Como os Antigos chamavão, pintavão, & veneravão a Fortuna.

1 HUMA Mageſtade myſterioſa, mais conhecida pelo nome, que pelo naſcimento, foy em todos os ſeculos reſpeytada com os mayores applauſos, como eſpirito das acçoens humanas, Máy dos ſucceſſos, Diſpenſeyra das couſas, Arbitra do Univerſo, Veſtigio da Omnipotencia.

2 Os Antigos a chamàraõ *Fortuna*, ou de *fortuita*, como vinda acaſo: 1 ou *fero*, como temerariamente levada: ou havendo-ſe chamado *Vortuna*, de *verto*, pela facilidade da pronunciaçaõ, 2 como ſuccedeo em muytas dicçoens.

3 Era nome commum da Proſpera, & da Adverſa; por iſſo

1 *Div. Auguſt de Civit Dei l.4. c.18 ad fin.*

2 *Polyanth. verb. Fortuna, in princ.*

iſſo à Proſpera ajuntavão o epitheto de *fors*, ou de *fortis*; 3 como ſe para ſer proſpera, foſſe neceſſario esforçarſe, porque ſó as infelicidades vem levemente. 4 Muytas vezes ſó a palavra *Fors*, tomada em ſubſtantivo, ſem ſe lhe ajuntar *Fortuna*, ſignificava a feliz. 5 Mas vulgarmente, quando dizemos *Fortuna*, entendemos a proſpera; & aſſim na lingua Latina pomos *fortunar* por felicitar: aos felices chamamos *fortunados*, & à deſgraça *infortunio*. 6

3 *Terent in Phorm.*

4 *Valer Max. l. 7. c. 1. in princip.* Eam adverſas res cupido animo infigere, ſecundas parco tributre.

5 *Teren. in Heaut.*

6 *Calepin. verbo Fortuna.*

4 Bubalo, ou Bupalo, pintor inſigne (aquelle que ſe enforcou rayvoſo de ſe ver ſatyrizado pelo Poeta Hypponas, em vingança de o haver pintado ridiculo 7) foy o primeyro que pintou ſua imagem com hum globo na cabeça, como que ſeu juizo governava o Mundo, & na mão a cornucopia de Amalthéa pela abundancia que repartia. Depois a repreſentárão huns com o meſmo vaſo em huma mão, & na outra dous lemes, com que regia para o bem, & para o mal. Outros, como mulher furioſa, & ſem olhos, ſobre hum penedo rotundo, pelo furor, & cegueyra com que inconſtante, & com dureza roda. Muytos a eſculpirão ſem pès, ſó com mãos, & azas; porque tal vez não caminha, mas voa com males, ou com bens. Alguns a figurárão de vidro, por quebradiça. Tambem lhe derão fórma viril com barbas, moſtrando-a digna de reſpeyto. 8 Entre todos ſeus ſimulacros ſe teve pelo de mayor engenho hum, que eſteve junto do Orontes, rio que divide Syria de Antioquia, feyto pelo famoſo Eſtatuario Euticlides natural de Sicyon, Cidade no Peloponneſo; & o mais celebre em muytos ſeculos eſteve em Athenas no lugar chamado Prytanéo, em que ſe ajuntavão os Magiſtrados. 9

7 *Horat. in Epod.*

8 *Met ex D. Aug. d. l. 4. c. 11. ad med. Alex. Ab Alex genial. dier. l. 1. c. 13. Hered in Tribun. Plis. c. 7. ad med. verſ. Thebanus.*

9 *Conrad. Geſner. in Onomaſtic. propr. nom. verb. Prytancum.*

5 Foy coſtume porſe ſua imagem de ouro em qualquer deſtas maneyras, como couſa ſagrada, nas cameras dos Emperadores, paſſando ſe por morte de hum ao que lhe ſuccedia; 10 para que a lembrança de ſua variedade o perſuadiſſe a uſar bem da fortuna em que ſe achava.

10 *Alex. ab Alex. ſupra.*

6 Só Epicuro 11 lhe negou divindade, dizendo que os Deoſes não obravão inſtavel, & temerariamente. Mas de quaſi todos era venerada por Deoſa, & com mayor culto pelos Syrios, não ſó a proſpera, mas tambem 12 a adverſa; porque os antigos tambem veneravão as couſas nocivas, para que lhes não fizeſſem mal. 13 Imaginavão, que ella repartia os ſucceſſos, que influhia, como a Lua, em todas as couſas; por iſſo Macrobio a fez pintar na fórma de Lua; & Pindaro lhe chamou a mayor das Parcas por ſua grande força. 14 O famoſo Athenienſe Pericles, eſtando para morrer, & ouvindo que os circunſtantes ſentindo ſua falta, louvavão ſeus grandes feytos, lhes diſſe que elle não merecia louvor, porque tudo havia ſido obra da Fortuna; 15 confiſſaõ naquella hora digna de humildade Chriſtã, ſe em

11 *Epicur. apud Laert. de vit. Philoſopher. l. 10.*

12 *D. Auguſt. cap. 18. Alex. ab Alex d. c. 13 ad fin. Juvenal Satyr. 10.*

Sed te
Nos facimus Fortuna Deam (Cœlaque locamus.

13 *Diſſemos no trat Eva, & Ave p. 2. c. 6. n. 5.*

14 *Heredia ſuprà.*

15 *Plutarch. in Pericl. in fi.*

lugar

lugar de *Fortuna*, diſſera que, havia ſido obrado por Deos.

7 Gentilicamante obſervavão que caſtigava os que lhe erão ingratos. E aſſim diſſerão que o illuſtre Athenienſe Timotheo, a quem por glorioſos feytos ſe levantou Eſtatua quando venceo os Lacedemonios, ſó ſe vira infelizmente vencido, & em deſterro, depois que começou a jactarſe de que tudo devia á ſua induſtria, & valor, & nada á *Fortuna*. O que elle dizia por deſmentir ſeus emulos, que o pintavaõ dormindo, & a *Fortuna* junto delle metendo-lhe em huma rede os bons ſucceſſos. Ao que tambem reſpondia: *Se eu dormindo conquiſto Cidades, que farey vigiando?* 16 Diſſerão tambem que ao Emperador Galba, que tirou hum colar de ouro á *Fortuna* Tuſculana, & o poz na Venus do Capitolio, ſe repreſentára em ſonhos a meſma *Fortuna* queyxando-ſe, & ameaçando-o, que ella tambem lhe tiraria o que lhe tinha dado, como ſuccedeu, morrendo elle brevemente. 17

16 *Suidas in Timoth. Alex. ab Alex. d.c.13. poſt med. Texior in epiſicin. tom.2. tit. Fortunati.*

17 *Sueton. in Galb. c.18.*

8 Por iſto a huma, & outra *Fortuna* ſe dedicavão templos. Entre os Romanos ſeu quarto Rey Anco Marcio levantou o primeyro, figurando-a em ſexo viril, fóra da Cidade junto do rio Tibre, no qual as mulheres, que havião de caſar, cuberto todo o corpo, hiaõ deſcobrindo cada membro, para ſe ver ſe tinhaõ deformidade, 18 & ſe evitarem enganos. Servio Tullio, Rey ſexto, edificou outro, que largo tempo ſe conſervou com titulo de *Fortuna parva*; póde ſer que em memoria da pequena, & bayxa fortuna, de que, ſendo filho de huma eſcrava, 19 ſubio á dignidade Real. E depois elle meſmo, & outros varoens grandes levantárão muytos com diverſos cognomes por varias cauſas, como foy o que na Via Latina, quatro milhas de Roma, ſe fez á *Fortuna Muliebre* no lugar, em que a máy de Coriolano alcançou delle com lagrimas que não deſtruiſſe Roma, ao que, com o Exercito dos Bloſcos, vinha determinado em vingança dos aggravos que recebèra do povo. 20 E o que o Conſul Carviſio fabricou no Capitolio em graças do Triunfo, que ſe lhe concedeu, vencendo os Veyos, & trazendo muyta quantidade de ouro; & outros que aponta curioſamente Alexander ab Alexandro. 21

18 *Alex. ab Alex. d.c.13. poſt princ.*

19 *Tit. Liv. Decad. 1. l. 1.*

20 *Liv. Decad. 1.*

21 *Alex. ab Alex. d.c.13.*

9 Alguns daquelles templos erão particularmente deſtinados para devotos de certo eſtado; como o templo da *Fortuna Equeſtre*, era dos Cavalleyros Romanos; 22 & tambem deſtinados para deprecaçoens certas; como o da *Fortuna barbada*, em que ſe pedia que dèſſe barba aos moços ja creſcidos para os authorizar. 23 Hoje, que os velhos ſe rapão, ſe pediria o contrario.

22 *Tacit. Annal l.3. prope fin.*

23 *D. Aug. d.l.4.c.11 ante med.*

10 Em muytos daquelles templos fallava o Demonio pelo Idolo, a que chamavaõ Oraculo. 24 O que mais vezes ſuccedia no da *Fortuna Muliebre*, 25 que acima diſſemos; & no de Preneſte, em que ſe lançavaõ as ſortes, de que diremos no capitulo ſeguinte.

24 *D. Auguſt. Jup. c.19.*

25 *Alex ab Alex d.c.1, poſt princ.*

CAPITULO II.

Que couſa he Fortuna; *trata-ſe do* Acalo, Sorte, & Fado.

1 TAl culto dava a Gentilidade ao que ignorava, os meſmos que logravaõ a *Fortuna*, a não conheciaõ; os que mais inveſtigavão, achavão as ribeyras, mas não a fonte daquelle Nilo.

1 *Tullius l.2. de Divinat.*

2 Marco Tullio 1 a equivocou com o *acaſo*; porèm o *acaſo* he mais geral; porque, ainda que tudo o que procedia da *Fortuna*, (entendida a ſeu modo) foſſe *acaſo*, com tudo nem todo o *acaſo* podia ſer procedido da *Fortuna*. Porque em boa Filoſofia 2 o *acaſo* vem do que ſe faz ſimplezmente por cauſa de algum extrinſeco: o ſucceſſo da *Fortuna* vem do que ſe obrou com propoſito; & aſſim o *acaſo* ſe dà nos irracionaes, & meninos ſem diſcrição: a *Fortuna* ſó nos que uſaõ de juizo. Fallo ethnicamente; que na verdade Chriſtã todo o *acaſo* procede da diſpoſiçaõ Divina: pareceu acaſo cegar o velho Tobias do que do ninho das andorinhas lhe cahio nos olhos; & foy particular vontade de Deos, para dar exemplo de paciencia, como tinha dado Job; & para comprovar ſua virtude, aſſim o declara a Eſcritura Sagrada, & o Anjo lho diſſe depois. 3

2 *Ex Ariſtot. 2. Phyſic.*

3 *Tob. 2. 11. & 12. & c. 12. 13.*

3 Outros, como ſe moſtra do que eſcreveu Varrão, 4 cuydárão que *Fortuna* he o meſmo que *ſorte*. Pelo que Numerio Fuſſio as fez ſolemnizar no templo de Preneſte Cidade de Italia, o qual Lucio Sylla fez lagear de excellentes pedras, 5 & nelle era a *Fortuna* venerada em figura de duas irmãs, que repreſentavaõ as *ſortes*. 6 Mas enganàraõ-ſe. Porque *ſorte* propriamente era 7 a que lançavaõ com caractères, & ſuperſtiçoens, para que do que nellas ſahiſſe ſe vieſſe em conhecimento de alguma couſa occulta. Taes erão as que ſe celebravão em Preneſte. Chamavão-ſe *divinatorias*, & ſe tinhaõ por Oraculos, 8 porque algumas vezes reſpondião nellas os demonios. Eſtas nada tinhaõ de *Fortuna*, pois naõ davaõ, nem tiravão: ſó (naquella reputaçaõ errada) moſtravão o que jà tinha ſido, ou havia de ſer.

4 *Varro de ling. Latin.*

5 *Plin. nat. Hiſt. l. 36. c. 15.*

6 *Tull. ſupra Statius Sylvar. l. 1*

Et Prænestinæ poterant migrare ſorores.

Lucan. lib. 2.

Vidit Fortuna colonos.
Prænestina ſuos.

7 *D. Thom. 2. 2. q. 95.*

8 *Alex. ab Alex. Geneal. l. 1. c. 13. ad fin.*

4 Haviaõ outras, como as que hoje lançamos por eſcritos, ou por favas em vaſos; as de jogo de dados, & modos ſemelhantes, porque ſahem deſignadas eleyçoens, ou os que hão de obrar em alguma occaſiaõ; ou a quem ſe ha de dar, ou tirar alguma couſa. Uſavaõ-ſe nos exercitos para decidir as competencias dos Capitães ſobre os lugares na marcha, ou na peleja; foraõ celebres nos jogos Olympicos, lançando-ſe em vaſos eſcritos com letras diverſas: & os dous Athletas, que ti-

ravão

ravaõ eſcritos da meſma letra, combatiaõ ambos. Por ellas ſe ſinalavão de entre os Magiſtrados a quem havia de julgar as cauſas, por ſe tirar eſcrupulo aos litigantes, de que foſſem alguns eſcolhidos pela parte contraria; 9 por iſto Virgilio 10 chamou ao juizo *ſorte*; & tambem he ſorte bem duvidoſa, porque a juſtiça mais clara eſtá jogada a tombo de dados no juizo dos homens. Nas letras Sagradas as mandava Deos lançar para partilhas, & couſas que ſe haviaõ de fazer. 11 O Direyto Civil manda uſar dellas em alguns caſos. 12 O Canonico as prohibe totalmente nas eleyçoens; 13 em outras materias as approva, & reprova variamente por razoens largas para eſte lugar; nos Textos com ſuas gloſas, & em Santo Thomàs ſe pòde iſto ver. 14 Daquelle coſtume naſceu chamarſe *ſorte* ao quinhão, que coube a alguem em partilhas; & ao officio, ou eſtado que cada hum tem; 15 & à geraçaõ, & qualidade do ſangue, 16 como lhe coube por ſorte. As ordenadas por Deos nada tinhão de *Fortuna*, o Senhor as guiava. Das outras confeſſou Marco Tullio 17 que erão temerarias, caſuaes, & ſem razaõ; porèm Salamaõ diſſe melhor, que ſempre ſahião temperadas pela Providencia Divina. 18 Mas ſe quizeſſemos attribuir o ſucceſſo a obra da *Fortuna*, já ſe vè que elle não he *Fortuna*, mas effeyto della; taõ differentes, como o effeyto da cauſa; & aſſim ainda ficamos na meſma queſtaõ de que couſa ſeja *Fortuna*.

5 Alguns a conſiderárão *Fado*, quando lhe derão epitheto de *Fatal*. 19 Mas tem alguma differença. Porque (deyxadas opinioens de Ethnicos 20) *Fado* na doutrina das duas luzes da Igreja Santo Agoſtinho, & Santo Thomàs, 21 he a diſpoſiçaõ, & Providencia Divina, que por ſuas ordens antevé os ſucceſſos, conſervando nos actos humanos o livre alvedrio, que contribue para elles. Tomouſe no Latim o nome *Fatum* de fallado, ou dito por Deos, que prevendo tudo, fallou por huma vez, como diſſe David, 22 o que por aquellas ordens havia de ſucceder. E aſſim a ſignificaçaõ de *Fado* ſe accommoda melhor ao ſucceſſo; & porèm a *Fortuna* he a cauſa no ſentido, que himos ſeguindo.

6 Regeytados os ſobreditos erros, & fallando na razão meramente natural, a *Fortuna* Catholica ſe pòde definir: 23 que he *huma cauſa accidental, & occulta dos acontecimentos ſubitos, & inopinados, que poderiaõ ſucceder de outra maneyra*. He *cauſa*, porque aquelles acontecimentos naõ vem acaſo, mas tem aquella cauſa do que ſe obrou com propoſito, & fim. He *accidental*, porque aquelles acontecimentos tem outra cauſa ſubſtancial, & ſuperior, que he Deos. He *occulta*, porque à primeyra face naõ ſe conhece. Elles ſaõ *ſubitos, & inopinados*, porque não ſe eſperavaõ, não ſendo conhecida eſſa cauſa, de que havião de proceder. Declara-ſe em algum modo com eſte exemplo. Hum ſenhor mandou hum criado a hum lugar ſobre

9 *Ex Alex. ab Alex. ſup. l. 4. c. 5. ad med. & l. 5. c. 2. ad fin. & c. 8. poſt prin.*.

10 *Virgil. Æneid 6.*
Nec verò hæ ſine ſorte datæ ſine judice ſedes.

11 *Levit. 16. 8. Numer. 26. 55. Joſue 17. & ſequentib. Luc. 1. 19. Act. 1. 26. & alibi.*

12 *In l. Sed cùm ambo 14. ff. de judic. ubi gloſſ.*

13 *In c. ult. de Sortileg. ubi bona, gloſſ. final.*

14 *In decreto Gratian. Cauſ. 26. D. Thom. ſuprà.*

15 *Calepin. verb. Sors.*

16 *Ovid. Faſtor 6.* Si genus aſpiciur, Saturnum prima parentem Feci. Saturni ſors ego prima fui.

17 *Tul. 2. de Divinat.*

18 *Proverb. 16. 33.* Sortes mittuntur in ſinum, ſed à Domino temperantur.

19 *Tul. in orat pro P. Lent.*

20 *Apud Tul. in lib. de Fato, & 2. de Divinat.*

21 *D. Auguſt. de Civ. Dei l. 5. c. 1. 9. & 10. D. Thom. p. 1. q. 116. & l. 3. contra Gent. c. 93. Lypſ. de Conſtant. l. 1. c. 17. & ſeqq.*

22 *Pſalm. 61. 12.* Semel loquutus eſt Deus. *Sic D. Aug. d. c. 9, Lypſ. ſup. c. 19. in princ.*

23 *Ex Ariſtot. 2. Phyſicor. Marc. Tul. 2. de Divinat. Lactant. de falſ. ſap. c. 29.*

ſobre hum negocio; & mandou outro ao meſmo lugar ſobre o meſmo, (ſem que hum ſoubeſſe do outro) para que là ſe ajuntaſſem. Encontráraõ-ſe os criados no meſmo lugar; a reſpeyto delles he acaſo, & o tem por *Fortuna*; porèm a reſpeyto do Senhor foy cuydado, & feyto de propoſito. Aſſim os ſucceſſos dos homens a ſeu reſpeyto ſaõ da *Fortuna*, porque elles os não cuydárão; mas na verdade forão ordenados por Deos para os fins occultos, que teve. Toda a definiçaõ (como diſſe o Juriſconſulto Javoleno 24) tem o perigo de naõ ſer adequada; a ſobredita parece toleravel, & comprehende as eſperanças da proſpera, & da adverſa *Fortuna*.

24 *In l. Omnis definitio 202 ff de regul. Jur.*

7 Hum moderno douto Eſcritor Medico 25 conſiderou duas eſpecies de *Fortuna*; huma naſcida com o homem, a que com incerteza aſſina as cauſas; outra adquirida pelo modo, com que cada hum ſe rege. Diz que eſta ſe naõ póde definir, porque pende, & ſe termina com differença conforme as acçoens; & que aquella he huma virtude natural, que merece felicidade; & hum habito de obrar felizmente, encaminhado ao fim da meſma felicidade; cujo movimento tem principio na Divina Providencia, que obra por cauſas ſegundas, com ordem ao livre arbitrio, & perfeyçaõ do Univerſo. Eſta doutrina, poſto que em ſi contenha verdade, he com termos menos claros para os menos Filoſofos. E em effeyto quaſi deyxa huma ſó eſpecie de *Fortuna*, que he a adquirida; pois vem a remetter tudo às obras (ſe bem para ellas requeyra bom natural, o qual ſe requere para todas as couſas.) E neſte ſentido, que pede obras, & diligencias de noſſa parte, fallamos no tratado preſente, como abayxo diremos. 26

25 *Gaſpur Caldera de Heredia in Tribun. polit c. 7. ad med ver. His ergo.*

26 *Infra cap. 10.*

CAPITULO III.

Como, & porque os homens deſejão naturalmente boa Fortuna.

1 TOdas as couſas naturalmente buſcaõ fim certo por centro de ſua perfeyçaõ; 1 as inſenſiveis, ſem que apprehendão, & as ſenſiveis irracionaes, apprehendendo, ſaõ levadas pela natureza inſtrumento de ſeu Author. O homem vay por livre arbitrio, faculdade de razaõ, & vontade, que o faz ſenhor de ſuas acçoens. He certo em Filoſofia que todas as que procedem de alguma potencia, ſaõ cauſadas della conforme à razaõ de ſeu objecto. O objecto da vontade he o bem, & *felicidade* propria, que todos deſejaõ; logo todas as acçoens humanas ſe encaminhaõ a eſte fim por intenção primeyra. 2 Quando o homem obra em ſeu damno, engana-ſe a vontade, abraçando-o, que então lhe parece que he bem, & he ſó apparente. Como naõ tem luz propria, que a en-

1 *Ex Ariſt. 2. Phyſic. max. c. 2.*

2 *Explicat D. Thom. 1. 2. q. 1.*

a encaminhe ao que deseja, a busca no entendimento, que lha deve ministrar, & como este só percebe por meyo dos sentidos, que a corrupçaõ do peccado lhe fez infieis, elle enganado a engana, & assim segue ella o mal, sendo sua tençaõ natural buscar o bem. 3

2 Para alcançar o bem se deseja naturalmente boa *Fortuna*, como meyo para elle. Porque os Antigos cegos na Religiaõ cuydavaõ que a *Fortuna* era mãy do bem, & do mal, como acima dissemos. 4 Alguns tinhaõ a prospera pela mesma *felicidade*, entendendo que eraõ synonimos. Outros as diversificavão, como mãy, & filha, & todos levantavaõ tambem à *felicidade* altares, tomada, ou por huma, ou por outra maneyra. E posto que a verdade Catholica tem mostrado aquelle erro, como abayxo 5 veremos; ainda hoje com sentido Christão se equivoca *Felicidade* com *boa Fortuna*; & *Infelicidade* com *mà Fortuna*, & assim desejamos naturalmente *boa Fortuna* por nosso bem, & *Felicidade*.

3 Desejamos esta boa *Fortuna* como summo bem, porque este desejo em commum he natural, que todos alcançamos; mas nem todos sabemos aonde a havemos de buscar, & achar, porque isto pede mais discurso. Assim fica frustrado nosso desejo. Os Capitulos seguintes o dirão.

3 *Diximus latiùs in tract. Eve & Ave p. 1. c. 32.*

4 *Supra c. 1. n. 6.*

5 *Infra c. 10. n. 3. & 4.*

CAPITULO IV.

Varias opinioens sobre o em que consiste a felicidade da Fortuna.

1 TOdos desejão o bem da *Felicidade*, como dissemos, mas poucos sabem o em que ella consiste. 1 Porque a Natureza dispenseyra dos favores do Ceo, he tão liberal nas graças, com que adorna suas producçoens, procurando agrado universal; que o homem affeyçoado à belleza de todas, suspende a eleyçaõ fluctuando na variedade attractiva de cada huma, que com artificio natural se aposta a vencer o coraçaõ humano, facil presa a quem o sabe lisongear.

1 *D. August ser. 20. de Sanct.* Omnis homo gaudere desiderat; sed non omnes ibi quærunt gaudium, ubi oportet inquiri.

2 David 2 ostentou a *Felicidade* nos Imperios, & dignidades altas quando chamou aos Principes, Deoses da terra. He summa perfeyçaõ ser apto para reger outros homens; como a servidão he a mayor miseria, o mandar he a mayor *Felicidade*. Escusaõ-nos de outras provas as vozes da artelharia, que as clamaõ a nossos ouvidos, & o sangue com que as espadas as escrevem a nossos olhos. Julio Cesar repetia sempre aquelles versos, em que Euripides 3 disse que, se se havia de violar o direyto, fosse para alcançar Imperio; que o uso da justiça, & piedade só era para outras cousas.

2 *Psal. 81. 6.* Ego dixi: Dii estis;

3 Salamaõ parece que a poz na boa fama quando enfinou,

3 *Sueton. in Jul. Cæsar. cap. 30.* Nam, si violandum est jus, Imperii gratiâ violandum est; aliis rebus pietatem colas.

nou, que ſe procuraſſe, porque valia mais que todos os theſouro ; 4 & he qualidade propria do bem 5 no ſer diffuſiva de ſi meſma. Quem a não eſtima, deſpreza as virtudes, 6 pois ſem ella reſplandecem menos. 7 E aſſim por ella trabalháraõ todos os homens, que ſe prezárão de grandes, chegando Nembrod a querer com a ſua torre tocar o Ceo. 8 Julio Ceſar, vendo em Cadis a imagem de Alexandre Magno, gemeo de ter obrado pouco na idade, em que Alexandre tinha conquiſtado o Mundo, & alcançado o mayor nome. 9 Atè a que infama, antepoz Heroſtrato à vida, queymando o famoſo templo de Diana em Eſeſo, para ſe eternizar. 10

4 O Eccleſiaſtico 11 a conſiderou na ſaude amada ſobre todas as couſas, porque he o meyo de viver. Pyrrho famoſo Rey dos Epirotas quando ſacrificava, ſó pedia aos Deoſes ſaude. 12 He ſó a deprecaçaõ que em todas as cartas ſe faz a Deos para os amigos; a qual introduzida por Pythagoras ſe approva geralmente ha tantos ſeculos.

5 Sócrates 13 dizia, que naõ havia mais que hum bem, que era a ſciencia, nem mais que hum mal, que era a inſciencia. A ſciencia he participada de Deos: he qualidade propria, não herdada: felicita a Alma, que he a parte mais nobre: aventaja muyto huns homens a outros homens; pelo que Salamão 14 diſſe que he a couſa mais precioſa, & que nenhuma das que ſe deſejaõ, ſe lhe pòde comparar; & aſſim offerecendo-lhe Deos o que pediſſe, pedio ſabedoria, & o Senhor approvou ſua eleyção. 15 Pelo contrario (dizia Ariſton 16) nem ao doente aproveyta o leyto dourado, nem ao ignorante a felicidade exterior.

6 O Filoſofo Simonides 17 conſtituhia a *Felicidade* nas riquezas: Creſſo Rey dos Lydas cuydava que pelas que poſſuhia, era o mais feliz dos mortaes. 18 Fiadoras de todos os bens as chamou Ariſtoteles. 19 O Eccleſiaſtes diz que tudo lhes obedece; 20 & Horacio, que o que as ajuntar, ſerà nobre, forte, juſto, ſabio, & Rey; 21 bom teſtemunho nos dà a experiencia.

7 Ariſtoteles 22 affirma que o mayor bem de todos ſaõ as honras. Aſſemelhaõ a Deos, a quem ſó ſe devem; 23 & aſſim por alcançallas arriſcaõ os homens tudo, ainda a Alma, & chegão a commetter deſatinos. Nabucodonoſor na ſua eſtatua, 24 & varios Gentios ſe fizerão adorar como Deoſes. Safon, ou Hannon Carthaginez, 25 & Aſefas Rey de Lydia 26 enſinárão aves aos appellidarem Deoſes, para que os ruſticos ouvindo-as no campo, fizeſſem o meſmo: & com invençaõ mais viſtoſa Sapôr Rey dos Perſas poz em hum lugar muyto alto hũa maquina redonda de vidro ſobre certo artificio, que repreſentava o Sol, Lua, & Eſtrellas, ſahindo debayxo de ſeus pès, com que ſe figurava Deos. 27 Outros, de que abayxo 28 faremos menção, intentáraõ o meſmo.

8 Epi-

4 *Prov.* 22. 1. *Eccleſiaſtic.* 41. 15.
5 *D. Dionyſ. de divin. nomin. c.* 4
6 *Tacit. Annal* 4. Contempta famâ contemnuntur virtutes.
7 *D. Hieronym ſup. illud Matth.* 4. *Abiit opinio ejus*: Opera talotis ſunt famâ boni odoris non ſatis lucent.
8 *Geneſ.* 11. 4. Celebremus nomen noſtrum.
9 *Sueton. ſup. c.* 7.
10 *Strabo l.* 14.
11 *Eccleſiaſtic.* 30 12. & 16.
12 *Textor in Officin. pag.* 1. *tit. vota homin.*
13 *Socrat. apud Laert. de Philoſoph lib.* 2.
14 *Proverb.* 3. 14 & 15.
15 3. *Reg.* 3.
16 *Refert Stob. ſerm.* 101.
17 *Simonid. apud Eraſm.* 6. *apopht.*
18 *Refert Herodotides Craſſ. l.* 1.
19 *Ariſt. l.* 3. *Ethic. cap.*
20 *Eccleſiaſtic.* 10 9. Pecuniæ obediunt omnia.
21 *Horat. l.* 2. *ſerm. Sat.* 10.
22 *Ariſt.* 1. *Rhet. c.* 6. & 9.
23 *D. Paul.* 1. *ad Timoth.* 17.
24 *Daniel* 3.
25 *Mariana hiſt. Hiſpan. l.* 1. *c.* 20. *in fin.*
26 *Diogo de Funes hiſt. de aves lib.* 1. *c.* 41 *in fin.*
27 *Fonſeca, do amor de Deos, p.* 1. *c.* 39 *ante med.*
28 *Infra cap.* 7.

8 Epicuro imaginava a felicidade nos deleytes licitos uſados com prudencia, 29 porque ſempre a vontade os appetece, & muytos homens atropelão por elles todas as convenien-cias, ainda as da ſaude propria.

9 Horacio imitado do Poeta Caſtelhano, 30 a collocou em não ter pretenſoens, ou negocios na Corte, & o que ſe experimenta, ajuda a eſta opiniaõ; porque o que não he pretendente, não he dependente; naõ ſerve, naõ liſongea, não ſofre, não pede, não finge, não ſe queyxa: vive quieto, honrado, izento, ſenhor de ſi, & igual aos que devera rogar. Por tal reconheceo Alexandre a Diogenes, que nada lhe quiz pedir; & aquelle grande Monarca reſpondeo, que *ſe naõ fora Alexandre, quizera ſer Diogenes.* 31 Finalmente pode deſprezar a Corte, & lograr a Bemaventurança, que o curioſo, & eloquente Dom Antonio de Guevara deſcreve fóra della. 32

10 O Excellente Emperador Antonino Pio diſſe, que morria alegre, porque deyxava filhos; 33 & comparando-ſe ElRey Cambiſes com ſeu pay Cyro, reſpondeo ElRey Creſſo, que naõ era comparavel, pois não tinha filho, que lhe ſuccedeſſe. 34 Deos noſſo Senhor acreditou iſto por *Felicidade*, quando a ſeu mimoſo Abraham prometteo pelo mayor favor dilatada deſcendencia; 35 & David deu particulares graças ao Senhor, quando lhe fez promeſſa de a ter. 36 O Eccleſiaſtico diz 37 que o pay, que deyxa filhos, quaſi não morre, ficando vivo nelles, ao que as Leys Civis alludem no Direyto da Repreſentaçaõ. 38 A natureza anela a perpetuarſe nelles. He deſejo em todos os animaes; os féros ſe fazem mais féros para defenderem os filhos, que criaõ. As perdizes furtaõ os ovos de outras para os tirarem como ſeus; ainda que os perdigoens-ſinhos depois de tirados, ſe ouvem a voz da máy verdadeyra, ſe vão a ella por inſtinto natural, deyxando a fingida. 39

11 Dom Rodrigo Biſpo de Çamòra, Eſcritor grave, diſſe, que ſer valido de Principes era ſobre toda a *Fortuna*; 40 & teve alguma razaõ, porque ſe o valido governa, & ata o Principe, como Seyano a Tiberio, 41 & como fazem muytos, he mais que o Principe; & ſe ſe contenta com os limites da amizade decente, como diſſe ElRey Theodorico de Caſſiodoro, 42 (a quem imitaõ poucos) ſe faz igual do Principe, pois entre deſiguaes naõ pòde haver verdadeyra amizade; 43 ou ſe faz o meſmo com elle. Alexandre Magno; quando Syſigambis mulher de Dario ſe deſculpou de haver venerado a ſeu privado Hefeſtião, cuydando que era elle pelo não conhecer, lhe reſpondeo: *Naõ erraſte, (mãy) porque eſſe tambem he Alexandre.* 44

12 As mulheres, favorecidas de Plataõ, 45 livraõ ſua *Fortuna, bem, & felicidade* na fermoſura; porque he o cabedal, que

29 *Epicur. in epiſt. ad Menec. apud Laert. ſup. l. 10.*

30 *Horat.* Beatus ille, qui procul negotiis. *Garcilaſſo Ecl. 2.* Quam bienaventurado, &c.

31 *Q. Curt. hiſt. Alex. l. 1. ad fin.* Si Diogenem eſſe velet, ſi Alexander non eſſet. *Repetit. Laert. de vit. Philoſ. l. 6 in Diogen.*

32 *Guevara no livro, Menoſprecio de Corte.*

33 *Capitolin. in Antonin.*

34 *Diſſemos no trat. Eva, & Ave, pag. 1 c. 20. n. 7.*

35 *Geneſ. 15.*

36 *2. Reg. 7.*

37 *Eccleſiaſtic. 30.*

38 *L. 1 §. 1 ff. de ſuis, & legit. hæred. §. Cùm filius, & §. fin. inſt. de hæred. quæ ab inteſt. deſer. cum concordantib.*

39 *D. Hieronymus in Cap. 3. ſuper Hierem. tom. 4 c. 17. Herrera nas annot. & Plin. l. 10. c. 33. Diego de Funes d. l. 1. c. 33. ad med.*

40 *Roderic. Epiſcop. de laudib. Curial.*

41 *Tacit. annal lib. 4. in princ.* Tiberium variis artibus devinxit.

42 *Apud eund. Caſſiod. l. 1. epiſt. 4 poſt princ.* Nullâ quippe, ut plerumque moris eſt, elatus fortunâ, &c.

43 *Prova Fr. Joaõ de Santa Maria na Rep. & polit. Chriſt. cap. 31. in princ. Ariſt. Ethic. 1. c. 13 in princ.*

44 *Q. Curt. hiſt. Alex. l. 3. ad fin.* Non erraſti mater, nam & hic Alexander eſt.

45 *Plato 1. & 2. de Leg. & 1. de Rep. in Gorgiam.*

que as faz mais poderoſas; nada reſiſte à belleza, cantou o Portuguez, 46 he privilegio da natureza, carta de recomendaçaõ; Demoſthenes lhe chamou Dignidade divina em corpo humano, 47 porque ſua viſta nunca enfaſtia, ſempre ſe deſeja mais. 48 Em outra obra temos dito largamente diſto; para o intento deſta baſta dizer que ellas, a reſpeyto da fermoſura, nada eſtimaõ todos os bens, que ficão apontados; nem o Imperio de Auguſto, nem a fama de Alexandre; nem a ſaude de Mathuſalem; nem a ſciencia de Ariſtoteles; nem as riquezas de Creſſo; nem as honras de Cataõ, nem os regalos de Salamaõ; nem a fecundidade de Eva; nem a iſençaõ de Diogenes; nem a privança de Joſeph. O que ſó deſejaõ, invejaõ, & adoraõ, he a fermoſura, de que he celebrada Helena. E quando a natureza falta com ella, acode a arte a procurar ſupprilla com invençoens, que nem o juizo de Arquimedes ſoubera imaginar.

46 *Canoens Luſiad. cant. 3. Oyt. ult.*

47 *Demoſthen. in orat. amator.*

48 *No trat. Eva, & Ave p. 1. c. 25. n. 3.*

13 Neſtes bens conſiderão os humanos a boa *Fortuna*, & *Felicidade*, a que naturalmente ſe aſpira; mas os Capitulos ſeguintes moſtráraõ que nenhum delles o he.

CAPITULO V.

Como ſaõ erradas as opinioens referidas no Capitulo precedente: ſendo a primeyra razão (entre outras mais altas) caberem muytos males em todos os bens, que elles conſideraõ.

1 MOſtra-ſe; porque àquelle bem, centro, & fim de perfeyçaõ, aſpira o homem naturalmente por principios interiores, como diſſemos; 1 porèm os apontados no Capitulo precedente procedem de cauſas interiores, & aſſim naõ podem ſer os que deſeja noſſo natural.

1 *Supr. c. 3.*

2 Mas deyxados eſtes, & outros fundamentos filoſoficos, 2 ficará iſto mais intelligivel a todos, por razoens moraes. Para o que ſe deve ſuppor, que aquelle bem, (como o definio o judicioſo Boecio 3) he, chegar a eſtado perfeyto, com uniaõ de todos os bens. Donde inferio o Doutor Angelico 4 naõ poder conſiſtir nos que propuzemos, por quatro razoens, que expenderemos diſcorrendo por todos.

2 *Apud D. Thom. 1. 2. q. 2.*

3 *Boetius de conſolat. lib. 3.*

4 *D. Thom. ſup. maximè art. 4.*

3 Primeyra. Porque o bem perfeyto não compadece comſigo algum mal; & porèm com todos os que ſe apontáraõ acima ha ordinariamente muytos males.

4 O Imperio, & alto poder he para obrar bem, ou mal; porèm o bem perfeyto, ha de ſer todo para bom fim. 5 Se atemoriza, teme: huma, & outra couſa moſtraõ os Soldados, que o guardaõ. Saturnino Auguſto o confeſſou aos que o coroavaõ

5 *D. Thom. d. art. 4.*

roavaõ; 6 & Dionyſio Tyranno de Sicilia o moſtrou a Democles, que envejava aquelle eſtado. Fez que em huma ſala ornada ricamente ſe ſentaſſe em huma cadeyra de ouro a huma eſplendida meſa: em bayxela de ouro, & prata lhe ſerviſſem com grande policia miniſtros eſcolhidos as melhores iguarias entre ſuaviſſimos cheyros, & precioſos unguentos ao uſo daquelle tempo. Quando Democles ſe achava mais contente, appareceo pendendo ſobre ſua cabeça huma aguda eſpada, a cuja viſta perdeo a attençaõ de tudo o mais, occupado ſó em advertir ſe ella cahia, atè que pedio a Dionyſio que o tiraſſe dalli, porque naõ queria bemaventurança taõ arriſcada. 7 De todos ſe temem os Principes, ſe ſaõ tyrannos. Ao meſmo Dionyſio faziaõ a barba ſó ſuas filhas, em quanto pequenas; depois de grandes, naõ ſe fiava de navalha, nem de tezouras, ſenaõ de que com hum tiçaõ lhe chamuſcaſſem o cabello da cabeça, & com caſcas de nozes aceſas os da barba. 8 O meſmo fazia a ſi propria o máo Emperador Commodo. 9 Herodes atè dos innocentes, que naſciaõ, ſe temeo; caſtigou, como jà commettido, o crime que ſó receava de futuro. 10 Se o poder he juſto, parece dominio, & he ſervidaõ: 11 parece poder, & he impoſſibilidade; porque (jà diſſemos em outra parte 12) ſó lhe he poſſivel o que he louvavel: pouco hè decente a quem tudo he licito; 13 na mayor fortuna he a menor licença; 14 naõ ſó ſe ha de conſiderar a juriſdiçaõ, que os povos concedèraõ, mas tambem atè onde a permittiraõ. 15 Os limites do poder ſaõ differentes dos da razaõ: o poder naõ he fazer, o que ſe quer, mas o que ſe deve; & aſſim ElRey Antioco mandava a ſeus povos, que naõ obedeceſſem a ſeus edictos, ſe naõ foſſem arrazoados; poder injuſto, fora melhor naõ o ter; 16 deſtroe-ſe a ſi meſmo como Roboam. 17 O mayor mal dos Principes, he terem poder, & naõ terem algum amigo, & raramente ouvirem a verdade. Obrigando, pois, o Imperio, & alto poder a tantas cautelas, & equilibrios, bem ſe infere naõ ſer felicidade o que he trabalho, & milicia perpetua com os eſtranhos, com os vaſſallos, & com os cuydados proprios. Por iſto aquelle Antioco Rey do Egypto, & de grande parte de Aſia, quando o vencedor Scipiaõ Africano, por condiçoens de paz, lhe tirou muytas Provincias, diſſe, que os Romanos lhe faziaõ graça, porque deyxandolhe pequeno Reyno, o livravaõ de grandes cuydados. 18 Giges riquiſſimo, & muyto poderoſo Rey de Lydia, de quem ſe diſſe, que tinha em hum annel huma pedra precioſa, cuja viſta lhe fazia ſucceder tudo como deſejava. Conſultou o Oraculo de Apollo Pythio, perguntandolhe, ſe havia no Mundo homem mais feliz que elle. E o demonio (entaõ verdadeyro] reſpondeo, que mais feliz era Aglao Sophidio, que era hum velho, lavrador pobriſſimo em Arcadia,

6 *Apud Valenzuel. de ſtat. & bell. ſanct. conſider. p. 1. n.* 49 Neſcitis, amici, neſcitis quid mali ſit imperari, gladii noſtris impẽdent cervicibus; imminent haſtæ, timentur hoſtes, comites formidantur.

7 *Refert Cicer. l. 4 Tuſcul.*

8 *Textor in officin. tom. 2. tit. Timidi.*

9 *Alex ab Alex genial. l. 5. c. 18 prope med.*

10 *Matth. 1. 2. 16.*

11 *Senec. de clement. l. 1. c. 19.* Non Remp. ſuam eſſe, ſed ſe Reip.

12 *Naturmor. polit. p. 3 § [illegible]. 1.*

13 *Senec. Tragic. in Tread* Minimum decet liberè cui nimium licet.

14 *Salluſt. in Catil.* In maxima fortuna minima licentia.

15 *Cicer. orat. pro Rabir.* Non ſolùm quantum ſibi commiſſum, ſed etiam quatenus permiſſum ſit.

16 *Petrarch. de proſp. fortunæ dial. 101. in princ.* Alii potentiæ fines ſunt decoris aliis an quod poſſis, ſed quod decet æſtimandum eſt, ne, ſi quantum poteris, velis, nil poſſe ſit melius.

17 *3. Reg. 12.*

18 *Plutarch. in Scipion. prop. fin.*

que nuncá ſahira de hum pequeno campo que tinha, & ſe contentava com os poucos frutos delle; 19 moſtrando que era melhor a choupana ſegura, que o paço arriſcado, & pobreza deſcançada, que riqueza cuydadoſa; mais ſuave o governo de hum jugo de boys, que de luzidos exercitos; & mais facil guardar hum celleyro pequeno, que theſouros copioſos. Alguns deyxàraõ os Imperios, & Reynos, como referimos em outra obra, em que tratàmos eſta materia largamente. 20 O Emperador Diocleciano, ſendo rogado para que tornaſſe, achando-o os Embayxadores em huma ſua horta concertando humas alfaces, reſpondeo: *Parecevos amigos, que quem prantou, & regou taes alfaces, que não fará melhor em as comer com quietação, que em reboliço? Já provey a que ſabe o mandar; mais quero comer do trabalho de minhas mãos neſta aldea, que trazer às coſtas o Imperio de Roma.* 11 Com medo deſta carga ſe matou hum chamado Quintiliano, porque o faziaõ Emperador. 22 Ao Pretor Genucio Cipo ſahindo de Roma naſcéraõ ſubitamente duas pontas na cabeça; diſſeraõ os Adevinhos, que ſignificavaõ que ſeria Rey, ſe tornaſſe a entrar em Roma; & pelo naõ ſer, naõ quiz tornar; condenando-ſe a perpetuo deſterro da patria. 23 No poder que exercitaõ os miniſtros, & homens particulares de altos poſtos, tem iſto menos duvida; porque mal adminiſtrado infama para com o Mundo, & condena para com Deos. Bem adminiſtrado perde amigos, grangea inimigos, & ſe beneficiou a algum, deſconſola, experimentando ingratidoens, & aſſim os mais ſabios ſe retiraõ delle. Pericles, que muytos annos governou louvavelmente a Republica de Athenas, ſe retirou a huma herdade ſua, em que viveo quinze annos; & em ſima da porta da ſua caſa tinha eſcrito: *Achey o porto: eſperança, & fortuna ficayvos embora.* Cataõ Cenſorino, o mayor homem de Roma, fez o meſmo retiro para huma aldea, que eſtava junto a Picenio, aonde agora he Puzol; & com carvaõ lhe eſcrevéraõ na porta eſtas palavras: *O' bemaventurado Cataõ! ſó tu ſabes viver.* Plataõ muyto favorecido de Reys ſe retirou a outra aldea duas leguas de Athenas, que ſe chamava *Academia*; & porque viveo alli deſoyto annos lendo, eſcrevendo, & enſinandõ, tomàraõ o meſmo nome os eſtudos, & eſcolas das ſciencias. Scipiaõ, & outros grandes homens fizeraõ ſemelhantes retiros, entendendo todos que naõ era felicidade governar, nem ainda reynar. 24

5 A boa *Fama* pòde ſer falſa, ou verdadeyra. Por iſto Thales, hum dos ſete Sabios de Greeia, perguntandoſe-lhe, quanto diſtava a verdade da mentira, reſpondeo: *Quanto os olhos diſtaõ dos ouvidos.* 25 Se he falſa, deve envergonhar, porque antes infama; 26 & he ſinal de ſer falſa o ſer muyto appetecida, porque a verdadeyra foge de quem a merece. 27 Se he verdadeyra: ou naſce de vitorias, & outras acçoens, em

19 *Plin. hiſt. l. 7. cap. 8.*

20 *No tmat Eva, & Ave pag. 1. cap. 41.*

21 *Vide D. Ant. de Guevara no tract. Menosprecio de Corte cap. 17.*

22 *Mariana hiſt. Hiſpan. l. 4. c. 10.*

23 *Valer. Max. l. 6. c. 6.*

24 *Vide latè Guevara d. c. 17.*

25 *Eraſm. Apophthg. l. 8.*

26 *Boet de conſolat. l. 3. Proſ. 6. circa princ.*

27 *Alanus de complanct. natur.*

em que houve ambição, & mortes, como a de Alexandre, & Ceſar, que ſão grandes males, ou de virtudes, & então naõ conſiſte o bem nella, mas na cauſa, pelo que ella ſó per ſi nunca he o bem que ſe deſeja; 28 & ſe, ou na falſa, ou na verdadeyra, ſe conſiderar alguma vangloria, ſempre he bem de vaidade, & com a penſaõ de inſtavel, que obriga a cuydar muyto de a conſervar, porque huma vez perdida ſe reſtitue com difficuldade. 29

28 *D.Thom.1.2 q.1.art.3.*

29 *Plutarch.in Moral.* Famam tueri facile eſt, extinctam non facile eſt reſtituere.

6 *A ſaude* he bem corporal, commua aos brutos ſem chegar à Alma, que he o verdadeyro homem: & aſſim naõ póde ſer o ſeu ultimado bem. Poſto que no corpo que conſerva, conſiſta tambem o homem, naõ depende delle a Alma, antes elle he dependente della; he como materia para a fórma, inſtrumento para a obra: nelle ſe trata do meyo, não ſe chega ao fim, & qualquer bem que ſe conſidere na ſaude, compadece os males do temor da doença, de ſe poder empregar tão mal, que fora melhor não a ter; & de ſe deſcuydar de Deos. Por atalhar eſte aos Religioſos, edificava o grande Padre São Bernardo os ſeus Conventos em ſitios pouco ſadios, que occaſionaſſem mais frequente recurſo ao Ceo. 30 Finalmente a ſaude muytas vezes cahe em doenças, que eſcuſaria quem ſe não fiaſſe della.

30 *Vilhegas Flos Sanct. vida de S. Bernardo.*

7 A ſciencia (fallando meramente da humana) cauſa preſumpçaõ; 31 affecta curioſidades prejudiciaes; 32 faz mais culpaveis os erros; muytas vezes com imaginar o homem, que ſabe tudo, ſe impoſſibilita para ſaber; 33 & he tão larga, & profundamente inexhauſta, que ninguem nella chega ao bem de cabal perfeyçao.

31 Scientia inflat. *D.Paul.1 ad Corinth.8.1.*

32 Non plus ſapere quàm oportet ſapere, ſed ſapere ad ſobrietatẽ. *D.Paul ad Rom 12.3.*

33 *Senec.de Tranquillitat.int.* Multi ad culmen ſcientiæ pervenirent, niſi ſe jam pervenirſſe putarent.

8 As grandes riquezas cauſaõ ſoberba, 34 & negligencia. 35 Pelo que o grande Filoſofo Crates hindo eſtudar a Athenas largou as muytas que poſſuhia; 36 & refere hum Texto de Direyto Civil, 37 que todos os verdadeyros Filoſofos fizeráo o meſmo. Hum Doutor grave 38 eſcreveo, que ſe acompanhaõ raramente de virtudes: (as terras em que ſe acha ouro, naõ produzem fruto.) O Eccleſiaſtico 39 affirma, que a muytos deſtruirão; Santo Agoſtinho 40 lhes chamou archeyros, & guardas dos vicios, pelo que as deyxàraõ os mais dos que profeſſáraõ ſantidade. Atè guardallas, & adminiſtrallas moleſta; por iſſo Anacreonte Poeta havendo recebido de Policrates hum talento de ouro, lho reſtituhio depois, dizendo que naõ queria dadiva, que o obrigava a não dormir. 41 Que cuydadoſo eſtava aquelle rico do Evangelho! & dizia: *Que farey?* 42 que he a fraze porque ſe laſtima hum pobre. Se ſe gaſtaõ, acabão-ſe; já o que era rico, fica na infelicidade de pobre: ſe ſe não gaſtaõ, ſaõ inuteis; para ſe deſpenderem com moderação he neceſſaria medida, em que poucos acertão; nem cavallo ſem freyo, (dizia Pythagoras 43) nem riquezas ſem prudencia ſe pò-

34 Difficile eſt, ut non ſit ſuperbus dives. *Gloſ.ſup.D.Paul.ad Theſſal.1. 5.ſuper illud*, Rogamus autem vos.

35 *Refertur in cap.Gloria, verſ. Crates*, 12.q.2.

36 *L.In bonorib 1. §. Pen.ff.de vocat.muner.*

37 *Garcia de Nobilit.gloſ.48.§.3. n.1.* Divitiæ amplæ raro virtutis ſunt comites.

38 *Eccleſiaſt 8.3.* Multos perdidit aurum, aut argentum.

39 *D.Auguſt de vera Relig.c.16.* Satellites voluptatum.

41 *Stob.ſerm.91.*

42 *Luc.12 17.* Cogitabat inter ſe, dicens: Quid faciam?

43 *Apud Stob.ſerm.92.*

dem governar, & atè de ſua diſtribuição ſe ha de dar conta eſtreyta no juizo final. 44 Ainda que ſe acerte, ſempre pelos cuydados, que daõ, lhe chamou Chriſto Senhor noſſo *Eſpinhos*. 45 Em outras obras expendemos largamente eſta materia. 46

9 As honras, & dignidades combatem a modeſtia, provocão inveja, excitaõ maldizentes: não merecidas durão pouco; merecidas cuſtão muyto: pendem do arbitrio de quem as dà, eſtão ſugeytas às mudanças do tempo; ſe ſe diminuem, he a mayor pena, como ſentio Sylla, quando ſe vio deyxado dos que antes o cortejavaõ, logo que deyxou a Dictadura, & o ſentimento o obrigou a dizer, que aquelle exemplo enſinaria a outros a que naõ fizeſſem a fineza que elle fizera, reduzindoſe a eſtado particular. ElRey Dom Fernando o Catholico teve o meſmo ſentimento, quando entregou o Reyno de Caſtella a ſeu genro Filippe o I. 47 Muytas vezes para ſe conſervarem, ou adquirirem aquellas honras, ſe corta pela conſciencia; finalmente obrigão a procedimentos muyto aventajados, para fugirem da murmuraçaõ; porque o reſplandor, que acompanha a peſſoa, os deſcobre mais, como em outra obra diſſemos; 48 & ainda que a Lua não deyxa de ſer clara por lhe ladrarem os caens, he grande trabalho viver ao vulgo, ſe baſtar à verdade.

10 Os deleytes do corpo tambem ſaõ communs aos irracionaes, como diſſemos da ſaude; & aſſim não pòdem ſer ultimado bem do homem. Se ſaõ de qualidade que chegão à Alma, he porque ella ſe deleyta em ter alcançado alguma conveniencia. Donde ſe vè, que a eſſencia do bem eſtá na conveniencia imaginada, & não no deleyte, que ſe lhe proſegue por accidente. Se eſſa conveniencia he ſó apparente, mas falſa, naõ he bem, antes ordinariamente he mal; ſe tem alguma couſa de bem, como ter alcançado riquezas, ou outros chamados bens, que acima nomeámos, vamos moſtrando que nenhum he bem perfeyto. Não ſey (dizia o grande Padre Saõ Joaõ Chryſoſtomo 49) como chamamos delicia ao que o não he? Iſto procede nos deleytes licitos; 50 que dos illicitos baſta dizer que ſaõ ſereas que encantaõ; ou com Iſaías que ſaõ parto de vibora, que mata a mãy, 51 pois quando ſahem a luz, rompem a Alma, envergonhão a honra, afeão a peſſoa, cegão o juizo, deſtroem a fazenda, apreſſaõ a morte. 52

11 Não ter pretenſoens, ou outros negocios na Corte, ſabe a ruſtico, ou a ſoberbo; arriſca-ſe a vangloria, tem os perigos da iſençaõ demaziada; muytas vezes he nocivo aos filhos; muytas caſas illuſtres ſe perdérão por affectarem eſte deſcanço.

12 Os filhos ſaõ goſto anciado; 53 morre-ſe por elles, ſe ſaõ bons, 54 & matão, ſe ſahem máos; 55 he querer a outrem mais que a ſi: Amor mal correſpondido: negocio

que

44 P. *Lyſieux na Philoſop. Chriſt. p.1.c.40.*

45 *Matth.13.22.*

46 *No trat. Perfect. Doct. qualit. 7. E no trat. Eva, & Ave p.1.c.44.*

47 *Ilheſc. Hiſt. Pontific. p.2.l.6.c.25.§.1.*

48 *Na Harmon. polit. pag.2.§.1. num.2.*

49 *D. Chryſ. hom.51. ad pop. Antioch. prope fin. in tom.5.*

50 *Vide D. Thom. 1.2.q.2.art.6. & o que diſſemos no trat. Eva, & Ave p.1.c.37. com os ſeguintes.*

51 *Iſai.59.5. Ova aſpidum tuperunt.*

52 *Vide P. Fonſec. do Amor de Deos p.1.c.44 & o que diſſemos no trat Eva, & Ave p.1.c.43.*

53 *Eccleſiaſt.2.18 & 19 Virgil. 1. Æneid.* Omnis in Ascanio chari ſtat cura parentis.

54 *Geneſ.22. & 24*

55 *Proverb.1.1. & c.17. & 25. Eccleſiaſtic.23.3.*

que nunca se acaba, nem delle se colhe fruto em vida; & muytas vezes resultaõ delles grandes desgostos, como diremos abayxo.

13 Privar com Principes, he tão perigoso, como ser odiado delles. He andar em maroma; estar mais perto do rayo, 56 & muytas vezes morrer delle como Joab, Aman, Parmenio, Clito Seiano, 57 & tantos outros, que experimentàraõ a certeza do conselho do Psalmista: *Naõ vos confieis em Principes*, 58 que em fim (disse Santo Ambrosio) saõ leoens mansos, que tal vez se enfurecem, & matão a quem os trata. 59 Náo he menor o perigo a respeyto dos subditos: he o privado, alvo da inveja, terreyro do aborrecimento, morgado da murmuraçaõ, arquivo de cuydados: & por nenhuma via póde atalhar estes males. Em outra parte dissemos isto largamente. 60

14 A fermosura, que as mulheres querem para ser vista, no mesmo para que a querem, he mal lograda, porque quanto mais se mostra, se faz menos estimavel, poeticamente o cantámos em outros annos. 61 Occasiona tantas suspeytas, que Posthuma Virgem Vestal em Roma, só por se prezar della (como diz Livio 62) foy accusada de incesto, & esteve perto de ser condenada â morte, estando innocente. Judith, com ser santa, teve por necessario affirmar com juramento, que na heroica acçaõ, com que livrou sua patria, naõ offendèra a castidade. 63 Causa soberba nas mulheres, & tantos damnos nos homens, como as letras sagradas referem 64 de se casarem os descendentes do virtuoso Seth, com as descendentes do vicioso Caim pelas verem fermosas, 65 & as historias profanas na guerra Troyana por Helena, & em outras calamidades notorias. 66 Nenhum bem verdadeyro cega o entendimento, nem estorva a Alma de voar ao Divino, a fermosura he vèo a nossos olhos, laço a nossos pès, liga às azas de nossos pensamentos; logo naõ he bem verdadeyro; quando muyto serà indifferente, segundo se usar delle; por isso Deos o dá muytas vezes aos màos, porque naõ pareça grande bem aos bons. 67 Qualquer bem que na fermosura haja, não he proprio da pessoa em quem elle está, mas alheyo: 68 pois a não goza quem a tem, mas quem a vè; & como a felicidade consta mais em gozar do bem, que nesse bem gozado; & ninguem possa gozar de sua propria fermosura, (que por isso dizem os Poetas que morreo Narciso 69) segue-se que não está o bem na fermosura, mas em quem goza della. A vangloria das mulheres em serem depositarias desse bem, lhes he muyto custosa; porque, se he flor apparente à vista, he flor verdadeyra na pouca duraçaõ. 70 Desejaõ ellas possuilla muytos annos, & nesses mesmos annos, que desejaõ, está a sua perdiçaõ; ainda antes desses annos se murcha com qualquer doença; & só o receyo de se perder

56 Proximus Jovi, proximior fulgori.
Ex Diogene. Vide Solorzanum Emblem 57.

57 *3. Reg. 2, 6. Esther 7. Curt. hist. Alex. l. 8. Tacit. Annal 5.*

58 *Psalm. 145. 5.*

59 *D. Ambros. in Psalm. 104.*

60 *Notat. Eva, & Ave part. 2. c. 40.*

61 *No poem. Ulyssipo, cant. 11. Oyt. 17.*
Na rosa meya aberta, & que ainda em parte
O botaõ verde escõde, amor enfina
(Se advertes bem) que a timida donzella,
Quanto se mostra menos, he mais bella.

62 *Liv Decad. 1 l. 4.*

63 *Judith 13 20.*

64 *Ovid. 1. Fast.*
Faustus inest pulchris, sequitur quæ superbia formam.
Petrarch. de prosp Fort. Dial. 41.

65 *Genes. 6. 2.* Videntes, quòd essent pulchræ.

66 *Dictis Cretensis de bello Troyano.*
Turcanota p. 1. l. 3.

67 *Ita Div. August. de Civit. Dei lib. 15. c. 18. ad princ.*

68 *Ita Bion apud Laert. de vit. Philosoph. l. 4.*

69 *Ovid. Metam. lib 4.*

70 *Ovid. 1 de Art amand.*
Forma bonum fragile est, quam tumque accedit ad annos.

he taõ penoſo, que huma chamada Europa rogava aos Deoſes, que a comeſſem lobos, antes de ſe ver fea. 71 Com quantas invençoens ſe atormentão para a conſervarem! & nenhũa aproveyta; he vidro cryſtallino, mais trabalhoſo em ſe guardar, que goſtoſo em ſe poſſuir; & em fim ſe quebra, quando o eſpelho, que as liſongeava, lhes falla verdade, entaõ lhe chamaõ mentiroſo, & ſe chegão a deſenganarſe, ſentem dizerſe-lhes que foraõ fermoſas, 72 ſendo o que mais eſtimavaõ. Que faria, & diria Helena, quando ſe vio velha? Humas vezes riria do deſatino, com que por ella ſe commettérão tantos exceſſos: outras choraria ver q̃ em ſeu roſto, idolo de tantos olhos, executára o tempo taõ cruel ſentença. Para os curioſos, & curioſas referirey o que de ſuas feyçoens eſcreveo a fama, & Daris Phrygio, 73 teſtemunha de viſta em hum livro, que fez da guerra Troyana, & os Authores 74 o allegão conſervado daquelle até eſte ſeculo. Era alva do roſto: teſta moderadamente eſpacioſa: os olhos amoroſos: (não declarão a cor:) ſobrancelhas arqueadas: nariz afilado: boca pequena, & gracioſa: garganta bem tirada: alta de peytos: os pulſos, & as mãos torneadas, & eſtas compridas: largo o cabello: corpo bem proporcionado: & toda com tanta graça, que parecia ramalhete da natureza. Diz Daris, que entre as ſobrancelhas tinha hum final, que (não ſendo aquelle lugar proprio para elle) realçava tudo de modo, que, como pedra precioſa, dava luſtre a tão rico engaſte. Finalmente por aquelle milagre de belleza (aſſim lhe chamavaõ todos) davão Gregos, & Troyanos por bem perdidas as vidas, a troco de terem em ſuas terras aquelle theſouro. Meteo em guerra, não ſómente os homens, mas tambem diſſeraõ os Antigos, que ſeus Deoſes na guerra Troyana pelejárão 75 com mayor fervor, que contra os Gigantes, que os querião lançar do Ceo; 76 porque ſobre a cauſa de Helena pelejárão huns Deoſes contra outros; & contra os Gigantes pelejaraõ todos os Deoſes em uniaõ. Mas em fim toda aquella fabrica de perfeyçoens veyo a ficar como edificio antigo ſumptuoſo, de que naõ apparecem mais que as ruinas, & ella vendo-ſe em tal eſtado, dizem alguns que ſe enforcou.

15 Se he verdade, como he, pois o diſſe Chriſto Senhor noſſo, 77 que o fruto he conſórme a arvore, não pòdem deyxar de ſer muyto màs arvores as de que nos naſcem tantos males, & aſſim não pòde conſiſtir nellas Felicidade, ou *boa Fortuna.*

71 *Refert Horat. Ode 27. l. 3.*

72 *Ovid. Triſt. l. 3. eleg 7.*
Cùmque aliquis dicet: Fuit hæc formoſa, dolebus; & ſpeculum mendax eſſe querere tuum.

73 *Daris Phrygius, in l. de Bello Troian.*

74 *Apud Britto Monarch. Luſitan. p. 1. lit. 19. ad fin.*

75 *Homer. in Iliad Virgil. Æneid.*

76 *Vija ſe no trat. 8va, & Ave, part. 2. c. 3.*

77 *Matth. 17. 18.*

CAPITULO VI.

Segunda razão do erro das opinioens referidas no Capitulo quarto, que com nenhum dos bens, que ellas apontaõ, concorre união de todos, antes falta de muytos.

1 EM nenhum dos bens propoſtos no Capitulo quarto concorre união de todos, antes falta de muytos; logo em nenhum delles conſiſte a *Felicidade*, que buſcamos; pois (ſegundo a definição de Boccio, que acima repetimos 1) aquelle eſtado deve ſer perfeytamente feliz. Deve ſer (diſſe Filo) como a maquina do Mundo, que não conſta ſó de hum, ou de dous elementos, mas do congreſſo de todos quatro, em uniaõ temperada; 2 havendo huns bens, & faltando outros, a falta deſtes encontra a *Felicidade* perfeyta.

2 A experiencia moſtra, que ninguem alcançou união de todos os bens; ſe a poſſe de hum alegra, a falta de outros moleſta. O que ſe tem por melhor afortunado, examine, ſe teve dia ſem penſaõ: diſſe bem o Tragico Seneca, 3 que o não achára; & o Filoſofo, que não ha, nem houve caſa em todo o Mundo ſem pranto. 4 Homens ha, que fogem de alguns trabalhos, [diz São Bernardo) mas cahem em outros mayores; 5 por iſſo Job chamou à vida milicia; 6 andamos em continua guerra com huns, ou com outros inimigos; & não ha quem tenha a *Fortuna* de ſe livrar de todos para viver quieto.

3 Auguſto Ceſar dominou em paz aquelle grande Imperio Romano, que Virgilio cantou que ſe terminava com o Oceano. 7 E Ovidio, que Jupiter olhando do Ceo para o Mundo não tinha que ver outra couſa ſenaõ a elle. 8 Mas não lhe baſtou para o fazer feliz; porque padeceo os infortunios, de que Plinio a eſte propoſito faz narração, tantos em numero, que fora muyto largo referillos aqui. 9 Alèm daquelles tinha a dor que mais ſentia dos tres Canceres (como elle lhes chamava) que rohião as entranhas, das duas Julias, filha, & neta, por extremo deshoneſtas; & do neto Agrippa de condiçaõ féra, & peſſimo juizo. Chegou a não ſe atrever a apparecer em publico, envergonhado dos exceſſos das Julias, ſem baſtar deſterrallas, & prendellas com aperto. 10 Tiberio ſeu ſucceſſor no meſmo Imperio, confeſſou que o atormentavão cuydados, com que ſe ſentia cada dia morrer. 11

4 Pompeyo logrou a mayor fama por ſua agradavel preſença,

1 *Supr. c. 5. n. 2.*

2 *Philon. apud Polyanth. verbo Felicitas.*

3 *Senec Tragic. in Noad.*
Nulla dies mœrere caret, ſed novâ fletus cauſam miniſtrat.

4 *Senec. de Conſolat. ad Polyb.*
Nulla domus in toto Orbe terrarum aut eſt, aut fuit ſine complorationc.

5 *D. Bernard. de Obed pet. Sup. in princ.*
Eſt qui declinat aliquos, ſed incidit procul dubio in graviores.

6 *Job 7. 1.*
Militia eſt vita hominis ſuper terram.

7 *Virgil Æneid. 1.*
Imperium Oceano, famam qui terminet Aſtris.

8 *Ovid. Faſtor l. 1.*
Jupiter exaltò, cùm totum ſpectat in Orbem,
Nil, niſi Romanum, quod tueatur, habet.

9 *Plin. hiſt. l. 7. c. 45.*

10 *Sueton. in Octavian. cap. 65. Eraſm. Apopht. l. 4*

11 *Tiber. in Orat. ad Senat.*
Dii me, Deæque prius perdant, quàm perire quotidie ſentio.

ſença, natural generoſo, excellentes coſtumes, extremado valor, & glorioſos ſucceſſos militares, por mar, & por terra; alcançou prenome de *Magno*; foy Conſul duas vezes, triunfou tres: huma de Africa, antes de ter a idade legitima: outra de Europa: terceyra de Aſia; com que triunfou de todo o Mundo então deſcuberto, o que a nenhum Romano havia ſuccedido; tudo iſto tendo pouco mais de trinta annos. Mas a gloria da fama o não eſcuſou das penas, com que no meſmo tempo ſoffreo oppoſiçoens de emulos, accuſaçoens em juizo, diſſenſoens inteſtinas, que trouxeraõ ſua vida em continuo combate. Na morte que teve deſterrado em Egypto aſſaſſinado; 12 & nas que depois tiveraõ ſeus dous filhos Cneo, & Sexto Pompeos, ſe vio melhor (como por riſo da *Fortuna*) quam falſa havia ſido ſua felicidade; porque elle foy ſepultado em Africa: o filho Cneo em Europa: Sexto em Aſia: & ainda que Marcial em hum elegante Epigramma diſſe, que aquella ruina enchèra todo o Mundo, (por grande não cabia em menor lugar) 13 tambem parece oſtentaçaõ da inſtabilidade, que todas as tres partes do Mundo, que o haviaõ affamado com triunfos, ſepultaſſem a toda ſua caſa.

12 *Plutarch. in Pompei.*

13 *Martial. l. 5. Epigramm. 21.*
Pompeius juvenes Aſia, atque Europa, ſed ipſum terra tegit Lybies, ſi tamen ulla tegit.
Quid mirum, toto ſi pargitur orbe? Jacere
Uno non potuit tanta ruina loco.

5 Marco Bruto com perfeyta ſaude em trinta annos de idade, ſe teve por taõ infeliz vendo-ſe vencido nos campos Filippicos pelos Ceſarianos, que ſe matou; 14 & outros, muyto mais que brutos, tendo ſaude ſe matàraõ, por infortunios que ſentiraõ. 15

14 *Plutarch. Valer. Max. l. 1. c. 5. de ominib.*

15 *Textor in Officin. tom. 1. tit. 1. qui mortem ſibi, &c.*

6 Plataõ por ſua ſciencia foy chamado *Divino*; alguns Antigos o quizeràõ adorar por hum de ſeus Deoſes; outros mais modeſtos diſſeraõ, que era Semideos. Mas toda a *Felicidade* da ſua ſciencia o não livrou das deſgraças de ſer prezo por piratas, vendido como eſcravo, perſeguido por Dionyſio Tyranno de Sicilia, condenado por vezes à morte, que ſem duvida padecèra na Ilha Egina, por ſer achado nella, ſendo Athenienſe, contra a ley que lhe dava pena capital, ſe naõ lhe valèra allegarſe em ſua defeſa, que a ley ſó a homens prohibia a entrada, & não a Filoſofos, que eraõ mais que homens. 16 Hoje ſe devera eſcuſar por menos que homem, porque ſó os neſcios ſaõ tidos por Semideoſes.

16 *Vita Platon. ante opera ejus, in princ. tit. Militia, & Navigatio. Laert. de vit. Philoſ. l. 3.*

7 Creſſo Rey de Lydia, o mais rico de quantos atè hoje celebra a fama, eſtava livre dos males da pobreza; mas Solon o admoeſtava, que ſe naõ tiveſſe por feliz atè morrer. Foy vencido por Cyro, & condenado a ſer queymado vivo; metido na fogueyra clamava, *Solon, Solon*, lembrando-ſe do que Solon lhe diſſera, & elle entaõ deſprezára. Perguntou Cyro, que Deos era aquelle, que Creſſo chamava: & dizendo-lhe o que era, reparou na inconſtancia da *Fortuna*, que lograva: mandou, que tiraſſem a Creſſo da fogueyra, & depois lhe fez bom tratamento. 17

17 *Plutarch. in vit. Solon. Herodot. l. 1.*

8 Ca-

8 Catáo alcançou em Roma tantas honras, & teve tanta authoridade, que nas couſas incriveis ſe dizia por proverbio: 18 *Iſto naõ ſe póde crer, ainda que o diga Cataõ.* E hum Orador, querendo moſtrar em Direyto, que huma ſó teſtemunha não fazia prova, diſſe por hyperbole: *Ainda que foſſe Cataõ.* Cicero 19 diſſe, que para com elle Cataõ valia por cem mil. Com tudo no meſmo tempo em que lograva aquellas honras, teve a inquietação, & pena de ſer accuſado em juizo cincoenta vezes por ſeus inimigos, de que ſe livrára com grande trabalho. Em huma das accuſações, tendo já oytenta & ſeis annos de idade, ſe vio tão perturbado, que ſendo por ſua eloquencia chamado *Demoſthenes Romano*, ſe eſcuſou com aquelle dito, que Plutarco 20 diz que ficou vulgar: *Ser muyto difficil a quem ſe vira em outro eſtado entre outra ſorte de homens, reſponder como Reo diante de Juizes.* Lucio Metello foy Pontifice da Gentilidade Romana, duas vezes Conſul Dictador; teve grande honra de ſer hum dos quinze Varoens, que dividião os campos; foy o primeyro que triunfou com muytos Elefantes, o mais perito na guerra, o melhor Orador; fortiſſimo mandador; acabou grandes emprezas, logrou muytas honras, teve ſumma ſabedoria, foy reputado por inſigne Senador, riquiſſimo por bons meyos, deyxou muytos filhos, foy Cidadão clariſſimo; ninguem em Roma (diz Plinio) deſde ſua fundação teve taes qualidades. Mas teve a deſgraça de perder a viſta hindo a livrar o Palladio do incendio do Templo de Veſta, & cego viveo annos, ſendo levado ao Senado em coche por particular privilegio. 21 Eſta cegueyra lhe augou todos os goſtos de ſuas felicidades.

18 *Plutarch. in Caton.*

19 *Cicer. epiſt. ad Attic. 1.* Cato noſter, qui mihi unus eſt pro centum millibus.

20 *Plutarch. ſup.*

21 *Plin. hiſt. l. 7. c. 45.*

9 Heliogabalo Emperador uſava de todos os deleytes licitos, & illicitos, conhecidos, & exquiſitos, & de quantos com muyto applicado eſtudo chegava a imaginar. Mas entre todas as delicias o atormentava continuamente o cuydado de ter por certo, que ſeus vaſſallos o havião de matar; & prevenia o de que ſe valeria naquelle tranze: cordas de ſeda para ſe enforcar, venenos em cayxas de pedras precioſas para tomar; & outras prevençoens de que naõ pode uſar na occaſiaõ; & o matáraõ dentro de hum lugar o mais immundo, onde ſe tinha eſcondido. 22

22 *Lamprid. in Heliogabal. Herodian. l. 5. Mexia na Sylv. de var. hiſt. l. 2. c. 29.*

10 Diogenes era tão iſento de pretenſoens da Corte, como ſe vio na repoſta, que deu a Alexandre Magno, quando lhe offereceo o que pediſſe, & elle reſpondeo, que *ſó queria que ſe tiraſſe diante do Sol, que o eſtava aquentando.* 23 Mas naõ eſcapou dos infortunios de ſer deſterrado, & de o cativarem piratas navegando para Egina; em Creta foy vendido em praça publica, aonde perguntando-lhe o pregoeyro, que ſabia fazer, reſpondeo, *que ſabia dominar homens.* E vendo paſſar hum Corinthio chamado Xeniades, diſſe: *Vende-*

23 *Laert. de vit. Philoſ. lib. 6. in Diogen. ante med.* Noli mihi umbram facere. *Conrad. Geſner. in Onomaſtic. ſ. propr. nomin. Diſſemos cap. 4. n. 9.*

me

me àquelle, que neceſſita de ſenhor. Aquelle o comprou, & levou para Corintho; & elle lhe enſinou os filhos, & governou a caſa com grande ſatisfação do ſenhor. Quizerão os amigos, & parentes reſgatallo do cativeyro, & elle lhes chamou fatuos, pois não ſabiaõ, que quem criava leoens, era eſcravo delles, & naõ elles de quem os criava. 24 Retirado eſtava Seneca já muyto velho na ſua herdade de Nola de Campania já havia annos, fóra de negocios da Corte, occupado em eſcrever os livros de *Beneficus*, *de Ira*, *de bono Viro*; *de adverſa Fortunâ*; & lá o mandou matar a tyrannia de Nero pelo odio da impudica Domicia. 25

24 *Laert. ſupra ad fin.*

11 Priamo Rey de Troya teve cincoenta filhos: 26 dezaſete de ſua mulher Hecuba, os outros de concubinas. Mas naõ ſe livrou de mal afortunado, vendo ſeu Reyno dez annos em guerra, abrazada a Cidade capital, mortos quaſi todos os filhos, & elle por por Pyrrho filho de Aquilles diante do altar de Jupiter. 27

25 *Vita Senec.*
26 *Cicer. Tuſcul.*

27 *Homer in Iliad. Virg. Æneid. lib. 2.*
Dictis Cretenſ. de bello Troian.
Dares Phrygg. de bello Troian.
Sabellic. Æneid. 1.
Tarcaneta p. 1. f. 3.

12 Aman foy tão grande valido delRey Aſſuero, que o ſublimou ſobre todos os Principes de ſua larga Monarquia, & a governava como ſenhor abſoluto; & delRey, & da Rainha Eſther recebia publicamente as mayores honras. Porèm confeſſava, que tudo tinha em nada à viſta de Mardoqueo Hebreo lhe não fazer as adoraçoens, que todos os mais lhe tributavaõ: 28 a privança acompanhada daquella pena não lhe era felicidade.

28 *Eſther 1. & 5. 13.* Hæc omnia habeo, & nihil me habere puto.

13 Lucrecia, cuja fermoſura (diz Raviſio Textor 29) eſtimárão tanto os Romanõs, que celebrando-a por todas as partes, a fizerão immortal; mal-logrou aquelle bem na violencia de Tarquino, em que naõ ſó perdeo a vida; 30 mas tambem o premio da virtude, que merecéra, ſe ſe deyxára matar pelo tyranno; & peccou matando-ſe a ſi propria; 31 ſua fermoſura foy ſua ruina, como ſuccedeo a outras muytas.

29 *Textor in Officin. tom 1. tit. Formoſi, ante med.*

30 *Livius Dec. 1. l. 1. in fin.*

31 *D. Aug. de Civit. Dei l. 1 c. 19.*

14 Com hum ſó exemplo em cada hum dos bens, em que as opinioens dos homens conſiderão *Felicidades*, 32 fica moſtrado, que em nenhum delles conſiſte, pois nenhum delles vè todos, antes deyxão lugar a males que atormentão. Thalès, hum dos ſete Sabios de Grecia, quiz acodir a iſto, pondo a *Felicidade* em tres bens juntos: ſaude, riquezas, & ſciencia; 33 mas não ſatisfez ao inconveniente; pois ainda alèm daquelles faltão outros bens como temos dito. Serião ſuperfluos mais exemplos, quando o que vemos, & padecemos nos deſengana; ſe temos huma couſa, nos falta outra: ſe temos hum goſto, ſobrevem huma pena: ceſſa huma tribulaçaõ, começa outra, ou durando a primeyra, ſe levanta outra não eſperada. Era neceſſaria para *Felicidade*, união de todos os bens, como diſſemos; 34 ſe he tão difficultoſo alcançar hum ſó, quem alcançará todos? Bem ſe vè logo que não pòde haver no Mundo a boa *Fortuna*, & *Felicidade*, que commummente deſejamos.

32 *Suprà cap. 4.*

33 *Thales Mileſ. apud Laert. ſup. lib. 1.*

34 *Suprà num. 1.*

CAP.

CAPITULO VII.

Terceyra razaõ do erro das opinioens referidas no Capitulo IV. porque em nenhum daquelles bens deſcança a vontade, antes ſempre deſeja mais.

1 SE algum daquelles bens; ou todos juntos; conſtituiſſem o bem perfeyto, a que naturalmente aſpiramos por boa *Fortuna*, tendo-os alcançado, deſcançariamos ſatisfeytos, como todas as couſas deſcançaõ naturalmente no ſeu centro. Mas naõ ſuccede aſſim; pois por mais que poſſuamos delles, nunca nos contentamos. 1 Todos os vicios envelhecem com o homem, ſó o deſejo de alcançar mais, ſe renova cada dia. Os olhos da vontade ſaõ taõ inſaciaveis em cobiçar; como o Inferno em tragar; diſſe Salomaõ: 2 As féras eſtando fartas, nem roubaõ, nem fazem dano: o homem poſto que muyto cheyo, naõ perdoa ao que póde haver. 3

2 A inſaciavel ambiçaõ de Reynos ſe vio em Alexandre, quando dizendo-lhe o Filoſofo Anaxagoras, que naõ ſe cançaſſe mais, pois jà havia conquiſtodo todo o Mundo, reſpondeo: *Se tu me tens duo que alèm deſte Mundo, ha outros tres: como queres que me contente com dominar hum ſó?* Bem lha explicou o Embayxador dos Scythas, accuſando-o della com toda a liberdade. 4 *Se os Deoſes* (lhe diſſe) *te houveraõ dado corpo igual à cobiça de teu animo, não couberas no Mundo; chegàras com huma mão ao Oriente, com outra ao Occidente; & depois de teres conſeguido iſto, quererias ſaber em que parte ſe havia de collocar o eſplendor de tanta gloria. Aſſim cobiças o que não alcanças. De Europa vàs à Aſia: de Aſia paſſas à Europa; & ſe venceres todo o genero humano, has de fazer guerra às ſelvas, às neves, aos rios, & às beſtas féras.* E entre outras razoens proſeguio: *Tu te jactas, que vens a perſeguir ladroens, és ladrão de todas as gentes, que inveſtiſte; tomaſte Lydia, occupaſte Syria, uſurpaſte Perſia, tens em teu poder os Bactrianos, invadiſte os Indos; agora alargas as avarentas, & inquietas mãos aos noſſos gados. Que neceſſidade tens de riquezas? Que te obriga a ter fome? Es o primeyro que com a fartura te fizeſte faminto; parece que quanto mais tens, mais cobiças. Das vitorias te naſcem guerras. Poem freyo à tua felicidade, & aregeràs mais felizmente. Se es Deos, deves fazer beneficios aos mortaes, & naõ tirarlhos; ſe és homem, cuyda ſempre no que es.* Com igual liberdade fallou no Senado Romano o ruſtico Alemaõ das ribeyras do Danubio, dizendo entre outras couſas: 5 *O' Padres Conſcriptos, povo venturoſo. Grande he voſſa gloria pelas batalhas que pelo Mundo haveis dado; mas ſe os Eſcritores dizem verdade, mayor ſerà voſſa infamia nos ſeculos futuros pelas crueldades, que nos inno-*

1 *D. Thom 1.2 q.2. art.8. in cor.*

2 *Proverb. 27. 20.*

3 *Notat D. Auguſt. ſerm. 40. de verb. Domini.*

4 *Apud Q. Curt. hiſt. Alex. l. 7. poſtmed.*

5 *Apud Guevara na vida de Marco Aurelio cap. 31. & 32.*

centes haveis commettido. Foy tão grande voſſa cobiça de tomar o alheyo, & tão famoſa voſſa ſoberba de mandar em terras eſtranhas, que nem o mar nos pode valer em ſeus abyſmos, nem a terra ſegurar em ſuas covas. Infame he entre os homens, & Reo aos Deoſes o homem, que tem tão canınos os deſejos de ſeu coraçaõ, & tão ſoltas as redeas de ſuas obras, que o pouco do pobre lhe parece muyto, & o muyto ſeu lhe parece pouco. Oh quam maldito he o homem, que ſem mais conſideraçaõ quer trocar a fama pela infamia, a juſtiça com a injuſtiça, a rectidaõ com a tyrannia, a verdade pela mentira, o certo pelo duvidoſo, tendo faſtis ao proprio, & morrendo pelo alheyo! Vós Romanos, trazeis por letra em voſſas bandeyras, que he proprio voſſo deſtruir ſoberbos, & perdoar a ſugeytos; melhor direis, que he proprio voſſo deſpojar ſugeytos, & inquietar quietos. E proſeguio largamente pelo meſmo eſtylo. A verdade pode tanto, que o altivo animo de Alexandre ouvio o Scytha com paciencia, & tratou os vencidos com benignidade; & a arrogancia dos Romanos ſe vio taõ confuſa, que referio depois o Emperador Marco Aurelio, contando iſto que havia paſſado ſendo elle Senador, que huma hora eſteve o ruſtico proſtrado em terra fallando, & todos os Senadores com as cabeças bayxas de envergonhados, ſem lhe poderem reſponder huma palavra: & no dia ſeguinte proveo o Senado outro Governador para aquella parte, tirando aquelle contra quem era a queyxa; mandou que o ruſtico déſſe por eſcrito o que havia dito para que ficaſſe nos livros do Senado: & a elle fizeraõ viſinho de Roma, & Patricio com porçaõ do erario publico para ſeu ſuſtento. Nos noſſos ſeculos ſe pudèra dizer o meſmo a Principes Chriſtãos com a meſma verdade; mas conſidere o Leytor, ſe ouviriaõ eſtes com a moderaçaõ, & conhecimento, com que a ouviraõ aquelles Gentios. Nos vaſſallos ha ſempre a meſma hydropeſia de dignidades; alcançar huma, cauſa ſede de outra mayor, ſem ceſſar na mais alta; ſede taõ furioſa, que naõ repara o hydropico em ſe lançar no poço mais profundo por chegar a beber: notou Santo Ambroſio 6 o que cada dia vemos, que a muytos, a quem naõ pòde vencer a avareza, a laſcivia, & outra qualquer tentaçaõ, vence a ſede de melhorar em dignidades: os miniſtros, & os Religioſos, que reſiſtem a todos os vicios, ſaõ vencidos do reſpeyto, a quem os pòde aventajar. He laſtima grande, o que hoje, mais que em outros tempos, ſe padece por eſta cauſa!*

6 *D. Ambroſ. ſup. Luc. l. 3.*

3 Hercules, ambicioſo de fama, encheo o Mundo de proezas, que lhe dèraõ a mayor. Com tudo no fim de Heſpanha levantou dous montes, como diz Joaõ de Mariana: 7 outros lhes chamàraõ duas colunas, & dizem que com a letra: *Non plus ultra*; moſtrando que naõ paſſava adiante, porque naõ havia mais Mundo; de modo que todas as aguas do mar,

7 *Marian. hiſt. Hiſpan. l. 1 c. 8. in fin.*
Vide Britto Monarch. Luſit. tom. 1. lib. 1. c. 10.

que

que o deteve, naõ lhe apagáraõ a ſede de accreſcentár a fama. Quaſi o meſmo cantou o Poeta Portuguez 8 dos ſeus naturaes, dizendo que ſe afamàraõ por todas as quatro partes do Mundo, & que ſe mais mundos houvera, là chegariaõ. Alexandre, a quem a fama deu renome de *Magno*, a teve taõ dilatada, & poderoſa, que dizem as letras Sagradas, que toda a terra com temor delle ſe poz em ſilencio. 9 Porèm ainda mal ſatisfeyto envejava a *Fortuna* de Achilles em haver ſido decantado por Homero. Entre nòs vemos hoje os homens de eſpirito (ainda que poucos) com a meſma ſede; mas as acçoens de muytos delles, dirigidas a ganharem tal fama, que lhes fora melhor ſepultalla.

4 Da ſaude ninguem ſe farta. Os que a lograõ, a deſejaõ mais perfeyta, ſendo que ſe ſeguirem a Filoſofia Medica, naõ deveràõ deſejalla no ſeu auge, porque naturalmente tudo o que chega a elle começa a deſcahir; mas he condiçaõ dos bens do Mundo, nunca ſatisfazerem. Os Medicos ganhaõ mais com alguns ſãos, que com muytos doentes; porque ha ſãos, que por impertinencia ſe andaõ ſempre curando. Os doentes ou morrem, ou ſaraõ mais brevemente; os ſãos que ſe curaõ, nunca acabaõ de ſe curar, porque ſempre querem mais curas; & aſſim pagaõ mais tempo aos Medicos, & aventajadamente, porque ſaõ mais ricos; & muytos finalmente querendo mais ſaude, vem a morrer das curas, de que naõ neceſſitavaõ. Atè ao Divino ſe mataõ os populares; vaõ a romarias para terem mais ſaude, & là comem tanto, que hindo ſãos, tornaõ doentes. Jà iſto acontecia no tempo de Diogenes, como elle notava, 10 em ſacrificios que ſe faziaõ para alcançar mais ſaude.

5 Na ſciencia tambem he a meſma ſede de ſaber mais; & poſto que he louvavel, moſtra para o noſſo aſſumpto a imperfeyçaõ dos bens do Mundo, pois nunca ſomos ſatisfeytos delles. Aquelles grandes Filoſofos mais antigos, que Deos deu entre a Gentilidade para com ſeus inſtrumentos inſtruir o Mundo, ſendo taõ ſabios, que dèraõ as luzes às ſciencias, com deſejo de ſaberem mais diſcorriaõ por todas as Provincias, em que podiaõ aprender; vè ſe nas ſuas vidas que eſcreveo Laercio. A Socrates diziaõ alguns amigos, que tiveſſe pejo de ſempre querer aprender, ſendo taõ velho: & reſpondia: *Mayor pejo teria, ſe ſendo taõ velho ignoraſſe o que aprendo.* Solon ſe gloriava de que hia envelhecendo, & aprendendo. 11 Pomponio Juriſconſulto, conſummado na Juriſprudencia, approvava o que diſſera outro antigo, que deſejava aprender, poſto que tiveſſe hum pè na ſepultura. 12 E o grande Doutor da Igreja Santo Agoſtinho, podendo enſinar a todos, profeſſava querer ſer enſinado de qualquer. 13 Em todos os ſcientes he iſto certo; ſó neſcios cuydaõ hoje, que ſabem tudo.

8 *Camoens Luſiadcant.7. oct.14.* E ſe mais mundos houvera, là chegára.

9 2.*Machab.2.5.* Siluit terra in conſpectu ejus.

10 *Apud Laert.l.6.in Diogen. vita poſt princ.*

11 *Refert gloſ.margin. in l. Apud Julianum 20. ff de fidei com.libert.*

12 *Pompon.in d l. Apud Julian.*

13 *D. Auguſt.epiſt.75. ad Auxilium Epiſcop. Refertur in c. Si habes 24 q.3.*

6 A hydropeſia das riquezas allegorizàraõ os Antigos em ElRey Midas, que pedio, & alcançou de Baco ſeu hoſt. pede, que tudo o que tocaſſe ſe lhe converteſſe em ouro, naõ ſe contentava com menos. 14 Oh quantos ha que por mais que tenhaõ, atè dos povos querem fazer ouro; dando orelhas de Midas a taes conſelhos! Arde o amor das riquezas (diſſe Boecio 15) mais que o Etna: naõ ſe apaga com rios de ouro, ſempre o avaro he pobre, notou Horacio, 16 porque nunca tem o de que neceſſita ſeu deſejo; he ſacco que nunca ſe encherá, por mais dinheyro que nelle ſe meta. 17 Simonides jà muyto velho ſempre ajuntava, & tomava por pretexto, que mais queria deyxar inimigos, quando morreſſe, que neceſſitar ds amigos em quanto viveſſe.

14 *Eraſm. in Chiliade.*

15 *Boet. de conſol. l. 2. met. 5.* Sævior ignibus Æthnæ fervens amor ardet habendi.

16 *Horat. l. 1. Ep. 2.* Semper avarus eget.

17 *Eccleſiaſt. 5. 9.* Avarus non implebitur pecunia.

7 A de honras começou em noſſos primeyros pays, que eſtando na mayor honra do Mundo, 18 ſe quizeraõ fazer ſemelhantes a Deos; 19 & como lepra ſe derivou a todos ſeus deſcendentes. Logo depois do Diluvio naõ contentes de ſerem honrados em toda a terra, intentàraõ edificar huma Cidade com torres, que chegaſſem ao Ceo. 20 Nos tempos adiante ſe continuou em Nabucodonoſor, 21 & em outros Principes, que alèm da veneraçaõ de taes, ſe fizeraõ adorar por Deoſes, ſendo entre os Romanos Domiciano Emperador o primeyro que iſto fez. 22 Nem ſós Principes, mas tambem homens particulares tentàraõ, como aſſima 23 referimos. Soſoſtris Rey do Egypto tendo por pouco triunfar dos Reys, que venceo, os levou puxando pelo carro triunfal. Sapor Rey de Perſia ſe chamava, *Particípe das Eſtrellas, irmaõ do Sol, & da Lua.* E hoje ſe intitulaõ por modo ſemelhante os Reys do Oriente. Outros muytos ſe arrogàraõ honras ſobrenaturaes, 24 que eſcuſamos relatar, quando temos entre nòs os viſiveis exemplos de tantos hydropicos de honras, que naõ merecem.

18 *Pſal. 48. v. ult.* Homo, cùm ſin honore eſſet.

19 *Geneſ. 3. 5.* Eritis ſicut Dii.

20 *Geneſ. 11. 4.* Faciamus nobis civitatem, & turrim, cujus culmen pertingat ad Cælum.

21 *Daniel. 3.*

22 *Textor in Officin. tom 2. tit. Arrogantes.*

23 *Supr. c. 4. n. 7.*

24 *Apud Textor ſupra.*

8 Deleytes ſempre ſe appetecem, huns ſobre outros. Todo o genero de licitos, & illicitos tinha o Emperador Heliogabalo; & excogitava outros, que ſe naõ pòdem eſcrever. Na gula, jà enfadado do ordinario mais ſaboroſo, comia criſtas de gallos vivos, linguas de pavoens, & de rouxinoes em grande quantidade; & paſſando ſeu deſejo alèm de quanto podia imaginar, tinha ſinalados premios, a quem lhe inventaſſe iguaria nova; acodiaõ muytos ao ganho; mas ſe a iguaria lhe naõ agradava, fazia que o inventor nunca comeſſe outra couſa. 25 Diſto diſſemos mais em outra obra. 26 Eſte ſeculo vè quanto pòde a ſede inextinguivel de paſſatempos, nas inventivas de jogos; nas novas traças de jardins, na moderna fabrica de palacios, em tantas couſas que os paſſados naõ uſáraõ; & deſprezado o que àquelles era delicia, eſta ſó ſe acha hoje na novidade, que muytas vezes naõ deleyta, & ſó ſe abraça por variar de goſto.

25 *Lampríd. in Heliogabal. Mexia na Sylva, l. 2. c. 29.*

26 *Notrat. kva, & Ave. p. 1. c. 39.*

9 En-

9 Entre os que ſe retiràraõ da Corte ſeja exemplo o Filoſofo Alexandre, meſtre, & intimo favorecido de Marco Craſſo, hum dos mais illuſtres varoens, que teve Roma. Reſolveo-ſe Alexandre a retirarſe de Roma, & pedio a Craſſo pelos ſerviços que lhe fizera em dezoyto annos, & por ſua amizade, que naõ ſómente o naõ chamaſſe para tornar, mas que nem lhe eſcreveſſe, porque nem lembrarſe queria de couſa alguma da Corte. 27 Pouco fez niſto, pois nas cartas da Corte, naõ ha mais que queyxas da careſtia, & gaſtos, da injuſtiça na demanda, da ſenhora fortuna na pertençaõ, do disfavor do miniſtro; murmurar do governo, reprovar as eleyçoens, notar os poucos meritos do bem deſpachado, apontar parcialidades, pronoſticar mudanças, dar novas falſas dos Reynos eſtranhos; tudo eſcrever em vaõ, & he mais vaõ quem o lè por entretenimento, podendo ter outros melhores. Mas para o intento deſte noſſo Capitulo, moſtrou Alexandre, que atè neſte retiro, em que ſe conſidera felicidade, a naõ ha perfeyta, pois quem de coraçaõ o abraça, ſempre a acha imperfeyta, & a deſeja tanto mayor, que nem carta quer della. Se algum retirado deſeja novas da Corte, he porque o retiro naõ he de coraçaõ.

27 *Notou Guevara no trat. Menoſprecio de Corte c.17.no prins.*

10 De muytos filhos ninguem ſe ſatisfaz; ſempre mais deſeja. Abraham ſabia q̃ Iſaac teria tantos deſcendentes, quantas o Ceo Eſtrellas, porque lho havia promettido Deos. 28 Com tudo porque deſejava mais, entrou com Agar, & depois caſou com Cetura. 29 O mais pobre, & carregado de filhos, ſe alegra, quando lhe naſce outro; ſe o tellos he felicidade, ſempre a deſeja mayor.

28 *Geneſ.15.5.*
29 *Geneſ.16 v.15.*

11 A privança com o Principe; tambem nunca farta; por iſſo o valido a quer toda, ſem que o Principe communique a outrem huma pequena parte de boa vontade, nem ainda de agrado. He delicto em qualquer Corteſaõ contentar ao Principe; & o valido lhe adivinha os penſamentos; & ſe o Principe (tal vez acaſo) o olhou com bom roſto, logo o innocente he caſtigado, a bom livrar com hum deſterro preſentado com honra. Seyano privado de Tiberio, nem a Druſo, nem a Agrippina, nem aos filhos de Germanico perdoou, traçandolhes a morte, 30 ſendo taõ chegados parentes do Emperador. Aman privado delRey Aſſuero, paſſou a mais, porque naõ queria que ElRey amaſſe ſua mulher a Santa Eſther. 31

30 *Tacit.Ann.l.4.*
31 *Eſther 6. & 7.*

12 As mulheres mais fermoſas ſempre o quizeraõ ſer mais. Logo no principio do Mundo antes do Diluvio, ſendo as deſcendentes de Caim fermoſas, como diz a Eſcritura Sagrada, 32 aprendèraõ muſica para ſe fazerem mais agradaveis, como eſcreve Theodoreto; 33 & aſſim os deſcendentes de Seth ſe namoráraõ mais dellas. A mulher, & noras de Noé tinhaõ jà eſpelhos, a que ſe adornavaõ, & os ſalvàraõ

32 *Geneſ.6.2.*
33 *Theodor.in Geneſ.queſt.37.*

na arca, como refere o antigo Beroſo. 34 A fermoſa Judith quando ſantamente foy a Holofernes, ſe ornou ricamente, por lhe parecer melhor. 35 He géral deſejo em todas taõ conhecido, que eſcuſa provarſe mais.

34 *Beroſ.l.4. Diſſemos no trat, Eva, & Ave p.1.c.15.n.3. & p.2.c. 8.n.4.*

35 *Judith.cap.10.*

13 Naõ nos ſatisfazem todos eſtes bens, porque naõ ſaõ mantimento, que ſymbolize com a noſſa alma. 36 A medicina, & a experiencia moſtraõ que nenhum animal ſe pòde alimentar com ſubſtancia, que lhe ſeja contraria, & que a improporcionada ao eſtomago, lhe he nociva. Por iſſo a natureza ordenou, que a máy coma o de que ha de ſuſtentar o filhinho; para que liquidando-o em leyte, ſe accommode ao tenro, & delicado eſtomago, a que o ſolido naõ poderia nutrir. Que importava a Midas comer muyto ouro, ſe ficava faminto? Que nos importa ter abundancias, que nos naõ ſatisfazem? Certamente naõ ſaõ eſtas, as que o noſſo natural deſeja.

36 *D.Bernard.de diligend.Deo c.3.in fin.* Quia non ſunt naturales tibi animæ.

CAPITULO VIII.

Quarta razaõ de naõ haver felicidade nos bens acima apontados, porque naõ tem duraçaõ.

1 NO bem que naõ he perfeyto, naõ pòde haver *Felicidade*, 1 & naõ pòde ſer perfeyto o que naõ tem duraçaõ; aſſim porque lhe falta a principal qualidade de ſer eſtavel, como pelo receyo em que ſempre ſe eſtá de o perder com pena. Taes ſaõ os que ficaõ apontados.

1 *D.Thom.1.2.q.2.art.4.* Beatitudo eſt perfectum bonum.

2 De ſe acabarem com a vida, ninguem duvidou; nem de que a vida em ſe acabar naturalmente, he correyo de pòſta, naõ veloz, aguia que corre à preſſa, como diſſe Job: 2 fumo, & ſombra, como diſſe David: 3 ſinal de nuvem, ou nevoa, que o Sol desfaz, como diſſe Salomaõ: 4 vapor que apparece, & deſapparece logo, como diſſe o Apoſtolo Saõ Tiago; 5 & os accidentes que vemos, apreſſaõ mais a que naturalmente pudera durar. Mayor mal he que muytas vezes, ou de ordinario, ainda duraõ aquelles bens menos que a vida: elles ſe acabaõ, & ella fica para mais padecer.

2 *Job 9.24.&25.*
3 *Pſal.101.v.4.&12.*
4 *Sap 2.5.*
5 *Jacob 4.15.*

5 Nos Imperios, & altas dignidades he natural a inconſtancia. O meſmo Deos, que nos animos mais generoſos influhio o nobiliſſimo deſejo de reynar, para que as Reſpublicas humanas ſe governaſſem mais reguladamente por huma ſó cabeça a exemplo da Divina, foy juntamente taõ cioſo da ſua propria ſoberania, que nunca conſentio a algum mortal, Monarquia que foſſe perpetua. 6 A que immediatamente deo a Adam, lhe durou ſó oyto dias. 7 A que David Santo, & Salomaõ ſabio deyxáraõ eſtabelecida a Roboaõ, ſe dividio brevemente. 8 Dario com innumeraveis riquezas,

6 *Aſſim diſcurſa Manoel Theſauro biſtor.del Regnõ d' Italia. Sottot Barbari, na preſaçaõ do Reyno dos Godos in princ.*
7 *Vide no noſſo trat. Ave, & Ave, p.1.c.5.*
9 *3.Reg.12.*

zas, & copioſiſſimos exercitos não pode conſervar a ſua Perſiana; 9 donde ſe vè, que nem ſantidade, nem ſabedoria, nem poder as pòde fazer eſtaveis. Superfluos ſeriaõ outros exemplos. Pòro Rey da India magnanimamente o perſuadio a Alexandre ſeu vencedor, que lhe perguntou: *Com que doudice ſe atrevèra a reſiſtir lhe.* Reſpondeo: *Que naõ cuydava, que havia outrem mais forte.* Diſſe-lhe Alexandre: *E que julgas, que eu vencedor devo agora fazer de ti?* Reſpondeu: *Faze o que te enſina eſte dia, em que experimentas, quam caduca he a Felicidade.* Diz Quinto Curcio 10 que admoeſtando alcançou mais, que ſe rogára; Alexandre reconheceo que com animo ſuperior à Fortuna, o deſenganava, & o tratou generoſamente. Mas para que buſcamos exemplos em outros tempos, ſe no preſente vimos Reys privados, & degollados por ſeus proprios ſubditos? He muytas vezes a perda com circunſtancias mais miſeraveis. Sapôr Rey dos Perſas meteo em huma gayola ao Emperador de Roma Valeriano, donde o tirava para eſtribo, quando montava a cavallo. De Pizano Rey dos Turcos fazia tambem eſtribo o Gram Tamorlaõ. 11 Ao Emperador de Conſtantinopla Juſtiniano II. cortou os narizes, & orelhas Leoncio, que o deſpojou: Tiberio fez o meſmo a Leoncio; & Juſtiniano reſtituido fez o meſmo a Tiberio; de modo que tres Emperadores ſucceſſivos não tiverão narizes, nem orelhas; & Juſtiniano cada vez que ſe queria aſſoar, & os não achava, mandava matar hum dos que tinhão ajudado a Leoncio. 12 Nem he muyto, que no reynar haja tanta inconſtancia, pois os meſmos filhos herdeyros conjurão contra o Rey. Abſalam contra David: 13 Pipino contra Luis Pio, chamado de Boneair, Emperador, & Rey de França: 14 Henrique contra Henrique III. Rey de Inglaterra, 15 & outros. Nabucodonoſor o II. Rey de Babylonia, morrendo ſeu pay do meſmo nome, fez ſeu corpo em trezentos pedaços, & os deu a comer a outros tantos minhotos, porque não reſuſcitaſſe, & tornaſſe a reynar. 16 Só ſe achou em hum Decio filho de outro Decio Emperador de Roma, que não quiz aceytar a Coroa, que ſeu pay lhe dava. E Leaõ II. Emperador de Conſtantinopla parecendolhe couſa injuſta, que Zenon ſeu pay foſſe ſeu vaſſallo, lhe deu o Imperio, & obediencia: 17 & o Principe Dom Joaõ filho de Dom Affonſo V. Rey de Portugal, havendo-lhe ſeu pay deyxado o governo do Reyno quando foy a França, lho reſtituhio logo que elle voltou; ſendo que o pay, contentando-ſe com o Algarve, lho largava: & reſpondeo, que mais queria reſtituirlho, que ſer ſenhor de todo o Mundo. 18 O que puzemos entre as Excellencias de Portugal, 19 por ſer taõ rara eſta acção. Quanto o Monarca he mayor, tanto dà mayor quèda, como quem cahe de mais alto: Adam cahio em hum lugar, & a ſua quèda encheo o Mundo todo. 20

9 *Q. Curt. hiſt. Alex. l. 2. & ſeqq.*

10 *Curt. ſup. l. 8. in fin.* Plus monẽdo profuit, quàm ſi preẽcatus eſſet.

11 *Textor in Officin. tom. 2. tit. qui ex proſp. Fortunæ, &c.*

12 *Jul. de Caſtilho, hiſt. dos God. lib. 2. diſcurſ. 11.*

13 *1. Reg 15.*

14 *Robert Gaguin. de Franc. geſt. in Ludovic Pium. Nicol. Giles Annal. de France, anno 829.*

15 *Reuſner. in Genealog. tit. Reg. Angl.*

16 *Caſtilho ſup. l. 4 Diſcurſ. 9.*

17 *Caſtilho ſup. l. 2. Diſcurſo 6.*

18 *Rui de Pina Citon. de D. Affonſo V. c. 188*
Maris dial. 4. dos Reys de Portug. c. 9.
Vaſconcellos Anacephaleoſ. in Alphonſ. V. num 19.
Chriſtov. Ferreyra, vida de D. Joaõ II. l. 1. fol. 26. v. 5.
Meuſinho, no poem. Affonſ. Africano cant. 10.

19 *Diſſemos nas Excellencias de Portug. c. 13 Excel 5.*

20 *Notat D. Auguſt in Pſal. 9.*

4 Da fama triunfa o tempo, como com alto eſpirito can-
tou Petrarca. 21 Quem ſabe hoje quem foraõ aquelles po-
derоſos, & afamados varoens, de quem faz menção a Eſcritu-
ra Sagrada no Geneſis? 22 Sem paſſar tanto tempo, logo
depois da morte de cada hum começa a ſer eſquecido. 23
Se dos antigos, ſendo melhores que os preſentes, nos naõ
lembramos já, como eſpera mais, quem o merece menos? Na
vida do meſmo que a logra, anda arriſcada, porque a man-
cha qualquer defeyto, que he mais notado dos homens, que
muytas virtudes: baſtou que Scipiaõ Africano ſe moſtraſſe mal
affecto a Tiberio Gracco agradavel à plebe de Roma, que
perder com ella o bom nome, que tinha ganhado por ſuas ac-
çoens heroicas. 24

5 A ſaude tem contra ſi hum inimigo certo; & muyto
poderoſo, que nòs meſmos lhe deſejamos, que he a velhice.
25 Ainda antes da velhice ſe quebra com qualquer acciden-
te, & muytas vezes cauſado de algum exceſſo, que fez o
que ſe fiou della. Quem ſe livrará de doenças, ſe ſó contra os
olhos contou Galeno 26 cento & quinze? Mais ſãos nos
conſervariamos (diz Santo Agoſtinho 27) ſe foramos de vi-
dro. O vidro encerrado, ou movido com cuydado, pòde du-
rar ſeculos; para que a ſaude não quebre, naõ ha remedio, deſ-
concertada qualquer peça do relogio de noſſo corpo, todo fica
errado. Cada anno apparecem doenças, que os Medicos capi-
tulaõ de novo com os nomes, que não tinhamos ouvido; & o pe-
yor he dizer Ariſtoteles, 28 que os que lograõ melhor ſaude,
quando adoecem, morrem mais brevemente, porque não adoe-
cem ſenaõ de grande cauſa. He tal a pena, de quem ſe vio com
perfeyta ſaude, & depois ſe acha ſugeyto a doença perpetua,
que o Emperador Septimio Severo, por ſe livrar de dores de
gotta, com deſeſperaçaõ gentilica ſe matou, tomando por ex-
pediente comer tanta carne mal coſida, que com ella no eſto-
mago morreo. 29

6 A ſciencia tambem falta com a idade. Galeno 30 diz,
que o homem eſtá mais apto para ella, quando tem mais vi-
gor, porque então eſtá a natureza mais forte para obrar, mais
prompta para eſpecular, mais accommodada para entender,
& todas as potencias mais diſpoſtas para ſeus miniſterios; a
idade as vay debilitando. Ao que ſe ajunta hir faltando a me-
moria, & ſobrevir a preguiça, como notou Neviſanio. 31
E aſſim lemos, que o excellentiſſimo Homero, com quem
não he comparavel outro Poeta, chegou a ſer vencido de
ſeu parente Heſiodo (tambem grande Poeta) em hum cer-
tamen dos que ſolemnemente ſe coſtumavaõ fazer entre os
profeſſores de varias ſciencias, & artes; do que o vencedor
ficou taõ ufano, que poz por trofeo às Muſas o premio, que
lhe deraõ, com dous verſos, que declarárão a cauſa. 32 A
eſte propoſito advertio o douto, & curioſo Doutor Neviſa-
nio,

21 *Petrarch. Triunfo 5. do Tempo.*

22 *Geneſ. 6.* Viri famoſi.
23 *Nota Petrarch. de adverſ. Fortun. Dial. 130.*

24 *Plutar. vida de Tiberio Grac. co, no fim.*

25 *Pſal 89. v. 10.*

26 *Galen. introd. c. 15.*
27 *D. Aug. ſer. 1. de verb. Domin.*

28 *Ariſtot. problem. ſect 1 n. 28.*

29 *Sorapan na Medicina Heſpanhola, refran 2. ex Sexto Aurelio.*
30 *Galen. apud P. Mendoça in Viridar. l. 4. problem. 20.*

31 *Neviſan. in Sylv. nuptial. l. 5. num. 15.*

32 *Referunt Plutarch. lib. Symbol. & in diat. ſept. Sapient.*
Gel. Noct. Att. l. 3. c. 11.
Alex. ab Alex. Genial. l. 6. c. 19. ad fin.

nio, 33 que Decio insigne Escritor na Jurisprudencia, se mostrou muyto inferior nas leyturas que escreveo sobre as Decretaes, ao que tinha escrito em menor idade. Dizer Job, 34 que nos antigos está a sabedoria, & no muyto tempo a prudencia; só se entende para governarem pela experiencia: & porque enfraquecidos os sentidos corporaes, fica o conselho robusto sem payxoens. Disto temos dito com curiosidade em outra obra. 35 Se a sciencia com qualidades divinas vem a faltar, em que humano se pòde esperar subsistencia?

33 *Nevisan. sup. n. 25. ad fin.*

34 *Job 12. 12.*

35 *In tract. Pers. Dos. qualit. 6.*

7 As riquezas tem muytos caminhos de perdiçaõ, como em outra parte 36 já considerámos; esterilidades, inundaçoens, incendios, terremotos, naufragios, latrocinios, demandas, jogo, gastos demasiados, vaidades, desgraça com o Principe, guerras, & tantos outros, que parece impossivel sua conservação, & assim em todos os estados se tem visto, que sua estabilidade a nenhum perdoa. No mais humilde se experimenta cada dia; dos mais levantados, que se tem por izentos desta mudança, tragamos à memoria alguns exemplos dos mais conhecidos. Naõ fallemos no de Job, porque foy pobreza rica de felicidades; recorramos às letras humanas. Annibal viveo tão lautamente, como terror que foy de Roma, & columna de Carthago; chegou depois a necessitar de que Pruzia Rey de Bithinia o sustentasse, como por esmola, & em fim quizesse entregallo aos Romanos. 37 Paulo Emilio triunfador dos Ligares, & delRey Perseo de Macedonia, morreo tão pobre, que naõ se achou em casa com que se fizesse o gasto de suas exequias. 38 Pompeyo, que teve renome de *Magno* em Roma, se vio obrigado a hir buscar o sustento em Ptolomeo Rey do Egypto, onde foy morto. 39 Belisario, insigne Capitão do Emperador Justiniano, que com famosas vitorias lhe assegurou o Imperio, & lhe ganhou a gloria, de que elle se jacta no Proemio das Instituiçoens do Direyto Civil, que copiou; cahindo da graça daquelle Principe, lhe tiráraõ os olhos, & veyo à miseria de pedir esmola a quem passava, com aquella oração de cego tão sabida: *Day hum obolo a Belisario, a quem exaltou a virtude, & cegou a inveja.* 40 Era *obolo* a menor moeda que havia: na nossa Portugueza corresponde a dous reis & meyo; outros dizem que a seis reis. 41 Escusaõ-se mais exemplos, quando sabemos, que esta desgraça passou dos particulares a atreverse muytas vezes ao summo fastigio dos Reys. Dionysio, que fora Rey de Sicilia, bayxou a ganhar de comer sendo Mestre de escola de meninos em Corintho. 42 Perseo riquissimo Rey de Macedonia, morrendo preso em Roma, deyxou hum filho chamado Alexandre, que se sustentava, huns dizem, que do que escrevia, outros, que sendo torneyro, ou ferreyro. 43 Constantino VII. Emperador de Constantinopla, veyo a ganhar de comer com pintar imagens. 44 Suaducopo Rey de

36 *No tract. Bva, & Ave p. 1. d. 44. n. 17.*

37 *Donato Aviana, vida de Annibal, entre os varoens illustr. de Plutarco.*

38 *Textor in Officin. tom. 2. tit. Paupertes.*

39 *Plutarch. in Pompeium.*

40 Date obolum Belisario, quæ virtus extulit, invidia ob. æcavit. *Procop. l. 1. belli Pers. Zonaras tom. 3. Annal. in Justinian.*

41 *Bened. Pereyra in Prosodia, verbo, Obolus.*

42 *Textor sup. tit. qui ex prosp. Fortun &c. Ex Cicerone.*

43 *Pineda na Monarch. Eccles. p. 1. l. 6 c. ult.*

44 *Floscul. histor. p. 2 cap. 4. ante med.*

de Moravia, & Bohemia, vencido pelo Emperador Arnulfo, envelhecco em hum deſerto entre Ermitães, veſtindo, & comendo pobremente. 45 Fora quaſi infinito referir outros, & alguns entre nòs bem notorios.

45 *Textor ſuprà.*

8 Nas honras ha a meſma inſtabilidade. Adam eſteve coroado de gloria, & de honra pouco menos que Anjo, como diſſe David: 46 & brevemente cahio em tanta deshonra, que diſſe o meſmo David, que ficou ſemelhante aos brutos. 47 Quem ſe pòde fiar de honras, ſe o homem, que Deos fez perfeytiſſimo à ſua imagem por ſuas mãos, & abençoou depois de feyto, 48 perdeo, a que lhe deu o meſmo Deos? E como não ſerá mais facil perder, a que deraõ os homens? Eſtes a dão ligeyramente muytas vezes ſem meritos; & o edificio ſem alicerces não pòde ſubſiſtir. Taes foraõ as honras que tiveraõ da plebe Romana Saturnino, & os Graccos, porque com bom talento natural, mal applicado, lhe grangeárão a vontade, fomentando leys prejudiciaes; mas brevemente foraõ mortos com deſcredito. 49 As honras poſto que merecidas, pendem da vontade de quem as dà, & mal ſe pòde conſervar o que conſiſte no arbitrio alheyo, que ſempre he vario: o que lhe contentou em hum dia, lhe deſcontenta no outro. Por muytos, ſe não pòdem numerar, nem por iguaes eleger os exemplos deſta verdade. Scipião Africano teve dignamente em Roma dez annos a dignidade de Principe do Senado, honra muyto extraordinaria, que ſe dava rariſſimamente, ſó por excellencia de meritos; & a accuſação de invejoſos o obrigou a retirarſe a viver, & morrer particular em Linterno. 50 Pompeyo, que em Roma, & todos ſeus dominios teve os titulos da mayor honra, & ſe vio deſpojado de todos, dizia a ſeus amigos, que lhes affirmava, que os alcançára, ſem os eſperar, & os perdéra, ſem imaginar que os podia perder: & que niſto conheceſſem o pouco que ſe devia fiar da felicidade humana. 51 Nelle, & no grande Varaõ Cayo Mario, diſſe ſingularmente Petrarca, 52 que moſtrou a *Fortuna* quanto bem, & quanto mal podia fazer. Que pouco imaginaria o virtuoſo Beliſario, quando ſe viaj com tão juſtos, & geraes applauſos, que havia de mendigar cego, como diſſemos!

46 *Pſal* 8 6. Minuiſti eum paulò minùs ab Angelis, gloriâ, & honore coronaſti eum.

47 *Pſal.* 48.21. Homo, cùm in honore eſſet, non intellexit: comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis.

48 *Geneſ.* 1. 26. *& ſeqq.* Benedixitque illis Deus.

49 *Plutarch. in Gracch.*

50 *Plutarch. in Scipion.*

51 *Refert Guevara, trat. Aviſo de Privados, c.* 15. *no princip.*

52 *Petrarch. de proſp. & adverſ. Fortun. in prol. ad fin.*

9 Os deleytes, & paſſatempos que depreſſa ſe acabaõ! Noſſos primeyros pays ſô oyto dias lográraõ o Paraiſo terreal, como diſſemos. 53 Moyſés acabava de cantar pela ſahida do Egypto, & logo o moleſtáraõ os Iſraelitas queyxando ſe de fome, & de ſede; & deſcendo de gozar no monte a converſação de Deos, achou o pezar da idolatria que tinhaõ commettido. 54 David quando vinha de dançar diante da Arca do Senhor, ſentio a reprehenſaõ, que lhe deu ſua mulher Michol. 55 Aſſuero ſobre a alegria do banquete, que deu aos Principes de ſeu Imperio, teve logo o deſgoſto da

53 *Sup. num.* 3.

54 *Exod.* 15. 16. 17. 24. *&* 32.

55 2. *Reg.* 6.

da Rainha Vasthi sua mulher lhe naõ obedecer, quando a mandava chamar, com o que se irou, & ella foy repudiada. 56 Nabucodonosor no gosto de ver sua estatua adorada como Deos, se imaginou afrontado dos tres Israelitas Santos, que lhe negàraõ adoraçaõ. 57 ElRey Balthasar entre o regalo do seu grandioso banquete, vio a maõ, que escrevia a ruina, que logo se lhe seguio. 58 Nas historias profanas saõ innumeraveis os exemplos, & escusados aos que cada dia se experimentaõ. Que contentamento, delicia, ou passatempo vemos duravel? Antes dos mesmos, que buscamos, nos resultaõ males, & tristezas; do jogo contendas, & perda da fazenda; da caça, cançaso, da pescaria, perigos; dos banquetes, doenças; dos jardins, despesas; os muytos cheyros afeminaõ; ver sempre comedias, & festas enfada; ler muyto (sendo o mayor regalo) enfraquece a vista; só a musica, pelo que tem de Divina, he sempre agradavel; mas fora mais util chorar nossas miserias; pois finalmente (disse Salomaõ:) *O riso se misturarà com dor: & o fim do gosto he principio do pranto.* 59

56 *Esther 2.*

57 *Daniel 5.*

58 *Daniel 5.*

59 *Proverb. 14. 13.* Risus dolore miscebitur, & extrema gaudii luctus occupat.

10 Nem os retirados da Corte lograõ muyto tempo essa quietaçaõ. No retiro da sua pipa foy Diogenes tentado com pertençoens por Alexandre, & no da sua horta Diocleciano pelos que o chamavaõ para o Imperio, como de ambos temos referido. 60 A Lucio Quincio Cincinato, estando lavrando seus campos alèm do Tibre com quatro juntas de boys, chegáraõ os mensageyros, porque foy chamado para Dictador de Roma, apertada com a guerra dos Sabinos. 61 Quem mais retirado que Wamba sem se lembrar da Corte, lavrando a terra com os seus boys, como dizem huns Historiadores; ou tratando de sua sepultura, como mais verosimelmente contaõ outros? 62 & lá o foraõ buscar os grandes de Hespanha, & contra sua vontade o fizeraõ Rey, & o metèraõ na guerra de Narbona, & em outros negocios arduos, que pendiaõ, & concluhio felizmente.

60 *Supra c. 4. n. 9. & c. 5. n. 4.*

61 *Livius dec. 1. l. 3.*

62 *Marian. hist. Hispan l. 6. c. 12. Brito, Monarch. Lusit. p. 2. l. 6. c. 25.*

11 A falta dos filhos he muyto ordinaria. Assima referimos, 63 como Priamo Rey de Troya vio mortos cincoenta que tinha. Busalo Cidadaõ Romano vio dous, que se matàraõ ás estocadas; dous degolados por sedicioso; hum que matou sua madrasta, & huma filha, que se matou com veneno em presença de seu marido. 64 Muytas casas conhecemos, cujos possuidores tiveraõ muytos, & morrèraõ sem nenhum. Mais lastimavel he sahirem alguns taes, que devem os pays estimar sua morte, & com tudo os atormenta, quando succede. Tal foy Absalaõ, & o chorou amargamente seu pay David, desejando comprarlhe a vida a preço da sua propria. 65 Yones Rey dos Tenedos, Zeleuco Locrense, Marco Scauro, Manlio Torquato, Aulo Fulvio, Junio Bruto, & Cassio, Romanos, no mesmo bem que se considera em ter filhos sentiraõ o mayor dano, achando-se obrigados (se bem

63 *Sup. c. 60. 11.*

64 *Textor in Officin. tom. 2. tit. Fortunati, in fin.*

65 *2. Reg. 18. in fin.*

bem com juſtiça barbara) a mandallos matar por criminoſos. 66 Foy bem notavel o que refere Eliano 67 de Racous, Mardo de naçaõ. Tinha ſete filhos, & accuſou em juizo levando-o prezo ao menor, chamado Cartomes, por inſultos, & crimes capitaes; de que reprehendido ſe naõ queria emendar, pedindo que foſſe condenado à morte. Os Juizes admirados da accuſaçaõ, a remetèraõ a ſeu Rey Artaxerxes de Perſia, diante de quem o pay a proſeguio. Perguntoulhe ElRey: *E bem! Poderàs tu com teus olhos ver matar teu filho?* Reſpondeo: *Sim poderey; porque na minha horta, quando corto as alfaces pequenas, os filhos amargoſos, que lhes naſcem ao pè, eſtà a mãy taõ longe de ſe doer diſſo, que antes creſce, & ſe faz mais doce; aſſim eu, ò Rey, vendo que me cortaõ o filho, que deshonra, & empobrece a minha familia, me verey melhorado, & ſentirey boa fortuna em minha caſa.* ElRey o louvou, & o fez hum dos ſupremos Juizes do Reyno, dizendo, que quem taõ ſevera, & juſtamente procedia contra ſeu filho, ſeria incorrupto para com os eſtranhos. Ao filho perdoou o paſſado, ameaçando-o para o futuro.

66 *Cicer.2.de leg Valer. Max.l.3 c.8. Stob.ſerm.42. Eraſm.in adag. Tenedos bipinnis l.6.apophthegm 67.*

67 *Ælian.var.hiſt.l.1.c.34.*

12 Na privança he mais certa a pouca duraçaõ: os terremotos aſſolaõ os mais ſoberbos edificios: ſobre os montes mais altos cahem mais rayos: a mayor calma he final de tempeſtade. Pela variavel condiçaõ dos Principes, pelo deſcontentamento dos outros do ſangue Real, pela culpa, que ſem culpa ſe imputa na adverſidade dos ſucceſſos, pelo deſejo, que os povos tem de mudanças, pela inveja dos Corteſãos, entre os quaes ſaõ os mais invejoſos os parentes, que o valido tem mais obrigados, como advertio hum prudente, & diſcreto Eſcritor ſobre eſta materia. 68 Em ponto de mandar, naõ ha amigo para amigo, nem genro para ſogro, nem irmaõ para irmaõ, nem filho para pay. Marco Antonio ſe levantou contra ſeu amigo Ceſar Auguſto: Pompeyo contra ſeu ſogro Julio Ceſar: Romulo contra ſeu irmaõ Remo: Abſalaõ contra ſeu pay David; & outros acima 69 nomeados. Iſto eſcrevemos largamente em outra parte, 70 & naõ convem repetir o que eſtà dito.

68 *Guevara no trat. Aviſo para Privados c.11. ante med.*

69 *Supra n.3.*

70 *No trat. Eva, & Ave, p.1.c. 10.à n 6.*

13 A falta de fermoſura, em que ultimamente ſó apontou, 71 que as mulheres punhaõ ſua *Felicidade*, naõ ſó he certa, mas natural. Ellas o confeſſáraõ, & ainda que o naõ confeſſem, ſabemos, que poſto que naõ haja accidente exterior, de ſi meſma dura pouco. Atè os vinte & cinco, ou trinta annos eſtá perfeyta; aos trinta ſe murcha; aos quarenta ſecca; aos cincoenta, nem final deyxa de ſi; ſe algum apparece, he Epitafio do que morreo, & aquella terra tem comido: cujas letras quaſi apagadas jà naõ ſe pòdem ler. Tambem diſto temos dito acima, & em outro tratado. 72

71 *Supra c.4.n.22.*

14 Creſſo, finalmente, que por todas as vias era tido por feliciſſimo, o moſtrou bem no ſucceſſo, que acima referimos.

72 *Trat. Eva, & Ave, p.1.c.15. n.3. & 36.n.11.*

rimos. 73 Oh enganados juizos humanos! E Alexandre, de quem diſſe Quinto Curcio, *que tivera a Fortuna na ſua maõ*, 74 morto miſeravelmente com veneno na flor de ſua idade! Sendo pois taõ caduco, tudo o que ſe chama *boa Fortuna*, naõ lhe pôde competir no Mundo eſte nome com propriedade.

73 *Supra c 6. n.7.*

74 *Q Curt.biſtor.Alex.lib ult.* Plus debuiſſe Fortunæ, quàm ſolus omnium mortalium in poteſtate habuit.

CAPITULO IX.

Moſtra-ſe em que conſiſte o bem, & felicidade, a que pela boa Fortuna *aſpira o homem naturalmente.*

1 Diogenes 1 parece, que reconhecendo pelas razões dos quatro Capitulos precedentes, que nenhum dos bens apontados no quarto Capitulo, era o perfeyto a que o homem naturalmente aſpira por ultimado fim; diſſe, que conſiſtia em eſtar ſempre alegre ſem occaſiaõ de triſteza. Mas onde ſe achou iſto, ou ſe acharà jà mais? Quem eſtará ſempre alegre ſem occaſiaõ de ſe entriſtecer? Se naõ temos hum ſó dia ſem alguma triſteza, antes cada dia miniſtra nova cauſa de chorar: 2 como teremos annos, & toda a vida? Naõ houve no Mundo caſa, em que naõ houveſſe lagrimas, diſſe Seneca. 3 Pôde hum homem, como diz o grande Bernardo, 4 evitar alguns deſgoſtos, mas naõ pôde eſcuſarſe de outros, & talvez mayores. Conſidere o que ſe tem por mais feliz, ſe teve goſto ſem algum pezar. Julio Ceſar no feſtivo de ſeus triunfos ouvia as murmuraçoens dos ſoldados, que o hiaõ acompanhando, & juntamente publicando ſeus defeytos. Até no dia mais alegre das vodas, ha ſentimento de alguma falta, ou no aceyo da caſa, ou na aſſiſtencia dos parentes, & amigos, ou no ſerviço dos criados, ou em outra couſa, poſto que pequena; porque ſe avalia por grande naquella occaſiaõ. Com razaõ coſtumamos dizer, que *todos os goſtos ſaõ aguados*. Sempre ſe nos retrataõ de perfil, em que lhes vemos huma boa face, & naõ a outra, em que tem o defeyto.

1 *Diogen. apud Stob.ſerm.101.*

2 Concluamos, pois, que no Mundo naõ ha *Felicidade*, nem boa *Fortuna*. As que nos parecem mayores miſerias da vida, ſaõ as menores, que ha nella, porque naõ conhecemos as mais; temos outras muytas, que naõ ſe deyxaõ ſentir do corpo, & deſtroem o mais excellente do homem; os mais perſeguidos dellas ſe queyxaõ menos; como os doentes que perdem os ſentidos. Se a razaõ deſpertàra a huns do lethargo, & a outros cortára a carne amortecida, ſentiraõ dores, mas cobrariaõ ſaude, porèm naõ querem cura de deſengano. Noſſa cegueyra he peyor que o mal; pois nos faz inimigos de nòs meſmos. Se nos frontiſpicios dos Paços, & grandes caſas ſe puzeſſem inſcripçoens de ſeus infortunios, no lugar em

2 *Senec.tragic.in Troad.* Nulla dies mœrore caret, ſed noxa fletus cauſam miniſtrat.

3 *Senec Philoſ de Conſol.ad Polyb.c* 32. Nulla domus in toto orbe terrarum aut eſt, aut fuit ſine comploratione.

4 *D.Bernard ſerm.de obedient in princ.* Eſt qui declinat aliquos, ſed incidit procul dubio in graviores.

em que ſe poem os eſcudos de ſuas armas, brazões de ſua vaidade, & ambiçaõ, todos teriaõ horror de entrar nellas. Quem leſſe de fóra as inſcripçoens de Syla, que ſe fez cognominar *Feliz*, pelos ſucceſſos que teve, & ſupremo governo que alcançou de Roma, cuydaria que a ſua caſa era o firmamento da boa *Fortuna*; mas os que ſabiaõ o interior della, naõ ſóa conheciaõ afeada; com ſangue de innumeraveis homicidios que o faziaõ infeliz, como notou Plinio, 5 & com a torpeza de muytos vicios, mas tambem atormentada com temores de caſtigo, & infeſtada da doença pedicular com tanto exceſſo, que todos delle fugiaõ, & elle meſmo ſe deſpedaçava, & aſſim morreo. 6 Quem olhaſſe para os titulos de Mario, ſete vezes Conſul, o teria pelo mais afortunado; mas quem penetraſſe a inveja, que o penalizava contra Syla; & ſe lembraſſe da pobreza, com que largo tempo andou eſcondido em Minturna, & deſterrádo em Africa, & depois o viſſe nas mãos de hum Cirurgiaõ para lhe cortar huma perna, 7 entenderia quanto ſe enganava. Finalmente eſcuſa outros exemplos a lembrança de Polycrates Tyranno dos Sammios, que em toda ſua vida naõ ſentio occaſiaõ de triſteza: & de propoſito, para o experimentar, lançou no mar hum annel de preço ineſtimavel, & o tornou a achar dentro de hum peyxe, que lhe fez prezente hum peſcador. Porèm morreo cruelmente enforcado por mandado de Orontes, ou Oretes Satrapa da Perſia, Prefeyto de Cyro, que o venceo. 8 A eſtes, & a ſemelhantes chama o Mundo *bem afortunados*, porque os nomes de tudo erra. 9 Atè o glorioſiſſimo Joſeph na mayor felicidade de ter por Eſpoſa a Maria Santiſſima, padeceo as ancias de a ver máy, ſem ſe ver pay: 10 mas ſó aquella, porque era felicidade eſpecial dada por Deos, ſe reſtituhio brevemente com multiplicado goſto, conhecido o myſterio.

5 *Plin. biſt. l. 6. cap. 43.*

6 *Plutarch. in Syl. ad fin. Plin. ſupra.*

7 *Geſner. in Onomaſtic. verb. Marius.*

8 *Strab. l. 14.*

9 *D Chryſoſt. hom. 54. apud popul. Antioch. ad fin.*

10 *Matth. cap. 19.*

3 Contra tantas demonſtraçoens inſtou Valerio Maximo; 11 que ſe devia titulo de *Feliz* a Quinto Metello, filho de Lucio Metello, de que aſſima fallàmos; 12 porque o fora do primeyro atè o ultimo dia de ſua vida, pois naſcèra em patria Princeſa do Mundo, de pays nobiliſſimos, com dotes rariſſimos do animo, forças corporaes para trabalhos, teve mulher muyto honeſta, & fecunda, conſulado, & triunfo, hum filho Pretor, & tres Conſules, hum dos quaes triunfou; tres filhas caſadas, & de todos netos: muytas bonanças, & gratulaçoens dellas em ſua caſa, ſem morte, nem outra occaſiaõ de deſgoſto; atè que faleceo muyto velho de doença muyto branda nos braços de ſeus filhos; & netos, que levàraõ ſeu corpo pela Cidade ao lugar, onde o queymàraõ, como era coſtume. Diſſe Valerio Maximo (fallando como gentio) que apenas ſe acharia no Ceo tanta felicidade; pois grandes Authores tinhaõ dito, que tambem là havia dores,

11 *Valer. Max. l. 7. c. 1. de felicit.*

12 *Sup. c. 6. n. 8.*

&

& os Deoſes choravão. Porèm Plinio 13 o julgou infeliz, porque ſendo Cenſor, vindo do campo ao meyo dia pela Praça junto do Capitolio, na qual a tal hora não havia gente, o encontrou Catinio Labeo Tribuno da plebe, a quem elle tinha deytado fóra do Senado, & o arrebatou, & levou por força à Rocha Tarpeya para o deſpenhar; acodio, mas já tarde, outro Tribuno, quando Metello muyto maltratado, eſtava já para perecer, & ſua interceſſaõ lhe alcançou perdaõ. Aſſim ficou vivendo por beneficio alheyo, o que Plinio tem por deſgraça grande, & que pelo menos ſe naõ pòde chamar *Feliz*, quem eſteve em tanto aperto, & com a vida na vontade de ſeu inimigo. Petrarca 14 diz, que recebeu outras injurias de peſſoas vis, porque a infelicidade foſſe dobrada.

13 *Plin.l.7.cap 44.*

14 *Petrarch.de proſp. Fort.dial.* 108.

4 Conhecendo tudo iſto Democrito, 15 ſe rio, como de tudo coſtumava, dos Filoſofos, que em vaõ diſputavaõ, em que conſiſtia a *Felicidade*, quando no Mundo a não podia haver; & zombando diſſe, que ſó era feliz o que ſe alegrava com pouco dinheyro, & infeliz o que ſe intreſtecia tendo muyto.

15 *Democrit.apud Stob.ſer.*102.

5 A verdade he, como reſolve o Angelico Doutor Santo Thomàs, 16 que aquelle bem, & felicidade (equivocado pelos antigos com boa *Fortuna*, como acima advertimos 17) a que diſſemos, que o homem naturalmente aſpira como a ultimado fim, 18 & centro, em que deſcance, conſiſte ſómente na beatifica viſaõ da Eſſencia Divina.

16 *D.Thom.1.2.q.3.art.2.*

17 *Suprà c.3.n.2.*

18 *Sup.d.c.3.n.2.*

6 Porque o homem naõ he perfeytamente *Feliz*, & bemaventurado, em quanto lhe reſta alguma couſa que deſejar, & inquirir. Moſtra-ſe; porque a perfeyçaõ de cada potencia ſe attende ſegundo a razaõ de ſeu objecto. O objecto do entendimento (enſina Ariſtoteles 19) he a couſa como ella he em ſua eſſencia. Pelo que tanto mais perfeyçaõ ha no entendimento, quanto elle mais conhece a eſſencia da couſa: & aſſim poſto que conheça a eſſencia dos effeytos, & ſayba que elles tem cauſa; com tudo ſem conhecer a eſſencia deſſa cauſa, naõ conhece a couſa perfeytamente: & fica o homem com deſejo natural de conhecer a cauſa do effeyto, que vè, & eſte deſejo o faz inquirir. Aſſim como quem conhece o eclipſe do Sol, conſidera, que procede de alguma cauſa; mas naõ a conhecendo, admira-ſe, & admirado a inquire, & não ſe aquieta, atè naõ chegar a conhecer a eſſencia da cauſa do eclipſe. Do meſmo modo, ſe o entendimento humano, que conhece a eſſencia dos effeytos creados, naõ conhecer mais, ſenaõ que ha Deos, que he cauſa delles, & os creou, ſem conhecer ſua eſſencia, ainda ſua perfeyçaõ naõ chega ſimplezmente à primeyra cauſa, mas fica o natural deſejo de a inquirir, & naõ eſtá perfeytamente *felis*, & bemaventurado. Donde ſe ſegue, que para bemaventurança, & *Felicidade*

19 *Ariſt.de Anim.*

perfeyta, ſe requere, que o entendimento chegue à eſſencia da primeyra cauſa, que he Deos, por uniaõ a elle, como a objecto, em que ſó conſiſte a *Felicidade*, tendo já conhecido tudo, ſem reſtar mais que ſe deſeje conhecer.

7 Só eſte he o bem, & *Felicidade*, com que ſe naõ compadece algum mal: em que concorre uniaõ de todos os bens: em que não ha mais que deſejar, 20 porque por ſer mantimento natural à noſſa Alma, nos ſatisfaz de tudo; bem, que he conſtante, & perduravel eternamente: & aſſim ſó eſta felicíſſima viſta, he o bem que o homem naturalmente deſejava; porque fora creado para elle: 21 ſó para elle trabalha, & elle he toda noſſa recompenſa. Neſſa conſideraçaõ exclama com ſeu alto eſpirito o nunca aſſás louvado Varaõ Thomàs de Kempis, dizendo affectuoſamente: 22 *Oh! quando ſerá o fim dos preſentes males? Quando ſerey livre da miſeravel ſervidaõ dos vicios? Quando, Senhor, me lembrarey ſómente de vós? Quando me alegrarey em vós perfeytamente? Quando eſtarey ſem impedimento na verdadeyra liberdade, ſem peſo algum no corpo, & no eſpiritu? Quando ſerá a paz ſolida, paz quieta, & ſegura, paz no interior, & no exterior, paz firme de toda a parte? Quando, bom JESUS, vos eſtarey vendo? Quando contemplarey a gloria de voſſo Reyno? Quando me ſerey tudo em tudo? Oh, quando ſerey comvoſco no voſſo Reyno, que preparaſtes para voſſos amados ab æterno?* He muyto notavel, que o Filoſofo Epicuro 23 (a quem o vulgo ignorantemente calumnia em tudo) atinaſſe com iſto de algum modo alumiado ſó da razaõ natural; eſcrevendo a Pytoles, que a ſuprema *Felicidade* eſtava em Deos, a qual não admittia augmento, nem privaçaõ dos deleytes.

8 Eſta *Felicidade* ſe naõ alcança neſta vida de lagrimas, como Deos diſſe a Moyſés; 24 não pòdem os olhos ſuſtentar tanta luz: quem anda peregrino, naõ goza as delicias da Patria. Saõ Paulo quando foy levado ao terceyro Ceo, aonde muytos Doutores entendem, que vio a Eſſencia Divina, duvidou, ſe hia ſua Alma ſeparada do corpo. 25 Santo Agoſtinho 26 reſolveo, que elle entaõ naõ vivia; porque, ainda que a Alma naõ eſtiveſſe totalmente ſeparada do corpo, eſtava ſeparada do commercio dos ſentidos: & o extaſi, que o levou à bemaventurança, o fez morrer às couſas da terra, & à ſua propria peſſoa.

9 Porèm aquelle Senhor, que por ſua immenſa bondade ſuſtenta os homens na terra com o paõ, com que ſuſtenta os Anjos no Ceo, 27 participa neſta vida daquelle Sol, aos que por eminentes virtudes fazem ſeus corpos eſpirituaes, como lhes chamou S. Joaõ Chryſoſtomo, 28 & Santo Ambroſio lhes chamou Ceo. 29 E ainda que nunca he ſem interpoſiçaõ de nuvem, como diſſe David, 30 que tempere ſeus rayos, a capacidade mortal: he a *Fortuna* felicíſſima, que ſe

pòde

20 *Matth.5.6.* Quoniam ipſi ſaturabuntur.

21 *D. Auguſt. in Pſalm 64.*

22 *Kemp de imit. Chriſt l.3.c.48.*

23 *Epicur. apud Laert. l.10.* Felicitatem bifariam intelligi, ſupremam illam, quæ in Deo eſt, quæ incrementum non admittit, adjectionemque, & ablationem voluptatum.

24 *Exod 33.20.*

25 *Paul.2.ad Corinth.12.2.*

26 *D. Auguſt. lib. ad Paul de videnda Deo.*

27 Panem Angelorum manducavit homo. Ecce panis Angelorũ, factus cibus Viatorum. Panem de Cælo præſtitiſti eis.

28 *D. Chryſoſt. ſerm.13. in Epiſt.* Qui Spiritu Sancto erecti exultant, corpora etiam ſpiritualia faciunt. *In idem eſt Salvian. Epiſt. ad Cacur. ſororem.*

29 *D. Ambroſ. ſerm.1. in Cant & in Pſalm.1:8*

30 *Pſalm.96.* Nubes & caligo in circuitu ejus.

pòde deſejar neſte Mundo. Mas nem deſta, nem daquella celeſtial he noſſo tratado, porque nem temos forças, nem profiſſaõ para tanto. Aqui tratamos ſómente da que neſte deſterro podemos conſeguir, & commummente ſe buſca para o temporal; a qual ſe pòde diffinir: *Huma moderaçaõ de trabalhos*; em effeyto vem a ſer hum infortunio menor entre os grandes, a que eſtamos ſugeytos: & quem chegar a tal eſtado, ſerá o mais *Felice* entre os mortaes; pois aonde ſe naõ pòdem eſcuſar males, he *Felicidade de boa Fortuna* ſofrer ſó os menores.

CAPITULO X.

Donde procede a boa Fortuna.

1 COnhecido já o bem que pela boa *Fortuna* podemos ter neſte Mundo, como diſſemos no fim do Capitulo precedente, vejamos como ella ſe ha de buſcar, & dominar, que he o titulo, & aſſumpto da preſente obra.

2 Muytos, que a Gentilidade tinha por ſabios, cuydàraõ que a boa, ou mà *Fortuna* procedia da Conſtellaçaõ, em que cada hum naſcéra. Ainda hoje o imagina o vulgo, & diz, que ſe naſce em boa, ou má eſtrella: chamo vulgo com Seneca 1 aos ignorantes de qualquer eſtado; porque naõ creyo ao que vem os olhos, mas à luz, que penetra os animos. Huns affirmavaõ, que as Eſtrellas obravaõ tudo por virtude propria independentes como queriaõ; outros, que executavaõ os decretos dos Deoſes. Donde ſe occaſionou, equivocarem os nomes dos Deoſes com os dos Aſtros, como Saturno, Jupiter, Marte, & Venus, do que os notou Cicero. 2

3 Entre outras razoens mais altas, lhes perguntou com galantaria Santo Agoſtinho: 3 *Se credes que as Eſtrellas fazem tudo, para que adorais os Deoſes? E ſe credes, que executaõ, o que elles decretaõ, como dizeis, que os voſſos Deoſes decretaõ muytas vezes couſas taõ mal feytas?* Tambem os convenceu com o que ſe vè nos Gemeos gerados, & naſcidos dos meſmos pays, no meſmo horoſcopo, & no meſmo lugar: & com tudo ſahem taõ differentes nos coſtumes, & *Fortuna*, como Eſaù, & Jacob. 4 E porque ſe naõ diga, que qualquer intervallo no naſcimento alterou a Conſtellaçaõ, ſejaõ exemplo as duas irmãs naſcidas em Verona no anno de 1475. pegadas inſeparavelmente pelas coſtas, & taõ encontradas, que chegavaõ a ferirſe; & dous irmãos tambem pegados, de que eſcreve Gandavo, hum muyto virtuoſo, que ſempre queria orar, outro exceſſivamente laſcivo. 5

4 A que chamamos boa *Fortuna* procede da mão Omni-

1 *Seneca de Vit. Beat. c. 2.*

2 *Cicer. de nat. Deor. l. 2.*

3 *D. Auguſtin. de Civit. Dei l. 4. c. 1.*

4 *Geneſ. 25.*

5 *Refert ex multis Franco in Campo Elyſio, q. 45. n. 45.*

potente de Deos, Author, Senhor, Governador de todas as couſas, & Dador de todo o bem. Elle ineffavelmente conſtituhio os Orbes, & tudo o que natural, & ſobrenaturalmente pòde ſer. Delle procede todo o modo, toda a eſpecie, toda a ordem. Creou o inſenſivel, & ſenſivel. Compoz o homem dos quatro Elementos, de que compoz o Mundo; (por iſſo alguns Filoſofos o chamárão *Microcoſmo*, que ſe interpreta Mundo pequeno;) deulhe ſer como às pedras, vida ſenſivel como às plantas, ſenſitiva como aos brutos, intellectual como aos Anjos. Ornou-o de belleza, ſaude, fecundidade, & de outros dons. Creou o Ceo, & a terra, & atè os Eſpiritos celeſtes para ſeu miniſterio; finalmente o fez viva imagem ſua, 6 & (o que ſobre tudo tranſcende) por ſeu amor deſceo do Empyreo à ſervillo, & morreo por elle, & lhe prometteo a ſi meſmo, como hum devoto inſigne 7 conſiderou. Certamente aquelle que tem cuydado de dar alimento aos paſſarinhos, que o naõ grangeão, & veſtido aos lirios do campo, que o não trabalhaõ, como o naõ terá do governo, de quem he tanto mais? He argumento de Chriſto no Evangelho. 8 Aquelle que nem ao minimo das entranhas de hum bichinho, nem à flor da hervinha mais deſprezada deyxou ſem conveniencia, paz, & concordia de ſuas partes, naõ ſe pòde crer, que quizeſſe que eſtejão fóra das leys de ſua Providencia os ſucceſſos do homem, feytura ſua taõ eſpecial, em cujas acçoens taõ cuydadoſamente uſou de juſtiça para o caſtigo, & de miſericordia para a redempçaõ. He argumento do grande Agoſtinho. 9 Como premiaria, ou caſtigaria juſtamente as acçoens, de quem obrava forçado das Eſtrellas, & naõ voluntario?

6 *Geneſ.*1.16 & 17.

7 *Thom.de Kemp.de imit. Chriſt.* l.3.c.10.*ad med.*

8 *Matth.*6.26.*Luc.*12.27.

9 *D Auguſt.d.l.*5.c.11.

5 Porèm ainda que a boa *Fortuna* proceda principalmente da maõ de Deos, he neceſſario, que o homem contribua. A materia ſegue a fórma, ſegundo he movida pelo agente; nada ſe reduz per ſi meſmo de potencia a acto; & aſſim a materia, & occaſiaõ, que o Author de tudo offereceo para a boa *Fortuna*, devem ſer movidas, & bem encaminhadas pelo homem como Artifice, ao que convem, para o fazerem feliz. Deos diſpoem, mas naõ tira o alvedrio, com que o homem pòde obrar de huma, ou de outra maneyra em ordem àquelle fim. *A Felicidade* (valendonos da comparaçaõ do Doutor Angelico 10 a ſemelhante propoſito) eſtá poſta por alvo à noſſa vontade: temos arco, & ſettas, que ſaõ noſſas acçoens, para atirar àquelle alvo; ſe lhe naõ acertamos, he, porque ou naõ queremos atirar, ou não ſabemos acertar. O doente que deſeja ſaude (diz para eſte intento Juſto Lypſio 11) ha-ſe de applicar medicinas; quem quer chegar ao porto, ha de apertar os remos, ou eſtender as velas; ſe ocioſo as tiver tomadas, pouco lhe importarà, que do alto lhe aſſoprem os ventos. Deos offerece quanto baſta; mas

10 *D.Thom.*1.2.*q.*1.*art.* 2.*in corp.*

11 *Lypſ.de Conſtant.l.*1. *c.ult.*

quer

quer que mereçamos, & ſem trabalhar naõ ſe merece, da ſua dadiva quer fazer noſſo merito: nem quer obrar tudo, por nos não deſcuydarmos, nem que obremos tudo por nos naõ deſvanecermos. Para reſuſcitar a Lazaro quiz, que os homens fizeſſem o que podiaõ, que era levantar a pedra da ſepultura; 12 & depois fez o que elles naõ podiaõ, que era reſtituirlhe a vida. Compoem-ſe pois a boa *Fortuna* de ſeu auxilio, & de noſſa diligencia; o procuralla he do homem, o ſucceſſo he de Deos, & ha de procurarſe com acçoens prudentes, não com temerarias: a deſgraça com bom conſelho he acerto, & a ventura com temeridade naõ deyxa de ſer erro.

12 *Joan.*11.39. Tollite lapidẽ;

6 Neſte ſentido cada hum he artifice da ſua *Fortuna*, ſabendo-ſe governar com prudencia. O *Sabio* (diz o Proverbio 13) *dominarà as Eſtrellas*: he vencedor da Fortuna, diſſe Juvenal: 14 & em outro lugar, 15 que havendo prudencia haverá tudo, & que nòs ſomos os que queremos fazer a *Fortuna* Deoſa. O meſmo affirmáraõ ſó com o lume da razão Ennio, Virgilio, Seneca, Salluſtio, & outros Gentios, quando attribuiraõ os ſucceſſos felices da *Fortuna* à fortaleza, audacia, trabalhos, & outras qualidades dos homens, & diſſerão que ella naõ tinha juriſdicçaõ contra as virtudes. 16 Salamaõ com o exemplo das formigas exhorta aos que naõ querem ſer pobres, a não ſerem preguiçoſos, nem deſcuydados, mas muyto diligentes; porque o remiſſo em obrar cahe em miſeria: o forte, & diligente em agenciar alcança bonanças. E em outro lugar, que o que cultiva a ſua terra, ſerá farto: o que ſe deyxa eſtar ocioſo, he muyto neſcio. 17 Sem trabalhar, & ſuar não ha que comer: he penſaõ, que Deos poz a todos os homens. 18 E ſó ſaõ bemaventurados os que comem de ſeu trabalho, como diſſe David. 19 A boa diligencia he mãy da boa ventura; chega a vencer o merecimento, pois com ella alcança hum inabil, o que hum muyto benemerito naõ alcançou, porque ſe deſcuydou fiado em merecer. Por eſta cauſa vemos muytos indignos mais levantados. Aſſim como notou hum Eſcritor Medico de noſſos tempos, 20 que em deſafios, & ſemelhantes combates muytas vezes ſaõ melhor afortunados os de menos valor; porque menos confiados applicaõ todas as forças; & os outros tendo a vitoria por certa, naõ as recolhem todas, como convem. Gravemente diſſe Paterculo, 21 que do màо conſelho que cada hum ſegue, ſe lhe ſegue a mà *Fortuna*: & que muytas vezes ſe lhe corrompe o conſelho de modo, (o que he ſumma miſeria) que parece que o mal lhes vem merecido. Atè dos Reynos, & Imperios (em que a mudança ſe tem feyto infallivel) diſſe Deos por Iſaías, que ſe acabavaõ por falta de conſelho, podendo ſer perpetuos, ſe ſe governaſſem bem. 22 Deſejamos boa *Fortuna*, & obramos como quem a

13 Sapiens dominabitur Aſtris.

14 *Juvenal* 13. Victrix Fortunæ ſapientia.

15 *Juvenal Sat.* 10. Nullum Numen abeſt, ſi ſit prudentia, ſed nos Te facimus, Fortuna, Deam, Cæloque locamus.

16 *Ennius in 7.* Fortibus eſt Fortuna viris data. *Virgil. in Æneid.* Audaces Fortuna juvat. *Epiſt.* 36 In mores Fortuna jus ſi non habet. *Salluſt. in Catilin.* Ubi ſocordiæ, atque ignaviæ te tradideris, nequaquã Deos implores; irati, infeſtique ſunt. *Optimè Caldera in Tribunal. Polit. c.7. ad med. verſ. Tetanus.*

17 *Proverb.* 6 6 & 10 4. & 12. 11. *Eccleſiaſtic* 20. 10.

18 *Geneſ.* 3.19. In ſudore vultûs tui veſceris pane tuo.

19 *Pſalm.* 127 2.

20 *Caldera de Heredia in Tribunal. Medic. p.2.c.7. ant. med. verſ.* valor,

21 *Veleius Paterc. l.*11. *de Ceſ. & vero.* Inevitabilis fatorũ vis, cujus Fortunam mutare conſtituit, cõſilia corrumpit. Quippe ita res habet, ut plerumque qui Fortunã mutaturus eſt, conſilia corrumpat: efficietque, quod eſt miſerrimum, ut quod accidit, etiam merito accidiſſe videatur.

22 *Iſai.* 48.17.

deſeja contraria, ſolicitamos noſſos males, & com triſte negociaçaõ peyoramos a vida, que em algum modo puderamos fazer ſuave.

7 De huma, & outra *Fortuna* ſeja exemplo Annibal entre outros muytos. Pela ter proſpera contra os Romanos ſe expoz aos mayores trabalhos, & ſoube uſar de mayor induſtria no que parecia impoſſivel. Chegou a ſubir com ſeu exercito o inacceſſivel dos Alpes, engatinhando com mãos, & pès; quebrou grandes penhaſcos, applicando-lhes fogo com vinagre; meteu-ſe em aguas congeladas; perdeo hum olho pela inclemencia dos tempos: em quanto aſſim obrou, foy o melhor afortunado. Com numero inferior de Soldados venceo exercitos de Romanos de antes invenciveis: poz Roma no ultimo aperto, atè chegar a ſeus muros. Mas alli por irreſoluçaõ parou, & lhe diſſe Maharbal ſeu General da Cavallaria: *Tu Annibal, ſabes vencer, mas naõ ſabes uſar da vitoria.* Logo por eſta remiſſaõ começou a deſcahir; & acabárão de ſe lhe voltar os ſucceſſos por ſeu deſcuydo nas delicias de Capua; & atè ſua morte padeceo os mayores infortunios, 23 deyxando exemplo como a *Fortuna* ſegue as acçoens de cada hum. Aſſim o diſcurſou tambem o excellente Petrarca no prologo daquella ſua inſigne obra de proſpera, & adverſa Fortuna. Melhor o moſtrou Chriſto Senhor noſſo na Parabola dos talentos, em que os que negociáraõ, forão feliciſſimos; & o que ſe deſcuydou, teve táo mà *Fortuna*, que não ſó naõ ganhou, mas tirouſe-lhe o que ſe lhe havia dado, & ſe deu ao que tinha mais, 24 porque ſoubera negociar. Aſſim ſuccede muytas vezes, & accuſamos a *Fortuna*, & tal vez a Providencia Divina, porque dá tudo a huns, & nada a outros, ſendo iſto juſtiça do que cada hum trabalhou. 25

23 *Livius Decad 3. l.2.3.& 4. Plutarch. in Aonibal.*

24 *Matth.25.Luc.19.*

25 *Vide D.Thom.2.2.q.133.art. 2.in corp.*

8 Como quer boa *Fortuna* na guerra, ou na paz, quem ſempre amou o deſcanço? E porque a naõ terá, o que naõ perdoou ao trabalho? Queyxa-ſe o cobarde, porque lhe vay diante o que ſe arriſcou: queyxa-ſe o ignorante, porque o bom Letrado ſubio mais: o diſſipador da fazenda, porque não he rico, como o que a aproveytou: o que furtou, porque nada lhe luzio: & finalmente todos os que obráraõ mal, porque ſe achaõ inferiores aos que procedèraõ bem; em tudo ſe queyxaõ da *Fortuna*, chamaõ *Fortuna* a ſeu máo proceder, ſendo elles os culpados: como os peccadores, que accuſamos o demonio, ſendo que elle ſó nos podia tentar, mas naõ nos podia vencer, ſe nòs naõ quizeramos. Reſolvamonos em que cada hum tem o que grangeou por ſi, ou por ſeus progenitores: porque eſtes tambem grangeaõ para os deſcendentes o bem, ou o mal, 26 ſe os deſcendentes naõ degenerão. Da igualdade natural de todos os homens foraõ paſſando os deſcendentes à deſigualdade, em que hoje ſe achaõ, naõ por vias ſobre naturaes, mas pelas conhecidas do que obráraõ ſeus avòs, huns

26 *3.Reg 11,12. Pſalm.36.25. Proverb.20.7.Joan.9.2.*

huns em ordem a ſe levantarem, outros em ordem a ſe abaterem; & ainda na ſucceſſaõ dos ſeculos alternàraõ mudanças, deſcendo muytos dos que ſe viraõ altos, & ſubindo muytos dos que jaziaõ humildes; tudo effeyto de acçoens de cada hum.

9 He verdade, que muytos ſóbem de repente ſem meritos: & a muytos naõ val a diligencia, nem a induſtria, & pelos meſmos caminhos huns ſe perdem, outros ſe ganhaõ, o que parece ſó *Fortuna*. Mas já Claudiano Gentio reſpondeo que era juſto juizo dos Deoſes. 27 Os Chriſtãos devemos conſiderar, que Deos he Senhor de tudo, ſem fazer injuſtiça pòde dar mais aòs que trabalháraõ menos: 28 a ſumma juſtiça he a ſua vontade: he-lhe licito o que quer, & não quer ſenaõ o que he licito. Nem o ſervo ao Senhor, nem o ſubdito ao Principe deve perguntar razaõ do que faz, & menos inquirir os juizos Divinos: ao Faetonte que ſubir a eſte Sol, ſe derreterão as azas: a borboleta, que chegar a eſta luz, cahirá abrazada: ſó devemos ſaber, que he Pay, que a todos dá o que mais lhe convem: como Medico receyta a cada hum conforme a ſeu humor, & natural. Abayxo diremos mais diſto. 29 Agora nos baſta advertir, que caſos eſpeciaes naõ offendem a çerteza da regra. Eſta dicta ſer neceſſario procurarmos por meyos convenientes o que deſejamos: que o bem naõ nos ha de vir buſcar: & ſe o não conſeguirmos, teremos mayor *Felicidade*, fazendo merito na conformidade com Deos, como diremos em outro Capitulo. 30

27 *Claudian. l. 1. in Rufin.* Tolluntur in altum, ut lapſu graviore ruant.

28 *Matth. 20. 13.*

29 *Infra cap. 27. n. 5.*

30 *Infra d. c. 27. & 28.*

CAPITULO XI.

Que o fundamento para dominar a Fortuna, *he procurar a graça Divina.*

1 SUppoſto ſer cada hum artifice da ſua *Fortuna* pelo que obra, como fica dito, vejamos como deve obrar.

2 O fundamento de tudo he Deos, como diſſe o Apoſtolo; 1 quem tiver a Deos, terá tudo, não lhe ſerá neceſſario eſperar dos homens; quem ſervir a Deos com o cuydado, com-que ſerve ao Mundo, terá a Deos, & ao Mundo; mas promettendo o Mundo com incerteza couſas bayxas, & offerecendo Deos ſeguramente as mais altas, ſomos negligentes: por iſſo nem humas, nem outras temos. Os Gentios ſó com o lume da razaõ diſſerão, que a quem os ſeus Deoſes mais favoreciaõ, era melhor afortunado; por iſſo os adoravaõ, & à meſma *Fortuna* entre elles, como vimos no Capitulo primeyro. E eſte ponto deu a materia principal aos livros da Cidade de Deos de Santo Agoſtinho, tratando da boa *Fortuna* dos Romanos. Foy ſentença de Plauto 2 venerado como

1 *D. Paul. 1. ad Corint. 3. 11.*

2 *Plaut. in Amph.* Omnia adſunt bona, quem penes eſt virtus.

mo Oraculo dos antigos, que o que tinha virtude, tinha todos os bens. Ariſtoteles 3 enſinava a Alexandre, que os Deoſes favoreciaõ mais aos que os veneravao muyto: & diſſe, que os cultores das couſas Divinas erão mais ouſados. 4 Grande qualidade para alcançar boa *Fortuna* conforme o celebrado proverbio de Virgilio. 5 Tito Livio 6 affirmou, que tudo ſuccedia proſperamente a quem ſeguia o culto dos Deoſes: & tudo o contrario a quem o deſprezava: dizendo-ſe iſto daquella falſa ſombra de religiaõ; que diriaõ da luz verdadeyra?

3 Sejanos logo regra primeyra por mais ſem ſuſpeyta a diffiniçaõ da *Felicidade*, que ſe tira da doutrina de Ariſtoteles em varios lugares, 7 & ſeguio Seneca: 8 *A felicidade he huma operaçaõ da Alma por virtude perfeyta*; ou: *Operaçaõ ſegundo virtude perfeyta, que obra nos exteriores*: ou: *Operaçaõ, & uſo perfeyto da Virtude.* Por qualquer deſtes modos a funda na virtude.

4 Com mais luzes devemos os Chriſtãos fundalla na virtude: Virtude melhor fundada em Chriſto. Temos livros eſpirituaes, de que eu quizera aprender o caminho para ella: quem neceſſita de ſer enſinado, naõ póde enſinar. 9 Já diſſe acima, que naõ tratava ſemelhante materia por falta de cabedal, & profiſſaõ; & com tudo abayxo 10 ha de ſer neceſſario ao contexto da obra & corroboraçaõ do que entaõ diremos, referir com particularidade algumas doutrinas principaes; agora baſta por todas referir a de Chriſto Senhor noſſo: *Buſcay em primeyro lugar o Reyno de Deos, & em conſequencia vos viráõ todas as couſas.* 11

3 *Ariſtot. 5. Rhet ad Alex.* Deos proniores eſſe in eos, qui maximè illos colunt

4 *idem Ariſtot. l. 2. c. 5* Qui bene ſe habẽt ad divina, audaciores ſunt.

5 Audaces Fortuna juvat. *Virgil. 10 Æneid.*

6 *Liv. Dec. 1 l. 5.* Omnia proſpera veniunt ſequentibus deos: adverſa autem ſpernentibus.

7 *Ariſt. 1 Ethic. & 8 & Polit. 7.*

8 *Senec. epiſt. 67.*

9 *Authentico de Sanctiſſim. Epiſcop. §. Sancimus collat 9. § Item maior. Inſt. de excuſ. Tutor. D. Hieronym. Epiſt ad Paulin. de lib. S. Script.*

10 *Infra. ſequent.*

11 *Matth. 6 33.* Quærite ergo primùm Regnum Dei, & juſtitiam ejus, & hæc omnia adjicientur vobis.

CAPITULO XII.

Quem quer obrar com bom fim, já leva dominada a Fortuna, *que em nenhum ſucceſſo lhe póde tirar* Felicidade.

1 POſto o fundamento em Deos, ſegue-ſe immediatamente dirigir todos os deſejos, & acções a bom fim; que he em qualquer materia dirigillos a tudo, o que póde contentar a Deos.

2 Chriſto Senhor noſſo enſinou, que o bem, & o mal naſcem do coraçaõ, porque delle ſahe a tençaõ com que ſe obra: 1 & eſta he a que dá fórma. Da raiz que eſtá no coraçaõ, ſahem como ramos as obras confórmes a elle; 2 & aſſim diſſe Saõ Joaõ Chryſoſtomo, 3 que a obra ſe qualifica peſa cauſa, naõ pelo que he em ſi: & já Tacito havia dito, que o mão fim para que ſe obrava, afeava a mais egregia acçaõ. 4 Devia tomar eſta doutrina do que eſcreveo Ariſtoteles no livro das Ethicas. 5

1 *Matth. 15. 18. & 19.* De corde enim exeunt cogitationes.

2 *D. Paul. ad Roman. 11. 16.*

3 *D. Chryſoſt. in tract. de Symbol.* Opus non ex ſe, ſed ex cauſa fit crimen.

4 *Tacit. hiſt. l. 4.* Finis turpis laudem egregiam maculat.

5 *Ariſt. 6. Ethic. 12. ac paſſim.*

3 Contórme a itto, já o que ſe quer para bom fim, leva comſigo certa a boa *Fortuna* no merecimento, o qual nenhũ mão ſucceſſo lhe pòde tirar; porque, como diz Santo Agoſtinho, nenhum he julgado pelo que ſuccedeo, mas ſó pelo que quiz fazer, 6 & contra eſta virtude naõ tem a *Fortuna* poder, como diſſe Seneca. 7

4 Tambem para o ſucceſſo leva o bom intento grande recomendaçaõ para com Deos, que aſſim como abomina o mal, ſe intereſſa na boa vontade. 8 Impoſſivel parecia o que inventou Judith, & com tudo o executou felizmente pelo virtuoſo fim, com que o emprendeo, como declara o Texto ſanto. 9 Impoſſivel era a reſtauraçaõ de Heſpanha, que começou Dom Pelayo contra os Mouros, metido em huma cova, cuja entrada ſe defendia com mil Chriſtãos de cento & oytenta & tantos mil combatentes; & aſſiſtio Deos a ſeu bom intento de modo, que junto da meſma cova ficáraõ mortos cento & vinte & quatro mil, voltando-ſe as ſettas, & lanças, que arremeçavaõ, contra elles meſmos, & morrendo ſeſſenta mil dos que fugiaõ, debayxo das quebradas de hum monte, que cahio ſobre elles. 10 Quaſi ſemelhantes vitorias alcançáraõ os Reys ſeus ſucceſſores, porque proſeguirão o meſmo intento, ſem ambiçaõ, ſó pela honra de Deos. Os Portuguezes em géral, & em particular lográraõ, & domináraõ nas Conquiſtas aquella *Fortuna*, com que obrárão façanhas, que (como diſſe hum diſcreto Orador Caſtelhano 11) foraõ as primeyras que tirárão à verdade o parecello. Em quanto ſe embarcavaõ de Portugal ſó com animo de propagarem o Evangelho, & de alcançarem honra, taõ alheyos de outro intereſſe, como moſtrou o Viſo-Rey da India Dom Conſtantino, filho do Duque de Bragança, quando havendo tomado em certa guerra hum dente de bugio, que huns idolatras adoravaõ, & offerecendo elles pelo reſgatarem mais de quatrocentos mil cruzados, o Viſo-Rey antepondo a honra de Deos o queymou à viſta, & com grande ſentimento daquelles barbaros. 12 Mas depois que muytos tomárão outros fins, ſe trocou a *Fortuna*, como experimentamos, dominando ella a quem de antes ſervia. Até aos Gentios Romanos, nota Santo Agoſtinho, 13 que Deos felicitava as acçoens pelo bom fim, a que as encaminhavaõ, do bem de ſua patria: depois ella, & elles ao meſmo paſſo ſe mudáraõ.

5 Dos homens tambem ſe pòde eſperar favor para conſeguir o bom intento, ſe o conhecerem. Porque, como diz Marco Tullio, 14 naturalmente ſe ajuda o que parece bom, & ſe encontra o que ſe tem por mão. Que homem de boa indole naõ folgará de concorrer para hum intento virtuoſo: ou quererá favorecer a hum vituperavel? E nas obras exteriores pouco, ou nada ſe pòde alcançar, ſem adjutorio. Adam todo poderoſo na terra, todo ſabio, & todo perfeyto, diſſe Deos,

6 *D. Auguſtin. in Matth.* Quomodo fueris, non quomodo evenerit tibi imputabitur.

7 *Senec. epiſt. 36.* In motes Fortuna jus non habet.

8 *Proverb. 11 20.* Abominabile Domino cor pravum; & voluntas ejus in iis, qui ſimpliciter ambulãt.

9 *Judith 10.4.* Dominus contulit ſplendorem, quoniam omnis iſta compoſitio non ex libidine, ſed ex virtute pendebat, & ideo Dominus hanc in illam pulchritudinem ampliavit.

10 *Marian. hiſt. Hiſpan. tom. 1. l. 7. c. 2.*
Brito, Monarch. Luſit. p. 2. l. 7 c. 6.

11 *P. Fr. Hortenſ. Felix Paravitin. ſerm. 1. de S. Iſabel Rainha de Portugal.*

12 *Couto Decad. 7 l. 9. c. 17.*
P. Lucena na vid. de S. Franc. Xavier, l. 2. c. ult.
Pedr. Ortis, viagens do Mund. l. 3. c. 13 que erradamente ſe attribue iſto a Pedro Malcarenhas.

13 *D. Auguſt. de Civit. Dei l. 5. cap. 15.*

14 *Tul. Tuſcul. 4.* Naturam omnes quæ bona videatur, ſequuntur, fugiuntque contraria. *Et item rum*: Ut bona naturâ appetimus, ſic à malis naturâ declinamus.

Deos, naõ era bom, foſſe ſó, & que neceſſitava de quem o ajudaſſe. 15

15 *Geneſ.*1.18. Non eſt bonum hominem eſſe ſolum, faciamus ei adjutorium ſimile ſibi.

6 Verdade he, que muytos intentos virtuoſos tiveraõ ſucceſſos contrarios; como as emprezas do Santo Luis IX. Rey de França em Aſia, & em Africa; na primeyra das quaes, deſfeyto ſeu exercito com o mal de peſte no cerco de Maſſera, foy priſioneyro do Soldaõ de Babylonia: & na ſegunda morreo de doença tendo cercado Tunes. 16 Semelhante foy a que ainda ſentimos de noſſo lamentado Rey Dom Sebaſtiaõ em Africa. Mas ſaõ caſos eſpeciaes por altos juizos de quem tudo governa para melhores fins; naõ he licito inveſtigallos, porque excedem a razaõ humana, devem-ſe temer, naõ diſcutir, como diz o Santo Kempis, 17 & dizer com o Profeta: 18 *Juſto ſois, Senhor, & recto voſſo juizo. Os juizos do Senhor ſaõ verdadeyros, juſtificados em ſi meſmos.*

16 *Rupert. Gaguin. hiſt. Franc. l. 7. Annal. Franc. ann. 1249. & ann. 1267.*

17 *Kempis de imit. Chriſt. l. 3. c. 58 in princ.*

18 *Pſalm.* 118.137. *& Pſalm.* 18.10.

7 A regra géral he, como fica dito, que aos homens de boa vontade annunciárão os Anjos *Felicidade* na terra; 19 a quem tem boa vontade, tudo he proſpero: já leva certa a boa *Fortuna*, quem no principio deſejou bom fim, & ſem que lha poſſa tirar qualquer ſucceſſo com apparencia de infeliz.

19 *Luc.* 2.14. Et in terra pax hominibus bonæ voluntatis.

CAPITULO XIII.

Como para dominar a Fortuna *he efficaz meyo a reſignação na vontade de Deos.*

1 PRoposto o bom fim, como ſe diſſe no proximo Capitulo, ſe deve conſiderar ſer verdade infallivel, que nada ſuccede, ainda nas couſas mais pequenas, ſem diſpoſiçaõ de Deos, ſupremo Governador de tudo. O que aos homens parece acaſo, foy Providencia Divina. 1 Só do peccado naõ he Author; porque iſto repugna à ſua immenſa Bondade: 2 Author he do movimento, & acto externo, com que elle ſe commette em quanto indifferente; mas naõ do acto interior, com que a vontade o applicou mal, porque eſſe depende do livre alvedrio. Em hum homicidio he Author do indifferente movimento da maõ do homem, como do de qualquer animal irracional, pois ſe naõ póde mover ſem Deos; naõ da deſordem, com que a vontade livre o applicou para mal, podendo applicallo para bem. Só por occultos juizos o permitte, podendo-o impedir; & tal vez o toma por inſtrumento para caſtigar os màos, como tomou a Aſſur Rey dos Aſſyrios contra Iſrael: 3 a Cyro contra os Caldeos: 4 a Tito contra Jeruſalèm, 5 a Alarico contra Roma: 6 & a Atila, que ſe chamava Açoute de Deos, contra grande parte do Mundo. Outras vezes para emendar os bons, como tomou a Abſalam a reſpeyto de David, 7 ou para os pro-

1 *Proverb.* 16.33. *Matth.* 10.29. & 30.

2 *Pſalm.* 5.5. *& Pſalm.* 44 8. *Idem dixit Senec. epiſt.* 96. *poſt med.*

3 *Iſai.* 10.5.
4 *Iſai.* 45.1.
5 *Hiſt. Eccleſiaſt. p.* 1. *l.* 3. *c.* 1.
6 *Hiſt. Eccleſ. p.* 1. *l.* 9. *c.* 1.
7 2. *Reg.* 12.11.

procurar, como com o Demonio provou a Job: ou para os exercitar na paciencia, como com a cegueyra ao velho Tobias; 8 mas depois lança no fogo a vara de que se servio, como disse Santo Agostinho. 9 Neste sentido se entende o que disse o Profeta Amòs, de que naõ ha mal que Deos não faça; 10 quiz dizer, que todos procedem, ou pendem de sua disposiçaõ, & providencia; & em todas estas occasioens não deve ser menos louvado, & amado, que nas de fazer mercès.

2 *Resignarse* o homem na vontade de Deos para todos os successos da vida, & da morte, he a mayor sciencia, & a mayor virtude, taõ prompto deve estar para padecer, como para gozar; & assim porque se imita a Christo Senhor nosso, que professou haver descido do Ceo para fazer a vontade de seu Eterno Pay, 11 & nella se resignou todo atè a morte mais afrontosa, & mais amargosa, 12 como porque, sendo o primeyro, & principal preceyto amar a Deos, 13 em nada se pòde verificar tanto o amor, como em querer, & não querer o mesmo que quer, & não quer o amado. 14 Pelo que o Divino Mestre, na oraçaõ, que nos ensinou para cada dia, meteo a protestaçaõ, que devemos fazer de que nossa vontade he, que se faça a sua, assim na terra, como no Ceo. 15 Com ella, diz hum grande Escritor, 16 excellente guia para o espirito, que se gozará na terra a *Felicidade* do Ceo, aonde os bemaventurados estão em tudo unidos a Deos. E pòde ser que por esta razaõ o mesmo Senhor naquella oraçaõ, depois de dizer: *Venha a nòs o teu Reyno*, que he o do Ceo por graça, proseguio immediatamente: *Faça-se tua vontade, assim na terra, como no Ceo.* Porque ambas estas cousas procedem como inseparaveis.

3 Alèm desta espiritualidade, ha na *Resignaçaõ* em Deos a mayor conveniencia para o temporal da *Fortuna*, assumpto deste nosso tratado. He conselho do Ecclesiastico para em tudo crescermos. 17 Obriga-se Deos muyto de nos pormos de todo no seu querer; tanto que Saulo 18 assim o fez, dizendo: *Senhor, que quereis que faça?* Logo o escolheo para Vaso de eleyçaõ. A Job restituhio em dobro todos os bens, que perdéra: 19 a David, porque se tinha resignado em suas mãos, 20 livrou das de Saul com particulares auxilios. Nas vidas dos Padres se conta, que perguntando hum lavrador: *Como, ou porque os seus campos, & vinhas davaõ sempre mais frutos que as dos vizinhos*, respondeo, *que era, porque tinha sempre os tempos que queria.* E perguntandose-lhe, *Como podia ser*, respondeo: *Eu nunca quero outro tempo, senaõ o que Deos quer: & como quero o que Deos quer, elle me dà os frutos como eu quero.* 21

4 Quando naõ succeda o que queremos, entendamos que he para nosso bem por vias que naõ alcançamos, como disse

8 *Job* 1.12.
9 *D. August. sup. Psalm.* 73.
10 *Amos* 3.6. Si erit malum in civitate, quod Deus non fecerit?
11 *Joan.* 6.38.
12 *Matth.* 26.39. & 42. *Marc.* 14.36. *Luc.* 22.42.
13 *Matth* 21.37 & 38.
14 *D. Hieronym Epist ad Demet.* Eadem velle, & eadem nolle, ea demum firma amicitia est.
15 *Matth.* 6.10.
16 *P. Affonso Rodrig. Exercit. esp* 1. *trat.* 8. *c.* 4.
17 *Ecclesiast* 2.3.
18 *Act.* 9.6. Domine, quid me vis facere?
19 *Job* 1.21. & *cult* 10. *cum seq.*
20 1 *Reg.* 25.13.
21 *Refere o P. Rodrigues sup. c.* 8. *in fin.*

diſſe a Santa, & valeroſa Judith aos ſeus: 22 & o Eſcritor dos livros dos Macabeos aos leytores; 23 o que expenderemos abayxo em mais proprio lugar. 24 Já Socrates, que entre os Gentios foy Oraculo terreſtre da ſabedoria humana, dizia, 25 que naõ ſe devia pedir aos Deoſes, ſenão em géral, que nos deſſem bens; porque ſó elles ſabiaõ, quaes eſtes eraõ, & os que nos convinhaõ; porque a vontade, & juizo dos homens envolto em trevas, muytas vezes deſejava, o que lhe era nocivo. A mayor ſciencia da creatura, he deyxarſe toda nas máos de ſeu Creador, que ſabe o para que a formou, & como o ha de governar; a ella ſó pertence viver attenta à obediencia, & amor de ſeu Senhor; & elle he fideliſſimo no cuydado de quem aſſim o obriga, & toma por ſua conta todos os negocios, & ſucceſſos, para tirar delles vitorioſo, & accreſcentado, a quem de ſua verdade ſe fia. Quantos bens perdem as creaturas, por naõ alcançarem eſta ſabedoria? negaõ-ſe ignorantes à Divina Providencia, que he forte, ſuave, & efficaz; que mede os Orbes, & Elementos, conta os paſſos, numera os penſamentos, & tudo diſpoem em beneficio da creatura; & entregaõ-ſe de todo o ponto à ſua meſma negociaçaõ, que he dura, inefficaz, & fraca, cega, incerta, & precipitada. Deſte máo principio ſe originaõ, & ſe ſeguem para a creatura irreparaveis dannos; porque ella meſma ſe priva da Divina protecçaõ, & ſe degradua da dignidade de ter a ſeu Creador por amparo, & tutor ſeu. E alèm diſto ſe pela ſabedoria carnal, & diabolica, a quem ſe ſomette, lhe ſuccede alguma vez alcançar, o que com ella ſe buſca, ſe julga por ditoſo em ſua infelicidade, & com ſenſivel goſto bebe o mortal veneno da eterna morte entre a enganoſa deleytaçaõ, que deſamparada, & aborrecida de Deos conſegue.

22 *Judith* 8.
23 2. *Macbab.* 6. 12. *& ſeq.*
24 *Infra cap.* 17.
25 *Refert Valer. Max. l.* 7. *c.* 1.

5 Por eſte meyo domina o homem a *Fortuna*, como a domina Deos; pois ſuccedendo tudo à vontade de Deos, fica ſuccedendo tudo à vontade do homem, que ſe poz nella, & aſſim naõ tendo vontade propria, ſempre faz a ſua vontade, & ſe acha com ella feyta, ainda que naõ queyra. 26 Deſte modo vivirá ſempre contente, goſtando de tudo o que vier; & em perpetua paz, pois nada o perturba, nada teme, nada o afflige, tudo abraça voluntario, & como procurado, & deſejado por elle meſmo. A qual paz he bemaventurança, que imita a do Ceo, que, como diz o Apoſtolo, 27 conſiſte na paz, & goſto que ſe logra em Deos. Atè as adverſidades o regalaõ, como vindas por vontade Divina; arde, & naõ ſe queyma, como a Çarça de Moyſés; 28 alegra-ſe entre as chammas, & louva a Deos como os mancebos de Babylonia. 29 Notou com excellencia o muyto douto, & eſpiritual Padre Affonſo Rodrigues, 30 que iſto he o que o Santo Job dizia: 31 *Senhor, maravilhoſamente me atormentais.* Porque

26 *S. Dorot doctrin.* 9. Qui propriam non habet voluntatem, ſuam ipſius ſempe agit volũtatem, & ſic nolentes propriam implere voluntatem, invenimus illam ſemper expleviſſe.

27 *D. Paul. ad Rom.* 4. 18.

28 *Exod.* 3. 2.

29 *Daniel.* 3.
30 *P. Rodrig. ſup. c.* 4. *in med.*
31 *Job* 10. 16. Mirabiliter me crucias.

que por huma parte padecia com dores; por outra goſtava de padecer, o que lhe vinha por diſpoſiçaõ de Deos.

6 Já os Eſtoicos, ſe bem por termos Ethnicos, encaminhavaõ ſua doutrina a alcançar eſta boa *Fortuna* por eſte meyo. Dizião, que o fim natural do homem, era (como acima diſſemos 32) *Felicidade*, a qual conſiſtia em abraçar o bem; & que eſta *Felicidade* naõ ſe offendia pelos ſucceſſos adverſos nos ſentidos corporaes, ſe o animo ſe accommodava com elles. Porque todo o compoſto ſe denomina da ſua parte principal; & que a principal do compoſto do homem era o eſpirito; pelo que, eſtando eſta parte feliz, com o bem, que abraçava, todo o homem eſtava feliz, ainda que as partes corporaes deſte compoſto padeceſſem trabalhos. Aſſim como huma Republica ſe chama feliz na guerra, ſe alcançou vitorias convenientes ao principal de ſeu eſtado, poſto que nellas perdeſſe Soldados, que eraõ membros ſeus. E diziaõ, que ſe iſto naõ fora aſſim, & a *Felicidade* do eſpirito pendèra da do corpo, eſte ficava ſendo o Senhor com grande abſurdo, & offenſa da natureza, que o fez eſcravo do eſpirito; & com abatimento da dignidade do homem, que conſiſte no eſpirito, & Alma racional. 33 Conforme a iſto o illuſtre Ageſilao, eſtando com dores de gotta, & vendo que Carneades, que viera viſitallo, ſe deſpedia receando moleſtallo mais com ſua preſença, lhe diſſe: *Naõ vos vades, porque dalli* (apontando para os pès) *nada chega cà* (pondo a maõ no peyto. 34) E Poſſidonio, atormentado em huma doença de graviſſimas dores, dizia: *Em balde trabalhas ò dor; nunca confeſſarey, que es mal.* 35 Em outro lugar 36 temos referido ſemelhantes exemplos.

7 Chriſtianando eſta doutrina, ſe o homem poem ſua *Felicidade* (como deve) na reſignaçaõ com a vontade Divina; a goza ſeu eſpirito em qualquer ſucceſſo, poſto que os ſentidos corporaes queyraõ reſiſtir; pois a parte mais alta, & principal, em que o homem conſiſte, goza deſſa *Felicidade*, que deſejava de ter, & padecer o que Deos quer.

32 *Supra cap. 13.*

33 *Diſſemos no trat. Eva, & Ave pag. 2. c. 40 n. 14. & 15.*

34 *Cic. 1 Tuſcul.*
35 *Bruſon. l. 2. c. 1.*
36 *No trat. Eva, & Ave, pag. 2. c. 41.*

CAPITULO XIV.

Que o conhecimento proprio he hum dos meyos, porque a prudencia leva o homem a dominar a Fortuna.

1 INventáraõ os homens a Geografia, para conhecerem todas as terras, & todos os mares. Eſtenderáoſe à Coſmografia, para comprehenderem tambem o elementar, & ethereo, & dentro dos celeſtes Circulos a maquina univerſal. Particularizáraõ com a Aſtronomia o conheci-

mento, & moto dos Aſtros. Penetráraõ com a Aſtrologia ſuas qualidades, & influencias. Inveſtigáraõ a natureza dos animaes, naõ ſó terreſtres, mas no profundo das aguas; as virtudes eſcondidas das hervas, & das arvores, as propriedades das duras pedras; tudo finalmente por occulto, & remoto que ſe poſſa imaginar. Só do perfeyto conhecimento de ſi meſmos não tratão, eſtando iſto tanto mais perto. Contentaõſe com o géral da eſpecie humana, ſem deſcer cada hum a ſeu individuo, ſendo o que lhe importa mais. Grande miſeria (como dizia Diogenes 1) olharmos para o que eſtá tão longe, & não para o que temos a noſſos pès! Naõ queremos vernos a eſte eſpelho, por nos não vermos tão feyos, como ſomos. *O' homem*, (diz Bernardo 2 em peſſoa de Deos) *ſe te vires, te deſcontentaràs; mas eu me contentarey de ti, porque naõ queres deſcontentarte, me deſcontentas; virá tempo, em que naõ contentarás, nem a mim, nem a ti: nem a mim, porque peccaſte; a ti, porque arderás para ſempre.* Vay tanto nisto, que Lucifer, porque ſe naõ conheceo, de Anjo ſe tornou demonio: & Franciſco, porque ſe conheceo, de homem ſubio a Serafim.

1 *Diogen. apud Laert. de vit. Philoſ. lib. 6.*

2 *D. Bernard. de inter. Dom.* O homo, ſi te videres, tibi diſpliceres, & mihi placeres; ſed quia te non vides, tibi places, & mihi diſplices. Veniet tempus, cùm nec mihi, nec tibi placebis, mihi, quia peccaſti, tibi, quia in æternum ardebis.

2 Todos os infortunios vem ao homem de ſe naõ conhecer. Deyxa-ſe levar da preſumpçaõ de ſer feyto à imagem, & ſemelhança de Deos, 3 com a belleza da Alma racional: ſenhor de todos os animaes: 4 logrando a fermoſura do Mundo creado para elle; & o que mais he, taõ mimoſo de ſeu Creador, que deſceo do Ceo à terra, para com ſua morte o livrar da culpa, & fazer capaz da gloria celeſtial. Muytos, ſobre tantas excellencias, tem outras naturaes, & da Fortuna: nobreza, gentileza, valor, ſciencias, riqueza, dignidades; vem-ſe applaudidos por varios titulos, & tão ſatisfeytos de ſi, como Semideoſes. Em toda a Esfera he iſto géral, no eſpiritual, & no temporal, poſto que não haja fundamento. O mais ignorante, o mais vil, & pobre, o inhabil por doença, ou por outra cauſa, cuyda que naõ tem defeyto natural: ſó diz, que lhe faltou a *Fortuna*, mas que iſſo naõ lhe tira o merecimento. No temporal creſce eſte mal cada dia; já naõ ha quem ſoffra ſer emendado: já ſe acabou a differença nos tratamentos; todos querem ſer iguaes, ou mayores, & aſſim já ſe naõ acha algum menor na ſua opiniaõ.

3 *Gen. ſ. 2. 20.*

4 *Pſalm. 8 8. & ſeqq.*

3 Taes vangloriosos, & arrogentes chamou o Sabio: *Abominaçaõ de Deos*; 5 *he ſua ſoberba principio de todo o peccado:* 6 & accreſcentou, que não ſó he odioſa diante de Deos, mas tambem diante dos homens: 7 naturalmente ſe aborrece, até aos que peccaõ no meſmo vicio. Todos os outros viciosos ordinariamente amão ſeu ſemelhante: ſó eſtes ſempre contendem entre ſi. Sendo, pois, o homem odiado no Ceo, & na terra, onde achará favor para ſer bem afortunado? He inimigo de ſi meſmo. O que de ſi imagina, lhe impede a boa *Fortuna*; porque eſta, como acima diſſemos, 8 naõ

5 *Proverb. 16. 5.* Abominabilis Domino eſt omnis arrogans.

6 *Eccleſ. 10. 17.* Initium omnis peccati eſt ſuperbia.

7 *Eccleſ. 10. 7.* Odibilis coram Deo, & hominibus ſuperbia.

17 *Suprà c. 10.*

não ſe encontra ſem ſer buſcada; & elle com o errado fundamento de ſeus merecimentos a não buſca por via, em que a poſſa achar. Eſta he a razaõ, porque vemos homens com grandes qualidades ſem accreſcentamento, & outros ſem ellas muyto accreſcentados: aquelles fiados em ſi cuydáraõ que a boa *Fortuna* os buſcaſſe; eſtes deſconfiados de ſeus meritos fizeraõ diligencia para achalla: & aſſim aquelles deſmerecèrão por ſua preſumpção, eſtes ſe fizerão dignos por ſua humildade. O dos mayores meritos deve ſempre entender que ha outros, que os tem aventajados. Hum daquelles Padres antigos do deſerto, que ſó comia tremoços, ſe imaginava o mais abſtinente, & vivia outro abayxo, que ſó ſe ſuſtentava das caſcas dos meſmos tremoços, que eſperava em hum regato de agua, em que aquelle primeyro as coſtumava lançar a certa hora. Alguns nas Cortes cuydaõ, que por ſuas partes os hão de rogar, & achaõ ſe enganados; porque os Principes não querem rogar, nem aos mais neceſſarios; coſtumão dizer que os ſuppoem mortos, pois ſe morreſſem, os havião de eſcuſar.

5 Não te tenhas por melhor que outros, (diſſe hum Varão Santo 9) para que Deos te não tenha por peyor que todos. Os juizos de Deos ſaõ differentes dos juizos dos homens; muytas vezes lhe não he agradavel o que a elles contenta: nunca faz mal tugeytarſe a todos: & muytas vezes faz mal anteporſe a hum ſó. Conhece-te, 10 ſabe quem es, & o que mereces; com iſſo acertarás tambem no temporal. He verdade, que podendo o homem comprehender tudo o mais; não ſe pôde conhecer a ſi, como notou Philo. 11 Por iſſo diſſemos em outra parte, 12 que pondo Adam nome a todos os animaes, conforme à natureza de cada hum, 13 não quiz Deos, que o puzeſſe a ſi proprio, porque naõ acabaria de ſe conhecer, para ſe poder diffinir; o meſmo Senhor lho poz. 14 Mas iſto procede de amor proprio, cego, improbo, eſtulto, como lhe chamou Horacio; 15 que o judicioſo Eſopo 16 dizia, que trazia alforges, & que no dianteyro metia as faltas alheas para as ver; & no das coſtas as proprias, & por iſſo as não via. Parece amor proprio, & he inimigo proprio, pois nos tira do que mais nos convem. 17 Facil he conhecermos; ſe quizermos ſó com a lembrança, que nos faz a Igreja Santa, de que ſomos pò, & em pò nos havemos de tornar. 18 O meſmo que diſſe Saõ Bernardo: 19 *Tem ſempre na memoria eſtas tres couſas: o que foſte* (antes de naſcido *o que es, & o que ſerás.* A ſegunda deſtas couſas, *o que es*, ſerve agora ſómente para o noſſo aſſumpto. Que es? Por todas as vias miſeravel; foſte creado com as perfeyçoens, de que te jactas; mas pelo peccado degeneraſte de modo, que diſſe Deos que lhe pezava de tua creaçaõ. 20 E no corpo a creatura mais infructifera: as hervas dão flores, as arvores

9 *Thom. à Kemp. de imit. Chriſt. lib. 1. c. 3. n. 7.*

10 Noſce te ipſum.

11 *Phil. l. 1 Allegor.*
Mens, quæ in eſt noſtrûm unicuique, cætera poteſt comprehendere, ſe ipſum noſcere non poteſt.

12 *Notat. Eva, & Ave p. 1. Ca 2. num. 8.*

13 *Geneſ 2. 10.*

14 *Gen. eſ. 5. 2.*

15 *Horat. lib 1. Carm. 18.*
Subſequitur cæcus amor ſui.
Et ſerm 3.
Stultus, & improbus hic amor eſt.

16 *Æſopus apud Stobæum ſer. 13.*

17 *Euſeb. apud Stob. ſerm. 23.*

18 *Pſalm. 102. 15.*
Recordatus eſt, quoniam pulvis ſumus.

19 *D. Bernard. in Formul. honeſtæ vit.*
Iſta tria ſemper mente habeas; Quid fuiſti? Quid es? Quid eris?

20 *Geneſ. 6. 6.*
Pœnitet me feciſſe hominem.

vores dão fruto: tu conſidera o que dás, & lembra-te que pelo fruto ſe conhece a boa, ou má arvore. 21 Es na Alma peccador; pòdes negar que peccaſte? Sabes, que peccaſte, & não pòdes ſaber, ſe eſtás perdoado, & livre do Inferno. (Tremenda conſideração!) Por mais que te pareça, que eſtás juſtificado, 22 muytas vezes he culpavel nos olhos de Deos, o que nos teus parece louvavel. 23 Naõ foraõ perdoados os Anjos, cahiraõ as Eſtrellas do Ceo: que ſerá de ti pò, & cinza, ſe Deos ſe não compadecer de ti? Na nobreza (ſe eſtás neſſa eſfera) es principalmente filho de tuas obras, porque a que ganháraõ teus avòs derivada em ti, ainda he ſua; 24 obriga-te a que ſejas bom, 25 & aſſim te he encargo; ſó te ſerve de que, ſe o quizeres ſer, te fará mais prompto a ſeguir a virtude; mas tambem, ſe a naõ ſeguires, ſerás o mais vil 26 eſtanho, que ſe tira da prata. Quanto mais que ao que ſe jacta de mais illuſtre, lá ſe acha hum, ou dous aſcendentes, que lhe pòdem ſervir de pès de pavaõ. Nas acçoens (ſe queres ſer louvado por ellas) todo es nada: todas de ſi ſaõ como nada diante de Deos; 27 o que tiverem de bom, naõ naſce de ti, mas he dadiva do meſmo Senhor, que ainda depois de dada, não ſe pòde ſuſtentar, ſe elle a não ſuſtenta: & aſſim quando queres relatar teus meritos, ſó relatas ſeus beneficios, que ſobpena de ingratidão, te obrigão mais a confeſſar, que nada he teu: antes quanto mais recebeſte, tanto es mais pobre, porque deves mais. Mas lembra-te embora das tuas acçoens, que ſe as contares bem, acharàs que ſaõ mais as vituperaveis. Finalmente nada do que em ti luz, merece louvor; ſó he louvavel o que no interior eſconderes de bem. De que te jactas logo, terra, & cinza? 28 Em que fundas teus merecimentos?

21 *Matth.7.16.& ſeq. Luc.6.43.& ſeq.*

22 *Eccleſiaſt.9.1.* Nec eſt homo utrum amore, aut odio dignus ſit.

23 *Kemp.ſup l 3.c.46.n.4.in fin.*

24 Nam genus, & proavos, & quæ non fecimus ipſi, vix ea noſtra voco.

25 *D.Gregor in Dialog.*

26 *Horat.nam lib.4. Od.4.*

27 *Pſal.38 6:* Et ſubſtantia mea tanquam nihilum ante te.

28 *Eccleſiaſt.cap.10.9.* Quid ſuperbis terra, & cinis?

29 *Matth.11.29.*

30 *D.Auguſtin.ſerm.10.de verb. Domin. D.Cyprian.ſerm.de Nativit Chriſt. D.Bernard.ſerm.1.de Nativit.*

31 *D.Auguſt.Epiſt.56.ad Dioſcor.*

32 *P.Affonſ.Rodrigues Exercicios de perfeyçaõ, tag.2.trat.3.c. 29.*

6 Deſte conhecimento proprio reſulta a humildade, que Chriſto Senhor noſſo enſinou, 29 & he fundamento de todas as virtudes, 30 ſem a qual nenhuma pòde ſubſiſtir. 31 Mas aſſim como os Meſtres eſpirituaes 32 permittem ao Religioſo mais retirado, profeſſor da humildade mais profunda, conſentir tal vez ſer eſtimado em ordem ao ſerviço de Deos, & bem do proximo; porèm com grande advertencia, & cautela, de que o eſpecioſo pretexto o naõ arriſque à vangloria: aſſim nos ſeculares, com quem fallamos, para o fim de lhes moſtrarmos o caminho da boa *Fortuna*, não requeremos conhecimento tão apertado, & de que proceda humildade tão abatida; baſtará que ſeja Chriſtã, & prudente, conforme a ſeu eſtado; que pelo de cada hum ſe devem temperar, & dirigir todas as virtudes; pois as differentes manſoens, que ha na caſa de Deos, tem ſuas differentes regras ſem ſe deſviarem da perfeyção Chriſtã.

7 Baſtará que em geral reconheçamos a fragilidade de noſſa vida: aggrava-ſe de noſſos peccados a eſfera da nobre-

za,

za, & em que Deos poz a cada hum: o cabedal de fazenda, com que ſe acha: & o juizo, & talento, de que Deos o dotou; ponto em que ha a mayor difficuldade, porque ninguem ſe deſengana, antes o que menos ſabe, cuyda que ſabe mais. Com virtude valeroſa deve cada hum conſtituirſe juiz recto para ſe examinar a ſi meſmo, & todas as circunſtancias, que pòdem facilitar, ou impedir ſeus intentos. Sugeyte ſe o entendimento, poſto que repugne a vontade; naõ ſe deyxe levar de fantaſias, a que noſſo natural ſe inclina: mas accommodando-ſe com a razaõ, & poſſibilidade propria, obedeça humilde ao que ella dictar, ſem deſvanecer, & ſe prometter de ſi mais, imaginando-ſe com o que não tem. Naõ ha ſabio, que não ignore couſas; que ſabe hum neſcio: naõ ha valente, que não tema em algumas occaſiens: he o que commummente ſe diz, que não ha fermoſa ſem ſenão: ninguem ha, que naõ tenha alguma parte, porque deſmerece.

8 Deſtas conſideraçoens ſe tiraõ grandes bens. Porque o que vé ſuas faltas, ſe he prudente, recorre a Deos; & entaõ ſe obriga o Senhor a ajudallo, & o faz poderoſo. Neſte ſentido diſſe o Apoſtolo: 33 *Quando me acho fraco, entaõ eſtou com forças.* Tem o Senhor por gloria obrar por inſtrumentos fracos, para ſe lhe attribuirem os ſucceſſos; & aſſim com humildade ſe emprende magnanimamente. *Tudo poſſo* (dizia o meſmo Apoſtolo 34) *naquelle, que me conforta.* Daqui naſceo a David a boa *Fortuna*, como elle confeſſou. 35 Deſte modo quem a deſeja, deve alternar comſigo conceytos humildes, & valeroſos, deſconfiando de ſi, & logo confiando em Deos, como o meſmo David fazia 36 no eſpiritual; que para o temporal he a melhor regra: conhecia, & temia ſeu peccado, mas animava-ſe na eſperança do perdaõ. Sem nos determos muyto em huma deſtas conſideraçoens, devemos tornar à outra, & repetilla ſempre; porque ſe nos dermos muyto à de noſſa impoſſibilidade, deſmayaremos; & ſe nos ſegurarmos na do favor Divino, naõ trabalharemos, & cahiremos de todo, como cahiraõ muytos Santos.

9 Diſcurſando ao humano: aquellas conſideraçoens, que apontámos, nos enſináraõ, como nos havemos de encaminhar para a boa *Fortuna.* A da fragilidade da vida nos moſtra, quam errados vaõ os que diſpoem as couſas ao largo, & vindo a morte lhes deyxa fruſtrado tudo o que trabalháraõ, como cada dia vemos em muytos; ſó ſe deve emprender o que, ou ſe conclua brevemente, ou interrompido com a morte, deyxe alguma utilidade, ou pelo menos naõ deyxe perda de deſpeza, ou outra de ſubſtancia. A conſideraçaõ de noſſos peccados nos aconſelhará a recorrer à miſericordia de Deos; & contentarnos com pouco, pois vemos que nada merecemos. A da eſfera da nobreza moſtrará a cada hum o caminho, que deve ſeguir; os mayores naõ ſe abatendo com

33 *Paul 2. ad Cor.* 12. 10. Cùm enim infirmor, tunc potens ſum.

34 *Paul. ad Philip* 4. 13. Omnia poſſum in eo, qui me confortat.

35 1. *Paralip* 29 11. *cum ſeqq.*

36 *Pſalm.* 50.

empregos indignos, em que imaginão, que ganhaõ, & jà nà indecencia levaõ má *Fortuna*; os menores conhecendo que naõ tem azas para voarem ao alto ſem ſubirem por degráos honeſtos, que muytos deſprezaõ com brios errados, levados de exemplos das ſubidas que fizeraõ outros, caſos particulares que não fazem regra, & aſſim ficaõ ſem ſe levantarem. Iſto diſſe bem Tacito 37 com o exemplo de Butridio: *Tinha muyto boas partes, & ſe andára caminho direyto, chegára a qualquer gráo: mas naõ teve ſoffrimento, querendo paſſar diante de ſeus iguaes; logo diante de ſeus ſuperiores; & finalmente diante de ſuas meſmas eſperanças; & iſto deſtroe a muytos bons, que deſprezando o que ſeguramente poderiaõ alcançar, pouco a pouco ſe arrojaõ antes de tempo, ainda que ſeja com ſeu damno.* A conſideraçaõ da fazenda regulará os gaſtos, em que conſiſte grande parte da boa *Fortuna* neſta materia; porque a poucos falta o neceſſario, ſe ſe abſtem do ſuperfluo; nem faltará aos de menor condiçaõ mais neceſſitados, ſe deyxada a vaidade, que hoje nelles reyna, ſe occuparem como ſeus avòs, ou ſe ſe acoſtarem aos ricos, & naõ diſſerem, como coſtumaõ, que ſaõ taõ bons como elles. A do talento proprio, poſto que mais perigoſa, naõ he impoſſivel, porque ninguem, ſe interiormente ſe olha, deſconhece o que val, ſalvo hum totalmente neſcio: & para eſte naõ eſcrevemos; porque diz o Eſpirito Santo: 38 *Se pizardes hum neſcio em hum almofariz, naõ ſe lhe ha de tirar ſua eſtulticia*; porque alli fica a meſma maſſa. Quem conhece, que naõ he habil para huma couſa, naõ imite a Faetonte para ſua ruina; 39 applique-ſe a outra; para que tenha genio & terá nella boa *Fortuna*; porque a natureza, aſſim como naõ fez a hũ idoneo para todos os miniſterios, a nenhum creou incapaz de todos; ſe ſe fizer boa eleyçaõ do que he conveniente a hum talento, aproveytará nelle muyto o que ſeria inhabil para outro. Como pòde ter boa *Fortuna* nas ſciencias, o que ſó tem natural para a guerra? Ou como terá boa *Fortuna* na guerra, o que ſó ſerve para mercancia? O meſmo he nas artes mecanicas, & em tudo o mais. Em outros lugares 40 o temos comprovado com razoens naturaes, filoſoficas, & com exemplos de experiencia.

10 Finalmente neſta navegaçaõ da vida (como lhe chamárão Job, & Salamaõ 41) o piloto he a prudencia, como diſſe Socrates, 42 & o aſtrolabio he o conhecimento proprio, que em todos os mares enſinará os rumos, porque ſe ha de chegar ao porto da boa *Fortuna*.

37 *Tacit. Annal. l. 3. ante fin.*

38 *Proverb. 27. 22.* Si contuderis ſtultum in pilâ quaſi piſanas, feriente deſuper pilâ, non auferetur ab eo ſtultitia ejus.

39 *Ovid. Metam. l. 2. fab. 1.*

40 *No trat. Perfect. Doct. qualit. 12.*
E no trat. Eva, & Ave, pag. 1. c. 45.

41 *Job 9. 26. Sap. 5. 10*

42 *Socrat. apud Stob. ſerm. de Prudencia.*

CAP.

CAPITULO XV.

Da Magnanimidade neceſſaria para alcançar boa Fortuna.

1 POſto que na conſideraçaõ eſpeculativa, *Magnanimidade*, & *Magnificencia* ſejaõ virtudes differentes em eſpecie, porque à *Magnanimidade* pertence o intentar couſas grandes; & à *Magnificencia* o fazellas, como ſignifica o verbo *facio*, de que ſeu nome ſe compoem; com tudo, porque commummente ſe diz fazer naõ ſó nas obras exteriores, mas tambem nas da vontade, & entendimento, equivocamos huma, & outra no Capitulo preſente. 1

2 Com o humilde conhecimento de ſi meſmo ſe compadecem a *Magnanimidade*, & *Magnificencia*, eſtribando em Deos, & conſervando a humildade no coraçaõ, que he onde Deos a quer. 2 Taõ longe eſtaõ de vaidade, preſumpçaõ, ou ſoberba, que antes ſaõ virtudes, & entre as moraes tratou dellas Santo Thomàs; 3 em cuja doutrina a *Magnanimidade* importa huma intençaõ, ou extençaõ do animo para couſas grandes, ou abſoluta, ou proporcionadamente; de maneyra que tanto ſe dà nos pequenos, como nos grandes à proporçaõ da materia, que tratáo. Pòde-ſe diffinir: *Virtude, que tende a grandes couſas ſegundo razaõ recta.*

3 He requiſito para alcançar a boa *Fortuna* no ſentido, em que himos fallando, ainda que em outro mais eſcolaſtico enſine o meſmo Doutor Angelico, 4 que antes a boa *Felicidade* conduz para ella. Digo que he requiſito para a boa *Fortuna*, aſſim porque emprende couſas grandes, como porque eſtimando em pouco todas as externas, não deſmaya com as adverſidades; & com iſto em qualquer ſucceſſo ſe conſerva feliz. 5 Pelo que diſſe Tullio, a quem refere o meſmo Doutor Santo, 6 que *he hum penſamento, & execuçaõ de couſas graves, & altas com huma repreſentaçaõ ampla, & eſplendida no animo.*

4 Sem *Magnanimidade*, nada ſe pòde emprender, porque em tudo ha difficuldade. Se Annibal não fora magnanimo, não emprendèra paſſar os Alpes taõ inacceſſiveis, como jà diſſemos. 7 Se os Romanos o não foraõ, deſmayariaõ com as grandes rotas de exercitos, que elle lhes deu; o grande animo, que naquella, & em outras occaſioens tiveraõ, os fez ſenhores da *Fortuna*. 8 A puſillanimidade dos Iſraelitas, quando viraõ ſobre ſi junto do Mar Vermelho o exercito de Faraò, os fizera tornar ao cativeyro, ſe os naõ exhortàra a *Magnanimidade* de Moyſés. 9 O meſmo queriaõ fazer atemorizados com as novas, que trouxeraõ os exploradores,

1 *Hæc ex D.Thom.2.2.q.134.*

2 *Matth.11.29.* Quia mitis ſum, & humilis corde.

3 *D.Thom.2.2.q.129.art.1. & q.134.*

4 *D.Thom.d.q.129.art.8*

5 *D.Thom d.art.8. ad 3.*

6 *D.Thom.2.2.q.128.art.8.*

7 *Sup.cap.10.num.7.*

8 *Vide Dionyſ.Halicarnaſ. l.5.*

9 *Exod.14 10.*

dores, ſe o meſmo Moyſés, Aaram, Joiué, & Caleb os naõ animáraõ. 10 Atè para as couſas mais pequenas he neceſſaria proporcionadamente. Como terá boa *Fortuna*, ou no mar, ou na guerra, ou ſahindo da Patria, o que naõ tem animo para ſe apartar do regalo, & ocio della? O que ſe contenta com a pobreza, em que naſceo? Ou o que começou a emprender, & ſe quebrantou com algum màu ſucceſſo, faltandolhe valor para perſeverar? A *Magnanimidade* he huma excellencia, com que o homem aſpira a grandezas, mas leva igualmente as adverſidades, & proſperidades; nada a humilha, ou levanta: nem ſe admira das illuſtres acçoens alheas, nem ſe jacta das proprias: todas as difficuldades lhe parecem venciveis. He ſymbolo ſeu a palma, porque não cede ao pezo: 11 os trabalhos, & infortunios não abatem ao Magnanimo, antes o accendem a mayores emprezas; 12 tudo tem por inferior à virtude, & nella ſe julga capaz de couſas grandes. Com exemplos diſſemos mais diſto em outras partes. 13 A puſilanimidade em tudo lhe he contraria, por iſſo aconſelha o Sabio 14 que ſe fuja della.

10 *Numer.* 13 *ad fin. & 14.*

11 *Alciat. Emblem* 36.
Nititur in pondus palma, & conſurgit in altum: Quò magis, & premitur, hôc magè tollit onus.

12 *Carol Paſchal. in axiom. Polit.*
Virorum fortium animi non modò acceptâ inſigni aliquâ clade non remittuntur, aut infringuntur, quin potiùs ad maiora audenda incendantur.

13 *Nas Excellenc. de Portugal c. 7. nº princip.*
Enotrat. Eva, & Ave p. 1. cap. 34. num. 2.

14 *Eccleſiaſt. 7. 9.*
Noli eſſe puſillanimis in animo tuo.

5 A *Magnanimidade* naſce principalmente com o homem. Alexandre Magno tendo ſó doze annos de idade, & ſendo muyto ligeyro no correr, convidando-o outros meninos a correr ao eſtadio Olympico, como coſtumavaõ por jogo, reſpondeo: *Que de boa vontade correria, ſe na apoſta correſſem com elle Reys.* Quando chegavão novas das vitorias de ſeu pay Filippe, & do que conquiſtava, ſe entriſtecia, & dizia: *Meu pay ha de fazer tudo, ſem nos deyxar que fazer.* Huns Embayxadores da Perſia conhecèraõ nelle tal *Magnanimidade* pelas perguntas, que lhes fez em taõ poucos annos, que foraõ admirados. 15 Noſſo Magnanimo Rey Dom Sebaſtiaõ ſendo muyto menino foy achado com lagrimas em huma Capella da Igreja de Saõ Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de JESUS; & perguntado, *porque chorava*, reſpondeo, *que eſtava pedindo a Deos que o fizeſſe ſeu Capitaõ.* 16

15 *Q. Curt hiſtor. Alex. lib. 1. Plutarch. in Alex. in princ.*

16 *Luis Cabrera hiſt. de Filippe II. Rey de Caſtella t. 2. c. 10. Alta apud Vaſconcellos, in Anacephalcoſ. ad Sebaſtian.*

6 Procede ordinariamente do ſangue dos progenitores; porque o fruto da arvore vem da raiz: as Aguias generoſas naõ geraõ pombas timidas. 17 Alexandre foy filho de Filippe Rey de Macedonia muyto Magnanimo, & diz Plutarco, 18 que ſe tinha por certo, que por elle deſcendia de Hercules, & por ſua mãy Olympia, de Aquilles. ElRey Dom Sebaſtiaõ era daquelles inclytos Reys Portuguezes, cuja *Magnanimidade* chegou a dominar do Oriente a Poente o melhor das quatro partes do Mundo Em Roma houve familias, em que quaſi todos eraõ Magnanimos: a dos Cornelios, & Scipioens, a dos Metellos, & algumas outras. Eſcreve finalmente hum grande Politico, 19 que a nobreza he total occaſiaõ de fazer os homens altivos, & Magnanimos; & que porque Joſeph ab Arimathæa era nobre, como declara o Sagrado

17 *Horat. lib. 4 carm. Ode 4.*
Nec imbellem feroces Progenerant aquilæ columbam.

18 *Plutarch. in Alex. in princ.*

19 *Bobadilha na Polit. l. 5 c. 4. n. 5. na margem.*

grado Evangelho, 20 por iſſo com magnanima ouſadia por entre tantos inimigos entrou em caſa de Pilatos, a pedirlhe o Corpo de Chriſto, para lhe dar ſepultura. Pela meſma razão os de progenitores puſillanimes ſe parecem a elles: commummente os homens de bayxa condiçaõ, naõ tem eſpiritos altos, tudo temem, como diſſe Virgilio; 21 entendem que ninguem lhes eſtranhará continuarem no eſtado, em que os deyxáraõ ſeus avòs, naturalmente ſaõ acanhados; tudo lhes parece impoſſivel: em qualquer pequena couſa, que ſe lhes encomende, ou mande fazer, achaõ difficuldades, & nem animo, nem diſpoſiçaõ tem para emprender vencellas, poſto que ſejão faceis. Iſto vemos cada hora nos noſſos criados, a quem encomendamos qualquer couſa. He verdade, que de huns, & outros degeneraõ alguns, & pòde ſer que muytos; como nas aguas, que dos canos, porque paſſaõ, tomaõ differente qualidade da com que naſcéraõ. Houve, & ha homens de grande nobreza com eſpiritos vis: & homens de naſcimento ignobil muyto magnanimos. Mas a eſtes caſos chamou Valerio Maximo ſemelhantes a monſtros, (porque ſaõ contra a regra da natureza) tratando de hum filho do grande Scipiaõ Africano, que teve o meſmo nome, & o animo taõ differente, que para o fazerem Pretor, ſe valeo do favor de hum criado de ſeu pay, & depois de eleyto foy privado por vil. 22

7 Pelo que ſempre convem que o homem, para ſer magnanimo, ajude o natural com algumas conſideraçoens; os nobres, & illuſtres envergonhando-ſe de naõ ſeguirem os exemplos de ſeus mayores, como elegantemente diz huma Ley das Partidas do Reyno de Caſtella; & o Gloſador Gregorio Lopes o confirma com hum galante lugar de Bartholo; 23 & a Ordenação de Portugal 24 ſegue o meſmo penſamento, quando trata a quem ſe haõ de encarregar as Alcaydarias mòres. 25 Por iſſo Virgilio introduz a Eneas encomendando a ſeu filho Aſcanio, que para ſer magnanimo ſe lembre ſempre de ſeus pays, & parentes: & com o exemplo de ſeus pays exhortava Tobias 26 a ſeus parentes, & amigos. Devem procurar, que ſe lhes accommode bem o louvor do Diſtico de Ovidio, 27 dizendo-ſe delles, que ſendo generoſos pelos titulos de ſeus avòs, vencem o illuſtre do ſangue com a nobreza das acçoens. Os de naſcimento humilde ſe devem animar com o que em outros verſos igualmente celebres diſſe Juvenal, 28 que melhor he ſer filho do fraco Therſites. ſendo Aquilles por obras valeroſas, do que ſer filho de Aquilles, & ſemelhante a Therſites nas obras; melhor ſerá dar principio, que fim à geraçaõ illuſtre. Muytos Reys, Emperadores, & varoens famoſos tiveraõ bayxa origem. 29 Em outra obra fizemos Catalogo delles. 30 Quanto mais que, como ahi notámos, ninguem ha, que naõ tenha hum

20 *Marc.15.41.*
Nobilis Decurio audacter introivit ad Pilatum, & petiit corpus Jeſu.

21 *Virg.4.Æneid.*
Degeneres animos timor arguit.

22 *Valer.Maxim.l 3.c.3.*

23 *Ley 6.tit.18.Partida 2. Pari: in l Ut vim n. fin. ff de Juſt & Jure.*
24 *Ordin.l.1. tit 74. in princ.*
25 *Virgil.Æneid.12.*
Tu facito mox, cùm matura adoleverit ætas,
Sis memor; atque animo repetentem exempla tuorum,
Et pater Æneas, & avunculus excitet Hector.
26 *Tob.1.27.*
Nolite ita loqui, quoniam filii ſanctorum ſumus.
27 *Ovid.Triſt l.4. Eleg.3.*
O, qui nominibus cùm ſis generoſus avorum,
Exuperas morum nobilitate genus.
28 *Juvenal Satyr 8. in fin.*
Malo pater tibi ſit Therſites, dummodo tu ſis.
Æacidæ ſimilis, Vulcaniaque arma capeſſas,
Quàm te Therſitæ ſimilem producat Achilles.
29 *Nieremb.Hiſt.Nat.Eva, & Ave, p.1. c 34.n.3.& 4.*
30 *Apud Gaſpar dos Reys Franc in Camp.. ff.2.14.d n.25.*

hum bom aſcendente, poſto que remoto, a que ſe pòde pegar, delle ſe toma alg ũas vezes mais que dos chegados, pelas razoens que os Filoſofos, & Medicos apontão: as aguas, ſymbolo da vida humana, poſto que ſe achem nos valles bayxos, ſe procedem dos montes, com induſtria ſe fazem ſubir quanto deſcérão: 31 a *Magnanimidade*, he induſtriosa para levantar. Ha outra conſideração para todos de qualquer qualidade; que, como diſſe Herodoto, 32 as couſas grandes querem ſer emprendidas com grandes perigos, & não ſe alcançáo ſem elles; mas (como eſcreveu Ceſar 33 experimentado) nada ha tão difficil, que não ſeja vencivel. Plutarco, 34 & Tacito 35 proſeguirão, que tudo he expúgnavel ao animoſo; muytas couſas ſe tiverão por difficultoſas, porque não forão acometidas. A *Magnanimidade*, confeſſou o meſmo Ceſar, 36 não deyxa de perturbar, mas ſeu brio produz valor, & deſejo de honra, que a faz ouſada; & aſſim ella não he izenta de temor, mas teme mais a perda da glorioſa fama. Judicioſamente o advertio Plutarco. 37

8 Com tudo a *Magnanimidade* ha de guardar medida. Tanto peccará por demaſiada, como a puſillanimidade por vil: (não he iſto limitalla, mas facilitarlhe os effeytos) porque, como diſcurſa Santo Thomàs, 38 tudo o que he contrario à inclinaçaõ natural bem governada, pecca contra ella como contraria à ley natural. Todas as couſas animadas, & inanimadas tem natural inclinaçaõ, para executarem acçoens proporçionadas à ſua potencia. Logo aſſim como a puſillanimidade pecca contra a inclinaçaõ natural em faltar à proporção de ſua potencia, deyxando de fazer o que pudera, (que por iſſo na Parabola do Evangelho foy condenado o que não negociou com o talento; 39) aſſim a *Magnanimidade* pecca á contra a ſua inclinaçaõ natural, excedendo a proporçaõ de ſua potencia, em preſumir chegar ao que ella naõ chega. Deve ſe acompanhar com prudencia, não emprendendo impoſſiveis; appetecer eſtes ſem conſideração ſerà temeridade bruta, & monſtro contra a natureza. He neceſſario meyo entre receyo, & confiança; porèm pendendo mais para eſta. Pòde-ſe deſprezar a morte, mas não aborrecerſe a vida, que iſſo he de infeliz. Prudencia ſem audacia, & audacia com loucura, ambas ſaõ vicios. O que ſe intenta com precipitação, ſe foge depois com ignominia. 40 Iſto he o que acima, 41 propuzemos na diffinição, que *Magnanimidade* he virtude, que tende a grandes couſas ſegundo *razõ recta*. Neſta razõ recta ſe entende tambem, que não emprenda contra juſtiça, & aſſim dizia o grande Ageſilao, que ella ſem juſtiça, não tinha uſo. 42 Os que emprendem tyrannias, & grandes inſultos, moſtrão animo para couſas grandes, mas não uſaõ delle; porque a natureza lho deu para bom fim, & elles o empregão no mal: & o que ſe emprega em couſa para

31 *Eccleſiaſt.40.11.*

32 *Herodot. hiſt.l.1.*
Magnæ res etiam cum magnis periculis volu. t percipi.

33 *Ceſar.de bell.Gallic l.7.*
Nil adeò arduum eſt, quod non virtute conſequi poſſit.

34 *Plutarch.in Alex.*
Nil audentibus expugnabile, nil fatis munitum contra animoſos.

35 *Tacit.Annal.l.12.*
Cuncta virtute funt expugnabilia.

36 *Ceſar ſup.l.6*
Nemo eſt tam fortis, qui rei novitate non pertu beur.

37 *Plutarch in Cleomen.*
Fortitudinem mihi videmur non vacuitatem à metu, ſed metum reprehenſionis,& ignominiæ antiqui judicaſſe.

38 *D.Thom.2.2.q.133.art.1.*

39 *Matth.25 Lucæ 19.*

40 *Hæc omnia vide apud Ariſtot. 3 hthic.*
Senec.ep.87.& l.4. de Benefic. c.27.
Q.Curt.in Alex.l.5.
Cicer.in Caton. Iu ipid.in Herc.ul.
D Amb of 1.Offic 37.
D.Bernard.l. de Conſider.
Gel Noct. Attic l 12 c.5.
Guicciardin. Hiſtor. Polit.
Leſſè dixit in Harmon Poſit p.5 §.7 à n.54

41 *Suprà num.2.*

42 *Ageſilaus apud Plutarch.in Apophthegm. Lacon.*

ra

ra que naõ foy feyto naõ ſe uſa. De hum cavallo ginete muyto fermoſo, brioſo, & de partes ſe ſe uſou ſó para carga, dizemos que não teve uſo, porque naõ ſe uſou no para que foy criado. Finalmente ſem *Magnanimidade* bem regulada naõ ſe pòde alcançar boa *Fortuna*.

CAPITULO XVI.

Que a boa reputação conduz para a boa Fortuna; *& como ſe alcança.*

1 POr bocca do Eccleſiaſtico nos aconſelha o Eſpirito Santo: *Tende cuydado de ter bom nome, porque eſte vos ſerá mais permanente, que mil theſouros precioſos, & grandes.* 1 Nos Proverbios repetio: *Melhor he bom nome, que muytas riquezas.* 2 Pelo Apoſtolo nos encomenda o meſmo. 3 Os Politicos, meramente humanos, Marco Tullio, Seneca, Tacito, Plutarco, Caſſiodoro, o tiveraõ pela mayor conveniencia. 4

2 O bom nome, & reputaçaõ concilia benevolencia geral, que he grande parte para conſeguir os negocios, como diſſe o meſmo Tullio; 5 porque, como diſcurſou Ariſtoteles, 6 ninguem ſe perſuade a que deyxa de obrar juſtamente aquelle de quem tem boa opiniaõ. He eſta taõ poderoſa, que ſe eſtende a dominar nas materias naturaes; pois notou Santo Iſidoro, que o bom conceyto, que o enfermo tem da ſciencia do Medico, lhe aproveyta algumas vezes tanto, como a bondade dos remedios. 7

3 Contra o bem reputado, nem o inimigo ſe atreve, por ſe naõ deſacreditar. He muyto difficultoſo, diſſe hum Eſcritor grave, 8 deyxar de ſeguir a commua opiniaõ do povo.

4 Daqui vem que muytas vezes ſó a boa *Reputaçaõ* acaba grandes couſas. Nos principios de Roma Menenio Agrippa ſó pela que tinha (como diz Tito Livio 9) com huma pratica bem ſimplez reduzio o povo nas graves diſcordias, que continuava com a Nobreza. 10 Marco Emilio Eſcauro, Varão inſigne, accuſado no Senado por Vario Sucronenſe, de que recebèra dinheyro d'ElRey Mithridates, que era inimigo da Republica, reſpondeo: *Em minha defenſa, ò Cavalleyros Romanos, ſó vos farey huma pergunta: Vario Sucronenſe acuſa a Emilio Eſcauro, Emilio Eſcauro nega: a qual dareis mais credito?* Baſtou a *Reputaçaõ*, em que cada hum eſtava, para logo todos com altas vozes lançarem a Vario da accuſaçaõ. Scipiaõ Naſica havendo na plebe de Roma hum tumulto ſobre o provimento de trigo, que faltava, diſſe aos tumultuarios, *que entendia melhor que elles, o que convinha à Republica.*

1 *Eccleſiaſt.* 30.15.
Curam habe de bono nomine; hoc enim magis permanebit tibi, quàm mille theſauri pretioſi, & magni.

2 *Proverb* 22.1.
Melius eſt bonum nomen, quàm divitiæ multæ

3 *Paul. ad Philip.* 4.8.

4 *Tullius* 1. *Offic. Seneca de Clem.* 1. c 8.
Tacit. Annal l. 4
Plutarch. in Alcibiad.
Caſſiodor. l 8 *epiſt* 23.
Jovian. Pontan de Fort l. 1. c. 5.

5 *Tullius in Lel.*
Non eſt negligenda fama, nec mediocre telum ad res gerendas exiſtimare oportet benevolentiam civium.
Vide Hieronym. Trachata nel Principe l. 2. c. 2.

6 *Ariſtot. Polit.* l. 1 c. 11.

7 *D. Iſidor.* l. 4 *Etym.*
Ex quadam confidentia, quam ægrotus inde concipit, natura jam deficiens convaleſcit.

8 *Pauſanias* l. 3.
A vulgari opinione diſcedere difficillimum.

9 *Livius Decad.* 1. l. 2.

10 *Valer. Max* l. 3. c. 7. *de Fiducia ſui.*
Plin. de Vir. illuſtr. cap. 71.
Eraſm. l. 6. *Apophthegm.*

ca. E a grande reputaçaõ, que tinha, baſtou, para com iſto ſe aquietarem. 11 Nas Leys Civis ſó com a reputaçaõ ſe livra hum Reo de grandes indicios de delicto; 12 & aſſim os bons Advogados nos crimes articulaõ della para defender, ou accuſar. Para os ſucceſſos militares pòde muyto a do Capitaõ, como diz Tacito. 13 Quando os Cavalleyros de Saõ Joaõ de Jeruſalèm poſſuiraõ Rhodes, em huma occaſiaõ importante contra os Turcos, nem com ameaços, nem com promeſſas ſe queria embarcar a gente de mar nas Galès da Religiaõ; embarcou-ſe Dom Frey Diogo de Almeyda, Gram Prior de Portugal, (que alli ſe achava) ſendo mayor dignidade, ſugeyto ao General Dom Frey Franciſco Çapata: & a ſua grande *Reputaçaõ* fez logo embarcar todos com mayor fervor. E ſe alcançou huma glorioſa vitoria, hindo diante das outras a Galé do Gram Prior. 14 Em Portugal ſe vio bem no muyto que obrou o Grande Condeſtavel Dom Nuno Alvares Pereyra, com pouco mais poder que o que ella lhe dava. Referem as Chronicas, que ſe ſuccedia qualquer deſordem, com huma ſó palavra ſua ſe emendavaõ todos. 15 No conſelho, em que ElRey Dom Joaõ I. houve de deſcubrir o intento de hir ſobre Ceyta, o mandou votar primeyro, para que ſeu voto reduziſſe os mais, que eſtavão de contrario parecer: & aſſim ſuccedeo. 16

5 Pelo que naõ ſó para o ponto da honra; mas tambem para o intereſſe das utilidades, ſe deve procurar a boa *Reputaçaõ*; pois facilita a boa *Fortuna*, que ſe deſeja. Atè Chriſto Senhor noſſo, que tudo podia, querendo, como he coſtume de Deos, guiar as couſas pelas vias ordinarias, parece que teve por conveniente ſer bem reputado, para mais certo effeyto da ſua prègaçaõ; & para dar exemplo a ſeus Diſcipulos, lhes perguntou, em que *Reputaçaõ* o tinhaõ os homens, 17

6 O meyo de alcançalla boa, diſſe em poucas palavras Socrates: 18 *Se procurardes ſer tal, qual quereis que os homens vos reputem.* Porque ordinariamente, qual he a vida, tal he a fama. 19 Nem o Chriſtaõ ſe deve ſatisfazer com o louvor da boca alhea, mais que da vida propria. O grande Lacedemonio Ageſilao diſſe: *Se fallardes, & obrardes muyto bem.* 20 E o Filoſofo Epitecto: 21 *Aprendey a fallar bem; & depois de enſinado a iſto, procuray obrar bem, & aſſim gozareis a boa Reputaçaõ.* Naõ ſe alcançarà com fingimento de vida, porque eſte naõ he duravel, como em Nero ſe vio. Recomenda-ſe particularmente naõ jogar demaſiado conforme a poſſibilidade de cada hum; porque de tal jogador, como de homem perdido, para nenhuma couſa ſe faz confiança. Do jogo ſó ſe deve uſar para recreaçaõ, & converſaçaõ moderadamente, como do ſomno diſſe Marco Tullio. Em outra obra tratámos diſto. 22

11 *Valer. Max. d. l. 3. c 7.*

12 *L Fameſi ff. ad leg Jul. Maieſt. l. Non omnis §. 1 barba. de re milit. l. De mino e §. Tormentum de queſt.*

13 *Tacit. Annal. 13 poſt princip.* Famæ interveniunt, quæ in novis cœptis validiſſima eſt.

14 *Refere Fr. Domingos Maria Curion no Triunfo da Religiaõ de S. Joaõ p. 1. l. 4. c. 2.*

15 *Fernaõ Lopes Chron de Dom Joaõ I. Rey de Portug p. 2. c 200.*

16 *Chron. moderna de D. Joaõ I. Rey de Portug. c. 83.*

17 *Matth. 16 16.* Quem dicunt homines eſſe filium hominis?

18 *Socrat. apud Eraſm. l. 3. Apoph.* Si talis eſſe ſtudeas, qualis haberi velis.

19 *Petrarcha de adverſ Fortun. dial 130 in princ.*

20 *Ageſil apud Plutarch. in Apophthem Lacon.* Si loquatur, quæ ſunt optima, & faciat, quæ ſunt honeſtiſſima.

21 *Epictet.*

22 *Tullius 1. Officin. D. Ieremos no trat. Eva, & Ave p. 1. c. 37.*

7 Não baſta ſer indifferente; he neceſſario obrar o bom, & que ſe vejaõ as boas obras, cómo enſinou Chriſto Senhor noſſo; 23 porque ſó pelos frutos ſe conhece a boa arvore. 24 E aſſim perguntando-lhe os diſcipulos do Bautiſta, *Quem era*, ſó reſpondeo, que relataſſem a ſeu Meſtre o que lhe virão obrar. 25 O indifferente não ſerá reprovavel, mas tambem não ſerá louvavel, dirſe-ha delle o que Tacito 26 de Galba, que he mais ſem vicios, que com virtudes.

8 Alcançada a boa *Reputaçaõ*, nota Plutarco, 27 que he como o fogo, que huma vez acezo ſe conſerva facilmente; ſe ſe apaga, naõ ſe torna a acender com facilidade: he Sol, que ſe ſe lhe oppoem nuvem, fica eſcuro para nòs, poſto que claro em ſi meſmo. Pelo que naõ ſó ſe deve fugir do que a offende com realidade, mas tambem do que ſe lhe atreve com ſuſpeyta. Em outra parte 28 eſcrevemos deſta materia largamente.

9 Para a conſervar com aquelles, de que ſe depende, convem ter amizade com todos, mas naõ familiaridade, porque muytas vezes a communicaçaõ diminue o credito, ao que a fama publicava. Cuydaõ alguns, que converſados contentarão mais, & entaõ começaõ a deſcontentar, ou ſer aborrecidos.

23 *Matth.* 5. 16. Sic luceat lux veſtra coram hominibus: ut videant opera veſtra bona.

24 *Matth.* 7. 16. A fructibus eorũ cognoſcetis eos.

25 *Matth.* 11 4.

26 *Tacit. hiſtor. l.* 1 *prope med.* Magis extra vitia, quàm cum virtutibus.

27 *Plutarch in Moral.* Ignis ſemel accenſus facile ſervatur: extinctus haud facilè reaccenditur: ita famam tueri facile eſt; extinctã non facile eſt reſtituere.

28 *Na harmonia Polit. p. 2. §. 2.*

CAPITULO XVII.

Que grande parte da Reputação conſiſte no modo, com que ſe falla, & algumas advertencias para elle.

1 QUantas vezes fallamos, (diz Marco Tullio 1) tantas ſe faz juizo do que ſomos. Porque (dizia Democrito) no eſpelho ſe vé a imagem do corpo, nas palavras a imagem da Alma: & Solon accreſcentava, que tambem ſe viaõ as obras. 2 Chryſippo perguntandoſe-lhe, que couſa era entendimento, reſpondeo, *que era fonte das palavras.* 3 De Socrates 4 era iſto dito ordinario. E aſſim enviandolhe hum homem rico hum moço filho ſeu, para que o viſſe, lhe diſſe: *Falla menino, para que te veja.* 5 O grande Bautiſta, quando os Sacerdotes, & Levitas lhe forão perguntar, Quem era, reſpondeo, *que era voz.* 6 E verdadeyramente o que elle fallava, moſtrava, & diffinia bem ſua grandeza. Pelo que reſultando do fallar grande parte da *Reputaçaõ*, de que tratámos no Capitulo precedente, convem fazermos neſta qualidade particulares advertencias.

2 He a primeyra fallar ſempre verdade, ou a materia ſeja grave, ou leve. Plutarco refere que Epeneto coſtumava dizer, que os mentiroſos erão authores de todas as malda-

1 *Tul. 1. de Orat.* Quoties aliquid aut dicimus, aut loquimur, toties de nobis judicatur.

2 *Democrit. & Solon apud Maximſerm. 14. & 15.*

3 *Chryſip apud Stob. ſerm 1.*

4 *Socrat. apud Cicer. 1. Tuſcul. Stob. ſerm. de liter.*

5 *Reſet. Eraſm l. 3. Apophthegm.*

6 *Joan. 1. 23.* Ego vox.

des. 7 Salamão os poem no ſegundo lugar das ſete couſas, que Doos aborrece, & deteſta. 8 Chriſto Senhor noſſo aos que mentem por coſtume, chamou filhos do Diabo, que ſempre mente; 9 & os filhos ordinariamente ſaõ ſemelhantes a ſeus pays; 10 ElRey Artaxerxes mandou paſſar com tres cravos a lingua de hum Soldado mentiroſo: 11 & com razaõ, porque lhe era eſcuſada; pois havendo-a a natureza dado para declarar os conceytos, como enſinão os Dialecticos, quem não quer declarar a verdade, que tem no conceyto, não neceſſita de lingua, antes fica ella danavel peccando contra ſeu officio natural, quando declara o contrario; ſem que poſſa deſculpar materia leve, ou qualquer outro ſubterfugio; porque o mentir he intrinſecamente máo. Com eſte vicio ninguem pòde alcançar boa *Fortuna*. Diſſe Salamão, quem procura negociar uſando delle, apaſcenta os ventos, ſegue as aves que voão, 12 & em fim perece. 13 Porque da verdade, a cuja luz, como diſſerão os Sabios, 14 ſe vem os menores átomos, que lhe querem oppor, por mais que o mentiroſo cuyde, & disfarce, não pòde, fugir como notou Salamaõ; 15 por mais, ou menos duvidas ha de ſer conhecido. Por iſſo ſe diz que hum coxo corre mais que elle; porque o alcança, ou por contradiçaõ, ou por falta de memoria, ou por noticias, & outras occaſioens que ſuccedem. Conhecido, fica perdido: porque baſta ſer comprehendido huma vez, para ninguem lhe dar credito, poſto que diga verdade. Por eſta razaõ Chriſto Senhor noſſo perguntou aos Judeos: 16 *Pois vos fallo verdade, porque me não credes?* Como reconhecendo, que terião cauſa para o não crerem, ſe alguma vez lhes não houvera dito verdade. E em outra occaſião, em que o demonio o publicou Filho de Deos, o mandou callar; 17 porque, ſendo o demonio conhecido por mentiroſo, ſe creria o contrario do que publicava. Naõ ſe lhe dando credito, fica membro pobre na Republica, pois ninguem o tratará; porque faltando o credito (advertio Livio 18) tira-ſe toda a communicação entre os homens. Com todos os outros vicios ſe pòde tratar, ſó o mentiroſo naõ tem uſo, pois ſe não pòde fazer caſo do que diz.

3 He ſegunda advertencia, naõ ſer mal dizente, nem murmurador. A ninguem ſe deve deſprezar, pois naõ ha creatura tão vil, que naõ repreſente a Bondade de Deos. Algumas o fazem não tanto por má vontade, como por moſtrarem diſcurſo; & talvez por naõ perderem a occaſiaõ de hum dito galante. Além de ſer peccado, ou mortal, ou venial, ſegundo a materia, & tençaõ, 19 ſempre a má lingua he odioſa a Deos, como lhe chamou o Apoſtolo; 20 & abominavel aos homens, como lhe chamou Salamão. 21 O antigo Plauto 22 comparou os maldizentes a ratos, que roem o alheyo; tão longe eſtão de offenderem ao murmurado, como

7 *Plutarch. in Lacon.*
8 *Proverb.* 6.17. Linguam mendacem.
9 *Joan.* 8.44.
10 *Quintilian. l.* 5. *cap.* 10. Similes patentibus ſuis filii plerumque creduntur.
11 *Cermenat. in Repſo c.* 39.

12 *Proverb.* 10.4. Qui nititur mendacio, paſcit ventos, idem autem ipſe ſequitur aves volantes.
13 *Proverb.* 19 9. Qui loquitur mendacium, peribit.
14 *Apud Stob. ſer.* 10. *de imprudent. & Apophthegm.* 48. *Ant. Milit. ſerm* 22. *Maxim. ſerm* 34.
15 *Proverb.* 19.5 Qui mendacium loquitur, non effugit.

16 *Joan.* 8.45. Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?

17 *Marc.* 1.25.

18 *Liv. Dec. l.* 6. Cum fidei abrogatione omnis humana ſocietas tollatur.

19 *D. Thom.* 2.2 *q.* 37. *art.* 2.
20 *D. Paul. ad Rom.* 1.30. Detractores Deo odibiles.
21 *Proverb.* 24 9. Abominatio hominum detractor.
22 *Plaut. capt* Quaſi mures ſemper edemus alienum cibum.

como intentaõ, que antes o honraõ, como abayxo diremos, 23 & ſe offendem a ſi meſmos. Vimos muytos, que tendo boas qualidades, porque alcançariaõ, ſe fizeraõ infelices por eſte vicio.

4 Aſſim como ſe não póde fallar mal de outro, aſſim ſe não deve fallar bem de ſi, 24 pois ninguem tem credito na ſua cauſa. Quando o Evangeliſta Saõ Joaõ fallou de ſi meſmo, accreſcentou logo o Eſpirito Santo, que ſeu teſtemunho era verdadeyro. 25 Poſto que o louvor ſeja notoriamente merecido, ſe envilece na boca propria; 26 & os que ſe louvaõ, ſe fazem neſcios, como diſſe o Apoſtolo; 27 ninguem ſe deve fazer elogios, mas dar materia a que os façaõ delle, 28 ſe ninguem os fizer, pelo menos naõ perderá; o contrario naõ ganha a *Reputaçaõ*, que pretende, & perde a boa que pudera ter.

5 Cuydaõ alguns, que moſtraõ comprehenſiva em ſe anticiparem a reſponder, antes que acabem de ouvir; & Salamaõ diz, que ſe moſtraõ neſcios, & dignos de confuſaõ. 29 Hum Juriſconſulto diſſe o meſmo àcerca de ſe naõ interpor juizo antes de ler a ley atè o fim. 30 Ainda que ſe anteveja, aonde ſe encaminha o diſcurſo, ſe deve ouvir todo com ſoſſegada prudencia: interrompello com repoſta intempeſtiva he inurbanidade, & final de eſpirito inquieto.

6 Epicteto 31 reprehendia os que fallavaõ em materias altes com ignorantes; & tinha razaõ. Porque como diſſe o Sabio: *O ignorante naõ recebe as palavras do prudente, ſe naõ forem as que andaõ no ſeu coraçaõ.* 32 Não deve o prudente *ſpargere porcis margaritas.*

7 Aſſim tambem naõ deve alguem fallar como ſciente nas ſciencias, & artes fóra da ſua profiſſaõ. A Magabiſo, que diante do grande pintor Apelles tratava confiadamente da pintura, diſſe elle: *Eu, ò Magabiſo, te tive atègora por prudente, porque o teu ſilencio ornava teus veſtidos precioſos; agora vejo o contrario, & atè eſtes moços, que moem as tintas, eſtão zombando de ti.* 33 Ao meſmo propoſito he muyto ſabido o que ſuccedeu ao Filoſofo Formio com Annibal. 34 He verdade, que o homem entendido não ſe deve moſtrar ignorante das noticias geraes de qualquer materia; porèm fallar em todas como profeſſor, naõ o ſendo, cahe em diſparates, & he mayor erro, ſe for em preſença de ſeus profeſſores; diante delles ſe deve mais ouvir, que fallar. 35

8 Com porfioſos ſe naõ ha de porfiar; 36 reſultão diſſo contendas, que accuſaõ a ſeus authores de neſcios, como diſſe Salamaõ; 37 não fica inferior quem ſe dá por vencido: porque a natureza deu a todos o fallar, & a poucos o ſaber. 38

9 Peccão alguns em fallarem demaſiado, ſem quererem ouvir. Democrito lhes chamou avarentos, porque todo o

23 *Infra c.* 18.

24 *Cato apud Roſred. 2. queſt. Sabbet. n.* 3. Ne collaudes.

25 *Joan.* 21. 24.

26 Laus in ore proprio vileſcit.

27 *Paul. ad Rom.* 1. 22. Dicentes enim ſe eſſe ſapientes, ſtulti facti ſunt.

28 *Proverb.* 27. 2. Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

29 *Vide Senec. Epiſt.* 105. *ad med.* Qui prius reſpondet, quàm audiat, ſtultum ſe eſſe demonſtrat, & confuſione dignum.

30 *In l. Invicile* 24 *ff de leg.* Invicile eſt, niſi tota lege proſpecta, una aliqua particulâ ejus propoſita, judicare, vel reſpondere.

31 *Epictet. apud D. Franc. de Quevedo in Epictet. c.* 51. *in princip.*

32 *Proverb.* 18. 2. Non recipit ſtultus verba prudentis, niſi ea dixerit, quæ verſantur in corde ejus.

33 *Refere Franc de Fuenſalida no Repouſo da Alma c.* 7.

34 *Plutarch in Annibal.*

35 *Grumend. na Doutrina dos Principes c.* 12. *fol. mihi* 8 *ad fin.*

36 Contra verboſos noli contendere verbis.

37 *Proverb* 18. 6. Labia ſtulti miſcent ſe rixis, & os ejus jurgia provocat.

38 Sermo datur cunctis, animi ſapientia paucis.

fallar querem ſó para ſi. Em Londres conheci hum gentilhomem Francez muyto pobre, & grande fallador; hum Enviado, que alli foy delRey Chriſtianiſſimo, igualmente fallador, lhe offereceu meſa, que elle eſtimou muyto: & no fim do primeyro jantar ſe deſpedio para não tornar. Perguntoulhe o Enviado a cauſa, reſpondeu: *Senhor, eu quero ſallar ſempre, & vòs quereis o meſmo: não podemos converſar ambos.* E diſſe bem. Porque a converſaçaõ he como o jogo, em que não joga ſempre hum ſó, mas ambos, ou todos os que ſe puzeraõ a jogar. Ha linguas tão correntes, como penedo que roda, ou homem, que corre por hum monte abayxo ſem poder parar, ainda que queyra. Naõ ha quem ſoffra hum deſtes. Os Laconios lançáraõ fóra a Chriſifonte, porque ſe jactava, de que ſe atrevia a fallar todo hum dia ſobre huma ſó couſa. 39 Solon Sabio de Grecia em hum ajuntamento de falladores não dizia palavra. Perguntando-lhe Periandro, que era outro Sabio, ſe callava por falta de palavras, ou por ſer neſcio, reſpondeu: *Que hum neſcio naõ podia eſtar callado.* 40 Pelo que aconſelhou o Eccleſiaſtico: *Naõ ſejas fallador.* Mas tambem não ha de ſer o ſilencio demaſiado. Conta a Floreſta Heſpanhola, que hum pay encomendou a hum filho neſcio, que caſava, que no banquete das bodas naõ fallaſſe, porque ſe não déſſe a conhecer; hum dos convidados, vendo o em tanto ſilencio, diſſe em voz bayxa a outro: *Eſte moço deve ſer neſcio, porque nada falla;* & o moço, que o ouvio, diſſe ao pay: *Meu pay, já poſſo fallar, porque já me conhecéraõ.* Tanto ſe perde por menos, como por mais. O Sabio calla, & falla a ſeu tempo: o imprudente naõ obſerva tempo. 41 Eſpiritualmente diſſe hum Varaõ grande: *Ninguem falla ſeguro, ſenaõ quem calla de boa vontade.* 42

10 Outros, poſto que naõ fallão muyto, fallão deſentoados, & em voz alta. Da ignorancia deſtes diſſe Alciato, que he teſtemunha ſua lingua com ſua voz. 43 Os Sabios diſſeraõ que os metaes, & os vaſos de barro, & os homens ſe conheciaõ pelo que ſoavão. 44 Naõ debalde ordenou a natureza, que ſem vermos os homens, com que já fallámos, os conheçamos pela voz, como Iſaac a Jacob. 45 He verdade, que ha caſos, em que convem entoar a voz com efficacia; como quando Marco Callidio com voz muyto ſubmiſſa acuſava a Gallo, de lhe haver querido dar veneno: & Cicero 46 em defenſa do Reo lhe diſſe: *Que bem parecia, que a acuſaçaõ era fingida, pois elle a propunha taõ froxo, ſendo de crime taõ grave.* Porèm ſempre deve haver medida, que naõ chegue a deſcompoſtura.

11 Mais enfadaõ, os que praticão como de penſado ſentencioſos com artificio, affectando elegancia, & eſcutandoſe. Ordinariamente ſaõ futeis: fundados em palavras, naõ em ſubſtancia. Se tal vez tem alguma, o modo enfaſtia os ouvintes.

39 *Refere Eraſm l.1. Apophthegm.*

40 *Refert Sebaſt. Stocamber in comment. ad Emblem. Alciati; l.1.* Neminem ſtultum tacere poſſe.

41 *Eccleſ.20.7.* Homo ſapiens tacebit uſque ad tempus: laſcivus autem, & imprudens non ſervabit tempus.

42 *Kemp de Imit.Chr.l.1.c.20. num.2.* Nemo ſecurus loquitur, niſi qui libenter tacet.

43 *Alciat.l.1.Emblem 3.* Stultitiæ eſt index, linguaque, vox que ſua.

44 *Plato apud Stob. ſuprá Quintilian.lib.8.* Sermones hominum, & æra tonitu dignoſcimus. *Maxim.ſerm.15.*

45 *Geneſ 27 22.*

46 *Cicer.apud Eraſm.l 4. Apophthegm.*

vintes. Assim como cada sciencia, & materia tem locuçaõ propria, que se não usa na outra: 47 & no escrever saõ diversos os estylos da Historia, das Cartas, das Novellas, & da Poesia; assim saõ differentes os modos de fallar na cadeyra, no pulpito, & na conversaçaõ. Sendo o ensinar de cadeyra funcçaõ taõ proxima ao prégar de pulpito, se reprova usar do mesmo methodo de voz, & de fallar em ambos. 48 Plataõ ensinou, que na pratica ordinaria se evite curiosidade. 49 Ha de ser mais judiciosa, que adornada: polida sem affectaçaõ: composta sem jactancia: discretamente simplez: naturalmente elegante: que mostre synceridade do animo, como requere Carlos Pascasio. 50 Permitte-se com louvor trazer nella a proposito o bom dito de hum Poeta, Filosofo, ou Politico, offerecendo-se occasiaõ, sem ser arrastada, & referir huma historia sem prolixidade.

12 Ha outros, que fallaõ com gestos, meneando a cabeça, torcendo o pescoço, levantando as sobrancelhas. De hum chamado Testio Penacio, que entortava a barba, disse Cesar, que quebrava nozes com os dentes. 51 Hippolyto a Collibus, 52 que escreveu do bom modo de callar, reprehende a todos estes. E o Sabio Chilon chamava nescios aos que fallavaõ esgrimindo com as mãos. 53 Nem devem andar livres, como de Prègador, nem algemadas, como de prezo; não se escusa hum pequeno movimento decoroso; & havendo-se de peccar, seja antes por pouco. Tambem se condenaõ os que tem sempre os olhos fitos no rosto da pessoa, com quem fallaõ; haõ de estar demissos com attençaõ, & attentos com modestia.

13 Entre os gestos se pòde contar o riso. Ha homens, que fallaõ sempre rindo; cuydaõ que assim se fazem agradaveis; atè nas ruas saudaõ entre hum riso falso, posto que nunca fallassem aos que encontraõ, nem os conheçaõ. Tudo he fingido, que basta para ser condenavel. Sendo riso verdadeyro tambem o fora, por ser sem occasiaõ, 54 porque he grande argumento de liviandade. 55 Ainda nas occasioens, que o pedem, he indecente o demasiado. 56 Dion Filosofo dizia, que melhor parecia hum rosto chorando, que rindo. Porque de lagrimas se podia tirar doutrina, & do riso não. Do que chora ninguem zomba: o que ri muyto, se faz ridiculo. Nas vidas dos Padres 57 se conta, que hum Abbade reprehendendo a hum que ria lhe disse: *Havemos de dar conta de toda a nossa vida diante do Ceo, & da terra, & tu ris?* Naõ escrevemos taõ espirituaes; nem ainda com aquella severidade do Filosofo Dion. Só queremos rosto decoroso com agrado, & seguindo a doutrina de Epicteto, 58 o riso naõ seja muyto, nem por muytas cousas, nem delatado.

14 Aos que affectaõ dizer graças que provoquem a riso, chamaõ os Sabios *Scurræ*. & a seus ditos *Scurrilitas*, que o Dou-

47 *Cassaneus in Catal glor. Mũd. p. 10. consider 18. vers. & primo.*

48 *Joan. Nevisan. in Sylv. nuptial. l. 5. n 41.*
Ista enim ita lectorem dedecent, sicut Prædicatori legere, quando est in pulpito.

49 *Plato de Rep. l. 3.*
Evitanda est sermonis curiositas.

50 *Carol. Pascal. de vit & vit. c. 4.* Si animus est synceris, sermo est simplex.

51 *Refer. Erasm. l. 4 c. 4 1.*

52 *Hippoyt. à Collib. de recte fideler. d. ration.*

53 *Chilon apud Laert. de vit. Philosop. l 1.*
Inter loquendum non agitandus manus, esse enim ve corde.

54 Malum grave est ridere non in tempore. *Adag. in Græcis Comicis.*

55 *Sebastian. Fox. in 3. Platon. de Rep.*

56 *Dion. apud Stob. serm. 77.*

57 *In vit. Patrum, c. de compunction.*

58 *Epictet in Enchirid.*
Risus neque multus sit, neque ob multa, neque solutus.

o Doutor Angelico reprova. 59 Ariſtoteles 60 notou, que eſtes procuraõ mais mover a riſo, que fallar como devem. Plauto 61 os infama de criminoſos, & ignorantes. Plutarco 62 diſſe a hum, que naõ diſſeſſe ſempre couſas ridiculas por ſe naõ fazer ridiculo. Cataõ Uticenſe, accuſando a Murena, a quem defendia Cicero, ſendo Conſul, & dizendo Cicero huma razão, que moveu os Juizes a riſo, o meſmo Cataõ não pode deyxar de ſe ſorrir; mas como em vingança diſſe: *O' bons Deoſes, que ridiculo Conſultemos!* 63 Cuydaõ, que ſe moſtraõ homens de Corte, & galantes, mas fazem-ſe contemptiveis dos meſmos, que gòſtaõ de os ouvir. Não ſe reprova, antes he de entendido, intrometer talvez que ſe offereça hum dito, que ſeja alegre; ſó ſe condena, quem o faz de profiſſaõ. E aquelle dito naõ ha de ſer ſolemnizado por quem o diſſe, deve-o dizer como acaſo, deyxando a que os ouvintes o celebrem, ſe lhes parecer bem.

59 *D. Thom. 2. 2 q. 148. art. 6.*
60 *Ariſtot. 4. Ethic. c. 7.*
61 *Plaut. in Trinum*
62 *Plutarch. apud Bruſ. l. 5. c. 27.*
63 *Refert ex Plutarch. Bruſ. d. l. 5. c 27.*

15 Sobre tudo quem quizer agradar, ha de fugir, de que o ouvinte cuyde que elle ſe preza de ſaber mais. He conſelho, que o Eſpirito Santo no Eccleſiaſtico dá aos que tratãõ com Principes. 64 E nòs o expendemos em outra obra. 65 Procede para com todos os de quem ſe depende. Naõ aconſelha, que ſe não ſayba mais: aconſelha, que ſe encubra. Bem pòde moſtrar, que ſabe mais em alguma ſciencia, ou arte, que o ouvinte não profeſſa; que iſſo naõ offende: ſó naõ deve dar a entender que tem melhor juizo natural; porque, como eſte he o mayor bem do homem, naturalmente he deſagradavel quem nelle he vencedor; & muyto mais ſe ſe entender que elle conhece a ſua ventagem. Pelo que neſte ponto he neceſſario prudente equilibrio, que nem deyxe de moſtrar bom juizo, nem faça oſtentaçaõ de ſuperior.

64 *Eccleſ. 7. 5 Penes Regem noli velle videri ſapiens.*
65 *Notat Eva, & Ave, p. 1. c. 40. n. 19.*

16 Finalmente, he regra géral, que aos mayores ſe falle com reſpeyto: aos menores com modeſtia: aos iguaes ſem competencia. 66

66 *Epictetus apud Stob. ſerm. 3. de Temper.*

17 Eſtes documentos nos daõ os Meſtres Moraes, & Politicos, como principaes. Sey, que ſe apontaõ muytos reduzidos a ſe attender o tempo, lugar, & occaſiaõ, em que ſe falla, peſſoa com que ſe falla, & materia de que ſe trata. Tudo o mais ſe deyxa ao juizo de cada hum, que ſempre deve hir com advertencia, de que o que fallar, ſerá a pedra de tocar da ſua *Reputaçaõ*, como fica dito no principio deſte Capitulo.

CAPITULO XVIII.

Que he meyo para a boa Fortuna *grangear amigos; quaes, & como; & o modo de uſar delles.*

1 FOy dito celebre dos Filoſofos antigos 1 que o homem ſabio ſe baſtava a ſi meſmo, pelo que não neceſſitava de amigos; porque a ſabedoria, diz Salamaõ, 2 val mais que todos os Reynos, & riquezas: traz comſigo todos os bens, & aſſim a quem a poſſue tudo ſobeja.

1 *Refert Seneca Epiſt. 9 in prinſ.*

2 *Sap. 7. à v. 8.*

2 Contra eſte dito argumentava Epicuro, que entre os goſtos, que naturalmente ſe appetecem, he o de ter amigos; aſſim como a ſolidaõ ſe aborrece, aſſim a ſociedade he ſuave: a natureza, que concilia entre ſi os homens, os faz appetitoſos de amizade.

3 Seneca 3 reſpondeu com diſtincçaõ: Para viver na bemaventurança de animo, que a virtude enſina, naõ ſaõ neceſſarios amigos: para viver, como ordinariamente ſe vive, ſaõ preciſamente neceſſarios: para viver ſó à virtude, baſta o animo: para viver tambem ao Mundo, muytas couſas naõ baſtão. Não ſaõ neceſſarias à vida da virtude, porque ainda que lhe falte tudo o do Mundo, & padeça dores, & trabalhos, ſoffre virtuoſamente, tendo a gloria na paciencia: & para iſto o Sabio ſe baſta a ſi meſmo ſem adjutorio exterior.

3 *Senec. d. Epiſt. 9.*

4 E aſſim Eſtilpon, ſendo tomada ſua Patria, em que perdeu mulher, filhos, & fazenda, & eſcapando ſó ſem couſa alguma, perguntando-lhe o vencedor Demetrio, Rey de Macedonia, quanto perdera, reſpondeu que trouxera comſigo tudo o que tinha; entendendo que tudo trouxera em ſeu animo. O valeroſo varão, diz Seneca, 5 venceu a vitoria de ſeu inimigo, & o obrigou a duvidar, ſe vencèra, pois nada tirára ao vencido. Se o Sabio neceſſitára de alguma couſa fóra de ſi, já fora ſugeyto à *Fortuna*, o que elle não he. Mas para viver a vida do Mundo ſaõ neceſſarios amigos; porque eſta pede outros alivios; & os amigos o daõ grande, não em ajudarem, (que iſſo fora por intereſſe, que tira a mageſtade à amizade verdadeyra) mas para nòs os ajudarmos a elles, que he o fruto da amizade generoſa. Ainda que pareça, que neſte ponto fallou Seneca demaſiadamente Eſtoico, diſſeraõ o meſmo Santo Agoſtinho, Santo Ambroſio, Saõ Jeronymo, 6 & outros Santos. Eu diſſera mais moderado (conformandome com o Eccleſiaſtes 7) que ſaõ alivio, pela ſociedade humana, que dicta naturalmente communicaçaõ, para reciprocamente ſe ajudarem. Eſta amizade ſe chama honeſta, poſto que involva intereſſe proprio. Todavia advertio Seneca que, ainda que aquella vida de virtude não neceſſita de ami-

4 *In idem eſt D. Thom. 2. 2. q. 129. art. 3. ad 1 & 2.*

5 *Senec. ſuprà.*

6 *D. Auguſt. q. 18.*
D. Ambroſ. Offic. lib. 3.
D. Hieron. ad Demetriad.

7 *Eccleſiaſt. 4. 10.*
Si unus ceciderit, ab alio fulciatur; væ ſoli, quia cùm ceciderit, non habet ſublevantem ſe.

amigos, nem por iſſo deyxa de os eſtimar, & deſejar; ſente não os ter, mas ſabe viver ſem elles: como hum doente mais quizera ter ſaude, mas accommoda-ſe com a doença. Hum que perdeu hum olho, ou huma maõ, ſe hé Sabio, & virtuoſo, vive contente com os membros, que lhe ficárão, & baſtaõ para viver; poſto que mais quizera, que nenhum lhe faltaſſe.

4 Neſte ſentido he conſelho de Chriſto Senhor noſſo, fazer amigos, para que ajudem, quando for neceſſario. 8 Suppoem, que haõ de ſer verdadeyros em toda a fortuna, como diſſe o Sabio. 9 Eſtes não ſe achaõ; quem acha hum, acha hum theſouro, diſſe o Eccleſiaſtico. 10 Naõ ſó porque val tanto como theſouro, porque ſe acha taõ raramente como theſouro. E aſſim naõ diſſe Chriſto Senhor noſſo que o buſquemos, diſſe que o *façamos.*

5 Como o faremos? Hecaton 11 reſpondeu: *Se queres ſer amado, ama.* Engana-ſe quem cuyda fazellos com banquetes, ou com dadivas; & os de alta fortuna, que os querem obrigar com beneficios: & os que ſe levaõ de intereſſe, ſaõ temporarios, como lhes chamou Seneca; 12 companheyros da meſa, como lhes chamou o Eccleſiaſtico. 13 Nunca ha tanta falta de amigos, como quando ſe cuyda que ſobejaõ; com titulo de amigos, ſaõ inimigos. A Alexandre ferido em huma batalha dizia ſeu privado Parmenio, que naõ ſe meteſſe em tantos perigos: & elle reſpondeu: *Aſſegurame tu, Parmenio, dos amigos fingidos, que eu me guardarey bem dos inimigos deſcubertos.* O que parece lhe dictou a mente prelaga, porque veyo a morrer do veneno, que lhe deraõ ſeus criados Filippo, & 14 Iolas. E a outros muytos, a que os inimigos não puderaõ matar, matáraõ os amigos fingidos: Alcibiades, Ageſilao, Demetrio, Antigono, Pompeyo, Lentulo, Julio Ceſar, & o noſſo Viriato. Se faltarem os banquetes, as dadivas, & ſe mudar a Fortuna, ſe verá que não eraõ amigos, porque eſtes ſe provaõ nas adverſidades, que he a ſua pedra de tocar. Nem os amigos ſe conhecem nas bonanças, nem os inimigos ſe eſcondem nos males. 15 Nero experimentou niſto a mayor deſgraça; quando, vendo que naõ tinha quem o ſoccorreſſe, para não cahir nas mãos dos que o buſcavaõ, pedio que alguem primeyro o mataſſe. E nem iſto alcançou. Pelo que laſtimoſamente ſe queyxou dizendo: *Baſta, que nem acho amigo, nem acho inimigo!* 16 eſpantando-ſe de que na mayor adverſidade naõ achaſſe algum inimigo. Quem entaõ lhe ſeria amigo? Só ſaõ firmes os que ſe obrigaõ de ſe verem amados. Por iſſo naõ ſaõ firmes os que ſe fingem amigos do rico, & do grande, porque ſabem, que elle os não ama. 17 Eſte amor reciproco (na doutrina de Ariſtoteles 18) conſta de ſympathia natural, que ſe acha entre muytos, mas poucos a cultivaõ, poſto que a conheçaõ

entre

8 *Luc.16.9.*
Facite vobis amicos, ... ut cùm defeceritis, recipiant vos.

9 *Proverb.17.17.*

10 *Eccleſ 6 14.*
Qui autem invenit illum, invenit theſaurum.

11 *Hecaton apud Senec.d.Ep.9. poſt princip.* Si vis amari, ama.

12 *Senec d. Ep.9.ad med.*

13 *Eccleſ.6.10.*

14 *Q Curt.hiſt.Alex.l.10.*

15 *Eccleſiaſt.12.8.*
Non agnoſcitur in bonis amicus, & non abſconditur in malis inimicus.

16 *Sueton.in Neron c.47. in fin.*
Ergo ego, iniquit, nec amicum habeo, nec inimicum.

17 *Senec Epiſt.3.*
Nullum habet maius malum occupatus homo, & bonis ſuis obſeſſus, quàm quod amicos ſibi putat, quibus ipſe non eſt.

18 *Ariſt.Rhetor.ad Alex c.39. & 8.Ethic.c.12.& l.9.c.1.*

entre ſi; diverte-ſe a couſas, em que imaginão mayor lucro. Quem quer bons amigos, applique-ſe aonde achar inclinaçaõ; concorrendo poder, ſerá mais util, mas ainda ſem poder acharáa vontade de Jonathas, que tanto ajudou; a boa *Fortuna* de David ſó com aviſos, que o livrárão da morte, que Saul lhe ordenava. 19 Que importa buſcar os mais poderoſos, ſe lhes não ganho a vontade? A vontade em algum caſo me poderá ſer util. Do poder ſem vontade naõ ha que eſperar bem. Tal vez o poderoſo he como Demonio, que fingindo-ſe amigo, ſóbe alguns ao pinnaculo; mas he para que nelles firvaõ com acçoens de precipicio. 20.

19 *1.Reg.c.19.& 20.*

20 *Matth.4.5.& 6.*

6 De entre os meſmos, em que ſe acha ſympathia, ſe deve fazer eleyçaõ, antes de trabalhar pelos fazer amigos, porque nem todos ſerão convenientes. Suetonio diz de Auguſto, que os eſcolhia com vagar, & os conſervava conſtantemente. 21 Devem-ſe preferir os de melhor juizo, bons coſtumes, valor, ſynceridade, & boa fama. Nem com o neſcio, diz o Eccleſiaſtico: 22 Nem com o máo, diz Santo Agoſtinho: 23 Nem com o pouco verdadeyro, diz Ariſtoteles, 24 pòde haver amizade. Na Corte he conſelho de prudentes tratar amizade com os de facçaõ, que ſe acha cahida; principalmente com os de bom talento; porque com os cahidos ſe alcança facilmente, pois eſtimaõ ſerem buſcados; & como as mudanças ſaõ certas, o que hoje não he valido, o ha de vir a ſer, & ſe for honrado, ſe lembrará de quem o reſpeytou na fortuna contraria. Quem ſeguindo ſó o tempo ſe empregou todo no preſente, ſe acha depois enganado; porque os validos, que agora buſca, o deſprezão; & os deſvalidos, que agora naõ buſca, o deſprezaráõ, quándo os quizer buſcar. Mas deſte conſelho ſe deve uſar com cautela, de que os validos preſentes o não conheçaõ, porque coſtumaõ offenderſe, de que ſe trate com os da outra parte.

21 *Senec Epiſt.8.ex Theophraſto. Sueton.de Cæſarib.in Auguſt.* Amicos neque facilè admiſit, & cõſtantiſſimè retinuit.

22 *Eccleſiaſt.20.17.* Fatuo non erit amicus.

23 *D.Auguſt.de Conſerf.* Amicitia in malo eſſe non poteſt.

24 *Ariſtot.Rhet.ad Theod.1.c.15.* Violatis pactis tollitur inter homines commerciorum uſus. *Liv Dec.1.l.6.* Cum fidei abrogatione omnis humana ſocietas tollitur.

7 Feyta eleyçaõ, a communicação, & converſaçaõ faz os amigos, concordando nos ditos, & nas acçoens ſegundo a doutrina de Santo Thomás, 25 (ſuppondo, que tudo ha de ſer honeſto, & judicioſo,) & para a facil, ſyncera, & agradavel concordia, contribue eſpecialmente a ſympathia, que acima notámos. Ariſtoteles 26 accreſcentou, que ſe ajude com algum beneficio feyto graciofamente ſem ſer rogado, nem depois publicado. Finalmente, as occaſioens hiraõ moſtrando à prudencia o mais, que aqui ſe naõ pòde eſpecificar.

25 *D.Thom.2.2.q.114.art.2.*

26 *Ariſt Rhet l.2 c.4.* Si gratis beneficium dederis, ſi non rogatus, ſi poſtea quam dederis, tu illud non invulgaveris.

8 Como amigo fiel, para que o poſſa bem ajudar com conſelho, ou com obra, deve o amigo tratar ſeus negocios, 27 & abrirlhe o peyto. Falloha mais fiel, ſe o tiver por tal. Muytos, diz Seneca, 28 enſináraõ a enganar, temendo ſer enganados, & na ſuſpeyta deraõ ao amigo direyto de peccar. Mas ha caſos exceyçaõ da regra, em que huns communicaõ tudo,

27 *Proverb.25.9.* Cauſam tuam tracta cũ amico tuo;

28 *Senec.Epiſt.9.*

tudo, outros tudo callaõ; & em ambos os extremos ha erro; a prudencia uſará do que convier, ſegundo as circunſtancias, porque hi tempo de nada communicar, tempo de communicar algumas couſas; & os mais acautelados dizem que não ha tempo de communicar tudo. O que eu tenho por maxima certa he, que nunca ſe deve communicar ao amigo, o que depois me pezará que elle ſayba, ſe ſe tornar inimigo, como pôde ſuccéder. Aſſim como tambem, nunca ſe ha de fazer inimigo, que ſe naõ poſſa reconciliar; nem ſe ha de deſprezar o mais vil inimigo, porque o mais vil he mais a propoſito para fazer mal. E ainda que haja mulheres de grande confiança, ſempre he mais ſeguro guardar dellas o ſegredo, que importar muyto; porque tal vez o revelaõ com bom zelo, & pouca diſcriçaõ, como fizerão muytas cauſando grandes males.

9 Eſta verdadeyra theorica enſinaõ ſcientificamente os Meſtres; porèm nem ſempre ſe pôde praticar toda. A concluſaõ principal he, que para alcançar, & para não perder, & para em tudo viver bem afortunado, em quanto ao Mundo, conforme a diſtincçaõ de Seneca que propuzemos, 29 ſaõ neceſſarios amigos. Se ſe não puderem achar verdadeyros, ſejaõ dos que vulgarmente aſſim ſe chamaõ, & procurem-ſe pelos modos poſſiveis, ſendo honeſtos, & decentes. Ajudar a outros, diz Santo Agoſtinho, 30 he grande meyo para depois outros nos ajudarem; & Lactancio, 31 que quem naõ ajuda outro, cuyda que nunca neceſſitará de ſer ajudado. E engana-ſe. Com imprudencia pedirá favor na neceſſidade (diz Saõ Jeronymo 32) a quem deſprezou quando podia.

29 *Supra num.* 3.

30 *Auguſt. de ſerm. Dei in mont. lib.* 1.

31 *Lactant.* 1. Nullius operâ indigere ſe putet qui alteri ſuum negat.

32 *D. Hieron. ſup. Hier. l.* 2. Impudens poſtulatio tempore egeſtatis, & anguſtiæ: ab eo quære auxilium, quem in proſperitate contempleris.

10 Porèm deve-ſe advertir, que a amizade naõ ſeja notoria, nem os amigos ſe jactem della, porque ha caſos, em que iſto prejudica a ambas as partes, fazendo-ſe ſuſpeytoſo o favor, que ſe faz ao amigo. O que mayormente procede nos Miniſtros; & aſſim ſe deve diſſimular, ou disfarçar ſua amizade, para que ſem nota ſe poſſaõ livremente ajudar; porque ha poucos, que ſem repararem nella queyrão aſſemelharſe àquelles, que refere Valerio Maximo, 33 que com amizade filoſofica antepuzeraõ a obrigaçaõ de ajudar os amigos a todo o diſpendio, & intereſſe proprio. Succede tambem cahir o amigo, & chegarem as lançadas ao outro, que fazia profiſſaõ publica de o ſer; porque he coſtume das Cortes cahirem com o mayor, os que o ſeguiaõ: como ſuccedeu naquelles meſmos exemplos de Valerio Maximo; & aſſim ſem valerem bons procedimentos, ſe pende da *Fortuna* alhea.

33 *Valer. Max. l.* 4. *c.* 7.

11 Sobre tudo, por mais poderoſos que ſejaõ os amigos; naõ ha que fiar delles ſem alguns merecimentos proprios, porque já em Icaro 34 ſe nos moſtrou, que com azas poſtiças não ſe pôde voar muyto tempo.

34 *Apud Ovid. Metam. lib.* 6.

CAP.

CAPITULO XIX.

Com Temperança, & Moderação *ſe deve procurar ſubir ao alto da* Fortuna.

1 A *Temperança* he virtude, que tem exercicio muyto eſtendido; porque ſegundo Santo Thomàs, 1 no ſeu nome ſe ſignifica huma *Moderaçaõ, ou Temperamento, que a razaõ faz.* Marco Tullio 2 tinha dito, que he *Moderaçaõ dos deſejos obedientes à razaõ.* E outro lugar 3 declarou, que rege todos os effeytos, & movimentos da Alma, & do corpo, para que concordem com a ley da natureza, & com a ordem das peſſoas, lugares, & tempos. Agora para o noſſo intento tratamos ſomente da parte della, que deve moderar a maneyra, & fórma, em que cada hum ha de procurar o que deſeja conſeguir, & principalmente na Corte.

1 *D Thom 2.2.q.141. art.1.in corp.*

2 *Tul.l.2 de fin.bon.& mal.* Temperantia eſt moderatio cupiditatum rationi obediens.

3 *Idem Aul.l.1 de Offic.*

2 Ainda que a *Magnanimidade*, de que acima tratámos, 4 deva aſpirar a muyto, & para iſſo haja merecimentos; naõ convem chegar às alturas de ſalto (palavra, de que em ſemelhante caſo uſa o Direyto Canonico 5) ſem precederem degráos, ou pelo menos degráo, porque ſe ſuba. A boa *Fortuna* repentina he temeraria: abate com a meſma preſſa, com que exaltou. 6 Os dous irmãos Graccos, que pela memoria illuſtre de ſeus pays, & pelas partes peſſoaes, de que eraõ dotados, chegarião ſubindo às mayores dignidades, quizeraõ ſaltar a ellas fiados em applauſos populares, & cahiraõ logo miſeravelmente. 7 Os antigos diziaõ, que o que a *Fortuna*, aſſim dava, ſempre ficava ſeu, para o poder tirar, quando quizeſſe: 8 & como ella era inconſtante, ſe arrependia brevemente de haver dado, & por iſſo brevemente o tirava; ſe o naõ tivera dado, não o pudera tirar: fóra de quem o adquirio com ſeu trabalho pelas vias ordinarias.

4 *Suprà cap 15.*

5 *In tit. Decretal. de Clericis, qui per ſaltum promot.*

6 *Senec. Traged.6.*

7 *Plutarch.in Graccb.*

8 *Senec epiſt.8.in fin.*

2 Eſta razaõ dos antigos attribuhio nimio poder à *Fortuna*. Outra mais palpavel he, que a grande *Fortuna* tem grandes inimigos; 9 & o que não tem grandes fundamentos, naõ póde reſiſtir a combates.

9 *Vell.Paterc. l.2.* Nunquam eminentiæ invidiæ carent.

4 Eſtes diſcurſos procedem para o caſo (que ſerá raro) em que ſe alcança de ſalto grande lugar; mas o ordinario he não ſe poder ſubir ſem degráos. Quem pretende o contrario, ſe faz naturalmente odioſo, porque o reputaõ por arrogante, preſumido, & ſoberbo, ou por ambicioſo, ou cubiçoſo; & por qualquer deſtas qualidades, he mal viſto. Ao que ſe ajunta, que para o mais alto tem oppoſitores maiores; & para o menor os teria menos forçoſos.

5 Naõ ſe ſegue diſto, que ſe hajaõ de procurar couſas de pouca eſtimação, mas ſómente que ſe procurem as de grandeza

deza proporcionada ao eſtado preſente de cada hum: em cuja conſequencia venhaõ depois com ſuavidade outras mais altas, a que ſe deve aſpirar. Por falta deſta medida, & *Temperança* ficaõ muytos ſempre no bayxo, naõ podendo voar aonde queriaõ, & chegaõ là outros, que lhe eraõ inferiores. Melhor he (diſſe Saõ Leaõ Papa 10) hir com mais vagar por caminho direyto, que andar com preſſa pelo naõ trilhado. Nas hiſtorias veremos, que todos os varoens grandes ſubiraõ por degráos aos lugares ſuperiores. Merecer, viver, & ſofrer, tudo alcança. Diſto diſſemos acima no Capitulo do conhecimento proprio, 11 & referimos o exemplo de Butridio, com que Tacito prova eſta doutrina.

10 *Leo Pap. ſerm. de Pentec.* Melior eſt gradus lentior per itet rectum, quam velocitas feſtina per devium.

11 *Supra c. 14. n. 9.*

CAPITULO XX.

Como a Occaſiaõ *conduz muyto para a boa* Fortuna. *Que couſa he* Occaſiaõ, *donde derivou o nome, como ſe pintava, & venerava por Deoſa. Quanto importa o uſar della.*

1 A *Occaſiaõ*, conforme a diffine Marco Tullio, 1 *he hũa parte de tempo, que tem em ſi opportunidade idonea para fazer, ou naõ fazer alguma couſa.* Porque nem todo o tempo he opportuno, & idoneo para nelle ſe fazer tudo; hum he accommodado para humas couſas, outro para outras, como diz o Eccleſiaſtes. 2 E porque eſte tempo, ou *Occaſiaõ* não vem, quando ſe deſeja, mas inopinadamente, ajunta Feſto, 3 naquella diffinição, que he *opportunidade vinda acaſo.*

1 *Mare. Tul. 1. de Invent.* Occaſio eſt pars temporis habens in ſe alicujus rei idoneam faciendi, aut non faciendi opportunitatem.

2 *Eccleſi. ſt. 3. 1.* Omnia tempus habent.

3 *Feſtus apud P. Jean. David, in l. cui titulus, Occaſio arrepta, in Præfat.* Occaſio eſt opportunitas temporis caſu proveniens.

2 O nome *Occaſiaõ* [como enſina Calepino] 4 vem de *occaſum*, ſupino do verbo *occido*, com a penultima breve, que ſignifica acontecer.

4 *Calepin. verbo, Occido.*

3 Os Antigos a veneravão por Divindade, como coſtumavaõ venerar todas as couſas, em que conſideravaõ myſterio. Os Gregos lhe chamavão *Deos* em ſexo viril; adorando, ou venerando o tempo opportuno. Os Latinos *Deoſa*, em ſexo feminino; adorando, ou venerando a opportunidade deſſe tempo. 5

5 *P. Jean. David ſupra bene explicat.*

4 Pintavaõ os Latinos a *Occaſiaõ* femea como Nynfa: os Gregos macho, como menino; ambos nùs; com azas nos pès; ſobre huma roda voluvel, que em movimento velociſſimo corria todo o Mundo: a cabeça pela parte dianteyra com largo cabello, que lhe cubria o roſto, & pela parte poſterior calva. Na mão huma navalha, de huma parte muyto affinada, & da outra incapaz de cortar. As azas a moſtravaõ ligeyra; a roda, inconſtante; a cabelleyra cubrindo o roſto ſignificava que não queria ſer conhecida, mas que ſe a conheceſſem, tinha bem por onde ſe lhe pegaſſe: ſer pela outra par-

parte calva, moſtrava, que ſe lhe naõ pegaſſem, quando a tinhaõ diante, depois de ella virar as coſtas, já naõ achariaõ, por onde lhe pegaſſem. A navalha aguda por huma parte, era moſtra, de que ſó cortava, & obrava, ſe ſabiaõ uſar della. Davaſe-lhe por companheyra a *Penitencia*, ou *Arrependimento*; porque eſte a ſegue logo, tanto que paſſou, ſem della ſe uſar. E aſſim ſe coſtuma dizer, que *a ninguem faltarão conſelhos, vindo já tarde*. 6 Todos dizem: *Se eu me vira outra vez naquella Occaſiaõ, eu me regera de outra maneyra, fizera iſto, & iſto*. Mas eſtes conſelhos ſaõ filhos poſthumos da *Occaſiaõ* já morta. Ha hum Epigramma celebre, que Auſonio traduzio do Grego, (como diz Policiano) em que ſe explica a effigie daquella pintura, o qual eſcuſamos trasladar aqui, pelo trazer Calepino, 7 livro que nos he taõ commum; & naõ he menos elegante outro de Alciato nos ſeus Emblemas. 8

5 Os effeytos da *Occaſiaõ* deraõ materia para a terem por Deoſa. Chama-ſe *alma das acçoens*; 9 porque mais negocios ſe acabaõ com ella, que com todas as forças. 10 Huma pequena *Occaſiaõ* he muytas vezes origem de grandes couſas. 11 O que procede em todas as materias. Na agricultura, na navegaçaõ, mercancia, negocios da Corte; na Medicina o diſſe o decantado Aforiſmo de Hippocrates, 12 & na milicia he o principal documento. 13 Scipiaõ Africano dizia, que naõ ſe devia pelejar com o inimigo, ſenaõ quando a *Occaſiaõ* convidava, ou a neceſſidade o pedia. 14 Do grande Capitaõ Themiſtocles foy o principal louvor entender iſto por excellencia. 15 A Cayo Mario na guerra civil de Roma, eſtando com ſeu exercito recolhido em hum foſſo eſperando *Occaſiaõ*, mandou dizer Sylla, que *ſe era grande Capitaõ, ſabiſſe a pelejar com elle*: & Mario lhe reſpondeu, que *ſe elle era grande Capitaõ, o obrigaſſe a pelejar, ainda que naõ quizeſſe*. 16 A Antigono, que ſe achava alojado em hum ſitio eminente, mandou-o Pyrrho deſafiar a que deſceſſe à batalha, reſpondeu *que a ſua militia uſava tanto do tempo, como das armas; que ſe elle Pyrrho ſe enfadava de viver, não lhe faltarião outras occaſioens, em que morreſſe*. 17 No grande aperto, em que Annibal poz aos Romanos, os livrou a prudencia de Fabio Maximo, que nunca quiz pelejar, porque naõ via boa *Occaſiaõ*; & dizia Annibal, que mais o temia naõ pelejando, que a ſeu companheyro Marcello, querendo ſempre pelejar. 18 São innumeraveis ſemelhantes exemplos. Mas aſſim como he imprudente obrar ſem *Occaſião*, ou neceſſidade, aſſim he de deſcuydado, não obrar, quando a *Occaſião* ſe offerece. 19 He aguia ligeyra, que em quanto voa a noſſos pès, facilmente ſe toma: ſe foge para o alto, zomba de quem a procura alcançar. 20 Annibal o experimentou, quando podendo, não entrou em Roma, como já referimos. 21 Em poucas palavras diſſe tudo Tito Livio: 22

6 Nemini unquam ſera defuerunt conſilia.

7 *Calepin. verbo, Occaſio.*

8 *Alciat. Emblem. 111.*

9 *Pachim hiſtor l. 7.*

10 *Dion. l. 43* Plura negotia opportunitate occaſionum, quàm viribus ſunt rectè confecta.

11 *Demoſthen. in Orat. ad Leptin.* Parvæ occaſiones magnarũ rerum cauſæ exiſtunt.

12 *Hippocrat. Apho iſm. 1.* Occaſio præceps.
Ovid. 1. de Rem. Temporibus Medicina valet; data tempore proſunt, Et data non apto tempore vitæ nocent.

13 *Polib. l. 9* Dominatur Occaſio in omnibus rebus humanis, maxim è verò in bellicis.
Repetit. l. 10. & 17.
Plutarch. in Coriolan.
Occaſionum in bello maximum eſt in utram que partem momentum.

14 *Plutarch. in Scipion.*
Valer. Maxim. l. 7. c. 2.

15 *Plutarch in Themiſtocl.*

16 *Plutarch in Apophthegm.*

17 *Plutarch. in Pyrrhum.*

18 *Plutarch. in Rom. Apophthegm.*

19 *Vide Procop. de bel. Vandal. l. 1. Juvian. Pont. hiſt. l. 1.*

20 *Niceſphor. l. 10. c. 22.*

21 *Supra c. 10. n. 6*

22 *Liv. Dec. 3 l. 2* Armatus, intentuſque ſis; neque occaſioni tuæ deſis, neque tuam occaſionem hoſtides.

Estay armado, & attento; naõ falteis à vossa Occasiaõ; nem deis a vossa Occasiaõ ao inimigo. Pitaco Mitelenio aconselhava aos Cortesãos, que para pedirem aos Principes (& o mesmo he aos grandes Ministros) escolhessem *Occasioens*, em que elles estivessem descançados, alegres, & benevolos. *Sabey* (dizia elle) 23 *que esta Occasiaõ vos aproveytarà mais que cebo de Leaõ, sangue de Basiliſco, espinhaço de Dragaõ, ou de Cobra.* (Eraõ estas cousas, com que se faziaõ feytiços.) Suetonio 24 refere, que os que pediaõ mercès ao Emperador Vespasiano, costumavaõ escolher as *Occasioens*, em que elle entrava no banho, ou em algum passatempo; porque então o achavaõ mais liberal. Horacio dizia, que só em tempo opportuno seria bem ouvido de Augusto Cesar. 25 E enviando-lhe hum livro encomendou ao portador, que lho naõ apresentasse, senaõ se elle estivesse com saude, & alegre. 26 Ovidio em semelhante caso se queyxava de se não fazer aquella observaçaõ. 27 Porèm o melhar tempo de negociar com os Principes he, o em que elles necessitaõ do serviço da pessoa; entaõ deferem com favor, & brevidade. Quem espera pedir depois de haver servido no que se lhe encarrega, acha-se frustrado, & arrependido de haver perdido a *Occasiaõ*.

23 Refert P. Joan. David in lib. de Occasion. neglect. à Stemmat. 2 c. 6.

24 Sueton. in Vespasian. c. 21.

25 Horat. Satyr. 1. l. 1. Nisi dextro tempore, Flacci verba per attentam non ibunt Cæsaris aurem.

26 Horat. Epist 1. Si validus, si lætus erit, si denique poscit.

27 Ovid. Metam. 9. Non adiit aptâ non legi idonea, credo, Tempora.

6 Finalmente em todas as materias he a *Occasiaõ* máy dos successos; por isso na sua effigie lhe penduravaõ alguns na cinta a Cornucopia, & na maõ lhe punhaõ hum ramo de Oliveyra, flores, & outras cousas, significando a abundancia de seus frutos. 28 Naõ só nas letras humanas, mas tambem nas Divinas saõ innumeraveis os exemplos. Rebecca para alcançar a benção de seu marido Isaac para seu filho Jacob, & a tirar a Esaù, soube usar da *Occasiaõ*, que se lhe offereceu, em pedir Isaac a iguaria, de que gostava. 29 Moysés, fugido de Faraò sem ter aonde se recolher, usou da que teve em ajudar as filhas de Mádian, para achar casa, em que vivesse. 30 Ruth, por conselho de sua sogra Noemi, usou da de apanhar as espigas para alcançar a *Fortuna* de casar com Booz. 31 Jahel da do sono de Sisara, para o matar. 32 Esther da benevolencia, que lhe mostrou Assuero, para livrar seu povo. 33 E assim outros muytos. O mesmo he no espiritual. A Magdalena na casa do Fariseu soube usar da *Occasiaõ*, para se pòr aos pès de Christo (que só alli se achaõ as melhores *Fortunas*) para ser perdoada. 34 Os dous Ladroens, ambos inopinadamente crucificados aos lados de Christo tiveraõ a mesma *Occasiaõ*; mas só o que soube usar della, alcançou o Paraiso, & o outro se condenou. 35 Bastão por muytos estes exemplos.

28 P. Joan. David. sup Stem. 1.

29 Genes. 17.

30 Exod. 2.

31 Ruth 3. & 4.
32 Judic. 4. 21.
33 Esther 7.

34 Luc 7. 37. cum seqq.

35 Luc. 33 42

7 O mesmo Christo, que tudo podia, usou das *Occasioens*, O primeyro milagre, em que se mostrou Deos, fez nas vodas de Caná com *Occasiaõ* de faltar o vinho. 36 para chamar

36 Joan. 2.

Saõ Mattheos ao Apoſtolado uſou da *Occaſiaõ* de o ver, quando hia paſſando. E Saõ Mattheos tambem lançou logo maõ della, deyxando tudo, & ſeguindo o Senhor. 37 De ſemelhantes *Occaſioens* uſou para chamar os mais Apoſtolos, poſto que ſua alta Providencia os tiveſſe de antes eſcolhido. Para chamar Zaqueo uſou da *Occaſiaõ* de o ver ſubido na arvore; mas tambem Zaqueo ſoube pegar della deſcendo com preſſa, logo que foy chamado. 38 Finalmente as hiſtorias das vidas dos Santos eſtão cheas das extraordinarias *Occaſioens* de que Deos uſou para os trazer a ſi; & cada hum de nòs experimenta em ſi meſmo as muytas porque nos chama. Entaõ uſa o Senhor de ſua benignidade, como diz o Apoſtolo: 39 então he o tempo da boa *Occaſiaõ*; & dia da ſaude, diz elle, 40 & nos exhorta, a que naõ deyxemos 41 paſſar endurecendonos; para que não ſejamos como Eſaù, que por hum breve goſto perdeu o morgado; & depois naõ pode tornar a elle, poſto que o procurou com lagrimas. 42 Deyxamos paſſar as *Occaſioens*: queyra Deos, que nos naõ ſucceda o que o meſmo Senhor diſſe: *Virão dias, em que deſejeis ver hum dia o Filho de Deos, & o naõ vereis.* 43 Ficando em trevas, porque não quizemos andar, quando tivemos luz, como elle diſſe em outro lugar. 44 O que deſprezamos preſente, choraremos paſſado. Fechou-ſe a porta às Virgens loucas, porque ſe detiveraõ ſem lhes valer o pretexto de hirem procurar o que lhes faltava. 45

8 O Demonio, ſendo taõ grande negociante, naõ negocea ſem *Occaſiaõ*. Para arruinar o Mundo uſou da que lhe deu o agrado, com que Eva vio o pomo. 46 Para perverter os virtuoſos deſcendentes de Seth, uſou da que lhe deu a fermoſura dos màos deſcendentes de Caim, com que os incitou a ſe caſarem com ellas, o que de antes naõ faziaõ, & daquelles matrimonios naſcéraõ os filhos depravados. 47 Para fazer peccar David, tomou *Occaſiaõ* de Berſabé ſe eſtar lavando no ſeu eyrado, 48 & por muytos exemplos baſta, que metido no coraçaõ de Judas, 49 diz o Sagrado Evangelho, que buſcava opportunidade de *Occaſiaõ* para entregar o Divino Meſtre a ſeus inimigos; 50 porque ſem ella o naõ podia entregar. Sempre o diabo (diz o Apoſtolo Saõ Pedro 51) nos anda cercando, como leão bramidor, para nos devorar, eſpreytando as *Occaſioens*: & por iſſo admoeſta o Eccleſiaſtico aos pays, que guardem os filhos, porque não cayaõ nellas. 52

9 Bem diz hum Author moderno, que nenhuma couſa conduz tanto para a boa *Fortuna* como a *Occaſiaõ*; 53 ſem *Occaſiaõ* nada ſe conſegue. Se chega, deve-ſe logo uſar della: ſe paſſa, fica ſó a ſombra entre fantaſias, que em vaõ ſe pretende abraçar.

10 Para conhecer quando a *Occaſiaõ* chegou, naõ ha re-

37 *Matth.9.9. Marc 2.14. Luc.5.27 & 28.* Relictis omnibus.

38 *Luc.19.6.* Feſtinans deſcendit.

39 *D.Paul.2. ad Rom.2.4.* Ignoras, quoniam benignitas Dei ad pœnitentiam te adducit?

40 *Paul.2.ad Corinth.6.2.* Ecce nunc tempus acceptabile, ecce nunc dies ſalutis.

41 *Paul ad Hebr 2 1. & c.3.13. & 15. & c.12.17. & 18.*

42 *Geneſ.25.33 & c.27.*

43 *Luc.17.22.*

44 *Joan.12.35 & 36.*

45 *Matth.25 10. & 11. Luc.13.24. & 25.*

46 *Geneſ.3.*

47 *Geneſ 5.*

48 *2.Reg.11.*

49 *Joan 13.2.* Cùm Diabolus jam miſiſſet in cor;

50 *Marc.14.11.* Quærebat, quomodo illum opportunè traderet. *Matth.26.16.* Quærebat opportunitatem, ut eum traderet.

51 *Petr.5 8.*

52 *Eccleſ.26 13.* In filiâ non avertente ſe firma cuſtodiam: ne inventa occaſione utatur ſe.

53 *Gaſpar Caldera in Tribunal: Polit.c.ult.tit de dupl Fortun.verſ. Thebanus.* Nil enim æquè facit fortunam, ad Occaſio.

gra; porque he conforme ao negocio, & occurrencias delle; mas quem tiver noticias, trato, & experiencia dos tempos, lugares, circunſtancias, & peſſoas, com que ſe ha de negociar: ſe a eſperar com advertido cuydado, a conhecerá facilmente, os neſcios a não conhecem ſenaõ paſſada: os circunſpectos a adivinhaõ futura. E aſſim o grande engenho de Virgilio, introduzindo a Dido, que encomendava a ſua irmã Anna o que queria negocear com Eneas, diz que remetteu a ſua eleyçaõ diſcreta à *Occaſiaõ* de que havia de uſar, pois ſó ella conheceria os tempos, & as entradas, que com elle poderia ter, 54 ſem que ſe lhe pudeſſe dar regra para iſſo.

54 *Virgil. Æneid. 4* Sola viri molles aditus, & tempora noſcis.

CAPITULO XXI.

Que a Confiança *de ſi meſmo he neceſſaria em toda a negociação, acompanhada com Modeſtia.*

1 DIſſe Marco Tullio, & o refere o Angelico Doutor, que a *Confiança* he meyo porque o animo toma eſperança para obrar grandes couſas de honra; 1 nunca ſerá grande quem deſconfiar de ſi. Notouſe por caſo extraordinario, que o Athenienſe Alcibiades foſſe taõ grande Capitaõ, ſendo tão deſconfiado de ſi, que ſe naõ atrevia a fallar em publico. Do que Socrates o reprehendia, advertindolhe, que aquelles publicos conſtavaõ dos particulares, com que fallava. 2 O Orador Romano, ainda que pela authoridade do auditorio dizia que tremia, quando começava a orar, 3 logo tornava ſobre ſi confiado.

1 *D Thom. 2.2 q. 128. a. 1. in co p.* Fiducia eſt per quam magnis, & honeſtis rebus multùm ipſe animus in ſe fiduciæ cum ipe collocavit.

2 *Refere Mexia n Sylv de var. liçaõ l 2. c. 44.*

3 In principio dicendi totis artubus contremiſco.

2 Chegada a *Occaſiaõ*, quem negociar em qualquer materia, ha de moſtrar no exterior grande confiança de ſi meſmo, com modeſtia, ſegundo ſua eſfera, conſervando no exterior com humildade o *conhecimento proprio*, de que acima 4 tratámos, aſſim para ſe regular pelo que merece, como para confiar, & eſperar ſó em Deos. Se ſe entender, que deſconfia de ſi, ninguem fiará delle. Na milicia, como ſerá reputado por valeroſo, o que não dá indicios de ſeu valor? Nas Letras, como ſe cuydará que ſabe, o que encobre a ſua ſciencia? 5 Na mercancia, como terá credito na praça, quem não oſtenta, que o deve ter? Nas pretençoens da Corte, como ſe deferirá aos merecimentos, de quem parece, que os não conhece em ſi? Para o governo da Republica, como ſe avaliará por habil, quem encolhido naõ deſcobre ſua capacidade? Os homens não pòdem eſtimar, ſenão o que conhecem, nem conhecem ſenão o que vem. Quem não moſtra *Confiança*, teſtemunha contra ſi. Só pòde ſer conhecido pelo que he, havendo muyto, & familiar trato, que ſe naõ pòde dar entre todos: & aſſim naõ pòde alcançar a boa *Fortu-*

4 *Supra c. 14.*

5 Scire tuum nihil eſt, niſi te ſcire hoc ſciat alter.

na; que ſuas qualidades lhe darião, ſe foſſem conhecidas. O prudente Rey Theodorico no provimento de huma alta dignidade deu entre outras em razão de ſeu acerto, eleger hum, que a pretendia confiado; 6 por naõ ſer crivel (conforme a modeſtia de ſeu tempo) que alguem ſe inculcaſſe com *Confiança* para occupaçaõ, de que naõ era capaz.

3 Deve-ſe particularmente acautelar de ſer tido por pobre; ſe o for, diſſimule quanto puder; porque a pobreza, como diſſe Horacio, 7 eſtá expoſta a opprobrios, como já dizia Santo Ambroſio, 8 ſó os ricos ſaõ reputados por dignos de honra. Atè hum Texto de Direyto Civil 9 ordenou, que aos muyto pobres ſe naõ déſſem officios da Republica. E a eſtimaçaõ eſtá venal, a fazenda dà as honras, & as amizades, o pobre jaz pelos cantos da ruas; aſſim o chorava Ovidio. 10 Nem fallar o deyxaõ, diz o Epirito Santo, 11 ainda que falle bem. E ſe o rico falla, poſto que mal, todos o ouvem com ſilencio, & levantaõ atè as nuvens ſuas palavras. He neceſſario ao pobre que a induſtria lhe ſuppra eſta falta, & lhe permitta confiança.

4 Porèm a *Confiança* naõ ha de ſer jactancioſa, nem com ſombra de ſoberba; porque alèm de ſe fazer odioſa, como acima diſſemos, 12 argue todo o contrario da que ſe pretende moſtrar; nenhum prudente crè que hum arrogante he valeroſo: já Livio 13 diſſe, que o que tem prompta a lingua, não tem promptas as mãos. E cada dia o vemos. Nem crè, que hum fallador he ſciente: 14 nem que o jactancioſo de rico tem quanto apregoa; nem que o que exagera ſeus ſerviços, obrou as proezas, que repreſenta: nem que o que para o governo inventa novos arbitrios, deyxará de deſtruir a Republica. Cuydão eſtes, que ſe acreditão, & ſua bocca os envilece. 15 Sylla a huns Embayxadores de Athenas, que vindo tratar com elle pazes, lhe referirão com verboſidade vitorias dos ſeus, reſpondeu: *Hidevos embora, ò bem afortunados, & tornay a levar comvoſco eſſas oratorias; porque o Povo Romano não me mandou aqui para aprender eſſas hiſtorias, mas para deſtruir rebeldes.* 16 Tal repoſta merecem os que hindo fallar a hum Miniſtro, ou outra peſſoa ſobre hum negocio, fazem verboſas relaçoens em louvor proprio: *Louvem-vos os eſtranhos, & naõ vòs meſmo*: dizia Salamaõ. 17 Catão encomendáva o meſmo. 18

5 Deve, pois, cada hum fallar no ſeu negocio, confiado, mas modeſto, nem com falta, nem com exceſſo de *Confiança*. Em todas as couſas (como cantou Horacio 19) ſe requere modo, & termos, em que nem ſe deve faltar, nem exceder. Porèm, havendo-ſe de errar, ſeja antes por demaſiada confiança. A experiencia moſtra, que eſta negocea melhor com os homens, como a mayor humildade alcança mais de Deos.

6 *Apud Caſſiod. var. l. 4. Ep. 2.*

7 *Horat. l. 3 Ode 24.*
Magnum paupertas opprobrium jubet.
Cuivis, & facere, & pati.

8 *D. Ambroſ. l. 2 Offic.*
Hodie nemo, niſi dives, & honore dignus reputatur.

9 *L. Reſcripto 7 ff. de muner. & honor.*

10 *Ovid. 1 Faſter.*
In pretio pretium nunc eſt, dat cenſus honores,
Cenſus amicitias, pauper ubique jacet.

11 *Eccleſiaſt. 13 16. cum ſeq.*

12 *Supràc. 14. n. 3.*

13 *Liv. Dec 3. l. 2.*
Quorum lingua prompta, ac temeraria eſt, haud æquè in pugna vigent manus.

14 *Eccleſiaſt 10. 14.*
Stultus verba multiplicat.

15 *Eccleſiaſt. 21. 29.*
In ore fatuorum cor illorum.
Alciat. Emblem. 3. lib. 2.
Stultitiæ eſt index, linguaque, vox; que ſuus.

16 *Plutarch. in Syl.*

17 *Proverb. 27. 2.*
Laudet te alienus, & non os tuum; extraneus, & non labia tua.

18 *Cato apud Roſred. in 2. queſt. Sabbath. n. 3.*
Non velis rerum quidquam laudare tuarum.

19 *Horat. ſerm. 1.*
Eſt modus in rebus, ſunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit conſiſtere rectum.

6 Eſta *Confiança*, regulada he virtude. Chriſto Senhor noſſo, que profeſſava ſer humilde, 20 a moſtrava grande, quando prègava, & particularmente quando reprehendia, para mais aproveytar. Prégava (diz o Evangeliſta Saõ Matheos 21) *como quem tinha poder*. E o Proconſul Publio Lentulo, eſcrevendo de Judèa ao Senado Romano as noticias do Senhor, dizia que *era terribel no reprehender*. 22 Os mais humildes Santos o imitárão, quando convinha, como lemos em ſuas vidas.

20 *Matth.*11.29.

21 *Matth.*7 *in fin.* Sicut poteſtatem habens.

22 *Apud D. Anſelm. de form. & mod. ib. B. Virgin in tom.*3.
*P. Fr. Joſeph de Jeſus Mar. hiſt. de N S.l.*1.*c.*42.*n.*4
*Coſta no Diſcurſ. contra a perfidia Judaica c.*7.*ad fin.*
*D ſemes no ſi at Eva, & Ave p.*2.*c.*40.*n.*4.*& c.*45.*n.*4.

7 As hiſtorias humanas moſtraõ com exemplos, quanto importe a *Confiança* de ſi meſmo para obrar em todas as materias. O nobre Thebano Epaminondas, accuſado capitalmente, ſó reſpondeu, que não tinha melhores razoens de defenſa, que ſeus grandes feytos; & os Juizes, ſem chegarem a votar, ſe levantárãõ do Tribunal, & o deyxáraõ livre. 23 Scipiaõ Africano, faltando dinheyro para hum negocio publico, & ſendo neceſſario tirallo do Erario, que as leys prohibiaõ abrirſe, tomou as chaves aos theſoureyros, dizendo, que as leys cedião à neceſſidade commua: tirou dinheyro, com que a remediou, valendo-ſe da *Confiança*, que tinha de ſi. 24 Elle meſmo chamado em hum dia deſtinado para reſponder diante do Povo, & mayor Nobreza de Roma, a huma accuſaçaõ, que hum Tribuno lhe fazia; em lugar de ſe defender, poz na cabeça a coroa Triunfal, & diſſe: *Neſte dia, ò cavalleyros, venci Annibal, & ſugeytey Carthago, vou ao Capitolio dar graças a Jupiter.* O Senado, a Nobreza, & todo o Povo o ſeguio: & o Tribuno envergonhado de o deyxarem ſó, fez o meſmo. 25 Aquella *Confiança* de ſi tornou o accuſador em venerador, o rigor do juizo em remunerador dos meritos. Cataõ, em huma das muytas vezes que foy accuſado, pedio por Juiz a Tito Gracco grande ſeu inimigo: & eſta ſua *Confiança* cerrou a bocca aos que o perſeguiaõ. 26 Marco Antonio hindo para Aſia por Queſtor, chegando a Brunduſio ſoube, que em Roma o accuſavão de hum inceſto diante do Pretor Lucio Caſſio, que pela nimia ſeveridade contra os criminoſos, era chamado *perdiçaõ dos Reos*. E podendo-ſe eſcuſar da accuſaçaõ pela ley Memmia, que a não permittia contra os auſentes por cauſa da Republica, tornou a Roma, onde viſta ſua *Confiança*, foy logo abſoluto. 27 Julio Ceſar, priſioneyro de pyratas, os ameaçava, que chegando a terra os faria enforcar. E os mandava callar, quando queria dormir. E por eſta *Confiança*, com que fallava, o reſpeytavão os meſmos, a que elle devia obedecer, & que tinhão poder para o matar. 28

23 *Plutarch. in Apophthegm.*

24 *Valer. Max. l.*3.*cap.*7. De fiducia ſua.
Plutarch. in Apophthegm.

25 *Valer. Max ſup.*
Plutarch. ſup. & de vir. illuſtr. in Scipion.

26 *Valer. Max. ſup.*

27 *Valer. Max. ſup.*

28 *Nota o P. Zacar. de Lyſſeux na Filoſofia Chriſt. p.*1.*c.*41.*n.*9 *princip.*

8 Exemplos domeſticos temos em Portugal no grande Condeſtavel D. Nuno Alvarez Pereyra, que ſe confiava tanto de ſi, que aconſelhou a ElRey Dom Joaõ I. que para reduzir todos ſeus Conſelheyros a approvarem a empreza da con-

conquiſta de Ceyta, que todos tinhaõ por quaſi impoſſivel, o mandaſſe votar primeyro, porque todos havião de ſeguir ô ſeu voto. Aſſim o fez ElRey, & aſſim ſuccedeo. 29 Ganhada, parecia tão impoſſivel ſua conſervaçaó, que nenhum dos muytos, & muy valeroſos Fidalgos, que ElRey comſigo tinha, ſe quiz encarregar della; ſó Dom Pedro de Menezes Conde de Vianna (qual Scipiaõ no aperto, em que Annibal poz a Roma 30) com grande confiança de ſi ſe offereceu, dizendo: *Que com aquelle aleo, que tinha na mão*, (aſſim chamavão a huma vara groſſa, com que ſe jugava a choca) *defenderia a praça de toda Berberia.* ElRey lha entregou com doze mil & ſetecentos Soldados: & elle a ſuſtentou para a ſegurança de Heſpanha, em grande honra ſua, & de ſeus deſcendentes nas inſignes vitorias, que alcançou dos Mouros, em vinte & dous annos de guerra tão continua, que em dezaſeis delles, não deyxou de dia, & de noyte de trazer huma cota de armas, que o uſo chegou a romper, como ſe fora jubaõ. 31 ElRey Dom Joaõ II. hindo a cavallo por hum campo, ſeguido de muytos, de que ſuſpeytou máo intento, ſe voltou para elles com diſſimulação, porque fiado em ſi entendeu, que de roſto a roſto o não acometeriaõ: & aſſim foy, atè que chegou o Capitão da ſua Guarda, que vinha diſtante. 32 E por eſta *Confiança* de ſi aſſegurou a vida. O grande Affonſo de Albuquerque, Governador da India, em huma breve carta, que eſtando para morrer eſcreveu a ElRey Dom Manoel, fallando de ſeus ſerviços, com ſemelhante confiança à que acima referimos de Epáminondas, diſſe ſómente: *E quanto às couſas da India, ellas fallaràõ por ſi, & por mim.* 33 E eſtas confiadas palavras acháraõ em ElRey toda a ſatisfaçaõ. Referirey finalmente o que por vezes ouvi a meu pay, que ſe achou preſente. Dom Chriſtovaõ de Moura, Marquez de Caſtello Rodrigo, grande valido, que havia ſido delRey Dom Filippe II. de Caſtella, governando Portugal, morto elle, Vice-Rey deſte Reyno por Dom Filippe III. hindo por huma ſala do Paço de Lisboa acompanhado de muytos Fidalgos, & pretendentes, hum Soldado honrado, que tinha bem ſervido na India, lhe dava hum memorial, & pedia, que ſe lembraſſe dos ſeus papeis; porque havia largo tempo, que andava pretendendo. Reſpoudeu-lhe o Marquez, que havia muyta *gente* para deſpachar, & naõ ſe podiaõ deſpachar todos com brevidade. O Soldado, adiantando o paſſo, ſe atraveſſou diante ſem deſcompoſiçaõ, & fazendo parar o Vice-Rey, lhe diſſe com grande confiança: *Senhor Dom Chriſtovaõ, deſpache voſſa Senhoria os homens, & deyxé a gente.*) Naõ eraõ entaõ as Excellencias tão commuas.) O Marquez, que foy hum varaõ prudentiſſimo, reparou nelle com hum reſpeyto ſoſſegado, & aceytando o memorial, lhe reſpondeu: *Logo deſpacharey a V. M.* & o fez no meſmo dia.

29 *Chronica moderna delRey D. Joaõ I.c.83. O Conde da Ericeyra D Fernando de Menezes, na vida do meſmo Rey l.5.*

30 *Liv.Dec.3.l.6. Plutarch in Scipion. Valer.Max.l.3.c.7.*

31 *Gomes Eannes de Azurar na Chron.do Conde D.Pedro. Moris nos Dialog. dos Reys de Portugal, Dialog.4.c.3. D. Ageſtinho Manoel, na vida do Conde D. Duarte de Menezes l.2.n.15. Luis Coelho de Barbuda no trat. da Fidelidade Luſitana fol. 25. verſ. Diſſemos nas Excellenc de Portugal c.14.Excel.9.n.9 & c.17 Excel.1.n.3.*

32 *Rezende na Chron. delRey D.Joaõ II.c.52.*

33 *Damiaõ de Goes na Chron. d'ElRey D.Manoel, p.3.c.ult.*

9 Eſtes bons ſucceſſos alcança quem modeſtamente moſtra *Confiança* de ſi meſmo, negociando em qualquer materia: o curto, & o que negocea a medo deſacredita ſua cauſa.

CAPITULO XXII.

Da Diligencia *neceſſaria para alcançar.*

1 JA' diſſemos, 1 que a boa *Fortuna* não vem ſem ſer procurada: agora dizemos, que a *Diligencia* em a procurar deve ſer muyto cuydadoſa, & activa. Muytos tratão do negocio com tanta remiſſaõ, como ſe havello emprendido baſtára para o conſeguir; ſendo que nem as mais pequenas couſas ſe pôdem alcançar, ſem ſerem muyto ſolicitadas. Por iſſo a *Diligencia* (diz Santo Thomàs 2) he virtude, que ſe requere em todas as virtudes, pois em todas ſe requerem os actos, que a razaõ moſtra ſerem neceſſarios; & a *Diligencia* he a que os obra; & a falta della ſe chama *negligencia*, que nas couſas eſpirituaes he peccado, & o ſerá nas temporaes com a differença, que ha de humas a outras. Chama-ſe *Diligencia*, do verbo, *Diligo*, que ſignifica *amar*; porque para o que amamos, pomos muyto cuydado, ſe o naõ pomos na negociação, nem amamos, nem a conſeguiremos.

1 *Supra c.19 à n.7.*

2 *D.Thom.2.2.q.54. art.1 ad 1.*

2 Foy Proverbio de Salamaõ, que acima jà 3 propuzemos, que os remiſſos em obrar, ſempre ſerão pobres. Os que obrão vigoroſamente, grangeão todos os bens. E em outro lugar repetio, que via nos mayores lugares, os que ſe applicavão velozmente. 4 Na hiſtoria Sagrada he exemplo de negociante diligente o ſervo, por quem o Patriarca Abraham mandou procurar mulher para ſeu filho Iſaac. Foy a Meſopotamia, buſcou, achou, pretendeu, & alcançou Rebecca. Naõ ſe contentou ſenão com que partiſſe logo, pedindo-lhe a máy, & irmá que ſe detiveſſe ſó dez dias, elle com inſtancias cortou a dilaçaõ. 5 Convem inſtar pela concluſaõ do negocio; porque tal vez ſuccede, que a peſſoa, de que depende, a deſeja, & ſe diverte por eſquecimento, ou por outra occupação.

3 *Supra d c.10.num.6.*

4 *Proverb. 22. 29.* Vidi virum velocem in opere ſuo ſedentem coram Regibus, neque erit ante ignobiles.

5 *Geneſ.24.*

3 Com tudo advertio bem Plinio, 6 que aſſim como he nocivo lavrar muyto o campo, porque ſe enfraquece: aſſim o he algumas vezes ſer diligente nimio nos negocios; porque ou he contra a authoridade, ſem a qual nada ſe negocea. (E aſſim diſſe hum illuſtre Corteſaõ, que quem perde a honra pelo negocio, perde o negocio, & a honra.) Ou ſuccede o que acima diſſemos com Tacito, 7 que pela demaſiada *Diligencia* ſe deſtroe, o que ſe ganharia com a menor; porque moſtra ambiçaõ, que a todos enfada. Quando os filhos de Zebedeo por ſua máy pretendéraõ aſſento aos

6 *Plin.l.18.c.6.*

7 *Sup.c.14.n.9.*

lados

lados de Chriſto, os outros Diſcipulos ſe indignáraõ, 8 porque foy pretençaõ ambicioſa. Quando o meſmo Senhor deu a Saõ Joaõ recoſto ſobre ſeu peyto, 9 & a Saõ Pedro o Principado da Igreja, 10 com ſerem mayores lugares, naõ lemos que algum ſe indignaſſe, porque naõ precedeu ambiçaõ. Faz-ſe tambem o nimio, importuno, que Piero Valeriano 11 equivoca com imprudente, a que a ſciencia dos Egypcios deu por jeroglyfico a moſca com as más qualidades que o meſmo Pierio refere; chegando a dizer com Saõ Jeronymo, que entre os Hebreos foy jeroglyfico do Demonio pela pertinacia, com que perſegue.

8 *Marc.* 10 41. Cœperunt indignati.

9 *Joan.* 13 23 & 21 20.

10 *Matth.* 16. 18 *cum ſeqq.*

11 *Pier. Valer. Hierogl. l.* 26. *de Muſca.*

4 A *Diligencia* deve ſer diſcretamente regulada, nem demaſiada, nem remiſſa. O Sabio (diz Saõ Gregorio 12) conſidera naõ ſó o que ha de fallar, mas tambem a opportunidade do lugar, tempo, & peſſoa. O lugar, em que ſe falla no negocio, he a caſa daquelle, com quem ſe trata; não na Igreja, nem na caſa alhea, nem no paſſeyo, nem na rua; ſe não he mercador, para os quaes he a Praça lugar deputado. O tempo não ha de ſer o do comer, o do repouſo, do divertimento, ou da occupaçaõ; & menos o de doença, ou de algum pezar: em todos eſtes ſe faz o negociante moleſto, & mal viſto, & ſe arriſca a huma reposta deſabrida. Deve-ſe eſcolher o tempo accommodado, & deſtinado para negocios, & não ſer impaciente em o eſperar. Na Corte he erro de muytos, ſe tem proceſſos, ou papeis outros largos, que ſe hajaõ de ver, pedir ao Miniſtro, que os veja nos dias das Paſcoas, ou feriados, porque então terá mais lugar: & naõ conſiderão, que elle ſe enfada de lhe pedirem, que trabalhe no tempo, que Deos, & as Leys lhe daõ para deſcançar. A pratica não deve ſer larga com preambulos, ou largas relaçoens: feyta brevemente a ſaudaçaõ da urbanidade, ſe deve logo propor o negocio com palavras ſómente que baſtem para o declarar. Feyta huma vez narração delle, naõ ſe deve repetir, he baſtante huma ſuccinta lembrança. Paſſar do negocio a outra converſaçaõ, naõ ſe faz ſem haver familiaridade, ou ſendo o negociante provocado; entaõ póde converſar ſobre alguma nova, ou caſo notavel, que haja ſuccedido. E a materia mais agradavel ſerá aquella, a que conhece que he mais inclinada a peſſoa, a que deſeja contentar. Finalmente nem deve ſer ſevero, nem facil; com meyo prudente ſe deve accommodar no licito, & honeſto com o natural da peſſoa. Com eſte bom modo, diz Plutarco, que ganhou o Athenienſe Alcibiades os animos dos de Lacedemonia, aonde andava deſterrado. 13 E o Apoſtolo Saõ Paulo eſcreveu, que uſava delle para aproveytar com ſua prégaçaõ. 14

12 *D. Gregor. in Proverb. 1 c.* Sapiens non ſolùm quid loquatur, ſed etiam opportunitatem loci, & temporis, & perſonæ, quam loquitur, diligenter inquirit.

13 *Plutarch. in Alcibied. paulo poſt med.*

14 *D. Paul. 1. ad Corinth. 7. 22.* Omnibus omnia factus ſum, ut omnes facerem ſalvos.

5 Porèm não deve o negoceante liſongear; aſſim porque peccará no exceſſo do modo de comprazer; 15 como porque a liſonja he engano com louvor falſo. E diz Santo Agoſtinho,

15 *D. Thom. 2. 2. q. 115 art. 1.*

nho, que havendo dous generos de perſeguidores, huns que vituperão, outros que adulaõ, eſtes ſaõ os peyores; 16 inimigos lhes chamou Pythagoras. 17 E aſſim ſe o liſongeado for prudente, ſe offenderá, & quando ſe não offenda, ſempre o liſongeyro ſe envilece, & como tal he deſprezado do meſmo, que quer contentar, como largamente diſſemos em outro tratado. 18 A Eſcritura ſanta os abomina em muytos lugares. 19 Alexandre Magno, moſtrando-lhe Ariſtobolo hum livro, que tinha eſcrito de ſeus feytos famoſos com muyta liſonja, o lançou no rio Hydaſpes, dizendo a ſeu Author, que merecia fazerem-lhe o meſmo. 20 E ElRey Dom Joaõ II. de Portugal diſſe, que fazia mercè a Dom Joaõ de Menezes, porque lhe fallava verdade, ainda que foſſe contra ſeu goſto: 21 tal he a pena da liſonja, tal o premio da verdade. Só a ignorantes contenta a adulação: os Sabios eſtimaõ a verdade, poſto que lhes amargue.

16 *D. Auguſtin in Pſalm.* 59. Adulatio eſt fallaci laude ſeductio. Duo ſunt genera perſecutorum, ſcilicet, vituperantium, & adulantium, &c.

17 *Pythagor. apud Stob. ſerm.* 12.

18 *Notat Eva. & Ave, p.* 1. *c.* 34 *à n.* 6.

19 *Proverb.* 1.10. & 16.24. & 27 5. & 28.4 *ac paſſim.*

20 *Eraſm. l.* 8. *Apophtbegm.*

21 *Rezende Chron. de D. Joaõ II. c.* 141. *Barros Decad.* 3. *l.* 7. *c.* 7.

6 O prudente ſe deve com eſpecial cuydado guardar do impulſo natural a desfazer por qualquer modo em ſeu oppoſitor. Porque (além do que fica dito em outro Capitulo 22) com iſſo o não offende na ſubſtancia, pois ſe lhe naõ dá credito, antes o authoriza, & desfaz em ſi, pois cuyda, que o não vencerá ſem o abater. Pouco faz, quem merece mais que outro, que naõ tem meritos; a honra eſtá em ſer antepoſto, a quem tem muytos. Segue-ſe o que diſſe Saõ Jeronymo, 23 que como a ſetta, que dá em couſa dura, torna contra quem a deſpedio do arco, & tal vez o fere; aſſim a murmuração, & detracçaõ rebatida de quem a ouve. Quem pretende ha de fallar de ſi, & naõ dos outros; ſe ſe offerece fallar dos outros, ſeja louvando-os: com iſſo ſe acredita de cortezaõ advertido, & não ſe acredita o louvado, porque ſe conhece que aquelle louvor he urbanidade. Inſigne exemplo ſe lè na hiſtoria de Tito Livio. 24 O Conſul Aulio Sempronio perdeu huma batalha contra os Bloſcos por falta de diſciplina militar; & fora mayor a perda, ſe Sexto Tempanio Decuriaõ dos Cavalleyros com valeroſo acordo a naõ reparára. Quizeraõ em Roma os Tribunos do povo accuſar o Conſul, & outros dous, que diziaõ culpados, & no dia ſinalado para a audiencia foy chamado Tempanio pela reputaçaõ, que ganhára, para referir o ſucceſſo, de cuja relaçaõ verdadeyra pudéra tirar grande honra: com tudo generoſamente naõ tratou de ſuas acçoens, nem vituperou as do Conſul: narrou taõ modeſto, que ſe augmentou credito, & deu a muytos illuſtre exemplo para occaſioens ſemelhantes.

22 *Sup cap.* 17. *n.* 3.

23 *D. Hieron. da Ruſtic. Monac. de vivendi form.*

24 *Livius Decad.* 1. *l.* 4.

7 Interceſſores ajudão as pretençoens; delles ſe valeu Abraham, para que Efron lhe concedeſſe o campo para ſepultura de ſua mulher Sara. 25 Os melhores naõ ſaõ os parentes, porque a eſtes ſe nega com mais confiança. O meſmo procede nos amigos intimos, ſe naõ pedem com empenho.

25 *Geneſ.* 23.8. Intercedite pro me apud Ephron.

Os

Os mais effectivos saõ, os de quem se depende, se mostraõ, que intercedem de coraçaõ, & não levemente, por serem rogados.

8 A mais efficaz *Diligencia* saõ dadivas, como entendeu, & experimentou Jacob para negociar com seu irmaõ Esaù. 26 Tudo lhes obedece, como disse Horacio. 27 Mas quem busca *Fortuna*, não tem cabedal. E se com algum, que tenha, trata de melhoralla, he necessaria cautela para não perder, & industria para dár; porque este meyo sendo conhecido, naõ he decente a hum negociante de honra. E nem todos os que pòdem, aceytaõ; & tentados arrisca a hum desgosto. Com tudo ha traças, a que poucos resistem: empreſtar, mandar vir de fóra huma encomenda barata, & tal vez sem custo; inculcar huma compra, ou venda, ou arrendamento em preço ventajoso supposto, pondo de casa a ventagem. Estes, & semelhantes modos se tem por honestos, fingindo-se enganados, os que se prezaõ de rectos, ainda que saybaõ, que não enganaõ; contentaõ-se com se naõ declararem. Presentear cousas comestiveis, ou outras cousas de pouca valia, (se para isso se alcança confiança) he *Diligencia*, em que naõ ha inconveniente, & grangea boas vontades. Os excellentes Emperadores Severo, & Antonino referidos por Ulpiano em hum Texto de Direyto Civil, 28 permittiraõ aos Ministros aceytar taes presentes, com tanto que *nem aceytassem tudo, nem sempre, nem de todos.* E porque *naõ aceytar de ninguem* (diz o Texto) *he cousa inhumana: mas aceytar sempre he muyto vil: aceytar tudo he muyto avaro.* O que entendo nos Ministros, que naõ saõ de justiça. Os de justiça naõ devem ter mãos.

26 *Genes.* 32. & 33.

27 *Horat. l.* 2 *Serm Satyr.* 10. Pecuniæ obediunt omnia.

28 *L Solent.* 6. §. *Non verò. de Offic. Proconsul* Non omnia nec passim, nec ab omnibus. Nam valde inhumanum est à nemine accipere; sed passim, vilissimum, & omnia, avarissimum.

9 O bom negociante deve ter segredo no que pretende, & quando não possa deyxar de se saber, tenha em segredo o estado da sua pretençaõ. Communicar huma, ou outra cousa, a quem o não pòde ajudar, naõ pòde ter utilidade: & arrisca a muyto mal, com que os invejosos, os oppositores, & os mal affectos costumaõ fazer desvios, ou embaraçar.

10 Naõ deve fiar muyto das boas palavras, nem ainda de promessas de Ministros, ou outras pessoas, com quem trata qualquer materia, nem segurarse em esperanças; porque isto tal vez o faz descuydado, ou menos solicito: & quando depois falta, he mayor o sentimento.

11 Sobre tudo se deve abster de toda a *Diligencia*, que por alguma via possa offender a consciencia, ou a honra; porque melhor *Fortuna* he conservar a pureza de ambas, & naõ ha recompensa, que as iguale.

CAPITULO XXIII.

Da Perseverança *necessaria, & do soffrimento.*

1 PEla dilaçaõ em alcançar desconfiaõ muytos, & desistem do que emprendèraõ. *Não sejais pusillanimes*, lhes diz o Sabio. 1 Quem intentou bem, deve estar firme como huma estatua, dizia Socrates. 2 Perseverar, quanto he necessario, em diligenciar o que he justo, he virtude especial, que se ajunta à Fortaleza. 3 E assim como as Escrituras Sagradas o encomendaõ para o espiritual, 4 o ensinaõ tambem os Mestres Politicos para o temporal; advertindo, que não se desista do util por difficuldades apparentes. 5 Não ganha o premio (disse o Apostolo 6) quem não corre atè o fim do estadio.

2 Muytos (diz Polybio) como máos corredores, deyxado o primeyro fervor, desistem do começado: outros só porque perseveraõ constantes, vencem seus contendores. 7 O lavrador (diz Seneca) perderá o que semeou, se naõ continuar com o trabalho; só com muyto cuydado se cria, o que ha de segar: nada chega a fruto, senão o que de principio atè o fim tem cultura igual. 8

3 Deste modo alcança a *Perseverança* o que pretende; a continuaçaõ póde mais que a força. 9 Com ella fura a gotta de agua a dura pedra, sobre que cahe. No espiritual nos seja exemplo a grande Santa Teresa de JESUS, que refere de si, 10 que vinte annos passou em contradiçoens, antes que chegasse à felicidade de espirito, que alcançou com sua perseverança insignemente virtuosa. A outros muytos Santos succedeu o mesmo; sendo como Capitão de todos o Santo Job, em quem Deos mostrou ao Demonio, quanto esta virtude consegue. E o Patriarca Jacob, que à força de braço, & de instancias obrigou o Anjo a lhe dar a bençaõ. 11 Della, no temporal louva Plutarco 12 a Sertorio, dizendo que era grave em se determinar, & constante em proseguir. E Tacito mostrou sua efficacia no modo, com que Julio Blosso sossegou as Legioens de Panonia nos principios do Imperio de Tiberio. 13 Nem necessitamos de exemplos, quando temos a doutrina de Christo Senhor nosso na Parabola do amigo, que por perseverar em pedir os pães, os alcançou do outro, que lhos negava. 14 E na da viuva, que tambem, por perseverar, conseguio despacho do máo Juiz, que lho dilatava havia muyto tempo. 15 E se vio no Cego, que alcançou vista pela perseverança, com que a pedio, quando todos o impedião. 16 A muytos conhecemos entre nòs, fizerão proposito de alcançarem cousas, em que largo tempo

1 *Eccles* 7.9. Noli esse pusillanimis in animo tuo.

2 *Socrat apud Stob serm. de Prudentia.*

3 *D. Thom* 2.2.*q.*137.*art* 1.& 2.

4 *Luc.*11.5.*& seqq* c.18.1 & c. 21. 19.
*Matth.*10.22.
*Marc.*13.13.
*D.Paul.ad Rom.*12.12. *ad Ephes.*6. 18 & 1.*ad Thes.*5 16.

5 *Polyb.l.*10. Nullâ re utili abstinendum est propter apparentes difficultates.

6 *D.Paul.ad Corinth.* 9.24.

7 *Polyb.l.*16. Nonnulli perinde atque imperiti, ac vecordes curlores, &c

8 *Senec.de Benefic.*lib.2.c.11. Nihil in fructũ pervenit, quod non à primo usque ad extremũ æqualis cultura prosequitur.

9 *Plutarch.in Sertor.* Est enim assiduitatis vis invicta, quæ omnem superat, exscindoque potentiam.

10 *Madre Theresa de Jesus, na sua vida c.8.no princip.*

11 *Job* 2.3.*Genes.*32.26.

12 *Plutarch.in Sertor.*

13 *Tacit.l.*1.*Annal.*

14 *Luc.*11.*á princip.*

15 *Luc.*18.*á princip.*

16 *Luc.d.c.*18.35.*cum seqq.*

pò ſe lhes offerecérão deſvios, & difficuldades grandes; mas a *Perſeverança* nas diligencias lhes deu o que deſejavão.

4 Eſta *Perſeverança* naõ encontra o que diſſemos 17 culpando a Importunação; porque ſaõ differentes. Em poucos dias de negociação ſe pòde ſer muyto importuno; & bem ſe pòde perſeverar largo tempo fazendo as diligencias ſem importunação, com todo o bom modo.

17 *Supra c.22.n.3.*

5 Aqui he lugar de advertir aos pretendentes o ſoffrimento, que devem ter. Ao homem colerico, & mal ſoffrido (eſcreve hum grande Corteſaõ 18) naõ lhe convem ſeguir a Corte, & menos com pretenſoens; muytos annos (diz elle) lhe naõ baſtarão para vingar, nem ainda para cuydar, no que ſoffreu em hum ſó mez. Não digo que ſe ſoffrão affrontas, nem cuydo, que Miniſtro algum as quererá fazer. Fallo do pouco favor, & diſſabor, que em alguns ſe acha na falta da audiencia, na ſequidaõ da repoſta, no deſcuydo da mayor corteſia, ou em outra couſa ſemelhante. Muyto diſto ſe deve attribuir ao enfadamento, que os negocios cauſaõ: ás occupaçoens preciſas; à diverſaõ em cuydados: tal vez à inadvertencia, ou a algum achaque, a que eſtamos ſugeytos. Ainda que proceda de má vontade, para as taes occaſioens he celebre aquella ſentença Caſtelhana: *Dando gracias por agrabios negocian los hombres Sabios*. Quem ſe dá por aggravado, ſe faz odiado por temido. Convem diſſimular, fingindo não entender; ou moſtrando judicioſa paciencia. Em que ſe exercitaria eſta virtude, ſe naõ houvera que ſoffrer? He prudencia obedecer, ao que ſe naõ pòde vencer. Iſto muytas vezes ganha as vontades, & aproveyta como melhor diligencia.

18 *D. Anton. de Guevara no Menoſprecio de Corte c. 3. poſt med.*

CAPITULO XXIV.

Se convem algumas vezes deyxar a Patria, por melhorar a Fortuna.

1 HE taõ recomendada a perſeverante diligencia para a boa *Fortuna*, que ſe eſta ſe naõ puder alcançar na Patria, he queſtaõ, ſe ſe deve hir buſcar em terras eſtranhas, ainda que ſejaõ de outra Naçaõ, & de outro Principe? Naõ ſe duvida, de que ſe haja de deyxar por algum tempo, ſahindo a procurar honra, ou fazenda, para tornar a lograr na Patria. Que iſſo fazem de ordinario os homens de eſpirito. Nem tambem ſe duvida, de que ſe haja de deyxar o lugar do naſcimento, poſto que para ſempre, para viver em outro dentro do meſmo Reyno, ou Provincia. Se iſto fora miſeria, eſtaria o Mundo cheyo de miſeraveis, pois tantos homens o fazem, como diz Cicero. 1 A que ſe diſputa he, ſe convem algumas vezes deyxar totalmente a Patria

1 *Cicer. 1 Tuſcul.*
Si abeſſe à patriâ miſerũ eſt, pleræ miſeriarum ſunt Provinciæ ex quibus admodum pauci in patriam reverſuntur.

por terra eſtranha para ſempre?

2 Ovidio 2 conſidera, que o amor da Patria pòde mais que todas as commodidades. O Scytha (notava elle) foge dos regalos de Roma para a aſpereza da ſua terra. He inclinaçaõ natural, com que os ſimplices paſſarinhos tornão de qualquer parte para o lugar, em que naſcèrão. E a aſſuciar das féras naõ troca por melhores paſtos o fragoſo das ſerras, em que ſe criáraõ. O prudente Ulyſſes em ſuas peregrinaçoens (diz Homero 3) ſuſpirava por ver fumegar as chaminés da ſua Patria, antes que morreſſe. Foy celebre ſentença de Sohpocles, 4 que era a mayor felicidade naõ experimentar terra alhea. E ao contrario teve Euripides 5 pela mayor miſeria deyxar a Patria, por ſer a couſa amada ſobre todas. O nome *Patria*, diſſe Heracles, ſe derivou de *Pater*, porque ella he noſſo pay, pronuncia-ſe com terminação feminina, porque tambem he noſſa máy: & fiquemos entendendo, que como a pay, & a máy a devemos eſtimar, & amar. 6 E não a ama, (diz Santo Agoſtinho 7) antes a aborrece muyto, quem ſe perſuade a que fóra della ſuccederá bem, ſem mimos ſeus naõ ha alegria. Nem a fallar livremente ſe atreve (notou Euripides 8) quem eſtà em terra eſtranha. E ainda quando nella ſe acha proſpero, naõ goſta do que lhe não vem lograr ſeus naturaes. Alexandre entre as glorias que gozava na Aſia, deſejava, que as velhas de Macedonia o viſſem naquella grandeza. Não ſe perde já mais ſua doce memoria, 9 que faz aguadas as felicidades. Conſidera Lipſio, 10 que aſſim como os que ſahem do porto para o mar, com os olhos, & com os deſejos buſcaõ a terra; aſſim os que eſtão em Regioens eſtranhas, aſpiraõ ſempre à propria.

3 Pelo que regularmente mais val menos na Patria, que muyto fóra della. E aſſim Sertorio muytas vezes vencedor em Heſpanha ſe offerecia a Pompeyo, & a Metello, para ſe tornar para Roma, ſe ſe lhe permittiſſe, confeſſando, que mais queria ſer na ſua Patria vil Cidadão, que deſterrado ſer chamado Emperador. 11 Não ſe deve deyxar facilmente por eſperanças, que pòdem ſahir enganoſas. Se os naturaes vem, que o Eſtrangeyro ſóbe a qualquer *Fortuna*, o calumnião invejoſos com o dito de Euripides, 12 que ſe elle naõ fora máo, não ſahira da ſua Patria a viver na alhea. Aſſim ſuccedeu a Annibal deſterrado de ſua Patria Carthago na Corte delRey Antioco, em cuja valia ſe hia promettendo melhor *Fortuna*, & os invejoſos o calumniáraõ de modo, que lhe foy neceſſario fugir para Pruſia Rey de Bithinia; & ainda que capitaneando huma ſua Armada lhe alcançou vitoria, foy igualmente perſeguido, & teve por menor mal matarſe com veneno; ou (como dizem outros) mandar a hum ſervo ſeu que o mataſſe, do que ſer entregue aos Romanos por condição de pazes. 13

2 *Ovid. 1. de Ponto.*
Rurſus amor patriæ ratione valentior omni.
Quid melius Roma? Scythico quid frigore peius?
Huc tamen ex illâ, barbarus, urbe fugit.

3 *Homer 1 Odiſſ* Cæterùm Ulyſſes cupidus vel fumum exeuntẽ videre patriæ ſuæ, ſic mori optat.
Ovid de Pont. l. 1. Eleg 4.
Non dubia eſt Ithaci prudentia, ſed tamen optat fumum de patriis poſſe videre focis.

4 *Sopocl. in Tereo.*
Eſt tamen optimum ſi terram nunquam expertus es alienam.

5 *Euripides in Ægeo.*
Veruntamen miſeraudum eſt tempus, quo patriæ fines relinquuntur.
Quid paternâ charius eſſet viro tellure?

6 *Stobæus ſerm. 37.*

7 *D. Auguſt. in Pſalm. 19.*
Odit valde patriam, qui ſibi bene putat, cùm peregrinatur.

8 *Euripid. in Polyon.*
Unum ſanè maximum, quod exul non habet dicendi libertatem.

9 *Ovid. 1. de Pont.*
Neſcio quâ natale ſolum dulcedine cunctos
Ducit, & immemores non ſinit eſſe ſui.

10 *Lypſius Cent. 2. ad Belg. ep. 54.*

11 *Eraſm. l. 4. Apophthegm.*

12 *Euripid. in dict.*
Quòd non eſſes peſſimus, nunquam civitate tuâ contemptâ, Regionem iſtam laudaſſes.

13 *Plutarch. in Annibal ad fin.*

4 Com tudo (como diſſe Chriſto Senhor noſſo 14) nenhum Profeta he honrado em ſua Patria. Notou o Veneravel Beda, 15 que procede de ſer quaſi natural aos homens não conſiderarem nos conhecidos antigos o que ha de preſente, mas ſó terem lembrança de ſeus primeyros annos; ſem attenderem a que o tempo, & a idade faria nelles a mudança, que cada hum experimenta em ſi. Por iſto muytos achaõ mayor eſtimaçaõ, aonde naõ forão viſtos ſenaõ grandes, como arvores tranſplantadas, que a nova terra abraça melhor. A eſta pouca eſtimaçaõ ſe ſegue o aggravo, que ſe naõ compadece com hum alto eſpirito. Deſafoga o coraçaõ ſahindo a outros ares, & cuyda, como o doente, que alcançaria ſaude mudando ſitio. Aſſim ſuccedeu a Ariſtides, Alcibiades, Cimon, & Themiſtocles Athenienſes: a Epaminondas Thebano: a Annibal Carthaginez: a Furio Camillo Romano, 16 & a outros varoens illuſtres. Entre os quaes foy o Portuguez Dom Rodrigo Forjàs Vermuís; 17 & o meſmo quiz fazer o grande Condeſtavel Dom Nuno Alvarez Pereyra, (taõ ſenſivel he hum aggravo a hum animo generoſo) ſe ElRey lhe naõ dera ſatisfação. 18 Ha outras couſas preciſas para deyxar a Patria; homizios, mercancia, caſamentos, heranças, & occaſioens, que ſeria de eſpirito puſillanime deſprezallas, & muyto prejudicial naõ ſahir a lograr ventagens conhecidas. Themiſtocles fóra de ſua Patria, achando-ſe com grandes riquezas, que lhe deu ElRey da Perſia, diſſe a ſeus criados: *Amigos, pereceramos, ſe naõ pereceramos.* 19 Que foy dizerlhes, que pereceriaõ de fome em ſua Patria, ſe não houverão ſahido della. Ao que chamou tambem perecer, pelo muyto que ſe ſente deyxalla; mas tinhalhe ſido forçado, para não perecer por outra via. Naõ deve ſer tão preciſo o amor da Patria, que obrigue a miſerias, que ſahindo della ſe pòdem evitar. E aſſim o prudente Socrates 20 antepoz a liberdade no deſterro à ſervidaõ domeſtica. Conſidere-ſe, que como todo o mar he Patria aos peyxes, & todo o ar às aves, aſſim o he toda a terra aos homens fortes, & Sabios. 21 Quando ſahem donde naſcèraõ, não mudaõ a Patria, ſó mudaõ lugar. 22 Ridiculo ſeria quem ſe doeſſe de ſe paſſar de huma caſa para outra, em que ſe ache melhor na meſma Cidade. 23 O lugar, em que cada qual ſe acha bem, eſſe he a ſua Patria. 24 E o acharſe bem não pende do lugar, mas do homem. 25 O neſcio anda em deſterro: o Sabio, & forte em peregrinaçaõ. 26

5 Porèm ſempre em qualquer parte nos deve acompanhar o amor do lugar, em que naſcemos, & nos criámos, pois niſto temos recebido daquella Patria os mayores bens. 27 Sendo neceſſario lhe devemos pagar com a vida, a que ella nos deu, 28 como fizeraõ os Decios, & Curiacios Romanos, Codro Athenienſe, os Philenos, Cyrenenſes, & tan-

14 *Joan.4.44.* Propheta in ſuâ patriâ honorem non habet.

15 *Beda in Luc.4.*

16 *Plutarch.nas ſuas vidas.*

17 *Brito na Monarch.Luſit.p.2. l.7 c.29. Faria no Epitom.das hiſtor. Portug. p.2.c.9.â n.14.*

18 *Chron.do Conteſtavel c.63. Chron. antiga d'ElRey D. Joaõ I. p. 2.c.154.*

19 *Plutarch. in Apophthegm.*

20 *Socrat.apud Aul.Gel.l.3 c.14.*

21 *Euripides:*
Omnis quidem aer aquilæ penetrabilis eſt:
Omnis verò terra viro forti patriâ. *Curt l.6.*
Patria eſt ubicunque vir fortis ſedem elegerit.

22 *Senec.de remed. Fortun.*
Non mihi patria interceditur, ſed locus.

23 *Auſonius in l. Exilium non eſſe malum.*

24 *Cic 3 Tuſcul.*
Patriâ eſt ubicumque eſt bene.

25 *Dion.l 38.*
Loca ipſa nullam felicitatem, beatitudinemve afferunt homini, ſed unuſquiſque noſtrûm, ipſe ſibi, & patriam, & vitam beatam omni tempore ubicunque locorũ efficit.

26 *Senec.ſupra:*
Illud autem, per quod bene eſt homini, non in loco eſt; ſi enim ſapiẽs eſt, & peregrinatur, ſi ſtultus eſt, exulat.

27 *Cicer 1.de Orator.*
Quoniam ſunt omnia commoda à patriâ accepta.

28 *Paul.Æmil.lib.4.*
Quam à patriâ mutuatus es vitam, eam illi jure optimo repoſcenti reddde.

tos outros celebres nas hiſtorias. 29 Foy notavel o Cidadaõ de Preneſte Cidade de Italia, a quem Sylla por haver pouzado em ſua caſa exceptuou da morte, que mandou executar em todos os mais. E elle reſpondeu: *Que naõ queria dever a vida, a quem a tirára á ſua Patria.* E padeceu com os outros. 30 Por mais que nos aggrave, he a mayor maldade obrar contra elle, como fizeraõ os impios, Coriollano, Sertorio, & outros abominaveis. 31 Se nos perſeguio com razão, contra nòs temos a queyxa. Se ſem razão, devemos proceder com ella (reſpondeu Pythagoras) como com máy ingrata, 32 ſempre com reverencia. Se ſomos bons, ella fica deſterrada de nòs, mais que nòs della. Nem a culpa de alguns particulares ſe pòde vingar em todo hum Reyno, ou Cidade, como diſſe Eſthemio a Pompeyo. Themiſtocles deſterrado de Athenas, & feyto General d'ElRey da Perſia, que o havia amparado, & enriquecido, por naõ hir contra ſua Patria, ordenou hum ſacrificio, em que bebeu tanto ſangue de touro, que diante dos altares ſe matou com elle. 33 Phoci havendo ſervido muyto à meſma Athenas ſua Patria, ella com grande ingratidaõ o condenou à morte de veneno: & elle no meſmo tempo, em que o bebeu, encomendou a ſeu filho, que não deyxaſſe de amar ſua Patria, antes a ſerviſſe em quanto pudeſſe. 34 Ariſtides deſterrado da meſma Patria, pedio aos Deoſes, que lhe dèſſem tantas felicidades, que nunca ſe lembraſſe delle. 35 Calliſtrato ſahindo com outros deſterrado da meſma Republica, deſejando hum delles, que lhe ſuccedeſſe tal neceſſidade, que a obrigaſſe a reſtituillos; abominou tal deſejo. E Rutilio Romano, a outro, que o conſolava com ſe eſperarem guerras civis, com que brevemente tornaria, reſpondeu: *Que mal te fiz, ò homem, para me deſejares peyor tornada que ſahida? Mais quero que minha Patria ſe envergonhe de meu deſterro, que doerſe de minha reſtituiçaõ.* 36

29 *Valer. Max. l. 6. c. 6.*

30 *Eraſm. l. 6. Apophthegm.*

31 *Liv. Dec. 1. l. 2.*
Valer. Max. l. 1. c. 4.
Plutarch in Sert.

32 *Pythager apud Stob. ſerm. 37.*

33 *Valer. Max. l. 1. c. 6.*

34 *Ælian. var. hiſt l. 2.*
Plutarch. in Apophthegm.

35 *Plutarch. in Ariſtid.*

36 *Senec. de Benefic l. 6 c. 7.*

6 Os grandes homens naõ ſó não deſerviraõ a Patria, de que ſe deſterráraõ aggravados, mas antes vieraõ do deſterro a ſervilla, quando a viraõ neceſſitada. Furio Camillo, de quem acima fallámos, tornou de Ardea a livrar Roma opprimida dos Gallos. 37 O meſmo fizeraõ em varias occaſioens Alcibiades, & Cimon 38 com Athenas ſua Patria. O Portuguez Dom Rodrigo Forjaz, tambem deſterrado por aggravos, como diſſemos, ouvindo, que Dom Sancho Rey de Caſtella vinha contra ſeu irmaõ Dom Garcia, que reynava em Portugal, & Galliza, de quem elle hia aggravado, voltou dos confins de França, & na batalha, que os Reys tiverão junto a Santarem, obrou acçoens inſignes, atè prender a Dom Sancho, & o entregar a Dom Garcia: & logo morreu das feridas, que recebèra. 39

37 *Liv. Dec. 1. l. 5. Plutarch. in Camill.*

38 *Plutarch in Rom. Apophthegm. & in Alcibiad.*

39 *Brito, & Faria ſupra.*

7 Conſervando aſſim o amor, & obſequio da Patria, naõ

ſe

ſe pôde deyxar de ſahir della quando he conveniente à vida, ou à reputaçaõ, ou a intereſſe certo de grande melhoramento de *Fortuna*, que ſe deve bem conſiderar. As hiſtorias eſtão cheas de exemplos dos que creſcèraõ fóra da Patria, ſendo os mais inſignes Jacob, & Joſeph. 40 De Portuguezes, que por varias occaſioens deyxáraõ Portugal, demais dos que apontámos em outra noſſa obra; 41 Joaõ Affonſo Pimentel fundou em Caſtella a grande Caſa de Benavente: 42 Joaõ Fernandes Pacheco teve honras, de que deſcendem os Marquezes de Vilhena, Duques de Eſcalona: 43 de Egas Coelho os Senhores de Montalvo: 44 de Martim Vaſquez da Cunha, Lopo Vaſquez, & Gil Vaſquez, irmãos, procedem de muytas caſas titulares. 45 E deyxados outros antigos, nos tempos mais proximos Ruí Gomes da Sylva foy valido d'ElRey Dom Filippe II. & aſcendente das caſas do Duque de Paſtrana, Ijar, & outras illuſtres. E Dom Chriſtovaõ de Moura, valido tambem do meſmo Rey, que depois que entrou em Portugal o fez Marquez de Caſtello Rodrigo, com os mais titulos, & mercès, que os validos coſtumaõ alcançar. A nenhuma diligencia deve perdoar quem aſpira à boa *Fortuna*.

40 *Geneſ.* 32.10 & 41 40.

41 *Nos Excellencia de Portugal c.23.Excellenc.3 à n 4.*

42 *Affonſo Lopes ac Haro, nobiliar. de Hiſpanha, 13.*

43 *Lavanha na Annot B. ao tit. dos Pachecos no Nobiliar. do Conde D.Pedro.*

44 *Lavanha ſup annot B ao tit. dos Coelhos n.25.pag mihi 190.*

45 *Lavanha no tit.dos Cunhas n. 12.Annot A,pag.mihi 315.*

CAPITULO XXV.

Quando falta o ſucceſſo de todas as diligencias do Mundo, ſe ha de recorrer a Deos pela mais efficaz.

1 SE com as diligencias, que ficaõ propoſtas, ſe naõ conſeguio, devemos por ultima inſtancia entrar, como Moyſés no Tabernaculo, a tratar com Deos. Acima diſſemos, 1 que todas as diligencias ſe deviaõ fundar nelle; mas de tal modo pediamos ſeu favor, que tambem confiavamos nos meyos humanos. Agora deſconfiando deſtes, nos livraremos totalmente na bondade Divina, como aconſelha o Sabio. 2

2 Ainda que Deos quer diligencias noſſas, como já advertimos, 3 para nos ajudar, offende-ſe talvez de que nos fiemos demaſiadamente dellas, devendo ſer nelle noſſa principal confiança. Aſſim diſſe o Profeta Henani a Aſa Rey de Judèa, que naõ havia tido o bom ſucceſſo, que pudera ter, porque puzera ſua confiança nas diligencias, que fez para o ſoccorrer ElRey de Syria contra o Rey de Iſrael; & não totalmente em Deos, como fizera em outra occaſiaõ, em que alcançou huma glorioſa vitoria dos Egypcios. 4 E tambem o reprehende a Eſcritura Sagrada, 5 porque na doença, de que morreo, buſcou mais o remedio na ſciencia dos Medi-

1 *Sup c.11.12.& 13.*

2 *Proverb.* 3 5. Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo, & ne innitaris prudentiæ tuæ.

3 *Supra c.10 ex num 5.*

4 2.*Paralipom.*16 7. Quia habuiſti fiduciam in Rege Syriæ, & non in Domino Deo, &c.

5 *Eodem* c.16. 12.

cos, que no recurſo ao Senhor. Quer Deos, que conheçamos que ſem elle nada podemos, & com eſte conhecimento implo-remos efficazmente ſeu favor. Chriſto Senhor noſſo dormia na tempeſtade, que padeciaõ ſeus Diſcipulos: porque queria, que elles o deſejaſſem mais, & o chamaſſem, & naõ lhes deu bonança ſem o deſpertarem, & lha pedirem, confeſſando, que pereciaõ. 6

3 Havendo ſahido inuteis todas as diligencias, devemos tornar ſobre nòs, & dizer com o Santo Rey Joſaphat vendo-ſe em hum extremo aperto: *Senhor, não ſabendo jà o que devemos fazer, ſó nos reſta pôr os olhos em vòs.* 7 E com o Apoſtolo São Pedro: *Meſtre Divino, temos trabalhado dias, & noytes, & nada conſeguimos, mas em voſſo nome tornaremos a lançar as redes.* 8 Entre as maravilhas contou David ſer o Senhor refugio, & ajuda dos atribulados. 9 Sorte (diz o meſmo David) de que eſperemos, & confiemos nelle; 10 quando todo o Mundo, atè pay, & mãy deſampararem o homem, então o recebe elle melhor. 11 E aſſim prometteu: *Hey de livrallo, porque eſperou em mim.* 12 Toma por razaõ para amparallo, eſperar nelle. *O' dulciſſima liberalidade!* (exclama o Melliſluo Bernardo, 13) *naõ falta aos que nelle eſperaõ.* Por ſer aquella promeſſa infallivel, dizia ſeguro o Pſalmiſta: *Em vòs, Senhor, eſperey, não ſerey confundido para ſempre; livrayme em voſſa juſtiça,* 14 fazendo juſtiça daquella graça.

4 Aconſelha o Sabio, que a confiança em Deos ſeja de todo o coraçaõ; 15 à medida da fé ſerá o ſucceſſo. Saõ Pedro em quanto confiou firmemente, paſſeava ſobre o mar, como ſobre terra: tanto que duvidou temendo os ventos, começou a ſubmergirſe nas aguas. 16 Pelo contrario a grande fé, que o Sagrado Evangelho notou no Centurio de Cafarnaù, no paralytico, na mulher que padecia fluxo de ſangue, na Cananéa, no Principe da Synagoga, nos cegos, & em outros, que deſeſperados dos remedios humanos recorrérão a Chriſto, lhes alcançou o que deſejavaõ. 17

5 Nem ſó devemos recorrer a Deos, mas tambem, com eſpecial confiança, & devoçaõ, à immaculada Virgem Maria, ſua Mãy Santiſſima; porque ainda que o Senhor he todo poderoſo, & independente para dar, eſtima tanto eſta Senhora, que diſſe o grande Padre São Bernardo: 18 *Naõ quiz Deos, que tiveſſemos couſa alguma ſem paſſar pelas mãos de Maria.* He neceſſario ter eſte cano propicio, & ſeguro, para que a graça daquella fonte nos poſſa chegar. Digamos-lhe o que lhe diz a Igreja Santa: *Tiraynos noſſos males, pedinos a voſſo Filho todos os bens, m. ſtray, que ſois Mãy noſſa.* 19 Eſte nome a obrigará, poſto que os filhos o não mereção.

6 Com tudo, ainda devemos cooperar de noſſa parte, porèm não fiados no que fizermos, mas ſómente porque Deos quer que façamos ſempre o que nos he poſſivel, como acima

6 *Matth.8.25.* Domine, ſalva nos, perimus.

7 *Paralip 20.11.* Cùm ignoremus quid debeamus agere, hoc ſolum habemus reſidui, ut oculos noſtros dirigamus ad te.

8 *Luc.5.5.* Præceptor, per totam noctem laborantes, nihil cepimus: in verbo autem tuo laxabo rete.

9 *Pſalm.9.1.40.& 11.*

10 *Pſalm.146.11.* Beneplacitum eſt Domino ſuper timentes eum, & in eis, qui ſperant ſuper miſericordia ejus.

11 *Pſalm.26.10* Pater meus, & mater mea dereliquerunt me, Dominus autem aſſumpſit me.

12 *Pſalm.90.14.* Quoniam in me ſperavit, liberabo eum, protegã eum, quoniam cognovit nomen meum.

13 *D Bernard.ſerm.5. in Pſalm. Qui habitat.* O dulciſſima liberalitas! in ſe ſperantibus non deeſt.

14 *Pſalm 30.2.* In te, Domine, ſperavi, non confundar in æternum; in juſtitia tua libera me.

15 *Proverb d.c.3.5.* Habe fiduciam in Domino ex toto corde tuo.

16 *Matth 14.31.* Modicæ fidei, quare dubitaſti?

17 *Matth.8.& 9.& 15.cum concordantibus.*

18 *D.Bernard.ſerm.3. in Vigil. Nativ.Domin.* Nihil nos Deus habere voluit, quod per Mariæ manus non tranſiret.

19 Mala noſtra pelle,
Bona cuncta poſce,
Monſtra te eſſe Matrem,
ſumat per te preces
Qui pro nobis natus
Tulit eſſe tuus.

acima fica dito. 20 Então nos ajuda para o que não podemos. O contrario seria tentallo com lhe pedir milagres. Juntamente com trabalhar nos devemos confessar inuteis, como ensinou Christo. 21 Entaõ nos dá o Senhor boa *Fortuna*, & muytas vezes por meyos tão fracos, que nada se podia esperar delles, antes parecião contrarios ao intento. Forte, & suavemente dispoem tudo, usando de instrumentos pequenos para gloria de seu poder, & liberalidade. 22 Os Egypcios naõ acabáraõ de conhecer que estava Deos com Moysés, & Aron, senão quando o virão obrar tanto com vís mosquitos. 23 O Santo Bispo Jacobo para livrar de Sapor Rey dos Persas a Cidade de Nésibis, ou Antioquia Mygdomia, subido em huma torre pedia a Deos que enviasse mosquitos, & pulgas sobre o exercito inimigo. E esta immunda, & vilissima praga metendo-se nos narizes, & orelhas dos cavallos, & dos outros animaes, de que se serviaõ, os enfureceu de modo, que não ficárão de prestimo. E ElRey levantou o sitio. 24

7 Por isto disse o Psalmista: *Bemaventurado o homem, cuja esperança he o nome de Deos, & naõ faz caso de vaidades insanas, & falsas.* 25 Taes saõ as esperanças nas diligencias do Mundo. Por este meyo livrou Moysés o Povo cercado por huma parte do mar, & por outra parte do exercito de Faraõ; & alcançou agua para beber, desesperado de todo outro remedio. 26 Judith deu liberdade à sua Patria, que se queria entregar ao Rey dos Assyrios. 27 E o Macabeo Jonathas teve vitoria dos Capitães de Demetrio, achando-se desamparado dos seus. 28 Entre innumeraveis exemplos, nos saõ domesticos o d'ElRey Dom Affonso Henriques, que vendo-se no Campo de Ourique só com doze mil Soldados, cercado de cinco Reys Mouros com exercito, em que dizem os Historiadores, que havia cem infieis contra cada hum dos Christãos; 29 desconfiados com razão os seus das forças humanas, recorreu confiadamente à oração, com que obrigou a Christo Senhor nosso a vir pessoalmente confortalllo, darlhe vitoria, & fundar nelle este Reyno. 30 O grande Dom Nuno Alvarez Pereyra vendo-se muyto apertado por trinta & tres mil Castelhanos na batalha de Valverde, se retirou a orar em hum lugar occulto no mesmo tempo, em que se pelejava, & sahindo delle ganhou a vitoria. 31 O valeroso Duarte Pacheco na India Oriental combatido furiosamente pelos exercitos d'ElRey de Calecut, no meyo da peleja fez huma breve oraçaõ, & foy victorioso. 32 O mesmo succedeu por vezes ao valente Capitaõ de Maluco Antonio Galvaõ nos grandes apertos, em que o puzeraõ os Reys vizinhos. O insigne ViceRey da India Dom Luis de Attaide aconselhado em huma occasiaõ, que largasse aos Mouros a Fortaleza de Chaûl, que parecia impossivel defenderse, respondeu, que o naõ faria, porque esperava em Deos, sem o qual as mayores forças eraõ nada, & com fé nelle as mais pequenas

erão

20 *Sup d.c 10. & n 5.*

21 *Luc.17 10.*

22 *D.Paul.ad Roman.9.23.*

25 *Exod.8.19.* Digitus Dei est hîc.

24 *Histor.Eccles.p.2.l. 3.c.6.*

25 *Psalm 39 5.* Beatus vir, cujus est nomen Domini spes ejus; & non respexit in vanitates, & insanias falsas.

26 *Exod 14 & 17.*

27 *Judith 8. & seq.*

28 *1.Machab.11.72.*

29 *Duarte Nunes na Chron. de D.Affonso Henriq.*
Vasconcellos in Anacephaleos ad eundem Reg.n.5.
Maris Dial.2 c.4.

30 *Brito, Chron.de Cister.l 3.c.5.*
Mon.Ib Lusitan.p 3.l 10 cap.5.
Maris supra.
Diximus in tract. Lusitan.Liberate Proœm.2 §.2.ubi latè.

31 *Chron. do Condestavel D. Nuno Alvares c.54.*
Fernaõ Lopes Chron. d'elRey Dom Joaõ I.p.2 c 51.

32 *Goes Chron. d'elRey D. Manoel p.1.c.89.ad med. & c.91 ad fin.*
Osorius de reb. Emmanuel.l.3 fol. mihi 133.

erão grandiſſimas. E com eſta confiança teve glorioſo ſucceſſo.
33 O grande Andrè Furtado de Mendoça, illuſtre Joſuè deſte ſeculo em virtude, esforço, & vitorias quaſi milagroſas, as mais dellas alcançou, pelo que ſó em Deos confiava, quando menos ſe podia eſperar dos meyos humanos, que todos prometti-ão ruina. Sahia-lhe a *Fortuna* tão bizarra, que diziaõ aquelles Gentios do Oriente, aonde militava, que era Deidade, que andava na terra. Na Fortaleza de Malaca com poucos mais de cem Portuguezes padeceu quatro mezes de terribel ſitio, em que o tiverão muytas náos Hollandezas, trezẽtas fuſtas do Rey de Achem, & onze Reys circumvizinhos conjurados com os Hollandezes: & vendo-ſe falto da gente que morréra, & das muniçoens, & mantimentos, que ſe gaſtáraõ, ſolicitava ſó ſoccorro do Ceo, quando (oh maravilha!) a Imagem da Virgem Máy, que tinha em huma lamina, diante da qual fazia oraçaõ, lhe fallou com palavras taõ doces, como ſahidas daquella boca Sagrada, & lhe prometteu vencimento. Com vigor novo tornou o feliz Capitão aos poucos, que o acompanhavão, animando-os a perſiſtir na defenſa, como admiravelmente fizerão atè o hir ſoccorrer com grande Armada o Vice-Rey Dom Martim Affonſo de Caſtro, que obrigou os inimigos a levantarem o ſitio, depois de outras inſignes vitorias, alcançadas por eſte meyo de firme confiança em Deos. (Entre as quaes foy a importantiſſima do poderoſo, & valeroſo Cunhale, que levou preſo a Goa, aonde em cadafalſo publico foy degollado: pela qual a Camera, & Cidade de Goa ſahio a recebello com prociſſão, & feſtas de triunfo.) E depois de haver ſuccedido no governo da India por morte do Conde da Feyra Vice-Rey, 34 vindo para o Reyno faleceu na viagem com aquella ſanta lamina nas mãos orando, & dizendo: *Senhora, que por voſſa piedade vos dignaſtes de me fallar, promettendome vitoria, alcançayma agora neſte aperto mais importante.* O ſucceſſor de ſua caſa guarda a meſma lamina com a devida eſtimação, & ſe experimentão della maravilhoſos effeytos. He infallivel o que o Senhor prometteu: 35 *Vinde a mim todos os que trabalhais, & eſtais cançados, & eu vos darey deſcanço.* Nos negocios particulares, & domeſticos de cada hum de nòs ſe acharião mais exemplos, que os que ficaõ referidos das hiſtorias publicas; mas não he decente, nem permittido eſcrevellos.

33 *Antonio Pinto na hiſtor. de D. Luis de Atta. de l. 2. c. 3.*

34 *Dos inſignes feytos do grande Andrè Furtado, Diogo do Couto nas Decadas da Aſia 11. & 12. Manoel de Faria, & Souſa na Aſia Portugueza tom. 3. p. 1. & 2.*

35 *Matth. 11. 28.* Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati eſtis, & ego reficiam vos.

CAP.

CAPITULO XXVI.

Que ſe ha de eſperar o remedio de Deos com animo conſtante.

1 POſta firmemente a eſperança ſó em Deos, como diſſemos no Capitulo proximo, deve haver *Conſtancia*, para ſoffrer a *Fortuna* adverſa, em quanto o Senhor a naõ melhorar; poſto que tarde, não ſe ha de imaginar, que nos deyxa. *Eſperay o Senhor, obray varonilmente, & conforte-ſe voſſo coraçaõ, & tende paciencia, no que o Senhor ordena*, nos diz David. 1

2 He a *Conſtancia*, ſegundo Lypſio, 2 *hum recto, & immudavel valor do animo; que nem ſe levanta, nem abate com algum ſucceſſo, & tudo ſoffre voluntariamente ſem queyxa.* Dizemos recto, porque deve ſer juſto; o injuſto ſeria pertinacia. Dizemos, *do animo*, porque, ainda que a fraqueza do corpo repugne, a virtude eſtá, em que o animo ſe accommode com a tolerancia. Dizemos, *voluntariamente*; naõ porque ſe hajaõ de procurar adverſidades para exercitar *Conſtancia*, mas porque vindo ellas, ſe devem tolerar com boa vontade. Iſto he virtude: o outro ſeria ignorancia. 3 Ajuntamos, *ſem queyxa*; porque o homem ſe naõ deve queyxar das miſerias, a que todos naſcem ſugeytos. 4 Todos padecem por varios modos, poſto que ſe naõ vejaõ as chagas, 5 as interiores ſaõ as que mais atormentaõ. Extraordinaria couſa ſeria naõ ter que padecer. Solon em Athenas levou a huma torre hum amigo, que com muytas lagrimas ſe queyxava, & moſtrando-lhe a grande parte daquella populoſa Cidade, lhe diſſe: *Conſideray, que prantos haveria nos tempos paſſados, & ha no preſente, & haverá nos futuros dentro deſtas caſas, & deyxay de chorar como particulares voſſas adverſidades, pois ſaõ commuas aos mortaes.* 6 Só ſe pòdem chorar como commuas pelo peccado, como Job as chorou em ſi; 7 Chriſto noſſo Salvador em Lazaro; 8 & os Chriſtãos por commiſeraçaõ em Santo Eſtevaõ. 9

3 Eſta *Conſtancia* milita em todas as materias: na temperança contra a gula, na continencia contra os deleytes, & no ſeguimento de todas as virtudes. No tolerar as adverſidades ſe germana com a Paciencia, & he parte da Fortaleza, como diz o Doutor Angelico: 10 louvavel, & recomendada nas Letras Divinas, como reprovada a inconſtancia. 11

4 Para a facilitar nas adverſidades, que he o noſſo aſſumpto, convem conſiderar, quaes, & de que qualidade ſaõ as que ſentimos; 12 porque muytas vezes com payxaõ inconſiderada he mayor o ſentimento que a cauſa, a qual ſe judiciоſa-

1 *Pſalm* 26.14. Expecta Dominum, viriliter age, & confortetur cor tuum, & ſuſtine Dominum.

2 *Juſt. Lypſ de Conſtant. l.1.c.4.*

3 *Senec. Epiſt. 68 ad Lucil.*

4 *Job* 14 1 Repletur multis miſeriis.

5 *Moſtrámos acima c.9.n.1. & 3.*

6 *Refere Lypſ de Conſtant l.2.c.26.*

7 *Job* 30 *& ſæpe.*

8 *Joan.* 11 35.

9 *Act.* 8.2.

10 *D. Thom. 2.2. q.* 153. *art.* 5. *ad* 2.

11 *Jacobi* 1.4. 2. *Petr.* 1 12. *Jude* 3.

12 *Eccleſ.* 2.16. *Luc.* 9.62. *Paul ad Galat.* 33 *& ad Epheſ.* 4. 14 *& ad Hebr.* 13.9. *Jacob* 1.8. *&* 3.10.

cioſamente ſe ponderára, ficaria mais ſoffrivel. Para eſte exame conduz muyto lembrarmonos do muyto mais que vemos padecer a outros; lembrança, que ſe naõ conſola, ſerve de exemplo. O mayor mal he naõ ſaber ſoffrer: eſte he o mayor infortunio, dizia o prudente Bion. 13 ElRey Demetrio muyto exercitado em ambas as fortunas, como nota Plutarco, 14 coſtumava dizer, que o que naõ podia com a *Fortuna* adverſa, tambem naõ podia com a proſpera: 15 Neſcio mudavel como a Lua lhe chamou o Eccleſiaſtico; & ao inconſtante comparou com o Sol. 16 O neſcio padece, porque ſó vè o preſente ſem conhecer o fruto da *Conſtancia*: o Sabio eſtà immovel, porque entende, que em quanto ſoffre, merece, & tem por certo que haverá mudança, que o poderá melhorar. Por ley eterna poſta ao Mundo, tudo naſce, creſce, decreſce, morre, & na propria duração ſe muda. O Creador diſpoz tudo com certo numero, augmento, & medida, que naõ he licito exceder: atè ao Ceo, ao mar, & à terra definio termos; ſó he eſtavel quem poz eſta ley. Se o Sol tem Oriente, & Occaſo: a Lua enchente, & minguante: o mar vaſante, & creſcente: as Eſtrellas, que parecem firmes, & por iſſo tomáraõ o nome do verbo, *Sto*, 17 tem ſeus motos; & da de Venus affirma Varro por relaçaõ de outro Eſcritor antigo chamado Caſtor, que mudou a cor, grandeza, figura, & curſo: 18 os meſmos Ceos ſe movem, o ar ſe muda, a terra treme, os tempos varião, tudo com elles ſe altera: como não ſuccederá o meſmo nos homens, que ſaõ mais fracos, & pendentes daquellas influencias? O que he hoje, à manhá não ſerá. Sobrevem novidades, encontraõſe os ſucceſſos, reynaõ os intereſſes, obrigaõ-ſe os animos, & alterna-ſe a *Fortuna*, deſcendo ao bayxo da ſua roda, o que eſtava no alto, & ſubindo o que jazia cahido. Iſto, que ſuccede em todas as materias, & em todas as partes, he mais ordinario nas Cortes, como por fado; em poucos annos ſe vem as amizades, as facçoens, as valias, & o governo tão mudado, que parece hum Mundo novo: nôs meſmos o temos viſto em pouco tempo.

5 A *Conſtancia* nas adverſidades deu aos Macabeos tantos ſucceſſos glorioſos: 19 aos Romanos vencidos tornou vencedores de Annibal: livrou os Thebanos dos Lacedemonios: remio Inglaterra dos Dinamarquezes: reſtaurou Heſpanha dos Mouros: & deſcendo a exemplos de particulares, que ſaõ mais de noſſo inſtituto, ella levou a Joſeph do cativeyro ao governo do Egypto: 20 guiou a David perſeguido ao throno de Saul, que o queria matar: 21 deu gloria a Helias contra Jezabel: 22 repoz no Reyno a Manaſſés convertido a Deos, depois de tantas afflicçoens padecidas, preſo em Babylonia com pezadas cadeas: 23 & baſta na Hiſtoria ſagrada o exemplo de Job, a quem eſta vir-

tude

13 *Bion apud Anton. Max. ſerm.* 18 Eum demum infortunatum eſſe, qui infortunium ſuum æquo animo ferre non poſſit.

14 *Plutarch in Demetr.*

15 *Demetrius apud Max. p. 1. ſerm. 30* Illum, qui ſiniſtram fortunam ferre nequit, nec dextram quidem poſſe ferre.

16 *Eccleſ. 27. 12.* Homo Sanctus in ſapientia manet ſicut Sol; nam ſtultus ſicut Luna mutatur.

17 *Calepin. verbo Stella.*

18 *Varro apud D. Auguſt. de Civit. Dei l. 21. c. 8. ante med.*

19 *In lib. Macbab.*

20 *Geneſ. 41.*
21 *2. Reg. 1.*
22 *3. Reg. 19.*
23 *Paralipom. 33.*

tude reſtituihio em dobro o muyto, que perdèra. 24 Na profana, entre outros innumeraveis, foy notavel exemplo Dionyſio Tyranno de Sicilia, poſto em tanto aperto pelos Carthaginenſes, que quiz fugir a pè; diſſe-lhe Ellopidas: *O' Dionyſio, quam fermoſo he aos Tyrannos hum ornato na ſepultura!* Iſto o deteve, & com muy poucos Soldados venceu, & ſe reſtaurou. E a *Confiança*, com que Luiz, que chamáraõ Pio, Emperador, & Rey de França, ſoffreu as injurias, trabalhos, & exceſſivas miſerias, a que o reduziraõ ſeus vaſſallos, & ſeus proprios filhos, atè o privarem do Reyno, & Imperio, deſpindo-o em auto publico de ſuas inſignias: & depois de alguns annos lhe reſtituirão tudo os meſmos, que o havião deſpojado. 25 Com ſemelhante ſoffreu Juſtiniano II. Emperador de Conſtantinopla, deſpojado, & affrontado, com as orelhas, & narizes cortados por Leoncio, atè que a mudança do tempo o reſtituhio ao Imperio, & lhe deu vingança de ſeus inimigos. 26 Dom Sancho I. que chamàraõ o Gordo, Rey de Leão, ſoffreu conſtantemente deſterro por Reynos eſtranhos, atè que pela remiſſaõ de ſeu competidor Dom Ordonho recuperou o perdido. 27 O Conde Fernaõ Gonçalves de Caſtella padeceu com bom animo larga priſaõ do meſmo Rey de Leaõ Dom Sancho, até que a Infanta Dona Sancha ſua mulher o foy libertar com a aſtucia de ficar por elle no carcere, lançando-o fóra trocados os veſtidos. 28 O Papa Alexandre III. conſtantemente levou a perſeguiçaõ do Emperador Friderico Barbaroxa, fugindo disfarçado, & ſervindo hum Convento de Religioſos em Veneza, atè que por oraçoens o deſcobrio Deos, & foy reſtituido. 29 Em noſſos dias foy illuſtre exemplo ElRey da Grã Bretanha Carlos II. que vendo ſeu pay morto impiamente por ſeus vaſſallos por modo nunca viſto, ficou deſterrado com ſeus irmãos muyto meninos, & ſua mãy Princeſa clariſſima; mas atreveuſe a tomar as armas contra o Tyranno, que eſtava todo poderoſo. E vencido em batalha ſeu menor poder (ſe bem nella ſe moſtrou invencivel ſeu valor) ſoube retirarſe disfarçado, & ſoccorrido de huma mulher, que acaſo o conheceu. Andou annos por terras eſtranhas: & nem todas lhe permittiraõ refugio, receando provocar a ira do Tyranno. Tudo mais inſofrivel, por ſer eſte hum homem vil ſem qualidade. Mas aquelle animo Real ſe conſervou generoſo: & conſtantemente ſolicitou, & eſperou a reſtituiçaõ, que em fim alcançou por morte do Tyranno, melhor aconſelhado dos ſeus, & ajudado principalmente de hum inſignemente leal, & valeroſo, remunerado depois com o digno titulo de Duque de Albemar. Fora demaſiadamente prolixo referir mais exemplos, em que a *Conſtancia* nas adverſidades deu lugar a ſobrevirem bonanças, que a impaciencia impediria, ou matando o perſeguido entre deſeſperaçaõ, & triſtezas, ou tirando

24 *Job 42. Ælian. l. 4. cap. 48.*

25 *Robert. Gaguin. de Francoy. geſt l 4 in Ludovic. Pium. Nicol. Geſner in Annal. Franc. an. 829. P. Lyſieux na Philoſ. Chriſt. p 2. l. 5. ad fin.*

26 *Jul. de Caſtilh. hiſt. dos Godos l. 2. Diſcurſ. 11. Brito, Monarch. Luſit. p. 2. l. 6. tit. 4.*

27 *Marian. hiſtor. de Heſpanh. tom. 1 l. 8. c. 7.*

28 *Marian d. l 8 c. 7. ad fin. Britto d. p. 2. l. 7. c. 22 ad med.*

29 *Loredan. na vida de Alexandre III pag. mihi 58. P. Lyſieux ſuprà c. 39.*

rando-lhe o animo para obrar, & para vir a lograr o fruto das mudanças, que no Mundo ſaõ ordinarias.

30 *Eccleſ.*2.16. Væ his, qui perdiderunt ſuſtinentiam?

6 Bem diſſe o Eccleſiaſtico: 30 *Ay dos que perdèraõ a Conſtancia em ſoffrer*! Incapacitaõ-ſe para virem a ter bonanças. Eſte he nelles o mayor mal. As adverſidades ſaõ prova dos homens: elles meſmos ſe naõ conhecem, ſe não ſe experimentaõ nellas. Demetrio Falerio 31 dizia, que os Deoſes não amavão, a quem as não davaõ: porque era final de que ou ſe não lembravão delles, ou os tinhão por cobardes para combaterem. Eſte dito de hum gentio muyto ao humano, eſcuſa repetir o que os Eſcritores Chriſtãos dizem a eſte propoſito com razoens mais altas para o eſpirito: o prejuizo, ou proveyto das adverſidades eſtá em as ſaber levar: quem tiver paciencia conſtante, não perecerá, conforme a promeſſa, que Deos fez por boca do Pſalmiſta. 32

31 *Demetr. apud Bruſon. l.3.*

32 *Pſalm.9.19.*

CAPITULO XXVII.

Que a Conformidade *com Deos em qualquer ſucceſſo dà dominio ſobre a* Fortuna.

1 A Eſperança conſtante, de que tratámos no Capitulo paſſado, convem que tenha termo. Acabar primeyro de viver, que de pretender, he grande miſeria para o corpo, & para a Alma. Quem depois de largas diligencias pelos caminhos, que ficaõ apontados, naõ alcançou, entenda, que he diſpoſição de Deos para os fins, que elle ſabe, & que lha moſtra pelos effeytos, que ſaõ as vozes do Senhor para os entendidos.

1 *Supra c.13.*

2 Aſſim como diſſemos, 1 que antes de procurar ſe deve o homem reſignar na vontade de Deos: aſſim, depois de deſenganado em que não pòde conſeguir, ſe ha de conformar com ella, pelas meſmas razoens, que naquelle lugar expendemos. O meſmo Governador, que cada dia move, & revolve os Ceos, tempèra a alternativa das cauſas, ordena, & diſpoem os ſucceſſos na terra. Do alto pendem todos atados por huma cadea de ouro, como ſignificou a Fabula de Homero. 2 Daquelle Sol reſulta o Oriente, & Occidente das couſas: daquella Lua a enchente, & vaſante dos bens. O que nos dà, he ſeu: o que nos tira não era noſſo. Se recebemos a abundancia, porque não ſoffreremos a falta? 3 Os Aſtros, os Elementos, toda a natureza ſegue ſem repugnancia aquella ſumma ley. Só o homem, pó viliſſimo, & ſombra, naõ lhe ha de ſer obediente? Quer ſempre hir vento em popa neſta navegação? Quer, como os Gigantes, tirar a Deos o ſceptro do governo? Se ſe preza de racional, contente-lhe o que contenta à Sabedoria ſuprema. Naſceu com as penſoens de mortal

2 *Homer. apud Lyſium de Conſtant. l.1. c.14.*

3 *Job* 2.10. Si bona ſuſcepimus de manu Dei, mala quare non ſuſcipiemuss?

tal: levè voluntario, o que naõ pòde evitar. A verdadeyra liberdade, he obedecer a quem governa bem.

3 Quando não houvera outra razão, baſtava conſiderar o que devemos à vontade de Deos. Por ſua vontade ſem obrigaçaõ alguma nos creou, nos remio, nos ſuſtenta, nos offerece ſua graça, & nos promette ſua gloria. Por vontade a que ſomos taõ devedores, bem devemos ſoffrer alguns trabalhos: pois atè os irracionaes naturalmente ſaõ agradecidos. O açor faminto, porque larga na madrugada o paſſarinho, que na noyte fria teve entre as unhas, ſenaõ porque ſelle o eſteve aquentando? A cegonha, porque feyta piedoſo Eneas, traz às coſtas, & ſuſtenta no ninho o pay já velho, ſenão porque quando podia a criou, & alimentou? Sabidos ſaõ muytos exemplos 4 de Aguias, Leoens, Onças, Elefantes, & outros animaes, não ſó volatiles, & terreſtres, mas tambem aquaticos. Como ſe vio nos Delfins, que livráraõ Cero Pario do naufragio, em que os companheyros perecèraõ, & o puzeraõ na praya Byzantina, que os moradores admirados, por eſte ſucceſſo chamáraõ Cerancia, ſó porque elle no meſmo lugar, compadecido de ſeus gemidos, os havia livrado das redes de huns peſcadores. E morrendo o meſmo Cero depois, ſendo ſeu corpo levado à meſma praya, (que lhe eſtava dedicada) quando ſe lhe faziaõ as exequias, os Delfins com maravilhoſo inſtincto, debayxo das aguas conhecèraõ que eſtava alli ſeu libertador, & apparecèraõ junto à terra, & eſtiverão condecorando aquelle acto, atè o corpo ſer queymado, 5 conforme ao coſtume antigo. Deſte natural agradecimento em todas as creaturas, temos eſcrito largamente em outro tratado, 6 que a rémora da verdade impede chegar ao porto. Se os brutos não faltaõ a eſta obrigaçaõ, que homem ſe não envergonhará de faltar a ella? Na conformidade moſtraremos melhor, que amamos a Deos; porque amallo, porque nos creou, he reſpeyto de filhos: porque nos remio, he tributo de libertos: porque nos ſuſtenta, he agradecimento de honrados: porque nos dá graça, he correſpondencia de devedores: porque nos promette a gloria, he negociaçaõ de pretendentes: mas amallo ſó por quem he, moſtra fineza de verdadeyros amantes. Porèm amemos embora como intereſſeyros, porque ſempre nos faz bem; na ſua vontade não cabe fazer mal; tudo o que obra he infinitamente bom: levemos com goſto os bens, que nos dá encubertos nas adverſidades ſoffridas com paciencia; não olhemos para o que faz: olhemos ſó que elle o faz, para o termos por bom: elle he a regra da razaõ, quem a não ſeguir, eſtá incapaz della.

4 Com elegancia ſua diſſe o grande Agoſtinho, 7 que teve Deos por melhor fazer bens dos males, que não permitir eſtes. Permittio afflicçoens no ſeu povo, para que ſeus

4 *Apud Ariſtot de Animal. lib. 9 c 13.*
Plin. l 8. c. 16. & 17.
Elian. hiſt. Animal. l. 7. c. 43.
Gel. Noct. Atticar l. 5 c 14.
Funes, & Mendoç. ad hiſt. Ariſt l 2 c. 14 ad med.
Hieron. Hueſta nas Annot. a Plin. l 8 c. 12. & 16. l. 10. c. 3.
Valdecebro, & outros Authores.

5 *Elian. ſupr. l. 1. c. 16.*
Tiraquel. in l. Si unquam, verbo, de donatione largitus n. 67. C. de revoc. donat.
Fr. Heytor Pinto p. 2. Dial. 2 c. 12.
Hueſta ad Plinium l. 9. c. 18 que referem outros Authores.

6 *Tractatus de ſervitijs vaſſallorum remunerand. à Princip. p. 2. §. 1. à n. 1. & §. 2. à n. 3.*

7 *D. Auguſtin. in Enchirid. 11.* Melius judicavit de malis bona facere, quàm permittere mala nulla.

Reys idolatras ſe arrependeſſem. Permittio perſeguiçaõ contra a Igreja, que naſcia, porque na gloria dos Martyres a fazia creſcer. Permittio, que ſe levantaſſe hum Attila a deſtruir o Mundo, para que aquelle caſtigo do Ceo deſterraſſe vicios da Chriſtandade. Fazia, que os máos fizeſſem dos máos bons (grande milagre!) diſſe Boccio 8 Acima dèmos outros exemplos. 9 O' Sabedoria, & Omnipotencia Divina! o que parece ruina, he para conſervaçaõ do Univerſo.

8 *Boet. apud Lypſ. ſup. l. 2. c. 7.*
9 *Sup. c. 19. n. 1.*

5 O meſmo ſuccede nos particulares. Nenhum pay terreſtre ama tanto os filhos, como nos ama o Pay Celeſtial. Aos Diſcipulos diſſe Chriſto, 10 que os amava, como o amava ſeu Eterno Pay. Como ſe pòde logo crer, que naõ ordena tudo para noſſo bem, ſe nos ſoubermos aproveytar? Diſtribue por todos, como lhes convem, & ſabe o que convem a cada hum. Quantos ſerião ditoſos, ſe naõ houveſſem ſubido a proſperidades, de que cahiraõ? As hiſtorias eſtaõ cheas de exemplos. Não peçamos ſenaõ o que mais nos convenha. Pòde ſer que uſariamos mal das bonanças com eſquecimento de Deos, em couſas nocivas a nòs meſmos. Com paõ de adverſidades ſuſtenta os eſcolhidos. Sua graça he taõ precioſa, (notou hum Varão Santo 11) que naõ admitte doçura de conſolaçoens terrenas. Quem buſca ancioſo deſcanço temporal, não chegará ao eterno. Aos Diſcipulos, que tanto amava, diſſe que mandava pelo Mundo como cordeyros entre lobos. 12 *Foy-me bom, Senhor*, dizia o Pſalmiſta, 13 *que me humilhaſtes, para que aprenda voſſas juſtificaçoens.* As afflicçoens ſaõ academia para o animo, prova para as virtudes, emenda para os peccados, & merito para com Deos: fabricaõ a morada celeſte: ſaõ pay, que como a meninos nos tira das mãos a faca, para que nos naõ firamos, ainda que choremos por ella. Pay, que nos remedea, quando parece que caſtiga. Maltrataõ no exterior, deyxando intacto o principal: como ſe diz dos Perſas, que quando querem caſtigar hum varão illuſtre, ſó lhe tiraõ as inſignias, que veſte, & ſuſpenſas as açoutão ſem tocarem na peſſoa. 14 As proſperidades ſaõ mãy, que nos corrompe, em quanto nos afaga. Quantas vezes dellas ſe tirão dores? He juſto juizo de Deos, que o que ſe buſcou com exceſſo de goſto, naõ ſe acabe de lograr ſem amargura, & confuſaõ. 15

10 *Joan. 15. 9.*

11 *Thom de Kẽp. de Imit. Chriſt. l. 2. c. 53 in princ.*

12 *Matth. 10. 16 Luc. 10. 3.*
13 *Pſalm. 118 71* Bonum mihi, quia humiliaſti me, ut diſcam juſtificationes tuas.

14 *Refert Lypſ. de Conſtant. lib. 2. cap. 9.*

15 *Kempis ſupr. l. 3. c. 12 n. 3.*

6 Sendo pois noſſo util a conformidade com a Divina diſpoſição, neſcio ſerá, quem a não abraçar com goſto. Mas ſe a ignorancia, & natural fraqueza naõ admitte goſto, accommode-ſe com paciencia, ſinta a dor, ſem ſe deyxar vencer della. O tempo de merecer he o de padecer. Se ſe lembrar do que intereſſa, achará deſcanço. Coſtumava dizer hum daquelles famoſos Padres do Ermo, que não podia o homem ter verdadeyro deſcanço, & contentamento neſta vida, ſe-

não

não fizeſſe conta, que no Mundo ſómente eſtava Deos, & elle. 16 E São Dorotheo 17 conta, que aquelles Padres tinhaõ grande exercicio em tomarem todas as couſas como vindas da mão de Deos, por pequenas que foſſem, & de qualquer maneyra que vieſſem; & que com iſto ſe conſervavaõ em quietação, & viviaõ huma vida do Ceo. Deſte modo, diz outro Santo, & prudentiſſimo varão, 18 não neceſſita o homem de remedios, ou conſolaçoens humanas. Só eſta he a paz do coração, & a quietação do eſpirito: fóra diſto tudo he duro de ſoffrer.

16 *Refere o Padre Affonſ. Rodrig nos Exerc eſpirit. p.1 t at.8.c. 1 in fin*

17 *S. Doroth. doct. 7.*

18 *Kempis ſupr. l.1 c. 12.n 2. & l.3.c.15.n.4.*

7 Eſte he o infallivel meyo de dominar a *Fortuna*, meyo que eſtà na maõ de cada hum de nòs. Perſigão os homens: enfureçaõ-ſe os mares: abraze a terra: fulmine o Ceo: altere-ſe a natureza: tudo ſuccede à vontade de quem ſe confórma com a de Deos. Não offende a *Fortuna*, antes lhe obedece, pois anda a ſeu goſto em todos os ſucceſſos.

CAPITULO XXVIII.

Aponta ſe, como ſe facilitará mais a Conformidade *com a vontade de Deos.*

1 SEneca, Boecio, Petrarca, 1 & outros Eſcritores ſobre eſta materia deraõ largamente excellentes razoens, que aliviando o ſentimento na adverſa *Fortuna*, fazem mais facil a *Conformidade* com ella, como diſpoſiçaõ Divina. Seria ſuperfluo repetir o meſmo. Diremos, poſto que com menos elegancia, o mais que ſe nos offerece para o intento.

1 *Senec. de remed. fortun. Severin. Boet. de Conſolat. Petrarch. de remed. fortun. l.2.*

2 Os antigos Filoſofos conhecèrão ſós tres eſpecies de morte correſpondentes a tres eſpecies de vida, vegetativa, ſenſitiva, & natural. Os Eſtoicos conſideráraõ neſta terceyra outra morte, & outra vida, que era morrer, ou viver à fama. 2 Os Doutores Sagrados 3 ajuntáraõ mais duas, viver, ou morrer à graça: viver, ou morrer ao peccado.

2 *Tol. in Paradox* Mors terribilis eſt his, quorum cum vita omnia extinguũtur; non his, quorum laus emori non poteſt.
Tacit. hiſt. lib. 1.
Mors omnibus ex natura æqualis eſt; oblivione apud poſteros, vel gloriâ diſtinguitur.
Virgil. Æneid. 10.
Stat ſua cuique dies, &c. Sed famam extendere factis, Hoc virtutis opus.

3 Estа morte, ou eſta vida, nota Saõ Gregorio Nyſſeno, que eſtà na mão do homem. Somos pays de nòs meſmos, diz o Santo, dandonos o naſcimento, que queremos. 4 Chriſto Senhor noſſo explicou no Evangelho 5 eſte naſcimento. Hum Eſcritor 6 de grande eſpirito diſſe, que ſe queremos naſcer à graça, naſcemos varoens fortes, que o Demonio teme como Faraò temia os meninos Hebreos, que naſciaõ, & por medo os mandava affogar. 7 Se ao peccado; naſcemos femeas fracas, que o Demonio não teme, nem Faraò temia. E aſſim nos adverte o meſmo Saõ Gregorio 8 em outro lugar: *Procuremos naſcer de modo, que noſſo naſcimento ſeja moleſto a noſſo inimigo.*

3 *D. Ambroſ ſup Luc.*
4 *D. Gregor Nyſſen. homil 6. in Eccleſ.*
Id quod vult quiſque naſcitur; nobis ipſis quodãmodo patres ſumus.
5 *Jean. 3.*
6 *P. Lyſieux na Philoſoph. Chriſt. p.2. no princip.*
7 *Exod. 1. 16. & 22.*
8 *D. Greg. Nyſſen. de vit. Moyſis.*
Studeamus ita naſci, ut hoſti noſtro partus noſter moleſtus ſit.

4 A vida ao peccado he a que chamamos *vida dos ſentidos*, ou *viver ao Mundo*. O Profeta Ezequiel 9 lhe chamou *vida de ſangue*. Chriſto Senhor noſſo, 10 *vida de carne*. Santo Agoſtinho 11 a comparou á vida do Demonio. He aquella, com que o homem vive a ſi meſmo ſegundo homem, tratando ſó de ſi, & ſó comſigo, comprazendo-ſe em ſi, & governando-ſe por ſi, ſem ſe referir a Deos tendo o por ſeu tudo, como he obrigado conforme ao recto de ſua creação. A vida à graça he em tudo contraria. Vive principalmente a Deos, & ſegundo Deos: tudo lhe attribue, toda ſe lhe refere, ſegundo a rectidão, com que foy creada: ſobmette os ſentidos à razão, & a razão a Deos.

9 *Ezechiel.16.6.*
10 *Joan.3.6*
11 *D. Auguſtin de Civit Dei l. 14.c.1 & 4.*

5 Aquella he tão arriſcada, que não ſó o homem não deve viver ſegundo homem, mas nem os Anjos devem viver ſegundo Anjos: que por iſſo, diz o meſmo Santo Agoſtinho, 12 cahio Lucifer com ſeus ſequazes. Tomou Lucifer preceytos de ſi meſmo, gozando-ſe na ſua natureza Angelica, achando complacencia de ſuas perfeyçoens como proprias, devendo deſpirſe de ſuas intelligencias, ſahindo-ſe de ſi meſmo, & pondoſe em Deos, cuja vida he regra de todas as vidas. Pelo contrario os Anjos Santos renunciando tudo o que tinhaõ, tudo attribuiraõ a Deos, & já entaõ interiormente praticáraõ em ſi a abnegação, & deſprezo proprio, que o Senhor depois aconſelhou no Evangelho. 13 Cada hum acha o que buſca; quem buſca a Deos, acha a Deos; quem ſe buſca a ſi, acha-ſe a ſi, que ſem Deos ſe ha o mayor inimigo. 14 Como quer o homem viver como homem, ſe nem os Anjos devem viver como Anjos, & ſe tornáraõ demonios os que aſſim quizeraõ viver?

12 *D Auguſt.d.c.4.*
Nec Angelo ſecundùm Angelũ ſed ſecundùm Deum, vivendum fuit, ut ſtaret in veritate.

13 *Matth.16.24.*

14 *Thom.de Kẽp.de Imit.Chriſt. l.2.c.7.n.3.*

6 Tal vida he bem que morra, & que nòs meſmos a matemos em nòs meſmos; que ſem a matarmos não ha de morrer por ſi como a natural; porque he mais forte, & naõ lhe he nocivo o que he nocivo a eſta. A eſta natural (diz Santo Agoſtinho 15) temeramos menos deſaſtres, ſe fora de vidro: porque o vidro com ſe guardar fechado ſe conſerva ſeculos, & não eſtá expoſto a doenças, que naõ podemos evitar. Pelo contrario a vida dos ſentidos, & carne vive em todos os climas, com qualquer mantimento, ſem temor de animaes venenoſos, nenhum perigo recea, ſuſtenta-ſe entre os frios da Scythia, entre as calmas de Guinè, com manjares groſſeyros, mordida de aſpides, viſta de Baſiliſcos: em quanto o homem vive, ella vive, & quando o homem morre, ella não morre, pois ao outro Mundo o acompanha. Para que morra, he neceſſario que a matemos ſem crime de homicidio, antes com a virtude, que o Divino Meſtrè enſina, 16 pois he tão oppoſta à vida da graça, como o mal ao bem, o Inferno ao Ceo, & a dous ſenhores tão encontrados ninguem pòde ſervir. 17

15 *D Auguſtin.ſerm.1.de verb. Domin.*
Si vitrei eſſemus, minus caſus timeremus, &c.

16 *Joan.12.25.*

17 *Matth 6.25.*

7 Mas como mataremos eſta vida, ſe tanto a amamos? Como o menino quer mais à ama que lhe dà o leyte, que à mãy que o gerou: & já creſcido mais quer à mãy que o afaga, que ao pay que o doutrina: aſſim o homem, com juizo pueril, mais ama a vida dos ſentidos, que o regala, que a natural, em que ſubſiſte, porque eſta ordinariamente lhe dá trabalhos. Por iſto muytos animoſamente arriſcaõ a natural, & não tem animo para deyxarem a delicioſa; mais ſentem offenderſe-lhes a vida dos ſentidos, que a natural. Alexandre Magno teve valor para beber a purga, que lhe deu ſeu Medico Filippo, eſtando aviſado de que o queria matar com ella: & matou a muytos, por naõ poder ſoffrer; que o notaſſem de alguns vicios. 18 Eſtarchatero Rey de Dinamarca por huma leve cauſa quiz morrer, & deu hum precioſo collar a Hotero, porque lhe cortaſſe a cabeça. 19 E Herodes Rey de Judéa cortou a cabeça ao Baptiſta, porque o advertio de hum peccado. 20 Por iſto diſſe Tertulliano, 21 que os prazeres do corpo tiravão mais ſoldados a Jeſu Chriſto, que os martyrios dos Tyrannos. E aſſim o meſmo Senhor 22 propoz aos peccadores para o juizo final a pena do fogo, que he dos ſentidos, & não a da privaçaõ da viſta de Deos, porque eſta temeriaõ menos, ſendo muyto mayor.

18 *Q. Curt. hiſt. Alex. l. 3. ante med. & l. 6. ac alibi.*

19 *Saxo l. 8. Diſſemes no trat Eva, & Ave, p. 1. c. 36. n. 13.*

20 *Matth. 14. à n 4. Marc. 6. à n. 18.*

21 *Tertullian. l. 5 teſt. c. 2.* Plures invenies, quos magis periculum voluptatis, quàm vitæ àvocat ab hac ſecta.

22 *Matth. 25 41.*

8 He verdade, que talvez a conſciencia accuſa, 23 o juizo conhece o mal, a vontade começa a aborrecello, porque a virtude naſce em nòs com a natureza racional, & ſe chama *Syndereſis*; ou *Synereſis* aquelle conhecimento, que a luz da razaõ tem dos primeyros fundamentos, & principios da virtude, & aquella inclinação a ella, que a eſta luz correſponde ſem noſſa vontade. Aſſim como, conhecer que devemos amar a quem nos faz bem: & que naõ façamos a outro, o que naõ queremos que a nòs ſe faça. Eſta conſerva huma faiſca da natureza rectamente creada, que pelo peccado de noſſo primeyro pay ficou cuberta com as cinzas da corrupção. A qual ſcintilla he a razaõ natural, para diſcernir o mal do bem. Mas naõ tem perfeyto, & efficaz lume da verdade, nem forças para ſe livrar das cinzas, que o affogaõ. E o máo habito he taõ poderoſo, que continùa contra a vontade: obra o homem (como diz o Apoſtolo 24) contra o que quer; amando o bem ſegue o mal, conhece o mal do Mundo, & com tudo o ſegue. Santo Agoſtinho 25 confeſſou, que aſſim lhe ſuccedia, quando cuydava em ſua converſaõ: que fluctuava em cuydados: que os ventos o impelliaõ a huma, & outra parte: que buſcava o de que fugia: que ſe reſolvia, mas dilatava: que aſſim paſſava o tempo de dia em dia, & cada dia morria em ſi meſmo.

23 *Pſalm. 50 5.* Peccatum meum contra me eſt ſemper.

24 *Paul. ad Rom. 7. 15.* Non enim quod volo, bonum hoc ago, ſed quod odi malum, illud facio.

25 *D. Auguſt. Confeſſ. l. 6. c. 11.*

9 Iſto não he falta de liberdade: he falta de valor: a liberdade he remiſſa em uſar de ſeu poder; ſem ſer forçada ſe deyxa levar dos ſentidos; ſendo ſenhora ſe faz eſcrava, de

quem lhe deve obedecer: por vaidade, ou por preguiça, & negligencia ri, quando devera chorar. 26 *Trabalhay* (diz São Paulo 27) *como bom Soldado de Chriſto JESU.* Trabalhemos em pelejar contra os ſentidos: quem mais combate, mais merece. Vencidos elles, he muyto facil vencer tudo o mais. Se eſtamos mal coſtumados, hum coſtume ſe vence com outro contrario. O valor naõ conſiſte nas forças corporaes, ſenão na virtude do animo. 28 Aſſopremos aquella faiſca natural, de que diſſemos, & ſe alentará: quanto mais ſahirmos de nòs, tanto mais nos chegaremos a Deos.

10 Muytas vezes nos reſolvemos bem; mas naõ executamos. E ſem execuçaõ nada val a reſoluçaõ. Ao grande Capitaõ Antonio de Leyva, celebre nas guerras de Caſtella com Françi, nomeavaõ muytos vulgarmente com o titulo de *Senhor.* E ſe diz, que ganhou tanta honra, porque nunca entrou em conſelho ſem reſolver, & nunca reſolveu ſem executar. Neſte Soldado da terra aprendamos a milicia do Ceo: E melhor, porque neſta não he impedimento para a execuçaõ; reſolver, & retardalla, he o meſmo, que naõ reſolver. O que ſe determina para à manhã, *porque ſe naõ fará logo?* dizia Santo Agoſtinho, 29 quando dilatava de dia em dia ſua converſaõ; & com iſto a executou. Se hoje morrermos, aonde eſtaremos à manhã? Aonde hiremos fazer, o que naõ fazemos aqui? A morte nos tirará deſtes cuydados, & naõ ſabemos aonde noſſa negligencia hirá parar.

11 Por mais que as hiſtorias digaõ, por mais que a fama brade, não houve no Mundo varaõ tão entendido, & valeroſo, como foy qualquer Santo. Entendeu melhor que todos, o que convinha: executou melhor que todos, o que entendeu. Alcançou vitoria do mais forte inimigo, que foy elle meſmo. De Alexandre, conquiſtador de grande parte da Europa, & de quaſi toda a Aſia, refere Quinto Curcio 30 por acção de eſpecial valor, ſugeytar os ſentidos vendo a Syſigambis mulher de Dario, a mais fermoſa de ſeu tempo. E de Scipiaõ Africano, vencedor de tantas batalhas, & do quaſi invencivel Annibal, diſſe Plutarco, 31 que era celebrado de todos os Eſcritores por exemplar de valor, pela continencia, de que uſou com a nobre donzella Heſpanhola, que ſe lhe levou priſioneyra. Nas outras occaſioens vencéraõ Alexandre, & Scipião, aos que pudèraõ ſer vencidos delles: neſtas vencèraõ a ſi proprios, que náo pudéraõ ſer vencidos de outrem. O meſmo valor moſtrárão com melhor eſpirito em occaſioens ſemelhantes os abalizados Santos, S. Bento lançando-ſe nos eſpinhos; S. Franciſco lançando-ſe nas brazas; S. Bernardo, & outros Soldados de Chriſto, como ſe lè nas ſuas vidas. O muyto, que obráraõ, nos deve animar a ſeguillos.

12 Por eſta maneyra fica moſtrado, que a vida dos ſentidos nos engana, & em quanto a naõ matarmos, naõ poderemos

26 *Kempis ſup l* 1. *c.* 21. *n.* 2. *in princ.*
Sæpe vanè ridemus, quando meritò flere deberemus.

27 *Paul* 2. *ad Timoth.* 2 3.
Labora ſicut bonus miles Chriſti Jeſu.

28 *D. Ambroſ. Offic. l.* 1. *c.* 36.

29 *D. Auguſt. Confeſſ. l.* 8 *c* 11.
Quandiu, quandiù? cras, & cras? Quare non modo? Quare non hac hora finis turpitudinis meæ?

30 *Q. Curt. hiſt. Alex. l.* 3 *prope fin.*

31 *Plutarch. in vit. Scipion. Valer. Maxim. l.* 4 *c.* 3. *n.* 1.

remos conformarnos perfeytamente com a *Fortuna* dos ſucceſſos, & vontade de Deos. Porque a natureza humana he impaciente, & remiſſa em obrar a virtude, & fragil em desfalecer, porque ſe inclina ao deſcanço, & repugna ao trabalho com todas as ſuas forças. E quando a Alma eſcuta, & contemporiza com as inclinaçoens da parte animal, & lhe dá a maõ, ella a toma de ſorte, que ſe faz ſuperior às forças da razaõ, & do eſpiritõ, & o reduz a perigoſa, & vil ſervidaõ. Fica tambem moſtrado, como ſe ha de matar eſta vida, & morta ella, entrará a da razão, & da graça, que, como diſſemos, vive em Deos, & ſegundo Deos, attribuindo-lhe, & referindo a elle tudo: & aſſim ſe conformará o homem com ſua diſpoſiçaõ.

13 Quem por eſta conformidade deyxar tudo o mais, achará verdadeyro tudo, que he ſó Deos, como lhe chamava o Serafico S. Franciſco. 32 Nada do que parece he: ſó Deos he verdadeyramente. 33 Já Platão o diſſe. 34 Que juizo pòde deyxar de ſe conformar com o que he: & ſeguir o que naõ he? Que prudencia, deſprezar o tudo, & deſejar o nada? Deſengane-ſe o homem, que ainda que tivera todos os bens creados, naõ fora feliz, como bem lhe adverte hum grande varaõ naõ me nos prudente, que ſanto. 35 Naõ ha bem ſenão em Deos Creador de tudo. Naõ ſe acerta, ſenaõ conformando-ſe com elle. Só niſto ſe tem ſaude, ſe vive alegre, & ſe domina todo o Mundo. Dá tanto goſto a quem o experimenta, que ſe deſejaõ penas para goſtar mais. Fazem-ſe ſummamente ſuaves na eſperança certa do fruto copioſo. Quem naõ provou eſta doçura, cuyda que ſe padece; & goza-ſe a mais doce paz, como dizia. 36

32 Deus meus, & omnia.
33 *Exod.*3.14. Ego ſum, qui ſum.
34 *Plato apud Senec. Epiſt.*39. *ad med.*
35 *Kemp. de Imit. Chriſt. l.*3. *c.* 16. *in princ.*
36 *Sapient.*3.

CAPITULO XXIX.

Que ſe deve deſprezar a Fortuna, *para ſeguramente a dominar.*

1 POſto que a *Conformidade* com Deos domine a *Fortuna*, como fica dito: convem ſegurar eſte dominio dos combates do inimigo, que temos em nòs meſmos. Noſſos appetites procuraõ ſempre ſepararnos de Deos. Se huma, & mais vezes os vence a razaõ, não perdem o animo de ſe rebellarem com armas de conveniencias apparentes. He neceſſario tirarlhas, moſtrando mais, que a que chamaõ *Fortuna*, nenhuma couſa tem eſtimavel para ſe appetecer, ou cauſar triſteza.

2 A eſtimaçaõ ſe mede pelo preſtimo. A que chamaõ *Fortuna*, para nada preſta. Logo em nada ſe deve eſtimar. Que para nada preſta, ſe moſtra; porque (na opiniaõ do Mun-

Mundo) ſó preita, para dar, ou tirar, o que ha na terra. E iſto he tudo vaidade, como diſſe Salamão, 1 depois de confeſſar, que gozára todos os deleytes, que deſejáraõ ſeus olhos, & quanto appetecèra ſeu coraçaõ. 2 Salamaõ, que logrou a melhor *Fortuna* em ſabedoria, riquezas, imperio, fama, 3 & por todas as vias tanta gloria, que Chriſto Senhor noſſo 4 o trouxe por exemplo da mayor, que no Mundo ſe podia achar: *Em tudo vi vaidade*, repetio outra vez. 5

1 *Eccleſ.*1.2. Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.

2 *Eccleſ.*2 10.

3 *Referimos particularmente no trat. Eva, & Ave, p.*1.*c.*41.*n.*11.

4 *Matth.*6.29. Nec Salomon in omni gloria ſua.

5 *Eccleſ.*2.11. Vidi in omnibus vanitatem.

5 Por fé, ſem outra prova, deveramos crer, o que por bocca daquelle Rey Sabio diſſe o Eſpirito Santo. Mas pois cremos ſó a nòs meſmos, vejamos o que em nòs ſentimos. Se conſideramos, o que vimos, o que logramos, o que por nòs paſſou em qualquer materia, & em qualquer idade, achamos, que naõ differe hoje daquillo meſmo, que alguma vez ſonhámos, de que na manhã temos ſó a lembrança: Seneca 6 diſſe, que ſaõ idèas de Plataõ, Centauros, Gigantes, & outras couſas, que imaginamos, ſem terem ſubſiſtencia. E ſendo Ethnico, ſe eſpanta de que anhelamos a iſto, como ſe ſempre houveſſe de ſer, & ſempre o houveſſemos de poſſuir. E proſegue: *Oh lancemos o animo àquellas couſas, que ſaõ eternas: olhemos para o alto, diſcorrendo muytas vezes pelo que ſaõ todas as couſas.* Que differença ha hoje do que lemos das Monarquias, que acabáraõ, ao que lemos da Monarquia de Jupiter, & de outras fabuloſas? Que differença dos Principes, dos ſeus validos, & Miniſtros, que ha muyto pouco tempo conhecemos, aos que vimos figurados em comedias? Bem lhes chamou Saõ Paulo 7 repreſentantes. Gilimet Rey dos Vandalos vencido por Beliſario, & levado preſo ao Emperador Juſtiniano, quando o vio no throno com a mayor mageſtade, ſorrindo-ſe, repetio em voz alta o dito de Salamaõ: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas.* 8 Hormiſta Perſa perguntado, que lhe parecèra a Corte de Roma triunfante, reſpondeu: *Que ſó lhe contentára della aprender, que tambem alli ſe morria.* 9 E em Cortes Chriſtãs naõ aprendem iſto tantos, que cada dia o vem por ſuas proprias caſas, & vivem como ſe tiveſſem algum privilegio eſpecial. Deſenganem-ſe, que a morte, ſem mandar aviſo, correndo com pès de lã para naõ ſer ſentida, chega quando menos ſe cuyda. 10 E ao que morre, o meſmo he haver ſido o mayor homem, que o mais vil. Só leva comſigo para ſempre as obras, que fez em qualquer eſtado. 11

6 *Senec. Epiſt. ad med.* Nihil horum ſtabile, nec ſolidum eſt; & nos tamen cupimus tãquam ſemper futura, & ſemper habituri: Mittamus animum ad illa, quæ æterna ſunt, mitemus in ſublime volitantes rerum omnium formas.

7 *D. Paul.*1.*ad Corinth.*7.31. Præterit enim figura hujus Mundi.

8 *Refert Paul. Diacon. l.*6.*hiſt.*

9 *Refert Amm. Marcel. l.*10.

10 *Luc.*12 40. Qua horâ non putatis.

11 *Apocalyp.*14.13. Opera enim illorum ſequuntur illos.

4 Replíca o mundano, que ainda que o paſſado ſe tornaſſe em nada: o bem, ou mal preſente he realidade ſenſivel. *Oh groſſeria, & dureza do coraçaõ humano*, (exclama hum Varaõ Santo 12) *que ſó medita no preſente, & não prevè o futuro!* Se bem conſiderára, conhecèra, que aſſim como o que paſſou, já não he; aſſim o que he, não ſerà, & já foge, quando parece que he. He, & não he, como rio, que correndo tem o meſ-

12 *Kempis de Imit. Chriſt l.*1.*c.*23 *n.*1. Oh hebetudo, & duricies cordis humani, quod ſolum præſentia meditatur, & futura non magis prævidet?

meſmo nome, não as meſmas aguas. *Eu meſmo* (dizia Seneca 13) *em quanto digo iſto me mudo, & já não ſou o que era.* Para que tanta afflicção pelo tão pouco duravel? De que ſerve deſejar o que ſe não pôde poſſuir? O coraçaõ he a couſa mais excellente, que o homem tem. 14 E aſſim o homem ſabio, & brioſo o naõ deve empregar ſenaõ no mais excellente, que he o celeſte. Empregar o mais alto no mais bayxo he falta de brio, & de entendimento. As couſas temporaes ſaõ ſó para uſadas: ſó as eternas para deſejadas. 15

5 Sendo pois vaidade tudo o que ſe diſtribue, a que chamão *Fortuna*, facilmente nos devemos perſuadir a deſprezalla, & não a ſentir ſeus ſucceſſos. Quem ſe affligir com os que parecem adverſos, culpe ſómente ſua propria ignorancia, como em Ovidio dizia a namorada Philes na auſencia de ſeu amado: *Sou ferida de minhas proprias armas, pois te dey navio para me fugires.* 16

6 He verdade que para facilmente deſprezar tudo, he neceſſario (como diz Seneca 17) deſprezarſe o homem primeyro a ſi meſmo. Iſto ſe conſegue, querendo viver à vida da graça para Deos, não para os ſentidos do corpo, como moſtrámos no Capitulo paſſado. Verá a verdade, ſe cerrar os olhos aos appetites, & às payxoens: Chriſto Senhor noſſo cegou a Saulo para não ver a terra, quando o quiz converter às couſas do Ceo. 18 E já o Patriarca Jacob, Saõ Joſeph, os Reys Magos, & Saõ Pedro tiveraõ as viſoens celeſtiaes, quando tinhaõ os olhos cerrados dormindo ao Mundo. 19 E noſſos primeyros pays, tanto que abriraõ os olhos 20 ao deleyte, ſe fizeraõ peccadores.

7 Neſte deſprezo ſe oſtenta o mais alto valor. Diante de Filippe Rey de Macedonia diſputáraõ Filoſofos, qual era a mayor couſa do Mundo? Hum diſſe, que o Gigante Atlas, ſobre cujos hombros eſtava fundado o eſpantoſo monte Ethna: outro que o monte Olympo, do alto do qual ſe deſcobria todo o Mundo: outro que o Poeta Homero, tão famoſo, que pelejáraõ ſete grandes Cidades ſobre qual era ſua Patria, para poſſuir ſeus oſſos: outro que o Sol, porque alumiava tudo: outro que as aguas, porque dellas havia mais que de todas as outras couſas juntas. O que melhor reſpondeu diſſe, que ſó era grande o animo, que deſprezava grandezas. 21 Mais valor he neceſſario para ſaber perder, que para ſaber alcançar: mais para deſprezar, que para emprender. Mais celebrados ſaõ os que affectáraõ pobreza, que os que foraõ muyto ricos, & os Principes, que recuſáraõ Monarquias, que os que as ganháraõ. Só os fracos de eſpirito ſe entriſtecem pelos ſucceſſor da terra, dizia hum prudente Santo: 22 *Aos entendidos ſabem as couſas ao que ſaõ, naõ ao em que ſe eſtimaõ.* 23 Sempre ſerá pequeno quem as tiver por grandes.

13 *Senec. Epiſt. 59. poſt med.* Ego ipſe, dum loquor mutari iſta mutatus ſum.

14 *Hugo l. 1. de Anima.*

15 *Thom. à Kemp ſup. l. 3. c. 16. n. 1 in fin.* Sint temporalia in uſu, æterna in deſiderio.

16 *Ovid. Ep.* Remigiumque dedi; quo me fugiturus abires: Heu patior telis vulnera facta meis.

17 *Senec. ep. 85.* Facile contemnit omnia, qui ad contemptum ſui venit.

18 *Act. 9. 8.*

19 *Geneſ. 28. 11. Matth. 1. 20 & 2. 13. & 19. & ead. c. v. 13 Act. 12. 8.*

20 *Geneſ. 3. 6. & 7.* Et aperti ſunt oculi amborum.

21 *D. Ant. de Guevara no Menoſprecio de Corte cap. 1.*

22 *Thom. à Kemp ſup. l. 1. c. 6.*

23 *Idem l. 2. c. 1. n. 7. in princip.* Cui ſapiunt omnia, prout ſunt, non ut dicuntur, aut æſtimentur, hic verè ſapiens eſt.

8 Eſte deſprezo ſuppre a poſſe do que ſe pudera deſejar. Com ſeu illuſtre juizo diſſe Saõ Joaõ Chryſoſtomo: 24 *Deſprezay as riquezas, & ſereis rico. Deſprezay a gloria, & ſereis glorioſo. Deſprezay os males dos inimigos, & entaõ os vencereis. Deſprezay o deſcanço, & entaõ o alcançareis.* Tudo o que ſe deſpreza, ſobeja. He nobre modo de dominar a *Fortuna*, deſprezalla. 25 *Homens* (nos clama David 26) *atè quando ſereis duros de coraçao? Para que amais a vaidade, & buſcais a mentira?*

9 Porèm adverte-ſe que eſte deſprezo naõ deve ſer inſenſivel, como o dos corpos ſem vida, nem cego, como o dos brutos, mas por beneficio da razaõ, conhecendo o bem, & o mal, a pouca valia de todas as couſas, & o acerto com que Deos as diſpoem, como diſſemos nos Capitulos precedentes.

24 *D. Chryſoſt. 3. Ep. ad Hebr.* Contemne divitias, & eris locuples; contemne gloriã, & eris gloriosus; contemne ſupplicia inimicorum, & tunc eos ſuperabis; contemne remiſſionem, & quietem, & tunc eam recipies.

25 *Senec. de vit. B at. c. 5.*

26 *Pſalm. 4. 3.* Filii hominũ uſquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem, & quæritis mendacium?

CAPITULO XXX.

Que finalmente com viver à razão, & não ao coſtume ſe domina a Fortuna.

1 NAõ ha quem não experimente males; porèm com differença: que o prudente os previne, o tímido os finge, o neſcio os acha, o temerario os buſca, o circunſpecto os evita, o pouco venturoſo os encontra, o juſto os não teme, o ſabio os deſpreza. Quem vive à razão, & naõ ao coſtume, domina a *Fortuna*.

2 A natureza ſe contenta com pouco. Para iſto ninguem he pobre, dizia Seneca. O mais he ſuperfluo. Quem limita ſeus deſejos ao que pòde, compita com Jupiter na felicidade, 1 porque eſtarà quieto, fóra de temores, livre de pretençoens, independente dos tempos, ſeguro em ſi, ſuperior a tudo. Trabalhou, fez o que lhe foy poſſivel, não faltando às diligencias, que neſte tratado vimos por conſelho, & doutrina dos grandes Meſtres: naõ conſeguio, contente-ſe com ſua ſorte, & ſerá feliz, dizia Demetrio, Bion, 2 & todos os Sabios.

1 *Senec Ep. 15.* Intra quæ quis deſideria ſua claudit, cum ipſo Jove de felicitate contendet.

2 *Demetrius apud Max. ſerm. 22. Bion apud Stob.*

3 Para ſe contentar, viva à razaõ, naõ ao coſtume. Para viver ao coſtume, nada baſta: para viver à razão, poucas vezes falta. Porque o coſtume he inſaciavel, a razaõ moderada. Ninguem tem poſſibilidade para o que ſe uſa: tudo ſe poſſivel a quem ſegue a razaõ: uſos deſtroem a fazenda, & juntamente a vida no cuydado dos empenhos, & nas ancias de adquirir, & tal vez a honra, & a conſciencia nos meyos illicitos. Dos uſos naſcem contendas, pundonores eſcuſados, ambiçoens, & outras demaſias, que atormentão. O que ſe deve uſar, ajuſta-ſe com o poder, & livra-ſe de penas, que impedem a quietaçaõ. Os que andaõ ao coſtume, imaginão que

he razaõ, porque o ſeguem muytos. Mas por iſſo meſmo he erro, porque a turba nunca acerta. Replicão, que muytos grandes approvaõ. Tambem eſſes ſaõ turba, & vulgo, a quem com boa luz vè, & diſtingue ſó pelos animos. 3 Andando ao coſtume ſe arruinaõ huns aos outros. Os primeyros inventores não errárão ſó para ſi, mas tambem para os mais. Vão cahindo de montão, huns ſobre outros, como em hum grande aperto de concurſo de gente, que deſce huma eſcada. Daqui naſce a mayor parte das queyxas, dos que ſe queyxaõ da *Fortuna*; porque cahirão em pobreza, & não chegão aos lugares, & fauſtos, a que ſe coſtuma chegar. Se quizeſſem viver à razão, viverião felices, accommodando-ſe com o que baſta para viver à honra, & virtude. Verifica-ſe o que já em outra parte advertimos com Petrarca, 4 que buſcaõ com eſtudo cauſas de miſerias, & alimento de dores, fazendo triſte negociação da vida, que lhes fora alegre, ſe ſe governaſſem bem. Com grande juizo diſſe Anaxagoras, 5 que os infelices ſaõ os que o vulgo tem por felices: & os felices ſaõ os que elle tem por mal afortunados. Porque na realidade os que campaõ ao coſtume ſaõ miſeraveis: & os que ſe contèm nos limites da razão, lográo felicidade.

3 *Senec. de vit. beat. c. 1.*

4 *No trat Eva, & Ave, p 1. c. 32. n 3.*
Petrarch. de proſp. & adverſ. Fort. in Præfat ad Ajon.

5 *Anaxag. apud Valer. Maxim. l. 7. c. 2.*

4 Por concluſaõ infallivel, ſempre por todas as vias em tudo ſe deve abraçar conſtantemente a virtude, que he a mayor razão. Ella por ſi ſó adoça muytas penas: *Tende boa conſciencia, & tereis ſempre alegria*, diz o Santo Thomàs de Kempis. 6 E em outro lugar: 7 ſem ella, ainda que poſſuiſſem todas as couſas creadas, naõ ſe pòde ſer feliz. Atè os Gentios o enſinavão. Antiſthenes, que aſſim como naõ havia banquete ſem converſação, aſſim não havia riquezas goſtoſas ſem virtude. Que era arma invencivel, que para fazer felices, ſó neceſſitava de valor conſtante. 8 Epicteto lhe chamou fonte perenne de agua copioſa, doce, & pura, livre de ſe poder turbar. 9 Phocion affirmou, que por ley Divina ſó ella era poderoſa, & tudo o mais era vaidade. 10 Seneca, que he a couſa unica, que os mortaes tem immortal. 11 Salluſtio, que tudo o mais paſſa, ſó ella he ſempre clara, & eterna. 12 Tacito, que he ſó o bem proprio do homem. 13 Plauto, que quem a tem, tem todos os bens. 14 Ageſilao, ouvindo cognominar *Grande* ao Rey da Perſia, diſſe: *Como ſerà mayor que eu, ſe naõ tiver mayor virtude?* 15

6 *Kempis de Imit Chriſt. l. 2. c. 6. n. 2. in prine.*
Habe bonam conſcientiam, & habebis ſemper lætitiam.
7 *Idem l. 3. c. 16. n. 2. in prine.*
8 *Antiſthenes apud Laert. de vit. Philoſoph. l. 6.*
Et apud Stob. ſer. de virt.
9 *Epictet. apud Stob ſerm. 1.*
10 *Phocion apud Stob. ſerm de Prudent.*
11 *Senec. Epiſt 99.* Hoc unum contingit immortale mortali.
12 *Salluſt. in Catilin.*
13 *Tacit. hiſt. l. 4.* Proprium hominis bonum.
14 *Plaut. in Amph.* Omnia adſunt bona quem pene eſt virtus.

5 Ella he refugio contra todos os males. 16 Quem recorre a ella, nenhum teme, porque o conhecimento das couſas o faz ſuperior aos ſucceſſos. 17 Quando ſe lhe negue, ou ſe lhe tire, naõ ha poder, que o prive deſta joya precioſiſſima. E aſſim Demetrio Phalerio, ouvindo que os Athenienſes haviaõ derribado as ſuas eſtatuas, diſſe: *Mas naõ derribaraõ a virtude, porque mas tinhaõ levantado.* 18

15 *Ageſil. apud Plutarch. in Laconi Apophthegm.*
16 *Jamblic. apud Stob ſerm. de Prudent.*
17 *Senec. de vit. beat c. 5.*
18 *Laert ſup. l. 5.*

6 Tantos teſtemunhos dos Ethnicos eſcuſaõ os dos Doutores

tores Chriſtãos. E que melhor prova, que a experiencia? Vemos (diz Saõ Joaõ Chryſoſtomo 19) que como as ondas do mar ſe levantão, & abayxaõ, aſſim os que naõ tem virtude, ſóbem, & deſcem. Mas quem eſtá abraçado com o rochedo da virtude, he immovel aos ſucceſſos. Porque em todos ſe exercita igualmente, & ſabe que merece mais nos adverſos. Nada o atemoriza, porque vive ſeguro: nada o inquieta, porque tem o animo ſocegado: nada eſtranha, porque a tudo eſtà expoſto: nada o offende, porque eſtá bem armado. Ella he eſcudo, que naõ ſe paſſa, antidoto, que tudo cura, Sol, que tudo ſerena, centro, em que tudo repouſa. He norte, que a todos guia. Todos os que querem, entraõ no ſeu porto, & nelle naõ ha perigo: nem ſe dedigna de receber todos, os que ſe julgaõ dignos della. 20 Por ella finalmente ſe mede a felicidade. E aſſim Socrates 21 perguntado por Gorgias ſe ElRey da Perſia era feliz, reſpondeu, *que naõ ſabia, ſe era virtuoſo.*

19 *D. Chryſoſt. hom. 22. in Gen.*

20 *Senec. de Conſolat. ad Polyb.* In medio poſita neminem dedignatur, qui modò ſe dignum judicaverit.

21 *Socrat. apud Laert. de vit. Philoſoph.*

CAPITULO XXXI.

Que a ſumma felicidade da Fortuna *he morrer bem, & ſobre tudo ſe deve procurar.*

1 ANtiſthenes Principe, & inſtituidor da Eſcola Cynica reſpondeu, que o ſummo da Bemaventurança era morrer feliz. 1 Os Sabios da Gentilidade chamáraõ à morte: *Porto dos trabalhos, refugio da vida, caminho alegre para o deſcanço, livre de todos os males.* 2 A Doutrina Chriſtã enſina as meſmas excellencias aos que morrem bem: 3 mas tudo ao contrario aos que morrem mal. 4 Aquelles trocão as miſerias por felicidades eternas: eſtes de males certos, ou de bonanças imaginadas paſſaõ para a eternidade a penas, & tormentos, que excedem toda a imaginação: ſendo, pois, temporanea toda a *Fortuna* do Mundo, & ſendo ſem fim a que ſe ſegue á morte, bem ſe deyxa ver, quanto mais devemos tratar deſta.

2 He verdade, que a boa morte he favor eſpecial de Deos. 5 Mas tambem de nòs pende muyto. *Não pòde morrer mal* (diz Santo Agoſtinho 6) *quem viveu bem, & raramente morre bem, quem viveu mal.* Por aqui ſe regùla qualquer modo, & genero de morte, como exemplificámos em outra obra. 7 Com myſterio, para confuſaõ dos Chriſtãos, diſſe quaſi o meſmo Seneca, 8 ſem penetrar o fim.

3 Neſte ſentido dizem os Eſcritores eſpirituaes, 9 que cada hum ſe pòde fazer a morte, que quizer. E para a fazermos boa vivendo bem, enſina o Eſpirito Santo por bocca do Eccleſiaſtico, 10 que nos lembremos della, & do que ſe lhe

1 *Antiſthenes apud Laert. de vit. Philoſoph. l. 5.* Rogatus quid apud homines eſſet beatiſſimum, felicem inquit, mori.

2 *Cæſar apud Salluſt. in Catil. Senec. Epiſt. 66. de Conſol. ad Martium poſt med.*

3 *Pſal. 115 5. Eccleſ 30 17. Sapient. 4 7. Apocalyp. 14 1.*

4 *Pſal. 23 22. & 48 15. Matth. 5. 23. & 19 & 30. ac paſſim in Evangel. Apocalyp. 20. 12.*

5 *Pſalm. 67. 21.* Domine exitus mortis.

6 *D. Auguſt. de Doctr. Chriſt.* Non poteſt malè mori, qui bene vixit, & vix bene moritur; qui malè vixit.

7 *Notat Eva, & Ave, p. 2. c. 52. num. 9*

8 *Senec. Epiſt 79 ad fin.* Mortem deſinamus horrere. Deſinemus autem, ſi finem bonorum, ac malorum cognoverimus. Si mors accidit, & vocat, licèt immatura ſit, licèt mediam præcidat ætatem, perceptus longiſſimus fructus eſt.

9 *Pedro de Valles no Diſcurſo do temor da morte. P. Lyſieux Philoſ. Chriſt. p. 1. c. 3,*

10 *Eccleſ. 7. 40.* Memorare noviſſima tua, & in æternum non peccabis.

lhe ha de ſeguir. He impoſſivel, que hum homem de juizo peque, tendo eſta lembrança: quando peccamos, a naõ temos. Conſidere-ſe o homem em huma cama (& peyor ſerá ſe o ſucceſſo for ſubito) deſconfiado dos Medicos, deyxado dos amigos, rodeado de mulher, & filhos, ou de outros bons parentes, todos chorando, falto de forças, turbada a viſta, impedido o ouvir, preza a lingua, variante o juizo ſó com a repreſentaçaõ dos peccados, com temor das penas, em triſtes ſombras, imaginaçoens, & apparencias, lidando, & agonizando a Alma na ſaudoſa ſeparaçaõ do corpo, em combates com o Demonio, finalmente toda afflicta na vizinhança da eternidade feliz, ou infeliz. Alli lhe não valeráõ riquezas, nem poder. O Rey, & o grande ſe verá igual com o mais pobre, nada o poderá ajudar ſenão as obras, com que na vida mereceu, ſe mereceu. Oh quanto quizera, que houveſſem ſido melhores! Paſſa logo a hum tribunal tremendo, pela Mageſtade, & rectidão do Juiz, que tantas vezes taõ gravemente offendeu: pelo rigoroſo exame, que faz das culpas, que todas lhe ſaõ notorias, ainda as minimas: pela importancia da ſentença, em que vay Ceo, ou Inferno: & pela preſteza, com que ſem embargos, ſem appellaçaõ, nem aggravo ſe executa. E todo o proceſſo, ſentença, & execuçaõ ſem dilaçoens de advogados ſe faz em hum momento. Terrivel momento, de que pende a eternidade! Horrivel conſideraçaõ, em que os mayores Santos desfalecem! Muy horrivel pareceu a Ariſtoteles 11 a morte, por ſer fim das couſas temporaes. Oh quanto he mais horrivel, por ſer principio das eternas!

11 *Ariſtoteles 3. Ethic. c. 6.*

4 Tudo iſto, infallivel de Fé Catholica, 12 ha de experimentar em ſi cada hum de nòs. Tambem he certo, que naõ ſabemos quando. Só ſabemos, que ſerá, quando o naõ cuydarmos, como diſſe Chriſto Senhor noſſo; 13 & por iſſo nos enſina, que eſtejamos ſempre aparelhados. 14 Pòde ſer neſte dia, & neſta hora, como vemos em muytos caſos ſubitos. Eu meſmo, em quanto eſcrevo iſto, poſſo acabar, ſem acabar de eſcrver eſta regra. Como ſuccedeu a hum Santo Varão, (qual eu não ſou) de quem refere Holcot, 15. Author grave, que morreu de repente eſtando eſtudando. E o acháraõ apontando com o dedo àquelle lugar do Capitulo 4. da Sabedoria, que diz: *O juſto ſe for preoccupado com a morte, eſtarà em refrigerio.* Em que razaõ ſe funda tanto apparato para a vida taõ curta, & incerta, & taõ pouco para a morte infallivel, em que conſiſte o eterno? Rio-ſe hum Santo Padre do Ermo eſtando para morrer. E perguntado, de que ſe ria, reſpondeu: Dos que dizem que temem a morte, & ſe não aparelhaõ para ella. 16

12 *D. Paul. ad Hebr. 9. 27.*

13 *Matth. 25. 13.* Neſcitis diem, neque horam.

14 *Luc. 12. 40.* Eſtote parati, quia qua horâ non putatis.

15 *Holcot in 4. Sapiens.*

16 *Refert Joan. Baſil Sanctor in Proto ſpirit. l. 2. tit. flos meditat. mort. c. 1. exemplo 2.*

5 Aparelhayvos em quanto tendes tempo, (nos admoeſta o Eccleſiaſtes 17) o tempo perdido não torna, nem nos

17 *Eccleſ. 12. 1. & 2. In hunc ſenſum explicat D. Bern. ſer. 49. in Cant prop. fin.*

fiemos em oraçoens alheas, como as Virgens loucas, que ſe fiárão em pedir empreſtado às prudentes, & ficáraõ de fóra. 18 Eſta vida naõ he para gozada; he ſó para lograda, em ordem a grangear nella o gozo eterno. Oh que prudencia, & felicidade, ter na vida qual quizera acharſe na morte! 19 Entre todas as couſas, ſó as obras tem privilegio para nos acompanharem ao outro Mundo: 20 que deſculpa teremos, em as não fazer deſde logo? Hum que diante de hum Altar deſejava com ancias ſaber, quando morreria, para ſe prevenir, ouvio dentro de ſi huma voz Divina, que lhe diſſe: *Se o ſouberas, que fizeras? Faze logo o que então quizeras fazer, & ſerás ſeguro.* Com iſto ficou conſolado, & confortado: naõ tratou mais daquelle deſejo; mas reſignado na diſpoſiçaõ de Deos, cuydou ſómente no que lhe ſeria agradavel para o executar. 21

18 *Matth.* 25. 8.

19 *Kempis de Imit. Chriſt. l.* 1. *c.* 23 *n.* 4 *in princ.*
Quàm felix, & prudens qui talis nunc nititur eſſe in vita, qualis optat inveniri in morte.

20 *Apocalyp.* 14. 13.

21 *Refert Kemp d. l* 1. *c.* 25. *n.* 2.

6 Deſte modo teremos boa morte. Porque o remedio para a vencer quando vier, he temella ſempre, antes que venha. 22 Foge de peccar, naõ fujas de morrer: morrerás alegre, ſe de muyto antes eſtiveres preparado. Sentença excellente de Seneca. 23 E accreſcenta: *Para nunca temeres a morte, cuyda ſempre nella.* E aſſim morrendo feliz dominarás a *Fortuna* em concluſaõ deſte noſſo tratado.

22 *D. Gregor in homil.*
Sicut mors ipſa cùm venerit, vincitur; ſi priuſquam veniat ſemper timeatur.

23 *Senec Epiſt.* 50. *poſt. med.*
Mortem venientem nemo hilaris excipit, niſi qui ſe ad illam diu ſe compoſuerit.
Et inf. a in fin. Mortem ut nunquam timeas, ſemper cogita.

LAUS DEO, VIRGINIQUE MATRI.

PAllido o roſto, a voz emmudecida,
Vario o juizo, o alento fatigado,
Turbada a viſta, & já do ouvir privado
Recuſa o peccador largar a vida.
Recuſa com razaõ: porque duvída,
Se tem perdaõ do muyto que ha peccado;
Temores do futuro, & do paſſado
Lhe fazem guerra igual neſta partida.
Quando pode naõ quiz, o que devera;
Quando quer já não póde: & tarde chora
A taõ dubia Fortuna *eſtar ſugeyto:*
Tu, que vez neſte eſpelho a que te eſpera,
Se queres dominálla, faze agora,
O que entaõ quererias haver feyto.

PERO-

PERORAÇAM.

ASSIM foy o Mundo levantado (diz o grande Padre Saõ Joaõ Chryſoſtomo 1) em *Maria*, *pelo modo em que havia cahido em Eva*. Foy verdadeyramente a *Senhora* huma *Eva* ao revez, como lhe chamou Saõ Bernardo, 2 & conſidera a Igreja no *Ave* glorioſo; 3 como tambem conſidera que do lenho, de que naſcéra a morte, ordenára Deos que reſuſcitaſſe a vida; fez inſtrumentos da ſaude os que o tinhaõ ſido da perdiçaõ. Reſtituhio-ſe às mulheres com ventagem [diz o meſmo Santo 4] o credito que em *Eva* tinhaõ perdido. Já o *Reyno do Ceo padece força, & os violentos o roubão*, confeſſou *Chriſto* Senhor noſſo; 5 violentos, explica Saõ Chryſoſtomo, 6 os que ſe lhe chegaõ apreſſados com grãde cuydado, & deſejo; & os importunos com petiçoens juſtas, como diſſe o meſmo *Senhor*. 7 Já eſtá expoſto, para que o poſſamos roubar, o que por juſtiça naõ podiamos merecer: quem ſe naõ alegrará com todo o exceſſo, vendo-ſe taõ amado do Rey, & Rainha do Ceo, que o reſgatáraõ por taõ alto preço? Não digo que ſe goze em ſua utilidade mas na manifeſtaçaõ de taõ ſoberano amor. 8 Feliciſſimo tempo em que ha tanta enchẽte de graça! 9 Sirva de graças o conhecimẽto do beneficio. 10 Conheçamos que a *Virgem* apreſſou a Encarnaçaõ do Filho de Deos, 11 o qual naſce para nòs; 12 que cooperou com elle para nos levantar; 13 que elle a deyxou por *Mãy* noſſa; 14 & como he de *Mãy* naõ ſó gerar, mas tambem ſuſtentar, por iſſo nos eſtabeleceu a Igreja Catholica em que ſubſiſtimos. 15 Se perdemos o que era de filhos, naõ perdeu ella o que era de *Mãy*; com maternaes entranhas outra vez nos gerará no perdaõ; 16 ſe procurarmos merecello. Nem lhe falta vontade, pois he *Mãy*; nem poder, pois he Rainha de tudo: chegou a dizer Saõ Ber-

1 *D. Chryſoſt. ſerm. quomodo primus homo &c. ad fin in tom. 1.*

2 *D. Bernard. in oper. de peccator. ad Virg. poſt ſerm. Magn. Vide ſup. c. 25. n. 3. & 1. p. in introduct.*

3 Mutans Evæ nomen. Ut unde mors oriebatur, inde vita reſurgeret, &c.

4 *D. Bernard. hom. 2. ſup. Miſſus eſt, poſt princ.*

5 *S. Matth. 11. 12.* Regnum Cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.

6 *D. Chryſoſt. ibi, hom. 12 paulò ante med.* Omnes ſcilicet, qui magno ſtudio properantes Chriſto adhæſerunt.

7 *Matth. 7. 7 Luc. 11. 5.*

8 *D. Guerric. Abb. ſerm. 2. de Nativit. Joan. Bapt. in princ.* Tam fauſta ſunt tempora, ut Regnum Dei jam exinde expoſitum ſit ad diripiendum, quibus utique juſtitia non ſufficiebat ad promerendum.

9 *D. Guerric. ſerm. 1 de de Annunt. in princ.* An non felicitas temporum, in quibus tanta plenitudo gratiæ, & omnium bonorum? An non infelicitas temporum, in quibus tanta ingratitudo redemptorũ?

10 *D. Chryſoſt. ſer. quomodo primus homo, &c. ad med. tom. 1.*

11 *Vide ſup. c. 24 n. 2. in fin.*

12 *Luc 2. 11.* Natus eſt vobis.

13 *Vide ſuprà c. 48.*

14 *Vide d. c 48. n 10.*

15 *Vide ſup. c. 58. cum ſeqq.*

16 *D. Chryſol. ſerm. 2. de duob. fil. poſt princ.* Ego perdidi quod erat filii; ille quod patris eſt non amiſit. Ut generẽtur patris viſcera iterum filium genitura per veniam.

 nardo,

nardo,17 que nenhuma mercè nos vem do Ceo, ſem q̃ paſſe pelas mãos de *Maria*. E poſto que nenhuns obſequios de noſſa ſervidão poderaõ igualar o que lhe devemos; louve-a perẽnemente noſſa poſſibilidade com o elogio de Guerrico Santo dizendo: 18 *Pouco parecia*, Virgem Santiſſima, *collocarvos Deos em ſeu throno, ſe juntamente vos não fizera throno ſeu, para que poſſuais ſua Divina Mageſtade tanto mais felizmente, quanto mais familiar; & comprehendais o incomprehenſivel mais eſpecialmente que todos. Tiveſtes a Deos menino em voſſos braços, agora o tendes immenſo em voſſa Alma; foſtes-lhe pouſada quando peregrinava, agora lhe ſois Paço quando reyna; foſtes tabernaculo de ſeus combates no Mundo, ſois aſſento do Triunfante no Ceo; foſtes thalamo do Eſpoſo encarnado, & já throno do Rey coroado. Comvoſco deſeja ter Imperio individuo o que comvoſco em voſſa carne, & em hum eſpirito, teve indiviſo myſterio de piedade, & unidade.*

17 *D. Bernard. ſerm 3. in vigil. Natv. Dom in fin.* Nihil nos Deos habere voluit, quod per Mariæ manus non transiret.

18 *Guerric. Abb. ſerm. 1. de Aſſumpt. B. Mar. poſt med.* Veni, inquit electa mea & ponam in te thronum meum. Parum eſt, inquit, ut judicãti conſedas; niſi, & ipſa mihi ſedes fias ut Maieſtatem Ragnantis eo felicius, quò familiariùs in te contineas, & ſpecialiùs præ cæteris incõprehenſibilem comprehendas. Continuiſti parvulum in gremio, continebis immenſum in animo: fuiſti diverſorũ peregrinãtis:, eris palatiũ Regnãtis: fuiſti tabernaculum pugnarum in Mundo, eris ſolium Triumphantis in Cælo: fuiſti thalamus ſponſi incarnati, eris thronus Regis coronati. *Id. in ſerm. 3. de eadem, ad med.* Individuum habere tecum cupit imperium, cui tecum in carne tua, & uno ſpiritu, indiviſum fuit pietatis, & unitatis myſterium.

Benedicta tu inter mulieres, & benedictus fructus ventris tui. Ora pro nobis, Sancta Dei Genitrix. Ut digni efficiamur promiſſionibus Chriſti.

LAUS DEO.

INDICE

INDICE

DE ALGUMAS COUSAS PARTICULARES.

O primeyro numero moſtra o Capitulo. O ſegundo o numero do Capitulo. O terceyro a pag. &c.

A

Acaſo.

QUe couſa he. 2.2.496.

Adam.

Ambicioſo de honra. 7.7.516.
Quam brevemente cahio. 8:8.522.

Adulador.

Naõ deve ſer, o negociante. 22.5.571.

Affonſo de Albuquerque..

A confiança, que teve de ſi meſmo. 21.8. 569.

D. Affonſo Henriques Rey de Portugal.

Por recorrer a Deos alcançou a mais inſigne vitoria. 25.7.581.

Santo Agoſtinho.

Velho deſejava aprender. 7.5.515.
Combates, que teve em ſua Converſaõ. 28.8.591.

Agradecimento.

He natural. 27.3.587.

Alegria.

Sempre ſe miſtura com triſteza. 6.9.511. & 9.1.525. & 2. ibid.
Acaba-ſe com preſſa. 8.9.522.

Alexandre Magno.

Offereceu a Diogenes o que pediſſe. 6. 10.511.
Sua ambiçaõ. 7.2.513.
Deſcendia de Hercules, & de Achilles. 15.6.546.
Temia-ſe dos amigos fingidos; & elles o matárão. 18.5.558.
Como reprehendeu hum adulador. 22.5. 572.
Teve valor para ſoffrer a morte, & naõ a reprehenſaõ dos vicios 28.7.591.
Teve a Fortuna em ſua maõ. 8.14.525.
Pratica, que lhe fez o Embayxador dos Scythas. 7.3.514.
Deſenganado por ElRey Poro. 8.3.519.
Sua Magnanimidade ſendo menino. 15. 5.546.
Sua mayor façanha. 28.11.592.

Alexandre filho d'ElRey Perſeo.

Summamente pobre. 8.7.521.

Alexandre III. Papa.

Sua conſtancia nos trabalhos. 28.5.585.

Alexandre Romano

Quanto aborreceu a Corte. 7 9:517.

Alimento.

Deve ſer proporcionado ao eſtomago. 7.13.518.
Nenhum do Mundo nos ſatisfaz, & porque. Ibid.

Alma.

Não ſe ſatisfaz com alimentos do Mundo. 7.13. Ibid.

Aman.

Privado d'ElRey Aſſuero, o que ſentia mais. 6.12.512.

Ambiçaõ.

De Reynos. 7.2.513.
A que tinhaõ os Romanos. Ibid.
De fama. 7.3.514.
De honra. Ibid. 7.516.
De privança com Principes, ibid. 11.517.

De fermoſura nas mulheres. Ibid. 12. 517.

Amigos.

Se ſaõ neceſſarios. 18.1. cum ſeq. & 557.
Como ſe grangeaõ. Ibid. 5.558. & 7.597.
Fingidos matáraõ a muytos grandes varoens. Ibid.
Quaes devem ſer. Ibid.6.559. & 9. 560.
Como ſe devem communicar. Ibid. 8. 559.& 10.560.

Amor.

Dos filhos vencido da Juſtiça em muytos varoens 5.11.523.
Conſiſte em ſe reſignar na vontade do amado. 13.2.537.
Quem quer ſer amado, deve amar. 18.5. & 10.558.
Amor reciproco donde procede. Ibi. 558.
Amor da Patria. 24.2.576.
Atè onde deve chegar. Ibid.4. & 5.527. cum ſeq.

Andrè Furtado de Mendoça.

Seu valor, virtudes, & effeytos heroicos. 25.7.582.

Annibal.

Seus trabalhos, & ſua proſpera fortuna, & adverſa, donde procedéraõ. 10. 7. 532.
O que dizia de Fabio Maximo, & de Marcello. 20.5.563.
Perdeu-ſe por não uſar da occaſiaõ. Ibi.
Deyxou a Patria. 24.4.577.
Viveu quaſi de eſmolas. 8.7.521.

Anjos.

Porque huns cahiraõ, & outros merecêrão. 28.5.590.

Animaes.

Vè, brutos.

Antonio Galvão.

Sua confiança em Deos. 25.7.581.

Antonio de Leyva.

Porque foy chamado Senhor. 28. 10.592.

Aſſuero Rey de Babylonia.

O deſgoſto que teve no ſeu banquete. 8. 9.4.522.

Athletas.

Nos jogos Olympicos, como eſcolhiaõ os companheyros, para combaterem. 2.4.496.

Auguſto Ceſar.

Suas deſgraças. 6.3.509.
Seu grande Imperio. Ibid.

B

Balthazar Rey de Babylonia.

COmo cahio ſubitamente. 8 9. 523.

Baptiſta.

Vè, Joaõ.

Beliſario.

Sua miſeria. 8.7.521.

Bem.

Perfeyto qual he. 5.4.502.

Bemaventurança.

Vè, Fortuna.

S. Bernardo.

Edificava os Moſteyros em ſitios doentios, & porque. 5.6.505.

Bonanças.

Do Mundo, ſempre ſaõ miſturadas com males. 5. com os ſeguintes.

Brutos.

Saõ agradecidos naturalmente. 27.3.537.

Bubalo.

Pintor inſigne, enforcouſe vendo-ſe ſatyrizado pelo Poeta Hyponas, em vingança de elle o haver pintado ridiculo. 1.4.494.
Foy o primeyro, que pintou a imagem da Fortuna. Ibid.

C

Caio Mario.

VE', Mario.

Cataõ.

Quanto foy venerado em Roma; & tambem perſeguido. 6.8.5.11.

Ceſar Auguſto.

Vè, Auguſto.

Chriſto Senhor noſſo.

Tratou de ſua reputaçaõ. 16.5.550.

Confiança de ſi meſmo.

He neceſſaria para conſeguir, & como 21.566. per totum.

Conformidade com a vontade Divina.

Domina a Fortuna, qual, & como. 27.586. per totum.

Co-

Como ſe facilita. 28 589. per totum.
Conhecimento proprio.
Seus bens, como, & qual deve ſer. 14. 539. per totum.
Conſciencia boa.
Cauſa alegria perpetua. 30. 4. 597.
Coraçaõ.
He fonte do bem, & do mal. 12. 2. 534.
Conſtancia.
He virtude neceſſaria, qual, & como. 26. 583. per totum.
Coſtume.
Cede à razaõ. 30. 3. 596.
Quanto mais geral, tanto mais he errado. Ibid.
He deſtruiçaõ dos homens. Ibid.
Couſa.
Qual he a mayor do Mundo. 29. 7. 595.
Creſſo Rey de Lydia.
Suas riquezas, & ſua deſgraça. 6. 7. 510.

D

Dadivas.
NEgoceaõ muyto, & como. 22. 8. 573.
David.
Grangeou boa Fortuna com ter confiança em Deos. 14. 8. 543.
Decio Doutor.
Com a muyta idade veyo a ſaber menos. 8. 6. 520.
Deleytes.
Sempre ſe appetecem mais. 7. 8. 516.
Paſſaõ brevemente. 8. 9. 522.
Deos.
He ſómente quem dá a boa Fortuna. 10. 4. 529.
Quer que para alcançarmos, obremos de noſſa parte. Ibid. 5. 530. & 22. 570. per totum.
Ajuda bons intentos. 12. 4. 535.
Delle procedem todos os ſucceſſos. 13. 1. 536.
Paga com bonanças a quem ſe reſigna em ſua vontade. Ibid. 2. 537. cum ſeq.
E obriga-ſe muyto de nos reſignarmos nelle. Ibid. 3. 537.
Uſa das occaſioens para obrar. 20. 7 564.
Recorrer a elle he a diligencia mais eficaz. 25. 579. per totum.
Deve-ſe eſperar delle o remedio conſtantemente, poſto que o dilate. 26. 583. per totum.
Quem ſe conforma com ſua vontade, tem quanto quer, & domina a Fortuna. 27. 586. per totum.
Porque razaõ permitte males. Ibid. 4. & 5. 588. cum ſeqq.
Quer que o deſpertem. 25. 2. 579.
Deſejo.
De boa Fortuna he natural, & porque; 3. 498. per totum.
Deſejo de varios homens. 4. à n. 3. 500.
Como he errado. 5. 502. per totum, & nos Capitulos ſeguintes, atè todo o Capitulo 8.
Deſprezo.
Deſprezar a Fortuna, he dominalla. 29. 693. per totum.
Diabo.
Uſa das occaſioens para obrar. 20. 8. 565.
Dignidade.
Seus males. 5 9. 506.
Suas deſgraças. 6. 8. 511.
E vè, Honras.
Diligencia.
He neceſſaria para alcançar; qual, & como. 22. 570. per totum.
Diocleciano.
Recuſou o Imperio. 5. 4. 502.
Diogenes.
Sua izençaõ. 16. 511.
Duarte Pacheco.
Venceu pelo recurſo, que fez a Deos. 25. 7. 581.
Dionyſio Tyranno de Sicilia.
Como moſtrou a Democles a penſaõ dos Reys. 5. 4. 503.
Dionyſio Rey de Sicilia.
Veyo a ſer Meſtre de eſcola. 8. 7. 521.

E

Eſpelhos.
USavaõ jà as mulheres antes do diluvio. 7. 12. 517.

Eſpe-

Eſperança.
Deos quer que ſe eſpere nelle, & não falta a quem nelle eſpera. 25. 579. per totum.
Deve ſer conſtante. 26 583. per tot.
Eſtrellas.
Não dão, nem tirão boa, ou má Fortuna. 10.2.& 3.529. cum ſeq.

F

Fado.
QUe couſa he. 2.5.497.
Fama.
Boa, he grande bem. 4.3.500.
Mas com ella cabem muytos males. 5.5. 504.
Não baſta para fazer o homem bem afortunado. 6.6.510.
Sempre ſe deſeja mayor. 7. 3.514.
Não tem permanencia. 8.4.520.
Feiticidade.
Vè, Fortuna.
Fermoſura.
He grande bem, eſtimada das mulheres ſobre tudo. 4. 12.502.
Males, que comſigo traz. 5.14.507.
Malogra-ſe muytas vezes. 6.13.512.
Sempre as mulheres a deſejaõ mayor. 7. 12.517.
Não he duravel. 8.13 524.
Fermoſura de Helena. Vè Helena.
Filhos.
He boa Fortuna tellos. 4.10.501.
Mas tambem trazem muytos males. 5.12. 506.
Não baſtão, para fazerem o pay feliz 6. 11 512.
Sempre ſe deſejaõ mais. 7. 10.517.
Vem a faltar. 8. 11.523.
Fortuna.
Seu nome. 1.2.& 3.594.
Como ſe pintava. 1.4 494.
Sua imagem ſe punha nas cameras dos Emperadores. 1.5.494.
Era tida por Deoſa. 5 6.494.
Cuydava-ſe, que caſtigava quem a não venerava muyto. 1.7.495.
Levantavaõ-lhe templos. 1.8.495.
Como ſe diſtingue do acaſo, ſorte, & fado. 2.2. 496. com as ſeguintes.
Que couſa ſeja. 2.6.497.
Boa Fortuna ſe deſeja naturalmente; & porque. 3. 1,498.
Em que conſiſte. 9.5.527. com as ſeguintes.
Donde procede. 10.529. per totum.
Porque meyo ſe alcança. Capitulo 11. com todos os ſeguintes.

G

Gentios.
ADoravão a Fortuna, & lhe faziaõ templos. 1.6.494.& 8.5.
Adoravão as couſas nocivas, porque lhes não fizeſſem mal. 1.9. 494.

H

Helena.
SUa fermoſura. 5 14.507.
Homem.
Não he perfeytamente feliz, em quanto lhe reſta alguma couſa, que deſejar, & inquirir. 9.4.527.
Deve conhecerſe, & do contrario lhe vem todos os males. 14. per tot. 539.
Honras.
Quanto ſe devem eſtimar. 4 7.500.
Com ellas ſe ajuntaõ muytos males. 5 9. 506.
Não baſtão para fazerem feliz. 6.8.511.
Sempre ſe deſejaõ mayores. 7.7.516.
Não ſaõ permanentes. 8.8.522.

I

Imperar.
SE tem pela mayor Fortuna. 4. 2. 499.
Mas com iſſo ſe compadecem muytos males. 5 4.502.
Faltaõ-lhe muytos bens. 6.3.509.
Sempre ſe deſejaõ mayores Imperios. 7. 2.513.

Não

Naõ tem duraçaõ. 3.5.518.

L

Lucrecia Romana.

SUa deſgraça. 6.13.512.

Liſongear.

Vè, Adular.

M

Magnanimidade.

HE neceſſaria para alcançar boa Fortuna. 15.1.545. com os ſeguintes.

Que couſa ſeja. Ibid.

Donde naſce. Ibid. 5.546, cum ſeqq.

Deve guardar medida. Ibid. 8. 548.

Moderaçaõ.

Vè, Temperança.

Morrer.

Bem he a ſumma felicidade. 31.1.598.

He dom de Deos. Ibid. 598.

Tambem pende muyto do homem. Ibi. 3. 599.

Como ſe conſegue. 4. 599. & 5.600. cum ſeqq.

Mulheres.

Eſtimão a fermoſura ſobre tudo. 4. 22. 501.

Sempre deſejaõ accreſcentalla. 7.12.517.

Antes do diluvio já uſavaõ de eſpelhos.

Vè, Eſpelhos.

N

Natureza.

EM todas as couſas procura o fim de ſua perfeyçaõ. 3. per tot. 498.

Nobreza.

Do ſangue cauſa magnanimidade: 15.6. 546.

Nocivas.

Couſas adoravaõ os Gentios, & porque. 1.6 494.

O

Obrar bem.

TRaz comſigo a felicidade. 12. per totum. 534. cum ſeqq.

Occaſiaõ.

Conduz muyto para alcançar a felicidade. 20. 1. 562.

Donde tomou o nome. Ibid. 2.

Foy venerada por Deoſa. Ibid. 3.

Como ſe pintava. Ibid. 4. 562.

Seus effeytos. Ibid. 563.

Quam poderoſa ſeja. Ibid. 6. 564.

Chriſto Senhor noſſo uſou della. Ibid. 7. 564.

O Demonio tambem uſa della. Ibi. 564.

Como ſe conhece. Ibid. 10. 566.

Opiniaõ.

Vè, Reputaçaõ.

Opinioens.

Sobre o em que conſiſte a boa Fortuna. 4. per tot. 499. cum ſeq.

P

Patria.

SE ſe deve deyxar por alguma utilidade. 24. 1. 575. & 3. 576. & 7. 579.

Como he ſuave. 2. 576.

Porque naõ eſtima ſeus naturaes. Ibid. 4. 577.

Sempre ſe deve ſervir. Ibid. 6. 578.

Perſeverança.

He neceſſaria pretendente para alcançar. 23. per tot. 574.

Praticar bem.

He meyo para a boa reputaçaõ. 17. 1. 574.

Preceytos para praticar, & fallar bem. Ibid. 2. 552. cum ſeqq.

Privança.

Com os Principes ſe tem por grande Fortuna. 4. 11. 501.

Mas he acompanhada de muytos males. 5.13 507. & 6. 12. 512. & 7. 11. 517. & 8. 523.

Q

Qualidades.

QUe deve ter a pratica, & bem fallar.
Vè, Praticar.

R

Recurſo.

ADeos he meyo para remedio de tudo. 25 per tot. 579.

Remedio.

Para tudo, he recorrer a Deos. 25. per tot. 579.

Reputaçaõ.

Conduz muyto para a boa Fortuna. 16. per tot. 549.

Razaõ.

Deve poder mais que o coſtume. 30. per tot. 596.

Reſignaçaõ.

Em Deos, faz o homem perfeytamente feliz. 13. per tot. 536. & 27. per tot. 586.

Reynar.

Vè, Imperar.

Riquezas.

Seus bens. 4. 6. 500.
Seus males. 5. 8. 505. & 6. 7. 510. & 7. 6. 516. & 8. 7. 521.

S

Saude.

HE grande felicidade. 4. 4. 500.
Mas cabem com ella muytos males. 5. & 6. 505.
E tem falta de muytos bens. 6. 5. 510.
Sempre ſe deſeja mayor. 7. 4. 515.
Naõ ſe póde conſervar. 8. 5. 520.

Sciencia.

He a mayor felicidade. 4. 5. 500.
Mas não deyxa de padecer infortunios. 5. 7. 505.
Não une todos os bens. 6 6. 510.
Sempre ſe deſeja mayor. 7. 5. 515.
Tambem ſe acaba. 8. 6. 520.

Sorte.

Que couſa ſeja. 2. 3. 496.
Que generos havia dellas, & como ſe uſavaõ. Ibid. 516.

T

HE fundamento da boa Fortuna. 11. per tot. 533.

Temperança.

Que virtude ſeja. 19 1. 499.
Conduz muyto para a boa Fortuna. Ibi. 2. cum ſeqq.

Tempo.

Opportuno, ſe deve buſcar para tudo.
Vè, Occaſiaõ.

V

Vida.

QUantas eſpecies ha della. 28. 2. 589. cum ſeqq.
A boa cauſa boa morte. 31. 2. 589. cum ſeqq.

Virtude.

He fundamento da boa Fortuna. 11. per tot. 533.

FINIS.

INDICE

INDICE
DOS CAPITULOS DESTE LIVRO.

CApitulo I. Como os Antigos chamavaõ, pintavão, & veneravão a Fortuna.p.493.

Capitulo II. Que couſa he Fortuna. Trata-ſe do acaſo, ſorte, & fado.496.

Capitulo III. Como, & porque os homens deſejaõ naturalmente boa Fortuna.498.

Capitulo IV. Varias opinioens ſobre o em que conſiſte a felicidade da Fortuna.499.

Capitulo V. Como ſaõ erradas as opinioens referidas no Capitulo precedente; ſendo a primeyra razaõ (entre outras mais altas) caberem muytos males em todos os bens, que ellas conſideraõ. 502.

Capitulo VI. Segunda razaõ do erro das opinioens referidas nò Capitulo quarto, que com nenhum dos bens, que ellas apontaõ, concorre uniaõ de todos, antes falta de muytos.509.

Capitulo VII. Terceyra razaõ do erro das opinioens referidas no Capitulo quarto: porque em nenhum daquelles bens deſcança a vontade, antes ſempre deſeja mais.513.

Capitulo VIII. Quarta razão de naõ haver felicidade nos bens acima apontados: porque não tem duraçaõ.518.

Capitulo IX. Moſtra-ſe em que conſiſte o bem, & a felicidade, a que pela boa Fortuna aſpira o homem naturalmente. 525.

Capitulo X. Donde procede a boa Fortuna.529.

Capitulo XI. Que o fundamento para dominar a Fortuna, he procurar à graça Divina.533.

Capitulo XII. Quem quer obrar com bom fim, já leva dominada a Fortuna, que com nenhum ſucceſſo lhe pòde tirar felicidade.534.

Capitulo XIII. Como para dominar a Fortuna, he efficaz meyo a reſignaçaõ na vontade de Deos.536.

Capitulo XIV. Que o conhecimento proprio he hum dos meyos, porque a Prudencia leva o homem a dominar a Fortuna.539.

Capitulo XV. da Magnanimidade neceſſaria para alcançar boa Fortuna. 545.

Capitulo XVI. Que a boa reputaçaõ conduz muyto para a boa Fortuna, & como ſe alcança.549.

Capitulo XVII. Que grande parte da reputação conſiſte no modo, com que ſe falla, & algumas advertencias para elle.551.

Capitulo XVIII. Que he meyo para a boa Fortuna grangear amigos, quaes, & como, & o modo de uſar delles.557.

Capitulo XIX. Com temperança, & moderaçaõ ſe deve procurar ſubir ao alto da Fortuna.561.

Capitulo XX. Como a occaſiaõ conduz muyto para a boa Fortuna. Que couſa he occaſiaõ; donde deriva o nome; como ſe pintava, & venerava por Deoſa. Quanto importa uſar della.562.

Capitulo XXI. Que a confiança de ſi meſmo he neceſſaria em toda a negociação acompanhada com modeſtia.566.

Capitulo XXII. Da diligencia neceſſaria

ceſſaria para alcançar. 570.

Capitulo XXIII. Da perſeverança neceſſaria, & do ſoffrimento. 574.

Capitulo XXIV. Se convem algumas vezes deyxar a Patria por melhorar a Fortuna. 575.

Capitulo XXV. Quando falta o ſucceſſo de todas as diligencias do Mundo, ſe ha de recorrer a Deos pela mais efficaz. 579.

Capitulo XXVI. Que ſe ha de eſperar o remedio de Deos com animo conſtante. 583.

Capitulo XXVII. Que a conformidade com Deos em qualquer ſucceſſo dá dominio ſobre a Fortuna. 586.

Capitulo XXVIII. Aponta-ſe como ſe facilitará mais a conformidade com a vontade de Deos. 589.

Capitulo XXIX. Que ſe deve deſprezar a Fortuna para ſeguramente a dominar. 593.

Capitulo XXX. Que finalmente com viver à razaõ, & naõ ao coſtume ſe domina a Fortuna. 596.

Capitulo XXXI. Que a ſumma felicidade da Fortuna he morrer bem; & ſobre tudo ſe deve procurar. 598.

FINIS.



Biblioteca Central

...ada para alcançar. 579.
Capitulo XXIII. Da perseverança ne-
cessaria, & do temporizar. 580.
Capitulo XXIV. Se convem algumas
vezes deixar a Patria por pelejar a
Fortuna. 585.
Capitulo XXV. Quando falta o
successo de todas as diligencias do Mun-
do, se ha de recorrer a Deos pela mais
eficaz. 589.
Capitulo XXVI. Que se ha de espe-
rar o remedio de Deos com animo confi-
ante. 563.
Capitulo XXVII. Que o ca...forci-
...dade com Deos em cumprir seu ser-
viço. 580.
Capitulo XXVIII. Aquelle se conse-
tefacilitará mesma conformidade com a
vontade de Deos. 589.
Capitulo XXIX. Que he bem deixar
ser a Fortuna para figuradamente a domi-
nar. 593.
Capitulo XXX. Que ainda entre
gives a razão, & não se entregue a
trina a Fortuna. 596.
Capitulo XXXI. Que a suprema fe-
cidade da Fortuna he morrer bem, & to-
do o estudo se deve procurar. 598.

FINIS.

EVAEAV E
DE
MACEDO

Sala C F
Est. H
Tab. 9
N.º 70